·GAFANHOTO·

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

61107

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

VOLUME I

1903-1904

INDICE

DO

PRIMEIRO VOLUME

DO

GAFANHOTO

	Pag.
Anecdotas	66
Anno (O) novo	145
Ao cheiro dos morangos	10
Apresentação	1
Astucia de larapio	127
Avôsinho (O)	153
Avôsinho (O) decrepito	102
Banquete (O) das aves	108
Balouço (O)	120
Beira (A) mar	115
Bem feito!	154
Bomba (A)	135
Bonina (A)	60
Bons dias	33
Brio de Nuno Alvares	35
Brôa (A)	144
Bule (O) maravilhoso	73
Burrinho (O) comilão	156
Caça (A) dos ninhos	79
Cadellinha (A) de Tanger	7
Caixa de surprezas . 6, 14, 22, 30, 38, 47, 50, 63, 71, 78, 82, 94, 102, 110, 118, 126, 134, 143, 147, 154, 167, 171, 183 e	191
Cão (O) de S. Bernardo	105
Cão (O) e o cavallinho	92
Cão (O) soffrego	177
Caraça (A)	175
Caracol (Um) em ancias	54
Careca (A) do padrinho	184
Caridade de dois heroes	110
Caridade mal entendida	166
Carnaval no anno de 1903	3
Castello encantado	164
Cavalgada (A) dos nús	18
Cigarra (A) e a formiga	29
Concerto fresco	24
Conto encarnado	188
Convivas (Os) do Condestavel	123
Cortezia de principe	158
Corvo (O) com sede	83
Cravo (O)	59
Dar pão aos inimigos	134
Delicadezas do Tótó	34
Dia de inverno	146
Dois (Os) gnomos	119
Domesticação de passarinhos	186
Duas (As) irmãsinhas	138
Elephante (O) Bébé . 158 e	161
Elephante (O) trocista	8
Escolha (A) da noiva	122
Esperteza de rato	163
Estampa muda. 15, 38, 46, 67, 82, 111 e	122
Estorninho (O)	123
Fadas (As) das flores	30
Fato (O) novo do imperador	86
Ferido (Um) renitente	114
Ferrolho (O)	94
Flautista (O)	44
Garrett	31
Gata (A) intrigante	50
Gatinhos sem proposito	81

	Pag.
Gato (O) jardineiro	176
Gatos (Os) e o queijo	17
Grande Circo Batrachiano	84
Grãosinho (O) de centeio	189
Guerra (A)	185
Guloso (Um)	16
Hymno do Gafanhoto	4
Inauguração da estatua equestre	91 e 96
Infante D. Manuel (S. A. o Senhor)	2
Jacaré (O) do Boer)	142
Japona (A) e a jaqueta	121
João Pestana	49
Lago (O) das pedrarias	41, 54 e 57
Leão (O) e o Poeta	104
Lenda (A) dos tres rios	46
Lição de civilidade	128
Madama Rã e Senhor Boi	77
Mana (A) mais velha	133
Mano Raposo fica sem jantar	180
Marcha (A) dos bonitos	23
Marinheiro (O) e os macacos	101
Mau (O) filho	113
Mestre Caracol e Mestre Kágado	136
Moleque (O)	25
Mosca (A)	65
Musica (A) do gnomo	179
Nau (A) Cathrineta	31
Pardaes (Os) e o corvo	168
Paschoa	11
Patetinha (A) da alforreca	129
Peixe-Rei (O)	97
Pequeno heroe (Um)	66
Pião (O) e a péla	52
Pinheirinho (O) bravo	106
Pique nique a bordo	19
Pombinha (A) branca	70
Portuguezes (Os) em Marrocos	7 e 18
Prendas do Anno Bom	148
Primeira (A) batega	107
Princeza (A) e a ervilha	139
Princeza (A) Lilia	149
Proverbios sobre o mez de maio	19
Que susto!	112
Raposa (A) e os gansos	187
Rato (O) camponio e o rato cidadão	36
Ratoeira para tigres	114
Remendão (O) e o ricaço	9
Rezas (As) de mano Lobo	68
Ronda das Fadas	32
Santa mentira!	172 e 175
Sapatinhos (Os) de baile	169 e 178
Sentença (A) de mano Kágado	89
Sinos do Natal	137
Sobras de linho	119
Soffrer para ser formoso	79
Soldado (O) do fogo	187
Sovina castigado	20
Tarefa (A) do Menino Jesus	140
Tareia (Uma) no *Gafanhoto*	78
Tratador de feras	174
Tropa (A) dos ratos	64
Urso (O) e os dois amigos	48
Vingança (A) do cavallinho	12

LIVRARIA FERIN
70-R. N. DO ALMADA-74

OFF. PHOTOMECHANICA.

O GAFANHOTO

AOS SEUS LEITORES

Pelas paginas que teem deante dos olhos, avaliarão a indole do jornal dedicado ás novas gerações que, em todas as partes do mundo, começam a formular na bella lingua portugueza os seus pensamentos infantis. Talvez achem que n'este primeiro numero O GAFANHOTO fala muito de si. Não é por vaidade, creiam. *O Gafanhoto*, afinal de contas, é um bicho modesto, embora seja alegre e amigo de sociedade. O seu intento é dar-se bem a conhecer aos seus amiguinhos. Foi por isso que acceitou, por exemplo, a dadiva d'aquelle hymno que um illustre compositor portuguez, Augusto Machado, teve a amabibidade de lhe dedicar. E não resistiu ao prazer de recordar a sua primeira apparição nas ruas de Lisboa, durante o Carnaval, em que o rapazio, no auge do enthusiasmo, por um triz o não deixa desazado, apesar da energia desenvolvida pela sua valente guarda de gnomos.

Ora agora, vamos a umas explicações.

Como vêem, além das oito paginas que *O GAFANHOTO* prometteu no seu prospecto e afóra as de annuncios, ha todos os mezes uma folha supplementar que é d'esta vez dedicada ás leitorasinhas, com um lindo molde de vestuario completo para as suas bonecas. Para o mez seguinte serão contemplados os rapazinhos com... Caluda! que O GAFANHOTO quer fazer surpreza!

E, a proposito, hão de reparar na secção que desde já abrimos com o titulo attrahente de

CAIXA DE SURPREZAS

N'esta secção, offerecerá O GAFANHOTO aos seus amiguinhos um sortimento variado de pequenos jogos, experiencias divertidas, adivinhações, problemas, etc. Poderão collaborar n'ella os nossos pequenos assignantes, enviando ao GAFANHOTO as suas producções n'este genero, as quaes elle publicará, caso as julgue dignas d'isso, recompensando os seus collaboradores mais distinctos com premios que a seu tempo se indicarão. A outros premios teem egualmente direito os que mais se distinguirem na solução dos problemas, adivinhações, enigmas, charadas, etc. Além d'isso, O GAFANHOTO abrirá frequentes concursos de redacção, de sciencia, etc., accessiveis aos seus leitores, para os quaes serão destinados premios especiaes.

Toda a correspondencia relativa a estes assumptos será dirigida á redacção d'o GAFANHOTO, Rua Nova do Almada, 74, e assignada, não só pelos nossos infantis correspondentes, como por uma pessoa adulta, pae ou mãe, parente, mestre ou tutor, que abone a sua identidade.

Eis o que se nos offerece dizer-lhes por agora.

E até ao n.º 2!

Desejando considerar-me assignante, hoje, pedindo o folheto modelo, remettido pelo correio com uma estampilha de 10 réis, devidamente inscripto

Trimestre ..... 450 réis
Semestre ..... 900 »
Anno ..... 1$800 »

Á

LIVRARIA FERIN

70, R. Nova do Almada, 74

LISBOA

Estampilha de 10 Réis

GUARDADO ESTÁ O BOCADO...

Um sendeiro de carroça,
De alcofa á cabeça atada,
Com todo o socego almoça
Sua ração de cevada.

Saltitam, de olhos famintos,
Em derredor do cavallo:
Gallos, gallinhas e pintos,
De agua na bocca, a invejal-o.

Como apanhar a papança
Que o pobre sendeiro esmoe?
E' dito e feito!- afiança
Um gallo que é mais heroe.

E antes que a besta se espante,
Eis lhe trepa á cachaceira,
E desata n'um instante
O atilho da cevadeira.

Logo a cevada se espalha,
E, sem ter medo ao castigo,
Salta-lhe em cima a canalha,
E toma! chama-lhe um figo.

Para apparecer em 1 d'Abril de 1903

O CARANHOTO

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Directores
Henrique Lopes de Mendonça
Thomaz Bordallo Pinheiro

LIVRARIA FERIN

70-R.N. DO ALMADA-74

OFF.: PHOTOMECANICA

BNP

COMPRA

PROSPECTO

Oito paginas de leitura divertida sem grosseria e instructiva sem tedio, alegradas com illustrações numerosas, a negro e a côres, eis o simples programma de

O GAFANHOTO

Modelado pelas publicações extrangeiras da mesma indole, o nosso jornal será um curioso repositorio de HISTORIETAS, CONTOS SINGELOS, RISONHAS ANEDOCTAS, ADIVINHAÇÕES E SIMPLES PROBLEMAS DE CARACTER EDUCATIVO, INTERESSANTES ARTIGUINHOS DE HISTORIA, JOGOS INNOCENTES, tudo estimulando a um tempo as intelligencias pelo desenfado do ensino e os brios precoces pela acquisição de premios e honrosas menções.

O formato de

O Gafanhoto

é o duplo

d'este prospecto.

N'uma secção especial publicará os retratos das creanças mais em evidencia na sociedade portugueza, assim como d'aquellas que mais se distinguirem na solução das adivinhações e problemas, postos a concurso, ou na composição de themas apresentados como exercicios de redacção.

Inauguraremos esta secção, como é de justiça, pelo retrato de **S. A. o Sr. Infante D. Manoel.**

Para os **Paes** e as **Mães**, outra circumstancia valorisa ainda.

O GAFANHOTO

Referimo-nos ás paginas SUPPLEMENTARES, destinadas a ANNUNCIOS e INDICAÇÕES de todo o genero, que interessem **o conforto, a educação, a saude,** e em geral todo o VIVER DAS CREANÇAS, PAGINAS ILLUSTRADAS com estampas, **figurinos, moldes,** etc., e as quaes os srs. ANNUNCIANTES contribuirão certamente para opulentar.

Com estas ideias submettemos á sancção do publico a nossa tentativa. E esperamos que o seu favor nos animará a alargar successivamente o nosso programma, tornando

O GAFANHOTO

um elemento quasi essencial para a educação e recreio dos pequenos portuguezes.

Condições de assignatura

Trimestre	450
Semestre	800
Anno	1$500

Preço avulso 80 reis

Condições

DE

ANNUNCIOS

POR

Ajuste especial

Queira-considerar-me assignante do GAFANHOTO *pelo periodo de um* (1) *para o que remetto a quantia de Rs.* 5

Desejando considerar-se assignante, basta destacar o bilhete junto, remettendo-o pelo correio com uma estampilha de 10 réis, depois de devidamente preenchido.

Todas as assignaturas são pagas adiantadas

Morada

Nome

Direcção

(1) Anno, semestre ou trimestre.

Trimestre	450
Semestre	800
Anno	1$500

E. BÉNARD & C.ᴱ

Fournisseurs de LL. MM. le Roi de Portugal et d'Italie

Jouets et voitures d'enfants

QUINCAILLERIES

Grand assortiment d'articles pour cadeaux

PERFUMERIES FRANÇAISES

ET

ANGLAISES

100, Rue Garret, 102

LISBONNE

A. Assis Camillo

121, Rua da Conceição, 123

LISBOA

Bijouterias, perfumarias, botões, alfinetes, fitas, galões, rendas, etc.

Bordados começados, riscados e debuxos

Talagarças brancas e de côres

FILOZELLE E FROCO DE TODAS AS GROSSURAS

AGULHAS DE TODAS AS QUALIDADES

LÃS, ALGODÕES E OUTROS PREPAROS PARA COSTURA

Eduardo Martins & C.ª

RETROZARIA

E

ROUPARIA

MARTINS

Especialidade

EM

ENXOVAES

PARA

senhoras

e] creanças

105, R. N. do Almeda, 107

LISBOA

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

*

Sortimento completo dos volumes da *Bibliotheque Rose Illustrée*, e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol..	br. 400	cart.	600

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adiantadamente na administração do **Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.**

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

Abril 1903 · **O GAFANHOTO** N.º 1

Apresentação

Rapazes e senhoritas!
Chego de longa viagem,
Corri terras infinitas,
E para vós na bagagem
Trago mil cousas bonitas.

Andei por montes e selvas,
Vi fadas, reis, o diabo!
Bebi fontes, comi relvas.
Até que alli ao pé de Elvas
De mim quizeram dar cabo.

Não sei que raiva funesta
Os homens têm contra nós!
Em nos vendo em ar de festa,
A ferro e fogo dão cresta
Ao nosso rancho veloz!

Pois agora, por capricho,
Convem que uns mimos vos traga,
Afim de que vós, em paga,
A tão divertido bicho
Nunca chameis uma praga.

Eu vou levantar as tampas
D'estas malas encantadas!
Ah! ninguem me leva as lampas
Em risos, brincos, estampas,
Bonecos, contos de fadas!

Ouvindo a minha promessa,
'Stou vendo o vosso alvoroto!
Attenção, que já começa!
E espero que bem depressa
Bemdireis

O Gafanhoto.

OFF. PHOTOMECHANICA

S. A. O SENHOR INFANTE D. MANOEL

O GAFANHOTO, publicando no 1.º numero o retrato do Senhor Infante D. Manoel, pede respeitosamente licença para saudar em Sua Alteza o mais eminente representante da nova geração de portuguezes, á qual vae consagrar todos os seus desvelos.

A occultas, lembra-se *O GAFANHOTO* de ter verificado a viveza de espirito e o brilho de intelligencia que distinguem o Senhor Infante. Tanto mais apreciavel é por isso o patrocinio que *O GAFANHOTO* ousa invocar, como incentivo valioso aos seus bem intencionados esforços.

Carnaval de 1903

COMO *O GAFANHOTO* SE APRESENTOU NA BATALHA DAS FLORES

Entre boninas do campo, entre espigas douradas, rodeado pelos pequenos genios das selvas e searas, surgiu pela vez primeira *O Gafanhoto* aos olhos dos bons alfacinhas.

Possa elle alcançar longa e prospera vida, na patria nova que adoptou, para alegria e proveito dos pequeninos!

O GAFANHOTO E O SEU CORTEJO DE GNOMOS E FADAS

Hymno do gafanhoto

I

Com essas pernas, zuta! zuta! zuta!
Com essas azas, zás que zás! que zás!
Correu do mundo sete partidas!
Que cousas lindas e divertidas!
Que elle nos traz!
Bichinho mais douto.
Não ha, não ha!
Salta, gafanhoto,
Salta, salta, salta, salta, salta,
Salta p'ra cá!

II

Por esses campos, zuta! zuta! zuta!
Pelo mar fora, zás que zás! que zás!
Apanhou hervas, apanhou flores,
Perolas ricas, joias de cores,
Que hoje nos traz!
Bichinho mais douto
Não ha, não ha!
Salta, gafanhoto,
Salta, salta, salta, salta, salta,
Salta p'ra cá!

Falando a
Ralando o
Soube de
Aprendeu

Sal

Hymno do Gafanhoto

♩= 56

Avg. Machado.

CANTO

PIANO

Com es-sas per-nas, zu-ta! zu-ta! zu-ta! Com es-sas a-zas zás que zás que

poco cresc.

zás Com reu-do mun-do se-te par-ti-dás que eu sas lin-das

e di-ver-ti-das que elle nos traz Bi-chi-nho mais douto não

ha, não ha! Bi-chi-nho mais douto não ha não ha! Salta ga-fa-nho-to

1. 2. para concluir

sal-ta sal-ta sal-ta sal-ta sal-ta sal-ta p'ra cá.

cresc.

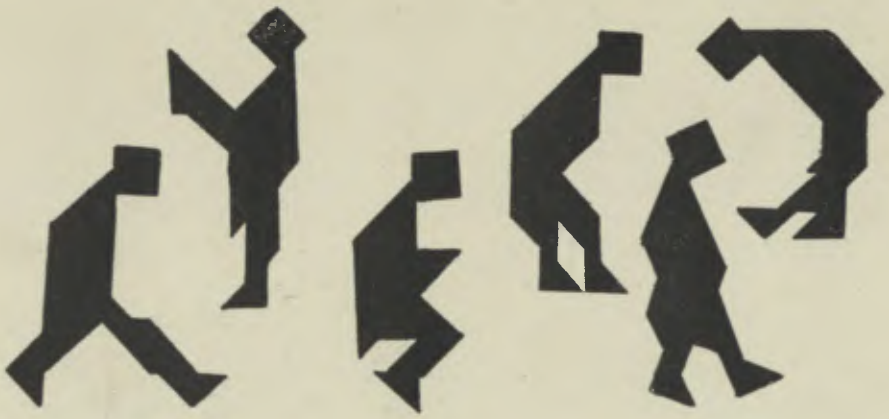
III

s bichos, zuta! zuta! zuta!
homens, zás que zás! que zás!
istorias, de bellas petas,
nanhas, aprendeu tretas,
Tudo nos traz!
Bichinho mais douto
Não ha, não ha!
Salta, gafanhoto,
, salta, salta, salta, salta,
Salta p'ra cá!

CAIXA DE SURPREZAS

Este quadradinho preto que aqui vêem, sendo recortado em cartão e dividido em sete partes segundo as linhas brancas da figura, pode dar origem ás extravagantes sombrinhas que apresentamos aos nossos leitores. Bastam as differentes combinações dos pedaços de cartão em que o quadrado se repartiu.

Outras muitas se podem arranjar da mesma indole. Deixamos isso á imaginação dos mais curiosos.



—Você tem ahi um quarteirão de sardinhas? perguntou a creada á peixeira.

—Qual historia! replicou esta. Para chegar a um quarteirão, precisava eu ter outras tantas, mais metade das que tenho, e ainda por cima mais duas sardinhas e meia.

A creada ficou embasbacada, sem atinar com a conta das sardinhas. Palpita-me que os leitores adivinharão facilmente quantas sardinhas levava a peixeira.

Os portuguezes em Marrocos

FALA-SE muito agora de Marrocos, a proposito da guerra que ha n'aquelle imperio. Vem por isso a pello recordar tantas e tão heroicas proezas que os portuguezes alli praticaram ao tempo que estavam na posse de varias cidades d'aquelle paiz, como sejam Ceuta, Tanger, Arzila, Alcacer, Azamor, Safim e Mazagão.

Essa historia, pouca conhecida, é cheia de anecdotas deveras interessantes, algumas graciosas, muitas d'ellas proprias a encherem-nos de orgulho pela nossa patria. Por isso, o *GAFANHOTO* resolveu contar algumas aos seus leitores. A primeira será

I

A Cadellinha de Tanger

AHI pelos começos de março de 1503, o governador portuguez de Arzila, chamado D. João de Menezes, soube que o rei mouro de Fez preparava um grande exercito para atacar Tanger. Era urgente avisar o governador d'esta cidade, que era então D. Rodrigo de Monsanto, para que elle não fosse atacado de surpreza e arranjasse meios de se defender.

O peior era que D. João de Menezes não dispunha n'aquelle momento de embarcação para mandar o recado. Por terra, nem se podia pensar em enviar um emissario. As duas cidades distavam uma da outra nada menos de oito leguas, e os caminhos já estavam todos occupados pelos inimigos. De que se havia de lembrar D. João de Menezes? Mandou agarrar uma cadellinha que pertencia a um morador de Tanger e que tinha ficado em Arzila, poz-lhe ao pescoço uma carta com o avizo, e deu ordem para que a levassem para fóra das portas da cidade e lhe dessem muitos açoutes.

A pobre cadella, toda dorida, saudosa do dono, valeu-se do seu faro para ir em cata d'elle. E antes de amanhecer já ella estava ás portas de Tanger, onde os moradores a receberam com o recado.

Prepararam-se para a defeza, e conseguiram repellir os mouros.

Foi portanto a cadellinha, pode dizer-se, a principal salvadora dos portuguezes de Tanger n'este aperto.

O elephante trocista

A gazella, o macaco e o porco-espinho
Jogavam por frescata
N'uma meza de pinho
Uma bisca pacata.

Mas menino Elephante, que na troça
Passa o melhor da vida,
C'uma partida grossa
Dispõe-se a interromper essa partida.

Ao banco onde em socego o porco espinho
Se senta co'a a gazella, que anda tonta,
Vae muito de mansinho
E senta-se na ponta.

Ao pezo d'esse corpanzil possante,
A meza, os jogadores, cartas, tentos,
Tudo vae n'um instante
Por ares e ventos,
No meio das risadas do elephante.

Mas, ao cahirem d'esse enorme tombo,
Do porco espinho as numerosas puas
E da gazella as duas
Se lhe cravam no lombo.

Chora a gazella, geme o porco-espinho;
Mas doe-se mais aquelle que, velhaco,
Levou p'r'o seu tabaco.
E no meio do enorme borborinho,
Quem se ficou a rir. foi o macaco.

O GAFANHOTO
N.º 1
LIVRARIA FERIN

Molde de vestido e chapeo para uma boneca de 35 centimetros de altura

RUA GARRETT (Chiado)

RAMIRO LEÃO & C.ª

Fatos para meninos

Dos proprios depoimentos dos seus freguezes tem esta casa recolhido a seguinte impressão: — *é a unica no paiz que possue o verdadeiro gosto e a verdadeira arte para a confecção de fatos para meninos.*

Todos os fatinhos sahidos d'esta casa teem um *cachet* especial e inconfundivel, como se fossem genuinas creações de Londres e Paris. Está n'isto o motivo porque a casa **Ramiro Leão & C.ª** é preferida a qualquer outra pela nossa sociedade elegante.

Vestidos para meninas

Vêr os vestidos para meninas executados n'esta casa, é apprehender a nota exacta do que lá fóra se faz de mais distincto e melhor. As mais difficeis creações estrangeiras são reproduzidas com a maior fidelidade e correcção nos seus *ateliers*, onde o bom gosto de uma habil modista acciona de modo a imprimir a todas as obras um verdadeiro cunho de elegancia.

A casa **Ramiro Leão & C.ª** é seguramente a unica no paiz que possue todos os elementos para corresponder cabalmente ás multiplas exigencias da moda das creanças.

ARANHA & C.ª

272, RUA AUGUSTA, 276

Encontram-se
n'este estabelecimento
um variado
e completo sortimento
de vestidos
para meninas,
copiados dos modelos
mais elegantes
de Pariz e Londres

Fatos completos para meninos

DE TODAS AS EDADES

COLLEGIO
DE
EDUCAÇÃO
PARA MENINAS
DE
Madame Ranjel Baptista

As classes de linguas são dirigidas por professoras estrangeiras

Rua Rodrigo da Fonseca, 17, 2.º

LISBOA

A Emulsão de Scott

é uma emulsão de oleo de figado de bacalhau o mais puro, com hypophosphitos de cal e soda (os melhores reconstituintes conhecidos dos ossos, do sangue e dos tecidos), perfeitamente saborosa—as creanças tomam-a com avidez—de facil digestão, e vende-se em todas as pharmacias portuguezas, sempre em frascos com envolucro côr de salmão.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

PAPELARIA PALHARES

141, RUA DO OURO, 143

Caixas com tintas para pintar e livros proprios para creanças para desenho e pintura

PAPEL MIGNON PHANTASIA

ESTEREOSCOPIO MIGNON (apparelho com 12 vistas **300** *reis)*

Spécialité de costumes et chapeaux

POUR

ENFANT

E. LACLAU

18, RUA NOVA DO CARMO, 20

LISBONNE

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES TODOS OS MEZES

Sortimento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, RUA NOVA DO ALMADA, 50

Lisboa

THEATRO INFANTIL

RANGEL DE LIMA

OS SUSTOS

Comedia em 1 acto, 120

FRANCISCO PINTO

O MILORD

AS ORTIGAS

O CHINÓ

e o AFFINIDADES

4 monologos, 120 rs.

BEATRIZ NAZARETH

OS PHANTASMAS

Comedia em 1 acto, 120

ARNALDO BORDALO

42, R. DA VICTORIA

LISBOA

BONECAS E BRINQUEDOS

Preços excepcionaes

O enlevo das creanças. Brinquedos! Profusão e variedade inegualavel!—Bébés—Bonecas Francezas e de Nuremberg—Brinquedos de corda e com musica—Bolas de borracha—Jogos e uma infinidade de brinquedos. Concertam-se e collocam-se cabeças em bonecas.

Casa de Novidades — 145, R. do Ouro, 145

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, 2º Chiado

Debuchos para bordar

BORDADOS COMIÇADOS

FILLOSELLES

FILLOFLOSSES

Troças, Lãs, Linhos e Algodões

DAVID (SOBRINHO)

R. N DO ALMADA, 76

CONSERVARIA ITALIANA FERRARI

Successor, JOSÉ J. CORRÊA D'OLIVEIRA

Completo sortimento de pastilhas, bombons e surprezas para creanças

91, R. N. do Almada, 93 — Lisboa

SANTOS & MAGALHÃES

10, R. DA PRATA, 12 — LISBOA

Papelaria e artigos para collegios

Encadernações e Typographia da LIVRARIA FERIN

R. Nova do Almada, 74

GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇOES A CÔRES

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

N.º 2

Summario

O remendão e o ricaço —Ao cheiro dos morangos —Paschoa, por *D. João da Camara* — A vingança do cavallinho — Caixa de surprezas — Estampa muda, (Episodio da Historia de Portugal) — O guloso.

Todos os artigos com gravuras ou **illustrações a côres.**

LIVRARIA FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74 — LISBOA

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da *Bibliotheque Rose Illustrée*, e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol. ..... br. 700 cart. 1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol. ..... br. 700 cart. 900
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol ..... br. 200 cart. 300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol. br. 400 cart. 600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.. br. 400 cart. 600

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adiantadamente na administração do **Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.**

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

Debuchos
para bordar

BORDADOS COMEÇADOS

FILLOSELLES

FILLOFLOSSES

Troças, Lãs,
Linhos
e Algodões

DAVID (SOBRINHO)

R. N. DO ALMADA, 76

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS
Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

SANTOS & MAGALHÃES

10, R. DA PRATA, 12 — LISBOA

Papelaria e artigos para collegios

PATISSERIE VIOLETTE

DE

FILIPPE DA SILVA

130, RUA DOS CAPELLISTAS, 132

LISBOA

SURPREZAS PARA CREANÇAS

PASTILHAS E BONBONS

N.º TELEPHONICO 541

O GAFANHOTO

AOS SEUS LEITORES

O GAFANHOTO está contente como um rato. Os seus amiguinhos portuguezes receberam-no com um carinho que o penhora muito. Não ha mãos a medir com os pedidos de assignaturas, e olhem que não são poucas as mãos d'O GAFANHOTO. Por isso, meus bons amiguinhos, é apressarem-se emquanto não se esgota o primeiro numero.

Tambem aos adultos deve O GAFANHOTO agradecer as lisonjeiras referencias que lhe teem feito, sobretudo nos jornaes onde escreve gente seria, já alheia de ha muito ás nossas alegres ninharias.

Tudo isto são estimulos para que O GAFANHOTO vá persistindo na sua tarefa de os divertir, meus pequenos e amaveis leitores, e prometta ir cada vez a melhor. As mamãs e os papás estão sempre á espreita, e O GAFANHOTO não pensa senão em ganhar de todo em todo a confiança d'elles.

N'um grande pulo, como é da sua praxe, O GAFANHOTO agradece a todos com muita e effusiva satisfação.

Ora vamos agora ao nosso expediente.

Conforme O GAFANHOTO prometteu, para o numero seguinte, o 3.º, daremos a folha supplementar, especialmente destinada para recreio e instrucção dos rapazinhos, assim como a do n.º 1 foi dedicada ás meninas. Continuamos a guardar segredo sobre o que ella será. Esperamos que ficarão contentes com a linda surpreza.

Como vêem por este numero, O GAFANHOTO trata de variar a sua collaboração, pedindo aos bons artistas e escriptores do nosso paiz que lhe prestem o brilho do seu talento. Como prova, aqui figura desde já o nome glorioso de D. João da Camara, um dos mais eminentes da litteratura portugueza.

Repetiremos o que já no outro numero dissemos a respeito da

CAIXA DE SURPREZAS

N'esta secção, offerecerá O GAFANHOTO aos seus amiguinhos um sortimento variado de pequenos jogos, experiencias divertidas, adivinhações, problemas, etc. Poderão collaborar n'ella os nossos pequenos assignantes, enviando ao GAFANHOTO as suas producções n'este genero, as quaes elle publicará, caso as julgue dignas d'isso, recompensando os seus collaboradores mais distinctos com premios que a seu tempo se indicarão. A outros premios teem egualmente direito os que mais se distinguirem na solução dos problemas, adivinhações, enigmas, charadas, etc. Além d'isso, O GAFANHOTO abrirá frequentes concursos de redacção, de sciencia, etc., accessiveis aos seus leitores, para os quaes serão destinados premios especiaes.

Toda a correspondencia relativa a estes assumptos será dirigida á redacção d'o GAFANHOTO, Rua Nova do Almada, 74, e assignada, não só pelos nossos infantis correspondentes, como por uma pessoa adulta, pae, mãe, parente, mestre ou tutor, que abone a sua identidade.

As soluções relativas ao n.º 1 virão no n.º 3. Temos já recebido algumas do problema das sardinhas, e d'ellas daremos então conta. Acêrca das sombrinhas, tambem desejariamos ter alguma resposta.

A maneira de a dar é facil. Não querendo estragar o exemplar do jornal, desenhe-se o contorno das sombrinhas n'um papel, marcando no interior d'ellas, a traço, a fórma de combinar as figuras geometricas em que se decompoz o quadrado. E se alguma sombrinha a mais vier, bastante engenhosa, melhor será. O GAFANHOTO terá grande prazer em reproduzil-a, com o nome do auctor.

Elle deseja muito a collaboração dos seus pequenos leitores. Espera-a com anciedade.

O REMENDÃO E O RICAÇO

Um remendão passava os dias
De guela aberta, em cantorias.

A bater sola, a puxar linhas!
Sempre a cantar as estopinhas.

Um dos visinhos, que tem massa,
Vae aos arames co'a chalaça.

Apenas luz a madrugada,
Ninguem no predio dormie nada.

E o tal visinho, que nao canta,
E a quem o mestre o somno espanta,

Uma manha, todo lampeiro,
Manda chamar o sapateiro.

OFF. PHOTOMECHANICA-LISBOA

BNP

COMPRA

— «Eh! mestre Bucha, diga lá:
«Por anno quanto ganhará?

O mestre diz: — «Contas como essa,
«Não sei fazel-as de cabeça.

«Quando ha freguezes, muito bem!
«Cá vou guardando o meu vintem.

«Mas quando acaso a obra é pouca,
«Fico a fazer cruzes na bocca.»

Torna o ricaço: — «P'lo que diz,
«Posso eu fazel-o mais feliz.

«Cincoenta libras — luz-lhe o olho? —
«Tem este saco. Pois eu dou-lh'o!»

Com tal fortuna, o sapateiro
Julga-se rei do mundo inteiro.

Enterra em casa essa maquia,
Com ella enterra-se a alegria.

Com mil cuidados, todo o dia,
Era uma vez a cantoria.

Somno, bau-bau! passa na cama
Só a pensar na dinheirama.

Nem come nada; esta tortura
Põe mestre Bucha á dependura.

Emquanto o rico, isso é que é festa!
De manhã dorme, e dorme a sesta.

'Té que uma vez, vermelho, em braza,
O sapateiro cae-lhe em casa.

— «Torne-me a dar somno e alegria,»
Diz elle, «e guarde essa maquia.»

Contente e livre da sacola,
Volta o patusco a bater sola,

A deitar tombas, puxar linhas,
Sempre cantando as estopinhas.

AO CHEIRO DOS MORANGOS

MUITO sorrateiro, por volta da tardinha, entrou o Josésito na herdade do tio Leonardo.

Estava-se na primavera, e havia lá uns morangos rubicundos e frescos que enchiam o ar de tentações.

Pé ante pé, dirigia-se o rapazote para o cheiroso morangal, quando sentiu atraz de si um rosnar cheio de ameaças.

Nem precisou voltar-se para perceber o perigo. Era com certeza o cão de guarda, o Tigre, que andava já solto e accudia em defesa da propriedade.

O Josésito não esteve com uma nem duas. Deu uma corrida para a arvore mais proxima, e marinhou por ella acima com quantas ganas tinha. Mas já era tarde. Quando elle se agarrou aos esgalhos da arvore, sentiu um peso extranho que o não deixava mexer. O Tigre, de um pulo, tinha-o filado pelos fundilhos dos calções. E teve sorte o Josésito, por não lhe entrar a dentuça pelas carnes dentro.

Para não ser pilhado, não tugiu, nem mugiu. A fazenda dos calções ia cedendo aos dentes do Tigre, o qual não tardaria a dar um trambulhão, deixando o Josésito livre, embora sem fundilhos.

Mas n'este comenos, ouviu-se uma grande grita das bandas do casal.

Era o tio Leonardo, que á claridade já fraca não distinguia senão o seu cão dependurado da arvore, e que corria berrando com desespero:

— O cão está enforcado! O cão está enforcado!

Mas, quando vinha já perto, o Tigre dava com os costados em terra e levantava-se logo aos saltos, sacudindo no ar os farrapos dos calções.

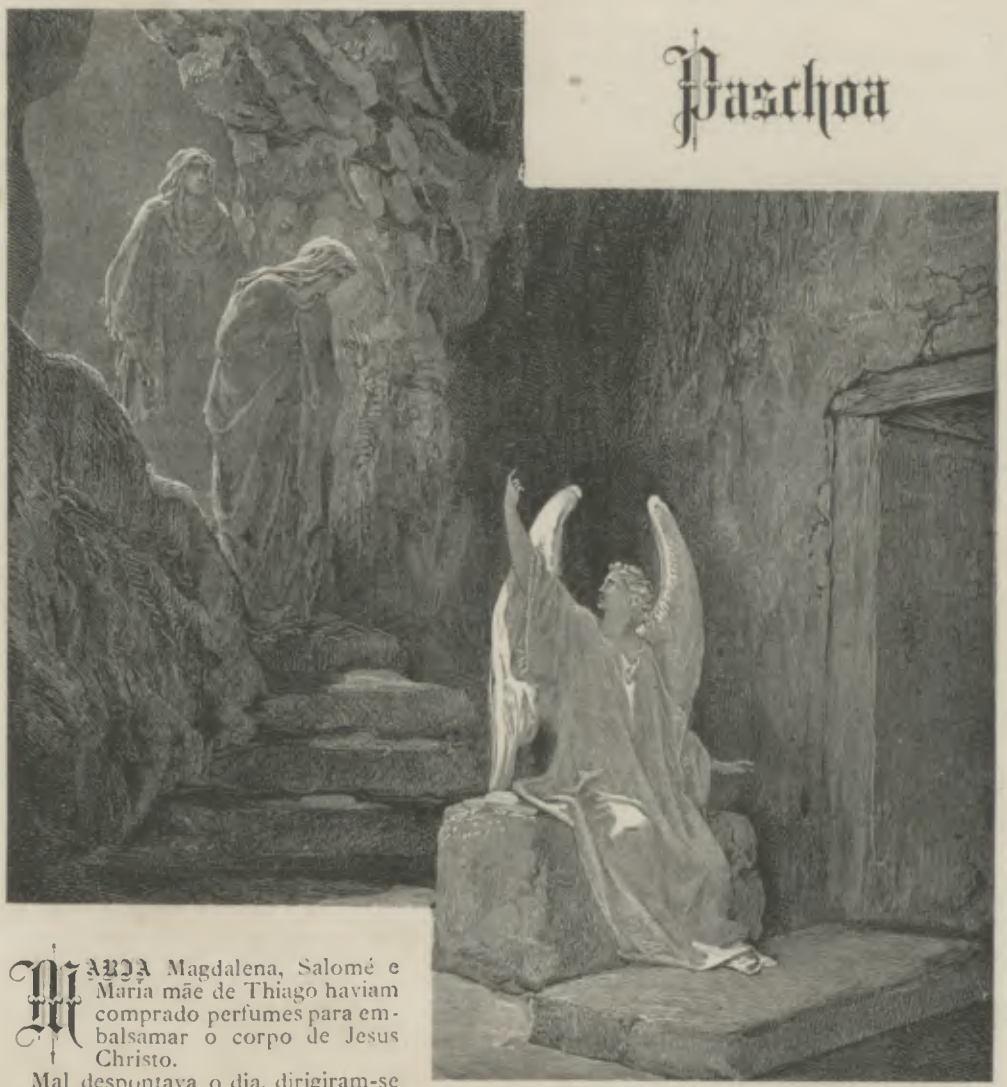
Então o tio Leonardo deu um suspiro de allivio, ao passo que descobria o Josésito agachado entre os ramos, a tremer de susto.

— Ah! grande maroto! disse elle.

Obrigou-o logo a descer, salvou-o da dentuça ainda arreganhada do Tigre, mas aproveitou o claro que os fundilhos tinham deixado, para lhe assentar uns valentes açoutes.

Bem empregados, não acham?

Paschoa



Maria Magdalena, Salomé e Maria mãe de Thiago haviam comprado perfumes para embalsamar o corpo de Jesus Christo.

Mal despontava o dia, dirigiram-se para o sepulchro.

Iam pela estrada fóra, tristes, cabisbaixas, com seus corações de luto, seus corações que tanto amaram a Jesus.

—«Quem nos levantará a pedra do monumento?» diziam.

Tão fracas, tão abatidas caminhavam! Na lage pesada haviam de ferir os dedos, que tão carinhosos iam ungir o corpo do Senhor.

Chegaram e já não viram a pedra. Pasmadas, entraram no sepulchro aberto. Um anjo que n'elle encontraram brilhava com maior resplandor que o sol que já nascêra, illuminando o campo cheio de flores de primavera.

E disse o anjo ás santas mulheres:

—«Nada temaes. Vindes em busca de Jesus de Nazareth que foi crucificado? Resuscitou!»

E ellas ouviam-o, ficavam-se ali sem saber se era do anjo a luz que as circumdava, se da alegria que lhes ia nas almas.

—«Alleluia! Alleluia!» cantavam os anjos no céo.

Jesus appareceu a seus discipulos e disse-lhes:

—«A paz seja comvosco!»

E os hymnos da terra juntaram-se aos dos anjos e era um côro geral:

—«Alleluia! Alleluia!»

D. João da Camara.

A VINGANÇA DO CAVALLINHO

No dia dos annos, menino Antoninho
Recebe um cavalio do rico padrinho.

Cavallo soberbo, de crina erriçada,
Branquinho, com malhas de côr encarnada.

Menino Antoninho tem grande alvoroço
Ao ver um cavallo, demais com balouço.

Monta logo n'elle, n'um prompto desata,
Zás, zás! a bater-lhe co'a bella chibata.

Todo o santo dia, menino Antoninho
Balouça, balouça, no seu cavallinho.

Nos dias seguintes, egual brincadeira
Com gritos e berros — que é uma inferneira.

Menino Antoninho balança, balança,
E só do galope dormindo descança.

Menino Antoninho balança, balança,
Anda já furiosa toda a visinhança.

Debalde se queixa de baixo o inquilino,
A mãe acha sempre gracinha ao menino.

De tanto galope na sala e no quarto
É o pobre cavallo quem anda mais farto.

C'os seus botões fala: «Com tanto balouço,
«Dão cabo deveras do meu arcabouço!

«Menino Antoninho, todos convirão,
«Se eu cá sou cavallo, que elle é cavallão.

«D'esta lufa-lufa, dôr tenho no peito,
«E os meus ricos bofes p'la bocca já deito.

«Se a mãe do menino tal furia consente,
«Eu quero mostrar-lhe que o pau tambem sente.

«Ah! deixam que abuse do pobre cavallo?
«Pois fiquem seguros que eu hei de ensinal-o!»

Menino Antoninho nem mesmo imagina
O que o cavallinho nos miolos rumina.

Chibata nas unhas, prosegue na dansa,
Balança, balança, balança, balança.

Mas vae senão quando, n'um dia fatal
Decide o cavallo vingar-se afinal.

Extende os jarretes, e n'uma grande upa
Abaixa a cabeça, levanta a garupa.

Menino Antoninho perde as estribeiras,
Vae contra as vidraças que estavam fronteiras,

E fal-as em 'stilhas, guinchando e ganindo,
P'la janella fóra lá vae rebolindo.

O sol, lá de cima, mira-o de soslaio,
E berros tremendos solta o papagaio.

A gente de baixo, que estava a jantar,
Tem sûsto co'a bulha que vae no outro andar.

E grita o pequeno com grande escarceu,
«Papa, estão chovendo meninos do ceu!»

Responde o pae logo, que é homem sizudo
E moralidades arranca de tudo:

«Aprende, menino, no exemplo aziago:
«Ninguem faz asneiras, que não tenha o pago.»

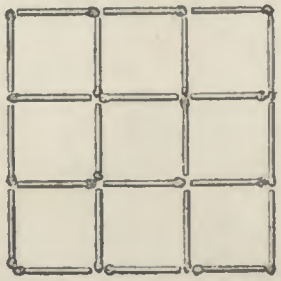
CAIXA DE SURPREZAS

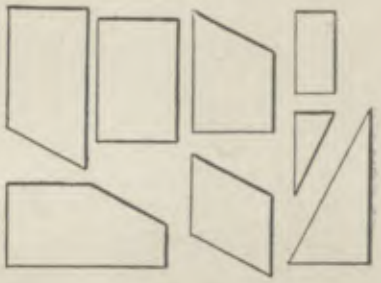
I Um saloio tinha uma horta com doze arvores de fructo, dispostas como se vê na figura junta. Quando elle morreu, viu-se no testamento que dividia a horta por seus quatro filhos, com a clausula de que o quinhão de cada um d'elles fosse exactamente do mesmo tamanho e do mesmo feitio, contendo tres das doze arvores de fructo.

Como é que se conseguiu fazer essa partilha?

II Um carpinteiro precisa fazer os assentos para dois mochos. Esses assentos são de fórma oval, com um furo no centro (figura á esquerda). Ora para essa obra o carpinteiro dispõe apenas de um pedaço circular de madeira, (figura á direita) que chega exactamente para os dois assentos, sem desperdiçar nada. Como ha de elle cortar o circulo de madeira, de modo que possa satisfazer a estas condições?

III Colloquem-se em cima da meza vinte e quatro phosphoros, formando nove quadrados, como se vê na figura abaixo. Ora agora tirem-se oito phosphoros, de modo que fiquem apenas dois quadrados.





IV Sempre queremos ver quem consegue formar um quadrado com oito pedaços de cartão do feitio das figuras acima.

ESTAMPA MUDA

A estampa acima, com que inauguramos esta secção, copia de um quadro do celebre pintor portuguez Miguel Angelo Lupi, representa um facto historico. É posta a concurso a sua explicação entre os nossos pequenos assignantes, de um e de outro sexo, nas seguintes condições:

I. Os concorrentes não terão mais de quinze annos de idade.

II. As explicações não deverão preencher mais de vinte linhas do nosso jornal, e serão acompanhadas da assignatura de parente, professor, tutor ou outra pessoa responsavel, que certifique serem originaes do concorrente e estar este incluso na 1.ª condição.

III. As explicações deverão ser enviadas á Livraria Ferin, rua Nova do Almada, no prazo de um mez a contar da data da publicação do respectivo numero, em sobrescripto fechado, tendo no verso as palavras: «Estampa Muda do *Gafanhoto*», e o numero do jornal em que esta estampa é publicada.

IV. A explicação, que fôr classificada como a melhor, será publicada no *Gafanhoto*, e o seu auctor, depois de proclamado, terá egualmente direito á publicação do seu retrato, querendo obsequiar-nos com uma photographia. As duas explicações, que merecerem a classificação immediata, terão menções honrosas nas columnas do jornal.

---

seu tempo se annunciarão os premios distribuidos áquelles dos nossos assignantes que mais notaveis se tornarem, tanto na redacção d'estes themas, como na resolução dos problemas e adivinhações, apresentados pelo *Gafanhoto*. Creiam os nossos juvenis leitores que não se hão de arrepender de dedicarem a estes exercicios a sua attenção e a sua intelligencia.

UM GULOSO

Aquelles gordos chouriços,
Pendurados n'um cordel,
P'ra dois gulotões são feitiços:
P'r'o gato mais p'r'o Manuel.

«E' cousa de pouca monta
«Furtal-os!» pensa o sujeito,
«Que o cordel tem uma ponta
«Que me fica mesmo a geito.

«Está ferrugento o prégo!
«Não resiste a um bom puxão!
«Vem tudo abaixo, e assim chego
«A tel-os na minha mão!»

Assim faz n'uma arrancada,
Porém com força tamanha
Que atira de cambulhada
Um grande boião de banha.

O bicho, que tudo espia,
Salta aos chouriços voraz,
Emquanto o boião se enfia
P'la cabeça do rapaz.

Besunta a jaqueta nova,
Põe de salmoura o toutiço,
E apanha valente sova
Em vez de apanhar chouriço.

A. Assis Camillo

121, Rua da Conceição, 123

LISBOA

Bijouterias, perfumarias, botões, alfinetes, fitas, galões, rendas, etc.

Bordados começados, riscados e debuxos

Talagarças brancas e de côres

FILOZELLE E FROCO DE TODAS AS GROSSURAS

AGULHAS DE TODAS AS QUALIDADES

LAS, ALGODÕES E OUTROS PREPAROS PARA COSTURA

Eduardo Martins & C.ª

RETROZARIA

E

ROUPARIA

MARTINS

Especialidade

EM

ENXOVAES

PARA

senhoras

e creanças

105, R. N. do Almada, 107

LISBOA

E. BÉNARD & C.ᴱ

Fournisseurs de LL. MM. le Roi de Portugal et d'Italie

Jouets et voitures d'enfants

QUINCAILLERIES

Grand assortiment d'articles pour cadeaux

PARFUMERIES FRANÇAISES

ET

ANGLAISES

100, Rue Garret, 102

LISBONNE

ARANHA & C.ª

272, RUA AUGUSTA, 276

Encontram-se
n'este estabelecimento
um variado
e completo sortimento
de vestidos
para meninas,
copiados dos modelos
mais elegantes
de Pariz e Londres

Fatos completos para meninos

DE TODAS AS EDADES

COLLEGIO
DE
EDUCAÇÃO
PARA MENINAS
DE
Madame Ranjel Baptista

As classes de linguas são dirigidas por professoras estrangeiras

Rua Rodrigo da Fonseca, 17, 2.º

LISBOA

A Emulsão de Scott

é uma emulsão de oleo de figado de bacalhau o mais puro, com hypophosphitos de cal e soda (os melhores reconstituintes conhecidos dos ossos, do sangue e dos tecidos), perfeitamente saborosa -as creanças tomam-a com avidez —de facil digestão, e vende-se em todas as pharmacias portuguezas, sempre em frascos com envolucro côr de salmão.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
Sᵗᵒ AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

PAPELARIA PALHARES

141, RUA DO OURO, 143

Caixas com tintas para pintar e livros proprios para creanças para desenho e pintura

PAPEL MIGNON PHANTASIA

ESTEREOSCOPIO MIGNON (apparelho com 12 vistas 700 reis)

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

JERONYMO MARTINS & FILHO

Caixas de phantasia
com fructas, biscoitos e amendoas
finas proprias
para brindes para creanças

CHIADO, 13, 15 e 19

LISBOA

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos
em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

Sortimento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA

18, RUA NOVA DO ALMADA, 50

Lisboa

ATLAS JOGO DE PACIENCIA

Para creanças apprenderem Geographia Geral
como divertimento

Livraria Ferin — LISBOA

RUA GARRETT (Chiado)

RAMIRO LEÃO & C.ª

Fatos para meninos

Dos proprios depoimentos dos seus freguezes tem esta casa recolhido a seguinte impressão: — *é a unica no paiz que possue o verdadeiro gosto e a verdadeira arte para a confecção de fatos para meninos.*

Todos os fatinhos sahidos d'esta casa teem um *cachet* especial e inconfundivel, como se fossem genuinas creações de Londres e Paris. Está n'isto o motivo porque a casa **Ramiro Leão & C.ª** é preferida a qualquer outra pela nossa sociedade elegante.

Vestidos para meninas

Vêr os vestidos para meninas executados n'esta casa, é apprehender a nota exacta do que lá fóra se faz de mais distincto e melhor. As mais difficeis creações estrangeiras são reproduzidas com a maior fidelidade e correcção nos seus *ateliers*, onde o bom gosto de uma habil modista acciona de modo a imprimir a todas as obras um verdadeiro cunho de elegancia.

A casa **Ramiro Leão & C.ª** é seguramente a unica no paiz que possue todos os elementos para corresponder cabalmente ás multiplas exigencias da moda das creanças.

GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES
A CÔRES

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

N.º 3

SUMMARIO

Os gatos e o queijo. — Os portuguezes em Marrocos. — Pique-nique a bordo. — Proverbios sobre o mez de maio. — O sovina castigado. — Caixa de surprezas. — Marcha dos bonitos. — Concerto fresco.

Pagina solta: Um official portuguez da campanha da Russia.

LIVRARIA FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74 — LISBOA

Debuchos
para bordar

BORDADOS COMEÇADOS

FILLOSELLES

FILLOFLOSSES

Troçaes, Lãs,
Linhos
e Algodões

DAVID (SOBRINHO)

R. N DO ALMAOA, 76

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS
Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

SANTOS & MAGALHÃES

10, R. DA PRATA, 12 — LISBOA

Papelaria e artigos para collegios

PATISSERIE VIOLETTE

DE

FILIPPE DA SILVA

130, RUA DOS CAPELLISTAS, 132

LISBOA

SURPREZAS PARA CREANÇAS

PASTILHAS E BONBONS

N.º TELEPHONICO 541

A. Assis Camillo

121, Rua da Conceição, 123

LISBOA

Bijouterias, perfumarias, botões, aiguetes, fitas, galões, rendas, etc.

Bordados começados, riscados e debuxos

Talagarças brancas e de côres

FILOZELLE E FROCO DE TODAS AS GROSSURAS

AGULHAS DE TODAS AS QUALIDADES

LÃS, ALGODÕES E OUTROS PREPAROS PARA COSTURA

Eduardo Martins & C.ª

RETROZARIA

E

ROUPARIA

MARTINS

Especialidade

EM

ENXOVAES

PARA

senhoras

e creanças

105, R. N. do Almada, 107

LISBOA

E. BÉNARD & C.ᴱ

Fournisseurs de LL. MM. le Roi de Portugal et d'Italie

Jouets et voitures d'enfants

QUINCAILLERIES

Grand assortiment d'articles pour cadeaux

PARFUMERIES FRANÇAISES

ET

ANGLAISES

100, Rue Garret, 102

LISBONNE

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da *Bibliotheque Rose Illustrée*, e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol. .... br. 700 cart. 1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol. ..... br. 700 cart. 900
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol ..... br. 200 cart. 300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol. br. 400 cart. 600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.. br. 400 cart. 600

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adiantadamente na administração do **Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.**

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OS GATOS E O QUEIJO

Dois gatos, que tinham furtado um pedaco de queijo, foram ter com um macaco para que elle repartisse irmãmente o queijo entre os dois.

—Vão ser servidos com a maior justiça, disse o macaco.

Partiu o queijo em dois bocados, e poz cada um d'elles n'um dos pratos da balança. Como um dos bocados pesava mais, agarrou n'elle e deu-lhe uma dentada. Dentada foi ella que esse bocado ficou pesando menos do que o outro.

—Ah! elle é isso? exclamou o macaco. Espera, que eu já te conto!

E fez a este segundo bocado o mesmo que fizera ao primeiro.

Os gatos revoltaram-se, e fizeram quanto possivel para pôr fim ao processo. Mas o amigo macaco foi-se rindo d'elles, e continuou a dar dentadas, ora n'um ora n'outro bocado. Os pobres bichanos, por mais que miassem, foram vendo os seus quinhões diminuir a olhos vistos até desapparecerem de todo na barriga do juiz.

E foram-se embora, lavados em lagrimas, dizendo um para o outro:

—Bem diz o dictado: Mais vale uma boa composição que uma ruim demanda.

CIF PHOTOMECHANICA - LISBOA

Os portuguezes em Marrocos

II

A cavalgada dos nús

Em 1520, morava em Arzilla um tal Diogo Pires, muito querido pelos portuguezes da cidade. O pobre homem estava tisico, e tinham-lhe receitado os medicos que comesse kágados. Ora, como se lhe acabára a provisão d'esses bichos, offereceram-se vinte moradores para lh'os irem buscar a uma corrente de agua, chamada Rio Doce, onde elles abundavam. Era arriscado sahir da cidade, por causa dos mouros que appareciam muita vez por aquelles contornos. Mas o capitão deu-lhes licença, comtanto que, já se vê, fossem armados e prevenidos para qualquer ataque.

Montaram os vinte a cavallo, e seguiram pelos campos fóra, muito alegres com a passeiata. Apenas chegaram ao Rio Doce, como fazia muito calor, despiram-se e atiraram comsigo á agua, nadando e pescando ao mesmo tempo não só kágados, como varios peixes.

Ora andavam por ali perto, sem elles saberem, as tropas do rei de Fez. O general mouro tinha-os espreitado e mandou logo duzentos cavalleiros por uma banda e mais duzentos por outra, afim de os apanharem de surpreza. A algazarra que os portuguezes faziam era tanta, que servia para guiar os mouros e evitava que estes fossem presentidos. De Arzilla é que tinham percebido tudo. Para aviso, deram um tiro de bombarda e começaram a repicar os sinos. Foi então que os nadadores perceberam o perigo. Mal tiveram tempo, nús como estavam, de saltar para cima dos cavallos em pello e de deitar mãos ás lanças. E assim galoparam em direcção da cidade, perseguidos de perto pelos mouros, defendendo-se conforme podiam. A um portuguez, que cahira, ia um d'elles deitar a unha, se não fosse a valentia do chefe da expedição, que o levantou para a garupa do seu proprio cavallo, depois de derribar o mouro. Conseguiram recolher sãos e salvos a Arzilla, onde foram recebidos á gargalhada.

PIQUE-NIQUE A BORDO

P'r'o pique-nique levam na frota
Codeas de queijo, meia bolota.

Todos contentes, voga a esquadrilha
Pela agua pura, que é maravilha.

Em terra um gato põe-se a espreitar:
«Ai quem me dera saber nadar! »

Um peixe lucio n'agua os namora:
«Um bom naufragio calhava agora! »

Com seus meninos, o senhor Rato
Vae dar um gyro pelo regato.

Faltam-lhe botes? Arranja-se um
D'uma soberba lata de atum.

A vela faz-se de um papel molle,
P'r'a fazer vento basta-lhe um folle.

Outra latinha, co'a petizada,
Do pae p'la cauda vae rebocada.

Diz o bichano: «Que grande magua
Não ter eu guelras p'ra andar por agua! »

Segreda o peixe: «Muito me emperra
Não ter eu pernas p'r'a andar por terra! »

Mas do bichano mais do peixinho
Riem-se os ratos devagarinho.

E, cheia a vela, segue a esquadrilha
Regato fóra, que é maravilha.

PROVERBIOS SOBRE O MEZ DE MAIO

MAIO couveiro não é vinhateiro.
Maio come o trigo, e agosto bebe o vinho.
Maio hortelão, muita palha, pouco pão.
Maio pardo, junho claro.
Maio pardo faz o pão grado.
Guarda pão para maio e lenha para abril.
Em maio vae e torna com recado.
Enxame de maio, quem t'o pedir dá-lh'o, e em abril guarda-o para ti.
Em maio, a quem não tem, basta-lhe o saio.

SOVINA CASTIGADO

Mal sae de casa, Martim Pachola
Vê um garoto que pede esmola.

Martim Pachola, que é muito fona,
Em vez de esmola, dá-lhe tapona.

Mal imagina que elle se atreva
A desforrar-se c'um rabo-leva.

P'ra isso serve-lhe um rico osso,
Que um cão fareja com alvoroço.

Outro cão chega, tres, quatro, cinco.
Os cães accorrem com todo o afinco.

Martim Pachola vae de carreira,
Segue-o já uma matilha inteira.

Ao rebolico que elle levanta,
Acodem guardas, tudo se espanta.

Esbaforido, correndo só,
Perde o barrete, perde o chinó.

Emfim, já livre da canzoada,
Ferra co'as costas n'uma enxurrada.

Enlameiado, que mette nojo,
Levam no os guardas quasi de rojo.

CAIXA DE SURPREZAS

Decifrações do 1.º numero: 1.º os pedacinhos de papel são dispostos para formar as sombrinhas, conforme indicam os traços a branco nas figuras juntas; 2.º o numero das sardinhas que leva a peixeira é 9.

Foi d'este segundo problema que O GAFANHOTO recebeu maior numero de soluções. Foram-lhe enviadas, segundo a ordem de recepção, pelos seguintes meninos:

Alberto de Portugal Corrêa de Lacerda—Matheus Roballo—D. Maria Theresa de Lencastre Ferrão—Antonio Bello—D. Amalia Stromp Casqueiro—D. Irene Rolin Geraldes Barba—Assis Brito Junior—José da Costa Leal—D. Elvira Ferreira de Mesquita.

Do 1.º problema, o das sombrinhas, apenas recebemos soluções completas dos meninos:

Antonio Bello—D. Elvira Ferreira de Mesquita—Alberto de Portugal Corrêa de Lacerda.

Recebemos algumas lindas cartinhas, as quaes, com grande magua nossa, não podemos, pelo menos por agora, publicar aqui, por falta de espaço. Ah! que se O GAFANHOTO dispozesse d'um campo largo, em que podesse saltar á vontade!... Não percamos a esperança. Devagar se vae ao longe.

E pedimos toda a attencção para o que sobre a nossa **Caixa de Surprezas** dizemos na pagina supplementar *O GAFANHOTO aos seus leitores.*

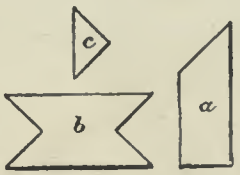
I

RES meninos, de caminho para a escola, vão passeiar á praça da Figueira, e luz-lhes o olho para um cesto de ricas laranjas. O primeiro propõe logo á vendedeira ficar-lhe com metade das laranjas. Feito o negocio, reconhece que não lhe cabe tanta fructa no cabaz do lanche, e restitue á mulher 10 das laranjas. Vem o segundo, e compra um terço das que ficaram á vendedeira. Mas, como tem as mesmas dificuldades, torna a dar 2 á mulhersinha. O terceiro quer metade do que ainda resta, mas vê-se forçado a privar-se de 1, que a vendedeira recebe, ficando no fim de contas com 12 laranjas.

Ora vamos agora a saber: quantas eram as laranjas a principio?

II

Vejamos quem é capaz de formar uma cruz com cinco pedaços de cartão, sendo um do feitio de *a*, outro do feitio de *b*, e tres do feitio de *c*?



A MARCHA DOS BONITOS

Quando os meninos vão p'r'as somnecas,
Saltam bonecos, saltam bonecas,
Em marcha grave, sem medo algum,
Por essas casas, trum-trum, trum-trum!

Uma boneca, loura sinhá,
Toca a corneta, tará, tá, tá!

Outra de espada, toda valente,
Desata aos gritos: «Vamos p'r'a frente!»

E a namoral-a, com vista sonsa,
Eis que o palhaço se desengonça.

A passos curtos, baixando o beque,
Polichinello segue o moleque.

É um pagode, quando anda á solta,
A bonecagem, n'uma revolta,
Por essas casas, sem medo algum,
Em marcha grave, trum-trum, trum-trum!

CONCERTO FRESCO

O GAFANHOTO

AOS SEUS LEITORES

Começa O GAFANHOTO por se curvar respeitosamente, agradecendo de novo todas as amaveis referencias que lhe teem sido feitas pelos collegas da imprensa seria. Se paes e mães continuarem a dar ouvidos ás supplicas ardentes da creançada, O GAFANHOTO tem a confiança n'um futuro prospero, porque se compromette a corresponder á anciedade do seu pequeno e delicioso publico.

Desde o numero proximo, elle começará a publicação de uns contos infantis, que são verdadeira novidade em Portugal, mesmo para muita gente crescida. Verão, verão que encantadoras historietas lhes vae contar O GAFANHOTO.

Ora agora, vamos ainda fazer umas advertencias a respeito da

CAIXA DE SURPREZAS

É preciso, em primeiro logar, saber-se que menções e premios do GAFANHOTO são apenas, e exclusivamente, reservados aos seus assignantes. Como esta regra não foi ainda bem comprehendida, ainda d'esta primeira vez nos desviamos d'ella, publicando nomes de alguns decifradores que não estão n'este caso. Mas sem exemplo.

Para simplificar o expediente relativo á secção, faremos aos nossos queridos assignantes as seguintes recommendações:

1.º que, para se verificar de prompto a qualidade de assignantes, é de toda a conveniencia incluirem nas suas cartas a cinta do jornal com o numero de ordem que ella leva escripto;

2.º que não devem misturar na mesma remessa soluções relativas a mais de um numero;

3.º que as soluções de cada numero devem ser enviadas, a não haver aviso em contrario, até ao terceiro dia posterior á publicação do numero seguinte;

4.º e finalmente, que não se esqueçam de justificar a sua identidade com a assignatura de parente, mestre ou tutor.

E repetimos tambem que O GAFANHOTO acceita muito reconhecido a collaboração de todos os seus leitores n'esta secção.

Uma advertencia mais devemos fazer ácerca da

ESTAMPA MUDA

Por isso que a nossa intenção, a avaliar pelas respostas que temos recebido, não foi em geral bem comprehendida, talvez por falta de clareza da nossa parte. A estampa não é um simples enigma pittoresco a resolver. É o thema para um exercicio sinho de redacção, segundo as condições expressas no numero anterior. Das respostas que até agora recebemos, deduzimos que apenas um dos nossos pequenos correspondentes se compenetrou da nossa ideia.

Portanto, é trabalharem n'esse sentido, queridos assignantes. O GAFANHOTO está ancioso por coroar essas cabecinhas rosadas.

JERONYMO MARTINS & FILHO

Caixas de phantasia
com fructas, biscoitos e amendoas
finas proprias
para brindes para creanças

CHIADO, 13, 15 e 19
LISBOA

ATLAS JOGO DE PACIENCIA

Para creanças apprenderem Geographia Geral como divertimento

Livraria Ferin — LISBOA

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos
em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

Sortimento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA
48. RUA NOVA DO ALMADA, 50
Lisboa

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR
Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque
LISBOA

ARANHA & C.ª

272, RUA AUGUSTA, 276

Encontram-se
n'este estabelecimento
um variado
e completo sortimento
de vestidos
para meninas,
copiados dos modelos
mais elegantes
de Pariz e Londres

Fatos completos para meninos

DE TODAS AS EDADES

COLLEGIO
DE
EDUCAÇÃO
PARA MENINAS
DE
Madame Ranjel Baptista

As classes de linguas são dirigidas por professoras estrangeiras

Rua Rodrigo da Fonseca, 17, 2.º
LISBOA

A Emulsão de Scott

é uma emulsão de oleo de figado de bacalhau o mais puro, com hypophosphitos de cal e soda (os melhores reconstituintes conhecidos dos ossos, do sangue e dos tecidos), perfeitamente saborosa—as creanças tomam-a com avidez—de facil digestão, e vende-se em todas as pharmacias portuguezas, sempre em frascos com envolucro côr de salmão.

PAPELARIA PALHARES

141, RUA DO OURO, 143

Caixas com tintas para pintar e livros proprios para creanças para desenho e pintura

PAPEL MIGNON PHANTASIA

ESTEREOSCOPIO MIGNON (apparelho com 12 vistas **300** *reis)*

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
Sto AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

RUA GARRETT (Chiado)

RAMIRO LEÃO & C.ª

Fatos para meninos

Dos proprios depoimentos dos seus freguezes tem esta casa recolhido a seguinte impressão: — *é a unica no paiz que possue o verdadeiro gosto e a verdadeira arte para a confecção de fatos para meninos.*

Todos os fatinhos sahidos d'esta casa teem um *cachet* especial e inconfundivel, como se fossem genuinas creações de Londres e Paris. Está n'isto o motivo porque a casa **Ramiro Leão & C.ª** é preferida a qualquer outra pela nossa sociedade elegante.

Vestidos para meninas

Vêr os vestidos para meninas executados n'esta casa, é apprehender a nota exacta do que lá fóra se faz de mais distincto e melhor. As mais difficeis creações estrangeiras são reproduzidas com a maior fidelidade e correcção nos seus *ateliers*, onde o bom gosto de uma habil modista acciona de modo a imprimir a todas as obras um verdadeiro cunho de elegancia.

A casa **Ramiro Leão & C.ª** é seguramente a unica no paiz que possue todos os elementos para corresponder cabalmente ás multiplas exigencias da moda das creanças.

GAFANHOTO

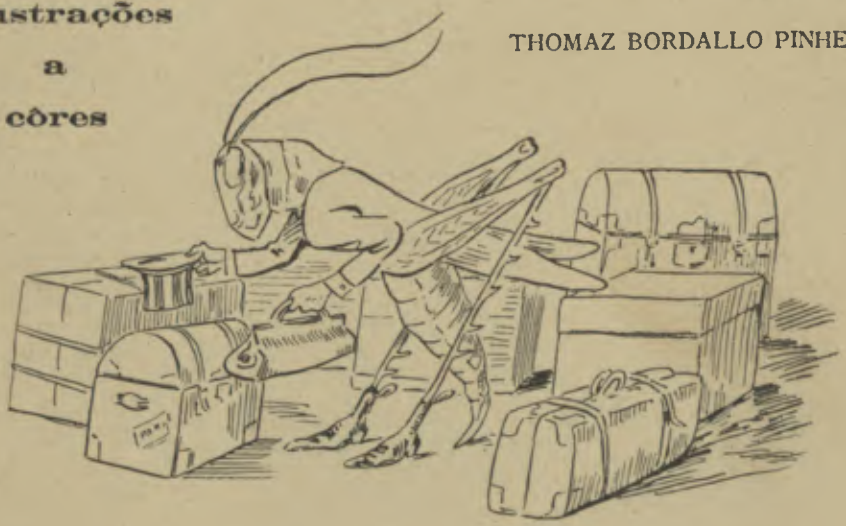
QUINZENARIO PARA CREANÇAS

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Illustrações a côres



SUMMARIO

O Moleque.—A Cigarra e a Formiga.—Caixa de surprezas.— Garrett. — A nau Cathrineta, — Ronda das fadas.

N.º 4

LIVRARIA FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74 — LISBOA

LIVRARIA FERIN

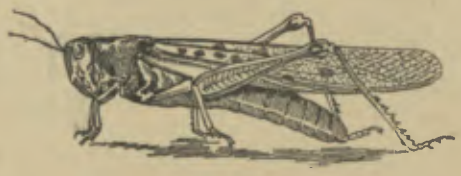
Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700



QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

LISBOA

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Pariz, confecções elegantes.

Preços modicos

Retrozaria e Rouparia

MARTINS

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças.

105, R. N. do Almada, 107

LISBOA

ARANHA & C.ª

272, RUA AUGUSTA, 276

Encontram-se
n'este estabelecimento
um variado
e completo sortimento de vestidos
para meninas, copiados
dos modelos
mais elegantes
de Pariz e Londres

Fatos completos para meninos

DE TODAS AS EDADES

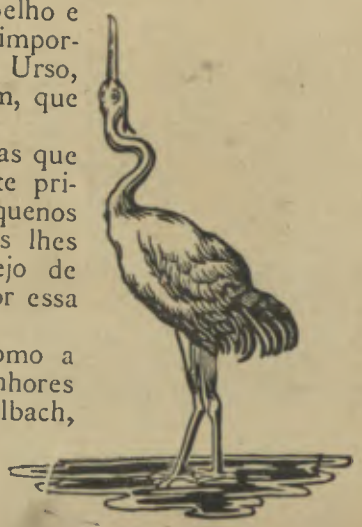
O GAFANHOTO

AOS SEUS LEITORES

Já sabem que O GAFANHOTO tem corrido Seca e Meca, segundo resa o seu hymno, e não ha recanto do mundo que elle não conheça a palmos. Pouco a pouco irão vendo as historias maravilhosas que elle trouxe de todos os paizes, da China, da India, da Persia, do Japão, até dos sertões da Africa. Segredaram-lh'as aos ouvidos os bichinhos e as flores de la, escutou-as da bocca dos homens, tão interessantes e graciosas, tão desconhecidas na nossa terra, que nem as proprias pessoas crescidas resistirão aos seus encantos.

A verdade d'isto mostra-se já n'este numero. Imaginem que, lá para o sul dos Estados Unidos da America, conheceu O GAFANHOTO um preto muito velho, com a carapinha já muito branca, mas conservando de memoria lindas historietas que contava aos filhos de seu amo. Chamavam a esse preto o Tio Remo, e o heroe de quasi todos esses contos era, como verão, um coelho espertalhão e engraçado, conhecido entre a bicharia pelo nome do Mano Coelho. Essas historias, ao passo que o Tio Remo as contava, ia-as ouvindo O GAFANHOTO, escondido nas hervas. Tão notaveis ellas são que um escriptor americano, chamado Harris, as reuniu n'um livro, o qual teve uma grande voga n'aquellas terras, não só entre meninas e meninos da edade dos nossos queridos leitores, como até entre as pessoas gradas, embora ellas tenham certo acanhamento de o confessar.

Ora é uma d'essas deliciosas historietas que O GAFANHOTO lhes apresenta já n'este numero, promettendo outras muitas colhidas na mesma fonte, se acaso esta lhes agradar tanto como elle espera. Serão entremeiadas com outras de varios paizes, para dar uma grande variedade ao jornalsinho. Nas bonitas estampas que as acompanham, irão os leitoresinhos seguindo todas as extraordinarias peripecias da vida de Mano Coelho e os dares e tomares que teve com todas as personagens importantes da bicharia, Mano Raposo, Mano Lobo, Mano Urso, Mano Kágado, etc., e até mesmo com o Senhor Homem, que tambem figura nos contos.



Tomem muito sentido n'estas e nas outras historias que O GAFANHOTO vae publicando. Em acabando este primeiro semestre, haverá uma votação entre os nossos pequenos assignantes para nos dizerem qual a historia que mais lhes agradou. O GAFANHOTO, com o seu grande desejo de saltar ao gosto dos seus bons leitores, regular-se-ha por essa votacão para se orientar nos semestres seguintes.

Tambem de eminentes escriptores portuguezes, como a ex.ma sr.a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho e os senhores Conde d'Arnoso, D. João da Camara, Eduardo Schwalbach, João Saraiva, e outros muitos, tem O GAFANHOTO gratas promessas da proxima collaboração.

E' novidade esta que alegrará com certeza os nossos pequenos leitores.

O Moleque

Um bello dia, Mano Raposo agarrou n'uma porção de breu, misturou-o com agua-raz, e untou com essa mistela um espantalho, a que elle chamou o Moleque. Vae depois, pespegou o espantalho no meio do caminho, e agachou-se n'uma sebe, á cóca do que iria succeder.

Não tardou muito que por alli passasse Mano Coelho, com todo o seu ripanso. E Mano Raposo, sempre á mira.

Assim que Mano Coelho deu de cara com o Moleque, levantou-se nas patinhas trazeiras, como quem fica estarrecido. O Moleque, esse ficou firme como uma rocha, e Mano Raposo, á espreita sempre.

—«Ora viva lá!» disse Mano Coelho. «Que linda manhã, hein?»

O espantalho, moita! já se deixa vêr, e o Raposo a gozar.

— «Então como vae a saúdinha?» perguntou o Coelho.

O Raposo piscou o olho, e não tugiu nem mugiu. E o Moleque, nem palavra.

— «Que historia é esta? Você é mudo?» disse Mano Coelho. «Se é, diga lá, que eu grito mais alto.»

O espantalho nem boliu, e menos ainda o Raposo.

— «Ah! você teima?» diz o Coelho. «Pois eu o vou curar da birra, olé se vou!»

Mano Raposo riu-se para dentro, ao passo que o Moleque não dizia uma nem duas.

— «Ah! elle é isso? Pois eu já te ensino a ser bem creado, e a tratar com gente fina!» diz Mano Coelho. «Se você não tira o chapeu e não me pergunta como eu passei, vae vêr uma bruxa comigo.»

Mas, por mais que elle berrasse, o espantalho continuou mudo como um peixe. Vae Mano Coelho levanta a pata, e zás! assenta-lhe um murro mesmo no meio da bochecha. Já se deixa vêr, ficou-lhe a mão pegada ao breu. Mas o espantalho não deu signal de si, nem Mano Raposo tão pouco.

— «Se você não me larga, eu ferro-lhe outra bolacha!» diz Mano Coelho.

E se bem o disse, melhor o fez. Mas a outra mão ficou-lhe pegada, tal qual como a primeira.

O Moleque nem pio, e Mano Raposo a amolar por detraz da sebe.

— «Largue-me, seu maroto, senão abro-lhe a barriga aos pontapés!» disse Mano Coelho.

Mas como o Moleque embirrava em não dar resposta, Mano Coelho perdeu com a tal manobra o movimento dos pés. E vae, gritou já muito fulo:

— «Espera ahi, que vou dar comtigo em terra á força de marradas!»

De feito marrou, d'onde lhe resultou ficar com a cabeça tambem pegada ao breu.

Vae senão quando, salta Mano Raposo detraz da sebe, como se não fosse nada com elle, e diz assim:

—«Viva, mano Coelho, como passou? A modo que você esta manhã parece que está de pedra!»

E rebolou-se pelo chão, a rir, a rir como um perdido.

Mas levantou-se logo, e disse assim:

—«Ora graças! até que o pilhei, Mano Coelho! Quer-me parecer que d'esta não escapa você! Tudo era andar aos pinotes e ás cabriolas por esses campos, que até parece que você se julgava rei do mundo inteiro! E sempre a metter o nariz onde não era chamado! Quem é que o mandou a você intrometter-se com o Moleque? E quem é que o prendeu na ratoeira? Ninguem, que eu o saiba. Você mesmo é que se entalou. sem ninguem metter p'r'ahi prégo nem estopa. E agora, meu amigo, ahi está pregado de pés e mãos, e ahi ficará até que eu lhe ponha por baixo uma pilha de lenha e lhe deite fogo. Porque não sei se sabe que o vou assar, não tarda nada.»

Disse, e Mano Coelho começou a dar á lingua com muita humildade.

—«Faça o Mano Raposo de mim o que lhe aprouver», disse elle, «comtanto que não ferre comigo em cima d'aquellas silvas. Torre-me á vontade, mas lá atirar-me para o silvado, isso é que não, Mano Raposo!»

—«Isto de accender uma fogueira é uma maçada da bréca!» disse o Raposo. «Nada! o melhor é enforcal-o!»

—«Pois enforque-me, sim! o mais alto que quizer!» respondeu o Coelho. «Mas pelo amor de Deus, não me deite para cima das silvas.»

—«O peior é que me falta a corda», disse Mano Raposo. «O melhor que eu tenho a fazer, afinal de contas, é afogal-o!»

—«Vá lá isso! afogue-me, Mano Raposo!» diz o Coelho. «Mas lá p'r'as silvas, isso é que nunca!»

— «O rio fica longe», diz o Raposo, «não ha remedio senão esfolal-o!»

— «É isso! esfole-me, Mano Raposo!» replica o Coelho. «Pode vasar-me os olhos, arrancar-me as orelhas pela raiz, espatifar-me as pernas; mas por favor, Mano Raposo, nada de me atirar ao silvado!»

Ora, como o Raposo o que queria era apoquentar Mano Coelho o mais que ser podesse, agarrou n'elle pelas pernas trazeiras, e zumba! chapou-o mesmo no meio das silvas. Ouviu-se uma rastolhada no silvado, e Mano Raposo tudo era estar de olho á mira para ver o que ia acontecer.

Vae senão quando, ouve alguem chamar por elle. E dá com os olhos no Mano Coelho, lá muito ao longe, no alto da collina, sentado de pernas cruzadas n'um madeiro, limpando o breu da cabeça com um cavaco. Foi então que Mano Raposo percebeu que fôra logrado, e ouviu Mano Coelho a gritar:

— «Nas silvas é que eu nasci, Mano Raposo, nas silvas me criei, Mano Raposo.»

E com isto, desatou a correr, aos pulos, aos pulos, e desappareceu que nem um relampago.

A CIGARRA E A FORMIGA

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o verão,
Achou-se em penuria extrema
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarella
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto d'ella.

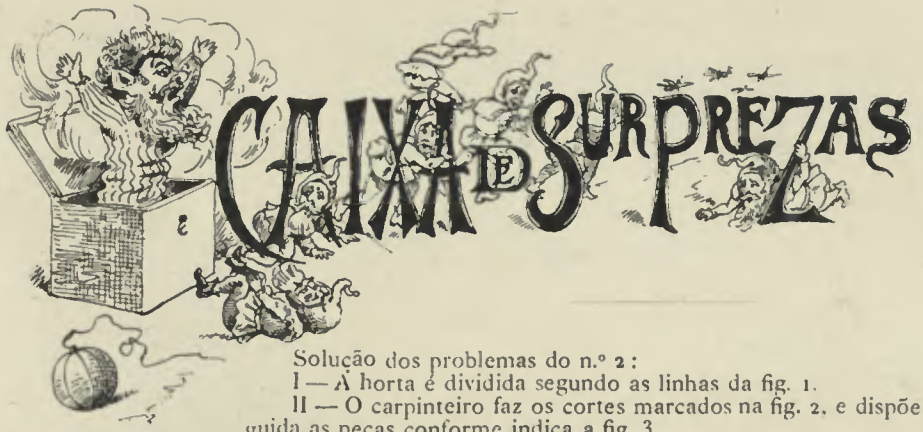
Rogou-lhe que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza e brio,
Algum grão com que manter-se
Té voltar o acceso estio.

«Amiga, — diz a cigarra —
Prometto, á fé d'animal,
Pagar-vos antes de agosto
Os juros e o principal.»

A formiga nunca empresta,
Nunca dá, por isso junta.
«No verão em que lidavas?»
Á pedinte ella pergunta.

Responde a outra: «Eu cantava
Noite e dia, a toda a hora.»
— «Oh! bravo! — torna a formiga; —
Cantavas? Pois dança agora!»

BOCAGE.



Solução dos problemas do n.º 2:

I — A horta é dividida segundo as linhas da fig. 1.

II — O carpinteiro faz os cortes marcados na fig. 2, e dispõe em seguida as peças conforme indica a fig. 3.

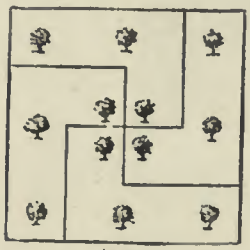


Fig. 1

III — Tirados os phosphoros, ficam os quadrados como indica a fig. 4; mas ha outras soluções que nos foram enviadas e tivemos em consideração.

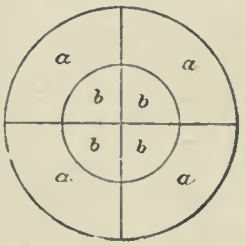


Fig. 2

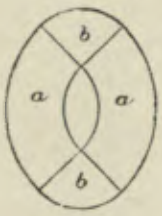


Fig. 3.

IV — O quadrado forma-se, entre outras maneiras, como está indicado na fig. 5.

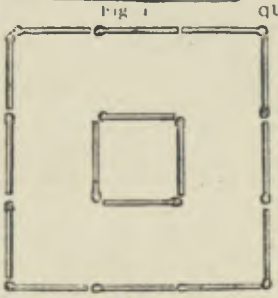


Fig. 4

Fig. 5

Nenhum dos nossos pequenos assignantes conseguiu decifrar todos os problemas do n.º 2. Segue a lista dos que mandaram decifrações, com a indicação dos problemas que adivinharam:

Alberto de Portugal Corrêa de Lacerda (3.º) — D. Amelia Stromp Casqueiro (3.º) — Antonio Bello (3.º e 4.º) — Antonio Cardoso Bossa (2.º e 4.º) — Antonio de Vasconcellos (3.º e 4.º) — D. Elvira Ferreira de Mesquita (2.º, 3.º e 4.º) — Francisco Lampreia (3.º) — D. Iréne Rolin Geraldes Barba (2.º, 3.º e 4.º) — José Antunes Monteiro (3.º e 4.º) — José da Costa Leal (3.º) — José Luiz Valdez de Moura Borges (1.º e 3.º) — Luiz Alberto Miranda da Costa (3.º e 4.º) — D. Margarida d'Albuquerque Saraiva (4.º) — D. Sarah da Rocha Sarsfield (4.º).

Um azeiteiro tem na sua almotolia apenas 7 decilitros de azeite, e leva duas medidas, uma de 5, outra de 2 decilitros. Apparece um freguez que lhe pede 3 decilitros. O pobre homem coça a cabeça, sem saber porque maneira lh'os ha de medir. E lá está ainda á espera de que o ensinem. Serão os leitores capazes de o tirar d'este embaraço?

O GAFANHOTO inaugura muito jubilosamente a collaboração dos seus pequenos assignantes com as seguintes

Tres perguntas. — 1.ª Qual é a palavra cujo significado se come ou se cheira conforme se lê da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda?

2.ª Qual é a cidade que, escripta ao contrario, significa um sentimento que todos os meninos consagram a seus paes?

3.ª Quaes são as duas lettras do alphabeto que, escriptas duas vezes alternadamente, formam uma palavra que póde designar pessoa que muito estimamos, outra que muito respeitamos, ou alimento de que gostamos?

IRÉNE ROLIN GERALDES BARBA.

GARRETT

Este grande poeta portuguez merece todas as honras que, quasi cincoenta annos depois da sua morte, lhe foram ha pouco prestadas. Elle escreveu muitos livros, que contribuiram para a gloria da nossa patria. Quando o theatro portuguez estava em grande abatimento, elle deu-lhe novo impulso, não só com as suas peças, uma das quaes, o *Fr. Luiz de Sousa*, é uma obra prima, mas tambem com a sua actividade e a sua influencia. Foi tambem um orador muito notavel. Além dos seus poemas e das suas poesias soltas, onde se encontram trechos primorosos, escreveu Garrett varios romances e as *Viagens na minha terra*, que é um livro encantador pela graça e pela belleza da linguagem.

Um dos seus trabalhos mais importantes foi reunir em volumes muitos contos em verso que andavam de bocca em bocca entre o povo. A essa collecção chamou elle *Romanceiro*, e d'ella extrahimos a linda historia da *Nau Cathrineta*. Por esta fórma nos associamos ás festas que em honra d'elle acabam de fazer-se, e buscamos firmar no espirito dos pequenos leitores o nome d'esse grande escriptor, que é uma das mais brilhantes glorias de Portugal.

A NAU CATHRINETA

Lá vem a nau Cathrineta
Que tem muito que contar!
Ouvide, agora, senhores,
Uma historia de pasmar.

Passava mais de anno e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitam sola de molho
Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija,
Que a nao poderam tragar.
Deitaram sortes á ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi cahir a sorte
No capitão general.

— «Sobe, sobe, marujinho,
Áquelle mastro real,
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal.»
— «Não vejo terras d'Hespanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar.»
— «Acima, acima, gageiro,
Acima ao tope real!
Olha se enxergas Hespanha,
Areias de Portugal.»
— «Alviçaras, capitão,
Meu capitão general!
Já vejo terras d'Hespanha,
Areias de Portugal.
Mais enxergo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a cozer,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar!»
— «Todas tres são minhas filhas,
Oh! quem m'as dera abraçar!
A mais formosa de todas
Comtigo a heide casar!»
— «A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar!»
— «Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas contar.»
— «Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.»
— «Dou-te o meu cavallo branco,
Que nunca houve outro egual.»
— «Guardai o vosso cavallo,
Que vos custou a ensinar.»
— «Dar te-hei a nau Cathrineta,
Para n'ella navegar.»
— «Não quero a nau Cathrineta,
Que a não sei governar.»
— «Que queres tu, meu gageiro.
Que alviçaras te heide dar?»
— «Capitão, quero a tua alma
Para commigo a levar.»
— «Renego de ti, demonio,
Que me estavas a attentar!
A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao mar.»

Tomou-o um anjo nos braços,
Não n'o deixou affogar.
Deu um estouro o demonio,
Acalmaram vento e mar:
E á noite a nau Cathrineta
Estava em terra a varar.

RONDA DAS FADAS

Co'as azitas de mosquitos,
Volteiam fadas em festa
Em redor dos pequenitos,
Desgarrados na floresta.

Os pequenitos, pasmados,
Vêem bichos, depressinha,
Correr de todos os lados,
Fazendo a côrte á Rainha.

E sob as flores dos campos,
Os geniosinhos, attentos,
Ao clarão dos pyrilampos,
Tangem os seus instrumentos.

E no meio d'esta dansa,
Os pequenos, encantados,
Até perdem a lembrança
Da mãe, cheia de cuidados.

Ramiro Leão & C.ª

Fatos para meninos

Aproveitamos uma linda collecção de figurinos, reproduzindo os modelos de maior novidade para a presente estação, relativamente ás edades de 3 a 8 annos, para os quaes chamamos a attenção da nossa freguezia.

N.º 192 — Fato de casimira, cabeção de cambraia ou piqué e cinto de couro.

De 3 a 4 annos: 7:800 e 10:000.

De 5 a 6 annos: 8:300 e 10:700.

N.º 193 — Fato de casimira ou flanella, cabeção de pique com ájours, gravata e cinto de seda, collete e mangas com bordados a seda.

De 5 a 6 annos: 8:500 e 10:800.

De 6 a 7 annos: 9:000 e 11:300.

N.º 194 — Fato de casimira cabeção e punhos de cambraia ou piqué, enfeitados a rendas, frente idem e cinto de couro.

De 3 a 4 annos: 7:300 e 9:700.

De 5 a 6 annos: 8:000 e 10:300.

N.º 195 — Fato de casimira, cabeção de cambraia ou piqué, enfeitado a rendas a ájour, collete de piqué branco.

De 6 a 7 annos: 7:700 e 10:000.

De 7 a 8 annos: 8:200 e 11:000.

N.º 196 — Fato de casimira, frente enfeitada e bordado ou renda, cabeção idem, em piqué ou cambraia, cinto de couro.

De 3 a 4 annos: 7:600 e 9:800.

De 5 a 6 annos: 8:000 e 10:200.

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

O melhor livro para as creanças e a

ARVORE DE NATAL

Historias por Zuzarte de Mendonça, com uma carta, prefacio do Conego Senna Freitas.

Preço 200 réis

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158 — RUA DA PRATA — 160

Santos & Magalhães

Papelaria e artigos para collegios

10, RUA DA PRATA, 12 — LISBOA

Nova Sapataria da Moda

GRANDE SORTIMENTO DE CALÇADO

EM TODOS OS GENEROS

Especialidade em calçado de luxo pelos ultimos modelos

Exportação para o Reino, Africa e Brazil

PREÇOS RESUMIDOS

Victor Gomes & Pedroso

106, Rua Augusta, 108

61, Rua de S. Nicolau, 65

LISBOA

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

COLLEGIO DE EDUCAÇÃO DE MENINAS

DE

Madame Ranjel Baptista

As classes de linguas são dirigidas por professoras estrangeiras.

Rua Rodrigo da Fonseca, 17, 2.º

LISBOA

ROUPARIA DA MODA

DE

Severino Sant'Anna

162, Rua Augusta, 164

(Proximo á esquina da R. da Victoria)

Completo e variado sortimento em fazendas
e roupas brancas,
vestidos expostos para creanças, enxovaes para noivas,
noivos, baptisados e collegiados.
Montagem de hoteis,
restaurants, cafés e casas particulares
E' a casa mais bem montada
que n'este genero se encontra em Lisboa
e que mais vantagens offerece

Preços fixos

A. Assis Camillo

121, Rua da Conceição, 123

Lisboa

Bijouterias, perfumarias, botões,
alfinetes, fitas, galões, rendas etc.
Bordados começados, riscados e debuxos,
Talagarças brancas e de côres
Filozelle e froco de todas as grossuras
Agulhas de todas as qualidades
Lãs, algodões e outros preparos para costura

OBRAS COMPLETAS

DE

ALMEIDA GARRETT

Grande edição popular,
esplendidamente illustrada com gravuras de pagina, in-4.º maximo
prefaciada, revista e redigida
pelo erudito professor do Curso Superior de Lettras
Dr. THEOPHILO BBAGA

60 réis cada fasciculo

As obras ficam completas em 2 volumes de 8 a 10 tomos

Tomo, 300 réis

O 1.º tomo, á venda em todas as livrarias

Pedidos á

Empreza da Historia de Portugal

LIVRARIA MODERNA, Rua Augusta, 95

LISBOA

·GAFANHOTO·

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES

A

CÔRES

N.º 5

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

SUMMARIO

Bons dias! — Delicadezas do Tótó. —
Brio de Nuno Alvares.
— O rato camponio e o rato cidadão. —
— Estampa muda do n.º 2. —
Caixa de surprezas (decifrações e problemas novos).
— As fadas das flores.

LIVRARIA FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74 — LISBOA

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br.	700 cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br.	700 cart.	900
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br.	200 cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br.	400 cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br.	400 cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br.	400 cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br.	500 cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			300

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
Sto AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

LISBOA

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

Retrozaria e Rouparia

MARTINS

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças.

105, R. N. do Almada, 107

LISBOA

LIVRARIA FERREIRA

SUCCESSORES

Ferreira & Oliveira

132, 134, R. do Ouro, 136, 138

LISBOA

N'este antigo e acreditado estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças.

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Pariz e Londesr.

Fatos completos para meninos

De todas as edades

O GAFANHOTO

AOS SEUS LEITORES

Vae-se espalhando entre as creanças portuguezas, por uma fórma para nós captivante, a reputação d'O GAFANHOTO. O lindo bichinho distende as pernas como se fossem de molas, abre as azas transparentes, e já começa a saltar para todos os pontos de Portugal. Mas não se assustem, que elle, em vez de levar comsigo a devastação e a ruina, como os seus collegas da Beira e do Alemtejo, leva pelo contrario alegria ao coração dos pequenos, e enche de bons conhecimentos as suas encantadoras cabecinhas. Que não esmoreça o enthusiasmo dos leitores, já manifestado por tantas fórmas differentes, e o GAFANHOTO saberá cumprir á risca as suas promessas, melhorando constantemente e tornando-se tão necessario ás creanças como os livrinhos do collegio ou como os brinquedos, que tudo, sciencia e alegria, são elementos indispensaveis para a saude d'essas almas que desabrocham.

No começo do trimestre proximo, com o numero 7, é provavel que algum melhoramento se realise já no jornalsinho. E á medida que se fôr accentuando, como até ao presente, a boa acceitação d'O GAFANHOTO, elle não deixará de se ataviar cada vez mais para se tornar agradavel aos seus amiguinhos. Está tambem da parte d'elles corresponderem com a sua influencia de modo que o numero de assignantes e de leitores augmente sempre, afim de que o GAFANHOTO possa dasafogadamente entrar no caminho dos melhoramentos.

O GAFANHOTO não se cansa de agradecer as bellas referencias que constantemente lhe são feitas pelos collegas da imprensa séria.

Uma advertencia renova O GAFANHOTO com respeito ás correspondencias que lhe são dirigidas sobre assumptos de redacção, sobretudo ácerca da

CAIXA DE SURPREZAS

É de que os seus correspondentes não incluam no mesmo sobrescripto soluções relativas a mais de um numero, ou assumptos referentes a diversas secções. Como a correspondencia do GAFANHOTO augmenta a olhos vistos, é necessario ter este cuidado para evitar confusões no expediente. Seria mesmo de toda a vantagem, para a simplificação do trabalho, que os nossos amaveis correspondentes se déssem ao trabalho de indicar por fóra dos sobrescriptos os assumptos sobre que versa a sua correspondencia, como por exemplo: *soluções do n.º tantos, adivinhações, estampa muda do n.º tantos, etc.*

E O GAFANHOTO acaba por lhes agradecer de novo, com muita effusão, o brilho que os seus assignantes lhe têem dado.

O GAFANHOTO
N.º 5 — JUNHO DE 1903
LIVRARIA FERIN

Horas de estudo

Meninas e rapazitos,
Aos joguinhos e aos bonitos
Dae de mão!
Q'reis ser homens e senhoras?
Pois trabalhae, que são horas
Da lição!

Horas de recreio

Rapazinhos e meninas,
Chegam as horas divinas
De folgar!
Tem direito á festa e ao brinco
Quem se vota com afinco
A estudar.

Horas de dormir

São horas de ir para a cama,
João Pestana vos chama,
Noite é já!
Quem de dia corre tanto,
De um somninho doce e santo
Gozará!

Fulana

EXERCICIO D'AGUARELLA

ESTUDO RECREIO DORMIR

Horas de estudo

Meninas e rapazitos,
Aos joguinhos e aos bonitos
Dae de mão!
Q'reis ser homens e senhoras?
Pois trabalhae, que são horas
Da lição!

Horas de recreio

Rapazinhos e meninas,
Chegam as horas divinas
De folgar!
Tem direito á festa e ao brinco
Quem se vota com afinco
A estudar.

Horas de dormir

São horas de ir para a cama,
João Pestana vos chama,
Noite é já!
Quem de dia corre tanto,
De um somninho doce e santo
Gozará!

BONS DIAS!

DELICADEZAS DO TOTÓ

De um cãosinho lindo e meigo como eu sou, parece que toda a gente deveria gostar. De feito, com todos me dou bem, até com o gatinho cá de casa, que chega a lamber-me com a sua linguasita muito aspera a ponto de me fazer arrepios.

Das creanças então não falemos! Essas morrem positivamente por mim. Não se fartam de me dar holos e de brincar comigo. E tambem, ninguem imagina as moquenquices com que eu lhes agradeço.

Mas o que eu não sou capaz de perceber, é o motivo por que a creada, a Rosaria, embirra tanto com a minha pessoa. E não é que eu me tenha poupado a esforços para lhe ser agradavel. Até uma vez desmanchei um chapeu que ella tinha, muito feio, e deixei a casa juncada de plumas e de flores para ella passar por cima. Pois querem saber? Ficou furiosa, a creatura Ora vão lá entendel-a!

Hontem tirei-me dos meus cuidados, e decidi fazer um grande sacrificio para ella ficar minha amiga. Imaginem que eu tinha enterrado no jardim um rico osso de carneiro, com muita carninha ainda que esbrugar. Vae eu, desci ao jardim, na mira de o tirar da cova. Mas, como o jardineiro tinha plantado umas flores n'aquelle sitio, custou-me a dar com ella. Vejam por isto as difficuldades que eu tive para apanhar o meu osso! Mas consegui-o afinal. Estava uma delicia! E emquanto o levava entre dentes, a caminho de casa, não pude ter-me que não o lambesse de quando em quando.

Bem. Corri para o quarto da Rosaria, saltei para cima da cama, e sentei-me a parafusar na maneira de lhe fazer uma alegre surpreza. Notei com muita satisfacção que ella devia perceber immediatamente quem lh'a fazia, graças aos signaes de lama que os meus pés—quatro, nem menos! — tinham deixado nos lençoes e no travesseiro.

Mas onde havia eu de pôr o osso, para que a surpresa tivesse mais graça? Ah! acertei! Na mala, que a Rosaria deixára aberta. Dirigi-me para a mala, e puxei para fóra uns aventaes, umas camisas e um vestido, afim de melhor esconder o meu osso. Mas do que não fui capaz foi de arrumar tudo outra vez como estava, porque a roupa enrolava-se-me toda á roda do corpo. Deixal-o! A cousa não ficava mal arranjada. E muito satisfeito, escondi-me debaixo da cama, á espera da rapariga.

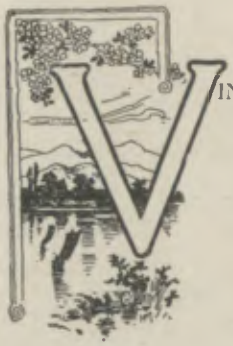
Que contente ella ia ficar, quando viesse deitar-se! Que de festas havia de fazer-me, apenas me visse apparecer, a pular e a agitar a cauda! Provavelmente, havia de chamar-me para ao pé de si, e haviamos de tasquinhar de sociedade o apetitoso ossinho! Que rico banquete, hein!

Assim pensava eu, á espera, á espera, muito sorrateiro... até que appareceu a Rosaria!

Pois, senhores! Vão ficar pasmados! Imaginem que, em vez de se alegrar, ficou zangada como eu nunca a tinha visto! Nem mesmo n'aquella tarde em que eu dei cabo de tres chicaras, de dois copos e de quatro guardanapos, sempre na intenção de a distrahir! Fiquei a tremer como varas verdes, ao vêr aquella furia, e não pude ter-me que não chorasse alto. Então ella deu por mim, e berrou n'uma voz que me fez arripiar o pello:— «Cá está o patife!»

Não quiz ouvir mais. Galguei pela escada abaixo como um foguete, e pareceu-me que o ar estava cheio de botas, de escovas, de pentes, de chinellos, de cousas que me zurziam. Quando cheguei á porta do jardim, senti bater-me no lombo um objecto que me fez vêr as estrellas. Era o meu osso, que a Rosaria me tinha atirado. Coitada! É maluca, mas sequer ao menos portou-se com generosidade! Podia tel-o guardado para si, mas não quiz deixar de me dar aquella consolação.

Ora agora, expliquem-me as meninas e os meninos o motivo d'aquella furia! E por tudo quanto ha, indiquem-me o meio de fazer as pazes com a rapariga. Faz-me tanta pena que ella esteja mal comigo! Que lhes parece! Se eu lhe arranjasse um bello ratinho, muito gordinho, e lh'o mettesse na cama! Hein! Que dizem a isto?



Brio de Nuno Alvares

VINDO a Elvas o rei de Castella, D. João I, por occasião das suas bodas com a infanta portugueza D. Beatriz, alli lhe offereceram um grande banquete, a que assistiram muitos fidalgos de ambos os paizes.

Ora para este banquete tinham sido convidados Nuno Alvares Pereira, que foi depois condestavel e um dos grandes heroes de Portugal, e seu irmão Fernão Pereira. Quando elles entraram na sala, viram as mesas já cheias de convivas e occupados os logares que lhes competiam.

Então Nuno Alvares, embora fosse ainda muito moço, ficou irritadissimo, e disse para o irmão:

— «Visto que tão pouco nos prezam, o melhor é irmos para casa. Mas antes d'isso, quero zombar de quem quiz zombar de nós.»

N'isto, chegou-se á mesa onde devia sentar-se, e derribou-a sem dizer palavra. E sahiu muito descansadamente da sala, acompanhado pelo irmão, deixando todos espantados de tamanha audacia.

O rei de Castella, que tudo isto vira com grande pasmo, perguntou que homens eram aquelles e o motivo porque haviam procedido d'aquella fórma. E quando lh'o explicaram, approvou-os, accrescentando estas palavras, cuja verdade elle proprio devia mais tarde experimentar em Aljubarrota:

— «Quem assim se resente das offensas feitas á sua dignidade, mostra que para muito mais é seu coração.»

O Rato Camponio e Rato Cidadão

Um rato do campo vinha
Á cidade visitar
Um seu compadre alfacinha,
Que o convidou p'ra jantar.

N'um riquissimo tapete,
Em que os dois 'stavam sentados,
Serviu-se um lauto banquete,
Caça, vinho, até gelados!

Com que prazer dão ao dente!
Mas no meio do serviço,
Eis que á porta, de repente,
Se ouve um certo reboliço.

Cheio de susto, se esgueira
O dono da casa logo;
Segue o saloio na esteira,
Dando ás de Villa-Diogo.

Mas, quando o barulho cessa,
A meza volta o alfacinha,
Dizendo: «Amigo, depressa
«Vamos á bella gallinha!»

«Nada! «replica o labrego,»
«Dispenso todo este luxo,
«Mesmo pobre, com socego,
«Eu prefiro encher o bucho.

«Falta-me o rico petisco
«Na minha meza, bem sei,
«Mas como ao menos, sem risco
«De gritar: aqui d'el-rei!

«Á minha casa modesta
«Vae tu jantar, e verás!
«Arrelio de uma festa
«Que não se goze com paz!»

ESTAMPA MUDA

Do n.º 2

Emquanto as naus S. Gabriel, S. Raphael, Berrio e outra com mantimentos se balouçavam, majestosas, sobre as aguas do Tejo, aguardando o embarque de Vasco da Gama, o povo, parentes e amigos, que o acompanharam em procissão desde a ermida do Restello até ao caes, lamentavam a sorte dos arrojados navegadores, mal pensando que, no regresso, teriam de saudar o heroe de um dos mais brilhantes factos da nossa historia, o descobrimento do caminho maritimo para a India, e do mais bello poema do mundo — os *Luziadas!*

Oh! como o meu coração, apezar de pequeno, pulsaria de enthusiasmo, se eu tivesse vivido n'aquella epocha e podesse ter dito ao Rei, apontando os que assim serviam a patria:

E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

P. S.— Estes versos foram copiados dos *Luziadas*, de Camões, um pequeno volume que o Papá nos deu ha mezes, a mim e aos manos, para lermos.

Irene Rolin Geraldes Barba

(10 annos)

Filho de Estevão da Gama e de D. Isabel Sodré nasceu D. Vasco em 1469, e tinha apenas 28 annos quando el-rei D. Manuel o chamou para dirigir a esquadra, que enviava a descobrir o caminho maritimo para a India. Foi no dia 28 de Julho de 1497 que sahiu a esquadra do porto de Lisboa para ir atravez mil perigos, cortando as ondas falsas e traidoras, que ora humildes beijam a fina e dourada areia da praia, ora espumantes de raiva se quebram contra os navios, buscar uma nova gloria para Portugal. Era D. Vasco da Gama o homem audacioso que a commandava, era o que se aventurava a atravessar as vagas encapelladas dos mares africanos, e a esquivar-se habilmente aos ardis preparados pelos moiros. A 20 de Maio de 1498 chegava a Calecut. Estava pois resolvido o grande problema. D. Manuel porém olvidou segundo o costume aquelle a quem tanto devia, e nunca o escolheu para governar a India. Mas D. João III recompensou o esquecimento, nomeando-o vice rei d'esses estados.

Vasco da Gama, homem d'animo inquebrantavel, cuja fronte se cinge d'immorredoura gloria, acceita as saudações d'uma humilde filha de Portugal, que ama extraordinariamente esse cantinho do mundo tão ameno e aprazivel, a sua adorada patria.

Maria Antonia Quaresma d'Almeida e Val do Rio

(12 annos)

O GAFANHOTO consigna com alegria a recepção de um grande numero de exercicios de redacção feitos sobre a estampa muda. É um bello resultado do nosso primeiro concurso, no qual, como se vae vêr, cabe a maior honra ás meninas, que d'esta vez venceram os concorrentes do sexo forte.

Com effeito, os dois melhores themas, que acima publicamos, foram escriptos pelas duas meninas, cujos retratos vão junto, como honra ao seu infantil talento. A ambas pertence egualmente esta gloria, assim como os premios que no começo do segundo trimestre lhes serão distribuidos.

As duas menções honrosas, merecem-nos a menina **ELLEN THORN** (12 annos), e o menino **LUIZ ALBERTO MIRANDA DA COSTA** (9 annos).

Entre os restantes concorrentes, ha alguns themas dignos de apreço; mas, segundo as condições do concurso, o **Gafanhoto** não póde fazer mais menções honrosas. Espera que elles não esmoreçam, e que nos seguintes concursos se desforrarão brilhantemente.

Caixa de surprezas

Decifradores do n.º 3:

Alberto de Portugal Correia de Lacerda (1.º e 2.º) — Carlos Freire de Andrade (1.º e 2.º) — Carlos Macieira de Rezende (1.º) — D. Carlota Arrobas Vieira (1.º e 2.º) — D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º e 2.º) — D. Emma Adelaide Peres (1.º) — Francisco de Lemos Macedo Santos (1.º) — D. Irene Rolin Geraldes Barba (1.º) — Luciano Ribeiro (1.º e 2.º) — D. Lucia Andressen Costa (1.º) — Luiz Alberto Miranda da Costa (1.º) — D. Margarida d'Albuquerque Saraiva (1.º) — D. Maria Anna de Lencastre Ferrão Castello Branco (1.º) — D. Maria Celeste da Rocha Soares Barbara (2.º) — D. Maria da Graça Iglesia Vianna (2.º) — D. Maria Rozalina V. Pinto Coelho (1.º) — D. Maria Thereza Almeida Castello Branco (1.º) — D. Rozina Aurelia da Motta Araujo Leite Maciel (1.º e 2.º).

Decifrações:

1.º A vendedeira tinha 40 laranjas.
2.º A cruz forma-se como se vê na figura.

I — São 5 quadrados, formados por palitos ou phosphoros e divididos ao meio.
Tirar 8 palitos e formar o nome d'um trem.

L. F.

II — Um barqueiro precisa passar da margem direita para a margem esquerda de um rio um lobo, uma cabra e uma canastra de couves. O barco é tão pequeno que, além do barqueiro, só lá cabe um dos animaes ou o cabaz. Não quer deixar o lobo sósinho com a cabra, porque dava cabo d'ella n'um momento; nem a cabra á solta com as couves para que ella não as engula. Como ha de sahir então d'esta difficuldade ?

III — Um menino de 12 annos tem o seu papá de 45. Quando é que o pae terá tres vezes a edade do menino ?

IV — Um jardim tem de comprido o triplo da largura. Se tivessse mais um metro em cada uma das dimensões, a superficie augmentaria 149 metros quadrados. Quaes são as suas dimensões ?

AS FADAS DAS FLORES

Uma linda manhã de maio, andava a pequenita Maria pelo campo a colher flores para levar um bello ramalhete a sua mãe

Como lhe faltavam flores azues para o matizar, lembrou-se de que á beira de um regato proximo crescia uma grande porção de myosotes, que são aquellas flores a que os extrangeiros costumam dar nas suas linguas o lindo nome de «Não te esqueças de mim !»

A pequena Maria completou com ellas o seu formoso ramo, e, como estava cançadita, apeteceu-lhe sentar-se á fresca, vendo a agua muito limpa a brincar por cima dos seixos brancos.

Vae senão quando, ouviu uma vozinha muito fina e muito suave, que lhe dizia assim :

— «Menina, gosta de brincos de ouro ?»

Olhou em roda, e viu uma dama muito miudinha e muito bonita, toda vestida de amarello, com uma corôa de ouro na cabeça, de pé em cima de uma florsinha dourada.

Maria arregalou os olhinhos com pasmo ; mas como era muito bem educada, replicou :

— «Gosto, sim, minha senhora Diz-me o seu nome, faz favor ?»

— «Chamo-me a Fada Amarella,» respondeu a senhorita, «e sou rainha dos botões de ouro, dos malmequeres, das giestas, de todas as flores amarellas, em summa. Olhe !» continuou ella, «ahi veem as minhas manas, a Fada Vermelha e a Fada Azul.»

A pequena Maria viu então outras duas damasinhas que avançavam, uma vestida toda de vermelho, e a outra toda de azul.

— «Muito bons dias, minhas senhoras !» disse ella com a maior delicadeza.

— «Bons dias, menina !» disse a Fada Vermelha. «Eu cá vivo no meio das papoulas, e todas as flôres encarnadas e côr de rosa são minhas subditas: as papoulas, as madre-silvas, as rosas bravas, um rôr d'ellas, emfim.»

— «Pois eu,» disse a Fada Azul, «sou senhora das flores de borragem, das campainhas, das myosotes, das congossas, de todas as lindas flores azues que nascem por esses campos.»

— «Estimo muito conhecel-as, minhas senhoras,» redarguiu Maria. «Acho-as muito bonitas e muito interessantes, mas são horas de ir para casa. E então, adeus, até outro dia.»

— «Nós vamos acompanhal-a, minha menina,» disseram então as fadas.

E de feito, com grande espanto da pequenita, saltaram para as flores que ella tinha na mão, e aninharam-se gentilmente no calice d'ellas: a Vermelha n'uma papoula, a Amarella n'um botão de rosa, a Azul n'uma myosote. Maria dirigiu-se para casa, levando-as na mão sem dar pelo seu peso, e de caminho iam ellas cantando a seguinte cantiga:

Nunca maltrateis as flores,
Que são presente de Deus
Deram-lhe os anjos as côres,
Vem-lhe o perfume dos ceus.
P'ra que os olhos da gente deleitem,
Mandou Deus que as florinhas se enfeitem,
Envergando os vestidos tafues,
Amarellos, vermelhos, azues.

Creanças! sêde bemvindas
Aos nossos campos louçãös.
Vinde, entre cousas tão lindas,
Escolher a plenas mãos.
P'ra que os olhos da gente deleitem,
Mandou Deus que as florinhas se enfeitem,
Envergando os vestidos tafues,
Amarellos, vermelhos, azues.

Temos no rico thesouro
Joias de todo o matiz:
Muita prata, minas de ouro,
Saphiras, perlas, rubis.
P'ra que os olhos da gente deleitem,
Mandou Deus que as florinhas se enfeitem.
Envergando os vestidos tafues,
Amarellos, vermelhos, azues.

Ramiro Leão & C.ª

Fatos para meninos

Aproveitamos uma linda collecção de figurinos, reproduzindo os modelos de maior novidade para a presente estação, relativamente ás edades de 3 a 8 annos, para os quaes chamamos a attenção da nossa freguezia.

N.º 192 — Fato de casimira, cabeção de cambraia ou piqué e cinto de couro.

De 3 a 4 annos: 7:800 e 10:000.

De 5 a 6 annos: 8:300 e 10:700.

N.º 193 — Fato de casimira ou flanella, cabeção de piqué com ajours, gravata e cinto de seda, collete e mangas com bordados a seda.

De 5 a 6 annos: 8:500 e 10:800.

De 6 a 7 annos: 9:000 e 11:300.

N.º 194 — Fato de casimira cabeção e punhos de cambraia ou piqué, enfeitados a rendas, frente idem e cinto de couro.

De 3 a 4 annos: 7:300 e 9:700.

De 5 a 6 annos: 8:000 e 10:300.

N.º 195 — Fato de casimira, cabeção de cambraia ou piqué, enfeitado a rendas a ájour, collete de piqué branco.

De 6 a 7 annos: 7:700 e 10:000.

De 7 a 8 annos: 8:200 e 11:000.

N.º 196 — Fato de casimira, frente enfeitada e bordado ou renda, cabeção idem, em piqué ou cambraia, cinto de couro.

De 3 a 4 annos: 7:600 e 9:800.

De 5 a 6 annos: 8:000 e 10:200.

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa • Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

COLLEGIO DE EDUCAÇÃO DE MENINAS

DE

Madame Ranjel Baptista

As classes de linguas são dirigidas por professoras estrangeiras.

Rua Rodrigo da Fonseca, 17, 2.º

LISBOA

ROUPARIA DA MODA

DE

Severino Sant'Anna

162, Rua Augusta, 164

(Proximo á esquina da R. da Victoria)

Completo e variado sortimento em fazendas
e roupas brancas,
vestidos expostos para creanças, enxovaes para noivas,
noivos, baptisados e collegiados.
Montagem de hoteis,
restaurants, cafés e casas particulares
E' a casa mais bem montada
que n'este genero se encontra em Lisboa
e que mais vantagens offerece

Preços fixos

Debuchos para bordar

BORDADOS COMEÇADOS

FILLOSELLES

FILLOFLOSSES

Troças, Lãs, Linhos e Algodões

DAVID (SOBRINHO)

R. N. DO ALMADA, 76

A. Assis Camillo

121, Rua da Conceição, 123

Lisboa

Bijouterias, perfumarias, botões,
alfinetes, fitas, galões, rendas etc.
Bordados começados, riscados e debuxos,
Talagarças brancas e de côres
Filozelle e froco de todas as grossuras
Agulhas de todas as qualidades
Lãs, algodões e outros preparos para costura

O melhor livro para as creanças é a

ARVORE DE NATAL

Historias por Zuzarte de Mendonça, com uma carta, prefacio do Conego Senna Freitas.

Preço 200 réis

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158 — RUA DA PRATA — 160

Santos & Magalhães

Papelaria e artigos para collegios

10, RUA DA PRATA, 12 — LISBOA

Nova Sapataria da Moda

GRANDE SORTIMENTO DE CALÇADO

EM TODOS OS GENEROS

Especialidade em calçado de luxo pelos ultimos modelos

Exportação para o Reino, Africa e Brazil

PREÇOS RESUMIDOS

Victor Gomes & Pedroso

106, Rua Augusta, 108

61, Rua de S. Nicolau, 65

LISBOA

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

ALMEIDA GARRETT

Grande edição popular,
esplendidamente illustrada com gravuras de pagina, in-4.° maximo
prefaciada, revista e redigida
pelo erudito professor do Curso Superior de Lettras
Dr. THEOPHILO BBAGA

60 réis cada fasciculo

As obras ficam completas em 2 volumes de 8 a 10 tomos

Tomo, 300 réis

O 1.° tomo, á venda em todas as livrarias

Pedidos á

Empreza da Historia de Portugal

LIVRARIA MODERNA, Rua Augusta, 95

LXSBOA.

GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CORES

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

N.º 6

SUMMARIO

O Lago das Pedrarias (conto chinez)
O Flautista — A lenda dos tres rios (lenda popular)
Estampa muda
— Caixa de surprezas (decifrações e problemas novos) —
O urso e os dois amigos

LIVRARIA FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74 — LISBOA

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			300

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

ROUPARIA DA MODA

DE

Severino Sant'Anna

162, Rua Augusta, 164

(Proximo á esquina da R. da Victoria)

Completo e variado sortimento em fazendas
e roupas brancas,
vestidos expostos para creanças, enxovaes para noivas,
noivos, baptisados e collegiados.
Montagem de hoteis,
restaurants, cafés e casas particulares
E' a casa mais bem montada
que n'este genero se encontra em Lisboa
e que mais vantagens offerece

Preços fixos

COLLEGIO DE EDUCAÇÃO DE MENINAS

DE

Madame Ranjel Baptista

As classes de linguas são dirigidas por professoras estrangeiras.

Rua Rodrigo da Fonseca, 17, 2.º

LISBOA

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Ouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

IN VINO VERITAS

Marca registada

Ferradayres

Medalha de ouro

Paris 1900

R. do Alecrim, 47, Lisboa

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças.
Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

Ao findar o seu primeiro trimestre, O GAFANHOTO, no intento de se aperfeiçoar constantemente e de corresponder assim á sympathia publica, precisa alargar o seu campo de acção.

Para isso offerece d'ora ávante a todas as pessoas que por elle queiram interessar-se, um

BONUS

em livros adquiridos na livraria Ferin, *bonus* equivalente a

10 POR CENTO

sobre a importancia das assignaturas alcançadas por sua influencia, qualquer que seja o numero d'essas assignaturas.

As pessoas, que desejem aproveitar-se d'esta vantagem, queiram remetter a lista das assignaturas, devidas á sua benevola agencia, á direcção do GAFANHOTO

Livraria Ferin

70—Rua Nova do Almada—74

LISBOA

E, apenas se realise a importancia d'essas assignaturas, ser-lhes-ha facultado o beneficio que annunciamos.

Escusamos de encarecer o valor excepcional d'este *bonus*, que a um agente activo poderá proporcionar um largo fornecimento de livros, de instrucção ou de recreio, á sua escolha.

N. B. — Fica entendido que, sendo este *bonus* um premio ao zelo espontaneo da agencia, não entra em conta para a percentagem a assignatura *pessoal* do agente.

EXPEDIENTE

O GAFANHOTO pede a todos os seus estimaveis assignantes, cuja assignatura finda com o presente numero, o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas novas assignaturas no mais curto praso, afim de não soffrerem interrupção na remessa do jornal, dirigindo-se á administração — Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

O Lago das Pedrarias

CONTO CHINEZ

EM tempos que já lá vão — ha tantos annos que ainda não eram nascidos os bisavós dos nossos bisavos — vivia na cidade de Kuen-lu um rapazinho chinez chamado Pi Hang.

O pae e a mae morriam por elle, e faziam quanto podiam para o defenderem do poder dos espiritos maus, que n'esse tempo eram tantos como praga por toda a China. É claro que tambem havia genios bons, mas a maior parte era dos ruins, e por isso é que a mãe de Pi-Hang andava sempre a acautelar-se contra elles..

Ora é sabido que esses espiritos maus nunca se chegam a qualquer chinezinho que tenha uma fita de seda vermelha entrançada no rabicho, ou que use um cordão de prata ao pescoço.

E nenhum ha, por mais atrevido que seja, que não tenha um medo enorme de uma rede de pesca.

A mãe de Pi-Hang fez-lhe uma camisinha de uma velha rede de pesca, para elle usar sobre a pelle, e tinha muito cuidado em lhe entretecer no rabicho a fita do mais vivo escarlate que podia topar.

Tambem não se descuidava de lhe mandar rapar a cabeça segundo todos os preceitos e de lhe deixar uma trunfasinha espetada no sitio em que melhor sina lhe podia dar.

Com todas estas cautelas, foi Pi-Hang crescendo, são e escorreito, até passar de creança a rapazinho, e de rapazinho a rapagão, alentado e gentil que era um gosto vel-o. Deixou-se de usar a camisola de rede, mas conservou sempre o cordão de prata ao pescoço e a fita encarnada no rabicho.

— «Pi-Hang já chegou a edade de aprender cousas», disse uma vez o pae. «Tem que ir fazer os seus estudos com algum sabio da capital, e saber o que vae por esse mundo.»

E mandou com effeito o rapaz para a capital da China, uma grande cidade que se chamava Chang-ngan, e confiou-o ao maior lettrado que então havia lá.

E assim foi Pi-Hang aprendendo o que ia pelo mundo, e muitas outras cousas mais.

Quando chegou aos dezoito annos, tirou a fita encarnada do rabicho e o cordão de prata do pescoço; porque as pessoas crescidas não teem precisão nenhuma de feitiços para se protegerem. Protejam-se a si, que é o melhor.

Tinha elle vinte annos, quando o mestre lhe disse que não tinha mais que lhe ensinar.

— «O que tens a fazer agora», disse elle, «é voltar para casa, e alegrar a velhice de teus paes.»

Disse isto com muita tristeza, porque Pi-Hang era o seu discipulo dilecto.

— «Visto isso, mestre, parto ámanhã», replicou Pi-Hang. «Saio da cidade pela Ponte de Ouro.»

— «Nao faças tal!» exclamou o lettrado. «Vae antes pela Ponte de Anil, e lá encontrarás a tua futura mulher.»

OFF. PHOTOMECHANICA - LISBOA

— «Nem tal cousa me passava pela ideia!» redarguiu Pi-Hang com indifferença.

O mestre piscou os olhos, e desatou a rir.

— «Pois olha!» disse elle. «Em tu a vendo, estou que não terás outra cousa na ideia.»

Estava um calor de abrazar, e Pi-Hang devia partir logo de madrugada. Mas, como tinha passado a noite em claro, a estudar nos seus livros, pegou no somno ao romper d'alva, e a dormir passou as horas frescas da manhã.

Quando acordou, o sol dardejava nas ruas, e a cidade parecia um forno.

No emtanto, Pi-Hang pegou no seu cajado e poz-se a caminho, para não faltar á promessa, que já tinha feito a seus paes, de partir n'aquelle dia.

— «Em chegando á Ponte de Anil, descanço um pedaço, e continuo a caminhar pela fresca da tarde», disse elle como os seus botões.

Mas na ponte deixou-se outra vez adormecer, de moido que estava pelas muitas noites que tinha passado em claro.

E appareceu-lhe em sonhos uma rapariga esbelta e muito formosa, que lhe mostrou o pé direito, á roda do qual estava atado um cordel vermelho.

— «Que quer dizer isso?» perguntou Pi-Hang, que a custo podia desviar os olhos da linda cara da rapariga para lhe reparar no pé.

— «E que quer dizer tambem esse cordel vermelho atado ao teu pé?» replicou ella.

Então é que Pi-Hang reparou que o seu pé estava ligado ao da rapariga pelo mesmo cordel encarnado.

— «Ouvi dizer a minha mãe,» disse elle, «que, quando nasce um rapaz, a Fada da Lua ata um cordel vermelho, invisivel, ao seu pé direito, e a outra ponta do cordel ao pé da menina com quem elle ha de casar.»

— «É isso mesmo!» disse a rapariga. «E esse cordel é invisivel para quem está desperto. Ora agora, quero dizer-te o meu nome, e vê se te lembras d'elle quando o tornares a ouvir. Eu chamo-me Yun-Ying.»

— «Pois o meu nome é...» ia elle a dizer.

Mas Yun-Ying interrompeu-o a sorrir:

— «Ah! o teu já eu sei! e tudo o mais que te diz respeito.»

Com isto ficou Pi-Yang muito espantado; mas não tinha grande razão para isso. Não havia ninguem na capital que não soubesse que Pi-Hang era o discipulo mais querido, mais gentil e mais sabio do lettrado mais sabio da cidade.

E Yun-Ying morava nos arredores da cidade, e tinha visto vezes sem conto Pi-Hang a passar pelas ruas, com os livros debaixo do braço.

Quando Pi-Hang acordou, viu que effectivamente nem tinha nenhum cordel atado ao pé, nem olhava para elle uma linda rapariga.

— «Isto, afinal de contas, não passará de sonho, ou terá alguma cousa de verdade?» pensou elle.

Mas Yun-Ying existia deveras. E a mãe, que sabia artes magicas, tinha-lhe dado o condão de entrar pelos sonhos das pessoas, e sahir d'elles todas as vezes que muito bem lhe approuvesse.

Pi-Hang levantou-se e continuou na sua jornada, sem que se lhe varresse da cabeça a lembrança de Yun-Ying.

Fazia ainda muito calor, e o rapaz morria de sede. Chegou-se a uma velha que estava sentada á porta de uma choupana, e pediu-lhe uma gota de agua.

A velha gritou logo para a filha que enchesse o melhor copo com agua fresquinha da mina, e que o trouxesse ao forasteiro. Mal a rapariga appareceu, Pi-Hang reconheceu com grande espanto que era Yun-Ying em pessoa.

— «Ora esta!» exclamou elle. «Pensava eu que nunca mais a tornaria a ver, e vae senão quando encontro-a n'um relance.»

— «Então o meu nome qual é?» perguntou ella a rir.

— «Yun-Ying», respondeu Pi Hang. «Yun-Ying, Yun-Ying», repetiu elle cantarolando, tal qual como o tinha já feito pelo caminho, como se aquelle nome fosse para elle uma musica.

Yun-Ying vestia uma cabaia azul, enfeitada de lindas flores, que ella propria havia bordado. Estava á porta da choupana, com a cabeça abrigada por um pecegueiro em flor, formando um quadro tão delicioso de mocidade e de belleza, que Pi-Hang ficara deveras extasiado.

— «Quem é o senhor? E d'onde conhece a minha filha?» perguntou a velha, encarando-o com a mão sobre os olhos, por via do sol.

E quando Pi-Hang lhe contou a historia do sonho e do cordel vermelho, e quando lhe disse que queria casar com a rapariga, a velha não pareceu nada contente.

— «Se eu tivesse duas filhas,» resmungou ella, «dava-lhe uma com muito gosto».

Com effeito, Pi-Hang não era mau partido. Os paes tinham de seu, e elle era filho unico.

Mas Yun-Ying era lindissima, e havia na capital um mandarim que andava morto por casar com ella.

— «É certo que elle tem quatro vezes a edade da pequena», dizia a mãe, explicando tudo isto a Pi-Hang, «mas é podre de rico. A louça d'elle é toda de ouro, e até dizem que os copos são de ouro com diamantes engastados.»

— «É velho e encarquilnado, tal qual um macaquinho pardo,» disse Yun-Ying. «Eu quero lá casar com semelhante mono! De mais a mais, a fada da Lua não atou o meu pé ao d'elle.»

— «Não atou, lá isso é verdade!» suspirou a mãe.

A vontade d'ella era mandar Pi-Hang tratar de outro officio, mas, como os pés dos dois tinham sido com effeito atados com o cordelinho vermelho, o caso era mais intrincado.

— «Entre cá dentro,» disse ella por fim.» Vamos a vêr o que posso prometter-lhe.»

O interior da choupana rescendia a hervas, as quaes juncavam o chão. Em cima de um mocho, no meio dacasa, estava um almofariz e um pilão, ambos quebrados.

— «Aqui», disse a mãe de Yun-Ying, «é que eu costumo moer as drogas que os espiritos me dão de presente. Mas gral e mão de gral, tudo está partido. Preciso outros novos.»

— «Isso compra-se já na cidade,» replicou Pi-Hang.

— «Qual historia! Isto que aqui vê é tudo esmeralda. Outros assim só apanha quem fôr á residencia dos Genios, que fica n'um monte sobranceiro ao Lago das Pedrarias. Se o senhor fôr capaz de m'os trazer de lá, casa com Yun-Ying.»

— «Pois está dito!» exclamou Pi-Hang depois de reflectir um momento. «Mas antes d'isso quero ir ver meus paes.»

O rapaz não tinha a menor ideia do sitio onde ficava a tal casa dos Genios. Yun-Ying levou-o ao jardim, e mostrou-lhe, lá muito ao longe, muito ao longe, uma enfiada de montes cobertos de neve, com um pico muito alto que se aprumava no meio.

Esta historia continúa d'aqui a quinze dias!
Ainda bem!

O Flautista

I

Por notas de musica
Thomé se finava,
E os dias passava
Tocando flautim.
Por mais que na angustia
A gente se estorça,
Thomé com mais força
Prosegue o motim.

II

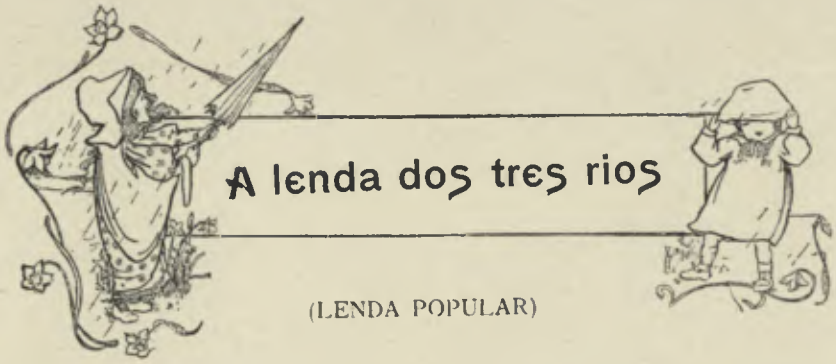
Tijolos atiram-lhe,
Com ancia esperneam,
Com agua o baldêam,
Thomé. . nem assim!
Por mais alvoroto
Que se erga na rua,
Thomé continua
Soprando o flautim.

III

Visinhos, moidos
De tanta inferneira,
Á tropa guerreira
Recorrem por fim.
Acodem policias,
Acodem soldados,
Canhões assestados
Contra esse flautim.

IV

Thomé condemnado
Lá vae, muito quedo.
Chorar no degredo,
Com seu langotim.
Porém no deserto
Que o sol vivo escalda.
Não perde elle a balda,
E assopra o flautim.



A lenda dos tres rios

(LENDA POPULAR)

Eram tres rios irmãos,
Foram á serra dormir;
O primeiro que acordasse
Devia logo partir.
Acordou o *Guadiana*,
E como tinha vagar,
Escolheu varzeas e campos,
Veiu descendo p'ra o mar.
O *Tejo* foi o segundo,
E não conhecendo a estrada,
Largou-se quasi a direito
Dos altos da cumeada.
Acordou depois o *Douro*,
E ao ver-se ali sósinho,
Atirou-se monte abaixo,
Sem escolher o caminho.
Vieram todos andando
Até á costa chegar..
Tiveram sorte bem triste:
Morreram todos no mar.

J. Braz d'Oliveira.

ESTAMPA MUDA

Lá que conhecem este bichinho que lhes apresentamos, isso é certo e mais que certo. Ora agora o que nós queremos é que nos enviem um artiguinho, de vinte linhas o maximo, descrevendo-o nos seus pormenores zoologicos, contando os seus habitos e manhas, narrando qualquer historieta ou anedocta que a proposito d'elle lhes occorra, etc.

Será premiado o artiguinho que á sua exactidão scientifica e correcção litteraria, reunir mais interesse e mais pittoresco.

Só serão admittidos como concorrentes os assignantes que continuarem ou renovarem as suas assignaturas de 1 de Julho em deante. As demais condições são as mesmas do concurso aberto no n.º 2.

A obra, meninas e rapazinhos! Vamos a vêr quem merece os louvores do *Gafanhoto*... e quem mais de perto o conhece!

CAIXA DE SURPREZAS

Decifrações do n.º 4:

I — A fórma mais simples de resolver as difficuldades do azeiteiro é encher a medida de 5 decilitros, depois despejar d'ella o que cabe na de 2 decilitros, ficando portanto os 3 que se desejam. Ha outras fórmas que os nossos decifradores encontraram, e que tivemos em attenção.

II — (1.ª pergunta) *Amora* e *aroma*.

III — (2.ª pergunta) *Roma* e *amor*.

IV — (3.ª pergunta) As letras *P* e *a*, que, repetidas alternadamente, formam as palavras *Papá*, *Papa* (o Summo Pontifice) e *Papa* (comida).

Decifradores do n.º 4:

Abilio Nunes dos Santos (1.º, 3.º e 4.º—Alberto de Portugal Corrêa de Lacerda (1.º, 2.º, 3.º e 4.º)—Amalia Stromp Casqueiro (1.º, 3.º e 4.º) — Antonio Maria d'Andrade e Sousa (1.º) — Carlos Guilherme Nunes Ferreira (1.º, 3.º e 4.º) — Carlos Macieira de Rezende (1.º, 3.º e 4.º) Carlos Ribeiro (3.º e 4.º) — Carlota Arrobas Vieira (1.º, 2.º, 3.º e 4.º)—Celina de Magalhães Tavares Bastos (1.º, 3.º e 4.º)—Ellen Thorn (1.º, 3.º e 4.º)—Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º e 4.º) — Emma Adelaide Peres (1.º, 2.º, 3.º e 4.º) — Francisco Lampreia (1.º, 2.º e 3.º) — Francisco Lemos Macedo Santos (1.º, 2.º, 3.º e 4.º) — Graça (1.º, 2.º e 3.º) — Guilherme Arthur de Sousa (1.º) — Iréne Rolin Geraldes Barba (1.º) — João Faria de Sousa (2.º, 3.º e 4.º) — João Nunes d'Almeida e Brito (3.º e 4.º) — José Luiz Valdez Moura Borges (1.º, 2.º 3.º e 4.º) Menino Julio (1.º) — L. F. (1.º, 3.º e 4.º) — Libanio do Carmo Marques (1.º, 2.º e 4.º) — Luciano Ribeiro (1.º, 2.º, 3.º e 4.º) — Luiz Alberto Miranda da Costa (1.º, 2.º, 3.º e 4.º)—D. Manuel da Costa (Mesquitella) (1.º, 3.º e 4.º) — Margarida Albuquerque Saraiva (1.º, 2.º, 3.º e 4.º) — Maria Alice do Calvario (1.º, 2.º, 3.º e 4.º) — Maria Amelia Bacellar (1.º, 3.º e 4.º) — Maria Celeste da Rocha Soares Barbosa (1.º, 2.º, 3.º e 4.º) — Maria Constança Miranda de Castro (1.º) — Maria Joanna Sant'Anna (3.º e 4.º) — Maria Rosalina V. Pinto Coelho (1.º, 2.º, 3.º e 4.º) — Maria Thereza d'Almeida Castello Branco (2.º, 3.º, e 4.º) — Maria Thereza de Lencastre Ferrão (1.º, 3.º e 4.º) — Mario Santos Pato (1.º) — Mario Sousa d'Almeida (1.º, 2.º e 4.º) — Mario Tavares de Carvalho (1.º) — Paulo Cinatti Keil (2.º, 3.º e 4.º) — Rozina Aurelia da Motta Araujo Leite Maciel (1.º, 2.º, 3.º e 4.º) — Ruy Dique Valdez (1.º) — Sarah Pimentel (1.º, 3.º e 4.º) — Vera Quin (1.º, 2.º 3.º e 4.º).

No numero anterior deveria mencionar-se, como decifradora do 1.º problema do numero 3, a menina Elvira Ferreira de Mesquita, que encontrou uma solução justa, comquanto não fosse exactamente a apresentada no GAFANHOTO.

PROBLEMAS NOVOS

I — Havendo cinco pequenos quadrados de cartão, todos de tamanho egual, como é que hão de cortar-se, de modo que com os pedaços que ficam se possa formar um só quadrado grande?

II — Quantos tostões tem vocemecê ahi na bolsa? perguntou um curioso a um saloio espertalhão.

Como não estava para lhe responder á lettra, o saloio replicou:

— Olhe! se eu os quizesse repartir por 2 pessoas, por 3, por 4, por 5, ou por 6, sempre me sobejava um. Faça agora a conta, se é capaz.

O curioso então encarregou O GAFANHOTO de consultar os seus leitores. Vamos a vêr que resposta lhe dão.

III — Recompôr os versos seguintes a que faltam as vogaes, e adivinhar a que estancia dos *Lusiadas* pertencem.

P.rq.. .ss.s h.nr.s v..s, .ss. ..r. p.r.,
V.rd.d..r. v.l.r n.. d.. . g.nt. :
M.lh.r . m.r.c.l.s s.m .s t.r,
Q.. p.ss..l.s s.m .s m.r.c.r.

O urso e os dois amigos

Combinaram dois amigos ir á caça de um grande urso que andava por aquellas visinhanças, e começaram logo a deitar contas ao dinheiro que lhes havia de render a pelle do bicho.

Foram para o mato, fazendo um e outro protesto de não desamparar o companheiro, quando o visse em perigo, visto que o animal não era para graças.

Mas o primeiro, que avistou o urso ainda longe, não esteve com meias medidas. Marinhou logo por uma arvore acima, sem se importar com o amigo.

Este, que não era tão desembaraçado, ficou sem pinga de sangue. Mas, lembrando-se de que os ursos embirram com carne morta, tomou o expediente de se deitar no chão, fingindo-se defunto.

O urso chegou-se a elle, mirou-o primeiro, depois cheirou-o, virou-o e revirou-o, tornou a farejar, e por fim foi-se embora sem lhe fazer mal.

Apenas o viu já distante, o que estava encarrapitado desce do poleiro, e vem ajudar o amigo a levantar-se.

— «Safa ! que não ganhámos p'r'o susto !» exclama elle.

— «Ganhei eu !» acode o outro, ainda branco de poeira e de medo.

— «Ganhaste, o quê ?» diz o primeiro rindo. «Querem ver que o urso te disse algum segredo ao ouvido ?»

— «Olé se disse ! e bem valioso, por signal !»

— «Então que foi, homem ?»

— «Foi isto : que nem contasse com amigos na occasião do perigo, nem com a pelle no lombo do urso. Dou-me por bem pago do susto com a excellencia do conselho.»

RETRATOS

INSTANTANEOS

GRUPOS

E

AMPLIAÇÕES

Vistas

E

Reproducções

Todos os dias

O melhor livro para as creanças é a

ARVORE DE NATAL

Historias por Zuzarte de Mendonça, com uma carta, prefacio do Conego Senna Freitas.

Preço 200 réis

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158 — RUA DA PRATA — 160

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Dezcentos

para revender

Approvados como hygienicos por distinctos medicos.

Caixa | 40 réis

Aromatisam extinguem o mau halito e desinfectam.

Vende-se nas pastellarias, lojas de chá e mercearias.

DEPOSITO

PERFUMARIA BALSEMÃO

141, Rua dos Retroseiros — LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Univrsal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º

(á P. Luiz de Camões)

LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

A. Assis Camillo

121, Rua da Conceição, 123

Lisboa

Bijouterias, perfumarias, botões,
alfinetes, fitas, galões, rendas etc.
Bordados começados, riscados e debuxos,
Talagarças brancas e de côres
Filozelle e froco de todas as grossuras
Agulhas de todas as qualidades
Lãs, algodões e outros preparos para costura

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e compleio sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

Fatos completos para meninos de todas as edades.

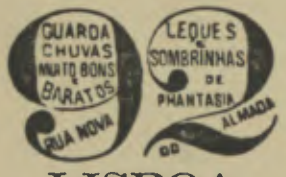
FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS.

Contem o leite puro das vaccas suissas.

ALBINO J. BAPTISTA



LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79, Rua do Alecrim, 79

Atlas Jogo de Paciencia

Para creanças aprenderem Geographia Geral como divertimento

LIVRARIA FERIN

OBRAS COMPLETAS

DE

ALMEIDA GARRETT

Grande edição popular,
esplendidamente illustrada com gravuras de pagina, in-4.º maximo
prefaciada, revista e redigida
pelo erudito professor do Curso Superior de Lettras
Dr. THEOPHILO BRAGA

60 réis cada fasciculo

As obras ficam completas em 2 volumes de 8 a 10 tomos

Tomo, 300 réis

O 1.º tomo, á venda em todas as livrarias

Pedidos á

Empreza da Historia de Portugal

LIVRARIA MODERNA, Rua Augusta, 95

LISBOA

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA
48, Rua Nova do Almada, 50
LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107
LISBOA

RAMRIO LEÃO & C.ª

VESTIDOS PARA MENINAS

O nosso atelier de vestidos para meninas é sobejamente conhecido como sendo o unico no paiz que está montado em condições de poder satisfazer a todas as variadas exigencias da moda das creanças.

De facto todos os vestidos executados em nossa se distinguem facilmente por um *cachet* de feminina elegancia que só encontra similar nos grandes centros da moda estrangeira.

Além das numerosas encommendas que temos continuamente em exécução, a nossa casa apresenta sempre um sortimento lindissimo de vestidos em todos os feitios e para todas as edades.

RUA GARRETT

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CORES

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.° 7

JOÃO PESTANA

A GATA INTRIGANTE — CAIXA DE SURPREZAS

(decifrações e problemas novos)

O PIÃO E A PELA — UM CARACOL EM ANCIAS

O LAGO DAS PEDRARIAS (continuação)

LIVRARIA FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74

LISBOA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS.—

Contem o leite puro das vaccas suissas.

ALBINO J. BAPTISTA

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79, Rua do Alecrim, 79

LIVRARIA FERIN

Atlas Jogo de Paciencia

Para creanças apprenderem Geographia Geral como divertimento

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para menino de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
Sto AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

Ao findar o seu primeiro trimestre, O GAFANHOTO, no intento de se aperfeiçoar constantemente e de corresponder assim á sympathia publica, precisa alargar o seu campo de acção.

Para isso offerece d'ora ávante a todas as pessoas que por elle queiram interessar-se, um

BONUS

em livros adquiridos na livraria Ferin, *bonus* equivalente a

10 POR CENTO

sobre a importancia das assignaturas alcançadas por sua influencia, qualquer que seja o numero d'essas assignaturas.

As pessoas, que desejem aproveitar-se d'esta vantagem, queiram remetter a lista das assignaturas, devidas á sua benevola agencia, á direcção do GAFANHOTO

Livraria Ferin

70—Rua Nova do Almada—74

LISBOA

E, apenas se realise a importancia d'essas assignaturas, ser-lhes-ha facultado o beneficio que annunciamos.

Escusamos de encarecer o valor excepcional d'este *bonus*, que a um agente activo poderá proporcionar um largo fornecimento de livros, de instrucção ou de recreio, á sua escolha.

N. B. — Fica entendido que, sendo este *bonus* um premio ao zelo espontaneo da agencia, não entra em conta para a percentagem a assignatura *pessoal* do agente.

EXPEDIENTE

O GAFANHOTO pede a todos os seus estimaveis assignantes, cuja assignatura findou com o passado numero, o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas novas assignaturas no mais curto praso, afim de não soffrerem interrupção na remessa do jornal, dirigindo-se á administração — Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

João Pestana

Não ha no mundo quem saiba mais historias do que o velhote do João Pestana. Isso é que é desfiar historias!

É á noite, quando os meninos estão sentadinhos á roda da meza, que chega o João Pestana. Trepa com pés de lã pela escada acima; abre a porta muito de mansinho, e vem muito sorrateiro escorrer uma gotinha de leite em cima dos olhos dos meninos — pim! uma gotinha só, muito pequenina, mas basta isso para elles não poderem abrir os olhos; e é por isso que nunca são capazes de lhe pôr a vista em cima.

Vae ao depois, esgueira-se para detraz d'elles, e começa a assoprar-lhes muito devagarinho as farripinhas da nuca. Está bem de vêr que não lhes faz mal. Isso sim! Se elle morre por creanças! Só o que elle quer é vel-os socegadinhos. E quando é que elles estão mais quietinhos, senão quando estão na cama? E então, quando lá os apanha, então é que é contar historias!

Em os meninos estando vae não vae a adormecer, senta-se o João Pestana em cima da camita. Vestido a primor, olé se está! O seu casaco de seda... a côr é que não se sabe bem, porque ora parece verde, ora vermelha, ora azul, conforme o lado para que elle se volta. Debaixo de cada um dos braços traz elle um guarda-sol. Um d'elles está todo cheiinho de lindas pinturas: é esse que elle abre sobre as cabecinhas dos meninos bonitos, que é para elles sonharem historias encantadoras pela noite adeante. Mas o outro guarda-sol não tem pinturas nenhumas. Esse desdobra-o elle por cima dos meninos maus, que é para elles dormirem um somno muito pesado, sem um sonhosinho sequer, até pela manhã.

Quasi todos as historias que lhes contamos, foi o João Pestana quem as engendrou. Agradeçam-lhe, meninas e meninos, quando as acharem bonitas!

OFF PHOTOMECHANICA-LISBOA

A GATA INTRIGANTE

No cimo de uma arvore oca
Uma aguia tinha a ninhada;
A meio fazia a toca
Uma gata endiabrada.

A porca no rez do chão
Morava c'os bacorinhos.
E santa paz e uniao
Reinava entre esses visinhos.

Mas eis que uma vez a gata
Co'a aguia vae ter, damninha,
E diz: «Se não se precata,
«'Stamos servidas, visinha!

«Essa porca anda a roer
«Da nossa casa as raizes.
«Se a arvore cae, que ha de ser
«De nós, dos nossos petizes?»

E com modo mui suave,
Olhos em pranto banhados,
Sahiu, deixando a pobre ave
Cheia de angustia e cuidados.

Vae-se á porca, e logo deita
Estes venenos machuchos:
«Cautela! a aguia anda á espreita,
«Tia, dos seus pequerruchos.

«Se os pilha sós de improviso,
«Não tardará que os engula...
«Schiu! Se ella sabe do aviso,
«Comigo é que fica fula!»

E foi-se, e metteu-se em casa,
Deixando as pobres patetas,
Ruladas, mortas, em braza,
Por causa das suas petas.

Nenhuma a sahir se atreve
Em cata do que se come;
E mães e filhos, em breve,
Rebentam todos de fome.

P'r'os seus meninos, em paga,
Teve a gata petisqueira...
Nao ha mais damnad1 praga
Que uma intrigante embusteira!

CAIXA DE SURPREZAS

Decifrações do n.º 5

1.º O nome do trem é COCHE.

2.º O barqueiro passa primeiro a cabra; depois volta a buscar o lobo; passado o lobo, regressa com a cabra á margem direita; passa a canastra das couves; e vem por ultimo buscar de novo a cabra. Tambem pode inverter esta operação, com respeito á passagem do lobo e da canastra.

3.º Passados 4 annos e meio, terá o menino 16 1/2 e o pae 49 1/2, que é o triplo.

4.º O comprimento do jardim é 111 metros, e a sua largura 37.

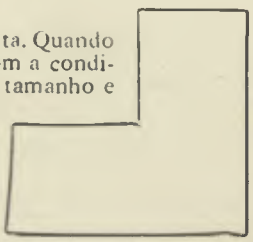
Decifradores:

Alberto de Portugal Corrêa de Lacerda (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — Alberto Ramires dos Reis (4.º) — Alice Nunes Corrêa (1.º, 2.º) — Amelia Aurora Ferreira (2.º) — Antonio de Menezes (1.º, 3.º) — Carlota Arrobas Vieira (1.º 2.º) — Carlos Guilherme Nunes Ferreira (2.º, 4.º) — Carlos Ribeiro (2.º) — Duarte Bessano Garcia (1.º, 2.º, 3.º, 4.º)— Ellen Thorn (2.º, 3.º)— Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — Emma Adelaide Peres (2.º) — Esther Dias Corrêa (2.º) — Fernando Craveiro Lopes (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — Francisco Lampreia (2.º, 3.º, 4.º) — Francisco de Lemos Macedo Santos (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — Francisco Serra Branco (2.º, 3.º) — Guilherme (1.º, 2.º) — Irene Rolin Geraldes Barba (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — João da Silva Carvalho Santos (2.º) — Jose C. Valcez de Moura Borges (2.º) — Luciano Ribeiro (1.º, 2.º, 3.º, 4.º)— Luiz Alberto Miranda da Costa (1.º, 2.º, 3.º)— Luiza e Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 4.º.)— Margarida d'Alquerque Saraiva (2.º, 3.º)— Maria Celeste da Rocha Soares Barbosa (1.º, 2.º — Maria Constança Miranda de Castro (2.º) — Maria da Graça Iglezias Vianna (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — Maria Jeanna Sant'Anna (2.º) — Maria Rozalina V. Pinto Coelho (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — Maria Thereza Lencastre Ferrão (2.º, 3.º, 4.º) — Mario de Moraes Affonso (2.º, 3.º, 4.º,) — Mario dos Santos Pato (2.º, 3.º, 4.º) — Mario Sousa d'Almeida (2.º) — Vera Quim (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).

PROBLEMAS NOVOS

I — Um lavrador tinha uma herdade cuja area era a da figura junta. Quando morreu viu-se no testamento que dividia a herdade por seus 4 filhos, com a condição de que o quinhão de cada um d'elles fosse exactamente do mesmo tamanho e do mesmo feitio.

Como se fez a partilha?



ELVIRA FERREIRA DE MESQUITA.

II — Recebeu-se n'uma casa um presente de maçãs e laranjas, em egual quantidade de cada fructa. O dono da casa distribuiu-as logo pelos filhos. Cada um d'estes recebeu 12 maçãs, e sobejaram 48; cada um d'elles apanhou 15 laranjas, e sobejaram outras 15. Deseja-se saber qual a quantidade das laranjas e das maçãs, e quantos filhos foram os contemplados.

III — Estão baralhadas, mas de uma maneira regular, as seguintes lettras que compõem um proverbio portuguez. Vamos lá a recompôr o proverbio.

N V N B A M E V O
R U O C O D O C O

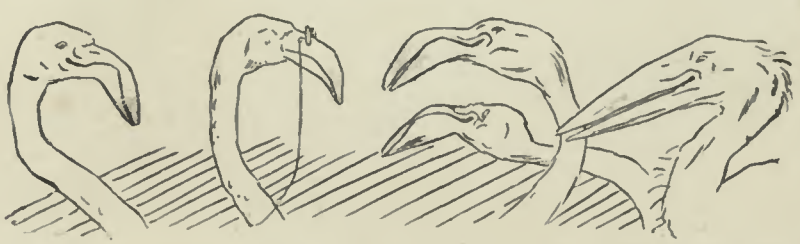
IV — Um carpinteiro tem um sarrafo de madeira de 15 decimetros de comprimento por 3 de largura. Como ha de cortal-o para formar com os pedaços um quadrado perfeito?

V — O director de um collegio é cego, e tem no estabelecimento vinte e quatro alumnos internos. Tem o collegio oito dormitorios, dispostos nos quatro lados de um quadrado, como se vê na figura. Em cada um d'esses dormitorios ficam tres alumnos. O director, que dorme n'um quarto central, A, costuma visitar a miudo os dormitorios, verificando se em cada fila de tres dormitorios existem nove alumnos. Assim julga conhecer se acaso a conta está certa.

3	3	3
3	A	3
3	3	3

Mas os alumnos, que são travessos e espertalhões, arranjaram maneira de o enganar. Primeiro, safaram-se quatro, e, comquanto ficassem só vinte, o director nao deixou de contar nove em cada fila dos tres dormitorios. Depois esses quatro voltaram, trazendo comsigo quatro amigos. E, apesar de estarem vinte e oito pessoas nos dormitorios, o director continuou a contar nove em cada fila. Vieram ainda mais quatro de fóra, perfazendo a conta de trinta e dois, e o resultado foi o mesmo. Outros quatro vieram preencher o numero de trinta e seis, sem que o director desse pelo accrescimo, pois sempre contava nove por cada fila de dormitorios.

Como é que os rapazes fizeram, para illudirem d'este modo o pobre director?



Um Pião e uma Péla estavam ambos n'uma gaveta, junto com outros brinquedos. Disse o Pião á Péla:

— «Visto que estamos aqui sempre juntinhos, não seria melhor casarmos?»

Mas a Péla, que era forrada de marroquim e toda presumida, nem deu resposta a similhante disparate.

No dia seguinte, o rapazito, que era dono dos brinquedos, pintou o Pião de vermelho e amarello, e pregou-lhe no centro um prégo de latão. Era uma belleza, quando o Pião girava!

— «Ora repare, menina!» disse elle á Péla. «Que tal lhe pareço eu agora? Então não sou um noivo catita? Que bello casamento, hein! A menina a pular, e eu a dansar — não havia par mais feliz, com toda a certeza»

— «Deveras, parece-lhe isso?» disse a Péla. «É que talvez não saiba que o Papá e a Maman eram cabinellos de marroquim, e que eu tenho uma rolha dentro do corpo!»

— «Pois sim!» replicou o Pião. «Mas saiba que eu sou de mogno. E quem me fabricou foi um marquez que tinha um torno e que se divertia n'estes trabalhos.»

— «Ah! sim?» perguntou a Péla.

— «Nunca mais me deem chicotadas, se o que eu digo é mentira!» exclamou o Pião.

— «A falar a verdade, o senhor faz a sua côrte muito bem feita!» volveu a Péla. «Mas eu é que não lh'a posso acceitar, porque tenho um compromisso com o Pardal. Em elle me vendo a voar por esses ares, deita a cabeça fóra do ninho, e pergunta: «Quer casar comigo? Quer?» Eu, cá de mim para mim, já me decidi a favor d'elle. E então bem vê que é como se estivessemos noivos. O que lhe prometto, é nunca me esquecer do senhor.»

— «Que bondade a sua!» disse o Pião.

E não trocaram mais palavra.

No dia seguinte, a Péla foi tirada da gaveta, e o Pião viu-a a voar pelos ares, tal qual um passaro, até quasi se perder de vista. Sempre que voltava á terra, dava um grande pulo, ou porque lhe apetecesse voar mais, ou por ter uma rolha dentro do corpo. Mas á nona vez a Péla não tornou a voltar, e, por mais que o rapazito a procurasse, nunca mais lhe poz a vista em cima.

— «Onde ella está sei eu!» suspirou o Pião. «A estas horas metteu-se no ninho do Pardal; está aqui, está casadinha com elle.»

Quanto mais parafusava n'isto, mais namorado se sentia o Pião. Bastava elle não poder apanhar a Péla, para que a paixão crescesse de ponto. E o peior era pensar que a Péla tinha escolhido outro noivo. O Pião continuava no seu mister de girar e de zunir, mas não lhe sahia a Péla da imaginação, e cada vez a via mais linda.

II

Foram correndo os annos, e este romance de amor já estava nos papeis velhos. O Pião tambem tinha envelhecido; mas um bello dia douraram-no todo com ouro fino. Nunca parecera tão chibante! Era agora um Pião dourado, e girava, e girava, e zunia, que era um gosto vel-o e ouvil-o!

Mas eis senão quando deu um pulo maior, e sumiu-se. Andaram á cata d'elle por toda a parte, inclusivè no cano, mas qual historia! não houve meio de o encontrar. Onde estaria elle mettido?

Tinha saltado para dentro do barril do lixo, onde havia toda a casta de immundicies: talos de couve, varreduras de casa, cisco que tinha cahido do telhado.

— «Sim, senhor! Arranjei um lindo pouso!» disse elle comsigo. «Estou aqui, estou a perder a douradura. Olhem com que sucia que eu estou mettido!»

Relanceou o olhar para um talo de couve muito comprido, d'onde se tinham arrancado as folhas muito rentes, e deu-lhe na vista uma cousa redonda e exquisita, que parecia assim a modo uma maçã já sediça. Mas não era tal uma maçã — era uma péla velha, que estava ha que annos na calha do algeroz, e que tinha ficado toda engelhada á força da agua que lhe cahira em cima.

— «Ora graças a Deus!» disse a Péla, olhando para o Pião dourado. «Graças a Deus que ahi vem alguem da minha jerarchia, com quem possa desabafar! Sou feita de marroquim fino, cozida por mãos de donzellas, e tenho uma rolha dentro do corpo, embora ninguem o suspeite á primeira vista. Estava para casar com um Pardal, vae senão quando cahi no algeroz, e alli me demorei cinco annos, a ponto de ficar engelhada e desbotada. Para uma menina solteira, creia que não é pouco tempo.»

O Pião ficou passado. Pensava nos antigos amores, e quanto mais a ouvia, mais se convencia de que era ella.

N'isto, a creada veiu despejar o barril do lixo.

— «Espera!» disse ella. «Cá está o Pião dourado.»

E o Pião foi novamente recebido em casa com grande alvoroço. Mas nunca mais houve noticias da Péla. O Pião não disse mais palavra a respeito dos antigos amores, porque isto de amores morrem de todo, depois da namorada ter passado cinco annos á chuva e ao sol e ter ficado toda engelhada. E não ha meio de a reconhecer, ao dar com ella n'um barril de lixo.

Um Caracol em Ancias

—Ó sr. Caracol, tem a bondade, diz-me se estamos proximo de Sacavem?

—Estamos, sim! Mas não me demore, pelo amor de Deus. Quero atravessar a estrada quanto antes. Ha noticia de um automovel a sahir de Bragança!!!

O Lago das Pedrarias

CONTO CHINEZ

(Continuação)

AQUELLE monte é o monte Sumi», disse ella. «Alli é que vivem os Genios, assentados nas cumiadas de neve, a contemplar o Lago das Pedrarias. Mas para lá chegar, é preciso atravessar o Rio Azul, e mais o Rio Branco, e mais o Rio Vermelho, e, por fim, o Rio Negro, e todos elles estão cheios de peixes enormes e medonhos. É por isso que minha mãe lá o manda,» suspirou Yun-Ying, «na esperança de que não volte com vida.»

—«Lá nadar sei eu», disse Pi-Hang, «e os peixes não me mettem medo.»

—«Prometta-me que não se deita a nado», disse Yun Ying com muita anciedade. «Era um prompto emquanto os peixes o devoravam. Olhe! tome lá esta caixa. Lá dentro estão seis pevides vermelhas. Em chegando

a algum dos rios, atire-lhe uma d'essas pevides. Verá como o rio encolhe, encolhe, até ficar um regatosinho que se pode passar n'um pulo.»

Pi-Hang agradeceu-lhe, despedindo-se d'ella, e partiu logo para o Monte Sumi.

Mas, como lhe ficava em caminho a terra onde viviam seus paes, foi abraçal-os e contar-lhes o que lhe tinha succedido desde que sahira da capital.

A mãe, que era pessoa de muito juizo, como são quasi sempre as mães, recommendou-lhe que se acautelasse, pois que os Genios ficariam furiosos por elle transformar os seus quatro grandes rios em pequenos regatos, e não estariam lá muito dispostos a fazer-lhe presente de um almofariz e de um pilão de esmeralda.

— «Lá isso é verdade!» observou Pi-Hang.

— «Mas nao importa!» continuou a mãe. «Aqui tens esta caixa que contém seis pevides brancas. A volta, vae-as deitando em cada regato que atravessares, e verás como o regato se alarga outra vez até tornar a ser rio».

Pela manhasinha, Pi-Hang deu-lhe um beijo de despedida, e poz-se a caminho.

Ás horas do calor descançava, e, quando refrescava a tarde, continuava a jornada. Assim foi andando, até que ao cabo de seis dias chegou ao Rio Azul.

Tinha este rio de largura um quarto de legua, era côr do ceu em tempo de bonança, e estava cheio de peixes que vinham espreitar á tona de agua. Esses peixes tinham cabeçorras maiores que uma grande melancia, e duas fiadas de dentes muito agudos. Mas Pi-Hang deitou na agua uma das sementes vermelhas, e n'um momento, em vez do grande rio, corria-lhe aos pés um regatosinho azul.

Os peixes enormes ficaram mais pequenos que petinga, e Pi Hang saltou a pé coxinho para a outra margem.

Pouco depois, entrou elle a voltas com o Rio Branco. Esse tinha meia legua de largo, era tao caudaloso que estava coberto de espuma, e enxameiavam n'elle as serpentes do mar.

— «Este é que eu não sou capaz de galgar a pé coxinho,» pensou o rapaz, atirando outra pevide vermelha á agua.

Mas, qual historia! o Rio Branco foi-se encolhendo tão depressa como o Rio Azul, e ficou uma torrentesinha encrespada, com umas enguiasinhas a rabeiar no fundo.

Galgada ella, Pi-Hang andou um grande espaço, primeiro que se achasse a contas com o Rio Vermelho.

Tinha este tres quartos de legua de largo, e era de um escarlate vivissimo, assim a modo como uma corrente de lacre derretido. Havia alli um ror de crocodilos, de guelas escancaradas, estendidos de uma margem para a outra á laia de ponte.

—«Valha-me a semente vermelha!» exclamou Pi-Hang, abrindo a caixa, muito contente.

O crocodilo mais proximo atirou-se á pevide, apenas ella mergulhou no rio, mas não a apanhou; e d'alli a nada estava elle do tamanho de um lagarto, estiracado no fundo de um riacho com um metro de largo, quando muito. Na outra margem appareceu a Pi-Hang um dos Genios, que tinha descido da sua cumieira de neve, para vêr quem tinha o atrevimento de fazer partidas d'aquellas aos tres possantes rios.

Pi Hang mostrou-lhe as pevides brancas da outra caixa.

—«Não te apoquentes», disse elle. «Em eu voltando, torno-os a pôr na mesma em que estavam. Mas antes d'isso, o que eu quero é topar com a casa dos Genios, e arranjar lá o almofariz e o pilão de esmeralda com que a minha futura sogra ha de moer as suas drogas magicas.»

— «Primeiro, tens tu que atravessar o Rio Negro», replicou o Genio com uma risada de despreso. «Esse tem uma legua de largura, e os peixes que lá vivem medem p'ra cima de seis metros de comprido, e são todos erriçados de puas como um porco-espinho.»

— «Então como é que tu o atravessaste?» perguntou Pi-Hang.

— «Ora essa! É que eu vôo!» disse o Genio.

— «Ah! vôas? Pois eu salto!» redarguiu o rapaz com toda a arrogancia.

O Genio acompanhou-o até á margem do Rio Negro. Por destemido que fosse, quando Pi-Hang viu aquella massa enorme de agua que se alastrava em frente d'elle, preta como tinta de escrever, teve um certo calafrio de terror, valha a verdade.

Mas tirou da caixa a quarta pevide vermelha, e viu-a sumir-se n'aquellas ondas côr de carvão.

N'um abrir e fechar de olhos, com grande espanto do Genio, o rio secou, deixando apenas um fiosinho de agua insignificante a correr por entre a relva.

Ora esse Genio não era mau de todo, e além d'isso estava muito impressionado com as cousas prodigiosas que Pi-Hang era capaz de fazer. Por isso, foi-lhe ensinar o caminho mais curto para a casa dos Genios, na cumiada do Monte Sumi.

Depois de treparem uma ladeira muito e muito comprida, encontraram lá em cima oito Genios, sentados em outros tantos picos de neve, e deitando os olhos para o Lago das Pedrarias, exactamente como Yun-Ying tinha prevenido.

O Lago das Pedrarias ficava na outra falda do Monte Sumi, e era um lençol de agua formosissimo, lampejando com todas as côres do arco-iris.

Pi-Hang não podia desviar d'elle a vista. Esqueceu-se do almofariz e mais da mão do gral, a contemplar as ondas que vinham lamber a praia, deixando á babugem uma infinidade de diamantes, rubis, saphiras e perolas.

Todos os seixos da praia eram pedras preciosas, e a vontade Pi Hang era descer á beira da agua, e encher á vontade as algibeiras.

Alli se deixou estar, emquanto o genio, que o tinha guiado, contava aos outros tudo o que vira e soubera a respeito d'elle. E concluiu assim:

— «Não temos remedio senão dar-lhe o almofariz e o pilão, aliás elle não torna a dar-nos os nossos grandes rios.»

Os oito genios acenaram com as oito cabeças, e falaram todos ao mesmo tempo, com um estrondo que se assimilhava ao ribombar do trovão pelo meio das montanhas.

— «Pois elle que os leve, se é capaz», disseram elles com uma gargalhada que abalou a serra toda.

Porque o almofariz de esmeralda tinha dois metros de altura e metro e meio de diametro, e o pilão era tão pesado que não havia homem que podesse com elle.

CONTINUA

FIGURAS DE CE

FIGURAS DE CER

O General

O Capitão

Os Cornetas

O Varredor

Figuras de cera. — Imaginou-as um curioso caricaturista francez, Emile Cohl, fabricadas simplesmente com phosphoros. Como vêem pelos desenhos juntos, é muito facil reproduzil-as. Para pegar os phosphoros uns aos outros, basta aquecer levemente a stearina nos pontos em que é preciso soldal-os. As trunfas que servem, por exemplo, para o penacho do official e para a vassoura do varredor, obteem-se desfiando a mecha que está no interior dos phosphoros.

Simples papel de mortalhas serve para os accessorios, como o chapeu armado do general, o bote do remador, a saia da dansarina, etc.

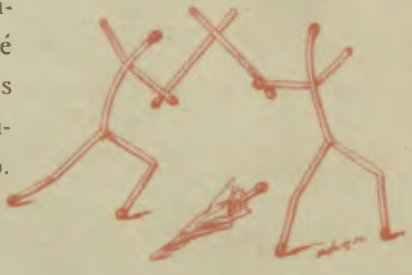
E para evitar todo o perigo, podem inutilisar-se os phosphoros, molhando previamente as cabeças. Até a Companhia dos Phosphoros nos agradecerá este conselho.

O Mestre de Armas

O Gymnasta das Argolas

O Remador

A Dansarina da Corda



Os Duellistas

A E DE CORDEL

Figuras de cordel. — Outra brincadeira original.

Vêem as engraçadas figurinhas que vão junto, apenas a contorno? Ora agora, peguem n'um pedaço de cartão, ou de papel forte, e sobre elle, com um cordelinho previamente molhado, vão seguindo esses contornos até completar as figuras que lhes damos para modelo.

Convem que o cordel seja fino, e não se esqueçam de o molhar bem, porque só assim pode amoldar-se a todas as curvas e a todos os angulos.

Se o cordel fôr de côr, melhor será.

Verão como passam n'este entretenimento umas horas divertidas.

RETRATOS

INSTANTANEOS

GRUPOS

E

AMPLIAÇÕES

Vistas

E

Reproducções

Todos os dias

O melhor livro para as creanças é a

ARVORE DE NATAL

Historias por Zuzarte de Mendonça, com uma carta, prefacio do Conego Senna Freitas.

Preço 300 réis

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158 — RUA DA PRATA — 160

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Deacontos

para revender

Approvados como hygienicos por distinctos medicos.

Caixa 40 réis

Aromatisam extinguem o mau halito e desinfectam.

Vende-se nas pastellarias, lojas de chá e mercearias.

DEPOSITO

PERFUMARIA BALSEMÃO

141, Rua dos Retroteiros — LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Univrsal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º

(á P. Luiz de Camões)

LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107

LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

VESTIDOS PARA MENINOS

O nosso atelier de vestidos para meninas é sobejamente conhecido como sendo o unico no paiz que está montado em condições de poder satisfazer a todas as variadas exigencias da moda das creanças.

De facto todos os vestidos executados em nossa se distinguem facilmente por um *cachet* de feminina elegancia que só encontra similar nos grandes centros da moda estrangeira.

Além das numerosas encommendas que temos continuamente em execução, a nossa casa apresenta sempre um sortimento lindissimo de vestidos em todos os feitios e para todas as edades.

RUA GARRETT

OBRAS COMPLETAS
DE
ALMEIDA GARRETT

Grande edição popular, explendidamente illustrada
com gravuras de pagina, in-4.° maximo
prefaciada, revista e redigida
pelo erudito professor do Curso Superior de Lettras
Dr. Theophilo Braga

60 réis cada fasciculo

As obras ficam completas em 2 volumes de 8 a 10 tomos

Tomo 300 réis

O 1.° tomo, á venda em todas as livrarias

Pedidos á

Empreza da historia de Portugal

Livraria Moderna, Rua Augusta, 95—LISBOA

COLLEGIO DE EDUCAÇÃO DE MENINAS
DE
Madame Ranjel Baptista

As classes de linguas são dirigidas por professoras estrangeiras.

Rua Rodrigo da Fonseca, 17, 2.°
LISBOA

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa · Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

IN VINO VERITAS

Marca registada

Borradaxes

Medalha de ouro

Paris 1900

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs, e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

AFFONSO DE PINHO & COELHO DA SILVA

Casa de Novidades

145 — Rua do Ouro — 149

Fabrica de flores, coròas e plantas artificiaes

Floristas — Decoradores

Completo sortimento de coròas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas, festivaes, bailes, etc.

Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit — Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

Especialidade em fetos e avencas. — Corbeilles e guarnecidos. — Bouquets de noiva. — Guarnições, bouquets, brincos, adresses e ligas em flor de laranja.

Coròas de primeira communhão e para distribuição de premios. — Grinaldas para anjos. — Farpas, moñas e coròas para artistas.

Bigonias — Palmeiras — Collios Plantas com flor — Roseiras, etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

Executam-se com a maxima rapidez todas as encommendas

Decorações

DE

sallas, budoirs, etc.

Guarnições e parures em flores para vestidos

Coròas em louro e carvalho

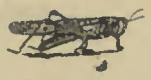
145 — Rua do Ouro — 149

LISBOA

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CORES



DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.º 8

O LAGO DAS PEDRARIAS (conclusão)

O CRAVO — A BONINA — CAIXA DE SURPREZAS
(decifrações e problemas novos)

A TROPA DOS RATOS

LIVRARIA FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74

LISBOA

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA
48, Rua Nova do Almada, 50
LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins
DE
Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107
LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

VESTIDOS PARA MENINOS

O nosso atelier de vestidos para meninas é sobejamente conhecido como sendo o unico no paiz que está montado em condições de poder satisfazer a todas as variadas exigencias da moda das creanças.

De facto todos os vestidos executados em nossa se distinguem facilmente por um *cachet* de feminina elegancia que só encontra similar nos grandes centros da moda estrangeira.

Além das numerosas encommendas que temos continuamente em execução, a nossa casa apresenta sempre um sortimento lindissimo de vestidos em todos os feitios e para todas as edades.

RUA GARRETT

LIVRARIA FERIN

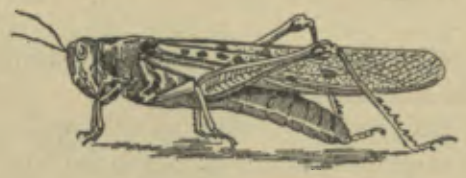
Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200



QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

Ao findar o seu primeiro trimestre, O GAFANHOTO, no intento de se aperfeiçoar constantemente e de corresponder assim á sympathia publica, precisa alargar o seu campo de acção.

Para isso offerece d'ora ávante a todas as pessoas que por elle queiram interessar-se, um

BONUS

em livros adquiridos na livraria Ferin, *bonus* equivalente a

10 POR CENTO

sobre a importancia das assignaturas alcançadas por sua influencia, qualquer que seja o numero d'essas assignaturas.

As pessoas, que desejem aproveitar-se d'esta vantagem, queiram remetter a lista das assignaturas, devidas á sua benevola agencia, á direcção do GAFANHOTO

Livraria Ferin

70—Rua Nova do Almada—74

LISBOA

E, apenas se realise a importancia d'essas assignaturas, ser-lhes-ha facultado o beneficio que annunciamos.

Escusamos de encarecer o valor excepcional d'este *bonus*, que a um agente activo poderá proporcionar um largo fornecimento de livros, de instrucção ou de recreio, á sua escolha.

N. B.—Fica entendido que, sendo este *bonus* um premio ao zelo espontaneo da agencia, não entra em conta para a percentagem a assignatura *pessoal* do agente.

EXPEDIENTE

O GAFANHOTO pede a todos os seus estimaveis assignantes, cuja assignatura findou com o passado numero, o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas novas assignaturas no mais curto praso, afim de não soffrerem interrupção na remessa do jornal, dirigindo-se á administração — Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

O Lago das Pedrarias

CONTO CHINEZ

(Conclusão)

Pi-Hang, apenas lh'os mostraram, começou a passeiar á roda do almofariz, e a scismar como havia de acarretar aquella bisarma até á casa da sua noiva.

Sentou-se no chão, sempre a parafusar no caso, e os Genios todos, incluindo o que era menos ruim, desataram outra vez a rir em ar de troça.

— «Olha lá!» disseram elles. «Se tu quizeres encher o almofariz de pedras preciosas, não faças cerimonia. Assim como assim, quem fôr capaz de o levar vasio, tambem o levará cheio.»

— «Porque afinal, ou cheio ou vasio, não ha quem possa com elle», acrescentou devagarinho o que servira de cicerone a Pi-Hang.

O rapaz cruzou os braços, e não deu cavaco. E tudo era scismar, scismar, scismar sem dar attenção ás chalaças e ás troças dos Genios.

Mas para alguma cousa lhe haviam de servir os tres annos que elle tinha queimado as pestanas, a estudar com o lettrado mais sabio da capital. Demais a mais, elle o que queria por força era casar com Yun-Ying, e não ha nada como a paixão de um rapaz para o levar a fazer cousas que amigos e inimigos reputam impossiveis.

De repente veiu-lhe um clarão. Poz-se em pé n'um salto e pediu ao Genio mais affavel que lhe arranjasse um montãosinho de pedras ao lado do almofariz.

— «E para eu trepar e poder espreitar para dentro», disse elle.

— «E porque não arranjas tu mesmo o montão?» perguntou o Genio.

— «Porque preciso ir lá abaixo, ao Lago das Pedrarias, apanhar pedras preciosas.»

E de feito, correu á praia, e foi trazendo, aos poucos, quantas pedras podia: diamantes, rubis, saphiras, esmeraldas, perolas, topazios, turquezas, cada mancheia que deslumbrava a vista. E á medida que as trazia, ia-as despejando no almofariz, até o encher de cogulo, com tantas pedrarias que faziam de Pi-Hang o homem mais rico de toda a China.

Era isto mesmo que elle queria. O tal mandarim da cara amarella não passava de ser o homem mais rico da capital, e o homem mais rico da China sempre era melhor partido para Yun-Ying.

— «E então agora?» bradaram os oito Genios, assim que elle acabou de encher o almofariz. «Vaes pol-o ás costas ou á cabeça?»

— «Nada d'isso! Vou simplesmente mettel-o debaixo do braço», respondeu Pi-Hang promptamente.

OFF. PHOTOMECHANICA - LISBOA

Tirou da caixinha uma das pevides amarellas, e atirou-a para cima do cogulo das pedrarias.

De um instante para outro, almofariz e pilão, de gigantescos que eram, encolheram até ficar nas proporções usuaes.

Pi-Hang metteu o pilão na algibeira, agarrou no almofariz com todo o cuidado, para não entornar as pedras preciosas, e fez uma venia aos Genios.

— Passem muito bem, e muito obrigado por tudo!» disse elle.

D'esta vez os Genios não se riram, mas deram cada berro de raiva, que nem oito leões á espera da comida.

Mas não se atreveram a prendel-o, por saberem qne só elle podia voltar os rios á primeira fórma.

Pi-Hang deitou a correr por alli fóra, e foi fazendo tudo quanto tinha promettido.

Atravessou o primeiro regato, e atirou-lhe uma pevide branca. Tornou-se logo n'uma enorme massa de agua, negra como azeviche, com cardumes de peixes descommunaes, todos cobertos de espinhos.

Os Genios pararam então com a berraria. Estavam já mais consolados ao verem o Rio Negro a correr outra vez entre elles e o resto do mundo.

A mesma cousa fez Pi-Hang ao chegar ao Rio Vermelho, e ao Rio Branco, e ao Rio Azul. E desde esse tempo nunca mais ninguem conseguiu dar com a casa dos Genios, porque, a não ser Pi-Hang, ninguem foi capaz de atravessar sequer ao menos o Rio Azul, quanto mais os outros tres.

Depois de sete dias de jornada, chegou o rapaz a casa dos paes, e contou-lhes tudo que lhe havia succedido. Deu-lhes um rubi, um diamante, uma esmeralda, uma saphira, uma perola e um topazio côr de rosa, cada uma d'estas pedras tamanha como um ovo de pardal, em troca das seis pevides que a mãe lhe tinha dado.

Foi logo em seguida para a capital, e ahi soube que, embora elle não se tivesse demorado por fóra mais de um mez, a mãe de Yung-Ying dera-o a todos por morto, e convidara todas as pessoas de amizade para um banquete, afim de celebrar as bodas da filha com o mandarim da cara amarella. A chegada d'elle estava para se realizar o casamento. Encontrou Yung-Ying debaixo do pecegueiro, ja vestida de noiva, com uma cabaia de seda vermelha bordada a prata. Ao vêr Pi-Hang, a pobre rapariga deitou-se-lhe nos braços, lavada em lagrimas.

Pi-Hang tratou de a animar. Pousou no chão o almofariz e a mão do gral, e a velha veiu logo de corrida para os vêr.

— «Chegou tarde e a más horas, para casar com Yung-Ying,» disse ella. «Mas deixe estar, que eu compro-lhe o almofariz e mais o pilão com uns dinheiros que o mandarim me deu.»

— «Isso é que não compra tal!» redarguiu Pi-Hang.

E atirou uma das pevides brancas para dentro do almofariz, o qual cresceu, inchou, inchou, até occupar todo o relvado á sombra do pecegueiro. Pi-Hang trepou então a um dos ramos que pendiam sobre o almofariz, e começou a atirar diamantes e toda a casta de pedras preciosas para cima dos convidados de boda.

E o mandarim de cara amarella não era dos menos activos em os apanhar.

— «Não querem vêr o estafermo!» exclamavam os outros muito indignados. «Um maroto tão rico que até bebe em copos de ouro!»

— «O que é bom nunca é demais. Eh! eh! eh!» respondia elle com risadinhas.

Quando Pi-Hang lhe offereceu tres rubis, cada um tamanho como um ovo de pomba, para elle se ir embora e renunciar a Yung-Ying, o

velho sovina não quiz saber de mais nada. Agarrou nos rubis e safou-se logo.

Talvez fosse por saber que a mãe de Yung-Ying já não queria nada com elle, uma vez que deitava a mão a um genro que espalhava joias como quem semeia cevada.

Ou talvez que afinal de contas preferisse á noiva aquelles tres enormes rubis, que faiscavam a ponto de encandear a vista.

Fosse lá pelo que fosse, o certo é que o velho sumiu-se, e Pi-Hang casou com Yun-Ying, e levou-a para a terra dos paes. Ali viveram muito felizes, como merecem ser duas creaturas que são boas e que se estimam.

O almofariz, mais o pilão de esmeralda, esses ficaram debaixo do pecegueiro. Ninguem era capaz de os metter dentro da choupana, e ainda menos de moer hervas dentro d'aquella bisarma.

Pi-Hang ainda tinha na caixa uma das pevides vermelhas, e a sua tenção era atirar com ella para dentro do almofariz, apenas o despejasse das pedras preciosas, que era para elle encolher outra vez.

Mas vae senão quando, estava elle uma occasião debaixo do pecegueiro, a caixa abriu-se, a pevide cahiu, e um pintainho que andava por ali a debicar, enguliu-a n'um prompto.

Não lhes digo nada! O pintainho ficou logo maior que um abestruz; e o almofariz, mais o pilão, continuaram na mesma.

A velha, mãe de Yun-Ying, ficou furiosa por causa d'isto. Mas afinal de contas foi bem feito. Não andasse ella a escogitar difficuldades para se vêr livre do genro!

O CRAVO

RA uma vez um negociante, que voltava de uma feira onde tinha feito excellente negocio. Vinha carregado de saccos de dinheiro, e o seu desejo era chegar a casa antes de anoitecer. Montou pois a cavallo, e poz-se a caminho.

Por volta do meio dia chegou a uma terra, onde descansou. Quando se ia embora, disse-lhe o creado da estalagem:

— «O senhor, olhe que a ferradura esquerda do cavallo tem um cravo a menos.»

— «Deixal-a ter!» replicou o negociante. «A ferradura ainda aguenta as cinco leguas que me faltam, e eu estou com muita pressa.»

Á tarde, quando desmontou do cavallo para lhe dar a ração, o moço da estrebaria preveniu-o tambem da falta do cravo e perguntou-lhe se queria que levasse o animal ao ferrador.

— «Qual historia!» redarguiu o homem «Já pouco me falta que andar. O cavallo ainda aguenta. E eu tenho muita pressa.»

Foi cavalgando por alli fóra, mas eis senão quando o cavallo começa a coxear. Não tardou muito que começasse aos tropeções. E d'alli a pouco, zás! deu um tropeção maior, e tropeção foi elle que cahiu e partiu uma perna.

O negociante não teve remedio senão deixar á conta de Deus o pobre animal. Agarrou nos sacos do dinheiro, pól-os ás costas, e foi andando por alli fóra com aquelle fardo. E apezar d'isso só altas horas poude chegar a casa.

— «Maldito cravo!» ia elle dizendo comsigo. «Tu é que foste a causa da minha desgraça.»

Não tinha sido tal. O causador fóra elle proprio, que se tinha esquecido do velho rifão que diz: «Quanto mais depressa, mais devagar.»

A Bonina

RA escutem lá este conto!

Ahi pelos arrabaldes, sobre a estrada, ha uma casa de campo; por fôrça que a teem visto já. Fica dentro de um jardimsinho com uma grade de madeira pintada. Mesmo junto a essa grade, ao pé da regueira, no meio de um lindo relvado, cresceu uma bonina pequena. O sol deu-lhe tanto calor e tanta luz como costuma dar ás soberbas flores dos grandes jardins, e ella foi crescendo de hora para hora, que era um, louvar a Deus.

Um bello dia, amanheceu a bonina em plena florescencia, com as suas folhinhas brancas muito brilhantes, alastrando á maneira de raios ao redor do solsinho amarello do centro. Nunca lhe passou pela ideia que os homens não dessem por ella entre as hervas rasteiras, nem que fosse apenas uma florinha despresada. Qual historia! Estava até muito contente, voltava-se toda para o sol, a miral o, e divertia se a escutar a cotovia que chilreava nos ares.

Sentia-se a bonina feliz que nem que fosse dia de festa, e afinal de contas era uma reles segunda-feira. As creanças tinham ido todas para a escola; e emquanto ellas estavam sentadinhas ás carteiras, a aprender, a bonina pousava na sua hastesinha verde, e ia aprendendo tambem, com o sol e com tudo que a cercava, como Deus era bom. E tudo quanto ella sentia lá por dentro, dava-lhe prazer ouvil-o em voz alta, deliciosamente cantado pela cotovia E a bonina levantava os olhos, com um certo respeito, para o ditoso passarinho que podia cantar e voar mas nem por isso sentia inveja por não poder cantar e voar tambem

«— Vejo e ouço», pensava ella. «O sol dá-me luz e as brisas dão-me beijos. Ah! por muito feliz me dou, com os bens que Deus lhe concedeu!»

Lá por dentro da grade, pompeiava um rôr de flores empertigadas e fidalgas —quanto menos aroma tinham, tanto mais orgulhosas pareciam. As peonias inchavam, inchavam, para ficarem maiores do que as rosas, mas o tamanho não faz nada ao caso. As tulipas tinham côres muito garridas, e por isso, todas vaidosas, aprumavam-se que era uma coisa por demais, para todos as verem bem. Nem sequer davam pela pequenota da bonina que estava lá fora, mas a bonina fartava-se de as mirar e remirar, e ia pensando

— «Muito ricas e muito galantes são estas flores! E verdade! Os lindos passaros andam sempre a voar para ellas e a fazer-lhes visitas. Ainda bem que estou ao pé d'ellas, porque sequer ao menos posso disfructar á vontade estas bellezas!»

Estava ella embrenhada n'estes pensamentos, eis senão quando — «Tuiit!» — veiu por alli abaixo a cotovia, mas não para as peonias e para as tulipas — isso sim! metteu-se pelas hervas, e foi direitinha á bonina rasteira, e a bonina teve tamanho sobresalto de alegria, que não sabia o que pensasse.

O passaro desatou aos pulinhos á roda d'ella, e cantou assim:

«— Ai! que macia que está a relva! e vejam lá que florinha tão gentil aqui está, com ouro no coração e prata no vestido!»

Pareceu-lhe de ouro o olhito da bonina, e brilhavam como prata as suas folhinhas brancas.

Aquillo é que foi uma felicidade para a pequena bonina — ninguem póde calcular a felicidade que foi! O passarito beijou-a com o bico, cantou-lhe uma cantiguinha, e depois soltou o vôo para o céo azul. Tinha passado um quarto de hora, e ainda a bonina não estava bem em si. Um tanto acanhadinha, mas lá por dentro muito satisfeita, olhava de soslaio para as outras flores do jardim; porque ellas tinham presenciado a honra e a fortuna que lhe coubera, e deviam perceber bem a alegria que lhe ia no intimo. Mas as tulipas estavam ainda muito mais emproadas do que antes, com a cara muito franzida e muito vermelha, porque tinham ficado furiosas. As peonias, essas eram muito estupidas: era uma fortuna não saberem falar, senão a bonina tinha apanhado uma descompostura mestra. A pobre florinha via perfeitamente que ellas não estavam de boa catadura, e isso ralava-a devéras.

N'essa occasião veio ao jardim uma rapariga com uma grande faca muito afiada. Foi direita ás tulipas, e zás! cortou-as todas, uma por uma.

— «Oh!» suspirou a bonina. «Que horror! Lá se foram todas!»

A rapariga foi-se embora com as tulipas. A bonina sentia-se feliz por estar cá fóra no meio da relva, e não passar de uma florinha insignificante. Agradeceu a Deus a sua sorte. E ao pôr do sol, fechou as folhinhas, adormeceu, e toda a santa noite sonhou com o sol e com o lindo passarinho.

De manhã, estirava a flôr as suas folhinhas brancas, á laia de bracinhos, para o ar e para a luz, quando reconheceu a voz do passarinho; mas a cantiga d'elle era agora muito lamentosa. Ah! razões de sobra tinha a cotovia para estar triste! Tinha sido apanhada e estava dentro de uma gaiola ao pé da janella aberta. Cantava saudades da vida errante e livre, das searas verdejantes, das triumphantes jornadas pelos ares fóra. Coitada! que grande agonia a d'ella, ao ver-se assim preza n'uma gaiola!

Bem desejava a pequena bonina acudir-lhe! Mas como? Ahi é que estava o busilis. A bonina nem mais se lembrou de que tudo á roda d'ella era uma belleza, de que o sol estava tepido e brilhante da immaculada brancura das suas proprias folhinhas. Não pensava senão no pobre animalsinho, que estava alli prezo, e na impossibilidade em que se via de o soccorrer.

N'esse momento, sahiam dois rapazitos do jardim. Um d'elles tinha na mão a faca com que a pequena na vespera tinha cortado as tulipas. Foram direitos á bonina, que se dava a perros para perceber o que elles queriam.

— «Que bellas hervas que estão aqui para a cotovia!» disse um dos pequenos.

E começou a cortar um mólho de hervas mesmo em volta da bonina, por fórma que a flôr ficou espetada no meio d'ellas.

— «Arranca essa flôr!» disse o outro pequeno.

E a bonina tremeu de medo, porque arrancarem-na o mesmo era que ella morrer; e, se alguma vez teve apego á vida, foi n'essa occasião, visto que ia ser dada, no meio das hervas, á cotovia captiva.

— «Deixal-a estar!» disse o outro pequeno. «É um lindo enfeite!»

E a bonina lá foi, nas hervas, para a gaiola da cotovia. Mas o pobre passaro não fazia senão lamentar a liberdade perdida, e bater as azas de encontro ás grades da prisão; e a bonina, coitadinha! não podia falar — não podia dizer-lhe uma palavra de consolação, por mais que anciasse por fazel-o.

E assim passou toda a manhã.

— «Não tenho agua!» gemeu a cotovia preza. «Foram-se todos embora, e esqueceram-se de me encher o bebedouro. Tenho a garganta secca, tenho as guelas a arder. Sinto dentro de mim lume e gelo, e o ar está tão pesado! Ai! que tenho de morrer! Tenho de dizer adeus ao solsinho que aquece, á herva que refresca, a todas as esplendidas cousas que Deus creou!»

Metteu o bico pelo meio da verdura, a vêr se se refrescava um poucochinho. Depois relanceou os olhos para a bonina, fez-lhe um aceno, e beijou-a com o bico, dizendo:

— «Tambem tu has de murchar aqui, pobresinha! Deram-te de presente a mim, com esse pedaço de relva, em logar do mundo inteiro que lá fóra era meu! Cada hasteasinha de herva será para mim uma grande arvore, cada uma das tuas folhinhas perfumadas uma grande flôr! Ai! o vêr-te ainda me faz mais saudade de tanto que eu perdi!»

— «Ai! quem me dera poder consolal-a!» pensou a pequena bonina.

Não podia sequer bulir uma folha; mas o aroma que ella exhalava das folhinhas mimosas era muito mais forte do que costuma ser n'estas flôres. Tambem o passaro deu por isso, e embora estivesse consumido de sede, e nas suas ancias despedaçasse as hervinhas, nem de leve mecheu na pequenina flôr.

Veiu a tarde, e não appareceu ninguem que trouxesse uma pinga de agua ao pobre passarito. Então, a cotovia estirou as lindas azas e agitou-as com phrenesi; transformou-se-lhe o canto n'um piar muito triste, abateu-lhe a cabecinha para o lado da flor, e o coração rebentou-lhe de magua e de agonia. A florita não poude mais fechar as folhas, como fizera na vespera, e nao foi capaz de adormecer; tristinha e doente, pendeu para a terra.

Só na manhã seguinte é que os pequenos voltaram; e ao verem o passaro morto, desataram a chorar — a chorar muito — e foram enterral-o n'um tumulosinho muito bonito, que enfeitaram com petalas de flores. O cadaversinho, metteram-no n'uma linda caixa vermelha, porque lhe queriam prestar honras regias — coitadinho!

Emquanto elle era vivo e cantava, esqueceram-se d'elle e deixaram-no na gaiola ao desamparo; e agora que estava morto, cobriam-no de atavios e de lagrimas.

Mas o mólho de hervas em que estava a bonina, atiraram com elle para o meio da estrada. Ninguem pensou na pobre florinha que mais pena tivera do passarito, e que tanto anceiou por lhe dar consolações.

TENHO tanta pena que acabasse esta historia! Era tão bonita! Deixal-o! *O Gafanhoto* promette outras, tão lindas ou mais do que esta, para os numeros seguintes! E *O Gafanhoto* nunca falta ao que promette!

RETRATOS
INSTANTANEOS
GRUPOS
E
AMPLIAÇÕES
Vistas
E
Reproducções
Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84
LISBOA

PARA AS CREANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sob a tradicção popular
Tres volumes de contos educativos, originaes

Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc

Preço por assignatura

340 réis cada volume — avulso 40 réis — folheto 60 réis

BREVEMENTE

BIBLIOTHECA DE PUBLICAÇÃO PARA AS CREANÇAS

Os assignantes tem 20 % de abatimento

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Descontos
para revender

Approvados como hygienicos por distinctos medicos.

Caixa 40 réis

Aromatisam extinguem o mau halito e desinfectam.

Vende-se nas pastellaria s, lojas de chá e mercearias.

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
141, Rua dos Retroseiros — LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º
(á P. Luiz de Camões)
LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS.—

Contem o leite puro das vaccas suissas.

ALBINO J. BAPTISTA

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79. Rua do Alecrim. 79

LIVRARIA FERIN

Atlas Jogo de Paciencia

Para creanças apprenderem Geographia Geral como divertimento

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e ropas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

OBRAS COMPLETAS
DE
ALMEIDA GARRETT

Grande edição popular, explendidamente illustrada
com gravuras de pagina, in-4.º maximo
prefaciada, revista e redigida
pelo erudito professor do Curso Superior de Letras
Dr. Theophilo Braga

60 réis cada fasciculo

As obras ficam completas em 2 volumes de 8 a 10 tomos

Tomo 300 réis

O 1.º tomo, á venda em todas as livrarias

Pedidos á

Empreza da historia de Portugal

Livraria Moderna, Rua Augusta, 95 — LISBOA

Armazem de Viveres
DE
JOSÉ DA COSTA
73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade
Importação directa
Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Serradayres

Medalha de ouro

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Paris 1900

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs, e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

AFFONSO DE PINHO & COELHO DA SILVA

Casa de Novidades

145 — Rua do Ouro — 149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas — Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas, festivaes, bailes, etc.

Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit — Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

Especialidade em fetos e avencas. — Corbeilles e guarnecidos. — Bouquets de noiva. — Guarnições, bouquets, brincos, adresses e ligas em flor de laranja.

Corôas de primeira communhão e para distribuição de premios. — Grinaldas para anjos. — Farpas, moñas e corôas para artistas.

Bigonias — Palmeiras — Collios Plantas com flor — Roseiras, etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

Executam-se com a maxima rapidez todas as encommendas

Decorações

DE

sallas, budoirs, etc.

Guarnições e parures em flores para vestidos

Corôas em louro e carvalho

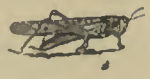
145 — Rua do Ouro — 149

LISBOA

GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CORES



DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.° 9

A MOSCA
UM PEQUENO HEROE — ANECDOTAS
ESTAMPA MUDA DO N.° 6 — O GAFANHOTO
AS REZAS DE MANO LOBO
A POMBINHA BRANCA
CAIXA DE SURPREZAS — ADIVINHAS E PROBLEMAS
SOFFRER PARA SER FORMOSO
PAGINA SOLTA — PAPAGAIOS

LIVRARIA FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74

LISBOA

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA
48, Rua Nova do Almada, 50
LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107

LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

VESTIDOS PARA MENINOS

O nosso atelier de vestidos para meninas é sobejamente conhecido como sendo o unico no paiz que está montado em condições de poder satisfazer a todas as variadas exigencias da moda das creanças.

De facto todos os vestidos executados em nossa se distinguem facilmente por um *cachet* de feminina elegancia que só encontra similar nos grandes centros da moda estrangeira.

Além das numerosas encommendas que temos continuamente em execução, a nossa casa apresenta sempre um sortimento lindissimo de vestidos em todos os feitios e para todas as edades.

RUA GARRETT

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart. 1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart. 900
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart. 300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart. 600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vo	br. 400	cart. 600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart. 600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart. 700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*		200

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

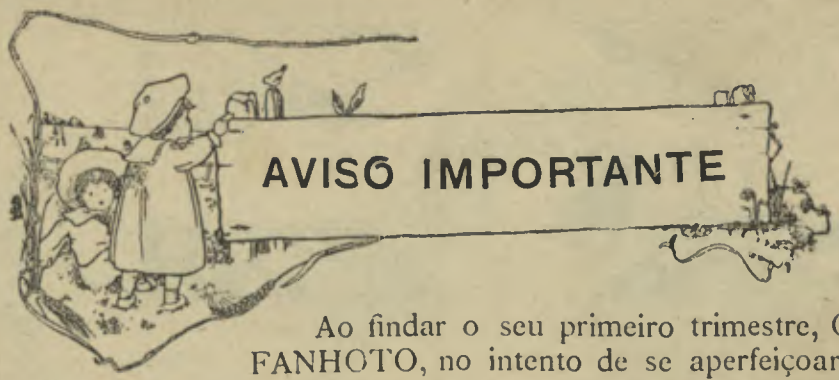
Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO



Ao findar o seu primeiro trimestre, O GAFANHOTO, no intento de se aperfeiçoar constantemente e de corresponder assim á sympathia publica, precisa alargar o seu campo de acção.

Para isso offerece d'ora ávante a todas as pessoas que por elle queiram interessar-se, um

BONUS

em livros adquiridos na livraria Ferin, *bonus* equivalente a

10 POR CENTO

sobre a importancia das assignaturas alcançadas por sua influencia, qualquer que seja o numero d'essas assignaturas.

As pessoas, que desejem aproveitar-se d'esta vantagem, queiram remetter a lista das assignaturas, devidas á sua benevola agencia, á direcção do GAFANHOTO

Livraria Ferin

70—Rua Nova do Almada—74

LISBOA

E, apenas se realise a importancia d'essas assignaturas, ser-lhes-ha facultado o beneficio que annunciamos.

Escusamos de encarecer o valor excepcional d'este *bonus*, que a um agente activo poderá proporcionar um largo fornecimento de livros, de instrucção ou de recreio, á sua escolha.

N. B. — Fica entendido que, sendo este *bonus* um premio ao zelo espontaneo da agencia, não entra em conta para a percentagem a assignatura *pessoal* do agente.

EXPEDIENTE

O GAFANHOTO pede a todos os seus estimaveis assignantes, cuja assignatura findou com o passado numero, o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas novas assignaturas no mais curto praso, afim de não soffrerem interrupção na remessa do jornal, dirigindo-se á administração — Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

A Mosca

« Que bicho aquelle que está no tecto!
Ai! quem me déra deitar-lhe a unha!»
Bébé suspira, muito inquieto,
E faz beicinho p'r'a caramunha.

Nas mãos papudas agita ainda
A colhersinha da suo papa.
« Ai! que mosquinha! como é tão linda!
Hei-de agarral-a, já não me escapa! »

O tecto é baixo, de sobreloja,
Alçado o braço, com tento e geito...
Colher em riste, Bébé se arroja...
« Que feliz fico, se as mãos lhe deito! »

Tanto a cabeça paratraz bota,
Que vira as pernas por cima d'ella.
A mosca ri-se da cambalhota,
Bébé aos guinchos abre a guella.

OFF. PHOTOMECHANICA - LISBOA

UM PEQUENO HEROE

Alegra-se deveras *O Gafanhoto*, quando sabe de um facto que dê gloria a uma das creanças, que são o seu constante enlevo. E para fazer partilhar d'esta alegria os seus pequenos leitores, encher-lhes os coraçõesinhos de estimulos para quanto seja nobre e bom, excitar nas suas mãosinhas o anceio de applaudir e nas suas vozes o enthusiasmo para acclamar, é que *o Gafanhoto* deseja consignar nas suas paginas quaesquer actos de coragem ou quaesquer manifestações de singular intelligencia, por que creanças se tornem notaveis.

Está n'este caso a acção meritoria praticada ha tempos por um rapazito de 9 annos, chamado José da Trindade, na cidade de Santarem. Andava elle a brincar, ao pé de um grande tanque, com outros pequenos, entre os quaes um sobrinho seu, Americo Trindade. Eis senão quando, o pequenito Americo, que estava na borda do tanque, perde o equilibrio, mergulha na agua, e some-se debaixo da camada de limos que estava á superficie.

O tio, a começo aterrado, recupera logo o sangue frio, comprehendendo que, como mais velho, lhe incumbe a responsabilidade d'aquella pequena existencia.

Debruça-se na borda do tanque, á espreita do momento em que o sobrinho venha á tona de agua. Então, deita-lhe as mãositas e agarra-o com toda a força, sem ter conta no perigo de se desequilibrar tambem. Assim consegue salvar o pequenito Americo. E em seguida, como pessoa de juizo, anima-o para que não chore, e leva-o para casa, resignado aos ralhos que ha de soffrer pela sua falta de cuidado e ao mesmo tempo sem desvanecimento pelo acto de dedicação que acaba de praticar.

D'estes pequenos heroes, cujos nomes honram as paginas do *Gafanhoto*, se fazem os grandes heroes do futuro, os grandes servidores da patria, os homens valorosos e dedicados que continuarão as tradições gloriosas de Portugal.

Por isso, *O Gafanhoto*, publicando os retratos do tio e do sobrinho, do salvador e do salvado, tirados no proprio local em que se deu o caso, presta a José da Trindade a sua homenagem de estima, e convida os seus pequenos e amaveis leitores a acompanhal-o n'este preito devido ao infantil heroe.

ANECDOTAS

Um camponio, que vem pela primeira vez á cidade, vê uma carroça da Camara Municipal a regar a rua.

Desata a rir como um perdido.

— «De que te ris tu?» pergunta-lhe o companheiro.

— «Pois tu não vês aquelle pedaço d'asno? Deixou a torneira aberta. Em chegando a casa vae ficar pasmado de topar o barril vasio!»

Um estudante madraço, a um collega:

— «Quem me déra viver no tempo de D. Affonso Henriques!»

— «Para quê?»

— «Para não ter que estudar a historia de Portugal até ao dia de hoje!»

ESTAMPA MUDA DO N.º 6

O GAFANHOTO

O gafanhoto é um orthoptero do qual ha differentes variedades. O maior d'elles é o *oedipoda migratoria*, pertencente ao genero locusta, tendo 5 centimetros de comprimento, e sendo o mais perigoso entre todos. Elle póde transformar, em muito pouco tempo, os campos os mais ferteis em uma planicie arida, devorando toda a vegetação. Algumas vezes fazem invasões em milhões e milhões, sob o aspecto de grandes nuvens negras, seguindo o rumo para onde o vento os leva, perseguidos por uma quantidade de aves de todas as especies e calindo em massas compactas sobre bosques e campos, cobrindo, devorando e devastando tudo; trazendo a desgraça comsigo. Segundo diz a historia Biblica, foi com uma d'estas invasões que Deus poniu um dos Pharaós do Egypto, por causa dos soffrimentos que elle infligiu aos Israelitas.—Os grillos que com o seu engraçado canto nos divertem principalmente no tempo de S. Antonio e de S. João, pertencem a duas outras variedades denominadas «o grillo campestre e o grillo domestico».

Com respeito ás manhas do gafanhoto, não estou muito bem informada, porque a unica que eu lhe conheço é de ser especialmente agil quando se trata de o apanhar.

Para acabar este insignificante artigo, direi que conheço um outro gafanhoto que, longe de ser o terror dos habitantes das terras onde elle vae pousar, é longe de semear a desolação e dôr por onde elle passa, é um divertimento ao mesmo tempo util e engraçado, trazendo as mais divertidas historias, e que em logar de praticar o mal, não pensa senão em agradar e divertir os seus numerosos admiradores. Para mim o melhor e o mais querido dos gafanhotos é este excepcional e engraçadissimo *gafanhoto das creanças*. Que elle venha em milhares e milhares, e que viva muito felizes annos é o que lhe deseja do coração

ELLEN THORN.

N'este concurso foi classificada em primeiro logar a menina D. Ellen Thorn, cuja graciosa exposição publicamos acima, e com menção honrosa a menina *D. Elvira Ferreira de Mesquita* e o menino *Alberto de Portugal Corrêa de Lacerda*.

Menos numerosos foram d'esta vez os concorrentes do que para o primeiro analogo concurso que o *Gafanhoto* abriu no seu numero 2. Deve attribuir-se porventura o relativo retrahimento á indole especial do thema, que apparentemente não se prestava, tanto como um assumpto historico, a ser tratado n'um exercicio de redacção Devemos porem explicar mais uma vez aos nossos amaveis assignantes, ou antes aos seus paes e tutores, quaes são ao certo os intentos do *Gafanhoto*, ao proporcionar-lhes estes pequenos themas. Não teem elles apenas em mira o desenvolvimento das faculdades logicas da infancia, pela simples explicação do que representa a estampa muda. E, como exercicios de redacção, serão tanto mais apreciaveis, quanto mais cheios vierem de notas pessoaes, que revelem faculdades de observação no espirito dos pequenos redactores.

Lá fora, especialmente na America, as observações pessoaes, recolhidas pelos infantis naturalistas, chegam a ser efficazmente aproveitadas pelos homens de sciencia. Assim, por exemplo, encarregam-se creanças de especialmente observarem o viver das formigas, os costumes dos coelhos, o desenvolvimento de uma certa planta, etc., e o conjuncto dos dados recolhidos não é indifferente para o adeantamento dos estudos zoologicos ou botanicos. A mesma ingenuidade dos observadores, alliada á pertinacia da infancia, quando cuidadosamente estimulada, dá um valor especial a estes elementos dispersos de estudo.

O *Gafanhoto* não tem, é claro, a pretenção de erguer tão alto as suas vistas, que se julgue digno de invadir aos saltos o gabinete dos sabios. Mas por bem pago se dará, se despertar no espirito dos seus pequeninos leitores o desejo de collaborarem com a sua quota parte n'este grande trabalho de renovação scientifica, que tem sido a gloria do nosso tempo.

Se o conseguir, tem a consciencia de merecer então as lisonjeiras referencias com que, a proposito d'esta ultima *estampa muda*, o saudaram os adoraveis concorrentes.

Já muito tarde, depois de encerrado o concurso, recebemos ainda alguns exercicios relativos á *estampa muda*. D'entre esses, ha um que tanto se distingue pela graça da forma e pelo interesse das informações, que o *Gafanhoto* não se furta ao prazer de o publicar. Fal-o-ha para o numero seguinte.

E brevemente, lhes dará uma nova e interessante *estampa muda*.

AS REZAS DE MANO LOBO

Uma noite, tinha Mano Coelho andado a fazer visitas, e não tinha acceitado os convites que lhe fizeram para ceiar. Nada! que elle andava com medo que alguem estivesse escondido para lhe deitar o gadanho, e então foi-se embora a caminho de casa.

Não tinha andado muito, quando descortinou um grande cesto, mesmo posto á beira da estrada. Olhou para a banda de cima; não viu ninguem. Para a banda de baixo; ninguem. Para deante, para traz, em redor; nem viva alma. Poz o ouvido á escuta; não ouviu nada.

Esperou, fartou-se de esperar; ninguem apparecia.

Então aproximou-se do cesto, espreitou para dentro, e pareceu-lhe que estava meio de verdura. Metteu a mão e levou alguma á bocca. Vae, fechou os olhos, como quem está a saborear. Passado tempo, disse comsigo:

— «Isto parece espargo, sabe mesmo a espargo. Leve-me a breca, se não é espargo!»

Com isto, Mano Coelho juntou os calcanhares, armou um pulo, e zás! atirou-se para dentro do cesto, mesmo em cima dos espargos — e em cima de Mano Lobo, que estava agachado no fundo.

Mal se sentiu nas unhas de Mano Lobo, Mano Coelho percebeu que estava gualdido. Mas armou-se de coragem e poz-se a tagarellar:

— «Estava agora mesmo a vêr se lhe pregava um susto, Mano Lobo. E como lhe digo. Eu bem sahia que vocemecê estava ahi encafuado; conheci-o logo pelo cheiro»

Mano Lobo arreganhou os dentes, lambeu os beiços, e disse assim:

— «Pois estimei muito que me conhecesse, Mano Coelho. Eu tambem logo o conheci. Ainda hontem eu disse a Mano Raposo que ia dormir uma soneca á beira da estrada, e palpitava-me que vocemecê havia de vir acordar-me. Meu dito, meu feito. Veiu, e já d'aqui não sae.»

Ao ouvir isto, Mano Coelho ficou passado, e começou a estrehuchar e a pedir a Mano Loho que o soltasse. Mas quanto mais fazia isto, mais Mano Lobo arreganhava a dentuça, branca e comprida que metiia medo. Até que Mano Coelho se calou. Com aquelle susto,

estava mesmo offegante, e o coração batia-lhe que nem uma roda de azenha. E vae tartamudeou, como se estivesse vae não vae a chorar:

— «Para onde é que vocemecê me quer levar, Mano Lobo?»

— «Para além, ao pé do rio, Mano Coelho.»

— «Para que é que vae para essa banda, Mano Lobo?»

— «Essa é boa! Para ter agua em que o lave, logo depois de o esfolar, Mano Coelho.»

— «O meu rico Mano, pelo amor de Deus deixe-me ir embora.»

— «Que disparate! Essa creancice até me faz rir, Mano Coelho.»

— «Aquelles espargos fizeram-me muito mal, Mano Lobo.»

— «Peior ha de você sentir-se d'aqui a pouco, em eu o esganando, Mano Coelho.»

— «Lá na minha terra, não ha ninguem que se atreva a comer os bichos quando estão doentes, Mano Lobo.»

— «Pois na minha, ninguem os come senão assim, Mano Coelho.»

Assim foram n'este cavaco até que chegaram ao rio. Mano Coelho então poz-se a supplicar, a chorar, tornou a supplicar, tornou a chorar, e Mano Lobo sem se mover, sempre com o seu riso mau. Vae depois, Mano Lobo deitou Mano Coelho no chão e segurou-o alli muito bem, e poz-se a scismar como é que havia de acabar com elle. E emquanto elle estava a parafusar n'isto, ia Mano Coelho tambem parafusando na sua vida.

Quando lhe pareceu que Mano Lobo já se tinha decidido, desatou Mano Coelho a chorar como um perdido, a soluçar que era mesmo uma dôr d'alma.

— «Ma... Ma...no Lo... Lo...bo! Sempre é ce... certo que me vae dar ca. . cabo da pe... pelle?»

— «É certo e mais que certo, Mano Coelho.»

— «Pois então, visto que eu te... tenho por força de ser morto, Ma... Ma...no Lo...o...bo, isso que seja quanto antes. Se eu tenho de ser engulido, quanto mais depre...ssa melhó...ó...or!»

— «Ora essa, Mano Coelho!»

— «O que eu queria era que o Mano Lobo mostrasse que era bem educa...a...do.»

— «Como é que eu hei de mostrar isso, Mano Coelho?»

— «É preciso que faça as suas orações de acção de graça, e é aviar-se, porque eu vou-me sentindo muito fraco.»

— «Como hei de eu fazer isso, Mano Coelho?»

— «Ponha as mãos e feche os olhos com muita devoção, Mano Lobo, e ao depois diga assim: «Deus Nosso Senhor nos abençoe e nos proteja, e nos ponha em sitio onde o mafarrico não dê comnosco.» Mas isso depressa, Mano Lobo, porque eu estou aqui estou a desfallecer.»

De feito, Mano Lobo levantou as mãos, fechou os olhos, e começou: «Deus Nosso Senhor nos abençoe e nos...» Mas não disse mais palavra, porque, mal elle levantou as mãos, Mano Coelho deu um grande pulo e deitou a correr como um foguete por esses campos fóra!

A POMBINHA BRANCA

Num jardim matizado de viçosas flores, havia um pombal onde viviam na mais cordeal harmonia dezenas de pombinhos brancos, arrulhando constantemente.

Alli creavam alguns os seus filhos, que vinham engrossar o numero avultado que já vivia no pombal.

De manhã, o alegre bando voava pelos campos, indo beber a um ribeirinho cortado entre duas alas de verdes e esguios choupos.

Um dia, em que elles tinham sahido a matar a sêde e a banhar-se na limpida agua da corrente, um gato preto, de olhos luminosos, entrou no pombal e conseguiu furtar um borrachinho, que ainda não voava e estava esperando a mãe, a qual lhe traria o sustento quando chegasse. Fugiu com elle apertado entre os dentes, e foi devoral-o para perto d'alli, num caramanchão coberto de hera.

Volta ao pombal o bando batendo as azas, que o sol agora doira, vindo á frente uma pombinha muito linda, de poupa encaracollada, a qual não era outra senão a mãe do borrachinho. Vôa direita ao ninho; acha-o deserto. Fica assustada. Pensa decerto que o imprudente filhinho se julgou capaz de voar e lhe fugiu. Desesperada e afflicta, sozinha, sae do pombal á procura d'elle por todo o jardim; chega ao caramanchão, e vê, de longe — desditosa mãe! — o gato devorando-lhe o filhinho querido!

Appressa o vôo, mas, ao chegar junto d'elle, cae inanimada. Ei-la morta!

Tal é o amor de mãe! a pobre pombinha não poude sobreviver á dôr de perder o filho querido!

Bemfica, 1903.

João Osorio.

Caixa de surprezas

Decifrações do n.º 7

I — A figura indica como é dividida a herdade pelos 4 filhos.

II — As laranjas eram 180, assim como as maçãs. Os filhos eram 11.

III. — Eis o proverbio:

Nunca de corvo bom ovo.

IV — Este problema não foi rigorosamente decifrado por nenhum dos nossos estimaveis assignantes. Indicaram com toda a perspicacia a solução alguns que o assimilharam ao problema I do n.º 6; mas, para os fazer pensar mais um bocadinho, repetimol-o n'este numero com mais uma aclaração, que faltava para evitar a confusão com o outro indicado.

V. — As figuras juntas mostram as differentes maneiras por que os alumnos se dispozeram.

4	1	4
1		1
4	1	4

2	5	2
5		5
2	5	5

1	7	1
7		7
1	7	1

0	9	0
9		9
0	9	0

Decifradores

Affonso de Mello Cid Perestrello (2.º, 5.º) — Alberto Ramires dos Reis (2.º) — D. Amalia Stromp Casqueiro (5.º) — D. Antonio de Sousa e Holstein (Fayal) (1.º, 2.º, 3.º, 5.º) — Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º, 5.º) — D. Elvira Ferreira de Mesquita (2.º, 3.º, 5.º) — Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 5.º) — Fernando de Mello Teixeira (1.º, 2.º, 3.º, 5.º) — Gabriel Ramires dos Reis (1.º, 5.º) — D. Irene Rolin Geraldes Barba (2.º) — Luiz Alberto Miranda da Costa (1.º) — D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 5.º) — D. Maria Beatriz de Carvalho Cortez (1.º, 2.º, 5.º) — D. Maria Constança Miranda de Castro (2.º) — D. Maria Rosalina Domingas Vianna Pinto Coelho (2.º) — D. Maria de Sousa Holstein (Fayal) (1.º, 2.º, 3.º, 5.º) — D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (1.º, 2.º, 3.º, 5.º) — Mario de Moraes Affonso (2.º, 5.º) — Mario Sousa d'Almeida (2.º) — Paulo Cinatti Keil (1.º) — Simão Martins (2.º) — D. Vera Quin (2.º, 5.º).

ADIVINHAS E PROBLEMAS

I. — (o IV do numero anterior) — Um carpinteiro tem um sarrafo de madeira de 15 decimetros de comprido por 3 de largo. Dando quatro cortes apenas, todos em linha recta, exige-se que elle com os pedaços forme um quadrado perfeito.

II. — «Dá cá 13 das tuas nozes,» diz o Carlinhos ao Chico, «para eu ficar com tantas como tu.»

— «Dá-me tu 13 das tuas», replica o Chico, «que é para eu ter o quintuplo d'aquellas com que ficas.»

Quantas nozes tinha cada um d'elles?

III. — O dono de um bric-á-brac vende por 90$000 réis um quadro damnificado, o qual lhe tinha custado muito mais caro. Se o tivesse vendido por 210$000 réis, teria um lucro 1 1/2 vez maior do que foi a perda.

Por quanto tinha elle comprado o quadro?

IV. — De cada um dos versos seguintes de Camões tirar uma palavra, de forma que as seis palavras juntas, pela mesma ordem, formem um proverbio conhecido:

Nem deixarão meus versos esquecidos...
D'aqui levarás tudo tão sobejo...
Não queres que padeçam vituperio...
Um pouco a luz perdeu como enfiado.
Que não é premio vil ser conhecido...
Porque essas honras vãs, esse ouro puro...

Soffrer para ser formoso

Mestre sapateiro, bem vê que vergonha
Me fazem já estas palhetas malditas!
Eu quero um par novo, justinhas, catitas,
Embora os pézitos em talas me ponha!

Ai! estas são lindas! E estão mesmo á justa!
Apertam? Deixal-o! que alargam mais tarde!
No emtanto incommodam... Andar como custa!
Vá lá mais dois passos... O pé muito me arde!

Tentemos ainda, com mais arreganho...
Não posso, não posso... Que dôr me arrepela!
Ai! vou descalçar-me!... Que allivio tamanho!
Felizes gaiatos que têm pés á vela!

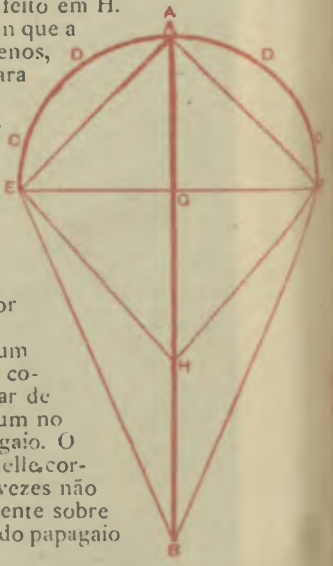
NFLUE muito no desenvolvimento physico das creanças este brinquedo, por os obrigar a correr e a dar longos passeios ao ar livre. Por isso, O GALANHOTO, n'esta época de vida no campo e nas praias, se lembrou de ensinar aos seus amaveis leitoresinhos a maneira de construir facilmente um papagaio.

A proporção habitual entre a altura e a largura é de 7 : 4. Isto é, se o papagaio tiver 70 centimetros de altura, a sua largura deve ser de 40 centimetros.

Arma-se primeiro o esqueleto como se vê na figura. A espinha, A B, é formada por uma vara direita, leve e pouco flexivel. Para se fazer o arco, deve-se escolher um junco ou uma haste flexivel, de freixo, de avelleira, de castanho, por exemplo

Achado o meio do arco, mette-se n'um entalhe feito no cimo, A, da espinha, e ahi se amarra solidamente Nos dois extremos do arco abrem-se tambem entalhes, aos quaes se ata um cordel cujo meio vem passar por um chanfro praticado em B.

Verificado o equilibrio do apparelho, o mesmo cordel ligará os dois extremos do arco, dando uma volta em G, e passará successivamente por A, F, H e E, fixando-se sempre por meio de uma volta em cada um d'estes pontos e passando n'um entalhe feito em H.



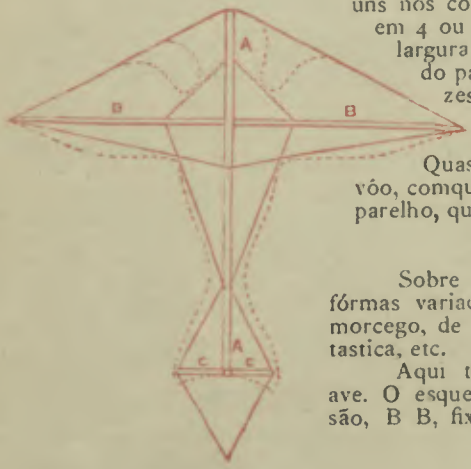
Para que o papagaio tenha as dimensões indicadas, convém que a vara, que serve para o arco, tenha vez e meia, pouco mais ou menos, a largura pretendida. Isto é, se esta fôr de 40 centimetros, deve a vara ter 60.

O revestimento é feito quasi sempre de papel ordinario. Tem a vantagem de ser barato, e de se remendar facilmente. Mas, quando o papagaio é muito grande, é preferivel empregar o panninho ou a chita, ou ainda a gutta-percha.

Empregando-se o papel, pegam-se folhas umas ás outras, com gomma ou colla, até obter uma superficie sufficiente. Depois recorta-se segundo os contornos do esqueleto, deixando uma margem de 3 a 5 centimetros, que se dobra e se pega á madeira e ao cordel com gomma ou colla. Se o revestimento for de panninho ou chita, é melhor cozel o em vez de o collar.

Depois de tudo secco, fazem-se dois buracos na espinha: um d'elles, pouco mais ou menos, a um quinto do seu comprimento, a começar de cima; o outro a cerca de dois terços, sempre a começar de cima. Por elles se passa o cordel de ligação, ao qual se ata, com um no corredio, o cordel ou barbante que serve para aguentar o papagaio. O ponto de ligação deve ser um pouco mais alto do que o meio d'aquelle cordel. Como a sua posição não é facil de determinar, costuma-se ás vezes não fixar o barbante ao cordel de ligação, mas deixal-o correr livremente sobre elle. Assim procurará a altura que mais convém, conforme a cabeça do papagaio fôr mais ou menos pesada.

A cauda é composta de um cordel comprido, atado á parte inferior da espinha. Com intervallos de 7 a 10 centimetros, é costume fazer-lhe uns nós corredios, que servem para fixar pedaços de papel, dobrados em 4 ou 6, com 5 a 10 centimetros de comprimento por 2 ou 3 de largura. O comprimento e o peso da cauda dependem do tamanho do papagaio. Em regra, a cauda não deve ter menos de 12 vezes o comprimento da espinha.



Tambem se accrescentam duas orelhas, feitas da mesma fórma que a cauda, mas muitissimo mais curtas. Quasi que servem apenas de ornamento, e prejudicam ás vezes o vôo, comquanto possam servir para restabelecer o equilibrio do apparelho, quando a sua construcção é defeituosa.

Sobre os mesmos principios, podem construir-se papagaios de fórmas variadas e caprichosas, de um passaro, de um dragão, de um morcego, de um peixe, de um cão, de um homem, de uma figura phantastica, etc.

Aqui temos um outro papagaio que tem a fórma de uma ave. O esqueleto compõe-se de uma espinha, A A, e de um travessão, B B, fixo, pouco mais ou menos, a um terço do comprimento

AIOS

da espinha, a contar do cimo. Outro travessão, muito mais curto, C C, fixa-se na extremidade inferior, de fórma que fique no mesmo plano que B B.

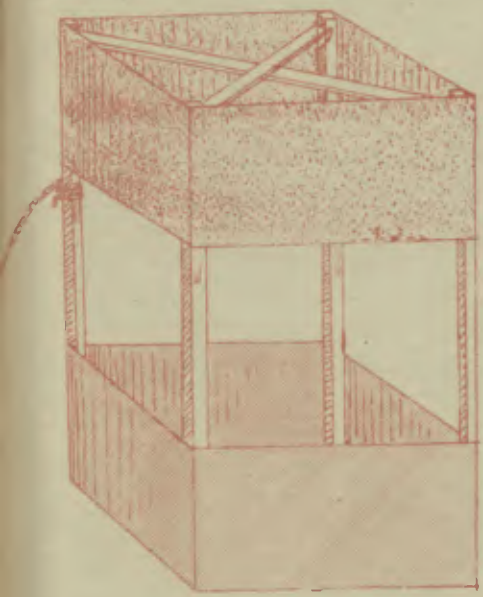
Os contornos da cabeça e do bico são formados de cartão recortado ou por um vime fendido, que entram n'um entalhe aberto no cimo da espinha.

Collocam-se os cordeis como mostra a figura. Cobre-se de papel destinado a formar o corpo. Depois de collado, recorte-se, não seguindo exactamente o contorno da carcassa, mas formando a figura da ave, como se vê nas linhas ponteadas.

A cauda póde consistir simplesmente n'um cordel comprido, na ponta do qual se ata um passarinho de cartão.

Outro papagaio, de fórma completamente differente, appareceu ha poucos annos, ao qual temos ouvido geralmente chamar, não sabemos se com razão, o papagaio belga.

Para o construir, arranjam-se quatro pausinhos, de secção quadrada, de 60 centimetros de comprido. Dispõem-se como se fossem as arestas de um prisma quadrangular, de 40 centimetros de lado, escorando-se nos dois extremos com outros pausinhos cruzados em diagonal, seguros n'uns entalhes abertos nas extremidades dos primeiros.



De qualquer tecido ligeiro, cortam-se duas tiras de 160 centimetros de comprido por 20 de largo. Cingem-se com essas duas tiras, nos dois extremos do apparelho, os quatro prumos. Essas duas cintas, é claro que mais bonitas serão, se forem de côres differentes. A meio dos prumos ata-se o cordel ou o barbante, que deve aguentar o papagaio.

Não é mais senão lançal-o ao ar, e verão o magnifico effeito que produz.

Ainda o GAFANHOTO lhes apresenta uma outra invenção de papagaios, bem simples de construir.

Recortem-se uns 10 ou 12 quadrados de cartão, diminuindo successivamente de tamanho. Pintem-se com desenhos extravagantes, como se vê na figura. Nos dois angulos, direito e esquerdo, do quadrado superior, atem-se os extremos de uns cordeis, os quaes se fixam nos cantos correspondentes dos outros quadrados. Ligam-se tambem com cordeis o angulo inferior do primeiro quadrado ao angulo superior do segundo, o angulo inferior d'este ao superior do terceiro, e assim por deante até ao ultimo.

Ornamentem-se de pennachos os angulos direito e esquerdo do quadrado maior. Na parte superior e na inferior d'este fazem-se dois orificios, aos quaes se fixa um cordel, pelo lado de traz, e a esse cordel se liga o barbante que deve aguentar o papagaio.

RETRATOS
INSTANTANEOS
GRUPOS
E
AMPLIAÇÕES
Vistas
E
Reproducções
Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84
LISBOA

PARA AS CREANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sob a tradicção popular
Tres volumes de contos educativos, originaes

Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc

Preço por assignatura

340 réis cada volume — avulso 40 réis — folheto 60 réis

BREVEMENTE

BIBLIOTHECA DE PUBLICAÇÃO PARA AS CREANÇAS

Os assignantes tem 20 % de abatimento

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Descontos
para revender

Approvados como hygienicos por distinctos medicos.

Caixa 40 réis

Aromatisam extinguem o mau halito e desinfectam.

Vende-se nas pastellarias, lojas de chá e mercearias.

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
141, Rua dos Retroseiros — LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Univrsal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.°
(á P. Luiz de Camões)
LISBOA

PAPELARIA PALHARES
141, Rua do Ouro, 143

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 22, ao Chiado

Telephone 864

Serradayres

Medalha de ouro

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Paris 1900

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs, e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

XX

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhoras e creanças

CASA FUNDADA EM 1812

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63.—Rua Nova do Almada.—63

LISBOA

Guilherme da Silva Spratley & C.ª

ANTIGA CASA

DE

A. A DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

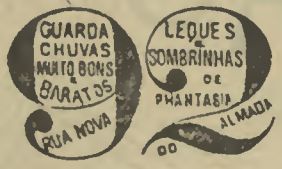
FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS...

Contem o leite puro das vaccas suissas.

ALBINO J. BAPTISTA



LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR SETA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79, Rua do Alecrim, 79

LIVRARIA FERIN

Atlas Jogo de Paciencia

Para creanças apprenderem Geographia Geral como divertimento

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Pariz, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145—Rua do Ouro—149

Fabrica de flores, coróas e plantas artificiaes

Floristas—Decoradores

Completo sortimento de coróas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas, festivaes, bailes, etc.

Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit—Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHÁ CANTO

DEPOSITOS

LISBOA	PORTO
67-Rua do Crucifixo	5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «**A EDITORA**»

Antiga casa David Corazzi

Neste estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇOES

R. de S. Nicolaur 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VILLAS BOAS

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CORES

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.° 10

O BULE MARAVILHOSO

MADAMA RÃ E SENHOR BOI

UMA TAREIA NO GAFANHOTO

CAIXA DE SURPREZAS

Á CAÇA DOS NINHOS

LIVRASIA FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74

LISBOA

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA
48, Rua Nova do Almada, 50
LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107
LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

VESTIDOS PARA MENINOS

O nosso atelier de vestidos para meninas é sobejamente conhecido como sendo o unico no paiz que está montado em condições de poder satisfazer a todas as variadas exigencias da moda das creanças.

De facto todos os vestidos executados em nossa se distinguem facilmente por um *cachet* de feminina elegancia que só encontra similar nos grandes centros da moda estrangeira.

Além das numerosas encommendas que temos continuamente em execução, a nossa casa apresenta sempre um sortimento lindissimo de vestidos em todos os feitios e para todas as edades.

RUA GARRETT

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

Ao findar o seu primeiro trimestre, O GAFANHOTO, no intento de se aperfeiçoar constantemente e de corresponder assim á sympathia publica, precisa alargar o seu campo de acção.

Para isso offerece d'ora ávante a todas as pessoas que por elle queiram interessar-se, um

BONUS

em livros adquiridos na livraria Ferin, *bonus* equivalente a

10 POR CENTO

sobre a importancia das assignaturas alcançadas por sua influencia, qualquer que seja o numero d'essas assignaturas.

As pessoas, que desejem aproveitar-se d'esta vantagem, queiram remetter a lista das assignaturas, devidas á sua benevola agencia, á direcção do GAFANHOTO

Livraria Ferin

70—Rua Nova do Almada—74

LISBOA

E, apenas se realise a importancia d'essas assignaturas, ser-lhes-ha facultado o beneficio que annunciamos.

Escusamos de encarecer o valor excepcional d'este *bonus*, que a um agente activo poderá proporcionar um largo fornecimento de livros, de instrucção ou de recreio, á sua escolha.

N. B. — Fica entendido que, sendo este *bonus* um premio ao zelo espontaneo da agencia, não entra em conta para a percentagem a assignatura *pessoal* do agente.

EXPEDIENTE

O GAFANHOTO pede a todos os seus estimaveis assignantes, cuja assignatura findou com o passado numero, o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas novas assignaturas no mais curto praso, afim de não soffrerem interrupção na remessa do jornal, dirigindo-se á administração — Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

RETRATOS
INSTANTANEOS
GRUPOS
E
AMPLIAÇÕES
Vistas
E
Reproducções
Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84
LISBOA

PARA AS CRIANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sobre a tradição popular
Tres volumes de contos educativos, originaes
Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc:
Preço por assignatura
340 réis cada volume — avulso 400 réis — folheto 60 réis
BREVEMENTE
BIBLIOTHECA DA PUBLICAÇÃO «PARA AS CRIANÇAS»
Os assignantes tem 20 % de abatimento
LIVRARIA GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª, — RUA DE S. ROQUE, 108

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Descontos
para revender

Approvados como hygienicos por distinctos medicos.

Caixa 40 réis

Aromatisam, extinguem o mau halito e desinfectam.

Vende-se nas pastellarias, lojas de chá e mercearias.

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
141, Rua dos Retroseiros — LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.°
(á P. Luiz de Camões)
LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa • Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Serradayres

Medalha de ouro

Paris 1900

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

XX

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhoras e creanças

CASA FUNDADA EM 1842

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63 — Rua Nova do Almada — 63

LISBOA

G.me da Silva Spratley & C.a

ANTIGA CASA

DE

A. A. DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS ₒEDOSAS.—

Contem o leite puro das vaccas suissas.

ALBINO J. BAPTISTA

GUARDA CHUVAS MUITO BONS E BARATOS RUA NOVA

LEQUES SOMBRINHAS DE PHANTASIA ALMADA 90

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P.ª de Magalhães, Dejante & C.ª

MEDALHA DE OURO

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

99, Rua do Alecrim, 99

Atlas Jogo de Paciencia

Para creanças aprenderem Geographia Geral como divertimento

LIVRARIA FERIN

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos models de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145—Rua do Ouro—149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas—Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas, festivaes, bailes, etc.

Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit—Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHÁ CANTO

DEPOSITOS

LISBOA — 67-Rua do Crucifixo

PORTO — 5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «A EDITORA»

Antiga casa David Corazzi

N'este estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇOES

R. de S. Nicolau, 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VILLAS BOAS

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES
a côres

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.º 11

GATINHOS SEM PROPOSITO
ESTAMPA MUDA
CAIXA DE SURPREZAS
O CORVO COM SEDE
GRANDE CIRCO BATRACHIANO
O FATO NOVO DO IMPERADOR
PAGINA SOLTA

LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA

LIVRARIA FERIN

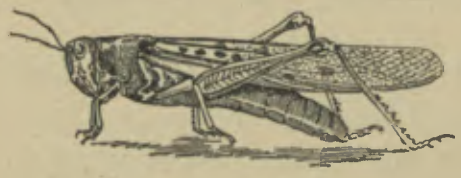
Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200



QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa • Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Serradayres

Medalha de ouro

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Paris 1900

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

XX

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhoras e creanças

CASA FUNDADA EM 1842

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63—Rua Nova do Almada—63

LISBOA

G.me da Silva Spratley & C.a

ANTIGA CASA

DE

A. A. DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

Ao findar o seu primeiro trimestre, O GAFANHOTO, no intento de se aperfeiçoar constantemente e de corresponder assim á sympathia publica, precisa alargar o seu campo de acção.

Para isso offerece d'ora ávante a todas as pessoas que por elle queiram interessar-se, um

BONUS

em livros adquiridos na livraria Ferin, *bonus* equivalente a

10 POR CENTO

sobre a importancia das assignaturas alcançadas por sua influencia, qualquer que seja o numero d'essas assignaturas.

As pessoas, que desejem aproveitar-se d'esta vantagem, queiram remetter a lista das assignaturas, devidas á sua benevola agencia, á direcção do GAFANHOTO

Livraria Ferin

70—Rua Nova do Almada—74

LISBOA

E, apenas se realise a importancia d'essas assignaturas, ser-lhes-ha facultado o beneficio que annunciamos.

Escusamos de encarecer o valor excepcional d'este *bonus*, que a um agente activo poderá proporcionar um largo fornecimento de livros, de instrucção ou de recreio, á sua escolha.

N. B. — Fica entendido que, sendo este *bonus* um premio ao zelo espontaneo da agencia, não entra em conta para a percentagem a assignatura *pessoal* do agente.

EXPEDIENTE

O GAFANHOTO pede a todos os seus estimaveis assignantes, cuja assignatura findou com o passado numero, o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas novas assignaturas no mais curto praso, afim de não soffrerem interrupção na remessa do jornal, dirigindo-se á administração — Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

Gatinhos sem proposito

Como os jantarinhos são actos solemnes,
Bichanos envergam a rica farpela,
Gravatas garridas e finas mitaines,
E a mãe recommenda : «Meninos, cautella !»

Mas muito gulosos — adeus encommendas ! —
Gatinhos só cuidam de encher os seus papos !
Um nojo lhes ficam mitaines de rendas,
E as lindas gravatas que nem uns farrapos !

ESTAMPA MUDA

Conforme as condições costumadas, O GAFANHOTO concede para exercicios sobre esta estampa muda o praso de um mez, o qual termina em 1 de outubro, devendo os resultados ser publicados no n.º 14, referente a 15 de outubro.

Só serão admittidos os assignantes que o fôrem durante o 3.º trimestre, o qual começa a 1 de outubro.

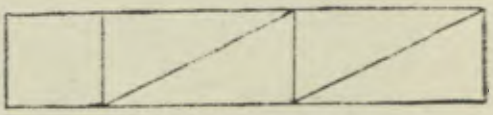
De novo recommenda o GAFANHOTO aos seus amaveis collaboradores que não receiem encher os seus exercicios de quaesquer observações pessoaes, que dão um particular interesse a estes concursos.

E remettam-n'os em sobrescripto *especial*, tendo por fóra a nota: *Estampa muda do n.º 11.*

O *GAFANHOTO* anceia por abrir muitos sobrescriptos d'esses.

Caixa de surprezas

Decifrações do n.º 9



I. — As figuras indicam como é formado o quadrado
II. — O Carlinhos tinha 26 e o Chico tinha 52 nozes.
III. — O quadro fôra comprado por 138:000 réis.
IV. — Eis o proverbio:
Nem tudo que luz é ouro.

Por lapso typographico deixaram de figurar na lista dos decifradores do numero passado, a menina D. Maria de Souza e Holstein e menino D. Antonio de Souza e Holstein, que encontraram soluções justas aos problemas n.ºs 1, 2, 3.

Affonso Cid Perestrello (2.º, 3.º e 4.º) — D. Alice Nunes Corrêa (4.º) — D. Alice Rey Colaço (4.º) — D. Anna Abranches de Carvalho (2.º e 4.º)— Antonio de Deus Quelhas (2.º, 3.º e 4.º) — Antonio Lopes Pinto Coelho (2.º, 3.º e 4.º)— D. Antonio de Souza e Holstein (1.º, 2.º e 4.º) — Arnaldo da Conceição Freire Sobral (4.º) — Carlos Freire d'Andrade (1.º, 2.º, 3.º e 4.º)—D. Cypriana Maria da Silva (4.º)—Duarte Ressano Garcia (2.º, 3.º e 4.º)—D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º e 4.º)—D. Eugenia Woodhouse (2.º, 3.º e 4.º) — Fernando de Mello Teixeira (2.º, 3.º e 4.º)—D. Idalina d'Almeida Lemos (4.º)— D. Irene Rolin Geraldes Barba (2.º, 3.º e 4.º) — Luiz Alberto Miranda da Costa (4.º)— D. Luiza Woodhouse (2.º, 3.º e 4.º) — D. Maria Beatriz de Carvalho Cortez. (2.º 3.º e 4.º) — D. Maria Celeste da Rocha Soares Barbosa (2.º, 3.º e 4.º)—D. Maria Thereza Lencastre Ferrão (1.º, 2.º, 3.º e 4.º) — D. Maria R. (4.º) — D. Maria Rey Collaço (4.º)—D. Maria de Souza e Holstein (1.º, 2.º e 4.º) — Mario Moraes Affonso (1.º, 2.º, 3.º e 4.º) — Paulo Cinatti Keil (4.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I (Repetido do numero anterior, onde vinha errado). — Sei de dois numeros cuja differença é 4. O quadrado do maior excede em 40 o quadrado do menor. Quaes são os dois numeros?

II. — Divida-se o numero 45 em 4 parcellas, de tal forma que, accrescentando 2 á primeira, subtrahindo 2 da segunda, multiplicando por 2 a terceira, e dividindo por 2 a quarta, o resultado seja egual para todas estas operações.

III. — Um menino foi perguntar a um lavrador quantos bois tinha elle.

— «Faça o menino a conta!» respondeu o lavrador. «Se eu tivesse outros tantos, e mais metade dos que tenho, e mais 7, tinha tantos como os do seu Papá, que são 32.»

O menino fartou-se de parafusar, e, como não conseguiu atinar com a conta, consulta os assignantes do *Gafanhoto*.

IV. — Recompôr os versos seguites, a que faltam as consoantes, e adivinhar a que estancia dos *Lusiadas* pertencem.

.i..o .e.e. a .ua .e e..o..e a
E ou..a. .a..a. .o...a.a ..eio o .o..o,
.na..o a .i.a e e...a.a .e .e..e.a
Ao .u.o .e..o .ue ..e e. a.a .o..o.

O CORVO COM SEDE

Um corvo, a morrer de sêde, enxergou de longe um cantaro. Voou para elle como uma setta, esperando encontral-o cheio de agua.

Com effeito, havia agua no cantaro; mas tão pouca que, por mais que o pobre corvo estendesse o pescoço, apenas molhava a ponta do bico.

— Nada de desanimar! disse comsigo o corvo. Querer é poder!

E occorreu-lhe logo uma idéa engenhosa. Visto que elle não podia chegar á agua, a agua que trepasse até lhe chegar ao bico.

Foi apanhar um seixo, e deitou-o na agua. Depois outro, e outro, e mais outro. A proporção que elles mergulhavam, a agua já se deixa vêr que subia.

E tanto subiu que o esperto animalsinho bebeu á farta. E teria talvez morrido de sêde, se não tivesse tido aquelle pensamento industrioso.

D'onde se vê que a sêde, assim como a fome, é um grande estimulo para aguçar as intelligencias.

GRANDE CIRCO

GRANDE COMPANH
ACROBATICA, FUNAMBULI

Monsieu

Successo incomparavel

EXTRAORDINARIOS EXE

P

Monsieur Rani

OS CARACOE

ADMIRAVEIS JO

Executa

MISTER

Lindo e apparatoso numer

A BORBOLE

em que tantos applausos t
o celebre funambulo

HERR LA

Surprehendentes ex

REI DOS

o afamado **GRENOUILLA**

OS CELEBR

TÉTÉ

COAXARÃO AGRADAV

INTERMED

Outros magnifico
preenche

As portas abrem-se ao lu
começa

Uma garbosa guarda de

PREÇOS — Os do costume

BATRACHIANO

HIA GYMNASTICA,
ESCA, SOB A DIRECÇÃO DE

r RANI

! Exito nunca visto!!!

ERCICIOS DE EQUILIBRIO

OR

i e Miss. Ranita

S SALTANTES

GOS MALABARES

ados por

FROGGIE

ro intitulado

ETA NA FLOR

em colhido por todo o mundo

UBFROSCH

ercicios de força pelo

HERCULES

AD *com quatro avelãs massiças*

RES CLOWNS

e TÚTÚ

VELMENTE DURANTE OS

IOS COMICOS

os numeros
rão o espectaculo

sco-fusco, e o espectaculo
ás escuras

sapos fará a policia da sala

, com mais um vintem de sello

O FATO NOVO DO IMPERADOR

Muitos e muitos annos ha, vivia um certo Imperador, com tamanha paixão por vestuarios novos e ricos, que não havia dinheiro que lhe chegasse para os comprar.

Bem se importava elle com soldados e com theatros. Isso sim! Comtanto que andasse a passeiar de carruagem, para mostrar todo o seu luxo, pouco se lhe dava do que ia pelo mundo.

Tinha uma andaina differente para cada hora do dia. A respeito dos reis, é uso dizer-se muita vez: — «Sua Majestade está em conferencia com os seus ministros!»

Pois d'este Imperador o que se dizia era isto: — «Sua Majestade Imperial está a vestir-se!»

Ora na grande capital em que elle habitava, havia sempre muito movimento e uma enorme affluencia de extrangeiros.

Um dia, chegaram lá dois trampolineiros, dando-se por tecelões e dizendo-se inventores de um tecido tão fino e tão rico que não se podia calcular. Não só, asseveravam elles, as côres e os desenhos eram de uma belleza incomparavel, mas uma propriedade maravilhosa possuia ainda a tal fazenda: fatos que fossem feitos com ella eram invisiveis para qualquer pessoa inhabil para a profissão que exercia, ou dotada de uma estupidez incorrigivel.

— «Isto é que era um fato de primeira ordem!» pensou o Imperador. «Em eu andando com elle, descobriria logo quaes as pessoas que tenho no Imperio, incapazes de exercer os seus empregos. Podia logo differençar os espertos e os parvos. Não ha que hesitar! Vou já dar ordem para me tecerem a tal fazenda!»

Passou logo para as mãos dos intrujões uma grande porção de dinheiro, para elles metterem immediatamente mãos á obra.

Os dois patuscos disposeram dois teares e fingiram que estavam a trabalhar; mas nos teares não havia nem um fio. Pediram que lhes dessem as sedas mais finas e os mais preciosos torçaes de ouro. Sumiram tudo nas algibeiras, e até alta noite trabalharam nos teares vasios.

— «Não desgostava de saber em que alturas vae a obra!» pensou o Imperador.

Mas o que o atrapalhava era a ideia de que não podiam ver o tecido as pessoas inhabeis para os seus officios ou estupidas de todo. Não que, sequer por um momento, lhe passasse pela cabeça que elle tinha alguma cousa a receiar por si; mas em todo o caso preferia mandar primeiro outra pessoa para ver o andamento do trabalho.

Não havia ninguem na cidade que não soubesse do condão especial d'aquelle tecido, e que não estivesse em alvoroço para descobrir até que ponto os visinhos eram maus ou estupidos.

— «Vou mandar aos tecelões o meu velho Ministro, que é homem de bem ás direitas!» pensou o Imperador. «Esse é que póde apreciar a preceito a tal fazenda, porque é intelligente e sabe do seu officio como ninguem!»

E lá foi o luminar do velho Ministro ao casarão, onde os dois trapalhões estavam muito afadigados a trabalhar com os teares vasios.

— «Deus Nosso Senhor me accuda!» pensou o Ministro, arregalando muito os olhos. «Não vejo nada, pela palavra nada!» Mas é claro que não abriu bico.

Pediram-lhe os dois tratantes que tivesse Sua Excellencia a bondade de se aproximar mais, e perguntaram-lhe se não approvava as côres e o debuxo. Apontaram para os teares; mas o pobre do Ministro, por mais que arregalasse os olhos, não via nada. Podera! Pois se não havia nada para ver!

— «Misericordia!» pensou elle. «Serei eu tão parvo como tudo isso? Nunca tal pensei, e bom é que ninguem tal suspeite. Dar-se-ha caso que eu seja incapaz para o meu officio? Nada! Não caio em dizer a ninguem que não vejo a fazenda!»

— «Então que nos diz Vossa Excellencia a isto?» perguntou um dos tecelões.

— «Ah! é magnifico! é riquissimo! é soberbo!» respondeu o velho Ministro assestando os oculos. «Que lindo desenho! e que tintas tão bem matizadas! Sim, senhores! Vou já d'aqui dizer ao Imperador que me agrada sobremaneira o seu trabalho!»

— «Ainda bem!» exclamaram ambos os embusteiros.

E desataram a descrever as côres e a descrever o extravagante debuxo.

O velho Ministro ouviu-os com toda a attenção, para poder repetir tudo, tim-tim por tim-tim, ao Imperador. E assim fez. Os intrujões pediram mais dinheiro, e mais fornecimento de seda e de ouro, que precisavam para a sua tecelagem. Metteram tudo nas algibeiras, e nos teares não pozeram nem um fio. Mas continuaram na mesma faina como até alli.

D'alli a pouco, o Imperador mandou lá outro estadista notavel, para ver se o trabalho ia andando e se faltava muito para a fazenda ficar prompta. Aconteceu-lhe o mesmo que ao primeiro. Mirou e remirou, mas, como não havia nada que ver nos teares, é claro que nada viu.

— «Então! Não é uma linda peça?» perguntaram os patifes.

E fizeram notar as bellezas do debuxo, que não existia lá nem por sombras.

— «Lá estupido não sou eu!» parafusava o homem. «Querem ver que sou inhabil para o meu alto cargo? É boa esta! O que é preciso é que ninguem tal perceba!»

E portanto elogiou muito a fazenda que elle não via, e deu largas ao seu enthusiasmo pela belleza das côres e pelo encanto do debuxo.

— «É realmente magnifico!» disse elle ao Imperador.

Na cidade não se falava n'outra cousa senão no luxuosissimo tecido. O Imperador desejou tambem vel-o emquanto estava ainda nos teares. Acompanhado por uma grande comitiva de cortezãos escolhidos, entre os quaes os dois velhos estadistas que já lá tinha mandado, dirigiu-se aos dois espertalhões e encontrou-os a trabalhar com toda a ancia, mas sem um fiosinho sequer.

— «Não acha isto esplendido?» perguntaram os estadistas que já lá tinham ido. «Vossa Majestade não repara na magnificencia d'este debuxo e no deslumbramento d'estas côres?»

E apontavam ambos para os teares vasios, por cuidarem que os outros eram capazes de ver a fazenda.

— «Esta agora!» pensou o Imperador. «Não vejo mesmo nada. Isto é medonho! Dar-se-ha caso que eu seja tolo? ou que não seja apto para Imperador? É a cousa peior que me podia succeder! Sim, senhor! É bonito devéras!» disse elle em voz alta. «Havemos por bem conceder-lhe a nossa alta approvação.»

Acenou com a cabeça em ar de satisfação, e examinou o tear vasio, porque não lhe convinha confessar que não via cousa nenhuma. Toda a comitiva mirou e remirou tambem; mas, da mesma fórma, não viu nada, embora repetissem os ditos do Imperador:

— «É lindo! É lindissimo a valer!»

E aconselharam-no todos a que estreiasse o fato na grande procissão que estava á porta.

— «É magnifico! É primoroso! É esplendido!» eram as exclamações que corriam de bocca em bocca.

E tamanho era o enthusiasmo de todos, que o Imperador condecorou os dois intrujões e concedeu-lhes o titulo de «Tecelões da Côrte Imperial.»

Na vespera da procissão, passaram os maganões em claro toda a santa noite, e gastaram para cima de dezeseis velas, para que toda a gente fosse testemunha da actividade com que elles acabavam o fato novo do Imperador. Fingiram tirar a fazenda dos teares, deram cortes no ar com umas thesouras muito grandes; cozeram com agulhas sem linha nenhuma, e por fim disseram: — «Está prompto o fato!»

Veiu o Imperador em pessoa, acompanhado pelos cortezãos mais distinctos. Os intrujões levantaram os braços ao ar, como se estivessem pegando n'alguma cousa, e iam dizendo:

— «Veja, meu senhor! Aqui estão os calções! Aqui está o gibão! Aqui está o manto!»

E assim por deante.

— «Tudo leve e delicado, que nem uma teia de aranha. Veste-se, e nem se lhe sente o peso. É isto que faz a belleza do fato! — «É verdade!» disseram todos os cortezãos.

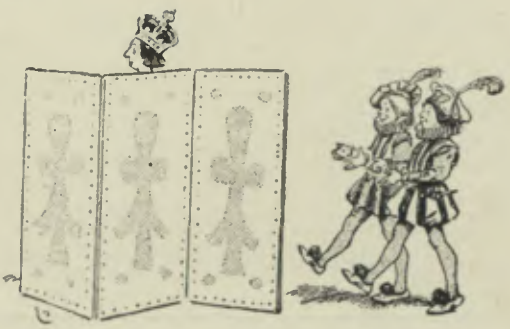
Mas nada podiam ver, porque nada havia.

— «Se Vossa Majestade Imperial se dignar despir-se,» exclamaram os espertalhões, «nós lhe envergaremos o fato novo defronte d'esse grande espelho que ahi está.»

O Imperador despiu o fato que trazia, e os patuscos foram fingindo que lhe vestiam cada uma das peças do vestuario. E o Imperador, tudo era voltar-se e remirar-se no espelho.

— «Que bem que lhe fica! Que perfeição de côrte!» exclamava toda a gente. «E que riqueza de côres e de desenhos! É realmente um vestuario de encantar!»

— «Está lá fóra o pallio á espera de Vossa Majestade!» annunciou o Mestre de Cerimonias.



— «Estou prompto !» disse o Imperador. «Que tal ? Não me fica bem ?»

E virou-se e revirou-se de novo defronte do espelho, para fazer acreditar que estava admirando o seu rico traje. Os camaristas caudatarios baixaram se até ao chão, como se tratassem de levantar o manto. Depois levantaram as mãos, fingindo segurar na cauda, para não dar mostras de que não viam cousa nenhuma.

E lá foi o Imperador na procissão, debaixo do magnifico pallio, e não havia ninguem nas ruas que não bradasse :

— «Que belleza que é o fato do Imperador ! Que opulenta que é a cauda do manto ! Que bem qne lhe fica tudo !»

Ninguem queria dar a entender que não via nada, porque isso era o mesmo que mostrar, ou que eram estupidos, ou que eram incapazes para os seus officios.

— «O Imperador está despido !» gritou por fim um pequenito.

— «Ouçam o que diz a innocencia !» exclamou o pae.

E todos foram cochichando uns para os outros o dito do pequeno.

— «Está despido ! Está despido !» gritou afinal o povo inteiro.

O Imperador teve um sobresalto, por lhe parecer que o povo tinha razão

Mas pensou lá de si para comsigo :

— «Não tenho remedio senão acompanhar a procissão até ao fim !»

Empertigou-se todo, e continuou com muita imponencia a andar, emquanto os caudatarios seguravam majestosamente um manto que não existia.

Um fidalgo, dono de um antigo palacio, mandou concertar uma parede que ameaçava ruina.

N'essa parede havia um quadro de azulejos, que os operarios tiveram de desmanchar. Mas com tão pouca cautela o fizeram que não souberam depois pol-os em ordem.

Ahi vão elles, todos misturados. Tratem agora de reconstituir o quadro.

O GAFANHOTO

N.º 11 — Setembro de 1903

LIVRARIA FERIN

DE AZULEJOS

RETRATOS
INSTANTANEOS
GRUPOS
E
AMPLIAÇÕES
Vistas
E
Reproducções
Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84
LISBOA

PARA AS CRIANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sobre a tradição popular
Tres volumes de contos educativos, originaes
Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc:
Preço por assignatura
340 réis cada volume — avulso 400 réis — folheto 60 réis
BREVEMENTE
BIBLIOTHECA DA PUBLICAÇÃO «PARA AS CRIANÇAS»
Os assignantes tem 20 % de abatimento
LIVRARIA GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª, — RUA DE S. ROQUE, 108

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Dexcontos
para revender

Approvados como hygienicos por distinctos medicos.

Caixa 40 réis

Aromatisam, extinguem o mau halito e desinfectam.

Vende-se nas pastellarias, lojas de chá e mercearias.

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
141, Rua dos Retroseiros — LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º
(á P. Luiz de Camões)
LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145—Rua do Ouro—149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas — Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas, festivaes, bailes, etc.

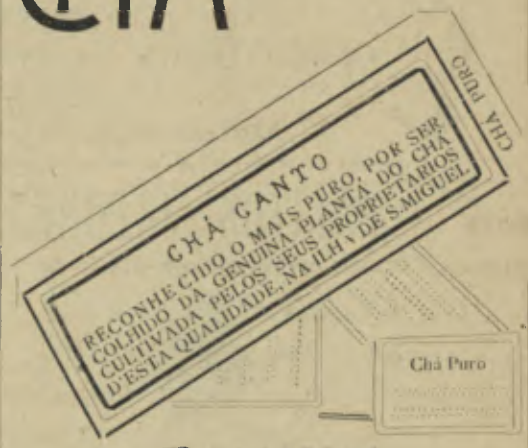
Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit—Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHÁ CANTO



DEPOSITOS

LISBOA	PORTO
67-Rua do Crucifixo	5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «**A EDITORA**»

Antiga casa David Corazzi

N'este estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇOES

R. de S. Nicolau, 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VILLAS BOAS

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS..

Contem o **leite puro** das **vaccas suissas.**

ALBINO J. BAPTISTA

GUARDA CHUVAS MUITO BONS E BARATOS — RUA NOVA

LEQUES SOMBRINHAS DE PHANTASIA — ALMADA

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

MEDALHA DE OURO

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79, Rua do Alecrim, 79

LIVRARIA FERIN

Para creanças aprenderem Geographia Geral como divertimento

Atlas Jogo de Paciencia

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vec roupas e chapeus para creanças neas para senhoras e crea

Tecidos.algodão, e bordados

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107

LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

VESTIDOS PARA MENINOS

O nosso atelier de vestidos para meninas é sobejamente conhecido como sendo o unico no paiz que está montado em condições de poder satisfazer a todas as variadas exigencias da moda das creanças.

De facto todos os vestidos executados em nossa se distinguem facilmente por um *cachet* de feminina elegancia que só encontra similar nos grandes centros da moda estrangeira.

Além das numerosas encommendas que temos continuamente em execução, a nossa casa apresenta sempre um sortimento lindissimo de vestidos em todos os feitios e para todas as edades.

RUA GARRETT

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CÔRES

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.° 12

A SENTENÇA DE MANO KÁGADO
INAUGURAÇÃO DA ESTATUA EQUESTRE
O CÃO E O CAVÁLLINHO
O FERROLHO
CAIXA DE SURPREZAS
ESTAMPA SOLTA DO N.° 11

LIVRARIA FERIN

70, Rua Nova do Almadá, 74

LISBOA

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145—Rua do Ouro—149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas—Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas, festivaes, bailes, etc.

Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit—Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHÁ CANTO

DEPOSITOS

LISBOA	PORTO
67-Rua do Crucifixo	5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «**A EDITORA**»

Antiga casa David Corazzi

N'este estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇOES

R. de S. Nicolau, 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VILLAS BOAS

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

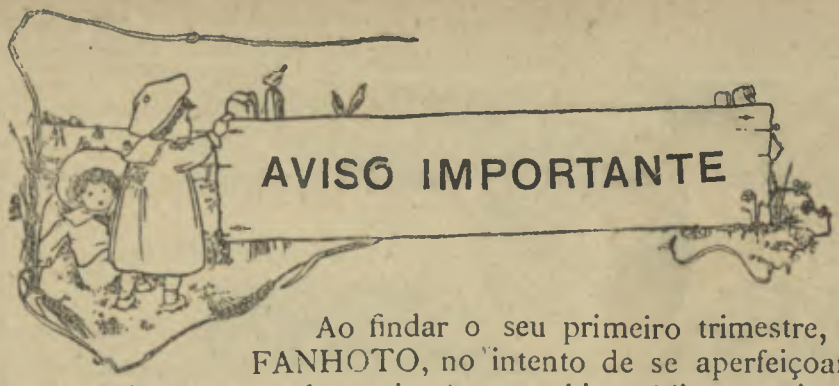
Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO



AVISO IMPORTANTE

Ao findar o seu primeiro trimestre, O GAFANHOTO, no intento de se aperfeiçoar constantemente e de corresponder assim á sympathia publica, precisa alargar o seu campo de acção.

Para isso offerece d'ora ávante a todas as pessoas que por elle queiram interessar-se, um

BONUS

em livros adquiridos na livraria Ferin, *bonus* equivalente a

10 POR CENTO

sobre a importancia das assignaturas alcançadas por sua influencia, qualquer que seja o numero d'essas assignaturas.

As pessoas, que desejem aproveitar-se d'esta vantagem, queiram remetter a lista das assignaturas, devidas á sua benevola agencia, á direcção do GAFANHOTO

Livraria Ferin

70—Rua Nova do Almada—74

LISBOA

E, apenas se realise a importancia d'essas assignaturas, ser-lhes-ha facultado o beneficio que annunciamos.

Escusamos de encarecer o valor excepcional d'este *bonus*, que a um agente activo poderá proporcionar um largo fornecimento de livros, de instrucção ou de recreio, á sua escolha.

N. B. — Fica entendido que, sendo este *bonus* um premio ao zelo espontaneo da agencia, não entra em conta para a percentagem a assignatura *pessoal* do agente.

EXPEDIENTE

O GAFANHOTO pede a todos os seus estimaveis assignantes, cuja assignatura findou com o passado numero, o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas novas assignaturas no mais curto praso, afim de não soffrerem interrupção na remessa do jornal, dirigindo-se á administração — Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

A sentença de Mano Kágado

Depois de apanhar a escaldadela mestra que lhe pregou Mano Coelho, Mano Lobo desappareceu alli dos sitios, á espera que lhe crescesse pello novo. Como ninguem lhe punha a vista em cima, Mano Coelho disse lá comsigo que podia aventurar-se a sahir da torre e a dar-se outra vez com a bicharia.

Ataviou-se muito bem, e começou a dar as suas passeiatas por aqui e por alli.

Ia Mano Coelho n'um d'estes seus giros, a rir e a falar com os seus botões, quando ouviu o quer que fosse. Parou de conversar, e começou a cantarolar uma cantiga, mas não viu viva alma. Estacou e poz-se á escuta, e ouviu então uma voz a gemer mais de rijo:

— «Ai! ai! Quem me acode?»

Mano Coelho ouviu isto, e ficou-se á escuta. Arrebitou as orelhas, e respondeu:

— «Quem é que está a fallar? O que foi que aconteceu?»

— «Pelo amor de Deus! Quem quer que seja, accuda a este desgraçado! Estou aqui debaixo d'este enorme penedo.»

Mano Coelho tinha que ter lume no olho. Vae, chegou-se com toda a cautella ao barranço, e quem imaginam vocemecês que elle havia de vêr? O Mano Lobo, nem mais nem menos. Agora a razão porque aquelle pedregulho não tinha dado cabo d'elle, isso perguntem a quem quizerem, porque eu cá não percebo como é que não o achatou de todo.

Pois lá estava elle, ainda com força para berrar a ponto de o ouvirem a uma legua de distancia, com uns berros tão sentidos que Mano Coelho teve dó d'elle, e desceu pela encosta abaixo, a ver como poderia accudir-lhe.

Apenas chegou abaixo, Mano Lobo começou a gemer:

— «O meu rico senhor, por tudo quanto ha, veja se me ajuda a levantar este pedregulho! Pelo amor de Deus, venha em meu soccorro!

Vae Mano Coelho, pôz costas ao penedo, fez quanta força podia, e d'alli a pouco, zás! conseguiu levantal-o.

Ora succedeu que Mano Lobo não estava muito magoado. Apenas se apanhou á solta, veiu-lhe logo á ideia aproveitar a occasião para tirar vingança de Mano Coelho. Agarrou-o pela nuca e pela espinha, e por mas que Mano Coelho guinchasse e esperneasse, não havia maneira de se livrar d'aquellas garras. Vae, Mano Coelho disse assim:

— «Isto não tem geito, Mano Lobo! Então assim é que você agradece a quem lhe salvou a vida.»

Mano Lobo deu uma risada, e respondeu:

—«Eu lhe darei os meus agradecimentos, Mano Coelho, e depois lamberei os beiços á caminha fresca».

—«Ah! elle é isso, Mano Lobo? Pois deixe estar que nunca mais na minha vida lhe hei de fazer nenhum beneficio!»

Mano Lobo deu outra risada, e replicou:

—«Diz você muito bem, Mano Coelho! Está livre e bem livre de me fazer outro beneficio na sua vida!»

Mano Coelho deu voltas ao miolo, e por fim disse:

—«O Mano Lobo, lá na minha terra, é contra a lei dar caho das pessoas que nos façam bem, e então eu espero que a lei aqui seja a mesma».

Mano Lobo respondeu que não estava certo d'isso. Mano Coelho então disse que o melhor é deixar Mano Kágado resolver a questão. Mano Lobo concordou.

Pozeram-se pois os dois a caminho do sitio onde morava Mano Kágado. Apenas lá chegaram, Mano Lobo fallou da sua parte, e Mano Coelho fallou da sua. Mano Kágado póz os oculos, apurou a garganta, e disse assim:

—«A questão é um bocado intrincada. Tem dente, seu Mano Coelho. Antes de me decidir, levem-me vocemecês ao sitio em que estava Mano Lobo quando Mano Coelho o encontrou».

Dito e feito. Os dois levaram Mano Kágado pela estrada abaixo até chegarem ao barracal, e depois mostraram-lhe o sitio em que o Mano Lobo tinha sido apanhado pelo pedregulho. Mano Kágado andou de roda, de roda, batendo na rocha com a ponteira da bengala, até que por fim abanou a cabeça e disse:

—«Eu cá não queria incommodal-os muito, mas verdade verdade não ha senão uma maneira de aclarar a questão. E' preciso que eu veja o modo como Mano Lobo foi apanhado, e como é que elle estava amezendado debaixo do penedo».

Vae Mano Lobo, deitou-se no mesmo sitio em que estava quando Mano Coelho deu com elle, e os outros chegaram-se ao pedregulho e rolaram-no para cima do Mano Lobo.

Rolaram-no e Mano Lobo, lá ficou. E Mano Kágado não fazia senão gyrar alli á roda, gyrar, gyrar, sem despregar os olhos d'elle. Vae depois, sentou-se e começou a fazer riscos na areia com a bengala, como quem está a scismar n'algum caso complicado. Eis senão quando Mano Lobo rompe em gritos:

—«Avie-se, Mano Kágado! Olhe que o pedregulho pesa como a bréca!»

Mano Kágado poz-se em pé, e disse assim:

—« Mano Coelho, você é que andou mal. Que necessidade tinha você de se metter com a vida de Mano Lobo, quando elle não se mettia com a sua? Elle estava lá tratando dos seus negocios, deixasse-o você, e fosse tratar dos seus!»

Com esta é que Mano Coelho ficou mesmo passado.

E Mano Kágado continuou assim:

—« Quando você hoje de manhã ia pela estrada abaixo, por força que ia com algum destino. Se ia com algum destino, o melhor que tinha a fazer era continuar no seu caminho. Mano Lobo é que não ia n'essa occasião para parte nenhuma, nem agora vae. Você encontrou-o debaixo d'aquelle p e d r e g u l h o, não é assim? Pois debaixo d'aquelle mesmo pedregulho é que deve deixal-o em paz!»

E então é que foi o bom e o bonito!

Os dois bichos deram ás de Villa Diogo sem mais uma nem duas, e lá deixaram Mano Lobo debaixo do penedo.

INAUGURAÇÃO DA ESTATUA EQUESTRE

Os azulejos, reproduzidos na folha solta do nosso numero 11, formam o quadro que publicamos agora, representando *A inauguração da estatua equestre de el-rei D. José I.* Os operarios, que o desmancharam, podiam tel o reconstruido se tivessem conhecimento da *Historia de Portugal* de Pinheiro Chagas, publicada pela *Empreza da Historia de Portugal*, a cujo volume a foi buscar, com a devida venia, o *Gafanhoto.*

Se não fosse isso, a cousa tinha dente de coelho, e é muito possivel que o *Gafanhoto* esbarrasse tambem. Agora, publicada a estampa, o quebra cabeças tem um novo interesse para os nossos queridos leitoresinhos.

*

* *

Recebemos uma interessante cartinha do menino Paulo Cinatti Keill, na qual descreve o assumpto que a pagina solta do n.º 11 representa. Sentimos não poder ser publicada, devido á falta de espaço.

O cão e o

I — Este cavallinho, que está no descanço,
Tem ancas de espeto, mas deve ser manso.

II — Por mais que p'la redea se puxe ao tal bicho,
Levanta-se apenas o agudo rabicho.

III — E manso o cavallo, mas dá cada tombo
Que faz o cãosinho doer-se no lombo.

IV —

V — Cor
Ma

VI — E dá-lhe taes voltas, que as mãos e a c
Da parte trazeira se apartam depressa.

cavallinho

Fica estatelado, barriga p'r'o ar
Mas tanto socego faz desconfiar.

n gana o cãosinho, p'las redeas arranca,
s vae por cautella prendendo-lhe a anca.

VII — Ai! Deus! acabou-se tão lindo cavallo!
Tótó pensa apenas em espatifal-o!

ıbeça

VIII — Com raiva tremenda, com furias tamanhas.
Do pobre cavallo despeja as entranhas!

IX — Enfia o focinho na molle pellica,
A vêr se o miolo por dentro ainda fica.

X — Enfia a cabeça, mas como tiral-a?
E um monstro exquisito p'las casas abala

O FERROLHO

Um lavrador tinha um quintalorio, onde havia uma cancelinha que dava para os campos. Mas n'essa cancela faltava havia que tempos o ferrolho, e por conseguinte não havia meio de a fechar com segurança.

Quando era elle a entrar ou a sahir, ainda a cousa ia bem, porque o homem tinha todo o cuidado de empurrar a cancela. Mas com as outras pessoas, já o caso mudava de figura. Havia muitas que se esqueciam d'aquella facil tarefa, e ás duas por tres estava a cancela a bater com o vento, ou então escancarada de todo.

Succedia por isso que a creação andava sempre a sahir para fóra, ao passo que as rezes, que andavam a pastar pelo campo, estavam sempre a entrar para dentro do quintal. Gastavam os pequenos do lavrador metade do dia a correr atraz das gallinhas e dos frangos para os recolherem e atraz dos carneiros e das ovelhas para as deitarem fóra.

A mulher do lavrador não se fartava de lhe recommendar que arranjasse um ferrolho para a cancela; mas o homemsinho respondia sempre:

«Ora adeus! Não merece a pena. Temos passado até aqui sem isso, e eu não estou para gastar dois tostões ou doze vintens, que me fazem falta. Os petizes, até é melhor empregal-os em tomar conta nas gallinhas e nas ovelhas, que tel-os p'r'ahi com as mãos a abanar.»

E a cancela continuou na mesma, sem ferrolho.

Um bello dia, safou-se do chiqueiro o porco mais gordo que elles lá tinham. Empurrou a cancela com toda a semcerimonia, desatou a correr pelo campo fóra, e foi-se esconder no matto. Apenas se deu pela falta d'elle, foi logo um alvoroço de tremer.

Estava n'aquelle momento o lavrador na cavallariça, a prender um cavallo. Ouvindo o harulho, largou-o logo, para correr atraz do porco.

A mulher, essa estava na cosinha, a engommar. Deu de mão ao trabalho, para seguir o marido.

A filha tratava de mecher a panella; largou-a da mesma fórma para correr no encalço da mãe.

Os filhos, mais o moço da lavoura, desarvoraram todos á caça do porco. E n'uma grande balburdia, tudo correu em direcção do matto.

Mas com a pressa, ao saltar uma sebe o moço torceu um pé. O lavrador, mais os filhos não tiveram remedio senão deixarem-se de perseguir o porco e acarretarem o pobre homem para casa. A mulher e as filhas voltaram tambem para tratar d'elle.

Nisto é que deram com os seguintes desastres: o caldo, á força de ferver, tinha se entornado, e adeus jantar! E as duas camisas, que a mulher deixára penduradas ao pé da lareira, tinham-se chamuscado e estavam perdidas de todo.

O lavrador farteu-se de ralhar com a mulher e com a filha por via do seu desmazelo. Foi depois á cavallariça, e ahi teve que voltar contra si proprio a reprimenda. O cavallo, que elle deixara solto, tinha dado um couce tremendo n'um bello potro, e tinha-lhe quebrado uma perna.

Mais de quinze dias esteve o moço da lavoura encerrado em casa, para se curar da entorse.

Por conseguinte, além do damno que soffreu o pobre do moço, foi o lavrador prejudicado na sua quinzena de trabalho, n'um bello potro, n'um cevado magnifico, e em duas camisas, as melhores que tinha, isto sem fallar na perda do jantar — e tudo por falta de um ferrolho, que, quando muito, custaria doze vintens!

Por isso, tinham os nossos antigos o seguinte ditado:

«Por um cravo se p rde um cavallo, por um cavallo um cavalleiro, por um cavalleiro o exercito.»

E est'outro: «Por não gastar o que basta, o escusado se gasta.»

Caixa de Surprezas

Decifrações do n.º 10

I. — Os numeros dispõem-se da forma que mostra o quadrado.

II. — E' o numero 37, pois que $37\times3=111$ $37\times6=222$ $37\times9=333$ $37\times12=444$ $37\times15=555$ $37\times18=666$ $37\times21=777$ $37\times24=888$ $37\times27=999$.

III. — A resolução d'este problema vem no proximo numero.

5	4	11	14
10	9	2	7
10	13	8	1
3	6	15	12

IV. — Cepa
Esau
Paul
Aula
V. — As pedras eram 100.

Decifradores

Affonso de Mello Cid Perestrello (2.º, 4.º e 5.º) — Alberto de Portugal Corrêa de Lacerda (1.º, 2.º, 4.º e 5.º) — Antonio Maria de Freitas. (1.º) — Antonio de Souza e Holstein (1.º, 4.º e 5.º) — Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º, e 4.º) — D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 4.º e 5.º) — D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º e 5.º) Francisco d'Almeida d'Assis Brito (V.) — D. Irene Rolin Geraldes Barba (1.º, 2.º, 4.º e 5.º) — João Faria de Souza. (4.º) — João Gualberto de Barros e Cunha (5.º) — D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º e 5.º) — D. Maria Celeste da Rocha Soares Barboza (1.º e 4.º) — D. Maria R. (4.º) — D. Maria de Souza e Holstein (1.º, 4.º e 5.º) — D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (1.º, 4.º e 5.º) — Mario de Moraes Affonso (1.º, 2.º e 4.º) — Paulo Cinatti Keil (4.º) — Sebastião de Barros e Cunha (1.º, 2.º e 4.º) — D. Vera Isabel de Quin (1.º, 2.º, 4.º e 5.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I — Um homem tinha seis filhas e cada filha tinha um irmão; quantos filhos tinha o homem?

ELLEN THORN.

II — Juntaram-se n'uma sala de jantar 6 meninas e 3 meninos, para dividirem entre si em partes eguaes 45 pasteis, com a condição das meninas terem o dobro dos pasteis que teem os meninos. Quantos pasteis perteneem a cada um?

LUCIANO RIBEIRO.

III — *Aritl metica heroica.* — Vae o *Gafanhoto* dar-lhes um problema que tem por base uma façanha authentica dos portuguezes.

Durante a guerra entre Portugal e Castella no tempo de D. João I, cercavam os nossos uma povoação castelhana chamama Villalobos. Do arraial ia todos os dias um destacamento portuguez á herva, isto é, a buscar a forragem precisa para a alimentação das cavalgaduras.

Uma manhã, coube essa tarefa a Martim Vasques da Cunha com seus irmãos e mais um certo numero de cavalleiros e escudeiros, os quaes por distracção ficaram para traz do grosso do destacamento. Estava n'aquella hora grande nevoeiro, e eis senão quando, desprevenidamente, a uma legua do arraial, elles descobriram, entre uns olmeiros junto de uma ribeira, uma porção de lanceiros castelhanos, que prefaziam 22 vezes o numero dos portuguezes com mais 4 por cima, sem falar nos homens de pé que os acompanhavam.

Começaram os castelhanos a bradar, apenas os reconheceram: «Mata, mata! Castella, Castella!» Ao que os nossos animosamente retorquiram: «S. Jorge, S. Jorge! Portugal, Portugal!»

O pequeno troço de portuguezes occupou logo um cabeço, e, desmontando, aprestou-se para a defeza, por detraz do circulo formado pelas cavalgaduras presas umas ás outras. Era necessario, porém, que um dos companheiros galopasse até ao arraial, afim de pedir soccorro. Como houvesse duvidas sobre o escolhido para essa missão, um dos escudeiros, por nome Diogo Pipa de Avelar, perguntou qual seria mais honrosa façanha, se ajudar aquella defeza heroica ou passar por entre os inimigos para dar o rebate no arraial.

Como todos respondessem que muito mais se arriscava aquelle que executasse esta ultima proesa, Diogo Pipa exclamou cheio de nobre arrogancia:

— «Pois então, quero eu ser esse!»

E cavalgou resolutamente por entre a hoste dos castelhanos, e, extendendo se ao longo do cavallo, conseguiu passar a salvo dos seus assaltos.

Diminuido ainda d'este escudeiro, o troço de portuguezes, para prefazer o numero dos castelhanos, teria de ser multiplicado por 23 e acrescentado com mais 9 individuos. Os castelhanos, fortes com esta assombrosa desproporção, atacaram-nos subindo pela ladeira e arremessando-lhes muitas lanças.

Estas, porém, não acertavam nos nossos; pelo contrario, serviam a estes para a defeza, pois as recambiavam aos inimigos e n'elles faziam grande estrago. E no meio da balburdia, ouvia se a voz de Martim Vasques, bradando:

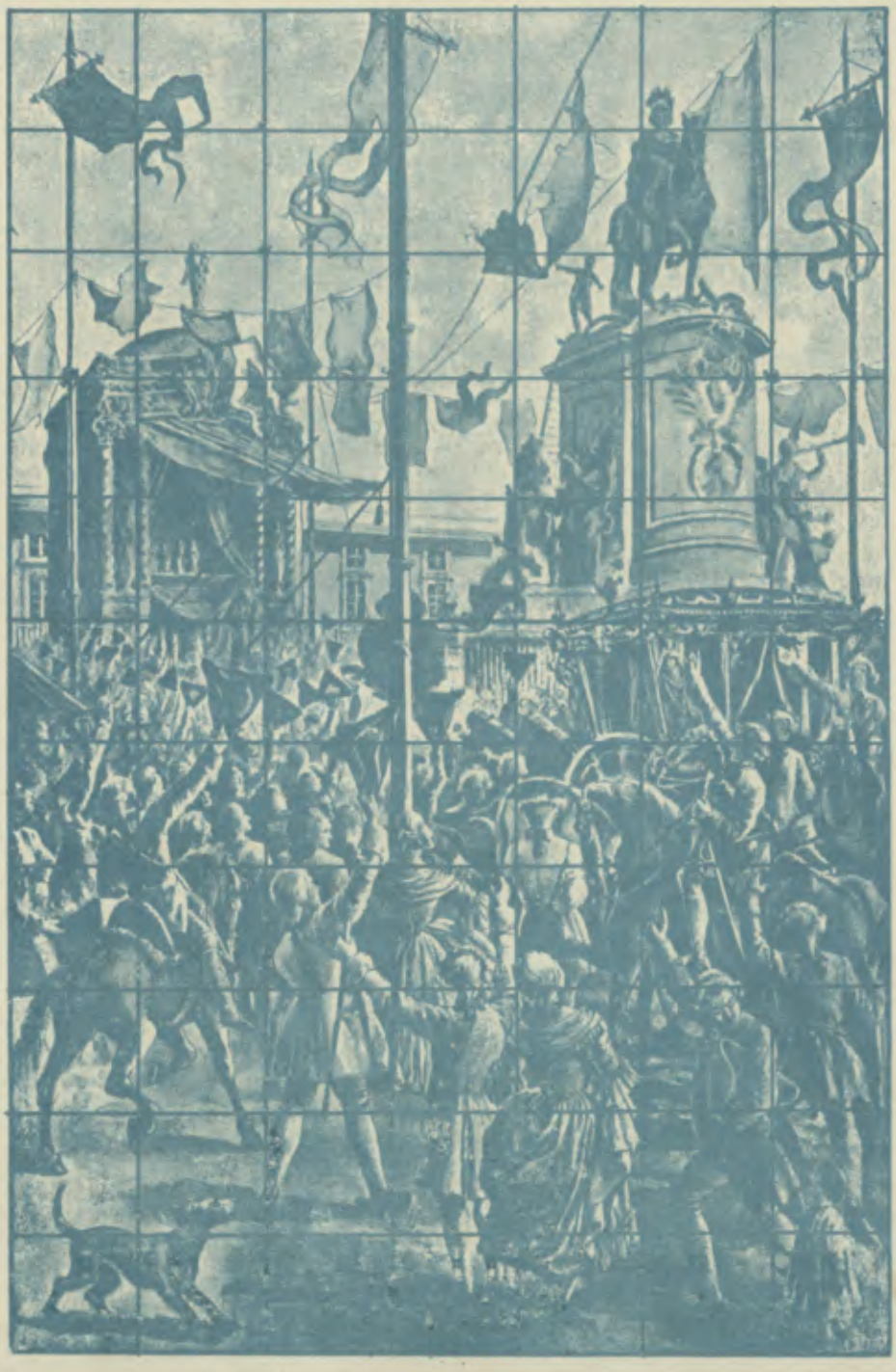
— «Cunha! Cunha! Quem n'a houver de levar, salgada a ha de levar!»

Indicando por estas palavras que seria custosa a victoria aos castelhanos, caso a tivessem.

Assim se foram defendendo até que appareceu o inesperado soccorro, tendo morto a decima parte dos lanceiros inimigos, afóra muitos cavallos. Do destacamento apenas foi ferido um cavalleiro inglez, dos que andavam com os portuguezes, o qual morreu dias depois.

Pelas proporções que apresentámos já se calcula o heroismo desenvolvido pelos portuguezes. Mas para maior clareza é preciso que os nossos estimaveis leitoresinhos nos digam quantos eram os portuguezes, quantos os castelhanos, e quantos d'estes ultimos morreram.

Inauguração da estatua equestre



ESTAMPA SOLTA DO N.º 11

RETRATOS
INSTANTANEOS
GRUPOS
E
AMPLIAÇÕES
Vistas
E
Reproducções
Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84
LISBOA

PARA AS CRIANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sobre a tradição popular
Tres volumes de contos educativos, originaes
Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc
Preço por assignatura
340 réis cada volume — avulso 400 réis — folheto 60 réis
BREVEMENTE
BIBLIOTHECA DA PUBLICAÇÃO «PARA AS CRIANÇAS»
Os assignantes tem 20 % de abatimento
LIVRARIA GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª, — RUA DE S. ROQUE, 108

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Descontos
para revender

Approvados como hygienicos por distinctos medicos.

Caixa 40 réis

Aromatisam, extinguem o mau halito e desinfectam.

Vende-se nas pastellarias, lojas de chá e mercearias.

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
141, Rua dos Retrozeiros — LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º
(á. Luiz de Camões)
LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Sordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Serradayres

Medalha de ouro

Paris 1900

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

XX

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhors e creanças

CASA FUNDADA EM 1842

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63 — Rua Nova do Almada — 63

LISBOA

C.me da Silva Spratley & C.a

ANTIGA CASA

DE

A. A. DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS.—

Contem o **leite puro** das **vaccas suissas.**

ALBINO J. BAPTISTA

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79, Rua do Alecrim, 79

LIVRARIA FERIN

Atlas jogo de Paciencia

Para creanças apprenderem Geographia Geral como divertimento

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA
48, Rua Nova do Almada, 50
LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107
LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

Uniformes e enxovaes para Collegios

Collegio de Campolide, Escola Academica e Collegio Nacional

Fornecemos annualmente grande numero de fardamentos e enxovaes para alumnos d'aquellas conceituadas casas de ensino e para muitas outras que nos abstemos de ennumerar.

O nosso CATALOGO GERAL, que enviamos, *franco de porte*, a quem nol-o requisitar verbalmente ou por simples bilhete postal, insere uma detalhada referencia sobre estes *fardamentos* e *enxovaes* e indica os preços de todas as peças nas varias qualidades que fornecemos.

RUA GARRETT

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CÔRES

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.° 13

O PEIXE-REI
O MARINHEIRO E OS MACACOS
O AVOSINHO DECREPITO
CAIXA DE SURPREZAS
PAGINA SOLTA — EXERCICIO DE AGUARELLA

LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145—Rua do Ouro—149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas—Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas festivaes, bailes, etc.

Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit—Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHÁ CANTO

DEPOSITOS

LISBOA	PORTO
67-Rua do Crucifixo	5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «**A EDITORA**»

Antiga casa David Corazzi

N'este estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇOES

R. de S. Nicolau, 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VILLAS BOAS

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia,
Phototypia,
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

Ao findar o seu primeiro semestre, O GAFANHOTO, no intento de se aperfeiçoar constantemente e de corresponder assim á sympathia publica, precisa alargar o seu campo de acção.

Para isso offerece d'ora ávante a todas as pessoas que por elle queiram interessar-se, um

BONUS

em livros adquiridos na livraria Ferin, *bonus* equivalente a

10 POR CENTO

sobre a importancia das assignaturas alcançadas por sua influencia, qualquer que seja o numero d'essas assignaturas.

As pessoas, que desejem aproveitar-se d'esta vantagem, queiram remetter a lista das assignaturas, devidas á sua benevola agencia, á direcção do GAFANHOTO

Livraria Ferin

70—Rua Nova do Almada—74

LISBOA

E, apenas se realise a importancia d'essas assignaturas, ser-lhes-ha facultado o beneficio que annunciamos.

Escusamos de encarecer o valor excepcional d'este *bonus*, que a um agente activo poderá proporcionar um largo fornecimento de livros, de instrucção ou de recreio, á sua escolha.

N. B. — Fica entendido que, sendo este *bonus* um premio ao zelo espontaneo da agencia, não entra em conta para a percentagem a assignatura *pessoal* do agente.

EXPEDIENTE

O GAFANHOTO pede a todos os seus estimaveis assignantes, cuja assignatura findou com o passado numero, o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas novas assignaturas no mais curto praso, afim de não soffrerem interrupção na remessa do jornal, dirigindo-se á administração — Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

O PEIXE-REI

(CONTO INDIO)

Chamam-se *Rajahs* os reis que governam nas diversas partes da India, e *Ranis* as rainhas suas mulheres. Dito isto, vamos á historia.

Era uma vez um Rajah e uma Rani que tinha dois filhos.

O mais velho era muito haixinho e muito feio, e tinha um olho só no meio da testa; ao passo que o mais novo era um rapaz esbelto e bem parecido, e além d'isso de muito bons sentimentos, como deve ser o filho de um rei.

— «Este é que ha de ser meu herdeiro,» disse o Rajah. «O meu povo não merece ter um rei anão e zarolho.»

O filho mais velho, que isto ouviu, ficou muito arrenegado, e disse a sua mulher que se chamava Manté:

— «Eu é que sou o morgado, e o reino deve pertencer-me, ou pelo menos, ha de ser repartido por nós dois.»

Ora Manté era feiticeira, e resolveu fazer quanto podesse para que o reino ficasse todo para seu marido. Com esta ideia, convidou o cunhado para um banquete nos aposentos do principe mais velho.

— «Em acabando a ceia,» recommendou ella ao marido, senta-te com elle na varanda que fica sobre o rio, e eu me encarrego do resto.»

Dito e feito. Depois da ceia, estavam os dois irmãos assentados na varanda, quando Manté trepou ao telhado do palacio e deitou uns pósinhos em cima da caheça do cunhado.

O pobre principe transformou-se de repente n'um peixe. O irmão pegou n'elle e atirou-o ao rio.

O principe só percebeu o que tinha acontecido quando se achou a chafurdar na agua, e só descobriu que passara a peixe, quando viu que nadava entre duas aguas melhor do que á tona de agua.

Foi nadando, nadando, com quanta ancia tinha, para fugir de Manté, porque bem entendeu que ella o tinha encantado. E d'ahi a dois dias estava elle fóra do reino de seu pae.

Governava n'aquella terra outro Rajah, e

um dos seus pescadores apanhou o principe na rede, e levou-o para o palacio para o jantar da Rani.

De todos os peixes que vinham n'aquelle lanço, o unico vivo ainda era o principe. Ia o pescador matal-o, quando uma das creadas da Rani intercedeu por elle.

— «Quero mettel-o n'um jarro, e pôl-o no quarto da Rani. Ella ha de entreter-se com elle.»

Aquella rainha não tinha filhos, e por isso aborrecia-se muito.

Ficou contentissima quando viu aquelle bonito peixinho, e não tardou que lhe tivesse muita amizade.

O peixe foi crescendo a ponto de já não caber no jarro. A Rani metteu-o então n'uma linda bacia de madeira, e dava-lhe arroz cosido duas vezes ao dia

— «Ha de chamar-se Peixe-Rei,» disse ella.

D'alli a pouco, estava o peixe tamanho que não houve remedio senão fazer um tanque de proposito para elle, e a agua do rio corria constantemente para dentro d'esse tanque.

Mas apezar da agua se renovar sempre, a Rani tinha medo que o seu Peixe-Rei não gostasse de estar encerrado n'um tanque, e lembrou-se de o deixar á vontade no rio muito lindo e muito brilhante que lhe corria por debaixo das janellas:

— «Estás contente aqui, Peixe-Rei?» perguntou-lhe ella um dia.

— «Se estou, minha real mãe!» respondeu o peixe, que se tinha costumado a tratal-a assim, pelo grande amor que ella lhe mostrava.

E, depois de pensar um bocado, acrescentou:

— «Só o que me falta para ser feliz de todo é ter uma bonita mulhersinha. Cá por baixo, realmente, sinto-me tão só!»

— «Pois vou tratar d'isso quanto antes!» disse a Rani.

Não lhe passava pela cabeça que houvesse a menor difficuldade em arranjar mulher para um peixe que ella estimava como filho.

— «É só o que eu quero!» replicou o Peixe-Rei.

— «Não gostavas mais de nadar no rio?» perguntou a Rani com muita anciedade.

— «Não, minha real mãe, por fórma nenhuma.»

Esta resposta espantou muito a Rani, porque ella não sabia que elle era só peixe no feitio e que dava tanta importancia á companhia dos peixes como ella propria.

— «Hei de arranjar-te mulher d'aqui a pouco, e vou mandar já fazer um quarto dentro do tanque para ella,» prometteu a Rani.

O quarto arranjou-se n'um instante, mas a respeito de mulher, é que o caso era mais complicado.

O Peixe-Rei, embora fosse favorito da rainha, nem por isso deixava de ser para toda a gente um mostrengo que só queria uma mulher para a devorar.

A Rani mandou embaixadores para todos os lados, para muito longe, fartou-se de procurar entre ricos e entre pobres, mas até os paes que tinham oito e dez filhas davam sempre a mesma resposta:

— «Lá ao tal peixe é que nós não damos nenhuma das nossas filhas!»

Até que a rainha offereceu um grande sacco cheio de ouro a quem quer que mandasse a filha para casar com o Peixe-Rei.

Ora perto do rio, e não muito longe do palacio, vivia um homem muito pobresinho que tinha duas filhas.

Quando o engodaram com o sacco de ouro, disse logo:

— «Podem levar a minha filha mais velha. Fico eu rico, e ella com certeza não fica peior do que está.»

— «Onde pára ella?» perguntou o embaixador da rainha.

— «Está lá p'r'o rio, a lavar. É filha da minha primeira mulher, e a madrasta fal-a trabalhar como uma moura, e ainda em cima não lhe dá bastante de comer.»

— «Dou-lhe mais do que ella merece,» gritou a segunda mulher do pobretão, muito arrenegada. «Levem-na, levem-na, e ainda lhes agradeço. Se o Peixe-Rei a devorar, melhor; ficamos livres d'ella para todo o sempre!»

O embaixador deu ao homemsinho o sacco de ouro, e foi até ao rio, onde encontrou uma linda rapariga a lavar roupa.

A rapariga, que se chamava Laila, desatou a chorar, apenas soube para que vinham buscal-a, e pediu ao embaixador que esperasse por ella um instantinho, emquanto ia despedir-se de uma amiga velha que vivia n'uma toca ao pé do rio.

— «Quem vem a ser essa sua amiga? Olhe que a Rani está com muita pressa de vêr lá a menina.»

— «É uma cobra de sete cabeças, que eu conheço de pequenina, respondeu Laila.

Desatou a correr pela margem do rio e a cobra deitou logo as sete cabeças fóra da toca

— «Não chores, Laila,» disse ella. «Já sei tudo. Olha! Apanha esses tres seixos que estão á entrada da toca, e mette-os na cinta. Em o Peixe-Rei vindo ter comtigo, atira-lhe um dos seixos. Se acertares, o peixe mergulha logo. Em elle voltando á tona da agua, atira-lhe segundo seixo, e o mesmo ha de acontecer. Atira-lhe o terceiro seixo, e verás que felicidade a tua.»

Laila disse adeus á cobra, e foi-se embora, sempre com muito medo de errar a pontaria quando atirasse os seixos ao peixe.

Apenas chegou ao palacio, a Rani deu-lhe muitos beijos e disse-lhe que ella estava mesmo ao pintar para mulher do Peixe-Rei.

Eram tudo attenções e amabilidades para ella, mas o que tirava toda a alegria á pobre Laila era a lembrança do tanque cheio de agua muito fria, tudo ás escuras lá por baixo, e o monstro terrivel que estava no fundo á espreita d'ella.

Levaram-na para o lindissimo quarto que lhe tinham preparado. Ella sentou-se, e fartou-se de esperar, com os seixos na mão e o coração a palpitar com muita força. Até que por fim ouviu um marulhar muito grande e as ondas a baterem de encontro á porta. Olhou para fóra, e viu um peixe enorme a nadar para ella com a bocarra escancarada.

— «Abre a porta depressa, que eu quero ver a minha mulher!» gritou o Peixe-Rei.

Laila tremeu como varas verdes; mas abriu a porta, e atirou logo o primeiro seixo que entrou pelas guelas do peixe dentro.

O peixe afundou-se que nem uma pedra, mas d'alli a instantes voltou á tona da agua, a agitar a cauda com muita furia, e a levantar umas grandes ondas que faziam estremecer o quarto todo.

O segundo seixo acertou-lhe na cabeça, e elle foi logo ao fundo.

Mas o terceiro mal lhe tocou a ponta da barbatana. Laila estava tão nervosa que por um triz ia errando a pontaria.

D'esta feita não se afundou, mas transformou-se n'um principe muito esbelto e gentil, que abraçou e beijou ternamente Laila.

— «Obrigado, meu amor!» disse elle. «Quebraste-me o encanto. Nunca mais viveremos n'um tanque, mas iremos gozar o bello sol e ser felizes ao ar livre.»

E foram d'alli para o palacio, onde viveram muito contentes até ao fim dos seus dias.

O MARINHEIRO E OS MACACOS

Desembarcou uma vez um marinheiro n'uma terra da America do Sul. Levava comsigo uma porção de barretes vermelhos para vender. De caminho para a cidade onde ia fazer o seu negocio, passou por uma floresta em que havia um sem numero de macacos.

Era meio dia, fazia um calor de rachar, e o marinheiro parou a descansar á sombra de uma grande arvore. Poz um dos barretes na cabeça, deitou-se, e d'alli a pouco estava a dormir como uma pedra.

Quando acordou, deu logo pela falta do pacote com os barretes. Ficou afflictissimo. Mas n'isto ouviu um borborinho extranho por cima da cabeça. Levantou os olhos, e viu os ramos das arvores carregadinhos de macacos, e na cabeça de cada macaco um dos seus barretes vermelhos.

Os bichos tinham estado a espreital-o. Com a sua tendencia de imitação, tinham-se aproveitado do somno do homem para lhe furtarem os barretes e para com elles enfeitarem as cabecitas pelludas.

Por mais que o homem gritasse, os monos não faziam caso. Mostravam até os dentes, como se estivessem a chasquear da furia d'elle.

Desesperado, o marinheiro tirou por fim o barrete da cabeça, e atirou-o ao chão gritando :

— «Já agora, levem tambem mais este, grandecissimos ladrões!»

Mas eis senão quando, os macacos, ao verem isto, fazem exactamente o mesmo. Tiram todos elles os barretes, e ferram com elles no chão. E assim tornou o marinheiro a apanhar o seu fornecimento.

O AVÔSINHO DECREPITO

Era uma vez um velhinho, muito velhinho, quasi surdo, com a vista muito turva e as pernas tão fracas que mal podiam com elle. Quando estava á meza, tremiam-lhe tanto as mãos que entornava o caldo por cima da toalha, ou então por cima do fato, e até lhe acontecia ás vezes escorrer-lhe todo da bocca para fóra.

O filho e a nora, com quem elle vivia, zangavam-se immenso por causa d'isto. Por fim, não o quizeram ter á meza. Pozeram uma cadeira por detraz de um biombo, e ahi é que lhe davam de comer n'uma tigela de barro. O pobre velhinho fartava-se de olhar para a meza, com os olhos cheios de lagrimas, mas ninguem tinha dó d'elle.

Um dia, cahiu-lhe das mãos tremulas a tigela de barro, e fez se em cacos. A nora ralhou muito com elle, chamando-lhe desmazelado, mas o velho não disse palavra. Deu apenas um grande suspiro, e chorou lá comsigo.

Compraram-lhe uma tigela de madeira, por uns miseros cobres, e n'essa é que passaram a dar-lhe a comida.

Estavam marido e mulher uma vez sentados, quando viram um pequenito que tinham, de quatro annos, acocorado no chão, a pregar taboinhas umas á outras.

— « Que estás tu a fazer, menino ?» perguntou o pae.

—«Estou a fazer uma tigelinha para o papá e a mamã comerem, em eu sendo crescido».

Os dois ficaram a olhar um para o outro sem dar palavra.

Por fim desataram a chorar. Foram buscar o velhinho, sentaram-no outra vez á meza, e de então por deante nunca elle deixou de os acompanhar em todas as refeições, e nunca mais o trataram mal.

Caixa de surprezas

Decifrações do n.º 11

I — Os dois numeros são : 7 e 3.
II — As quatro parcellas são : 8, 12, 5 e 20.
III — Eram 10 os bois.
IV — Pertencem á estancia LIX, canto III dos *Lusiadas*.

Cinco vezes a Lua se escondera,
E outras tantas mostrára cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco, que lhe estava posto.

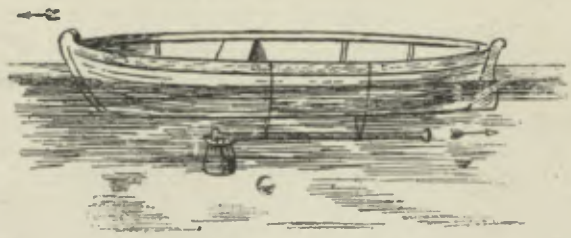
Decifradores

Adelino Arthur de Carvalho (1.º, 2.º, 3.º e 4.º)— Affonso Cid Perestrello (1.º, 2.º e 3.º)— Affonso de Mello Cid Perestrello (1.º) — Alberto de Portugal Corrêa de Lacerda (1.º, 2.º, 3.º e 4.º) — D. Anna José Abranches de Carvalho (1.º, 2.º, 3.º e 4.º)—D. Antonio de Sousa e Holstein (1.º 2.º, 3.º e 4.º)— Carlos Ribeiro (3.º e 4.º)—Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º e 3.º) — D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º e 4.º) — D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º e 3.º)— Francisco d'Almeida d'Assis Brito (1.º, 2.º, 3.º e 4.º) Guilherme Ferin Cunha (3.º e 4.º) — D. Irene Rolin Geraldes Barba (1.º, 2.º, 3.º e 4.º)—João Faria de Sousa (3.º)—João Pereira de Freitas (1.º, 2.º e 3.º)— Luiza Fernanda d'Andrade (1.º, 2.º, 3.º e 4.º)—D. Luiza Leão Cabreira (1.º, 2.º e 3.º)— D. Lia Sequeira d'Aragão Moraes (3.º)—D. Luiza Woodhouse (1.º,2.º e 3.º)— D. Maria Amelia de Mendonça Torres (3.º)—D. Maria Celeste da Rocha Soares Barbosa (1.º, 2.º, 3.º e 4.º) —D. Maria José (3.º e 4.º)—D. Maria de Sousa e Holstein 1.º, 2.º, 3.º 4.º— D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (1.º, 2.º, 3.º e 4.º— Mario de Moraes Affonso (1.º, 2.º, 3.º e 4.º)—Paulo Cinatti Keil (1.º, 2.º e 3.º)— Sebastião de Barros e Cunha (1.º, 2.º e 3.º— Vera Isabelle Quin (1.º, 2.º, 3.º e 4.º).

Reconstruiram o quadro de azulejos :

D. Antonio de Sousa e Holstein—Carlos Filippe Ribeiro—D. Lia Sequeira d'Aragão Moraes—D. Maria de Sousa e Holstein—Paulo Cinatti Keil.

Um vaporsinho improvisado — Como ainda estamos na epocha de banhos, vae o *Gafanhoto* ensinar aos seus leitores a maneira economica e simples de arranjarem um barquinho de vapor.



Comprem em qualquer loja de quinquilherias um bote de madeira, ou, á falta d'isso, construam-no com um pedaço de cortiça. Arranjem um cachimbo de barro ou de madeira, e, em vez de tabaco, encham-lhe o fornilho de bicarbonato de soda e de acido tartarico, ingredientes que se obteem n'uma drogaria. Em seguida, tapem esse fornilho com um pedaço de cambraia ou panno fino atado na parte inferior.

E' este o machinismo. Agora collo-quem-no debaixo da quilha da embarcação, com o fornilho para o lado da pròa, e liguem-no aos bordos do barco por meio de uns arames finos.

Basta, depois d'isso, pôr o barco na agua, para elle andar. Quem souber chimica, que explique o porquê.

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I — Um lojista, no fim do dia, encontra na gaveta, em moedas de cinco tostões, uma quantia inferior a 200$000 réis. Pondo as moedas de cinco tostões em pilhas de 12, ou de 18, ou de 45, sobejam-lhe sempre 3 d'essas moedas. Mas se as collocar em pilhas de 11, não lhe resta nenhuma. Qual é a quantia que elle encontrou na gaveta ?

II — Um sujeito entra n'uma livraria, e compra 30 livros, uma porção dos quaes lhe custam á razão de 300 réis cada um e os restantes á razão de 400 réis. Gastou ao todo 9$800 réis. Quantos foram os livros a 300 réis, e quantos a 400 réis ?

7				9
	7		9	
		4	3	
		3	4	
	7			9
9				9

III — Pagou-se a quantia de 135$000 réis em 300 moedas de prata, umas de 500 réis, outras de 200 réis. Quantas moedas foram de cada um dos valores ?

IV — Disponham-se nas 24 casas vasias do quadrado os numeros 1, 1, 3, 4, 4, 5, 5, 5, 6, 6, 7, 7, 8, 8, 9, 9, 9, 9, 9, 9, 9, 9, 9, 9, de fórma que as sommas das linhas horisontaes e as das linhas verticaes sejam sempre eguaes a 40.

O Leão e o Poeta

Scena I — De toutiço descoberto,
Um viajante recita
Aos areiaes do deserto
Um seu poema catita.

Scena II — Mas eis que se lhe depara
Um leão de ventas pretas
E grenha hirsuta, com cara
De quem almoça poetas.

Scena III — Como é bicho de bom gosto,
Tem o poeta palpite
Que um poema tão bem composto
Deve abrir-lhe o apetite.

Scena IV — Mas d'alli a pouco, ao bicho
João Pestana os olhos morde;
E o poeta não tem capricho
De esperar que a fera acorde.

QUEM TEM TELHADOS
DE VIDRO
NÃO ATIRA
PEDRAS
AO DO
VISINHO

AGUARELLA

O GAFANHOTO
N.º 13 — Outubro 1903
LIVRARIA FERIN

RETRATOS
INSTANTANEOS
GRUPOS
E
AMPLIAÇÕES
Vistas
E
Reproducções
Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84
LISBOA

PARA AS CRIANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sobre a tradição popular
Tres volumes de contos educativos, originaes
Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc
Preço por assignatura
340 réis cada volume — avulso 400 réis — folheto 60 réis
BREVEMENTE
BIBLIOTHECA DA PUBLICAÇÃO «PARA AS CRIANÇAS»
Os assignantes tem 20 % de abatimento
LIVRARIA GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª, — RUA DE S. ROQUE, 108

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Descontos
para revender

Approvados como hygienicos por distinctos medicos.

Caixa 40 réis

Aromatisam, extinguem o mau halito e desinfectam.

Vende-se nas pastellarias, lojas de chá e mercearias.

DEPOSITO
PERFUMARIA RALSEMÃO
141, Rua dos Retroseiros — LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º
(á P. Luiz de Camões)
LISBOA

PAPELARIA PALHARES
141, Rua do Ouro, 143

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa • Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Serradayres

Medalha de ouro

Paris 1900

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

XX

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhoras e creanças

CASA FUNDADA EM 1812

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63—Rua Nova do Almada—63

LISBOA

G.me da Silva Spratley & C.a

ANTIGA CASA

DE

A. A DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS.—

Contem o leite puro das vaccas suissas.

ALBINO J. BAPTISTA

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79, Rua do Alecrim, 79

Atlas Jogo de Paciencia

Para creanças aprenderem Geographia Geral como divertimento

LIVRARIA FERIN

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107

LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

Uniformes e enxovaes para Collegios

Collegio de Campolide, Escola Academica e Collegio Nacional

Fornecemos annualmente grande numero de fardamentos e enxovaes para alumnos d'aquellas conceituadas casas de ensino e para muitas outras que nos abstemos de ennumerar.

O nosso CATALOGO GERAL, que enviamos, *franco de porte*, a quem nol-o requisitar verbalmente ou por simples bilhete postal, insere uma detalhada referencia sobre estes *fardamentos* e *enxovaes* e indica os preços de todas as peças nas varias qualidades que fornecemos.

RUA GARRETT

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CÔRES

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.° 14

O CAO DE S. BERNARDO
O PINHEIRINHO BRAVO — A PRIMEIRA BATEGA
O BANQUETE DAS AVES
CARIDADE DE DOIS HEROES
CAIXA DE SURPREZAS — QUE SUSTO!

LIVRARIA FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74

LISBOA

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Serralayres

Medalha de ouro

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Paris 1900

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

XX

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhoras e creanças

CASA FUNDADA EM 1842

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63—Rua Nova do Almada—63

LISBOA

G.me da Silva Spratley & C.a

ANTIGA CASA

DE

A. A DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

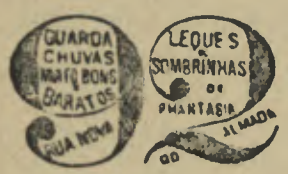
FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS IDOSAS.

Contem o leite puro das vaccas suissas.

ALBINO J. BAPTISTA



LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

29, Rua do Alecrim, 29

Alias Jogo da Paciencia

Para crianças apprenderem a geographia geral como divertimento

LIVRARIA FERIN

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

Meninas e rapazinhos de Portugal

O Gafanhoto, tão dedicado ás vossas pequeninas e encantadoras pessoas, não quer perder este ensejo de felicitar-vos e felicitar-se. Os bons homens de lettras d'este paiz continuam a interessar-se amorosamente por vós. Depois de João de Deus, D. Maria Amalia, Guerra Junqueiro, Trindade Coelho, tantos outros cuja lista seria já longa, apparecem-nos agora, firmados por tres nomes de primeira ordem, uns lindos *Livros de Leitura*, o primeiro dos quaes, amavelmente offerecido, o *Gafanhoto* tem n'este momento deante de si. São os seus autores D. João da Camara, o poeta das maximas ternuras e dos mais deliciosos sonhos; Maximiliano de Azevedo, o pittoresco chronista da nossa vida militar; Raul Brandão, o talentoso evocador da piedade para com os humildes. Sob essas tres pennas prestigiosas, esmaltados de um sem numero de curiosas estampas, os livros de leitura para as escolas transformam-se, perdendo a sua feição carrancuda e melancolica, tornando saborosa e doce a necessaria alimentação do espirito.

Bem hajam os escriptores que operaram esta encantadora transformação! Parabens ás creanças, parabens aos paes, parabens aos mestres!

ERRATA

Por lapso typographico veiu mal feita a paginação do numero anterior, a qual se deve contar de 97 a 104, e não de 93 a 100. *O Gafanhoto* pede que tomem nota d'isto para o futuro indice annual.

O Cão de S. Bernardo

Este é que póde dizer-se o mais nobre e generoso dos animaes. Não mente a intelligencia e a bondade que logo á primeira vista se lhe lê nos olhos.

É enorme e reforçado, com uma grande cabeça, pello comprido, cauda emplumada. Vive na cordilheira dos Alpes, a qual é situada entre a Suissa e a Italia. A communicação entre os dois paizes é feita por umas estradas estreitas e muito ingremes, que se chamam *Passes*.

Aquelles montes estão sempre cobertos de neve. Tanto no inverno como no verão ha alli tempestades medonhas, que ás vezes surdem de repente, até depois de uma manhã clara e linda. Cae a neve em tanta quantidade, que dentro em poucas horas fica o viajante sepultado debaixo dos montões.

Centenas de pessoas teem perdido a vida ao tentarem essa passagem. Mas muitas vidas teem sido salvas pela intelligencia e pela dedicação dos cães de S. Bernardo.

Tomam elles o nome do convento de S. Bernardo, onde os manteem. Fica esta casa situada n'um dos mais perigosos passes alpinos, o do monte chamado tambem Grande S. Bernardo.

Vivem alli todo o anno uns frades, que se dedicam ao mister de ajudar os viajantes, e para esse effeito, são os cães os seus melhores auxiliares.

Ensinam-nos a procurar os viajantes perdidos. Todos os dias de inverno, os mandam dar o seu gyro pela montanha, geralmente ás parelhas. Um d'elles leva ao pescoço um cesto com comida e um barrilito de vinho ou de aguardente; o outro leva um capote enrolado e preso ao lombo. Assim, qualquer pobre viajante que encontrem, em risco de desfallecer, é immediatamente provido de alimento e de ahafo.

Se o individuo póde andar, os cães guiam-no para o convento, ladrando todo o caminho para prevenir os frades. Se o homem está tão fraco ou tranzido de frio que não se possa mecher, os cães vão n'esse caso á cata dos frades e trazem-nos ao sitio onde elle se encontra desfallecido.

Succede ás vezes que o viajante fica enterrado na neve, tão fundo que os frades sósinhos não seriam capazes de dar com elle. Mas o fino faro dos cães bem depressa lhe descobre o paradeiro. Os briosos animaes começam a esgaravatar na neve com as patas, e a ladrar e uivar até que os frades acudam.

Conta-se de um cão que por esta fórma salvou nada menos de quarenta e quatro vidas! Tinha o nome de Barry, e era tão atilado como valente. De uma occasião trepava pela ladeira uma pobre mulher, com o seu filhinho. Foi apanhada por uma d'essas enormes massas de neve que se chamam avalanchas, e arrastada a grande distancia. Barry encontrou o pequenito sem lesão alguma, mas tranzido de frio e inteiriçado. Conseguiu, no emtanto, pôl-o ás costas; e assim acarretou com elle até á porta do convento, onde os frades tomaram conta do pequenito e lhe restituiram a vida.

O PINHEIRINHO BRAVO

beira de uma soberba matta, toda copada de carvalhos, de faias, de olmeiros, de alamos, havia um massiço de pinheiros bravos, plantados havia pouco, que ainda mal chegavam á altura de um homem.

Um d'esses pinheiros, apezar de pequeno, não fazia outra cousa senão maldizer a sorte, que o creara esguio e feio e lhe dera umas folhas aceradas que nem agulhas. Mordia-se de inveja ao ver as outras arvores da matta, todas ellas bracejando formosos ramos, e cobertas de folhas arredondadas e macias.

— «Não te apoquentes,» diziam lhe os companheiros. «Deixa lá os carvalhos e mais as faias. Pois nós não vivemos aqui muito felizes?»

— «Qual historia!» redarguia o invejoso. «Como posso eu ser feliz com o corpo erriçado de agulhas que picam como cardos? Vejam lá vocês se ha alguem que se atreva a fazer-nos festas! Ai! quem me dera ter uma folhagem muito verdinha, muito tenra, muito luzidia!»

E, como descia a noite, o pinheirinho adormeceu com a cabeça cheia d'esta ambição.

Mas logo de madrugada, ao acordar, teve uma alegria doida ao vêr-se coberto de lindas folhas verdes e tenras, como elle desejava.

— «Ai! como eu estou bonito!» exclamou elle para os companheiros. «Tivessem vocês tido o mesmo desejo, que desbancavamos com a nossa belleza todas essas presumidas arvores da matta.»

Mas os outros resignavam-se á sua sorte, e diziam-lhe:

— «O que Deus faz sempre é pelo melhor! Queira Elle que tu não venhas a arrepender-te!»

Palavras não eram ditas, passa um rebanho de cabras. E apenas pozeram os olhos n'aquella folhagem tenra e macia, saltaram n'ella com muita soffreguidão e deixaram o pobre pinheiro com os tronquitos despidos de todo.

— «Vês tu?» disseram os companheiros com piedade. «Não era melhor teres ficado como estavas?»

— «Que desgraça a minha!» lamentava-se o pinheirinho. «É que eu não andei com acerto. O que eu devia pedir era que me vestissem de folhas de ouro, que já não havia dentes de cabra que entrassem comigo.

Na manhã seguinte, cumpriu-se a sua vontade. Appareceu coberto de folhas de ouro, lampejando ao sol, que era mesmo um esplendor!

— «Que fortuna a minha!» bradou elle a impar de orgulho. «Sempre quero ver se ha na matta alguma arvore mais rica!»

Recommendavam-lhe os companheiros que não se gabasse, pois não era a riqueza que constituia a felicidade Mas o vaidoso empavonava-se tanto que logo de muito longe deu nas vistas a um vagabundo que por alli passava

— «Olá!» disse o vagabundo todo contente. «Que grande pechincha que me apparece!»

Saltou no mofino pinheiro, e foi um instante emquanto o despenou, para arrecadar as folhas na sacola.

— «Bem te diziamos nós!» murmuraram os companheiros, para o pinheirinho que se lastimava. «Vê lá tu os perigos a que se expõem os ricos!»

— «Ora adeus! Não é lá pelo valor que eu tenho pena das folhas de ouro! É que me enfeitavam que era um encanto! A questão toda n'este mundo é brilhar. Tivesse eu pedido folhas de cristal, que já os ladrões não m'as cubiçavam.»

— «Deixa-te d'isso!» replicaram os outros. «Olha que isto de belleza é um bem que desapparece n'um prompto.»

Mas o que é certo é que, passada a noite, se satisfizeram as ambições do pinheirinho. Amanheceu carregado de folhas de cristal. Quando o sol lhe batia, era como se espalhasse fogos de todas as cores.

Não cabia em si de contente, vendo-se assim formoso e deslumbrante, por mais que as outras arvores lhe deitassem agua na fervura da soberba

Mas vae senão quando, levanta se de repente um temporal. O arvoredo da matta pouco se importa de perder as folhas amarellecidas pelo outono; em vindo a primavera, ellas virão outra vez. Mas as folhas de cristal, essas fazem-se em estilhas ao cahir no chão, e não ha esperanças de que voltem.

Foi depois d'este ultimo desastre que o pinheirínho cahiu em si.

— «Vocês tinham muito mais juizo do que eu, afinal de contas!» confessou elle. «A felicidade está em a gente se contentar com o que tem. Ah! quem me dera a mim que me tornassem a crescer as folhas agudas que eu tinha d'antes!»

Com que tristeza que o pinheirinho adormeceu, a pensar n'isto! Mas na madrugada seguinte, acordaram os companheiros com as gargalhadas d'elle. Via-se outra vez coberto de agulhas picantes, e bem se importava a elle que as outras arvores da matta rissem tambem, a troçar de tão reles folhagem!

— «Riam á vontade!» clamavam em côro todos os pinheirinhos. «A nossa folhagem é a que dura mais. Se pica, tanto melhor, que é para nos defender dos inimigos!»

A PRIMEIRA BATEGA

Dia de sol, dia cheio!
Toda a familia das rãs
Foi dar um lindo passeio
Pelas campinas louçãs.

Eis que, no melhor da festa,
Lhes desaba sobre os lombos
Uma batega funesta,
Que as faz fugir, quasi aos tombos.

Abrindo as ricas sombrinhas,
Corre o pae, a maman brama,
E a filha salta-pocinhas
Estatela-se na lama.

Em tumulto desarvoram,
E não se lembra ninguem
Que o regato onde ellas moram
Tem agua á farta tambem.

O Banq

CONTO JAPONEZ

Metteu-se uma vez na cabeça do sr. Pombo, mais da sr.ª Pomba, darem um banquete.

Vae depois, convidaram o Falcão, mais a Cegonha, mais a Aguia, mais o Ganso, mais o Cysne, um rôr de aves, em summa. E a sr.ª Pomba foi preparando um rico jantar de sementes, e de hervas, e pedacinhos de peixe, e outros muitos acepipes por que aquelles bichos dão o cavaco.

Mas a quem não convidaram foi ao Corvo. E elle ficou como uma bicha.

Estava-se no melhor do jantar, estavam as aves no auge do contentamento, e o que havia de fazer o mofino do Corvo? Agarra um pedregulho com o bico.

quete das Aves

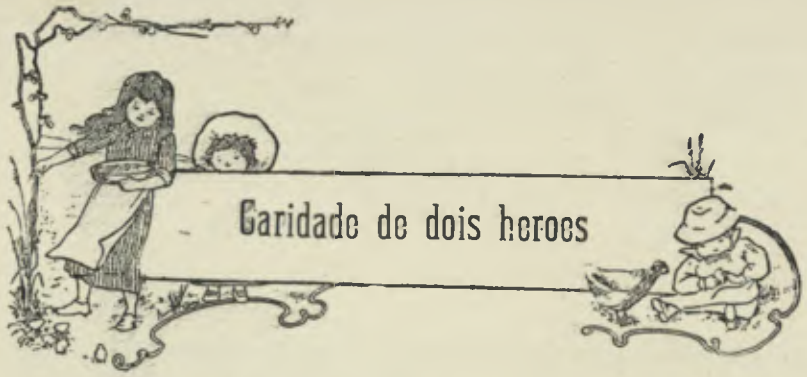
põe-se a pairar por cima das cabeças dos convivas, e zás! quando elles mal se precatavam, deixa cahir o pedregulho mesmo no meio d'elles.

Não lhes digo nada! Aquillo foi uma confusão, um estardalhaço de metter medo.

Pratos quebrados, comidas entornadas, e os convidados a abalarem cada um para o seu lado. E fulos com os donos da casa, demais a mais, protestando nunca mais pôr os pés n'uma casa onde havia tal desmazelo, que nem sequer se podia jantar sem correr o risco de ficar com a cabeça partida.

No dia seguinte, encontraram-se o Gaio mais o Picanço, e declararam um ao outro que teriam muito gosto em fazer as pazes entre os Pombos e o resto das aves. Mas, como elles tambem não tinham sido convidados para o banquete entenderam que não deviam metter-se n'isso.

Vê-se por esta historia que, quando a gente tem uma festa em casa, deve sempre convidar todos os amigos. Se fica algum de fóra, adeus minhas encommendas! é mais um inimigo que se arranja.



Pelos fins de janeiro de 1385, levantou o Mestre de Aviz o cerco de Torres Vedras, que estava da parte de Castella, e dirigiu-se para Coimbra onde as côrtes iam acclamal-o rei de Portugal. Acompanhava-o na jornada o seu leal companheiro de armas Nuno Alvares Pereira.

Seguiam com as suas tropas por meio de terras devastadas pelos castelhanos. Uma turba-multa de lavradores esfaimados, com as mulheres e os filhos, correram para o Mestre, a implorar pelo amor de Deus que os levasse na sua companhia, para não morrerem alli de fome ou ás mãos dos inimigos.

Entre todos, um desgraçado cego supplicava entre lagrimas que o não deixassem alli ao desamparo. Condoeu-se d'elle Nuno Alvares. Mandou que lh'o pozessem nas ancas da mula, e não se pejou de roçar os seus nobres trajes pelos farrapos do desgraçado.

Mas não foi menos caridoso o Mestre de Aviz. Consentiu que aquella multidão de famintos seguisse por alli fora, escoltada pelas suas tropas. Mais ainda. Ordenou que o dia de jornada nunca excedesse tres leguas, para que elles não se vissem obrigados pelo cansaço a ficar no caminho. Elle proprio desmontava a miudo do cavallo, e seguia a pé durante muito tempo, para dar aos seus um bom exemplo de caridade.

Glorias grandes tiveram o Mestre de Aviz e o condestavel D. Nuno Alvares Pereira nas muitas batalhas que venceram em defeza da nossa patria. Nunca talvez, como n'esta occasião, mereceram elles o largo quinhão de amor que lhes deram os corações portuguezes. Porque a caridade pelos humildes e pelos infelizes é mais agradavel aos olhos de Deus do que os maiores heroismos na guerra.

Caixa de Surprezas

Decifrações do n.º 12

I — O homem tinha sete filhos

II — Pertenceram 6 pasteis a cada menina e 3 a cada menino.

III — Os portuguezes eram a principio 18. Ficaram reduzidos a 17 com a ausencia de Diogo Pipa. Os castelhanos eram 400, dos quaes morreram 40.

Decifradores

Affonso Cid Peresirello (1.º, 2.º e 3.º) — Alfredo Lourenço (2.º) — Assis Brito Junior (1.º, 2.º e 3.º) — Carlos Guilherme Nunes Ferreira (2.º e 3.º) — D. Carolina Cruzes Marques (2.º) — D. Cypriana Maria da Silva (2.º) — Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º e 3.º) — D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º e 3.º) — D. Emma Peres (1.º e 2.º) — D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º e 3.º) — Francisco Lampreia (1.º, 2.º e 3.º) — Innocencio Victor Marques (2.º) — D. Irene Rolin Geraldes Barba (1.º, 2.º e 3.º) — João Pereira de Freitas (2.º e 3.º) — João Pinto de Mendonça (1.º e 2.º) — Luiz Alberto Miranda da Costa (1.º e 2.º) — Luiz Romero (1.º e 2.º) — D. Luiza Fernanda d'Andrade (1.º e 2.º) — D. Luiza Woodnouse (1.º, 2.º e 3.º) — D. Maria Manuela Navarro de Sampaio (1.º e 2.º) — D. Maria Romêro (1.º) — D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (1.º, 2.º e 3.º) — Mario de Moraes Affonso (1.º e 2.º) — Paulo Cinatti Keil (2.º) — D. Rozina Aurelia Leite Maciel (1.º e 2.º) — Sebastião de Barros e Cunha (2.º e 3.º) — D. Vera Izabelle Quin (1.º, 2.º e 3.º).

Nota. — Tem o *Gafanhoto* recebido algumas reclamações por omissão de nomes de decifradores. O facto é independente da sua vontade. Deriva de ser a correspondencia sobrescriptada nominalmente para algum dos directores, que acaso esteja ausente, e não para a direcção do jornal. Outras vezes de vir tarde. E tambem de não attenderem os nossos estimaveis assignantes ao pedido que lhes temos feito por vezes (como na pagina 4 da capa do n.º 5), de *indicarem por fóra dos sobrescriptos os assumptos sobre que versa a sua correspondencia*. Seria altamente vantajoso que os nossos bons amiguinhos tivessem a bondade de se cingir a este preceito. Se ainda assim o *Gafanhoto* fôr remisso, penitenciar-se-ha, lembrando a todos que, se errar é dos homens, muito mais o será dos bichos.

Problemas e adivinhas

I — Um rei muito mau prendeu no alto de uma torre uma rainha velha, mais a filha e o filho d'ella.

A rainha pesava 97$^{kg.}$,500, a princeza 52$^{kg.}$,500, e o principesinho, ainda pequeno, pesava apenas 45 kg. A unica communicação para baixo estabelecia-se por meio de uma corda, passando n'uma roldana, tendo um cesto em cada um dos extremos. O apparelho estava arranjado por fórma que, quando um dos cestos chegava a terra, estava o outro á altura e em frente da janella. É claro que, quando entre a carga dos dois havia differença de peso, o mais pesado descia; mas não convinha que essa differença excedesse 7$^{kg.}$,500, aliáz a descida era precipitada e perigosa, e a corda estava em tal posição que os prisioneiros não podiam aguental-a com as mãos. Dentro do seu carcere não tinham elle cousa alguma que os auxiliasse como contrapeso, a não ser uma bala de ferro que pesava 37$^{kg.}$,500.

Apezar de tudo, os prisioneiros sempre conseguiram evadir-se.

Como fizeram elles?

II — O denominador de uma certa fracção excede o numerador em 2. Se de qualquer d'elles se subtrahir 3, fica um quebrado egual a $\frac{2}{3}$.

Qual é a fracção primitiva?

III — Na manhã de Natal 3 irmãos recebem de presente uma quantidade egual de maçãs. De tarde vem de visita duas tias dos pequenos, cada uma com tres filhitas. Cada um dos pequenos dá a cada prima a mesma porção de maçãs, e ainda ficam a cada um d'elles tantas maçãs quantas cada uma das 6 pequenas recebeu ao todo dos 3 irmãos. Depois d'esta repartição, cada uma das 6 creanças tem um quinhão egual de maçãs, cujo total está comprehendido entre 30 e 60.

Com quantas maçãs ficou cada uma das creanças, quantas recebeu cada um dos pequenos ao começo, quantas deu cada um d'elles ás primas, e quantas receberam ao todo?

IV — Um velhote gasta meia hora exacta em andar os 1070 metros que medeiam entre a sua casa e uma estação de carros electricos. Uma vez, ao sahir de casa, passa-lhe por defronte da porta um carro que vae para essa estação. O velhote segue no mesmo sentido, e vê que o mesmo carro o cruza já de volta, a meio caminho entre a sua casa e a estação. Sabe que o carro demorou n'esta 5 minutos. E por estes dados faz os seus calculos para determinar a velocidade do carro por hora. A que resultados chega?

V — Um homem precisa de 7$800 réis para fazer um pagamento. Pede a um certo numero de pessoas, reunidas n'uma casa, que lhe deem alguma cousa. Cada uma das pessoas da-lhe um tostão; mas elle reconhece que lhe falta ainda uma importante quantia para prefazer os 7$800 réis. Volta ás mesmas pessoas que lhe dão mais dez tostões cada uma, e elle vê que lhe sobeja agora, sobre os 7$800 réis, a mesma quantia exactamente que lhe faltava antes.

Quantas foram as pessoas que subscreveram?

Estampa muda do n.º 11

Não podem os desde já publicar os resultados d'este concurso, por nos faltar o retrato do concorrente preferido, o qual se acha muito longe de Lisboa. Apenas recebamos resposta á carta que lhe enviámos n'este sentido, o *Gafanhoto* illustrará as suas paginas com mais um lindo artiguinho, devido á penna dos seus infantis collaboradores.

Que susto!

RETRATOS
INSTANTANEOS
GRUPOS
E
AMPLIAÇÕES
Vistas
E
Reproducções
Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84
LISBOA

PARA AS CRIANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sobre a tradição popular
Tres volumes de contos educativos, originaes
Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc
Preço por assignatura
340 réis cada volume — avulso 400 réis — folheto 60 réis

BREVEMENTE

BIBLIOTHECA DA PUBLICAÇÃO «PARA AS CRIANÇAS»
Os assignantes tem 20 % de abatimento

LIVRARIA GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª, — RUA DE S. ROQUE, 108

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Descontos para revender

Approvados como hygienicos por distinctos medicos.

Caixa 40 réis

Aromatisam, extinguem o mau halito e desinfectam.

Vende-se nas pastellarias, lojas de chá e mercearias.

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
141, Rua dos Retrozeiros — LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º
(á P. Luiz de Camões)
LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145—Rua do Ouro—149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas—Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas festivaes, bailes, etc.

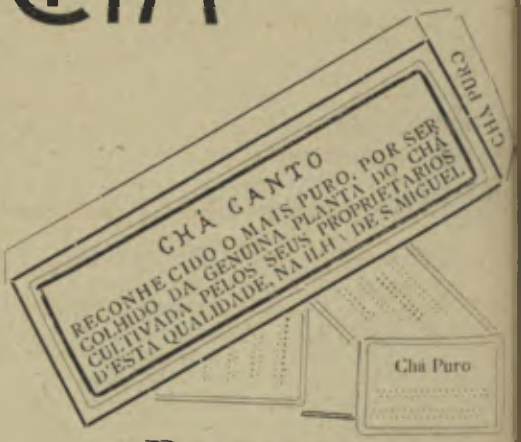
Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit—Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHÁ CANTO



DEPOSITOS

LISBOA — 67-Rua do Cruifixo

PORTO — 5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «A EDITORA»

Antiga casa David Corazzi

N'este estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇOES

R. de S. Nicolau, 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VILLAS BOAS

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA
48, Rua Nova do Almada, 50
LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e crianças

Especialidade em enxovaes para senhoras e crianças

105, R. N. do Almada, 107

LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

ROUPA BRANCA PARA CREANÇAS

A nossa casa ostenta sempre um desenvolvido sortimento de roupas brancas para creanças, executados com o maximo gosto e perfeição. Apresentamos alguns modelos com os respectivos preços:

N.º 132 — Camisa de dia para meninas em bom panno, guarnecidas a bordados.
Annos: 1 a 2 3 a 4 5 a 6 7 a 8 9 a 10
Preços: 500 550 650 700 750
Annos: 11 a 12 13
Preços: 800 900

N.º 138 — Saia com corpinho para meninas, em bom panno, guarnecidas a recortes e pregas.
Annos: 1 a 2 3 a 4 5 a 6 7 a 8 9 a 10
Preços: 700 850 1$000 1$200 1$400

N.º 139 — Calça para meninas em bom panno, guarnecida a recortes.
Annos: 3 a 4 5 a 6 7 a 8 9 a 10
Preços: 500 550 600 650
Annos: 11 a 12 13
Preços: 700 750

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CÔRES

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.° 15

O MAU FILHO
RATOEIRA PARA TIGRES
UM FERIDO RENITENTE — Á BEIRA-MAR
OS DOIS GNOMOS
CAIXA DE SURPREZAS — O BALOUÇO
FOLHA SOLTA: UM CASTELLO ROQUEIRO

LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145 — Rua do Ouro — 149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas — Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas festivaes, bailes, etc.

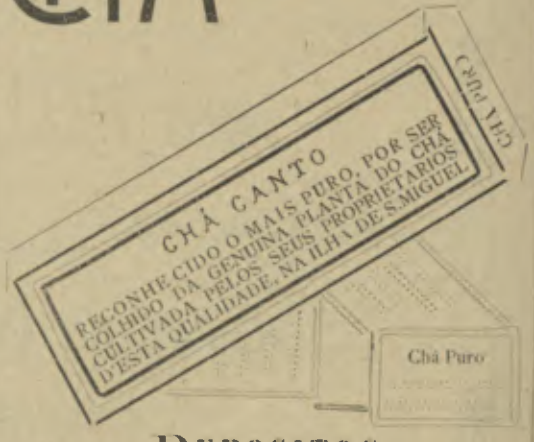
Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit — Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHÁ CANTO



DEPOSITOS

LISBOA	PORTO
67-Rua do Crucifixo	5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «A EDITORA»

Antiga casa David Corazzi

N'este estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇÕES

R. de S. Nicolau, 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VILLAS BOAS

CLINICA GERAL — OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

LIVRARIA FERIN

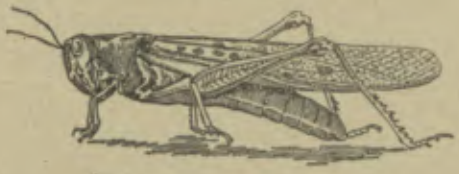
Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200



QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

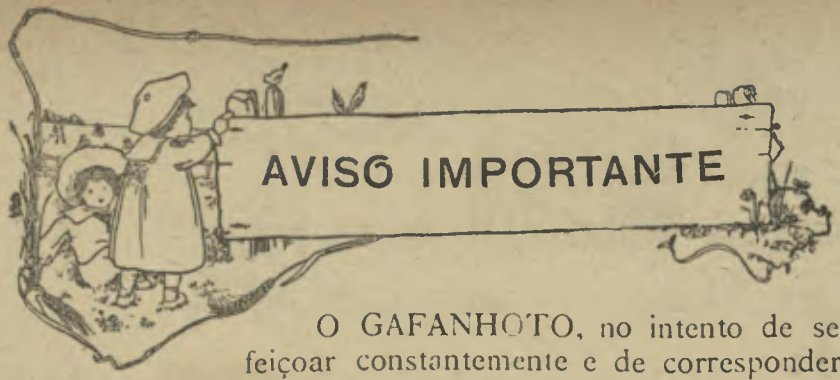
Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 72 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO



O GAFANHOTO, no intento de se aperfeiçoar constantemente e de corresponder assim á sympathia publica, precisa alargar o seu campo de acção.

Para isso offerece d'ora ávante a todas as pessoas que por elle queiram interessar-se, um

BONUS

em livros adquiridos na livraria Ferin, *bonus* equivalente a

10 POR CENTO

sobre a importancia das assignaturas alcançadas por sua influencia, qualquer que seja o numero d'essas assignaturas.

As pessoas, que desejem aproveitar-se d'esta vantagem, queiram remetter a lista das assignaturas, devidas á sua benevola agencia, á direcção do GAFANHOTO

Livraria Ferin

70—Rua Nova do Almada—74

LISBOA

E, apenas se realise a importancia d'essas assignaturas, ser-lhes-ha facultado o beneficio que annunciamos.

Escusamos de encarecer o valor excepcional d'este *bonus*, que a um agente activo poderá proporcionar um largo fornecimento de livros, de instrucção ou de recreio, á sua escolha.

N. B. — Fica entendido que, sendo este *bonus* um premio ao zelo espontaneo da agencia, não entra em conta para a percentagem a assignatura *pessoal* do agente.

EXPEDIENTE

O GAFANHOTO pede a todos os seus estimaveis assignantes, o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas novas assignaturas no mais curto praso, afim de não soffrerem interrupção na remessa do jornal, dirigindo-se á administração — Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

O MAU FILHO

ERA succedeu uma vez que um homem e mais sua mulher estavam ambos sentados á meza, defronte da porta, deante de um pato assado que iam comer. Vae senão quando, o homem viu seu pae a entrar pela porta, e sem mais nem mais deitou mão ao pato e escondeu-o, porque embirrava em repartil-o, com seu pae que fosse.

O velho entrou, bebeu um golo de agua, e sahiu logo. Mal que elle sahiu, o filho foi buscar o pato assado; mas apenas lhe tocou viu que elle se tinha transformado n'um sapo, o qual lhe saltou á cabeça e se agachou alli, sem haver forças humanas que o tirassem. Quando alguem tentava apanhal-o, desatava a cuspir peçonha, e assanhar-se todo, e armava pulo para saltar á cara das pessoas. Até que afinal ninguem se atrevia já a incommodal-o.

Ora este mau filho não teve remedio senão sustentar o sapo, para que elle não começasse a roer-lhe a carne. E assim andou sempre de um lado para o outro, em afflicções por via do companheiro, e nunca mais teve um instante de socego n'este mundo.

RATOEIRA PARA TIGRES

C'uma pistola
Bem carregada,
Sem nenhum risco,
Aos feros tigres
Faz a caçada
O Pae Francisco.

P'r'a petisqueira,
De afogadilho,
Eis salta um.
Apanha a corda,
Puxa o gatilho...
E zás! trás! pum!

UM FERIDO RENITENTE

Durante o cerco que um grande exercito de Turcos poz a Diu, que era defendida pelos portuguezes, havia constantes combates em que os nossos soldados se portaram com grande valentia.

Uma vez, um d'esses soldados, chamado Fernão Penteado, tendo sido ferido na cabeça pelo estilhaço de uma bala de pedra, foi ter com o cirurgião para que o curasse.

Mas o cirurgião não tinha mãos a medir. Estava n'esse momento curando um ferido, e á roda d'elle agrupavam-se outros dez ou doze á espera de vez.

O Penteado é que não esteve para esperar. Como ouvisse lá fora a algazarra da batalha, deitou a correr conforme poude para ter o seu quinhão na peleja. Mas não tardou nada que se visse obrigado a voltar ao cirurgião, com outra ferida na cabeça, mais grave que a primeira.

Ainda d'esta feita encontrou o cirurgião atarefado com os feridos que não paravam de accorrer. E como o estrondo augmentasse porque os inimigos apertavam cada vez mais, ao Penteado não lhe soffreu o animo deixar-se alli estar socegado. Voltou ao combate, apezar de enfraquecido pelo sangue que perdia, e esteve pelejando com todo o valor, até que uma lança o feriu no braço direito.

Então é que não teve remedio senão abrandar os impetos. Tornou ao cirurgião, que afinal conseguiu cural-o de todas as feridas.

A' BEIRA MAR

Estava a maré muito baixa e o sol muito quente. Pela praia fora iam-se arrastando dois pequenos caranguejos verdes á cata de abrigo.

— «Estou cansadissimo!» disse um d'elles.

— «E eu tambem!» redarguiu o outro.

E tudo era mirarem para um lado e outro, emquanto as pulgas do mar saltavam em derredor d'elles, todas contentes. Até que por fim se lhes deparou entre as rochas o desejado porto — uma grande pôça de agua cuja vista os encantou. Das bordas pendiam enfiadas de algas, formando um cortinado espesso por detraz do qual se poderiam esconder ao menor rebate de perigo.

— «Alli é que ninguem é capaz de dar comnosco», exclamaram elles muito satisfeitos.

Tomaram posse da pequena lagôa, e foram logo dar uma volta pelos seus dominios, á espreita dos outros habitantes que por lá haveria.

— «Repara para estas lindas flores!» disse um d'elles, ao vêr umas anemonas do mar, que bracejavam os seus tentaculosinhos de côres variadas.

— «Veja lá como fala!» bradou logo uma das anemonas. «Nós não somos flores, somos animaes vivos, tal qual como vocês.»

Ora os caranguejos não queriam logo começar com questões, e por isso responderam com toda a cortezia:

— «Pedimos desculpa a Vossas Excellencias, mas como temos ouvido dizer que as flôres são muito bonitas, não admira que as tomassemos por flôres. Com que então nascem mesmo da rocha?

A anemona já tinha amansado com o cumprimento dos caranguejos. Agitou os seus innumeraveis bracinhos em signal de contentamento, e respondeu:

— «Qual historia! apenas adherimos á rocha, para nos aguentarmos.»

Mas os caranguejinhos olharam um para o outro, com grande pasmo.

— «Como é que podem então abrir e fechar?» perguntaram elles.

— «Ora! não ha nada mais simples!» replicou a anemona. «Não vêem os meus tentaculos?»

— «Vemos», responderam os caranguejos, um pouco embaraçados.

— «Falem sempre a verdade, meninos!» disse a anemona com ar protector. «Vocês não sabiam que estes muitos tubos ou braços que nós temos se chamam tentaculos. Ora, quando nós os enchemos de agua, é claro que ficamos inchadas. Mas quando nos convem, abrimos as pontas dos tentaculos, despejamos a agua, e encolhemos logo. Percebem?»

— «É curioso!» exclamou um dos caranguejitos.

— «Mas» accudiu o outro, «tendo tantas boccas, qual d'ellas é que escolhem para comer?»

— «Pateta! Os tentaculos servem-nos, mas é para apanhar os alimentos. A bocca temol-a nós no centro. E tomem cautela não se cheguem muito, senão arriscam-se a que eu os pape a ambos.»

— «Safa!» bradaram os caranguejos, arredando-se para respeitosa distancia.

— «E fiquem tambem sabendo,» continuou a anemona,» que, apezar de nos verem assim com ar inoffensivo e aprazivel, temos um fluido peçonhento com que damos cabo de qualquer peixito que se embarace entre os nossos tentaculos.

— «Co'a breca!» clamaram os caranguejos, afastando-se logo para continuarem a sua revista.

— «Que vem a ser isto?» disseram elles parando ao pé de um objecto do feitio de uma estrella, que viram dentro da pôça.

Respondeu-lhes um camarão transparente, côr de areia, que de repente surdiu adeante d'elles:

— «É uma asteria morta.»

— «Uma asteria?»

—«Ou estrella do mar, se assim preferem chamarlhe.

— «E aquelles cinco braços são os seus tentaculos?»

— «Não! Chamam-se raios, e são armados de pontas. No meio é que o animal tem a bocca.»

Foram os caranguejos continuando o seu passeio em companhia do camarão, que por signal era um excellente companheiro, muito entendido em cousas de peixes.

— «Talvez vocês não saibam», disse elle, «que a parte superior dos peixes é escura, ao passo que a de baixo é clara? É para que os não percebam facilmente, nem de baixo nem de cima.»

E vae, o sabio camarão começou a explicar-lhes como eram as escamas: umas vezes muito bem acamadas umas sobre outras como as telhas no telhado de uma casa; outras vezes unidas e ajustadas pelos rebordos; e n'alguns casos espalhadas irregularmente pela superficie da pelle.

— «Os peixes não teem pulmões», disse tambem o camarão. «Respiram o ar que existe na agua por meio das guelras. Se lhe abrirem as guelras e que a agua entre por alli dentro, era uma vez um peixe: morre afogado. Quanto á cauda», continuou o sabichão, «essa serve para elles andarem para diante, as barbatanas da frente e de traz são para elles suhirem ou descerem ou moverem-se para os lados, ao passo que as do dorso e as de baixo augmentam o peixe na posição que elle quer.»

Mas els que n'este instante, a pôça foi repentinamente perturbada por dois pés humanos.

— «Que terriveis objectos são estes?» exclamou um dos caranguejos.

Mas o outro, que era mais valente, aferrou um dos pés com toda a gana, e uma anemona, em cima da qual o outro pousara, espremeu sobre elle uma porção do seu fluido.

Os pésinhos fugiram n'um instante da pôça.

— «Ai! ai!» bradou uma voz lacrimosa. «Não sei o que me mordeu n'um dos pés. E o outro arde-me tambem deveras. Sempre queria saber que bichos é que andam por aqui a molestar-nos!»

Ouvindo isto, o valente caranguejo, mais a anemona, riram-se á socapa.

Estavam radiantes, por terem assim defendido os seus dominios!

CAIXA DE SURPREZAS

Decifrações do n.º 13

I — A quantia que o lojista encontrou na gaveta é de 181$500 réis.

II — Comprou 22 livros a 300 réis e 8 a 400 réis.

III — Eram 250 moedas de 500 réis e mais 50 de 200 réis.

IV — Os numeros dispõem-se como indica o quadrado:

7	4	9	8	3	9
1	7	9	9	9	5
9	9	4	3	8	7
9	9	3	4	6	9
5	7	9	9	9	1
9	4	6	7	5	9

Decifradores

Assis Brito Junior (1.º, 2.º, 3.º) — Carlos Guilherme Nunes Ferreira (1.º, 2.º, 3.º) — Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º, 3.º 4.º) — D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — D. Irene Rolin Geraldes Barba (1.º, 2.º, 3.º) — Jorge Abreu Reis (2.º) — Menino Julio (2.º, 3.º) — Luiz Alberto Miranda da Costa (2.º, 3.º) — D. Maria Constança Miranda de Castro (2.º, 3.º) — Maria da Gloria Coutinho (2.º, 3.º) — Mario de Moraes Affonso (1.º, 2.º, 3.º) — Paulo Cinatti Keil (2.º, 3.º) — D. Rozina Aurelia Leite Maciel (2.º, 3.º) — D. Vera Izabelle Quin (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

1

2

I, II e III — *Enigmas geographicos* — Que paizes ou terras se escondem no contorno das tres figuras juntas?

IV — Achar a palavra que designa um animal, e que, decapitada successivamente, isto é, tirando-se-lhe uma a uma as tres primeiras lettras, significa por sua ordem: 1.º, Um ente bravio; 2.º Um perigo; 3.º Um attractivo para certos animaes.

V — Qual é o numero, cujos quatro quartos multiplicados dão um producto, o qual excede em 525 o producto das suas metades?

VI — Um pae, na manhã do Natal, distribue pelos seus quatro filhos uma porção de nozes. O quinhão do mais velho corresponde a 1/4 das nozes; o segundo recebe 1/4 do resto e mais 10; ao terceiro cabe 1/4 do que resta e mais 20; e o quarto finalmente apanha as nozes que ainda ficaram. Mas feitas as contas, os quatro reconhecem que tiveram quinhão egual.

Quantas eram as nozes?

3

OS DOIS GNOMOS

TINHAM dois gnomos, qual dos dois mais bronco,
Uma serra encontrado,
Enterrada n'um tronco
Que servia de ponte n'um vallado.

Ora estes patusquinhos, que são muito
Amigos de brincar,
Tiveram logo o intuito
De nas pontas da serra balouçar.

Assim fizeram pois, todos contentes
D'aquella brincadeira,
Sem reparar que os dentes
Da serra iam trincando na madeira.

Só pelo caso deram ao depois,
Quando, por seu mau fado,
Se fez o tronco em dois,
Atirando-os ao fundo do vallado.

SOBRAS DE LINHO

VIVIA n'uma certa terra uma rapariga, linda como os amores, mas muito preguiçosa e desmazelada. Quando fiava o linho, não tinha pachorra de desembaraçal-o; em vez d'isso partia o fio e desperdiçava mancheias de linho, que ficavam pelo chão.

Ora esta mandriona tinha uma creadita, que era pelo contrario muito arranjada e trabalhadora. Era ella que apanhava o linho desperdiçado, desembaraçava-o muito bem, fiava-o em fios muito finos, até que chegou a fazer um vestido que ficou lindissimo.

Estava a madraça para casar com um rapaz da terra, e até já se tinha marcado o dia das bodas. Mas dias antes, andavam os dois noivos a passeiar pelo largo da egreja, e viram os rapazes e raparigas da terra n'um bailarico muito alegre.

— «Olá!» exclamou a noiva com uma gargalhada. «Lá está a minha creada! Como ella se diverte! Julga-se um brinco, graças ás sobras do meu linho!»

— «Que quer isso dizer?» perguntou o noivo.

Vae ella, contou-lhe como a creadita tinha feito o vestido com os pedaços de linho que ella costumava deitar fóra, para não se maçar a desembaraçal-o. Ao ouvir isto, percebeu o rapaz a mandriice da noiva, e a actividade da creada. Rompeu logo o casamento, e escolheu para mulher a industriosa creadita.

O BALOUÇO

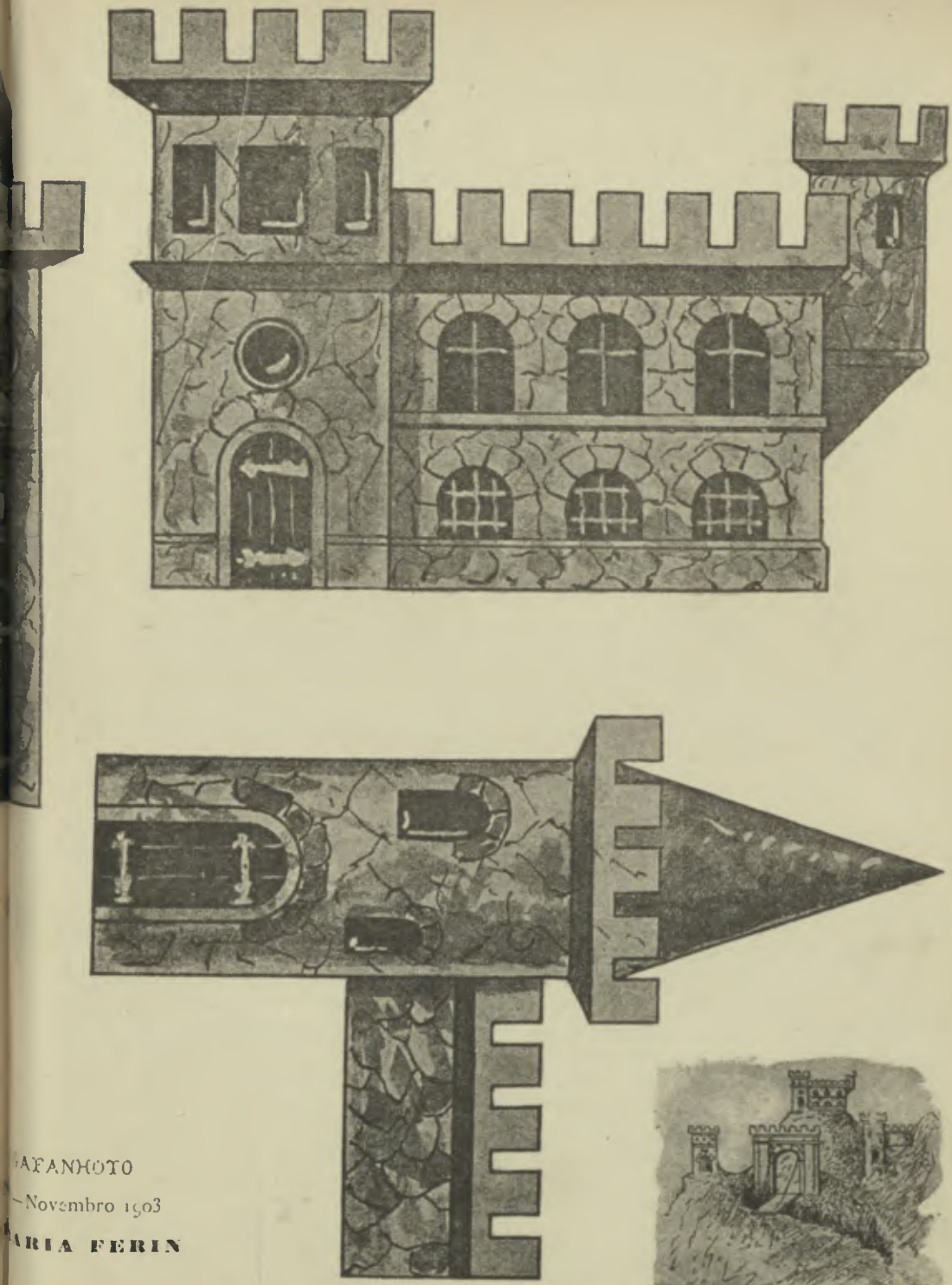
Finda a hora dos estudos,
Dá largas a bicha-gata
Aos seus meninos pelludos
Para andarem na frescata.

É miadeira pegada
Agora n'esse jardim;
Rinhanháu trepa á ramada,
Minhau faz grande motim.

E Ratanhau, que em disfarce
Dá sota e az aos bichanos,
Regala-se a balouçar-se,
Fazendo troça dos manos.

Um castello roqueiro

Em papelão, ou, melhor ainda, em madeira de caixas de charutos se recortam as figuras juntas. A ponte levadiça é construida á parte com um pedaço de madeira rectangular, e ligada á soleira da porta por meio de duas charneiras ou gonzos. No outro extremo da ponte collocam-se duas argolas, ás quaes se ligam cordeis ou correntesinhas. Essas correntes vão passar por orificios redondos abertos no alto e aos lados da porta, afim de servirem para levantar ou baixar a ponte levadiça. Convém que todas as differentes secções do castello terminem na parte inferior por uns espigões de madeira, como se vê na torre isolada. Esses espigões servem para as cravar na terra ou na areia, conforme a disposição indicada na figura do conjuncto, devendo sob a ponte levadiça abrir-se um profundo fosso. Mais pittoresco ficará o castello se ao monte que lhe serve de base se der uma apparencia escabrosa, por meio de pedras encravadas na terra ou areia.



AFANHOTO

—Novembro 1903

ARIA FERIN

RETRATOS
INSTANTANEOS
GRUPOS
E
AMPLIAÇÕES
Vistas
E
Reproducções
Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84
LISBOA

PARA AS CRIANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sobre a tradição popular
Tres volumes de contos educativos, originaes
Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc:
Preço por assignatura
340 réis cada volume — avulso 400 réis — folheto 60 réis
BREVEMENTE
BIBLIOTHECA DA PUBLICAÇÃO «PARA AS CRIANÇAS»
Os assignantes tem 20 % de abatimento
LIVRARIA GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª, — RUA DE S. ROQUE, 108

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Appaovados como hygienicos
por distinctos medicos

Caixa 40 réis

DESCONTOS PARA REVENDER

Aromatisvm, extinguem o mau halito
e desinfectam

Vende-se nas pastellarias, lojas de chá e mercearias

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
Rua dos Retrozeiros, 141
LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º
(á P. Luiz de Camões)
LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Serradayres

Medalha de ouro

Paris 1900

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

XX

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhoras e creanças

CASA FUNDADA EM 1842

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63 — Rua Nova do Almada — 63

LISBOA

G.me da Silva Spratley & C.a

ANTIGA CASA

DE

A. A DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS.—

Contem o leite puro das vaccas suissas.

ALBINO J. BAPTISTA

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79, Rua do Alecrim, 79

Atlas Jogo de Paciencia

Para creanças aprenderem Geographia Geral como divertimento.

LIVRARIA FERIN

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos models de Paris, confecções elegantes.

Preços modiços

ROUPARIA PARIS

DE

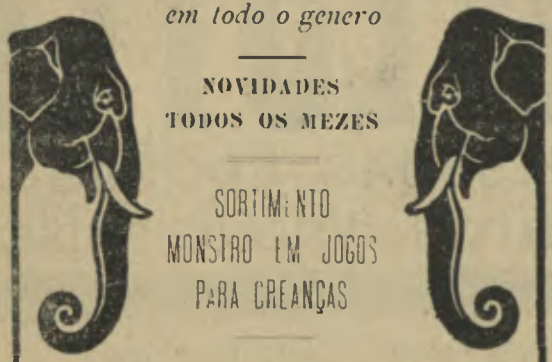
QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero



NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA
48, Rua Nova do Almada, 50
LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins
DE
Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107
LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

ROUPA BRANCA PARA CREANÇAS

A nossa casa ostenta sempre um desenvolvido sortimento de roupas brancas para creanças, executados com o maximo gosto e perfeição. Apresentamos alguns modelos com os respectivos preços:

N.º 137—Camisa de dia para meninas em bom panno, guarnecidas a bordados.
Annos: 1 a 2 3 a 4 5 a 6 7 a 8 9 a 10
Preços: 500 550 650 700 750
Annos: 11 a 12 13
Preços: 800 900

N.º 138—Saia com corpinho para meninas, em bom panno, guarnecidas a recortes e pregas.
Annos: 1 a 2 3 a 4 5 a 6 7 a 8 9 a 10
Preços: 700 850 1$000 1$200 1$400

N.º 139 — Calça para meninas em bom panno, guarnecida a recortes
Annos: 3 a 4 5 a 6 7 a 8 9 a 10
Preços: 500 [illegible] [illegible] 650
Annos: 11 a 12 13
Preços: 700 750

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CÔRES

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Sumamrio do N.° 16

A JAPONA E A JAQUETA
ESTAMPA MUDA DO N.° 11
A ESCOLHA DA NOIVA
O ESTORNINHO
OS CONVIVAS DO CONDESTAVEL
CAIXA DE SURPREZAS
ASTUCIA DE LARAPIO
LIÇÃO DE CIVILIDADE

LIVRARIA FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74

LISBOA

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145—Rua do Ouro—149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas—Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas festivaes, bailes, etc.

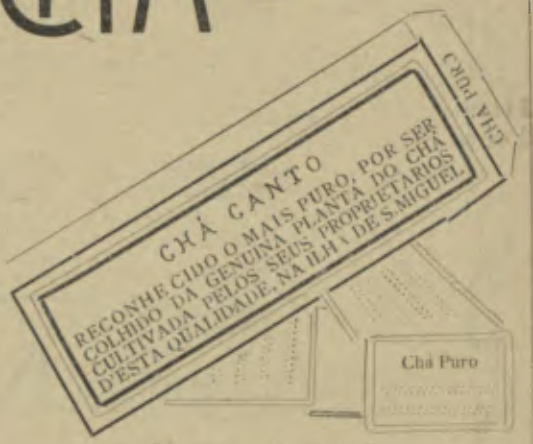
Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit—Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHÁ CANTO



DEPOSITOS

LISBOA	PORTO
67-Rua do Crucifixo	5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «A EDITORA»

Antiga casa David Corazzi

N'este estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇOES

R. de S. Nicolau, 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VILLAS BOAS

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Gi. — *Historias.* — 1 vol.	br. 500	cart.	700
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
Sto AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

O GAFANHOTO

AOS SEUS LEITORES

Já confessou O GAFANHOTO que, como os homens tyrannos que lhe dão cresta, não é isento de peccadilhos. De um d'esses tem de penitenciar-se agora com a maior contricção: a demora que d'esta vez teve em saltar da sua toca para alegrar os seus pequenos clientes. A verdade é que estava um pouco desazado, por via de uns transtornos no seu organismo, transtornos ligeiros que se remediaram e que não tornarão decerto a dar-se. Perdoem-lhe esta falta os seus estimaveis amiguinhos. Elle procurará compensal-a, quanto em suas forças caiba, augmentando o interesse das suas paginas por fórma a não desmerecer da amizade que lhe tem sido liberalisada.

O bom do bicho precisa de alentos para voar com desafogo. Não lh'os regateiem. Concorram os seus queridos amiguinhos para que elle multiplique os seus saltos, e verão como elle se apresenta cada vez mais chibante e divertido.

A japona e a jaqueta

Estava o menino Diogo muito entretido a colher flores de campo, quando ouviu perto de si uma grande altercação.

Levantando os olhos, viu ao pé de uma cancella dois rapazes á bulha. Um d'elles era um latagão, e o outro ainda pequerrucho. Mas o mais curioso era que o mais pequeno estava vestido com uma enorme japona que lhe chegava aos pés, ao passo que o mais taludo envergava uma jaquetinha muito apertada que mal lhe tapava a cintura.

— «Has de trocar o casaco comigo», bradava o latagão, «e assim ficamos ambos bem servidos. Bem vês que tão grande é para ti essa borjaca, como é curta para mim esta jaqueta.»

Mas como o pequeno não estivesse pelos ajustes, o trangalhanças despiu-lhe á força a japona e deu-lhe em troca a jaquetinha. Muito choro de uma banda e muita risota da outra, vae senão quando deram ambos com os olhos no menino Diogo.

— «Ora aqui está quem vae ser juiz n'esta contenda», exclamou o latagão, que conhecia o Diogo como um rapazinho de muito juizo. «Estás por isso, pequenote ?»

O pequeno concordou. E logo o menino Diogo, que assistira ao debate, sentenciou sem hesitar que a japona devia pertencer ao mais alto e a jaqueta ao pequeno, visto que lhes serviam a primor.

Affastaram-se os dois, um contente e o outro conformado, e ficou o menino Diogo tão satisfeito com a sua sentença que foi logo contar ao pae o que succedera. Esperava que este lhe desse parabens, e até talvez um presente. pela airosa figura de juiz que tinha feito. Qual não foi o seu espanto quando o pae enrugou o sobr'olho e lhe disse com ar severo :

— «Merecias ser castigado pela injustiça que praticaste !»

— «Ora essa, papá !» accudiu o Diogo. «Pois a jaquetinha não servia melhor ao pequeno e a japona ao tamanhão ?»

— «De accordo ! » respondeu o pae. «Mas tu não eras juiz para decidir qual dos casacos melhor servia a cada um dos rapazitos. Tinhas apenas a resolver se era justo que o latagão, por ser mais forte, tirasse a japona ao pequeno. Ora, como é injusta toda a violencia contra a propriedade de cada um, tu sentenciaste injustamente, e, por isso merecias castigo.

Estampa Muda do N.º 11

Tardou o *Gafanhoto,* muito contra sua vontade, em apresentar o resultado d'este concurso. O motivo foi, como já dissemos, a difficuldade de obter o retrato da concorrente victoriosa, a qual residia longe. Fica isto de emenda ao *Gafanhoto* para prolongar sempre, conforme é de justiça, o praso dos seus concursos, afim de dar tempo aos seus estimaveis assignantes que residam longe de Lisboa.

N'este sentido, quando se publicar outra estampa muda, se fixarão novas condições, as quaes terão por objecto estabelecer quanto possivel um regimen equitativo para todos os concorrentes, qualquer que seja a sua residencia.

Segue o themasinho apresentado pela menina D. Lia Sequeira d'Aragão Moraes, a qual reside em Ponta Delgada — S. Miguel-Açores. Entre os restantes concorrentes, cumpre ao *Gafanhoto* especialisar ainda a sua intelligentissima e amavel collaboradora a menina D. Irene Rolin Geraldes Barba, que pelas repetidas provas de precoce talento se pode considerar *hors concours*, mas a quem o *Gafanhoto*, emquanto não manifestar por outra forma o seu reconhecimento, pede a persistencia n'uma collaboração tão dedicada quanto preciosa.

A estampa muda do n.º 11 representa D. João VI jurando as bases da constituição na sua volta do Brazil, para onde tinha fugido com medo da invasão franceza capitaneada por Junot. Mas Portugal não ficou em paz, houve logo depois uma contra-revolução promovida por D. Miguel: o Brazil tornou-se independente e acclamou D. Pedro IV imperador.

Com a morte de D. João VI seguiu-se uma terrivel lucta civil entre os dois irmãos, D. Pedro e D. Miguel, que só terminou quando d'aqui dos mares dos Açores, sahiram os tão celebres 7 5co bravos, que eram liberaes emigrados de Portugal e açoreanos. Desembarcaram no Mindello e depois de muitas luctas terminou a guerra com a victoria dos liberaes. Os meus companheiros do *Gafanhoto* conhecem tão bem como eu a historia de Portugal, mas, como sou açoreana, quiz lembrar-lhes que foi d'aqui dos Açores que partiram esses heroes sempre tão lembrados na historia da liberdade.

Lia Sequeira d'Aragão Moraes.

(13 annos)

(S. Miguel — Açores)

A ESCOLHA DA NOIVA

Era uma vez um pastor que queria casar. Conhecia elle tres irmãs, qual d'ellas a mais linda, por fórma que não era facil escolher entre ellas a preferida. Pediu á mãe que o aconselhasse, e ella respondeu-lhe:

—«Olha! convida todas tres para a merenda. Põe-lhes queijo na frente e repara como ellas comem.»

O rapaz assim fez. A primeira comeu o queijo com codea e tudo. A segunda cortou a codea com tanto desmazelo, que, pegada a ella, deitou fóra uma porção de queijo. A terceira tirou a codea com todo o cuidado, nem demais nem de menos.

O pastor contou tudo á mãe, que disse logo:

—«Escolhe a terceira.»

Elle seguiu o conselho, e não teve de que se arrepender.

O ESTORNINHO

(V. estampas nas duas paginas seguintes)

I

«Safa!» exclamou o estorninho,
«Vem o inverno a toda a pressa.
«Não ha nos campos bichinho
«Nem caracol que appareça.
«Já não me serve a paragem.
«Vamos lá tentar viagem!»

II

Em torno de si mirando,
Vê todos os companheiros
A reunirem-se em bando
Aqui, além, aos milheiros.
«São horas! Vamos embora!
«O outomno diz: Bota-fóra!»

III

Porém, antes da partida
P'r'os bellos campos do sul,
A canção de despedida
Resôa no ceu azul:
«Casas brancas! Linda egreja!
«Até que outra vez as veja!»

IV

No canto, cheio de magua,
Este passaro é distincto.
Mas da goteira corre agua,
Fica o estorninho n'um pinto.
«Ai! que estraguei n'estas scenas
«O fato novo de pennas!

V

«E são horas de viagem!
«E eu cá não posse voar!
«Por mais que abane a plumagem,
«Não ha meio de enxugar!»
Salta e dansa como um louco,
Mas serve-lhe isso de pouco.

VI

«Emfim!» pensou o estorninho:
«O meu remedio é apenas
«Deixar-me estar quietinho
«'Té que o sol me seque as pennas.
«Não tardará felizmente,
«Porque o dia inda está quente.»

VII

Fica immovel, com juizo,
Tempo immenso... tudo em vão!
«Ah! já sei o que é preciso!
«É mudar de posição!»
Mas, adeus! por mais que mude,
O sol perdeu a virtude.

VIII

«Acertei! Tenho esperteza!
«D'aquelle tonel me valho!
«Na tampa, que com certeza
«Deve estar como um borralho,
«Estiraço o corpo inteiro,
«Como roupa ao soalheiro!»

IX

Porém, passado um minuto,
Quando voar determina,
Sente o corpo meio enxuto,
Mas 'stá pegado á resina.
Lá se desprende, coitado!
Mas bastante depennado.

X

«Ih! Jesus! O passaredo
«Vae já longe em revoada!
«Manos! Manos! Tenho medo
«De andar sósinho em jornada!
«Esperem por um dos seus!
«Esperem, manos! por Deus!»

OS CONVIVAS DO CONDESTAVEL

Andava el-rei D. João I com seu exercito pelo Ribatejo, pouco tempo antes da grande batalha de Aljubarrota, e ia com elle o condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Acamparam junto de uma ponte, ao pé do Cartaxo. Soffriam todos penuria de mantimentos, tamanha que por cinco pães se chegou a trocar um cavallo.

Estava o condestavel á meza, e tinha deante de si, além da carne, cinco pães, o que era um regalo bem raro n'aquellas condições. Eis senão quando, apparecem cinco cavalleiros inglezes, d'aquelles que n'esse tempo combatiam no exercito de Portugal. Começam logo a lastimar-se da muita fome que andavam curtindo, e pedem ao condestavel lhes accuda com alguma cousa de comer.

D. Nuno convida-os immediatamente a sentarem-se á meza. Mas os inglezes não estão com cerimonias. Mesmo de pé, engolem n'um abrir e fechar de olhos os cinco pães, bebem-lhe em cima duas goladas, e vão-se embora.

O condestavel ficou-se a rir da semcerimonia dos convivas, e contentou-se com a carne sem migalha de pão.

O Estorninho

3
4
9
8
10

CAIXA DE SURPREZAS

Decifrações do n.º 14

I — Desceu primeiro o pequeno, servindo-lhe de contrapeso a bala. Em seguida, a rainha e a princeza tiraram a bala do cesto, e desceu a princeza, servindo o principesinho de contrapeso. Largaram o apparelho, desceu o cesto com a bala. Apenas chegou a terra, a princeza metteu-se no cesto com a bala, e a somma dos pesos serviu de contrapeso para a descida da rainha. Sahiu a princeza do cesto, o qual desceu só com a bala. Então desceu o principe, ao passo que a bala subiu. A princeza tirou então a bala do cesto e desceu sósinha, emquanto o irmão subia, servindo-lhe de contrapeso. Por fim, o principe poz a bala n'um dos cestos, e deixou-se descer. Estavam todos salvos!

II — A fracção primitiva é $\frac{7}{9}$

III — 6 — 18 — 2 — 54.

IV — R. Até meio caminho, o homem tinha andado um quarto de hora exacto. Portanto, o carro andou o caminho todo e mais metade durante dez minutos, que é o quarto de hora, descontado o tempo da paragem. Esse espaço é $1070 + 535 = 1605$ metros.

Andando isto em 10 minutos, n'uma hora deve andar 6 vezes mais, ou seja $6 \times 1605 = 9630$ metros.

V — As pessoas que subscreveram foram 13.

Decifradores

Affonso Mello Cid Perestrello (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º) — Carlos G. Nunes Ferreira (1.º, 3.º, 5.º) — D. Clara Santos Silva Telles (4.º) — Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º) — D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º) — D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º) — D. Irene Rolin Geraldes Barba (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º) — João Pereira de Freitas (1.º, 2.º, 5.º) — D. Maria Thereza Lencastre Ferrão (1.º, 3.º, 4.º, 5.º) — Mario Moraes Affonso (1.º, 4.º, 5.º) — D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º) — D. Rozina Aurelia Leite Maciel (1.º, 3.º, 5.º) — D. Vera Izabel Quin (2.º, 3.º, 4.º, 5.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I e II — *Enigmas geographicos.* Adivinhar a que porções de terra correspondem no mappa os contornos das figuras juntas.

III — Um negociante de vinhos tem na adega 21 cascos, 7 cheios de vinho, 7 meio cheios e 7 completamente vasios.

Quer largar o negocio, e resolve repartir os cascos pelos seus tres filhos, Diogo, Thomaz e Henrique, mas sem passar nenhuma porção de liquido de um para o outro casco e devendo ficar cada um dos filhos com egual quantidade de vinho e egual numero de cascos. Como ha de fazer?

IV — Pela multiplicação e addição dos numeros 1 a 9 inclusive, empregando apenas uma vez cada um d'elles, achar como resultado 100.

V — O Manuel emprestou 60$000 réis ao Antonio, de quem era amigo, dizendo lhe que pagasse a divida em prestações, conforme pudesse.

Um mez depois pagou o Antonio a primeira prestação. A segunda foi de metade da primeira; a terceira foi de 3 quartos da mesma primeira; a quarta e a quinta foram respectivamente de um quarto e de dois quintos d'essa primeira. Depois d'isso, ainda o Antonio ficava devendo 20$000 réis. Em quanto importou a primeira prestação?

Entra um maroto n'uma loja de modas, e dirige-se ao dono da casa que está sósinho ao balcão.

— «Deixe-me vêr uma capa de senhora, das mais grossas que tiver. É para uma senhora da provincia, gorda e bastante alta... da sua altura pouco mais ou menos... Côres bem vistosas, percebe? As provincianas pelam-se por isso!»

O logista tratou de lhe impingir logo o mais ridiculo dos seus *monos*, que assim se chamam os artigos de commercio que estão fóra de moda.

— «Esta é magnifica!» exclamou o patusco. «O peior é que não sei bem se ella servirá á tal senhora... Se houvesse alguem que a provasse, para eu vêr o effeito...»

— «Se quer demorar-se uns dez minutos, não tardam ahi as costureiras, que foram jantar...»

— «É que eu estou com muita pressa!... Olhe! O senhor é que me podia fazer o obsequio... A tal provinciana tem um corpanzil de homem... Se a capa lhe servir ao senhor, serve-lhe a ella com toda a certeza...»

— «Quer então que a vista?» perguntou o lojista rindo.

— «Era um grande favor!»

— «Pois vá lá!»

O homem enverga a capa, vermelha, debruada de azul, cheia de vidrilhos e de alamares.

— «Soberbo! Ora volte-se lá, para eu vêr que tal assentam as costas!» diz o patusco.

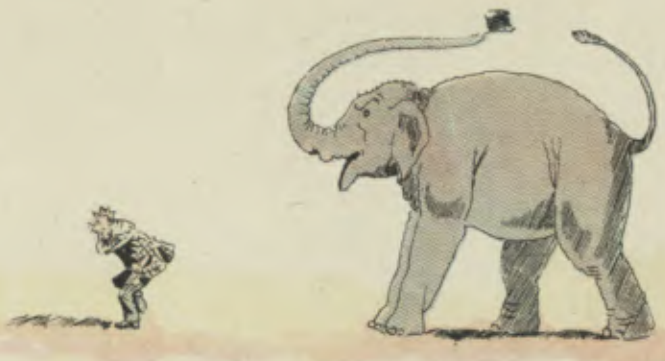
E, apenas pilha o lojista de costas voltadas, o sujeitinho abre a gaveta do balcão n'um abrir e fechar d'olhos, despeja na algibeira o dinheiro que lá encontra, e... pernas p'ra que vos quero! pela rua fóra.

O lojista desata a correr atraz d'elle e a gritar como um desesperado.

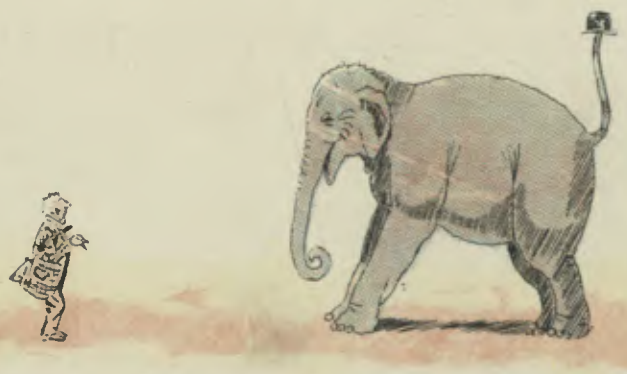
Mas, ao vèr aquella figura estaparfurdia, o povinho agarra-o logo, com muita gargalhada, tomando-o por um doido. E emquanto o pobre homem se desfaz em explicações e protestos, o ladrão abala com todo o descanso, sem que ninguem o incommode.

Lição de civilidade

—Senhor homem, na minha presença,
Ter chapeu na cabeça! Que offensa!



—Ai! desculpe, senhor elephante,
Mas não estrague o meu rico penante!



—'Stá seguro, senhor, não duvide!
Depois venha buscal-o ao cabide!

RETRATOS
INSTANTANEOS
GRUPOS
E
AMPLIAÇÕES
Vistas
E
Reproducções
Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84

LISBOA

PARA AS CRIANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sobre a tradição popular
Tres volumes de contos educativos, originaes

Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc:

Preço por assignatura

340 réis cada volume — avulso 400 réis — folheto 60 réis

BREVEMENTE

BIBLIOTHECA DA PUBLICAÇÃO «PARA AS CRIANÇAS»

Os assignantes tem 20 % de abatimento

LIVRARIA GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª, — RUA DE S. ROQUE, 108

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Appaovados como hygienicos
por distinctos medicos

Caixa 40 réis

DESCONTOS PARA REVENDER

Aromatisvm, extinguem o mau halito
e desinfectam

Vende-se nas pasteilarias, lojas de chá e mercearias

DEPOSITO

PERFUMARIA BALSEMÃO

Rua dos Retrozeiros, 141

LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º

(á P. Luiz de Camões)

LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Serradagres

Medalha de ouro

Paris 1900

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

XX

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhoras e creanças

CASA FUNDADA EM 1842

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63 — Rua Nova do Almada — 63

LISBOA

G.me da Silva Spratley & C.a

ANTIGA CASA

DE

A. A DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS.—

Contem o leite puro das vaccas suissas.

ALBINO J.ª BAPTISTA

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

MEDALHA DE OURO

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79, Rua do Alecrim, 79

LIVRARIA FERIN

Atlas Jogo de Paciencia

Para creanças apprenderem Geographia Geral como divertimento

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107

LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

ROUPA BRANCA PARA CREANÇAS

A nossa casa ostenta sempre um desenvolvido sortimento de roupas brancas para creanças, executados com o maximo gosto e perfeição. Apresentamos alguns modelos com os respectivos preços:

N.º 137—Camisa de dia para meninas em bom panno, guarnecidas a bordados.

Annos:	1 a 2	3 a 4	5 a 6	7 a 8	9 a 10	
Preços:	500	550	650	700	750	
Annos:	11 a 12	13				
Preços:	800	900				

N.º 138—Saia com corpinho para meninas, em bom panno, guarnecidas a recortes e pregas.

Annos:	1 a 2	3 a 4	5 a 6	7 a 8	9 a 10	
Preços:	700	850	1$000	1$200	1$400	

N.º 139 — Calça para meninas em bom panno, guarnecida a recortes

Annos:	3 a 4	5 a 6	7 a 8	9 a 10		
Preços:	500	550	600	650		
Annos:	11 a 12	13				
Preços:	700	750				

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CÔRES

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.° 17

A PATETINHA DA ALFORRECA
A MANA MAIS VELHA
DAR PÃO AOS INIMIGOS
CAIXA DE SURPREZAS
A BOMBA
MESTRE CARACOL E MESTRE KÁGADO
PAGINA SOLTA — Romeira com estola para uma boneca

LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145—Rua do Ouro—149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas — Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas festivaes, bailes, etc.

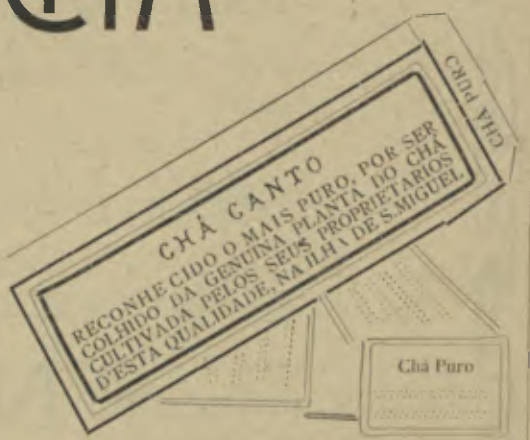
Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit—Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHA CANTO



DEPOSITOS

LISBOA	PORTO
67-Rua do Crucifixo	5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «**A EDITORA**»

Antiga casa David Corazzi

N'este estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇOES

R. de S. Nicolau, 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VILLAS BOAS

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart. 1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart. 900
Gi. — *Historias.* — 1 vol.	br. 500	cart. 700
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart. 300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart. 600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart. 600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart. 600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart. 700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*		200

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

Á Redacção do GAFANHOTO

LIVRARIA FERIN

Sêllo de 10 réis

70, Rua Nova do Almada, 74

LISBOA

O GAFANHOTO

AOS SEUS LEITORES

Conforme annunciou n'um dos seus primeiro numeros, o GAFANHOTO abre agora um plebiscito entre todos os seus pequenos leitores, para saber quaes os contos, as historietas, as fabulas, os artigos emfim, quer em prosa quer em verso, que mais agrado lhes teem merecido. Por essa votação elle se regulará de futuro, procurando de preferencia que o texto dos seus numeros vá quanto possivel de acordo com ella, sem descurar em todo o caso, o gosto d'aquelles que ficarem em minoria.

O maior empenho d'este divertido bichinho é contentar a todos. Assim manifesta o seu reconhecimento pela maneira carinhosa por que tem sido acolhido.

Todos os leitores do presente numero pódem entrar na votação, enchendo o boletim abaixo, cortando-o do jornal e remettendo-o á direcção do *Gafanhoto*, com uma estampilha de 10 réis. Os votos são recebidos até ao dia 31 de janeiro de 1904.

BOLETIM DE VOTO

Artigos preferidos	N.º do jornal
1.º	
2.º	
3.º	

A Patetinha da Alforreca

CONTO JAPONEZ

Deu uma vez na zoina ao rei dos Dragões o tomar estado. Era a noiva uma Dragoasinha com dezeseis annos apenas, tão bonitinha que bem merecia ser esposa de um rei. Por via d'esse noivado, houve festa rija no mar. Peixes grandes e pequenos, desde o atum até á petinga, tudo veiu apresentar os seus respeitos e offerecer os seus presentes aos noivos. Durante uns poucos de dias, deu-se largas á alegria d'aquelle povo.

Mas nem tudo são rosas, mesmo para os Dragões. Ainda não passara um mez, quando a pobre da rainha adoeceu. Deitaram os doutores a prateleira abaixo para encontrar remedios que a curassem, mas tudo foi inutil. Por fim abanaram as cabeças, e declararam que não havia mais nada a fazer. Era deixar a doença seguir o seu caminho, até que ella morresse, que era o mais provavel.

Mas a doentinha disse para o marido:

—«O que ha de curar-me, sei eu. Arranjem-me o figado de um macaco vivo, que, em eu o comendo, fico logo boa».

—« O figado de um macaco vivo!» exclamou o rei. « Que ideia essa, minha querida! Pois tu não sabes que nós vivemos no mar, ao passo que os macacos vivem lá muito longe, pela terra dentro, no meio das florestas? Um figado de macaco! Ora essa! meu amor! a doença por força que te deu volta ao miolo!»

Vae a Dragoasinha, desatou a chorar como uma cascata.

—«É tão pouco o que te peço», gemeu ella, «e tu recusas-me! Bem me quiz parecer que tu nunca gostaste de mim a valer. Ai! bem tola fui eu em não ficar na minha casinha, na companhia da m... ma... man e mais do p... pa... pá!»

N'isto engasgou-se com os soluços, e não deu mais palavra.

Ora está bem de ver que o rei dos Dragões ficou afflictissimo, não fossem agora pensar que

elle tratava de resto a sua linda esposa. Vae, o que fez? Mandou chamar uma pessoa da sua côrte em que muito confiava, a Alforreca, e disse-lhe assim:

— «A cousa não é lá muito facil. O que eu queria era que tu fosses nadando até á terra, e visses se convencias um macaco a acompanhar-te aqui. Para que elle não faça cara, dize-lhe maravilhas do paiz dos Dragões, que é muito mais bonito do que lá essas terras onde elle vive. Verdade, verdade, para que eu o quero cá é para lhe cortar o figado. É um remedio para a tua real ama, que, como sabes, está perigosamente doente.»

Partiu a Alforreca a cumprir a sua extranha missão. N'aquelle tempo era ella um peixe como outro qualquer com olhos, e barbatanas, e cauda. Até tinha umas patinhas, que lhe permittiam andar por terra com a mesma facilidade com que nadava na agua. Não gastou muitas horas até chegar á terra onde viviam os macacos; e teve tanta sorte que deu logo com os olhos n'um soberbo macacão, o qual andava aos pulos por meio do arvoredo, mesmo ao pé do sitio em que a Alforreca tinha varado em terra.

Vae a Alforreca, disse-lhe logo:

— «Ó senhor Macaco! Vim cá de proposito para lhe dar noticia de uma terra muito mais bonita do que esta. Fica lá pelo mar fóra, e chama-se o paiz dos dragões. Faz lá um tempo lindissimo em toda a roda do anno, ha fructa madura em barda em todas as arvores, e não ha por lá d'essas ruins creaturas que se chamam homens. Se quizer vir comigo, é só dizer. Salte-me para cima das costas, que eu o levo lá n'um abrir e fechar de olhos.»

Pensou o Macaco como seria divertido ir vêr terras novas.

Deu logo um pulo, encarrapitou-se nas costas da Alforreca, e lá abalaram os dois pelo mar fóra.

Mas quando iam ahi a meio caminho, começou o Macaco a receiar de algum perigo que lhe houvesem escondido.

Tão exquisito lhe pareceu o convite, e tão arriscado o ter-se confiado assim a um extranho!

Por isso perguntou á Alforreca:

— «Porque é que lhe occorreu essa ideia de me vir buscar»?

E a Alforreca respondeu promptamente:

— «É o meu real amo, o Rei dos Dragões, que precisa do senhor para lhe cortar o figado, para remedio da rainha que está doente».

— «Ah! agora percebo eu a marosca!» pensou o Macaco.

Mas guardou lá para si o que pensava, e o que disse foi isto:

— «Nada me poderia dar maior satisfação do que ter qualquer prestimo para Suas Majestades. Mas logo pela fortuna deixei o figado pendurado n'aquelle grande castanheiro, onde Vossa Mercê me viu ás cabriolas. O figado é uma cousa que pesa como a breca. Por isso, eu tenho por costume tiral-o, e ando mais á vontade sem elle, durante o dia. Temos de voltar atraz para o irmos buscar.»

Concordou a Alforreca que era o melhor que tinham a fazer.

Porque a grandecissima pateta não percebeu que o Macaco lhe estava a impingir uma patranha, para que não dessem cabo d'elle nem lhe tirassem o figado para servir de remedio á rainha.

Quando chegaram outra vez á terra da macacaria, o

macaco não esteve com uma nem duas. N'um abrir e fechar de olhos galgou pelo castanheiro acima até se encarrapitar no ramo mais alto, e gritou para a Alforreca:

—«Não encontro cá o meu figado. Querem vêr que alguem m'o levou? Tanto hei de procurar que hei de dar com elle. Mas, entretanto, vá Vossa Mercê andando, e diga ao seu real amo o que aconteceu. Elle póde ficar com cuidado, se Vossa Mercê não recolhe antes de anoitecer.»

Vae a Alforreca, abalou para o seu paiz; e apenas lá chegou, foi contar ao rei dos Dragões, tim-tim por tim-tim, tudo que lhe succedera. O rei foi ao arame com a estupidez de similhante bicho. Chamou em altos brados os seus officiaes, e disse-lhes:

—«Ponham-me d'aqui para fóra este estafermo! Levem-no, e dêem-lhe tanta pancada até que fique em geleia! Não quero nem um osso inteiro no corpo d'essa ceresma!»

Os officiaes obedeceram pontualmente ás ordens do rei.

Essa é a razão por que a Alforreca ficou d'ahi por deante sem ossos, e não passa hoje em dia de uma massa gelatinosa.

Quanto á rainha dos Dragões, quando viu que não havia meio de conseguir o figado de macaco, convenceu-se de que o melhor que tinha a fazer era passar sem elle. E o caso é que melhorou.

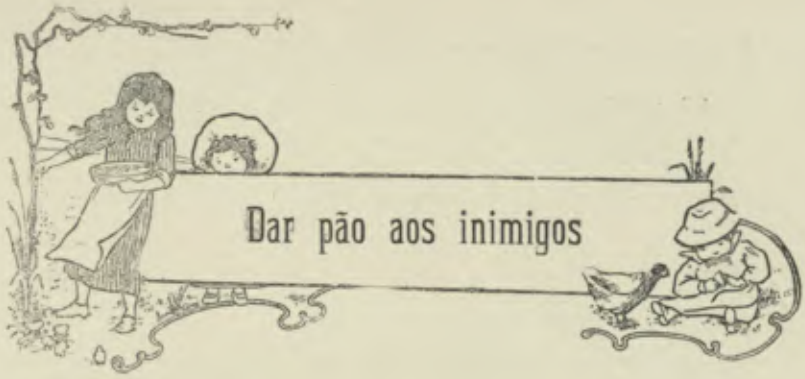
A mana mais velha

A maman sae descansada,
Satisfeitissima até:
Fica a Laura encarregada
De cuidar do seu néné.

A edade d'ella é bem pouca,
Mas seu coração é bom:
Com que amor lhe chega á bocca
O pipo do biberon!

Parece do Paraiso
Sua lindissima voz,
Recommendando juizo,
Tomando conta de nós.

Se acaso largo os bonitos
Para acima ir ter com ella,
Ouço logo doces gritos:
«Tento na escada! Cautela!»



Nem só á força de armas se salvam as povoações dos seus inimigos. Basta ás vezes uma ideia engenhosa, como a que teve a celebre heroina de Monção.

Estava esta villa, em tempo de el-rei D. Fernando, cercada por um forte exercito castelhano. Os pobres habitantes, depois de resistirem valentemente, apezar da sua fraqueza, aos repetidos assaltos dos castelhanos, viam-se já a braços com a fome, por isso que os mantimentos iam minguando a olhos vistos.

Ora a mulher do capitão-mór da villa, chamada Deusadeu Martins, tinha-se portado durante o cerco com extraordinaria valentia, combatendo como um soldado e animando todos como mulher de bom conselho e grande força de animo. Emquanto teve em casa pão, foi-o repartindo generosamente pelos soldados. Mas um dia, ao ver que no celleiro apenas lhe restava uma porção insignificante de farinha, occorreu-lhe uma ideia luminosa.

Mandou coser a farinha, poz no regaço os pães que ella produziu, chegou-se aos muros da villa e atirou os pães aos castelhanos, dizendo:

— «Como sei que padeceis penuria de mantimentos e cá dentro da villa não nos falta que comer, ahi vos dou de presente esses pães!»

Ficaram os castelhanos pasmados da generosidade, e convenceram-se de que não havia maneira de tomar uma villa onde era tamanha a fartura de viveres. Por isso levantaram logo o cerco e foram-se embora. E por esta forma livrou Deusadeu Martins a sua terra do poder dos inimigos.

Caixa de Surprezas

Decifrações do n.º 15

I — Peninsula Hispanica.
II — Europa.
III — Indostão e Indo-China.
IV — Marisco.
V — O numero 20.
VI — 160.

Decifradores

Carlos Ribeiro (1.º, 2.º, 3.º) — Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º) — Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º) — Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º) — Ellen Thorn (1.º, 2.º) — Francisco Lemos Macedo Santos (1.º, 2.º, 3.º) — Irene Rolin Geraldes Barba (1.º, 4.º, 5.º, 6.º) — João Faria de Souza (1.º) — João Pinto de Mendonça (1.º, 2.º, 4.º) — João Pereira de Freitas (1.º, 2.º, 3º., 5.º, 6.º) — Luisa Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º) — Mario Souza d'Almeida (1.º, 2.º, 3.º) — D. Maria Thereza Lencastre Ferrão (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º) — Menino Julio (6.º) — Rozina Amelia Leite Maciel (1.º, 4.º, 5.º, 6.º) — Sebastião de Barros e Cunha (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º) — Vera Izabel Quin (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I — Com onze phosphoros fazer oitenta e nove.

II — Achar quaes são as onze palavras portuguezas que satisfazem ás seguintes condições:

1.ª Decapita uma parenta, tens um adverbio;
2.ª Decapita o que é proveitoso, fica-te um signal orthographico;
3.ª Decapita parte de um edificio, encontras um animal;
4.ª Decapita um liquido, achas um signo do Zodiaco;
5.ª Decapita um cereal, tens um vaso com sangue;
6.ª Decapita uma cousa suja, apparece-te uma mulher que deve ser limpa;
7.ª Decapita o que está no fundo do mar, achas o que levanta aos ares;
8.ª Decapita um canto a solo, topas uma massa de agua;
9.ª Decapita o que não se encontra a miudo, achas um objecto circular;
10.ª Decapita o sitio onde se debulha, fica-te um peccado mortal;
11.ª Decapita uma pancada de mão de homem, encontras o vasio.

Todas estas palavras, antes de decapitadas, teem quatro lettras; e as iniciaes que se cortam formam o nome de um heroe portuguez.

III — Que horas deram, camarada? perguntava de noite a um policia um homemsinho que entrava em casa, um pouco toldado.

— Se juntar metade, um terço e um quarto das horas que deram agora, a somma excede a ellas n'uma unidade.

Escusado é dizer que o homemsinho não atinou com a conta. Hão de atinar os leitores, que teem as cabecinhas mais desempoeiradas, não é assim?

IV — *Um legado bicudo* — Um lavrador fez um testamento pelo qual legava os seus bois aos tres filhos, João, José e Francisco, mas com a condição de os repartirem nas proporções seguintes: o mais velho, o João, devia ficar com metade dos bois; o outro, o José, receberia a terça parte; e o mais novo, o Francisco, contentar-se-hia com a nona parte.

Quando o lavrador morreu, os filhos, mal tiveram conhecimento das disposições do legado, foram á abegoaria, e ficaram atrapalhadissimos. Os bois eram dezesete ao todo. Como é que se havia de repartir este numero, que não é divisivel nem por 2, nem por 3, nem por 9? Começaram a questionar uns com os outros, mas, como das questões não se apurava nada, resolveram chamar um advogado. Veiu o advogado, que, depois de matutar um pedaço, se serviu de um estratagema que deixou todos contentes e o testamento cumprido á risca.

A BOMBA

Um camponio do Alemtejo, lavrador abastado, vem a Lisboa pela primeira vez na sua vida. Á porta de um estabelecimento, lê, entre outros, o seguinte annuncio:

BOMBAS

fornecendo cem litros de agua por minuto

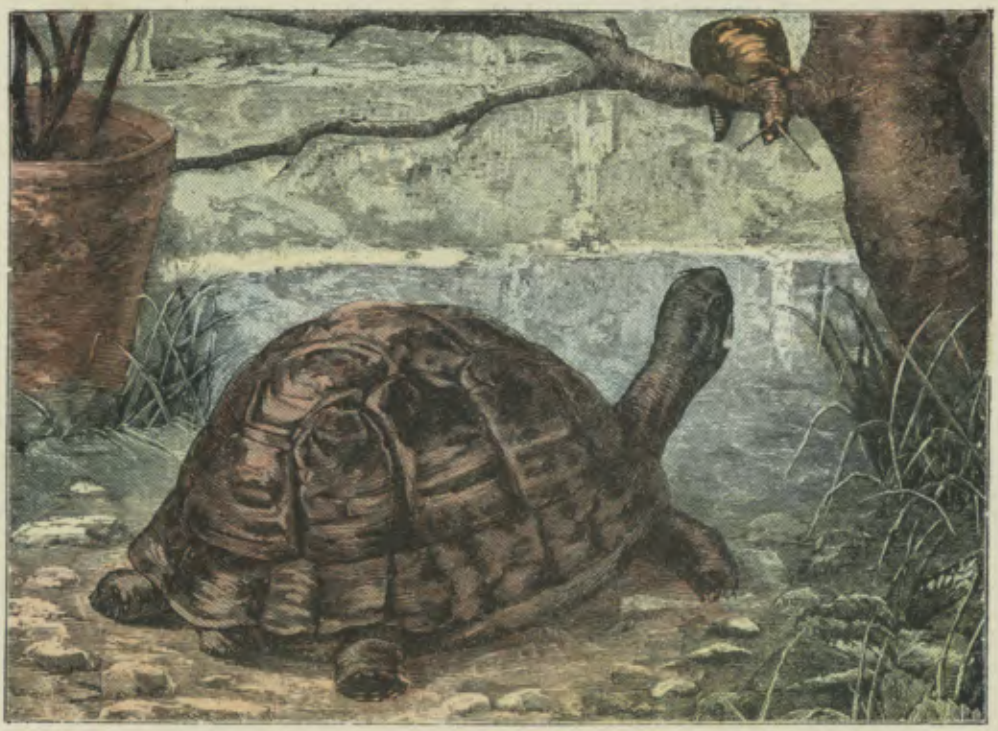
Sem mais demora, entra no estabelecimento, compra uma bomba que lhe anda por cem mil réis, e contrata com um empregado acompanhal-o á sua aldeia, a fim de collocar a bomba.

Chegam os dois á aldeia, e vão immediatamente, em companhia da bomba, ao sitio onde o camponio deseja que ella funcione.

— «Mas onde é que está o poço?» pergunta o empregado.

— «O poço?...» replica o alemtejano. «Essa é muito boa! Se eu tivesse poço, p'ra que precisava eu de bomba? Para me fornecer agua é que eu a comprei!»

E não houve maneira de o despersuadir de que tinha sido roubado.



Mestre Caracol e Mestre Kágado

— Ora viva lá, mestre Kágado! Então que é feito?

— Vou de jornada, mestre Caracol. Quero ver se chego antes de tres dias áquelle tanquesinho que ha alli ao fim da rua. Imagine o que tenho de andar!

— Nada de pressas, mestre Kágado! É por fazer as cousas atabalhoadamente que eu estou aqui moido que não me posso lamber.

— Que me conta, mestre Caracol?

— Eu lhe digo. Aqui ha tempos metteu-se-me tambem na cabeça fazer uma jornada até ao pinhal. Puz-me a caminho, com muita ancia de lá chegar. Vae senão quando, ao cabo de dois dias, encontro deante do focinho uma ribanceira que levava bastante agua. Fiquei desesperado, mas comecei a scismar como poderia vencer aquelle tropeço. Havia umas pedrinhas por onde, com toda a cautela, apalpando bem o caminho, eu poderia atravessar a ribanceira. O ponto era descer até lá. Mas eu, que ainda tenho a cabeça leve, não calculei bem o caso. Passados quinze dias de scisma...

— Quinze dias?

— Sómente. Veja o que é ser-se precipitado! Resolvi-me... Não lhe digo nada! Pesou-me demais a casca, e fui baldear ao fundo da ribanceira. Vi-me afflicto para me tirar de lá, e fiquei moido como uma salada. Aqui tem o que fazem as pressas. Aprenda n'este exemplo, amigo Kágado!

Romeira com estola para uma boneca

Molde e figurino

RETRATOS
INSTANTANEOS
GRUPOS
E
AMPLIAÇÕES
Vistas
E
Reproducções
Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84
LISBOA

PARA AS CRIANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sobre a tradição popular
Tres volumes de contos educativos, originaes
Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc:
Preço por assignatura
340 réis cada volume — avulso 400 réis — folheto 60 réis
BREVEMENTE
BIBLIOTHECA DA PUBLICAÇÃO «PARA AS CRIANÇAS»
Os assignantes tem 20 % de abatimento
LIVRARIA GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª, — RUA DE S. ROQUE, 108

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Appaovados como hygienicos
por distinctos medicos

Caixa 40 réis
DESCONTOS PARA REVENDER

Aromatisvm, extinguem o mau halito
e desinfectam

Vende-se nas pastellarias, lojas de chá e mercearias

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
Rua dos Retrozeiros, 141
LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º
(á P. Luiz de Camões)
LISBOA

PAPELARIA PALHARES

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

Rendas Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Serradores

Medalha de ouro

Paris 1900

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

XX

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhoras e creanças

CASA FUNDADA EM 1842

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63—Rua Nova do Almada—63

LISBOA

G.me da Silva Spratley & C.a

ANTIGA CASA

DE

A. A DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS.—

Contem o leite puro das vaccas suissas.

ALBINO J. BAPTISTA

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79, Rua do Alecrim, 79

LIVRARIA FERIN

Para creanças aprenderem Geographia Geral como divertimento

Atlas Jogo de Paciencia

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA
48, Rua Nova do Almada, 50
LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107
LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

Fatos e abafos para meninos

São um verdadeiro encanto os moldes de fatos e abafos para meninos, recebidos esta estação, das principaes casas de Londres e Pariz.

Estes modelos são reproduzidos com a mais rigorosa exactidão nos nossos ateliers, para o que possuimos um pessoal habilitadissimo e toda a sorte de fazendas proprias.

Em reserva, *promptos a vestir*, temos sempre um enorme e lindissimo sortimento de *fatos*, *sobretudos*, *capas* e *capotes* em todos os generos e para todas as edades.

A nossa casa é a unica no paiz que póde competir n'este ramo de confecção com as casas similares estrangeiras.

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CÔRES

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.° 18

SINOS DO NATAL — *João da Camara*

AS DUAS IRMÃZINHAS — *Julio Brandão*

A PRINCEZA E A ERVILHA

A TAREFA DO MENINO JESUS

O JACARÈ DO BOER

CAIXA DE SURPREZAS

A BROA

LIVRARIA FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74

LISBOA

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145 — Rua do Ouro — 149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas — Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas festivaes, bailes, etc.

Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit — Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHÁ CANTO

DEPOSITOS

LISBOA — 67-Rua do Crucifixo

PORTO — 5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «A EDITORA»

Antiga casa David Corazzi

N'este estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇOES

R. de S. Nicolau, 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VILLAS BOAS

CLINICA GERAL — OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Gi. — *Historias.* — 1 vol.	br. 500	cart.	700
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
Sto AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

O GAFANHOTO

AOS SEUS LEITORES

Além da preciosa collaboracão de D. João da Camara, o poeta amigo das creanças e dos humildes, o GAFANHOTO folga em apresentar-lhes hoje um lindo conto de Julio Brandão, o primoroso contista que acaba de alcançar um grande e merecido triumpho litterario com o livro *Perfis Suaves*. Magnificas são pois as broas de Natal que aos seus pequenos amigos offerece agora o GAFANHOTO!

Promessas de brilhante collaboração temos ainda, mas não queremos desvendar os nomes dos illustres escriptores que nol'as fizeram, afim de causar uma alegre surpreza aos nossos amiguinhos.

Assim procura o GAFANHOTO corresponder sempre á boa fama que tem merecido.

Não se esqueçam os estimaveis leitores de preencher o boletim de voto que publicamos no n.º 17. A recepção termina, como dissemos, a 31 janeiro. O GAFANHOTO está ancioso por conhecer qual o gosto que prevalece entre os seus bons amigos, e determinar por elle o seu procedimento futuro.

E termina agora, anticipando as

BOAS FESTAS

pelo Natal de 1903.

Sinos do Natal

strellas da noite, puras
Como o brilhante mais lindo,
Na terra os sinos ouvindo,
Mais fulgiram nas alturas.

Um concerto foi das aves
Em campos, valles e montes;
Ergueram cantos as fontes
Por entre os musgos suaves.

Muda-se a noite em aurora
Toda feita de alegria!
Diz-se que um lobo fugia,
De terror, charneca fóra.

Tocam os sinos contentes!
Meia noite, e um sol é nado!
Sorri-se o campo encantado
Á luz de estrellas ridentes!

Outr'ora a luz d'uma estrella
Veio os reis magos guiando;
Quem nos dera viver, quando
Os homens puderam vêl-a!

Correu no céo todo gloria,
Sobre o presepio quedou-se.
E a voz dos sinos tão doce
De Jesus nos diz a historia;

Como nasceu pobresinho
O Rei dos Céos, que sómente
Com seu soffrer quiz á gente
Ensinar o bom caminho.

JOÃO DA CAMARA.

AS DUAS IRMÃZINHAS

D'UMA vez eram duas irmãsinhas muito amigas, a quem tinha morrido a mãe, e que viviam com a madrasta, que era muito má e mnito feia, e dava sempre tarefas muito pesadas ás duas meninas.

Certa noite disse-lhes assim:

— «Haveis de acabar um par de meias até á meia noite. Aquella que não fizer a sua meia, ha-de estar dois dias a pão e agua.»

As duas irmãzinhas trabalharam, trabalharam desde muito cedo; mas uma d'ellas (a mais novinha) era naturalmente vagarosa, e caiam-lhe muitas malhas. De maneira que tinha de desfazer parte da meia, de voltar atraz, porque a madrasta batia-lhe, se visse alguma malha caida...

A irmã mais velha, com pena d'ella, ajudava-a quando a via a chorar por não poder terminar a tarefa. E assim aconteceu que a meia da mais pequenina estava quasi prompta, e a da outra, que trabalhava muito mais e melhor, estava muito atrazada.

Isto era no verão. A madrasta, para não gastar luz, obrigava-as a trabalhar ao luar, em noites de lua cheia. Iam para a varanda do jardim, e alli ficavam as duas, lindas como flôres, horas e horas, a acabar a tarefa... Havia na varanda caixotes de cravos, que enchiam o ar de perfume; e quasi sempre um rouxinol vinha pôr-se a cantar n'uma arvore uma canção muito triste...

Então as duas lembravam-se da mãe, que fôra sempre tam boa, que sempre as beijava e lhes contava historias — e os olhos enchiam-se-lhes de pranto.

N'essa noite, a irmã mais velha, depois de acabar a meia da mais pequenina, sentiu que os olhos se lhe fechavam com pesado somno...

A lua era cada vez mais branca e mais linda, os cravos cheiravam cada vez melhor, e o rouxinol lá estava a cantar — como se viesse para alli fazer-lhes companhia!

A mais pequenina tambem adormecêra...

Passado um tempo, acordaram, com um sino a dar ao longe a meia noite: — *Dlão, dlão, dlão...*

— «Valha-me Nossa Senhora!» disse a mais velhinha á irmã. «Adormeci de cansada, e não tarda ahi a madrasta, e eu com a meia

por fazer! O que será de mim? Valha-me Nossa Senhora!...» Mas olhou para o regaço, e viu a meia prompta, muito bem feita, muito branca, e ficou admirada. Quem lh'a teria feito, emquanto ella dormia?

Então uma voz mais doce do que a do rouxinol, mais suave que o perfume dos cravos, fallou-lhe assim ao ouvido:

—«Fui eu, que sou tua madrinha. Fui eu, por tu seres boa, e por ajudares tua irmãzinha, que mal póde ainda trabalhar... Nunca eu desamparo os pequeninos, quando elles são bondosos como tu.»

Depois sentiu um beijo na face. Era Nossa Senhora quem lh'o dava, e de quem ella não viu senão um manto de claridade, que desappareceu na noite formosissima, emquanto o rouxinol deliciosamente continuava a cantar.

E quando a madrasta veio, ficou espantada, pois podéra! Encheu-se de remorsos — e nunca mais deu tarefas tam pesadas ás duas irmãzinhas.

Julio Brandão.

A princeza e a ervilha

Era uma vez um principe que queria casar com uma princeza; mas havia de ser uma princeza a valer. Fartou-se de correr mundo, em cata d'ella, mas nunca encontrava o que queria. Lá princezas, havia-as aos centos, mas a questão era ter a certeza de que não eram fingidas. Sempre havia uma cousa ou outra que fazia desconfiar. Até que afinal o principe voltou para a sua terra, muito pezaroso, porque todo o seu desejo era casar com uma princeza a valer.

Uma noite, rebentou um temporal de metter medo. Raios e coriscos, trovões de atordoar a gente, e chuva que era uma cousa por demais. Emfim, uma borrasca que fazia arripios.

N'isto, ouviu-se bater á porta da cidade, e o velho rei foi logo abrir.

Era uma princeza que estava a bater!

Mas — Deus do Ceu! — em que estado lastimoso que ella estava, por via do temporal! Tinha os cabellos e o fato a escorrerem em agua, que lhe pingava para dentro dos sapatos. Mas assim mesmo, sempre foi dizendo que era uma princeza a valer.

— «Isso é o que nós vamos averiguar, não tarda nada!» pensou lá comsigo a velha rainha.

Mas não disse palavra. Foi-se ao quarto, desmanchou a cama, e poz uma ervilha secca sobre as taboas. Vae depois, pespegou-lhe em cima vinte colchões, e por cima dos colchões vinte colchas estofadas. Era alli que devia dormir a princeza.

Logo pela manhã, perguntaram-lhe que tal tinha ella dormido.

— «Pessimamente!» respondeu a princeza. «Mal consegui pregar olho a noite inteira! Dou-me a perros para perceber o que tinha a minha cama. O que é certo é que eu fiquei deitada em cima d'uma cousa muito dura, que me moeu deveras e me cobriu o corpo de nodoas negras. Um horror!»

Com isto ficaram elles convencidos de que a princeza era princeza a valer. Pois se ella tinha sentido uma ervilha, com vinte colchões e vinte colchas estofadas de permeio! Só uma princeza a valer é que podia ter uma delicadeza de pelle assim!

O principe ficou contentissimo, e casou logo com ella. Podera! se tinha conseguido topar uma princeza a valer!

A ervilha, essa foi levada para o Museu; e lá está ainda, se é que não a tiraram.

E não pensem que esta historia é balela!

A tarefa do Menino Jesus

Inda o sol doura ao de leve
As folhinhas do pomar,
Já se vê o Deus Menino
Na sua officina entrar.

Dorme a Virgem, co'a janella
Aberta de par em par.
No banco de carpinteiro.
Jesus a carpinteirar.

Chegam anjos á porfia,
Com grande espanto no olhar:
— « Que fazeis, Menino Deus,
«Que assim vos 'staes a cansar ?

Menino Jesus calado,
Sempre, sempre a trabalhar.
E das suas mãos divinas
Lindas cousas a brotar.

— «Menino Deus, que tarefa
«Tendes vós para acabar ?»
— «Estou fazendo brinquedos,
P'r'os bons meninos brindar.»

Já o sol morde as campinas,
Banha as casas do logar,
Em volta do Deus Menino
Vão-se as creanças juntar.

—«Vinde a mim, vós pequeninos,
«Que inda não sabeis peccar!
«É santo o vosso folguedo,
«Vinde comigo folgar.

«Brinquedos que ora vos trago
«Hão de ensinar-vos a amar!
«Bemditos vós, pequeninos,
«Que não conheceis o mal!»

Os corações das creanças
Sentem jubilo sem par,
Ao receber os brinquedos
Do Senhor Celestial.

Mas debruça-se á janella
Santa Maria a chorar,
Por saber que esses meninos
A seu Filho hão de matar.

O JACARÉ DO BOER

Um inglez, viajando de Lourenço Marques para o interior da Africa, acampou com toda a sua comitiva de burros e de pretos na margem do rio Incomati.

Da outra banda do rio havia um armazem, pertencente a um boer, onde elle encontraria provisões que lhe iam faltando.

Percebeu o inglez que o rio não era fundo n'aquelle sitio, e preparava-se para atravessar o vau, quando o preveniram de que andava por aquellas paragens um jacaré enorme, do qual se contavam cousas pavorosas.

Effectivamente, ao barulho feito pela sua gente, alçou-se da agua a cabeçorra do monstro, de guelas abertas, prompto a investir com o primeiro que se mettesse pelo rio.

Ao mesmo tempo, vinha da outra margem uma canoa, governada pelo boer. Era a canoa que n'aquelle ponto servia de barca de passagem para o grande numero de viajantes, quasi todos cafres, que seguiam aquelle caminho e que por isso pagavam ao boer grossa esportula.

O inglez atravessou o rio, comprou ao boer por bom dinheiro as provisões que precisava, e voltou para o acampamento onde tinha de demorar-se alguns dias.

Tanto á ida como á volta, não perdeu de vista, de dentro da canôa, a cabeça colossal do jacaré, cujas dentuças mettiam medo. Mas da sua tenda, mais tarde, pareceu-lhe ver o boer fazer festas ao terrivel bicho e introduzir-lhe o quer que fosse nas guelas.

Scismou o inglez com o caso, mas em breve se distrahiu com as suas occupações. Á tardinha, apeteceu-lhe tomar banho. Desceu á margem do rio, e já tinha despido a camisola, quando a pouca distancia surdiu novamente o jacaré, a seguir-lhe os movimentos, como se estivesse á espreita de uma boa ceia.

— «Isto agora é demais!» disse o inglez. «Não tenho remedio senão gastar uma carga no corpo d'este patife, que não estou disposto a ir parar-lhe ao bandulho.»

Foi buscar n'um prompto a carabina e carregou-a com todo o cuidado. Quando voltou á margem, lá estava á espera d'elle o jacaré, com meio corpo fóra de agua, as patas deanteiras apoiadas n'uma ilhota de capim, e sem a mais ligeira mostra de susto.

— «Espera, que eu já te arranjo!» disse o inglez.

Apontou a carabina a uma nesga da barriga que se via por detraz das patas, por ser a parte do jacaré que não está protegida pelas escamas, e disparou. O bicho deu um pulo, e sumiu se no rio. Cinco minutos depois boiava o corpo, de barriga para o ar, á tona de agua.

— «Bem empregado tiro!» exclamou o inglez.

Tomou socegadamente o seu banho, e dormiu aquella noite a somno solto.

Pela manhã, viu que precisava de mais alguns mantimentos. Gritou pelo boer, o qual se dirigiu d'alli a pouco para elle, deitando-lhe olhadelas furibundas.

Apenas o inglez lhe disse o que pretendia, o boer atalhou-o, cheio de colera:

— «Tomára eu que morresse á fome quem deu cabo do meu jacaré!»

— «Do seu jacaré?»

— «Sim, senhor, do meu jacaré. Ha tres annos que eu andava a sustental-o com bella carne que me custava os olhos da cara. Ha tres annos que eu o exercitava para metter medo aos cafres que precisavam atravessar o rio e que me pagavam boa maquia pela passagem na canôa. Aquelle jacaré — o maior que havia no rio — tinha aqui sido posto pela Providencia para me enriquecer. Pertencia-me, era meu e muito meu. E apparece agora um excommungado inglez que me arruina com um tiro! Maldito seja!»

E o boer, arrebentando de desgosto e de raiva, voltou as costas ao inglez e passou para a outra margem.

O inglez fartou-se de rir com o caso. Mas tempos depois soube que o pobre do boer não podera supportar as troças que lhe faziam d'alli por deante os cafres, ao passarem o rio sem dependencia da canôa.

Tinha dado em beberrão, e por ultimo parece que morrera de saudade pelo seu jacaré.

Caixa de Surprezas

Decifrações do n.º 16

I — Peninsula Escandinava (Suecia e Noruega).

II — Africa.

III — Cada um dos filhos deve receber 7 cascos e o vinho equivalente a 3 $^1/_2$ cascos.

A repartição pode fazer-se de dois modos, a saber:

Diogo e Thomaz recebem cada um 2 cascos cheios, 2 vasios, e 3 meio cheios; Henrique recebe 3 cheios; 3 vasios e 1 meio cheio. Ou então: Diogo e Thomaz recebem cada um 3 cheios, 3 vasios e 1 meio cheio; Henrique 1 cheio, 1 vasio e 5 meio cheios.

IV — $9 \times 8 + 7 + 6 + 5 + 4 + 3 + 2 + 1 = 100$.

V — Veja-se I do presente numero.

Decifradores

Albano Pinto de França (1.º) — Carlos G. Nunes Ferreira (1.º, 2.º, 3.º) — D. Cypriana Maria da Silva (3.º) — Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º) — D. Irene Geraldes Barba (3.º, 4.º) — João Faria de Sousa (1.º) — João Pereira de Freitas (1.º, 2.º, 3.º) — D. Lidia Augusta de Seabra Coelho (1.º) — Luiz Alberto Miranda da Costa (1.º, 2.º, 3.º) — D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º) — D. Maria Celeste da Rocha Soares Barbosa (3.º) — D. Thereza Lencastre Ferrão (1.º, 3.º, 4.º) — Mario de Moraes Affonso (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — Mario Santos Pato (3.º) — D. Rozina Aurelia Leite Maciel (1.º, 2.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I — (*Correcção do V do n.º 16*) — O Manuel é uma cabeça de vento. Foi elle que contou ao *Gafanhoto* aquella historia da divida contrahida com o Antonio. Mas quando chegou á quantia que ficára ainda devendo, depois das cinco prestações, augmentou uma cifra, o patetinha, e, em vez de 2$000 réis, que era o que devia ser, disse 20$000 réis.

Corrigido o problema por esta fórma, o *Gafanhoto* apresenta-o de novo, pedindo desculpa aos seus amaveis assignantes por os ter feito parafusar debalde.

II — Dois maltezes, que iam de jornada por uma charneca, sentaram-se á sombra de uma carrasqueira para jantar. As suas provisões consistiam apenas em oito broas de milho, cinco das quaes pertenciam ao primeiro e tres ao segundo. N'isto, appareceu outro maltez, que lhes pediu um quinhão do jantar. Cada um d'elles comeu uma porção egual das oito broas. Acabada a refeição, o terceiro maltez deu aos outros quatro vintens em paga do que havia comido. Levantou-se contenda com respeito á distribuição do dinheiro. O primeiro maltez sustentava que, tendo elle entrado com cinco broas e o segundo com tres apenas, se devia repartir o dinheiro n'essa proporção. Teimava o outro que, tendo todos comido o mesmo, o dinheiro devia ser dividido irmãmente pelos dois. Por fim, concordaram em sujeitar a questão á sentença do terceiro maltez, o qual declarou que nenhum d'elles tinha razão e indicou o modo correcto de repartir o dinheiro.

Qual foi esse modo?

III — Descobrir o proverbio, cujas palavras estão incluidas em cada um dos seguintes versos de Camões:

Quando mais n'agua os troncos que gemerem...
E faz ir docemente murmurando...
Que depois de lhe ter dito quem era...
Onde quer que eu viver, com fama e gloria...
Agora vedes bem que, commettendo...
Ha de sahir quem negue ter defeza?...
Cuja alta lei não pode ser quebrada...

A BRÔA

O menino José foi dar as boas festas
Ás manas da maman — creaturas modestas.
Viu sobre o aparador uma formosa brôa,
Tostadinha, dourada, enfeites de cidrão...
E vae — como não é de ferro uma pessoa —
Cedeu á tentação,
Espreitou a melhor occasião...
E palmou-a!

Apenas se pilhou na rua, o maganão
Tirou do bolso a brôa,
Mirou-a, remirou-a,
Cheirou-a, namorou-a,
'Té que por fim... trincou-a.

Não lhes digo mais nada — aquillo foi regalo
P'r'o Josésinho — a brôa era de estalo!
Mas aquelle regalo, havia de amargal-o,
Que assim a ladroeira se castiga.

O menino José sentiu ancias primeiro,
Depois teve uma dôr tremenda na barriga.
Horriveis afflicções de escacha-pecegueiro!
Girou sobre si mesmo, á similhança
De um rapido pião!
Girou, girou, girou, n'uma terrivel dança,
Amolgou-se, achatou-se,
Fez-se todo barriga... e em conclusão,
Depois d'este sarilho,
Ficou como se fosse
Do feitio tal qual de uma brôa de milho.

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA
48, Rua Nova do Almada, 50
LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107

LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

Fatos e abafos para meninos

São um verdadeiro encanto os moldes de fatos e abafos para meninos, recebidos esta estação, das principaes casas de Londres e Pariz.

Estes modelos são reproduzidos com a mais rigorosa exactidão nos nossos ateliers, para o que possuimos um pessoal habilitadissimo e toda a sorte de fazendas proprias.

Em reserva, *promptos a vestir*, temos sempre um enorme e lindissimo sortimento de *fatos*, *sobretudos*, *capas* e *capotes* em todos os generos e para todas as edades.

A nossa casa é a unica no paiz que póde competir n'este ramo de confecção com as casas similares estrangeiras.

RETRATOS

INSTANTANEOS

GRUPOS

E

AMPLIAÇÕES

Vistas

E

Reproducções

Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84

LISBOA

PARA AS CRIANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sobre a tradição popular
Tres volumes de contos educativos, originaes

Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc:

Preço por assignatura

340 réis cada volume — avulso 400 réis — folheto 60 réis

BREVEMENTE

BIBLIOTHECA DA PUBLICAÇÃO «PARA AS CRIANÇAS»

Os assignantes tem 20 % de abatimento

LIVRARIA GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª, — RUA DE S. ROQUE, 108

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Appaovados como hygienicos
por distinctos medicos

Caixa 40 réis

DESCONTOS PARA REVENDER

Aromatisam, extinguem o mau halito e desinfectam

Vende-se nas pastellarias, lojas de chá e mercearias

DEPOSITO

PERFUMARIA BALSEMÃO

Rua dos Retrozeiros, 141

LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º

(á P. Luiz de Camões)

LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

Rendas Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Serradores

Medalha de ouro

Paris 1900

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

XX

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhoras e creanças

CASA FUNDADA EM 1842

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63—Rua Nova do Almada—63

LISBOA

G.me da Silva Spratley & C.a

ANTIGA CASA

DE

A. A. DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS...

Contem o leite puro das vaccas suissas.

ALBINO J. BAPTISTA

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79, Rua do Alecrim, 79

LIVRARIA FERIN

Para creanças aprenderem Geographia geral como divertimento

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CÔRES

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.° 19

O ANNO NOVO
DIA DE INVERNO
CAIXA DE SURPREZAS
PRENDAS DO ANNO BOM
A PRINCEZA LILIA

FOLHA SOLTA

A Virgem Maria, Jesus Christo e S. João Baptista

LIVRARIA FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74

LISBOA

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145—Rua do Ouro—149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas—Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas festivaes, bailes, etc.

Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit—Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHÁ CANTO

DEPOSITOS

LISBOA — 67-Rua do Cruzifixo

PORTO — 5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «A EDITORA»

Antiga casa David Corazzi

N'este estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇOES

R. de S. Nicolau, 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VILLAS BOAS

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Gi. — *Historias.* — 1 vol.	br. 500	cart.	700
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
Sto AMARO 4 LISBOA
Cromotypia,
Phototypia,
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

O GAFANHOTO

AOS SEUS LEITORES

Entra o anno de 1904 sorrindo ao GAFANHOTO com bellas esperanças de vida feliz. Animado pelos innocentes, não é de espantar que lhe seja favoravel a sorte. Não póde ser mais lisonjeiro e festivo o acolhimento que tem merecido de uma risonha turba de creanças portuguezas.

Essa turba porém, não sendo já pequena, precisa engrossar-se para dar ao GAFANHOTO alentos á sua futura existencia. Bem desejaria elle augmentar constantemente de attractivos, crear uns premiosinhos uteis que estimulassem os brios e as intelligencias dos seus estimaveis assignantes, accrescentar de novas secções o seu texto, dar emfim muito maior desenvolvimento á sua alegre cavaqueira quinzenal.

Para esse effeito, urge comtudo que affluam cada vez em maior numero os seus leitores. Não tem elle razão de queixa — pelo contrario! — quando vê o numero sempre crescente dos que o acolhem. Mas a esses mesmo, como seus amiguinhos, pede que o auxiliem na sua propaganda, para interesse proprio e melhoramento do seu jornalsinho. Cada assignatura adquirida por sua influencia — e bem importante é a influencia da creançada, creiam! — representa um incentivo para o alegre bichinho que todos os quinze dias os visita.

E com isto, o GAFANHOTO sauda-os agora de novo, desejando a todos um anno inteiro de felicidades, que por elle hão de repartir, não é assim?

O ANNO NOVO

P'ra saudar o anno
Novo que nasceu,
Chama S. Sylvestre
Os anjos do ceu.

Os anjos extendem
Ao menino os braços.
Sae do berço, dando
Os primeiros passos.

Todo elle banhado
De uma linda aurora,
Vae marchar o anno
Pelos dias fora.

Rodeiam-no os anjos
Com festivas dansas;
Sobre elle derramam
Gratas esperanças.

Anno novo! Ai! nunca
Soffras desarranjos!
Não te desampare
O favor dos anjos!

DIA DE INVERNO

A Luizinha tinha sido encarregada pela maman de ir buscar a mana pequenina a casa da avó, que morava lá em cascos de rolhas, mesmo no extremo da aldeia. Não se affligiu com isso. Pelo contrario. O passeio era uma festa. O solzinho estava brilhante e tepido, e de caminho sempre havia de haver tempo de colher umas floritas de campo ou de brincar um instante com as amigas que encontrasse, a gozarem do feriado.

—«Não te demores muito!» recommendara-lhe a maman.

Mas ella pouco se importou com as recommendações, estragada como estava de mimos. E tanto se demorou pelo caminho que eram já quasi horas de jantar quando chegou a casa da avósinha.

— «Venho buscar a Néné!» disse ella, muito espevitada.

— «Vens tão tarde!» replicou a avósinha. «Já agora, melhor era que jantassem ambas cá. Ao depois o creado as levaria.»

Mas a Luizinha, luzia-lhe o olho para nova folia á volta; e por isso acudiu logo:

—«Nada! A maman quer que a gente vá lá jantar a casa, ambas as duas!»

— «Bem! n'esse caso...» concordou a avósinha.

E começou a arranjar a Néné para o caminho.

Mas, n'este comenos, o dia fez uma careta muito feia.

— «Safem-se depressa, que está a ameaçar aguada», disse a avósinha, despedindo-se atabalhoadamente das duas pequenas. «E levem por sim por não este guarda-chuva!»

Bem se ralou com o aviso a Luizinha! Demais a mais a nuvem negra tinha-se adelgaçado, e o sol espreitava atravez d'ella com o seu olhinho muito brilhante.

As amigas lá estavam no caminho á espera d'ella. E, deixando a Néné sentadinha ao pé das piteiras, a Luizinha absorveu-se toda n'uma partida de quatro cantinhos, até que de repente percebeu que a luz diminuia e que uns pingos grossos lhe cahiam nas mãos.

Eram pingos espaçados e a modo que mornos. A Luizinha, comtudo, não teve remedio senão pôr-se a caminho de casa, dizendo adeus á galhofa.

Mas a poucos passos os pingos começaram a amiudar-se, cada vez mais cerrados e mais valentes. Abriu o guarda-chuva, quando uma batega tremenda lhe açoitou a cara, e quiz correr a toda pressa. Mas as perninhas da Néné não lhe permittiam acompanhal-a. Viu-se obrigada a pegar-lhe ao collo. N'um instante, a enxurrada invadiu de lado a lado a estreita azinhaga que a levava a casa, e o guarda-chuva começou a pingar, a pingar, como uma esponja ensopada que se exprime.

Com o peso da pequenina, a Luizinha mal podia correr. Escorregava a cada passo, patinhava na agua amarellada, e sentia as botinas a fazer *choc! choc!* Por duas ou tres vezes cahiu sobre os joelhos, custando-lhe immenso a amparar a Néné. Nem uma casa havia por alli onde se recolhesse. E a chuva cada vez desabava com mais força.

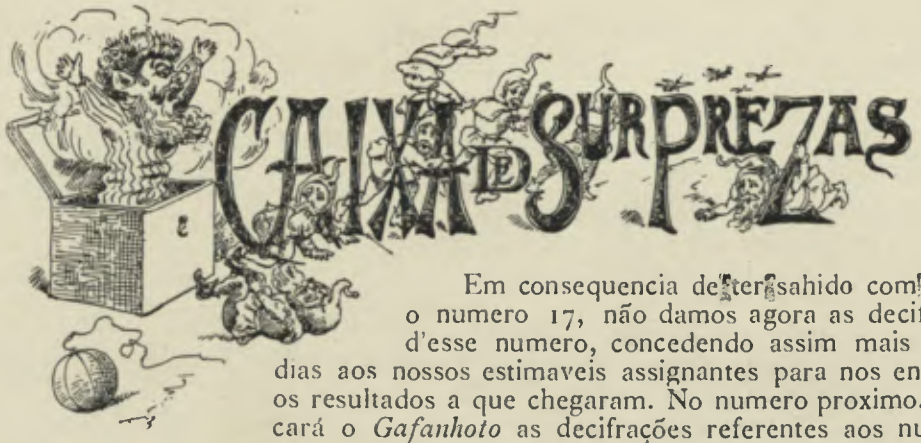
Desesperada, a Luizinha começou a dizer cousas feias, a praguejar, a maldizer da sua vida, a vomitar improperios contra a pobre da Néné, a qual fazia beicinho, encarando-a com espanto e sustendo o cabo do guarda chuva nas mãositas rechunchudas, onde com a força que ella fazia se multiplicavam os refegos.

N'isto, a curta distancia, viram as duas um pequeno descalço, muito pobresinho na apparencia, o qual levava ás cabritas a irmãsinha, pouco maior que a Néné. Sem nada que abrigasse o grupo, cahia-lhe em cima a chuva desalmadamente. Mas era de ver a caridade, o carinho, a doçura, com que o pequeno conduzia o seu fardo, e alegravam a alma no meio da borrasca as risadinhas que a creança soltava, a cada palavra meiga que lhe dizia o irmão.

A Luizinha, apesar da chuva que não parava, deteve-se um instante embasbacada para aquelle gracioso grupo. E quando tornou a metter-se ao caminho, foi silenciosa e pensativa, aconchegando ao peito a Néné, beijando-a de quando em quando, sem arriscar um gesto que denunciasse impaciencia.

Quando chegou a casa e mudou de fato, por ter o que vestia todo encharcado, ainda se lembrava da scena a que assistira, e brotou-lhe dos olhos uma lagrima de commoção.

Aproveitou lhe a lição de ternura e de paciencia que recebera d'aquelle garoto descalço. Esse já ajudava o pae no amanho da terra, não esquecia as suas obrigações para jogar os quatro cantinhos, mas nem por isso se enfurecia quando tinha de levar para casa, debaixo de chuva, a irmãsinha pequena.



Em consequencia de ter sahido com atrazo o numero 17, não damos agora as decifrações d'esse numero, concedendo assim mais quinze dias aos nossos estimaveis assignantes para nos enviarem os resultados a que chegaram. No numero proximo, publicará o *Gafanhoto* as decifrações referentes aos numeros 17 e 18, assim como as listas dos decifradores correspondentes.

Desculpem os nossos bons leitoresinhos esta irregularidade involuntaria; mas como lhes dissemos na pagina supplementar de um dos numeros passados, o *Gafanhoto* está atravessando uma pequena crise, resultante de momentanea privação de parte do seu pessoal. Tudo se remediará em breve, com a ajuda de Deus.

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I — Um maloio vae ter com um ricaço de sua aldeia, e propõe vender-lhe um pedaço de terra, da forma de um parallelogrammo, o qual mede ao todo 5 ares a mais uma fracção de 7 metros quadrados.

— Mas qual é o comprimento do campo? pergunta-lhe o ricaço.

O maloio coça a cabeça.

— Isso agora é que eu não sei. Só lhe posso dizer que tem de comprido tanto como tres vezes a largura.

O ricaço contentou-se com esta explicação. Fez as suas contas, e ficou sabendo as dimensões exactas do campo.

Quaes eram ellas?

II — Dividir o numero 7890 em quatro partes taes que, multiplicando a primeira por 3, a segunda por 4, a terceira por 6 e a quarta por 12, os productos sejam exactamente eguaes.

III — O padrinho do Raul fez lhe presente de uma caixa de soldados de chumbo, mas com a condição de que não podia brincar com elles emquanto não descobrisse, com as indicações que lhe ia dar, quantos eram os soldados. As indicações eram as seguintes: se os formasse a tres e tres, sobejava um; se os formasse a quatro e quatro, sobejavam dois; se os formasse a cinco e cinco, sobejavam tres; se os formasse a seis e seis, sobejavam quatro. Ao todo, não chegavam a 100.

Ficou o Raul a parafusar no caso, e, como não é muito atilado, está á espera que os leitoresinhos do *Gafanhoto* lhe sirvam de Espirito Santo de orelha.

PRENDAS DO ANNO BOM

A Princeza Lilia

(CONTO DO NATAL)

Vespera de Natal. Lá por fóra uma chuvinha miuda, muito fria, que enregela os ossos e que enche as ruas de pôças brilhantes.

Mas bem se importa com o frio e com a chuva quem está agazalhado n'aquella salinha muito confortavel, illuminada que até faz mal a vista. Podera! centenas de velas a arderem n'uma linda arvore de Natal, que parece um altar! Que maravilhosa arvore aquella! Que profusão de guloseimas — fructas crystalisadas, amendoas de todas as côres e feitios, bolos de ovos, de côco, de nata, de todas as qualidades, emfim! O velho Natal foi generoso d'esta feita! Elle lá sabe recompensar os meninos que teem juizo e bom coração!

O Gustavo alegra a funcção com rufos tremendos de tambor, capazes de accordar mortos. Depois, vae formar os soldadinhos de chumbo cheios de arreganho que nem que viessem da campanha. E começa a extrahir bicharia de dentro da arca de Noé.

— «Anda cá vêr como é bonito, Therezinha!»

Isso sim! Esperem lá que a Therezinha lhe dê ouvidos! Está toda enlevada na sua linda boneca, vestida de princeza, de bochechas rubicundas, dona de uma deliciosa caminha com lençoes e travesseiros, e almofadinhas, e tudo! E quando acaso estremece a meza, retinem os guizos de um cordeirinho, o qual tem o fociuho mettido n'uma mangedoura attestada de verduras de seda frouxa. Ao lado, quatro pastores e tres reis Magos estão de pasmaceira para um anjinho, cujas azas de ouro lampejam de longe.

— «Que bello Natal que nós temos!» exclama a Therezinha, ao descobrir uma cosinha muito galante, com as suas caçarolas e frigideiras, o seu fogão, o seu armario, tudo o que é preciso!

— «E que me dizes a este grande cavallo!» brada o Gustavo. «Por um pouco que não posso montar n'elle. Espera! Que enorme quebra-nozes! Tem os olhos azues e uma bocarra que mette medo!»

Mas o Gustavo não tem medo. Agarra no boneco, que tem effectivamente uma carantonha de Polichinello, feia e queixuda a valer, e dá-lhe duas voltas até que elle gema.

— «E aqui tem elle o companheiro, o nosso amigo Arlequim!» diz a Therezinha aos pulos á roda da meza. «Isto agora é que vae ser uma frescata rija!»

E assim continuam a cavaquear, a brincar, a rir, a galhofar, até ficarem estafados. Uma a uma, tinham-se apagado as luzes, e os meninos não tiveram remedio senão metter-se na cama. Mas tão enthusiasmadas estavam com os seus bonitos que os levaram para o quarto, e adormeceram com os olhos n'elles.

A princezinha da Therezinha dormia como um anjo na sua linda cama. O illustre cavalheiro Quebra-Nozes jazia todo esperneado, sempre a fazer caretas.

Mestre Arlequim lá estava pendurado da parede, com o seu vistoso trajo de muitas côres. E os soldados não sahiam da sua caixinha; pois se tinha tocado a recolher!

Alta noite, os pequenos acordaram ambos. A espertina que dá nas pessoas ricas, sempre a pensarem em ladrões! A luz da lamparina, fraca como era, podiam elles vêr todos os recantos do quarto.

Mas não era no quarto que elles se viam agora. Estavam n'um lindissimo jardim, todo esmaltado de flôres e banhado de sol. Arregalaram os olhos, e ficaram mudos e immoveis de

pasmo. E mais o espanto lhes cresceu, ao verem a boneca levantar-se de repente da cama, e arranjar-se a toda a pressa, mirando-se ao espelho, muito dengosa. Vae n'isto, o Quebra-Nozes poz em movimento as pernas esguias, e adeantou-se, com todo o respeito, para a boneca.

— «Caluda!» murmurou a Therezinha. «Se a gente fala, deita tudo a perder. O melhor é deixarmo-nos ficar muito quietinhas, para gozarmos d'esta scena.»

— «Pois sim!» resmungou o Gustavo. «O que eu quero vêr é se o maroto se atreve a mecher-me no tambor ou a pôr a corneta n'aquella bocca horrenda. Salto-lhe em cima com a espada, e vae tudo razo!»

— «Cala a bocca!» segredou a Therezinha, fechando com a mãosita os beiços do irmão.

Estava a princeza a falar, n'uma voz muito suave.

— «Vae-te embora, mostrengo! Quantas vezes te tenho eu dito que não te posso aturar? Não me importunes mais com esses olhos de gato e essa tromba de metter medo. Vê se te pões a andar, e nunca mais me appareças deante da vista.»

O Quebra-Nozes fez uma careta medonha, e disse assim, n'uma voz muito aspera e fanhosa:

— «Encantadora Lilia, eu bem sei que vós sois a mais linda das princezas, e que eu não se pode dizer que deva muito á formosura. Mas não tendes razão de me tratar com tamanho desprezo. Escuso de vos lembrar que os tres reis Magos desapossaram vosso real pae de seus estados, e que vós estaes captiva dentro d este jardim. E eu sou um principe muito poderoso, filho de el rei Papão e general de grandes exercitos. Se prometteis casar comigo, é um instante emquanto vos livro dos vossos inimigos. Acceitae o meu braço, e vinde!»

— «Valha-me Deus!» murmurou a Therezinha. «Se o monstro foge com ella, faço ahi tamanho espalhafato que toda a gente acode.»

— «Bico caluda!» replicou o Gustavo. «Sempre quero vêr o que faz o valentão!»

Mas já a princeza Lilia estava a responder, na sua vozinha muito doce:

— «Vae-te, estafermo! Deixa-me em paz na companhia dos tres reis Magos, e vae quebrar nozes, que é o teu officio!»

O horrendo Quebra-Nozes ficou como uma bicha. Sem dar mais palavra, saltou para cima do cavallo, desatou a galopar, deu um assobio muito agudo, e por fim bateu com os nos dos dedos em cima de todas as caixas e da arca de Noé.

As tampas abriram-se de repente. Surdiram primeiro as cabecinhas, depois os corpos dos soldados, os quaes se alinharam correctamente em som de guerra. Em frente d'elles, cavalgava majestoso o Quebra-Nozes, animando-os com o gesto e com a palavra. Esgueiraram-se para fóra da arca todos os bichos, os quaes formaram na rectaguarda, commandados pela familia do pae Noé. E todo aquelle grande exercito estava voltado contra a princeza.

A Therezinha teve um sobresalto para lhe acudir. Mas o irmão susteve-a logo.

— «Deixa-os lá tratar da sua vida!» disse elle. «Palpita-me que a princeza ha de saber defender-se.»

E assim foi. Lilia desatou um dos guizos do cordeirinho e principiou a tocar com toda a força. N'um abrir e fechar de olhos, o Arlequim despendurou-se do prego, e correu para a Princeza aos pulinhos, atirando por vezes com os calcanhares por cima da cabeça.

—«Meu querido Arlequim,» disse Lilia, «tu que és o mais alegre dos amigos e o mais leal dos conselheiros, chegou te a vez de mostrares o teu engenho. Olha para o temivel exercito que o furibundo senhor Quebra-Nozes formou em batalha no intento de me aprisionar. Estou perdida, se tu não me salvas!»

—«Vamos a vêr o que se pode fazer, excelsa Princeza!» replicou o Arlequim.

E avançou resolutamente para as tropas dando saltos e cabriolas de pasmar. Ora ia a pé coxinho, ora pulava á laia de pulga. Umas vezes torcia os braços em sarilhos maravilhosos, outras vezes lançava as pernas ao ar até dar pontapés nas orelhas. E com todos estes movimentos ia sempre dansando a compasso.

Não lhes digo nada! D'alli a pouco tinham os soldados desmontado dos cavallos, e estavam todos a bailar como uns desesperados. Os bichos da arca agarraram-se uns aos outros, aos pares, e entraram tambem na dansa. Foi uma galhofa tamanha, que o Gustavo ria como um perdido, e a Therezinha apertava as ilhargas á força de gargalhadas.

Quanto mais saltava o Arlequim, mais pulavam os soldados de chumbo; até que por fim, de estafados que ficaram, cahiram no chão a dormir. N'isto appareceram os pastores, e recolheram tudo n'um prompto; os soldados para os quarteis, a bicharia para a Arca. E iam no emtanto dizendo:

—«É bem feito, para não serem tolos! É a ultima vez que servem de palito ao senhor Arlequim.»

Quando o Quebra-Nozes percebeu que tudo se ia pela agua abaixo, deu uma trotada para o lado da Princeza, e gralhou assim:

—«Vossa Alteza ficou de melhor partido, d'esta feita. Mas não quer dizer nada! Eu me vingarei.»

Chegou-se a uma amendoeira, apanhou uma amendoa, quebrou a num instante, enguliu-a de uma assentada, e disse:

—«Veja lá como eu sou entendido n'isto de partir amendoas.»

Em seguida, deu tres voltas com o cavallo á roda da princeza, resmungando ao mesmo tempo:

«Princezinha, princezinha
Passarás adormecida
Toda a vida.
Quando os meninos brincarem,
Has de ouvil-os, has de vel-os,
E entendel-os.
Mas, p'ra teu grande castigo,
Não falas, nem meches braço,
Nem dás passo.
Que este encanto se não quebre,
De amendoas emquanto um par
N'uma casca eu não achar.»

Lilia desatou logo a abrir muito a bocca, e dentro em pouco pegou no somno.

E emquanto o valentão do Quebra-Nozes se recolhia ao seu logar, tão sereno como se nada fosse com elle, os tres reis Magos levantaram carinhosamente a princeza e foram deital-a na cama.

Ficou tudo em socego.

O sol foi descendo até desapparecer de todo.

O jardim fez-se escuro como um prego. Gustavo e Therezinha dormiam como uns anjos. E quando tornaram a abrir os olhos, batia o sol em cheio nas vidraças humidas.

Gustavo examinou os bonitos com todo o cuidado. Qual não foi o seu espanto, ao ver tudo exactamente como na vespera! Lá estavam no seu logar as caixas dos soldados, mais a arca de Noé; o Quebra-Nozes fazia uma careta lá do seu cantinho; o cavallo conservava-se muito quieto no seu pouso; o Arlequim lá estava pendurado no prégo; tudo como se nada houvesse acontecido.

—«Sabes o que me damna, Therezinha?» disse o rapazito. «É aquelle maroto ter montado no cavallo, sem mais nem mais. Aposto que lhe deu uma esfrega mestra. Pois deixa estar que se ha de haver comigo!»

—«Caluda!» acudiu a Therezinha. «Vê lá tu se acordas a Princeza!»

E começou a embalar a caminha, cantando com muita doçura:

«Ó Papão, vae-te embora...»

—«Tu és pateta!» exclamou o Gustavo. «Pois não vês que ella está encantada, e que não acorda emquanto esse tratante não encontrar as taes duas nozes n'uma casca só? O que me consola é o arreganho com que ella o tratou!»

—«Podera! pois ella podia lá gostar de similhante mostrengo!» disse a Therezinha. «De mim é que has de gostar muito, não é assim, minha querida Lilia? Hei de fazer-te sempre a caminha com muito cuidado, muito fôfa, muito agazalhada! Nunca me hei de zangar comtigo! E em tu acordando, brincamos juntas com a cosinha, e os tres reis não hão de cá metter o nariz nas nossas brincadeiras.»

—«Eu já te arranjo, amigo Quebra-Nozes!» bradou Gustavo. «Vaes passar a vida a partir amendoas, até achares as duas n'uma casca só!»

—«Que sucia de disparates que vocês estão a dizer!» exclamou o pae dos meninos, rindo muito. «Os meninos a modo que perderam o juizo!»

—«Qual perdemos, papá!»

E ambos contaram, muito a serio, tudo quanto tinham visto e ouvido.

—«Que dois patetinhas!» disse o pae. «Tudo isso foi sonho!»

Mas os meninos abanaram a cabeça, e Gustavo redarguiu:

—«O Papá verá como a princeza fica viva, em esse maroto achando as duas amendoas n'uma casca só.»

E poz-se a trabalhar com o Quebra-Nozes, a tal ponto que a este já lhe sahiam os olhos pela cabeça fóra. Mas a respeito de filipina, que é o nome que dão ás duas amendoas juntas, não encontrava nem uma. Por fim já estava impaciente e furioso. Metteu uma noz enorme entre as queixadas do Quebra-Nozes, agarrou-o com toda a força, e tanto apertou, tanto apertou, que — zás! — abriu-lhe a cabeça de meio a meio.

A Therezinha choramingou com o desastre. Mas enxugou as lagrimas, curvou-se sobre a caminha de Lilia, e murmurou com tristeza:

—«Agora é que tens de perder de todo a esperança de acordar. Deixa lá, minha Lilia! que eu hei de ser muito carinhosa para ti. Hei de vestir-te e despir-te, dar-te muitos beijinhos, e acalentar-te com aquella cantiga que tu sabes:

«Princezinha, princezinha,
Passarás adormecida
Toda a vida ..»

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA
48, Rua Nova do Almada, 50
LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107
LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

Fatos e abafos para meninos

São um verdadeiro encanto os moldes de fatos e abafos para meninos, recebidos esta estação, das principaes casas de Londres e Pariz.

Estes modelos são reproduzidos com a mais rigorosa exactidão nos nossos ateliers, para o que possuimos um pessoal habilitadissimo e toda a sorte de fazendas proprias.

Em reserva, *promptos a vestir*, temos sempre um enorme e lindissimo sortimento de *fatos*, *sobretudos*, *capas* e *capotes* em todos os generos e para todas as edades.

A nossa casa é a unica no paiz que póde competir n'este ramo de confecção com as casas similares estrangeiras.

RETRATOS

INSTANTANEOS

GRUPOS

E

AMPLIAÇÕES

Vistas

E

Reproducções

Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84

LISBOA

PARA AS CRIANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sobre a tradição popular
Tres volumes de contos educativos, originaes

Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc

Preço por assignatura

340 réis cada volume — avulso 400 réis — folheto 60 réis

BREVEMENTE

BIBLIOTHECA DA PUBLICAÇÃO «PARA AS CRIANÇAS»

Os assignantes tem 20 % de abatimento

LIVRARIA GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª, — RUA DE S. ROQUE, 108

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Appaovados como hygienicos
por distinctos medicos

Caixa 40 réis

DESCONTOS PARA REVENDER

Aromatisam, extinguem o mau halito e desinfectam

Vende-se nas pastelarias, lojas de chá e mercearias

DEPOSITO

PERFUMARIA BALSEMÃO

Rua dos Retrozeiros, 141

LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º

(á P. Luiz de Camões)

LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Serradores

Medalha de ouro

Paris 1900

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

XX

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhoras e creanças

CASA FUNDADA EM 1812

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63—Rua Nova do Almada—63

LISBOA

G.me da Silva Spratley & C.a

ANTIGA CASA

DE

A. A. DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS.—

Contem o **leite puro** das **vaccas suissas.**

ALBINO J. BAPTISTA

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79, Rua do Alecrim, 79

LIVRARIA FERIN

Atlas Jogo de Paciencia

Para creanças aprenderem Geographia Geral como divertimento

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CÔRES

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.° 20

O AVOSINHO
BEM FEITO!
CAIXA DE SURPREZAS
O BURRINHO COMILÃO
CORTEZIA DE PRINCIPE
O ELEPHANTE BÉBÉ

LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145—Rua do Ouro—149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas — Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas festivaes, bailes, etc.

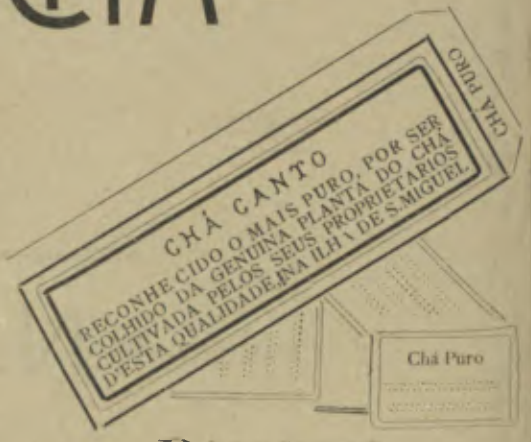
Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit—Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHÁ CANTO



DEPOSITOS

LISBOA	PORTO
67-Rua do Crucifixo	5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «**A EDITORA**»

Antiga casa David Corazzi

N'este estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇOES

R. de S. Nicolau, 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VILLAS BOAS

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Gi. — *Historias.* — 1 vol.	br. 500	cart.	700
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

O GAFANHOTO

AOS SEUS LEITORES

A historia do *Elephante Bébé*, que principia n'este numero e acabará no seguinte, foi um notavel escriptor inglez, Rudyard Kipling, quem a contou ao GAFANHOTO. Verão como é divertida! Não se parece com qualquer das outras historias que lhes temos contado; tem um feitio particular que esperamos não desagradará aos leitoresinhos portuguezes.

É claro que o GAFANHOTO amoldou mais ao gosto d'elles uma obrinha arranjada para os louros bébés da Grã-Bretanha. Mas fez todos os esforços para que não perdesse a graça muito original, que deu a este e a outros contos do mesmo autor, uma consideravel celebridade.

Se o GAFANHOTO perceber que o conto do tal celebre inglez é bem apreciado pelos seus amiguinhos, tratará de lhes arranjar outros do mesmo autor, o que não é muito facil, visto que raros se ageitam á nossa lingua e ao nosso feitio.

Assim vae este bichinho procurando sempre corresponder ao bom acolhimento de todos e á amizade de um grande numero.

E a proposito, sempre lhes diremos que o GAFANHOTO se occupa já na faina de arranjar andaina nova para o seu segundo anno, o qual começa, como sabem, a 1 de abril. Tão melhorado e augmentado o verão que ha de custar-lhes a reconhecel-o. Esses melhoramentos e acrescimos consistem... Ah! mas isto por emquanto é segredo! Guardem-lhe fidelidade os seus já velhos amiguinhos, adquira elle outros novos, e verão as surprezas que o alegre GAFANHOTO lhes reserva!

O avôsinho

O petizinho ás cabritas,
A arrepellar-lhe os cabellos;
A menina co'as mãositas
A prender lhe os cotovelos;

E ao lado, o mais velho, o heroe,
Com ar de conquistador,
Que pachorra e ouvidos moe
C'os rufos do seu tambor;

Nada esmorece a alegria
Que o peito do velho innunda,
Passando assim todo o dia
No meio da barafunda.

«Cansou-se?» com meigo instincto
Lhe pergunta algum dos tres.
«Qual cansado! Até me sinto
«Mais creança que vocês!»

BEM FEITO!

Tragedia em 3 scenas

SCENA I

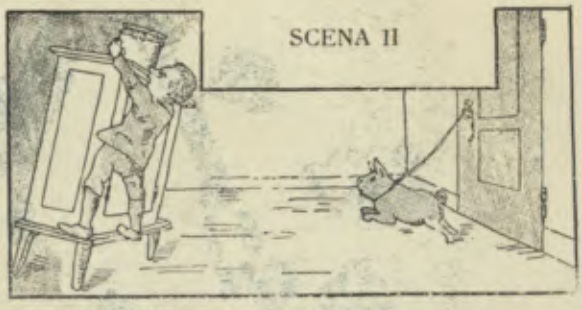
MENINO

Encerra algum bom regalo
Decerto aquelle boião!
Gostava bem de proval-o...

TÓTÓ (*áparte*)

E eu tambem, e mais sou cão!

SCENA II



MENINO

Afinal, para que o bife
É preciso astucia pouca..

TÓTÓ *(áparte)*

Prendeu-me aqui, o patife!
E cresce-me agua na bocca!

SCENA III

MENINO

Ai! que fico esmigalhado!
Ai! quem me vem soccorrer!

TÓTÓ (*com a bocca cheia*)

Guardado está o bocado
P'ra quem o ha de lamber!

Caixa de Surprezas

Decifrações do n.º 17

I — Dispondo-os da seguinte forma: LXXXIX.

II — Nora — util — nave — oleo — avêa — lama — vasa — aria — raro — eira — soco. As iniciaes formam o nome: Nuno Alvares.

III — 12 horas, ou meia noite.

IV — O advogado juntou aos bois um outro que era seu. Disse depois ao João que tirasse a sua parte, e o João tirou 9 bois. Em seguida, o José e o Francisco tiraram os seus quinhões, isto é, 6 bois o primeiro e 2 o segundo. Sobejou o boi do advogado, o qual o levou consigo, mais o dinheiro da consulta.

Decifradores

Affonso de Mello Cid Perestrello (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — D. Alice Rey Colaço (1.º) — Alvaro Pinto França (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — Assis Alberto Miranda da Costa (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — Carlos G. Nunes Ferreira (1.º, 2.º, 3.º 4.º) — Carlos Ribeiro (1.º, 2.º) — D. Clara Santos Silva Telles (1.º, 2.º) — Duarte Ressano Garcia (1.º 2.º, 3.º, 4.º) — Eduardo Buzaglo (1.º, 3.º) — Eduardo Ferreira (1.º 2.º)—D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º 4.º)—Eduardo Ricon (1.º, 3.º, 4.º)—D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — Francisco de Lemos Macedo Santos (1.º, 3.º) — D. Irene Rolin Geraldes Barba (1.º 2.º, 3.º) — João Faria de Sousa (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — João Pereira de Freitas (1.º, 2.º, 4.º) — D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 4.º) — D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (1.º 2.º, 3.º)—D. Maria Celeste da Rocha Soares Barboza (1.º, 2.º, 4.º)—D. Margarida Albuquerque Saraiva (2.º, 4.º) — Mario Sousa d'Almeida (3.º) — Mario Moraes Affonso (1.º, 2.º, 3.º 4.º) — Paulo Cinatti Keil (2.º, 3.º) — D. Regina Aurelia Leite Maciel (1.º, 2.º, 4.º) — D. Sarah de Deus Ramos Pimentel (2.º) — D. Vera Isabel Quin (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).

(

Decifrações do n.º 18

I — A primeira prestação foi de 20$000 réis.

II — Como os quinhões de comida foram eguaes, cada um dos tres maltezes comeu $^{8}/_{3}$ de broa, o que equivale a 2 broas e $^{2}/_{3}$. Para o quinhão do terceiro contribuiu o primeiro com 2 bròas e $^{1}/_{3}$, ao passo que o segundo contribuiu apenas com $^{1}/_{3}$ de brôa. Portanto o primeiro tem direito a 7 vezes a parte do segundo. d'onde se segue que o primeiro deve embolsar 70 réis e o segundo contentar-se com 10 réis.

III — Mais faz quem quer que quem pode.

Decifradores

Affonso de Mello Cid Perestrello (1.º, 2.º, 3.º) — Arnaldo da Conceição Freire Sobral (3.º) — Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º, 3.º) — D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º) — D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º)— João Pereira de Freitas (1.º, 2.º) — José Luiz Valdez Moura Borges (1.º, 2.º) — Luiz Alberto Miranda da Costa (3.º) — Luiz Romero (1.º) — D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º) — Mario de Moraes Affonso (1.º, 2.º, 3.º) — D. Rozina Amelia Leite Maciel (1.º, 2.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I—Um casal tem quinze filhos, nascidos a intervallos regulares de anno e meio. O mais velho tem exactamente 8 vezes a edade do mais novo. Quaes são as edades de ambos?

II—Um estudante de desenho entrou n'uma papelaria, onde ouviu que os lapis custavam 40 reis, as folhas de papel 60 reis, as pennas de aço 10 reis e as borrachas 80 reis. Comprou uma porção de cada um d'estes artigos, ao todo 21, e viu que tinha gasto 480 reis. Que porção comprou de cada um dos artigos?

III—Antonio metteu-se no seu automovel ao meio dia e foi pela estrada fóra, com a velocidade de 4 leguas por hora. Ás duas e meia, seu irmão Bento partiu do mesmo ponto, seguindo na mesma direcção na mesma estrada e andando 5 leguas por hora. A que hora e a que distancia do ponto de partida encontrará elle Antonio?

IV — Juntam-se sete sujeitos á meza de um *restaurant*, são tão bem educados que cada um d'elles quer ceder aos outros os logares considerados mais honrosos. Levanta-se a esse respeito uma discussão muito cortez. Para a terminar, propõe um d'elles que jantem todos juntos nos dias seguintes, até que tenham todos occupado á meza, respectivamente uns aos outros, todas as posições possiveis. Acceitou-se a proposta. Mas quando foram a pol-a em pratica, viram-se seriamente embaraçados. Faltava-lhes tempo para a cumprir. Porque? Quantos dias eram então precisos?

Transformações de palavras

(Veja-se o numero 8 do *Gafanhoto*)

V — Transformar um *Canal* n'uma *Ponte*.
VI — Transformar uma *Recta* n'uma *Curva*.
VII — Transformar um *Livro* n'uma *Peste*.
VIII — Transformar uma *Aresta* n'uma *Esfera*.

O BURRINH

— «Alerta, burrinho! Não tenhas preguiça!
Ala p'r'a cidade, vender hortaliça!»

— «Ficas na estalage
Emquanto eu na pra

— «Ai! ai! meu jerico! que nós temos dança!
Onde é que arranjaste tão gorda essa pança?»

Por mais que pergunté
Explica o mysterio da p

— «Ai! grande maroto! co'a pança tão grossa
Não sei como é que hei de metter-te á carroça.

O COMILÃO

m, burrinho, meu socio,
ça fizer bom negocio.»

m, nem sombra de um zurro
ança do burro.

(O burro é catita, mas tem um defeito:
Se o soltam, engole quanto apanha a geito.)

O estalajadeiro, que deu pela falta
Das semeas do cesto, todo elle se exalta.

«Que luctas! e ao cabo de tal borborinho,
Sou eu quem carrego comtigo, burrinho!»

CORTEZIA DE PRINCIPE

DESEJANDO o imperador Carlos V castigar a insolencia de um grande pirata mouro, resolveu ir acommettel-o no porto de Tunis, onde elle costumava abrigar-se. N'esta empreza foi o imperador auxiliado por seu cunhado el-rei D. João III de Portugal, o qual lhe mandou uma armada sob o commando de seu proprio irmão, o infante D. Luiz.

Juntaram-se as armadas portugueza e hespanhola no porto de Barcelona, onde se achava Carlos V. E reunia-se este a miudo com o infante D. Luiz, afim de concertarem juntos como cumpria fazer a guerra.

Uma noite, recolhiam-se ambos, quando, ao chegarem a uma porta estreita, se pozeram nas costumadas contendas de cortezia sobre qual devia passar primeiro. Queria o imperador dar essa honra ao infante, por ser seu hospede; resistia o infante, por lhe ser inferior em jerarchia. Até que o Imperador lhe travou do braço e quasi o obrigou á força a tomar a deanteira.

O infante, porém, manifestou n'esta occasião a sua extremada polidez. Tendo que obedecer, tirou uma tocha da mão de um pagem, e levantou-a deante dos passos do Imperador, indicando por esta fórma que só o precedia como servo, afim de o allumiar.

Um tão fino acto de deferencia muito contribuiu para augmentar a consideração em que o Imperador sempre teve o nosso infante, a quem quiz dar o ducado de Milão.

O ELEPHANTE BÉBÉ

IMAGINEM vossemecês, meus pequenitos, que ao principio o Elephante não tinha tromba. Isso sim! Tinha, mas era uma narigueta preta, achatada, assim a modo como uma bota. Torcel-a para uma banda e para a outra, isso ainda elle podia, mas lá apanhar cousas com ella, qual historia!

Ora havia n'esse tempo um Elephante — um Elephante petiz — um Elephante Bebé — bisbilhoteiro que era uma cousa por demais. Não se fartava de fazer perguntas. Morava elle na Africa, e a Africa toda era pequena para as suas bisbilhotices. De uma vez foi perguntar á tia Abestruz porque é que as pennas da cauda lhe cresciam por aquelle feitio;

e a tia Abestruz — zás! — deu-lhe um sopapo que o fez ver as estrellas. Depois, foi ao gordanchudo do tio Hippopotamo, e perguntou-lhe porque é que elle tinha os olhos vermelhos; e o tio Hippopotamo — toma! — ferrou-lhe tamanho couce que elle ficou a zenir. Foi perguntar á magrizella da tia Girafa porque razão tinha ella a pelle toda ás malhas; e a tia Girafa — zumba! — atirou-lhe um pontapé que elle ficou sem saber de que terra era. Ao tio Chimpanzé, que era muito pelludo, perguntou elle porque é que os melões sabiam bem; e vae o tio Chimpanzé — apanha! — deu-lhe um bofetão que o deixou a assar.

Era isto! Não havia pergunta que elle não fizesse a respeito de quanto via, ouvia, sentia, apalpava, cheirava, provava, e não havia tio nem tia que não lhe respodesse com uma sova. Mas nem por isso elle punha cobro á bisbilhotice.

Uma bella manhã de verão, o bisbilhoteiro do Elephante Bébé fez uma pergunta que elle nunca na sua vida tinha feito. E foi esta:

— «O que é que o Jacaré come ao jantar?»

— «Cala a bocca!» exclamaram todos os parentes furiosos.

E desataram á pancadaria ao Elephante Bébé

Quando a tareia acabou, o Elephante viu a Ave do Paraiso empoleirada n'uma mouta de espinhos. E vae, disse assim:

— «Bateu-me o meu pae, mais a minha mãe, mais os tios, mais as tias, tudo por via da minha bisbilhotice. Mas deixal-o! Sempre gostava de saber o que é que o Jacaré come ao jantar!»

E vae a Ave do Paraiso respondeu logo:

— «Olha! Vae até á margem do rio Limpopo. É um rio muito grande, todo esverdeado, e parece de azeite. Lá saberás isso!»

Não lhes digo nada. Logo na manhã seguinte, o Elephante Bébé arranjou o seu farnel com trinta duzias de bananas, quarenta kilos de cana de assucar e dezesete melões (dos de casca de carvalho), e disse á familia:

— «Até breve. Eu cá vou até ao rio Limpopo, que parece de azeite, para saber o que é que o Jacaré come ao jantar.»

E toda a familia o mimoseou com uma tremenda sova, á laia de bota-fóra, apesar de elle lhes pedir com muito bom modo que se deixassem de tanta delicadeza.

Foi por alli adeante, um tanto ou quanto moido, mas sem fazer escarceu, a tasquinhar melões e a juncar o caminho de cascas, por não poder apanhal-as.

Atravessou do Cabo da Boa Esperança para Lourenço Marques, depois botou para o Norte, sempre a tasquinhar melões, até que por fim chegou á margem do Limpopo, que era um rio muito grande, esverdeado, e parecia de azeite, tal qual como tinha dito a Ave do Paraiso.

Ora fiquem sabendo os meninos que até áquella hora o bisbilhoteiro do Elephante Bébé nunca tinha posto a vista em cima de um Jacaré, nem sequer sabia o feitio d'elle. Tudo isto, era a mania de dar fé.

A primeira cousa que elle encontrou foi uma grandecissima Giboia enroscada n'uma rocha.

— «Vossa Excellencia tem a bondade,» disse o Elephante com toda a cortezia, «diz-me se viu por estes sitios alguma cousa que se assimelhe a um Jacaré?»

— «Essa não é má!» exclamou D. Giboia com um ar muito desdenhoso. «Se já viram pergunta mais tola!»

— «Perdoe-me Vossa Excellencia,» redarguiu o Elephante, «mas não poderia dar-se ao incommodo de me dizer o que é que o Jacaré come ao jantar?»

N'isto, D. Giboia desenroscou-se da rocha, alçou a cauda escamosa, e atirou uma chicotada de tremer ao Elephante Bébé.

— «É exquisito!» disse o Elephante. «Lá na minha terra, não ha parente que não me dê pancada por via da minha bisbilhotice. E a modo que por aqui é a mesma moda!»

E vae, despediu-se muito attenciosamente de D. Giboia, depois de a ajudar a amezendar-se de novo á roda da rocha. Depois foi seguindo por alli fóra, um tanto ou quanto moido, mas sem fazer escarceu, e sempre a tasquinhar melões e a deixar as cascas pelo caminho, até que poz o pé em cima de uma cousa que lhe parecia um cepo, mesmo na bordinha do grande rio Limpopo.

Mas aquillo o que era, era um Jacaré, sem tirar nem pôr — e vae o Jacaré piscou o olho para o Elephante Bébé

— «Vossa Senhoria ha de perdoar,» disse o Elephante Bébé sempre a desfazer-se em mesuras, «mas dar-se-ha caso que tenha visto por estes sitios algum Jacaré?»

Vae o Jacaré, piscou o outro olho e levantou o enorme rabo ao de cima de agua; e logo o Elephante Bébé recuou com a maior delicadeza, porque não lhe apetecia levar outra lambada.

— «Chega-te cá, ó petiz!» disse o Jacaré. «Porque fazes tu uma pergunta d'essas?»

— «Vossa Senhoria ha de perdoar! Mas eu já apanhei pancada de meu pae, mais de minha mãe, mais da tia Abestruz, mais do tio Hippopotamo, mais da tia Girafa, que essa dá couces de metter medo, mais do tio Chimpanzé, que é pelludo, e até da D. Giboia, que mora alli ao virar da esquina e que ainda faz doer mais que todos os outros. E então, bem vê, se não se escandalisasse, eu dispensava por hoje apanhar mais lambada.»

— «Chega-te cá, petiz!» disse o Jacaré. «O Jacaré sou eu!»

E para mostrar que pertencia á familia dos Crocodilos, começou a deitar lagrimas de crocodilo.

Vaê o Elephante Bébé ficou tão estarrecido, que até lhe faltou o ar. Ajoelhou á borda do rio, e disse assim:

— «Vossa senhoria é exactamente a pessoa de quem ando á procura ha um rôr de dias. Podia ter a bondade de me dizer o que é costume comer ao jantar?»

— «Chega-te cá, petiz!» redarguiu o Jacaré. «Eu te digo ao ouvido.»

Vae o Elephante Bébé chegou a cabeça mesmo á beirinha da dentuça afiada do Jacaré, e vae o Jacaré — zás! — afferrou-o pela penca, a qual até áquella hora — devem lembrar-se — era do tamanho de uma bota, se tanto.

— «Quer-me parecer,» disse o Jacaré — por entre os dentes, é claro — «quer-me parecer que hoje é com Elephante que eu quebro o jejum.»

Quando ouviu isto, creiam vossemecês que o Elephante não ficou mesmo nada contente, e vac, disse assim, a falar com uma voz fanhosa:

— «Largue-be, ande! Olhe que be faz doer!»

Vae D. Giboia, desatou a correr pela margem fóra, e disse assim:

— «Meu amiguinho, se vossemecê não puxa já já, com quanta força tem, olhe que esse bahu de couro ferra com vossemecê no fundo do rio, sem lhe dar tempo de dizer: Agua vae!»

Então o Elephante Bébé, assentou-se sobre os quadris, e desatou a puxar, a puxar, a puxar, e tanto puxou que o nariz começou-se-lhe a estender. E o Jacaré achatou-se todo, e desatou tambem pelo seu lado ás rabanadas á agua, a puxar, a puxar, a puxar, com todas as ganas.

E a penca do Elephante Bébé ia-se estirando cada vez mais; o Elephante Bébé a fazer fincapé na areia com as quatro patas, a puxar, a puxar, a puxar, e o nariz a estirar, a estirar, a estirar; e o Jacaré a bater a agua com a cauda, como se fosse a pá de um helice, e a cada puxão crescia mais umas pollegadas a narigueta do Elephante — e o peior era que lhe doia como a breca!

Até que o Elephante Bébé sentiu que as patas lhe resvalavam pelo chão, e disse com voz fanhosa, que lhe sahia pelo nariz tamanhão:

— «Zava! Já não possomais!

(*Conclue no proximo numero*).

RETRATOS
INSTANTANEOS
GRUPOS
E
AMPLIAÇÕES
Vistas
E
Reproducções
Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84
LISBOA

PARA AS CRIANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sobre a tradição popular
Tres volumes de contos educativos, originaes
Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc:
Preço por assignatura
340 réis cada volume — avulso 400 réis — folheto 60 réis
BREVEMENTE
BIBLIOTHECA DA PUBLICAÇÃO «PARA AS CRIANÇAS»
Os assignantes tem 20 % de abatimento
LIVRARIA GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª, — RUA DE S. ROQUE, 108

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Approvados como hygienicos
por distinctos medicos

Caixa 40 réis
DESCONTOS PARA REVENDER

Aromatisam, extinguem o mau halito e desinfectam

Vende-se nas pastellarias, lojas de chá e mercearias

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
Rua dos Retrozeiros, 141
LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º
(á P. Luiz de Camões)
LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Serradores

Medalha de ouro

Paris 1900

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

XX

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhoras e creanças

CASA FUNDADA EM 1842

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63—Rua Nova do Almada—63

LISBOA

G.me da Silva Spratley & C.a

ANTIGA CASA

DE

A. A. DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS.—

Contem o leite puro das vaccas suissas.

ALBINO J. BAPTISTA

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79, Rua do Alecrim, 79

LIVRARIA FERIN

Para creanças aprenderem Geographia Geral como divertimento

Atlas Jogo de Paciencia

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA
48, Rua Nova do Almada, 50
LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107
LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

Fatos e abafos para meninos

São um verdadeiro encanto os moldes de fatos e abafos para meninos, recebidos esta estação, das principaes casas de Londres e Pariz.

Estes modelos são reproduzidos com a mais rigorosa exactidão nos nossos ateliers, para o que possuimos um pessoal habilitadissimo e toda a sorte de fazendas proprias.

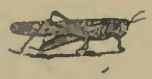
Em reserva, *promptos a vestir*, temos sempre um enorme e lindissimo sortimento de *fatos*, *sobretudos*, *capas* e *capotes* em todos os generos e para todas as edades.

A nossa casa é a unica no paiz que póde competir n'este ramo de confecção com as casas similares estrangeiras.

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CÔRES



DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.° 21

O ELEPHANTE BÉBÉ (CONCLUSAO)
ESPERTEZA DE RATO
O CASTELLO ENCANTADO
CARIDADE MAL ENTENDIDA
CAIXA DE SURPREZAS
OS PARDAES E O CORVO

FOLHA SOLTA
Figurinos de Carnaval

LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145—Rua do Ouro—149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas—Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas festivaes, bailes, etc.

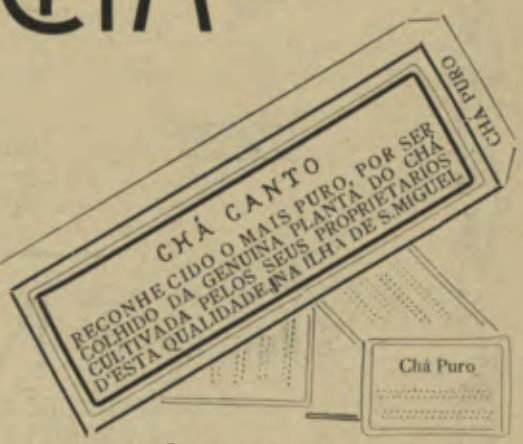
Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit—Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHÁ CANTO



DEPOSITOS

LISBOA	PORTO
67-Rua do Crucifixo	5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «A EDITORA»

Antiga casa David Corazzi

N'este estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇOES

R. de S. Nicolau, 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VILLAS BOAS

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Gi. — *Historias.* — 1 vol.	br. 500	cart.	700
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia,
Phototypia,
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

O GAFANHOTO

AOS SEUS LEITORES

Com a publicação d'este numero termina o praso para o plebiscito sobre os artigos do GAFANHOTO, aberto no n.º 16. Para o numero seguinte daremos o resultado, sentindo apenas que muitos dos nossos queridos leitoresinhos não tivessem querido manifestar a sua opinião. Adquirindo novas forças com o seu proximo primeiro anniversario, por aquella votação se regulará muito o GAFANHOTO para continuar a merecer as boas graças da sua pequena e encantadora clientela.

Vão-se preparando para as bellas reformas que por essa occasião iniciará o GAFANHOTO, esperando de augmentar o numero e o alcance dos seus saltos, de um extremo a outro do paiz, se não poder ser em volta do mundo inteiro.

O ELEPHANTE BÉBÉ

(Conclusão)

Vae então D. Giboia, desceu á praia, atou o corpo á roda das duas pernas do Elephante, á laia de laço, e disse assim:

— «Viajante atrevido e inexperiente, vamos tratar de te dar força á machina, aliás esse forte couraçado de helice vae deitar a perder todo o teu brilhante futuro.»

Vae depois, puxou, o Elephante Bébé puxou tambem, e o Jacaré puxou egualmente; mas quem puxava com mais força era o elephante Bébé, mais a D. Giboia; até que afinal, o Jacaré largou a penca do pequeno, com um estalo que se ouviu desde a nascente até a foz do Limpopo.

Então o Elephante Bébé sentou-se esfalfado. Começou por agradecer á D. Giboia; e depois tratou com toda a deferencia o seu pobre nariz, embrulhando-o n'um emplastro de folhas de bananeira e deixando-o pendurado dentro do rio Limpopo, que parece de azeite.

— «Que está vossemecê a fazer?» perguntou D. Giboia.

— «Queira desculpar!» respondeu o Elephante Bébé, «mas é que tenho o meu riquissimo nariz todo escangalhado, e quero ver se elle torna á sua antiga elegancia.»

— «Espera lá por essa!» disse D. Gihoia. «Elle sempre ha pessoas, que nem sequer sabem o que é ter sorte!»

Alli se deixou ficar tres dias o Elephante Bébé, á espera de que a penca lhe minguasse. Mas, qual historia! estava sempre do mesmo tamanho, e até lhe fazia entortar os olhos. Porque vossemecês, meus ricos meninos, devem ter percebido que o Jacaré tanto tinha esticado que a tinha transformado nem mais nem menos que n'uma tromba, tal qual como a que os Elephantes teem hoje em dia.

Ao cahir da terceira tarde, veiu uma mosca, e — zás! — deu-lhe uma ferroada no hombro; e, sem mesmo dar por isso, o Elephante Bébé levantou a tromba e matou a mosca.

— «Primeira vantagem!» exclamou D. Giboia. «Vê lá se eras capaz de fazer isso com uma narigueta de má morte. Ora agora, trata de comer.»

Insensivelmente, o Elephante Bébé estendeu a tromha, arrancou um molho de hervas, sacudiu as raizes de encontro ás pernas, e enguliu-o n'um prompto.

— «Segunda vantagem!» disse D. Giboia. «Com um reles nariz nunca tu farias similhante cousa. Olha lá! Não te parece que faz aqui uma soalheira de frigir a gente?

— «Olá! se faz!»

E o Elephante Bébé, sem pensar, apanhou uma porção de lodo do rio e chapou-a na tóla, á laia de capacete, fresquinho como uma alface.

— «Terceira vantagem!» acudiu D. Giboia. «Um narizinho de tres ao vintem não te servia para essa manohra. Ora agora, se por acaso te dessem pancada, que dirias a isso?»

— «Perdão!» redarguiu o Elephante Bébé. «A respeito de pancada, nem a brincar.»

— «E se fosses tu quem desse?»

— «Ah! lá isso agora! Isso já me agradava!»

— «Pois verás como esse teu narigão novo serve para dar pancadaria!»

— «Muito agradecido! Deixe estar que não me esqueço. E agora, quer-me parecer que volto para casa, que estou com muitas saudades da familoria!»

Foi assim que o Elephante Bébé voltou para a sua terra, pela Africa fóra, sempre a fazer folestrias com a tromba. Quando lhe apetecia comer fructa, apanhava-a da arvore, em vez de estar como d'antes á espera de que ella lhe cahisse pelo nariz abaixo. Dava-lhe na gana comer herva, arrancava-a do chão, em logar de andar de rastos como fazia d'antes. Vinham as moscas mordel-o, logo quebrava um ramo de arvore e fazia d'elle espanador. Em o sol o incommodando, pregava logo no toutiço um capacete de lama fresca e bem encharcada. Ahorrecia-se de andar sósinho pelo sertão, tocava sólos na tromha e fazia mais barulho que tres ou quatro charangas juntas. Desviou-se do caminho para ir ter com um hippopotamo (este não era da familia) e — tumba! — deu-lhe uma trepa valente, para vêr se era verdade o que dissera D. Gihoia.

Era uma noite escura como breu, quando elle chegou a casa da familia com a tromba enrolada, e disse assim:

— «Ora vivam! Então como vae a saude?»

Ficaram todos muito contentes por o verem, e responderam logo:

— «Anda cá, para apanhares uma tareia, por via da tua incorrigivel bisbilhotice.»

— «Que é lá isso?» disse o Elephante Bébé. «A respeito de pancadaria, meus ricos, vossemecês estão a nadar. Vão vêr o que é obra.»

E — zás! — desenrolou a tromba, e n'um abrir e fechar de olhos fez dar uma cambalhota a dois parentes seus.

— «Safa!» disseram elles. «Quem é que te ensinou essa manobra, e o que é que tu fizeste á penca?»

— «Tenho uma nova. Fez-me presente d'ella o Jacaré que mora lá para o rio Limpopo, o qual é esverdeado e parece de azeite. Eu fui perguntar-lhe o que é que elle comia ao jantar, e vae elle, deu-me esta lembrança.»

— «É feio como a breca!» disse o tio pelludo, o Chimpanzé.

— «Será, mas é commodo!»

E o Elephante Bébé agarrou no tio pelludo por uma perna, e deu com elle em cima de um vespeiro.

Depois, fez se mau como as cobras. Desatou á pancada a toda a sua boa parentela, e tanta pancada deu que todos apanharam um grande calor e ficaram em braza. A tia Abestruz

arran cou as plumas da cauda. Arrastou a tia Girafa por cima de um silvado. Metteu sustos ao tio Hippopotamo soprando-lhe ao ouvido, emquanto elle dormia a sesta dentro de agua. Mas não consentiu que ninguem tocasse na Ave do Paraiso.

Chegou a cousa a ponto que toda a familoria partiu de enfiada para as margens do Limpopo, o tal rio esverdeado que parece de azeite, para vêr se o Jacaré lhe dava narizes novos. Quando voltaram, acabaram as sovas.

E é desde então, meus queridos meninos, que todos os elephantes que vossemecês vêem, e mesmo aquelles que vossemecês não vêem, são possuidores de trombas exactamente eguaes á do bisbilhoteiro do Elephante Bébé.

REPAM dois ratinhos famintos á prateleira de um aparador, d'onde se espalha um cheirinho de queijo, que é mesmo uma tentação.

Assestam já para o apetitoso naco os focinhos lambareiros, vae senão quando — ó tristeza! — surde cá em baixo a figura negra e terrivel do bichano, tão guloso como elles... bastante de queijo, muito mais d'elles proprios.

Escapar áquellas garras tremendas, na posição dos ratinhos, impossivel lhes parecia. E emquanto o gato crava n'elles olhos glutões, antecipando o regalo da facil presa, os pobres dos roedores decidem-se a parlamentar:

— «Senhor bichano», diz um dos dois, «Vossa Excellencia não ha de querer gastar a dentuça e o apetite em corpos magrisellas como os nossos. Deixe-nos Vossa Excellencia cevar a fome n'este bom naco de queijo fino, e mais saborosos e gordinhos nos apanhará depois.»

Pensam os espertalhões, durante a tregua, aproveitar qualquer momento de distração do seu inimigo para se escapulirem.

Mas o gato preto, mestre em manhas, não cae na arriosca.

— «Meus amiguinhos», replica elle, «que ganho eu em esperar? Comer-lhes os corpinhos recheiados de queijo? Ora adeus! Prefiro proceder com ordem. Vossemecês, embora magros, dão-me ainda um lauto jantar. O queijo, lá fica ás minhas ordens, para a sobremeza. Portanto, vamos a isto!»

Salta-lhes em cima, e chama-lhes um figo. E por entre as dentadas, vae resmungando:

— «Mais vale um passaro na mão que dois a voar!»

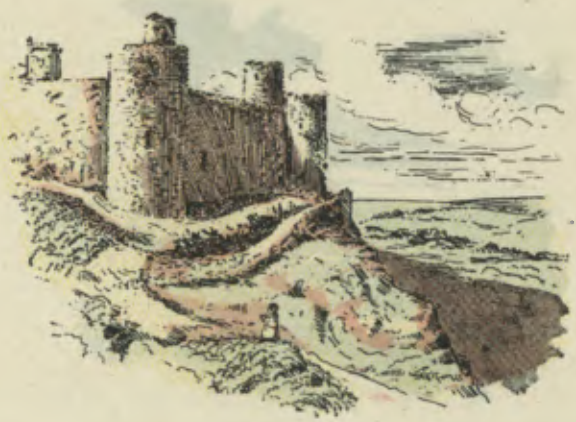
O castello encantado

(LENDA ALLEMÃ)

Andava um dia uma pequenita a colher flores pelo campo, vae senão quando lhe apparece nma fada, formosa a mais não ser. Tinha um vestido de velludo verde claro, com riscas de carmezim.

Na mão trazia um cabazinho cheio de flores campezinas, e na cabeça uma grinalda de florinhas douradas. E a voz d'ella então! Era como se se ouvisse um retinir de sinos de prata, quando ella disse assim:

— «Sahiste uma menina como se quer, Isabelinha. Eu bem sei os cuidados que tens tido com tua mãe, que está doente. Ora agora dize-me uma coisa: para que são essas flores que andas a apanhar?»



— «São para a minha mãesinha,» respondeu a Izabel. «Ella gosta immenso de flores, mas, coitadinha! não póde mecher-se para as vir buscar ao campo, nem tem dinheiro para as comprar.»

— «Lá me parecia!» redarguiu a fada. «E uma consolação que queres dar a tua mãe, que é pobre, e ainda em cima doente. Pois então escuta!» continuou ella tirando do cabaz uma florsinha egual ás da grinalda. «Aqui tens esta flor, que se chama primavera. Vae seguindo por fóra, por onde vires flores d'estas. Has de chegar a um castello muito velho, meio desmantelado. No muro abre-se um grande portão, todo florido de trepadeiras. Basta tocares no ferrolho com esta florsinha para o portão se abrir. Entra

logo no castello, que eu lá irei ter comtigo».

Sumiu-se a fada, e a Isabelinha, toda alvoroçada, cumpriu á risca as suas recommendações. Apenas chegou ao portão, desviou com muito cuidado as viçosas trepadeiras que o cobriam, e aproximou do ferrolho a flor magica. O portal gyrou pesadamente sobre os gonzos; e tão surprehendida ficou a Isabelinha com o que lhe surgiu á vista, que se deixou ficar estarrecida e um pouco medrosa, sem se atrever a entrar.

Não se viam por toda a parte senão primaveras. Do tecto pendiam grandes açafates cheios d'essas florinhas de um amarello pallido. Ao longo das paredes, surdiam montões d'ellas de uns canteiros. Pelo chão, pelas mezas, havia um sem numero de vasos e jarras, de todos os feitios e de todos os tamanhos, os quaes não continham senão primaveras.

Mas de repente, a Isabelinha ouviu uma voz muito maviosa que a chamava, e deu com os olhos na formosa fada.

— «Entra, Isabelinha!» dizia ella. «Pódes d'aqui levar o que te apetecer. Debaixo d'estas lindas florinhas, ha cofres e cofres cheios de ouro, de prata e de pedras preciosas. Abre-os á vontade, e leva comtigo quanto poderes. Volta depois, em querendo. A tua flor magica é a chave do portão. Só uma cousa te recommendo; não leves d'aqui uma unica flor. Depois de as afastares, colloca-as outra vez no logar onde as achaste. Emquanto obdeceres a este preceito, terás sempre á tua disposição estas riquezas. Mas uma vez que desobedeças, não tardará o castigo».

Ditas estas palavras, sumiu-se outra vez a fada. A Isabelinha encontrou com effeito debaixo das flores os thesouros que ella annunciára. Encheu o avental de ouro e de prata, tornou a pôr as flores no seu logar, e encaminhou-se a toda a pressa para casa.

Imaginem o contentamento da pobresinha da mãe quando se viu a si e mais á sua querida filha livres da miseria. E d'alli por deante fizeram muitas e muitas visitas ao velhocastello.

Passou-se isto na Allemanha. E ahi está a razão por que n'essa terra as creanças costumam chamar á primavera a flor-chave. Creem ellas que, emquanto forem obedientes e boas, a florinha magica lhes abrirá a porta do castello encantado, onde se encontram thesouros de riqueza e de felecidade.

Caridade mal entendida

HAVIA n'uma costa toda erriçada de escolhos, um grande farol que servia de guia e amparo aos navegantes. Quando viam aquella soberba luz a brilhar ao longe, afastavam-se cuidadosamente os navios, e assim se preveniam muitos naufragios, que eram alli frequentes antes da installação d'aquelle farol.

Foi para lá como faroleiro um homem de excellente coração, mas de resumido sizo. Como o seu trabalho — o manter durante a noite aquelle luzeiro bem vivo — não lhe tomava o dia, gastava-o elle a passeiar pelos arredores.

Era muito pobresinha a gente que por alli vivia. Que dôr de alma para o faroleiro, ver aquelles desgraçados, homens, mulheres, até creanças, a mourejar dias e dias para alcançarem uns motrecos de pão negro! E nem sempre o alcançavam. A miudo vinha a fome visital-os, e era então um côro de lastimas e de gemidos que cortava o coração.

Não era rico o faroleiro — aliás como teria acceitado emprego tão arduo e tão pouco rendoso? Como não podia acudir a tanta desgraça com os seus miseros proventos, lembrou-se de ir cerceiando aos poucos o azeite que lhe forneciam para o farol. Esses biscates, distribuia-os elle pelos pobresinhos, alliviando um tudo nada a miseria que os acabrunhava.

Mas, á medida que elle alargava a sua obra de beneficencia, a luz do farol resentia-se do alimento que lhe faltava, e esmorecia mais e mais de noite para noite.

E que succedeu? É facil de prever. Uma vez, a horas mortas, um navio, carregado de gente e de fazendas, não lobrigando a luz muito frouxa, veiu despedaçar-se de encontro aos escolhos. Perderam-se n'esse terrivel naufragio dez vezes mais vidas do que aquellas que o furto do azeite concorria para manter nas visinhanças do farol.

Foi já tarde que o faroleiro cahiu em si. Chorou lagrimas de sangue, ao ver as desgraças que tinha causado a sua imprevidente caridade. Do pouco bem que fez resultou um mal grandissimo. Como se, para apagar um pequeno incendio, elle tivesse produzido uma medonha innundação.

Por aqui se vê que nunca se deve fazer bem á tôa. Não se annullem os bons impulsos, mas guiem-se sempre pela razão serena.

Decifrações do n.º 19

I — Comprimento 39 metros, largura 13.
II — As partes são respectivamente: 3:156, 2:367, 1578 e 789.
III — O numero de soldados é 58.

Decifradores

Affonso de Mello Cid Peresirello (1.º, 2.º, 3.º) — Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º, 3.º) — Eduardo Buzaglo (3.º) — Luiz Alberto Miranda da Costa (3.º) — D. Maria Romero (3.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I—Recompôr dois versos, bastante conhecidos, de uma estancia dos *Lusiadas*, aproveitando uma palavra de cada um dos versos seguintes:

1 Goa vereis aos mouros ser tomada...
2 Que tudo emfim, tu puro amor, desprezas...
3 A se lograr da paz com tanta gloria...
4 E á sua patria e rei temido e amado...
5 Não tem um ledo orgulho e geral gosto...
6 Movido das palavras que o magôam...
7 De lançar-lhe o collar ao rudo collo...
8 Tomando aquelle premio e doce gloria...
9 D'uma austera, apagada e vil tristeza.
10 Mas da que se me faz tambem a mim.
11 Que outro valor mais alto se alevanta...
12 Cessem do sablo Grego e do Troiano...
13 Quasi pyramidal, que no regaço...
14 Promettido lhe está do Fado eterno...

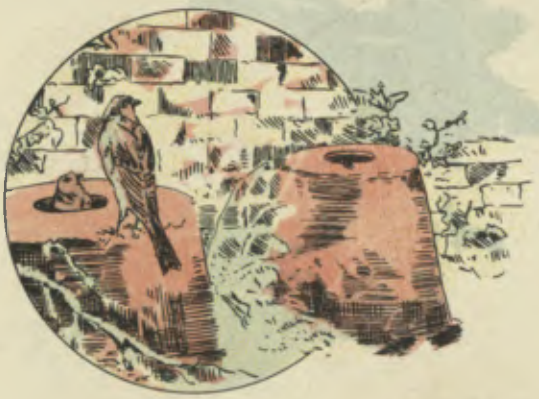
II — Preencher as doze casas da figura junta com os numeros de 1 a 12 inclusive, por fórma que perfaçam 26 a somma de cada uma das fileiras horizontaes de 4 casas, a das fileiras verticaes do mesmo numero de casas, e a de cada um dos grupos marcados respectivamente com as letras *a*, *b*, *c*.

	b	b	
a	c	c	a
a	c	c	a
	b	b	

III—Uma linha ferrea tem 90 kilometros de comprimento. De uma das suas estações extremas A sae um comboio directo com 16 kilometros de velocidade por hora, á mesma hora exactamente em que da outra estação extrema, B, sae outro em direcção contraria, tendo 14 kilometros de velocidade. No fim de quanto tempo se encontrarão os dois comboios. e a que distancia de A e B?

IV — «Que edade tem você, tiosinho?»
— «As edades minha e de meu filho sommam juntas 119 annos; as do meu filho e do meu neto sommam 65 annos; e eu mais o meu neto sommamos na edade de 90 annos. Agora, descubram qual é a edade de cada um de nós.»

Os pardaes e o corvo



Costumava um jardineiro
Durante o inverno deixar
Alguns vasos n'um canteiro,
Todos de fundo p'r'o ar.

Como os vasos sempre tinham
Uns buracos colossaes,
N'um d'elles logo se aninham
Uns sorrateiros pardaes.

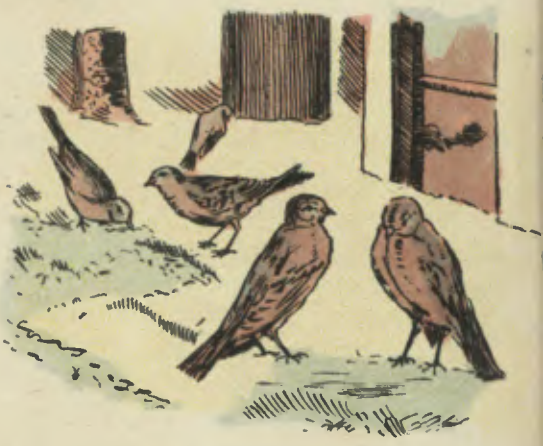
Cresceu em paz a familia,
Empennou-se a pardalada,
Sem sombras de uma quizilia,
Sem receios de chumbada.

Mas um dia por acaso
O jardineiro lembrou-se
De mecher n'aquelle vaso
P'ra plantar fosse o que fosse.

E se os pardaes tão depressa
Não fogem d'aquelle algoz,
Figuravam na travessa
Enterrados em arroz.

Mas depois d'esta revolta
Perderam conchego e lar;
Encheram campos, á solta,
Com seu choroso piar.

N'isto, um philosopho corvo
Para elles se dirige,
E pergunta-lhes que estorvo
Ou que desgosto os affige.



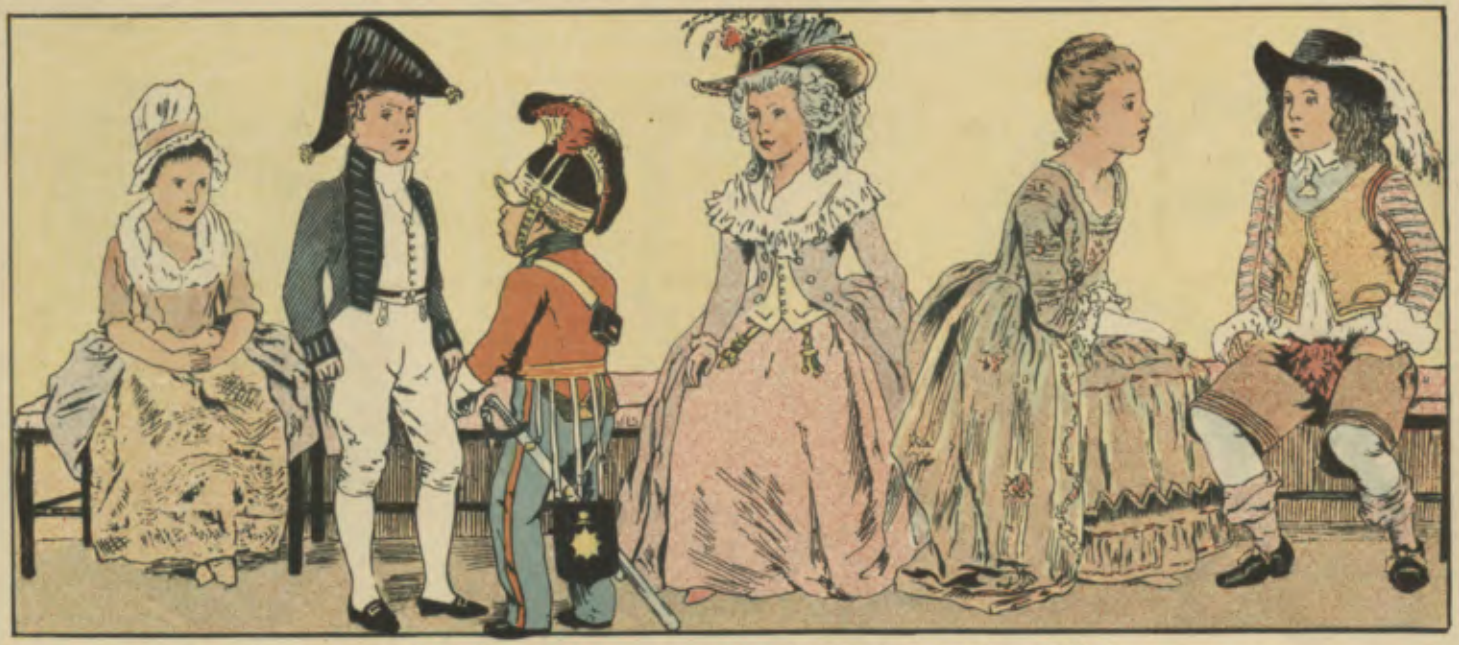
E depois da cantilena
Das suas tribulações,
Diz-lhes assim: «Tenho pena,
«Mas não fossem mandriões.

«Os outros, tarde e manhã,
«Os vejo ahi, coitadinhos!
«A trabalhar com afan
«Na faina de arranjar ninhos.

«Vocês, com fumo de finos,
«Q'riam ter papinha feita.
«P'ra fazer casa, meninos,
«Só o trabalho aproveita.

«Não ha regalo que preste
«A gente ladra e madraça!
«Pois quem o alheio veste
«Dizem que o despe na praça!»

Figurinos de Carnaval



2 — Official da marinha ingleza, 1829. 4 — Franceza, 1788. 5 — Seculo XVIII.
1 — Seculo XVIII. 3 — Official do exercito inglez, 1815. 6 — Official hollandez, seculo XVII.

8 — Fidalgo, seculo XVIII. 9 — Musa. 11 — Allemão do seculo XVI. 13 — Dama, 1820. 14 — Francez, do Directorio.
7 — Colombina. 10 — Dama do seculo XVII. 12 — Gentilhomem francez no seculo XVI. 15 — Fidalgo, seculo XVII.

17 — Hussar prussiano, seculo XVIII. 19 — Fidalgo, seculo XVI. 21 — Pagem, seculo XV.
16 — Dama, seculo XVII. 18 — Franceza, do Directorio. 20 — Cavalheiro, 1825. 22 — Mulher da antiga Germania.

RETRATOS
INSTANTANEOS
GRUPOS
E
AMPLIAÇÕES
Vistas
E
Reproducções
Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84
LISBOA

PARA AS CRIANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sobre a tradição popular
Tres volumes de contos educativos, originaes
Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc.
Preço por assignatura
340 réis cada volume — avulso 400 réis — folheto 60 réis
BREVEMENTE
BIBLIOTHECA DA PUBLICAÇÃO «PARA AS CRIANÇAS»
Os assignantes tem 20 % de abatimento
LIVRARIA GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª, — RUA DE S. ROQUE, 108

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Approvados como hygienicos
por distinctos medicos

Caixa 40 réis
DESCONTOS PARA REVENDER

Aromatisam, extinguem o mau halito e desinfectam

Vende-se nas pasteilarias, lojas de chá e mercearias

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
Rua dos Retrozeiros, 141
LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º
(á P. Luiz de Camões)
LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

Rendas Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Ouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Cervejarias

Medalha de ouro

Paris 1900

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

XX

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhoras e creanças

CASA FUNDADA EM 1812

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63—Rua Nova do Almada—63

LISBOA

G.me da Silva Spratley & C.a

ANTIGA CASA

DE

A. A. DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS.—

Contem o **leite puro** das **vaccas suissas.**

ALBINO J. BAPTISTA

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

MEDALHA DE OURO

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79, Rua do Alecrim, 79

LIVRARIA FERIN

Atlas Jogo de Paciencia

Para creanças aprenderem Geographia Geral como divertimento

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA
48, Rua Nova do Almada, 50
LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107
LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

Fatos e abafos para meninos

São um verdadeiro encanto os moldes de fatos e abafos para meninos, recebidos esta estação, das principaes casas de Londres e Pariz.

Estes modelos são reproduzidos com a mais rigorosa exactidão nos nossos ateliers, para o que possuimos um pessoal habilitadissimo e toda a sorte de fazendas proprias.

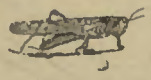
Em reserva, *promptos a vestir*, temos sempre um enorme e lindissimo sortimento de *fatos*, *sobretudos*, *capas* e *capotes* em todos os generos e para todas as edades.

A nossa casa é a unica no paiz que póde competir n'este ramo de confecção com as casas similares estrangeiras.

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CÔRES



DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.° 22

OS SAPATINHOS DE BAILE
CAIXA DE SURPREZAS
SANTA MENTIRA
O TRATADOR DE FERAS
A CARAÇA
SANTA MENTIRA
O GATO JARDINEIRO

LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145—Rua do Ouro—149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas—Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas festivaes, bailes, etc.

Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit—Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHÁ CANTO

DEPOSITOS

LISBOA	PORTO
67-Rua do Crucifixo	5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «**A EDITORA**»

Antiga casa David Corazzi

N'este estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇOES

R. de S. Nicolau, 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VILLAS BOAS

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Gi. — *Historias.* — 1 vol.	br. 500	cart.	700
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia,
Phototypia,
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

O GAFANHOTO

AOS SEUS LEITORES

Resultado do plebiscito aberto ha dois mezes:

Os tres contos mais apreciados pelos nossos queridos leitoresinhos foram por sua ordem:

1.º O Lago das Pedrarias.
2.º A Princeza Lilia.
3.º A Bonina.

E logo a seguir foram classificados quasi irmãmente pela votação:

O Peixe-Rei.
Á beira-mar.
O Bule maravilhoso.

D'aqui se deprehende que, como era de suspeitar, o que mais agrada aos pequenos leitores é tudo onde haja qualquer cousa de maravilhoso ou ainda de terno, como na *Bonina* por exemplo.

O GAFANHOTO sente que o plebiscito não fosse tão concorrido como seria para desejar. Elle estimaria que os seus amiguinhos manifestassem sempre, n'estas e identicas circumstancias, o seu interesse por uma publicação que lhes é inteiramente devotada. Assim provariam que com as nossas se identificam as suas aspirações para a prosperidade do GAFANHOTO que com melhoramentos notaveis vae entrar no seu segundo anno.

Os sapatinhos de baile

Era uma vez um rei que tinha doze filhas, qual d'ellas a mais formosa. Dormiam todas n'uma grande sala, onde as camas estavam enfileiradas. Em chegando a noite, recolhiam-se as princezas, e ia o rei em pessoa fechar a porta do dormitorio.

Ora todas ellas tinham sapatinhos de baile, e de manhã, quando o rei abria a porta, achava sempre os sapatos estragados.

Ninguem era capaz de perceber como isto succedia, por isso que as portas ficavam aferrolhadas e as janellas trancadas. Mas tantas vezes se deu o caso, e tantos foram os sapatos estragados, que o rei perdeu a paciencia. Ordenou que todo aquelle que descobrisse onde é que as filhas levavam as noites a dansar e como conseguiam esgueirar-se do dormitorio, casaria com aquella de quem mais gostasse e ficaria rei depois de elle morrer.

Mas ao mesmo tempo annunciou que todo aquelle que nada descobrisse, depois de tres noites de experiencia, soffreria a pena de morte. Apezar d'isso, não tardou muito que lhe apparecesse um principe, a pedir licença para tentar a sorte. Foi muito bem recebido, e deram-lhe um quarto pegado com o dormitorio. Ficou aberta a porta de communicação, e defronte d'ella a cama do principe, para que elle podesse vêr o que se passava, e seguir as princezas, caso ellas conseguissem sahir.

Mas apenas se deitou, parece que tinha chumbo em cima das palpebras. Não houve meio de se conservar esperto, e, pela manhã, acharam se os sapatinhos mais estragados ainda do que o costume. Até tinham uns buracões nas solas, prova de que as princezas se tinham fartado de dansar.

Na segunda e na terceira noite, o mesmo aconteceu, e em vista d'isso, o rei mandou cortar a cabeça do pobre principe.

Mas nem por isso deixaram de apparecer outros a fazer a experiencia, e todos elles foram d'esta para melhor.

Ora succedeu que um pobre soldado, que fôra ferido na guerra e já não podia fazer serviço, ia de caminho para a cidade onde o rei morava. Encontrou uma velha que lhe perguntou:

— «Que vaes tu fazer a essa terra?»

— «Eu sei lá!» retorquiu elle em tom de mofa. «Está-me pulando o pé para descobrir onde é que as princezas dão cabo dos sapatinhos, e tenho minhas ganas de vir a ser rei um dia.»

— «Não é tão difficil como tudo isso», volveu a velha. «A cousa esta em passares toda a noite acordado, e para isso o que é preciso é não beberes por caso algum o vinho que te offerecerem antes de te deitares. Senão, arriscas-te a ficar dormindo de vez.»

Em seguida, a velha deu-lhe um capotinho, e accrescentou:

— «Em tu pondo este capotinho, ficas invisivel, e podes então escoar-te com toda a facilidade atraz das doze bailarinas.»

Com tamanha intimativa lhe deu este conselho, que o soldado cobrou animo e resolveu apresen-

tar-se ao rei como pretendente. Foi tão bem recebido como os outros, e deram-lhe logo uma fatiota magnifica.

Quando chegaram as horas de recolher, levaram-no para a tal alcova, e a mais velha das princezas trouxe-lhe d'ali a pouco um copo de vinho. Mas o espertalhão tinha atado uma esponja por debaixo do queixo, a qual se embebeu de todo o vinho que lhe escorreu da bocca. Em seguida, deitou-se para baixo, e d'ahi a instantes começou a resonar como se tivesse pegado no somno.

Quando as doze princezas ouviram isto, desataram todas a rir, e a mais velha disse assim:

— «Mais um que vae á degola!»

E logo se levantaram, e pozeram-se a abrir os guarda-vestidos, e as gavetas, e as malas, de onde tiraram vestidos muito ricos e elegantes. Ataviaram-se defronte do espelho, e fartaram-se de dar pulos de contentamento, a não ser a mais nova, que disse:

— «Não sei o que tenho, mas sinto-me a modo que triste, não sei o que me palpita o coração.»

— «Não sejas tola!» disse a mais velha. «Estás sempre a affligir-te sem motivo. Já te esqueceste como nós temos enganado os principes? O soldado enguliu a sua dormideira, e um labrego assim não é capaz de acordar sem mais nem menos!«

Quando estavam promptas, entraram na alcova a examinar o soldado. Mas elle tinha os olhos muito fechadinhos, e nem sequer bolia; de forma que ellas cuidaram que elle estava ferrado no somno.

Então a mais velha chegou á sua cama, e bateu-lhe em cima muito devagarinho. A cama sumiu-se immediatamente pelo chão abaixo, e pela abertura desappareceram uma por uma todas as princezas.

Ao ver isto, o soldado saltou da cama para fóra, embrulhando-se no capotinho, e, sem ser visto nem presentido, foi no encalço da mais nova, que era a ultima do rancho.

Mas a meio da descida, pizou de relance o vestido d'ella, o que a assustou deveras.

— «Que é isto?» exclamou ella. «Quem é que me está a puchar o vestido?»

— «Não sejas parva!» disse a mais velha. «Não é senão algum gancho que tens no vestido e que se prendeu a qualquer cousa».

— Então já acabou a historia dos sapatinhos?

— Não, pateta! Acaba no numero seguinte.

— Que pechincha! Abençoado seja o *Gafanhoto!*

d'este tratamento de agua fria em tempo quente. Estiraçou-se consoladamente para offerecer bem toda a pelle á lavagem, e começou a rosnar, á similhança de um gato satisfeito.

O russo esfregava com todas as forças. Por ultimo, pegou na rodilha e enxugou a preceito todo o corpo do animal.

Isto ainda agradou mais ao tigre do que a molhadela. Extendeu a cabeça á laia de um cão que quer festas, e rosnou com mais força.

— «É isto, patrão?» perguntou o russo na sua lingua, com um sorriso de satisfação.

Sahiu da jaula, e preparou-se para entrar na immediata, com o proposito feito de dar uma esfregadela a toda a bicharia.

Mas o domador, que até áquelle instante estivera sem fazer um movimento nem dizer uma palavra, com receio de despertar a furia do tigre, deu um salto em frente e agarrou no braço do russo.

— «Não era isto que queria, patrão?» perguntou elle muito pasmado. «Eu cá fiz o melhor que pude.»

Mas a resposta unica do domador foi agarrar-se a elle com toda a força, e chamar o interprete, que accudiu logo.

— «Diga a este homem», exclamou o francez, «que, em vista do modo com que elle trata as feras, tenho para elle um officio melhor do que limpar jaulas. Se elle está por isso, associo-o já ao meu negocio, e dou-lhe um bom quinhão nos lucros.»

O russo deu tres pulos de contente a esta offerta. Em boa hora se tinha contractado com o francez. D'alli a annos, estava rico com os lucros que lhe pertenciam da «incomparavel collecção de feras.»

A CARAÇA

— «Que carantonha horrorosa!
«Jesus! que medo me faz!
«Não lhe mexas!» grita a Rosa,
«Póde morder-te, rapaz!»

Mas o Luiz que é valente,
Faz troça do susto vão:
— «Comigo não mette o dente
«Quem é só de papelão.

«Muita cousa nos engana,
«Em nós olhando de longe.
«Lá diz o ditado, mana:
«O habito não faz o monge.»

Para a caraça elle avança
Sem mostrar sombra de medo...
Comtudo, por segurança,
Não lhe chega á bocca o dedo.

SANTA MENTIRA!

O GAFANHOTO abre entre os seus pequenos assignantes um concurso para redigir o texto correspondente ás estampas d'esta historia, n'um artigo que não tome mais de meia pagina, no typo em que o presente aviso está impresso.

Esses exercicios devem chegar á nossa redacção até ao dia 31 de março, a fim de se dar a solução no numero 26, correspondente a meiados de abril.

O GATO JARDINEIRO

Rominagrobis, bichano
De uma elevada linhagem,
Passa a fazer jardinagem
A maior parte do anno.

Comtudo, por mais que faça,
Com fadigas taes e tantas,
Morrem-lhe todas as plantas,
E chora a sua desgraça.

Revolve a terra, ergue á luz
As vergonteas infelizes,
E encontra as pobres raizes
Todas roidas — «Jesus!»

Diz elle, «Maldita praga
«De ratos que me caustica!»
De baixo uma voz replica:
— «Amor com amor se paga!»

RETRATOS
INSTANTANEOS
GRUPOS
E
AMPLIAÇÕES
Vistas
E
Reproducções
Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84
LISBOA

PARA AS CRIANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sobre a tradição popular
Tres volumes de contos educativos, originaes
Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc:
Preço por assignatura
340 réis cada volume — avulso 400 réis — folheto 60 réis
BREVEMENTE
BIBLIOTHECA DA PUBLICAÇÃO «PARA AS CRIANÇAS»
Os assignantes tem 20 % de abatimento
LIVRARIA GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª, — RUA DE S. ROQUE, 108

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Approvados como hygienicos
por distinctos medicos

Caixa 40 réis

DESCONTOS PARA REVENDER

Aromatisam, extinguem o mau halito e desinfectam

Vende-se nas pastellarias, lojas de chá e mercearias

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
Rua dos Retrozeiros, 141
LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º
(á P. Luiz de Camões)
LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Serradores

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

X X

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhoras e creanças

CASA FUNDADA EM 1842

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63—Rua Nova do Almada—63

LISBOA

C.me da Silva Spratley & C.a

ANTIGA CASA

DE

A. A. DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS.—

Contem o **leite puro** das **vaccas suissas.**

ALBINO J. BAPTISTA

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79, Rua do Alecrim, 79

LIVRARIA FERIN

Para creanças aprenderem Geographia Geral como divertimento

Atlas Jogo de Paciencia

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA
48, Rua Nova do Almada, 50
LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107
LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

Fatos e abafos para meninos

São um verdadeiro encanto os moldes de fatos e abafos para meninos, recebidos esta estação, das principaes casas de Londres e Pariz.

Estes modelos são reproduzidos com a mais rigorosa exactidão nos nossos ateliers, para o que possuimos um pessoal habilitadissimo e toda a sorte de fazendas proprias.

Em reserva, *promptos a vestir*, temos sempre um enorme e lindissimo sortimento de *fatos*, *sobretudos*, *capas* e *capotes* em todos os generos e para todas as edades.

A nossa casa é a unica no paiz que póde competir n'este ramo de confecção com as casas similares estrangeiras.

O GAFANHOTO

Em substituição da folha solta relativa ao numero 23, o GAFANHOTO distribuirá aos seus assignantes, com o n.º 24, uma linda capa a côres, o frontespicio e o indice, para a brochura do 1.º volume (1.º anno) do

GAFANHOTO

OS SAPATINHOS DE BAILE
A MUSICA DO GNOMO
MANO RAPOSO FICA SEM JANTAR
CAIXA DE SURPREZAS
A CARECA DO PADRINHO

LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145—Rua do Ouro—149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas — Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas festivaes, bailes, etc.

Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit—Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHÁ CANTO

DEPOSITOS

LISBOA — 67-Rua do Crucifixo

PORTO — 5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «**A EDITORA**»

Antiga casa David Corazzi

N'este estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇOES

R. de S. Nicolau, 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VILLAS BOAS

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Gi. — *Historias.* — 1 vol.	br. 500	cart.	700
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

O GAFANHOTO

AOS SEUS LEITORES

Conforme prometteu, o GAFANHOTO apresentará os seguintes e importantes melhoramentos do n.º 25 por deante:

Em vez de folha supplementar em numeros alterados, elle dará em todos os numeros mais 4 paginas de texto com gravuras, paginadas á parte sob o titulo geral *Caixa de Surprezas do Gafanhoto*. N'ellas se incluirão, além das materias que sob este titulo costumam ser publicadas no jornal, artigos sobre jogos e recreios infantis, exercicios variados, estampas mudas, anecdotas, etc.

Por esta fórma, espera o GAFANHOTO que os seus pequenos assignantes e leitores continuem a dar-lhe a sua benevolente sympathia, e a acrescentar pelos tempos fóra a felicidade do bichinho, que é tambem um bocadinho da sua propria.

O Cão soffrego

Carnuda costeleta
Um canzarrão palmara,
Indo comel-a, junto
De um veio de agua clara.

Eis que, no espelho limpido
A preza se reflecte;
E logo o cão, largando-a,
Á imagem arremette.

Cae n'agua, e logo afunda-se
A bella costeleta,
Ao passo que a afogar-se
Se arrisca o tal pateta.

Ha muita gente doida
Assim como este cão,
Que larga o certo e corre
Atraz de um sonho vão.

Os sapatinhos de baile

(*Conclusão*)

Quando chegaram ao fim da escada, o soldado viu deante de si uma lindissima alameda, com folhagem de prata que lampejava com o clarão de centenas de luminarias.

— «Espera lá !» disse o soldado com os seus botões. «Para prova de que andei na pista das princezas, vou apanhar um ramo d'estes.»

E assim fez; mas ao partir-se, o ramo deu tamanho estalo que a mais nova das princezas exclamou assustada :

— «Aqui anda novidade, com certeza. As manas não ouviram um estalido ?»

— «Ora adeus !» replicou a mais velha.» É o primeiro tiro de salva com que os principes nos recebem.»

Foram andando, andando, até chegarem a outra alameda, onde as folhas eram todas de ouro, e finalmente a uma terceira, em que faiscavam diamantes. De ambas ellas arrancou o soldado uns raminhos, e de ambas as vezes a princeza mais nova se assustou com os estalidos, ao passo que a mais velha continuava a tomal-os por tiros de uma salva.

Passado algum tempo, chegaram á margem de um grande lago, á qual estavam atracados doze lindos botesinhos, e em cada um d'elles um formoso principe á espera das princezas. Tomou cada uma d'ellas logar em seu bote, e o soldado, sempre invisivel, sentou-se ao lado da mais nova.

Emquanto o principe remava ia dizendo :

— «Não percebo o que tem hoje o bote, que parece mais pesado que de costume. Só á força de braços é que eu consigo ir de conserva com os outros.»

— «Não comprehendo a razão por que elle esteja mais pesado. Isso ha de ser do calor que tira as forças a Vossa Alteza.»

Na margem opposta erguia-se um sumptuoso castello brilhantemente illuminado, de cujas janellas sahia uma soberba toada de pifanos e tambores. Os botes atracaram, e os principes ajudaram as damas a desembarcar, conduzindo-as em seguida á sala de baile. D'alli a pouco estavam todos elles embevecidos na dansa.

O soldado dansou por entre os pares sem ser visto. De quando em quando, ao ver em cima da meza um copo de vinho, bebia-o emquanto os outros estavam distrahidos. E grandes arripios de susto causava por isso á mais nova das princezas, os quaes a mais velha tratava logo de dissipar.

Dansaram como umas ventoinhas até ás tres horas da madrugada, ficando-lhes os sapatinhos em misero estado. Os principes acompanharam as princezas até aos botes e atravessaram com ellas de novo o lago. D'esta vez, o soldado invisivel sentou-se ao lado da mais velha.

Ao abicarem na praia fizeram as suas despedidas, promettendo encontrarem-se alli na noite seguinte. Apenas chegaram á escada, o soldado galgou os degraus adeante d'ellas e foi-se deitar na cama. Quando as doze princezas, muito estafadas e cheias de somno, chegaram ao dormitorio, ouviram taes roncos que disseram :

— «D'este estamos nós livres!»

Depois despiram-se, pozeram os sapatinhos debaixo da cama, e deitaram-se a dormir.

Na manhã seguinte, o soldado não deu cavaco. Quiz voltar aos mesmos sitios maravilhosos, e por isso seguiu as nas duas noites immediatas. Tudo aconteceu tal qual como na primeira, e os sapatinhos estragaram-se da mesma fórma. Mas na terceira noite, por sim por não, o soldado trouxe comsigo tambem um copo, em signal da sua visita.

Quando chegou o momento em que devia explicar-se deante do rei, as doze princezas esconderam-se atraz de um reposteiro, á escuta do que elle dizia.

— «Então!» perguntou o rei. «Como é que as minhas doze filhas deram cabo dos sapatos durante estas tres noites?»

— «Dansando com doze principes n'um castello subterraneo», respondeu o soldado.

Ao ouvir isto, o rei chamou as filhas, e perguntou-lhes se era verdade o que dizia o soldado. Ellas então perceberam que tudo estava descoberto, e não tiveram remedio senão sujeitarem-se ás consequencias do mal que tinham feito. Em vista d'isto, o rei perguntou ao soldado qual d'ellas queria elle para esposa, ao que o soldado retorquiu:

— «Como eu já não sou muito novo, antes quero a mais velha.»

N'esse mesmo dia se celebrou o casamento, e se proclamou o soldado como herdeiro da corôa. Os principes ficaram encantados durante tantos dias, quantas as noites em que elles tinham dansado com as princezas no castello maravilhoso.

A MUSICA DO GNOMO

ENTADO n'uma pedra, em meio da floresta,
A dedilhar na flauta, um gnomo faz a festa.

Eis que da toca surde um grande e feio sapo,
Que, fito n'elle o olhar, assim fala de papo:

—«P'ra que vens perturbar as pessoas pacatas,
«Pateta maçador, com trilos e volatas?

«Tudo trabalha aqui p'ra ter comidas bastas:
«Tu n'um silvo imbecil o folego só gastas!

«P'ra que se fez a bocca, ó grande mandrião,
«Foi p'ra soprar na flauta ou p'ra se encher de pão?»

N'isto, o gnomo interrompe o seu tanger ameno,
Bebe um trago, olha o sapo, e responde sereno:

—«Meu velho, desgraçado aquelle que afadiga
«A vida inteira só para encher a barriga!

«Desgraçado quem não quizer ou não poder
«Expandir a alegria immensa de viver!

«Feliz da alma que em si debeis echos encerra
«Da harmonia dos ceus, da harmonia da terra!

«Pois n'um preceito só Deus mandou que se sommem
«As leis da vida: *nem só de pão vive o homem!*»

E sem dizer mais nada, ergueu a flauta á bocca,
Emquanto o sapo vil se arrastava p'r'a toca.

Mano Raposo fica sem jantar

Depois de Mano Coelho ter embellezado a casa com a sua torre, toda a bicharia teve tambem apetite de fazer melhoramentos na casa. Uns arranjaram sotãos novos, outros puzeram persianas nas janellas, outros em summa fizeram qualquer concerto. Vae Mano Raposo, encasquetou-se-lhe nos miolos pôr umas telhas novas no seu telhado.

Mano Coelho, mal isso lhe constou, foi logo metter o bedelho. Chegou ao pé da casa de Mano Raposo, e ouviu logo um grande batuque. Olhou para cima. Lá estava Mano Raposo escarranchado no topo do telhado, a pregar pregos que era mesmo um desespero.

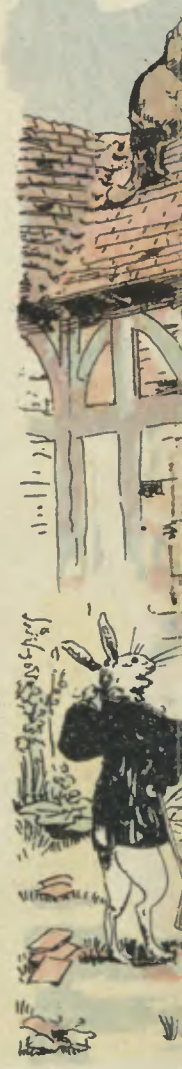
Mano Coelho deitou uma olhadella de soslaio, e viu a um canto o jantarinho de Mano Raposo. Estava mettido n'um cabaz novinho em folha e cheirava que era um regalo. Vae Mano Coelho, começou a crescer-lhe agua na bocca, e fez logo protesto de não sahir d'alli sem metter o jantarinho no bucho.

Então Mano Coelho gritou para Mano Raposo, e perguntou-lhe como ia de saude. Mano Raposo respondeu que tinha muito que fazer e não tinha tempo de dar á lingua. Vae Mano Coelho indagou o que estava elle a fazer, encarrapitado lá em cima. Mano Raposo replicou que estava a concertar o telhado da casa. por via das chuvas. Mano Coelho então perguntou que horas eram, ao que Mano Raposo respondeu que lá para elle eram horas de trabalhar. Vae Mano Coelho perguntou-lhe se não precisava de alguma ajuda, e Mano Raposo respondeu que sim, mas que, co'a bréca! não sabia onde a havia de arranjar.

N'isto, Mano Coelho retorceu o bigode, e djsse assim:

— «Tempo houve em que eu era um barra de martello nas unhas, Mano Raposo. Olhe! Eu cá não sou de cerimonias. Se você quer, vou lá dar-lhe uma ajuda.»

Mano Raposo respondeu que lhe ficava muito agradecido, e vae então Mano Coelho despiu o casaco n'um prompto, e trépou pela



escada acima, e sentou-se no telhado, e n'uma hora collocou mais telhas que Mano Raposo em duas.

Mano Coelho pregou telhas e mais telhas até ficar cansado, mas todo o tempo em que as ia pregando, não pensava senão no meio de chamar á mochila o jantarinho.

E ia sempre martelando, martelando. Pregava uma enfiada de telhas, e Mano Raposo pregava outra. E sempre a martelar, a martelar... Passava adeante de Mano Raposo, depois voltava-lhe para a rectaguarda, até que uma vez, emquanto estava a martelar, metteu-se-lhe de permeio a cauda de Mano Raposo.

Mano Coelho, lá de si para si, disse que não percebia para que serviam umas caudas d'aquelle tamanho, e desviou a cauda para o lado. Ainda mal não a tinha desviado, e zás! a cauda a metter-se-lhe outra vez no caminho. Ora

Mano Coelho, em qualquer cousa lhe empatando as vasas, havia logo por força de inventar alguma arrelia.

Ambos continuavam a martelar, a martelar, vae senão quando Mano Raposo larga das unhas o martelo, e os pregos, e mais uma telha, e desata a berrar:

— «Ai! ai! Mano Coelho! Ai! Olhe que você pregou-me á cauda! Accuda-me, Mano Coelho, avie-se! Você pregou-me a cauda!»

Mano Coelho piscou um olho, depois outro, depois esfregou a testa, e por fim disse:

— «Essa agora, Mano Raposo! Eu podia lá pregar-lhe a cauda! Veja lá o que diz, Mano Raposo! Pelo amor de Deus, deixe-se de brincadeiras!»

Mano Raposo, tudo era berrar, e gemer, e espernear, e ganir.

— «Ai! ai! Mano Coelho! Você pregou-me a cauda! Despregue-me quanto antes, Mano Coelho! Ande! despregue me!»

Mano Coelho encaminhou-se para a escada, poz o pé no primeiro degrau, olhou para Mano

Raposo com um ar muito pezaroso, e disse assim:

— «Ora esta, esta, esta! Então não querem vêr? Então não errei eu a pancada, e não encravei a cauda de Mano Raposo? Uma cousa assim! Nunca na minha vida me vi tão afflicto! Palavra que se eu não visse, com estes que a terra ha de comer, palavra que não acreditava!»

Mano Raposo lá continuava aos berros e aos uivos, mas não lhe servia de nada. Estava alli encravado, com a cauda presa que não havia maneira de se soltar. E Mano Coelho continuava a fallazar, ao passo que ia descendo a escada.

— «Estou tão ralado que nem sei mesmo o que hei de fazer. Fiquei tão afflicto, quando soube do caso, que até parece que sinto um vasio no estomago.»

N'esta occasião, Mano Coelho poz pé em terra, e emquanto Mano Raposo não descançava de berrar, elle ia sempre conversando.

— «Pois é verdade! Sinto a modo um vasio muito grande no estomago. E se não me engano, lobrigo além n'aquelle canto um farnelsinho que cahiu do ceu aos trambulhões.»

N'isto abriu o cabaz, papou a hortaliça, e lambeu a carninha, e chupou a vinhaça, e depois enxugou os beiços com a aba do casaco, e disse assim:

— «Palavra que nunca me vi tão apoquentado como agora, por via da linda cauda de Mano Raposo. Por força que eu tinha a cabeça á razão de juros, quando encravei assim a linda cauda de Mano Raposo.»

E com isto poz-se a andar por alli fóra, e d'ahi a pedaço já elle estava a prégar as tardes n'outro sitio.

Mas, logo depois de Mano Coelho, não havia bicho com mais manha que Mano Raposo. Por isso, apenas viu Mano Coelho pelas costas, arranjou-se conforme poude para se soltar.

Decifrações do n.º 21

I — Vereis amor da patria não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno.

II — Duas variantes da mesma solução:

	1	4	
11	6	7	2
8	10	3	3
	9	12	

	12	9	
2	7	6	11
5	3	10	8
	4	1	

III — No fim de 3 horas, a 48 kilometros de A e a 42 de B.
IV — 72—47—18.

Decifradores do n.º 21

Alberto Ramires dos Reis (3.º) — Abilio Nunes dos Santos (3.º e 4.º) — D. Alice Emma Nunes Correa (3.º e 4.º)— Alvaro França (2.º, 3.º e 4.º)—Affonso Cid Perestrello (1.º, 2.º, 3.º e 4.º)—Carlos Oliveira Ferreira (1.º e 2.º)—D. Cypriana Maria da Silva (4.º)—D. Emilia Barreto (3.º e 4.º)—Ellen Thorn (1.º, 3.º e 4.º)—Gabriel Ramires dos Reis (2.º e 4.º)— Innocencio Victor Costa Marques (2.º e 4.º)—João Faria de Sousa (2.º, 3.º e 4.º)—João Pereira de Freitas (2.º, 3.º e 4.º) —Luiz Romero (4.º)—D. Maliclia (1.º, 2.º, 3.º e 4.º)—D. Maria Romero (3.º)—Menino Julio (4.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I — Charada (offerecida á menina Irene Rolin Geraldes Barba)

A primeira é qualidade
De gente que não é boa;
A segunda é um verbo
E na terceira pessoa.

A terceira é uma só lettra
Que acharás sem te cançar;
A' segunda com a terceira
Agua podes ir buscar.

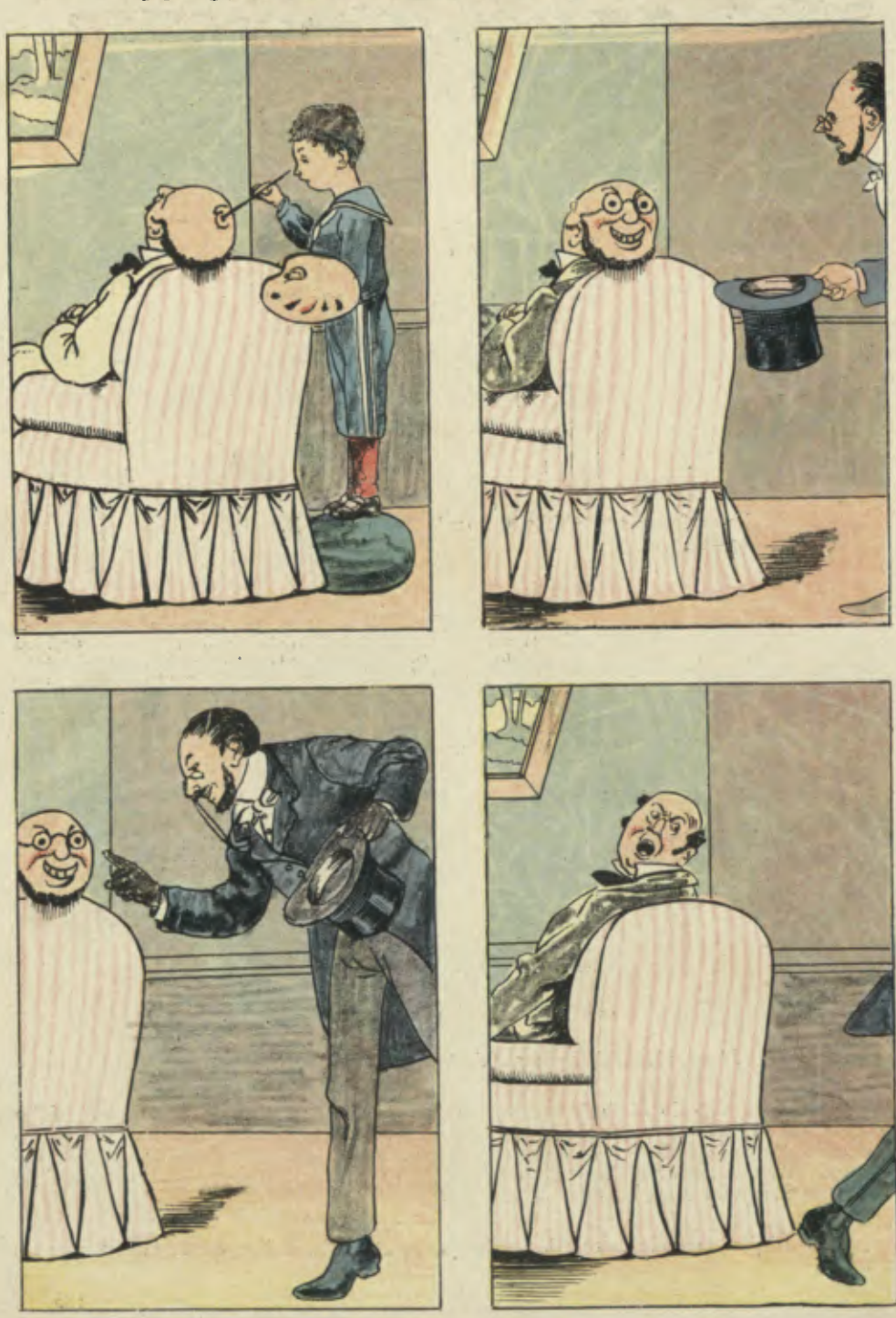
E agora p'ra conceito
Que queres tu que eu lhe dê?
Dou-lhe um nome mui bonito
E mui doce a quem o lê.

Margarida d'Albuquerque do Amaral Cardoso Saraiva.

II — Um amigo do *Gafanhoto*, tendo-se mudado este semestre, deu um litro de vinho de gorgeta aos dois gallegos, que lhe fizeram a mudança. Os gallegos quizeram dividir o vinho egualmente entre si, mas não tinham á sua disposição senão duas medidas, uma de 4, outra de 3 decilitros. Estavam muito atrapalhados, quando o patrão lhes ensinou a maneira de procederem á partilha, apenas com essas medidas. Como foi?

III — Dispôr dezeseis tentos de modo que formem dez fileiras, com quatro tentos em cada fileira.

A CARECA DO PADRINHO



RETRATOS
INSTANTANEOS
GRUPOS
E
AMPLIAÇÕES
Vistas
E
Reproducções
Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84
LISBOA

PARA AS CRIANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sobre a tradição popular
Tres volumes de contos educativos, originaes
Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc.
Preço por assignatura
340 réis cada volume — avulso 400 réis — folheto 60 réis
BREVEMENTE
BIBLIOTHECA DA PUBLICAÇÃO «PARA AS CRIANÇAS»
Os assignantes tem 20 % de abatimento
LIVRARIA GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª, — RUA DE S. ROQUE, 108

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Approvados como hygienicos
por distinctos medicos

Caixa 40 réis

DESCONTOS PARA REVENDER

Aromatisam, extinguem o mau halito e desinfectam

Vende-se nas pastellarias, lojas de chá e mercearias

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
Rua dos Retrozeiros, 141
LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º
(á P. Luiz de Camões)
LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Serradores

Medalha de ouro

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Paris 1900

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

XX

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhoras e creanças

CASA FUNDADA EM 1842

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63—Rua Nova do Almada—63

LISBOA

C.me da Silva Spratley & C.a

ANTIGA CASA

DE

A. A. DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS.—

Contem o leite puro das vaccas suissas.

ALBINO J. BAPTISTA

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISITAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79, Rua do Alecrim, 79

LIVRARIA FERIN

Atlas Jogo de Paciencia

Para creanças apprenderem Geographia Geral como divertimento

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Pariz, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins

DE

Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

Especialidade em enxovaes para senhoras e creanças

105, R. N. do Almada, 107

LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

Fatos e abafos para meninos

São um verdadeiro encanto os moldes de fatos e abafos para meninos, recebidos esta estação, das principaes casas de Londres e Pariz.

Estes modelos são reproduzidos com a mais rigorosa exactidão nos nossos ateliers, para o que possuimos um pessoal habilitadissimo e toda a sorte de fazendas proprias.

Em reserva, *promptos a vestir*, temos sempre um enorme e lindissimo sortimento de *fatos*, *sobretudos*, *capas* e *capotes* em todos os generos e para todas as edades.

A nossa casa é a unica no paiz que póde competir n'este ramo de confecção com as casas similares estrangeiras.

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

ILLUSTRAÇÕES A CÔRES

DIRECTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Summario do N.° 24

A GUERRA
DOMESTICAÇÃO DE PASSARINHOS
O SOLDADO DE FOGO
A RAPOSA E OS GANSOS
CONTO ENCARNADO
O GRAOSINHO DE CENTEIO
CAIXA DE SURPREZAS
GAFANHOTO

LIVRARIA FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74

LISBOA

ESCOLA ACADEMICA

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Calçada do Duque

LISBOA

Casa de Novidades

145—Rua do Ouro--149

Fabrica de flores, corôas e plantas artificiaes

Floristas—Decoradores

Completo sortimento de corôas em flores de panno, em biscuit e flores de pennas.

Flores artificiaes e folhagens para modas festivaes, bailes, etc.

Palmitos em flores de panno, lata, papel e biscuit para adornos de egrejas, jazigos e andores.

Flores soltas em biscuit—Plantas e arbustos, flores cortadas.

Vasos com plantas desde 500 réis!

Flores para chapeus, piquets e grinaldas para chapeus. Flores pretas.

CHA CANTO

DEPOSITOS

LISBOA	PORTO
67-Rua do Crucifixo	5-R. de S. Francisco

DEPOSITARIO DE «**A EDITORA**»

Antiga casa David Corazzi

N'este estabelecimento encontram-se as mais modernas publicações para creanças

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇOES

R. de S. Nicolau, 71 e 73—Lisboa

(Entre a R. Augusta e R. do Ouro)

J. VLLAS BOAS

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Doenças das senhoras

P. Luiz de Camões, 46-1.º

LISBOA

LIVRARIA FERIN

Fornecedora da Casa Real

Encontram-se n'esta livraria todas as novidades educativas, litterarias e scientificas para creanças, tanto em portuguez como em francez, inglez e allemão

Sortimento completo dos volumes da **Bibliotheque Rose Illustrée** e dos 7 volumes que estão traduzidos para portuguez, d'esta Bibliotheca.

Para creanças as publicações mais recentes são:

L. A. — *Contos infantis.* — 1 vol.	br. 700	cart.	1000
Gi. — *Fada tentadora.* — 1 vol.	br. 700	cart.	900
Gi. — *Historias.* — 1 vol.	br. 500	cart.	700
Perrault. — *Contos de fadas.* — 1 vol.	br. 200	cart.	300
G. Junqueiro. — *Contos para a infancia.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
A. de C. Osorio. — *As boas creanças.* — 1 vol.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Contos Maravilhosos* — 7 vol. cada.	br. 400	cart.	600
» » » » — *Alma infantil*	br. 500	cart.	700
Zuzarte de Mendonça. — *Arvore de Natal*			200

QUINZENARIO ILLUSTRADO PARA CREANÇAS

Condições d'assignatura

Anno	1500
Semestre	800
Trimestre	450
Numero avulso	80

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente na administração do GAFANHOTO Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

E' editor do GAFANHOTO o Sr. Abilio da Cruz Madeira.

OFFICINA
PHOTOMECHANICA
S.to AMARO 4 LISBOA
Cromotypia.
Phototypia.
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO

O GAFANHOTO

AOS SEUS LEITORES

Como já dissemos, o GAFANHOTO apresenta-se para o numero seguinte de fato novo, afim de festejar o seu primeiro anniversario. Além d'isso melhora consideravelmente, augmentando cada numero com quatro paginas, as quaes, sob o titulo geral de *Caixa de Surprezas do Gafanhoto,* incluirão, além das especies que até hoje teem feito parte d'esta secção, artigos sobre jogos, brinquedos, modas de bonecas, exercicios de redacção (estampas mudas), sciencias recreativas, etc., etc. E tudo isto a mais, *sem augmento de preço.*

A administração e redacção do GAFANHOTO installa-se desde 1 de abril proximo em deante para a

RUA IVENS, 12

para onde passará a ser dirigida toda a correspondencia.

A GUERRA

Menino Alberto, com fortes gritos,
Só pensa em guerras, todo valente:
Eis como elle arma com seus bonitos
A grande guerra do Extremo Oriente.

Por avenidas marcham formosas
As tropas russas de pau e chumbo:
Olham-nas damas, todas dengosas...
E a artilheria tróa no bumbo!

Os japonezes, cheios de glorias,
Bailam em roda, n'uma veneta
De celebrarem suas victorias,
Com as marimbas, mais a corneta.

Os paes contemplam os bonifrates,
D'esse arreganho sentindo orgulho;
Mas dizem sempre: «Vê se combates
«Com muita furia... mas sem barulho!

Domesticação de passarinhos

Ora aqui está um galante entretenimento que o *Gafanhoto*, embora não lhe deem os passaros direito a grandes ternuras, recommenda calorosamente aos seus pequenos amigos.

É sabido como, todos os dias a hora certa, os pombos de Veneza costumam juntar-se na praça de S. Marcos para um bodo de milho que lhes é distribuido, graças a uma excellente creatura que em testamento lhes deixou esse regabofe quotidiano.

Estão os animaesinhos tão habituados ao banquete que, em soando a primeira badalada da hora marcada, acorrem pontualmente de todos os lados, em revoadas doidas, reunindo-se no local que lhes serve de casa de jantar.

Beneficio analogo faz aos pombos vadios de Lisboa um meritorio estanqueiro n'um dos kiosques do Rocio.

É abi por volta das quatro horas, creio eu, que elle faz á sua custa a distribuição do regalo. E é de ver a ancia com que os pombos esvoaçam em direitura do kiosque, a graça com que se agrupam defronte do balcão, a avidez com que se precipitam para os graosinhos vermelhos que saltitam sobre o mosaico, a gula com que, n'um abrir e fechar d'olhos, n'um rapido estremecer de azas, os fazem desapparecer.

Mas não é de pombos que tratamos agora, que esses afinal são bichos facilmente domesticaveis. É de avesitas muito mais pequenas, que conseguem amansar-se á força de paciencia e de bondade.

Ha em Paris um sujeito, Monsieur Pol, que tem por amigos os pardaes vadios do jardim das Tulherias. Todos os dias sem falta lá vae, sempre ás mesmas horas, com a sua provisão de migalhas, grãosinhos de cereaes, etc. Os passaritos acercam se d'elle sem medo algum, saltam-lhe para os hombros, para os braços, para as maos, gratos pela caridade com que o bom do homem lhes mata a fome. Quando se sentem doentes, chegam a aninhar se lhe na mão, como a pedirem cuidados e confortos. Então, Monsieur Pol leva-os para casa, aquece-os, trata-os carinhosamente, mas quasi todos só no ultimo extremo recorrem a elle, e, sequer ao menos, morrem descansados no calor de uma casa, coitadinhos!

Como se consegue esta affeição dos passaritos, conta-nos um outro domesticador, um padre inglez, chamado Francis Irwin. Diz elle que o systema é distribuir generosamente migalhas de pão, de queijo ou de noz, especialmente no inverno, sempre a horas certas e no mesmo sitio. Os animaes aprendem dentro em pouco a reunir-se n'esse logar, ainda antes da chegada do seu bemfeitor. Depois perdem a pouco e pouco o medo, até se deixarem ficar emquanto lhes atiram o alimento. Finalmente, algum mais valente atreve-se a debicar na mão espalmada no chão, e acaba por vir pousar resolutamente nos dedos. Um tentilhão domesticado pelo Reverendo Irwin leva a ousadia até lhe fazer da mão mesa de jantar e limpar-lhe de vez em quando o bico aos dedos, como um malcreadito que é.

Não é aos pardaes que o benemerito inglez se dedica de preferencia, porque, diz elle, são tão numerosos e glutões que espantam todos os outros passaros, a não ser talvez os pintarroxos. Quanto aos tentilhões e aos melbarucos, esses nem sempre julgam que valha a pena voltar ao banquete.

No inverno de 1903, o Reverendo conseguira amansar completamente os pintarroxos, mas nos começos de abril tornaram-se ariscos e rixosos, talvez por lhe terem sido saqueados os ninhos por algum mofino gato. Mas d'ahi a cousa de dois mezes, parece que já tinham feito as pazes, e voltaram á antiga mansidão. Pelo tempo em que elles andavam bravios, eram os tentilhões que estavam mais domesticados. Chegaram a dez os que pousavam sem receio na mão do bom padre, e d'esses dez, havia seis que vinham apanhar-lhe as migalhas na bocca. Uma femea tinha a galanteria de voar para os beiços do seu amigo, sacar de lá as migalhas, e ir distribuil-as pelos biquinhos abertos dos seus pequenos. Havia outras ninhadas de passaros, entre os quaes tentilhões e alveloas, que eram alimentadas pela mesma fórma.

O melhor meio de attrahir estes visitantes alados é, segundo affirma o Reverendo Irwin, engodal-os á janella com uma ampla provisão de migalhas.

Foi essa experiencia que elle fez o anno passado, e o resultado foi excellente. Nem mesmo na primavera e no verão se passou um dia, sem uma continua e variada concorrencia de visitas, incluindo, além dos passaros já citados, outros na apparencia menos domesticaveis, como carriças, melros e tordos.

Experimentem tambem os nossos pequenos leitores, com afinco e muita paciencia, e digam-nos depois se os resultados correspondem aos casos observados na França e na Inglaterra.

O soldado de fogo

Uma vez, durante o segundo cerco de Diu, estava um dos baluartes portuguezes defendido por Antonio Moniz Barreto, que tinha apenas ás suas ordens dois soldados, contra uma grande multidão de inimigos. Tanto era o fogo lançado por estes, que os valentes defensores estavam verdadeiramente abrazados. Para se refrescarem, mettiam-se de quando em quando n'umas tinas d'agua.

Para ellas se dirigia Antonio Barreto, quando um dos soldados o deteve, exclamando:

— «Assim vos ides, e deixaes perder o baluarte de el-rei?»

— «Vou-me banhar n'aquellas tinas,» respondeu Antonio Moniz, «porque estou ardendo em fogo.»

Mas o soldado replicou com arreganho:

— «Se tendes os braços sãos para pelejar, o resto não vale de nada.»

Ficou Antonio Moniz tão espantado d'esta heroica replica que d'alli avante protegeu muito o soldado, a quem deu a alcunha de soldado de fogo, pela qual ficou conhecido na historia.

A RAPOSA E OS GANSOS

Veiu uma vez uma raposa a um prado onde andava a repastar um bando de gansos, bellos e nedios.

— «Chucha!» disse ella a rir. «Isto é que é sorte! Andam tão juntinhos, que não é mais senão chegar-me ao bando e il-os agarrando um a um.»

Os gansos, apenas deram com os olhos na raposa, desataram a grasnar de susto, implorando afflictos que lhes poupasse a vida.

Mas a raposa fazia ouvidos de mercador, e ia repetindo:

— «Escusam de contar com a minha misericordia. Vão todos morrer.»

Até que um dos gansos tomou mais alento, e disse:

— «Ó senhora raposa, deve convir que isto sempre custa! Uns pobresinhos de uns gansos, ainda na flor da vida, esganados assim sem mais nem menos! Sequer ao menos, faça-nos um obsequio. Depois, nós iremos enfileirar-nos, e a senhora raposa escolherá á vontade o que lhe pareça mais bem fornido de carnes.»

— «Então que obsequio é esse?» perguntou a raposa.

— «Ora essa! deixar-nos rezar antes de morrermos.»

— «Pois vá lá!» replicou a raposa. «Acho o requerimento justo. Rezem lá, que eu cá fico á espera.»

Vae o primeiro ganso começou uma oração muito comprida, bradando continuamente:

— «Quá! Quá!»

Como não parava, o segundo pegou-lhe na palavra, e seguiu repetindo:

— «Quá! Quá!»

O terceiro e o quarto imitaram-no logo, e d'alli a pouco era uma ingrezia de grasnidos que ninguem se entendia.

Continuar-se-ha a historia quando elles pararem. Por emquanto ainda proseguem nas suas orações.

CONTO ENCARNADO

1.º Das obras que houve em casa, inda restaram tintas:
Pilhou-as o rapaz; está nas suas tres quintas.

2.º Os peixes hão de ter vida alegre e folgada,
Como encarnados são, dentro de agua encarnada.

3.º O tótó mais o gato, em se mirando ao espelho.
Vaidosos ficarão, com seu lombo vermelho.

4.º O avô ha de ficar contente como um alho,
Por na tela se ver ruivo em vez de grisalho.

5.º E a farda do papá, que é tão escura, já fica,
Pintada a vermelhão, mais vistosa e mais rica.

6.º Mas os paes, ao voltar, vendo tanto rubor,
Ficam rubros tambem, mas esses de furor.

7.º Mais inda que no fato, em breve o nosso heroe
Nodoas vermelhas tem no corpo que lhe doe.

O GRÃOSINHO DE CENTEIO

SOCEGADINHO, a dormir no seio macio e protector da terra, jazia o pequenino grão de centeio.

Lá por cima, os ventos agrestes de fevereiro arripiavam as arvores nuas, e a geada nocturna inteiriçava os torrões; mas o grãosinho sabia lá o que era vento e o que era geada!

Aninhado no seu berço escuro, dormia, dormia, dormia...

Eis senão quando, n'uma fria manhã accordou de repente, quando o sol da primavera estirava a sombra dos troncos despidos pelas leiras foscas do campo.

Sentiu um apetite novo e extranho de se agitar, de se puxar para o alto .. para onde, nem elle sequer percebia. Era como se alguma voz prodigiosa o chamasse, voz a que lhe não era possivel resistir, voz que o reclamava para a vida e para o movimento. Dispoz-se a obedecer; e notou então que do seu corpito surdia um rebento verde, muito delgadinho e franzino, mas com força de crescer e de abrir caminho atravez da terra.

— «Essa agora!» exclamou um bicho gordo e vermelho que estava confortavelmente enroscado ao pé d'elle. «Então onde é a ida?»

— «Lá para cima, a furar a terra. Estão-me chamando e eu quero lá ir.»

— «Pois olha! Se eu estivesse no teu caso, não era eu que me incommodava!» redarguiu o bicho com voz arrastada e preguiçosa. «Está-se tão socegadinho cá por baixo! Quanto mais se puxa para cima, mais desamparo e mais perigos!»

— «Porque?» perguntou o grãosinho.

— «Ora porque! Vaes deixar os amigos velhos para te espetares sósinho, ao frio, no topo de uma haste quebradiça, ao passo que podias aqui ficar muito descançado, dentro da terra macia e quentinha. Lá por cima, é rabanada de vento para um lado, rabanada para o outro, que não sabe a gente para onde se ha de voltar. E se os passarinhos não te pilharem, dá graças a Deus! Dou-me a perros para entender que mania é essa que vocês teem, vocês todas, sementinhas traquinas, de pularem para a luz, como vocês dizem. Pois olha! Eu cá por mim nunca vi a luz, e nem por isso tenho tido peior vida. Ainda mais! Ahi está a minha avó que nunca lhe poz a vista em cima, e olha que morreu de velha, e era pessoa de muito respeito! Toma o meu conselho: deixa-te estar, que estás bem!»

O grãosinho sentiu-se abalado. Lá de si para si, estava meio tentado a seguir o conselho do bicho. Ainda hesitou um momento, mas afinal atirou para o alto o rebentinho verde, com mais resolução do que antes, e exclamou :

— «Nada ! quero ir por força ! Eu posso lá ficar socegado !»

A terra macia foi-se abrindo como para o ajudar, e as gotas de chuva, que lá em cima chapinhavam, foram-se infiltrando até que chegaram a elle. Sorveu com delicia aquella humidade, e teve um sobresalto de triumpho ao perceber que o rebento ia crescendo de hora para hora, cada vez mais alto e mais forte.—«Muito bom é a gente crescer!» disse elle. Mas veio então um periodo de secca. Estavam os campos tostados de sede, as leiras estalavam em largas fendas, a suspirarem debalde por um chuvisco. O grãosinho sentiu que as forças lhe minguavam, e que a vergontea, já comprida e delgadinha, perdia a rijeza e a côr. Sem vigor para se extender para o alto, o pobre grão ficou por algum tempo immovel de fraqueza. — «Bem te dizia eu !» bradava lá de longe o bicho. «Vê lá a asneira que fizeste, em te apartar dos amigos velhos, para vires a morrer no meio do caminho. Se não te mechesses tanto, já não tinhas essa sede. Eu cá é cousa que nunca tenho. O melhor é deixares-te de crescer mais, e ficares por onde estás.»

— «Isso é que nunca !» bradou o grãosinho, desatando outra vez a atirar-se com desespero para cima. Tinha a delicada vergontea toda magoada, a deitar sangue. Esbarrara com um seixo muito duro, e não tinha força para o afastar.

— «Em vindo a chuva, experimento outra vez», disse elle comsigo. «Até lá, é ter paciencia.» Por fim, chegou a chuva em bategas opulentas. As gotas bemfazejas banharam-lhe os flancos doridos. Pelas raizes resequidas bebeu, bebeu, que foi uma delicia.

— «Agora hei de vencer !» exclamou. O seixo importuno deslocou-se, o rebento cresceu até deitar de si uma florinha tenra mas vigorosa.

Uma fresca manhã dos começos de abril, deu-se o caso maravilhoso. Cedera o ultimo torrãosinho de terra, e a tenra folhinha surgiu á luz. Fluctuavam pelo ceu claro umas nuvensinhas rosadas, e n'isto, o sol subiu, dourado e majestoso, acima do horisonte.

A folhinha arquejou de alvoroço. Estremeceu de commoção a haste franzina.

— «Que vem a ser aquella cousa deslumbrante ?» balbuciou o grãosinho.

Ao pé d'elle erguia-se um pé de centeio, já mais velho e experiente.

— «É o sol !» respondeu elle com affabilidade. «Graças que chegaste cá acima ! Es um valente ! Fizeste a jornada depressa, se levarmos em conta a maldita secca. Olha que me deste cuidados deveras !» A folhinha estava ainda a tremer.

— «Agora já sei de quem era a voz,» disse o grão. «Era o sol que me chamava. Que prodigio que é isto de crescer !»

— «Se é !» redarguiu o outro. «Pois agora vae crescendo, crescendo, sempre para o alto, sem parar um instante. Qualquer dia estamos ahi empinados e rijos, coroados de raios de ouro, promptos para servir aos homens.»

— «Ah ! Ainda bem que obedeci áquella voz !» murmurou o grãosinho. «Muito bom é crescer !»

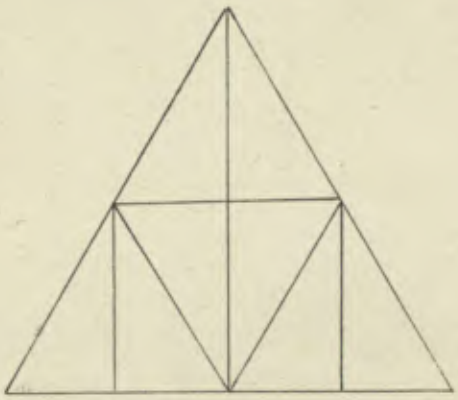
Caixa de Surprezas

Mais decifradores do n.º 21

Carlos Guilherme Nunes Ferreira (1.º, 2.º, 3.º, 4.º)—Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º, 3.º, 4.º)—D. Flora Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º, 4.º)—Luiz Alberto Miranda da Costa (1.º, 2.º, 3.º, 4.º)—D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (1.º, 3.º, 4.º)—Mario Moraes Affonso (1.º, 2.º, 3.º, 4.º)—D. Philippa de Vilhena da Torre do Valle (3.º)—D. Vera Isabelle Quin (2.º, 3.º, 4.º)

Decifrações do n.º 22

I — Divide-se o triangulo como se vê na figura junta.



II — 24 e 15 annos.

III — O lettreiro era o seguinte

	O	U	R	O	
P	R	A	T	A	
P	E	D	R	A	S
	F	I	N	A	S

Decifradores do n.º 22

Abilio Nunes dos Santos (2.º)—Affonso Cid Perestrello (1.º, 2.º)—D. Alice Emma Nunes Corrêa (1.º, 3.º)—Carlos Guilherme Nunes Ferreira (1.º, 2.º)—Carlos Oliveira Ferreira (1.º, 2.º,—D. Clara Santos da Silva Telles (1.º, 2.º)—Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º) D. Engenia Woodhouse (1.º, 2.º)—João Pereira de Freitas (1.º 2.º)—D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º)—Luiz Alberto Miranda da Costa (1.º, 2.º)—Luiz Romero 2.º)—D. Margarida d'Albuquerque do Amaral Cardoso e Saraiva (1.º, 2.º)—D. Philippa de Vilhena da Torre do Valle (1.º, 2.º)

O *Gafanhoto*, para celebrar o seu primeiro anniversario, resolveu offerecer seis premios de honra, constando de um lindo livro de *Contos Infantis*, aos seus pequenos assignantes que, até ao numero 22 inclusivè, mais se teem distinguido na decifração dos problemas e adivinhas da sua *Caixa de surprezas*. Feitas as contas pelo numero de decifrações enviadas e que figuram nas listas de todos os numeros, achou o *Gafanhoto* que tinham direito a esse premio os seguintes assignantes, pela ordem relativa ao numero de vezes que figuram:

D. Elvira Ferreira de Mesquita
Duarte Ressano Garcia
D. Engenia Woodhouse
D. Luiza Woodhouse
D. Maria Luiza Lencastre Ferrão
D. Irene Rolin Geraldes Barba

Merecem ser mencionados, alem d'isso, pela sua assiduidade n'essa tarefa de decifrações, os seguintes assignantes:

Affonso de Mello Cid Perestrello
Alberto de Portugal Corrêa de Lacerda
Carlos Guilherme Nunes Ferreira
João Pereira de Freitas
Luiz Alberto Miranda da Costa
D. Maria Celeste da Rocha Soares Barbosa
Mario de Moraes Affonso
D. Rosina Aurelia da Motta Araujo Leite Maciel
D. Vera Isabelle Quin

O premio será opportunamente remettido aos assignantes premiados.
E o *Gafanhoto* sauda a todos, até ao prospero começo do seu anno novo.

O TEMPO—PODE-FECHAR-ESSA JÁ ESTÁ VISTA . VAMOS ÀS OUTRAS....

RETRATOS
INSTANTANEOS
GRUPOS
E
AMPLIAÇÕES
Vistas
E
Reproducções
Todos os dias

Libanio & Martins

FAZENDAS E MODAS

Atelier de Vestidos

Rua do Carmo, 80, 82 e 84
LISBOA

PARA AS CRIANÇAS

Publicação mensal

Sete volumes de contos phantasticos sobre a tradição popular
Tres volumes de contos educativos, originaes
Magnificas illustrações de Leal da Camara, Conceição Silva, etc.
Preço por assignatura
340 réis cada volume — avulso 400 réis — folheto 60 réis
BREVEMENTE
BIBLIOTHECA DA PUBLICAÇÃO «PARA AS CRIANÇAS»
Os assignantes tem 20 % de abatimento
LIVRARIA GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª, — RUA DE S. ROQUE, 108

PALITOS JAPONEZES

O mais agradavel para depois das refeições

Approvados como hygienicos
por distinctos medicos

Caixa 40 réis

DESCONTOS PARA REVENDER

Aromatisam, extinguem o mau halito e desinfectam

Vende-se nas pastellarias, lojas de chá e mercearias

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
Rua dos Retrozeiros, 141
LISBOA

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Rua do Alecrim, 111, 1.º
(á P. Luiz de Camões)
LISBOA

PAPELARIA PALHARES

141, Rua do Ouro, 143

Armazem de Viveres

DE

JOSÉ DA COSTA

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

Importação directa

Telephone 1005

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Ouro Velho, 23, ao Chiado

Telephone 864

Serradores

Medalha de ouro

R. do Alecrim, 47, Lisboa

Paris 1900

Se quereis finissimos licores de todas as qualidades, cognacs e xaropes, exigi-os da

Fabrica ANCORA

fornecedora da Casa Real e unica fabrica de Portugal premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial do Porto 1897 e Universal de Paris 1900.

Sapataria Seculo Vinte

X X

A. J. DOS REIS

Especialidade em calçado
de homens, senhoras e creanças

CASA FUNDADA EM 1842

Premiado com as medalhas de ouro e prata nas exposições Industrial Portugueza de 1888 e Universal de Paris.

63—Rua Nova do Almada—63

LISBOA

G.me da Silva Spratley & C.a

ANTIGA CASA

DE

A. A. DA SILVA, Successores

Fundada em 1840

Deposito de vinhos
do Porto para consumo
e exportação

ESCRIPTORIO

162, RUA DO ARSENAL, 164

LISBOA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

para

CRIANÇAS e PESSOAS EDOSAS.—

Contem o leite puro das vaccas suissas.

ALBINO J. BAPTISTA

LISBOA

NINGUEM DEIXE DE VISIAR ESTA CASA

VINHOS DO PORTO E OUTROS VINHOS FINOS

DE

Portugal

P. de Magalhães, Dejante & C.ª

Fornecedores do corpo diplomatico portuguez

79. Rua do Alecrim. 79

Atlas Jogo de Paciencia

Para creanças apprenderem Geographia Geral como divertimento

LIVRARIA FERIN

ARANHA & C.ª

272, Rua Augusta, 276

LISBOA

Encontram-se n'este estabelecimento um variado e completo sortimento de vestidos para meninas, copiados dos modelos mais elegantes de Paris e Londres.

—

Fatos completos para meninos de todas as edades.

A "CARMELITA"

RUA DO CARMO. 21

LISBOA

Grande sortimento de chapeus modelos para senhoras e creanças. Os ultimos modelos de Paris, confecções elegantes.

Preços modicos

ROUPARIA PARIS

DE

QUEIROZ & RIBEIRO

Especialidade em vestidos e chapeus para creanças e roupas para senhoras e creanças

Tecidos, algodão, e bordados

Salão de Jogos

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES
TODOS OS MEZES

SORTIMENTO
MONSTRO EM JOGOS
PARA CREANÇAS

VIUVA DE J. A. DE SENNA
48, Rua Nova do Almada, 50
LISBOA

Retrozaria e Rouparia Martins
DE
Eduardo Martins & C.ª

Especialidade em enxovaes para senhoras e crianças

Especialidade em enxovaes para senhoras e crianças

105, R. N. do Almada, 107
LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.ª

Fatos e abafos para meninos

São um verdadeiro encanto os moldes de fatos e abafos para meninos, recebidos esta estação, das principaes casas de Londres e Pariz.

Estes modelos são reproduzidos com a mais rigorosa exactidão nos nossos ateliers, para o que possuimos um pessoal habilitadissimo e toda a sorte de fazendas proprias.

Em reserva, *promptos a vestir*, temos sempre um enorme e lindissimo sortimento de *fatos*, *sobretudos*, *capas* e *capotes* em todos os generos e para todas as edades.

A nossa casa é a unica no paiz que póde competir n'este ramo de confecção com as casas similares estrangeiras.

O GAFANHOTO

14

O GAFANHOTO

Nº 25 ABRIL 1904

PRIMAVERA

Quando chega a Primavera,
Surdem as Fadas em bando,
Rindo, saltando, cantando.

A Terra, anciosa, já espera,
Cheia de amor e carinhos,
O trilhar dos seus pesinhos.

E a cada passo ligeiro,
Em cada leira galgada,
Em cada sebe tocada,

A cada riso fagueiro,
A cada suspiro apenas
Das suas boccas pequenas,

Uma flor, logo outra, á face
Da terra negra desponta,
Como um cofre que lançasse
Um rôr de joias, sem conta.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

O REI JAMEGÃO

Conto africano

O rei Jamegão era um macacão já velho, de muito juizo—não tanto talvez como elle imaginava, o que aliás acontece á maior parte da gente. Em todo o caso, governava com bastante acerto o cantinho de floresta que era o seu reino.

Dava cada pulo de um ramo para outro, graças ao comprimento dos braços, que era mesmo um relampago; e corria tão depressa e com tanto folego que não havia quem o apanhasse.

Ora o rei Jamegão andava só com os dois pés no chão, e era por isso principalmente que elle se dava ao respeito. Mas escutem agora a triste historia que fez com que elle perdesse essa habilidade, e se visse obrigado a andar a quatro patas, que é como andam os outros bichos.

O maior dos subditos do rei Jamegão era um elephante, e o mais pequeno uma formiga. Alem d'estes, continha o reino um cão, mais um gato, mais um rato, mais uma poça de agua, mais um cacete, mais uma fogueira accesa entre sarças.

É bem de ver que os meninos teem visto o lume espirrar, dar estalos e apagar-se por fim, quando lhe deitam agua em cima. Pois o que havia de extraordinario na poça do rei Jamegão era que, por mais agua que deitassem em cima da fogueira, esta cada vez ardia mais.

—«É que a agua e o fogo são amigos,» dizia o rei Jamegão.

Da mesma fórma o gato nunca mordia no rato; o gato e o cão brincavam um com o outro, que era um gosto vel-os; o cacete ia tratando pacatamente da sua vida, sem bater no cão; e a formiga nem pela cabeça lhe passava a gana de morder no elephante.

Isso sim! Viviam todos elles em paz e harmonia, até que um maldito alfayate se apresentou ao rei, a queixar-se de que lhe tinham esburacado o panno.

Não ha nada que mais zanga faça —não é verdade?—do que apparecer de repente um desmancha-prazeres, quando a gente está no melhor da festa. É a ama a dizer que são horas de ir fazer óó, é a mestra a bradar que são horas de lição, é a creada a ralhar porque lhe estão a sujar a casa... Uma ralação!

Pois foi uma coisa assim parecida que succedeu no reino do rei Jamegão. Viviam todos muito felizes, eis senão quando surde o mofino alfayate, mostrando o panno com seis buracos.

—«Vossa Majestade ha de attender-me,» disse elle. «Pensava eu que quem tinha feito isto era o rato, mas elle grita que foi o gato, e o gato affirma que viu o panno na bocca do cão. Vae o cão, diz que foi o cacete; o cacete

declara que foi a fogueira; a fogueira jura que a culpa foi da agua. A agua nega redondamente, e diz que quem rasgou o panno foi o elephante; e vae o elephante, deita as culpas para cima da formiga.»

—«E vae depois?» disse o rei, com cara de caso.

—«Vae depois andam todos ás upas por causa do panno. Chame-os Vossa Majestade e interrogue-os, para ver se se apura a verdade.»

—«Andam ás upas? Valha-me Deus! Nunca se viu isto cá no meu reino! Vou conferenciar sobre o caso com o meu primeiro ministro, e veremos o que se ha de fazer. Faça favor de se sentar.»

O alfayate cruzou as pernas em cima do relvado, e puxou pelo novelo e pelo dedal.

—«Nada de remendar os buracos,» accudiu o esperto macacão. «Senão elles affirmam que os não havia.»

—«Não caia Vossa Majestade em consultar o ministro,» replicou o alfayate. «Olhe que elle é capaz de lhe aconselhar alguma tolice.»

Com esta ficou o rei desgostoso deveras. E que tinha grande confiança no chacal, que era o primeiro ministro; e alem d'isso, como todas as pessoas reaes, não gostava que lhe fallassem tanto á mão.

Comtudo, o alfayate dissera a verdade. O chacal era um sujeitinho maldoso, e quem lhe seguia os conselhos quasi sempre ficava de mau partido.

O rei Jamegão foi-lhe contar o que succedera. Fartaram-se de cochichar os dois, até que o rei abanou a cabeça, e o chacal se poz a andar para ir convocar os subditos do reino.

Formaram-se todos por ordem — o ratinho cinzento, o gato, o cão malhado, o cacete, e logo a seguir a fogueira, e do outro lado da fogueira a poça da agua. Para alem da poça estava o elephante, e ao pé d'elle, no topo de uma folhinha de herva, a formiguinha preta.

—«Mostre lá o panno,» ordenou o rei Jamegão ao alfayate.

O alfayate extendeu o panno.

Lá estavam os seis buracos.

—«Qual de vocês fez isto?»

—«O rato,» gritou o alfayate.

—«O gato,» guinchou o rato.

—«O cão,» miou o gato.

—«O cacete,» ladrou o cão.

—«A fogueira,» berrou o cacete.

—«A agua,» assobiou a fogueira

—«O elephante,» soluçou a agua.

—«A formiga!» bramiu o elephante.

—«Vossa Majestade bem vê que nenhum d'elles se dispõe a confessar,» disse o chacal.

—«N'esse caso, o melhor é que elles se castiguem uns aos outros,» replicou o rei. «Mestre alfayate, vossemecê a quem accusa é ao rato?»

—«Sim, meu senhor.»

—«Ó gato, morde no rato.»

O gato ferrou uma mordidela mestra no rato.

—«Ó rato, tu accusas o gato?»

—«Accuso!» guinchou o rato com todas as forças.

—«Ó cão, morde no gato!»

O cão rosnou e enterrou a dentuça no pello do gato.

—«Ó gato, tu accusas o cão?»

—«Sim, meu senhor!

—«Anda aqui, cacete, bate no cão!»

—«Foi a fogueira,» disse o cacete todo escamado.

—«Ó fogueira, queima o cacete! Ó agua, apaga a fogueira! Ó elephante, bebe a agua! Ó formiga, morde no elephante!»

—«Ora graças!» bradou o chacal, dando pulos de contente. «Acabou-se n'este reino a paz e o socego!»

E assim foi. De então para cá, o gato desatou a morder no rato, o cão ás dentadas ao gato, a formiga ás ferroadas ao elephante, ao passo que o lume continuou a queimar o pau, e a agua a apagar o lume.

—«Arranjei-a bonita, não haja duvida!» disse o rei ao chacal. «Posso limpar a mão á parede por ter dado ouvidos aos teus conselhos!»

E por castigo da sua p[illegible]oice, o rei Jamegão perdeu a habilidade de andar sobre as duas pernas e passou a andar nas quatro patas, tal qual como os outros bichos. E perdeu tambem o nome de Jamegão; d'alli por deante elle e mais toda a sua raça ficaram-se chamando macacos.

Marchava um soldado pela estrada fóra — um, dois! direita, esquerda! Ia de mochila ás costas e espada á cinta, porque tinha andado na guerra e estava morto por se vêr na sua casinha. Vae senão quando, encontrou-se com uma bruxa muito velha, feia de metter medo, com uma beiçana que lhe cahia sobre o queixo. E a bruxa disse assim:

— «Boas tardes, camarada! Que linda espada que tu tens, e que mochila tamanha! Ès um militar ás direitas! E se quizeres, pódes ter dinheiro a rodo!»

— «Quem me dera isso!» replicou o soldado.

— «Pois então, olha! Vês aquella arvore muito grande?» perguntou a bruxa, apontando para uma arvore que estava mesmo ao pé d'elles. «Lá por dentro, é ôca de todo. Tens de marinhar até á copa, depois deixa-te escorregar pelo interior do tronco até chegares ao fundo. Eu ato-te uma corda á cintura, e, em tu me chamando, puxo-te outra vez para riba.»

— «E o que é que eu vou lá cheirar dentro da arvore?» perguntou o soldado.

— «Vaes apanhar grossa maquia,» redarguiu a bruxa. «Ora escuta lá. Em tu descendo por uma cova que fica por debaixo da arvore, has de ver-te n'uma casa muito grande, toda illuminada com trezentos candeeiros. Vae depois, has de vêr tres portas; pódes abril-as, porque as chaves lá estão penduradas ao pé. Se entrares no primeiro aposento, has de vêr um grande cofre no meio da casa, e em cima do cofre um cão sentado, com cada olho tamanho como um pires. Mas não tenhas medo. Levas comtigo o meu avental de riscado azul, e has de extendel-o no meio do chão. Depois, n'um prompto, agarras no cão e põel-o em cima do avental. Em seguida, abres o cofre, e tiras de lá de dentro quanto dinheiro poderes. São moedas de cobre: se preferes prata, então vae ao segundo aposento. Está lá um cão com cada olho tamanho como uma mó de moinho. Mas não tenhas medo. Põe-o em cima do avental, e tira dinheiro á vontade. E se antes quizeres ouro, tambem pódes apanhal-o á farta, o ponto é entrares no terceiro aposento. Em cima do cofre está um canzarrão com cada olho tamanho como o circuito de uma torre. E feroz deveras esse cão, lá isso é; mas tens que ter medo, homem. E pol-o em cima do meu avental; que

faz mal nenhum; e depois salta no cofre, e traz lá de dentro quanto ouro poderes trazer.»

—«Sim, senhor! Está a calhar!» disse o soldado. «Mas o que te hei de eu dar por isso, velhota? Quer-me parecer que não é pelos meus lindos olhos que tu me obsequeias, hein?»

—«Qual historia!» redarguiu a bruxa. «Não quero nem sequer ver-te as cruzes ao dinheiro. O que eu quero só é que me tragas uma caixinha de isqueiro, muito velha, que a minha avó esqueceu a ultima vez que lá foi abaixo.»

—«Bem! então ata-me lá a corda á cintura,» disse o soldado.

—«Prompto!» respondeu a bruxa. «E agora aqui tens o avental.»

Trepou então o soldado á copa da arvore, deixou-se escorregar pela buraca abaixo, e achou-se, conforme lhe dissera a bruxa, na grande sala onde ardiam os trezentos candieiros.

Abriu a primeira porta. Tal qual! Lá estava o cão, de olhos repolhudos, do tamanho de pires, arregalados para elle.

—«Sim, senhor! És um lindo bicho!» exclamou o soldado.

E vae, pôl-o em cima do avental, tirou do cofre tantas moedas de cobre quantas lhe cabiam nos bolsos, depois fechou-o, tornou a pôr o cão no mesmo sitio, e entrou no segundo aposento. Tau! Lá estava o cão de olhos tamanhos como mós de moinhos.

—«Escusas de esbogalhar tanto os olhos, que te podem saltar fóra,» disse o soldado.

E vae, poz o cão em cima do avental. E quando bispou o dinheiro em prata que estava no cofre, deitou fóra todos os miudos de cobre, e atestou os bolsos e a mochila de prata sómente. Em seguida entrou no terceiro aposento. Safa! Esse canzarrão é que era de tremer! Tinha com effeito cada olho que nem o ambito de uma torre, e giravam ambos á roda, á roda, como umas rodas de azenha.

—«Ora viva lá!» exclamou o soldado.

E levou a mão ao chapeu, porque nunca na sua vida tinha visto um amzarrão assim. Mas depois de o observar a seu contento, disse lá comsigo:

—«Espera lá, que eu já te arranjo!» Agarrou n'elle, pespegou-o em cima do avental, e zás! abriu o cofre. Ih Jesus! aquillo é que era ouro em barda! Com aquelle dinheiro podia-se comprar a cidade inteira, e mais todas as bolachinhas da mulher do taboleiro, e mais todos os soldados de chumbo, e tambores, e cavallinhos de pasta, que ha no mundo! Com a fortuna! aquillo é que era dinheiro! O soldado, já se deixa vêr, deitou logo fóra quantas moedas de prata tinha mettido nos bolsos e na mochila, e encheu tudo de ouro. Tudo, podera! bolsos, mochila, botas, barretina, tudo ficou abarrotado, de modo que elle quasi que não podia dar passo. Agora sim! agora é que elle tinha dinheiro á farta. Tornou a pôr o canzarrão em cima do cofre, fechou a porta, e depois gritou para fóra

—«Vê se puxas por mim, ó velhota!»

—«Já tens a caixinha?» perguntou a bruxa.

—«Oh! co'a breca!» exclamou o soldado. «Lá me esquecia o estafermo [illegible] foi logo buscal-a n'um prompto.

A bruxa puxou-o para cima, e não tardou nada que o nosso soldado se visse outra vez no meio da estrada, com os bolsos, as botas, a mochila e a barretina, tudo cheio de ouro a deitar por fóra.

—«Para que é que te serve esta porcaria?» perguntou o soldado mostrando a caixinha.

—«Isso não é da tua conta,» replicou a bruxa. «Apanhaste chelpa— agora passa p'ra cá a caixinha.»

—«Qual carapuça!» disse o soldado. «Explica p'r'ahi o que vaes fazer com a caixinha, senão desembainho a espada e corto-te a cabeça.»

—«Não digo!» gritou a bruxa. Vae o soldado, cortou-lhe a cabeça. E lá ficou a bruxa. Elle então embrulhou todo o dinheiro no avental, fez uma trouxa que poz ás costas, metteu a caixinha no bolso, e ala para a cidade.

Era uma cidade magnifica! O soldado entrou na melhor hospedaria, alojou-se no melhor quarto, e alambazou-se com os mais finos petiscos, visto ser agora riquissimo. O creado que lhe engraxou as botas, esse é que com certeza as achou muito velhas e achavascadas para cavalheiro de tantas posses; mas é que o soldado ainda não tinha tido tempo de comprar outras novas. No dia seguinte, enfarpelou-se todo no trinque. Já parecia pessoa fina, o sujeitinho. E então contaram-lhe tudo o que ia pela cidade, as cousas que se rosnavam a respeito do rei, e mais da princeza sua filha, que era uma moçoila lindissima.

—«Onde é que a gente a póde ver?» perguntou o soldado.

—«Em parte nenhuma,» responderam todos a um tempo. «A princeza vive n'um grande castello de bronze, com um sem numero de muralhas muito altas e torres sem conto á roda. Só o rei é que pode lá entrar, porque lhe fizeram a prophecia de que ella havia de casar com um soldado raso, e o rei não se acommoda com similhante ideia.»

—«Pois não se me dava de a vêr!» pensou lá comsigo o soldado.

Mas, não tendo maneira de satisfazer esse desejo, deitou o coração á larga. Poz-se a viver vida regalada; ia aos theatros, passeava de carruagem pelos jardins reaes, e dava muitas esmolas aos pobres. Coitado! lá n'isso mostrava bom coração! Lembrava-se dos tempos antigos, e bem sabia por experiencia propria quanto era custoso não ter vintem! Agora era rico, tinha fatos de espavento, e amigos á ufa, que todos lhe diziam que elle era um homem ás direitas, um cavalheiro como poucos; e o soldado gostava de ouvir estas cousas. Mas como elle todos os dias gastava á larga e não ganhava nada, chegou a ponto de não possuir mais de cinco tostões ao todo. Não teve remedio senão dizer adeus aos lindos quartos em que tinha vivido até alli, e viu-se reduzido a morar n'um sotam, a engraxar as suas botas, e a remendal-as elle proprio conforme podia. Nenhum dos amigos tornou a visital-o, porque havia um rôr de degraus a trepar.

Uma bella noite, estava elle no seu sotam ás escuras, porque nem sequer tinha dinheiro para comprar uma vela, eis senão quando lhe acode á ideia a caixinha da bruxa, dentro da qual elle se lembrava de ter visto um côto. Effectivamente, lá estava. Agarrou no fuzil e feriu lume; mas apenas da pederneira surdiram faiscas, escancarou-se a porta, e appareceu-lhe na frente o cão com olhos do tamanho de pires. E vae o cão, disse assim:

—«Que manda Vossa Excellencia?»

—«Esta agora!» disse o soldado. «Que riquissima caixinha esta, se eu com ella posso obter tudo o que eu quizer. Olha lá!» accrescentou elle para o cão. «Traze-me lá dinheiro!» Zuta! foi um momento emquanto o cão se poz na alheta; zuta! foi um momento emquanto elle voltou, trazendo na bocca um grande sacco cheio de maquia.

N'isto é que o soldado percebeu que maravilha era a real caixinha. Em batendo uma vez na pederneira, surdia-lhe o cão de guarda do cobre; em batendo

duas vezes, era o da prata que apparecia; em batendo trez vezes, tinha deante de si o canzarrão do cofre de ouro. Está bem de vêr que o nosso amigo foi logo amezendar-se outra vez nos seus aposentos ricos, e enfarpelou-se sem mais demora em fatiota do trinque. Os amigos voltaram logo a fazer-lhe boa cara e a andar com elle nas palminhas.

Ora uma vez, pensou o soldado lá de si para comsigo:

—«Que embirração esta, não poder uma pessoa vêr a princeza! Diz toda a gente que ella é lindissima; mas fazem favor de me dizer para que lhe serve a belleza, estando assim encafuada no tal castello de bronze com muitas torres á roda? Dar-se-ha caso que eu tambem não possa vel-a? Ora espera! Venha de lá a minha caixinha magica!»

Feriu lume, e zuta! surdiu lhe o cão de olhos como pires.

—«Lá que é meia noite, sei eu!» disse o soldado. «Mas eu estou a arrebentar por vêr a princeza agora mesmo, um instante que fosse.»

O cão sahiu n'um relance pela porta fóra; e n'um abrir e fechar de olhos apparecia elle outra vez com a princeza em cima do lombo. Ella estava a dormir, e tão linda era que logo se viu que era uma princeza a valer. O soldado não se poude ter que não lhe desse um beijo na testa — ou não fosse elle soldado! E o cão foi-se logo embora com a princeza.

(Conclue no numero seguinte).

RAMIRO LEÃO & C.ª

VESTIDOS PARA MENINAS

O nosso atelier de vestidos para meninas é sobejamente conhecido como sendo o unico no paiz que está montado em condiçoes de poder satisfazer a todas as variadas exigencias da moda das creanças.

De facto todos os vestidos executados em nossa casa se distinguem facilmente por um *cachet* de feminina elegancia que só encontra similar nos grandes centros da moda estrangeira.

Além das numerosas encommendas que temos continuamente em execuçao, a nossa casa apresenta sempre um sortimento lindissimo de vestidos em todos os feitios e para todas as edades.

RUA GARRETT

O GAFANHOTO

BIBLIOTECA NACIONAL

O GAFANHOTO

Nº 26 ABRIL 1904

CAIXINHA MAGICA

(Conclusão)

Na manhã seguinte, estava a familia real a almoçar, quando a princeza contou um sonho muito extraordinario que tinha tido aquella noite. Sonhara que tinha andado em cima do lombo de um cão, e que um soldado lhe dera um beijo na testa.

— «Isso agora não deixava de ter graça!» disse a rainha.

E, por sim por não, encarregou uma das aias velhas de ficar de vela junto á cama da princeza, para ver se aquillo era apenas sonho, ou se tinha alguma cousa de certo.

N'essa noite, o soldado teve outra vez um desejo immenso de ver a linda princeza. Portanto, a velha aia viu o cão entrar no quarto, agarrar na princeza, e desatar a correr com quantas ganas tinha. Calçou n'um instante as galochas, e deitou a correr a toda a pressa atraz do cão.

Quando o viu entrar n'uma grande casa, pensou:

—«Já sei como te hei de apanhar!»

E com um bocadinho de giz traçou uma cruz na porta. Em seguida voltou para casa e deitou-se. D'alli a pouco o cão voltava tambem, mais a princeza; mas bispou logo a cruz traçada na porta da casa do soldado, e vae o que fez? Agarrou tambem n'um pedaço de giz, e fez cruzes em todas as portas da cidade.

Logo pela manhã cedo, sahiu o rei, mais a rainha, mais a aia velha, com todos os camaristas, para verem onde é que tinha estado a princeza.

—«Cá está!» disse o rei, apenas viu a cruz na primeira porta.

—«Essa agora, meu rico marido!» exclamou a rainha, vendo outra porta com cruz. «Aqui é que é!»

—«Cá está outra, e mais outra!» disseram os outros, pois para qualquer lado que olhassem, não viam senão cruzes nas portas. E assim, graças á esperteza do cão, perceberam que não havia meio de dar com a casa por mais que procurassem.

Mas a rainha era tambem espertalhona, e não deixava que lhe fizessem o ninho atraz da orelha. E então pegou na sua tesoura de ouro, foi-se a um pedaço de seda, cortou-o e fez um saquinho muito bonito. Depois encheu o saquinho de farinha muito fina, e atou-o ás costas da princeza. Feito isto, rompeu um buraquinho no saco, de forma que a farinha fosse escorrendo por todo o caminho que a princeza percorresse.

N'aquella noite voltou o cão, poz a princeza em cima do lombo, e correu com ella para casa do soldado. Este estava já doido pela princezinha, e suspirava por ser principe, afim de poder casar com ella. O cão d'esta vez foi mais bronco; não deu pela farinha que ia juncando todo o caminho desde o castello até ás janellas do soldado, por onde elle saltou mais a princeza. Pela manhã, o rei e a rainha logo viram onde a princeza tinha estado.

Deitaram a mão ao soldado, e pregaram-lhe com os ossos n'uma prisão.

Que triste, que escura parecia a prisão ao pobre do soldado! Demais a mais, era toda a gente a dizer-lhe:

—«Amanhã, vaes ser enforcado!» Ora estar sempre a ouvir isto, não era lá muito divertido. E a caixinha tinha-lhe ficado na hospedaria. Pela manhã, lobrigou elle, pelas grades da prisão, uma grande mó de povo que sahia da cidade para o ver enforcar. Ouviu o rufar dos tambores, e viu os regimentos em ordem de marcha. No meio do povoleu, andava um aprendiz de sapateiro, com o seu avental de couro e com tamancos, ás corrimaças. Tanto correu, que lhe saltou do pé um dos tamancos e veio bater na parede, mesmo ao pé das grades onde estava o soldado.

—«Eh lá, sapateirinho!» gritou elle. «Escusas de estar com essas pressas. A festa não começa sem eu lá estar. Melhor era que corresses á minha hospedaria, e me trouxesses uma caixinha de isqueiro que lá deixei. Dava-te dez tostões. Mas tens de ir lá nas horas de estalar.»

Ora o aprendiz luziu-lhe logo o olho para os dez tostões. Foi n'um abrir e fechar de olhos á hospedaria, trouxe de lá a caixinha, e... Esperem, que já vão ver o que succedeu.

Fora de portas tinha-se armado uma grande forca. A roda d'ella estava a tropa formada, e por detraz da tropa havia povo que era uma coisa por demais. O rei e a rainha estavam sentados n'um esplendido throno, defronte dos juizes e das mais auctoridades.

Já o soldado tinha subido a escada e estavam ponto de lhe enrolar a corda ao pescoço, vae senão quando elle disse assim:

—«É costume sempre, antes de dar cabo de um criminoso, conceder-lhe algum regalo innocente. Ora eu, antes de morrer, estou morto por fumar um pedaço no meu cachimbo. Concedam-me isto; são as ultimas fumaças que levo do mundo!»

A isto não poude o rei dizer que não. E em vista d'isso, o soldado tirou o fuzil e pederneira da caixinha, e zás! feriu lume, uma, duas, tres vezes — e eis senão quando surdem de repente alli todos os cães — o dos olhos como pires, o dos olhos como mós de moinho, o dos olhos como torres redondas.

— «Accudam-me, para eu não ser enforcado!» bradou o soldado.

Foi um instante emquanto os cães se lançaram aos juizes e demais auctoridades, agarraram n'um por uma perna, n'outro pelo nariz, e atiraram com elles pelos ares, a enorme altura, de forma que cahiram e se fizeram em migalhas.

—«Isso não vale!» clamava o rei.

Mas o canzarrão maior agarrou n'elle e mais na rainha, e fez-lhe o mesmo que aos outros. Vae os soldados ficaram espavoridos, e o povo desatou a berrar:

—«Viva o soldado! Elle é que ha de casar com a princeza!»

Metteram logo o soldado no coche real, e todos os tres cães iam na frente a correr muito, á laia de batedores, e a dar muitos vivas, e a garotada fazia uma inferneira de berros e de assobios, e os soldados apresentavam armas. Foram buscar a princeza ao castello de bronze, e fizeram-na rainha, cousa de que ella muito gostou.

As festas do casamento duraram uma semana, e os tres cães tiveram tambem o seu talher á mesa real, e á vista d'aquella grandeza toda arregalavam os olhos que era uma cousa por demais.

O peixinho e o pescador

Um homem, pescando á linha,
Depois de grande estopada,
Apanhou uma tainha
Pequena, cousa de nada.

—«Emfim, sempre isto faz conta!»
Disse elle ao arrecadal-a.
Eis que a tainha, inda tonta,
Livre do anzol, assim fala:

—«E melhor que tu me deixes
«Viver em paz no regato.
«Que nem tres duzias de peixes,
«Como eu sou, te enchem um prato.

«Espera que eu cá me faça,
«A força de estar de molho,
«N'uma soberba fataça,
«Muito gorda, que encha o olho.»

Replica o homem: — «Pilhei-te,
«E essa labia não me engrola.
«Esta noite, em bom azeite,
«Bailarás na caçarola.

«Escusas de estar aos ais,
«Que eu não faço o que apanhei.
«Um *tomá lá* vale mais,
«Dizem, que dois *te darei.*»

MANO LOBO ESCALDADO

Mano Raposo foi uma vez escalavrado a valer pelo Senhor Gato Bravo, com quem Mano Coelho lhe tinha mettido na cabeça que fosse jogar á pancada. Passou-se um rôr de tempo antes que elle estivesse em estado de andar por fóra e de fazer partidas ao bom do Mano Coelho. Para cima d'este é que Mano Raposo atirou as culpas do seu desastre, e, apenas se achou bom, foi fazer queixa d'elle á restante bicharia. Combinaram todos pôr-se de mal com Mano Coelho, não consentindo que elle bebesse da mesma agua corrente, nem passeiasse pelos mesmos sitios, nem morasse nas suas visinhanças, nem sequer tomasse banho na mesma pôça onde os outros costumavam lavar-se.

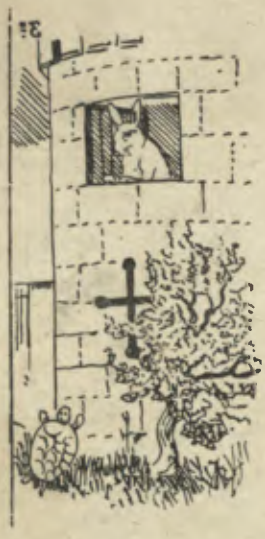
Mano Coelho, deu-lhe logo rebate da intrigalhada, e tratou de se segurar. Vae, o que fez? Poz grades e trancas em todas as janellas, e levantou uma torre ao lado da casa. Que torre aquella! Forte que era uma belleza, e tão alta, tão alta, que toda a gente, que passava pela estrada, parava a miral a, e dizia:

—«Que caranguejola será aquella?»

Perguntar, perguntavam elles; mas Mano Coelho tinha lá tempo nem pachorra de responder palavra! Tudo era martelar, pregar pregos, batucar, zumba-que-zumba! Passava gente, e elle não levantava os olhos; paravam sujeitos a remiral-o, e elle nem relanceava a vista; não fazia senão trabalhar, trabalhar, trabalhar, desde o nascer ao pôr do sol, até que a torre ficou acabada. Só então é que Mano Coelho respirou livremente, enxugou o suor da testa, e disse lá comsigo:

—«Ora agora, venham para cá os bichos que andam por ahi a ralar-me! Sempre quero ver se fazem farinha comigo!»

Com isto, metteu-se na torre, comeu uma bucha, poz á mão de semeiar um grande molho de cordas, e disse á sua velhota que puzesse a chaleira ao lume, e que não sahisse d'alli, e tudo quanto lhe recommendava que não fizesse era exactamente o que ella fazia sempre. Depois Mano Coelho sentou-se na sua cadeira de balouço, mesmo em frente da janella, á espreita do que desse e viesse. E alli muito bem repotreado, foi parafusando na sua vida.



Não tardou nada que chegasse aos ouvidos de toda a bicharia que Mano Coelho tinha acabado as obras, e começaram todos a sargentear por alli, a bisbilhotar o que elle iria fazer. E Mano Coelho, sempre muito bem sentadinho, a parafusar, a parafusar.

Veio Mano Lobo, e ficou-se embasbacado para a torre; veio Mano Raposo, e ficou-se embasbacado para a torre; e não houve bicho que não fizesse o mesmo. É o que acontece ahi a cada passo. Em passando gente na rua a mirar qualquer cousa, começam todos a juntar-se á roda, a mecher-se de um lado para o outro, mas não se vão embora. Foi o mesmo que os bichos fizeram. Andavam por alli de roda, a cochicharem uns para os outros, a olhar, a olhar... E Mano Coelho sempre repotreado, a parafusar, a parafusar.

Eis senão quando apparece Mano Kágado. E como Mano Kágado era de ha muito unha com carne com Mano Coelho, logo lhe palpitou que ia alli haver chalaça grossa, ainda antes de se cerrar a noite.

Riu-se á socapa, lá debaixo da sua casca, e desatou a gritar:

—«Olá, Mano Coelho! Que está vossê a fazer lá por esses ares?»

—«Estou a descansar, Mano Kágado. Venha cá acima cavaquear um bocado.»

—«A respeito de ir lá acima, temos conversado, Mano Coelho. Venha vossê cá abaixo, que eu não tenho azas. E a esta distancia, não é lá muito facil apertar-lhe a mão, Mano Coelho.»

—«Deixe-se d'isso, Mano Kágado! Eu lhe arranjo a escada. Verá como ella é commoda.»

E n'isto Mano Coelho deitou a corda para baixo.

—«Agarre-se bem, Mano Kágado,» disse Mano Coelho. «É um prompto emquanto cá está!»

Mano Kágado agarrou-se com os dentes á ponta da corda, para experimentar se ella era forte.

—«Não tenha medo, Mano Kágado!» gritou Mano Coelho.

E Mano Coelho lá foi içado, e ás duas por tres estava elle sentado em frente de Mano Coelho.

O que era engraçado era vel-o no ar, emquanto Mano Coelho o içava, com a caudasinha a dar, a dar, as pernas extendidas, e elle a girar á roda, com medo que se finava.

Os outros bichos viram Mano Kágado chegar lá acima são e escorreito, depois perceberam que os dois patuscos estavam a beberricar muito contentes da sua vida, e não descansavam emquanto não vissem a torre de Mano Coelho lá por dentro. Vae Mano Lobo desatou a berrar:

—«Eh lá, Mano Coelho! Você está a modo que soberbo lá na sua torre. Então como vae isso?»

Mano Coelho deitou os olhos para baixo, viu quem estava a berrar, e vae respondeu:

—«Isto vae mal, Mano Lobo, vae mesmo muito mal. Mas emfim, ainda

comemos todos da mesma panella. Quer vossê chegar cá arriba, ó Mano Lobo?»

—«A viajata não é lá muito commoda, Mano Coelho; mas emfim, vamos lá a isso!»

N'isto, Mano Coelho deitou a corda para baixo, e Mano Lobo agarrou-se a ella com quanta ancia tinha, e os dois lá de cima começaram a puxar. Puxaram, puxaram, içaram, içaram, e já Mano Lobo estava mesmo ao pé da janella, quando ouviu Mano Coelho a gritar:

—«Meche-te, mulher, e põe a mesa depressa. Mas antes d'isso, vae buscar a chaleira para fazer o café.»

Içaram mais um bocado, e n'isto Mano Lobo ouviu Mano Coelho a guinchar:

—«Toma cautela, velha! Olha que entornas a agua a ferver em cima de Mano Lobo!»

Palavras não eram ditas, e a agua a escaldar Mano Lobo, e Mano Lobo a dar um gemido tremendo, a largar a corda, a vir rebolindo por alli abaixo, a dar um boléo medonho e a saltar logo tal qual uma bola de borracha.

Mano Coelho debruçou-se á janella, a pedir muitas desculpas, mas não havia desculpa que fizesse voltar o pello aos sitios em que a agua quente tinha acertado.

Então é que Mano Coelho mais Mano Kágado apanharam uma barrigada de riso, emquanto Mano Lobo uivava que era um desespero.

COMO SE ASSA UM REI

Estava o vice-rei D. João de Castro em Baçaim, preparando-se para acommetter o enorme exercito do rei de Cambaya. Protestou que prenderia este rei na sua propria capital e que o assaria á vista dos turcos que eram seus alliados. E para dar mais força ao seu protesto, mandou fabricar uns espetos muito grandes.

Ora n'aquelle tempo costumavam os soldados portuguezes trazer ao cinto umas machadinhas que serviam para cortar cordas e arrombar caixas. Não gostava o vice-rei d'estas armas, por serem improprias para a guerra.

Passando uma vez por deante d'elle um soldado, por nome Fausto Serrão de Calvos, com uma d'estas machadinhas, D. João de Castro reprehendeu-o, dizendo:

—«Um soldado que se preza não deve cingir senão a espada.»

Ao que Fausto Serrão replicou immediatamente:

—«Senhor, sem esta machadinha não servem os espetos de Vossa Senhoria, porque não é possivel assar inteiro a el-rei de Cambaya.»

LIÇÃO DE LEITURA

Querendo que o seu menino
Em boas lettras se adestre,
Ao Mono, por ser mais fino,
Escolhe o Leão p'ra mestre.

Com discipulo tão bruto,
A lição cheira a mostarda;
Por isso, a cada minuto,
Cae o mestre á rectaguarda.

C'os livros se enfurecia
O tal menino Leão;
'Té que em certo livro, um dia,
Gostou de dar a lição.

Desde então, ficou mansinho,
Deu-lhe a leitura no goto.
Sabem qual era o livrinho?
Era o nosso *Gafanhoto*.

O GAFANHOTO

N.º 28

Caixa de Surprezas

Mais decifradores do n.º 22

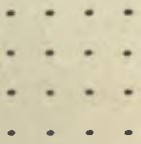
João Pereira de Freitas (1.º, 2.º). — D. Antonia Batalha Reis Santos (2.º).

Decifrações n.º 23

I — Maria.

II — Um dos gallegos encheu de vinho a medida de 4 decilitros, despejou-a na de 3 até encher e bebeu o decilitro que ficou; tornou a encher a medida de 4 e bebeu-a, tendo assim bebido 5 decilitros, isto é: metade. O outro bebeu como quiz os outros 5 decilitros.

III —



Decifradores do n.º 23

Affonso Cid Perestrello (1.º, 2.º, 3.º). — D. Clara Santos da Silva Telles (1.º, 2.º). — Carlos d'Oliveira Ferreira (2.º, 3.º). — D. Carolina Cruzes Marques (2.º). — D. Constança Miranda da Costa (3.º). — D. Ellen Thorn (1.º, 2.º). — D. Emilia Barreto (2.º). — D. Eugenia e D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º, ,3.º) D. Emma Adelaide Peres (1.º, 2.º). — Francisco de Lemos Santos (1.º, 2.º, 3.º. — Innocencio V. Costa Marques (2.º). — D. Iréne Rolin Geraldes Barba (1.º, 2.º). — João Faria de Sousa (1.º). — João Pereira de Freitas (1.º, 2.º). — D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (1.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

Charadas (offerecidas á menina Margarida d'Albuquerque do Amaral Cardoso Saraiva)

I — No alphabeto esta contenda é grata — 1–2–1.
II — Esta mistura não está seria e não é avara, mulher — 2–1–1.

Iréne Rolin Geraldes Barba

III — D'estas tres palavras: *alma, par, uva*, formar uma palavra.
IV — Transformar a palavra *carne* em *peixe*
V — Os doze phosphoros da figura junta formam como os leitores vêem, quatro quadrados eguaes Tirem se d'essa figura quatro phosphoros e colloquem-se de maneira que fiquem só tres quadros eguaes aos primeiros.

VI — Uma saloia anda pela rua a vender melancias. Chamam-na a uma casa e vende logo metade das melancias que leva e mais meia melancia. Segundo freguez leva-lhe metade do que resta e mais meia melancia. O terceiro freguez compra-lhe metade do que ainda resta e mais meia melancia. Depois d'isto a saloia vê-se com a canastra despejada. Quantas melancias vendeu?

Correspondencia

O Gafanhoto recebeu para publicar nas suas azas, isto é: nas suas paginas uma adivinha, mas cuja solução não lhe foi dada. Ora o *Gafanhoto* não sabe adivinhar, por isso pede desculpa de não publicar a tal adivinha.

A estampa acima representa um facto historico. A sua explicação é posta a concurso entre os nossos queridos assignantes de um e outro sexo, nas mesmas condições publicadas no n.º 2 do *Gafanhoto* a proposito de outra estampa representando outro facto historico.

Caixa de Surprezas

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I — Logogripho.

Sabem provavelmente o que é um logogripho? Basta explicar-lhes que é uma charada onde as syllabas (e ás vezes as lettras) de uma palavra se combinam de diversos modos formando diversas outras palavras cuja definição se apresenta, ou cuja significação se possa deprehender das phrases onde estão encapotadas. Adivinhada uma d'ellas, as syllabas que a formam esclarecem o descobrimento das outras em que essas syllabas entrem. Assim, por exemplo, as syllabas da palavra *comedoria* podem combinar-se nas seguintes palavras:

Come—Meco—Medo—Coria—Doria—Coa—Doa—Ame—Ri—Dó—Ria—Aria—Rime—Coco—Rico—Americo, e porventura outras que encontre um engenho paciente.

Supponham que se mettem estas palavras em phrases das quaes se possa deduzir a sua significação, substituindo-as pelos numeros de ordem das syllabas na palavra que forma o conceito. Atraz de uma vão-se adivinhando as outras, até ter todas as syllabas da palavra total.

Vae o *Gafanhoto* mostrar-lhes por um exemplo, aliás facil de adivinhar, como se arranjam estes logogriphos em pequenos discursos, e assim animar os seus amiguinhos a adoptarem esta engenhosa forma de collaboração para a *Caixa das Surprezas*.

E' uma carta que lhes é dirigida, e que reza assim:

«Meus amiguinhos»

[illegible] más vontados não me deu a 1.ª e 2.ª durante o meu primeiro anno de vida. O 4.ª e 4.ª saltava-me [illegible] ladrar como um possesso. O 1.ª e 4.ª bufava apenas me via e atirava-se a mim que era de uma pes[illegible] ver 1.ª e 1.ª. Mas eu sou bichinho que 1.ª e 3.ª forças com a furia alheia. Basta ver gente [illegible] que me [illegible]-1.ª, para eu estar de 1.ª-lhó-2.ª. E aqui me tendes agora, de 2.ª-4.ª novo, que não é severo como a [illegible] dos romanos, mas alegre e vistoso como as phantasias de um so-4.ª. Oxalá nos agrade assim

O vosso amiguinho

1.ª 2.ª 3.ª 4.ª

II — (Charada enviada pelo nosso assignante João Pinto de Mendonça)

Uma pessoa quando vae a uma confeitaria e [illegible], é porque [illegible] a comer bolos.

III — Palavras em quadrado

. . . . . - Instrumento de musica
. . . . . — De algodão, linho ou seda
. . . . . — Conduzir
. . . . . — Sobejo
. . . . — Maroto

Transformar um peixe n'uma ave

Imaginam os nossos amiguinhos leitores que é este problema impossivel? Pois vão vêr que não é, e que com toda a facilidade chegam a resultado tão maravilhoso.

Não é difficil a transformação; o que será difficil é encontrar o peixe, porque elle é d'agua dôce. Esse peixe é a *carpa*. Quando esse saboroso animal vem á mesa depois de passar pelas habeis mãos da cosinheira; quando os gulosos leitores do *Gafanhoto* o teem feito passar do prato para o estomago deixando-lhe apenas as espinhas, então chega o momento proprio para a transformação. Eis como se faz a ave que está representada na figura junta e que, mal comparado parece uma cegonha:

Da columna vertebral tiram-se as duas arestas ou espinhas AA que estão na frente do corpo. Abram-se dois furos, alongados, no meio de um dos ossos T que estão aos lados da cabeça, e por esses furos enfiam-se as espinhas AA formando assim as pernas do animal como se vê na figura da esquerda. Temos já as pernas, o corpo e o pescoço da cegonha. Agora arranja-se uma vertebra V do peixe, tira-se-lhe uma das espinhas e colloca-se no extremo do pescoço como se vê na figura á esquerda. Finalmente espeta-se a figura pelas pernas n'um bocado de pão ou metade de uma rolha de cortiça para poder ficar de pé.

E ahi está uma elegante cegonha.

CORRESPONDENCIA

Mais decifradores do n.º 23

Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º, 3.º) — D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º).

Rebebeu O GAFANHOTO varias descripções da estampa muda do n.º 22, com o titulo «Santa Mentira», posta a premio, e brevemente esse premio vae ser conferido.

Problema de geometria

O rectangulo e as suas diagonaes

Traçar um rectangulo e as suas diagonaes é problema facil, tratando-se especialmente de linhas rectas; mas fazer essa figura sem levantar o lapis do papel e sem passar duas vezes pela mesma linha, é caso mais difficil, e por isso vamos explical-o aos nossos pequenos leitores.

Se forem acompanhando a descripção com a observação da figura, á direita, veem que é engenhoso o processo:

Dobra-se o papel na parte inferior como indica a figura que representa a mão a escrever, e traça-se a linha 1 de cima para baixo, a qual fica parte no direito do papel e parte no avesso; segue-se o traço horisontal 2 que fica todo no avesso; continuando sem levantar o lapis, faz-se o traço 3, vertical e parallelo ao traço 1 e que, como este, fica parte no direito e parte no avesso do papel; continua-se com o lapis fazendo o traço 4, parallelo ao 2, mas ficando todo no direito do papel; agora desdobra-se este e faz-se a diagonal 5 que vae até ao extremo do traço 3 que está no direito; segue-se depois a linha 6 parallela á linha 4 e que chega ao extremo da linha 1, e finalmente traça-se a diagonal 7, completando-se assim a figura como se pretende.

De modo identico se faz um circulo com dois diametros perpendiculares, como indica a figura no lado esquerdo.

Dobra-se tambem o papel, e traça-se no direito o quarto de circulo AB, depois o semi-circulo BCD que fica todo no avesso, e depois segue o quarto de circulo DA. Agora desdobra-se a folha, e do ponto A traçam-se os raios 4 e 5; de D, onde ficou o lapis faz-se o semi-circulo DCB, e de B os raios 7 e 8

ERRATAS

Na experiencia de physica do n.º 25, linhas 16 e 31, deve-se substituir a palavra *agulhas* pela palavra *argolas*.

A paginação da Caixa das Surprezas no mesmo numero 25 tambem está errada, e deve ser assim: 1.º Problemas e adivinhas; 2.º Estampa muda; 3.º Applicações de physica; 4.º Jogo do gato e do rato e Enxoval de Bébé.

JOGO DO "MOLEIRO SOLITARIO"

E' este jogo uma variedade do jogo dos quatro cantinhos, mas tem sobre este a grande vantagem de poder ser jogado por mais de cinco pessoas.

Além d'isso presta-se tambem a qualquer dos jogadores exhibir a sua bella voz e pôr em evidencia a sua veia poetica.

Póde jogar-se ou n'uma salla espaçosa se é de inverno e em dia chuvoso, ou ao ar livre n'um bello dia de outomno ou á tarde, de verão.

Um rapazito escolhido á sorte, desempenha o papel de moleiro e colloca-se no meio do recinto.

Depois outros meninos e meninas, de braço dado, aos pares. para o que cada cavalheiro convida gentilmente a dama de sua escolha, como o faria para uma valsa, começam a passeiar á roda do moleiro, a uma certa distancia, e uns atraz dos outros, guardando-se entre os pares um certo intervallo, que depende da grandeza do recinto e do numero de pares.

Emquanto os pares passeiam em volta do moleiro, este com voz triste e magoado canta a sua desgraça de não ter par, e termina a sua cantilena por uma palavra previamente combinada entre todos, e se a cantilena fôr em verso mais elegante fica o jogo. Supponhamos que o moleiro canta assim:

Este moleiro é rico mas solitario
Não tem uma esposa no seu sanctuario!

A' palavra *sanctuario,* ultima do verso e previamente combinada, os pares separam-se, e o moleiro offerece o braço a uma das damas. Se a dama o recusa, continua a ser moleiro, os cavalheiros retomam as suas damas, e o moleiro recomeça a sua cantiga, tornando depois a offerecer o braço a uma dama, até que alguma acceite o seu braço. O cavalheiro d'essa dama passa então a ser o moleiro. Este póde usar de uma viola ou guitarra para acompanhar a sua cantiga e pode tambem combinar-se nova palavra final da cantiga para o desmanchar dos pares, todas as vezes que novo cavalheiro desempenhe o papel de moleiro.

Em quanto os pares lhe andam em volta tem tempo de se inspirar e produzir uma bonita quadra.

O GAFANHOTO espera merecer a sympathia dos seus queridos leitores pela apresentação d'este jogo tão interessante e gracioso.

Vão os nossos gentis assignantes ter um d'esses alegrões extraordinarios, ao saberem a novidade que vae dar-lhes o GAFANHOTO. Preparem-se, mas avisem os visinhos do andar de baixo, porque os pulos e o barulho hão de ser infernaes. Lá vae a novidade.

«Meus meninos: O GAFANHOTO, no intuito de promover relações intelectuaes entre os seus leitores, faz publico e notorio que n'esta secção publicará, além d'outras coisas, as perguntas que os gentis assignantes queiram fazer uns aos outros sobre diversos assumptos, scientificos, litterarios, etc. Por exemplo: um rapazote todo esperto manda para o GAFANHOTO esta pergunta: qual é o caminho a seguir, para ir de Lisboa a Milão com o menor tempo de viagem? Isto é um simples exemplo, pois até pódem perguntar o que é que veio primeiro ao mundo: foi o ovo ou gallinha? Lançada aquella 1.ª pergunta nas paginas do GAFANHOTO, a pequenada toda abre um atlas de geographia e ahi estão elles a procurar os caminhos de Lisboa a Milão.

Perceberam a ideia do GAFANHOTO? Ora muito bem! Sempre elle quer ver o que vae sahir d'essas cabecinhas!

E' claro que se publicam tambem as respostas. E... cautela com as raias!

LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA

LIVRARIA·FERREIRA
FERREIRA & OLIVEIRA·S.ª C.ª

RUA AUREA 132 A 138
LISBOA

Livros para creanças em todas as linguas
CATALOGOS ESPECIAES ILLUSTRADOS
DE
LIVROS PARA PREMIOS

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 12 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, etc., tudo

profusamente illustrado
com gravuras
e estampas a côres

O 1.º volume, correspondente ao 1.º anno (abril de 1903 a março de 1904) com uma bella capa a côres, acha-se á venda na

Administração do GAFANHOTO
e nas principaes livrarias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Trimestre, 6 numeros	$450
Semestre, 12 numeros	$800
Anno, 24 numeros	1$500
Numero avulso	80

Administração d'**O GAFANHOTO**
Rua Ivens, 12

Redacção d'**O GAFANHOTO**
Calçada do Ferregial, 6, 1.º

ASSIGNA-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

A unica publicação d'este genero em Portugal

gafanhoto
Nº 29
GAFANHOTO

Retrozaria Mapril Sequeira

SUCCESSORES

Diamantino & Almeida

Especialidade em bordados
começados
e riscados proprios para creanças

Debuxos, frocos,
lantejoulas,
canutilhos, lãs e sedas para bordar,
completo sortimento

109, RUA DOS RETROZEIROS, 111

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Livros de leitura illustrados para creanças em francez, portuguez e inglez

ALBUNS D'IMAGENS COLORIDAS E POR COLORIR

Estojos de desenho, papeis, esquadros,
reguas, lapis e mais artigos para creanças de todas as edades

ENCONTRA-SE NA

LIVRARIA FERIN R. Nova do Almada, 74

BIBLIOTHECA DAS CREANÇAS

Lindissimos volumes de 160 paginas illustradas,
contendo contos e historias,
escriptos expressamente para creanças

Cinco volumes publicados

1.º—Contos de Fadas
2.º—Novos contos de Fadas
3.º—Terceiro livro de contos de Fadas
4.º—Historias da Carochinha
5.º—Aventuras do barão de Münchausen
No prélo o 6.º—Ceu azul

Cada vol. br. 200 réis; elegantemente cartonado 300 réis

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

LIVRARIA MODERNA RUA AUGUSTA, 95

Caixa de Surprezas

Mais decifradores do n.º 26

D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º)
D. Irene Rollin Geraldes Barba (1.º, 2.º, 3.º)
D. Maria Argentina da Nazareth e Carmo (1.º, 2.º)
D. Margarida d'Albuquerque A. Cardoso e Saraiva (1.º, 2.º)
Estevão Machado d'Oliveira (1.º)
Francisco de Lemos de Macedo Santos (1.º, 2.º, 3.º)
José Francisco Janeiro (2.º)

Soluções do n.º 27

I — Em dar *passagens*
II — Em ter *Faro*
III — Roma
IV — Rebello
V — Occasião
VI — Janota

VII —

VIII —

IX — Um dos cábazes tinha 31 e o outro 19.
X — Evidentemente o caixote das meias libras tinha o dobro do valor do caixote das libras, visto que continha o dobro do peso em *ouro*.

Decifradores do n.º 27

D. Cypriana Maria da Silva (9.º)
D. Ellen Thorn (3.º, 9.º)
D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º)
D. Emilia Barreto (1.º, 2.º, 3.º)
D. Eugenia Woodhouse (2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º).
D. Irene Rollin Geraldes Barba (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 9.º, 9.º)
D. Luiza Andresen da Costa (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 9.º, 10.º)
D. Luiza Woodhouse (2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º)
D. Margarida Borel (10.º)
D. Margarida Tocha (2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º)
D. Maria Argentina da Nazareth e Carmo
Affonso Cid Perestrello (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º)
Alfredo Lourenço (9.º)
Arnaldo da Conceição Sobral (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 7.º, 9.º)
Carlos Ribeiro (2.º, 3.º)
Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 9.º, 10.º)
Eduardo Ruy Azevedo Coelho (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º)
Estevão Machado de Sousa e Silva Oliveira 1.º, 2.º, 3.º, 7.º, 8.º, 9.º)
Francisco de Lemos de Macedo Santos (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 9.º)
Gabriel Ramires dos Reis (2.º, 9.º)
Innocencio Victor Marques (9.º)

auctora dos n.os 1, 2 e 3 (4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 9.º, 10.º)
D. Maria Celeste da Rocha Soares Barbosa (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 6.º, 7.º, 9.º, 10.º)
D. Maria José Ferreira (2.º)
D. Maria Rosalina Vianna Pinto Coelho (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 10.º)
D. Maria Romero (9.º)
D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 7.º, 9.º)
D. Vera Quin (2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º, 9.º, 10.º)
João de Mendonca (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 8.º)
João Pereira de Freitas (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º)
José Luiz Valdez de Moura Borges (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 8.º)
José Francisco Janeiro (2.º, 3.º, 4.º, 8.º)
Luiz Alberto Miranda da Costa (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º)
Luiz Romero (9.º)
Mario de Moraes Affonso (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º)
Mario d'Almeida (1.º, 2.º, 3.º)
Mario dos Santos Pat (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 9.º)
Raul de Sousa Maia (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 7.º, 10.º)

PROBLEMAS E ADIVINHAS

Charada enviada por Raul de Sousa Maia

I — A's direitas nome de uma pessoa, ás avessas brilho de um astro — 2.

Charada enviada por Gabriel Ramires dos Reis

II — Qual é a palavra que escripta ás avessas fórma o nome de uma serra de Portugal?

Problema enviado pelo mesmo

III — Um automovel caminha 20 kilometros por hora, e partiu da estação ás 2 horas da tarde. Outro caminha 10 kilometros por hora e partiu da mesma estação ás 10 horas da manhã.

A que horas e a que distancia se encontraram?

IV — Um amador de bons vinhos recebeu de um lavrador amigo um presente de 32 garrafas de vinho magnifico, que mandou guardar na sua frasqueira. Mas, não confiando muito na fidelidade do seu creado, que tambem era amador do summo da uva, como já varias vezes tinha demonstrado, dispoz as 32 garrafas em tres linhas assim constituidas:

1	7	1
7		7
1	7	1

Assim agrupadas, rapidamente contava as garrafas, verificando se a somma das linhas extremas, tanto horisontaes como verticaes, era 9 em cada uma.

O creado, porém, que era fino, resolveu provar o vinho e conseguiu tirar da primeira vez 4 garrafas, da segunda vez mais 4, e da terceira outras 4, total 12, mas agrupando as restantes sempre de modo que contando as garrafas das linhas extremas a somma de cada uma d'ellas era sempre 9.

Agora o *Gafanhoto* pede aos seus gentis assignantes que lhe ensinem como é que o creado fez a marosca.

Adivinhação antiga

(enviada por D. Elvira Ferreira de Mesquita)

O meu direito é ser torto;
Meu mister estar pendido;
P'ra sustentar muita gente,
Muita morte hei commettido.

Livros para creanças

em todas as linguas

Catalogos especiaes illustrados

DE

LIVROS PARA BRINDES

Livros para o ensino
primario, secundario e superior

ESTAMPAS
ARTIGOS DE DESENHO E PINTURA

Livraria Ferreira

Rua do Ouro, 132

LISBOA

SALÃO DE JOGOS

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES TODOS OS MEZES

Sortimento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

Lisboa

A. ASSIS CAMILLO

121—Rua da Conceição—123

LISBOA

Bijouterias,
perfumarias,
botões,
alfinetes,
fitas,
galões,
rendas, etc.

Filozelle e froco
de
todas as grossuras

Preparos para costura

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 12 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artigninhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, etc., tudo

profusamente illustrado
com gravuras
e estampas a côres

O 1.º volume, correspondente ao 1.º anno (abril de 1903 a março de 1904) com uma bella capa a côres, acha-se á venda na

Administração do GAFANHOTO
e nas principaes livrarias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Trimestre, 6 numeros	$450
Semestre, 12 numeros	$800
Anno, 24 numeros	1$500
Numero avulso	80

Redacção d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferregial, 6, 1.º

ASSIGNA-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

A unica publicação d'este genero em Portugal

CAFANHOTO

N.º 30

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Retrozaria Mapril Sequeira

SUCCESSORES

Diamantino & Almeida

Especialidade em bordados
começados
e riscados proprios para creanças

Debuxos, frocos,
lantejoulas,
canutilhos, lãs e sedas para bordar,
completo sortimento

109, RUA DOS RETROZEIROS, 111

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Livros de leitura illustrados para creanças em francez, portuguez e inglez

ALBUNS D'IMAGENS COLORIDAS E POR COLORIR

Estojos de desenho, papeis, esquadros,
reguas, lapis e mais artigos para creanças de todas as edades

ENCONTRA-SE NA

LIVRARIA FERIN R. Nova do Almada, 74

BIBLIOTHECA DAS CREANÇAS

Lindissimos volumes de 160 paginas illustradas,
contendo contos e historias,
escriptos expressamente para creanças

Cinco volumes publicados

1.º—Contos de Fadas
2.º—Novos contos de Fadas
3.º—Terceiro livro de contos de Fadas
4.º—Historias da Carochinha
5.º—Aventuras do barão de Münchausen
No prélo o 6.º—Ceu azul

Cada vol. br. 200 réis; elegantemente cartonado 300 réis

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

LIVRARIA MODERNA RUA AUGUSTA, 95

Caixa de Surprezas

Mais decifradores do n.º 27

D. Branca de Bulhão Pato (2.º).
D. Lia Sequeira d'Aragão Moraes(2.º, 3.º,4.º, 5.º e 7.º).
Antonio de Menezes (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 7.º).
Carlos Ferreira (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º).
Francisco Camello Lampreia (1.º, 2.º).

Decifrações do n.º 28

1.º — Açoriano. — 2.º Geraldes.

3.º —

2	9	4
7	5	3
6	1	8

8	1	6
3	5	7
4	9	2

4	3	8
9	5	1
2	7	6

8	3	4
1	5	9
6	7	2

4.º — *Triste*, traste, tracte, traçae, tragae, tragas, pragas, plagas, alagas, alagam, alegam, alegae, *alegre*.

5.º — Dois bolos. — 7.º — Azeitona.

6.º — Continúa em aberto, porque tem variadissimas soluções, tendo o GAFANHOTO recebido por emquanto soluções só de tres assignantes.

Decifradores do n.º 28

D. Cypriana Maria da Silva (3.º, 5.º, 7.º).
D. Ellen Thorn (2.º, 5.º, 7.º).
D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º 6.º, 7.º).
D. Emma Adelaide Peres (2.º, 7.º).
D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º, 5.º, 6.º, 7.º)
D. Irene Rolin Geraldes Barba (1.º, 2.º, 5.º, 7.º).
D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º, 5.º, 6.º, 7.º).
D. Maria d'Assumpção Silva (3.º, 5.º, 7.º).
D. Maria Argentina da Nazareth e Carmo (1.º, 2.º, 5.º, 7.º).
D. Maria Celeste da Rocha Soares Barbosa (1.º, 2.º, 3.º, 5.º, 7.º).
D. Maria José Ferreira (3.º, 5.º, 7.º).
D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (2.º, 3.º, 5.º, 7.º).
Affonso de Mello Perestrello (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 7.º).
Alberto Miranda da Costa (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º).
Antonio de Menezes (5.º, 7.º).
Antonio Vieira da Cruz (2.º, 7.º).
Arnaldo da Conceição Sobral (2.º, 3.º, 5.º, 7.º.
Duarte Ressano Garcia (2.º, 3.º, 5.º, 7.º).
Francisco Camello Lampreia (1.º, 2.º, 3.º, 5.º, 7.º).
João Pereira de Freitas (1.º, 2.º, 5.º).
Luiz Romero (3.º, 5.º, 7.º
Mario Romero (3.º, 5.º, 7.º).
Mario de Moraes Affonso (1.º, 2.º, 3.º, 5.º, 7.º).
Raul de Sousa Maia (1.º, 2.º, 3.º, 5.º, 7.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

Logogripho dedicado a D. Lia de Sequeira d'Aragão Moraes por D. Iréne Rollin Geraldes Barba

I — Nem com 2.ª, 3.ª de 1.ª, 4.ª se conseguiria prender o endiabrado *Gafanhoto*, que tudo faz para que nos 1.ª, 2.ª, 3.ª..

1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª

Iréne Rolin Geraldes Barba.

(Enviado por Mario de Moraes Affonso)

II — Transformação de palavras — Passar de *Braga* á *Povoa*, passando por *Porto.*

III — Transformar *gelo* em *agua.*

IV — Na figura junta, substitua-se por uma vogal a estrella do centro Esta vogal é a ultima lettra das palavras cujas iniciaes substituem os numeros, e cujas outras lettras se põem no logar dos pontos.

As iniciaes, por sua ordem, formam o nome de uma fructa.

As outras palavras significam respectivamente :

1 — Uma arma.
2 — Um pó.
3 — Uma embarcação.
4 — Um cereal.
5 — Uma opera.
6 — Um vaso.
7 — Uma fructa.

V — Por uma estrada caminhava encostado ao seu cajado um velhinho, alquebrado pela edade e pelo trabalho. Uns rapazitos, assignantes do *Gafanhoto*, perguntaram-lhe :

— «Que edade tem, tio?»

Respondeu o velho : «as edades, minha e do meu filho, sommam juntas 119 annos; as do meu filho e do meu neto sommam 65 annos; e eu mais o meu neto, sommamos nas edades 90 annos.»

E o velho continuou o seu caminho.

Os pequenos resolveram mandar dizer para o *Gafanhoto* as edades do pae, do filho e do neto.

Cá esperamos as respostas para dizer ao velho.

Adivinhações antigas, enviadas por Raul de Sousa Maia

VI — Duas mães e duas filhas foram á missa com tres mantilhas.

VII — Altas varandas,
Lindas janellas,
Abrem-se e fecham-se
Sem bulir n'ellas

Enviadas por Mario de Sousa Maia

VIII — Uma senhora muito assenhorada
Não sahe á rua, anda sempre molhada.

IX — Em que se parece um cavallo apparelhado com uma freira?

X — O pae de cinco filhos dispoz da sua terça pela seguinte fórma:

Ao mais velho deixou a sexta parte d'essa importancia, com mais 240$000 réis; ao segundo deixou a quinta parte do que restasse e mais 288$000 réis; ao terceiro a quarta parte do que ficasse e mais 360$000 réis; ao quarto, a terça parte do que ainda ficasse com mais 480$000 réis; ao quinto filho, finalmente, deixou metade do que sobejasse e mais a quantia de 720$000 réis... para contra-pezo. Os filhos não tiveram inveja uns dos outros, porque o pae distribuiu a terça igualmente por todos.

Qual era a importancia d'essa terça e qual o quinhão com que ficou cada filho?

CORRESPONDENCIA

D. Maria Argentina da Nazareth e Carmo — O enygma em francez não póde ter logar no *Gafanhoto* que é portuguez de lei. Nas charadas 2.ª e 3.ª ha confusão de syllabas e lettras que as tornam muito difficeis.

A 4.ª charada tambem tem francez...

Com a habilidade de que dispõe, e com um bocadinho de vontade póde arranjar as charadas 2.ª, 3.ª e 4.ª d'outra maneira e o *Gafanhoto* terá muito prazer em publical-as. Cá as esperamos, e desculpe a ousadia do *Gafanhoto*.

D. Irène Rolin Geraldes Barba — O *Gafanhoto* não está zangado com V. Ex.ª. Foi lapso, de que humildemente pede desculpa.

D. Maria Menezes Lencastre Ferrão — A V. Ex.ª pede tambem o *Gafanhoto* desculpa do lapso.

Alberto Ramires dos Reis — A sua adivinhação é muito vaga.

José Francisco Janeiro — As suas palavras em quadro não traziam a solução; serão publicadas quando enviar esta.

Mario de Moraes Affonso — As transformações de palavras que fez o obsequio de enviar serão publicadas em diversos numeros.

Antonio Vieira da Cruz — Pedimos desculpa do esquecimento.

Experiencia de physica

Não precisa o *Gafanhoto* de desenho algum para tornar clara a experiencia que vae ensinar aos seus queridos assignantes, pois essa experiencia tem tanto de simples como de curiosa.

Trata-se unicamente de obter calor ou frio com um folle, e explicar ao mesmo tempo a razão por que se produzem esses dois phenomenos.

Quando nós fazemos funccionar um folle sobre a pelle, na cara por exemplo, temos a sensação do frio, não é verdade? Portanto, o sopro de um folle produz diminuição de temperatura, não é assim?... O leitor pequenino e inexperiente diz que sim. Pois enganou-se! E se quer a prova, faça incidir o sopro do folle, com força, umas poucas de vezes sobre o reservatorio de um thermometro de alcool ou mercurio, e verá que pouco tempo depois a columna do liquido começa a subir 4 ou 5 graus, o que prova que houve augmento de temperatura, ao contrario do que se esperava.

E porque os gazes, e o ar especialmente, aquecem muito pela compressão, e quando se faz funccionar o folle, este comprime o ar que está dentro por tal forma que quando sahe vem mais quente, e por isso o thermometro sobe.

Mas podemos tambem fazer com que o folle funccionando produza frio. Como será isso feito?

Da seguinte maneira: colloca-se na extremidade do tubo do folle, por onde sahe o ar, uma rolha de papel mata-borrão comprida, que fique em parte fóra do tubo, e franjada n'essa parte exterior como o papel que rodeia o osso de um presunto de fiambre.

Molha-se depois essa parte franjada no ether, na benzina ou n'outro liquido que se evapore facilmente. Fazendo funccionar o fole, ao fim de pouco tempo as franjas do papel mata-borrão ficam cobertas de cristaes de gelo.

Portanto houve producção de frio. E porquê? Porque, como o ar tem vapor d'agua, esse vapor congelou-se pelo frio produzido pela evaporação rapida do liquido em que estava embebida a franja, evaporação muito augmentada pela corrente d'ar sahida do folle.

Jogo da «Pélla envenenada»

Póde ser jogada por 10 a 20 pessoas. N'um terreno largo faz se um grande circulo, sobre o qual e a intervallos proximamente iguaes se collocam os jogadores, ficando um no centro que é o que tem a pélla.

O jogador do centro atira a pélla ao ar indicando ao mesmo tempo a pessoa que a deve apanhar. Esta apanha-a no ar ou depois do primeiro salto do chão, e n'este caso passa para o centro, indo o do centro occupar o seu logar. Aquelle que não apanhar a pélla no ar ou depois do primeiro salto é considerado *morto* ou fóra do jogo, a não ser que a apanhe do chão e atire a qualquer dos jogadores; se lhe tocar com a pélla é esse jogador o considerado *morto* ou fóra do jogo. Ganha o jogo aquelle que ficar só, tendo sido os outros jogadores postos fóra do jago. Pódem-se fazer varias combinações, e entre ellas a de só ser *morto* ou fóra do jogo á 2.ª ou 3.ª vez que falhar a pélla.

É editor do GAFANHOTO o *Sr. José Augusto Lucas*

Officina photomecanica Thomaz Bordallo — Typographia da Livraria Ferin

Livros para creanças

em todas as linguas

Catalogos especiaes illustrados

DE

LIVROS PARA BRINDES

Livros para o ensino
primario, secundario e superior

ESTAMPAS
ARTIGOS DE DESENHO E PINTURA

Livraria Ferreira

Rua do Ouro, 132

LISBOA

SALÃO DE JOGOS

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES TODOS OS MEZES

Sortimento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

Lisboa

A. ASSIS CAMILLO

121—Rua da Conceição—123

LISBOA

Bijouterias,
perfumarias,
botões,
alfinetes,
fitas,
galões,
rendas, etc.

Filozelle e froco
de
todas as grossuras

Preparos para costura

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 12 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, etc., tudo

profusamente illustrado
com gravuras
e estampas a côres

O 1.º volume, correspondente ao 1.º anno (abril de 1903 a março de 1904) com uma bella capa a côres, acha-se á venda na

Administração do GAFANHOTO
e nas principaes livrarias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Trimestre, 6 numeros	$450
Semestre, 12 numeros	$800
Anno, 24 numeros	1$500
Numero avulso	80

Redacção d'O GAFANHOTO
Calçada do Ferregial, 6, 1.º

ASSIGNA-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

A unica publicação d'este genero em Portugal

Gafanhoto

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

N.º 31

Retrozaria Mapril Sequeira

SUCCESSORES

Diamantino & Almeida

Especialidade em bordados
começados
e riscados proprios para creanças

Debuxos, frocos,
lantejoulas,
canutilhos, lãs e sedas para bordar,
completo sortimento

109, RUA DOS RETROZEIROS, 111

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Livros de leitura illustrados para creanças em francez, portuguez e inglez

ALBUNS D'IMAGENS COLORIDAS E POR COLORIR

Estojos de desenho, papeis, esquadros,
reguas, lapis e mais artigos para creanças de todas as edades

ENCONTRA-SE NA

LIVRARIA FERIN R. Nova do Almada, 74

BIBLIOTHECA DAS CREANÇAS

Lindissimos volumes de 160 paginas illustradas,
contendo contos e historias,
escriptos expressamente para creanças

Cinco volumes publicados

1.º—Contos de Fadas
2.º—Novos contos de Fadas
3.º—Terceiro livro de contos de Fadas
4.º—Historias da Carochinha
5.º—Aventuras do barão de Münchausen
No prélo o 6.º—Ceu azul

Caãa vol. br. 200 réis; elegantemente cartonado 300 réis

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

LIVRARIA MODERNA RUA AUGUSTA, 95

Mais decifradores do n.º 28

D. Eugenia Woodhouse (3.º). — D. Luiza Woodhouse (3.º).

Soluções do n.º 29

I — Raul.

II — Tem tres soluções { Aforam — (Marófa). Asso — (Ossa). Um — (Mú).

III — Os dois automoveis encontram-se precisamente ás 6 horas da tarde d'esse dia e a 80 kilometros de distancia da estação de partida.

IV — As garrafas tinham sido assim collocadas pelo dono :

1	7	1
7		7
1	7	1

O creado, nas tres vezes que fez mão baixa nas garrafas, tirando 4 de cada vez, dispol-as como se segue :

2	5	2	3	3	3	1	1	4
5		5	3		3	1		1
2	5	2	3	3	3	4	1	4
	1.ª vez			2.ª vez			3.ª vez	

V — (Adivinhação antiga) — Anzol.

Decifradores do n.º 29

D. Alice Godinho Ferreira da Silva (1.º 2.º).
D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º).
D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).
D. Iréne Rolin Geraldes Barba (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).
D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).
D. Maria Argentina da Nazareth e Carmo (1.º, 3.º, 4.º).
Affonso Cid Perestrello (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º).
Antonio de Menezes (1.º, 2.º).
Antonio Vieira da Cruz (1.º, 2.º, 3.º).
Carlos Ribeiro (1.º, 3.º).
Duarte Ressano Garcia 1.º, 2.º, 3.º, 4.º).
João Pereira de Freitas (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).
José Luiz Valdez de Moura Borges (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).
Julio Cesar de Lacerda (2.º, 3.º, 4.º).
Luiz Alberto Miranda da Costa (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).
Luiz Romero (2.º).
Mario de Moraes Affonso (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º.)
Mario de Sousa Maia (5.º).
Mario Sousa d'Almeida (1.º, 2.º, 3.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

Convidamos os nossos queridos assignantes a organisarem com o *quebra-cabeças* (VI) do n.º 28, as seguintes figuras:

I—

Devem vir pontuadas as linhas que são communs a bocados differentes.

Problema enviado por D. Sarah de Deus Barros Pimentel

II — Quem é capaz de tirar *um* a *dezenove*, ficando vinte?

III — Um cabo com o n.º 7 e um soldado com o n.º 3, pertencentes a um regimento que tinha o n.º 10, acharam n'uma estrada 46 libras, e quizeram dividil-as entre si, ficando o cabo com mais... por ser cabo! O soldado não se conformou, por as ter visto primeiro. Não chegando a accordo, resolveram consultar o seu capitão. Consultado o official, disse elle:

Vocês dividam isso em duas partes taes que, sendo uma dellas dividida por 7, que é o numero do cabo, e a ourta por 3, que é o numero do soldado, os quocientes sommados deem o numero10, que é o numero do nosso regimento.

Os pobres militares, que sabiam de arithmetica tanto como os nossos queridos leitores sabem a lingua bunda, ficaram a coçar na cabeça e a olhar um para o outro! Tenham dó d'elles, meninos! Vão lá ajudal-os a fazer a conta, e cá esperamos o resultado.

IV — Tirando uma palavra de cada um dos proverbios que abaixo se seguem, formar com essas palavras um proverbio conhecido.

«Nem tudo o que luz é ouro».
«Bilha de leite por bilha d'azeite».
«Quem muito abarca pouco abraça».
«Mais póde Deus ajudar que velar e madrugar».
«Quem se pica cardos come».
«A quem muito dorme tarde amanhece».
«Mais vale só que mal acompanhado».
«Sol de inverno sahe tarde e põe-se cedo».

V — Um cirurgião foi encarregado por um dos seus clientes de transformar-lhe um *braço* n'uma *perna*. O cirurgião, que aliás era muito habil, veio ter com o *Gafanhoto* para lhe ensinar, pois que cortar sabia elle, mas transformar é que nunca tinha feito!

Amaveis assignantes, ajudem-me n'esta empreza!

Enviada por Mario Moraes Affonso

VI — Transformar a palavra *tinta* em *vinho*.

Adivinhação antiga, enviada por D. Elvira Ferreira de Mesquita

VII — Está na garganta — 1
Está no nariz — 2
Acaba por C
Começa por X.

D. Maria Antonia. — Os seus dois pedidos serão satisfeitos, mas com respeito ás adivinhações é preciso que mande primeiro as soluções.

Antonio de Menezes. — A sua charada é parecida com aquella que diz: *branco é galliuha o põe.* Mande outra mais difficil, sim?

Problema de desenho

A normal á ellipse

Muitos dos nossos jovens assignantes talvez se dediquem á bella carreira de engenharia, por isso, não é muito fóra de proposito que o *Gafanhoto*, com o intuito de agradar a todos, vae ensinar a maneira simples e pratica de traçar uma ellipse por meio da sua normal que, como decerto sabem, é a bissectriz do angulo formado por dois raios vectores que, partindo de cada fóco, vão unir-se no mesmo ponto da curva.

Para tornar a experiencia mais pratica, supponhâmos que se pretende fazer uma abobada, em ponto pequeno, já se vê, cujo arco seja metade de uma ellipse. Depois de terem cravado no solo quatro prumos verticaes, collocando nos topos as traves horisontaes sobre que ha de assentar a abobada, collocam dois pregos nas duas traves oppostas e correspondendo cada prego ao topo dos prumos sobre que ellas assentam.

Feito isto, assentam sobre cada uma das traves horisontaes oppostas uma taboa que fique vertical e formando como que o prolongamento das paredes mestras d'este supposto barracão.

É sobre essas taboas que vamos desenhar a metade da ellipse. Para isso ata-se um cordel pelos extremos aos dois pregos que se puzeram nas traves, de maneira que fique bambo, tanto quanto se pretenda, o que depende da maior ou menor altura que deve ter a abobada. Essa altura é dada pela flecha do arco, que é a linha vertical que se tira do meio da trave para cima e que até se póde riscar nas taboas verticaes.

Antes, porém, de atar a corda, é preciso fazel-a passar por uma roldana munida de uma péga, e é portanto necessario arranjar essa roldana... sem gastar dinheiro.

Corta-se para isso, de uma lata de sardinhas de conserva, uma chapa CT com a fórma indicada á esquerda da figura e de que só metade está representada em CATBD, rebate-se em angulo recto segundo as linhas CD para um

lado e AB para outro, e fazem-se-lhe os tres orificios com um prego nos dois extremos T e ao meio da parte CADB.

A roldana é facil de arranjar com um carrinho de linhas, que se póde encurtar cortando-lhe uma porção da parte cylindrica e unindo depois as porções assim separadas. De eixo serve um bocadinho de pau qualquer. No orificio G passa-se um arame ou crava-se um cabo de madeira direito que serve de péga.

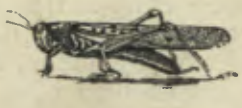
Passada a corda pela roldana assim preparada, e atada depois pelos extremos aos pregos de que já fallamos, tendo previamente regulado o comprimento d'essa corda pela altura da abobada, basta puxar a roldana pelo cabo, esticando um pouco a corda e correr de um lado a outro para se desenhar a ellipse, a qual ficará gravada na taboa, se junto do eixo da roldana puzermos bem cravado um bocado de lapis, giz ou carvão.

Serrando as taboas segundo essa linha, assentam se sobre ellas no sentido do comprimento da abobada ripas ou fasquias, e assim se completa a construcção de uma obra de engenheria, para a qual, em theoria, é preciso fazer mil calculos, que muitas vezes sahem errados.

Amaveis assignantes!—Tem o *Gafanhoto* publicado na CAIXA DE SURPREZAS, além de varias charadas, logogriphos, etc., algumas experiencias de physica e varios jogos. Mas ignora o bom *Gafanhoto* qual a impressão que as experiencias de physica e os jogos tem feito nos seus queridos leitores e precisa sabel-a,

Para isso, durante um mez, fica aberto uma especie de plebiscito entre os queridos assignantes, os quaes farão a fineza de dizer para a redacção qual a parte da CAIXA DE SURPREZAS que mais lhe agrada, e qual a que lhe desagrada, a fim de se fazer o possivel para não haver descontentes.

Por tal gentileza fica já muito grato o



É editor do GAFANHOTO o *Sr. José Augusto Lucas*

Officina photomecanica Thomaz Bordallo — Typographia da Livraria Ferin

Livros para creanças

em todas as linguas

Catalogos especiaes illustrados

DE

LIVROS PARA BRINDES

Livros para o ensino
primario, secundario e superior

ESTAMPAS
ARTIGOS DE DESENHO E PINTURA

Livraria Ferreira

Rua do Ouro, 132

LISBOA

SALÃO DE JOGOS

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES TODOS OS MEZES

Sortimento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

Lisboa

A. ASSIS CAMILLO

121—Rua da Conceição—123

LISBOA

Bijouterias,
perfumarias,
botões,
alfinetes,
fitas,
galões,
rendas, etc.

Filozelle e froco
de
todas as grossuras

Preparos para costura

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 12 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, etc., tudo

profusamente illustrado
com gravuras
e estampas a côres

O 1.º volume, correspondente ao 1.º anno (abril de 1903 a março de 1904) com uma bella capa a côres, acha-se á venda na

Administração do GAFANHOTO
e nas principaes livrarias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Trimestre, 6 numeros	$450
Semestre, 12 numeros	$800
Anno, 24 numeros	1$500
Numero avulso	80

Redacção d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferregial, 6, 1.º

ASSIGNA-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

A unica publicação d'este genero em Portugal

GAFANHOTO

N:32

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

_O que é isso, menino José?

_Um gafanhoto a comer uma menina muito bonita...

_Mas onde está a menina bonita? não a vejo.

_Está na barriga do gafanhoto...

Retrozaria Mapril Sequeira

SUCCESSORES

Diamantino & Almeida

Especialidade em bordados
começados
e riscados proprios para creanças

Debuxos, frocos,
lantejoulas,
canutilhos, lãs e sedas para bordar,
completo sortimento

109, RUA DOS RETROZEIROS, 111

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Livros de leitura illustrados para creanças em francez, portuguez e inglez

ALBUNS D'IMAGENS COLORIDAS E POR COLORIR

Estojos de desenho, papeis, esquadros,
reguas, lapis e mais artigos para creanças de todas as edades

ENCONTRA-SE NA

LIVRARIA FERIN **R. Nova do Almada, 74**

BIBLIOTHECA DAS CREANÇAS

Lindissimos volumes de 160 paginas illustradas,
contendo contos e historias,
escriptos expressamente para creanças

Cinco volumes publicados

1.º—Contos de Fadas
2.º—Novos contos de Fadas
3.º—Terceiro livro de contos de Fadas
4.º—Historias da Carochinha
5.º—Aventuras do barão de Münchausen
No prélo o 6.º—Ceu azul

Cada vol. br. 200 réis; elegantemente cartonado 300 réis

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

LIVRARIA MODERNA RUA AUGUSTA, 95

O SANTARRÃO DO RATO

INDAS historias de animaes contou um francez chamado La Fontaine. As suas fabulas, traduzidas em todas as linguas, são ainda hoje um encanto para as creanças e ao mesmo tempo bellas lições de moral.

Ora uma d'essas fabulas conta a historia de um rato muito guloso, o qual conseguiu encafuar-se dentro de um enorme queijo de Hollanda, onde vivia regalado e satisfeito, mas com reputação de santo. Fiados n'essa fama procuravam-no ratos pobresinhos para lhe pedir asylo, ou esmola, ou alimento. No entanto o santarrão, com muito boas palavras, recusava-se a fazer-lhes qualquer beneficio, fechava-lhes a porta na cara, e ia continuando a levar boa vida, fingindo-se sempre muito humilde e desinteressado.

Acaba n'isto a historia do bom La Fontaine. Mas o *Gafanhoto* ouviu lá pelos campos, a umas formigas muito bisbilhoteiras do seu conhecimento, o resto da historia do tal rato embusteiro e egoista.

O nosso amigo passava a vida em delicias, a comer e a dormir, dentro da caverna que dentro do enorme queijo o seu dentinho alargava de dia para dia, á medida que a barriga lhe ia crescendo.

O peior é que, com o correr do tempo, o bicho começou a enfastiar-se da comida, que era sempre a mesma, e apeteceu-lhe outro queijo que não fosse de Hollanda.

— «Nada!» disse elle com os seus botões. «Não ha remedio senão mudar de casa, que é para não crear fastio. Amanhã vou procurar um queijo Gruyère, que é o que me faz agora crescer agua da bocca. A falar a verdade, tenho uma certa pena de largár este, que era realmente rico. Mas antes de acabar, vou tomar uma barrigada d'elle. Sequer ao menos, não ficará muito para outro freguez.»

E desatou a roer, a roer, como um desalmado. Ora o queijo, que pouco mais já tinha do que a codea, estava por baixo de mais tres ou quatro de respeitavel tamanho.

O nosso amigo tanto roeu, tanto adelgaçou a codea, que esta rebentou afinal. Os outros queijos esmagaram n'um abrir e fechar d'olhos tanto a casa do rato, como o proprio rato. Assim ficou elle castigado de uma gula e do seu egoismo.

O PRANTO DO ROUXINOL

Apresentaram-se um dia deante do sabio rei Salomão todos os passaros do ar, queixando-se-lhe de que não podiam pregar olho de noite por via das lamentações do rouxinol.

— «Então porque choras tanto?» perguntou Salomão.

E o rouxinol respondeu:

— «Eu d'antes era mudo. Quem me ensinou a cantar foi a rosa. E agora choro, porque tão maltratada a vejo, e calcada sem dó pelos pés do homem!»

Deu-lhe razão o rei, por vêr como o homem era ingrato para com Deus, maltratando um dos mais formosos presentes que d'elle havia recebido.

Guerra em ponto pequeno

Logo que a porta se cerra
Aos pequenos cavallões,
Eis que arremedam a guerra
Dos russos e dos japões.

Andam no ar almofadas,
N'um sarilho os travesseiros,
Como se fossem granadas
E os meninos artilheiros.

Lulu mergulha, coitado!
Sem mostrar sombra de medo,
Como um forte couraçado
Desfeito por um torpedo.

Mas p'ra que elle se segure,
Néne barafusta e clama,
Defendendo Porto-Arthur
Na cabeceira da cama.

Caixa de Surprezas

Estampa muda do n.º 25

O *Gafanhoto* viu-se um pouco atarantado para se decidir entre os exercicios que lhe enviaram os seus pequenos amigos, para interpretação da estampa muda.

Notou elle que um grande numero d'esses exercicios denunciavam, pela repetição de uns certos termos, imitação muito chegada a um texto geralmente conhecido. Ora não é bem isto que o *Gafanhoto* deseja, n'estes exercicios de redacção. Elle fica tanto mais satisfeito quanto mais se deixarem guiar os amaveis concorrentes pelo seu infantil espirito, dando assim um caracter de originalidade ás suas composições. Em logar de logares communs litterarios, o que elle deseja são cousas sentidas e sinceras, sahidas de um coraçãosinho enthusiastico, escriptas por uma penna ingenua. Isto, já se vê, resalvando as regras da grammatica e os dictames do bom senso.

Esta advertencia é dirigida principalmente aos paes, mestres e tutores, que comprehenderão bem por estas palavras quaes as aspirações do *Gafanhoto*, e melhor as poderão explicar aos nossos queridos leitorsinhos.

Como disse, o *Gafanhoto* viu-se embaraçado na escolha, por serem bastantes os que revelam a sua intelligencia historica do assumpto. Emfim, por lhe parecer o mais completo, deu a preferencia ao exercicio do menino JOÃO PINTO DE MENDONÇA, que abaixo publica. Mas não quer deixar de citar com louvor os nomes dos outros concorrentes, que são os seguintes:

D. Elvira Ferreira de Mesquita
D. Maria Ernestina Fernandes de Carvalho
D. Maria de Lourdes Figueira Bruschy

Affonso Cid Perestrello
Alberto de Lacerda
Alvaro da Camara Horta e Costa
Antonio da Camara Horta e Costa
Antonio Antunes de Menezes
Carlos Ribeiro
Francisco Lampreia
Francisco de Lemos Macedo Santos
João Maria d'Almeida
José Luiz Valdez de Moura Borges
Luiz Alberto Miranda da Costa
Manoel Chrysostomo Pereira Branco
Mario d'Almeida
Raul de Carvalho
Sebastião de Barros e Cunha

Affonso d'Albuquerque e o tributo do rei da Persia

—O nome de Portugal chegára ao maior apogeu de gloria no tempo de Affonso de Albuquerque.

—O nome portuguez assombrára o mundo oriental!..

—Fôra assignada a paz com o rei de Ormuz, e este obrigára-se a pagar ao rei de Portugal o tributo annual de 15000 xerafins d'ouro, mais 5000 para as despezas da armada, consentindo alem d'isto, que fosse levantada uma fortaleza no sitio que mais approuvesse a Affonso de Albuquerque.

—D'este convenio lavraram-se duas cartas: uma em arabe, em folhas de ouro, e outra em persa, em papel azul com letras de ouro, que depois foram remettidas ao Rei D. Manoel, em duas caixas de prata.

—Tratou-se em seguida de edificar uma fortaleza, lançando-se os respectivos alicerces em outubro de 1502.

—Começaram então a surgir intrigas em redor de Affonso de Albuquerque, mas o grande capitão desprezou-as e seguiu.

—O Shah da Persia, Ismael, no entanto reclamou de Ormuz o tributo annual da sua suzerania, e o rei de Ormuz, em vista d'esta exigencia enviou um emissario da sua confiança a Affonso de Albuquerque, para dizer a este que o reino de Ormuz não podia pagar os dois tributos, e que considerasse bem a resposta a dar ao Shah da Persia.

— Affonso d'Albuquerque, que recebeu o embaixador na tolda do seu navio, e o ouviu com attenção, encarou-o com altivez, mandou vir immediatamente para deante de si balas, espadas, e outros apetrechos de guerra, apontou para esses objectos, e respondeu dirigindo-se ao embaixador do rei de Ormuz: «Estas são as moedas que o Rei de Portugal envia a quem ousar pedir tributos aos seus vassalos.»

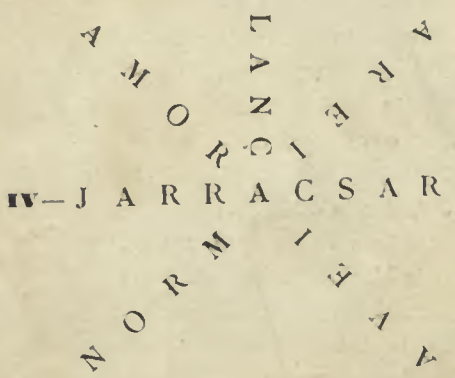
— A estampa representa a resposta de Affonso d'Albuquerque ao embaixador do rei de Ormuz.

João Pinto de Mendonça.

Mais decifradores do n.º 29

D. Ellen Thorn — (1.º, 2.º, 3.º, 4.º). Raul de Lousa Maia — (3.º, 4.º),

Decifrações do n.º 30



II — *Braga*, traga, trago, trato, prato, preto, preta, poeta, porta, *Porto*, parto, parta, pária, pavia, pavoa, *Povoa*. I — Agradeço.

III — *Gelo*, gela gula, aula, aura, agra, *agua*.

V — Edade do velho: 72 annos; do filho 47; e a do neto 18.

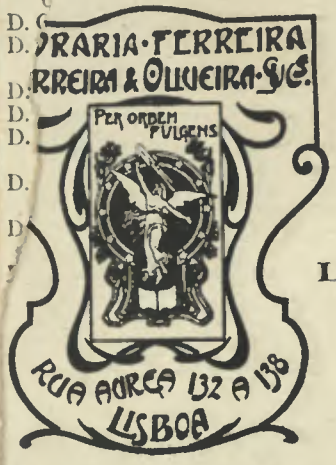
VI — Avó, filha e neta.

VII — Olhos.

VIII — Lingua.

IX — Em ter sella (cella).

X — A terça era de 7:200$000 rs. e cada quinhão era de 1:440$000 rs.



Livros para creanças

em todas as linguas

Catalogos especiaes illustrados

DE

LIVROS PARA BRINDES

Livros para o ensino
primario, secundario e superior

ESTAMPAS
ARTIGOS DE DESENHO E PINTURA

Livraria Ferreira

Rua do Ouro, 132

LISBOA

Maria Augusta Bordallo Ribeiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Ouro Velho, 23, ao Chiado

SALÃO DE JOGOS

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES TODOS OS MEZES

ortimento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA

3, *Rua Nova do Almada, 5o*

Lisboa

A. ASSIS CAMILLO

121—Rua da Conceição—128

LISBOA

Bijouterias,
perfumarias,
botões,
alfinetes,
fitas,
galões,
rendas, etc.

Filozelle e froco
de
todas as grossuras

Preparos para costura

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 12 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, etc., tudo

profusamente illustrado
com gravuras
e estampas a côres

O 1.º volume, correspondente ao 1.º anno (abril de 1903 a março de 1904) com uma bella capa a côres, acha-se á venda na

Administração do GAFANHOTO
e nas principaes livrarias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Trimestre, 6 numeros	$450
Semestre, 12 numeros	$800
Anno, 24 numeros	1$500
Numero avulso	80

Redacção d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferregial, 6, 1.º

ASSIGNA-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

A unica publicação d'este genero em Portugal

GAFANHOTO

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

N.º 33

Retrozaria Mapril Sequeira

SUCCESSORES

Diamantino & Almeida

Especialidade em bordados
começados
e riscados proprios para creanças

Debuxos, frocos,
lantejoulas,
canutilhos, lãs e sedas para bordar,
completo sortimento

109, RUA DOS RETROZEIROS, 111

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Livros de leitura illustrados para creanças em francez, portuguez e inglez

ALBUNS D'IMAGENS COLORIDAS E POR COLORIR

Estojos de desenho, papeis, esquadros,
reguas, lapis e mais artigos para creanças de tódas as edades

ENCONTRA-SE NA

LIVRARIA FERIN R. Nova do Almada, 74

BIBLIOTHECA DAS CREANÇAS

Lindissimos volumes de 160 paginas illustradas,
contendo contos e historias,
escriptos expressamente para creanças

Cinco volumes publicados

1.º—Contos de Fadas
2.º—Novos contos de Fadas
3.º—Terceiro livro de contos de Fadas
4.º—Historias da Carochinha
5.º—Aventuras do barão de Münchausen
No prélo o 6.º—Ceu azul

Cada vol. br. 200 réis; elegantemente cartonado 300 réis

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

LIVRARIA MODERNA RUA AUGUSTA, 95

O GAFANHOTO
Nº 33 AGOSTO 1904

QUESTÃO INTRINCADA

Olá! tartaruga! poisa,
Poisa ahi, sem mais andar,
Vê se explicas uma coisa
Que ha muito me faz scismar.

De tartaruga um bom pente
Tenho no quarto de cama;
Tenho um gato, e toda a gente
De tartaruga lhe chama.

Ora da casca que trazes
No lombo, á laia de fato,
Como é que um pente tu fazes?
Como é que fazes um gato?

O SULTÃO

Um camponez tinha um cão muito fiel, chamado Sultão, que envelhecera no seu serviço. O bicho tinha perdido todos os dentes, e já não tinha folego para seguir o rebanho.

Um dia o camponez, estando á porta de casa com a mulher, disse-lhe assim:

—«O velhorro do Sultão já não nos serve de nada. Amanhã dou-lhe um tiro.»

Mas a mulher, que tinha dó do fiel animal, exclamou:

—Pois tu tens animo de dar cabo de um cão que tão bem nos serviu durante tantos annos? Estou convencida de que elle não nos seria pesado, se o deixassemos viver.»

—«Qual historia!» replicou o marido. «Isso que dizes é um disparate. O bicho não tem um dente sequer, e os ladrões já não teem medo d'elle. O melhor é vermo-nos livres do estafermo. É verdade que nos fez bom serviço, mas por isso se tem regalado com boa pitança.»

O pobre cão, que estava alli perto estiraçado ao sol, ouviu todo este cavaco, e ficou raladissimo ao saber que o dia seguinte seria o seu ultimo dia de vida.

Ora, o Sultão tinha um bom amigo, que era um lobo. Por isso, á tardinha, esgueirou-se para o matto, a fim de o visitar, e lastimou-se muito com elle pela sorte que o esperava.

—«Ouve lá, ó compadre!» disse o lobo. «Não percas o animo. Eu te ajudo a livrares-te d'essa entalação. Tenho uma ideia. Amanhã, de manhã cedo, o teu dono vae mais a mulher para a ceifa, e hão de levar comsigo o pequenito. Emquanto estão a trabalhar, hão de pôr o filho á sombra, debaixo da sebe. Tu ficas ao pé do petiz, como se estivesses a tomar conta d'elle. Eu espero que tudo esteja em socego, e depois saio do matto, e deito os gadanhos á creança. Tu então deitas a correr atraz de mim, como se quizesses tirar-m'a. Eu deixo cahir o pequeno, e tu leval-o outra vez aos paes, e elles hão de suppôr que tu o salvaste, e hão de ficar te ainda mais gratos por pensarem que te queriam matar. Em logar de o fazerem, hão de acarinhar-te ainda mais, e por cousa nenhuma quererão apartar-se de ti.»

Seguiu o cão o conselho, e tudo se fez como estava combinado. O pae desatou a berrar quando viu o lobo a fugir pelo matto com a creança; mas quando o velho Sultão a trouxe de novo, não tiveram limites a alegria e a gratidão do dono. Afagou muito o cão, dizendo:

—«D'aqui por deante ninguem te fará mal, meu fiel amigo, e nunca te faltará comida nem abrigo emquanto viveres.»

E disse depois á mulher:

—«Vae a casa n'um pulo, ó mulher, e vê se arranjas depressa umas sopas de leite para o pobre Sultão. É comida boa para quem é desdentado. E traze tambem uma almofada, que é para lhe servir de cama.»

E desde então o bicho teve todos os confortos e satisfações que podia desejar. D'ahi a pouco foi o Sultão fazer uma visita ao seu amigo lobo, e contou-lhe a sua boa fortuna.

—«Compadre,» disse o lobo com muita manha, «confio que d'ora ávante has de fechar os olhos, para não me veres levar alguma ovelha gorda do rebanho do teu dono. Hoje em dia está sendo um caso intrincado, isto de arranjar com que se encha a barriga.»

—«Isso agora, tem paciencia, compadre!» respondeu o cão. «Lá o patrão tem confiança em mim, e eu não posso consentir em tal falcatrua.»

Mas o lobo é que não acreditava que o cão falasse a serio. Por isso, logo que chegou a noite, escoou-se para dentro do aprisco, e ter-se-hia safado com uma ovelha, se o Sultão não tivesse avisado o dono.

Este ficou á espreita, e deu-lhe tamanha escovadela com o mangoal que o lobo ficou quasi pellado.

Não teve remedio senão escapulir-se, gritando para o cão:

—«Espera lá, meu traidor! Deixa estar, que m'as has de pagar!»

Na manhã seguinte mandou o lobo desafiar o cão por intermedio do seu amigo javali, que tinha promettido ser testemunha do duello. Combinaram encontrar-se na matta, e o pobre do velho Sultão não teve ninguem para lhe servir de testemunha senão um gato, só com tres pernas. O bichano lá foi a coxear, com grande custo, mas com a cauda muito arrebitada.

O lobo já lá estava, mais o javali, no sitio combinado. Mas quando viram os adversarios approximarem-se, pensaram que a cauda do gato era uma espada, e cada vez que o bichano corcovava o lombo, a coxear, julgavam que era um pedregulho que o Sultão queria atirar-lhes. Tamanho susto apanharam que o javali se foi esconder entre as folhas secas e o lobo trepou por uma arvore.

O cão e o gato ficaram muito espantados por não acharem ninguem no sitio marcado, mas o gato deu com os olhos n'uma cousa que mechia entre a folhagem e que elle tomou por um rato.

Ora o javali, ao esconder-se nas folhas secas, tinha deixado espetadas fóra as suas orelhas pardas. E quando o gato começou a farejar, viu as orelhas mecherem-se, e saltou a uma d'ellas, suppondo que era um rato, agarrou-a entre os dentes e trincou-lhe metade. O javali levantou-se a gritar como um possesso:

—«O maroto que os offendeu está lá em cima da arvore.»

E desatou a fugir com quanta pressa poude.

O cão e o gato olharam então para cima e deram com o lobo, que estava todo envergonhado da sua cobardia. Por isso desceu logo da arvore, e fez as pazes com o velho Sultão.

Um pato atrapalhado

«Que caminho tomou a Raposa?
«Viu alguem?
—«Foi por além!
—«É peta! eu é que vi!
«Foi por ahi!»
—«Mentira! ora não ha!
Foi por acolá!»
—«Jesus! Jesus! não sei!
«Por onde irei!»
Nem de leve o pateta suspeita
Que a rapoza magana o espreita.

O BAHU VOADOR

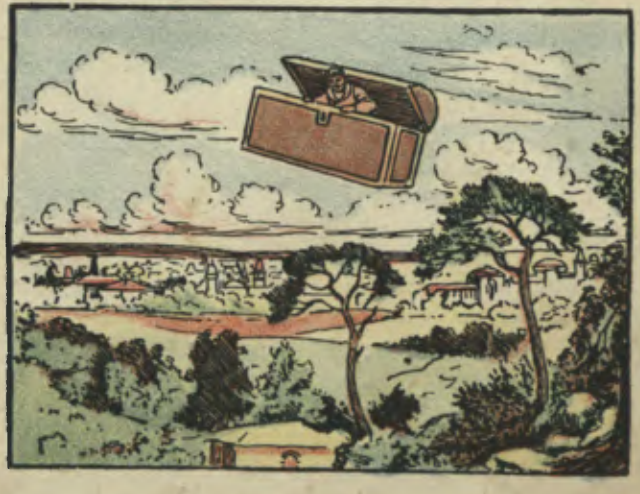
Era uma vez um negociante, tão rico que seria capaz de calçar toda a sua rua com oiro fino. Mas n'essa não cahia elle; bastante conhecia o valor do dinheiro para não o desperdiçar por similhante jaez. Era tão esperto que cada tostão empregado lhe rendia doze vintens ou tres tostões; e assim continuou até morrer.

Herdou-lhe o filho a riqueza, e com ella viveu vida folgada. Não passava noite sem andar na frescata, forrava papagaios com as notas de vinte mil réis, e atirava moedas de oiro ao mar, em vez de seixos, para se divertir a fazer peixinhos. Por este andar, não tardou que estafasse a dinheirama toda. Restavam-lhe apenas, por fim, um par de chinellas, um *robe-de-chambre* muito velho, e cousa de oito tostões em prata. Todos os amigos o desampararam, tinham vergonha de andar com elle pela rua. Só um d'elles, que tinha bom coração, lhe mandou um bahu velho com este recado:

—«Emmala!»

—«Isso é bom de dizer!» exclamou elle. «Mas era preciso que eu tivesse alguma cousa para emmalar.»

E vae então, sentou-se dentro do bahu. Ora este bahu era maravilhoso; mal uma pessoa fazia pressão na fechadura, o bahu punha-se a voar. Como o rapaz fechasse a tampa e empurrasse a fechadura, o bahu soltou o vôo pela chaminé acima, levando consigo o filho do negociante por ares e ventos, direitinho ás nuvens. Sempre que as tabuas do fundo rangiam, ficava elle transido de susto. Pudera! se acaso o bahu se escangalhasse, era um tombo por cima das arvores que dava cabo d'elle com certeza.



Mas o caso é que foi parar dentro do bahu ás terras da Turquia. Escondeu o bahu n'uma matta, debaixo de um montão de folhas secas, e metteu-se pela cidade. Ninguem lhe reparava no vestuario, visto que os turcos costumam andar por fóra em *robe-de-chambre* e chinellas, exactamente como elle estava n'aquella occasião.

Topou com uma ama que levava um menino ao collo.

—«Olá, senhora ama turca,» bradou elle, «faça favor de me dizer que castello é aquelle que

está perto da cidade, com umas janellas muito altas.»

—«É alli que mora a filha do Rei,» respondeu a ama. «Prophetisaram-lhe que ella havia de ter um grande desgosto por via de um namorado, e vae então não consentem que ninguem a visite, a não ser na presença do Rei mais da Rainha.»

—«Obrigadinho,» disse o negociante.

Voltou logo á matta, encafuou-se no bahu, e ala para o telhado do castello, e em seguida foi de gatinhas até entrar no quarto da Princeza.

Estava ella deitada n'um sofá, a dormir. Tão linda era que elle não poude resistir á tentação de lhe dar um beijo. Ella acordou logo assarapantada. Mas elle convenceu-a de que era um anjo turco que viera por esses ares de proposito para a vêr, e com isto ficou ella muito presumida.

Vae o rapaz, sentou-se ao lado da Princeza e desatou a conversar. Disse-lhe cousas muito bonitas, amabilidades, historias de fadas e de bichos, cousas mesmo de encantar. Depois perguntou-lhe se queria casar com elle, e vae ella consentiu immediatamente.

—«Mas é preciso que o senhor venha cá no sabbado,» accrescentou ella, «que é quando o Rei e a Rainha veem tomar chá comigo. Hão de ficar todos orgulhosos em sabendo que eu vou casar com um anjo turco; mas convem que o senhor engendre algumas historias bem lindas para lhes contar, porque os meus paes morrem por ouvir historias. A maman prefere as que são moraes e fazem pensar, mas o papá do que gosta é de cousas de galhofa, que o façam rir.»

—«Pois está dito!» replicou elle. «O meu dote ha de ser uma bella historia.»

E então despediram-se. A Princeza deu-lhe uma espada toda guarnecida de sequins de oiro, que lhe foi de grande proveito.

Voou o rapaz para a cidade, comprou uma fatiota nova, e depois voltou para a matta, onde esteve a compôr uma historia, para estar prompta no sabbado, cousa que não era lá muito facil. Mas o caso é que a levava na ponta da lingua, quando se apresentou ao chá da Princeza. Lá estava o Rei, a Rainha e toda a corte, que o receberam com grande deferencia.

—«Quer dar-se ao incommodo de nos contar uma historia?» disse a Rainha. «Uma que seja instructiva e cheia de ensinamento moral.»

—«Exacto!» accrescentou o Rei. «Comtanto que tenha alguma cousa que faça rir a gente.»

—«Ás suas ordens!» replicou o filho do negociante.

E começou logo, pedindo que o escutassem com attenção.

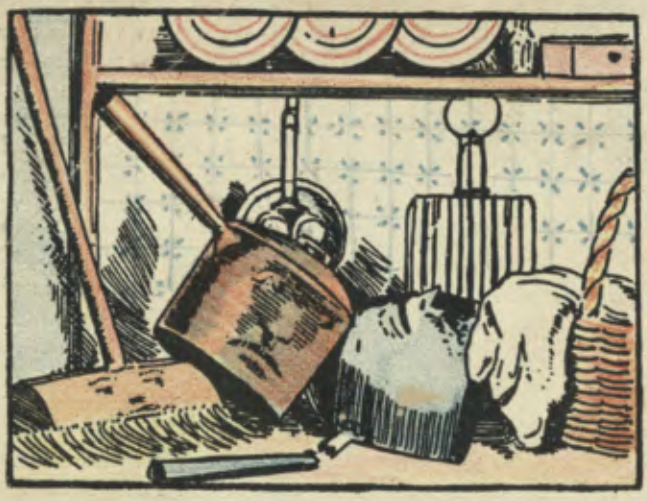
—«Era uma vez um pacote de fosforos de pau, muito cheios de prosapia por via da sua ascendencia. A sua arvore genealogica, isto é, um grande pinheiro d'onde os tinham cortado, fôra em tempos uma das arvores mais velhas e mais conceituadas do bosque.

«Ora os fosforos estavam entre uma caixinha de isqueiro e uma velha caçarola de ferro, e não se cansavam de tagarelar a proposito das recordações da sua mocidade.

—«Bons tempos esses, em que nós crescíamos nos ramos viçosos, e eramos tão verdes como elles! Todas as manhãs e todas as tardes tinhamos a nossa ração de gotas de orvalho, limpidas como diamantes. Em o sol descobrindo, era um calorsinho que nos regalava, e os passaritos vinham contar-nos historias a cantar. Sabiamos que eramos ricos, por isso que as outras arvores só no verão é que se enfarpelavam de verde, ao passo que a nossa familia estava sempre com o seu viçoso fatinho, quer de verão, quer de inverno. Mas eis que appareceu o lenhador, tal qual como uma grande revolução, e a nossa familia foi toda derrubada a machado. O chefe da casa ainda obteve uma excellente posição, a de mastro grande n'um lindo brigue, e lá anda a viajar as sete partidas do mundo. Os outros ramos da familia foram empregados em differentes misteres, e o nosso agora é fornecer luz á gente ordinaria. Aqui está como pessoas de alta linhagem vieram parar a uma cosinha.»

—«Pois a minha sina foi muito differente», disse a caçarola de ferro que estava ao pé dos fosforos. «Desde a minha primeira entrada no mundo que eu tenho este emprego de cosinhar os alimentos. Tenho o logar de honra sempre que se precise alguma comida solida e substancial. O meu unico prazer é vêr-me limpinha e muito polida depois do jantar, estar muito descansadinha no meu pouso, e ter um cavaco ameno com os meus visinhos. Todos nós, á excepção do balde, que uma vez por outra dá um passeio até á horta, passamos a vida aqui juntos entre quatro paredes. Quem nos traz noticias lá de fóra é o cabaz das compras, mas esse ás vezes diz cada uma de tremer, a respeito do governo e de toda a gente. É como lhes digo! Até uma vez um tacho ficou em tamanho alvoroço que deu comsigo no chão e fez-se logo em cacos. Pelos modos, esse tacho era de um partido revolucionario.»

—«Vocês estão a falar pelos cotovelos,» exclamou a caixinha do isqueiro.



«E vae o fuzil bateu na pedreneira, e voaram pelo ar algumas faiscas, gritando :

—«Haja alegria, que é o que se quer !»

—«Pois já se deixa vêr,» replicaram os fosforos. «Falemos a respeito das pessoas finas.»

—«Deixem-se d'isso !» accudiu a caçarola. «É uma estopada estarmos sempre a falar de nós. Vamos a vêr se inventamos outra cousa que nos divirta. Começo eu. Contemos qualquer partida que nos tivesse acontecido. É uma cousa simples, e não deixa de ser interessante. N'uma praia muito bonita, defronte da qual passavam muitos navios.. »

—«Lindo começo !» exclamaram os pratos. «Agora é que nós vamos ter uma historia divertida.»

—«Verão. Quando eu era nova, vivia com uma familia muito pacata, com uma mobilia toda de polimento, a casa atapetada ou forrada de oleado, lindas cortinas nas janellas...»

—«Muito interessante é vossemecê para a cavaqueira !» disse a vassoira. «Bem se vê que tem andado mettida com mulheres, tão fina é a sua conversação !»

—«Tal qual ! » bradou o balde.

«E vae, deu tamanho pulo de contentamento que entornou uma porção de agua pelo sobrado.

«E então a caçarola foi continuando a historia, e o fim foi tão divertido como o principio.

«Os pratos retiniram com o enthusiasmo, e a vassoira foi buscar uma pouca de salsa ao barril do lixo e coroou a caçarola, tudo para metter ferro aos outros. E pensava lá de si para consigo :

—«Hoje corôo-a eu. Amanhã será ella que ha de coroar-me.»

— «E agora vamos lá a um bailarico !» gritou a tenaz do fogão.

(CONTINUA.)

Caixa de Surprezas

Mais decifradores do n.º 30

Henrique de Bruges (6.º 7.º)
Francisco de Lemos de Macedo Santos (5.º)

Decifrações do n.º 31

I—

II—X/X Tirando o ponto, fica: XX, que é vinte em conta romana.
III—O cabo ficou com 28 libras e o soldado com 18. Ora 28:7=4 e 18:3=6, e 4+6=10.
IV—Nem por muito madrugar se amanhece mais cedo.
V—*Braço*, brado, prado, peado, peada, perda, *perna*.
VI—*Tinta*, tinha, vinha, *vinho*.
VII—XC (noventa em conta romana, no-venta.)

Decifradores do n.º 31

D. Adelaide Christina Cayola da Veiga (1.º)
D. Adelaide Carmona da Silva Moreira (7.º)
D. Ellen Thorn (2.º, 6.º)
D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º. 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 7.º)
D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º)
D. Irene Rolin Geraldes Barba (3.º, 4.º, 6.º)
D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º)
D. Maria Rosalina Domingas Vianna Pinto Coelho (2.º, 3.º, 4.º 7.º)
D. Maria de Sousa Holstein (2.º, 3.º, 4.º, 6.º, 7.º)
D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º)
Affonso Cid Perestrello (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º)
Alexandre do Quental Calheiros Velloso (7.º)
D. Antonio de Sousa Holstein (2.º, 3.º, 4.º, 6.º, 7.º)
Antonio Vieira da Cruz (2.º, 3.º, 4.º, 6.º)
Carlos Ribeiro (2.º, 4.º)
Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º)
João de Saldanha Pimentel Rolim (2.º, 7.º)
Julio Cesar de Lacerda (2.º, 4.º, 7.º)
Luiz Alberto Miranda da Costa (1.º, 2.º, 4.º, 6.º)
Mario de Moraes Affonso (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 7.º)

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I—Continuação do quebra-cabeças do n.º 28

Organisar as seguintes figuras

II — Enviada por Mario de Moraes Affonso

Transformar: *Paga* em *Deve*, devendo haver só 6 palavras entre aquellas duas.

III — Enviada por Julio Cesar de Lacerda

De cada proverbio dos que se seguem tirar uma palavra, e com as que se tirarem formar outro proverbio:

«Quem uma vez furta, fiel nunca.»
«Não ha melhor espelho que amigo velho.»
«Paga o que deves, sararás do mal que tens.»
«Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.»
«Mais vale calar que mal fallar.»
«Azeite, vinho e amigo, o mais antigo.»

Julio Cesar de Lacerda.

IV — Adivinhação antiga, (enviada por Antonio Vieira da Cruz)

Ave sou, pennas não tenho — 2
Capa de ovelha me cobre — 1
Coitadinha, sou mui pobre;
N'uma arvore me detenho.

Antonio Vieira da Cruz.

V — Adivinhação antiga (enviada por D. Ellen Thorn)

Qual é a coisa que quanto maior é menos se vê?

Ellen Thorn.

VI — Um portuguez, muito amigo de viajar, começou por ir a Hespanha. Foi d'aqui ao Algarve, atravessou o Guadiana em frente de Villa Real e a primeira povoação hespanhola que visitou foi Ayamonte.

Entre as curiosidades que alli havia para se verem, uma das mais notaveis, principalmente pelo lindo panorama que d'alli se disfructa, é o castello. O nosso compatriota, foi, viu e admirou, mas foi dizendo ao hespanhol: «lá em Portugal ha coisa muito melhor do que isto»; e acompanhou a phrase de um gesto de desdem, que muito offendeu o andaluz. Este então replicou: «Mas não ha lá castello nenhum d'onde se avistem tres reinos, como d'este se avistam!» Quaes são? — pergunta-lhe o portuguez. — Um — diz o hespanhol — é o reino de Portugal, o outro o de Hespanha, e o terceiro advinhe-o o senhor.

O portuguez ficou embaraçado, e voltou logo pelo mesmo caminho a perguntar aos gentis assignantes do *Gafanhóto* qual será o terceiro reino que se avista do Castello de Ayamonte.

Escusado será dizer que bateu a boa porta, porque no n.º 34 do *Gafanhoto* elle terá a chave do enygma, e poderá então continuar a sua viagem pela Hespanha sem soffrer a troça dos hespanhoes por não saber nada de... geographia!

Charadas enviadas por D. Maria Argentina da Nazareth e Carmo

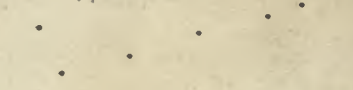
VII — A's direitas um fructo, ás avessas um perfume — 3.
VIII — Este ente tem vigor para o trabalho — 1 — 2.

IX — No moinho demora o revulsivo — 1 — 2.

Maria Argentina da Nazareth e Carmo.

X — Enviado por José da Costa Leal

Traçar, com linhas rectas que toquem nos pontos dispostos como se segue, uma figura geometrica perfeitamente regular:



XI — Pergunta enygmatica, (enviada pelo mesmo)

Qual é a villa portugueza que, em se lhe mettendo um *i* de permeio, começa a deitar foguetes?

José da Costa Leal.

CORRESPONDENCIA

João Pinto Monteiro de Mendonça — O seu *quebra-cabeças* que fez favor de enviar, mandou se desenhar para poder ser publicado.

D. Maria de Lourdes Figueira Bruschy — Não vale estar zangadinha com o *Gafanhoto!* Ou elle se esqueceu, ou não recebeu, pois nada appareceu!

D. Elvira Ferreira de Mesquita — Esta gentil assignante tem cá umas continhas a ajustar com o *Gafanhoto*... pois é injusta com elle, e o pobre bicho não lhe merece isso. Ora abra o seu n.º 30 e veja porque palavra começa a adivinha n.º 2 (transformações de palavras). E' *Braga*, não é?...

Então já vê que... não tem razão.

Já na transformação da palavra *Tinta* em *vinho*, publicada no n.º 31 succede o mesmo; na sua resposta começa pela palavra *Pinta*, palavra que não está lá. O *Gafanhoto* resolveu pois que, durante a decima milionesima parte de um quarto de minuto, ficava tambem zangado com a sua querida assignante.

Ora ahi está!

D. Ellen Thorn — Foi esquecimento, de certo, e a gentil assignante é bastante bondosa para desculpar o *Gafanhoto* que tanto trabalha e pensa!

Experiencia de physica

Já não é admissivel hoje que um rapazinho ou uma menina ignore o que é a força chamada *gravidade*, e portanto o que é o *peso*.

Como os nossos amaveis assignantes sabem pois, é a *gravidade* a força que attrahe os corpos para o centro da terra, e se fosse possivel abrir um buraco tão grande que a atravessasse em linha recta, de um hemispherio ao outro, passando pelo centro, qualquer objecto que fosse deitado por esse buraco, uma bola de chumbo por exemplo, caminhava por elle e parava no centro, apesar do buraco continuar até á superficie opposta.

Se do outro extremo se deitasse ao mesmo tempo outra bola de chumbo, ella caminharia egualmente, e as duas bolas encontravam-se no centro da terra.

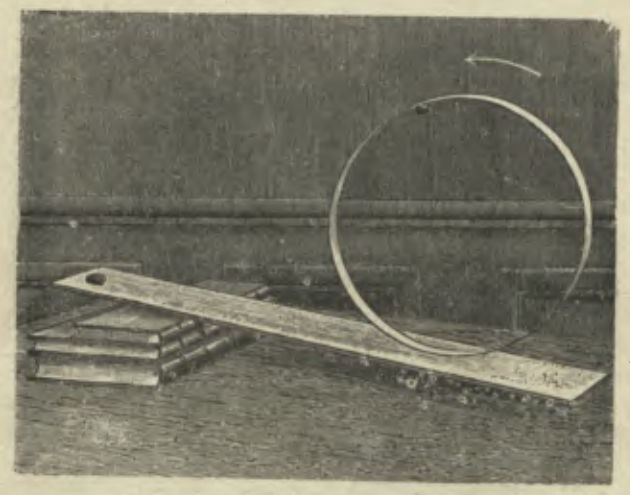
Esta força dá origem ao que nós chamamos *peso*, e todos os objectos, mais ou menos são pesados, isto é: fazem maior ou menor esforço sobre a superficie que se opponha á sua quéda.

Qualquer objecto que se largue de certa altura cahe portanto, e quando está sobre um plano inclinado sobre que possa rolar ou escorregar, começa a caminhar n'esse plano, da parte superior para a parte inferior, isto devido á *gravidade*.

Se ha certos corpos que em logar de cahirem, sobem, como por exemplo os balões que se deitam pelo S. João, os nossos leitorsinhos já sabem tambem que é devido a estarem mais leves do que o ar, mas por muito leves que estejam, não deixam de ser attrahidos pela *gravidade*, e a prova é que, logo que encontram uma camada de ar que seja tão leve como o ar ou gaz de que vão cheios, elles param, não sobem mais, o que prova que, mesmo lá muito altos, a *gravidade* continua a puxar por elles.

Dá-se com os balões na atmosphera, o mesmo phenomeno que se dá com outros objectos mergulhados na agua: uns vão logo para o fundo, outros ficam dentro da agua, outros andam á sua superficie. Dadas estas explicações, que com certeza agradam a todos os nossos leitorsinhos que já estão em edade de comprehender, vae o *Gafanhoto* ensinar-lhes uma experiencia que, parecendo na apparencia oppôr se ás leis da *gravidade*, é realmente a sua demonstração.

Na figura junta veem os nossos amiguinhos uns livros, uma regua a elles encostada de modo a formar um plano inclinado, e sobre a regua um aro circular que deve ser feito de cartão duro.



Pois apesar das leis da gravidade, esse aro que devia descer rolando pela regua abaixo, vae, pelo contrario, subir parte d'esse plano inclinado!!

Para isso, colloca-se um pequeno peso, um botão por exemplo, em qualquer ponto do aro, e pela parte de dentro; depois colloca-se o aro sobre a parte inferior ou ao meio da regua, mas de modo que o botão fique na parte superior, e um quasi nada desviado da vertical para o lado superior da regua.

Largando agora o aro, elle sobe immediatamente pela regua até o botão ficar na parte inferior, parando o aro de subir n'esse momento.

Ora como veem, ainda foi a gravidade que presidiu a este phenomeno.

O botão, não podendo cahir verticalmente, porque estava preso no aro, obedeceu ainda assim á *gravidade*, arrastando o aro até chegar á parte inferior, que era o que a *senhora gravidade* queria!

É editor do GAFANHOTO o *Sr. José Augusto Lucas*

Officina photomecanica Thomaz Bordallo — Typographia da Livraria Ferin

Livros para creanças

em todas as linguas

Catalogos especiaes illustrados

DE

LIVROS PARA BRINDES

Livros para o ensino
primario, secundario e superior

ESTAMPAS
ARTIGOS DE DESENHO E PINTURA

Livraria Ferreira

Rua do Ouro, 132

LISBOA

SALÃO DE JOGOS

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES TODOS OS MEZES

Sortimento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

Lisboa

A. ASSIS CAMILLO

121—Rua da Conceição—123

LISBOA

Bijouterias,
perfumarias,
botões,
alfinetes,
fitas,
galões,
rendas, etc.

Filozelle e froco
de
todas as grossuras

Preparos para costura

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 12 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, etc., tudo

profusamente illustrado
com gravuras
e estampas a côres

O 1.º volume, correspondente ao 1.º anno (abril de 1903 a março de 1904) com uma bella capa a côres, acha-se á venda na

Administração do GAFANHOTO
e nas principaes livrarias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Trimestre, 6 numeros	$450
Semestre, 12 numeros	$800
Anno, 24 numeros	1$500
Numero avulso	80

Redacção d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferregial, 6, 1.º

ASSIGNA-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

A unica publicação d'este genero em Portugal

O CANTO

Nº 35

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Retrozaria Mapril Sequeira

SUCCESSORES

Diamantino & Almeida

Especialidade em bordados
começados
e riscados proprios para creanças

Debuxos, frocos,
lantejoulas,
canutilhos, lãs e sedas para bordar,
completo sortimento

109, RUA DOS RETROZEIROS, 111

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Livros de leitura illustrados para creanças em francez, portuguez e inglez

ALBUNS D'IMAGENS COLORIDAS E POR COLORIR

Estojos de desenho, papeis, esquadros,
reguas, lapis e mais artigos para creanças de todas as edades

ENCONTRA-SE NA

LIVRARIA FERIN R. Nova do Almada, 74

BIBLIOTHECA DAS CREANÇAS

...es de 160 paginas illustradas,
...ntendo contos e historias,
escriptos expressamente para creanças

...mes publicados

4.º—Historias da Carochinha
5.º—Aventuras do barão de Münchausen
...o prelo o 6.º—Ceu azul

...mente cartonado 300 réis

DE PORTUGAL

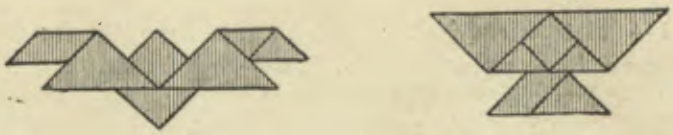
RUA AUGUSTA, 95

Caixa de Surprezas

Mais decifradores do n.º 32

Henrique de Borges (3.º, 4.º)
D. Branca Avellar de Leite Perry (3.º)

Soluções do n.º 33

I — 

II — *Paga*, pega, pego, cedo, dedo, devo, *Deve*.

III — Fiel amigo tens, se mais antigo.

IV — Avelã.

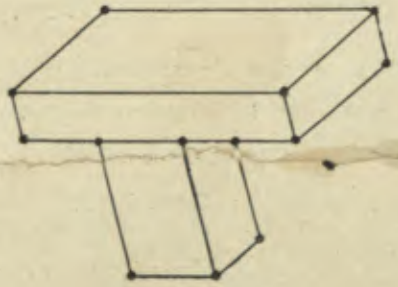
V — Escuridão

VI — O reino do... céu!

VII — Amora (aroma).

VIII — Serviço.

IX — Mostarda.

X — 

XI — Grandola (Girandola).

Decifradores do n.º 33

D. Adelaide Carmona da Silva Moreira (2.º, 5.º, 11.º).
D. Anna Ferreira Fonseca (4.º, 5.º, 9.º)
D. Branca Avellar de Leite Perry (4.º, 5.º).
Affonso Cid Perestrello (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º).
D. Antonio de Sousa e Holstein (2.º, 4.º, 5.º, 4.º, 5.º, 7.º, 8.º, 9.º, 11.º).

D. Cypriana Maria Silva (7.º).
D. Emma Adelaide Peres (5.º, 7.º, 9.º, 11.º)
D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º, 4.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º).
D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º, 4.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º).
D. Maria Argentina da Nazareth e Carmo (4.º, 5.º, 11.º).
D. Ernestina Fernandes de Carvalho (4.º, 5.º, 7.º, 8.º, 9.º, 11.º).
D. Maria Romero (5.º).
D. Maria de Sousa e Holstein (2.º, 4.º, 5.º, 7.º, 8.º, 9.º, 11.º).
D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 7.º, 8.º, 9.º, 11.º).
Antonio Vieira da Cruz (7.º, 8.º, 9.º)
Arnaldo Conceição Sobral (4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º).
Assis Brito Junior (2.º, 4.º, 7.º, 9.º, 11.º).
Carlos Ribeiro (4.º, 6.º, 7.º, 9.º).
Henrique Bruger (5.º, 6.º, 7.º, 8.º).
João Saldanha Pimenta Rolin (5.º, 7.º, 9.º, 11.º).
José da Costa Leal (5.º, 9.º)
José Figueiredo (4.º, 5.º, 7.º, 9.º, 11.º).
Julio Cesar de Lacerda (4.º 7.º, 8.º, 9.º, 11.º)
Luiz Augusto Miranda da Costa (1.º, 2.º, 4.º, 5.º, 7.º, 11.º).
Luiz Romero (5.º).
Mario de Moraes Affonso (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º)
Manuel Crysostomo Pereira Branco (5.º, 11.º)

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I — Problema enviado por Manoel Chrysostomo Pereira Branco

Iam duas mulheres por uma estrada, de noite, e uma d'ellas, cuja vista era penetrante, notou que ao longe vinham dois vultos, e disse para a outra:

«Lá veem os nossos paes»,
«Maridos das nossas mães»,
«Paes de nossos filhos»,
«E nossos maridos tambem».

Como é que só em dois homens havia tanta gente?

Manoel Chrysostomo Pereira Branco.

II — Charada enviada por João de Saldanha P. Rolin

Não vês aquelle sujeito } 1
Como mostra estar contente? }
Ficou ali passeando } 1
Depois de sahir toda a gente. }

Quanto ao todo da charada,
Como é causa de alegria,
Sempre agrada a toda a gente,
A não ser por zombaria.

João de Saldanha P. Rolim.

III — Perguntas enygmaticas enviadas por D. Maria Ernestina Fernandes de Carvalho

O que fez Pedro Alvares Cabral logo que desembarcou no Brazil?

IV — [illegible] por uma estrada fóra em noite escura, ia um rapaz distrahidamente a asso[illegible]te casa.
Encontra um vulto e pergunta-lhe: «Quem és tu?
O vulto respondeu: «Tu és meu filho, mas eu não sou teu pae!
O que era então o vulto?

Maria Ernestina Fernandes de Carvalho.

V — Charadas enviadas por Affonso Cid Perestrello

Eis aqui, sem discussão — 1
Appellido bem vulgar — 1
E que sou habitação
Ninguem o póde negar

VI — Tenho principio na vida — 1
Acabamento em seu fructo — 2
Meu nome é nome de flor,
De ave e de mulher de luto.

Livros para creanças

em todas as linguas

Catalogos especiaes illustrados

DE

LIVROS PARA BRINDES

Livros para o ensino
primario, secundario e superior

ESTAMPAS
ARTIGOS DE DESENHO E PINTURA

Livraria Ferreira

Rua do Ouro, 132

LISBOA

SALÃO DE JOGOS

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES TODOS OS MEZES

Sortimento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA

Rua Nova do Almada, 50

Lisboa

A. ASSIS CAMILLO

121—Rua da Conceição—123

LISBOA

Bijouterias,
perfumarias,
botões,
alfinetes,
fitas,
galões.
rendas, etc.

Filozelle e froco
de
todas as grossuras

Preparos para costura

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 12 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, etc., tudo

profusamente illustrado
com gravuras
e estampas a côres

O 1.º volume, correspondente ao 1.º anno (abril de 1903 a março de 1904) com uma bella capa a côres, acha-se á venda na

Administração do GAFANHOTO
e nas principaes livrarias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Trimestre, 6 numeros	$450
Semestre, 12 numeros	$800
Anno, 24 numeros	1$500
Numero avulso	80

Redacção d'O **GAFANHOTO**

Calçada do Ferregial, 6, 1.º

ASSIGNA-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

A unica publicação d'este genero em Portugal

O GAFANHOTO

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Nº 36

Retrozaria Mapril Sequeira

SUCCESSORES

Diamantino & Almeida

Especialidade em bordados
começados
e riscados proprios para creanças

Debuxos, frocos,
lantejoulas,
canutilhos, lãs e sedas para bordar,
completo sortimento

109, RUA DOS RETROZEIROS, 111

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Livros de leitura illustrados para creanças em francez, portuguez e inglez

ALBUNS D'IMAGENS COLORIDAS E POR COLORIR

Estojos de desenho, papeis, esquadros,
reguas, lapis e mais artigos para creanças de todas as edades

ENCONTRA-SE NA

LIVRARIA FERIN R. Nova do Almada, 74

BIBLIOTHECA DAS CREANÇAS

Lindissimos volumes de 160 paginas illustradas,
contendo contos e historias,
escriptos expressamente para creanças

Cinco volumes publicados

1.º—Contos de Fadas
2.º—Novos contos de Fadas
3.º—Terceiro livro de contos de Fadas
4.º—Historias da Carochinha
5.º—Aventuras do barão de Münchausen
No prelo o 6.º—Ceu azul

Cada vol. br. 200 réis; elegantemente cartonado 300 réis

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

LIVRARIA MODERNA RUA AUGUSTA, 95

Caixa de Surprezas

Mais decifradores do n.º 33

D. Antonieta Ribeiro Pacheco (3.º, 5.º, 7.º)
D. Emilia Barreto (4.º, 5.º).
Antonio Menezes (7.º, 9.º, 11.º).
Duarte Ressano Garcia (1.º, 2.º, 5.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º).
José da Costa Leal (5.º, 9.º).
Raul de Sousa Maia (3.º).

Soluções do n.º 34

I — Niza
II — Avareza.
III — Machina.
IV — Maria.
V — Eva-Ave.
VI — Animal-Lamina.
VII — Lampada
VIII — O ouriço do castanheiro.
IX — Lustre de theatro.
X — Semente de couve.
XI — Cabeça d'alho.
XII — A agua mata a secura, o medico *se cura* não mata.
XIII — $55 + \frac{5}{5}$, ou $14 + 14 + 14 + 14$.

Decifradores do n.º 34

D. Adelaide Christina Cayola da Veiga (7.º, 11.º, 13.º).
D. Alice Pires (2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 10.º, 11.º, 13.º)
D. Anna Ferreira Fonseca (5.º, 10.º, 11.º, 12.º)
D. Antonieta Ribeiro Pacheco (7.º. 8.º, 10.º)
D. Cypriana Maria Silva (10.º, 11.º, 13.º).
D. Ellen Torn (5.º, 10.º, 11.º).
D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 11.º, 12.º, 13.º).
D. Emilia Barreto (11.º).
D. Maria Argentina da Nazareth e Carmo (1.º, 2.º, 3.º, 7.º, 8.º, 10.º, 11.º, 12.º).
D. Maria Romero (10.º, 11.º, 13.º).
D. Maria de Sousa e Holstein (1.º, 2.º, 3.º, 5.º, 6.º, 7.º, 10.º, 11.º, 13.º).
D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (2.º, 3.º, 5.º, 6.º, 7.º, 10.º, 11.º, 13.º).
Antonio Menezes (3.º, 4.º, 5.º).
D. Antonio de Sousa e Holstein (1.º, 2.º, 3.º, 5.º, 6.º, 7.º, 10.º, 11.º, 13.º).
Antonio Vieira da Cruz (3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 10.º).
Arnaldo Conceição Sobral (1.º, 3.º, 7.º, 11.º, 12.º).
Carlos José de Mello (10.º, 11.º).
Carlos Ribeiro (1.º, 2.º, 4.º, 5.º, 12.º).
Francisco de Lemos Macedo e Santos (2.º, 5.º, 10.º, 11.º, 13.º).
João Saldanha Pimentel Rolin (2.º, 7.º, 10.º, 11.º, 12.º).
José da Costa Leal (10.º, 11.º)
José Luiz Valdez de Moura Borges (11.º).
Julio Cesar de Lacerda (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 12.º).
Luiz Augusto Miranda da Costa (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 7.º, 10.º, 11.º).
Luiz Romero (10.º, 11.º, 13.º).
Raul de Sousa Maia (2.º, 3.º, 5.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I — Continuação do quebra-cabeças do n.º 28. Organisar as seguintes figuras:

II — Juntaram-se sete amigos á meza de um *restaurant*. Apezar da intimidade que existe entre todos, elles são tão bem educados, que cada um d'elles quer ceder aos outros os logares considerados mais honrosos.

Levanta-se a esse respeito uma discussão muito cortez. Para a terminar, propõe um d'elles que jantem todos juntos nos dias seguintes, até que tenham todos occupado á meza, respectivamente uns aos outros, todas as posições possiveis.

Acceitou-se a proposta; mas quando foram a pol-a em pratica, um dos amigos que era um estudante distincto de mathematica, fez vêr a todos que era muito difficil, quasi impossivel mesmo, realisarem o que desejavam, tal era o periodo enorme de tempo em que deviam jantar juntos todos os dias.

Ora o tal amigo estudante distincto de mathematica, não é, felizmente o unico cá na terra. Muitos leitores do *Gafanhoto* são egualmente capazes de resolver o problema, e vão demonstral-o, fazendo a fineza de dizer quantos dias seriam precisos para se completar a cortezia sem que nenhum dos amigos ficasse melindrado.

Charadas e perguntas enygmaticas enviadas por D. Maria Argentina da Nazareth e Carmo, e dedicadas á eximia e gentilissima decifradora D. Elvira Ferreira de Mesquita

III — Antes da palavra *Rei* volta o nome — 1-2.

IV — Preguei o amphibio no appellido — 2-1.

V — O templo mahometano é appellido — 3

VI — Aqui, ou no forno, é abastada esta terra — 1-1-2

VII — Movo-me como um relogio
Sem ser a relogio egual.
Conservo-me de raizes,
Porém não sou vegetal.

No logar onde nasci
Ahi eu espero morrer
Porque o meu melhor amigo
Me não quer, de certo, ver.

VIII — Esta flôr é bordosa na cidade — 1-2

Maria Argentina da Nazareth e Carmo

CORRESPONDENCIA

O *Gafanhoto*, vestindo o seu melhor fatinho de gala, apresenta aos seus queridos leitoresinhos, milhares de desculpas pela sua tardia apparição n'este mez.

E' que elle não deixa de estar tambem, como os outros simples mortaes, debaixo da influencia de transtornos d'acaso, e portanto alheios ao seu immenso desejo que sempre tem de agradar á sua pequenada.

Pede tambem desculpa de não publicar todas as charadas, advinhas, etc., que tão gentilmente lhe enviam os seus queridos assignantes, mas a pouco e pouco lhes será feita a vontade depois da escolha que sempre é necessaria.

Livros para creanças

em todas as linguas

Catalogos especiaes illustrados

DE

LIVROS PARA BRINDES

Livros para o ensino
primario, secundario e superior

ESTAMPAS
ARTIGOS DE DESENHO E PINTURA

Livraria Ferreira

Rua do Ouro, 132

LISBOA

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Ouro Velho, 23, ao Chiado

SALÃO DE JOGOS

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES TODOS OS MEZES

Sortimento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

Lisboa

A. ASSIS CAMILLO

121—Rua da Conceição—123

LISBOA

Bijouterias,
perfumarias,
botões,
alfinetes,
fitas,
galões,
rendas, etc.

Filozelle e froco
de
todas as grossuras

Preparos para costura

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 12 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, etc., tudo

profusamente illustrado
com gravuras
e estampas a côres

O 1.º volume, correspondente ao 1.º anno (abril de 1903 a março de 1904) com uma bella capa a côres, acha-se á venda na

Administração do GAFANHOTO
e nas principaes livrarias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Trimestre, 6 numeros	$450
Semestre, 12 numeros	$800
Anno, 24 numeros	1$500
Numero avulso	80

Redacção d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferregial, 6, 1.º

ASSIGNA-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

A unica publicação d'este genero em Portugal

O CANTO

Nº 37

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Retrozaria Mapril Sequeira

SUCCESSORES

Diamantino & Almeida

Especialidade em bordados
começados
e riscados proprios para creanças

Debuxos, frocos,
lantejoulas,
canutilhos, lãs e sedas para bordar,
completo sortimento

109, RUA DOS RETROZEIROS, 111

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Livros de leitura illustrados para creanças em francez, portuguez e inglez

ALBUNS D'IMAGENS COLORIDAS E POR COLORIR

Estojos de desenho, papeis, esquadros,
reguas, lapis e mais artigos para creanças de tódas as edades

ENCONTRA-SE NA

LIVRARIA FERIN **R. Nova do Almada, 74**

BIBLIOTHECA DAS CREANÇAS

Lindissimos volumes de 160 paginas illustradas,
contendo contos e historias,
escriptos expressamente para creanças

Cinco volumes publicados

1.º—Contos de Fadas
2.º—Novos contos de Fadas
3.º—Terceiro livro de contos de Fadas
4.º—Historias da Carochinha
5.º—Aventuras do barão de Münchausen
No prélo o 6.º—Ceu azul

Cada vol. br. 200 réis; elegantemente cartonado 300 réis

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

LIVRARIA MODERNA RUA AUGUSTA, 95

Caixa de Surprezas

Mais decifradores do n.º 33

Affonso Cid Perestrello (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º).

Mario de Moraes Affonso (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º).

Soluções do n.º 34

I — Supponhamos as duas mulheres *A* e *B*, e os dois homens *C* e *D*. *A* é filha de *C*, *B* filha de *D*. *A* casou com *D* e *B* casou com *C*, havendo filhos d'esses casamentos comprehende-se assim o que disse uma das mulheres.

II — Riso.

III — Poz o pé em terra.

IV — Era a mãe.

V — Casa.

VI — Viuva.

VII — Cereeiro.

VIII — Leiria, porque sem os dois *ii* fica *lèra*; sem o primeiro *i* fica *lèria*; dividindo a palavra ao meio formam-se as duas palavras: *lei*, *ria*.

VX — Caneças (canecas).

X — Casaca.

XI — Figado.

XII — Gemmada.

XIII — Corredor.

XIV — Mofina.

XV — Piano.

Decifradores do n.º 34

D. Alice Pires (2.º, 4.º, 5.º, 6.º 8.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º).

D. Anna Ferreira Fonseca (2.º, 5.º, 6.º, 10.º, 11.º, 12.º, 14 º).

D. Bertha d'Aguilar (4 º, 15.º).

D. Cypriana Maria Silva (2.º, 6.º, 13.º, 15.º).

D. Elisa P. da Cunha Lemos (1.º, 2.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º).

D. Elvira Ferreira de Mesquita (2.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12 º, 13.º, 14.º, 15.º).

D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º, 5.º, 6.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º).

D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º, 5.º 6.º 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º).

D. Maria Celeste da Rocha Soares Barbosa (1.º, 2.º, 4.º, 5.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º).

D. Maria de Sousa e Holstein (2.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 15.º).

D. Maria Romero (1.º, 2.º, 5.º, 6.º, 8.º, 11.º).

D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (1.º, 2.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º, 9 º, 10.º, 11.º, 12º, 13.º. 14.º, 15.º)

Affonso Cid Perestrello 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º)

Antonio Vieira da Cruz (2.º, 5.º, 6.º, 8.º, 11.º, 12 º, 13.º, 14.º).

Arnaldo Conceição Sobral (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º).

Carlos José de Mello (1.º).

Eduardo Ruy d'Azevedo Coelho (1.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º, 9.º).

João Saldanha Pimentel Rolin (5.º, 6.º, 10.º, 12.º, 13.º, 15).

José Luiz Valdez de Moura Borges (1.º, 4.º).

Julio Cesar de Lacerda (2.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º).

Luiz Romero (4.º).

Sebastião de Barros e Cunha (2.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I — Formar o nome de um heroe portuguez com as letras da seguinte phrase:

«Tyranno, salvei a Dio»

Dizer quaes os factos historicos que tornaram notavel esse heroe.

II — Qual é a palavra que, lida ás direitas significa uma medida, e ás avessas designa um espaço de tempo?

Ellen Thorn.

III — Um taverneiro vendeu 100 garrafas de vinho em oito dias, excedendo cada dia 3 garrafas a quantidade vendida na vespera.

Quantas garrafas vendeu no primeiro dia, e em cada um dos seguintes?

IV — Qual é a villa da Beira,
(Caso não é para desmaios)
Onde homens e mulheres
São da côr dos papagaiss?

José da Costa Leal.

Acrostico em charadas

V — ■ eneroso o sentimento de quem dá — 1 – 1.
■ virtude e o soffrimento fazem mau cheiro — 1 – 2
■ az pena o grito que não é singelo — 1 – 2.
■ mãe, arranha esta planta — 2 – 2.
■ ão é boa no convento esta planta — 1 – 2.
■ omem baixo que veste esta mulher — 1 – 1.
■ elemento perfuma este homem — 1 – 2.
■ emos esta ave que é uma joia — 1 – 2.
■ fim do *Gafanhoto* no moinho, é fazer um volume — 1 – 1.

Armando da Conceição Sobral.

VI — O José deu ao Francisco tantos tostões quantos tinha já o Francisco.
Vae então o Francisco deu ao José tantos tostões quantos os que lhe tinham restado.
Feito isto, o José fica com 3$600 réis e o Francisco com 4$200.
Qual era o dinheiro que cada um d'elles tinha a principio?

Adivinhação antiga

VII — Sou mãe de muitos filhos,
Todos elle mantenho,
P'ra lhes matar a sêde,
Dou voltas, vou e venho.

Bertha d'Aguilar.

Massada geographica

VIII — Formar o nome de uma povoação portugueza com as letras da seguinte phrase:

Tem no ovo morno

IX — Os dois ponteiros de um relogio passam um pelo outro varias vezes durante doze horas, visto que o maior, chamado o dos minutos, dá doze voltas no mostrador, emquanto o das horas dá só uma.

Convidamos, pois, os nossos intelligentes leitoresinhos a calcular as horas exactas em que, desde o meio dia, até á meia noite, se encontram os dois ponteiros, expressas em horas, minutos, segundos e fracções de segundos.

Livros para creanças

em todas as linguas

Catalogos especiaes illustrados

DE

LIVROS PARA BRINDES

Livros para o ensino
primario, secundario e superior

ESTAMPAS
ARTIGOS DE DESENHO E PINTURA

Livraria Ferreira

Rua do Ouro, 132

LISBOA

ou
mi
qu
pe
m
te
ce
gn
e o
senv
ctual

ALÃO DE JOGOS

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES TODOS OS MEZES

timento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA

a Nova do Almada, 50

Lisboa

A. ASSIS CAMILLO

121—Rua da Conceição—128

LISBOA

Bijouterias,
perfumarias,
botões,
alfinetes,
fitas,
galões,
rendas, etc.

Filozelle e froco
de
todas as grossuras

Preparos para costura

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 12 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, etc., tudo

profusamente illustrado
com gravuras
e estampas a côres

O 1.º volume, correspondente ao 1.º anno (abril de 1903 a março de 1904) com uma bella capa a côres, acha-se á venda na

Administração do GAFANHOTO
e nas principaes livrarias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Trimestre, 6 numeros	$450
Semestre, 12 numeros	$800
Anno, 24 numeros	1$500
Numero avulso	80

Redacção d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferregial, 6, 1.º

ASSIGNA-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

A unica publicação d'este genero em Portugal

CANTO

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

T. 38

Retrozaria Mapril Sequeira

SUCCESSORES

Diamantino & Almeida

Especialidade em bordados
começados
e riscados proprios para creanças

Debuxos, frocos,
lantejoulas,
canutilhos, lãs e sedas para bordar,
completo sortimento

109, RUA DOS RETROZEIROS, 111

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Livros de leitura illustrados para creanças em francez, portuguez e inglez

ALBUNS D'IMAGENS COLORIDAS E POR COLORIR

Estojos de desenho, papeis, esquadros,
reguas, lapis e mais artigos para creanças de tôdas as edades

ENCONTRA-SE NA

LIVRARIA FERIN **R. Nova do Almada, 74**

BIBLIOTHECA DAS CREANÇAS

Lindissimos volumes de 160 paginas illustradas,
contendo contos e historias,
escriptos expressamente para creanças

Cinco volumes publicados

1.º—Contos de Fadas
2.º—Novos contos de Fadas
3.º—Terceiro livro de contos de Fadas
4.º—Historias da Carochinha
5.º—Aventuras do barão de Münchausen
No prélo o 6.º—Ceu azul

Cada vol. br. 200 réis; elegantemente cartonado 300 réis

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

LIVRARIA MODERNA RUA AUGUSTA, 95

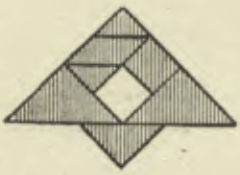
Caixa de Surprezas

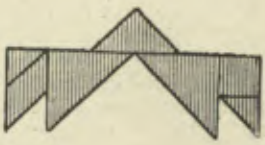
Mais decifradores do n.º 35

D. Adelaide Christina Cayola da Veiga (1.º, 4.º).
D. Ellen Thorn (3.º, 4.º, 6.º, 8.º).
Carlos Ribeiro (2.º, 4.º, 6.º, 8.º, 9.º, 15.º).
Luiz A. Miranda da Costa (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º, 12.º, 13.º, 14.º)
Raul de Sousa Maia (7.º, 11.º).

Soluções do n.º 36

I —





II — Precisavam os cerimoniosos comilões jantar juntos durante 5:040 dias.
III — Elvira.
IV — Ferreira.
V — Mesquita.
VI — Caparica.
VII — Coração.
VIII — Lisboa.

Decifradores do n.º 36

D. Alice Pires (3.º, 5.º, 6.º 7.º, 8.º).
D. Bertha R. da Rosa Limpo (3.º, 5.º, 6.º, 8.º).
D. Ellen Thorn (3.º, 4.º, 5.º, 6.º. 8.º).
D. Elvira Ferreira de Mesquita (3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º).
D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º).
D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º).
D. Maria Celeste da Rocha Soares Barbosa (2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º).
D. Maria Romero (3.º, 4.º).
D. Maria R. Pinto Coelho (3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º).
D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º).
Affonso de Mello Peres trello (1.º, 2.º, 3.º 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º).
Antonio Vieira da Cruz (3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º).
Arnaldo da Conceição Sobral (2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º).
Carlos Ribeiro (3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º).
João Saldanha Pimentel Rolin (2.º, 3.º, 4.º 5.º, 6.º, 7.º, 8.º).
Luiz Alberto Miranda da Costa (1.º, 3.º 5.º, 6.º, 8.º).
Raul de Sousa Maia (3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º 8.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

Charada em phrase

Aonde agita sempre o mar infinito, — 2
O fogo consome o lenho secular, — 2
Emquanto vagueia azulado e bonito
Insecto alado que s'agita no ar.

Adivinha antiga

II — De Roma me veio nome,
Coroada nasci;
Todos os filhos que tive
De encarnado os vesti.

José Luiz Valdez de Moura Borges.

Charadas decapitadas

III — O Antonio tinha conseguido — de se affastar por algum tempo da sua — a fim de se distrahir e ficar — como desejava.

IV — Mas ao regressar cahe outra vez — ; e aqui tens d'este desgraçado as noticias que — dou.

Logogripho

V — No mar me pódes encontrar — 1 – 9 – 8 – 11
Ou n'um jogo frequente — 6 – 2 – 6 – 5
E com certeza me topas — 9 – 4 – h – 7 – 3
A aborrecer a gente — 10 – 2 – 3 – 3 – 7 – r.

O conceito meu leitor
Foi um grande descobridor.

D. Elisa P. da Cunha Lamas.

VI — Uma collareja toda gorda e fresca, apesar dos seus 60 annos bem puxados, fez o seu negocio de maçãs no mercado, mas n'esse dia houve pouca concorrencia, e a velhota ainda trouxe para casa algumas maçãs.

Como tinha tres netos que era os seus enlevos, distribuiu por elles os fructos, o que foi motivo para a pequenada fazer uma grande festa.

Ao Guilherme, que era o mais velho, deu metade das maçãs que lhe tinham sobrado da venda e mais uma; ao segundo netinho, o Domingos, deu metade das que lhe restaram e mais uma; á Joanninha, que era a mais pequenina, deu metade das que ainda tinha e mais uma, ficando a avó sem maçãs; quantas eram ellas?

Emygma typographico

VII — Ai! Ai! Ai!
ai! ai! ai!
Ai! Ai! Ai!

Adelaide C. Cayolla da Veiga.

VIII — Transformar a palavra *campo* em *praia*, passando por *Paiva*.

Enygma topographico

IX — Aldeia do meu concelho
(Poucos teem d'estes portentos!)
Que vale, quando está muda,
Cincoenta mil e quinhentos.

José da Costa Leal.

X — Tinha um homem vinte mulas;
Todas vinte carregou,
Por bons e maus caminhos
Contente as acompanhou.

Morreram duas na estrada,
Que o peso não aguentaram;
Pergunta-se agora a todos,
Quantas são as que ficaram?

(A resposta deve ser em verso).

Henrique de Bruges.

Caixa de Surprezas

Mais decifradores do n.º 31

D. Maria Argentina da Nazareth e Carmo (3.º, 4.º 7.º)
D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (7.º)
Raul de Sousa Maia (2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º)

Soluções do n.º 32

I—Edade.
II—Tem variadas soluções, das quaes apresentamos as seguintes:

1.ª Solução

O pequeno pesou na balança 300 grammas d'arroz, depois, tirando o peso do prato, foi tirando arroz do outro prato da balança e collocava-o no primeiro até os dois pratos ficarem em equilibrio; ficou portanto cada prato com metade ou 150 grammas d'arroz.

Despejou depois o arroz de um dos pratos e faz a mesma operação com o arroz que ficava no outro, até a balança tornar a ficar em equilibrio, d'esta maneira, as 150 grammas de arroz ficaram divididas ao meio, e portanto havia em cada prato 75 grammas. Mais uma vez repete a operação e estas 75 grammas ficam reduzidas a metade ou 37,5 grammas que se põem de parte; com o peso de 125 grammas faz as mesmas operações, uma só vez, obtendo metade d'aquelle pezo, que é 62,5 grammas.

Ora $62{,}5 + 37{,}5 = 100$.

2.ª Solução

Peso duas vezes arroz com o peso de 300 grammas, obtendo assim 600 grammas que põe de parte e tira o peso. Póe depois o peso de 125 grammas n'um dos pratos e no outro vae pondo arroz tirado das 600 grammas.

Fazendo esta operação quatro vezes, isto é: tendo tirado das 600 grammas 4 vezes 125 grammas ou 500 grammas, o arroz fica reduzido ao peso de 100 grammas, que é o que se pretendia.

III—Devagar se vae ao longe.
IV—Vinho e vinagre.

Decifradores do n.º 32

D. Adelaide Carmona da Silva Moreira (1.º, 2.º, 3.º).
D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).
D. Ernestina Fernandes de Carvalho (1.º, 3.º, 4.º).
D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º).
D. Irene Rolin Geraldes Barba (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).
D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º).
D. Maria Argentina da Nazareth e Carmo (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).
D. Maria Romero (4.º).
D. Maria de Sousa e Holstein (1.º, 2.º, 3.º, 4.º)
D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (1.º, 2.º, 3.º, 4.º)
Affonso Cid Perestrello (1.º, 2.º, 3.º, 4.º)
D. Antonio de Sousa e Holstein (1.º, 2.º, 3.º 4.º)
Antonio Vieira da Cruz (1.º, 2.º, 3.º)
Assis Brito Junior (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).
Carlos Ribeiro (4.º)
Francisco de Lemos Macedo e Santos (1.º, 2.º, 3.º).
João Faria de Sousa (1.º, 3.º).
José da Costa Leal (2.º)
Julio Cesar de Lacerda (1.º 2.º, 3.º, 4.º)
Luiz Augusto Miranda da Costa (1.º, 2.º, 3.º
Mario de Moraes Affonso (1.º, 2.º, 3.º, 4.º
Paulo T. Vianna (1.º 2.º 3.º)
Raul de Sousa Maia (1.º, 2.º, 3.º)

PROBLEMAS E ADIVINHAS

Logogripho e charadas enviadas por Mario de Moraes Affonso

I — Logogripho. { 1, 2, 3, 4 — Planta herbacea
2, 3, 4, 1 — Villa portugueza.

II — Charada combinada. { 1.ª + mar — verbo
2.ª + sar — verbo
3.ª + zar — verbo
4.ª + rar — verbo } Pecado

III — Charada em phrase. — Não é boa esta terra para trabalhar — 1 — 2

IV — Charada decapitada. { A D..., ora cantava uma... em que..., ora... passear
com... irmã.

V — Charada invertida. { No paraizo vivia tranquilla; agora os dias passa correndo
pelos ares.

VI — Charada invertida. — A's direitas vivo, ás avessas mato — 3.

Mario de Moraes Affonso.

Adivinhações antigas

VII — (Enviada por Raul de Sousa Maia)

Diante de Deus estou posta,
E entre cadeias mettida;
Ora estou alta ora estou baixa,
Ora estou morta ora estou viva.

VIII — (Enviadas por José da Costa Leal)

Tenho armas não de fogo,
D'ellas pouco me approveito;
Rindo-me abro a bocca,
Lanço o que tenho no peito;
A dama que de mim sae
E' mais perfeita que eu;
Ella vae com quem a leva
Eu fico com quem me deu.

IX — Enforcado! Eis meu destino!
Mas deveras me encavaca,
Passar o inverno despido,
E o verão de sobre-casaca!

José da Costa Leal.

X — (Enviadas por Carlos Ribeiro)

Do tamanho de uma pulga,
Bota orelhas como burra.

XI — Tem dentes e não come,
Tem barbas e não é homem.

Carlos Ribeiro.

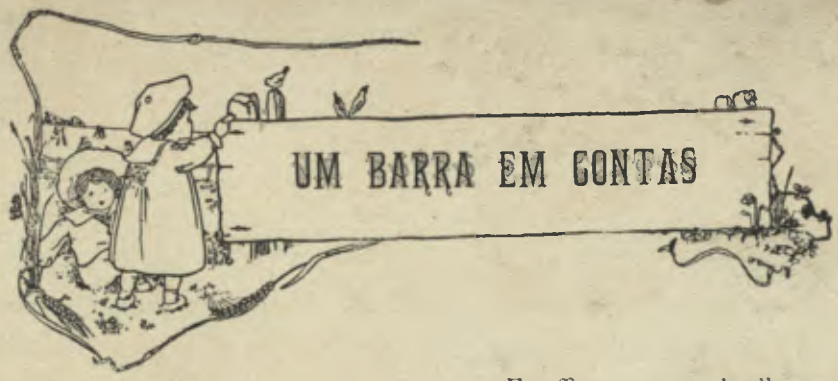
XII — Pergunta enygmatica (enviada por José da Costa Leal)

differença ha entre o medico e a agua?

XIII — Problema enviado pelo mesmo

ever o numero 56 com quatro algarismos iguaes.

José da Costa Leal.



Veio Francisco p'ra ferias,
E quiz provar aos papás
Que estava um barra em materias
De estudo, e que era sagaz.

Ao jantar, com apparato,
O rapaz começou pois:
— «O Papá, n'aquelle prato
«Quantos pasteis estão?» — «Dois!»

— «Eu affirmo,» responde elle,
«Que são tres!» — «Que insensatez!»
— «Este é um, e dois aquelle,
E dois mais um fazem tres!»

— «És esperto!» o pae replica,
«Pois bem! eu tomo este aqui,
«P'r'a Maman aquelle fica,
«O outro, guarda-o p'a ti!»

O PERIQUITO

Todas as vezes que o Joãosinho ia a casa do tio Manuel Galope, um velhote que tinha sido em tempos embarcadiço, ficava embasbacado para um periquito que lá estava. Era com effeito um animalsinho encantador, de um verde muito vivo, com a sua carpuça vermelha, e uns movimentos tão graciosos que eram mesmo um encanto.

Demais a mais, o periquito tinha sido ensinado a falar. Abria de quando em quando o biquinho, e soltava estas palavras, muito explicadas:

— «Cá está o periquito.»

Ora o bicho era uma tentação para o Joãosinho. E tão forte foi a tentação, que uma vez, espreitando para casa do Manuel Galope ao lusco-fusco, e não vendo lá ninguem, entrou á surrelfa, deitou as unhas ao periquito, e metteu-o na algibeira do casaco.

Em seguida foi pela rua fóra, muito disfarçado, a caminho de casa, acariciando a cabecinha da ave, que se sentia bem do calor da algibeira.

Mas apenas tinha dado uns vinte passos, sentiu atraz de si grande balburdia. Era o tio Manuel Galope, que tinha dado por falta do seu querido bicho, e que gritava em altas vozes:

— «Que é feito do periquito? que é feito do periquito?»

E logo a seguir, ouviu-se uma vozinha estridente, que sabia da algibeira do Joãosinho e bradava:

— «Cá está o periquito».

O ladrão ficou todo compromettido por se ver apanhado em flagrante, e teve de sujeitar-se ás vaias e insultos de todos, dando-se por feliz de não ter ido parar ao calabouço, como merecia.

Que mau que é o mar!

A beira das ondas 'stão todos sentados,
Á espera do banho muito socegados.
Uma onda eis que avança, levada da breca,
Lá tombam meninos, Tótó e boneca.
E todos afflictos, de pernas p'r'o ar,
Pensam lá consigo: «Que mau que é o mar!»

Livros para creanças

em todas as linguas

Catalogos especiaes illustrados

DE

LIVROS PARA BRINDES

Livros para o ensino primario, secundario e superior

ESTAMPAS
ARTIGOS DE DESENHO E PINTURA

Livraria Ferreira

Rua do Ouro, 132

LISBOA

Maria Augusta Bordallo Pinheiro

RENDAS Portuguezas

Lisboa - Antiga Rua do Thesouro Velho, 23, ao Chiado

SALÃO DE JOGOS

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES TODOS OS MEZES

Sortimento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

Lisboa

A. ASSIS CAMILLO

121—Rua da Conceição—123

LISBÒA

Bijouterias,
perfumarias,
botões,
alfinetes,
fitas,
galões,
rendas, etc.

Filozelle e froco
de
todas as grossuras

Preparos para costura

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 12 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, etc., tudo

profusamente illustrado
com gravuras
e estampas a côres

O 1.º volume, correspondente ao 1.º anno (abril de 1903 a março de 1904) com uma bella capa a côres, acha-se á venda na

Administração do GAFANHOTO
e nas principaes livrarias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Trimestre, 6 numeros	$450
Semestre, 12 numeros	$800
Anno, 24 numeros	1$500
Numero avulso	80

Redacção d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferregial, 6, 1.º

ASSIGNA-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

É unica publicação d'este genero em Portugal

O GAFANHOTO

Nº 39

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Retrozaria Mapril Sequeira

SUCCESSORES

Diamantino & Almeida

Especialidade em bordados
começados
e riscados proprios para creanças

Debuxos, frocos,
lantejoulas,
canutilhos, lãs e sedas para bordar,
completo sortimento

109, RUA DOS RETROZEIROS, 111

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Livros de leitura illustrados para creanças em francez, portuguez e inglez

ALBUNS D'IMAGENS COLORIDAS E POR COLORIR

Estojos de desenho, papeis, esquadros,
reguas, lapis e mais artigos para creanças de tódas as edades

ENCONTRA-SE NA

LIVRARIA FERIN **R. Nova do Almada, 74**

BIBLIOTHECA DAS CREANÇAS

Lindissimos volumes de 160 paginas illustradas,
contendo contos e historias,
escriptos expressamente para creanças

Cinco volumes publicados

1.º—Contos de Fadas
2.º—Novos contos de Fadas
3.º—Terceiro livro de contos de Fadas
4.º—Historias da Carochinha
5.º—Aventuras do barão de Münchausen
No prélo o 6.º—Ceu azul

Cada vol. br. 200 réis; elegantemente cartonado 300 réis

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

LIVRARIA MODERNA RUA AUGUSTA, 95

O GAFANHOTO

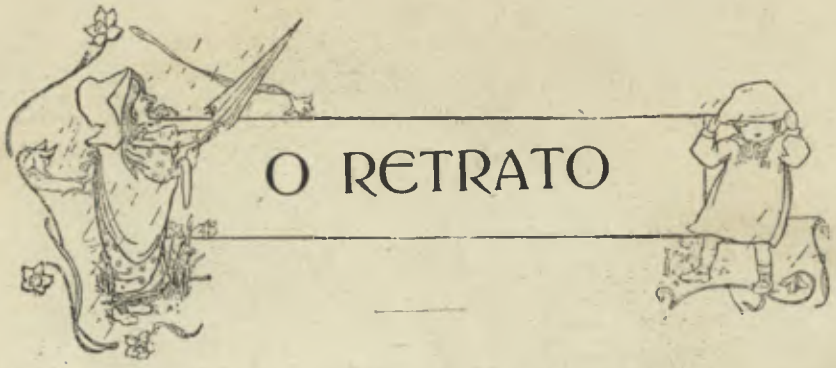
Nº 39 NOVEMBRO 1904

PRIMEIRAS CHUVAS

PRIMEIRAS CHUVAS

Que batega de agua! Que enorme enxurrada!
Do meu guarda-chuva não fujas, João,
Que tens a perninha já toda molhada,
E não dás espaço p'r'o pobre do cão.

Aguada tamanha parece-me séca!
Deixal-o! não creio que a mim me constipe,
É todo o meu medo que a linda boneca
Me caia de cama c'a peste da grippe.



O RETRATO

Ha muitos seculos, morreu n'uma cidade do Oriente um negociante riquissimo. Todos sabiam que elle tinha um filho, que andava a viajar. Mas como havia pouco que o negociante se tinha estabelecido n'aquella cidade, ninguem alli conhecia similhante filho.

Imagine-se o espanto e a atrapalhação do juiz, quando d'alli a tempos appareceram tres rapazes, dando-se cada um d'elles como unico filho e herdeiro legitimo de toda a fortuna. É claro que dois d'elles, pelo menos, eram embusteiros. Mas como descobrir se entre elles se encontrava realmente o filho do ricaço?

O juiz tanto scismou, que lhe occorreu um expediente extravagante. Mandou buscar um retrato do fallecido, e disse aos tres pretendentes:

— «Aquelle de entre vós que ferir com uma setta o ponto que eu marco aqui no peito do retrato, é quem ficará com a fortuna».

O primeiro pegou logo n'um arco e n'uma setta, fez a pontaria, e acertou no peito, perto do ponto marcado pelo juiz.

O segundo ainda se aproximou mais do alvo determinado.

Quando chegou a vez do terceiro, este agarrou no arco, apontou, mas de repente começou a tremer todo, desatou a chorar, deitou para o chão o arco e a setta, e exclamou soluçando:

— «Não! não! não sou capaz de atirar. Antes quero perder a herança, do que ferir o retrato de meu querido pae».

Então o juiz disse:

— «Tu, sim! tu é que és o filho e o herdeiro legitimo do morto. Recebe a fortuna que pelos teus bons sentimentos mereces, e os outros dois que se arrependam na cadeia, se forem capazes ainda de arrependimento».

ALTIVEZ HESPANHOLA

Depois da batalha de Aljubarrota, as forças portuguezas fizeram varias invasões por terras de Castella, na primeira das quaes o condestavel D. Nuno Alvares Pereira ganhou a celebre batalha de Valverde.

N'outra, entrou D. João I, juntamente com o condestavel, pelo territorio inimigo, para pôr cerco á cidade de Coria. Acamparam os portuguezes junto do rio Alagove que d'essa cidade os separava, e logo aprisionaram uns sete ou oito lavradores que andavam desprevenidos por aquella veiga. Defendia a cidade um cavalheiro chamado Gonçalo Vermuiz, a quem o rei de Portugal, por mingua de mantimentos que os seus soffriam, propoz o resgate dos prisioneiros mediante algum pão e outros generos. Gonçalo Vermuiz, accedendo em principio á proposta, dava comtudo muito menos por elles do que os portuguezes pediam. E como estes regateassem, elle respondeu-lhes:

— «Pois, se não vos contenta isto que vos prometto, levae-os para d'elles fazerdes o vosso banquete, e podereis transformal-os em tres iguarias, cozido, assado e cabidela. Porque em verdade vos juro,» accrescentou elle com um bello arreganho patriotico,» que, se vos podesse tolher a agua d'esse rio d'onde bebeis, eu vol-a tiraria de bom grado, quanto mais dar-vos ainda mais mantimentos. Digo-vos que não quero.»

Tiveram de contentar-se os portuguezes com o que o hespanhol lhes promettera. E os heroes, que os commandavam deviam apreciar devidamente a nobre e altiva resposta do seu inimigo. Quem faz justiça á grandeza dos adversarios augmenta o valor das victorias sobre elles alcançadas.

Ditos do Nini

Era já lusco-fusco quando passei por pé do Nini.

— «Olé, Nini! Que ideia é essa de ir pela rua fóra de chapeu de chuva aberto? Dar-se-ha caso que esteja a chover, sem eu sentir?»

— «Nada, não senhor.»

— «Então, é o sol que te incommoda?»

— «Tambem não.»

— «Então porque abriste o chapeu?»

— «É que, quando chove ou quando faz muito sol, o papá precisa d'elle. E eu cá só posso apanhal-o quando o tempo está bom.»

— «Ó Maman,» diz o Nini, «é muito feio dizer mentiras, pois não é?»

— «Está claro que é,» responde a Maman.

— «Pois então a Maman é muito feia!»

— «Ora essa! porque diz o menino isso?»

— «É que a Maman disse-me hontem que me fazia mal á barriguinha aquelle pudim que estava no armario.»

— «E vae depois?»

— «Vae depois, eu papei-o todo, e não me fez mal nenhum.»

— «O Maman, onde está o Papá?»

— «Foi para a sua repartição trabalhar, para ganhar pãosinho para o menino.»

— «Ó Maman, era melhor que elle, em logar de pão, ganhasse bolos.»

DO PINTADO AO VIVO

«O pintor mette o bedelho
«Em tolices sem razão.
«Quando se viu um coelho
«A fugir assim de um cão?

«Quem viu cão d'este tamanho?
«E um coelhinho tão baixo?
«O pintor tem fraco engenho,
«E o quadro é um mamarracho.»

N'isto, eis que rompe a distancia
Um latido que os atalha.
Diz um p'r'o outro, com ancia:
«Ai! que é um cão! Deus me valha!»

E a despeito dos senões
Que encontram no quadro, logo
Os nossos dois valentões
Dão ás de Villa-Diogo.

A maldade do Albertinho

Andava o Albertinho morto por fazer uma cousa que absolutamente lhe prohibiam: entrar na casa do banho, e encher de agua a grande tina esmaltada; era tão facil! Bastava abrir duas torneiras...

Imaginava elle que essa operação devia ser divertidissima. Ás vezes, quando a creada estava bem disposta, lá lhe dava licença de brincar com a tor

neira que estava por cima do lavatorio, no quarto d'elle, e a agua corria uns minutos. Mas isso não era cousa que o satisfizesse de todo: aquella biqueirasi-nha apenas deitava um fio muito delgado de agua, que não fazia barulho nem cachão, ao passo que da torneira da tina, isso sim! isso é que eram cascatas que até faziam fumo!

Ora tanto o Papá, como a Maman tinham-lhe recommendado, um dia que o Alberto estava sorrateiramente a brincar com as torneiras nikeladas e luzidias:

— «O Alberto, olha que n'isso não se meche! Se teimas, tens de te haver comnosco.»

E o Albertinho promettera não tornar a pôr os pés na casa de banho. Mas a pouco e pouco, foi-lhe crescendo o appetite, e andava sempre á espreita de uma occasião em que podesse brincar á vontade com a bella tina cheia de agua.

Um dia, havia lá em casa um grande jantar; iam os tios, os primos e algumas pessoas mais intimas. Emquanto os paes recebiam os convivas na sala, que ficava no rez-do-chão, o Albertinho, muito sonso, trepou ao primeiro andar, na certeza de que ninguem o incommodaria.

A creada estava entretida com outros arranjos, depois de lhe ter vestido um fato novo no trinque, um rico fato de veludo, recommendando-lhe muito que não se sujasse.

Ora o Alberto sujava-se lá! A brincadeira que elle imaginava não era cousa que o sujasse, antes pelo contrario. A agua toda a vida serviu para limpar

Era isto que elle ia pensando, emquanto se esgueirava para o quarto de banho, corria direito ás torneiras, e dava n'um instante volta a ambas duas.

Que festa! A agua corria limpida que era um gosto vel-a!

— «Que lindo!» disse o Albertinho pulando de contente. «Nem as cascatas de Caxias lhe chegam!»

Mergulhou as mãos na agua, e poz-se a vel-a subir.

Mas como a tina levava seu tempo a encher, o Albertinho aproveitou a occasião, entrou no toucador e foi-se divertindo a mecher em todas as bugigangas que lá encontrou.

— «Lá em baixo, ninguem ouve com certeza o barulho da agua!» pensou elle. «A sala está cheia de gente, e na cosinha vae uma algazarra que não deixa ouvir mais nada.»

Mas de repente estremeceu. Estava a creada a chamal-o.

— «Ó menino! menino Alberto! Onde é que se metteu este traquinas? Olhe

que está cá o avô á sua espera. Venha depressa, Albertinho! Venha lavar as mãos!»

O Albertinho deitou a correr a toda a pressa. E a creada ficou pasmadissima de lhe ver as mãos tão limpas. Podera! elle tinha-se fartado de as metter na agua!

O Albertinho entrou na sala e deitou-se nos braços do avôsinho, que era muito amigo d'elle e que lhe trazia um bonito novo. Tão alvoroçado ficou com isto o pequeno que nunca mais lhe passou pela ideia a tina, mais as torneiras que estavam a correr, a correr. Não teve olhos nem pensamento senão para os valentes lanceiros de chumbo que lhe trazia o avôsinho, e que elle tratou de formar em esquadrões arrogantes.

Estava o jantar na meza. Sentaram-se todos, e começaram a comer com grande alegria.

Eis senão quando o Albertinho, ao ver a agua no copo, se lembrou de repente da partida que fizera.

Ora elle tinha sido educado a não dar palavra á meza, senão para agradecer, com todo o respeito, qualquer cousa que lhe offerecessem. Era um principio de boa educação que a maman lhe tinha incutido, e de que não se afastava, nem sequer para pedir uma petisqueira que lhe fizesse crescer agua na bocca.

Mas ao acudir-lhe a ideia da tina, ficou deveres atrapalhado, com o receio das consequencias, e não poude ter-se que não principiasse:

— «Ó Papá, olhe que eu deixei...»

Mas o Pará deitou-lhe uns olhos tão severos que o Albertinho estacou. Voltou-se para a Maman, e murmurou a medo:

— «O Maman, eu queria dizer-lhe...»

— «O quê?»

— «Uma coisa muito séria.»

— «Bem! isso fica para ao depois. O menino bem sabe que é má creação falar á meza.»

Já muito ralado, o Albertinho chegou a bocca ao ouvido do avô, que era muito surdo e perguntou logo:

— «Que queres tu, meu rapazinho?»

Mas n'isto, uma senhora travou-se de conversação com o avô, e a tentativa do Alberto falhou.

— «Deixal-o!» disse elle com os seus botões. «Ninguem me dá ouvidos... Não quer dizer nada. Em acabando de jantar, vou fechar as torneiras.»

Começou-se a sobremeza, e, como o pequeno era muito guloso, distrahiu-se logo com os pudins, os doces, as fructas, os gelados.

De repente, uma senhora reparou que lhe tinha cahido na manga um pingo de agua; enxugou-o com o guardanapo, mas d'alli a nada cahiu outro.

Um sujeito, que estava ao lado d'ella, sentiu uma pinga molhar-lhe a careca. Outro limpou o peitilho onde uma gota caiu.

E não tardou nada que o Albertinho visse todos de cabeça no ar, a mirarem uma grande mancha pardacenta que se alastrava no estuque do tecto e d'onde escorriam uma a uma gotas de agua.

Tudo se levantou da mesa, assarapantado.

— «Que novidade ha lá por cima?» perguntou o Papá franzindo o sobr'olho.

Os creados subiam já de corrida ao primeiro andar. Um d'elles desceu logo, muito esfogueteado, annunciando que a casa de banho, situada mesmo por cima da casa de jantar, estava completamente alagada, por causa das torneiras da tina que alguem abrira por distracção.

— «Quem é que fez esse disparate?» perguntou a Maman muito zangada.

Toda a gente cravou os olhos no Albertinho, que estava vermelho como um pimentão. Vendo-se descoberto, o pobre pequeno, suffocado de lagrimas, confessou a maldade.

— «Eu ainda quiz prevenir,» concluiu elle com voz tremula, «mas não me deixaram falar...»

— «Lá isso é verdade!» exclamou o avô, sempre prompto para defender o netinho.

Mas, apezar da intervenção do avô, o Albertinho é claro que foi castigado. E o que lhe pezou mais foi ver interrompida a festa, que tão alegremente começara, com a invasão dos operarios que vieram reparar os estragos, á custa de bom dinheirinho sahido da bolsa paterna.

Mas o caso é que nunca mais mecheu n'uma torneira. É o caso de repetir: Gato escaldado de agua fria tem medo.

Caixa de Surprezas

Mais decifradorés do n.º 36

Julio Cesar de Lacerda (3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º)

Decifrações do n.º 37

Só uma leitorasinha do *Gafanhoto* mandou decifração do enygma historio, (n.º 1) limitando se a indicar o livro onde existem narrados factos que se ligam ao enygma.

Ora um dos fins do *Gafanhoto* é, de uma maneira modesta, é claro, promover o gosto pela instrucção, e para isso incita os seus leitoresinhos a apresentarem de vez em quando uma producção litteraria em harmonia com a pouca edade que teem, isto de mistura com problemas e adivinhas que mais ou menos contribuem para o desenvolvimento da intelligencia.

Fica pois em aberto para o proximo numero o enygma historico publicado no *Gafanhoto* n.º 37 com o n.º 1, devendo ser acompanhado com a narração dos factos historicos que tornaram heroe aquelle portuguez de lei, e o *Gafanhoto* publicará os nomes dos seus leitores que adivinharem o nome do heroe, e a narração mais bem feita dos factos historicos.

Reproduzimos pois o enygma historico, e recommendamos que as descripções sejam originaes e não copiadas de livro.

Tornamos tambem a publicar a charada em phrase (n.º 1) e a charada decapitada (n.º 4) de *Gafanhoto* n.º 38 que sahiram erradas.

I — Enygma historico

Formar o nome de um heroe portuguez com as letras da seguinte phrase:

«TYRANO, SALVEI A DIO»

Dizer quaes os factos historicos que tornaram notavel esse heroe.

II — Charada em phrase (1 do n.º 38)

A onda agita sempre o mar infinito, — 2
O fogo consome o lenho secular, — 2
Emquanto vagueia azulado e bonito
Insecto alado que s'agita no ar.

III — Charada decapitada (4 do n.º 38)

Mas ao regressar cahe outra vez —; e aqui tens d'este desgraçado — as noticias que — dou.

Decifrações do n.º 37

II — Are (era).

III — O taberneiro vendeu assim as garrafas.

No 1.º	dia	vendeu	2
No 2.º	»	»	5
No 3.º	»	»	8
No 4.º	»	»	11
No 5.º	»	»	14
No 6.º	»	»	17
No 7.º	»	»	20
No 8.º	»	»	23
		Somma	100

IV — Penaverde.

V — Dador, fedor, dobrada, madre-silva, macella, villã, archeiro, perola, tomor.

VI — O José tinha 4$800 e o Francisco tinha 3$000 rs.

VII — Nora.

VIII — Montemór-o-Novo.

IX — Os dois ponteiros encontram-se 11 vezes nas seguintes horas rigorosas:

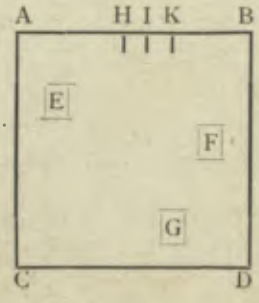
	Horas	Minutos	Segundos
1.º encontro	1	5	$27\frac{3}{11}$
2.º »	2	10	$54\frac{6}{11}$
3.º »	3	16	$21\frac{9}{11}$
4.º »	4	21	$49\frac{1}{11}$
5.º »	5	27	$16\frac{4}{11}$
6.º »	6	32	$43\frac{7}{11}$
7.º »	7	38	$10\frac{10}{11}$
8.º »	8	43	$38\frac{2}{11}$
9.º »	9	49	$5\frac{5}{11}$
10.º »	10	54	$32\frac{8}{11}$
11.º »	12	0	0

Decifradores do n.º 37

D. Alice Pires (2.º, 3.º, 5.º, 7.º, 8.º)
D. Bertha Judice Rocha da R. Limpo (5.º)
D. Cypriana Maria da Silva (2.º, 7.º)
D. Maria Celeste da Rocha S. Barbosa (2.º, 3.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.)
D. Maria da Conceição S. Reis Appleton (7.º)
D. Maria Romero (3.º, 7.º)
D. Maria Rosalina Pinto Coelho (1.º, 2.º 3.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º)
Affonso Cid Perestrello (2.º, 3.º, 4.º, 5.º 6.º, 7.º, 8.º)
João Pinto Monteiro de Mendonça (2.º, 7.º)
João de Saldanha Pimentel Rolin (2.º, 3.º, 6.º, 7.º)

PROBLEMAS E ADIVINHAS

I — O Eduardo, o Francisco e o Guilherme moram em Palma de Cima, dentro de uma cerca A B C D.



Andam todos, ha muito tempo, *de candeias ás avessas* uns com os outros. Não teem agua encanada e precisam muito d'ella dentro de casa.

Ora no extremo norte da cerca ha tres fontes, H I K, cada uma das quaes pertence a um dos tres. A fonte H pertence ao Francisco, cuja casa está marcada na figura com a sua inicial

Do mesmo modo a fonte I pertence ao Guilherme, cuja casa está egualmente indicada com a inicial do seu nome. Finalmente a fonte K pertence ao Eduardo que tem a casa em E.

Querem elles canalisar a agua das suas respectivas fontes para suas casas, mas, em consequencia dos seus interminaveis amuos, é indispensavel que as canalisações não se cruzem, nem saiam fóra da cerca.

Cada um d'elles se fartou de consultar engenheiros, mas até agora... nada!

Como é que se ha-de descalçar esta bota?

Aquelles tres amigos... de Peniche assignaram já o *Gafanhoto* porque esperam que os seus decifradores resolvam o caso.

Logogripho

II — Na musica me empregam — 6 – 1 – 9 – 3
Sempre sirvo de vestido — 4 – 5 – 9 – 8
Sou um animal domestico — 2 – 3 – 9 – 10
Commigo ninguem tem perdido — 2 – 5 – 6 – 7 – 10

Meu todo, caro leitor,
E' bem facil de matar ;
Sou periodico engraçado
Que em Lisboa pode achar.

Elisa P. da Cunha Lemos.

Enygma

III — Seis romanos, cem portuguezes sem uma perna e metade de um lente, valem um só homem de nome bem conhecido.

Cypriana Maria da Silva.

Pergunta enygmatica

IV — O que faz o salmão quando está vivo e depois de morto?

Adelaide Christina Cayola da Veiga.

V — Sete empregados do commercio teem por habito ir jantar em um certo restaurante em periodos variaveis para cada um d'elles.

Assim, o primeiro vae lá jantar todos os dias ; o segundo, de dois em dois dias ; o terceiro de tres em tres dias ; o quarto de quatro em quatro ; o quinto, de cinco em cinco, o sexto de seis em seis, e, finalmente, o setimo vae só uma vez por semana.

O dono do restaurante, querendo ser generoso para tão constantes freguezes, promette dar a todos um jantar de graça no primeiro dia em que elles lá se encontrem todos juntos.

Os sete freguezes passavam horas e horas a fazer calculos para saber quando chegava esse feliz dia do jantar de graça ! Mas por mais voltas que dessem ao miolo não acertavam !

Por fim resolveram consultar o *Gafanhoto*, e este que tambem tem bons freguezinhos, resolveu perguntar-lhes : Quantos dias teem que esperar os 7 freguezes do restaurante para reclamar o cumprimento da promessa ?

Charada (para gulosos)

Muitas vezes a dormir penso — 2
Que d'este bolo eu gosto immenso !

RECEITA CULINARIA

O *Gafanhoto* tem distrahido os seus leitorsinhos com problemas, charadas, adivinhas, enygmas, logogriphos, experiencias de physica, jogos diversos, coisas emfim que se dirigem ao cerebro para o desenvolver por meio do estudo recreativo.

E' justo, porém, que alguma coisa invente para o paladar, e n'essa boa intenção começa n'este numero a iniciar a publicação de receitas uteis e agradaveis.

Começaremos hoje pelo

PASTELLÃO «GAFANHOTO»

Em meio copo de agua tépida derrete-se uma pequena porção de boa manteiga de vacca, tres colheres de assucar e uma pitadinha de sal, e depois junta-se a este caldinho 125 grammas de farinha de trigo até esta se desfazer bem.

Feita esta especie de xarope, que se meche até aquelles ingredientes ficarem muito bem misturados, deita-se-lhe tres ovos (clara e gemma) e um pouco de summo de laranja. Bate-se tudo muito bem batido, deita-se n'uma travessa barrada de manteiga e leva-se a um forno bem quente, onde deve coser. Ahi, por esta cocção, transforma-se em um delicioso bolo que se póde guarnecer com qualquer doce de fructa ou marmellada.

Espera o *Gafanhoto* que as suas queridas leitorasinhas lhe digam se gostaram do bolo, pois ellas é que teem competencia para fabricarem esta delicia unica. Os rapazinhos teem competencia... só para o comer!

Experiencia de physica

A CASTANHA-LAMPARINA

Conhecem a castanha da India não é verdade?

Parece-se um pouco com as nossas castanhas, mas são maiores, mais bonitas e de fórma irregular.

O diacho é que não servem para comer!

Mas teem a sua utilidade e vae o *Gafanhoto* ensinar e tirar proveito d'ellas.

Escolhe-se uma das mais irregulares, põe-se na agua, vê-se se ella sobrenada e qual a parte que fica voltada completamente para cima; ahi marca-se com um lapis ou tinta.

Rejeitam-se as que não fluctuam na agua.

Depois limpa-se e fura-se em muitos pontos com uma agulha, e mette-se n'uma tigelinha com azeite durante 12 horas.

Ao fim d'este tempo tira-se, limpa-se e fura-se no ponto que se marcou a lapis, mas de modo que o furo não a atravesse de todo, e n'esse buraco mette-se uma mécha ou torcida de algodão. Está preparada assim uma lamparina que se põe n'um copo com agua, e que dá luz durante toda a noite.

E' que a castanha encheu-se de azeite, e pela capillaridade a torcida que se lhe metteu e que se accendeu, vae alimentando a chamma.

É editor do GAFANHOTO o *Sr. José Augusto Lucas*

Officina photomecanica Thomaz Bordallo — Typographia da Livraria Férin

Livros para creanças

em todas as linguas

Catalogos especiaes illustrados

DE

LIVROS PARA BRINDES

Livros para o ensino
primario, secundario e superior

ESTAMPAS
ARTIGOS DE DESENHO E PINTURA

Livraria Ferreira

Rua do Ouro, 132

LISBOA

A. ASSIS CAMILLO

121—Rua da Conceição—123

LISBOA

Bijouterias,
perfumarias,
botões,
alfinetes,
fitas,
galões,
rendas, etc.

Filozelle e froco
de
todas as grossuras

Preparos para costura

SALÃO DE JOGOS

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES TODOS OS MEZES

Sortimento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

Lisboa

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 12 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, etc., tudo

profusamente illustrado
com gravuras
e estampas a côres

O 1.º volume, correspondente ao 1.º anno (abril de 1903 a março de 1904) com uma bella capa a côres, acha-se á venda na

Administração do GAFANHOTO
e nas principaes livrarias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Trimestre, 6 numeros	$450
Semestre, 12 numeros	$800
Anno, 24 numeros	1$500
Numero avulso	80

Redacção d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferregial, 6, 1.º

ASSIGNA-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

A unica publicação d'este genero em Portugal

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

CARLOS

Nº 40

Retrozaria Mapril Sequeira

SUCCESSORES

Diamantino & Almeida

Especialidade em bordados
começados
e riscados proprios para creanças

Debuxos, frocos,
lantejoulas,
canutilhos, lãs e sedas para bordar,
completo sortimento

109, RUA DOS RETROZEIROS, 111

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Livros de leitura illustrados para creanças em francez, portuguez e inglez

ALBUNS D'IMAGENS COLORIDAS E POR COLORIR

Estojos de desenho, papeis, esquadros,
reguas, lapis e mais artigos para creanças de tódas as edades

ENCONTRA-SE NA

LIVRARIA FERIN **R. Nova do Almada, 74**

BIBLIOTHECA DAS CREANÇAS

Lindissimos volumes de 160 paginas illustradas,
contendo contos e historias,
escriptos expressamente para creanças

Cinco volumes publicados

1.º—Contos de Fadas
2.º—Novos contos de Fadas
3.º—Terceiro livro de contos de Fadas
4.º—Historias da Carochinha
5.º—Aventuras do barão de Münchausen
No prélo o 6.º—Ceu azul

Cada vol. br. 200 réis; elegantemente cartonado 300 réis

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

LIVRARIA MODERNA RUA AUGUSTA, 95

O GAFANHOTO

Nº 40 NOVEMBRO 1904

A sorte do Felizardo

O Felizardo tinha passado sete annos em serviço, ao cabo dos quaes disse ao patrão:

—«Ó patrão, não estou para mais! O que me apetece é ir para a terra e tornar a vêr minha mãe. Veja lá se me paga a minha soldada.»

Vae o patrão, respondeu:

—«Tens sido um creado fiel e dedicado. É justo que recebas um bom premio dos teus serviços.»

Pegou então n'um pedaço de prata, tamanho da cabeça de um homem, e deu-a ao Felizardo.

Este sacou da algibeira o lenço, embrulhou n'elle a prata, poz a trouxa ao hombro, e eil-o que abala direitinho para a terra.

Mas logo no começo do caminho, apparece-lhe um homem a trotar n'um soberbo cavallo.

—«Olé!» disse o Felizardo em voz alta. «Que bella cousa que é andar a cavallo! Vae uma pessoa alli sentadinha que nem n'uma poltrona. Não ha pedras que nos amolguem os pés, nem sapatos que se estraguem, e aquillo é um engulir de caminho que é mesmo um regalo!»

Vae o cavalleiro, ouviu o que dizia o Felizardo, e disse-lhe assim:

—«Essa é boa, homem! Então porque é que vossê anda a pé?»

—«Ora, porque?» replicou o Felizardo suspirando. «Não tenho outro remedio. Tenho que carregar com este pezo até á minha terra. E verdade que isto é prata, mas nem por isso me derreia menos.»

—«Se vossê quer, fazemos a troca», disse o cavalleiro. «Eu dou-lhe o cavallo, e vossê passa-me para as mãos a prata.»

—«Com todo o gosto!» respondeu o Felizardo. «Mas sempre lhe digo que vossê fica bem convidado com a carga.»

Então o cavalleiro apeiou-se, agarrou na prata, ajudou o Felizardo a montar, metteu-lhe a redea na mão, e disse assim:

—«Se vossê quizer andar depressa, não é mais senão dar um estalo com a lingua e gritar: Arre, cavallinho!»

O Felizardo ficou radiante ao vêr-se escarranchado em cima da sella, e foi cavalgando por alli fóra alegremente. D'alli a pouco, deu-lhe na cabeça andar mais depressa, e vae. começou a dar estalos com a lingua e a gritar:

—«Arre, cavallinho!»

Não lhes digo nada! O cavallo desatou n'um galope desenfreado, e, antes que o Felizardo desse

por isso, viu-se atirado ao chão como uma pela, e estiraçado na valla, á beira da estrada.

O cavallo com certeza que desapparecia, senão fosse ser apanhado por um camponez que vinha por alli fóra, conduzindo uma vaca. O Felizardo lá se poz em pé conforme poude, embora estivesse moido como uma salada. E vae, fulo por via da queda, disse assim ao camponez:

—«Isto de cavalgar não é brincadeira, quando a gente monta uma cavalgadura d'estas, que escoucea como a breca e ferra com uma pessoa em terra! Não é graça andar-se arriscado a partir as costelas! Nada! n'outra não caio eu! Não torno a montar similhante fera. Do que eu gosto é da sua vaca. Isso sim! Vae a gente atraz d'ella com toda a pachorra, e ainda por cima dá-nos leite, manteiga e queijo todos os dias. Quanto daria eu para ter uma vaquinha assim!»

—«Homem, lá por isso não seja a duvida!» redarguiu o camponez. «Se vossê gosta tanto da vaca, tome-a lá, e dê-me em troca o seu cavallo.»

O Felizardo ficou contentissimo com o ajuste. O camponez saltou para o lombo do cavallo e sumiu-se por alli fóra n'um abrir e fechar de olhos. O Felizardo foi guiando tranquillamente a vaquinha, cada vez mais satisfeito com a troca.

—«O que me basta é ganhar um bocado de pão, e isso não tarda nada que eu arranje. Em tendo pão, não me falta o conducto: manteiga e queijo por uma pá velha. E em tendo sede, é só mungir a vaca e beber uma tarraçada de leite. Que mais posso eu desejar?»

D'ahi a pouco chegou a uma estalagem. Parou, comeu do farnel que levava, e gastou o seu ultimo vintem n'um copito de vinho. E em seguida foi andando com a vaca, em direitura da terra, onde o esperava sua mãe.

Aproximava-se a hora do meio dia, e o calor apertava deveras. Achava-se elle então n'uma extensa charneca, que levaria para cima de uma hora a atravessar. Começou a sentir-se tão encalmado e cheio de secura, que a lingua se lhe pegava ao ceu da boca.

—«Ah! para isto tenho eu remedio prompto!» disse elle com os seus botões. «Vou mungir a vaca, e mato a sede com leite.»

Amarrou a vaca a um tronco de arvore, e como não tinha vasilha, aproveitou o seu barrete para aparar o leite. Mas, qual historia! nem pinga surdiu das tetas da vaca. Emquanto elle dizia mal á sua vida e se esforçava por conseguir alguma cousa, o animal, muito inquieto, deu-lhe um couce na cabeça que atirou

com elle a terra. E alli ficou que tempos, sem saber o que era feito de si.

Por fortuna, passou um carniceiro, levando um carrinho de mão com um porco dentro. E foi logo acudir ao Felizardo, e lá o poz em pé.

—«Que foi isso, homemsinho?» perguntou o carniceiro.

O Felizardo contou-lhe então o que lhe tinha acontecido. O carniceiro trazia uma bilha que lhe passou ás mãos dizendo:

—«Beba uma gota, e anime-se! A sua vaca não é capaz de lhe dar leite. É um animal já velho, não presta para nada, a não ser para puxar um arado ou ir esquartejada para o talho.»

—«Valha me Deus!» exclamou o Felizardo, desconsolado. «Quem tal havia de dizer? Se eu a mato, para que é que ella me serve? Eu embirro com carne de vaca; só gosto da de boi, que é mais tenra. Ainda se fosse um porco, isso era bom. Sempre alguma cousa havia de fazer d'elle. Quando mais não fosse, fazia chouriços.»

—«Pois olhe!» replicou o carniceiro. «Para lhe ser agradavel, acceito a troca. Tome lá o porco, e dê cá a vaca.»

—«Deus Nosso Senhor lhe pague!» disse o Felizardo, muito reconhecido.

O carniceiro agarrou na vaca e o Felizardo tirou o porco do carrinho, e abalou com elle por alli fóra, levando-o preso por uma corda atada á perna do animal.

Assim foi andando, andando, e tudo parecia sorrir-lhe agora. Tinha tido as suas contrariedades, é certo, mas d'esta vez a sorte dava-lhe a desforra de tudo.

A primeira pessoa que encontrou a seguir, foi um camponez que levava debaixo do braço um ganso magnifico. Deram os bons dias um ao outro, e o Felizardo contou-lhe todas as suas aventuras, e os bellos negocios que tinha feito.

Vae o camponez, declarou-lhe que levava o ganso para um banquete de baptisado.

—«Ora sempre quero que lhe tome o peso!» accrescentou elle. «Ha oito semanas que ando a engordal-o. Isto, quem o assar, sempre lhe digo que se ha de fartar de bella carninha gorda.»

—«Tem razão,» disse o Felizardo. «Mas olhe que o meu porco tambem não é nada mau.»

N'este comenos, o camponez fez uma careta e abanou a cabeça.

—«Ouça lá, ó amigo!» disse elle. «Sempre lhe digo que esse seu porco pode mettel-o em talas. Na aldeia d'onde eu saio agora mesmo, houve larapio que saltou a um chiqueiro e roubou um porco. De mais a mais, o chiqueiro era do

proprio regedor. Eu cá, apenas dei com os olhos no seu porco, palpitou-me que fosse o bicho roubado. Se o apanham a vossê, adeus minhas encommendas. O menos que lhe podem fazer, é encafual-o na gaiola.»

O pobre do Felizardo ficou assustadissimo.

—«O homemsinho da minha alma!» gritou elle. «Pelo amor de Deus, veja se me livra d'este transe. Vossê conhece aqui estes sitios melhor do que eu; tome lá o porco, e dê-me em troca o seu ganso.»

—«Arrisco-me a muito com o contracto,» disse o camponez. «No entanto, gosto de vossê, e quero tiral-o da entalação.»

Agarrou na trela do porco e seguiu com elle por um atalho, emquanto o Felizardo continuava o seu caminho para a terra, pensando de si para comsigo:

—«Afinal de contas, quem ganhou na troca fui eu. Em primeiro logar vou trincar um assado delicioso; depois. estas enxundias ainda me servem para quatro mezes de tempero; e, por ultimo, ainda aproveito estas lindas pennas brancas. A pennugem mais macia, faço d'ella uma almofada, onde eu hei de dormir regaladamente. Muito contente vae ficar minha mãe!»

Quando chegou á ultima aldeia, encontrou um amolador com o seu rebolo, a apregoar:

—«Amola facas e thesouras!»

O Felizardo estacou a olhar para elle, e por fim disse:

—«Ó mestre amolador, vossê tem uma cara tão risonha! Deve achar-se feliz no seu officio.»

—«Ora se acho!» disse o outro. «É um officio de arromba. Um bom amolador nunca mette a mão ao bolso que não ache alguma chelpa. Mas onde é que vossê foi desencantar esse magnifico ganso?»

—«Não foi por compra. Trocaram-m'o por um porco.»

—«E onde arranjou vossê o porco?»

—«Dei uma vaca por elle.»

—«E a vaca?

—«Dei um cavallo em troca.»

—«E o cavallo?»

—«Ah! isso dei por elle um pedaço de prata, do tamanho da minha cabeça.»

—«E então a prata?»

—«Para a apanhar, trabalhei como um mouro sete annos.»

—«Sim, senhor!» replicou o amolador. «Vossê até hoje tem tido sorte n'este mundo. O que lhe falta para fazer fortuna, é metter a mão ao bolso e achar lá sempre chelpa, em vez de cotão.»

—«É certo, mas como é que se arranja isso?»

—«É fazer-se amolador, como eu», disse o outro. «Só o que lhe falta, é ter um rebolo. O resto virá depois Aqui tem vossê um, que não é nada mau. Não peço por elle mais do que o valor do seu ganso. Quer vossê compral-o?»

—«Homem, isso nem se pergunta,» volveu o Felizardo. «Eu cá tinha-me pelo homem mais feliz do mundo, se encontrasse sempre dinheiro, todas as vezes que mettesse a mão ao bolso. Que mais posso eu querer? Tome lá o ganso.»

—«Ora muito bem!» disse o amolador, dando-lhe um pedreguilho ordinario que tinha ao pé de si. «Isto que aqui vê, é um rebolo magnifico. Se vossê souber usar d'elle, é capaz de aguçar até um prego velho.»

O Felizardo agarrou na pedra e afastou-se, com o coração aos pulos. Com os olhos a luzirem de contentamente, dizia comsigo:

—«Em boa hora nasci, com certeza. Em eu desejando alguma cousa, tudo vem logo a pello.»

Entrementes, começou a sentir-se cansado, porque desde a madrugada que andava sem descanso. Estava com fome, porque tinha comido todo o farnel e gastou o ultimo vintem com o alvoroço de apanhar a vaca Até que por fim lhe custava já a caminhar, e a pedra cansava-o de um modo terrivel. Arrastou-se até um tanque que havia no campo, com a ideia de beber uma gota de agua e descançar um bocado, e poz a pedra com toda a cautela na borda do tanque. Mas ao inclinar-se para beber, descuidou-se, empurrou um quasi nada a pedra, e, catrapuz! Lá foi ella rebolindo até ao fundo do tanque.

Quando a viu desapparecer na agua profunda, deu pulos de contentamento, e cahiu de joelhos, agradecendo a Deus, com as lagrimas nos olhos, o beneficio que lhe fizera em o livrar d'aquella peste — um pedregulho feio e pesado como a breca.

—«Muito feliz sou eu!» exclamou o Felizardo. «Nunca houve no mundo homem com tanta sorte.»

E vae então, levantou-se de animo alegre, e, livre de todos os tropeços, deitou a correr até que chegou a casa de sua mãe.

A FERRADURA

Passeiava um labrego pelo campo, em companhia do filho. De repente parou, olhando para o chão, e disse:

— «O Antonio, olha essa ferradura que ahi cahiu. Abaixa-te e mette-a no bolso».

— «Ora adeus!» respondeu o rapaz. «Vale lá a pena abaixar-me para apanhar um ferro velho!»

O pae, sem dizer palavra, apanhou a ferradura e guardou-a. D'alli a pouco passavam ambos por uma aldeia, onde um ferrador comprou a ferradura por uma bagatela. Mas o velhote utilisou-se logo d'essa bagatela, comprando uma mancheia de cerejas.

Pozeram-se os dois outra vez a caminho. O sol estava de escaldar, e o rapazote morria de sêde. Mas, para onde quer que se virasse, não via nem uma casa, nem se quer uma arvore para se abrigar, nem mesmo uma pinga d'agua que o refrescasse.

Vae o pae, disfarçadamente, deixou cahir uma cereja. O Antonio saltou-lhe logo em cima, e enguliu-a com sofreguidão. Momentos depois, o velhote largou no chão outra cereja, e em seguida outra, e mais outra, e mais outra até acabarem todas. E de cada vez que cahia uma cereja, lá se baixava o Antonio para a apanhar, com tanta avidez como se ellas fossem moedas de ouro.

Quando chegou á ultima, o pae virou-se para o rapaz a rir, e disse-lhe assim:

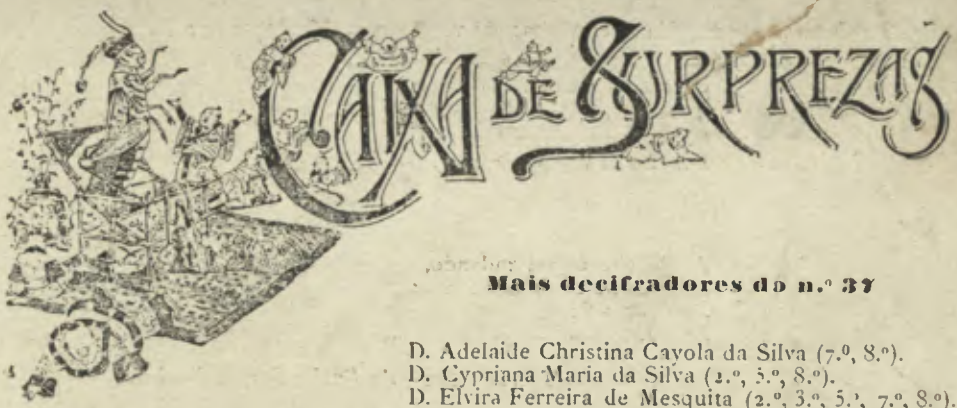
— «Vês, Antonio? Se tu te tivesses abaixado uma vez só para guardar a ferradura, já não tinhas precisão de te abaixar tantas vezes para apanhar as cerejas. Bem certo é que a gente, para evitar um pequeno trabalho, se sujeita muitas vezes a outros trabalhos maiores».

Ferias para os pobresinhos

Nem as creanças calculam a força de que dispõem sobre o espirito dos paes, sobretudo se os querem inclinar á pratica de boas obras. Por isso O GAFANHOTO, que no seu amor aos pequeninos não distingue entre os veludos que os vestem e os andrajos que mal lhes cobrem a pelle, imaginou valer-se d'essa grande influencia em favor dos pobresinhos. O seu maior desejo é que os seus leitores ricos e abastados se interessem do coração pelo bem estar dos pequenos da sua edade, desvalidos e desamparados. Não deixa pois perder a occasião de os informar das obras de beneficencia, que lá por fora estão em voga, afim de estimular os seus impulsos caritativos com a ambição de implantar entre nós cousas parecidas.

Falou-lhes ultimamente dos aleijadinhos, a quem a caridade de Londres proporciona não só escolas adequadas, mas meios de transporte que lhes permittam frequental-as. Agora, vae informal-os de uma outra obra de caridade, que pelo extrangeiro se tem propagado muitissimo e que muito conviria estabelecer no nosso paiz.

Em chegando a época das ferias grandes, todos os meninos e meninas suspiram pelo campo e pela praia, onde podem encher os seus pulmõesinhos de ar puro e dar largas á sua ancia de exercicio. Isto, que é para elles um recreio, representa afinal de contas uma necessidade e um bello remedio; sobretudo as creanças que habitam nas grandes cidades, onde a população é muita e o ar é



Mais decifradores do n.º 37

D. Adelaide Christina Cayola da Silva (7.º, 8.º).
D. Cypriana Maria da Silva (2.º, 5.º, 8.º).
D. Elvira Ferreira de Mesquita (2.º, 3.º, 5.º, 7.º, 8.º).
D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (2.º, 3.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º).
D. Regina Ribeiro (2.º, 5.º, 7.º, 8.º).
Antonio Vieira da Cruz, 2.º, 3.º, 5.º, 8.º).
Julio Cesar de Lacerda (2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º).
Luiz Alberto Miranda da Costa (2.º, 3.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º).

Decifradores do n.º 38

(O 1.º, 3.º e 4.º, ficam para o n.º 41, por isso que foram novamente publicados no n.º 39)

II — Romã.
V — Vasco da Gama.
VI — 14 maçãs.
VII — Novaes.
VIII — Campo, campa, carpo, carta, parva, *Paiva*, priva, prima, prema, preta, prata, *Praia*.
IX — LMD (Lemede).

X — Se disserem que dezoito,
Não levem a conta ávante;
Ficaram duas, porque as outras
Seguiram para deante.

Henrique de Bruges.

XI — A viuva rica sempre casada fica.

XII — 122.

Decifradores do n.º 38

D. Adelaide Christina Cayola da Veiga (2.º).
D. Alice Pires (1.º, 2.º, 5.º)
D. Bertha Judice da Costa da Rosa Limpo (2.º, 5.º, 6.º, 12.º).
D. Cypriana Maria da Silva (2.º, 6.º, 10.º).
D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 9.º, 12.º).
D. Maria Celeste da Rocha Soares Barbosa (1.º, 2.º, 5.º, 7.º, 10.º, 11.º).
D. Maria da Conceição de Sousa Reis Appleton (2.º, 5.º).
D. Maria Romero (2.º, 6.º).
D. Maria Rosalina Pinto Coelho (2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 10, 11.º, 12.º).
D. Maria Thereza de Lencastre Ferrão (2.º, 5.º, 8.º, 12.º).
D. Regina Ribeiro (2.º).

Affonso Cid Perestrello, (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 11.º, 12.º).
Antonio Vieira da Cruz (2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º).
João de Saldanha Pimentel Rolin (1.º, 2.º).
João Pinto Monteiro de Mendonça (4.º, 5.º, 10.º).
Julio Cesar de Lacerda (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º).
Luiz Alberto Miranda da Costa (1.º, 2.º, 5.º, 6.º, 10.º, 11.º, 12.º).
Luiz Romero (5.º, 8.º).

Publicamos em seguida as respostas em verso ao problema n.º 10:

Se foram duas que morreram
Tem poquissimo que pensar!
Foram essa as que ficaram,
Dezoito lá vão a marchar.

Cypriana Maria da Silva.

As dezoito foram andando,
As duas na estrada ficaram;
As mortas ficaram mais leves,
As outras mais carga levaram.

Maria Celeste da Rocha Soares Barbosa.

Lá vae em verso a resposta
Para a decima charada:
Dezoito marcharam vivas
Duas ficaram na estrada.

Maria Rosalina Pinto Coelho.

Se duas mulas morreram,
Por ser a carga pesada,
E' mais claro do que a agua:
Ficaram duas na estrada!

João Pinto Monteiro de Mendonça.

Tinha o tal homem vinte mulas,
E na estrada duas perdeu? ..
Só não sabe quantas ficaram
Quem fôr mui tolo ou Sandeu!

Quer, porém, a resposta em verso?
Aqui já fica a subtracção:
Quem de vinte tira dezoito
Dá duas a operação.

Julio Cesar de Lacerda.

PROBLEMAS E ADIVINHAS

Charada

I — Das virtudes a mais bella — 1
Nos meus livros encontrei. — 1
Alli reside, senhoras, } 3
Muita gente, muita grei. }

N'este vale de miserias
Sou apenas passageira;
Mas lá no reino da gloria
Serei então verdadeira.

Adelaide Christina Cayola da Veiga.

II — Meus pequeninos assignantes
Este problema vejam bem:
Com seis noves, oh! estudantes!
Expressar o numero cem.

Charada

III — Eu sou uma das pessoss
Do verbo *ser*, no presente, — 1
Sou flôr, tempero e sou ferro, } 3
Em mim toca muita gente. }

O meu ser é desgraçado
E promovo compaixão;
Porém, sendo de amor,
Tenho feliz condição.

José Luiz Valdez de Moura Borges.

IV — Subtrahindo 12 a um numero dado e multiplicando o resto por 13, obtem-se o mesmo numero dado. Qual é o numero?

José da Costa Leal.

CORRESPONDENCIA

Alguns dos nossos amaveis assignantes teem mandado charadas para O GAFANHOTO publicar, mas como se esquecem de assignar (que cabecinhas!), não sé lhes póde fazer a vontade; outros mandam as suas charadas sem solução, motivo este porque tambem não se podem publicar; finalmente, alguns enviam as soluções das charadas e problemas sem as assignar, e por isso é impossivel incluir os seus nomes nas listas dos decifradores.

Experiencia de physica

A PENNA VEGETAL

Quando os nossos queridos leitores forem dar o seu passeio a algum sitio onde haja pinheiros, o que não é difficil n'um paiz onde essa arvore abunda, tragam para casa um pequeno ramo ainda com aquella linda côr verde que no seu conjuncto tanto agrada á vista.

Chegados a casa guardem-n'o e no dia seguinte, já descançados da fadiga do passeio, tirem do ramo duas das pequenas hastes que se chamam agulhas e que no ramo estão unidas duas a duas por um nósinho, o que muito convém para a nossa experiencia.

Depois unem-se as duas hastes nos extremos livres por meio de um retroz muito fino, que se lhe enrola, ficando uma ponta de um centimetro de fóra, ponta que é formada pelas duas pontas das agulhas do pinheiro assim unidas.

Feito isto, introduz se o todo dentro de um tubo qualquer, que serve de caneta, de modo que fique bem adaptado, mas com a ponta sahida na extensão de um centimetro.

Temos assim preparada uma penna melhor do que as melhores de metal, não só por ser mais macia e flexivel, como tambem por não se enferrujar.

Além d'isso tem sobre as outras uma enorme vantagem, que consiste em poder escrever durante 20 a 25 minutos sem necessidade de a molhar, o que é uma grande vantagem para não perder tempo.

Effectivamente, as agulhas teem um canalsinho exterior em todo o seu comprimento e que nas que estão unidas pelo nósinho de que fallámos, ficam defronte um do outro quando as unimos no extremo opposto. Esses dois canaes ficam formando um só, muito fino, de modo que introduzindo a penna assim formada na tinta, esta vae subindo por effeito da capillaridade no canal, que enche completamente.

Por isso é preciso demorar dentro da tinta, a primeira vez, a penna assim formada, mais algum tempo do que as pennas ordinarias. Mas o canal fica cheio de tinta de modo que dá para muitas palavras.

É editor do GAFANHOTO o *Sr. José Augusto Lucas*

Officina photomecanica Thomaz Bordallo — Typographia da Livraria Férin

Livros para creanças

em todas as linguas

Catalogos especiaes illustrados

DE

LIVROS PARA BRINDES

Livros para o ensino
primario, secundario e superior

ESTAMPAS
ARTIGOS DE DESENHO E PINTURA

Livraria Ferreira

Rua do Ouro, 132

LISBOA

SALÃO DE JOGOS

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES TODOS OS MEZES

Sortimento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

Lisboa

A. ASSIS CAMILLO

121—Rua da Conceição—123

LISBOA

Bijouterias,
perfumarias,
botões,
alfinetes,
fitas,
galões,
rendas, etc.

Filozelle e froco
de
todas as grossuras

Preparos para costura

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 12 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, etc., tudo

profusamente illustrado
com gravuras
e estampas a côres

O 1.º volume, correspondente ao 1.º anno (abril de 1903 a março de 1904) com uma bella capa a côres, acha-se á venda na

Administração do GAFANHOTO
e nas principaes livrarias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

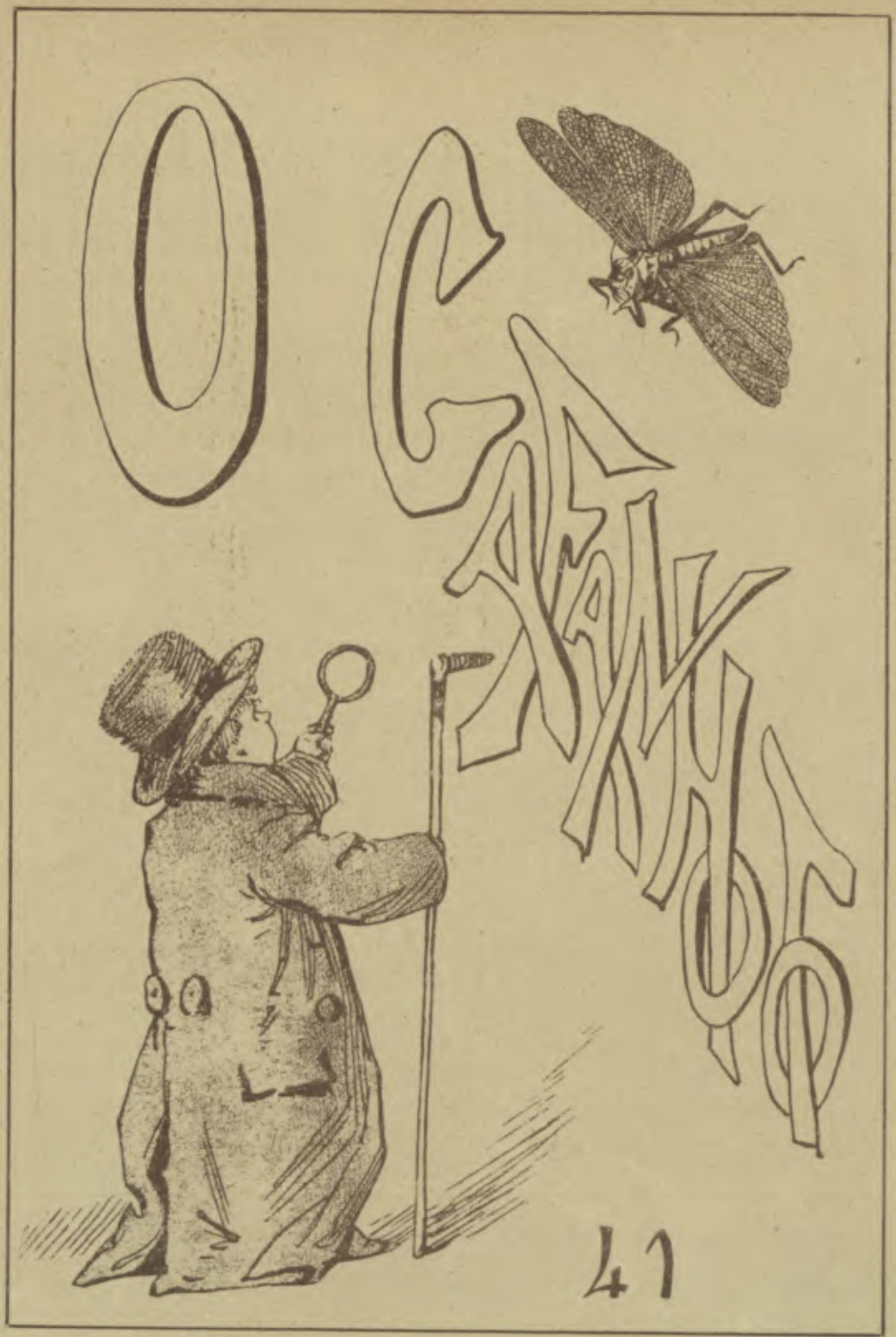
Trimestre, 6 numeros	$450
Semestre, 12 numeros	$800
Anno, 24 numeros	1$500
Numero avulso	80

Redacção d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferregial, 6, 1.º

ASSIGNA-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

A unica publicação d'este genero em Portugal


O
41

Retrozaria Mapril Sequeira

SUCCESSORES

Diamantino & Almeida

Especialidade em bordados
começados
e riscados proprios para creanças

Debuxos, frocos,
lantejoulas,
canutilhos, lãs e sedas para bordar,
completo sortimento

109, RUA DOS RETROZEIROS, 111

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Livros de leitura illustrados para creanças em francez, portuguez e inglez

ALBUNS D'IMAGENS COLORIDAS E POR COLORIR

Estojos de desenho, papeis, esquadros,
reguas, lapis e mais artigos para creanças de tódas as edades

ENCONTRA-SE NA

LIVRARIA FERIN R. Nova do Almada, 74

BIBLIOTHECA DAS CREANÇAS

Lindissimos volumes de 160 paginas illustradas,
contendo contos e historias,
escriptos expressamente para creanças

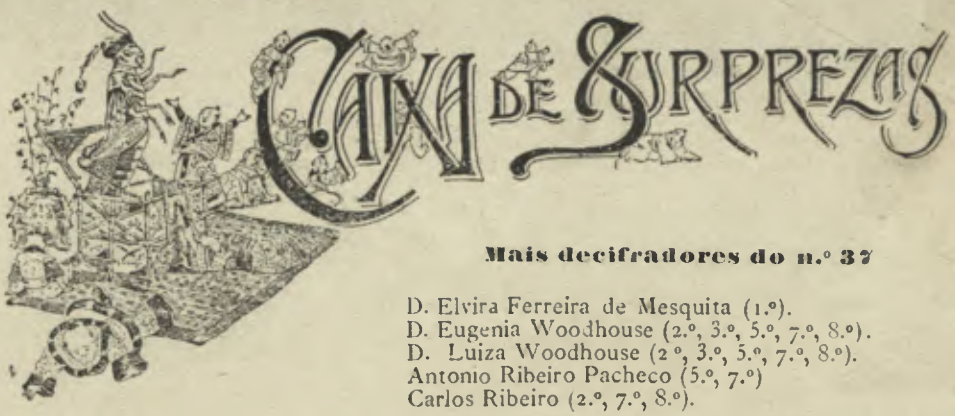
Cinco volumes publicados

1.º—Contos de Fadas
2.º—Novos contos de Fadas
3.º—Terceiro livro de contos de Fadas
4.º—Historias da Carochinha
5.º—Aventuras do barão de Münchausen
No prélo o 6.º—Ceu azul

Cada vol. br. 200 réis; elegantemente cartonado 300 réis

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

LIVRARIA MODERNA RUA AUGUSTA, 95



Mais decifradores do n.º 37

D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º).
D. Eugenia Woodhouse (2.º, 3.º, 5.º, 7.º, 8.º).
D. Luiza Woodhouse (2.º, 3.º, 5.º, 7.º, 8.º).
Antonio Ribeiro Pacheco (5.º, 7.º)
Carlos Ribeiro (2.º, 7.º, 8.º).

Mais decifradores do n.º 38

D. Antonieta Ribeiro Pacheco (2.º, 3.º, 5.º, 11.º).
D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 4.º, 10.º).
D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º, 5.º, 6.º, 8.º, 11.º, 12.º).
D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º, 5.º, 6.º, 8.º, 11.º, 12.º).
D. Maria Celeste da Rocha Soares Barbosa (2.º).
D. Regina Ribeiro (1.º).
Carlos Ribeiro (2.º).
José Francisco Janeiro (2.º, 3.º).

Decifração do n.º 10 do n.º 38

Vinte mulas carregadas
Tinha o homem a caminho,
Com negocio, que esperava
Lhe enchesse um bom saquinho.

Mas das vinte, duas d'ellas
Com tal carga rebentaram;
Foram andando as dezoito;
Portanto duas ficaram.

Elvira Ferreira de Mesquita.

Decifrações do n.º 39

Enygma historico

«Tyranno, salvei a Dio» — (Antonio da Sylveira). Publicamos em seguida a narração unica que nos foi enviada:

No reinado de D. João III, estando Antonio da Sylveira encarregado da defeza da fortaleza de Dio, teve de sustentar um apertado cerco desde fevereiro de 1538 até 1 de novembro do mesmo anno.

A fortaleza de Dio foi sitiada e assaltada por uma formidavel armada turca em 8 de setembro de 1538, e foi devido á serena constancia de Antonio da Sylveira, infundindo animo e valor a todos os sitiados, que elles poderam resistir praticando actos de valor que a Historia regista com louvor.

A 30 de outubro, depois de violentos e repetidos assaltos á fortaleza, o exercito turco desfilou com as bandeiras soltas ao vento por deante da desmantelada fortaleza, e embarcou fazendo-se ao largo; voltando, porem, pelo escuro da noite a dar novo e mais violento assalto, sendo os turcos repelidos com grandes perdas.

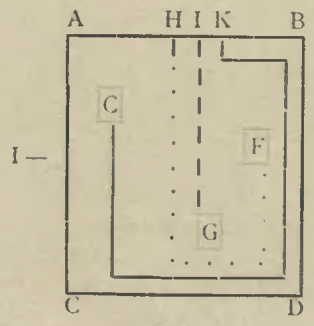
A' heroica resistencia do bravo Antonio da Sylveira, e dos seus, deveu Portugal o conservar a fortaleza de Dio, apezar de no ultimo combate ter 14 mortos e mais de 200 feridos, o que havia reduzido os defensores válidos da fortaleza a 40 homens apenas.

Felizmente os turcos não suspeitavam qual era a força verdadeira da guarnição de Dio, e a avalial-a pela energica resistencia, julgal-a-hiam, pelo contrario, superior á força dos assaltantes, que era de cerca de quinze mil turcos e gozarates de Kodje Sofar, e a 1 de novembro de 1538 embarcaram definitivamente na frota turca, fazendo-se de vela a 5 d'esse mez. Só depois é que o bravo Antonio da Sylveira recebia auxilio e reforços, retirando-se mais tarde para Portugal, a descançar.

Julio Cesar de Lacerda.

Charada em phrase — Vagalume.

Charada decapitada — Doente.



II — Gafanhoto.

III — V I CEN TE.

IV — Nada.

V — Este problema sahiu com um lapso muito importante, pois não se disse que, no dia em que o dono do restaurante fez a sua promessa, os seus 7 commensaes juntaram-se lá todos, e daria o jantar no primeiro dia em que tornavam a juntar-se. D'este modo é que se póde fazer o calculo mathematico.

Fica pois o problema em aberto com esta rectificação, e no proximo n.º 43 se publicarão os nomes dos decifradores.

VI — Sonho.

Decifradores do n.º 39

D. Alice Pires (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 6.º)
D. Adelaide Christina Cayola da Veiga (1.º, 2.º). 3.º, 6.º).
D. Adilia de Carvalho Campos (1.º).
D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 6.º).
D. Emilia Barreto (1.º, 2.º).
D. Eugenia Woodhouse (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 6.º).
D. Luiza Woodhouse (1.º, 2.º 3.º, 4.º, 6 º).
D. Maria Thereza Lencastre Ferrão (2.º, 3.º, 4.º, 6.º).
D. Maria Celeste da Rocha Soares Barbosa (1.º, 2.º, 4.º).
D. Regina Ribeiro (3.º, 4.º, 6.º).

Affonso Cid Perestrello (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 6.º).
Alberto Telles Machado (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).
Daniel Luizello Teixeira Vianna (1.º).
João de Saldanha P. Rolin (6.º)
José da Costa Leal (2.º, 6.º).
José Francisco Gauciro (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 6.º).
Julio Cesar de Lacerda (1.º, 2 º, 3.º, 4.º, 6.º).
Paulo Vianna (3.º).

Livros para creanças

em todas as linguas

Catalogos especiaes illustrados

DE

LIVROS PARA BRINDES

Livros para o ensino
primario, secundario e superior

ESTAMPAS
ARTIGOS DE DESENHO E PINTURA

Livraria Ferreira

Rua do Ouro, 132

LISBOA

SALÃO DE JOGOS

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES TODOS OS MEZES

Sortimento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

Lisboa

A. ASSIS CAMILLO

121—Rua da Conceição—123

LISBOA

Bijouterias,
perfumarias,
botões,
alfinetes,
fitas,
galões,
rendas, etc.

Filozelle e froco
de
todas as grossuras

Preparos para costura

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 12 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, etc., tudo

profusamente illustrado
com gravuras
e estampas a côres

O 1.º volume, correspondente ao 1.º anno (abril de 1903 a março de 1904) com uma bella capa a côres, acha-se á venda na

Administração do GAFANHOTO
e nas principaes livrarias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Trimestre, 6 numeros	$450
Semestre, 12 numeros	$800
Anno, 24 numeros	1$500
Numero avulso	80

Redacção d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferregial, 6, 1.º

ASSIGNA-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

A unica publicação d'este genero em Portugal

Nº 42

O GAFANHOTO

Retrozaria Mapril Sequeira

SUCCESSORES

Diamantino & Almeida

Especialidade em bordados
começados
e riscados proprios para creanças

Debuxos, frocos,
lantejoulas,
canutilhos, lãs e sedas para bordar,
completo sortimento

109, RUA DOS RETROZEIROS, 111

LIVRARIA FERIN

FORNECEDORA DA CASA REAL

Livros de leitura illustrados para creanças em francez, portuguez e inglez

ALBUNS D'IMAGENS COLORIDAS E POR COLORIR

Estojos de desenho, papeis, esquadros,
reguas, lapis e mais artigos para creanças de tôdas as edades

ENCONTRA-SE NA

LIVRARIA FERIN R. Nova do Almada, 74

BIBLIOTHECA DAS CREANÇAS

Lindissimos volumes de 160 paginas illustradas,
contendo contos e historias,
escriptos expressamente para creanças

Cinco volumes publicados

1.º—Contos de Fadas
2.º—Novos contos de Fadas
3.º—Terceiro livro de contos de Fadas
4.º—Historias da Carochinha
5.º—Aventuras do barão de Münchausen
No prélo o 6.º—Ceu azul

Cada vol. br. 200 réis; elegantemente cartonado 300 réis

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

LIVRARIA MODERNA RUA AUGUSTA, 95

O GAFANHOTO
Nº 42 DEZEMBRO 1904

A ARVORE DO NATAL

(CONCLUSÃO)

— «Em chegando a noite,» diziam todos, «vae ficar deslumbrante!»

— «Tomara já cá a noite!» pensou a Arvore. «Quem me dera ver as luzes accesas! Mas depois d'isso, o que irá succeder? O que eu gostava era que as arvores viessem lá da floresta para me verem; e que as Andorinhas viessem esvoaçar de encontro ás vidraças. Deixar-me-hão ficar enfeitada todo o inverno e todo o verão?»

Pois bem! Afinal, veiu a saber tudo. Mas só o alvoroço da espera fez-lhe uma grande dôr na copa, e as dores de copa n'urna arvore são tão más como as dores de cabeça para um homem.

Até que afinal se accenderam as candeias'nhas. Que lindo! que brilhantismo! A Arvore estremecia por todos os ramos, que até uma das luzes pegou fógo a um raminho verde, o que produziu grande rebolíço.

— «Valha-nos Deus!» gritavam as senhoras, apagando o incendio a toda a pressa.

Depois d'isto, o Abeto não se atreveu mais a tremer. Estava assustadissimo, com medo de incendiar alguns dos seus enfeites, e ficou immovel no meio de todos aquelles esplendores.

D'alli a nada, escancararam-se as portas da sala, e entrou de roldão um tropel de pequenos que correram para a Arvore como se quizessem espatifal-a. Os mais crescidos vinham com mais socego. Os pequerruchos é que ficaram calados e estarrecidos, mas isso foi um momento apenas. Desataram logo a fazer tal algazarra que toda a sala estremecia, e a dansar á roda da Arvore, e a apanhar um a um todos os bonitos que estavam nos ramos.

— «Que estarão elles a fazer?» pensava o Abeto. «Que virá a succeder depois?»

As velasinhas arderam até chegarem aos tronquinhos. Foram-nas apagando uma por uma. E então deu-se licença á creançada para saquear a arvore. Isso é que foi saltar lhe em cima! Não havia ramo que não estalasse com os safanões. Se a copa e a estrella de pechisbeque não estivessem presas ao tecto, a arvore com certeza que baldeava ao chão! Os pequenitos fartaram-se de dansar agarrados aos brinquedos. Ninguem mais se importou com a Arvore, a não ser uma creada velha, que andou a esgaravatar por entre os ramos, mas isso era só para ver se ainda por lá tinham esquecido algum figuinho ou alguma noz.

— «Uma historia! uma historia!» gritaram as creanças, puxando para o lado da arvore um homemsinho muito gorducho, o qual se sentou mesmo por baixo d'ella.

— «É como se estivessemos no campo,» disse elle. «A arvore vae regalar se tambem com a minha historia. Mas olhem que eu não conto senão uma. Qual d'ellas querem? A da Gata Borralheira? Ou a do João Gandacho, que rebolou pela escada abaixo e que por fim de contas veiu a ser muito poderoso e a casar com a princeza?»

— «A Gata Borralheira!» gritaram uns.

— «O João Gandacho!» bradaram outros.

Uma ingrezia de metter medo!

— «E eu, que tenho a fazer agora?» pensava o Abeto.

Mal sabia elle que já tinha desempenhado o seu papel.

Vae o homemsinho, contou a historia do João Gandacho, que rebolou pela escada abaixo e veiu afinal a casar com a princeza. A creançada deu muitas palmas, e começou a gritar:

— «Conte outra! conte outra!»

Queriam tambem a da Gata Borralheira, mas não apanharam senão a do João Gandacho. A Arvore do Natal deixava-se estar muito socegadinha, a parafusar.

Os passaros da floresta nunca tinham contado uma historia como aquella do

João Gandacho que, depois de rebolar pela escada abaixo, chegou a casar com a princeza.

— «Voltas do mundo!» pensou a Arvore, acreditando piamente que a historia era verdadeira, tão seria e ajuizada lhe parecia a pessoa que a contara. «Ora quem sabe?» continuou o Abeto a scismar. «Talvez que eu tambem venha a rebolar pela escada abaixo e a casar com a princeza.»

Entrementes, o que o alegrava era pensar que no dia seguinte haviam de atavial-o do mesmo feitio, com luzinhas, e bonitos, e oiro, e frutas, e doces.

— «Deixem estar, que ámanhã não hei de tremer!» dizia elle lá comsigo. «Amanhã hei de estar muito soberbo com todas estas glorias. Hei de ouvir outra vez a historia do João Gandacho, e talvez que tambem a da Gata Borralheira.»

E toda a noite passou muito quietinho, a scismar, a scismar.

Logo de manhã, entraram na sala um creado e uma creada.

— «Lá vae começar outra vez a folia!» pensou a Arvore.

Mas, em vez d'isso, carregaram com ella para fóra da sala, pela escada acima, até ao sotam. E atiraram com elle para um canto escuro, onde não chegava nem uma restea de sol.

— «Que quer dizer isto?» pensou o Abeto. «Que vou eu fazer n'este sitio? Que hei de eu ouvir n'estas alturas?»

Encostou-se á parede, e scismou, scismou, scismou. E fartou-se deveras de scismar, porque decorreram dias e noites sem apparecer alma viva no sotam, e quando afinal alguem appareceu, foi só para arrecadar uns bahus no canto onde estava o Abeto.

Ficou a pobre Arvore escondida de todo, e parecia que ninguem mais se lembrava d'ella.

— «Já sei! É que lá fóra é inverno!» pensou o Abeto. «Está a terra toda coberta de neve, e não podem agora plantar-me outra vez. Já vejo que tenho que esperar a chegada da primavera. Que attenções que teem por mim! Muito boa gente, lá isso é! O que é pena é que esteja aqui ás escuras e tão isolado. Nem sequer ao menos surde uma lebresinha. Lá na floresta era tão lindo este tempo, quando a terra estava coberta de neve, e passava a lebre a correr. É verdade! Até quando ella pulava por cima de mim, embora n'esse tempo não lhe achasse graça nenhuma. Safa! Isto aqui é um deserto de metter medo.»

— «Piu, piu!» disse um Ratinho, esgueirando-se para fóra do seu buraco.

Depois appareceu mais outro, que foi farejar o Abeto e marinhou por entre os ramos.

— «Muito frio está aqui!» disse o Ratinho. «Se não fosse isso, estava-se aqui bem. Não és da minha opinião, ó velhote?» perguntou elle ao Abeto.

— «Eu cá não sou velhote,» respondeu o Abeto embespinhado. «Ha outros muito mais velhos do que eu.»

— «D'onde vens tu?» perguntou o Rato. «Que novidades trazes!»

Muito bisbilhoteiros eram aquelles ratos!

— «Conta-nos o que sabes do sitio mais bello do mundo. Estiveste lá? Estiveste na dispensa, onde ha queijos á ufa nas prateleiras, e presuntos pendurados no tecto, onde a gente anda a bailar por cima de velas de cebo — onde se entra magrinho e d'onde se sae gordo?

— «Eu sei lá nada d'isso!» disse a Arvore. «O que eu conheço é a floresta, onde brilha o sol e cantam os passaros.»

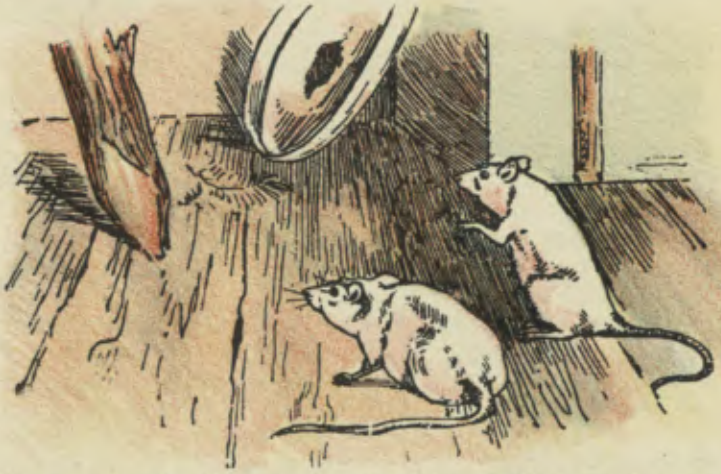
E vae então, contou-lhes toda a sua historia desde creancinha.

Os ratinhos nunca tinham ouvido falar de similhantes cousas. Ouviram tudo com muita attenção, e disseram assim:

— «Que de cousas que tu tens visto? Muito feliz tens tu sido!»

— «Eu?» disse o Abeto, reflectindo no que tinha contado. «Sim! Com effeito, houve tempo em que me diverti menos mal!»

E contou então o que lhe succedera na noite de Natal, quando estava enfeitado com bolos e luminarias.



— «Sim, senhor!» disseram os Ratinhos. «Podes gabar-te de que tens sido feliz, velho Abeto!»

— «Lá velho é que eu não sou!» replicou a Arvore. «Ainda este inverno vim da floresta. Estou na flor da vida! O que eu estou é enfezadito para a edade!»

— «Que lindas historias que elle sabe!» disseram os Ratinhos.

E na noite seguinte, vieram mais quatro Ratinhos para ouvir as historias do Abeto, e á proporção que ia contando, elle ia-se lembrando de tudo, e pensando que os tempos passados tinham sido bons tempos. Mas ainda podiam voltar; pois o João Gandacho não tinha rebolado pela escada abaixo, e apesar d'isso não tinha casado com a princeza?

— «Talvez que eu venha tambem a casar com uma princeza,» disse o Abeto lá comsigo.

E pensou ao mesmo tempo n'uma linda Acacia, de flores rosadas, que havia lá na floresta, porque para o Abeto aquella Acacia era verdadeiramente uma princeza.

— «Quem é esse tal João Gandacho?» perguntaram os Ratinhos.

E então o Abeto contou-lhes toda a historia, de fio a pavio. Lembrava-se d'ella palavra por palavra, e os Ratinhos tão contentes ficaram que toda a sua

ancia era marinharem até á copa da Arvore. Na noite seguinte, mais ratos vieram, e quando chegou o domingo appareceram duas ratazanas. Mas essas pouca ou nenhuma graça acharam á historia. Os Ratinhos ficaram muito pezarosos, e até começaram por isso a dar-lhe menos importancia.

— «Tu não sabes senão essa historia?» perguntaram as Ratazanas.

— «Só esta,» redarguiu o Abeto. «Foi a historia que eu ouvi na noite mais feliz de toda a minha vida; mas então não conhecia eu toda a minha felicidade.»

— «É uma historia muito insignificante. Não sabes qualquer conto a respeito de presunto ou de toucinho? alguma historia passada na dispensa?»

— «Isso não sei,» respondeu a Arvore.

— «N'esse caso, passamos muito bem sem te ouvir,» disseram as Ratazanas.

E foram-se embora.

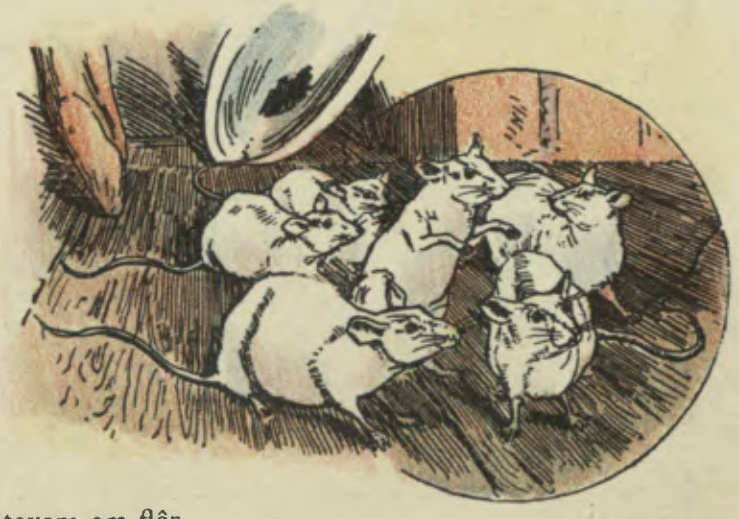
Por fim tambem os Ratinhos se safaram, e oAbeto suspirou:

— «Tenho muitas saudades d'aquelles Ratinhos muito alegres, que faziam roda para ouvirem o que eu lhes contava. Tudo isso se foi embora; veremos o divertimento que me dão, em me tirando d'aqui.»

Mas quando chegaria esse dia?

O caso é que uma bella manhã entrou gente no sotam e começou a fazer arrumações. Affastaram os bahus e sacaram o Abeto do seu canto. Atiraram-n'o com uma certa brutalidade para o chão; mas d'alli a pouco veiu um homem que o arrastou para a escada, toda aclarada de sol.

— «Ora até que a vida começa outra vez!» pensou o Abeto, ao sentir a frescura do ar e a primeira restea de luz.



Depois achou-se no pateo de entrada; mas tudo isto foi tão rapido que a Arvore de todo se esqueceu de olhar para si — tanta coisa havia que mirar alli de roda. O pateo era contiguo ao jardim onde as plantas estavam em flôr.

Pelo caniçado trepavam lindas rosas, frescas e perfumadas, as tilias cobriam-se de flores, e as Andorinhas esvoaçavam pipillando:

— «Tui, tui, tui! chegou o meu noivo.»

Mas não era do Abeto que ellas falavam.

— «Agora é que eu vou viver!» bradou o Abeto com immensa alegria.

E ao mesmo tempo extendeu os ramos. Mas que tristeza! estavam todos resequidos e amarellos, e a pobre da Arvore estava atirada para um canto, para o meio das ortigas e do escalracho. Mas na copa ainda lampejava á luz viva do sol a brilhante estrella de pechisbeque.

No pateo estavam brincando duas creanças muito contentes. Pelo Natal tinham-se fartado de gozar, bailando á roda do Abeto. O mais pequenito correu para a estrella e arrancou-a.

— «Olha isto, que ainda está pegado a esta Arvore de Natal, tão velha e tão feia!» disse ella, ao mesmo tempo que calcava os ramos por fórma que elles estalavam debaixo das botas.

O Abeto mirou então toda a belleza das flores e a frescura do jardim. Depois voltou os olhos para si, e ficou com pena de que o não tivessem deixado em paz no cantinho escuro do sotam. Recordou-se da sua gentil mocidade lá na floresta, d'aquella radiante vespera de Natal e dos Ratinhos que tanto gostavam de ouvir a historia do João Gandacho.

— «Acabou-se tudo! acabou-se tudo!» disse a pobresinha da Arvore. «Se eu ao menos tivesse aproveitado as occasiões para gozar livremente! Agora, está tudo acabado!»

Chegou-se a ella o creado e cortou-a em pedacinhos, até que a fez n'um feixe. Em seguida, deitou-a no fogão.

O Abeto ardeu em grandes lavaredas que reverberavam na chapa de cobre, e ao mesmo tempo dava cada soluço, tão sentido, tão sentido, que parecia o tiro de uma pistolinha de sala. As creanças, que estavam a brincar, entraram para casa, e vieram sentar-se deante do lume, olhando para elle e gritando:

— «Pif! Paf!»

E mal pensavam que aquelles tiros eram soluços de magua. Era a Arvore, a recordar-se dos dias de verão no meio da matta, das noites estrelladas de inverno, da vespera do Natal, e do João Gandacho, o unico conto de fadas que em sua vida tinha ouvido, o unico que sabia contar.

Assim ardeu, ardeu, até ficar em cinzas. As creanças tornaram a ir brincar para o pateo, e a mais pequenita levava ao peito a linda estrella de pechisbeque que tinha enfeitado a Arvore na noite mais feliz da sua vida.

Agora estava tudo acabado — acabara-se a Arvore, e com ella acabou-se a historia. E o que acontece afinal de contas a todas as historias.

Caixa de Surprezas

Decifrações do n.º 40

I — Felicidade.

II — 99 $\frac{99}{99}$ ou $\frac{99-99}{9}$.

III — Escravo (esta charada sahiu errada no numero de syllabas indicadas nos dois versos da primeira quadra, que é 2 e não 3).

IV — 13.

Decifradores do n.º 40

D. Alice Pires (1.º, 3.º).
D. Elvira Ferreira de Mesquita (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).
D. Eugenia Woodhouse (1.º, 3.º, 4.º).
D. Luiza Woodhouse (1.º, 3.º, 4.º).
D. Maria Celeste da R. Soares Barbosa (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).
D. Maria José de Barros e Cunha (4.º).
D. Maria Thereza Lencastre Ferrão (1.º, 3.º, 4.º).

Affonso Cid Perestrello (1.º, 2.º, 3.º, 4.º).
Alberto Telles Machado (1.º, 3.º, 4.º).
João de Saldanha P. Rolin (1.º, 2.º, 3.º).
Julio Cesar de Lacerda (1.º, 3.º, 4.º).

PROBLEMAS E ADIVINHAS

Adivinhação antiga

I — Não sou o que sigo
Mas sigo o que sou;
Se eu fosse o que sigo,
Não era o que sou.

Elvira Ferreira de Mesquita.

Enygma

II — Um homem que tinha ido para o Brazil, voltou muitos annos depois a Portugal, e encontrando em Lisboa uma senhora, esta disse-lhe:
— «Parece-me que o conheço!»
O homem respondeu-lhe:
— «Não admira! O pae de V. Ex.ª é filho unico de meu pae».
Que parentesco havia então entre o homem e a senhora?

III — Completar, com as vogaes que lhe faltam, a seguinte estancia do poema de Luiz de Camões «Os Luziadas»:

«Vnd Gm tttd strnhz
Ds Mrs, n cdd, jntmnt
plt fgr-lh cm prstz,
ntnd q rdnv brt gnt:
vnd sm cntrst, sm brvz
Ds vnt, ds gs sm crrnt
Q n pssr vnt n pd,
Hvnd- pr mlgr ss dz:

Charada em phrase

IV — Todos temos, no navio, este navio — 2-2

José Francisco Janeiro.

Logogriplio

V — Na região européa — 2, 15, 5, 3, 2, 5
Vi um aio tão formoso — 13, 6, 14, 20
Que banhava esta flôr — 4, 22, 12
D'um aroma precioso — 3, 2, 4, 5, 12

Fugindo d'esta cidade — 1, 7, 18, 11, 12, 5
Encontrei esta mulher — 9, 20, 4, 17
Tocando n'este instrumento, — 9, 2, 6, 17
Tocava bem a valer!

N'um rio de Portugal — 5, 1, 7
Vi tambem uma flôr — 9, 2, 6, 2, 16
Onde a ave fez o ninho — 6, 20, 9, 5
Que é de leite, sim senhor! — 14, 13, 15, 13

Inda cá está este rio — 12, 13, 10, 16
Bem extenso meu leitor — 9, 5, 19, 16
Onde vi este sujeito — 8, 3, 1, 17, 6, 16
A colher mais esta flôr — 6, 16, 12, 5

No cimo d'este vulcão — 11, 15, 18, 8
Que vento eu supportei! — 18, 20, 6, 19, 11
Mas vendo ao longe um amigo — 6, 23, 9, 8, 21, 10, 2
Para ali logo o chamei.

Hoc opus hic labor est!
E não digo por mal!
Vamos! Coragem leitores!
E' villa de Portugal.

José da Costa Leal.

Problema

VI — O Ruysinho estava a estudar na sua arithmetica, e reparou em dois algarismos muito curiosos! Elles formavam um numero que é egual a cinco vezes a sua somma, e juntando-se 9 a esse numero, resultava um novo numero formado pelos mesmos dois algarismos, mas com a posição invertida, em relação ao primeiro numero.

Que algarismos eram esses e que numero formavam elles?

Charada em quadro

VII — — — — — — — Fôr

— — — — — — — Cheiro

— — — — — — — Terra

— — — — — — — Rodas

Affonso Cid Perestrello.

Problema

VIII — Dividir o numero 237 em tres partes, por tal fórma que o triplo da primeira seja egual ao quintiplo da segunda e oito vezes a terceira.

Experiencia de physica

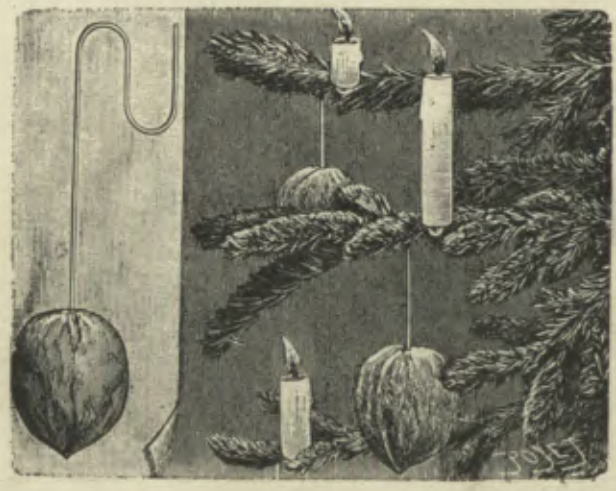
ILLUMINAÇÃO DA ARVORE DO NATAL

ESTAMOS chegados quasi a esse dia poetico e verdadeiramente christão, em que se festeja o nascimento de Jesus Christo, o grande reformador e evangelisador.

E' a verdadeira festa de familia, e as creanças, que em todas as festas são a alegria personificada, dão a esta um cunho especial de infantibilidade e candura.

Estamos, pois, quasi chegados ao Natal, e a estas horas, em milhares de casas já se está procedendo aos preparativos da arvore, já está encommendado o ramo do pinheiro, já se compraram os brinquedos que n'elle hão-de ser pendurados e as velas que a hão de illuminar.

Ora é d'estas velas que vamos tratar, pois ouvimos dizer que muitas creanças teem estragado os seus lindos e ricos fatinhos, por causa dos pingos de stearina que lhes cahem, devido á má collocação d'essas velas. Ensinando a maneira de collocar as velas na arvore por fórma a evitar esse grande inconveniente, ao mesmo tempo que proporcionamos uma experiencia de physica instructiva sobre equilibrio dos corpos, prestamos um grande serviço aos nossos queridos leitorsinhos e respectivas mamãs, que em geral teem uma enorme massada para lhes arranjar um fato digno da solemnidade encantadora do dia.



As velas são em geral collocadas na arvore por meios de fios d'arame,

torcidos e enrolados nos ramos, de modo que ao fim de certo tempo estão todas inclinadas, e d'ahi proveem verdadeiras fontes de pingos de stearina que são o terror das pobres mães.

Ora evita-se isso da seguinte maneira:

Pega-se n'um arame, que até póde ser um gancho vulgar do cabello, e dá-se-lhe a fórma que está indicada á esquerda da figura; no extremo inferior prende-se lhe um peso, que póde ser uma noz dourada ou qualquer objecto de ornamentação que assim contribue para embellezar a arvore. No extremo superior espeta-se a vela, e o todo assim arranjado pendura-se pela curva superior no ramo da arvore.

Seja qual fôr a posição d'esse ramo, ou os movimentos que elle faça, a tendencia da vela é estar no sentido vertical, e portanto a stearina não cahe, porque n'esta posição é queimada e derretida só a que a torcida absorve, como é facil ver nas palmatorias ou castiçaes onde a vela está direita.

E' tudo uma questão de equilibrio, devido a que o centro de gravidade da vela desceu muito abaixo do ponto de apoio, pelo facto de pôr no extremo inferior do arame um peso qualquer.

Além de se prestar á ornamentação, torna facil a collocação das velas já accesas, evitando assim que no acto de as pôr se quebrem certos brinquedos que pela sua fragilidade mal se lhes póde tocar.

E agora queridos leitorsinhos, muito boas festas, muita alegria, muitos brinquedos e muitas broas lhes deseja o

É editor do GAFANHOTO o *Sr. José Augusto Lucas*

Officina photomecanica Thomaz Bordallo

Typographia da Livraria Ferin

LXXIV

Livros para creanças

em todas as linguas

Catalogos especiaes illustrados

DE

LIVROS PARA BRINDES

Livros para o ensino
primario, secundario e superior

ESTAMPAS
ARTIGOS DE DESENHO E PINTURA

Livraria Ferreira

Rua do Ouro, 132

LISBOA

SALÃO DE JOGOS

Grande e variado sortimento de jogos em todo o genero

NOVIDADES TODOS OS MEZES

Sortimento monstro em jogos para creanças

VIUVA DE J. A. DE SENNA

48, Rua Nova do Almada, 50

Lisboa

A. ASSIS CAMILLO

121—Rua da Conceição—123

LISBOA

Bijouterias,
perfumarias,
botões,
alfinetes,
fitas,
galões,
rendas, etc.

Filozelle e froco
de
todas as grossuras

Preparos para costura

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 12 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, etc., tudo

profusamente illustrado
com gravuras
e estampas a côres

O 1.º volume, correspondente ao 1.º anno (abril de 1903 a março de 1904) com uma bella capa a côres, acha-se á venda na

Administração do GAFANHOTO
e nas principaes livrarias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Trimestre, 6 numeros	$450
Semestre, 12 numeros	$800
Anno, 24 numeros	1$500
Numero avulso	80

Redacção d'O GAFANHOTO
Calçada do Ferregial, 6, 1.º

ASSIGNA-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

A unica publicação d'este genero em Portugal

2.ª SERIE Janeiro 1910 N.º 1

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

CHEGADA DO GAFANHOTO

– ORA VIVA!

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA» LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª
Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS *Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro*
DIRECTORES — *Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro*

Composto e fodo impresso typographicamente nas officinas d'**A Editora** — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres
da officina Photomecanica de **Thomaz Bordallo Pinheiro** — LISBOA

Apresentação do Gafanhoto

Minhas meninas e meus meninos:

Não me conheceis ainda, e leio-vos na physionomia esse tal ou qual susto que vos inspiram meus olhos arregalados, minhas pernas em serrilha, meus pulos descompassados. Pois talvez que na familia encontreis quem vos possa dar noticias minhas: vossos manos mais velhos, a quem já em tempos diverti deveras com as minhas historias, com os meus problemas, com as minhas migalhas de sciencia, e com as lindas estampas que lhes fiz passar deante da vista. E se elles me apreciaram então, muito mais me estimareis vós agora, que vos appareço melhorado, rejuvenescido, sempre alegre, de andaina nova, com as malas cheias de provisões que fui respigando por esse mundo. Duas vezes por mez as abrirei, para vos regalar com o conteúdo. E estou que não tardará muito que nós sejamos muito amiguinhos, e que os Papás, as Mamans, os tutores, vos recommendem como o melhor dos companheiros, nas horas de recreio,

O Gafanhoto.

O ladrão do Ursino...

A familia de Dom Urso recolhia a casa, depois de um dia maçador, passado a fazer visitas. Tinham andado seca-e-meca: até haviam ido cumprimentar Dona Aguia, que, como se sabe, mora lá nos altos, o que os obrigou a uma trepadeira medonha. Por isso, Dom Urso e sua esposa Dona Ursulina vinham derreados, a pensar com delicia no conchego das suas cadeirinhas fofas e do seu jantarinho quente.

Só o pequenote, o Ursino, ainda tinha forças para saltar a corda e para fazer cabriolas por esses caminhos fóra.

Mal entraram em casa, Dom Urso, depois de se pôr á vontade, foi passar pelo somno, e Dona Ursulina foi pondo na meza as tres tijelas de excellentes papas que tinha deixado ao calor da lareira. Em seguida, como poupada que era, tratou de arrumar o fatinho de ver a Deus, deixando o petiz Ursino a serigaitar pela casa.

Ora o petiz tinha conseguido com as suas cabriolas uma fome devoradora. Apenas bispou na meza as papas fumegantes, saltou n'ellas sem mais cerimonia, e n'um abrir e fechar de olhos estavam gualdidas as tres tijelas destinadas ao repasto da familia inteira.

Depois, com a barriga como um pandeiro, foi sentar-se na sua cadeirinha. E, como a comezaina lhe desse na fraqueza, não tardou que pegasse no somno.

Entretanto, terminados os seus aprestos, Dona Ursulina chamou o marido para o jantar. Dom Urso acudiu com alvoroço á chamada; mas quando pegou na tijela grande que lhe cabia, o seu desapontamento foi enorme. Dentro havia apenas fumo, que lhe embaciava as lunetas, e a respeito de papas, umas unturas nas paredes da tijela.

Dona Ursulina, já escarmentada com as travessuras do pequenote, percebeu logo a marosca. Virou-se com ares furiosos para Ursino, que ron-

cava na cadeirinha. Mas n'isto deu-se um desastre medonho. O assento de palha não poude com o peso do Urcara todo arranhado na parte sensivel sobre a qual pousava o resto do corpo.

E o Papá, mais a Maman, cheios de

sino, aggravado com as tres tijeladas de papas, e rebentou com estrondo. O petiz enfiou pela cadeira abaixo, berrando como um desesperado. Fi- razão e justiça, diziam para se consolar de fome:

— Aqui tem, menino, o castigo de gula!

A Fada Luz do Sol

Sabem os meus meninos que o que nós chamamos luz do sol, é para as flores, passaros, e insectos, uma linda fada toda vestida de ouro? Uma fada de quem elles gostam tanto, que nunca se consolam quando ella desapparece. De maneira que o pensamento constante dos passaros, insectos, e flores, é tel-a sempre ao pé de si. Todos desejam tornal-a muito feliz.

«Mas», pergunta a boa Fada «suppondo que eu fico sempre com vocês, eu posso cansar-me e preci[illegible] descansar. O que hei de eu fazer?»

N'um instante o [illegible]matite deixou cahir uma parte das [illegible]ompridas hastes e formou uma rêde [illegible] uma grande almofada de lilazes para [illegible]nda fada descançar a cabecinha.

«Não h[illegible]du[illegible]a que me sinto bem», disse a fada *L[illegible]ol* estendendo-se e embalando-se n[illegible]as preciso d'alguma cousa para co[illegible]roprias Fadas comem de vez em quan[illegible]

Uma fo[illegible]ouro tornou-se immediata-

mente n'um prato, onde se espalharam cheirosas folhas de rosas, ás quaes um pouco de mel, promptamente offerecido por um Trevo, deu um sabor adocicado.

«E para beber, o que ha?» inquiriu a linda Fada.

«No meu calice ha sempre grande quantidade de orvalho fresquinho», respondeu uma bonita Campainha azul.

«Tudo corre perfeitamente, queridas florezinhas», disse a Fada, «mas, como sabem, não posso viver um dia inteiro sem ouvir musica; é isso que me faz falta, agora!»

Estabeleceu-se logo um grande silencio no jardim. As flores e os passaros calaram-se, para a Fadasinha poder ouvir as abelhas zumbindo sobre o *reséda*. Parecia exactamente um orgão n'uma egreja.

«Desejava tambem ouvir cantar», pediu a Fada.

E immediatamente uma cotovia começou a cantar com toda a sua arte, e assim que ella acabou, um rouxinol veiu substituil-a, enchendo de admiração as proprias flores, costumadas só a ouvir os seus lindos trinados durante a noite.

«Delicioso!» disse a Fada. «Agora queria voar por esses campos fóra!»

Prompta como um relampago, a andorinha precipitou-se e esperou com as azas abertas.

Uma papoula desdobrou uma das suas folhas encarnadas para servir de tapete, um malmequer com o seu olho muito dourado offereceu-se para almofada, e uma velha aranha, que tecia a sua teia, quebrou dois fios de prata para fazerem as redeas.

Muito longe e muito alta andou a andorinha voando pelos ares. Pensou que não cansaria nunca, transportando a linda Fada *Luz do Sol*, mas por fim resolveu-se a voltar. A Fada sorriu.

«Ella fica comnosco!» suspiraram todas as flores muito contentes.

«Nunca mais teremos dias de chuva! Sempre veremos sol a brilhar!»

De repente salpicaram grandes pingos de chuva mesmo sobre o vestido dourado da boa Fada.

«Oh!» gritou ella com um calafrio. «Que podem vocês fazer para eu não ficar molhada?»

Infelizmente não tinham poder para tanto.

A Fada Luz do Sol viu-se obrigada a fugir, e os jardins ficaram logo muito tristes e feios quando ella desappareceu. Mas como ella era muito amiga dos passaros, insectos, e flores, não poude passar muito tempo sem os visitar; e quando voltou, prometteu nunca mais sahir de ao pé d'elles.

Assim, ficaram os meus meninos sabendo que, por mais triste e feio que esteja o tempo, podem ter sempre a certeza que o bom do Sol apparecerá outra vez.

Livraria Francisco Alves

(FUNDADA EM 1854)

DE

Francisco Alves & C.ª

(LIVRARIA EDITORA)

166 — Rua do Ouvidor — 166

RIO DE JANEIRO

Esta caza tem um grande sortimento de livros de ensino primario, secundario e superior, os quaes vende por preços baratissimos.

Tambem ha na mesma livraria, giz, ardozias, lapis, mappas, globos, cadernos para escripta e dezenho, etc.

Remettem-se catalogos gratis para qualquer parte do Brazil

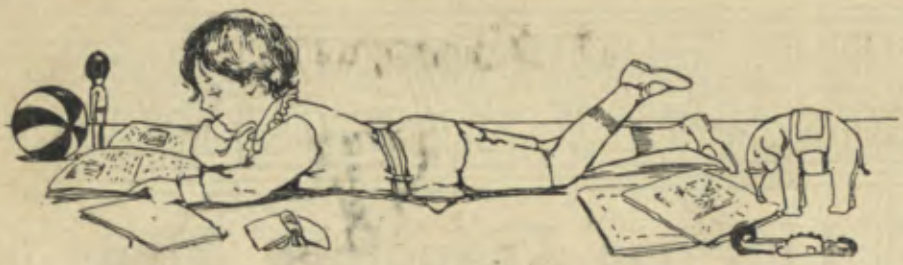
Caixa do correio n.º 658

Endereço teleg. ALVESIA

FILIAES

Rua de S. Bento — **S. PAULO**

Rua da Bahia — **BELLO HORIZONTE**



E' bem bonita esta historieta do Gafanhoto

Leitura de Letra Manuscrita

Leitura Manuscrita, lições coligidas por B. P. R. Este livro contém numerozos e variados exercicios com modelos de letras manuscritas com dificuldades graduadas, assuntos muito variados. Este livro está aprovado e adotado pelo Governo do Estado de S. Paulo para uzo das escolas publicas do dito Estado. 1 vol. com 125 pajs. bem impresso e cartonado..... 1$000

CALIGRAFIA

Novo Metodo de Caligrafia Brazileira, coleção em 5 cadernos oblongos, *letra americana*. Cada caderno..... $200

Caligrafia *(Curso em seis cadernos, destinado ás classes primarias 1.º e 2.º gráu)*, por Olavo Freire, professor da Escola Normal da Capital Federal; 1.º caderno, cursivo (letras maiusculas); 2.º caderno, cursivo (letras minusculas); 3.º caderno, cursivo (letras maiusculas e combinação de letras maiusculas e cursivas); 4.º caderno, cursivo (exercicios variados); 5.º caderno (letra redonda e bastarda francezas); 6.º caderno (letra italiana e gotico inglez). Cada caderno..... $140

Lições de Couzas

Lições de Couzas, por Saffray, tradução de M. C. Mesquita Portugal. 1 vol. cart.. 3$000

Lições de Couzas, para crianças de 5 a 8 anos, com muitas ilustrações, por Zaluar, 6.ª edição revista e aumentada por um distinto professor. 1 vol. cart..... 1$000

Noções da Vida Pratica (Lições de couzas), por Felix Ferreira: novissima edição refundida pelo Dr. M. T. 1 vol. de 507 pajs. impresso e ilustrado em Paris com 200 gravuras, cart..... 3$000

Economia Domestica

Noções da Vida Domestica, por Feliz Ferreira, 15.ª edição muito melhorada; obra premiada na Exposição de Paris em 1889. 1 vol. cart..... 2$000

A Dona de Caza, muito util publicação em portuguez, contendo: — Guia de hijiene privada e conselhos, hijiene da alimentação e do vestuario, principios de economia domestica, hijiene das creanças e da menice, preconceitos a corrijir, etc., por Sylvino Junior. 2.ª edição revista e aumentada. 1 vol. cart..... ..... 2$000

Preços moeda brazileira

OS CRAVOS DA FERRADURA

Um cavalleiro pára defronte da officina de um ferrador e pede que lhe ferre o cavallo, mas baratinho.

O ferrador que é trocista, replica:

— Levo-lhe pouco. Pelo primeiro cravo, 10 réis; pelo segundo, um vintem; pelo terceiro, dois vintens; e assim por deante, duplicando sempre até aos 24 cravos precisos para as 4 ferraduras do cavallo.

— Está dito, responde o cavalleiro.

E emquanto o ferrador, rindo á socapa, vae fazendo o seu trabalho, o freguez põe-se a calcular o preço por que lhe fica. Como é razoavel calculador, reconhece d'ahi a pouco, com grande pasmo, que lhe é impossivel cumprir o contracto.

Com effeito, só o 24.º cravo lhe custará 83:886$080 réis, e se lhe juntarmos o preço dos outros 23, chega-se á linda somma de 167:772$150 réis. Um fortunão!

O Torniquete

Puz-me lindo como um brinco
E apanhei tremenda estafa
Para ir ao chá das cinco
Dado por Dona Girafa.

Depois de tantas maçadas,
Esbarro c'o torniquete.
Adeus, chásinho e torradas!
Adeus, pasteis e sorvete!

O cavallo voador

No palacio do shah da Persia festejava-se a festa do Anno Bom, quando appareceu um magico Indio com um cavallo. Esse animal era muito feio, andava aos saltos, e mais parecia de pau que uma creatura com vida. O shah não poude deixar de rir, assim que o avistou.

«Ria-se á vontade, meu senhor», disse o magico «pois quando souber o valor do meu cavallo, com certeza ficará bem contente de o obter, ainda que seja por alto preço. Se o seu amado filho, o valente Principe Madofar, se dignar montal-o, elle proprio ajuizará do seu poder.»

«N'esse caso, deixem-me ver como elle se porta» disse o Principe. Saltou para cima do cavallo, e sem esperar que lhe ensinassem a forma de se servir d'elle, apertou-o entre as pernas. O estranho animal n'um momento galgou pelos ares, com a ligeireza d'uma setta, e levou-o tão alto, que se perdeu de vista.

Ao começo, o Principe divertiu-se com a rapidez com que corria pelos ares. Não se preoccupou com isso, senão quando quiz voltar para o palacio, e viu que o cavallo não obedecia á redea.

«Naturalmente», pensou «tenho de lhe metter as esporas.»

Mas assim que o fez, com grande espanto seu, o cavallo ainda mais se elevou nos ares, e começou a correr tão depressa como um relampago.

O Principe Madofar não perdeu o sangue frio, e depois de lhe examinar a sella, encontrou um cravo pequeno. Deu-lhe um puxão, o cavallo parou, e trouxe-o para baixo. D'alli a nada, o Principe muito cançado, fraco, e esfomeado, achou-se no telhado d'um grande palacio. Era noite, e toda a gente estava recolhida. O Principe desceu as escadas e chegou a um vestibulo esplendido.

Viu alli uma linda dama dormindo n'um sofá, com dez mulheres repousando á roda d'ella. Chegou-se ao sofá, acordou a formosa desconhecida, e pedindo-lhe perdão, contou-lhe a historia da sua espantosa aventura.

«E agora», disse, «dá-me licença, linda menina, que lhe pergunte quem é, e onde estou?»

«Está no palacio da Princeza de Bengala», disse a dama, «e eu sou a Princeza.»

Chamou então as suas damas, ordenou-lhes que servissem

iguarias ao Principe Madofar, e conduziu-o em seguida a um aposento muito rico, onde o Principe dormiu profundamente, levantando-se no dia seguinte muito alegre. Todo o dia esteve conversando com a formosa Princeza, a quem tornou a contar a sua estranha aventura, e tanto fallaram que o resultado foi ficarem profundamente enamorados um do outro.

No dia seguinte de madrugada, antes de ninguem ter acordado, a Princeza subiu ao telhado do palacio, onde o Principe a esperava.

Montaram ambos no cavallo encantado, e partiram para a Persia, onde se queriam casar. O Principe sabia agora a maneira de guiar o cavallo, e em pouco tempo chegou com a Princeza a um castello pouco distante do palacio real.

Deixou ahi a sua noiva a preparar-se com os seus trajes mais ricos para a cerimonia, e elle foi ter com o shah, seu pae, para lhe contar o succedido. Infelizmente, deixou o cavallo encantado no castello, em logar de o levar comsigo. Emquanto contava ao pae a sua maravilhosa historia, o magico Indio ouviu o que elle dizia, correu ao castello e apoderou-se do cavallo. Depois dirigiu-se á Princeza dizendo:

«O shah deseja vel-a já, e o Principe Madofar pediu para a vir buscar. Monte commigo a cavallo, e n'um momento chegaremos ao palacio».

A Princeza montou ao lado do magico, o qual logo voltou o cavallo para outra direcção, e levou-a para Cachemira. Desceram n'uma estrada perto da cidade principal, exactamente onde o sultão andava a passear a cavallo.

«Salve-me» gritou a Princeza. «Salve-me, poderoso Senhor, d'este homem malvado que me roubou!»

O sultão de Cachemira ficou extasiado ante a sua formosura, e com uma espadeirada degolou o magico; pegou na Princeza, e levou-a para o quarto mais lindo do seu palacio, pondo-lhe ao seu serviço cem escravos.

«Escapei d'um laço», dizia a Princeza comsigo, «e cahi n'outro.»

Assim era. O sultão estava loucamente apaixonado por ella, e em logar de a mandar ao Principe Madofar, tinha tudo determinado para casar com ella. Mas a Princeza era tão perspicaz como linda, e mettia-lhe medo, fingindo-se doida. O sultão mandou immediatamente os doutores mais sabios para a curarem, mas ella corria para elles, gritando como uma possessa, e elles fugiam todos atemorisados.

Um dia um physico muito extraordinario veiu procurar o sultão, e prometteu-lhe fazer voltar o juizo á Princeza.

«Como sabe», disse, «a Princeza ficou n'esse estado por ter montado um cavallo encantado. Permitta que eu a ponha outra vez no cavallo, e curar-se-ha».

O sultão estava radiante, e o estranho personagem foi levado á presença da Princeza.

«Conheces-me, minha querida noiva?» segredou.

Era o Principe Madofar, que andava correndo mundo, disfarçado, á procura da sua Princeza.

Collocou-a sobre o cavallo encantado, saltou para o pé d'ella, e em menos d'uma hora, levou-a para a sua terra. Alli se casaram com o consentimento do shah, e alegria de todo o povo. . .

A Giboia

Dona Giboia, damnada
Por arranjar bom petisco,
Não tinha isca nem visco
Para fazer a caçada.

Enroscou-se, a maldizer
A sua negra desgraça;
Eis que um rapazote passa,
Entretido a ler, a ler.

Elle vinha tão attento
Na leitura d'aquella obra,
Que, tomando-a por assento,
Sentou-se em cima da cobra.

«Oh!» diz o bicho mofino
Ao rapaz, cheio de horror,
«Que obra é essa, meu menino,
«Que lê com tanto ferror?»

«Senhora cobra, estou lendo»
Replica o pobre garoto,
«Historias do Gafanhoto,
«Com quem me divirto e aprendo.»

Põe-se a giboia a bradar:
«Bravo! que esplendida isca
«Arranjei para apanhar
«A bicheza mais arisca!»

E de feito, apenas ella
Abre o livreco e vigia,
Corre toda a bicharia,
Prompta a cahir na espe[illegible]

Enlevados na tramoia,
Ficam-se os bichos tranquillos;
E apresta-se a engulil-os
A patifa da giboia.

Gafanhoto não tolera
Que estas paginas ridentes
Déem sustento a uma fera,
A' custa dos innocentes.

Pega na sua bengala,
Vae sem medo ter co'a cobra,
E começa a desancal-a
Até que a bicha se dobra.

«Basta, senhor Gafanhoto»,
Diz a giboia, «permitta
«Que, para ser bicho douto,
«Leia esta obra tão bonita.

«D'ora avante, se lhe aprez,
«Hei de sustentar-me de herva,
«E deixo toda a caterva
«Dos outros bichos em paz»

E assim foi. Em vez agora
De encher de bichos a pança,
Dona Giboia devora
Estes contos de creança.

Como se faz uma saia de boneca

Damos n'este numero o modelo de uma saia de boneca, com a respectiva explicação. Assim, com este e analogos exercicios, poderão as gentis leitorasinhas do *Gafanhoto* ir praticando sem esforço em cousas de costura. E, se mostrarem agrado por esta innovação, continuaremos a fornecer-lhes moldes interessantes para a *toilette* das suas bonecas.

A saia que hoje apresentamos deve ser feita de flanella branca ou de côr clara.

Corta-se primeiro o molde em papel, colloca-se depois sobre a flanella que deve estar dobrada ao meio, do lado que está marcado com as lettras **A B**. Corta-se tudo á roda menos do lado dobrado que deve ser a frente da saia.

Faz-se a costura atraz com um ponto solido, assentando-se ao ferro para a abrir, e cholejando depois de um lado e d'outro; em seguida alinhava-se em baixo a bainha para o lado do direito e faz-se um ponto de espinha com linha de côr. Franze-se depois a parte de cima da saia, regulando o franzido para que fique pouco na frente e bastante para tra-

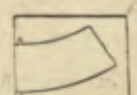


Fig. 1

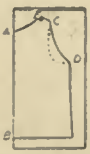


Fig. 3

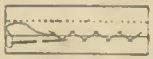


Fig. 2

Fig. 4

Fig. 5

Fig. 6

Depois [illegible] saia armada tr[illegible]

[illegible] e que [illegible] corta todo in[illegible], fazendo só uma [illegible]arita nos hombros.

Depois do molde cortado em papel do tamanho que fôr a boneca, dobra-se a flanella em quatro, e põe-se o lado do molde marcado **A B** para o lado da flanella em que se faz a frente e as costas. Corta-se depois só a cava dos braços, do pescoço e dos hombros, quer dizer só o que está marcado com as lettras **A E C D**. O ponteado que está marcado na cava do braço quer dizer que deve ser mais cavado na frente que nas costas.

Depois de estarem cosidas as costuras dos hombros, faz-se uma bainha no pescoço, e para tornar mais forte atraz, para que se possam fazer as casas e pregar os botões, faz-se uma bainha bastante larga. Quando o corpo estiver prompto, junta-se ao franzido da saia, como mostra a fig. 4, fazendo a costura pelo lado do direito. Depois de estar pregado, sobrepõe-se uma tira da mesma flanella cosida d'um lado pelo avesso como devem ver na fig. 4, voltando-se depois para se coser pelo direito com ponto de bainha muito pequeno para que se não veja.

As saias depois de promptas, que vêem nas figs. 5 e 6, são feitas pelo mesmo systema, só com a differença do enfeite. A primeira é a mais simp[illegible] leva um requife á roda, ao passo que [illegible] para se usar com *toilette* mais [illegible] duas preguinhas na saia uma [illegible] guilha [illegible] roda.

Uma illusão arithmetica

— Tinha dois casinhotos na aldeia, e vendi cada um por 495$000 réis. N'um d'elles perdi 10 por cento, e n'outro ganhei 10 por cento. Mau negocio!

— Essa agora! Afinal não ganhou nem perdeu.

— Vim a perder 10$000 réis, meu amigo.

— Como assim?

— E' claro! Um d'elles tinha-me custado 450$000 réis. Ganhei pois n'elle 45$000 réis pelo outro paguei eu 550$000 réis. Perdi pois n'elle 55$000 réis. A differença, já vê

— São os 10$000 réis de que veiu a ficar desembolsado. Tem o amigo razão. Fui enganei.

Vamos comprar muitos Gafanhotos

Silabarios, Metodos de leitura, etc.

Sabino e Costa e Cunha (professores). — *Primeiro Livro ou Expositor da Lingua Materna*, ensinando ao mesmo tempo a ler e a escrever, adotado pelo Governo para uzo das escolas publicas primarias da Capital Federal e premiado na Exposição Pedagojica do Rio de Janeiro com o diploma de 1.ª classe. 72.ª edição muito melhorada e ornada de gravuras. 1 vol. cart. .. 1$000

Roza (Francisco Ferreira da) *Metodo Pratico de Aprender a Ler*, seguido do Primeiro Livro de Leitura, aprovado pelo Conselho Diretor de Instrução Publica e adotado nas escolas publicas do Districto Federal e nas aulas do curso primario da Caza da Moeda. 2.ª edição melhorada e ornada de gravuras. 1 vol. cart..... $500

Cartilha Analitica (metodo de palavração), para o ensino da leitura pelo metodo analitico, por Arnaldo de Oliveira Barreto, Director do Ginazio de Campinas. 1 vol. in-8.º francez de 122 pajs., copiozamente ilustrado. ..... 1$500

Cartilha Infantil, para aprender a ler, por Arthur Thiré. 3.ª edição. 1 vol. in-16 francez. com muitas ilustrações, cart.... ... $500

Primeiro Livro de Leitura (Silabario), por Hilario Ribeiro..... $300

Cartilha das Mães, por Arnaldo de Oliveira Barreto, inspector das Escolas-Modelo anexas à Escola Normal da Capital do Estado de S. Paulo, obra aprovada pelo Conselho Superior de Instrução Publica do Estado de S. Paulo e adotada em todas as escolas publicas e em muitos colejios particulares. 7.ª edição ilustrada de numerozas gravuras. 1 vol. in-8.º fr. cart. 1$000

Cartilha da Infancia, ensino de leitura, por Th. Galhardo e R. Puiggari, 1 vol. cart..... ..... 5$00

Novo Primeiro Livro de Leitura (Leitura universal), segundo o metodo do Barão de Macahubas (Dr. Abilio Cesar Borges), 1 vol. cart..... ..... 1$000

Primeiro Livro de Leitura ou Cartilha Popular, pelo Dr. Abilio Cesar Borges (Barão de Macahubas). 1 vol. cart..... $400

Cartilha Nacional, ensino simultaneo de leitura e escrita, por Hilario Ribeiro, 1 vol. cart..... $300

Primeiro Livro de Leitura, por Felisberto de Carvalho, ornado de numerozas ilustrações, sendo muitas coloridas. 1 vol. in-16 grande, cart.. ..... 1$500

Cartilha Moderna, por Silvio Baptista, 2.ª edição correta e aumentada.. ..... 1$000

Preços, moeda brazileira

Conto ás minhas bonecas as historias do Gafanhoto

Visita inesperada

«Senhora Aranha, não me persiga,
«Tenho visitas de gente amiga.

«Responda ao menos, eu convidei-a?
«Ah! vá-se embora, que é muito feia.

«Se quer conversa, se quer derriços,
«Vá buscar antes os aranhiços.

«Basta de teimas. Porque eu, visitas,
«Não quero tel-as senão bonitas.

«Não a recebo. Deus me defenda!
«Ponha-se ao fresco, bicheza horrenda!»

Biblioteca Infantil

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart. ..... 2$000

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado ..... 2$000

Era uma vez... contos para crianças, pelo

Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in-16, illustrado com dezenhos orijinaes de Norfini ..... 2$000

Historias de Fadas, livro para crianças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pajs. illustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 2$000

Biblioteca dos Jovens Brazileiros

Volumes ilustrados e impressos em Paris

Meu Livro de Majicas. — Um livro ricamente encadernado..... ..... 3$000

E' um belo presente ás crianças — **Meu Livro de Majicas,** porque não só diverte como instrue.

Nas nove partes em que está dividido, **Meu Livro de Majicas** atrae a atenção das crianças para certos fenomenos que, sendo muito comuns, lhes escapam entretanto. Na 2.ª parte o calculo mental é muito bem explorado e grandes vantajens advêm á memoria pelas muitas operações e raciocinios a que obriga.

Na 4.ª parte cabe a vez do dezenho geometrico, que, aplicando a atenção dos *pequenos majicos*, lhes dezenvolve a inteligencia, ao passo que nas outras diversas partes do livro, as interessantes e facilimas *sortes* lhes prendem e põem em jogo a imajinação. Está bom para premios ás crianças o — **Meu Livro de Majicas.**

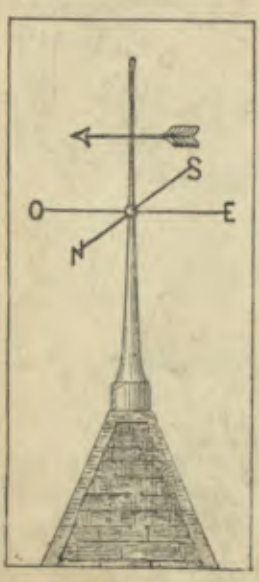
Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in-8 pequeno, copiozamente illustrado ..... 3$000

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in-8 pequeno, copiozamente ilustrado .... 3$000

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris ..... 3$000

Preços moeda brazileira

JOGO DOS CATAVENTOS



Traça-se no chão um quadrado cujos quatro cantos representam os quatro pontos cardeaes: Norte, Leste, Sul e Oeste.

Collocam-se quatro jogadores, um a cada canto. São os cataventos. O quinto chama-se o Boreas ou o Deus dos Ventos. Avisa os cataventos que devem voltar rapidamente e sem hesitação a cabeça para o ponto opposto áquelle que elle indicar.

Começado o jogo, Boreas grita: *Norte*, e todas as cabeças devem voltar-se para o sul. Grita: *Sul*, e todas as cabeças devem olhar para o norte. Se Boreas gritar: *Temporal*, cada um dos cataventos deve dar logo tres reviravoltas.

Quando o Boreas grita: *Variavel*, os cataventos balouçam da direita para a esquerda, para deante e para traz, até Boreas ter fixado a direcção do vento, dizendo por exemplo: *Variavel-Leste*; e então os cataventos voltam-se devagarinho, inclinando-se para Leste.

Quando um catavento não obedece immediatamente ao movimento ordenado ou o faz mal, paga prenda.

Pode-se fazer com mais de cinco jogadores, collocando-se no quadrado n'uma ordem determinada e sem confusão. Quando os movimentos são bem executados e harmonicos, o conjuncto forma um espectaculo agradavel á vista.

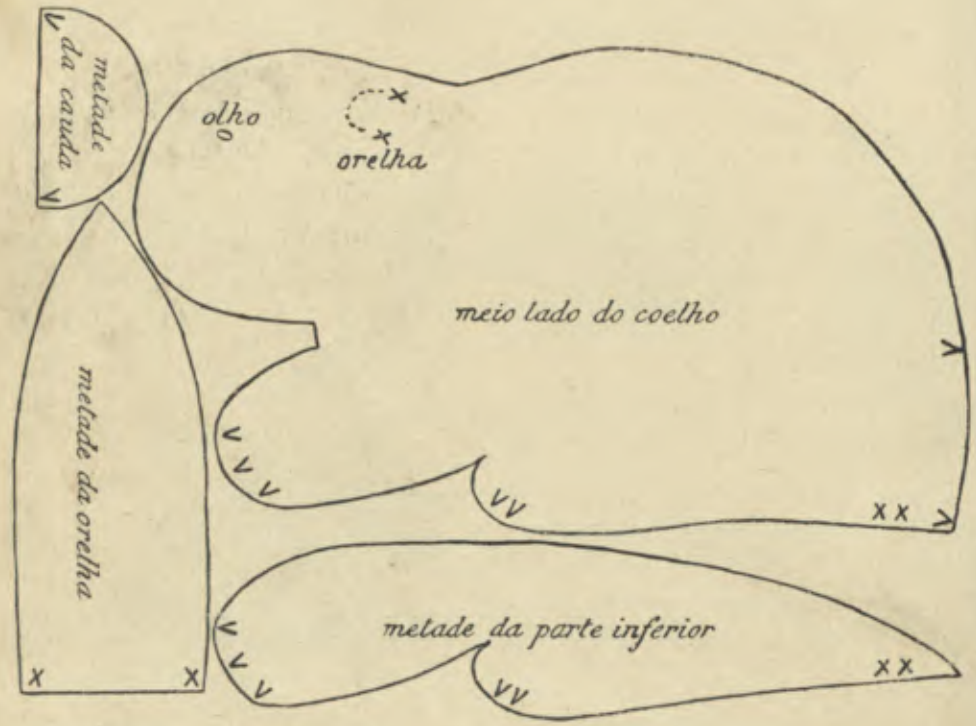
Idyllio na charneca

Por um chauffeur de sabugo
Apaixonou-se a boneca;
E o chauffeur, virando as costas,
Diz furioso: «Que séca!»

Mas ella agarra-se a elle,
Mesmo em meio da charneca,
Prega-lhe um beijo, e o sujeito
Fica fulo como a breca.

Mas n'isto acorda a menina
Que dormia uma soneca,
Leva o chauffeur para casa,
Chucha no dedo a boneca.

Um coelho feito de panno



É tão facil a confecção do coelho que por força as nossas leitorasinhas, mesmo com a ajuda das mamãs, se enthusiasmarão a executal-o. Faz-se de feltro ou panno grosso que não desfie, cortam-se duas partes de cada figura que vem como molde, excepto das orelhas que ainda se cortam mais duas para fôrro, em setim côr de rosa.

A primeira coisa a tratar é das orelhas que é o mais complicado e que só se podem metter antes das costuras do corpo estarem feitas. Mettem-se em fôrro em primeiro logar fazendo a costura pelo avesso e voltando-as depois para o direito, dobram-se ao meio para se poderem metter nas aberturas da cabeça que se cortam no sitio que está marcado na gravura.

Depois das orelhas mettidas, dá-se pelo avesso mais pontos fortes que as seguram pregando depois pelo direito com um ou dois pespontos. As orelhas depois de mettidas devem ficar descahidas.

A segunda coisa a tratar é da cauda que tem que ser applicada ao corpo antes das costuras de traz estarem cosidas, fazendo, depois dos bocados de panno estarem ligados, a costura á roda do corpo e da cauda pelo avesso. A parte inferior alinhava-se com cuidado, e pesponta-se depois deixando um bocadinho por coser, para se metter a serradura de madeira ou de cortiça.

Depois de estar bem cheio, cose-se esse boccado com perfeição de maneira que não se vejam muito os pontos. Os olhos são feitos com contas de vidro.

A ROTAÇÃO DA TERRA

Quando tiverem para o almoço ovos quentes, façam a experiencia seguinte, que estou persuadido os deve interessar e divertir.

Molhem ligeiramente com agua a borda de um prato, desenhem com a gemma de ovo (a tinta amarella que está mais á mão) um lindo sol de raios de ouro no centro d'esse prato, e ahi ficam com um apparelho simples, mas sufficiente para fazer perceber a qualquer pessoa os movimentos da Terra, gyrando sobre o seu proprio eixo á medida que dá o seu passeio annual á roda do sol. Basta para isso collocar o pedaço de casca de ovo na borda do prato, depois, inclinar convenientemente o prato, com um leve movimento do pulso: verão como a casca se põe a gyrar rapidamente sobre si propria, movendo-se ao mesmo tempo em volta do prato.

A ligeira cohesão produzida pela agua que molha a borda evita que a casca seja impellida para fora em virtude da força centrifuga.

Se collarem no centro da casca um bonequinho de papel ou cartão recortado, vel-o-hão dansar rapidamente em torno do prato. Se accrescentarem mais cascas e em cada uma collarem um par de valsistas, terão a impressão de um curioso baile em miniatura.

Albuns para crianças

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo, por Mademoiselle H. S. Brès; album illustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart... ..... 3$000

Minha Historia Sagrada, tradução do dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in-4 francez, ilustrado de numerozas bellissimas gravuras e cromos..... 3$000

O Gafanhoto

Primeira serie:
4 lindos albuns profuzamente ilustrados com estampas a preto e a côres e com magnificas capas de fantazia. — Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro.

Biblioteca de Instrução Profissional

Interessante publicação de livros de estudo de ciencias e artes.
Dezenho, mecanica, construções civis, industrias, etc., etc.
Fornecem-se catalogos, fazendo pedidos no Brazil, á Livraria Alves, rua do Ouvidor, Rio de Janeiro; em Portugal, na administração, calçada do Ferrejial, Lisboa.

Biblioteca das Donas e Donzelas

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida, 2.ª edição. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris..... 7$000
A mesma obra com folhas douradas 9$000
A mesma obra impressa em *papier couché* e folhas douradas ..... 10$000
A mesma obra, meio marroquim branco, seda e cantos de marroquim, guardas de seda branca, filetes de ouro ..... 30$000
A mesma obra, encadernação de veludo branco folhas douradas, com guardas de seda branca e titulo prateado... . 40$000
O Livro das Donas e Donzelas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris..... 7$000
A mesma obra com folhas douradas 9$000

Preços moeda brazileira

Livraria Francisco Alves & C.ª — Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

Assignatura permanente — Conde Barão, 50 — LISBOA

Almanach Editora
PARA 1910

Musical,
literario
e Artistico

Collaboração escolhida
Finas gravuras
Esplendidos numeros de musica

Brochado 600 réis
700 réis cartonado
Preço moeda portugueza

"A EDITORA"
Conde Barão, 50
LISBOA-PORTUGAL

OFFICINA
PHOTOMECANICA
DE
THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

PHOTOGRAVURA - ZINCOGRAPHIA - TRICHROMIA
GRAVURA PARA ENCADERNAÇÃO

ESCRIPTORIO
CALÇADA DO FERREGIAL. 6. 1º
LISBOA

OFFICINAS
RUA JOÃO DE LEMOS-SANTO AMARO
LISBOA - PORTUGAL

Agua Castello

"REFRIGERA OS SAOS E CURA OS DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

Agua Castello

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907
Medalha de Prata — S. Luiz 1904

Agua Castello

Unicos exportadores **Assis & C.ª — LISBOA**
Endereço telegrafico: ***MOURAGUAS***
Codigo "Ribeiro"

Estas aguas perfeitamente limpidas transparentes, inodoras incolores e gratas ao paladar são **excellentes aguas de meza,** recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado sabnrral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affeções calculozas da bexiga e vias urinarias; eficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: **atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e lithicas.** Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de ***MUITO PURA.***

Sim meu senhor. ***O Gafanhoto*** vae já tratar do n.º 2, que deve trazer contos muito bonitos.

Não ha mais gafanhotos

"A EDITORA"

LARGO CONDE BARÃO - 50 -

LISBOA

(Antiga casa **DAVID CORAZZI**)

Premiada nas Exposições: *Portugueza do Rio de Janeiro, da Sociedade Giambattista Vico, de Napoles, Industrial Portugueza de 1884, 1888 e 1890, Palacio Crystal — Porto 1897, Universal de Paris de 1889 e 1900 e Nacional do Rio de Janeiro, 1909.*

CASA EDITORA DAS:

Bibliotheca do Povo
Bibliotheca Universal Antiga e Moderna
Bibliotheca Moderna
Bibliotheca Horas Romanticas
Bibliotheca de Educação e Ensino
Biographias de Homens Celebres
Diccionarios do Povo
Diccionario de Geographia Universal
O Ideal Moderno
Obras completas de Julio Verne
Obras de Blasco Ibañez

Livros dos melhores auctores portuguezes e estrangeiros

Grande edição illustrada por Roque Gameiro do encantador romance de Julio Diniz

"AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR"

Volumes encadernados em carneira e percalina.
Assignatura permanente a fasciculos.

As primeiras officinas de Portugal

Typographia, Lithographia e Encadernação

movidas pela electricidade

Execução de todos os trabalhos, desde o mais economico ao de maior luxo.

Execução perfeita e rapida

50, Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA — **PORTUGAL**

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — BELLO HORIZONTE

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

IMPRESSO E COMPOSTO N'«A EDITORA»

Proprietarios | Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª
Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS *Francisco Alves & C.ª e Th[illegible]z Bordallo Pinheiro*
DIRECTORES — *Henrique Lopes de Mendonça e [illegible]maz Bordallo Pinheiro*

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Edi[illegible] LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres
da officina Photomecanica de **Thomaz Bordallo Pinheiro** — [illegible]

Cara jornada

Lili, Roberto e João
Vão fazer uma viagem;
Serve um carrinho de mão
De carruagem.

Dentro vae uma carrada
De bonecas e bonitos;
Na frente, o canario os guarda
Com seus apitos.

Mas dão dois passos, e logo
Cae do carro uma boneca;
Mais adeante outra, e mais outra;
Vejam que seca!

Pouco a pouco, para o chão,
Toda a carrada rebola;
E gasta-se um dinheirão
De gomma e colla.

O vento mandrião

«Porque será que nós trabalhamos sempre?» perguntou o Vento a uma corrente de agua por onde passava muitas vezes. «Ahi estás tu empurrando essa grande azenha, emquanto eu tenho de virar estas pesadas velas do moinho. Estou cansado de trabalhar, preciso d'umas ferias para descansar.»

«Não me parecem tão necessarias como isso as tuas ferias», respondeu o ribeiro que ia trabalhando com todo o vagar na azenha. «Ha tanto que fazer depois, e além d'isso, vocês sempre descansam um pouco de vez em quando, não é verdade? O moleiro muitas vezes deixa-me correr sem voltar a roda, e posso-te dizer quantas vezes descansas, pois vejo o moinho d'aqui, e sei quando as velas estão paradas.»

«Oh! tu estás sempre satisfeito!» resmungou o Vento. «Faze como quizeres. Eu, por mim vou descansar durante algum tempo, e esquecer-me do trabalho, que tanto me apoquenta!»

Passaram-se dois dias n'um grande socego. As velas do moinho estavam paradas, e as mós não eram capazes de [illegible] grãosinhos de trigo.

«O que [illegible] fazer?» diziam as [illegible] para as outras. «Quando [illegible] procura de farinha, se não a houver, como se ha-de amassar o pão? O que estão vocês fazendo ahi em cima?» gritaram para as velas. «Ha dois dias que não trabalhamos, porque vocês não nos dão que fazer.»

«Não é nossa a culpa», gritaram para baixo as velas. «Como podemos nós trabalhar se o vento não nos sopra para cima? Ha dois dias que elle não apparece! Que lhe terá acontecido?» E emquanto o ribeiro continuava a trabalhar na sua roda, as mós e as velas lamentavam-se amargamente.

«Para que serve tanto barulho?» gritou o Vento, muito zangado. «Quatro dias de trabalho! Olha a grande cousa! Basta que eu sopre mais rijo, e apromptaremos tudo n'um instante.»

E começou a soprar com toda a sua força. As velas voavam, e as mós galopavam á roda, tanto troavam e estremeciam que abalavam o moinho.

«Como o vento sopra com força!» disse o moleiro para o filho. «Se isto assim continua, temos de rizar as velas.» O vento, que não ouvia uma palavra, continuava a soprar muito rijo, e as velas e as mós cada vez corriam mais.

«Vamos, Thomaz», disse o moleiro, «ajuda-me a parar o moinho.»

Dito e feito. Sem perder um minuto, o moleiro amainou as velas, evitando assim que o moinho abatesse com a força das rajadas.

Foi então que o vento percebeu que alguma cousa tinha succedido, e pensou que se assim continuasse deitaria o moinho abaixo. Afflicto e envergonhado, cessou de soprar; mas no outro dia levantou-se muito cedo, para estar prompto assim que o moleiro largasse as velas.

Ainda assim, precisou trabalhar sem descanço muitos dias a seguir, para acabar a tarefa, que devia ter sido feita emquanto elle esteve a mandriar.

Cautela com a vespa!

Ó bonequinha de Hollanda,
Toma attenção!
Dona Vespa, que alem anda
Com seu ferrão.

Preto vae, e preto vem,
Preto rebola,
Mas fica branco, se a vespa
Lhe faz empola.

A mulher e o porco de batata

Nunca experimentaram fazer brinquedos com batatas?

As gravuras, que acompanham esta pagina, mostram claramente a facilidade com que se arranja uma mulher e um porco. A

mulher veste á moda da Irlanda, terra onde a gente pobre e os porcos se sustentam geralmente de batata.

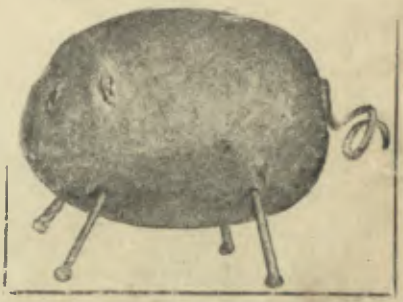
Para se fazer a mulher, convem escolher uma batata um tanto comprida com uma saliencia redonda no fim, como se encontram frequentemente. Esta saliencia serve para formar a cabeça da mulher. Caso não se possa arranjar uma batata com esse feitio, faz-se o seguinte. N'uma batata que seja ponteaguda, espeta-se com um alfinete muito comprido, uma outra batata redonda e pequenina. Se isto fôr feito com geito, o alfinete não se lica vendo depois da mulher prompta.

A batata é em seguida muito bem lavada, mas sem se esfolar a pelle. Cortam-se depois, dois buracos redondos para os olhos, um corte sobre comprido, para a boca, e um outro corte logo acima para o nariz. Dois alfinetes de cabeça preta formam as pupilas dos olhos. Dá-se um pouco de carmim nas faces e pintam-se tambem os beiços.

O resto da batata, que é o corpo da nossa irlandeza, veste-se convenientemente com papel de seda verde, sendo o avental de papel branco.

Os braços e pernas formam-se com palitos ou phosphoros aos quaes se tiram as cabeças. Uma touca das que usam ordinariamente as bonecas, é o ultimo retoque da *toilette* d'esta linda senhora.

O porco ainda é mais facil de fazer. Pega-se n'uma batata boa e comprida, espetam-se phosphoros a formar as pernas, e os olhos são egualmente feitos com alfinetes de cabeça preta. Para o rabinho, é necessario encaracolar um bocado de cordel, ou aproveitar o estemma de certas flores, que seja naturalmente encaracolado.



Tambem algumas vezes apparecem batatas, que vem em uma especie de fio precisamente na ponta, e que dão muita semelhança com as caudas dos porcos.

PERGUNTA DE ALGIBEIRA

— Quantos lados tem um quadrado? pergunta um examinador, que gosta de atrapalhar os rapazes.

— Quatro.

— E um hexagono?

— Seis.

— E um octogono?

— Oito.

— E um circulo?

— Dois.

— Essa agora! exclama o examinador muito contente por pilhar o rapazito.

— Tem, sim senhor. O lado de fóra, e o lado de dentro.

Biblioteca Infantil

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart..... 2$000

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado..... 2$000

Era uma vez... contos para crianças, pelo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in-16, illustrado com dezenhos orijinaes de Norfini ..... 2$000

Historias de Fadas, livro para crianças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pajs. illustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 2$000

Biblioteca de Instrução Profissional

Interessante publicação de livros de estudo de ciencias e artes.

Dezenho, mecanica, construções civis, industrias, etc., etc.

Fornecem-se catalogos, fazendo pedidos no Brazil, á Livraria Alves, rua do Ouvidor, Rio de Janeiro; em Portugal, na administração, calçada do Ferregial, Lisboa.

Biblioteca dos Jovens Brazileiros

Volumes illustrados e impressos em Paris

Meu Livro de Majicas. — Um livro ricamente encadernado.. ... . 3$000

E' um belo presente ás crianças — **Meu Livro de Majicas,** porque não só diverte como instrue.

Nas nove partes em que está dividido, **Meu Livro de Majicas** atrae a atenção das crianças para certos fenomenos que, sendo muito comuns, lhes escapam entretanto. Na 2.ª parte o calculo mental é muito bem explorado e grandes vantajens advêm á memoria pelas muitas operações e raciocinios a que obriga.

Na 4.ª parte cahe a vez do dezenho geometrico, que, aplicando a atenção dos *pequenos majicos*, lhes dezenvolve a intelijencia, ao passo que nas outras diversas partes do livro, as interessantes e facilimas *sortes* lhes prendem e põem em jogo a imajinação. Está bom para premios ás crianças o — **Meu Livro de Majicas.**

Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in-8 pequeno, copiozamente illustrado ..... 3$000

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in-8 pequeno, copiozamente ilustrado .... 3$000

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris ..... 3$000

Biblioteca das Donas e Donzelas

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida, 2.ª edição. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris..... ... 7$000

A mesma obra com folhas douradas 9$000

A mesma obra impressa em *papier couché* e folhas douradas ..... 10$000

A mesma obra, meio marroquim branco, seda e cantos de marroquim, guardas de seda branca, filetes de ouro ..... 30$000

A mesma obra, encadernação de veludo branco folhas douradas, com guardas de seda branca e titulo prateado..... 40$000

O Livro das Donas e Donzelas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris..... 7$000

A mesma obra com folhas douradas 9$000

Travessura do moleque

O maroto do moleque
Fica muito radiante,
Todas as vezes que seque
O mesquinho do elefante.

Se vae beber uma pinga
De agua á celha o pobre bicho,
Enche o moleque a seringa,
Lança-lhe aos olhos um 'sguich

O elefante porém zomba
D'essa partida travessa;
Com um chuveiro da tromba
Molha-o dos pés á cabeça.

A viagem das tres rãs

Um sapo, que viajou
Pela terra e mar profundo,
A tres rãsinhas contou
As lindas cousas do mundo.

Enthusiasmadas as tres,
Saltam de sua folhagem,
E querem por sua vez
Fazer alguma viagem.

Põem-se em marcha; mas logo,
Como ha pó pelas estradas

E o sol queima como fogo,
Eil-as sedentas, cansadas.

N'isto, entrando por acaso
Por uma porta, as tres tolas
Saltam p'ra dentro de um vaso,
Cheio de agua e de cebolas.

A cosinheira rebola
Com susto p'r'o meio do chão;
O vaso era a caçarola
Que estava sobre o fogão.

A moça com rapidez
Deita fóra os sujos bichos,

E afflictas, soffrem as tres
O premio dos seus caprichos.

Livraria Francisco Alves & C.ª

Leitura de Letra Manuscrita

Leitura Manuscrita, lições coligidas por B. P. R. Este livro contém numerozos e variados exercicios com modelos de letras manuscritas com dificuldades graduadas, assuntos muito variados. Este livro está aprovado e adotado pelo Governo do Estado de S. Paulo para uzo das escolas publicas do dito Estado. 1 vol. com 125 pajs. bem impresso e cartonado..... 1$000

CALIGRAFIA

Novo Metodo de Caligrafia Brazileira, colleção em 5 cadernos oblongos, *letra americana*. Cada caderno..... $200

Caligrafia *(Curso em seis cadernos, destinado ás classes primarias 1.º e 2.º gráu)*, por Olavo Freire, professor da Escola Normal da Capital Federal; 1.º caderno, cursivo (letras maiusculas); 2.º caderno, cursivo (letras minusculas); 3.º caderno, cursivo (letras maiusculas e combinação de letras maiusculas e cursivas); 4.º caderno, cursivo (exercicios variados); 5.º caderno (letra redonda e bastarda francezas); 6.º caderno (letra italiana e gotico inglez). Cada caderno..... $140

Lições de Couzas

Lições de Couzas, por Saffray, tradução de M. C. Mesquita Portugal. 1 vol. cart.. 3$000

Lições de Couzas, para crianças de 5 a 8 anos, com muitas illustrações, por Zaluar, 6.ª edição revista e aumentada por um distinto professor. 1 vol. cart..... 1$000

Noções da Vida Pratica (Lições de couzas), por Felix Ferreira: novissima edição refundida pelo Dr. M. T. 1 vol. de 507 pajs. impresso e illustrado em Paris com 200 gravuras, cart..... 3$000

Economia Domestica

Noções da Vida Domestica, por Feliz Ferreira, 15.ª edição muito melhorada; obra premiada na Exposição de Paris em 1889. 1 vol. cart..... 2$000

A Dona de Caza, muito util publicação em portuguez, contendo: — Guia de hijiene privada e conselhos, hijiene da alimentação e do vestuario, principios de economia domestica, hijiene das creanças e da menice, preconceitos a corrijir, etc., por Sylvino Junior. 2.ª edição revista e aumentada. 1 vol. cart..... 2$000

Preços moeda brazileira

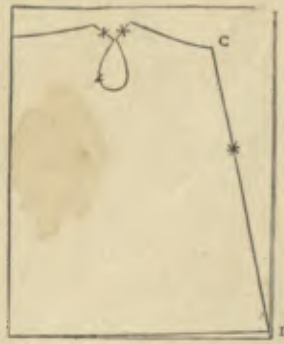
Vestido de boneca

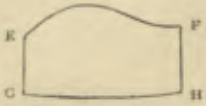
Já ensinámos no outro numero a maneira de cortar os moldes, e, como este tambem é muito simples, com certeza que as nossas leitoras o comprehenderão com facilidade.

Fig. 3

O vestido é cortado d'uma vez levando só uma costura nos hombros e atraz, da cintura para baixo. As mangas, que são cortadas separadas, tambem levam só uma costura debaixo do braço. A primeira coisa a fazer é dobrar o tecido de que se faz o vestido, e applicar o molde do lado A B para a parte dobrada. Corta-se tudo á roda menos do lado dobrado. A costura de traz só se faz da estrella para o D, ficando a parte que sobeja para se fazer a abertura.

Fig. 4





Na parte de cima faz-se do lado esquerdo uma bainha estreita e do lado direito, que é o que sobrepõe, prega-se uma tira com ponto de bainha, de largura tal que caibam as casas. É preciso que fique bem rematado em baixo para se não descoser. Para a fechar bastam dois ou trez botões pequeninos.

Faz-se depois a bainha em baixo com ponto espinho, que nós já ensinámos no outro numero, alinhavando-a bastante larga, o que a torna mais engraçada.

Franze-se a cava do pescoço e alinhava-se a renda ou folho com que se enfeita, debruando depois com uma tira do mesmo panno, a qual é cosida com o mesmo ponto espinho da saia. Em seguida corta-se a manga tôda inteira, representando as lettras E F a parte de cima e G H a de baixo. Juntam-se as lettras E G com F H, fazendo a costura que se deve pôr debaixo do braço quando se juntar ao vestido.

Franze-se em baixo e em cima, rematando a parte de baixo com uma tira semelhante e do pescoço cosida tambem com ponto espinho.

Para pregar as mangas, corre-se todo o franzido para o hombro e começa-se a alinhavar desde a costura que deve ficar no sitio que vem marcado com V no molde. Cose-se depois em costura, choleia-se para que não desfie.

As figuras 3 e 4 mostram ás nossas leitoras o vestido de frente e de costas, vendo-se como se arma a fita da cintura que forma um laço atraz e dois á frente.

Para voltar esta folha
Puxem aqui ao ferrolho;
Creio que na outra pagina
Ha cousas de encher o olho.

Carnaval que chega! Carnaval começa!
Eis que os bichaninhos perdem a cabeça!

Toda a gataria brinca as estopinhas!
Chovem as bisnagas! Fervem laranjinhas!

Dom Rominagrobis, em manhã de entrudo,
Vae passeiar c'o rico pallio de velludo.

Mas com elle implicam gatos e gatinhas,
Sobre o fato novo fervem laranjinhas.

Pilha nodoas negras nas tenras costellas,
Na casaca preta nodoas amarellas.

Meio cego e coxo, logo de gatinhas
Dom Rominagrobis foge ás laranjinhas!

GATARIA BRAVA!

Riri na mestra

A Isabelinha tem um favorito. E'... adivinhem! um ratinho branco, de olhos côr de rosa, muito espertinho, que aprende facilmente todas as habilidades que a dona lhe ensina.

Ora uma tarde, o Riri — é assim que chamam o ratinho — dormia tranquillamente na sua confortavel caminha, ao canto da gaiola que lhe serve de habitação. Estava muitissimo cansado, porque lhe correra o dia cheio de peripecias e trabalhos. O corpinho parecia uma bola de seda frouxa, côr de leite; e se não fosse a respiração que brandamente o agitava, ninguem o tomaria por cousa viva.

«O' Riri!» gritou perto d'elle uma vozita esganiçada. «Acorda, queremos saber o que te succedeu hoje.»

O pobre do ratinho despertou sobresaltado e espreitou pelas grades da gaiola.

«E's mesmo uma peste, Zésinho!» guinchou elle.» Sempre me pregaste um susto!»

O Zésinho era nem mais nem menos que um melro que morava na gaiola mais proxima.

«Vejam lá que pena!» zombeteou elle com um assobio. «Meu rico, tem paciencia, eu e mais os canarios e os pintasilgos e toda a passarada da menina Isabelinha temos estado todo o dia n'um alvoroço, á tua espera, para saber por onde andaste toda a santa manhã.»

Riri espreguiçou-se, bocejou, e levantou-se, esfregando os olhitos roseos.

«Fui á mestra, mais a menina!» replicou elle com orgulho.

«Ora adeus!» chilrearam os passaros em côro.

«E' como lhes digo!» chiou Riri já estomagado.» Creiam ou não creiam, o que é certo é que estive no collegio. Mas, já que vocês são malcreados, torno outra vez á minha sonéca.»

E o ratinho tratou de se enroscar novamente no seu canto.

«O' Riri, não sejas assomado!» pipilou supplicante um lindo canario amarello. «Conta-nos as tuas aventuras!»

Riri era amicissimo d'aquelle canario, por isso levantou-se logo e começou a sua narrativa.

«Saberão pois que esta manhã, estava a menina Isabelinha acabando de almoçar para ir depois para a mestra, vae senão quando lhe ouvi dizer muito contente:

«— Hoje é que é a lição sobre os ratos! Que bella ideia que eu tive agora!»

«D'ahi a um instante, encaminhou-se para a gaiola, abriu a porta, e agarrou-me com a sua mãosinha gorducha e macia. Não me espantou isso, porque, como vocês sabem, ella costuma fazer-me muitas festas. Mas o que eu extranhei era que, ao mesmo tempo que me beijava, ia murmurando:

«— Meu Riri, não guinches, vaes ter um dia cheio, vou levar-te à mestra.

«Eu tambem não guinchei nada. Ella metteu-me na algibeira, onde eu aliás já tenho passado horas e horas de vida. Acommodei-me como pude na companhia de uns poucos de lapis, alguns d'elles muito aparados, de uma borracha, de um dedal, de um pacotinho de chocolate, e de um lenço de assoar, que me serviu de agasalho.

«A Isabelinha voou pela escada abaixo, com toda a desenvoltura dos seus dez annos, gritando:

«— Até logo, Papá! Até logo, Mamã!

«Correu até à estrada que vae dar á estação do caminho de ferro, porque, como vocês sabem, o collegio fica a mais de uma legua, na estação seguinte, e ella vae sempre no comboio com outras condiscipulas. Ai! o meu rico corpinho! que solavancos que elle apanhou! que amolgadellas de encontro áquelles horriveis lapis! Não admira que eu esteja cansado e cheio de dores.»

E Riri calou-se para lamber as contusões.

«Continua, anda lá!» imploraram os ouvintes. «A historia vae sendo interessante deveras!»

Riri impacientou ainda uns momentos os companheiros, emquanto tratava do corpinho, e depois continuou:

«O que me lembro depois, é de ouvir o chefe da estação gritar para a Isabelinha, que corria esbaforida pela ladeira que leva ao caminho de ferro:

«— Ande, avie-se, menina Isabelinha. Anda sempre atrazada. Olhe que o comboio vae partir!

«D'alli a nada, a nossa dona era impellida para dentro da carruagem, onde se atirou para cima da bancada, a arquejar. Ouviu-se então um côro de vozitas infantis que bradava:

«— Ai! Isabelinha! por um triz que não perdes o comboio. Coitada! estás a deitar os bofes pela boca fóra!

«Mas o que ellas não percebiam era que eu estava dentro da algibeira, meio esmagado com o peso da menina.

«Chiei debilmente.

«E então a Isabelinha levantou-se com um grito de pavor, e metteu a mão á algibeira.

«— Riri, Riri, meu queridinho! exclamou dando-me muitos beijos.

«— Ora esta! um rato! clamaram as pequenas, refugiando-se aos cantos da carruagem.

«— Então não querem vêr! disse a Isabelinha com muito desprezo. Todas com medo do meu Riri! Que vergonha!

«Tornou a beijar-me e encafuou-me no saco do collegio, onde me vi apoquentado com o contacto de um livro de capa durissima e uma ardosia fria como gelo. O que valeu é que pouco me demorei n'aquelle sitio inhospito, porque a Isabelinha estava morta por mostrar as minhas prendas e graças. Trepei-lhe pelo braço e enfiei-lhe pelo corpete. Estava lá tão bem, tão agasalhadinho! Mas pouco durou este regalo. D'ahi a nada tiraram-me de lá, e no collo da Isabelinha comecei a fazer as minhas habilidades. Até me abalancei a um passeio pela rede das bagagens.

— «O' Isabelinha! exclamou uma das meninas, olha que vaes pôr o collegio em alvoroto. Que dirá a senhora D. Marta em vendo lá o focinho do Riri?

«— Ora essa! respondeu a minha dona. Vossês bem sabem que a senhora D. Marta hoje uma lição sobre ratos esquilos, e todos esses que ella chama roe vêem que é interessa sonhar para exempl de carne e osso.

«— Ai! Isabelinha

levadinha da breca [illegible] tu queres, bem celebremos n[illegible] observou uma menina gorda de cabelos loucos e olhos muito azues.

«A Isabelinha córou muito, abanou a cabeça em ar de mofa, mas não respondeu palavra.

(Continúa na pag. 42.)

Livraria Francisco Alves

(FUNDADA EM 1854)

DE

Francisco Alves & C.ª

(LIVRARIA EDITORA)

166 — Rua do Ouvidor — 166

RIO DE JANEIRO

Esta caza tem um grande sortimento de livros de ensino primario, secundario e superior, os quaes vende por preços baratissimos.

Tambem ha na mesma livraria, giz, ardozias, lapis, mappas, globos, cadernos para escripta e dezenho, etc.

Remettem-se catalogos gratis para qualquer parte do Brazil

Caixa do correio n.º 658

Endereço teleg. ALVESIA

FILIAES

Rua de S. Bento — **S. PAULO**

Rua da Bahia — **BELLO HORIZONTE**

«Durante toda a manhã, que me pareceu que não acabava, estive eu no meu coito, dentro da algibeira, a ouvir lições de geographia, de arithmetica, de grammatica, de francez, sem perceber palavra de tudo aquillo. Até que afinal começaram a dizer-se umas cousas que me interessaram de perto. Arrebitei as orelhas e escutei.

«— O pello dos ratos pretos e pardos é aproveitado pelos pelleiros para chapéus e para o fabrico de um couro fino muito usado para luvas. Ha tambem ratos brancos ou albinos: esses são muito bonitos e domesticam-se com facilidade.

«N'isto, a Isabelinha mergulhou a mão na algibeira, agarrou em mim e pespegou-me sem mais nem mais em cima da carteira.

«— Olhe, senhora D. Marta! bradou ella. Eu trouxe o meu ratinho branco para mostrar. E' um encanto. Ora repare.

«Aquillo é que foi motim! Fiquei aterrado com os guinchos e com o tumulto que surdiram de todos os lados. Sem saber o que fazia, perdido de medo, saltei da carteira abaixo, e entornei o tinteiro. Até por signal ainda tenho nodoas pretas na brancura do meu pello. Desatei a correr á roda da casa, pizando os pés das pequenas, marinhei pela saia da mestra, desci outra vez para o chão, e afinal só estaquei por detraz de um armario, e alli liquei a arquejar de cansaço e de susto.

«As pequenas, umas estavam a gritar sem tom nem som, outras riam ás gargalhadas, algumas trepavam para cima das carteiras. Julguei que tudo endoidecera. Não chegava a entender como fosse eu — pobre ratinho innocente — quem tinha causado todo aquelle terror. Que imaginavam ellas que eu lhes podesse fazer? Finalmente, com grande alegria minha, ouvi a voz da Isabelinha:

«— Meu Riri, coitadinho! Não te assustes! Eu podia lá suppor que estas meninas fossem assim tão patetinhas!

«Enfiei logo para dentro da blusa d'ella. Alli ao menos estava seguro; mas levou tempo, primeiro que eu voltasse a mim!

«— Meninas, vão já para os seus logares! ordenou a mestra. A menina Isabelinha é muito má! Sempre fez uma partida, esta de trazer um rato para o collegio! Hei de fazer queixa á senhora directora!

«— Eu peço perdão, senhora D. Marta, redarguiu a Isabelinha muito espevitada. Então não disse ha pouco que os ratos brancos eram lindissimos e que se domesticavam? Passava-me lá pela ideia que ficassem todas assustadas por eu trazer cá o meu ratinho!

«— Hei de fazer queixa da menina, repetiu D. Marta.

«Mas n'isto abriu-se a porta, e quem havia de apparecer senão a senhora directora? Fez-se logo silencio completo.

«— Que barulho foi este que houve agora na aula, senhora D. Marta? perguntou ella.

«Mas a D. Marta estava tão nervosa que nem podia falar.

«— Eu conto, se dá licença, disse a Isabelinha, quasi a desatar em choro.

«E, com licença da directora, explicou o que se tinha passado; depois sentou-se n'um repente, abriu a carteira, escondeu a cabeça entre os livrecos, e começou a soluçar. Ella não gosta nada que a vejam chorar, e por isso é que abriu a carteira, com certeza.

«— Vamos, menina, não chore! disse a directora com muita meiguice. Deixe cá vêr o ratinho. Meninas, sentem-se quietinhas, e não tenham medo de um animalzinho inoffensivo, continuou ella voltando-se para as outras meninas.

«A Isabelinha sacou-me do meu conchego, e apresentou-me á directora, a qual pegou em mim e me affagou com gentileza.

«— Coitadinho! disse ella. O que me espanta é que não morresses de medo n'este casarão, no meio de creaturas tão barulhentas como nós te haviamos de parecer?

«Mas o meu terror acabara. Sentado na mão d'aquella boa senhora, entretive-me então a olhar para todos os lados. Vi uma turhamulta de pequenas, da edade da Isabelinha pouco mais ou menos, todas de olhitos arregalados para mim e de bocas escancaradas de pasmo. Não olhei para a senhora D. Marta, porque me palpitou que ella devia estar zangadissima.

«— Riri faz muitas habilidades, disse a Isabelinha com alvoroço.

«— Deveras? Pois então, mostre as suas gracinhas, senhor Riri, disse alegremente a directora.

«D'alli a pouco, em vez de clamores e de lagrimas, não se ouviam por toda a aula se-

não gargalhadas. E' que eu saltei a uma caneta que estava na carteira de Isabelinha, puz-me em pé nas patas trazeiras, fiz uma cortezia, e depois puz-me a passeiar de um lado para o outro, á laia de sentinella, com a caneta ao hombro em guisa de espingarda.

«Quando me fartei d'este exercicio, fiz outra venia e marinhei pelo braço da Isabelinha acima, e fui-me enroscar no seu pescoço. Isso é que foi então risota!

«— Parece-me que não ha motivo algum para termos medo do Riri, d'aqui por deante! observou a directora, quando tocou a sineta para acabarem as aulas.

«Mas o que eu sei é que fiquei maçadissimo», concluiu o Riri bocejando e acommodando-se na sua caminha.

«E' muito interessante. Mas então durante tantas horas não comeste nada?» perguntou o melro, que era muito guloso.

«Ora! se comi! Foi no comboio, quando voltei para casa. Bolos, morangos, bonbons... um farlote de guloseimas!» respondeu Riri com voz de somno, virando-se na cama para dormir.

«Coitadinho!» pipilou o canario. «Está moido como uma salada! Pudera! depois d'isto tudo...»

E os passaritos desataram a cantar com muita suavidade, para acalentarem o Riri, que não tardou a pegar no somno.

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

Tem á venda os

Silabarios, Metodos de leitura, etc.

Sabino e Costa e Cunha (professores). — *Primeiro Livro ou Expositor da Lingua Materna*, ensinando ao mesmo tempo a ler e a escrever, adotado pelo Governo para uzo das escolas publicas primarias da Capital Federal e premiado na Expozição Pedagojica do Rio de Janeiro com o diploma de 1.ª classe, 72.ª edição muito melhorada e ornada de gravuras. 1 vol. cart. .. 1$000

Reza (Francisco Ferreira da) *Metodo Pratico de Aprender a Ler*, seguido do Primeiro Livro de Leitura, aprovado pelo Conselho Diretor de Instrução Publica e adotado nas escolas publicas do Districto Federal e nas aulas do curso primario da Caza da Moeda, 2.ª edição melhorada e ornada de gravuras. 1 vol. cart..... $500

Cartilha Analitica (metodo de palavração) para o ensino da leitura pelo metodo analitico, por Arnaldo de Oliveira Barreto, Director do Ginazio de Campinas. 1 vol. in-8.º francez de 122 pajs., copiozamente ilustrado..... 1$500

Cartilha Infantil, para aprender a ler, por Arthur Thiré, 3.ª edição. 1 vol, in-16 francez. com muitas ilustracões, cart..... $500

Primeiro Livro de Leitura (Silabario), por Hilario Ribeiro..... $300

Cartilha das Mães, por Arnaldo de Oliveira Barreto, inspector das Escolas-Modelo anexas á Escola Normal da Capital do Estado de S. Paulo, obra aprovada pelo Conselho Superior de Instrução Publica do Estado de S. Paulo e adotada em todas as escolas publicas e em muitos colejios particulares, 7.ª edição ilustrada de numerozas gravuras. 1 vol. in-8.º fr. cart. 1$000

Cartilha da Infancia, ensino de leitura, por Th. Galhardo e R. Puiggari, 1 vol. cart..... 5$00

Novo Primeiro Livro de Leitura (Leitura universal), segundo o metodo do Barão de Macahubas (Dr. Abilio Cesar Borges), 1 vol. cart..... 1$000

Primeiro Livro de Leitura ou Cartilha Popular, pelo Dr. Abilio Cesar Borges (Barão de Macahubas). 1 vol. cart..... $400

Cartilha Nacional, ensino simultaneo de leitura e escrita, por Hilario Ribeiro. 1 vol. cart..... $300

Primeiro Livro de Leitura, por Felisberto de Carvalho, ornado de numerozas ilustrações, sendo muitas coloridas. 1 vol. in-16 grande, cart..... 1$500

Cartilha Moderna, por Sinto Baptista, 2.ª edição correcta e aumentada..... 1$000

Preços, moeda brazileira

Como se fazem linguas de gato

Amassem uns 250 grammas de assucar e outro tanto de farinha com agua de flor de laranja, até ficar consistente.

Depois, com um rolo ordinario, extendam a massa que deve ficar com a espessura de um dedo minimo. Cortem-na em pedaços do comprimento de um dedo e da largura de dois, arredondando cada pedaço nos dois extremos, para ficar com a forma de linguas de gato. Ponham esses pedaços sobre uma chapa previamente untada de manteiga, para que as linguas de gato não se peguem á chapa.

Ponham tudo no forno, a fogo brando.

Em se estando mais pratico, estes bolos podem confeccionar-se, cozer-se... e comer-se dentro de seis ou sete minutos.

São deliciosos com chá ou leite, quer para o almoço ou para o *lunch*, quer para um ch das cinco.

Se os fizerem com geito, livrar-se-hão n'este ponto da tyrannia dos confeiteiros.

TÓTÓ TEIMOSO

A menina Micas tem um cão bem lindo,
Alvo como neve, vivo como azougue.
Mas ninguem o meche, fica alli ganindo,
Quando espreita carnes a pender no açougue.

ENFORCADO SEM CORDA

Mergulhem um pedaço de cordel em agua muito salgada, deixem-no secar, e repitam a operação duas ou tres vezes a fio. Fazendo este preparo

em segredo, podem apresentar ao publico um cordel que não se differença em cousa alguma dos outros cordeis. Pendurem-lhe um annel, que deve ser o mais leve possivel. Deitem fogo ao cordel, que arderá de um cabo ao outro, e os espectadores ficarão surprehendidos de ver o annel suspenso ainda na cinza que resultou da combustão. Com effeito, ardeu a parte fibrosa do cordel; mas ficou um tubosinho de sal bastante forte para manter suspenso o annel, se a experiencia se fizer ao abrigo das correntes de ar.

Pode variar-se a experiencia da forma seguinte:

Atem quatro pedaços de cordel ás quatro pontas de um rectangulosinho de cassa; mergulhem tudo em agua muito salgada, depois deixem secar, e repitam isto tres ou quatro vezes. Logo que o cordel e a cassa estejam bem embebidos de sal e perfeitamente secos, suspendam o apparelho e colloquem sobre a cassa um ovo vazio. Deitem fogo á suspensão, que arderá completamente, deixando o ovo suspenso nas cinzas, com grande espanto dos espectadores.

Albuns para crianças

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo, por Mademoiselle H. S. Brès; album illustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart... ..... 3$000

Minha Historia Sagrada, tradução do dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in-4 francez, ilustrado de numerozas belissimas gravuras e cromos..... 3$000

O GAFANHOTO

Primeira serie:

4 lindos albuns profuzamente illustrados com estampas a preto e a côres e com magnificas capas de fantazia.

Preços moeda brazileira

Livraria Francisco Alves & C.ª — Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

Assignatura permanente — Conde Barão, 50 — LISBOA

Almanach Editora

PARA 1910

Musical,
literario
e Artistico

Collaboração escolhida
Finas gravuras
Esplendidos numeros de musica

Brochado 600 réis
700 réis cartonado
Preço moeda portugueza

"A EDITORA"
Conde Barão, 50
LISBOA-PORTUGAL

OFFICINA
PHOTOMECANICA
DE
THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

PHOTOGRAVURA - ZINCOGRAPHIA - TRICHROMIA
GRAVURA PARA ENCADERNAÇÃO

ESCRIPTORIO
CALÇADA DO FERREGIAL. 6. 1º
LISBOA

OFFICINAS
RUA JOÃO DE LEMOS - SANTO AMARO
LISBOA - PORTUGAL

Agua Castello

"REFRIGERA OS SÃOS E CURA OS DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xarcpes, vinho, cognac, whisky, etc.

Agua Castello

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907
Medalha de Prata — S. Luiz 1904

Unicos exportadores **Assis & C.ª — LISBOA**
Endereço telegrafico: ***MOURAGUAS***
Codigo "Ribeiro"

Agua Castello

Estas aguas perfeitamente limpidas transparentes, inodoras incolores e gratas ao paladar são **excellentes aguas de meza,** recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a pyroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affeções calculozas da bexiga e vias urinarias; eficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: **atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e lithicas.** Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas do ***MUITO PURA.***

Rico chàsinho! Vamos convidar o Gafanhoto?

(Antiga casa **DAVID CORAZZI**)

Premiada nas Exposições: *Portugueza do Rio de Janeiro, da Sociedade Giambattista Vico, de Napoles, Industrial Portugueza de 1884, 1888 e 1890, Palacio Crystal — Porto 1897, Universal de Paris de 1889 e 1900 e Nacional do Rio de Janeiro, 1909.*

CASA EDITORA DAS:

Bibliotheca do Povo
Bibliotheca Universal Antiga e Moderna
Bibliotheca Moderna
Bibliotheca Horas Romanticas
Bibliotheca de Educação e Ensino
Biographias de Homens Celebres
Diccionarios do Povo
Diccionario de Geographia Universal
O Ideal Moderno
Obras completas de Julio Verne
Obras de Blasco Ibañez

Livros dos melhores auctores portuguezes e estrangeiros

Grande edição illustrada por Roque Gameiro do encantador romance de Julio Diniz

"AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR"

Volumes encadernados em carneira e percalina.
Assignatura permanente a fasciculos.

As primeiras officinas de Portugal

Typographia, Lithogr... e Encadernação

movidas pela electricidade

Exccução de todos os trabalhos, desde o mais economico ao de ma... luxo.

Execução perfeita e rapida

50, Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA — **PORTUGAL**

RIO DE JANEIRO — S PAULO — BELLO HORIZONTE

2.ª SERIE Fevereiro 1910 N.º 3

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª
Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro
DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres
da officina Photomecanica de **Thomaz Bordallo Pinheiro** — LISBOA

O sapateiro e os anões

Era uma vez um sapateiro muito pobre que vivia n'uma aldeia com a mulher. A sua vida ia de mal a peor, até que chegou uma occasião em que o pobre homem se encontrou em casa só com um bocado de cabedal tão pequeno, que mal servia para fazer um par de sapatos. No entanto, o sapateiro cortou o couro com todo o cuidado e foi deitar-se.

Quando de manhã se levantou, — oh! maravilha das maravilhas! — encontrou os sapatos já feitos. Vendeu-os logo por bom preço, e com esse dinheiro comprou alguma comida e mais uma porção de cabedal. Cortou mais dois pares de sapatos, e na manhã seguinte encontrou-os feitos.

Assim succedeu sempre durante algum tempo. Por mais sapatos que cortasse á noite, no dia seguinte appareciam-lhe todos promptos. Até que por fim se tornou um homem muito feliz e rico.

Na vespera do dia de Natal, o sapateiro e a mulher não se deitaram, para verem quem era que lá entrava durante a noite, e á meia noite viram dois homenzinhos anões, que subiram para a meza, pegaram nos bocados de couro, e coseram tão depressa que o sapateiro e a mulher nem podiam seguir os movimentos das suas mãosinhas. Quando acabaram o trabalho, desappareceram logo.

Na manhã seguinte, a mulher do sapateiro disse: «Agora que os dois

anõesinhos nos enriqueceram, devemos agradecer-lhes de qualquer maneira.

«Tenho uma ideia! Eu vou fazer-lhes uns fatinhos, e tu fazes-lhes uns sapatos.»

No outro dia o sapateiro e a mulher pozeram os fatos e os sapatos em cima da meza, e esperaram pelos anõesinhos.

Quando elles entraram, ficaram muito espantados de não achar couro cortado para trabalharem; depois, quando viram os fatos e os sapatos, vestiram-se, e começaram a dansar alegremente á roda do quarto, cantando:

«Agora que somos rapazinhos bonitos e aceiados, nunca mais seremos anões de sapateiro.»

Davam saltos em cima das cadeiras, em cima da meza, até que por fim subiram á janella, e desappareceram para nunca mais voltar. Mas o sapateiro, d'ahi por deante, sempre prosperou no seu trabalho, e passou o resto da sua vida muito feliz em companhia da mulher.

Biblioteca Infantil

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart..... 2$000

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado ..... 2$000

Era uma vez... contos para crianças, pelo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in-16, ilustrado com dezenhos orijinaes de Norfini..... 2$000

Historias de Fadas, livro para crianças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pajs. ilustrado, impresso e encadernado em Paris..... 2$000

Preços moeda brazileira

LIVRARIA FRANCISCO ALVES & C.ª — Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

Albuns para crianças

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo, por Mademoiselle H. S. Brès; album ilustrado com 222 gravuras e 4 liguras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart..... 3$000

Minha Historia Sagrada, tradução do dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in-4 francez, ilustrado de numerozas belissimas gravuras e cromos..... 3$000

PREÇOS MOEDA BRAZILEIRA

Francisco Alves & C.ª — Rua do Ouvidor, 166

RIO DE JANEIRO

A serpente animada

Ora aqui teem um brinquedo que podem facilmente fabricar em casa, com uma folha delgada de cobre ou um pedaço de cartão forte que não seja muito grosso. Desenhe-se na chapa ou no cartão uma espiral como na fig. 1. Recorte-se a espiral com a ponta de um canivete bem afiado. Prenda-se um cordel á extremidade da cauda, por meio de um furo e de um nó. Suspenda-se o apparelho por cima de uma vela acesa, ou de um candieiro ou de um fogão (fig. 2). Em geral, basta o peso do corpo para fazer descer esta parte abaixo do ponto de suspensão. A corrente de ar quente que se eleva continuamente imprime á figura inteira um movimento de rotação mais ou menos rapido. Para completar a illusão, convem que se accrescente uma cabeça á serpente, que se pinte de cores adequadas, e que se colloquem duas contas de vidro em guisa de olhos (fig. 3.)

Fig. 1

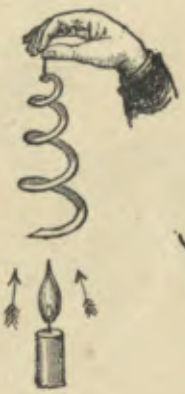


Fig. 2

Fig. 3

escapam entretanto. Na 2.ª parte o calculo mental é muito bem explorado e grandes vantajens advêm á memoria pelas muitas operações e raciocinios a que obriga.

Na 4.ª parte cabe a vez do dezenho geometrico, que, aplicando a atenção dos *pequenos majicos*, lhes dezenvolve a intelijencia, ao passo que nas outras diversas partes do livro, as interessantes e facilimas *sortes* lhes prendem e põem em jogo a imajinação. Está bom para premios ás crianças o

— **Meu Livro de Majicas.**

Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in-8 pequeno, copiozamente illustrado ..... 3$000

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in-8 pequeno, copiozamente ilustrado .... 3$000

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris ..... 3$000

Biblioteca das Donas e Donzelas

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida, 2.ª edição. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris..... 7$000

A mesma obra com folhas douradas 9$000

A mesma obra impressa em *papier couché* e folhas douradas ..... 10$000

A mesma obra, meio marroquim branco, seda e cantos de marroquim, guardas de seda branca, filetes de ouro ..... 30$000

A mesma obra, encadernação de veludo branco folhas douradas, com guardas de seda branca e titulo pratendo..... 40$000

O Livro das Donas e Donzelas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris..... 7$000

A mesma obra com folhas douradas 9$000

Albuns para crianças

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo, por Mademoiselle H. S. Brès; album ilustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart..... 3$000

Minha Historia Sagrada, tradução do dr. Carlos de Laet, obra approvada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in-4 francez, ilustrado de numerozas belissimas gravuras e chromos..... 3$000

Preços moeda brazileira

Livraria Francisco Alves & C.ª — Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

A patinagem

Foi lá na Hollanda um personagem
Quem descobriu a patinagem.

Perceben que era de vantagem
P'ra sobre o gelo achar passagem.

Mas p'ra fazer a aprendizagem
Era preciso ter coragem.

Girar com pulos de selvagem
E escorregar sobre a friagem,

E muita vez palpar a lagem
Ou ter sumiço na coragem.

Mas hoje todos lá reagem,
E andam n'aquella vadiagem.

O GATO E O RATO

O gato mais o rato andavam a brincar pelo armazem.

Vae o gato, ferrou os dentes no rabo do rato, e arrancou-lh'o.

«O' bichano, dá cá o meu rabo.»

«Isso é que não dou,» respondeu o gato, «só se fores ter com a vaca e me trouxeres uma porção de leite.»

O rato correu, saltou,
Foi á vaca e começou:

«O' vaca, dá-me leite, para eu dar leite ao gato, para o gato me dar o meu rabo.»

«Isso é que não dou,» disse a vaca, «só se fores ter com o lavrador e me trouxeres um mólho de feno.»

O rato correu, saltou,
E co'lavrador falou:

«O' lavrador, dá cá feno, para eu dar feno á vaca, para ella me dar leite, para eu dar leite ao gato, para o gato me dar o meu rabo.»

«Isso é que não dou,» disse o lavrador, «só se fores ter com o cortador e me trouxeres um arratel de carne.»

O rato correu, saltou,
E ao cortador supplicou:

«O' cortador, dá-me carne, para eu dar carne ao la-

vrador, para o lavrador me dar feno, para eu dar feno á vaca, para a vacca me dar leite, para eu dar leite ao gato, para o gato me dar o meu rabo.»

«Isso é que não dou,» disse o cortador, «só se fores ter com o padeiro e me trouxeres um pão.»

O rato correu, saltou,
E no padeiro eis que entrou:

«O' padeiro, dá cá um pão, que é para eu dar pão ao cortador, para o cortador me dar carne, para eu dar carne ao lavrador, para o lavrador me dar feno, para eu dar feno á vaca, para a vaca me dar leite, para eu dar leite ao gato, para o gato me dar o meu rabo.»

Disse o padeiro: «Dou-te pão,
Mas não me has de roubar, não!»

E vae o padeiro deu pão ao rato, e o rato deu pão ao cortador, e o cortador deu carne ao rato, e o rato deu carne ao lavrador, e o lavrador deu feno ao rato, e o rato deu feno á vaca, e a vaca deu leite ao rato, e o rato deu leite ao gato, e o gato deu outra vez ao rato o rabo que lhe tinha tirado.

Livraria Francisco Alves & C.ª

Leitura de Letra Manuscrita

Leitura Manuscrita, lições coligidas por B. P. R. Este livro contém numerozos e variados exercicios com modelos de letras manuscritas com dificuldades graduadas, assuntos muito variados. Este livro está aprovado e adotado pelo Governo do Estado de S. Paulo para uzo das escolas publicas do dito Estado. 1 vol. com 125 pajs. bem impresso e cartonado..... 1$000

CALIGRAFIA

Novo Metodo de Caligrafia Brazileira, coleção em 5 cadernos oblongos, *letra americana*. Cada caderno..... $200

Caligrafia *(Curso em seis cadernos, destinado ás classes primarias 1.º e 2.º gráu)*, por Olavo Freire, professor da Escola Normal da Capital Federal; 1.º caderno, cursivo (letras maiusculas); 2.º caderno, cursivo (letras minusculas); 3.º caderno, cursivo (letras maiusculas e combinação de letras maiusculas e cursivas); 4.º caderno, cursivo (exercicios variados); 5.º caderno (letra redonda e bastarda francezas); 6.º caderno (letra italiana e gotico inglez). Cada caderno..... $140

Lições de Couzas

Lições de Couzas, por Saffray, tradução de M. C. Mesquita Portugal. 1 vol. cart.. 3$000

Lições de Couzas, para crianças de 5 a 8 anos, com muitas ilustrações, por Zaluar, 6.ª edição revista e aumentada por um distinto professor. 1 vol. cart..... 1$000

Noções da Vida Pratica (Lições de couzas), por Felix Ferreira: novissima edição refundida pelo Dr. M. T. 1 vol. de 502 pajs. impresso e illustrado em Paris com 200 gravuras, cart..... 3$000

Economia Domestica

Noções da Vida Domestica, por Feliz Ferreira, 15.ª edição muito melhorada; obra premiada na Exposição de Paris em 1889. 1 vol. cart..... 2$000

A Dona de Caza, muito util publicação em portuguez, contendo: — Noções de hijiene privada e conselhos, hijiene da alimentação e do vestuario, principios de economia domestica, hijiene das creanças e da menice, preconceitos a corrigir, etc., por Sylvino Junior, 2.ª edição revista e aumentada. 1 vol. cart..... 2$000

Preços moeda brazileira

Tranquillidade

Sobre umas folhas
Côr de romã,
Goza do fresco
Senhora Rã.

O sol vae alto,
Foi-se a manhã,
E sobre as folhas
Côr de romã,
Dorme tranquilla
Senhora Rã.

A menina-aguia das montanhas

Uma manhã a mulher d'um oleiro foi ao monte em busca de barro que o marido precisava, e levou comsigo a filhinha. Quando lá chegou, pousou a creança no chão, e foi procurar o barro; n'isto uma grande aguia lançou-se sobre a pequenina, e levou-a para o ninho. Mas a creança não teve medo da aguia, abraçou-se a ella, e começou a rir e a brincar, e de tal forma captivou a aguia que ella resolveu adoptal-a como sua filha. Alimentou-a com fructos, nozes, e mel, e ensinou-lhe a subir até ao cume das montanhas.

Ao principio a aguia roubava fatos aos camponezes para a vestir. Depois, quando ella estava mais crescida, determinou que a sua menina deveria usar trajes de princeza, e introduzir-se no palacio do rei onde roubou um dos fatos da rainha. Mas a menina rasgou-o logo a subir aos rochedos, e a aguia teve de roubar novamente tantos vestidos, que a rainha disse ao filho que era preciso matar-se a aguia.

O principe, intrigado, não quiz matar a aguia, sem primeiro descobrir para que queria a ave tantos vestidos. Andou pelas monta-

nhas durante mezes, até que por fim ouviu uma voz de rapariga a cantar docemente.

Subiu muito alto, e encontrou a menina sentada no ninho da aguia. A sua belleza fascinou-o, e depois de lhe ouvir contar a extraordinaria historia da sua vida, elle pediu-lhe que descesse até ao palacio, onde seria sua mulher. A menina assim fez, e o principe foi ter com seu pae, o rei, e deu-lhe parte do que tinha acontecido. O rei beijou a linda menina-aguia e ordenou que preparassem tudo para se celebrar o casamento.

Mas a rainha mãe, que não queria que o filho casasse com uma rapariga tão extraordinaria, combinou com dois homens roubar a noiva e deital-a ao rio. Assim o fizeram, mas a aguia ouviu os gritos da menina, tirou-a do rio, e trouxe-a outra vez para o palacio. No dia seguinte ella casou com o principe; e para castigar a mulher, o rei separou-se d'ella, ficando a menina-aguia rainha.

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

Tem á venda os

Silabarios, Metodos de leitura, etc.

Sabino e Costa e Cunha (professores). — *Primeiro Livro ou Expositor da Lingua Materna*, ensinando ao mesmo tempo a ler e a escrever, adotado pelo Governo para uzo das escolas publicas primarias da Capital Federal e premiado na Expozição Pedagojica do Rio de Janeiro com o diploma de 1.ª classe, 72.ª edição muito melhorada e ornada de gravuras. 1 vol. cart.... 1$000

Roza (Francisco Ferreira da) *Metodo Pratico de Aprender a Ler*, seguido do Primeiro Livro de Leitura, aprovado pelo Conselho Diretor de Instrução Publica e adotado nas escolas publicas do Districto Federal e nas aulas do curso primario da Caza da Moeda, 2.ª edição melhorada e ornada de gravuras. 1 vol. cart..... $500

Cartilha Analitica (metodo de palavração), para o ensino da leitura pelo metodo analitico, por Arnaldo de Oliveira Barreto, Director do Ginazio de Campinas. 1 vol. in-8.º francez de 122 pajs., copiozamente ilustrado..... 1$500

Cartilha Infantil, para aprender a ler, por Arthur Thiré, 3.ª edição. 1 vol, in-16 francez. com muitas ilustrações, cart..... $500

Primeiro Livro de Leitura (Silabario), por Hilario Ribeiro..... $300

Cartilha das Mães, por Arnaldo de Oliveira Barreto, inspector das Escolas-Modelo anexas á Escola Normal da Capital do Estado de S. Paulo, obra aprovada pelo Conselho Superior de Instrução Publica do Estado de S. Paulo e adotada em todas as escolas publicas e em muitos colejios particulares, 7.ª edição ilustrada de numerozas gravuras. 1 vol. in-8.º fr. cart. 1$000

Cartilha da Infancia, ensino de leitura, por Th. Galhardo e R. Puiggari, 1 vol. cart..... 5$00

Novo Primeiro Livro de Leitura (Leitura universal), segundo o metodo do Barão de Macahubas (Dr. Abilio Cesar Borges), 1 vol. cart..... 1$000

Primeiro Livro de Leitura ou Cartilha Popular, pelo Dr. Abilio Cesar Borges (Barão de Macahubas). 1 vol. cart..... $400

Cartilha Nacional, ensino simultaneo de leitura e escrita, por Hilario Ribeiro, 1 vol. cart..... $300

Primeiro Livro de Leitura, por Felisberto de Carvalho, ornado de numerozas ilustrações, sendo muitas coloridas. 1 vol. in-16 grande, cart..... 1$500

Cartilha Moderna, por Silvio Baptista, 2.ª edição correta e aumentada..... 1$000

Preços, moeda brazileira

A QUADRILHA

As trez cabeças de ouro

Em tempos que já lá vão, havia um rei, muito amado pelos seus subditos, e para quem a vida corria feliz, até que um dia morreu a rainha, que elle adorava. Ficou-lhe uma unica filha, uma

linda menina, com quinze annos de edade.

Passado algum tempo, o rei lembrou-se de tornar a casar, e escolheu para esposa uma viuva muito rica, que tambem tinha uma unica filha. A segunda mulher do rei era velha, feia, e carrancuda, e só pelo dinheiro é que o rei tinha casado com ella. A filha era igualmente horrenda, e além d'isso invejosa e com mau genio — emfim, em tudo se parecia com a mãe.

A nova rainha e a filha, assim que vieram para o palacio, começaram logo a intrigar a filha do rei, inventando toda a especie de falsidades, que o rei de boa fé ia acreditando. De maneira que a pobre princeza resolveu fugir da côrte, onde a vida era tão triste, e um dia pediu ao pae que lhe desse alguma cousa, e que a deixasse ir tentar fortuna. O rei consentiu, e ordenou á rainha que lhe desse uma pequena quantia, tanto quanto fosse preciso, e a deixasse ir embora. A rainha só lhe deu um saco com pão bolorento, um bocado de queijo duro, uma garrafa de agua, e a respeito de dinheiro, nem um ceitil.

A princeza pegou no saco, agradeceu á madrasta, e partiu.

Andou por montes e valles, até que por fim viu um velho sentado n'uma pedra, á entrada d'uma caverna, que lhe disse:

«Bom dia, linda menina, onde vaes tão depressa?»

«Bom velho», respondeu ella, «vou em cata de fortuna».

«Que levas n'esse saco e n'essa garrafa?»

«No saco levo pão e queijo, e na garrafa agua pura», disse ella. «Queres alguma cousa?»

«Se quero!» replicou o velho.

A menina deu logo metade do pão, queijo e agua ao pobre do velho, e fel-o comer com todo o carinho. Quando acabou, o mendigo agradeceu muito penhorado, e disse:

«Não tarda que chegues a uma sebe muito espessa, que pareee que não se poderá passar. Toma esta varinha, bate com ella tres vezes, e dize: «Peço-te, sebe, que me deixes atravessar», e immediatamente ella se abrirá, e tu passarás. De-

pois, um pouco mais adeante, encontrarás um poço; senta-te na borda, e apparecerão tres cabeças de ouro, que fallarão. Faze tudo o que te mandarem».

A princeza prometteu fazer o que o velho tinha recommendado. Quando chegou á sebe, disse o que elle lhe tinha ensinado, e logo a sebe se abriu, e lhe deu passagem. Mais adeante, encontrou o poço; e assim que se sentou na borda, appareceu uma cabeça de ouro, cantando:

«Vê se me pódes lavar,
E penteia-me tambem,
Põe-me depois a enxugar
Sobre as flôres que estão além,
Para que eu pareça bem
A quem por aqui passar».

«Assim farei», disse ella. E penteou a cabeça com um pente de prata, pondo-a em seguida a enxugar sobre um massiço de flôres.

Appareceu depois a segunda cabeça, e logo a terceira, e cada uma d'ellas lhe pediu para ser penteada, o que ella fez. Em seguida, pegou no pão, queijo, e agua, e comeu o seu jantar. Então ouviu as cabeças conversar umas com as outras; diziam:

«Que faremos por esta menina que nos tratou com tanta bondade?»

E a primeira dizia «Eu faço-a tão linda que ella hade encantar o mais poderoso principe do mundo».

E a segunda dizia: «Eu dar-lhe-hei tão delicioso perfume que igualará o das flôres mais aromaticas».

E a terceira dizia: «O meu condão não será o menos valioso, pois como ella é filha d'um rei, eu faço-a tão afortunada, que ella será rainha do maior reino do mundo».

As tres cabeças pediram então á menina que as tornasse a metter no poço, o que a menina fez, seguindo depois o seu caminho. Não tinha andado muito, quando encontrou um rei caçando com o seu sequito. Ella queria ir por outro lado; o rei, porém, avistou-a, chegou-se ao pé d'ella, e vendo a sua grande bel-

leza, e sentindo o bom perfume que vinha d'ella, de tal forma se apaixonou, que lhe pedin para casar com elle, levando-a para o seu palacio.

AS TREZ CABEÇAS DE OURO

O rei e a princeza

Passado algum tempo, soube de que rei a noiva era filha; ordenou que dispozessem carruagens, e partiu com ella a visitar o pae. Quando o rei viu a filha e o marido n'uma linda carruagem, adornada com ouro e pedras preciosas, ficou primeiro muito admirado, e depois muito contente; e toda a côrte rejubilou por tornar a vêr a sua linda princeza tão feliz. Só a madrasta e a filha quasi estouravam de inveja. Houve muitos festejos e danças na côrte, e duraram as festas muitos dias, até que a princeza voltou para o seu palacio com o marido e um rico dote que o pae lhe tinha dado.

A filha da madrasta pensou então que era bom ir tambem em busca de fortuna; a mãe arranjou-lhe uns trajes muito ricos, grande porção de iguarias, doces e guloseimas, e uma grande garrafa cheia de bom vinho.

Partiu pelo mesmo caminho que a princeza tinha seguido, e quando chegou ao pé da caverna, estava lá o mesmo velho, que disse:

«Onde vaes tu com tanta pressa?»

«Que tens com isso?» respondeu ella.

«Que trazes n'esse saco e n'essa garrafa?» tornou elle.

«Boas cousas», respondeu ella, «mas tu é que não as provas com toda a certeza».

«Pois quê! não me dás sequer um bocadinho?» perguntou o velho.

«Não, nem uma migalha, nem uma gota, e bem me importa a mim que fiques zangado».

O velho disse então: «A desgraça te espera».

A rapariga continuou a andar, até que chegou á sebe, na qual viu uma abertura por onde julgou que poderia passar; mas quando tentava fazel-o, a sebe fechou-se de repente, e os picos arranharam-n'a toda.

Procurou agua para se lavar do sangue, que escorria dos arranhões, quando avistou o poço. Sentou-se na borda, e uma cabeça de ouro veiu ao de cima da agua cantando:

«Vê se me pódes lavar,
E penteia-me tambem,
Põe-me depois a enxugar
Sobre as flôres que estão além,
Para que eu pareça bem
A quem por aqui passar».

Ella pegou então na garrafa do vinho, e despejou-a em cima da cabeça, dizendo: «Toma lá, para te lavares!»

As outras cabeças que logo appareceram, tratou-as tão mal como á primeira. Consultaram-se umas ás outras na maneira como haviam de castigar a maldosa rapariga. A primeira disse: «Que a cara se lhe cubra de lepra».

E a segunda disse: «Que cheire tão mal como uma pocilga».

E a terceira deu-lhe um marido, mas não um principe, unicamente um pobre sapateiro remendão.

A feia rapariga seguiu então até uma cidade, e, como era dia de mercado, toda a gente que olhava

para ella, fugia horrorisada, tão medonha ella estava. Só um pobre sapateiro se aproximou, e lhe perguntou quem era.

«Eu sou filha d'um rei», disse ella.

«Bem» respondeu elle, «se eu te poder curar da lepra, e te tirar esse mau cheiro que exhalas, peço-te em casamento, convêm-te?»

«Sim», respondeu ella, «com todo o gosto».

O sapateiro poz-lhe então um oleo na cara, e deu-lhe alguma cousa para lhe tirar o mau cheiro, e passados uns dias, casou com ella.

Quando a rainha velha viu a filha casada com um pobre sapateiro, ficou tão zangada que perdeu a falla; mas o rei deu ao sapateiro uma mancheia de dinheiro, com a condição de levar a enteada para tão longe que elle nunca mais a tornasse a vêr.

Assim viveram muitos annos, o sapateiro remendando sapatos e a mulher ajudando-o ao trabalho.

Livraria Francisco Alves

(FUNDADA EM 1854)

DE

Francisco Alves & C.ª

(LIVRARIA EDITORA)

166 — Rua do Ouvidor — 166

RIO DE JANEIRO

Esta caza tem um grande sortimento de livros de ensino primario, secundario e superior, os quaes vende por preços baratissimos.

Tambem ha na mesma livraria, giz, ardozias, lapis, mappas, globos, cadernos para escripta e dezenho, etc.

Remettem-se catalogos gratis para qualquer parte do Brazil

Caixa do correio n.º 658

Endereço teleg. ALVESIA

FILIAES

Rua de S. Bento — **S. PAULO**

Rua da Bahia — **BELLO HORIZONTE**

COMO SE FAZ O PORCO

Calculamos que naturalmente agradaria ás nossas leitorasinhas o coelho de panno, do qual demos a explicação no outro numero, por isso cá nos teem d'esta vez com o porco que não deixa tambem de ter graça, como vêem pela gravura.

Pregam-se primeiro as orelhas como se faz com o coelho, pelo mesmo systema, pondo a parte forrada voltada para baixo, para que fiquem descaidas.

Depois das orelhas mettidas, cose-se todo o corpo deixando só as partes que estão ponteadas no molde sem se coser para depois se metterem as pernas, que são feitas á parte.

Para fazer as pernas dobra-se um arame com uma volta ao fim, servindo essa volta para formar o pé. Forra-se a perna com o mesmo panno do corpo, faz-se cá fóra a costura do avesso, para ficar mais perfeita, e volta-se depois, enfiando pelo arame, mas deixando a descoberto a parte voltada. O pé deve ser feito com lacre. Derrete-se ao lume, põe-se um bocado na parte de arame emquanto estiver quente, e antes que esfrie de todo amolda-se com os dedos imitando o mais que se possa os pés do porco. Mettem-se depois as pernas pelos buracos do corpo que não estão ainda cosidos, depois do porco estar cheio, e pregam-se cosendo pelo lado de fóra com uns pontos fortes, mas que não se vejam muito.

Os olhos são feitos com contas de vidro preto, e uma trança de crochet feita com lã branca serve para o rabo. Depois do porco estar cheio faz-se um ponto ou dois com linha dobrada atravessada no focinho, na direcção em que está a setta no molde, o que lhe fará uma prega expressiva que dará a impressão de que está grunhindo.

Almanach-Editora

PARA 1910

Musical, Literario e Artistico

Collaboração escolhida — Finas gravuras
Esplendidos numeros de musica

Brochado 600 réis — 700 réis cartonado

Preço moeda portugueza

"A EDITORA"

Conde Barão, 50

LISBOA-PORTUGAL

OFFICINA
PHOTOMECANICA
DE
THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

PHOTOGRAVURA - ZINCOGRAPHIA - TRICHROMIA
GRAVURA PARA ENCADERNAÇÃO

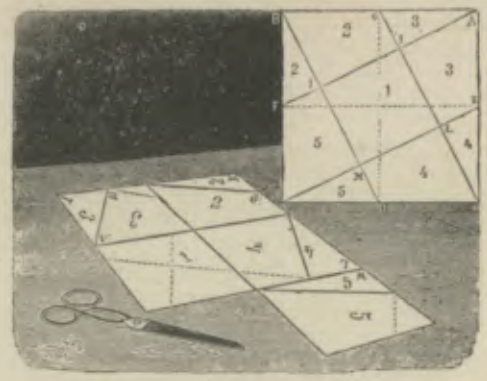
ESCRIPTORIO
CALÇADA DO FERREGIAL 6 1º
LISBOA

OFFICINAS
RUA JOÃO DE LEMOS-SANTO AMARO
LISBOA - PORTUGAL

O GAFANHOTO

Primeira serie:

4 lindos albuns profuzamente illustrados com estampas a preto e a côres e com magnificas capas de fantazia.



Dividir um quadrado em cinco quadrados eguaes

Dividir um quadrado de papel em quatro quadrados eguaes, é problema tão simples que ninguem o tomaria a serio. Mas se eu pedisse aos meus leitores que o dividissem não em quatro, mas em cinco quadrados eguaes, aposto que muitos ficavam atrapalhados, sobretudo não tendo á mão nem uma regua nem um lapis. Pois vou ensinar-lhes o modo de conseguir isto:

Dobrem em quatro o quadrado de papel ABCD, o que lhes dá as duas dobras GH e FE, marcadas na figura a linhas ponteadas. Desdobrem, e façam em seguida as duas dobras FA e DE, e depois as dobras GC e BH. Estas quatro ultimas dobras vão designadas na figura a traços cheios, e é por essas quatro linhas que devem cortar o papel com uma tesoura. Assim obteem um pequeno quadrado, que vêem marcado com o numero 1, e mais oito pedaços compostos de quatro trapezios eguaes e quatro triangulos rectangulos tambem eguaes numerados 2, 3, 4 e 5.

Reparem que o trapezio 2 forma um quadrado perfeito se lhe ajuntarmos o triangulo 2, ajustando a hypothenusa BF ao lado BG, sendo estas duas linhas eguaes e tendo ambas por comprimento metade do lado do quadrado primitivo. Façam o mesmo com relação aos trapezios 3, 4 e 5, aos quaes ajuntarão os triangulos 3, 4 e 5, e obterão por esta forma quatro quadrados, compostos cada um de dois pedaços, e tendo todos o tamanho do quadrado n.º 1.

Podem decompôr este quadrado n.º 1 n'um triangulo e n'um trapezio similhantes aos outros, depois misturar os dez pedaços, e apresental-os a qualquer amigo, propondo-lhe a reconstituição do quadrado grande primitivo. É um quebra-cabeças, que talvez o faça parafusar muito tempo.

ELEMENTOS DE HISTORIA DE ARTE

ESTYLOS DECORATIVOS

Interessante e artistica publicação sobre todas as obras d'arte antiga e moderna

Profusamente illustrados os 4 volumes que compõem esta obra — Arte Antiga — Arte Medieval — Arte na Renascença — Arte Moderna.

Por **J. Ribeiro Christino da Silva**

Professor de Desenho das Escolas Industriaes

«A rendição de Brêda». — Obra prima de Velasquez

Museu do Prado (Madrid).

Á VENDA NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

Na Bibliotheca de Instrucção Profissional

Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

LOGICA INFANTIL

Á meza em familia:

O Snr. Gilberto estava constantemente a pregar moral ao seu filho.

— Olha, meu filho, lhe dizia elle, não se deve deixar para o dia seguinte aquillo que possas fazer hoje.

— Então, papàsinho, responde o menino, dá-me o resto dos bolos para que eu os acabe esta tarde.

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

Agua Castello

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907
Medalha de Prata — S. Luiz 1904

Agua Castello

Unicos exportadores **Assis & C.ª — LISBOA**
Endereço telegrafico: ***MOURAGUAS***
Codigo "Ribeiro"

Estas aguas perfeitamente limpidas transparentes, inodoras incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a pirose e a azia, o estado sabnrral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affeções calculozas da bexiga e vias urinarias; eficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: **atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e litinicas.** Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de ***MUITO PURA.***

(Antiga casa **DAVID CORAZZI**)

Premiada nas Exposições: *Portugueza do Rio de Janeiro, da Sociedade Giambattista Vico, de Napoles, Industrial Portugueza de 1884, 1888 e 1890, Palacio Crystal — Porto 1897, Universal de Paris de 1889 e 1900 e Nacional do Rio de Janeiro, 1909.*

CASA EDITORA DAS:

Bibliotheca do Povo
Bibliotheca Universal Antiga e Moderna
Bibliotheca Moderna
Bibliotheca Horas Romanticas
Bibliotheca de Educação e Ensino
Biographias de Homens Celebres
Diccionarios do Povo
Diccionario de Geographia Universal
O Ideal Moderno
Obras completas de Julio Verne
Obras de Blasco Ibañez

Livros dos melhores auctores portuguezes e estrangeiros

Grande edição illustrada por Roque Gameiro do encantador romance de Julio Diniz

"AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR"

Volumes encadernados em carneira e percalina.
Assignatura permanente a fasciculos.

As primeiras officinas de Portugal

Typographia, Lithographia e Encadernação

movidas pela electricidade

Execução de todos os trabalhos, desde o mais economico ao de maior luxo.

Execução perfeita e rapida

50, Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA — **PORTUGAL**

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — BELLO HORIZONTE

2.ª SERIE Fevereiro 1910 N.º 4

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

RATINHO — O' sr. Kágado, sirva-me de peanha, para o Gafanhoto me attender!

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro

DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres

da officina Photomecanica de **Thomaz Bordallo Pinheiro** — LISBOA

O regador e os seus amigos

Era uma vez um regador, levava uma vida muito triste, pois não tinha ninguem com quem fallar; de maneira que ficou bem contente quando um bello dia encontrou dois amigos, uma rã e um lindo lagarto.

Fez todo o possivel para agradar a ambos, e de tal forma sympathisaram, que os amigos vinham muitas vezes cavaquear com o regador.

No emtanto, havia uma pequena difficuldade, porque o lagarto gostava de sol e calor, e não consentia que o regador entornasse nem uma gotinha de agua, ao passo que a rã apreciava a humidade, e pedia ao regador que nunca deixasse de pingar.

«Bom dia», disse uma vez o lagarto, quando estava a aquecer-se ao sol. «Está um dia creador! Isto é que me convém. Espero, amigo regador, que não te lembres de deitar mais agua n'esta relva. Detesto passear na herva humida».

«Para fallar com franqueza», respondeu o regador, «eu tenho um amigo que aprecia a agua em demasia.»

«Eis a razão por que ha tantos sapos por ahi», disse o lagarto, sacudindo um mosquito que tinha pousado na relva. «É bom teres sempre a relva bem seca para mim, meu caro amigo».

«Podes ficar certo que farei todo o possivel para te tornar a relva bem confortavel», replicou o regador, pensando não sem uma certa inquietação na sua amiga rã.

Depois d'esta explicação, o lagarto voltou todos os dias, fallava com o regador o seu bocado, e tornava esconder-se no seu buraquinho situado entre duas pedras.

Passados tres dias appareceu a rã muito magra e triste; vinha muito cansada e apoquentada.

«Meu querido amigo», disse para o regador, «vê se nos dás um chuveiro. Eu estou tão sequiosa, e a minha pelle está tão seca!

Com certeza que morro se este tempo assim continua! Como tudo está árido! Podias ao menos ter esta relva sempre molhada para mim».

«Para te dizer a verdade, tenho um amigo que não gosta de cousas molhadas,» disse o

regador, julgando que o lagarto estava longe e não ouviria, «mas farei todo o possivel para te ser agradavel».

E deitou um tal chuveiro que a propria rã pensou que seria melhor abrigar-se debaixo do seu chapeu de chuva. Se a vissem, tomavam-n'a decerto por um cogumello.

E como ella gosava o bello chuveiro! Todo o corpo lhe brilhava debaixo d'agua, que a boca ia engulindo, e assim tornava-se roliça e polida outra vez. Apanhou uma lesma e um vermesinho, e preparava-se para os comer, quando se ouviu uma voz muito zangada gritando:

«Quanto tempo continuará essa chuva infernal?» Era o lagarto.

«Estou aqui fechado sem consa alguma que comer, nem viv'alma com quem fallar!»

«A questão é que me é impossivel agradar a ambos ao mesmo tempo», disse o pobre regador, «tenho que voltar outra vez á minha triste vida solitaria.»

«Tal não será» gritou um pequeno cogumelo que, todo fresco na relva seca, assistia á scena, «sei uma maneira de resolver a questão. No pantano aqui proximo faz-se um buraco fundo onde a rã pode viver, e para o lagarto deixa-se a relva seca para elle se aquecer ao sol.»

«Um plano esplendido», declararam os amigos a um tempo.

O regador tratou de encher o buraco com agua bem fresquinha, e a rã mergulhou logo. O lagarto ficou igualmente muito satisfeito estendido na relva seca.

Assim todos tres passaram o resto dos seus dias, vivendo juntos e sem discordias.

Á beira-mar

I

O que a Gaivota contou ácerca das marés

A Mimi, coitada! via-se alli ao desamparo, e ao mesmo tempo muito moida. Havia quasi duas horas que a Maman a tinha assentado em cima da areia tepida, e abalára com o camaroeiro para pescar em cima das pedras. E a Mimi já principiava a ter medo que se tivessem esquecido d'ella.

Abaixo dos seus pés brincavam e sussuravam brandamente as ondulações, sem que a Mimi podesse entender o que ellas diziam. Quem lhe dera voltar para casa, para o seu conchego, onde estavam á espera d'ella a Lili, mais a Néné, mais todas as outras companheiras.

A pobresinha olhava com tristeza para o seu *canotier,* que longe d'ella saltitava alegremente pela praia todas as vezes que uma aragemzinha desatava a correr atraz d'elle.

«Para me deixar aqui sósinha, melhor era que a minha Maman não me tivesse trazido a ares para esta praia», resmungava de si para comsigo.

Ora em casos d'estes a maior parte da pequenada não se contentaria com resmungar; isso sim! desatava logo a chorar, com certeza. Mas a Mimi era já conhecida entre as pessoas das suas relações pela serenidade com que encarava tudo, alegrias ou desgostos. Não constava de divertimentos ou vestidos novos que a tivessem excitado, e a respeito de lagrimas, não as tinha para derramar.

Podera! se ella não passava de uma boneca de pau!

Estava ella pois muito quieta a contemplar o mar, e quem lhe havia de apparecer senão uma gaivota muito grande? Primeiro estacou a respeitosa distancia, mas como visse que a Mimi não mechia uma palpebra sequer, tomou animo, e approximou-se, até que afinal se atreveu a perguntar:

«Que está a menina a fazer aqui sósinha?»

«Foi a Maman que me deixou aqui, emquanto se ia divertir», respondeu a Mimi.

«Realmente, é de um desmazelo! Deixar aqui sósinha uma creança tão linda como a menina!» disse a velha gaivota com ares maternaes.

No entretanto, tinham-se acercado varias aves mais novinhas, as quaes relanceavam olhares admirados ás faces rosadas, aos labios rubicundos, e aos cabellos negros e corredios da gentil senhorita de madeira.

«Como se chama?» perguntou a

gaivota velha, a quem as outras, ao que Mimi percebeu depois, davam o respeitoso nome de Vóvó.

«Mimi», replicou a boneca.

«Pois, menina Mimi, se a sua Maman não se apressa a vir buscal-a, quem vem ter com a menina é a maré.»

«A maré? Que vem a ser isso de maré?» perguntou a Mimi, que era pouco sabida n'estas cousas.

«Ora essa! É o mar, que vem ahi não tarda nada e varre a menina d'ahi para fóra», exclamaram em côro todas as gaivotinhas.

«Não! lá isso é que não é exacto!» corrigiu a Vóvó. «A maré não é tal o mar; a maré é como quem diz o subir e o descer do mar.»

«Deixal-o! Eu cá não tenho medo do mar», redarguiu a Mimi; «aqui acima não chega elle com certeza.»

A Vóvó encolheu os emplumados hombros, e disse:

«Não é de boa educação contradizer as pessoas mais velhas, menina. O que é certo é que a maré ha de aqui chegar, quer creia quer não.»

«Mas então, o que é que faz a maré?» perguntou a Mimi, ainda muito duvidosa.

«Isso é um bocadinho difficil de explicar», replicou a velha gaivota pensativa.

«Ó Vóvó, veja lá se explica!» clamaram muitas das gaivotinhas. «Estamos mortas por saber o que é isso de marés. Mesmo que ella não acredite o que a Vóvó disser, acreditamos nós.»

«Pois vá lá!» começou a velhota, dirigindo-se especialmente á Mimi, por ser pessoa de mais consideração. «A menina ha de ter já visto a lua, está claro?»

«Um rôr de luas!» respondeu com orgulho a Mimi. «Até ha uma que ás vezes nos entra pela janella do quarto.»

As gaivotas pequenas deram umas risadinhas de troça, mas a Vóvó disse:

«É sempre uma só e mesma lua que se vê, menina!»

E proseguiu:

«Pois, que eu saiba, quem faz as marés é a lua. Deve saber que a lua passa a vida inteira a viajar á roda da terra, e emquanto ella anda

n'esta dobadoira, a terra anda tambem pela sua parte n'um corropio muitissimo rapido, exactamente como aquelle brinquedo dos meninos, que se chama pião. Ora, durante essa jornada da lua, que dura um mez pouco mais ou menos, ella passa umas vezes por cima de terra enxuta, outras por cima do mar. Ás terras não dá ella um grande apreço, mas em vendo os vastos oceanos ou os mares azulados, faz-lhes sinalefas, dizendo:

«— Vem cá dar-me um beijo, ó lindo mar!

«Vae d'ahi o mar, que demais a mais presente a lua quando ella está mais longe e é invisivel para nós, enleva-se toda n'aquella formosura e n'aquelle esplendor da lua, e levanta-se n'um impeto para ir ter com a encantadora dama. Mas a lua, que é muita travessa, grita assim:

«— Vê lá se és capaz de me agarrar!

«E desatando ás gargalhadas, segue na sua carreira, emquanto o mar, que trepou pelas areias e pelas arribas, fica muito desconsolado e recua outra vez.»

«Então, quando elle se levanta é que é preamar, e quando elle se afasta é que é baixamar, não é assim, Vóvó?» perguntou uma gaivotinha mais espertalhona.

«Isso mesmo», redarguiu a Vóvó. «Mas isto que eu lhes disse é uma explicação muito simples; ha muita cousa mais a saber a respeito de marés, mas a minha sciencia é que não vae mais além. Dizem, por exemplo, que o sol dá ás vezes uma ajuda á lua, e que tambem puxa o seu bocado pelo mar. E vae o mar fica tão alvoroçado, e levanta-se com tanta força, que temos então umas marés muito altas, que se chamam *marés de aguas vivas*. Aqui teem tudo quanto lhes posso dizer a tal respeito.»

«Mas, ó Vóvó, dar-se-ha caso que a másinha da lua esteja constantemente a fazer a mesma travessura?» perguntaram alguns dos ouvintes.

«Com certeza. Não se passa dia nem hora, que alguma parte do Oceano não obedeça ás suas sinalefas.»

«Se a lua é tão velha, mais velha ainda que a Vóvó, admira-me que ella continue sempre n'essa teima», disse a tal gaivotinha espertalhona.

«Sim, e que o mar ainda caia em fazer caso d'ella», chilrearam as outras.

«Ora! ella é tão linda, que o mar não lhe pode resistir!» disse a Vóvó rindo muito.

Durante este dialogo, a maré tinha subido, subido, e grande foi o terror e a surpreza da Mimi quando sentiu uma ondasinha a lamber-lhe a ponta do pé.

«Valha-me Deus!» gritou ella, «lá vem a maré!»

«Ah! ah!» chasquearam todas as gaivotinhas, «então agora já acredita na Vóvó?»

«Quem me acode?» clamou de novo a Mimi, d'esta feita muito alvoroçada, «vou ficar afogada!

«Lá isso vae, vae!» atalharam as gaivotinhas.

E o certo é que as ondasinhas, cobrando animo á proporção que chegavam, não tardaram a beijar-lhe a orla do vestido. As gaivotinhas cantavam com maldade:

«Um, dois, tres, lá vae agora!»

E a Mimi sentia-se brandamente levantada, já a fluctuar na agua.

«Basta de ralações, meninas! a estas horas, já ella apanhou uma lição mestra!» exclamou a Vóvó.

Deitou a voar em socorro da Mimi, agarrou-a com o possante bico e transportou-a para sitio seguro.

«Muito agradecida, querida Vóvó, muito agradecida! Nunca mais ponho em duvida o que me disser!» bradou ella, lançando-lhe á roda do pescoço os braços de pau, um pouco desconjuntados pela acção da agua.

«Ora ainda bem, menina! Enxugue as lagrimas, e fique ahi encostada a esse penhasco,» disse meigamente a Vóvó, desembaraçando-se o mais depressa possivel, por sim por não, d'aquelle abraço que a assustava.

Depois de lhe prometter que a visitaria no dia seguinte, disse-lhe adeus, e largou o vôo para o seu ninho em cima dos rochedos, seguida por todas as gaivotinhas. Estas iam a discutir pelo caminho se as lagrimas da boneca eram lagri-

mas de veras, ou apenas gotas do Oceano.

A Vóvó, como apellassem para a sua decisão, respondeu-lhes:

«Eu o que sei é que ellas são salgadas; mas isso afinal não prova nada.»

O horario de Rosinha

A Rosinha levanta-se ás oito horas,
E vae logo p'r'a mestra sem demoras.

P'r'o chá das cinco, com bolachas secas,
Faz convite aos bichanos e ás bonecas.

Em batendo meio dia, muito ancha
Com as suas lições, Rosinha lancha.

A's seis, em ponto, toca ás brincadeiras,
Fazer casas, e mezas, e cadeiras.

Chegam as oito; dospo-se a Rosinha,
Que o João Pestana já pede a caminha.

E toda a noite, as palpebras fechadas,
Ella passeia no paiz das fadas.

O rabequista magico

Pedro era um rapaz simples e alegre, que vivia n'uma aldeia na linda Ilha da Sicilia. Os paes tinham morrido quando elle era pequeno, e na edade de quatorze annos partiu da terra em cata da fortuna.

Estava ha tres annos a servir, quando pediu ao patrão que lhe pagasse, mas o homemsinho era muito sovina; só lhe deu uma moeda que equivalia a um tostão. O pequeno Pedro no entanto, sempre alegre, não se preoccupou muito com isso.

Na estrada encontrou um pobre, que lhe disse:

«Meu filho, estou com fome. Dá-me alguma cousa para comprar pão.»

«Tome lá o meu ordenado,» disse Pedro, «servirei mais tres annos.»

«E's tão bom como simples,» disse o pobresinho, e emquanto fallava, transformou-se n'um anjo.

«Exprime tres desejos que todos tres alcançarás.»

«Bem,» disse Pedro,» dá-me uma rabeca que faça dançar toda a gen-

te, e uma espingarda que sempre acerte, e o dom da palavra, para que ninguem me possa recusar cousa alguma.»

O anjo satisfez a Pedro os seus desejos e desappareceu.

Pedro voltou para a herdade. No caminho viu um passaro a voar, apontou a espingarda para experimentar a arma magica. O passaro caiu, mas antes que elle o podesse apanhar, o patrão correu e agarrou-o.

«Bem,» disse Pedro, «ficarás com elle se dançares um bocado.»

Tocou na rabeca e logo o outro saltou como um doido.

«Pára, Pedro!» gritava o homemsinho esfalfado, «reconheço que andei mal; mas pára, e dou-te já um cento de libras.»

Pedro recebeu o dinheiro, mas assim que elle voltou costas, o patrão foi denuncial-o á justiça, chamando-lhe ladrão. N'esse tempo, os ladrões na Sicilia tinham castigos terriveis. Pedro foi logo preso, julgado e condemnado á forca.

Mas na occasião em que o carrasco lhe estava pondo a corda á roda do pescoço, pediu ao juiz que o deixasse tocar uma musica na rabeca.

«Não lhe deem a rabeca», gritou o patrão.

Mas Pedro tinha o dom da palavra, e ninguem lhe podia recusar cousa alguma.

O juiz deu-lhe a rabeca, e assim que Pedro começou a tocar, juiz, carrasco, e espectadores desataram a dançar por tal forma que tudo tremia. Tocou até que os viu a cair de fadiga, tocou até as solas lhes cairem das botas, e continuava sempre a tocar. O juiz por fim prometteu dar-lhe liberdade, contanto que elle acabasse de tocar. Pedro desceu então do cadafalso, pegou na espingarda, no violino e nas cem libras, e voltou para a sua aldeia, e como tinha o dom da palavra, a mais linda rapariga da terra enamorou-se d'elle. Casaram, e alli viveram sempre muito felizes.

JOSÉ BASTOS & C.ª — Antiga Casa Bertrand

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Bibliotheca dos Classicos Portuguezes.
Bibliotheca Bertrand.
Bibliotheca de Educação Nova.
Bibliotheca Util.
Encyclopedia de Applicações Usuaes.
Encyclopedia Popular de Sciencias e Letras.
Encyclopedia Universal Illustrada.

A lição de dansa

Lili mais Pedrito,
Co'as lições de dansa,
De continuo aturdem
Toda a visinhança.

As bonecas pulam
Na polka e na valsa,
E o Bébé dá gritos
Quando as pernas alça.

Morrem por galopes
Os bonecos sonsos;
Chocam-se as cabeças,
Gemem os engonços.

Mas quem faz mais bulha,
Sem maior fadiga,
E' o escocez valente
Quando salta a giga.

O JOGO DAS ESCONDIDAS

Como se tornam eguaes duas figuras equivalentes

Pelo exercicio geometrico que lhes vamos apresentar, perceberão facilmente a differença que existe entre duas figuras equivalentes, isto é, que teem a mesma superficie, e duas figuras eguaes, isto é, que se podem sobrepôr perfeitamente uma á outra.

Peguem em duas folhas de papel rectangulares e eguaes entre si. Dobrem-n'as em tres partes eguaes, sendo as dobras de uma parallelas ao lado mais pequeno, e as da outra parallelas ao lado maior.

Feito isto, cortem as folhas pelas pregas DC e AB. Cada um dos pedaços que ficam separados, N e M, será egual ao terço de cada uma das folhas primitivas. Por conseguinte, o que resta são dois pedaços da mesma superficie, por equivalerem a dois terços da superficie total, mas que não são eguaes na fórma.

Ora, não ha nada mais facil do que tornal-os eguaes.

Dobrem outra vez em tres partes eguaes o segundo pedaço, d'onde cortaram o pedaço M, mas d'esta vez façam pregas parallelas aos lados menores, e cortem depois com uma tesoura pela linha quebrada LK, KJ, JI. Ficarão com dois outros pedaços, um d'elles composto dos rectangulos 4, 5 e 6 e o outro dos rectangulos 1, 2 e 3. Basta depois pegar em cada um d'elles n'uma das mãos, e pôl-os defronte um do outro, como se vê no nosso desenho, por forma que os rectangulos 4, 1 e 2 fiquem na mesma linha horisontal, assim como os rectangulos 5, 6 e 3. A figura assim obtida resolverá o problema, e poderá sobrepôr-se exactamente á outra.

Almanach-Editora

PARA 1910

Musical, Literario e Artistico

Collaboração escolhida — Finas gravuras
Esplendidos numeros de musica

Brochado 600 réis — 700 réis cartonado

Preço moeda portugueza

"A EDITORA"

Conde Barão, 50

LISBOA-PORTUGAL

O GAFANHOTO

Primeira serie:

4 lindos albuns profuzamente illustrados com estampas a preto e a côres e com magnificas capas de fantazia.

Livraria Francisco Alves & C.ª
Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro

OFFICINA PHOTOMECANICA DE
THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

PHOTOGRAVURA - ZINCOGRAPHIA - TRICHROMIA
GRAVURA PARA ENCADERNAÇÃO

ESCRIPTORIO
CALÇADA DO FERREGIAL 6 1º
LISBOA

OFFICINAS
RUA JOÃO DE LEMOS-SANTO AMARO
LISBOA - PORTUGAL

O cossaco bisbilhoteiro

Bisbilhoteiro é o cossaco,
Mais curioso que o macaco.

Por isso dá sempre o cavaco

Por ver por dentro um corpo opaco.

Em apanhando um homem fraco
Com seu kodak sob o sovaco,

C' o facalhão faz-lhe um buraco
P'ra vêr o que ha sob o casaco.

O concurso da Lili

«Venham sentar-sé ao pé de mim», disse a Lili ao Pedrito, ao Bébé e ás bonecas. «Vamos ler juntos o *Gafanhoto,* e aquelle que mais depressa decorar uns lindos versos que aqui veem, apanha metade da minha caixinha de bonbons.»

Isto dizia a Lili, para evitar que o Pedrito mais o Bébé andassem ás correrias pela casa e augmentassem as dores de cabeça de que se queixava a Maman.

«Vamos lá a vêr isso», acudiu o Pedrito com os olhos a luzirem de gulodice.

E de feito, estiveram quietos todo o dia, e a Maman accreseentou com dois beijos de reconhecimento a dóse com que á noite costumava despedir-se da Lili.

Na manhã seguinte, como era dia santo, não foram ao collegio. E a Lili convocou a todos para o concurso que na véspera tinha determinado. Sentou-se gravemente, a fazer de mestra, com uma ardosia na mão para marcar os erros, e começou pelo Bébé. Mas o Bébé desatou a rir, sem responder uma palavra.

«Então, não decoraste os versos, Bébé?», perguntou a mana mais velha.

«Eu, não, Lili, não *decori*», respondeu o Bébé na sua lingua de trapos.

«Bravo, Bébé!», disse a Lili sorrindo. «Não decoraste os versos, mas fizeste agora um.»

E n'isto, o Bébé sahiu pela porta fóra, gralhando muito contente:

«*Fazi* um verso! *Fazi* um verso!»

As bonecas conservaram-se mudas ao interrogatorio, mas o Pedrito é que campou, dando conta dos

versos, com engano apenas em duas ou tres palavras.

«Tens direito aos bonbons, Pedrito!» disse a Lili com solemnidade. «Vamos lá buscal-os!»

Mas, quando chegaram á gaveta onde estavam guardados, tiveram um grande desapontamento. Dos bonbons só restava o logar.

«Quem os roubaria?» perguntavam elles.

Não foi preciso uma pesquiza minuciosa. Não tardou que dessem de cara com o Bébé, muito enlambuzado, mettendo pela boeca o conteúdo da caixa.

Ralharam-lhe. Mas o Bébé, muito digno, conscio da justiça que lhe assistia por ter sido auctor onde os outros eram simples recitadores, não fazia senão repetir, levantando as mãositas em que segurava a caixa vasia:

«*Fazi* um verso! *Fazi* um verso!»

HISTORIA UNIVERSAL POR G. ONCKEN

A primeira historia universal dos tempos modernos, pelo desenvolvimento com que são tratados os diversos periodos da vida da humanidade e pela auctoridade scientifica dos nomes que subscrevem cada um dos volumes de que ella se compõe.

Traduzida em portuguez por um grupo de professores e homens de lettras sob a direcção de

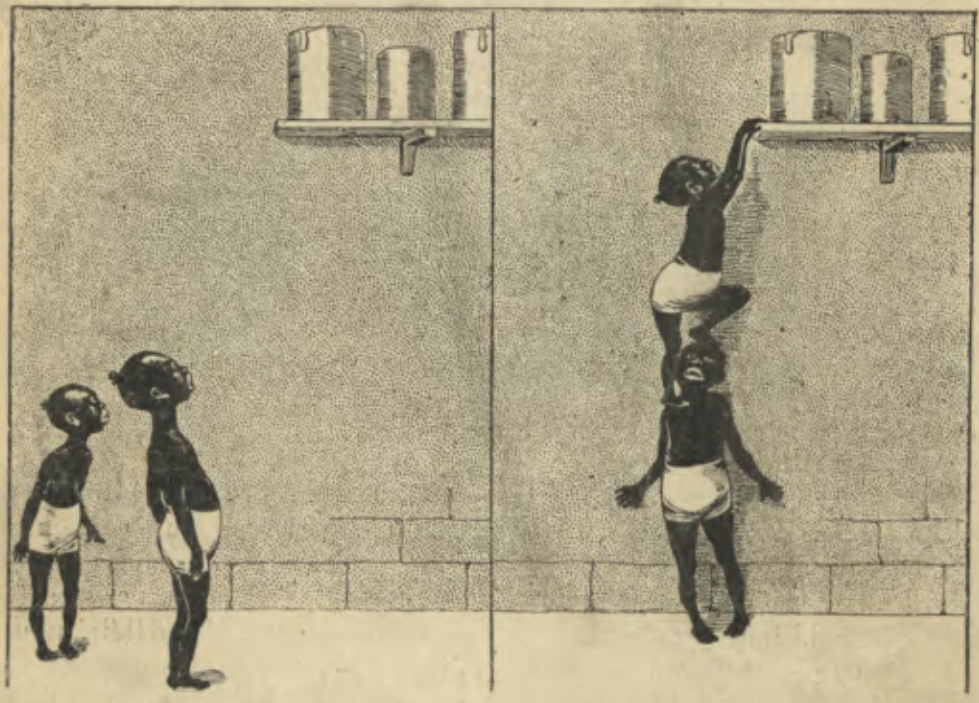
Z. CONSIGLIERI PEDROSO

Director do Curso Superior de Lettras, professor de historia, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, Presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa

A ***Historia Universal do ONCKEN*** publica-se em fasciculos semanaes de formato grande de 32 paginas em edição de luxo, bom papel, magnificas photo-gravuras e explendidos chromos. Cada fasciculo de ***32 paginas 100 réis.*** Cada tomo de ***160 paginas 500 réis.***

Pedidos a JOSÉ BASTOS & C.ª — (Antiga Casa Bertrand)
73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

Os ladrõesinhos pretos



Que lindos boiões de doce
N'essa prateleira estão!
Debaixo ninguem lhes chega,
Que ficam longe do chão.

Ai, quem me dera apanhar
Ao menos um só boião!
Olha! serve tu de escada,
Que já lhes chego co'a mão.

Albuns para crianças

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo, por Mademoiselle H. S. Brès: album illustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart... ..... 3$000

Minha Historia Sagrada, traducção do dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in-4 francez, ilustrado de numerozas belissimas gravuras e cromos..... 3$000

PREÇOS MOEDA BRAZILEIRA

Livraria Francisco Alves & C.ª — Rua do Ouvidor, 166

RIO DE JANEIRO

Peixes vermelhos

— Ó mano Chico, repara que lindos peixes encarnados que estão aqui no aquario!

— Ora adeus! tenho-os já visto mais bonitos!

— Deveras? E d'onde é que veem, os peixes vermelhos?

— Essa agora! Sempre tens cada pergunta! Não ha ninguem que não saiba que veem do Mar Vermelho!

Os ladrõesinhos pretos *(Continuação)*

Ai! Jesus! a prateleira
Que já cede ao meu puxão!
Vê se me agarras depressa,
Que vou dar um trambulhão.

Ah! patifes de moleques!
Já negros, negros não são,
A calda que me roubaram
Servin-lhes de caiação.

Biblioteca dos Jovens Brazileiros

Volumes illustrados e impressos em Paris

Meu Livro de Majicas. — Um livro ricamente encadernado..... ..... 3$000

E' um belo presente ás crianças — **Meu Livro de Majicas,** porque não só diverte como instrue.

Nas nove partes em que está dividido, **Meu Livro de Majicas** atrae a atenção das crianças para certos fenomenos que, sendo muito comuns, lhes escapam entretanto. Na 2.ª parte o calculo mental é muito bem explorado e grandes vantajens advêm á memoria pelas muitas operações e raciocinios a que obriga.

Na 4.ª parte cabe a vez do dezenho geometrico, que, aplicando a atenção dos *pequenos majicos*, lhes dezenvolve a intelijencia, ao passo que nas outras diversas partes do livro, as interessantes e facilimas *sortes* lhes prendem e põem em jogo a imajinação. Está bom para premios ás crianças o — **Meu Livro de Majicas.**

Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in-8 pequeno, copiozamente illustrado ..... 3$000

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in-8 pequeno, copiozamente ilustrado .... 3$000

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris ..... 3$000

Preços moeda brazileira

Livraria Francisco Alves & C.ª — Rua do Ouvidor 166 — RIO DE JANEIRO

Ramiro Leão & C.ª

LISBOA

SALÃO DE NOVIDADES

Esta secção encontra-se completamente sortida com todos os artigos proprios da especialidade, ou sejam: **Artigos para brindes, Objectos para escriptorio, Marroquineria, Artigos de Sport, Objectos para toilette e para barba, Bonecos e brinquedos, Nickeis e crystaes. Objectos de ménage. Porcelanas e faianças. Molduras para retratos, Chapeus inglezes para a cabeça, guarda-chuvas, bengalas e sombrinhas, Luvas e leques, Artigos de viagem** e muitas outras variedades que é impossivel innumerar. Especialmente pedimos uma visita para esta nova secção, cujos artigos são verdadeiramente empolgantes quer pela novidade quer pelos preços, que fazem uma grande differença do vulgar no sentido de barateza e economia.

Uma infinidade de bonecas em todas as qualidades, typos e tamanhos.

Lindissima collecção de bonecas finas, rosto de porcellana, inteiramente articuladas, productos de *Jumeau*, o inimitavel fabricante francez.

Novidade opportuna — Uma collecção originalissima de bonecas, trajando á maneira dos esquimós, os grandes collaboradores da recente e sensacional descoberta do Polo Norte.

Milhares e milhares de brinquedos em todos os generos. Coisas as mais diversas e curiosas, d'uma graça e engenho pasmosos, proprios para fazerem o enlevo e delirio de todas as creanças. Preços baratissimos.

BIJOUTERIAS

oda a casta de bijouteria fina, a preços baratissimos, como: collares, cadeias para relogio, cordões para leques e lorgnons, chatelaines, broches, medalhas, alfinetes, pregos de chapéu, etc., etc.

BRINDES uteis e lindissimos em todas as compras superiores a **1$000 réis**, tendo tanto maior valor o brinde quanto maior fôr a importancia da compra. Estes brindes são dados sómente nas compras effectuadas no nosso **Salão de Novidades e Utilidades.**

Cabeça de velho que se transforma em creança

Estão deveras admirados, não é verdade, meus leitores? Como pode um velho n'um instante transformar-se n'uma creança? Pois não vêem que a coisa não é tão difficil como parece, e que basta uma pequena operação para se conseguir esse phenomeno?

Recorta-se a estampa do jornal, dobra-se depois a linha que está marcada com a lettra *A*, para fóra, e a linha *B* para dentro, fazendo assim uma prega. Dobra-se depois a linha *C* tambem para fóra e sobrepõe-se na linha *D*.

Volta-se o papel ao contrario, e ahi teem a creança em logar do velho.

ELEMENTOS DE HISTORIA DE ARTE

ESTYLOS DECORATIVOS

Interessante e artistica publicação sobre todas as obras d'arte antiga e moderna

Profusamente illustrados os 4 volumes que compõem esta obra — Arte Antiga — Arte Medieval — Arte na Renascença — Arte Moderna.

Por **J. Ribeiro Christino da Silva**

Professor de Desenho das Escolas Industriaes

«A rendição de Brêda». — Obra prima de Velasquez

Museu do Prado (Madrid).

Á VENDA NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

Na Bibliotheca de Instrucção Profissional

Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

Obras de Alexandre Herculano

POESIAS — ROMANCES — HISTORIA — OPUSCULOS

JOSÉ BASTOS & C.ª — Antiga Casa Bertrand

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

Agua Castello

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907
Medalha de Prata — S. Luiz 1904

Agua Castello

Unicos exportadores **Assis & C.ª — LISBOA**
Endereço telegrafico: ***MOURAGUAS***
Codigo "Ribeiro"

Estas aguas perfeitamente limpidas transparentes, inodoras incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affeções calculozas da bexiga e vias urinarias; eficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: **atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, aitradas e litticas.** Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de ***MUITO PURA.***

(Antiga casa **DAVID CORAZZI**)

Premiada nas Exposições Portugueza do Rio de Janeiro, da Sociedade Giambattista Vico, de Napoles, Industrial Portugueza de 1884, 1888 e 1890, Palacio Crystal—Porto 1897, Universal de Paris de 1889 e 1900 e Nacional do Rio de Janeiro, 1909.

CASA EDITORA DAS:

Bibliotheca do Povo
Bibliotheca Universal Antiga e Moderna
Bibliotheca Moderna
Bibliotheca Horas Romanticas
Bibliotheca de Educação e Ensino
Biographias de Homens Celebres
Diccionarios do Povo
Diccionario de Geographia Universal
O Ideal Moderno
Obras completas de Julio Verne
Obras de Blasco Ibañez

Livros dos melhores auctores portuguezes e estrangeiros

Grande edição illustrada por Roque Gameiro do encantador romance de Julio Diniz

"AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR"

Volumes encadernados em carneira e percalina.
Assignatura permanente a fasciculos.

As primeiras officinas de Portugal

Typographia, Lithographia e Encadernação

movidas pela electricidade

Execução de todos os trabalhos, desde o mais economico ao de maior luxo.

Execução perfeita e rapida

50, Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA — **PORTUGAL**

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — BELLO HORIZONTE

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

IMPRESSO E COMPOSTO N'«A EDITORA»
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios } Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro,

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª
Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro
DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'**A Editora** — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres
da officina Photomecanica de **Thomaz Bordallo Pinheiro** — LISBOA

A raposa e o cavallo fiel

Um camponez possuia um cavallo que tinha sido um excellente e fiel servidor, mas que estava já muito velho para o trabalho; de maneira que o dono já não lhe dava nada de comer, e disse, um dia:

«Não serves agora para nada, escuso de te dar abrigo na minha cavallariça. Não voltarás para aqui senão quando estiveres mais forte que um leão.»

Abriu a porta, e deixou o pobre cavallo na rua.

O animal estava muito triste, andando para traz e para diante á procura de qualquer abrigo que o protegesse do vento e da chuva, quando encontrou uma raposa.

«Que te aconteceu, amigo?» inquiriu ella. «Porque estás tão curvado e pareces tão triste e só?»

«Ah!» replicou o cavallo, «o meu dono esqueceu tudo que lhe fiz durante tantos annos, e agora que não posso mais trabalhar poz-me fóra, e disse que só quando eu me tornasse tão forte como um leão, me receberia outra vez.»

Ao que a raposa, para o consolar, respondeu:

«Eu te ajudarei; deita-te no chão, estende-te bem, e finge que estás morto.»

O cavallo fez como ella dizia, e a raposa dirigiu-se ao leão que vivia n'um covil perto, e disse-lhe:

«Alli adeante está um cavallo morto. Vem commigo, e terás um bello petisco na sua carcassa.»

O leão, muito agradecido, saiu immediatamente; e quando chegaram perto do cavallo, a raposa disse:

«Aqui com certeza não poderás comer á vontade. Tenho uma ideia. Eu ato-te bem á cauda do cavallo, e assim poderás acarretal-o para a tua caverna, e alli comerás com todo o descanço e commodidade!»

O conselho agradou ao leão, que se deitou logo para a raposa o atar ao cavallo.

Mas a raposa conseguiu atar-lhe as pernas, e com tanta força as ligou uma á outra, que por mais que elle quizesse não se podia desprender. Depois d'este trabalho acabado, a raposa bateu no cachaço do cavallo e disse: «Upa arriba! Upa!»

O cavallo levantou-se, e atiran-

do-se para a frente com toda a força, arrastou o leão atraz de si.

O animal feroz começou a rugir tanto, que os passaros fugiam todos com medo; mas o cavallo deixava-o roncar, até que parou á porta do seu antigo dono.

«Aqui está, patrão,» disse para o camponez, «o que consegui fazer do leão.»

O homem compadeceu-se então do seu velho servo, e disse-lhe:

«Ficarás na tua cavallariça, e tomarei conta de ti emquanto viveres.»

BIBLIOTECA DOS JOVENS BRAZILEIROS

Volumes illustrados e impressos em Paris

Meu Livro de Majicas. — Um livro ricamente encadernado..... 3$000
E' um belo presente ás crianças — **Meu Livro de Majicas,** porque não só diverte como instrue.

Nas nove partes em que está dividido, **Meu Livro de Majicas** atrae a atenção das crianças para certos fenomenos que, sendo muito comuns, lhes escapam entretanto. Na 2.ª parte o calculo mental é muito bem explorado e grandes vantajens advêm á memoria pelas muitas operações e raciocinios a que obriga.

Na 4.ª parte cabe a vez do dezenho geometrico, que, aplicando a atenção dos *pequenos majicos*, lhes dezenvolve a intelijencia, ao passo que nas outras diversas partes do livro, as interessantes e facilimas *sortes* lhes prendem e põem em jogo a imajinação. Está bom para premios ás crianças o — **Meu Livro de Majicas.**

Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in-8 pequeno, copiozamente illustrado ..... 3$000

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in-8 pequeno, copiozamente ilustrado ..... 3$000

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris..... 3$000

Preços moeda brazileira

Livraria Francisco Alves & C.ª — Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

DE CABEÇA PARA BAIXO

Por desleixo do menino
Passo a vida a fazer pino.

Mas se abro a tampa com manha,
Hein! que susto que elle apanha!

Animaes feitos com caixas

Querem brinquedos menos dispendiosos, meus queridos leitoresinhos? Se forem juntando todas as caixas onde veem as mangas para os candieiros, conseguirão, só com algum trabalho e sem gastar dinheiro, ter em casa um jardim zoologico. N'esta pagina damos a amostra d'um cavallo e d'um porco, podendo fazer-se por este systema coelhos, bois, elephantes, raposas, etc.

Vamos explicar como estes se fazem para que os nossos leitores discorram depois ao fazer os outros.

Para o cavallo aproveita-se a caixa comprida, forra-se de panno e faz-se a cabeça á parte.

Desenha-se a metade da cabeça n'um bocado de panno, cortam-se duas partes eguaes, cosem-se juntas, enchendo-se depois com algodão em rama. Cortam-se dois triangulos pequenos do mesmo panno para formar as orelhas, que se cosem no seu logar. Fazem-se as pernas com uns pausitos que tenham o feitio das articulações e das patas, e forram-se com tiras de panno. Pregam-se as pernas, a cabeça e a cauda, que deve ser de panno desfiado, e fazem-se os olhos, bocca e nariz com lã ou seda preta.

Quando bordarem a boca, é preciso ter cuidado que não fique a sorrir, porque o sorriso na bocca d'um cavallo não é nada natural.

Enfeita-se depois com uma fita no pescoço e outra á roda do corpo.

O porco é feito com uma caixa mais curta, e a cabeça, que não tem tanto feitio como a do cavallo, pode ser feita de cartão fino.

Fazem-se as orelhas e o rabo, que devem ser de arame forrado de panno, para se poder dar a volta, e pregam-se. Os olhos e focinho fazem-se como os do cavallo, com lã preta, e as pernas devem ser muito curtas, tambem de pau forrado de panno.

Qualquer quadrupede pode ser feito com estas caixas, e verá o leitor que, se fôr habilidoso, o divertirá deveras a sua confecção.

O BOM LAPÃO

Lá na Laponia, terra fresca,
O bom Lapão vive da pesca.

E viveria alegre e franco,
Não fosse o demo do urso branco.

O urso branco é o demonio,
Sempre a espreitar o bom laponio.

Chega ao pé d'elle de revez,
Foge o laponio a sete pés.

À beira-mar, ai que afflicção!
Era uma vez um bom lapão.

Ao urso cresce logo a panca,
Fica um barrete por lembrança.

O esquilo e a coruja

É o esquilo um pequeno quadrupede muito vivo, da classe dos roedores, notavel por causa da cauda emplumada que, ao levantar-se, tem toda a apparencia de um pennacho.

Ora uma vez, contou um d'esses animaesinhos ao *Gafanhoto* uma historieta que dá bem a medida da sua esperteza.

«A falar a verdade», disse elle, «não sei porque chamam por ahi á coruja a mais astuta de todas as aves. Quer o amigo Gafanhoto saber o que me aconteceu com uma d'ellas?

«Era eu ainda muito novo e morava n'uma linda toca aberta no tronco de um carvalho velho. Recolhia uma vez ao lusco-fusco e ia a saltar para dentro da casa onde armazenava toda a minha provisão de bolotas, vae senão quando me apparece á entrada uma enorme coruja pardacenta.

«Medo não tive, mas fiquei um tanto sobresaltado.

«— Peço perdão, disse eu, que me prezo de bem educado, mas essa casa que a senhora occupa é minha, e muito minha.

«— Essa agora! replicou a Coruja. Como se eu não tivesse direito a qualquer casa que me apeteça aqui na matta!

«— Mas não seria melhor que lhe apetecesse outra e que deixasse essa para mim? perguntei.

«A Coruja desatou a rir.

«— Estás a sonhar, menino! disse ella com escarneo e ameaça.

«— Seja o que quizer! respondi eu, deitando a correr pela arvore abaixo com quanta pressa podia.

«Andei a catar pela matta e encontrei outra arvore com um buraco ainda maior que o primeiro. Enchi-o de todas as cascas de bolota que me appareceram, e voltei á Coruja.

«— Não sei se sabe, disse eu fingindo-me muito alegre, que me fez um grande favor em se apossar da minha casa!

«— Ora essa! porque?

«— Porque encontrei outra muito maior, com um montão de bolotas que é um encanto.

«— Deveras? exclamou a Coruja alvoraçada. Vamos lá ver isso!

«Corri adeante para lhe mostrar o caminho. Ella, apenas viu a minha toca nova, disse logo:

«— Ora aqui está a casa que me convem. A outra é quando basta para um insignificante bicho, como é um Esquilo! acrescentou com desprezo.

«Pois vá lá! repliquei. Não ha remedio senão conformar-me.

«Voltei logo de corrida para a minha rica toca, com medo que a Coruja mudasse de tenção. E aqui tem o amigo Gafanhoto como eu dei volta á espertalhona da Coruja, apesar d'ella me considerar um bicho insignificante!»

OS NOSSOS BRINQUEDOS
BIBLIOTHECA INFANTIL
Contribuição para o Folk-lore *brazileiro*
COLLECÇÃO ICKS
Serie B
1 volume cartonado e com immensas illustrações.

Pinheiro Chagas
Historia Alegre de Portugal
Resumo da historia de Portugal, dividida em serões. Obra instructiva e de leitura agradavel.
1 volume illustrado, br..... **300 réis**
1 » » encad. . **500 réis**
Preço em moeda forte
A EDITORA" *Largo do Conde Barão, 50*
Lisboa-Portugal

O Gafanhoto
PRIMEIRA SERIE:
4 lindos albuns
profusamente illustrados
com estampas a preto e a côres
e com
magnificas capas de fantazia
ADMINISTRAÇÃO
Calçada do Ferregial, 6
LISBOA

A festa dos balões

CONTO CHINEZ

Yang-Chih era um homem pobre, mas vivia tão feliz com a sua mulher e filhos, que não trocaria o seu logar com o do proprio Imperador.

Trabalhava no campo todo o dia, e á noite quando voltava para casa, a mulher tinha-lhe sempre prompto um bom caldo de arroz. E muitas vezes mesmo como surpreza esperava-o uma sopinha de favas ou algum saboroso acepipe de porco frito.

Uma manhã, estava elle no campo a trabalhar, a mulher mandou o filho, que se chamava Han Chung, recommendar ao pae que trouxesse para casa uma porção de lenha.

«Tenho que ir apanhal-a ao monte esta tarde», disse elle.

«Vae buscar a casa o meu machado, Han Chung.»

Han Chung foi a casa buscar o machado, e com elle veiu tambem a irmãsinha.

«Lembre-se que esta noite é a festa dos balões, pae,» disse a pequena. «Não fique a dormir lá no monte; nós esperamos pelo pae para os accender.»

Ella tinha um balão do feitio de peixe, pintado de encarnado, amarello e preto, e Han Chung tinha outro, grande, e redondo, todo encarnado, para levarem na procissão, e além d'isso, tinham ainda mais dois balões que se haviam de pendurar á porta da casa, assim que anoitecesse.

Vang Chih não era capaz de se esquecer de tal festa, pois os pequenos ha mais d'um mez que não fallavam n'outra cousa, e prometteu voltar para casa o mais cedo possivel.

Ao meio dia, quando os companheiros largaram o trabalho, e se sentaram a descançar e a comer, Vang Chih pegou no machado, e poz-se a caminho do monte, onde esperava encontrar qualquer arvore pequena que lhe servisse para fazer lenha.

Fartou-se de andar, até que por fim achou uma, á entrada d'uma caverna.

«Cá está o que me convêm,» disse comsigo.

Mas antes de dar a primeira machadada, espreitou para dentro da caverna a ver se estava lá alguem.

Muito surprehendido ficou, ao deparar com dois velhotes, de grandes barbas brancas, que estavam muito socegadamente sentados a jogar o xadrez.

Vang Chih sabia alguma cousa do jogo, e por isso deteve-se uns instantes a observar. «Assim que elles levantarem os olhos pergunto-lhes se posso cortar a arvore,» pensou comsigo.

Mas como elles não olhavam, Vang Chih que estava interessado pelo jogo, poz no chão o machado e esperou pachorrentamente.

Os dois velhos, sentados com as pernas cruzadas, continuavam a jogar.

N'um dos cantos do tabolciro do jogo estavam uns objectos que Van Chih julgou primeiro serem caroços de tamara; mas depois viu que elles mettiam na bocca os taes objectos e os comiam. Vang Chih fez outro tanto, e viu então que não eram caroços; eram uns bolinhos tão bons que elle nunca tinha provado cousa egual; e o mais extraordinario era que lhe tiravam a sede e a fome ao mesmo tempo.

Elle, que estava com tanta fome e sede, porque não tinha comido com os outros trabalhadores, achava-se agora muito confortado.

Ainda alli esteve mais algum tempo, e reparou então que as barbas dos velhos tinham crescido tanto, que varriam o chão, chegando até á porta da caverna.

«Espero que a minha barba nunca cresça tão depressa,» disse Vang Chih, e levantou-se pegando no machado.

Então um dos velhos fallou pela primeira vez.

«As nossas barbas não cresceram muito depressa. Ha quanto tempo estás tu aqui?»

«Ha talvez meia hora,» replicou Vang Chih.

Mas emquanto fallava o machado fez-se-lhe em pó entre os dedos, e o segundo velhote deu uma gargalhada, apontando para os bolos que estavam em cima da meza.

«Meia hora, ou meio seculo — quinhentos annos que seja — tudo é a mesma cousa para quem prova d'estes bolos. Vae para a tua terra e vê o que encontras desde que a deixaste.»

Vang Chih desceu do monte o mais depressa que poude e viu os campos onde elle trabalhava cheios de casas, e uma grande cidade onde era a sua aldeia. Em vão procurou a sua casa, a sua mulher e filhos. Por toda a parte só via caras descouhecidas; e quando á noite se realizou a festa dos balões, não lhe appareceu nenhuma Ho-Sin-Ro com o seu balãosinho em forma de peixe, nem nenhum Han-Chung com o seu balão encarnado.

Encontrou uma mulher muito velha, que lhe disse que, quando era uma rapariguinha nova, se lembrava de ouvir contar á avó a historia d'um rapaz que tinha sido levado ha muitos annos pelos Genios da Montanha n'um dia da festa dos balões, deixando a

HISTORIA UNIVERSAL POR G. ONCKEN

A primeira historia universal dos tempos modernos, pelo desenvolvimento com que são tratados os diversos periodos da vida da humanidade e pela auctoridade scientifica dos nomes que subscrevem cada um dos volumes de que ella se compõe.

Traduzida em portuguez por um grupo de professores e homens de lettras sob a direcção de

Z. CONSIGLIERI PEDROSO

Director do Curso Superior de Lettras, professor de historia, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, Presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa

A ***Historia Universal de ONCKEN*** publica-se em fasciculos semanaes de formato grande de 32 paginas em edição de luxo, bom papel, magnificas photo-gravuras e explendidos chromos. Cada fasciculo de ***32 paginas 100 réis.*** Cada tomo de ***160 paginas 500 réis.***

Pedidos a JOSÉ BASTOS & C.ª — (Antiga Casa Bertrand)
73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

mulher e os filhos em casa só com um pouco de arroz para se sustentarem.

«Se esperares aqui pela procissão, verás duas creanças que figuram de Han Chung e Ho-Sin-Ro, com a mãe atraz levando uma tigela vasia; isto faz-se todos os annos para lembrar

Primeiro disseram que não podiam fazer nada por elle, que se fosse embora, e não os incommodasse; mas Vang Chih não saiu d'alli; e elles viram que o melhor meio de se livrarem d'elle era dar-lhe algum bom conselho.

«Vae ter com a Lebre Branca da

ao povo a compaixão que se deve aos orphãos e ás viuvas.»

Vang Chih esperou pela procissão, e viu as tres figuras vestidas como os seus proprios filhos e a mulher. Mas só nos fatos se pareciam, e o pobre Vang Chih, muito triste, fugiu da cidade.

Dormiu no monte, e de manhã cedo encaminhou-se outra vez para a caverna, onde encontrou os dois velhos jogando o xadrez.

Lua e pede-lhe uma garrafa de elixir da vida. Se o beberes, viverás para sempre», disse um d'elles.

«Mas eu não quero viver para sempre», tornou Vang Chih. «Eu quero voltar para traz e viver no tempo em que a minha mulher e os meus filhos viveram.»

«Bem! Para isso tens de juntar ao elixir da vida alguma agua da boca do dragão do ceu.»

«E onde posso eu encontrar o dragão do ceu?» inquiriu Vang Chih.

«Está bem de ver que no ceu. Sempre tens cada pergunta! O dragão vive n'uma caverna nas nuvens. E quando sae d'ella, respira fogo e algumas vezes agua. Se elle estiver respirando fogo, queimas-te, mas se fôr agua, facilmente apanharás alguma para deitares na garrafa. Que mais queres?»

Vang Chih continuava parado á porta da caverna.

«Quero umas azas para voar e uma garrafa para deitar a agua», replicou com todo o atrevimento.

Deram-lhe a garrafa, e antes que elle tivesse tempo de dizer «obrigado», entrou pela caverna uma cegonha branca.

«A cegonha leva-te já onde tu queres», disse um dos velhos. «Vae-te e deixa-nos em paz.»

Vang Chih montou na cegonha e logo foi levado pelos ares, muito alto, muito alto, até que chegou á nuvem, onde era a caverna do dragão. E o dragão tinha cabeça de camello, chifres de veado, olhos de coelho, orelhas de vaca e garras de falcão.

Além d'isso, tinha bigodes e barba, e na barba brilhava uma linda perola.

Tudo isto mostrava bem que era um genuino, um verdadeiro dragão, e se alguma vez os meus amiguinhos encontrarem algum que não tenha todos estes indicios, fiquem sabendo que é fingido.

Vang Chih estava um pouco tremulo quando se aproximou da caverna, e se não fosse a ideia de tornar a ver a mulher e os filhinhos, não se lhe daria nada de voltar para traz.

A distancia, a caverna parecia-lhe

um buraco muito escuro, no meio de uma massa de lã branca e fôfa, como as nuvens que se veem no ceu n'um dia de primavera; mas quando chegou ao pé, viu que a nuvem era dura como uma rocha e coberta com uma especie de relva branca muito rija.

Sentou-se n'um monte de relva perto

da caverna, e pensou no que havia de fazer.

A primeira cousa era, está bem de ver, trazer o dragão para fóra, e depois fazel-o respirar agua em logar de fogo.

«Achei!» gritou por fim Vang Chih; e tantas vezes acenou com a cabeça que a cegonha estava até com medo que ella lhe caisse.

Fez então lume, e deitou fogo á relva, e de tal maneira pegou o incendio que á roda da entrada da caverna es-

tava tudo em chammas, e era tal o fumo que o dragão poz a cabeça de fóra para ver o que era aquillo.

«Oh! oh!» gritou o terrivel bicho, quando viu o que Vang Chih tinha

OBRAS
DE
Alexandre Herculano
POESIAS
ROMANCES
HISTORIA
OPUSCULOS
José Bastos & C.ª — Antiga Casa Bertrand
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OFFICINA
PHOTOMECANICA
DE
THOMAZ BORDALLO PINHEIRO
PHOTOGRAVURA - ZINCOGRAPHIA - TRICHROMIA
GRAVURA PARA ENCADERNAÇÃO
ESCRIPTORIO
CALÇADA DO FERREGIAL 6.1º
LISBOA
OFFICINAS
RUA JOÃO DE LEMOS-SANTO AMARO
LISBOA - PORTUGAL

feito, «depressa! deixa-me pôr cobro a isto!»

E respirou logo jorros de agua pelo

nariz e pela bocca. Mas não foi bastante para abrandar o fogo. Tornou a respirar duas vezes, e a agua correu com tal abundancia que Vang Chih, depois de encher a garrafa, fugiu em cima da cegonha com medo de morrer afogado.

A agua correu em rios pela nuvem até apagar a minima faisca, e da nuvem caia agua para o mar.

Felizmente, o mar ficava mesmo por baixo da caverna do dragão, senão alguma desgraça teria succedido. Juntou-se na praia muita gente que olhava para o mar e imaginava estar assistindo a alguma tempestade medonha.

Mas não era nada d'isso; era sómente o dragão do ceu apagando o fogo que tinha deitado Vang Chih.

No emtanto, Vang Chih ia a caminho da lua, e assim que lá chegou, foi logo direito á cabana onde vivia a Lebre, e bateu á porta.

A Lebre estava tratando de moer as drogas que serviam para fazer o elixir da vida; mas largou o seu trabalho, e abriu a porta, convidando Vang Chih a entrar.

Não era feia como o dragão; o pello era completamente branco, macio e brilhante, tinha olhos castanhos, e era muito amavel e gentil.

JOSÉ BASTOS & C.ª — Antiga Casa Bertrand

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Bibliotheca dos Classicos Portuguezes.
Bibliotheca Bertrand.
Bibliotheca de Educação Nova.
Bibliotheca Util.
Encyclopedia de Applicações Usuaes.
Encyclopedia Popular de Sciencias e Letras.
Encyclopedia Universal Illustrada.

A Lebre da Lua vive mil annos, como devem saber, e quando tem quinhentos annos, muda a côr do pello de castanho para branco, e torna-se (se é possivel) ainda mais bonita e gentil do que era antes.

Assim que ouviu explicar a Vang Chih o que elle desejava, abriu duas janellas, e disse-lhe que olhasse por ambas.

«Vae-me dizendo o que vês», disse a Lebre, voltando para a meza onde estavam as drogas.

«Vejo uma grande quantidade de casas e gente», disse Vang Chih «e as ruas. Olha! é a cidade onde eu estive hontem, aquella que está no lógar da minha aldeia.»

Vang Chih, cada vez mais espantado, via-se na lua e podia deitar uma pedra para uma rua d'uma cidade chineza.

«Como é que isto pode acontecer?» gritou admirado.

«Oh, isso é o meu segredo», replicou a sabia e velha Lebre. «Eu sei a maneira de fazer muitas outras cousas que te espantariam. Mas a questão é esta: tu queres voltar para alli outra vez?»

Vang Chih abanou a cabeça.

«Então fecha a janella. Essa é a janella do Presente. Agora olha pela outra, que é a janella do Passado.»

Vang Chih obedeceu, e pela janella viu a sua pequenina aldeia, e a sua mulher, com Han Chung e Ho Sin-Ro saltando á roda d'ella emquanto ella pendurava os balões de côr fóra da porta.

«O pae afinal não voltou a tempo de nos acender os balões», dizia Han Chung.

Vang Chih voltou-se e olhou anciosamente para a Lebre Branca.

«Deixa-me ir ter com elles», disse.

«Eu já arranjei a garrafa d'agua da bocca do dragão do ceu, e.. »

«Está bem», disse a Lebre. «Dá-m'a cá.»

Abriu a garrafa, e misturou a agua

com uns pingos de elixir da vida, o qual era claro como o crystal, tanto que as gotas brilhavam como diamantes.

«Agora, bebe isto», disse para Vang Chih, «e terás o poder de viver no passado como o desejas.»

Vang Chih levantou a mão e bebeu até á ultima gota.

Assim que acabou, a janella alargou muito e elle viu uns degraus que conduziam á aldeia.

Agradeceu á Lebre, e correu pela escada abaixo, até á sua casa, a tempo de segurar na vela que a mulher tinha na mão para acender os balões.

«Porque se demorou tanto, pae? Onde esteve todo este tempo?» perguntou Han Chung emquanto a pequenina Ho-Sin-Ro se admirava da maneira anciosa como elle as abraçava.

Mas Hang Chih até agora ainda

não lhes contou as suas aventuras; e quando anoiteceu de todo, e começou a festa dos balões, elle tomou parte na festa com o coração desafogado e alegre.

A historia dos gafanhotos

O Gafanhoto *apresenta hoje aos seus leitoresinhos um dos lindos contos que Viriato Corrêa e João do Rio, dois eminentes escriptores do Brazil, colligiram no livro intitulado* Era uma vez .. *E a bichos da sua raça que o conto se refere, e por isso mereceu especial interesse ao* Gafanhoto, *que recommenda egualmente todos os outros, cheios de graça e de encanto.*

Era um dia um Rei. Não ha rei sem manias, como não ha funcção mais exhaustiva que a de ser sempre obedecido, tendo sempre ás ordens um paiz inteiro. O rei Lotus reinava na Terra das Maravilhas, havia quatro lustros, e nesses vinte annos de maravilhosa vida só dois factos tinham ficado na sua memoria, cançada de assombros: — a morte da esposa e o nascimento da filha, a princeza Iris Branco, tão linda, tão bella, tão deliciosamente branca, que, quando passeava nos jardins reaes, parecia um raio de luar entre as rosas. Tudo mais era para esse Rei misantropo uma grande cacetada. Quando os seus ministros vinham visital-o com a pasta cheia de decretos a assignar, Lotus enrugava a sobrancelha, perguntando:

— Que ha?

— O paiz vive na adoração de Vossa Majestade.

— Nem sombra de opposição?

— Nem sombra!

— E chamam isso a Terra das Maravilhas!...

Entretanto, não havia reino mais fabulosamente rico. O palacio vivia num fausto nunca dantes imaginado. Todas as paredes eram de marmore, de marfim, de madreperola. Havia salas com o tecto de oiro, galerias de onix com portas de perola côr de rosa. O apartamento da princeza Iris Branco constava de sete salas servidas por uma galeria de crystal, jaspe e prata. Cada sala tinha uma das côres do arco-

iris — a sala vermelha de coral e rubis da Birmania, a sala azul de lapis lazulli, a sala amarella de topazios, a sala roxa de amethystas,

Ramiro Leão & C.ª

LISBOA

SALÃO DE NOVIDADES

Esta secção encontra-se completamente sortida com todos os artigos proprios da especialidade, ou sejam: **Artigos para brindes, Objectos para escriptorio, Marroquinería, Artigos de Sport, Objectos para toilette e para barba, Bonecos e brinquedos, Nickels e crystaes, Objectos de ménage, Porcelanas e faianças, Molduras para retratos, Chapeus inglezes para a cabeça, guarda-chuvas, bengalas e sombrinhas, Luvas e leques, Artigos de viagem** e muitas outras variedades que é impossivel innumerar. Especialmente pedimos uma visita para esta nova secção, cujos artigos são verdadeiramente empolgantes quer pela novidade quer pelos preços, que fazem uma grande differença do vulgar no sentido de barateza e economia.

Uma infinidade de bonecas em todas as qualidades, typos e tamanhos.

Lindissima collecção de bonecas finas, rosto de porcellana, inteiramente articuladas, productos de *Jumeau*, o inimitavel fabricante francez.

Novidade opportuna — Uma collecção originalissima de bonecas, trajando á maneira dos esquimós, os grandes collaboradores da recente e sensacional descoberta do Polo Norte.

Milhares e milhares de brinquedos em todos os generos. Coisas as mais diversas e curiosas, d'uma graça e engenho pasmosos, proprios para fazerem o enlevo e delirio de todas as creanças. Preços baratissimos.

BIJOUTERIAS

oda a casta de bijouteria fina, a preços baratissimos, como: collares, cadeias para relogio, cordões para leques e lorgnons, chatelaines, broches, medalhas, alfinetes, pregos de chapéu, etc., etc.

BRINDES uteis e lindissimos em todas as compras superiores a **1$000 réis**, tendo tanto maior valor o brinde quanto maior fôr a importancia da compra. Estes brindes são dados sómente nas compras effectuadas no nosso **Salão de Novidades e Utilidades.**

a sala verde, onde se guardava a maior esmeralda do universo. O rei Lotus só comia em pratos d'oiro, ouvindo orchestras de harpas. Si por acaso descia ao jardim, chovesse ou fizesse sol, no jardim resplandeciam as rosas mais lindas, a folhagem reverdecia e a sandalia de Sua Majestade calcava nas aléas uma poeira ardente de diamantes pulverizados...

O Rei acabou, porém, não saindo da sala dos livros, onde, para matar o tempo e a atróz flôr amarella da melancolia, fazia-se ler interminaveis historias. A vassallagem esgotava volumes e volumes. Lotus era incontentavel.

— Já acabou?

— Já, Majestade!

— Venha outra historia!

Por fim, não havia mais romances na lingua da Terra das Maravilhas, e foi dada ordem em todo o imperio para inventar historias. Quem inventasse uma historia entrava logo na morada real a contal-a. Mas as historias eram tão pequenas que um dia o Rei teve uma idéa.

— Estou farto d'isso. Preciso ouvir uma historia grande. Darei um grande premio áquelle que me contar uma historia sem fim...

— Sem fim!

— Ah! ah! sim, sem fim. Quem me contar até eu me cançar terá como premio a mão da princeza Iris Branco e por consequencia o meu reino!

Logo no dia seguinte, o Reino das Maravilhas estava inundado de papeis trazendo uma estranha proclamação — «Quem poder contar uma historia sem fim a Sua Majestade o rei Lotus, receberá a mão da princeza Iris Branco como premio. Quem se atrever a apparecer em presença de Sua Majestade dizendo ter a historia sem a poder

Biblioteca Infantil

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart..... 2$000

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado ..... 2$000

Era uma vez... contos para crianças, pelo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in-16, illustrado com dezenhos orijinaes de Norfini..... 2$000

Historias de Fadas, livro para crianças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pajs. illustrado, impresso e encadernado em Paris..... 2$000

Preços moeda brazileira

LIVRARIA FRANCISCO ALVES & C.ª — Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

contar, será immediatamente enforcado.»

Apezar da ameaça, um Rei e uma Princeza, ambos lindos, tentaram sufficientemente alguns cerebros, que se apresentaram. O rei Lotus recebia-os, sentava-se e escutava. Mas as historias tinham sempre fim. O primeiro levou oito dias e foi enforcado; o que mais tempo durou arrastou um enredo durante seis mezes, dois dias e cinco horas. E mesmo um escovado chegou a apresentar-se, mas achou prudente sair de bandinha, antes de ser levado á presença do Rei. Já começara o desanimo e a princeza Iris Branco já ria na sua galeria de crystal, jaspe e prata, quando appareceu um sujeito muito calmo e serio.

— Eu tenho uma historia sem fim.

— Louco! Sua Majestade manda enforcar-te, si não conseguires vencel-o.

— Eu venço.

— É impossivel!

— Levem-me á presença de Sua Majestade.

Os vassallos riram, mas, como eram ordens, lá o levaram. O sujeito calmo fez uma reverencia ao rei Lotus, que o olhava com ironia.

— Saiba Vossa Majestade que eu sei uma historia sem fim.

— Pois conte lá.

O sujeito sentou-se de vagar e ainda mais devagar começou:

— Era uma vez, oh! Rei generoso, um grande tyrano. Como desejasse augmentar a suas riquezas, apoderou-se de todo o grão do paiz. O paiz era essencialmente agricola. A fortuna publica estava toda no grão. Havia grão como poeira. O Rei mandou construir um enorme, collossal celleiro, mais alto que uma montanha, onde collocou todo o grão. E a quantidade era tal que o celleiro ficou cheio, abarrotado até o tecto. Sua Majestade mandou em seguida fechar e calafetar todas as portas, para ter a certeza que não lhe podiam tirar nem um grão de trigo, nem de milho. Mas os pedreiros tinham esquecido um pequeno interstício — *pequenissimo* mesmo — bem no alto do celleiro.

Veiu então voando um gafanhoto. Vossa Majestade sabe que os gafanhotos andam em grandes quantidades chamadas «pragas». Esse primeiro gafanhoto viu os grãos pelo interstício. O interstício só dava logar, e a custo, para elle passar. Era um gafanhoto resolvido. Entrou, apanhou um grão e saiu. Os outros viram. Então veiu um gafanhoto e carregou com um grão de milho; e então veiu *outro* gafanhoto e carregou com *outro* grão de milho; e então veiu *outro* gafanhoto e carregou com *outro* grão de milho; e então veiu *outro* gafanhoto e carregou com *outro* grão de milho; e então veiu *outro* gafanhoto e carregou com *outro* grão de milho; e então veiu *outro* gafanhoto e carregou com *outro* grão de milho...

O rei Lotus ouvia rindo. O homem calmo só se levantava para as refeições, e só dizia aquillo.

— E então veiu *outro* gafanhoto

e carregou com *outro* grão de milho...

Ao cabo de um mez, Sua Majestade quiz interrompel-o.

— Bem, bem, basta de gafanhotos. Supponhamos que elles carregaram com todos os grãos de milho e foram muito felizes depois.

— Por mais que isso possa ser agradavel a Sua Majestade, respondeu o narrador, não posso dizer a opinião dos gafanhotos, emquanto elles não acabarem de esvasiar o celleiro.

E continuou.

— E então veiu *outro* gafanhoto e carregou *outro* grão de milho; e então veiu *outro* gafanhoto e carregou *outro* grão de milho; e então veiu *outro* gafanhoto e carregou *outro* grão de milho; e então veiu *outro* gafanhoto e carregou *outro* grão de milho; e então veiu *outro* gafanhoto e carregou *outro* grão de milho...

Seis mezes depois o Rei perdeu a paciencia.

— Ó amigo, estou farto de gafanhotos. Quanto tempo avalia você que elles levaram para tirar todo o milho?

E o narrador muito serio:

— Majestade, quem o poderá dizer? Até ao ponto em que chegamos da minha historia, os gafanhotos esvasiaram um pedaço tão pequeno do celleiro e o ar está tão negro de gafanhotos, que é impossivel dizer. Entretanto, fique descançado Vossa Majestade que chegaremos lá...

Enchendo-se de coragem o rei Lotus continuou a escutar, e mais um anno o paciente narrador continuou a dizer:

— E então veiu *outro* gafanhoto e carregou *outro* grão de milho; e então veiu *outro* gafanhoto e carregou *outro* grão de milho; e então veiu *outro* gafanhoto e carregou *outro* grão de milho...

Até que o Rei, furioso, não podendo mais, bradou:

— Ó homem do inferno, basta de gafanhotos! toma a mão de minha filha! Toma o meu reino, toma tudo quanto quizeres, mas não me fales mais nesses abominaveis gafanhotos!

E foi assim que um homem paciente conseguiu a mão da princeza Iris Branco e o reino das Maravilhas, refreando o capricho do rei Lotus, graças apenas a uma interminavel praga de gafanhotos.

Mais vale ser paciente que teimoso.

Entrou por uma porta, saiu pela outra, El-Rei, Nosso Senhor, o Presidente da Republica que vos conte outra...

Extrahido do livro *Era uma vez*, edição da Livraria Francisco Alves & C.ª do Rio de Janeiro.

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

Agua Castello

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907
Medalha de Prata — S. Luiz 1904

Agua Castello

Unicos exportadores **Assis & C.ª — LISBOA**
Endereço telegrafico: ***MOURAGUAS***
Codigo "Ribeiro"

Estas aguas perfeitamente limpidas transparentes, inodoras incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas da bexiga e vias urinarias; eficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e liticas. Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de *MUITO PURA.*

(Antiga casa **DAVID CORAZZI**)

Premiada nas Exposições: *Portugueza do Rio de Janeiro, da Sociedade Giambattista Vico, de Napoles, Industrial Portugueza de 1884, 1888 e 1890, Palacio Crystal—Porto 1897, Universal de Paris de 1889 e 1900 e Nacional do Rio de Janeiro, 1909.*

CASA EDITORA DAS:

Bibliotheca do Povo
Bibliotheca Universal Antiga e Moderna
Bibliotheca Moderna
Bibliotheca Horas Romanticas
Bibliotheca de Educação e Ensino
Biographias de Homens Celebres
Diccionarios do Povo
Diccionario de Geographia Universal
O Ideal Moderno
Obras completas de Julio Verne
Obras de Blasco Ibañez

Livros dos melhores auctores portuguezes e estrangeiros

Grande edição illustrada por Roque Gameiro do encantador romance de Julio Diniz

"AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR"

Volumes encadernados em carneira e percalina.
Assignatura permanente a fasciculos.

As primeiras officinas de Portugal

Typographia, Lithographia e Encadernação

movidas pela electricidade

Execução de todos os trabalhos, desde o mais economico ao de maior luxo.

Execução perfeita e rapida

50, Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA — **PORTUGAL**

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — BELLO HORIZONTE

2.ª SERIE Março 1910 N.º 6

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

IMPRESSO E COMPOSTO N'«A EDITORA»
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro

DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

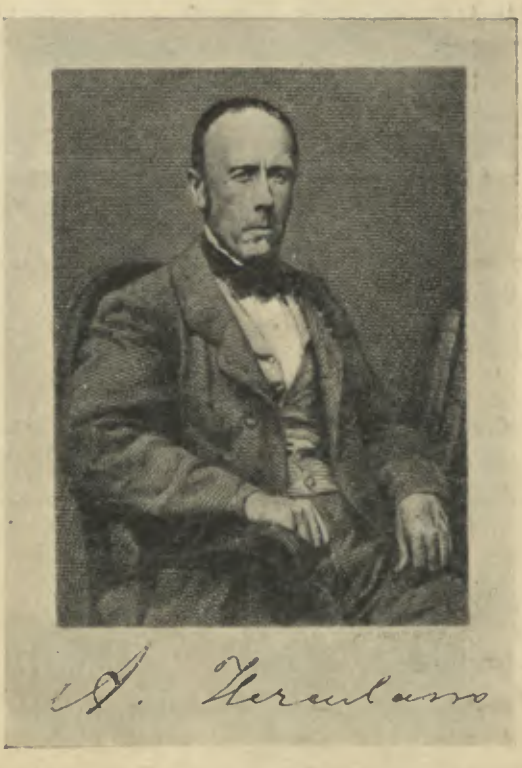
Desenhos e gravuras a preto e côres

da officina Photomecanica de Thomaz Bordallo Pinheiro — LISBOA

Alexandre Herculano

Se Portugal deve serviços valiosissimos a Alexandre Herculano, que em bases scientificas iniciou n'este paiz os estudos historicos, convem não esquecer o brilho que elle deu á nossa lingua, falada por tantos milhões de homens espalhados por todo o globo.

Foi ha cem annos que elle viu a luz do mundo, n esta terra portugueza que devia honrar tanto. Pertenceu ao grupo de valorosos soldados que expulsaram de Portugal a tyrannia e deram a liberdade ao povo.



Cantou na *Harpa do Crente* os sentimentos religiosos que lhe brotavam do coração. Deu forma e côr a muitas lindas tradições n'um bello livro que tem por titulo *Lendas e Narrativas*. Escreveu tres romances historicos de grande valor, intitulados *Eurico, O Monge de Cister* e *O Bóbo*. Tudo isto n'uma linguagem sonora e purissima, que eleva a alma e delicia o espirito.

Mas o que lhe dá sobretudo uma grandeza immorredoura é a *Historia de Portugal*, que elle apenas poude levar até ao reinado de D. Affonso III e que conta a fundação e o estabelecimento definitivo d'esta monarchia, que devia tornar-se tão gloriosa na historia da humanidade. Assim estimula o patriotismo e o amor da independencia nacional.

Para facilitar os estudos sobre estes primeiros tempos da monarchia portugueza, Alexandre Herculano fundou uma publicação de alto valor, feita sob os auspicios da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Tem nome latino de *Portugaliæ Monumento Historico*, e é uma collecção de documentos cheios de interesse para os estudiosos.

Por tudo isto, Herculano é digno das homenagens que actualmente lhe são prestadas, porque é incontestavelmente um dos maiores escriptores da lingua portugueza e um dos mais notaveis historiadores que teem apparecido no mundo.

Maldades do Coelhinho

Zé Coelhinho, que não passa
De um garotete incivil,
P'ra tomar uma fumaça
Agachou-se no barril.

Mas Mestre Kanguru logo
Acode sem mais aquellas,
Julgando que era algum fogo
Pegado nas aduellas.

Um balde cheio! agua vae,
P'ra que o fogo fique extincto.

Zé Coelhinho d'alli sae,
Encharcado como um pinto.

O rapaz e o gigante

Um rapazinho andava um dia perdido n'uma floresta, á procura d'uns carneiros, quando avistou o castello d'um gigante.

«Comi os teus carneiros», rugiu o gigante «e se tu não tomas cuidado comtigo, faço-te o mesmo. Repara como eu sou forte!»

vou-o com a mão, e disse ao rapaz que o segurasse emquanto elle o cortava. Mas quando o rapaz tentava pegar-lhe, a arvore empinou-se e fel-o voar pelos ares.

«Esta é uma das minhas partidas favoritas», disse o rapaz «aposto que não podes saltar tão alto, hein?»

Dizendo isto, pegou n'um bocado de rochedo e esmigalhou-o.

«E poderás fazer sahir agua de uma pedra?» perguntou o rapaz. «Vê como eu ainda sou mais forte!» disse, pegando n'um pedaço de queijo que tirou da algibeira, e apertando-o até que o sôro do leite lhe escorreu pela mão.

O gigante ficou pasmado de admiração, e pediu ao rapaz que o ajudasse a acarretar alguma lenha. Foi-se a um grande carvalho, cur-

O gigante nem quiz tentar. Depois da arvore derrubada, o rapazinho determinou que, sendo a parte da raiz a mais pezada, elle a levaria, e o gigante que se encarregasse da copa.

Assim que o gigante poz a arvore ao hombro, o rapaz saltou para cima e escondeu-se nos ramos. O gigante suava com tamanho pezo ás costas, e no pateo do castello, não podendo mais, atirou com a arvore para o chão, ao

mesmo tempo que o rapazinho saltava muito lesto para baixo, affirmando que n'esse instante tinha deixado cahir a raiz.

«Não te deves ter cançado com toda a certeza», tornou o pequeno. «Eu, por mim, estou tão fresco como quando partimos».

«Se eu não dou cabo d'esta creatura infernal esta noite», resmungou o gigante, «ámanhã será elle o meu senhor».

Mas o rapaz era muito esperto para se deixar dormir. Molhou o travesseiro com agua, metteu-o na cama, pondo-se á espreita atraz da porta. A' meia noite o gigante entrou e deu uma pancada no travesseiro; e como a agua lhe espirrava para a cara, continuava a bater, dizendo:

«Não lhe hei-de deixar nem uma pinga de sangue nas veias!»

Na manhã seguinte o rapaz desceu as escadas alegremente, e disse que uma pulga lhe tinha mordido durante a noite. O gigante olhou para elle cheio de terror. Quando chegou o almoço, ainda ficou mais espantado por vêr a quantidade de pudim que o rapaz engulia, e como ia engordando.

«Como fazes tu para comer tanto?» perguntou-lhe.

«Olha»! disse o rapaz «depois de comer tudo o que posso, abro a barriga, e torno a comer outra vez».

O rapaz tinha atado a fronha do travesseiro á roda do pescoço, debaixo da roupa, e era para alli que entornava o pudim, em logar de o comer. Deu um golpe na fronha, e deixou cahir o pudim.

«Tiveste na verdade uma bella ideia», respondeu o gigante, e tratou de se abrir com uma grande faca, cahindo morto no chão.

O rapaz ficou sendo o dono do castello e senhor de todos os seus thesouros.

As doze badaladas

Jorge e sua irmã ouviram o relogio da torre dar seis badaladas. Jorge olhou entretanto para o seu relogiosinho, e disse depois á irmã:

«Levou trinta segundos a bater as seis badaladas.»

A irmã replicou:

«Então quanto tempo levará a bater as doze?»

«Sessenta segundos, está claro,» respondeu Jorge.

«Pois enganas-te», disse a irmã, que era muito intelligente. «Entre a primeira e a sexta badalada houve cinco intervallos, cada um dos quaes foi de seis segundos. Entre a primeira e a duodecima deverá haver onze intervallos de tempo, cada um de seis segundos. Por conseguinte, o relogio levará sessenta e seis segundos a bater as doze badaladas.»

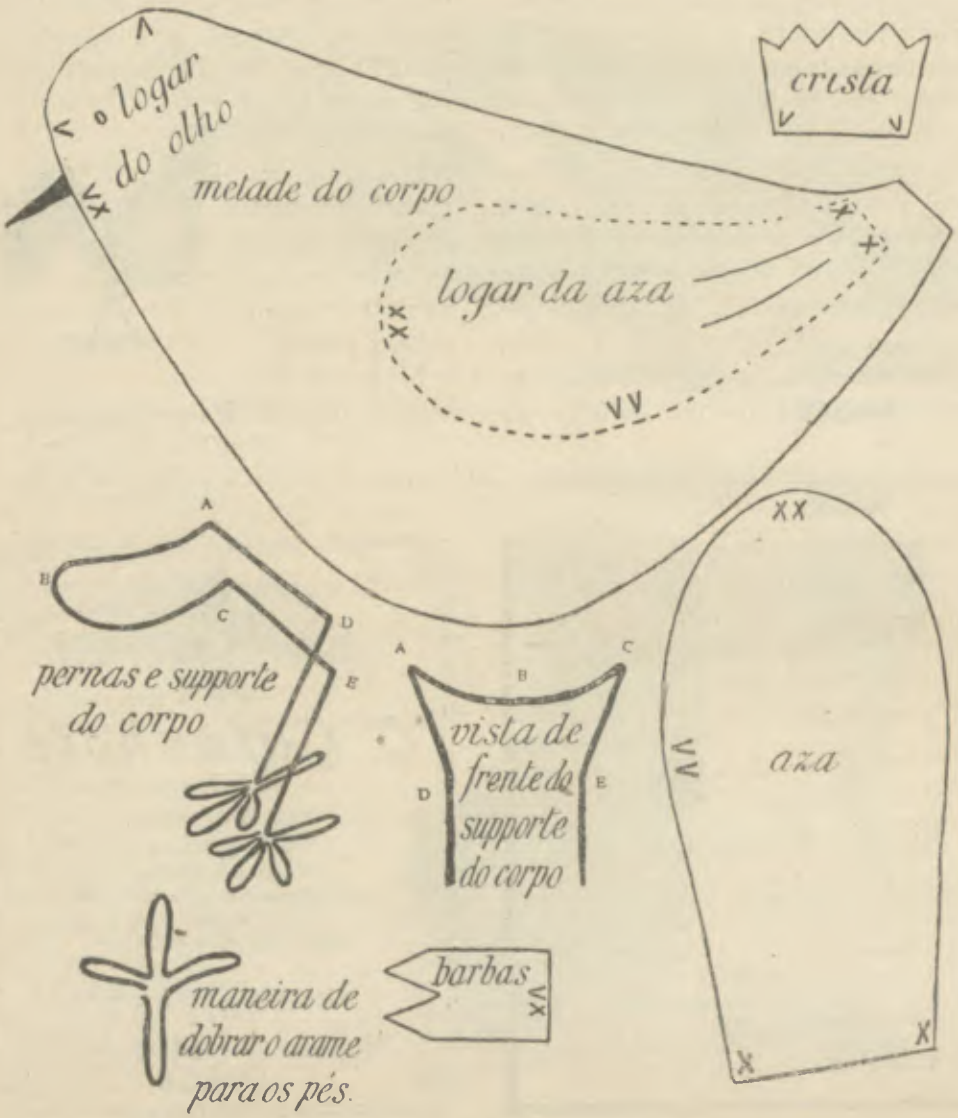
«Tens razão, mana. Precipitei-me na conta.»

E o Jorge curvou-se deante da irmã.

O GALLO

Faz-se o corpo do gallo em peluche amarello torrado, a crista e as barbas em panno encarnado e o rabo em seda verde escuro.

Cortam-se duas partes eguaes para o corpo; cose-se pelo avesso uma á outra, deixando por coser o logar onde se deve metter o bico e



o rabo. A crista e as barbas devem já estar alinhavadas no sitio que o molde indica, para que se cosam ao mesmo tempo na costura. As azas são embainhadas á roda e pregadas ao corpo depois de estar cheio, fazendo atraz duas pregas como mostra o molde.

Para o rabo corta-se um bocado de seda ás tiras, desfiando-as ligeiramente nas pontas para imitar as pennas, amarram-se umas ás outras com arame que se encobre depois com a mesma seda, e mette-se no sitio que estava por coser, segurando-o com pontos fortes pelo lado de fóra.

Os pés e pernas são feitos de arame, dando-lhes as voltas que mostra o nosso molde. Depois do arame armado cobrem-se as coxas, (quer dizer da lettra A a D) com um bocado da mesma peluche do corpo, acholchoada, prendendo-se depois bem.

Quando as pernas estiverem acabadas, põem-se em pé sobre a meza, e colloca-se o corpo que já deve estar acabado sobre a moldura d'arame A B que vem marcada no molde, até se equilibrar bem.

Quando estiver bem equilibrado cose-se a parte d'arame A B e C em torno do passaro, e o bocado de peluche que sobejou da perna com um ponto miudo e uma linha tal e qual da mesma côr para se não vêr.

Os olhos fazem-se com contas pretas e o bico com um bocado de madeira ponteagudo.

OS NOSSOS BRINQUEDOS
BIBLIOTHECA INFANTIL
Contribuição para o Folk-Lore *brazileiro*
COLLECÇÃO ICKS
Serie B
1 volume cartonado e com immensas illustrações.

Pinheiro Chagas
Historia Alegre de Portugal
Resumo da historia de Portugal, dividida em serões. Obra instructiva e de leitnra agradavel.
1 volume illustrado, br..... **300 réis**
1 » » encad. . **500 réis**
Preço em moeda forte

A EDITORA" *Largo do Conde Barão, 50* Lisboa-Portugal

O Gafanhoto
PRIMEIRA SERIE:
4 lindos albuns
profusamente illustrados
com estampas a preto e a côres
e com
magnificas capas de fantazia
ADMINISTRAÇÃO
Calçada do Ferregial, 6
LISBOA

Five ó clock no Cometa

A força de os olhos
Erguer ás estrellas,
Na esp'rança que houvesse
Cavaco com ellas,

Menina Maricas
Cresceu tanto, tanto,
Que a todos na terra
Causou vivo espanto.

Acima das arvores,
Das nuvens do ceu,
'Té perto dos astros
Seu corpo cresceu.

Quando o senhor Halley,
O tal do cometa,
Lhe viu a carinha
Mesmo á feveleta,

Ficou encantado.
E disse-lhe: «Olá!
Acceite, menina,
Um pouco de chá.»

Calças de boneca

O molde que damos d'esta vez é d'umas calças. Não é tão facil de fazer como uma camiza ou um corpete, mas com alguma attenção e paciencia, as minhas leitoras passarão por cima das difficuldades.

Fig. 1

A figura 1 dá o molde d'uma perna, isto é, metade das calças.

Faz-se o molde de papel com o tamanho da boneca, e cortam-se duas partes eguaes em panno, um pouco maior que o molde para as costuras e bainhas. Depois de cortado, cose-se a costura de *A* a *B*, como mostra a figura 2, em cada uma das peças. É preciso ter cuidado que as peças não fiquem para o mesmo lado, senão só servem para uma perna. Juntam-se depois as duas peças, cosendo de *C* a *A* e de *A* a *D*, como está marcado na figura 2.

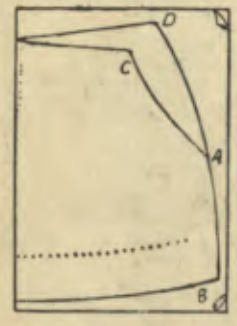


Fig. 2

Depois das pernas juntas, trata-se das aberturas dos lados. Cortam-se umas tiras do mesmo panno, e fazem-se umas bainhas falsas na parte da frente das calças. A figura 3

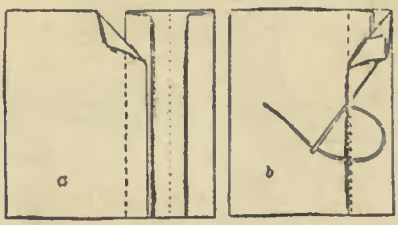


Fig. 3

mostra claramente como se pregam as tiras. Cosem-se em costura pelo avesso e voltam-se depois para o direito, cosendo-as com ponto de bainha.

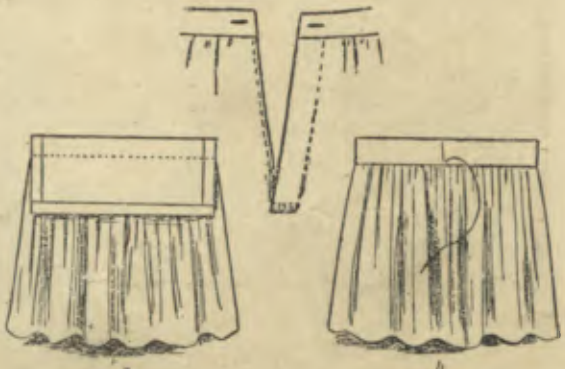


Fig. 4

Na parte de traz das calças faz-se uma bainha simples, onde sobrepõe a da frente.

A parte de cima da figura 4 dá a amostra da abertura depois de prompta.

Para pregar o coz franze-se a parte de traz das ealças, corre-se o franzido com um alfinete, e mede-se o meio da peça e da tira, começando a alinhavar pelo avesso com cuidado, para que o franzido fique muito egual. Cose-se depois em costura como mostra a figura 4 na lettra *a* e volta-se depois para o direito, cosendo com ponto de bainha como mostra a lettra *b*.

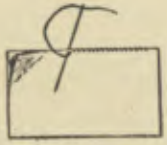


Fig. 5

O fim da tira remata-se dobrando para dentro e cosendo com pontinho, como se vê na figura 5.

O eoz na frente é pregado pelo mesmo systema mas sem franzido, ealeulando-o de maneira que o eoz fique da mesma largura da peça.

A ultima coisa a fazer é o enfeite. Franzem-se em baixo as pernas e o bordado ou renda que enfeita. Junta-se o bordado ás calças, alinhavando pelo direito, e sobrepõe-se uma tira de panno que se cose eom ponto de bainha.

A figura 6 mostra ás nossas leitoras as calças acabadas.

Fig. 6

Obras de Alexandre Herculano

POESIAS

1 Volume — **A harpa do crente — Poesias varias — Versões.**

ROMANCES

Eurico, o Presbytero, 1 vol. — **O Monge de Cistér,** 2. vol. — **O bobo,** 1 vol. — **Lendas e narrativas,** 2 vol ..... 1$200

Contendo: Vol. I — O alcaide de Santarem (950-961) — Arrhas por fôro d'Hispanha (1371-1372 — O castello de Faria (1373 — A abobada (1401) — Vol. II — A dama Pe de Cabra (seculo IX) — O bispo negro (1130) — A morte do lidador (1170) — O parocho da aldeia (1825) — De Jersey a Granville (1832).

HISTORIA

Historia de Portugal, 4 vol. (Epoca. desde a origem da monarchia até Affonso III). — **Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal,** 3 vol.

OPUSCULOS

Questões publicas. — Controversias e estudos historicos. — Litteratura. — Estudos sobre o casamento civil.

Antiga Casa Bertrand — ***José Bastos & C.ª***

73 — Rua Garrett, 75 — Rua Anchieta, 25 a 37 — LISBOA

Nos Estados Unidos do Brazil, é aos srs. **Francisco Alves & C.ª,** do Rio de Janeiro, que devem ser dirigidos todos os pedidos das obras de *Alexandre Herculano.*

POBRES PRETOS!

O Bébé, que andava a brincar, deu uma queda, e fez uma grande nodoa negra na pernita. A Maman acode e consola-o.

«O' Mamansinha», diz elle ainda a choramingar, «muito devem soffrer os pretos!»

«Essa agora!» diz a Maman muito admirada. «A que proposito vem isso?»

E o Bébé explica:

«É que a mim, só com uma nodoasinha preta, doe-me já tanto, que faria se tivesse a pelle toda preta!»

Os espirros do menino Sammy

As desgraças succedidas ao menino Sammy, em consequencia dos seus temerosos espirros, constituem uma engraçada historia americana, quasi completamente desconhecida entre nós. Por isso, o Gafanhoto *resolveu mimosear com essas aventuras os seus pequeninos leitores, que, espera elle, se hão de rir a fartar com todos os contratempos succedidos ao menino Sammy e todos os desastres que elle causa. Vae hoje a primeira, a que, com intervallos, se irão seguindo as outras, se os leitoresinhos manifestarem desejo de as conhecer.*

O Pardalito

— Pardal, no meu collo
Dorme uma soneca;
Dar-te-hei ais carinho
Que á minha boneca.

— Pardal, nos meus dedos
Faze-me um discurso;
Dar-te-hei mais comida.
Do que dou ao urso.

— Pardal, salta e pula
Vem correr commigo;
Mais que com meu arco
Correrei comtigo.

— Mais do que á boneca
Me afagam no ninho;
Como mais que o urso,
Corro mais que o arganinho.

A historia d'um regato

Vou contar aos meus amiguinhos a vida d'um pequeno regato, que nascia entre duas pedras cheias de musgo. Este regato era tão novinho, e alegre que levava a vida como uma brincadeira. Corria pela collina abaixo, divertindo-se a fazer curvas e sempre palrando e rindo. Quando chegava a um sitio plano, andava á roda como um doido, até conseguir deslizar outra vez, n'uma corrida vertiginosa por entre os campos, e assim chegava ao sopé da collina.

«Quando deixarás tu tanta risota e brincadeira, e pensarás em trabalhar?» disse-lhe um velho cavallo, que pastava no campo, ao pé do regato.

«Trabalhar»! retorquiu o pequeno regato, «não tenho nada que fazer.»

«Enganas-te! muitas cousas poderias fazer», replicou o cavallo; «ha sempre trabalho para nós todos.»

«Fica para brincares comnosco», gritaram umas creanças, apanhando agua nas suas mãosinhas.

«Não», respondeu o regato, «se ha trabalho que eu possa fazer, devo ir procural-o.»

E as creancinhas não o puderam conter, porque elle escapou-se-lhes por entre os dedos.

Que posso eu fazer?» pensou. «Não será muito com certeza, mas sempre poderei regar estes myosotis e margaridas, dar de beber aos passarinhos, e deslisar devagarinho, para não afugentar os peixes pequeninos.»

Emquanto elle executava estas pequeninas cousas ia-se tornando mais firme e forte, e um bello dia, quando um moleiro lhe pedin para fazer girar uma roda grande, o regato, com grande surpreza sua, poude fazel-o muito facilmente. E assim, foi fortalecendo e alargando até que lhe confiaram um bote que deslisava mansamente sobre elle.

Era um bote pequenino, está bem

de ver, mas bastante para lá caberem um sujeito com o seu filho; e o regato conduzia os com tanto cuidado, como se fosse um rio já creseido e de juizo. Depois, vieram outros regatos, juntar-se a elle, e elle continuou a alargar tornando-se em pouco tempo um bello rio, todo cheio de lindos barcos. Costumavam dizer d'elle. «É um rio muito seguro para se navegar», o que queria dizer que elle era firme e corria cuidadosamente: não como muitos outros rios que correm ás vezes socegados, e de repente se esquecem dos bareos que têem em cima, e fazem-n'os encalhar em sitios perigosos.

Alem d'isso era um rio bonito, porque, apesar de ter tanto que fazer, nunca se esquecia de regar as flores das suas margens, de alimentar as raizes das grandes arvores, de eneharear os terrenos onde eresceiam os altos juncos, e de passar vagarosamente pelas hastes compridas dos lindos lyrios.

Quando se soube a firmeza como elle corria, muita gente começou a construir casas nas suas margens, e boas pontes que o atravessavam de lado a lado, e assim se edificou uma formoza eidade.

Navios e paquetes de todas as partes do mundo vinham a este rio, e toda a gente na grande cidade trabalhava de manhã até á noite; o que, se não fosse o rio, não teria acontecido. E quando finalmente ia desaguar ao mar, ninguem poderia suppôr que este esplendido rio tinha sido um dia um regatosinho risonho e insignificante, que corria n'uma eollina d'um campo muito pobre.

BIBLIOTHECA DA INFANCIA Rua Serpa Pinto, 34 - LISBOA

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE LEITURAS EDUCATIVAS

Sob a direcção litteraria de VICTOR RIBEIRO (da Academia Real das Sciencias)

200 réis cada volume de cerca de 200 pag. em 8.°, optimo papel, adornado de magnificas gravuras, brochado. Elegantemente encadernado em percalina, a ouro, côres e relevo, proprio para **Brindes** e **Premios escolares, 300 réis.**

Volumes publicados:

I — Narrativas e Lendas da Historia Patria — Conquista do Reino.
II — A. Daudet — A Creança Abandonada.
III — Narrativas e Lendas — O Condestavel.
IV — No Paiz do Leão — A Vida dos Animaes.
V — Narrativas e Lendas — D. João I (o rei eleito do povo).
VI — Victor Hugo — O Bom Bispo.

No prélo { VII — Narrativas e Lendas — Os filhos de D. João I.
VIII — Os Cães Celebres — A Vida dos Animaes.

A' venda em todas as livrarias do paiz

Pedidos a A. DAVID, enc. Rua Serpa Pinto, 30 a 36 — LISBOA
No Porto — Livraria Moreira, Praça D. Pedro, 44
No Brazil — F. ALVES & C.A, Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

A CABRA-CEGA

Dia santo. A pequenada
Nem um momento socega.
Depois de muita gralhada,
Vae jogar a cabra-cega.

Bébé, que sempre se atraza
Primeiro que as pernas abra,
'Stá sempre no mei' da casa,
Coitado! a fazer de cabra.

As manas fazem frescata,
Mas o Bébé desconfia;
Fulo da troça, desata
N'uma grande berraria.

'Té que o Pedro, com disfarce,
Se chega pé ante pé,
Para poder enleiar-se
Nos bracitos do Bébé.

Uma creada cuidadosa

«O' Maria, tratou bem de todos os bichos emquanto eu estive no campo?»

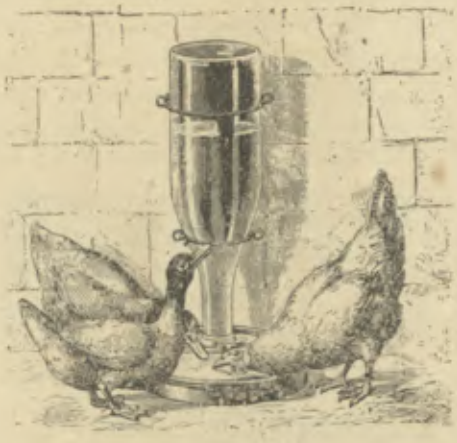
«Sim, minha senhora; só houve um dia em que me esqueci de dar comida ao gato.»

«Coitadinho! Que fome que elle havia de ter passado!»

«Ah! lá isso não passou, minha senhora. Comeu o canario e o pintasilgo.»

Bebedouro de aves domesticas

A agua que se põe em tigelas nas capoeiras suja-se em pouco tempo, por causa das galinhas que têem o mau costume de metter den-



tro os pés. Alem d'isso evapora-se rapidamente sob a acção do sol, e deve renovar-se com frequencia. Ora, para evitar isto, vamos dar o modelo de um bebedouro economico, que fornece agua limpa ás aves.

Basta prender á parede da capoeira uma garrafa cheia de agua, de boca para baixo, por cima da tigela onde os bichos veem beber. O gargalo não deve tocar no fundo da tigela, mas deve ficar abaixo do nivel da borda. A garrafa deixa correr para o recipiente uma certa quantidade de agua; depois, apenas o liquido chega ao nivel do gargalo, a entrada do ar na garrafa deixa de se fazer e não sae mais agua. Se vem beber alguma ave, faz baixar o nivel do liquido na tijela; entram na garrafa algumas bolhas de ar, e sae d'ella uma certa quantidade de agua, egual á que foi consumida. O mesmo acontece se a agua baixar em consequencia da evaporação.

As gallinhas e os patos lhes ficarão gratos, se installarem na capoeira um ou mais d'estes apparelhos tão simples.

JOSÉ BASTOS & C.ª — Antiga Casa Bertrand

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Bibliotheca dos Classicos Portuguezes.
Bibliotheca Bertrand.
Bibliotheca de Educação Nova.
Bibliotheca Util.
Encyclopedia de Applicações Usuaes.
Encyclopedia Popular de Sciencias e Letras.
Encyclopedia Universal Illustrada.

A cebola despresada

N'um canto sombrio d'um velho jardim cresciam na primavera uma margarida, uns botões de ouro, e uns narcisos. Eram quasi as unicas flores que abriam n'esse jardim, por isso eram muito amigas umas das outras, passando o seu tempo a conversar familiarmente.

«Como é bom ser uma linda flôr!» dizia um botão de ouro. «E que linda côr é o amarello! — Talvez a mais bonita de todas as côres excepnando o verde».

«E que delicioso não é podermos abrir e fechar todos os dias!» replicou a margarida. «Poucas flores o podem fazer.»

«Essa qualidade tambem eu possuo», retorquiu um espevitado botão de ouro, todos os dias abro pela manhã e fecho á tardinha.»

N'essa occasião, como o sol brilhasse depois da passagem d'uma nuvem, todos os narcisos estenderam as suas petalas brancas e finas, arripiadas sob a caricia da briza que soprava.

«O que será uma cousa exquisita que está calida alli adeante?» perguntou um botão de ouro.

«Foi o jardineiro que outro dia atirou aquillo para alli.»

«É uma pergunta a que não sei responder», disse a margarida.

«Naturalmente alguma cousa que já não prestava, d'outra maneira o jardineiro tinha-a guardado.»

«O quer que seja, está morto», disse um narciso, «porque nunca mais se moveu desde que para alli caiu. Muitas vezes tenho reparado n'isso. Parece uma cousa tão engelhada e secca!»

N'este momento uma andorinha, que saltitava pelo chão, parou mes-

mo ao pé do tal objecto mysterioso que não passava d'uma verdadeira cebola.

A andorinha, como iamos dizendo, parou, olhou para a cebola, chegou-se mais, e deu-lhe uma bicada com toda a força.

«Não presta!» disse o passaro. «Talvez se transforme d'aqui a algum tempo em qualquer cousa mais apetitosa.»

«Como é agradavel ser uma linda flor!» exclamou mais uma vez um botão de ouro.

N'isto qualquer cousa passou pelo ar que lembrou á margarida que era tempo de adormecer, fechou logo as suas folhinhas brancas sobre o olho muito amarello, e tornou-se n'uma bolinha de neve.

Quando os botões de ouro viram que a margarida se fechava, fizeram outro tanto o mais depressa que puderam. N'um instante o amarello brilhante do centro desappareceu; e os narcisos apressadamente se transformaram em botões tão fechadinhos que davam que scismar como poderiam abrir na manhã seguinte em flores tão largas e soberbas.

No outro dia o sol brilhava mais do que nunca, e emquanto todas as flores gosavam, a pobre cebola lamentava a sua infelicidade.

«Se ao menos alguem me plantasse!» suspirou.

«Quem está fallando?» perguntou um botão de ouro.

«Sou eu», respondeu a pobre cebola. «Estava eu dizendo, que se houvesse alguem que me enterrasse na terra, eu crearia raizes, e depressa cresceria, tornando-me em poucas semanas n'uma flor mais bonita que todas vocês. Embrulhada em todas estas camadas de folhas, tenho uma bolinha dourada, que só pode crescer, sendo enterrada na terra.»

Emquanto a cebola fallava, todas as flores riam silenciosamente.

«Que tolices que tu dizes!» disse o botão de ouro, com voz escarnecedora.

«Como pode sair uma flor d'uma cousinha tão feia como tu?»

Uns minutos depois d'esta conversa, passava por alli a correr um rapazinho, com uma enxada na mão, seguido d'uma senhora muito linda. O rapazinho parou mesmo onde as flores cresciam, e gritou:

«Mamã! Olhe como o meu jardim está bonito. Todas estas flores cresceram, desde a ultima vez que aqui estive! Os botões d'ouro como estão todos abertos! e que lindas margaridas! Vou apanhar todas estas flores para lhes aproveitar as sementes.»

«Não deves destruil-as já, Arthur», disse a mãe. «Não tens outras flores no jardim, deves deixal-as viver mais tempo. Mas o que está aqui debaixo dos meus pés?»

«Uma cebola», disse Arthur. muito satisfeito. «Ainda bem! Já tinha pedido ao jardineiro para me dar uma, mas elle disse-me que não podia dispensar nenhuma, precisava d'ellas para guarnecer o centro do jardim. Agora, minha mãe, onde vou eu plantar esta?»

«Como este anno só arranjaste uma cebola, deves pôl-a mesmo no meio do jardim. Dá-lhe o logar de honra», disse a mãe. «E não faças um buraco muito fundo; já é tarde para a plantação de cebolas.»

O pequeno fez com todo o cuidado uma cova no chão, e enterrando alli a cebola despresada, tornou a cobril-a com terra, e poz um pansinho a marcar o sitio, quando acabou o seu trabalho.

Todos os dias o rapazinho vinha passear ao jardim, e passado um mez, no logar em que elle tinha enterrado a cebola, appareceu uma folha verde muito delgada; d'ahi a dias appareceu um botãosinho dourado, e por fim n'um dia em que o sol espalhava tanto calor que parecia verão, alli, mesmo no meio do jardim, appareceu uma linda flor dourada, que causou grande inveja ás outras flores vulgares. Agora já ellas não podiam brilhar ao lado d'uma flor, tão linda que parecia a taça d'oiro d'um rei!

OBRAS
DE
Alexandre Herculano
POESIAS
ROMANCES
HISTORIA
OPUSCULOS
José Bastos & C.ª — Antiga Casa Bertrand
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OFFICINA
PHOTOMECANICA
DE
THOMAZ BORDALLO PINHEIRO
PHOTOGRAVURA - ZINCOGRAPHIA - TRICHROMIA
GRAVURA PARA ENCADERNAÇÃO
ESCRIPTORIO
CALÇADA DO FERREGIAL 61º
LISBOA
OFFICINAS
RUA JOÃO DE LEMOS-SANTO AMARO
LISBOA - PORTUGAL

Viva a musica!

O Chiquinho vê passar deante das suas janellas um regimento de infantaria, com a banda a tocar na frente.

«Que lindo! que lindo!» exclama elle dando palmas de enthusiasmo. «Mas, ó Maman, para que servem os que não tocam musica?»

Ramiro Leão & C.ª

LISBOA

SALAO DE NOVIDADES

Esta secção encontra-se completamente sortida com todos os artigos proprios da especialidade, ou sejam: **Artigos para brindes. Objectos para escriptorio, Marroquinaria, Artigos de Sport, Objectos para toilette e para barba, Bonecos e brinquedos, Nickeis e crystaes. Objectos de ménage Porcelanas e faianças. Molduras para retratos, Chapeus inglezes para a cabeça, guarda-chuvas, bengalas e sombrinhas, Luvas e leques, Artigos de viagem** e muitas outras variedades que é impossivel innumerar. Especialmente pedimos uma visita para esta nova secção, cujos artigos são verdadeiramente empolgantes quer pela novidade quer pelos preços, que fazem uma grande differença do vulgar no sentido de barateza e economia.

Uma infinidade de bonecas em todas as qualidades, typos e tamanhos.

Lindissima collecção de bonecas finas, rosto de porcellana, inteiramente articuladas, productos de *Jumeau*, o inimitavel fabricante francez.

Novidade opportuna — Uma collecção originalissima de bonecas, trajando á maneira dos esquimós, os grandes collaboradores da recente e sensacional descoberta do Polo Norte.

Milhares e milhares de brinquedos em todos os generos. Coisas as mais diversas e curiosas, d'uma graça e engenho pasmosos, proprios para fazerem o enlevo e delirio de todas as creanças. Preços baratissimos.

BIJOUTERIAS

oda a casta de bijouteria fina, a preços baratissimos, como: **collares, cadeias para relogio, cordões para leques e lorgnons, chatelaines, broches, medalhas, alfinetes, pregos** de chapéu, etc., etc.

BRINDES uteis e lindissimos em todas as compras superiores a **1$000 réis**, tendo tanto maior valor o brinde quanto maior fôr a importancia da compra. Estes brindes são dados sómente nas compras effectuadas no nosso **Salão de Novidades e Utilidades.**

BRINQUEDO ORIGINAL

Corta-se o desenho fóra do jornal e colla-se sobre um cartão. Depois de estar secco recorta-se a peça do centro (quer dizer o circulo onde o rapaz está montado) ficando assim separadas as outras duas peças: a cabeça e as pernas trazeiras do cavallo.

Collocam-se depois as tres peças em differentes posições de maneira que pareça que o animal está a saltar, a empinar-se ou a dar couces.

CALIGRAFIA

Novo Metodo de Caligrafia Brazileira, coleção em 5 cadernos oblongos, *letra americana*. Cada caderno..... $200

Caligrafia *(Curso em seis cadernos, destinado ás classes primarias 1.º e 2.º gráu)*, por Olavo Freire, professor da Escola Normal da Capital Federal; 1.º caderno, cursivo (letras maiusculas); 2.º caderno, cursivo (letras minusculas); 3.º caderno, cursivo (letras maiusculas e combinação de letras maiusculas e cursivas); 4.º caderno, cursivo (exercicios variados); 5.º caderno (letra redonda e bastarda francezas); 6.º caderno (letra italiana e gotico inglez). Cada caderno..... $140

Economia Domestica

Noções da Vida Domestica, por Feliz Ferreira, 15.ª edição muito melhorada; obra premiada na Exposição de Paris em 1889. 1 vol. cart..... 2$000

A Dona de Caza, muito util publicação em portuguez, contendo: — Guia de hijiene privada e conselhos, hijiene da alimentação e do vestuario, principios de economia domestica, hijiene das creanças e da menice, preconceitos a corrijir, etc., por Sylvino Junior, 2.ª edição revista e aumentada. 1 vol. cart..... 2$000

Biblioteca das Donas e Donzelas

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida, 2.ª edição. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris..... ... 7$000

A mesma obra com folhas douradas 9$000

A mesma obra impressa em *papier couché* e folhas douradas..... .. 10$000

A mesma obra, meio marroquim branco, seda e cantos de marroquim, guardas de seda branca, filetes de ouro ..... 30$000

A mesma obra, encadernação de veludo branco folhas douradas, com guardas de seda branca e titulo prateado..... 40$000

O Livro das Donas e Donzelas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris..... ..... 7$000

A mesma obra com folhas douradas 9$000

Leitura de Letra Manuscrita

Leitura Manuscrita, lições coligidas por B. P. R. Este livro contém numerozos e variados exercicios com modelos de letras manuscritas com dificuldades graduadas, assuntos muito variados. Este livro está aprovado e adotado pelo Governo do Estado de S. Paulo para uzo das escolas publicas do dito Estado. 1 vol. com 125 pajs. bem impresso e cartonado..... 1$000

Preços moeda brazileira

Livraria Francisco Alves & C.ª — Rua do Ouvidor 166 — RIO DE JANEIRO

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

Agua Castello

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907
Medalha de Prata — S. Luiz 1904

Agua Castello

Unicos exportadores **Assis & C.ª — LISBOA**
Endereço telegrafico: ***MOURAGUAS***
Codigo "Ribeiro"

Estas aguas perfeitamente limpidas transparentes, inodoras incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado sabnrral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affeções calculozas da bexiga e vias urinarias; eficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: **atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e liticas. Bacteriologicamente analizadas no Real Institute Camara Pestana foram classificadas de *MUITO PURA.***

(Antiga casa **DAVID CORAZZI**)

Premiada nas Exposições: *Portugueza do Rio de Janeiro, da Sociedade Giambattista Vico, de Napoles, Industrial Portugueza de 1884, 1888 e 1890, Palacio Crystal—Porto 1897, Universal de Paris de 1889 e 1900 e Nacional do Rio de Janeiro, 1909.*

CASA EDITORA DAS:

Bibliotheca do Povo	Biographias de Homens Celebres
Bibliotheca Universal Antiga e Moderna	Diccionarios do Povo
Bibliotheca Moderna	Diccionario de Geographia Universal
Bibliotheca Horas Romanticas	O Ideal Moderno
Bibliotheca de Educação e Ensino	Obras completas de Julio Verne

Obras de Blasco Ibañez

Livros dos melhores auctores portuguezes e estrangeiros

Grande edição illustrada por Roque Gameiro do encantador romance de Julio Diniz

"AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR"

Volumes encadernados em carneira e percalina.
Assignatura permanente a fasciculos.

As primeiras officinas de Portugal

Typographia, Lithographia
e Encadernação
movidas pela electricidade

Execução de todos os trabalhos, desde o mais economico ao de maior luxo.

Execução perfeita e rapida

50, Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA — **PORTUGAL**

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — BELLO HORIZONTE

2.ª SERIE Abril 1910 N.º 1

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Estas margaritas não são da Terra das Margaritas Vermelhas de que fala este numero do Gafanhoto

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA

Proprietarios { Francisco Altes & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro

DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres

da officina Photomecanica de Thomaz Bordallo Pinheiro — LISBOA

A Terra das Margaritas Vermelhas

Uma fada e uma bruxa, por causa d'um annel magico, vieram ter com o joven e formoso rei de um certo paiz, a pedirem-lhe que decidisse a qual das duas pertencia o annel. A fada dizia que a bruxa lh'o tinha roubado, e a bruxa dizia que o tinha comprado a um magico da *Terra das Margaritas Vermelhas.*

O Rei olhou para o annel, e, não vendo cousa alguma que o podesse elucidar, entregou-o á bruxa, dizendo:

«Deixa-me ver que encanto podes operar com elle.»

A bruxa esfregou o annel, e nada aconteceu de extraordinario.

O Rei entregou o annel á fada, ella beijou-o e tocou com elle o throno de prata, que logo se transformou em ouro.

«O annel deve pertencer a quem se sabe servir d'elle», disse o Rei, dando o annel á fada.

«Uma cabeça de burro deve pertencer a quem a merece», disse a bruxa tocando com a varinha no Rei.

Os cortezãos deram todos um grito de horror, pois a cabeça do Rei tinha desapparecido e no seu logar existia uma de burro.

Mas a fada disse-lhe:

«O amor pode curar os effeitos do odio. Casa depressa com uma

boa e fiel esposa, e o feitiço desapparecerá.»

O Rei ordenou então que todas as raparigas do paiz se reunissem diante do palacio, para elle escolher d'entre ellas uma para sua noiva.

Examinou uma de cada vez, mas todas ellas voltavam a cara desgostosas de ver a sua cara de burro, e elle ia-as despedindo tristemente.

Quando já se ia embora, reparou em qualquer cousa que mexia por traz d'uma arvore, e viu uma linda pobresinha, descalça e vestida de farrapos, que se escondia, como se estivesse envergonhada de apparecer deante das outras raparigas.

O Rei olhou para ella, e achando os seus olhos cheios de piedade, ingenuidade e amor, exclamou:

«Será esta a minha rainha!»

Escolheu dez damas de honor para a vestirem com lindos trajes e brilhantes joias, e conduziu-a para a cathedral onde se casaram.

«Agora», disse elle, «não procures saber nada de mim até amanhã de manhã, e então saberás tudo.»

Mas de noite a joven rainha tocou na cabeça de seu marido, e percebeu que elle tinha cara de gente; levantou-se, accendeu uma luz, e olhou para elle. Na verdade assim era! A cabeça de burro tinha desapparecido, e elle tinha-se tornado outra vez um lindo rapaz! N'um movimento de alegria inclinou a vela. Um pingo de cera cahiu sobre a mão do Rei, que acordou, e disse:

«Desgraçada rapariga! Amanhã de manhã o feitiço teria desapparecido de todo! Agora estou outra vez em poder da bruxa, e tenho de ir viver com ella para a Terra das Margaritas Vermelhas.»

N'um momento desappareceu; mas a joven Rainha sentiu que não podia viver sem elle, e resolveu ir procurar a Terra das Margaritas Vermelhas.

Fóra do palacio encontrou a fada.

«Por favor, ensina-me a Terra das Margaritas Vermelhas», disse ella.

«E' o logar onde vive a bruxa», respondeu a fada, «eu nunca lá fui. Mas toma o meu annel magico, e talvez que elle te possa ajudar.»

E assim foi. A joven Rainha assim que beijou o annel e lhe tocou com uma pedra, logo teve ouro para comprar comida e pagar hospedagem. D'esta maneira chegou ao fim do Reino, e d'ahi caminhou por um grande deserto onde encontrou uma cabana. N'essa cabana estava uma velha muito baixinha, e a Rainha perguntou-lhe:

«Sabes-me dizer por onde é o caminho da Terra das Margaritas Vermelhas?»

«Não sei onde é», respondeu a velha, «mas o meu porco vae lá muitas vezes, e volta sempre carregado de cousas preciosas. Como sae d'aqui a correr, eu não o posso seguir, e não sei que caminho elle leva.»

«Muito bem», disse a joven Rainha, «dormirei ao pé do teu porco, e esperarei que elle saia para o se-

guir até á Terra das Margaritas Vermelhas.»

Deitou-se com o seu lindo vestido na palha ao lado do porco. No meio da noite o porco sacudiu-se, poz-se de pé, e fugiu a correr; ella seguiu-o logo, e foi atraz d'elle por um deserto muito grande e estranho, n'uma terra vermelha. As Margaritas eram vermelhas, e a relva tambem, assim como as folhas das arvores.

No meio das arvores havia um extraordinario palacio vermelho.

A Rainha atou o porco a uma arvore, e no matto encontrou uma rapariga pobre, cheia de farrapos, a quem persuadiu a trocar os seus fatos com os d'ella. Depois foi ter ao palacio vermelho, onde ficou como creada.

«E' preciso que trabalhes muito e me ajudes a tratar do banquete», disse o cozinheiro. «A nossa patroa é uma bruxa, e tem uma filha para casar com o Rei d'este Reino!»

«E' o meu marido com certeza», pensou a Rainha comsigo, e subiu as escadas, espreitando pela fechadura do quarto onde elle estava, e viu que effectivamente assim era.

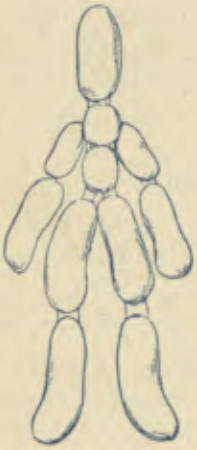
No meio da noite, levantou-se da cama e foi ao quarto onde elle dormia, accendeu uma luz, e acordou-o. Elle estava enfeitiçado e não a reconheceu. Mas logo se recordou de tudo, quando ella beijou o annel e lhe tocou com elle.

Depressa desceram as escadas. Sahiram do palacio, e acharam a arvore onde ella tinha deixado o porco amarrado. O pobre animal estava muito esfomeado, e assim que o desprenderam fugiu logo em direcção á sua casa. Elles lá o foram seguindo á luz do luar, atravez do grande deserto, e chegaram ao romper do dia ao seu paiz, onde viveram juntos em paz e felicidade.

Chinez feito com feijões

O boneco que mostra a nossa gravura é feito com onze feijões ainda verdes, cosidos com linha uns aos outros.

Olhando bem para a primeira figura que vem no nosso jornal, os leitores verão o feitio dos feijões escolhidos; um bastante largo para a cabeça, dois redondos e pequenos, e outros dois maiores para o corpo, dois tambem pequenos mas compridos para a parte superior dos braços, completando-os para baixo com dois bastante compridos.



Para a parte superior das pernas e para os pés devem-se escolher uns feijões que sejam um pouco curvos.

Cosem-se uns aos outros com linha forte, como mostra a primeira gravura; desenha-se a cara com linha preta, fazendo uma linha obliqua nas sobrancelhas para imitar os chinezes. Arranjam-se tres fios de lã preta e entrançam-se formando assim o rabicho, que se prende no topo da cabeça com gomma. Para vestir o boneco, faz-se um par de calças, com dois quadrados de tecido vistoso; dobram-se os quadrados e cosem-se em costura até ao meio, juntando-se depois um ao outro.

Depois de cosidas as calças, prendem-se na cintura do boneco. A cabaia é feita como se fosse um sacco, franzido no pescoço. As mangas são tambem feitas com saccos cosidos á cabaia mesmo rente ao pescoço.

O tecido escolhido para vestir o chinez deve ser d'uma côr brilhante e mesmo com mistura de côres para fazer mais effeito.

O chapeu faz-se á parte com uma rodela de cartão coberta de seda de côr, que se cose á roda e se prende na cabeça com um alfinete que a atravessa.

A cabaia e as calças são enfeitadas com requife tambem de côr vistosa, e os sapatos desenhados com tinta.

E vejam os meus queridos leitores se ha coisa mais perfeita que o caricato chinez que lhes sahe das mãos.

Electricidade caseira

A electricidade é porventura a força mais possante, embora a mais mysteriosa do mundo. Comtudo o seu conhecimento é muito recente. E' facil hoje em dia premir um botão ou fazer girar uma pequena manivela para illuminar um aposento com luz electrica. Mas isso só se tornou possivel ha vinte ou trinta annos a esta parte. Quando os nossos avós eram creanças, a luz electrica até nos palacios era desconhecida.

As experiencias que deram a conhecer a energia electrica são porém muito mais antigas. Já ha cerca de 150 annos que um grande sabio americano, de nome Benjamim Franklin, começou a fazer descobertas sobre esta mysteriosa força. Alguns dos methodos por elle empregados eram muito simples, e qualquer dos nossos pequenos leitores pode repetir facilmente as experiencias.

Peguem n'um pedaço de papel pardo commum, e aqueçam-no ao lume. Quando estiver quente, collóquem-no em cima da meza e esfreguem-no vigorosamente com uma escova de fato, quente e bem enxuta. Depois levantem rapidamente o papel e encostem-no á parede, á qual ficará pegado, porque se electrisou e está por isso attrahindo a parede. Se aquecerem o papel e o escovarem como fica dito, collocando-o em seguida a certa altura por cima de pedacitos de papel mais leve, esses papelitos voarão para adherirem ao papel pardo electrisado.

Até é possivel produzir faiscas com o papel electrisado. Peguem n'uma folha grande de papel de desenho, aqueçam-na até ficar bem secca, e esfreguem-na com um trapo de flanella ou de lã para a electri-

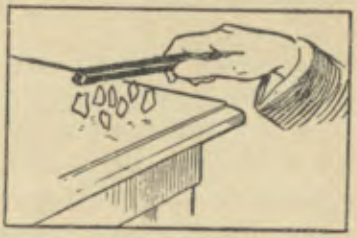


Fig. 1

sar. Depois ponham-lhe no meio um objecto de metal — um mólho de chaves ou uma corrente de relogio — e levantem o papel por duas pontas. Se qualquer pessoa approximar o dedo ao metal, verse-ha passar uma faisca brilhante entre o metal e o dedo, sem que este sinta impressão alguma. Se o tempo e o papel forem bem seccos, a faisca poderá chegar a uma pollegada de comprido.

Mas o papel não é a melhor substancia para estas experiencias, porque não retem muito tempo a electricidade e não é das mais faceis de electrisar.

Melhor *excitador*, como se chamam as cousas que se electrisam pela fricção, é um tubo ou uma vara de vidro, sobretudo esta ultima. Basta para a electrisar esfregal-a vivamente com um trapo de seda secca. Tambem se pode empregar um pau de lacre que se deve esfregar com flanella. Egualmente serve um pedaço de vulcanite, ou borracha endurecida, substancia de que são feitas canetas, facas de papel, etc., esfregado tambem com flanella.

Qualquer d'estes objectos attrahirá pedacinhos de papel ou uma porção de serradura, como se vê na figura 1.

E' preciso ter cuidado em que esteja bem secco, e os objectos devem ser aquecidos para ficarem bem enxutos. Todas as experiencias com esta especie de electricidade falharão se tudo não estiver quente e secco, inclusive o tempo. Veremos ás vezes que a vara attrahirá o papel, e d'ahi a pouco deixará de o attrahir. Isto é porque o papelinho recebeu uma carga de electricidade da vara e quando dois corpos electrisados se approximam, repellem-se um ao outro, se tiverem a mesma electricidade. Se os corpos estiverem carregados com especies oppostas de electricidade, attrahir-se-hão mutuamente. Estas duas especies de electricidade chamam-se *positiva* e *negativa*. O vidro esfregado com seda produz electricidade positiva, e o lacre ou borracha esfregados com flanella produzem electricidade negativa.

Fig. 3

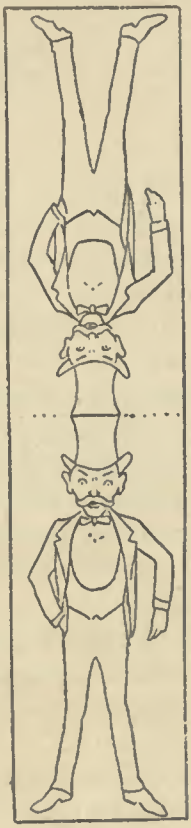


Fig. 2

Peguem n'um pedaço de papel delgado e cortem uma tira, ahi com 1 decimetro de comprido por 2 a 3 centimetros de largo. Dobrem-no ao meio ajustando os dois extremos. Depois desenhem um homem, como se vê na figura 2, e recortem-no, mas sem cortar o topo, de forma que o boneco fique em pé, como se vê na figura 3. Se excitarem a varinha de vidro e a approximarem de um dos lados, o boneco rolará para ella, e se em seguida approximarem a borracha ou o lacre electrisados do outro lado, elle rolará no mesmo sentido, e assim o farão andar á roda da mesa.

Como se ministra um remedio

O actor Careta esta muito em baixo;
Vem visital-o Doutor Gaspacho.

Um bom purgante logo receita,
Que de enojado Careta enjeita.

Mas o actor, n'uma peça medonha,
Tinha em sentença beber peçonha.

Doutor Gaspacho, que é mestre em traça,
Deita o purgante dentro da taça.

E o actor engole, sem mais tempero,
Purga que o ponha são como um pero.

O jogo da arcada

Arranje-se um pedaço de madeira de cerca de 3 decimetros de comprido. Abram-se n'elle 9 arcos com uns 3 centimetros de altura e uns 2 de largo. Por cima de cada arco, escreva-se um numero, como se vê na figura. A cousa de um metro da arcada, traça-se o alvo no chão. Cada jogador atira successivamente uma bola. Ao pé da arcada, está um d'elles a fazer de porteiro. E' elle quem paga ao jogador habil, cuja bola passa por um dos arcos, o numero de bolas correspondente ao que está escripto sobre o arco. Recebe uma bola de cada desastrado que esbarre com um pilar, ou que passe pelos lados ou por cima da arcada, ou que finalmente, por qualquer motivo, não transpõe um dos arcos.

O logar do porteiro é quasi sempre lucrativo, e por isso muda a cada partida. E' a sorte que, no principio do jogo, determina a ordem por que esse cargo deve ser exercido.

BIBLIOTHECA DA INFANCIA Rua Serpa Pinto, 34-LISBOA

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE LEITURAS EDUCATIVAS

Sob a direcção litteraria de VICTOR RIBEIRO (da Academia Real das Sciencias)

200 réis cada volume de cerca de 200 pag. em 8.°, optimo papel, adornado de magnificas gravuras, brochado. Elegantemente encadernado em percalina, a ouro, côres e relevo, proprio para **Brindes** e **Premios escolares**, ***300 réis***.

Volumes publicados

I — Narrativas e Lendas da Historia Patria — Conquista do Reino.
II — A. Daudet — A Creança Abandonada.
III — Narrativas e Lendas — O Condestavel.
IV — No Paiz do Leão — A Vida dos Animaes.
V — Narrativas e Lendas — D. João I (o rei eleito do povo).
VI — Victor Hugo — O Bom Bispo.

No prélo { VII — Narrativas e Lendas — Os filhos de D. João I.
VIII — Os Caes Celebres — A Vida dos Animaes.

A' venda em todas as livrarias do paiz

Pedidos a A. DAVID, enc. Rua Serpa Pinto, 30 a 36 — LISBOA
No Porto — Livraria Moreira, Praça D. Pedro, 44
No Brazil — F. ALVES & C.A, Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

CAMISOLA DE BONECA

Querem coisa mais facil de fazer que esta camisola que nem de molde precisa? Talvez até as mamãs das nossas queridas leitoras

Fig. 1

aproveitem a ideia para os seus bébés, pois que, alem da facilidade da execução, dá graça á creança que a vestir; quanto mais a uma boneca, pensará a minha leitora!

Vamos então á explicação, que não é difficil de comprehender.

Mede-se a altura desde o pescoço até á cintura da boneca, e a largura dos hombros. Dobra-se o tecido, de que se faz a camisola e corta-se como mostra a fig. 2.

Fig. 2

A fig. 1 representa a camisola desdobrada antes de ser cosida.

Marca-se o centro, dá-se um corte para o pescoço e sobrepõe-se um quadrado na parte da frente, pelo avesso, como mostra a fig. 1, para se poderem fixar os botões com mais segurança, e para que a boneca fique mais resguardada do frio, e não apanhe constipações. Torna-se depois a dobrar o tecido como se cortou, e cosem-se, pelo avesso, as costuras do corpo e das mangas que

Fig. 3

devem ir estreitando para o pulso. Dá-se um corte á frente, nos tecidos sobre-postos, para fazer a abotoadura.

Faz-se uma algibeira do lado esquerdo e uma ancora na manga, e ahi teem uma camisola elegantissima feita sem muito custo.

Tambem se pode fazer esta camisola em crochet, exccutando-a toda inteira.

No theatro

O Bébé vae ao theatro pela primeira vez, e começa a chilrear.
«Schiu!» diz a Maman, «aqui não se pode falar!»
Mas d'ahi a um instante, no palco, os actores começam a dialogar em voz alta.
E o Bébé grita, cheio de indignação:
«Calem a boca! Aqui não se pode falar, manda a Maman!»

A hora

Á beira-mar

II

Porque é que o mar é salgado

N'aquella noite ficaram as gaivotinhas que tempos acordadas, depois de terem ido deitar-se para os seus quartos abertos nos recifes, a conversarem a respeito da divertida menina que tinham encontrado na praia.

Na manhã seguinte, acordaram tambem mais cedo que o costume, e fizeram tanta bulha que incommodaram as outras aves.

«Acorde, Vóvó!» gritaram ellas, «queremos que nos leve a vêr a Mimi.»

«É ainda muito cedo para fazer visitas a uma senhora», redarguiu a Vóvó estiraçando as azas para se espreguiçar. «É melhor que vão almoçar socegadinhas.»

Ora as gaivotinhas sabiam muito bem que a Vóvó, com ser pessoa de bom genio, não era para graças quando lhe desobedeciam. Por isso levantaram o vôo, e passaram cerca de duas horas muito alegres, a almoçar, a tomar banho, e a brincar entre si, disputando um bocadito de peixe que alguma d'ellas conseguia apanhar por alli.

Por fim a Vóvó disse que estava prompta, e ahi voaram ellas todas para o sitio onde na vespera tinham deixado a Mimi.

Encontraram-na ainda sentada ao pé da rocha, sem que se lhe notasse no parecer qualquer alteração por ter passado a noite em claro e

ao relento. Nem sequer o cabello estava despenteado — vantagem de elle ser só em pintura.

«A menina deve ter fome e sede», disse a Vóvó com muita meiguice, depois de lhe ter dado os bons dias.

Em seguida voltou-se para duas das gaivotinhas, e disse assim:

«O' Lume-no-Olho, vê se procuras por ahi uma lapa ou um berbigão, bem gordinhos; e tu, Bico-de-Aço, traze uma concha cheia de agua.»

A Mimi não sabia que cousa fossem lapas ou berbigões, e logo lhe palpitou que Bico-de-Aço lhe trazia agua do mar. Por isso recusou immediatamente, com muita cortezia.

«Eu cá passo dias e dias sem comer», explicou ella, «e alem d'isso não sei quem foi que salgou a agua do mar, que não posso tragal-a. Já repararam n'isso?»

Ao ouvir esta curiosa observação, as gaivotinhas desataram a gritar tanto que ficaram roucas, e a propria Vóvó não poude conter-se que não entrasse no côro das gargalhadas.

Mas a Mimi é que não percebia onde estava a graça, e não podia disfarçar a zanga. Por isso a Vóvó acudiu com ar conciliador:

«Isso de rir é muito bom, meninas; mas aposto que nenhuma é capaz de me dizer porque é que o mar é salgado!»

Como nenhuma respondesse, ella continuou:

«Ora escutem com attenção, que eu vou ver se lhes posso explicar este phenomeno.

«De mistura com a parte solida que forma o nosso globo ha uma certa quantidade de sal. Como o sal é uma substancia que se dissolve facilmente quando está em contacto com a agua, o oceano está constantemente a alimentar-se, por assim dizer, de sal e de outras ma-

terias tiradas da crosta da terra que forma o seu fundo. Alem d'isso, obtem-se o sal dos rios. A chuva que cae nas rochas e na terra dissolve o sal que alli existe, e acarreta-o para as fontes e regatos e rios, que por sua vez o levam para o grande oceano.»

«N'esse caso o mar está a encher-se cada vez mais de sal, não é

(Continua na pagina 161.)

Os pintainhos

Que linda ninhada,
Tão viva e esperlinha,
Que teve hontem mesmo
A nossa gallinha!

Eu quero abafal-os
Na minha sainha,
Calor quero dar-lhes,
Fazer de gallinha.

Mas eis que ella avança,
A mãe, coitadinha!
Eu mal não lhes faço,
Descansa, gallinha!

assim, Vóvó?» perguntou uma das gaivotinhas.

«Pois já se vê. O sal do mar vae ereseendo em quantidade, por isso que, depois de lá entrar, nunca mais sae. Mas esse augmento faz-se tão devagarinho, que nem n'um milhar de annos se nota differença sensivel. E ha partes do oceano que teem mais sal do que as outras.»

«Quaes são ellas, Vóvó?» perguntaram as gaivotinhas mais intelligentes.

«Por exemplo, aquellas que são alimentadas por poucos rios, ou que ficam em sitios onde o ar é quente e secco e onde ha poucas chuvas. Como sabem, a chuva não contém sal, e por isso, quando cae no mar, contribue para o tornar mais ensôsso.»

«E que tem o ar com isso?» perguntou Lume-no-Olho.

«Ora dize-me lá: que fazes tu quando tens sede?» redarguiu a Vóvó.

«Bebo, está claro.»

«Ora é exactamente o que faz o ar quente e seceo. Vae beber ao oceano, mas tem o cuidado de beber só agua pura, deixando lá o sal, que isso é que nós não somos capazes de fazer.»

«E para onde vae a agua que o ar bebe?» interrogou Lume-no-Olho que era de uma curiosidade extraordinaria.

«Vae subindo, subindo, até que afinal se ajunta n'uma nuvem, e d'ahi a tempos cae de novo em qualquer sitio sob a forma de chuva. Mas, voltando á vaeca fria, quanto mais seceo e mais quente é o ar, mais humidade bebe, ou absorve, do oceano, e como lá deixa sempre o sal, a agua que fica é naturalmente cada vez mais salgada.»

«O' Vóvó!» exclamou uma das gaivotinhas, «não disse ha pouco que o mar era mais salgado nos sitios onde não havia muitos rios que se despejassem n'elle?»

«Disse.»

«Mas não disse tambem que eram os rios que levavam o sal para o mar?»

«E' verdade que disse, e é certo que levam; mas como estão constantemente a despejar para o mar uma quantidade muito maior de agua insôssa do que de sal dissolvido, são realmente os rios que evitam o excesso do sal no mar. Vossês podem perceber por experiencia propria como é pequena a quantidade de sal que conteem os rios. Quando lá vão beber, sabe-lhes acaso a agua a sal?»

«Não sabe, não», exclamaram todas em côro, com toda a conseiencia.

«Mas se não sabe a sal, como é que a Vóvó affirma que o sal está lá?» perguntou Bico-de-Aço.

«Porque sei», replicou a Vóvó com intimativa. «E agora que lhes expliquei como é que o mar se torna salgado, devo dizer-lhes que por maneira similhante elle adquire outras materias neeessarias aos variados animaes que vivem nas suas profundezas.

«A mais importante d'estas materias é a cal, porque d'ella se

formam os ossos e as conchas, que dão consistencia e abrigo aos peixes e mariscos.

«O lindo coral, por exemplo, é nada mais nada menos, querem erer? do que um aggregado de esqueletos calcareos de milhões de animaesinhos, que viveram e morreram, juntos uns aos outros, dentro do mar.

«Bem! agora basta de explicações, e vamo-nos embora.»

E a Vóvó olhou para a Mimi, para ver se ella tinha alguma coisa a dizer.

Mas palpita-me que a bonita menina não tinha dado grande attenção ás explicações. Estava ferrada no somno, apezar de ter os olhos muito abertos. Mas, como sabem todas as creanças, é assim que dormem ordinariamente as bonecas, quer sejam de madeira, quer sejam de qualquer outra especie.

N'este momento, appareceram duas meninas, essas de carne e osso, a correr pela praia. As gaivotinhas espantaram-se, e até a Vóvó ficou um pouco assustada. Mas tratou de disfarçar o susto, dizendo:

«Vamos depressa, meninas, senão os gulosos dos corvos marinhos dão cabo do melhor peixe. Aviem-se, aviem-se.»

Economia

N'um dia de inverno, uma pequenita chega ao collegio encharcada que nem um pinto.

«Então a menina não tem guarda chuva?» perguntou a mestra.

«Tenho, sim, minha senhora», responde a pequena, «até por signal que é novinho em folha. Não quero estreial-o com um tempo d'estes.»

Ramiro Leão & C.ª

LISBOA

SALÃO DE NOVIDADES

Esta secção encontra-se completamente sortida com todos os artigos proprios da especialidade, ou sejam: **Artigos para brindes. Objectos para escriptorio, Marroquinaria, Artigos de Sport, Objectos para toilette e para barba, Bonecos e brinquedos, Nickeis e crystaes. Objectos de ménage. Porcelanas e faianças. Molduras para retratos, Chapeus inglezes para a cabeça, guarda-chuvas, bengalas e sombrinhas, Luvas e leques, Artigos de viagem** e muitas outras variedades que é impossivel innumerar. Especialmente pedimos uma visita para esta nova secção, cujos artigos são verdadeiramente empolgantes quer pela novidade quer pelos preços, que fazem uma grande differença do vulgar no sentido de barateza e economia.

Uma infinidade de bonecas em todas as qualidades, typos e tamanhos.

Lindissima collecção de bonecas finas, rosto de porcellana, inteiramente articuladas, productos de *Jumeau*, o inimitavel fabricante francez.

Novidade opportuna — Uma collecção originalissima de bonecas, trajando á maneira dos esquimós, os grandes collaboradores da recente e sensacional descoberta do Polo Norte.

Milhares e milhares de brinquedos em todos os generos. Coisas as mais diversas e curiosas, d'uma graça e engenho pasmosos, proprios para fazerem o enlevo e delirio de todas as creanças. Preços baratissimos.

BIJOUTERIAS

oda a casta de bijouteria fina, a preços baratissimos, como: **collares, cadeias para relogio, cordões para leques e lorgnons, chatelaines, broches, medalhas, alfinetes, pregos** de chapéu, etc., etc.

BRINDES uteis e lindissimos em todas as compras superiores a **1$000 réis**, tendo tanto maior valor o brinde quanto maior fôr a importancia da compra. Estes brindes são dados sómente nas compras effectuadas no nosso **Salão de Novidades e Utilidades.**

Cascarrão-de-Jacaré

N'um certo paiz vivia um pobre moleiro que tinha uma filha muito linda. Esta menina era alem d'isso excessivamente esperta e habilidosa, e o moleiro estava tão ufano e orgulhoso com ella, que um dia disse ao rei que a sua filha podia fiar ouro sahido de palha.

O rei que era muito amigo de dinheiro, quando ouviu a maravilhosa proposta, ordenou logo que trouxessem a rapariga á sua presença.

Metteu-a n'um quarto cheio de palha, deu-lhe uma roca, e disse-lhe: «Tudo isto é para ser fiado e transformado em ouro, antes de amanhecer, senão não respondo pela tua vida.»

A pobre rapariga em vão declarou que não podia fazer semelhante cousa; fecharam-lhe a porta, e deixaram-n'a sósinha.

Sentou-se a um canto do quarto, e começou a chorar, quando a porta se abriu, e um homemzinho muito exquisito, muito feio, muito pequenino, chegou-se a ella e perguntou-lhe:

«Porque estás tu a chorar, linda menina?

«Ah!» respondeu ella, «tenho de fiar toda esta palha em ouro, e não sei como isto ha de ser.»

«O que me darás tu», disse o homem pequenino, «se eu conseguir isso em teu logar?»

«O meu collar», replicou a menina.

O homemzinho acceitou a proposta, e sentou-se ao pé da roca, a qual começou a trabalhar vivamente, até que o ouro ficou todo fiado. Quando o rei viu isto, ficou muito espantado e contente, mas a sua ambição não ficou saciada, e tornou a fechar a filha do moleiro com uma nova tarefa.

Ella não sabia que fazer, e estava sentada a chorar, quando lhe tornou a apparecer o homemzinho que lhe disse:

«O que me dás para eu fazer a tua tarefa?»

«O annel que tenho no dedo», respondeu ella.

O seu pequeno amigo pegou no

annel, e começou a trabalhar, até que de manhã tudo estava prompto.

O rei ficou radiante por ver o seu brilhante thesouro; mas ainda não ficou satisfeito; levou a filha do molciro para um quarto muito maior, e disse: «Tudo isto ha de ser fiado esta noite: se tal succeder, caso comtigo.»

Assim que ella ficou sósinha, appareceu o anão, e disse: «o que me dás para eu te fiar o ouro pela terceira vez?»

«Eu já não tenho nada», disse ella.

«Então promette-me» tornou o homemzinho, «o teu primeiro filho quando fores rainha.»

«Espera lá por essa!» pensou a filha do moleiro; e como não tinha outro meio para ver a sua tarefa feita, prometteu o que elle lhe pediu, e mais uma vez ficou tudo fiado.

O Rei veiu de manhã, e achando a tarefa prompta, casou com ella.

Quando nasceu o primeiro filho, a Rainha ficou muito contente e esqueceu-se do que tinha promettido ao anão; mas um dia elle entrou no quarto d'ella, e lembrou-lhe a sua promessa. Então ella offereceu-lhe todos os thesouros do seu reino em troca do filho, mas em vão.

No emtanto, as lagrimas d'ella commoveram o homemzinho, que disse:

«Se no fim de tres dias tu me disseres como eu me chamo, deixo-te o teu filho.»

Toda a noite a Rainha esteve acordada, pensando nos nomes esquisitos que tinha ouvido, e mandou logo emissarios para todos os cantos da terra para inquirirem de nomes novos.

No dia seguinte, quando o anão chegou, ella disse os nomes de Timotheo, Aniceto, Zacharias, e todos os outros que lhe ocorreram, mas a todos elle respondia: «Esse não é o meu nome.»

No segundo dia tornou a lembrar-se de todos os nomes esquisitos que sabia, Bernabé, Serafim, Felisberto, e muitos mais; a todos o homemzinho respondia:

«Esse não é o meu nome.»

No terceiro dia voltou um dos emissarios e disse:

«Hontem quando eu subia uma encosta muito alta, entre as arvores da floresta, onde a raposa e o veado costumam esconder-se durante a noite, vi uma cabana muito pequenina, e dentro uma fogueira, e á roda d'ella, dançava um anão, cantando:

«Ai que festa que eu vou ter
A'manhã, se Deus quizer!
Com cantigas e com dança
Eu divirto essa creança!
Por mais voltas que a Rainha
Possa dar, não adivinha
Que o meu nome afinal é
Cascarrão-de-Jacaré.»

Então a Rainha saltou de alegria, e quando chegou a visita microscopica, disse-lhe:

«O teu nome será João?»

«Não!»

«Será Paschoal?»

«Qual!»

«Será Cascarrão-de-Jacaré?»

«Alguma bruxa t'o disse!» gritou o anão, e bateu com o pé tão de rijo no chão, que ficou a chiar com a dôr, emquanto tudo á roda d'elle, bicharia e cousas varias se ria da sua figura.

OS NOSSOS BRINQUEDOS

BIBLIOTHECA INFANTIL

Contribuição para o Folk-Lore *brazileiro*

COLLECÇÃO ICKS

Serie B

1 volume cartonado e com immensas illustrações.

Pinheiro Chagas

Historia Alegre de Portugal

Resumo da historia de Portugal, dividida em serões. Obra instructiva e de leitura agradavel.

1 volume illustrado, br..... **300 réis**

1 » » encad.. **500 réis**

Preço em moeda forte

A EDITORA" *Largo do Conde Barão, 50* Lisboa-Portugal

O Gafanhoto

PRIMEIRA SERIE:

4 lindos albuns profuzamente illustrados com estampas a preto e a côres e com magnificas capas de fantazia

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Ferregial, 6

LISBOA

OBRAS

DE

Alexandre Herculano

POESIAS

ROMANCES

HISTORIA

OPUSCULOS

José Bastos & C.ª Antiga Casa Bertrand

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OFFICINA

PHOTOMECANICA

DE

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

PHOTOGRAVURA - ZINCOGRAPHIA - TRICHROMIA

GRAVURA PARA ENCADERNAÇÃO

ESCRIPTORIO: CALÇADA DO FERREGIAL 6.1º LISBOA

OFFICINAS: RUA JOÃO DE LEMOS-SANTO AMARO LISBOA - PORTUGAL

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

Agua Castello

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907
Medalha de Prata — S. Luiz 1904

Unicos exportadores **Assis & C.ª — LISBOA**
Endereço telegrafico: ***MOURAGUAS***
Codigo "Ribeiro"

Agua Castello

Estas aguas perfeitamente limpidas transparentes, inodoras incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affeções calculozas da bexiga e vias urinarias; eficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: **atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnesianas, nitradas e litinicas. Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de *MUITO PURA.***

(Antiga casa **DAVID CORAZZI**)

Premiada nas Exposições: *Portugueza do Rio de Janeiro, da Sociedade Giambattista Vico, de Napoles, Industrial Portugueza de 1884, 1888 e 1890, Palacio de Crystal — Porto 1897, Universal de Paris de 1889 e 1900 e Nacional do Rio de Janeiro, 1909.*

CASA EDITORA DAS:

Bibliotheca do Povo
Bibliotheca Universal Antiga e Moderna
Bibliotheca Moderna
Bibliotheca Horas Romanticas
Bibliotheca de Educação e Ensino
Biographias de Homens Celebres
Diccionarios do Povo
Diccionario de Geographia Universal
O Ideal Moderno
Obras completas de Julio Verne
Obras de Blasco Ibañez

Livros dos melhores auctores portuguezes e estrangeiros

Grande edição com illustrações de Roque Gameiro do encantador romance de Julio Diniz

"AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR"

Volumes encadernados em carneira e percalina.
Assignatura permanente a fasciculos.

As primeiras officinas de Portugal

Typographia, Lithographia e Encadernação

movidas pela electricidade

Execução de todos os trabalhos, desde o mais economico ao de maior luxo.

Execução perfeita e rapida

50, Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA — **PORTUGAL**

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — BELLO HORIZONTE

2.ª SERIE Abril 1910 N.º 8

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Viagem de circulação á Terra dos Bonitos

IMPRESSO E COMPOSTO NA EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª
Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro
DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres
da officina Photomecanica de **Thomaz Bordallo Pinheiro** — LISBOA

O leão

Na Europa e na America, as partes do mundo occupadas principalmente pela raça branca, não existem estes animaes ferozes, que se chamam leões. Vão acabando na India, em grande parte dominada pelos inglezes, abundam ainda n'outras partes da Asia, mas onde ha maior quantidade d'elles é na Africa. Nos sitios que os homens começam a explorar e a povoar, é o leão o seu temivel inimigo. Como os gamos e outros animaes similhantes fogem á vista do homem, o leão, achando-se desprovido d'esse alimento, é levado pela fome a atacar as cavalgaduras e os bois que puxam os carros, e até a matar e a devorar os proprios homens. Sae de noite da sua tóca ou antro, rasteja até junto da preza, salta n'ella com grande força, e despedaça-a com os dentes rijos e as fortes garras. Leva um boi com tanta facilidade como um gato leva um rato. A sua força é prodigiosa.

A perna deanteira, ou ante-braço, mede em redondo mais de meio metro, e é feita de osso rijissimo, com musculos e tendões tão fortes como

o aço mais forte. A pata tem cerca de 22 centimetros de espessura. Quando esta pata cae sobre um animal, surdem d'ella as terriveis garras, que estão escondidas de ordinario entre as juntas dos dedos. São enormes anzoes durissimos e amarellados, que arrancam a carne do animal como nós arrancamos a casca a uma laranja. A força com que elle despede a pancada é tamanha como a de um martello movido por vapor. Não admira a facilidade com que mata um homem ou um animal de grandes dimensões.

O leão e o tigre são os maiores membros da familia dos gatos. São, a bem dizer, grandes gatos muito ferozes. Reparem nas garras do seu bichano; são feitas como as dos leões. Reparem como é aspera a sua lingua. A do leão é ainda muito mais aspera. Tem umas pontas corneas que se levantam e esbrugam um osso de carne, como uma lima enorme.

O leão tambem se parece com o gato em não poder correr grandes distancias. Dá saltos muito extensos, mas não agnenta n'elles muito tempo; de forma que um gamo pode fugir-lhe, como um cão foge ao gato. Por isso o leão precisa de muita astucia para caçar animaes velozes.

Quando á noite vae beber agua a um rio ou lagoa, sabe que ao mesmo sitio virão outros animaes. Então encosta o focinho á terra, e solta um rugido. Não ha no mundo animal som algum como o rugido do leão. Tão forte, tão profundo, tão imponente, que todos os animaes ficam doidos de pavor. O leão, sabendo isto, continua a rugir. O resultado é que os animaes, ao ouvil-o, desorientados, correm para uma e outra banda, e ha quasi sempre um ou outro que vem cahir exactamente na boca do leão. E' este um dos seus systemas de apanhar caça. Outro é o seguinte.

Em campina raza é-lhe escusado perseguir gamos, que correm mais do que elle. Quando ha rochas, ainda o leão pode aproximar-se sorrateiramente, rastejando de uma á outra. Quando as não ha, combinam-se dois leões para a caçada. Um d'elles esconde-se. O outro encaminha-se devagarinho para a parte do matto onde os gamos andam a pastar. Depois precipita-se sobre elles com um rugido. Os gamos fogem atterrados, o leão persegue-os, tratando de encaminhal-os para o esconderijo do companheiro. Quando estão perto, salta do esconderijo o leão, bate para a direita e para a esquerda com as enormes patas, e a cada patada mata um dos gamos, arranjando assim o jantar para si e para os companheiros.

Quando se apanham novos, ha domadores que ensinam os leões a fazer habilidades, como vemos ás vezes nos circos, onde ha homens tão loucos que arriscam a vida com feras. Mas apezar de obedecerem aos domadores, esses leões matam qualquer outra pessoa que lhes entre na jaula.

Ha poucos annos succedeu em Paris um caso terrivel. Havia um homem que se propunha a trabalhar com dezenove leões. Seis d'elles tinha elle proprio ensinado, mas os treze restantes, que tinham sido domesticados por outro homem, não o conheciam. Apenas poz o pé dentro da jaula, o domador escorregou. Um dos leões, que o desconhecia, saltou sobre elle e derribou-o; os outros, que estavam no mesmo caso, precipitaram-se sobre o homem e começaram a mordel-o. A morte do domador estava pois imminente.

N'isto, viu-se uma cousa extraordinaria. O maior de todos os leões correu para aquelles que assaltavam o homem, e começou a atacal-os com toda a furia. Era o leão favorito do domador, e luctava para lhe salvar a vida. E com tanta valentia o fez que, embora ficasse a escorrer em sangue, conservou os outros em respeito até que se poude abrir a porta da jaula e arrastar para fora o domador, o qual só nove mezes depois se restabeleceu no hospital das feridas e das fracturas que tinha recebido.

Teem nascido muitos leões em jardins zoologicos. Ha já pelo menos exemplo de um, nascido no de Lisboa. Conta-se um caso curioso de uma leôa do jardim zoologico de Dublin, na Irlanda, o qual tem fama de conservar com saude ninhadas de leõesinhos, que a custo vingam n'outros jardins. Essa leôa viveu alli tantos annos que chegou a ter dezenas de filhos. Depois de muito velha, já não podia mover-se com a antiga agilidade. Resultou d'ahi que se atreviam a invadir a jaula muitas ratazanas, que se valiam da fraqueza da pobre leôa para lhe ir roer as patas. A desgraçada passava por isso uma vida horrivel.

O guarda resolveu pôr cobro a isso, mettendo na jaula um cão pequeno, muito rateiro. Apenas o viu, a leôa levantou-se para dar cabo d'elle. O cão não fez caso. Viu a um canto da jaula uma ratazana, e, sem

mais tir'te nem guar'te, saltou-lhe em cima e matou-a.

A leôa sentou-se então de novo, a reflectir. Percebeu que o cachorro estava alli, não para a incommodar, mas antes para a defender. Mostrou logo pois que estava resolvida a tratal-o como amigo. D'alli por deante, todas as noites, antes de adormecer, costumou-se a chamar o cão e a extender em volta d'elle as enormes patas. E assim adormeciam juntos, pousando a cabeça do cão sobre o amplo arcabouço da leôa. Nenhum rato se atreveu mais a apoquental-a, e passou em paz e socego o resto da existencia.

Subindo um plano inclinado

Se nós collocarmos uma bola, um cylindro ou qualquer outro corpo rolante sobre um plano inclinado, já sabemos que o corpo descerá ao longo d'esse plano inclinado, pela acção da gravidade.

Ora vamos apresentar uma experiencia que parece desmentir este principio, mas veremos que pelo contrario o confirma.

Collem pelas bases dois *abat-jour*, ou dois cones de cartão.

Arranjem um plano inclinado com duas bengalas collocadas sobre dois livros de altura desigual, mas de maneira que as duas bengalas formem entre si um certo angulo, cujo vertice se acha do lado inferior do plano inclinado.

Colloquem o cone duplo perto do vertice d'esse angulo, e verão como elle rola ao longo das duas bengalas, *subindo o plano inclinado,* o que á primeira vista parecerá um milagre. Perceberão que o não é, notando que, em consequencia do desvio crescente das bengalas, no

sentido da subida, o eixo dos dois cones, sobre o qual se encontra o centro da gravidade, baixa cada vez mais. Ha portanto n'isto uma illusão curiosa, e não ha excepção ás leis immutaveis do peso e da gravidade.

HISTORIA UNIVERSAL POR G. ONCKEN

A primeira historia universal dos tempos modernos, pelo desenvolvimento com que são tratados os diversos periodos da vida da humanidade e pela auctoridade scientifica dos nomes que subscrevem cada um dos volumes de que ella se compõe.

Traduzida em portuguez por um grupo de professores e homens de lettras sob a direcção de

Z. CONSIGLIERI PEDROSO

Director do Curso Superior de Lettras, professor de historia, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, Presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa

A ***Historia Universal de ONCKEN*** publica-se em fasciculos semanaes de formato grande de 32 paginas em edição de luxo, bom papel, magnificas photo-gravuras e explendidos chromos. Cada fasciculo de *32 paginas 100 réis.* Cada tomo de *160 paginas 500 réis.*

Pedidos a **JOSÉ BASTOS & C.ª** — (Antiga Casa Bertrand)

73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

A bruxa da arvore da floresta

O principe Mirko era filho do rei da Hungria, mas como o pae tinha sido morto n'uma batalha com os tartaros, Mirko foi obrigado a fugir para arranjar a sua vida. Depois de cavalgar durante sete dias, chegou a um palacio feito de diamantes. Era noite escura, e Mirko estava esfomeado e muito cançado. Com todo o atrevimento abriu o portão do palacio, penetrou lá dentro, e ficou espantado por não encontrar ninguem a habital-o. Havia um excellente jantar posto sobre a meza, e depois de ter comido, o principe Mirko entrou n'um quarto de cama, muito bem posto, deitou-se sobre a cama, e depressa adormeceu. Tinha apenas fechado os olhos, quando sete tartaros altos e fortes entraram no palacio.

«Oh! oh!» exclamou o mais alto de todos, «cheira-me aqui a sangue christão!»

Procurou por toda a parte, e assim que encontrou Mirko, cortou-o em mil bocadinhos, os quaes deitou pela janella fóra.

Na manhã seguinte, uma linda menina sahiu d'um esconderijo debaixo do palacio, e deitou sobre os bocadinhos, espalhados na rua, elixir da vida.

Mirko levantou-se logo, forte e bonito como era antes, e a linda menina desappareceu.

«Oh! oh!» gritou o mais alto dos tartaros, «o nosso principesinho voltou á vida!»

E tornou a cortal-o em mil bocados.

Na segunda manhã tornou a acontecer a mesma cousa. Até que

na terceira manhã, a menina espalhou o elixir sobre Mirko, e disse-lhe:

«Eu sou a princeza d'este castello. Os tartaros mataram meu pae. Mas agora não preciso esconder-me mais, porque tu és mais forte que elles todos!»

E assim era. A' espadeirada o principe matou os sete tartaros, e partiu com a princeza á procura

dos corpos dos paes de ambos, para lhes deitarem em cima elixir de vida. A' noite foram para a floresta, e accenderam uma fogueira debaixo d'uma arvore.

«Como faz frio!» disse uma voz sobre a cabeça d'elles.

Olharam para cima, e viram uma bruxa tartara que estava sentada na arvore.

«Deitem este pó no lume», disse a bruxa, «e elle accenderá mais depressa».

Mirko fez isso, e levantou-se um fumo exquisito. A bruxa desceu da arvore, dizendo:

«Vocês mataram os meus filhos, os sete tartaros. Agora vão tambem morrer!»

Mirko sentiu o poder magico cahir sobre elle, e chamou em seu soccorro a princeza. Mas o estranho fumo tinha-a feito cahir. Mirko espalhou em cima d'ella o elixir da vida, e fez o mesmo a si proprio.

Depois pegaram na bruxa e obrigaram-n'a a declarar onde estavam os paes de ambos enterrados.

«Parece-me que estive a dormir durante muito tempo», disse o velho rei, esfregando os olhos, quando voltou á vida, e o pae da princeza disse a mesma cousa.

Depois de Mirko ter casado com a princeza, o pae deu-lhe o throno, e elles reinaram no seu paiz, com muita felicidade durante longos annos.

BIBLIOTHECA DA INFANCIA Rua Serpa Pinto, 34-LISBOA

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE LEITURAS EDUCATIVAS

Sob a direcção litteraria de VICTOR RIBEIRO (da Academia Real das Sciencias)

200 réis cada volume de cerca de 200 pag. em 8.º, optimo papel, adornado de magnificas gravuras, brochado. Elegantemente encadernado em percalina, a onro, côres e relevo, proprio para **Brindes** e **Premios escolares, *300 réis.***

Volumes publicados

I — Narrativas e Lendas da Historia Patria — Conquista do Reino.
II — A. Daudet — A Creança Abandonada.
III — Narrativas e Lendas — O Condestavel.
IV — No Paiz do Leão — A Vida dos Animaes.
V — Narrativas e Lendas — D. João I (o rei eleito do povo).
VI — Victor Hugo — O Bom Bispo.

No prélo { VII — Narrativas e Lendas — Os filhos de D. Joao I.
VIII — Os Cães Celebres — A Vida dos Animaes.

A' venda em todas as livrarias do paiz

Pedidos a A. DAVID, enc. Rua Serpa Pinto, 30 a 36 — LISBOA
No Porto — Livraria Moreira, Praça D. Pedro, 44
No Brazil — F. ALVES & C.ª, Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

PINTURA VIVA!

Mestre André, de orgulho cheia
Pelo quadro que pintou,
Vae gasar a'um bom passeio
O descanso que ganhou.

N'isto chega uma raposa,
Pelos gansos seduzida,
E n'uma ancia temerasa
Os tres bichas tomam vida.

Salta a raposa nas gansas,
Lambenda o beiço cruel,
E elles, abrinda os bicanços,
Saltam fóra do painel.

E mestre André, quando volta,
Encantra o quadro vasio,
E os seus tres gansos á salta,
Rotrescando-se na rio.

Electricidade caseira

(Conclusão do numero anterior)

Outra experiencia se faz com uma bola de miolo de sabugo. Este miolo é muito leve quando está secco, e pode-se affeiçoar facilmente n'uma bolinha do tamanho de uma ervilha. Ate-se a bola a um fio de seda, e esse fio pendure-se n'um bico de gaz ou noutro sitio conveniente. Depois approximem a varinha electrisada da bola, que voará para a vara, e depois de a tocar será repellida, e assim permaneceerá emquanto houver electricidade na vara. Mas, se depois de se servirem da varinha de vidro, approximarem o lacre ou a vulcanite, a bola voará para estes. Isto mostra a differença entre as duas especies de electricidade. Em vez de bola de sabugo, tambem podemos usar pennas de ave, mas o sabugo é preferivel. Em logar de pendurar a bola n'um bico de gaz, pode-se arranjar um apparelho de suspensão como se vê na figura 4, servindo para isso um bocado de arame enterrado na rolha, curvado, com uma especie de anzol na extremidade. Com a bola de sabugo podemos provar que, quando esfregamos o vidro com seda, ou a vulcanite ou o lacre com flanella, a seda ou a flanella tambem ficam electrisadas. Se enrolarmos a seda ou a flanella em forma de bola, e depois de esfregarmos n'ellas a varinha as approximarmos da bola de sabugo, o effeito será o mesmo que se tivermos aproximado a varinha.

Fig. 4

Peguem n'um pedaço da margem de um jornal e desenhem a boneca que veem na figura 5, com cerca de 5 centimetros de altura. Recortem-na depois. Abram entre as mãos um buraquinho, bem redondo e regular, de tamanho tal que caiba por elle a cabeça de um alfinete. Depois enfia-se pelo buraquinho uma linha de algodão, cujos extremos se atam a duas cadeiras ou outros quaesquer objectos, mas de forma que a linha fique bem tensa, como se vê na figura 6. Se agora electrisarmos a varinha, obrigaremos a acrobata de papel a seguil-a, dando voltas á roda da linha.

Fig. 5

O electroscopio feito com a bola de sabugo é engenho muito usado em experiencias electricas, e facil

de fabricar. Com o electroscopio pode-se sempre verificar a presença da electricidade e calcular a sua força.

Fig. 6

Tomem uma garrafa de conserva de bocca larga, limpem-na e enxuguem-na muito bem. Depois enfiem na rolha um pedaço de arame de latão, abrindo um orificio com um prego ou uma verruma.

O arame deve ser um pouco mais grosso do que o que se usa ordinariamente nas campainhas electricas. Depois de o enfiarem na rolha, dobrem uma das pontas, a que fica dentro da garrafa, em forma de anzol. A outra ponta dobra-se primeiro em angulo recto, terminando por um annel. Fica o arame como se vê na figura 7.

Fig. 7

Façam depois duas pequenas bolas de miolo de sabugo, e pendurem cada uma d'ellas n'uma linha, ambas do mesmo comprimento. Atem as duas outras pontas da linha ao anzol, mettam-nas na garrafa, e ponham a rolha no seu logar. As bolas devem ficar a 5 ou 6 centimetros do fundo da garrafa, como se mostra na figura 8. É indispensavel que tudo esteja bem limpo e secco.

Se electrisarmos a varinha e tocarmos com ella no topo do arame, as duas bolas ficarão electrisadas, e, como a electricidade que ambas conteem é do mesmo nome, ellas fugirão uma da outra, e se tocarmos no arame com qualquer objecto electrisado, veremos as bolas agitarem-se.

Pode-se fazer electricidade em mais larga escala, por meios simples. Peguem n'uma bandeja de madeira envernizada, cortem um pedaço de papel pardo e grosso, de embrulho, do tamanho da bandeja, de modo que se ajuste exactamente ao fundo d'esta.

Collem a cada extremo d'essa folha duas tiras de papel que sirvam de pégas. Colloquem a bandeja sobre dois copos de vidro bem seccos, que servirão de isoladores, isto é, evitarão que a electricidade fuja. Aqueçam e enxuguem bem ao fogo a folha de papel. Depois extendam-na rapidamente na mesa e esfreguem-na com uma escova aspera de fato, quente e secca.

Fig. 8

Ajustem-na ao fundo da bandeja, toquem na bandeja com um dedo, e levantem o papel por meio das duas pegas que lhe collaram. Depois approximem da bandeja os nós do dedo, e produzirão uma faisca, que poderão repetir meia duzia de vezes pelo mesmo processo.

O PÃO NOSSO...

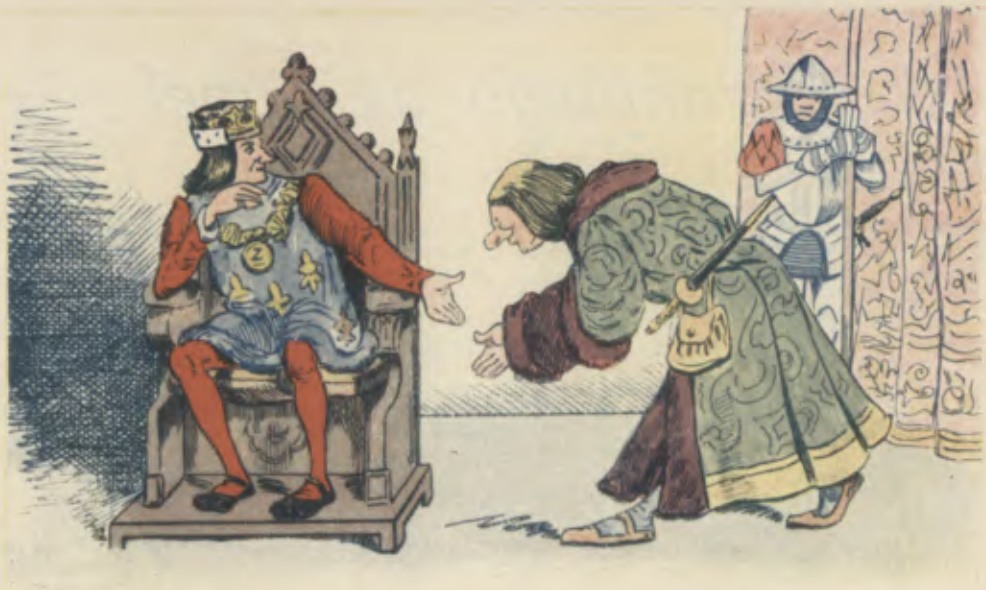
1

Um fidalgo uma vez, perdido de furor,
Desancou brutalmente um pobre lavrador,
O qual correu d'alli, cheio de confiança,
Fazer queixa ao seu rei. (Passava se isto em França).

3

Lauta meza lhe dão. Opiparo serviço.
Passa o rei e pergunta: «Então como vae isso?»
Responde elle: «Senhor Vossa Alteza me valha;
«Magnifico o jantar, mas de pão... nem migalha!»

O PÃO NOSSO...



2

O rei chama o fidalgo, e dá-lhe muita prova
De apreço, já se vê, sem lhe falar na sova.
Depois de conversar durante um largo espaço,
Convida-o afinal para jantar no paço.

4

Com aspecto severo explica o bom do rei:
«Cumprem os serviçaes as ordens que lhes dei.
«Amigo, attenda bem: quiz dar-lhe uma lição:
«Não torne a maltratar a quem lhe lavra o pão».

Caranguejo de papel

Vamos hoje ensinar aos nossos leitores a maneira de fazer um caranguejo de papel.

Não é difficil, mas faz alguma confusão ao principio, por isso é preciso muita paciencia

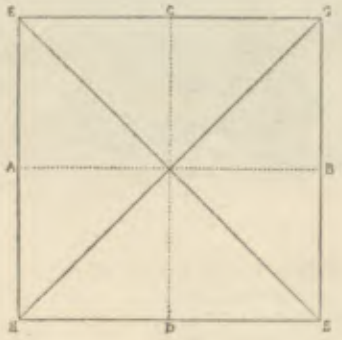


Fig. 1

e tomar bastante attenção para as gravuras e para as explicações.

Quem tem já muita pratica chega a fazel-os com um papel de quatro centimetros em quadrado, conseguindo assim um minusculo caranguejo do tamanho d'um centimetro; mas para os ensaios é preciso um papel bastante grande para se poder dobrar facilmente.

Escolhe-se um papel encarnado que imite o mais possivel a côr do caranguejo cosido e corta-se um quadrado de 10 a 12 centimetros, ou mesmo maior se ainda assim fizer confu-

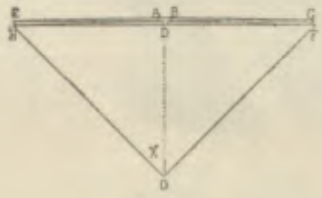


Fig. 2

são. Dobra-se ao meio, seguindo as lettras, A B (fig. 1), tendo o cuidado de pôr a parte encarnada do papel para dentro. Abre-se a folha e faz-se a dobra seguindo C D. Torna-se a abrir a folha e fazem-se successivamente as pregas diagonaes EF e GH, mas pondo para fóra o lado encarnado do papel.

Quando estiverem terminadas estas operações, a folha aberta ficará semelhante á figura 4 com duas pregas d'um lado e duas pregas d'outro.

Pega-se nas pontas A e B e dobram-se para dentro seguindo os vincos do papel, e aproximam-se as duas pontas uma da outra, formando assim a figura 2.

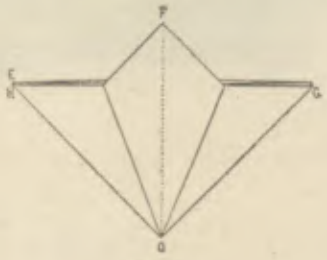


Fig. 3

N'esta figura veem-se quatro pontas marcadas com as lettras E, F, G, H, que são os antigos angulos do quadrado; é sobre uma d'essas pontas que se vae operar. Pega-se n'uma d'ellas, por exemplo a que está marcada com a lettra F, entre o polegar e index da mão direita; carrega-se com o index da mão esquerda no ponto marcado com a lettra X e leva-se para o centro o F, até que a linha F O se ache por cima da D O. Vinca-se a

Fig. 4

Fig. 5

prega e assim estará feita a figura 3. Faz-se o mesmo successivamente a cada uma das pontas, ao E, depois ao H, depois ao G, parecendo assim um chapeu de sol fechado, que

se abre nas pregas indicadas na figura 4. Levanta-se o ponto I, até que se juntem as lettras M N.

Quando as lettras se tocarem e que forma um bico no ar, leva-se para baixo esse bico,

Fig. 6

Fig. 7

Fig. 8

e achata-se a prega que está formada (vêr fig. 5).

E' preciso fazer o mesmo aos tres outros lados do chapeu de sol.

Vamos agora á figura 6. Dobra-se I N e I P em dois, seguindo a linha ponteada. D'esta

Fig. 9

Fig. 10

maneira os pontos N e P virão tocar a linha central E I. Fazem-se assim oito pregas, quatro de cada lado, sobrepostas. E' aqui que os leitores precisam tomar bastante attenção para o que explicamos.

Depois de se fazerem as pregas P e N sobre as quatro faces, devem voltar as dobras para o lado onde o papel não apresenta senão um traço de prega central, que está indicada por um ponteado R S, na figura 7.

Pega-se então n'uma thesoura e corta-se esta linha ponteada até ao meio, começando no ponto R até ao T.

Volta-se outra vez para as quatro faces que teem pregas, achando no ponto R, graças ao corte que deu a thesoura, não quatro, mas oito pontas. Voltam-se para baixo como mos-

Fig. 11

tra a fig. 8, umas atraz das outras, quatro de cada lado.

E' preciso ter cuidado de fazer as dobras sempre acima umas das outras, para se verem todas as pernas (fig. 9). Completam-se as pernas do caranguejo dobrando-lhes as extremidades, como se vê na figura 10.

Levanta-se depois a ponta S e mette-se por baixo da ponta I, fazendo a dobra no ponteado indicado na fig. 9. E eis aqui o animal reproduzido d'uma maneira absolutamente exacta (fig. 11).

Obras de Alexandre Herculano

POESIAS

1 Volume — **A harpa do crente — Poesias varias — Versões.**

ROMANCES

Eurico, o Presbytero, 1 vol — **O Monge de Cistér,** 2. vol. — **O bobo,** 1 vol. — **Lendas e narrativas,** 2 vol ..... 1$200

Contendo: Vol. I — O alcaide de Santarem (950-961) — Arrhas por fôro d'Hispanha (1371-1372 — O castello de Faria (1373 — A abobada (1401] — Vol. II — A dama Pe de Cabra (seculo IX) — O bispo negro (1130) — A morte do lidador (1170) — O parocho da aldeia (1825) — De Jersey a Granville (1852).

HISTORIA

Historia de Portugal, 4 vol. (Epoca, desde a origem da monarchia até Affonso III) — **Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal,** 3 vol

OPUSCULOS

Questões publicas. — Controversias e estudos historicos. — Litteratura. — Estudos sobre o casamento civil.

Antiga Casa Bertrand — ***José Bastos & C.ª***

73 — Rua Garrett, 75 — Rua Anchieta, 25 a 37 — LISBOA

Nos Estados Unidos do Brazil, é aos srs. **Francisco Alves & C.ª,** do Rio de Janeiro, que devem ser dirigidos todos os pedidos das obras de *Alexandre Herculano.*

Viagem á Terra dos Bonitos

Nas profundidades d'uma grande floresta havia uma pobre cabana onde vivia um cortador de lenha. A familia d'esse homem constava de mulher e d'um filho; mas o trabalho era muito pouco e mal pago, de forma que

o homemzinho via-se em embaraços para sustentar a sua gente. O filho era um rapazinho muito sympathico, com o cabello todo encaracolado, e é d'elle que vamos tratar n'esta nossa historiasinha. Uma vez por semana, costumava o lenhador encher a carroça com lenha e leval-a á cidade, e o Antonino, (assim se chamava o pequeno) acompanhava sempre o pae, o que o divertia muito.

N'estes passeios pela cidade, o pobre pequeno olhava com inveja para os lindos brinquedos que via nas montras das lojas; o seu maior desejo seria poder brincar com elles, mas isso era impossivel, pois o pae era muito pobre, e não lh'os podia comprar.

O Antonino, como tinha poucos bonitos em casa para brincar, corria todo o dia pela floresta, procurando tornar-se amigo dos passaros e das doninhas. Mas os animaesinhos eram muito ariscos, nunca o deixavam aproximar, por mais esforços que elle empregasse para os persuadir que os queria para amigos.

Uma tarde em que Antonino voltava d'uma grande correria, e vinha cansado, sentou-se debaixo d'um carvalho, para descançar. N'isto a sua cabecinha começou a pender, até que adormeceu.

«Que fazes tu ahi?»

Antonino acordou sobresaltado.

«Que fazes tu ahi?» perguntou a voz outra vez.

Antonino olhou para cima e viu dois olhos muito redondos que o fitavam. Estava já escuro, mas elle ainda poude ver mesmo pousado n'um ramo um grande mocho cinzento, com duas pennas muito espetadas de cada lado da cabeça, o que o fazia parecer um juiz com a penna por traz da orelha.

«Tenho andado pela floresta, a ver se consigo arranjar amigos entre os passaros e as cousas», disse Antonino, esfregando os olhos com as mãosinhas, e desatando a chorar. «Elles não querem brincar comigo», continuou, «e eu não o posso fazer sósinho. Queres tu brincar comigo?»

«Se eu quero brincar comtigo?»

E o mocho deu uma gargalhada escarninha.

«Sou velho demais para brincadeiras. Além d'isso, sou considerado por todos os passaros, como o mais sabio d'entre elles, e se me vêem brincando com um rapazinho, que pensarão da minha dignidade? Os gaios e as pegas trocistas haviam de rir-se de mim, não que isso me importe muito, a minha cabeça vale mais que todas as d'elles juntas.»

E dizendo isto, o mocho endireitava a cabeça de forma que parecia na realidade um grande sabio.

«Ah!» disse elle, «estes patetinhas julgam-se grandes cousas, quando ainda nada sabem do mundo. Que sabes tu da terra dos bonitos, ou.. ?»

«A terra dos bonitos!» exclamou Antonino enthusiasmado «Oh! deve ser uma cousa linda. O senhor já lá esteve?»

Antonino pensou que devia ser delicado, e tratar o mocho com respeito, tanto elle lhe parecia um ente superior.

«Se eu já lá estive! Sim, o rei encarrega-me muitas vezes de lá ir manter a ordem entre os animaes ferozes da arca do snr. Noé, que se envolvem em desordem frequentemente! Ainda a noite passada ficou despedaçada uma caixa inteira de soldados de chumbo, tudo

obra d'uns tigres e leões de borracha que sahiram da jaula, sem o guarda dar por isso!»

«Como eu gostaria de lá ir!» suspirou Antonino, «para ver tantas cousas parecidas com as que estão nas montras da cidade.»

«Gostavas de lá ir, hein! Pois bem, esta noite tenho lá serviço, por causa d'um macaco que fez uma partida, e necessita castigo. Levo-te comigo, se queres.»

«Oh, isso era um sonho!» gritou Antonino, «mas como se vae para lá?»

«Sobe cá acima» disse o mocho.

«Não posso,» respondeu o pequeno, «o ramo é muito alto, não chego, nunca poderei subir lá acima!»

«E's parvo!» replicou o mocho, zangado; «põe os braços á roda da arvore, e vae trepando por ella acima, anda, experimenta!»

Antonino obedeceu, e assim que poz os braços á roda da arvore, pareceu-lhe que cordas invisiveis o puxavam para cima com toda a pressa, e n'um instante se encontrou ao lado do mocho. Alguma cousa maravilhosa tinha succedido, com toda a certeza. Ou elle tinha ficado tão pequeno como o mocho, ou o mocho tão grande como Antonino, o pequeno não sabia que pensar, mas o facto é que estavam os dois do mesmo tamanho.

«Que aconteceu?» perguntou Antonino muito espantado, «parece-me que estou do seu tamanho?»

«Deixa-te de ninharias!» replicou o sabio animal; «não sabes que a altura é só uma questão de fantasia?»

Esta judiciosa observação deu que pensar a Antonino, que ficou silencioso alguns momentos.

A voz grossa do mocho tirou-o dos seus pensamentos.

«Bem, parece-me melhor mettermo-nos a caminho; tenho muito que fazer, não posso perder tempo. Por este lado, pequeno.»

Com estas palavras o mocho voou do ramo, seguido de Antonino, que se en-

controu nos ares voando tão bem, que parecia que tinha sido passaro toda a vida. Chegaram, finalmente a um buraco no tronco d'uma arvore, pelo qual o mocho furou.

«Mexe-te, rapaz!» disse elle, para Antonino que hesitava, «ou chegaremos tarde.»

Assim que entrou na arvore, Antonino viu deante de si uma escada com degraos de vidro, pela qual desceram, até que chegaram a uma porta de madeira

Ramiro Leão & C.ª

LISBOA

SALÃO DE NOVIDADES

Esta secção encontra-se completamente sortida com todos os artigos proprios da especialidade, ou sejam: **Artigos para brindes. Objectos para escriptorio, Marroquineria, Artigos de Sport, Objectos para toilette e para barba, Bonecos e brinquedos, Nickeis e crystaes. Objectos de ménage. Porcelanas e faianças. Molduras para retratos, Chapeus inglezes para a cabeça, guarda-chuvas, bengalas e sombrinhas, Luvas e leques, Artigos de viagem** e muitas outras variedades que é impossivel innumerar. Especialmente pedimos uma visita para esta nova secção, cujos artigos são verdadeiramente empolgantes quer pela novidade quer pelos preços, que fazem uma grande differença do vulgar no sentido de barateza e economia.

Uma infinidade de bonecas em todas as qualidades, typos e tamanhos.

Lindissima collecção de bonecas finas, rosto de porcellana, inteiramente articuladas, productos de *Jumeau*, o inimitavel fabricante francez.

Novidade opportuna — Uma collecção originalissima de bonecas, trajando á maneira dos esquimós, os grandes collaboradores da recente e sensacional descoberta do Polo Norte.

Milhares e milhares de brinquedos em todos os generos. Coisas as mais diversas e curiosas, d'uma graça e engenho pasmosos, proprios para fazerem o enlevo e delirio de todas as creanças. Preços baratissimos.

BIJOUTERIAS

Toda a casta de bijouteria fina, a preços baratissimos, como: collares, cadeias para relogio, cordões para leques e lorgnons, chatelaines, broches, medalhas, alfinetes, pregos de chapéu, etc., etc.

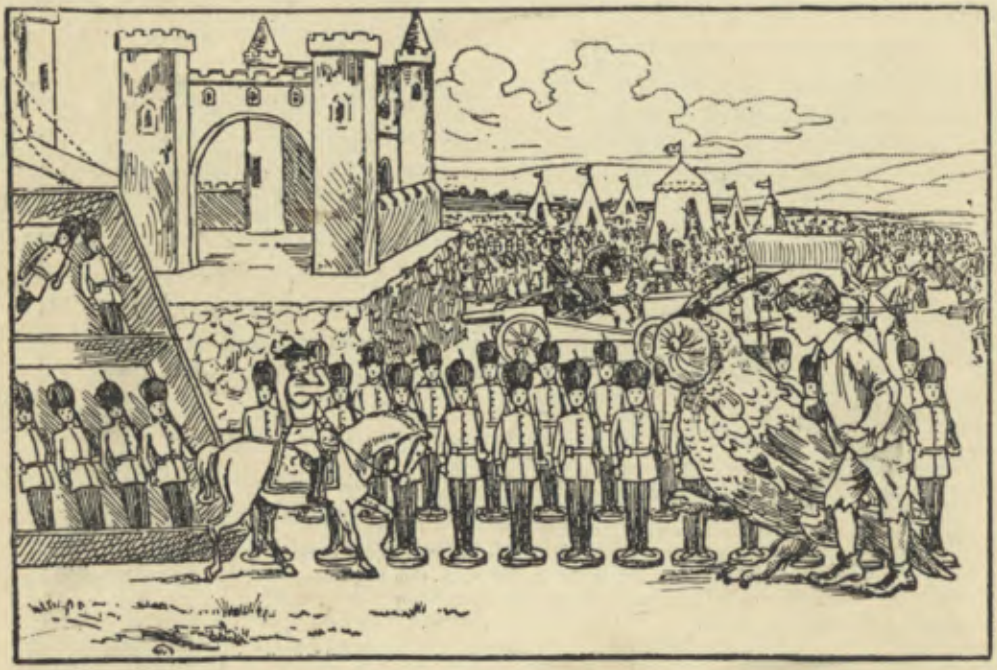
BRINDES uteis e lindissimos em todas as compras superiores a **1$000 réis**, tendo tanto maior valor o brinde quanto maior fôr a importancia da compra. Estes brindes são dados sómente nas compras effectuadas no nosso **Salão de Novidades e Utilidades.**

muito pesada. De cada lado da porta, estavam uns grandes cães de loúça, que foram logo cubiçados por Antonino, como o mais lindo brinquedo que elle tinha visto.

«Para que estão vocês a olhar para nós?» inquiriu o mocho. «Abram a porta immediatamente, andem!»

«Sim, já sei», disse o mocho, «mas deixa-me entrar. Venho tratar d'aquella questão do macaco.»

Emquanto elle proferia estas palavras, o cão ia abrindo a porta, pela qual elles entraram, ficando os cães ainda a resmungar: «A questão do macaco, a questão do macaco».



Um dos cães voltou-se então para o companheiro, e repetiu n'uma voz somnolenta:

«Para que estão vocês a olhar para nós? Para que estão vocês a olhar para nós?»

«Não ouvem?» gritou o mocho, levantando as azas d'um modo terrivel. «Abram já a porta.»

«Sim, senhor», replicou o cão, «vamos já abrir a porta. Mas hoje vieste muito tarde, e o rei disse...»

«Estes cães são muito maçadores», disse o mocho. «Creio que foram feitos á moda antiga, de forma que pensam muito devagar, e julgo mesmo que os miolos d'elles não valem grande cousa.»

Encontravam-se n'esse momento n'um campo, todo cheio de barracas.

«Isto aqui, é o acampamento», explicou o mocho.

«Acampamento?» disse Antonino. «Que quer isso dizer?»

«Ès parvo decididamente. Acampamento, quer dizer o sitio onde os soldados vivem.»

Antonino, então reparou, que effectivamente o campo estava cheio de soldados; os que estavam mais perto eram de chumbo, todos muito bem pintados, brilhantes e vistosos.

Alguns, commandados por galhardos officiaes montados em lindos cavallos, estavam fazendo exercicio, e outros descançavam nas barracas.

Antonino nunca na sua vida tinha visto tantos soldados juntos; havia cavallaria, infantaria, artilharia, emfim, de todas as armas.

«Ah!» disse o mocho, «cá estão os que se revoltaram a noite passada. Como vês, estão presos dentro d'esta caixa.»

De facto, uma meia duzia d'elles estavam deitados muito direitos dentro d'uma caixa.

Mais adeante viram os mais luxuosos, com lindos uniformes e aspecto mais intelligente. Havia umas poucas de duzias d'elles, todos disciplinados por um bello official de uniforme escarlate, e com um grande penacho de pennas brancas na barretina. Esse official cumprimentou com toda a gravidade Antonino e o mocho, quando elles se approximaram.

«Estou exercitando os meus soldados», disse elle. «Mas estes estupidos esquecem-se das minhas recommendações d'ahi a dois minutos. De vez em quando caem uns por cima dos outros, e não sei o que succederá, quando se tratar de prender o macaco.»

E o pobre homem, deveras afflicto, punha as mãos na cabeça, e soluçava que mettia dó.

HISTORIA UNIVERSAL POR G. ONCKEN

A primeira historia universal dos tempos modernos, pelo desenvolvimento com que são tratados os diversos periodos da vida da humanidade e pela auctoridade scientifica dos nomes que subscrevem cada um dos volumes de que ella se compõe.

Traduzida em portuguez por um grupo de professores e homens de lettras sob a direcção de

Z. CONSIGLIERI PEDROSO

Director do Curso Superior de Lettras, professor de historia, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, Presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa

A ***Historia Universal de ONCKEN*** publica-se em fasciculos semanaes de formato grande de 32 paginas em edição de luxo, bom papel, magnificas photo-gravuras e explendidos chromos. Cada fasciculo de *32 paginas 100 réis.* Cada tomo de *160 paginas 500 réis.*

Pedidos a JOSÉ BASTOS & C.ª — (Antiga Casa Bertrand)
73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

OFFICINA
PHOTOMECANICA
DE
THOMAZ BORDALLO PINHEIRO
PHOTOGRAVURA - ZINCOGRAPHIA - TRICHROMIA
GRAVURA PARA ENCADERNAÇÃO
ESCRIPTORIO
CALÇADA DO FERREGIAL. 6. 1º
LISBOA
OFFICINAS
RUA JOÃO DE LEMOS - SANTO AMARO
LISBOA - PORTUGAL

Receita culinaria

— Teus lindos sapatos...
Ai! ai! que te ralho!
Tu estás a estragal-os
Ao pé do borralho.

— Ai! ai! não me ralhe,
O' minha Maman!
Molhei-os no tanque
Hoje de manhã.

Ficaram em sopas;
E a sopa, é costume,
Depois de ter agua,
Leval-a p'r'o lume!

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

Agua Castello

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907
Medalha de Prata — S. Luiz 1904

Agua Castello

Unicos exportadores **Assis & C.ª — LISBOA**
Endereço telegrafico: ***MOURAGUAS***
Codigo "Ribeiro"

Estas aguas perfeitamente limpidas transparentes, inodoras incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affeções calculozas da bexiga e vias urinarias; eficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e lithicas. Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de *MUITO PURA.*

(Antiga casa **DAVID CORAZZI**)

Premiada nas Exposições: *Portugueza do Rio de Janeiro, da Sociedade Giambattista Vico, de Napoles, Industrial Portugueza de 1884, 1888 e 1890, Palacio de Crystal — Porto 1897, Universal de Paris de 1889 e 1900 e Nacional do Rio de Janeiro, 1909.*

CASA EDITORA DAS:

Bibliotheca do Povo
Bibliotheca Universal Antiga e Moderna
Bibliotheca Moderna
Bibliotheca Horas Romanticas
Bibliotheca de Educação e Ensino
Biographias de Homens Celebres
Diccionarios do Povo
Diccionario de Geographia Universal
O Ideal Moderno
Obras completas de Julio Verne
Obras de Blasco Ibañez

Livros dos melhores auctores portuguezes e estrangeiros

Grande edição com illustrações de Roque Gameiro do encantador romance de Julio Diniz

"AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR"

Volumes encadernados em carneira e percalina.
Assignatura permanente a fasciculos.

As primeiras officinas de Portugal

Typographia, Lithographia e Encadernação

movidas pela electricidade

Execução de todos os trabalhos, desde o mais economico ao de maior luxo.

Execução perfeita e rapida

50, Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA — **PORTUGAL**

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — BELLO HORIZONTE

2.ª SERIE — Maio 1910 — N.º 9

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

— Não tenham medo, meninos! É o seu melhor amigo, o Gafanhoto!

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro

DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres

da officina Photomecanica de Thomaz Bordallo Pinheiro — LISBOA

Viagem á Terra dos Bonitos

(Conclusão do numero anterior)

«Não te afflijas», disse o mocho, n'uma voz muito suave, que não costumava usar.

«Ouvi dizer que o macaco perdeu muita serradura quando jogou á pancada com o elefante, e com certeza está a estas horas bastante fraco, não será difficil apanhal-o.»

Isto pareceu consolar o pobre official, que voltou novamente a commandar os soldados.

«Vamos andando», disse o mocho a Antonino, que não se cançava de examinar o exercito de chumbo. «Tenho ainda muito que fazer.»

«O que se passa alli?» perguntou Antonino, apontando para um grupo de

bonecos que corriam para uma construcção de estanho.

«Ah, isso é a estação do caminho de ferro! Parece-me que chegam tarde para o comboio como é costume. São muito idiotas, pois ainda não perceberam que o comboio anda á roda de um circulo, e que pouco demora para dar a volta.»

N'esta occasião chegavam á estação,

onde a multidão era immensa, e de toda a especie.

«É preciso mostrar os bilhetes», dizia um boneco vestido como os empregados das estradas de ferro.

«Eu não tenho bilhete», disse Antonino, um pouco intimidado com a importancia d'esse empregado.

«Então não póde seguir n'este comboio», replicou o boneco zangado; «quem não tem bilhete, não tem comboio, é a regra aqui. Para onde quer ir?»

«Eu não quero ir a parte alguma», respondeu Antonino.

«Metta-se então n'esse comboio, á sua direita. Nenhum d'estes passageiros quer ir a parte alguma, e é por isso que o comboio anda só á roda, e volta sempre ao mesmo sitio.»

«Que gente tão exquisita!» disse Antonino ao mocho; «para que serve andar todo o dia á roda, no mesmo sitio?»

«Ora», respondeu o mocho, «elles precisam empregar o seu tempo n'alguma cousa; além d'isso como ficam certos de voltar ao mesmo sitio, contentam-se com isso, como se tivessem viajado centenas de leguas.»

N'este momento ouviu-se uma campainhada na estação. Havia só cinco minutos que o comboio tinha largado, mas todos os passageiros tornaram a tomar os seus logares para viajarem outra vez.

O guarda levantou a bandeira, e de novo o comboio partiu para a sua volta á roda do circulo.

«Vamos embora», disse o mocho. «Como não compraste bilhete, não pódes ir, nem mesmo tens logar.»

Fóra da estação viram um homem, um tanto extraordinario, com um chapéu muito chato, um casaco encarnado, que lhe chegava até aos pés, e abotoado com botões amarellos.

Estava sentado sósinho, na estrada, e chorando amargamente.

«Este é que é o senhor Noé», disse o mocho. «Que terá elle que parece tão afflicto?»

«Que lhe aconteceu, meu caro senhor?» perguntou Antonino.

«Uma grande desgraça!» explicou o pobre homem, soluçando. «Calculem, que uma das machinas d'esse comboio passou por cima do meu melhor camello, partiu-lhe uma das pernas, e agora fica-me inutilisada uma das minhas arcas, pois ninguem a quererá com um dos animaes estropiado».

E o pobre senhor Noé chorava tanto que a pintura da cara lhe ia desapparecendo á força de lagrimas.

«Não se afflija», disse Antonino, «tenho em minha casa uma arca de Noé já velha, e dou-lhe um dos camellos.»

O senhor Noé, muito agradecido a Antonino, perguntou-lhe se elle desejava visitar a sua arca.

Antonino bateu as palmas de contente, mas o mocho disse:

«Na realidade as imitações de animaes, não são grande cousa, os dois mochos de madeira que lá ha, teem os olhos tão mal feitos, que mettem medo.»

«Vamos lá», gritou o senhor Noé, que já não pensava na historia do camello, e abrindo caminho, por entre a multidão dos bonecos, conduziu-os a uma pequena collina, onde estava a arca.

«Como vês», disse, «em pouco espaço, guardo todos os meus animaes, mas para isso, tenho de os arrumar todos os dias bem acamadinhos. N'este momento estão a arejar.»

Effectivamente os passaros e animaes, estavam todos alinhados, fóra da arca.

«Vão a dois e dois», explicou o senhor Noé, para, no caso de chuva, não se atrapalharem.

«Este velhote está sempre inquieto», segredou o mocho a Antonino; «pensa constantemente que ha de chover, e o seu maior medo é que a arca seja levada pela cheia com todos os animaes.»

«Parece-me que hoje não choverá», disse Antonino ao senhor Noé, «o céu está tão azul.»

«Isso nunca se sabe», replicou o outro, «mesmo que hoje não chova, qualquer dia choverá, e é preciso que os meus animaes saibam bem como se hão de arrumar, para não haver barafunda. Ainda um d'estes dias, um dos patos fez tal barulho com a machina, dentro d'agua, que os animaes pensaram que era chuva, e correram para a arca sem ordem nenhuma, um dos elephantes ficou esborrachado, duas vaccas perderam os paus; e nem sei que mais teria succedido, se eu não mandasse logo chamar o general, para os conter.

Emquanto o senhor Noé estava fallando, um pequeno automovel de folha que vinha com toda a velocidade, parou de repente a corda e o *chauffeur* disse ao mocho:

«O rei precisa fallar-te immediatamente, nada mais posso explicar-te, levo muita pressa, pois tenho muitos recados que fazer.»

«Vamos tratar da questão do macaco», disse o mocho. «Preciso despachar-me!»

E foram-se embora, ficando o senhor Noé a resmungar a sua eterna lamuria a respeito da chuva.

Depois de muito andar, chegaram finalmente a um esplendido castello construido de tijollos muito miudinhos. Esse castello era rodeado d'um lago, onde muitos barcos com corda andavam na agua.

«Pára!» gritou o mocho ao capitão de um navio de guerra que passava. «Pára, e leva-me ahi esse pequeno.»

«Não posso», respondeu o capitão, «mandaram-me andar á roda do castello trinta vezes em dez minutos, não posso perder tempo com embarques.»

N'isto passou um lindo barco de recreio.

«Querem atravessar?» perguntou um dos remadores; «teem que vir pela ponte, e depois mettem-se no barco.»

O mocho e Antonino assim o fizeram, e depois de atravessarem o lago, pas-

saram por um pateo, cheio de soldados, e chegaram finalmente á sala da corôa.

No vestibulo passeiavam muitos bonecos e soldados, e o rei que era um bello boneco esplendidamente vestido, com uma corôa de papel dourado na cabeça, gritava furioso:

«Tentar matar o meu lindo elephante! Tirar-lhe uma orelha, hein? E dizer ainda por cima que elle era só feito de palha e trapos! Eu o ensinarei! Onde está esse mariola?»

O rei subiu os degraus do throno, e sentou-se muito zangado.

Batia nas suas bochechas de pau, e espumava de raiva; a corôa estava já toda a um lado, e Antonino tremia de medo, tanto a colera do rei lhe parecia terrivel. N'isto, abriram-se as portas, e entrou um regimento de soldados, empurrando um carrinho, no qual vinha deitado um grande macaco, com os pés e mãos atados. Os soldados fizeram alto em frente do throno.

«Ah!» gritou o rei. «Tu é que és o malvado? Vaes-te ver em maus lençoes, grande patife! Chamem já a primeira testemunha!»

A primeira testemunha era um pato com corda. Veiu bamboleando-se até ao throno, agitando as azas, abrindo e fechando o bico, e fazendo ouvir sempre o tic-tac da machina que trazia dentro de si.

«Não podes fazer parar esse maldito barulho?» exclamou o rei, olhando para elle.

«Saiba vossa real magestade...» começou o pato.

«Não sei, nem quero saber», gritou o rei encolerisado. «Pára com isso immediatamente!»

«Escangalhei-me outro dia, e como não tenho tido tempo de me mandar concertar, não posso parar esta bulha quando ando.»

«Bom, se não tem remedio, temos de nos resignar, e ouvir esse enfadonho tic-tac», disse o rei. «Que sabes tu, d'esta questão?»

«Com licença de vossa majestade»,

disse a ave, «eu ia no meu caminho para o tanque, quando ouvi um barulho como quando se rasga calicó...»

«Que diabo é calicó?» inquiriu o rei. «Nunca ouvi fallar de semelhante cousa.»

«Saiba vossa majestade que calicó é, é...»

«Bom, nem tu proprio sabes», ...se o rei zangado. «Passemos adeante, e nunca mais empregues palavras que não sabes o que querem dizer.»

«Como ia dizendo», tornou o pato muito acanhado, «ouvi uma voz berrando, ai, que me rebentaram uma das minhas costuras, e uma das minhas orelhas está rasgada! Reconheci logo a voz do elephante de trapos.» (Aqui todos os bonecos agitaram as cabeças, cochichando uns com os outros.)

«Silencio!» gritou o rei. «Rasgou-lhe a orelha, hein!» continuou saltando do

«Que tens que allegar em tua defeza?»

«Com licença de vossa majestade», respondeu o macaco, «não foi culpa minha. Elle bateu me primeiro e disse-me que eu era só feito de serradura; o que é falso, pois vossa majestade deve saber que eu sou cheio de lã muito fina.»

«São desculpas que inventas, mas que não te salvam!» resmungou o rei. «Levem-no, e enforquem-no já!»

throno para o meio da casa. «Devo manter a minha dignidade.»

E para provar que estava mais sereno, tornou a sentar-se.

«A testemunha seguinte!» gritou para a multidão.

«Não ha mais nenhuma!» disseram todos os bonecos ao mesmo tempo.

«Ouviste isto?» disse então o rei, voltando-se para o macaco.

Os soldados iam já levar o macaco, quando o mocho se chegou ao throno, dizendo:

«Julgo, real senhor, que o teu castigo é demasiado. O macaco foi offendido tambem, e além d'isso o elephante está já restabelecido, o que prova que a agressão não foi grave. Como vossa majestade me mandou chamar para dar a minha opinião sobre este assumpto, eu

declaro que...» e segredou qualquer cousa ao ouvido do rei.

«Tens muita razão», disse o rei em voz alta, voltando-se para o macaco.

«A sentença que te cabe é que o teu preço baixe dois tostões; eras de sete, ficas valendo cinco. E estás com muita sorte, pois se não fosse a intervenção aqui do meu amigo mocho, serias enforcado com toda a certeza!»

Dizendo isto, o rei saltou para o meio da casa, e começou a dançar. Todos os outros bonecos o imitaram, n'um redomoinho que fazia tonturas.

N'isto Antonino sentiu-se voar pelos ares, tão depressa que nem podia respirar. Fechou os olhos, e quando os tornou a abrir achou-se ao pé do tronco da arvore, e o mocho pousado no ramo mesmo por cima d'elle.

«São horas de ir para a cama», disse o mocho com solemnidade.

«E os bonitos?» perguntou Antonino.

«Não te apoquentes», tornou o mocho. «Volta para casa, e dorme descançado. Qualquer dia breve, voltaremos outra vez á Terra dos Bonitos.»

Obras de Alexandre Herculano

POESIAS

1 Volume — **A harpa do crente — Poesias varias — Versões.**

ROMANCES

Eurico, o Presbytero, 1 vol. — **O Monge de Cistér,** 2. vol. — **O bobo,** 1 vol. — **Lendas e narrativas,** 2 vol. ..... 1$200

Contendo: Vol. I — O alcaide de Santarem (950-961) — Arrhas por fôro d'Hispanha (1371-1372 — O castello de Faria (1373 — A abobada (1401) — Vol. II — A dama Pé de Cabra (seculo IX) — O bispo negro (1130) — A morte do lidador (1170) — O parocho da aldeia (1825) — De Jersey a Granville (1832).

HISTORIA

Historia de Portugal, 4 vol. (Epoca, desde a origem da monarchia até Affonso III) — **Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal,** 3 vol.

OPUSCULOS

Questões publicas. — Controvérsias e estudos historicos. — Litteratura. — Estudos sobre o casamento civil.

Antiga Casa Bertrand — ***José Bastos & C.ª***

73 — Rua Garrett, 75 — Rua Anchieta, 25 a 37 — LISBOA

Nos Estados Unidos do Brazil, é aos srs. **Francisco Alves & C.ª,** do Rio de Janeiro, que devem ser dirigidos todos os pedidos das obras de *Alexandre Herculano.*

Os espirros do menino Sammy

II – No photographo

Bonecos feitos de phosphoros

E d'um general com seus dois filhos que nós damos a gravura no nosso jornal, os quaes são simplesmente feitos com phosphoros de cera já queimados.

Vamos primeiro á explicação do general, visto ser a pessoa mais importante.

Basta uma vista d'olhos para a fig. 3 para vêr como elle é feito. O phosphoro que forma o corpo deve ser desmanchado em cima de maneira que saiam os fios que estão dentro, para imitarem os cabellos, fazendo-se por baixo a cabeça que deve ser de lacre. Aquecem-se as extremidades de mais dois phosphoros, e emquanto está a cera mole pegam-se ao corpo para formar os braços, fazendo o mesmo com outro phosphoro, mas pegando-o ao braço dircito para representar de espada.

As pernas são seguradas da mesma maneira dos braços, dobrando ligeiramente o phosphoro no sitio do joelho, e a bainha da espada é tambem segura com a cera aquecida.

A bainha da espada, se estiver bem segura, serve de apoio ao boneco para o aguentar de pé.

Os olhos, nariz e bocca devem ser desenhados com tinta.

A rapariga, que vae correndo sob o olhar feroz do general, é feita pelo mesmo systema, só com a differença de serem os phosphoros dobrados d'outra maneira, como se vê pela figura 2. Os dois braços devem ser ligeiramente dobrados, cortando fora as cabeças dos phosphoros. Para fazer a saia, aquece-se lacre encarnado e preenche-se a distancia d'uma perna á outra, amoldando o lacre com as mãos emquanto está quente. A sombrinha que mostra a gravura é tambem feita de lacre sobre um phosphoro de pau que deve ser cortado ao meio e aguçado no fim. Para prender a sombrinha na mão da rapariga, aquece-se o phosphoro que faz de braço e fixa-se n'elle o de pau.

O irmão da rapariga, que mostra tambem ter medo do general pois que se vae safando, é muito facil de fazer.

Agora que o leitor já sabe o systema da execução, basta vêr na figura a inclinação dos phosphoros. Um phosphoro de pau tambem partido ao meio e aguçado no fim, como o que serve para sombrinha, faz de bengala.

As cabeças devem ser um pouco modeladas. Fazem-se como a do general, com uma bola de lacre, mas para ficarem mais perfeitas deve-se modelar com os dedos o nariz, bocca e queixo, o que se torna facil depois d'alguma pratica.

Desenhar sem instrumentos

Se tivermos de executar um traçado geometrico e não tivermos á nossa disposição nem compasso, nem regua, nem esquadro, ficaremos muito atrapalhados, não é assim?

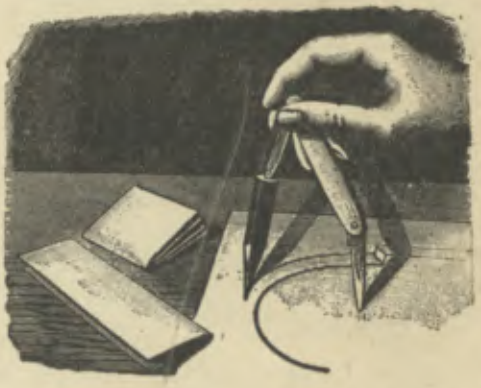
Vamos mostrar o meio de substituir, com objectos de uso commum, os tres instrumentos que nos faltam.

Uma folha de papel forte bastará para nos fornecer a regua. Em virtude do theorema de geometria; *quando dois planos se cortam, a sua intersecção é uma linha recta*, sabemos que, se dobrarmos, apoiando-a n'uma meza bem plana, a nossa folha de papel, a dobra, que é a intersecção dos dois planos do papel, será uma linha rigorosamente recta.

O esquadro é tambem um instrumento indispensavel para o desenhador. Fal-o-hemos tambem com papel forte, dobrado primeiro ao meio, depois em quatro, fazendo coincidir exactamente uma sobre a outra as duas partes da primeira dobra. Esta segunda dobra será perpendicular á primeira, por formar com esta dois angulos adjacentes eguaes, por conseguinte dois angulos rectos; o angulo que tem o vertice no ponto de encontro das duas dobras será o angulo recto do nosso esquadro. Podem tambem recortar o esquadro n'uma folha de cartão bristol, aparando-o cuidadosamente com um canivete; para fazer o debuxo, não é preciso dobrar o cartão, mas apenas levantar uma perpendicular sobre uma linha recta; quanto aos outros angulos do esquadro, podemos fazel-os ambos de 45,° dando aos dois lados do angulo recto comprimentos eguaes.

Se os lados do angulo recto forem desegnaes, os dois angulos agudos terão uma medida qualquer. Muitas vezes convem ter um d'estes angulos egual a 60,° sendo o outro por conseguinte de 30°. N'outra occasião veremos como se determina o angulo de 60° sem instrumento.

Para levantar a perpendicular a que nos referimos, é indispensavel o compasso, que se improvisa do seguinte modo. Pega-se n'um canivete de duas folhas, o mais com-



prido possivel. A ponta de uma d'essas folhas será a ponta seca do compasso; collocal-a-hemos no centro do circulo ou do arco que quizermos traçar. Enterre-se com força a ponta da outra folha n'um lapis cujo comprimento variará conforme o tamanho do canivete; é essa ponta que faz o traço. Façamos variar a abertura das folhas segundo o raio da circumfereneia que queremos traçar, segurando-o ao de leve pelo extremo do cabo, do lado da ponta que desenha, como se vê na figura.

A Princeza Rosa

Era uma vez um rei e uma rainha, os quaes viviam n'um paiz tão lindo, tão lindo, que toda a gente alli era feliz. No entanto, como a felicidade perfeita não existe em parte alguma, os habitantes d'esse reino tinham tambem os seus dias aborrecidos e tristes. Talvez o proprio peso de tanta riqueza os fatigasse; a verdade é que qualquer cousa faltava á sua felicidade, e os mais sabios não adivinhavam o que seria preciso para completar tanta ventura.

Ora, o rei e a rainha d'este maravilhoso paiz, cheio de diamantes e rubins, de camas de flores, de [illegible]idos de ouro e prata, emfim cheio de todas as creações mais encantadoras e portentosas, esse rei e essa rainha, como vamos dizendo, não tinham filhos, e os filhos são como as estrellas na vida. A rainha tinha uma amiga que era fada e vivia nas nuvens; deu-lhe parte do seu grande desgosto, e pediu-lhe que lhe désse uma linda filhinha. A boa fada respondeu que o seu desejo lhe seria concedido.

Com effeito, alguns dias depois, quando passeiava entre as flores do seu magnifico jardim, viu agitar-se qualquer cousa n'uma matta de lindas rosas.

Approximou-se e avistou, deitada n'uma cama de musgo, uma encantadora menina, loura e rosada, com lindos olhos azues. Pegou logo na creancinha, e encheu-a de caricias; a sua alegria era tanta que até chorava de contentamento, agradecendo de todo o seu coração a dadiva da boa fada. N'isto uma nu-

vem escureceu o céu, e d'ella desceu a fada, toda vestida de luz como a aurora; e dirigiu-se á rainha, dizendo:

«Rainha, concedo-te o que me pediste; dou-te o mais precioso dos thesouros, depende de ti guardal-o com todas as precauções. A tua vigilancia deve igualar a tua ternura. Confio-te uma alma, para a educares. Não deves confial-a a mais ninguem, pois a mãe que não sabe guardar o seu precioso thesouro é culpada, e expõe-se aos mais crueis remorsos. O amor materno é para um filho o que o sol é para a flor. Assim como não confias os teus cofres de joias aos teus servos, ainda menos deves confiar a tua filha á guarda de outra pessoa que não sejas tu. Quero ser a madrinha da tua filha, fica baptisada com o nome de Rosa, pois uma roseira lhe serviu de berço »

Dizendo isto a boa fada subiu á sua nuvem, e desappareceu.

A rainha correu então para o palacio com a filha nos braços, para a mostrar ao seu real esposo.

Toda a côrte se reuniu para contemplar a linda princezinha. Trouxeram uma bella cabra branca, para a amamentar, deitaram-na n'um berço de ouro e de seda, com rendas tão finas que pareciam teias de aranha. Todas as fadas se tinham juntado para a dotarem com os dons mais bellos, e assim a linda menina cresceu até aos dez annos, sem nunca ter deitado uma lagrima de tristeza ou desgosto.

O rei e a rainha eram os paes mais felizes do mundo, ainda que ás vezes os preoccupasse ver a filha sempre indifferente a todas as suas riquezas e divertimentos. Parecia feliz, e no entanto tinha ás vezes um ar triste, experimentava um desejo vago que não podia explicar.

Emfim, n'essa terra tão feliz onde os desgostos eram desconhecidos, viu-se de repente a princeza Rosa entristecer e cair doente. Naturalmente não havia muitos medicos, n'um paiz onde não se sabia o que era uma doença. Que se ha-

via de fazer? A rainha implorou de novo a boa fada, que depressa veiu em seu soccorro. Mas mesmo a fada não comprehendia nada d'aquillo, não sabia a que attribuir a desgraça que ameaçava a princezinha.

«Ha, disse ella, bem longe d'este reino, paizes onde existem medicos; n'essas terras, talvez haja doenças como a que soffre esta creança; levo-a na minha nuvem, e vamos consultar um dos doutores mais celebres.»

A rainha, que não se tinha separado da princeza desde que esta nascera, teve um grande desgosto com este apartamento. Mas lá se resignou, pois a viagem não podia ser muito demorada; quando se viaja nas nuvens, anda-se depressa.

A fada e a princeza Rosa atravessaram um grande espaço, depois do que, desceram na terra. O paiz em que ellas desceram, em nada se parecia com o que tinham deixado. Alli havia gente tão pobre que não tinha que comer, nem com que se vestir; as cabanas onde viviam eram muito miseraveis, cheias de creanças sujas, magras e esfomeadas. Havia tambem palacios, com gente rica, principes e fidalgos, mas esses nada se importavam com tanta desventura, não olhavam pelos pobres, nem lhes davam esmola.

Para chegarem á casa do doutor que ellas iam consultar, a fada e a princeza tinham de percorrer uma parte da cidade.

Quando a princeza Rosa viu essas creanças descalças, e cheias de fome, sentiu um grande peso no coração, parecia-lhe que ia desmaiar, começou a chorar tanto, que as suas lagrimas caiam como um orvalho consolador, e cada lagrima se transformava em perola quando lhe saía dos olhos. Depois sentiu uma doce alegria penetrar no seu coração, quando comprehendeu que com as innumeras riquezas de seus paes, ella podia impedir que esses desgraçados tivessem fome e frio.

«Minha boa madrinha», disse ella á fada, «já não tenho precisão de medico, sei qual é o meu mal e o remedio para elle. Eu estava triste, porque assim como ha fadas, ha tambem anjos, e eu já ouvi a voz d'um d'esses anjos. As riquezas de meus paes não podiam fazer a minha felicidade sendo applicadas só para mim; eu tinha sonhado sem as conhecer, as miserias que vi agora, e sinto que é praticando a caridade que serei feliz.»

A fada comprehendeu a verdade d'estas palavras, pela alegria celeste que irradiava da princeza.

«Vem, querida filha», disse ella, e cumpre o teu designio.

De repente, por um effeito do poder magico da boa fada, appareceram o rei e a rainha seguidos de toda a côrte, e dos servos, que traziam cofres enormes cheios de ouro e de fatos.

Então todos os pobres, as creanças primeiro, e os velhos e mulheres depois, vieram em procissão e agruparam-se diante das riquezas que os deslumbravam. A princeza Rosa distribuiu a todas o que precisavam, ás creanças, além de as vestir, encheu-as de brinquedos; ás mulheres e aos velhos, deu dinheiro. Emfim o rei, a rainha e os fidalgos tambem apiedados de tanta desgraça, despejaram n'um instante todos os cofres.

A fada, para completar tão boa obra, tocou com a varinha magica nas pobres cabanas, que n'um instante se transfor-

Continua na pag. 208.

Ramiro Leão & C.ª

LISBOA

SALÃO DE NOVIDADES

Esta secção encontra-se completamente sortida com todos os artigos proprios da especialidade, ou sejam: **Artigos para brindes. Objectos para escriptorio, Marroquineria, Artigos de Sport, Objectos para toilette e para barba, Bonecos e brinquedos, Nickels e crystaes, Objectos de ménage. Porcelanas e falanças. Molduras para retratos, Chapeus inglezes para a cabeça, guarda-chuvas, bengalas e sombrinhas, Luvas e leques, Artigos de viagem** e muitas outras variedades que é impossivel innumerar. Especialmente pedimos uma visita para esta nova secção, cujos artigos são verdadeiramente empolgantes quer pela novidade quer pelos preços, que fazem uma grande differença do vulgar no sentido de barateza e economia.

Uma infinidade de boneccas em todas as qualidades, typos e tamanhos.

Lindissima collecção de bonecas finas, rosto de porcellana, inteiramente articuladas, prodnctos de *Jumeau*, o inimitavel fabricante francez.

Novidade opportuna — Uma collecção originalissima de bonecas, trajando á maneira dos esquimós, os grandes collaboradores da recente e sensacional descoberta do Polo Norte.

Milhares e milhares de brinquedos em todos os generos. Coisas as mais diversas e curiosas, d'uma graça e engenho pasmosos, proprios para fazerem o enlevo e delirio de todas as creanças. Preços baratissimos.

BIJOUTERIAS

oda a casta de bijouteria fina, a preços baratissimos, como: **collares, cadeias para relogio, cordões para leques e lorgnons, chatelaines, broches, medalhas, alfinetes, pregos** de chapéu, etc., etc.

BRINDES uteis e lindissimos em todas as compras superiores a **1$000 réis**, tendo tanto maior valor o brinde quanto maior fôr a importancia da compra. Estes brindes são dados sómente nas compras effectnadas no nosso **Salão de Novidades e Utilidades.**

maram em lindas casinhas rodeadas de verdura, tendo cada uma d'ellas um pateo cheio de bellas gallinhas e bons patos, e um curral com uma boa vacca. Em seguida voltando-se para os palacios dos ricos maldosos, amaldiçoou-os, e n'um instante os telhados se cobriram d'uma côr negra que nada poude desvanecer; e sobre cada telhado baixou um passaro muito mau, que todas as noites dava uns gritos lugubres, e não deixava que os habitantes das casas dormissem; e quando os mandaram matar, nada no mundo poude destruir os medonhos animaes; as balas das espingardas transformavam-se em migalhas de pão.

A princezinha voltou novamente a alegria, e no seu bello reino, passou o resto da vida a distribuir riquezas aos pobres do outro reino. Desde esse dia, toda a gente seguiu o seu exemplo e a felicidade não cessou de reinar no coração de todos pelo meio da caridade.

Gato feito de panno

São onze os moldes para o gato; duas metades do lado do corpo, duas da parte inferior, outras duas partes para a cauda, quatro para as orelhas, que são forradas, e uma para o topo da cabeça.

Desenham-se n'um papel de seda os moldes, applicam-se sobre o tecido, que pode ser panno ou peluche preta, e cortam-se.

Os nossos moldes teem as marcas V e X para os leitores se guiarem nas costuras, percebendo-se assim, se tomarem um pouco de attenção, as partes que ligam umas com as outras.

A primeira coisa a fazer é coser a parte d'um dos lados do corpo á inferior, alinhavando primeiro com cautela, e cosendo com um ponto bastante solido.

Cose-se depois a parte do outro lado da mesma maneira.

Une-se uma parte da cauda á outra, pelo avesso, volta-se depois da costura feita e enche-se de serradura. Alinhava-se com cuidado o topo da cabeça n'um dos lados, na posição que mostra o molde, e pesponta-se.

Junta-se agora um lado ao outro, principiando a coser no pescoço, seguindo a cabeça e a parte das costas, e acabando no sitio que está marcado no molde com XX, que é onde se applica a cauda.

E' preciso cuidado ao alinhavar que as metades não excedam uma á outra e fiquem exactamente eguaes.

Volta-se depois para o lado direito, e começa-se a encher, primeiro a cabeça, depois as patas, e depois o corpo.

Quando estiver bastante cheio, junta-se o rabo ao corpo, cosendo por cima com um pontinho meudo, e vae-se seguindo a costura pela parte de baixo que ainda não está cosida, até ao pescoço, indo mettendo sempre serradura, para ficar bastante cheio o corpo. As duas pernas da frente devem ser cosidas com linha bastante forte, achatando-lhes as patas em baixo para que o gato se sustenha sentado, enrolando-lhe o rabo á roda dos pés para lhe dar uma posição natural. As orelhas são primeiro mettidas em forro, e voltam-se depois. Dobram-se ao meio e mettem-se na abertura que está marcada na cabeça, cosendo-as por cima com um ponto pequenino, que não se veja. Contas de vidro ou lantejoulas fazem os olhos, mas se o brinquedo fôr para creança muito pequena é mais seguro os olhos feitos com lã amarella, e um ponto preto no meio para imitar os olhos do gato.

O nariz e a bocca fazem-se tambem com lã, e as sobrancelhas e as barbas com linha branca encerada.

BIBLIOTHECA DA INFANCIA Rua Serpa Pinto, 34 - LISBOA

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE LEITURAS EDUCATIVAS

Sob a direcção litteraria de VICTOR RIBEIRO (da Academia Real das Sciencias)

200 réis cada volume de cerca de 200 pag. em 8.º, optimo papel, adornado de magnificas gravuras, brochado. Elegantemente encadernado em percalina, a ouro, côres e relevo, proprio para **Brindes** e **Premios escolares**, ***300 réis.***

Volumes publicados

I — Narrativas e Lendas da Historia Patria — Conquista do Reino.

II — A. Daudet — A Creança Abandonada.

III — Narrativas e Lendas — O Condestavel.

IV — No Paiz do Leão — A Vida dos Animaes.

V — Narrativas e Lendas — D. João I (o rei eleito do povo).

VI — Victor Hugo — O Bom Bispo.

No prélo { VII — Narrativas e Lendas — Os filhos de D. João I.
VIII — Os Cães Celebres — A Vida dos Animaes.

A' venda em todas as livrarias do paiz

Pedidos a A. DAVID, enc. Rua Serpa Pinto, 30 a 36 — LISBOA

No Porto — Livraria Moreira, Praça D. Pedro, 44

No Brazil — F. ALVES & C.ª, Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

Dois bonnets feitos de papel

Devem-nos agradecer os nossos leitoresinhos, porque lhes damos n'este numero uns brinquedos, que alem de estarem ao alcance de todos porque não se gasta com elles cinco réis, os hão de divertir com a sua confecção.

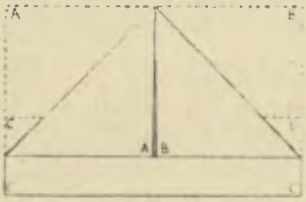


Fig. 1

Basta lêr com attenção e ir fazendo o que nós explicamos.

O primeiro, que é um bonnet quadrado, faz-se pelo mesmo systema do chapeu armado.

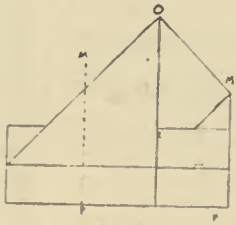


Fig. 2

Pega-se n'um rectangulo de papel, dobra-se em dois, viram-se os cantos que estão marcados com as lettras A e B, e volta-se para cima a borda C C de traz deixando para baixo a da frente, como mostra a fig. 1.

Dobram-se depois para a frente as linhas ponteadas M P (fig. 2) e volta-se para cima a tira P P. Basta depois segurar com os dedos na prega que está feita e baixar a ponta O, não para a frente mas para a direita ou para a esquerda, ficando assim formado o bonnet quadrado da fig. 3. Este bonnet consegue o leitor executar logo ao primeiro ensaio porque é d'uma grande facilidade, o que não acontece com o segundo que é muito mais complicado, por isso precisa de muita attenção para se conseguir.

Corta-se um quadrado de papel, dobra-se em dois, seguindo uma das diagonaes, formando assim um triangulo rectangulo (fig. 4). Dobram-se para a frente as duas pontas A e B seguindo as linhas ponteadas, e estas pontas virão sobrepôr na de baixo que está marcada com as lettras *a* e *b* de maneira que forma o quadrado da fig. 5. Levantam-se depois as duas pontas A e B, mas em logar de se dobrar ao centro seguindo a diagonal O N, dá-se á prega a inclinação M N.

Para que o leitor nos perceba bem, é preciso explicar que, se se fizesse a dobra de O a N, a ponta B viria sobrepôr a C, o que não deve ser, emquanto que, dobrando segundo as lettras M N, a ponta B fica fóra do quadrado. Faz-se o mesmo com a ponta A, vindo assim obter-se a fig. 6.

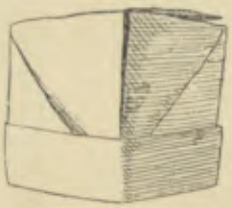


Fig. 3

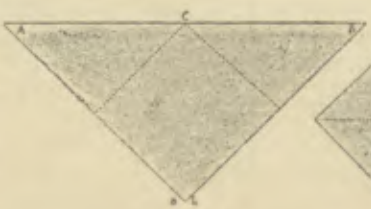


Fig. 4

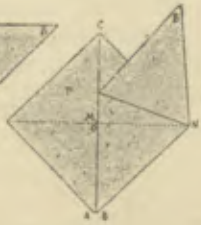


Fig. 5

Fig. 6

E' preciso ter cuidado, antes de continuar, de dobrar para a frente as duas

pontas A e B. Estas duas novas pregas estão indicadas por um traço ponteado mostrando onde fica o B depois da confecção da prega.

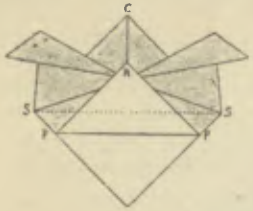


Fig. 7

Na ponta R onde ha duas camadas de papel, levanta-se uma na direcção de C, mas de maneira que a prega seja feita sobre a linha P P (vêr na fig. 7). Pega-se depois nas pontas P e P entre o polegar e o index de cada mão, pousando o papel sobre a meza, e levantam-se estas duas pontas para cima na direcção de R, seguindo a linha ponteada S S, e sem largar as duas pontas P P, torna-se a formar para baixo uma nova prega sobre S S. O detalhe d'este movimento está indicado na fig. 8, onde se vê a situação das pontas T, T, primeiro levadas para cima para fazer a prega S S e em seguida para baixo para occupar a situação T T, estando a ultima prega marcada com ponteado.

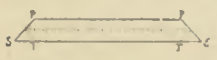


Fig. 8

Volta-se depois para o outro lado, pondo a lettra C para baixo (fig. 9) e viram-se para este lado os dois cantos S S seguindo as linhas ponteadas.

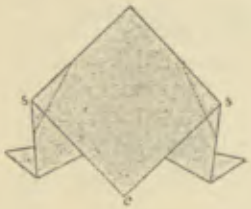


Fig. 9

O resultado que dão estas pregas está representado na fig. 10.

Para terminar pega-se na ponta V e abaixa-se para C fazendo uma prega sobre S S. Esta ponta virá tocar em C; dobra-se depois essa mesma ponta duas ou tres vezes (para dentro), prendendo-a depois debaixo dos cantos S S (fig. 11).

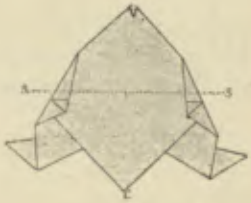


Fig 10

Dobra-se a ponta C no sitio que está ponteado e marcado com as lettras L M, e mette-se o bico debaixo da prega vindo tocar na lettra V.

E ahi teem os meus caros leitores uma especie de bonnet oriental com duas grandes azas á direita e á esquerda, como usavam d'antes os guerreiros japonezes.

Fig. 11

O enfeite é a vontade dos nossos leitores; por exemplo podem juntar uma especie de penna de pavão sobre as duas pontas, e qualquer desenho phantastico na frente.

Fig. 12

«A EDITORA»

(Antiga Casa David Corazzi)

50, Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA

As primeiras officinas de Portugal:

TYPOGRAPHIA, LITHOGRAPHIA e ENCADERNAÇÃO

movidas por electricidade

Execução de todos os trabalhos desde o mais economico ao de maior luxo — **Execução perfeita e rapida**

Grande edição com illustrações de Roque Gameiro do notavel romance de Julio Diniz

As Pupillas do Senhor Reitor

Volumes encadernados em carneira e percalina.

Assignatura permanente a fasciculos.

Obras de Blasco Ibañez

Jesuitas, romance de propaganda liberal, 1 vol..... **700**

Os mortos mandam, notavel novella, 1 vol. de 335 pag. **700**

Flôr de Maio, encantadora novella de costumes maritimos, magnificamente descriptos e observados pelo talentoso escriptor hespanhol, 1 vol. **400**

Terras malditas, pequena novella, 1 vol... ..... **100**

A Cathedral, é o mais intenso romance da moderna litteratura hespanhola pelos seus intuitos liberaes e humanitarios, 1 vol **600**

A Cortezan de Sagunto, emocionante romance historico sobre a tragédia do cêrco e destruição da cidade de Sagunto, 2 vol **400**

A sahir do prelo:

Touros de morte.

No Paiz da Arte.

CARLOS DE MOURA CABRAL

LISBOA ALEGRE. Aspectos. Typos. Costumes. Episodios

1 vol. 500 réis

Carlos Malheiro Dias

Da Academia Real das Sciencias e da Academia Brazileira de Letras

Paixão de Maria do Céo, verdadeira joia litteraria, nova edição em excellente papel, 1 vol..... **800**

Telles de Albergaria, nova edição em magnifico papel, 1 vol. **800**

CASA EDITORA das notaveis e interessantissimas obras de Julio Verne, em 74 vol.

Da Bibliotheca do Povo e das Escolas, de que já estão publicados 230 vol.

Da Bibliotheca Universal, e de outras importantissimas obras.

Envia-se catalogo gratis a quem o requisitar

Os sapatinhos encarnados

Catharina era uma pobre orphanzinha, que tinha grande presumpção em possuir uns sapatos encarnados para baile.

Se acontecia qualquer pessoa reparar n'ella, e mostrar-se condoida da sua pobreza, Catharina dizia:

«Nada pretendo, os meus sapatos hão de trazer-me a felicidade.»

Um domingo, em logar de calçar as suas botas de cabedal preto, para ir á missa, calçou os sapatinhos encarnados.

Um velho soldado estava á porta da egreja ganhando uns cobres a limpar da poeira as botas das pessoas que entravam; quando Catharina lhe estendeu os pés, os sapatinhos deram na vista ao soldado que exclamou:

«Sapatos de baile para ouvir missa! Que elles se te peguem aos pés, quando dançares.»

Durante toda a missa Catharina não fez senão olhar para os pés, toda vaidosa, pensando na linda vista que fazia com os seus sapatinhos.

A saida da egreja, os pés de Catharina começaram a dansar, e ella não conseguiu parar senão tirando os sapatos. No dia seguinte teve convite para um baile, mas como a senhora, que a tinha adoptado, adoecesse, ella teve de ficar em casa.

«Apesar d'isso, hei de pôr os meus sapatinhos.»

Calçou-os, e no mesmo instante, os sapatos começaram a dansar e levaram-n'a para a rua, e d'ahi para a floresta, onde se encontrou outra vez com o velho soldado.

«Que lindos sapatos que tu usas!» disse-lhe elle quando ella passou.

Catharina quiz então descalçar os sapatinhos, mas elles não lhe saiam dos pés; e ella teve de continuar a dansar noite e dia, pelos campos, florestas, e mercados. Mas quando tentava entrar n'alguma egreja, o soldado apparecia-lhe á porta e dizia:

«Que lindos sapatos que tu usas!»

E ella era levada para outro sitio, dansando cada vez mais depressa; atravez da chuva, do vento e da neve.

Uma noite dansava ella perto da cabana onde vivia um carrasco, e bateu-lhe á janella.

«Que queres de mim? Eu corto as cabeças da gente má», disse o carrasco.

«Não me cortes a cabeça», respondeu Catharina, «corta-me antes os pés.»

Contou ao carrasco o mal que tinha feito e o que lhe succedia agora, e persuadiu-o a cortar-lhe os pés, os quaes, depois de cortados, lá se foram dansando sempre.

O carrasco fez a Catharina uns pésinhos de pau, e ella foi para casa d'um padre, que a ensinou a ser boa.

Um domingo de manhã, quando toda a gente estava na egreja, Catharina rezava em casa humildemente pedindo a Deus que lhe perdoasse. De repente appareceu um anjo, o qual, pegando na [illegible]xinha, a levou nos braços para o

HISTORIA UNIVERSAL POR G. ONCKEN

A primeira historia universal dos tempos modernos, pelo desenvolvimento com que são tratados os diversos periodos da vida da humanidade e pela auctoridade scientifica dos nomes que subscrevem cada um dos volumes de que ella se compõe.

Traduzida em portuguez por um grupo de professores e homens de lettras sob a direcção de

Z. CONSIGLIERI PEDROSO

Director do Curso Superior de Lettras, professor de historia, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, Presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa

A ***Historia Universal do ONCKEN*** publica-se em fasciculos semanaes de formato grande de 32 paginas em edição de luxo, bom papel, magnificas photo-gravuras e explendidos chromos. Cada fasciculo de ***32 paginas 100 réis.*** Cada tomo de ***160 paginas 500 réis.***

Pedidos a JOSÉ BASTOS & C.ª — (Antiga Casa Bertrand)

73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

OFFICINA
PHOTOMECANICA
DE
THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

PHOTOGRAVURA - ZINCOGRAPHIA - TRICHROMIA
GRAVURA PARA ENCADERNAÇÃO

ESCRIPTORIO
CALÇADA DO FERREGIAL. 6. 1º
LISBOA

OFFICINAS
RUA JOÃO DE LEMOS - SANTO AMARO
LISBOA - PORTUGAL

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907
Medalha de Prata — S. Luiz 1904

UNICOS EXPORTADORES:

Assis & C.ª — LISBOA

Endereço telegrafico: **MOURAGUAS**

Codigo "RIBEIRO"

Estas agnas perfeitamente limpidas, transparentes, inodoras, incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas da bexiga e vias urinarias; efficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analise chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: *alermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e liticas.* Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de **MUITO PURA.**

2.ª SERIE Maio 1910 N.º 10

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

— Desculpe V. Ex.ª, mas eu preciso tanto adoçar-me.

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios | Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª
Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro
DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres
da officina Photomecanica de Thomaz Bordallo Pinheiro — LISBOA

Vá de roda!

Tudo gira n'esta vida,
E parado não ha nada!
Vá de roda! girem todos!
Vá de roda a pequenada!

Dansa a terra um anno inteiro
Em redor do sol, coitada!
Vá de roda! dansem todos!
Vá de roda a pequenada!

E em redor da terra amiga
Baila a lua namorada.
Vá de roda! bailem todos!
Vá de roda a pequenada!

As estrellas tremeluzem
N'uma ronda desesp'rada.
Vá de roda! brinquem todos!
Vá de roda a pequenada!

Á luzinha das estrellas
Dansa o guano, dansa a fada.
Vá de roda! dansem todos!
Vá de roda a pequenada!

Pelos ceus baila o cometa,
Roja a cauda ennevoada.
Vá de roda! bailem todos!
Vá de roda a pequenada!

Ramiro Leão & C.ª

LISBOA

SALÃO DE NOVIDADES

Esta secção encontra-se completamente sortida com todos os artigos proprios da especialidade, ou sejam: **Artigos para brindes, Objectos para escriptorio, Marroquinería, Artigos de Sport, Objectos para toilette e para barba, Bonecos e brinquedos, Nickeis e crystaes. Objectos de ménage. Porcelanas e faianças. Molduras para retratos, Chapeus inglezes para a cabeça, guarda-chuvas, bengalas e sombrinhas, Luvas e leques, Artigos de viagem** e muitas outras variedades que é impossivel enumerar. Especialmente pedimos uma visita para esta nova secção, cujos artigos são verdadeiramente empolgantes quer pela novidade quer pelos preços, que fazem uma grande differença do vulgar no sentido de barateza e economia.

Uma infinidade de bonecas em todas as qualidades, typos e tamanhos.

Lindissima collecção de bonecas finas, rosto de porcellana, inteiramente articuladas, productos de *Jumeau*, o inimitavel fabricante francez.

Novidade opportuna — Uma collecção originalissima de bonecas, trajando á maneira dos esquimós, os grandes collaboradores da recente e sensacional descoberta do Polo Norte.

Milhares e milhares de brinquedos em todos os generos. Coisas as mais diversas e curiosas, d'uma graça e engenho pasmosos, proprios para fazerem o enlevo e delirio de todas as creanças. Preços baratissimos.

BIJOUTERIAS

Toda a casta de bijouteria fina, a preços baratissimos, como: **collares, cadeias para relogio, cordões para leques e lorgnons, chatelaines, broches, medalhas, alfinetes, pregos de chapéu, etc., etc.**

BRINDES *uteis e lindissimos em todas as compras superiores a* ***1$000 réis,*** *tendo tanto maior valor o brinde quanto maior fôr a importancia da compra. Estes brindes são dados sómente nas compras effectuadas no nosso* ***Salão de Novidades e Utilidades.***

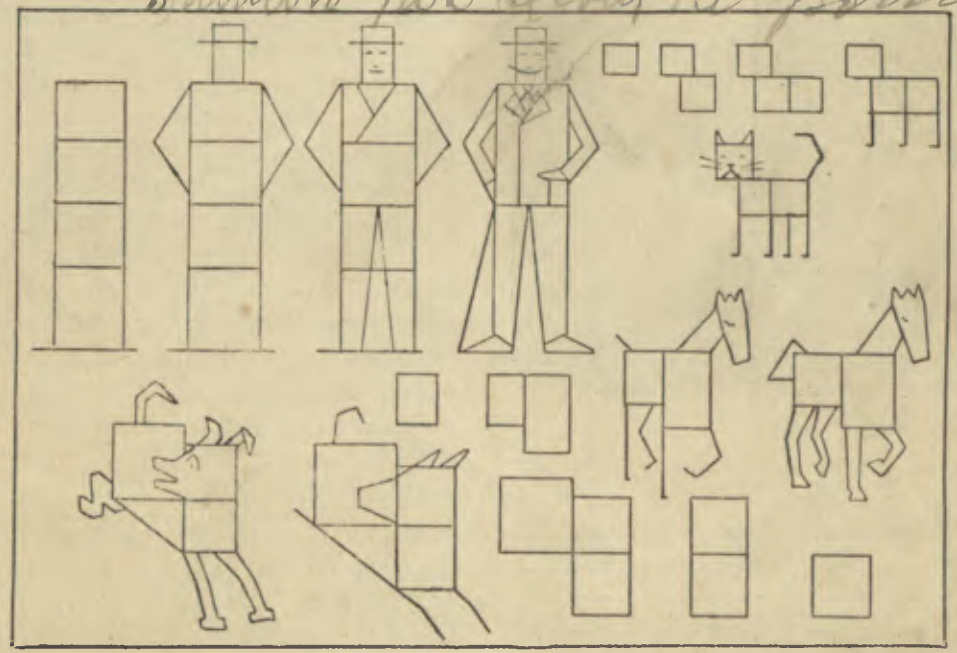
Desenhos com figuras geometricas

Este systema de desenhar por meio de quadrados sobrepondo uns sobre os outros, accrescentando só as linhas necessarias para completar a figura, é muito original.

As illustrações que veem n'esta folha mostram aos nossos leitores a maneira de desenhar um homem, um gato, um cavallo e um cão.

tam a cabeça e o chapeu; quatro linhas mais formam a cara; uma serie de linhas rectas nos dois quadrados de cima formam o casaco e a gravata; os braços são completados como mostra a nossa gravura, porque basta que o leitor a olhe com attenção para a poder copiar.

Um V voltado de cima para baixo se-



Vamos explicar como se desenha o homem, para que depois possam applicar ás outras o mesmo systema.

Desenham-se quatro quadrados do mesmo tamanho, uns por cima dos outros; depois duas linhas de cada lado, começando uma no quadrado de cima e acabando a outra no meio do segundo quadrado, para dar o esboço dos braços; um quadrado pequeno, uma linha horizontal, e um rectangulo, represen-

para as duas pernas, e os pés são feitos com dois triangulos. Completa-se o homem fazendo-lhe ainda a bengala e o bigode, e apagando com uma borracha as linhas que não são precisas.

O gato, o cavallo, e o cão, ainda são mais faceis de fazer e como acima dissemos para os desenhar basta um pouco d'attenção para as gravuras que mostram claramente o systema que se deve seguir.

As rolhas verticaes fluctuantes

Para esta experiencia basta uma bacia ou uma celha de agua e sete rolhas de cortiça. Mas nem por

isso é menos interessante o seu proposito: fazer com que essas rolhas, ao fluctuar, se mantenham na posição vertical. Todos nós sabemos que a forma das rolhas de garrafa, cylindros alongados, as obriga, quando fluctuam, a ter o seu eixo na posição horizontal: como se ha de fazer para as manter de pé?

Ponham uma das rolhas em pé em cima de uma meza; cerquem-n'a com as outras seis, todas na mesma posição; agarrem em todo o conjuncto ou systema com uma das mãos, e mergulhem-n'o na agua de modo que molhe completamente as rolhas; retirem-n'as em parte da agua, e abandonem-n'as. A agua que penetrou por capillaridade entre as rolhas molhadas mantel-as-ha pegadas umas ás outras, e, embora cada rolha esteja n'um equilibrio instavel, o conjuncto assim obtido será estavel, sendo a largura da jangada improvisada maior que a altura de uma rolha.

Esta experiencia, provando a cohesão produzida por um phenomeno capillar, vem demonstrar mais uma vez a verdade do velho proverbio: «A união faz a força.»

JOSÉ BASTOS & C.ª — Antiga Casa Bertrand

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Bibliotheca dos Classicos Portuguezes.
Bibliotheca Bertrand.
Bibliotheca de Educação Nova.
Bibliotheca Util.
Encyclopedia de Applicações Usuaes.
Encyclopedia Popular de Sciencias e Letras.
Encyclopedia Universal Illustrada.

Os cafres logrados

Contra a barraca do europeu tres cafres
Avançam, com mais garra que milhafres.

Mas quando o grupo ferozmente ataca,
O europeu trepa acima da barraca.

E o seu posto de guerra antes que tomem,
Eis se safa a barraca e leva o homem!

Camisa de boneca

Se as nossas leitoras já teem alguma pratica em coisas de costura, e se se teem interessado pelos moldes que já temos dado nos outros numeros, acharão esta camisa muito simples, e lendo com attenção o que nós explicamos nem precisarão da ajuda da mámã para a executar.

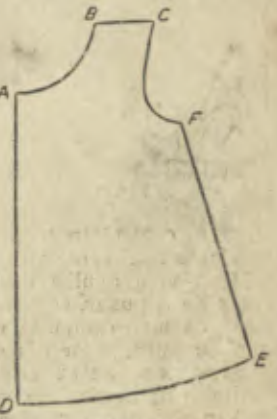


Fig. 1

Desenha-se o molde com o tamanho preciso da boneca, n'um papel, e marca-se com as lettras *A, B, C, D, E, F,* como mostra a nossa gravura. Pega-se no panno, dobra-se ao meio e cortam-se duas partes eguaes, uma para a frente, outra para as costas, tendo o cuidado de pôr a parte dobrada para o lado marcado com as lettras *A, D,* como mostra a fig. 2. Deve-se cortar sempre um pouco mais largo que o molde para se fazerem as costuras e bainhas. A fig. 2 mostra tambem por um ponteado *A* a *B* que fórma o decote, por outro de *C* a *F* que fórma a cava, que a parte da frente da camisa deve ser mais cavada que a de traz.

Fig. 2

Depois de cortada, alinhavam-se as costuras dos lados e dos hombros e cose-se primeiro com ponto atraz, sobrecosendo-se depois com ponto de bainha; alinhava-se tambem a bainha em baixo para o lado do direito e cose-se com um portinho meudo e certo.

Já veem as nossas leitoras que não tem difficuldade nenhuma a confecção d'uma camisa e que a unica coisa que esta tem de

complicado é o recorte do enfeite, que nós vamos ensinar para irem praticando.

Desenha-se n'um papel que tenha a fórma do decote e das cavas das mangas, um recorte meudo, passando depois esse desenho para a camisa. Contornam-se primeiro os recortes com ponto adeante em cima e em baixo fazendo depois muitos pontos pelo meio até ficarem de todo preenchidos.

Fig. 3

Faz-se depois o ponto de recorte que é uma especie de ponto de casa. Se olharem com attenção para a fig. 3 comprehenderão facilmente a maneira de o fazer.

Mette-se a agulha de cima para baixo, e antes de a puxar, segura-se com o dedo pollegar da mão esquerda na linha de maneira que a agulha passe por dentro, e assim successivamente. Se as nossas leitoras acharem muito complicada a confecção do recorte, podem enfeitar a camisa com uma espiguilha. Faz-se primeiro á roda do decote e das mangas o pontinho que vem na fig. 4. Para fazer este ponto não é preciso alinhavo, basta enrolar o panno com os dedos e ir fazendo o ponto á medida que se vae enrolando.

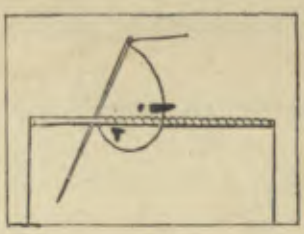


Fig: 4

Depois d'este ponto feito franze-se a renda e prega-se tambem com pontinho á roda do decote e das mangas.

E ahi teem as nossas leitoras a camisa terminada sem muito custo.

A fig. 5 dá uma amostra da camisa com o recorte.

Fig. 5

HISTORIA UNIVERSAL POR G. ONCKEN

A primeira historia universal dos tempos modernos, pelo desenvolvimento com que são tratados os diversos periodos da vida da humanidade e pela auctoridade scientifica dos nomes que subscrevem cada um dos volumes de que ella se compõe.

Traduzida em portuguez por um grupo de professores e homens de lettras sob a direcção de

Z. CONSIGLIERI PEDROSO

Director do Curso Superior de Lettras, professor de historia, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, Presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa

A ***Historia Universal de ONCKEN*** publica-se em fasciculos semanaes de formato grande de 32 paginas em edição de luxo, bom papel, magnificas photo-gravuras e esplendidos chromos. Cada fasciculo de ***32 paginas 100 réis.*** Cada tomo de ***160 paginas 500 réis.***

Pedidos a **JOSÉ BASTOS & C.ª** — (Antiga Casa Bertrand)

73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

O ataque dos indios

O Vinho Encantado

N'uma pequena aldeia vivia, n'outro tempo, um lavrador, conhecido pela sua avareza e mau caracter. No entanto, entre os visinhos, era admirado por alguns que diziam:

«Agostinho ha de tornar-se muito, muito rico; está sempre a contar o seu dinheiro, com medo de gastar depressa demais, e quando chega o tempo das vindimas, nenhum lavrador escolhe melhor os seus trabalhadores.»

«Sim», replicavam os outros, «mas sobrecarrega-os de trabalho, e nem lhes dá um golo de vinho para os reforçar. A fada maravilhosa não gosta dos avarentos; e se ella chega a passar por aqui veremos bonitas cousas!»

A todos estes ditos o manhoso do Agostinho encolhia os hombros com todo o desprezo: primeiro, porque não acreditava em fadas, depois porque julgava ser o homem mais habil do mundo para ganhar dinheiro e amontoal-o.

O lavrador tinha um filho com os mesmos defeitos.

Uma manhã, Bruno (assim se chamava o rapaz) rolou para diante da porta de casa um tonél que começou a concertar.

Pan, pan! batia o martello a compasso, como para acompanhar uma alegre canção que elle cantarolava.

«Estás hoje bem contente, meu rapaz», disse-lhe uma velhota em que elle não tinha reparado, e que estava parada a olhar para elle, en-

eostada a um pau, «até me dás vontade de rir e cantar como tu».

«A minha alegria eomprehende-se. Vês este tonél que estou arranjando? Pois bem, o meu pae prometteu-me que todo o vinho que elle possa eomportar será propriedade minha. E o que eu te garanto é que o hei de vender o mais earo que possa!»

«Um bom negocio para um rapaz da tua edade! Felieito-te; tens um pae generoso, que deeerto não recusará dar um copo de vinho a uma pobre velha eomo eu. Vae-lhe pedir da minha parte»...

Bruno olhou eom insolencia para a desconheeida.

«Estás doida, pobre mulher, se pensas que meu pae gasta os seus bens para agradar aos mendigos. Nunea na sua vida fez semelhante asneira!

«Pae», gritou para o lavrador que appareeia á porta de easa: «está aqui esta velhota a pedir vinho de graça: quantos litros quer vossemecê que eu lhe dê?»

E dizendo estas palavras ria ás gargalhadas, e o pae imitava-o. Depois, Agostinho voltou-se para a velha e disse-lhe: «Vê-se bem que não sabes o preço do vinho! Antes de pedir qualquer cousa eá em easa, mostra primeiro a tua bolsa; prefiro guardar tudo a dar uma migalha de graça, fiea sabendo para teu governo!»

«Decidiste a tua sorte», replieou a velha. «Fica eerto que nem uma gota da tua eolheita sahirá dos tonéis antes do dia em que te arrependeres de dar aos mais pobres que tu!»

Afastou-se, deixando o pae e o filho um poueo inquietos eom esta predieção, pois aeabavam de vêr que a velha caminhava lindamente sem a ajuda do seu pausinho, que se tinha tornado de repente delgado como uma varinha de fada.

Quando chegou o tempo das vindimas, Agostinho eontractou muitos trabalhadores que se metteram ao trabalho: os cachos dourados chegavam ao lagar em grandes cestos que traziam as raparigas, e alli se espremiam, deitando-se o lieor preeioso dentro de enormes tonéis. Bruno teve tambem o seu pequeno tonél cheio.

«O meu vinho está bom para se beber mesmo na oeeasião da festa eá da terra», dizia elle esfregando as mãos. «Que bello negoeio não farei vendendo no dia da festa!»

Quando ehegou o tal dia tão impaeientemente desejado, Bruno sentou-se debaixo de uma arvore no largo, onde se dansava, eom o seu tonél ao lado, e do outro lado uma mesa cheia de eopos tão luzentes que os dansarinos começaram logo a ter sede, assim que os avistaram.

«Quem quer bom vinho?» gritava o Bruno, com uma voz de atordoar.

«Vamos, rapazes, toea a refrescar!»

Chegaram os primeiros eompradores: e logo Bruno todo apressado ia para eneher um copo.

Mas — ó surpreso! — por mais

voltas que désse á torneira, não saía nem uma gota do bello liquido.

«O teu tonél está vasio, pantomineiro!» gritavam os camponezes.

Quiz tirar o tampo ao tonél, mas não havia força humana que o pudesse arrancar.

Então começaram as chalaças

a cair sobre o pobre Bruno, que envergonhado, lá conseguiu fugir.

Contou ao pae a sua desventura, e Agostinho franziu o sobr'olho, correndo logo para casa a experimentar se corria vinho dos seus tonéis, mas qual! assim como o tonél de Bruno, todos os outros guardavam o vinho!

«Que se ha de fazer», exclamava o lavrador no cumulo da desesperação; «com que então não podemos durante todo o anno beber uma unica gota de vinho? E todo o dinheiro que eu esperava ganhar a vender parte da minha colheita... tambem está tudo perdido? Não ha duvida: tudo isto foi obra da fada maravilhosa!»

Depois, dirigindo-se a Bruno, ajuntou, cheio de colera:

«Se tivesses adivinhado tal cousa, meu idiota, não a terias recebido tão mal, estou reduzido á miseria por tua causa!»

«Fiz exactamente como o meu pae! «lembre-se do que disse á fada! «Antes quero guardar tudo o que tenho, que dar uma migalha de graça.»

O lavrador não ousou replicar; no fundo começava a pensar que era elle que tinha dado a Bruno o mau exemplo, e que afinal uma pinga de vinho a uma pobre não o teria empobrecido.

«O mal está feito», disse suspirando; «beberemos agua até que a fada nos perdoe!»

Todos os dias, muito envergonhados, iam os dois buscar agua, e Agostinho, cada vez mais triste, passeava em frente dos seus tonéis sempre cheios.

Um dia, em que ia para a adega,

ouviu a voz de Bruno que o chamava!

«Pae, está aqui uma creancinha que pede de comer.»

«O pão está caro», respondeu Agostinho n'um tom desabrido, «e eu nada ganhei durante todo

o anno, pois que tenho o meu vinho por vender!...

«Corta lá sempre um bocado de pão, e manda entrar a pequena!»

A pobresinha estava tão magra e tão fraquinha, que o avarento condoeu-se quando a viu. Deu-lhe um bocado de pão e emquanto ella comeu, olhava para ella com interesse. Assim que a pequena enguliu a ultima dentada, disse, apontando para os grandes tonéis de vinho:

«Tenho sede.»

«Quanto a isso, minha pobre pequena, não te posso satisfazer: o meu vinho não sae, só se...»

Lembrou-se das ultimas palavras da fada: «O teu vinho sairá no dia em que te arrependeres de não poderes dar aos mais pobres que tu!»

«Tenho sede», tornou a creança

n'uma voz lamentosa. «Traze uma caneca!» disse o lavrador ao filho.

Assim que abriu a torneira, um vinho muito transparente e vermelho correu sob os olhares fascinados de Agostinho e do filho.

Quando se voltaram a pequena tinha desapparecido.

Desde esse dia, as primeiras pipas das suas vindimas são sempre distribuidas pelos pobres da aldeia, que as bebem exclamando:

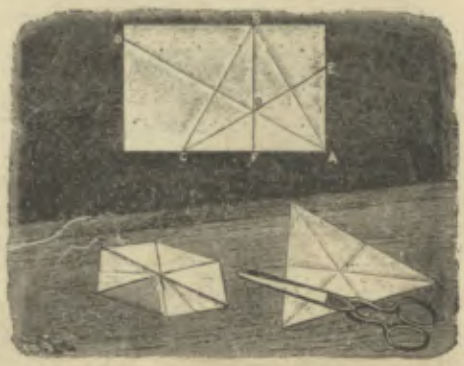
«Viva a nossa boa fada maravilhosa!»

OFFICINA
PHOTOMECANICA
DE
THOMAZ BORDALLO PINHEIRO
PHOTOGRAVURA - ZINCOGRAPHIA - TRICHROMIA
GRAVURA PARA ENCADERNAÇÃO
ESCRIPTORIO
CALÇADA DE FERREGIAL 61 1º
LISBOA
OFFICINAS
RUA JOÃO DE LEMOS-SANTO AMARO
LISBOA - PORTUGAL

Triangulo equilatero e hexagono regular

Divide-se em tres angulos eguaes um dos angulos *A* de uma folha de papel retangular, dobrando-a cuidadosamente segundo as linhas *A B* e *C D*, que se determinarão por tentativas. O angulo *B A C*, egual a dois terços do angulo recto (90°) será pois um angulo de 60°. E' precisamente um dos angulos do triangulo equilatero que lhes proponho construir sem auxilio de nenhum instrumento de desenho.

Extendam de novo a folha de papel, e dobrem-n'a ajustando a linha *A F* sobre a linha *F C*, e fazendo passar a dobra *B F* pelo ponto *B*. Marquem o ponto *C* sobre o qual o ponto *A* veiu collocar-se n'esta operação. Extendam



ainda outra vez o papel, e dobrem-no pela linha *C B*.

A figura *C B A* é o triangulo equilatero que se procura. Com effeito, tem os tres lados e os tres angulos eguaes. Dobrando o papel por *C E*, verão que as tres bissectrizes *C E*, *B F* e *A D* do triangulo se cortam no mesmo ponto *O*. Recortem o papel por *A B* e *B C*, de modo que isolem o triangulo. Dobrem os tres vertices por forma que os pontos *A*, *B* e *C* venham applicar-se sobre o ponto *O*. Terão assim um polygono com seis lados eguaes e seis angulos de 120° cada um. E' o hexagono regular, cujo lado é egual ao raio do circulo em que elle está inscripto.

uvi contar que n'outro tempo vivia perto d'uma grande floresta um pobre cortador de lenha, com a mulher e dois filhos do primeiro casamento, um rapazinho chamado Hansel e uma pequenita chamada Grethel.

Viviam muito pobremente, com grande difficuldade o pobre homem conseguia ganhar uns cobres para o sustento diario; e uma noite em que elle não podia adormecer a pensar na sua triste vida, suspirou, e disse para a mulher:

«O que será de nós? Como poderemos sustentar as creanças, quando não temos nada onde arranjar dinheiro?»

«Tenho uma ideia», respondeu ella, «podemos abandonal-os ámanhã muito cedo, na parte mais espessa da floresta, fazemos uma fogueira, e damos a cada um d'elles um bocadinho de pão; vamos depois procurar trabalho, e elles não acharão outra vez o caminho de casa, e assim ficaremos livres de tão incommodas creanças!»

«Isso nunca eu farei», replicou o cortador, «como podes tu ter coração para deixar umas pobres creanças sós na floresta, para os animaes ferozes as fazerem em bocados!»

«Sempre és muito parvo!» disse a mulher, «com que então devemos todos morrer de fome? O melhor é tratarmos já de arranjar os caixões.»

E assim foi resmungando até conseguir que elle consentisse, dizendo: «Sempre lamentarei e chorarei os meus pobres filhos.»

Os dois pequenos, que não dormiam, esfomeados, ouviram tudo o que a madrasta dizia ao pae. Grethel chorava amargamente, e dizia para Hansel: «Que será de nós?» «Está quieta, Grethel», respondia o ir-

mão; «não chores — eu te ajudarei.» Assim que os paes adormeceram, o pequeno levantou se, vestiu o casaco e empurrando a porta, esgueirou-se para a rua. A lua brilhava no ceu, e os calhaus brancos que estavam em frente da porta pareciam bocados de prata, tanto luziam ao luar. Hansel metteu na algibeira tantos quantos poude; e voltando para traz, disse a Grethel:

«Consola-te, querida irmã, e dorme socegada; Deus não nos desamparou!» E dizendo isto, tornou a metter-se na cama.

Na manhã seguinte, antes do sol nascer, a mulher veiu acordar as creanças. «Levantem-se, pedaços de mandriões, vamos á floresta, cortar lenha.» Depois deu a cada um d'elles um bocado de pão, dizendo:

«Tomem lá o jantar; não o comam antes de tempo, porque não tenho mais nada que lhes dar.» Grethel deitou o pão no avental, porque as algibeiras de Hansel estavam cheias de pedras; e começaram a caminhar. Quando já tinham andado um pouco, Hansel ficou para traz, e olhou para a casa; e repetiu isto umas poucas de vezes até que o pae disse:

«Para onde estás tu a olhar, Hansel, e para que ficas para traz, toma conta que tens de andar depressa!»

«Meu pae», respondeu Hansel, «estou olhando para o nosso gato branco

que está sentado no telhado lá de casa.»

«Cala-te, meu pateta!» disse a madrasta, «não é um gato, são os raios de sol a baterem na chaminé branca.»

Mas o que Hansel fazia, na realidade, quando ficava para traz, era espalhar pelo caminho as pedras que trazia na algibeira. Assim chegaram ao meio da floresta, e o pae disse então aos pequenos que juntassem lenha, para elle arranjar uma fogueira.

Hansel e Grethel apanharam um molho de ramos, o pae deitou-lhes fogo, e quando a fogueira já ardia, a mulher disse: «Agora, meus filhos, vão para o pé do fogo, e descancem, emquanto nós vamos acarretar lenha para a floresta; quando estivermos despachados, aqui os vimos buscar.»

Os dois irmãos sentaram-se ao pé da fogueira, e quando chegou a tarde, cada um comeu o seu bocado de pão; e como ouviam o barulho d'uma enxada, pensavam que o pae estava perto: mas não era uma enxada, era um ramo de arvore que balouçava ao vento. Esperaram tanto tempo, que por fim os olhitos fecharam-se-lhes de fraqueza, e pegaram no somno. Quando accordaram, era noite fechada, e Grethel começou a chorar.

«Como poderemos nós sahir da floresta?» gritava a pobre pequena cheia de medo. Hansel tentava confortal-a dizendo: «Espera que a lua nasça e depois verás como achamos o caminho.»

Quando a lua nasceu, Hansel pegou na mão da irmã, seguindo as pedras que tinha espalhado,e que lhes indicavam o caminho.

Toda a noite andaram e quando a manhã rompeu, chegavam a casa dos paes.

Bateram á porta, e assim que a mulher a abriu, e viu Hansel e Grethel, exclamou: «Que creanças tão maldosas, porque se deixaram ficar tanto tempo na floresta? Pensei que nunca mais voltariam para casa.» Mas o pae ficou muito contente, porque estava arrependido de os ter abandonado.

D'alli a tempo tornou a haver grande falta de dinheiro; e uma noite as creanças ouviram a madrasta dizer ao pae: «Nada temos que comer: e é melhor abandonarmos os pequenos, mas de forma que elles não tornem a encontrar o caminho de casa; é a unica maneira de nos vermos livres d'elles.»

O marido ficou muito triste, e pensou: «Devemos guardar as creanças, até á nossa ultima codea de pão.»

A mulher continuou a resmungar e a censurar a fraqueza do pobre pae.

Os pequenos tinham ouvido a conversa, e assim que os paes adormeceram Hansel levantou-se, no proposito de ir apanhar pedras como da primeira vez, mas a madrasta tinha a porta fechada á chave, e elle não poude sair.

O pequeno, no entanto, confortava a irmã dizendo:

«Não chores; dorme descançada: Deus não nos abandonará.»

De manhã cedo veiu a madrasta, fel-os levantar, e deu a cada um d'elles uma fatia de pão ainda mais delgada que da outra vez; no caminho Hansel partiu-a na algibeira, e, parando de vez em quando, foi deitando as migalhas pelo caminho. «Hansel, porque estás parado a olhar para traz?» perguntou-lhe o pae, «continua a caminhar.» «Estou olhando

para o meu pombinho que me está dizendo adeus.»

«Asno!» dizia a mulher; «não é o teu pombo, mas os raios do sol, batendo na chaminé.»

Hansel continuou a espalhar as migalhas pelo caminho emquanto foram andando.

A madrasta deixou as creanças no meio do bosque, n'um sitio onde elles nunca tinham ido, e fazendo uma grande fogueira, disse-lhes: «Sentem-se e descansem, e quando estiverem com somno durmam um bocadinho. Nós vamos procurar lenha pela floresta, e depois vimos buscal-os.»

Á tardinha, Grethel repartiu o pão com Hansel, que tinha espalhado o d'elle pelo caminho. Depois adormeceram; mas passou a tarde e ninguem os veiu buscar, e á noite quando acordaram, Hansel disse para a irmã que tremia de susto: «Espera só um bocadinho e quando houver luar, veremos as migalhas que nos conduzirão a casa!»

A lua já brilhava no ceu, e elles não conseguiam ver as migalhas de pão, porque os milhares de passaros que viviam na floresta as tinham comido todas. Hansel dizia para Grethel:

«Havemos de achar o caminho»; mas não havia maneira de o encontrarem, e assim passaram toda a noite e o dia seguinte, sem poderem sair da floresta. Andavam esfomeados, pois só tinham encontrado amoras de silva para comer.

Por fim deitaram-se ao pé d'uma arvore, e como estavam muito cansados depressa adormeceram.

Era já a terceira manhã que tinham

Obras de Alexandre Herculano

POESIAS

1 Volume — **A harpa do crente — Poesias varias — Versões.**

ROMANCES

Eurico, o Presbytero, 1 vol — **O Monge de Cistér,** 2. vol. — **O Bobo,** 1 vol. — **Lendas e narrativas,** 2 vol ..... 1$200

Contendo: Vol. I — O alcaide de Santarem (950-961) — Arrhas por fôro d'Hispanha (1371-1372 — O castello de Faria (1373 — A abobada (1401) — Vol. II — A dama Pé de Cabra (seculo IX) — O bispo negro (1130) — A morte de [illegible] — O parocho da aldeia (1825) — De [illegible]nville (1832).

HISTORIA

Historia de Portugal, 4 vol. (Epoca, desde a origem da mon[illegible] até Affonso III). — **Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal,** 3 vol

OPUSCULOS

Questões publicas. — Controversias e estudos historicos. — Litteratura. — Estudos sobre o casamento civil.

Á venda na Casa Bertrand — **José Bastos & C.ª**

73 — Rua Garrett, 75 — Rua Anchieta, 25 a 37 — LISBOA

Nos Estados Unidos do Brazil, é aos srs. **Francisco Alves & C.ª,** do Rio de Janeiro, que devem ser dirigidos todos os pedidos das obras de *Alexandre Herculano.*

deixado a casa paterna, e cada vez se entranhavam mais na floresta. Hansel pensou que se não saissem depressa d'ella morreriam de fome. Na tarde do terceiro dia um lindo passaro branco de neve cantava docemente n'um ramo de arvore por cima d'elles; e quando elle voou, os pequenos seguiram-n'o até que elle chegou a uma cabana, sobre o telhado da qual pousou.

Quando as creanças chegaram ao pé da cabana, viram que era feita de pão e bolos; e os vidros das janellas eram de assucar.

«Vamos ter um rico banquete», disse Hansel, «eu começo por comer um bocado do telhado, e tu podes comer a janella. Não é uma delicia?» e Hansel chegou-se e quebrou um bocado do telhado, para lhe experimentar o gosto, emquanto Grethel se chegava á janella e começava a bater nos vidros. N'isto ouviram uma voz muito doce, que dizia de dentro: «Tip-tap, tip-tap, quem bate assim á minha porta?» e os pequenos responderam: «O vento, o vento, o filho do ceu»; e continuaram a comer sem parar. Hansel achava que o telhado era muito saboroso, e tirou outro pedaço maior; e Grethel tornou a partir outro vidro da janella, e comia toda deliciada o doce manjar.

N'esse momento a porta abriu-se, e uma velha, com muletas, saiu lá de dentro.

Hansel e Grethel ficaram muito tremulos, e deixaram cair o que tinham nas mãos; mas a velhota abanou a cabeça e disse: «Meus lindos meninos, o que os trouxe por cá? Venham e fiquem commigo, que nenhum mal lhes acontecerá»; e dizendo isto pegou-lhes nas mãosinhas e levou-os para dentro da cabana. Uma boa tigela cheia de leite, sonhos, assucar, ameixas e nozes, estavam sobre a meza, e n'um quarto interior, duas caminhas muito bonitas com cobertas brancas. N'essas camas se deitaram Hansel e Grethel, e pensaram estar no paraizo.

A velha contemplava-os sorrindo com maldade, pois a verdade é que ella era uma bruxa muito má, que armava ciladas ás crianças, e tinha construido a sua casa de pão, no intuito de as attrahir; mas assim que as tinha em seu poder, matava-as, assava-as e comia-as.

Quando avistou Hansel e Grethel a dirigirem-se para a sua casa, logo murmurou:

«Cá veem dois, que não me hão de escapar.»

De manhãsinha, antes dos pequenos acordarem, ella chegou-se ás camas, e viu como elles dormiam, respirando socegadamente.

A velha olhava para as suas carinhas frescas e rosadas e lambia os beiços, dizendo:

«Bello petisco vou ter!»

Depois pegou em Hansel e fechou-o n'uma gaiola com porta de grade, e apezar d'elle chorar muito de rijo, a velha fingiu não o ouvir. Acordou Grethel, dizendo: «Levanta-te, pedaço de mandriona, e vae buscar agua, para fazer quaiquer bom petisco para teu irmão, que vae ficar alli fechado, até estar bastante gordo; quando estiver bom, será então comido» A pequena começou a chorar muito, mas a velha a nada se movia, e ella teve de lhe obedecer. Hansel comeu n'esse dia um bello petisco, mas a Grethel a velha só deu uma casca de carangueijo para roer.

Todas as manhãs a bruxa chegava á gaiola e dizia: «Hansel, estende o teu dedo para eu vêr se estás mais gordo.» Mas Hansel estendia-lhe um osso, e a velha, que tinha má vista, admirava-se muito de o achar tão magro. Passaram-se quatro semanas, e Hansel continuava sem engordar; a velha perdeu a paciencia, e disse que não estava para esperar mais tempo.

«Grethel», gritou ella muito exasperada, «vae buscar agua depressa, magro ou gordo vou tratar de matar Hansel e de o cozer!!»

Ai, como a pobre pequena tremia e como as lagrimas lhe cahiam pela cara abaixo emquanto trazia a agua! «Bom Deus, tende piedade de nós, protegei-nos», gemia a todo o momento Grethel. «Antes tivessemos sido comidos pelos animaes ferozes na floresta, porque sempre morriamos juntos.» Mas a velha gritou: «Deixa-te de lamurias, de nada te servirão!»

Na manhã seguinte Grethel foi obrigada a encher a caldeira e a accender o lume.

«Primeiro, vamos coser o pão», disse a bruxa»; «já aqueci o forno, e amassei a farinha»; e dizendo isto, empurrou a pequenina Grethel para dentro do forno onde a lenha já ardia.

«Põe-te de cocoras», disse a bruxa, «e vê se está bastante quente para se metter o pão», mas a intenção da velha era, quando Grethel entrasse, fechar o forno e deixal-a coser, de fórma a poder comel-a assim como a Hansel. Grethel percebeu a maldade da bruxa, e disse: «Não sei como hei de fazer isso como é?»

«Grande parva», disse a velha, «a entrada é bastante larga. Repara, eu

BIBLIOTHECA DA INFANCIA Rua Serpa Pinto, 34-LISBOA

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE LEITURAS EDUCATIVAS

Sob a direcção litteraria de VICTOR RIBEIRO (da Academia Real das Sciencias)

200 réis cada volume de cerca de 200 pag. em 8.º, optimo papel, adornado de magnificas gravuras, brochado. Elegantemente encadernado em percalina, a ouro, côres e relevo, proprio para **Brindes** e **Premios escolares, *300 réis.***

Volumes publicados

I — Narrativas e Lendas da Historia Patria — Conquista do Reino.
II — A. Daudet — A Creança Abandonada.
III — Narrativas e Lendas — O Condestavel.
IV — No Paiz do Leão — A Vida dos Animaes.
V — Narrativas e Lendas — D. João I (o rei eleito do povo).
VI — Victor Hugo — O Bom Bispo.

No prélo { VII — Narrativas e Lendas — Os filhos de D. João I.
VIII — Os Cães Celebres — A Vida dos Animaes.

A' venda em todas as livrarias do paiz

Pedidos a A. DAVID, enc. Rua Serpa Pinto, 30 a 36 — LISBOA
No Porto — Livraria Moreira, Praça D. Pedro, 44
No Brazil — F. ALVES & C.ª, Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

mesma lá caibo!» e levantando-se, metteu a cabeça dentro do forno.

Então a pequena Grethel deu-lhe um empurrão, de fórma que ella cahiu para dentro, e depois, fechou a porta de ferro. Oh! que rugidos medonhos soltava

a velha bruxa! mas Grethel fugiu para longe, e deixou a horrivel mulher fazer-se em cinzas.

Depois, correu para Hansel, abriu-lhe a porta da gaiola, e chamou-o, dizendo: «Hansel, estamos salvos, a velha bruxa morreu!»

O pequeno saltou para fóra como um passaro foge da gaiola, e abraçou-se á irmã, beijando-a muito contente.

E agora, que nada mais tinham que temer, entraram em casa da bruxa, onde em todos os cantos havia cestos cheios de perolas e pedras preciosas. «São melhores que calhaus», dizia Hansel, mettendo na algibeira tantas quantas podia; emquanto Grethel pensava: «Tambem devo levar algumas para casa», e ia enchendo o avental com ellas.

«Agora, vamo-nos embora», disse Hansel, «tomara ver-me livre da floresta encantada»; mas depois de andarem durante duas horas, chegaram a um lago.

«Não o podemos atravessar», disse Hansel, «não vejo nenhuma ponte.»

«E tambem não ha bote», disse Grethel, «mas nada alli um pato branco, e eu vou pedir-lhe que nos ajude», e cantou:

Meu patinho, tem piedade
De quem perdido aqui anda;
Não temos ponte, nem barco,
Passa nos p'r' a outra banda.

E o patinho veiu ter com elles, e Hansel sentou-se-lhe em cima, e disse á irmã que se sentasse atraz d'elle.

«Não», disse Grethel, «isso é muito peso para um pato pequenino; elle levará um de cada vez». E assim foi, o patinho levou-os em cima, e atravessaram d'essa maneira para o outro lado, onde começaram logo a encontrar sitios conhecidos, e continuaram a andar, até que viram finalmente a casa do pae.

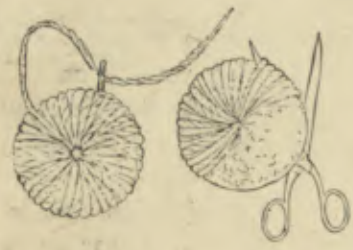
Então começaram a correr, e assim que entraram em casa, deitaram-se ao pescoço do pae.

O pobre homem não tinha tido uma unica hora feliz, desde que abandonára os filhos na floresta; e a mulher tinha morrido. Grethel abriu o avental, e as perolas e pedras preciosas rolaram pelo chão, e Hansel despejou as algibeiras que vinham apinhadas de tão rico thesouro.

E assim acabaram todas as infelicidades, e viveram juntos o resto da vida contentes e venturosos.

Bola feita com lã

Para conseguir esta bola não é preciso senão um bocado de cartão e uma porção de lã, podendo fazer-se de tamanho variavel, ou tão pequena como uma noz, ou tão grande como uma laranja. Cortam-se duas rodelas de cartão



eguaes, fazendo-lhes no meio um buraco bastante grande, de maneira que a rodela fique uma especie de argola. Se a bola fôr só d'uma côr é preciso bastante lã, mas para se tornar mais economico é melhor aproveitar as pontas de qualquer lã, mesmo de côres differentes. Juntam-se as rodelas, enfia-se a lã n'uma agulha, e vae-se mettendo pelo buraco á roda do cartão até que fique de todo cheio, como mostra a nossa primeira gravura.

Corta-se depois com uma tesoura a lã á roda do cartão, e mette-se entre os cartões uma linha que se enrola e ata fortemente. Depois da lã estar segura com a linha, cortam-se as rodelas de cartão e tiram-se para fóra. Aparam-se depois os fios que ficam mais sahidos e ahi teem os meus leitores a bola con-

cluida. Se a quizerem com duas côres tambem fica engraçada, mettendo primeiro uma côr e depois acabando de encher com a outra, de maneira que fique, depois de cortada, uma côr no meio e a outra á roda.

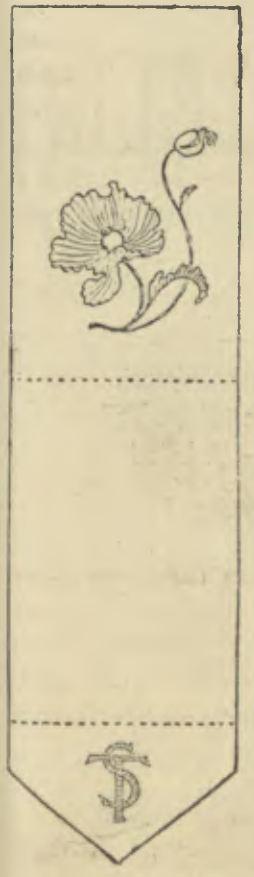
Em quanto tempo se enche o tanque?

Um tanque é alimentado por uma bica, que o póde encher em duas horas, mas tem um buraco no fundo, que o despeja em dez horas quando está cheio. A bica deixa de correr quando o tanque está vasio. Quanto tempo levará a encher o tanque?

(A resposta virá no numero seguinte).

Sacco para metter escovas

Todas as meninas devem ter gosto pelas suas coisas, e não dá muito trabalho tornar em pouco tempo um quarto feio n'um elegante aposento. Um toilette bem arranjado é muito importante n'um quarto de cama, por isso vamos começar ensinando os nossos leitores a fazer um sacco onde se escondam as escovas e pentes, coisas que não são bonitas para a vista.



Ha muitas maneiras de fazer saccos, mas nenhuma tão simples como a que nós ensinamos hoje.

Corta-se um bocado de setim ao comprido como mostra a nossa primeira gravura, formando n'um dos lados um bico, marcam-se com um alinhavo as dobras e passa-se o desenho, que pode ser ao gosto dos nossos leitores.

O que nós damos como amostra é um ramo de papoulas que devem ser bordadas a encarnado com os troncos e as folhas em verde.

E' preciso cuidado ao bordar não apertar muito os pontos para que não fique repuxado o setim. Depois do ramo acabado borda-se o monogramma na outra extremidade que fórma o bico, com uma lettra em verde e outra em encarnado.

Em seguida corta-se outra tira do mesmo tamanho e fórma do setim, em setineta ou seda para forrar o sacco, e alinhava-se uma sobre a outra, tendo o cuidado que fique para dentro a parte do direito tanto do setim como do forro. Une-se uma parte á outra cosendo á roda, menos uma das extremidades. Depois de cosido, voltam-se para o direito as sedas, pelo boccado que não está cosido, e que se cose depois pelo lado do direito com um pontinho meudo. Fazem-se então as dobras que já estão marcadas com os alinhavos, e cose-se á roda com pontinho, que se encobre com um cordão encarnado ou verde. Faz-se uma casa na extremidade que forma o bico e põe-se um botão de phantasia.

E ahi teem os nossos leitores já um enfeite para o seu toilette.

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907
Medalha de Prata — S. Luiz 1904

UNICOS EXPORTADORES:

Assis & C.ª — LISBOA

Endereço telegrafico: **MOURAGUAS**

Codigo "RIBEIRO"

Estas aguas perfeitamente limpidas, transparentes, inodoras, incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas da bexiga e vias urinarias; efficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analise chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: *alermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e lithicas.* Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de **MUITO PURA.**

2.ª SERIE Junho 1910 N.º 11

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro

DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A **Editora** — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres

da officina Photomecanica de **Thomaz Bordallo Pinheiro** — LISBOA

S. Jorge e o dragão

S. Jorge era o mais novo e o mais valente dos sete campeões do Christianismo. Lindamente vestido, com a sua brilhante armadura e com a sua espada magica, costumava viajar montado no seu cavallo de guerra, por paizes desconhecidos, em busca de aventuras. Um dia, quando atravessava uma terra pagã, viu uma linda e nobre menina que passeiava sósinha pela praia.

Trajava esplendidamente, como uma noiva no dia do seu casamento, mas a cara estava pallida e triste, e olhava com terror para o mar.

S. Jorge cavalgou direito a ella. Quando ouviu os passos do cavallo, a rapariga voltou-se e gritou:

«Foge, joven cavalleiro, foge, ou morrerás tambem!»

«Deus não consente que eu fuja, quando alguem está em perigo!» disse S. Jorge.

Emquanto elle falava, o mar começou a levantar grandes ondas, e das ondas vinha espantoso rugido.

Ao mesmo tempo ouviu barulho atraz de si. Voltou-se e viu as muralhas da cidade e os rochedos da praia cheios de gente, que gemia afflictivamente agitando as mãos.

«O dragão, o dragão!» gritou a rapariga. «Foge, ou elle cahirá sobre ti!»

O rugido ouvia-se cada vez mais temeroso.

«Nem carne nem sangue resiste á chamma ardente que sahe da sua boca!» disse a menina. «Já destruiu

dois exercitos de soldados; já devorou todos os carneiros e gado e tem arruinado de todas as fórmas o reino de meu Pae. Foge emquanto podes e não pretendas salvar-me!

«Todos os annos uma rapariga é condemnada a ser devorada pelo monstro, para evitar que elle entre na cidade, e mate todo o povo. Eu sou a Princeza Sabra, a filha do rei, e a sorte decidiu que fosse eu este anno a sacrificada. Oh, que horror, demoraste-te demais, já não te podes salvar!»

Durante todo o tempo que a Princeza fallou, o mar tinha-se tornado cada vez mais bravo, e o som do rugido cada vez mais ensurdecedor. S. Jorge mal teve tempo de empunhar a sua lança, e erguer o seu escudo, antes que o dragão o alcançasse. Era o monstro mais terrivel que se tinha visto na terra. Era uma serpente enorme, com grandes azas e quatro grandes garras, e na cauda tinha um ferrão muito comprido e venenoso.

Saltou pelo ar para cima de S. Jorge, com uma chamma a sair-lhe das guelas.

N'um momentaneo bater de azas quasi o derrubou, e ainda conseguiu partir-lhe a lança em mil bocadinhos.

Além d'isso, o dragão bateu-lhe com a cauda, e conseguiu deital-o abaixo do seu cavallo.

O fogo da sua respiração fazia com que o santo suffocasse; no entanto lá se levantou cambaleando, como um moribundo, e só lhe voltaram as forças no momento em que puxou da sua espada magica.

Quando tentava mais uma vez fazel-o cair o terrivel dragão expoz a parte mais delicada do corpo que é por baixo da aza, e alli S. Jorge conseguiu feril-o. A ferida foi tão profunda que o animal caiu todo a tremer.

S. Jorge então ajoelhou e rezou.

«Tira a tua facha e ata-a á roda do pescoço do dragão. Não te fará mal», disse para a Princeza.

A Princeza fez o que o santo lhe disse.

«Agora condul-o tu mesma á praça central da cidade», tornou S. Jorge.

O dragão seguiu a Princeza tão manso como um cordeiro.

Quando chegaram á cidade, todo o povo fugia, mas S. Jorge disse-lhes que não tivessem medo; e com um golpe da sua espada magica, matou o monstro na praça da cidade.

«Fiz isto», disse para os pagãos, «para lhes mostrar o poder de Deus, e os converter á fé verdadeira.»

Quando os pagãos souberam que um cavalleiro christão tinha domado o dragão, tornando-o manso como um cordeiro, deitaram fóra os falsos idolos, e tornaram-se bons christãos.

A Princeza Sabra foi a primeira a ser baptisada, com grande regosijo e alegria do seu povo.

O mysterio de um copo de agua

Não ha mysterio que não tenha explicação. Leva-se ás vezes muito tempo para a encontrar, mas quanto mais se sabe sobre a significação exacta e as propriedades das cousas, mais numerosos são os mysterios que se podem explicar; e logo que seja explicado, deixou de ser mysterio.

Olhem para um espelho. Porque é que o espelho mostra tudo que está defronte d'elle? Por ter a propriedade de *reflexão*. Atirem com este numero do *Gafanhoto* ao ar e vejam o que acontece. Cae no chão. Porque é que não vae para cima ou para o lado? Cae para baixo por causa do que nós chamamos *gravidade*.

Façamos agora uma curiosa experiencia, que entenderemos se entendermos o que é *gravidade*. Não precisam senão de dois copos, uma porção de agua, e um pedaço de

tubo de borracha bastante delgado. Ponham um dos copos cheio de agua, em cima de uma caixa ou de uma ruma de livros, sobre uma meza, a uma certa altura.

Ponham agora o copo vasio em cima da meza, perto do outro. O primeiro ficará mais alto do que o segundo. Mergulhem o extremo do tubo na agua que está no copo superior. Mettam o outro extremo na bocca e aspirem até que se encha completamente de agua. Depois apertem entre os dedos esse extremo que tinham na bocca, e mettam-n'o dentro do copo vasio, mantendo sempre o outro extremo mergulhado na agua do primeiro copo. A parte do tubo que desce do copo cheio para o vasio deve ser maior do que a parte que mergulha no primeiro.

Se tirarem agora os dedos, deixando aberto o extremo inferior do tubo, a agua começará a correr, e assim continuará até que o primeiro copo se despeje, ou até que a agua d'elle desça até abaixo do extremo mergulhado. Fizeram o que se chama um *syphão*, não da especie do que serve para a soda-water, porque esse não é um verdadeiro syphão, mas aquillo a que engenheiros e homens de sciencia dão esse nome.

Podem explicar o que aconteceu? Supponham que pegaram n'um cordel e que ataram a uma das pontas um pedregulho ou qualquer outro peso grande e á outra ponta um peso menor, e supponham que pousaram o meio do cordel em cima de uma roda ou de um varão. E' claro que o peso maior descerá, levantando o menor até passar para o outro lado do varão, e cahir.

A agua na secção maior do tubo é como o peso maior, e a que está na secção mais curta como o peso menor. Dirão que os dois pesos estão atados um ao outro, e que a agua não se pode atar á agua. E' certo; mas se o ar não entrar no tubo do improvisado syphão, o effeito é certamente o mesmo como se a columna mais pesada estivesse ligada á mais leve da agua. Talvez fosse mais claro dizer que a columna mais pesada da agua cae e chupa a columna mais leve. Esta torna-se então a mais pesada, e chupa mais agua, e assim continua emquanto toda a agua não correr pelo tubo.

Um indio feito de palha

O Indio feroz da nossa gravura é feito simplesmente de palha, e nada difficil d'executar como os leitores vão vêr.

Alem d'um molho de palha é preciso ainda uma peça de fitilho, um pedaço de fazenda

de côr, um pausito, arame fino, cordel, e duas contas de vidro preto.

Pega-se em primeiro logar no molho de palha, proporcionando o tamanho da cabeça do boneco com o corpo, ata-se com a fita o pescoço e torna-se a atar mais abaixo para formar a cintura. O resto da palha que sobeja para baixo divide-se em duas metades para fazer as pernas, atam-se os joelhos e finalmente em baixo onde devem ser os artelhos. Os pés são feitos de boccados de palha curtos que se atam aos artelhos com fita. Fazem-se depois os braços com cinco palhas juntas, amarram-se umas ás outras com fita e dobrando-se ao meio atam-se entre o pescoço e a cintura.

Forma-se o pulso tambem atando a fita, e separam-se as extremidades das palhas para fazer os dedos que se podem tornar uns maiores outros mais pequenos aparando as palhas com uma tesoura. Se os braços forem presos com arame é melhor porque se pode dar mais movimento que com a fita ou linha. Vamos agora á cabeça. Atravessam-se nos boccados de palha que estão para cima e que formam as pennas que os Indios costumam trazer, uns outros boccados de palha presos com arame. Cortam-se depois como mostra a gravura para fazer a cara e a cabeça atraz. A cara faz-se cortando em cima as palhas para formar a testa, deixa-se depois uma mais comprida para o nariz e outras mais curtas para o queixo, atravessam-se as contas de vidro com arame e applicam-se no sitio dos olhos. Enrola-se o boccado de fazenda no corpo e cose se.

Naturalmente todos os nossos leitores sabem fazer um arco com um pau e um cordel, e uma setta de palha, que é a ultima coisa a fazer para completar o nosso Indio.

Litteratura Brazileira

Edições da Livraria Francisco Alves & C.ª do Rio de Janeiro

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida. 2.ª edição. 1 vol. in 8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

O Livro das Donas e Donzelas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in 8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo, por Mademoiselle H. S. Brés, album ilustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, traducção do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart 750

Minha Historia Sagrada, traducção do Dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in 4 francez, ilustrado de numerosas e belissimas gravuras e cromos..... 750

Meu Livro de Maiicas. – Um livro ricamente encadernado 750

Historias de Fadas, livro para creanças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada colecção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pajs. ilustrado, impresso e encadernado em Paris..... 500

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente ilustrado 750

Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente illustrado 750

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris..... 750

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart.. 500

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado 500

Era uma vez . . . contos para crianças, pelo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in-16, ilustrado com dezenhos orijinaes de Norfini..... 500

Preços moeda portugueza

A' venda na administração d'O GAFANHOTO — Calçada do Ferregial, 6, 1.º — Lisboa

O Rei do Rio de Ouro [1]

I

N'uma remota e montanhosa região da Styria havia em tempos um valle de uma fertilidade verdadeiramente assombrosa e luxuriante. Era cercado por todos os lados de montanhas empinadas e fragosas, cujos picos estavam sempre cobertos de neve, e d'elles escorriam um sem numero de torrentes em cataractas constantes. Uma d'estas torrentes precipitava-se para a banda do poente, por sobre a encosta de um penedo tão alto que os raios do sol, quando se haviam occultado para todas as outras cousas e deixavam tudo em trevas por debaixo, ainda reverberavam sobre esta catadupa, por forma que ella parecia tal qual uma chuva de ouro. Por isso é que toda a gente d'aquella comarca lhe chamava o Rio de Ouro.

O que era extraordinário era que nenhuma d'essas torrentes se despenhava no valle. Todas ellas desciam pela outra falda dos montes, e seguiam serpenteando por vastas planicies e junto de cidades populosas. Mas as nuvens apegavam-se com tanta permanencia aos montes nevosos, e tão benignamente estacionavam n'aquella especie de poço circular, que em tempos de calor e de seca, quando todo o territorio em redor se requeimava, havia ainda chuva no pequeno valle; e eram alli tão bastas as searas, tão alta a herva, tão rubicundas as maçãs, tão azulados os cachos, tão generoso o vinho, tão doce o mel, que era um prodigio para quem via e lhe tinha valido o nome de Valle do Thesouro.

Pertencia por inteiro o pequeno valle a tres irmãos, chamados Schwartz, Hans e Gluck. Schwartz e Hans, os dois mais velhos, eram muito feios, com uns sobrolhos muito salientes, olhos pequeninos e baços, sempre semi-cerrados, por forma que ninguem era capaz de ver para dentro d'elles e pareciam pelo contrario espreitar para dentro das outras pessoas.

Viviam da lavoura do Valle do Thesouro, e eram de feito excellentes lavradores. Matavam tudo quanto não desse para o sustento proprio. Atiravam aos melros, por espicaçarem o fructo; davam cabo dos ouriços, para que não viessem chuchar no ubere das vacas; envenenavam os grillos, que lhes vinham á cosinha comer as migalhas; e asphyxiavam as cigarras, que costumavam cantar o verão inteiro nas tilias.

(1) O auctor d'este lindo conto é um grande philosopho e critico de arte inglez, do seculo passado, chamado Ruskin, muito notavel sobretudo pela influencia que exerceu no movimento artistico de todo o mundo culto.

Esfalfavam os creados até não poder mais, e depois armavam questões e punham-n'os fora sem lhes pagar.

Extranho seria se, com uma propriedade assim e com tal methodo de lavoura, elles não enriquecessem; e de facto eram podres de ricos. Tinham geralmente por systema guardar os cereaes até que elles encarecessem, e vendel-os depois pelo duplo do valor; tinham ouro aos montes pelo chão, mas não constava que elles houvessem dado de esmola tanto como um vintem ou uma codea de pão; eram de uma indole tão barbara e oppressiva que tinham recebido, de todos que com elles tratavam, a alcunha de «Irmãos Negros.»

O irmão mais novo, Gluck, era o que podia haver de mais opposto aos mais velhos, tanto no aspecto como no caracter. Não tinha mais de doze annos, tinha a tez muito clara, os olhos azues, e era todo elle bondade para quaesquer entes vivos. É evidente que não se dava muito bem com os irmãos, ou por outra que estes não se davam bem com elle. Conferiam-lhe por costume o honroso cargo de andar á roda com o espeto, nos raros dias em que havia assado; outras occasiões costumava engraxar os sapatos, lavar a casa, e ás vezes a louça, ganhando n'esta tarefa os sobejos que ficavam, em guisa de estimulo, e uma saraivada de sopapos, em guisa de educação.

Assim foram correndo as cousas durante um largo prazo. Chegou por fim um verão muito chuvoso, e tudo correu mal nas terras visinhas. Ainda mal se tinha apanhado o feno, e já as pilhas eram carreadas pela cheia até ao mar; os vinhedos foram despedaçados pelo granizo; as serras foram todas devastadas pela mangra; só o Valle do Thesouro, conforme o costume, ficou indemne. Assim como alli chovia quando não havia chuva n'outro qualquer sitio, assim tambem lhe batia o sol quando não brilhava em parte nenhuma.

Estava o inverno á porta, e o tempo corria muito frio, quando um dia os dois irmãos mais velhos sahiram, com as recommendações costumadas ao pequeno Gluck, o qual ficara a tomar conta no assado: que não deixasse entrar ninguem, nem sahir cousa alguma. Gluck sentou-se ao lume, porque chovia a cantaros, e as paredes da cosinha nem por isso eram muito enxutas e offereciam mediocre abrigo. Foi dando ao espeto, dando ao espeto, e o assado foi tomando uma linda côr tostada.

«Que pena!» pensou Gluck, «que pena os meus irmãos nunca convidarem ninguem para jantar! Quando tiverem deante de si esta rica peça de carneiro e ninguem mais tiver apanhado sequer um motreco de pão seco, creio que haviam de sentir gozo em terem quem os acompanhasse a comer.»

Palavras não eram ditas, resoaram na porta duas pancadas, mas pesadas e surdas, como se a aldraba estivesse preza para cima, mais similhantes a refregas de vento do que a aldrabadas.

«Deve ser o vento», disse Gluck, «não ha ninguem que se aventure a bater á nossa porta.»

Não: não era o vento. Repetiram-se logo com mais força as aldrabadas, e o mais espantoso era que o visitante parecia estar com pressa e não receiar absolutamente nada das consequencias. Gluck foi á janella, abriu-a, e extendeu

(Continua na pag. 250).

O SOMNO DO BÉBÉ

Acorda, Bébé, acorda;
Dos gatos o par velhaco
Dá-te cabo dos brinquedos
Que guardas dentro do saco.

Ó Bébé, abre os olhitos,
Levanta a tua cabeça;
Se prézas o teu thesouro,
Acorda, Bébé, depressa!

a cabeça para fóra a ver quem estava alli á chuva.

Era o homemzinho de aspecto mais extraordinario que elle tinha visto na sua vida. Tinha um nariz muito grande com uns leves tons de cobre; as bochechas eram redondinhas e vermelhas, dando ideia de que elle estava ha quarenta e oito horas a soprar uma fogueira: os olhos piscavam alegremente atravez de umas pestanas compridas e sedosas; os bigodes encaracolavam-se duas vezes como um sacarolhas aos dois cantos da boca; e o cabello, de um sal-e-pimenta exquisito, cahia-lhe pelos hombros abaixo. Teria metro e meio de altura, quando muito, e usava um carapuço ponteagudo do mesmo tamanho pouco mais ou menos, enfeitado com uma pluma preta de cousa de um metro de comprido.

Gluck ficou de tal modo paralysado pela singular apparencia do visitante, que estacou sem dar palavra, até que o velhote se voltou para tomar conta no capote que esvoaçava. N'isto, deu com os olhos na cabecita amarellenta de Gluck, emmoldurada na janella.

«Olá!» exclamou o homemzinho, «não é essa a maneira de attender a quem bate; estou encharcado, abra-me a porta.»

A falar a verdade, o homemzinho estava com effeito encharcadissimo. A pluma pendia-lhe pelas pernas abaixo como a cauda de um cachorrinho sovado, pingando como um guarda-chuva; e das pontas do bigode escorria-lhe a agua para as algibeiras do gibão, e d'ahi para fora como as catadupas n'uma azenha.

«Peço perdão, meu caro senhor», disse Gluk, «tenho muita pena, mas isso é que eu não posso fazer-lhe.»

«Não pode fazer o que?» perguntou o velhote.

«Não posso abrir-lhe a porta, por forma alguma. Os manos até davam cabo de mim, se tal cousa me passasse pela ideia. Que deseja o senhor?»

«Que desejo?» disse o velhote com petulancia. «Desejo lume e abrigo; e tu tens ahi um bello lume a chammejar, a estalar, a dansar sobre as paredes, sem ninguem que o goze. Deixa-me entrar, repito; eu o que quero apenas é aquecer-me.»

Entretanto Gluck já estava ha tanto tempo com a cabeça ao ar livre, que começou a perceber que fazia realmente um frio de tremer. Ao voltar-se e ao ver o rico lume a rugir e a lançar umas linguas compridas e brilhantes pela chaminé acima, como se estivesse a lamber umas costeletas ao perfume apetitoso da perna de carneiro, derreteu-se-lhe o coração por não servir de nada tanto esbrazear.

«Parece que está n'uma sopa», disse comsigo o pequeno Gluck; «vou dar-lhe abrigo durante um quarto de hora.»

E foi abrir a porta. Quando o homemzinho entrou, veiu uma rabanada de vento que fez estremecer a velha chaminé.

«Isto é que é um rapazinho como se quer», disse o velhote. «Não te importes com os manos. Deixa estar que eu cá me entendo com elles.»

«Pelo amor de Deus, não faça tal!» exclamou Gluck. «Não posso dar-lhe guarida até que elles venham; eram capazes de me matar.»

«Ora essa! Pois crê que tenho pena.

Então quanto tempo me posso demorar?»

«Até estar prompto este carneiro», replicou Gluck, «e elle já está com uma linda côr».

Então o velhote entrou pela cosinha dentro, e sentou-se na lareira, acommodando o bico do carapuço pela chaminé acima, porque a casa não tinha pé direito para a sua altura.

«Ahi enxuga n'um instante», disse Gluck.

E sentou-se outra vez para voltar o espeto. Mas o velho não enxugou nada; ia pingando, pingando sobre as brazas, e o lume começou a crepitar, a espirrar, e a arrefecer. Que capote aquelle! Cada prega escorria que nem uma goteira.

«Peço perdão», disse por fim Gluck depois de estar um quarto de hora a ver a agua correr pelo sobrado fora em regatinhos extensos, brilhantes como azougue. «Não seria melhor que lhe tirasse o capote?»

«Não, obrigado.»

«E o carapuço?»

«Estou perfeitamente, muito agradecido», respondeu o velhote com tal ou qual desabrimento.

«Mas, meu caro senhor, sinto dizer-lhe...» disse Gluck com hesitação; «mas a verdade é que o senhor está-me apagando o lume.»

«Leva mais tempo a assar o carneiro, n'esse caso», replicou seccamente o visitante.

Gluck estava deveras perplexo com a compostura do hospede; era uma extraordinaria mistura de frieza e de humildade. A parafusar n'isto esteve mais de cinco minutos na sua tarefa.

«Esse carneiro tem uma apparencia tentadora», disse o velhote. «Dás-me um bocadinho?»

«Isso é que é impossivel», respondeu Gluck.

«É que eu tenho muita fome», proseguiu o velhote. «Não comi nada nem hontem nem hoje. Um pedacito ahi da junta: elles nem sequer darão pela falta, com certeza.»

Falava n'um tom de tal melancholia que Gluck sentiu varar-se lhe o coração.

«Elles prometteram-me hoje uma fatia», disse elle; «essa ainda eu lhe posso dar, mas nem uma dentada mais.»

«Bello rapaz!» repetiu o velhote.

Então Gluck aqueceu um prato e afiou uma faca.

«Se me baterem, não me importa», pensou elle.

Mal acabara de cortar uma grossa fatia do carneiro, retiniu uma tremenda pancada na porta. O velhote saltou da lareira, como se ella tivesse ficado de repente em braza. Gluck encaixou outra vez a fatia no assado, com esforços desesperados para a adaptar bem, e correu a abrir a porta.

«Para que nos deixaste estar tanto tempo á chuva?» disse Schwartz entrando e atirando com o guarda-chuva á cara do pequeno.

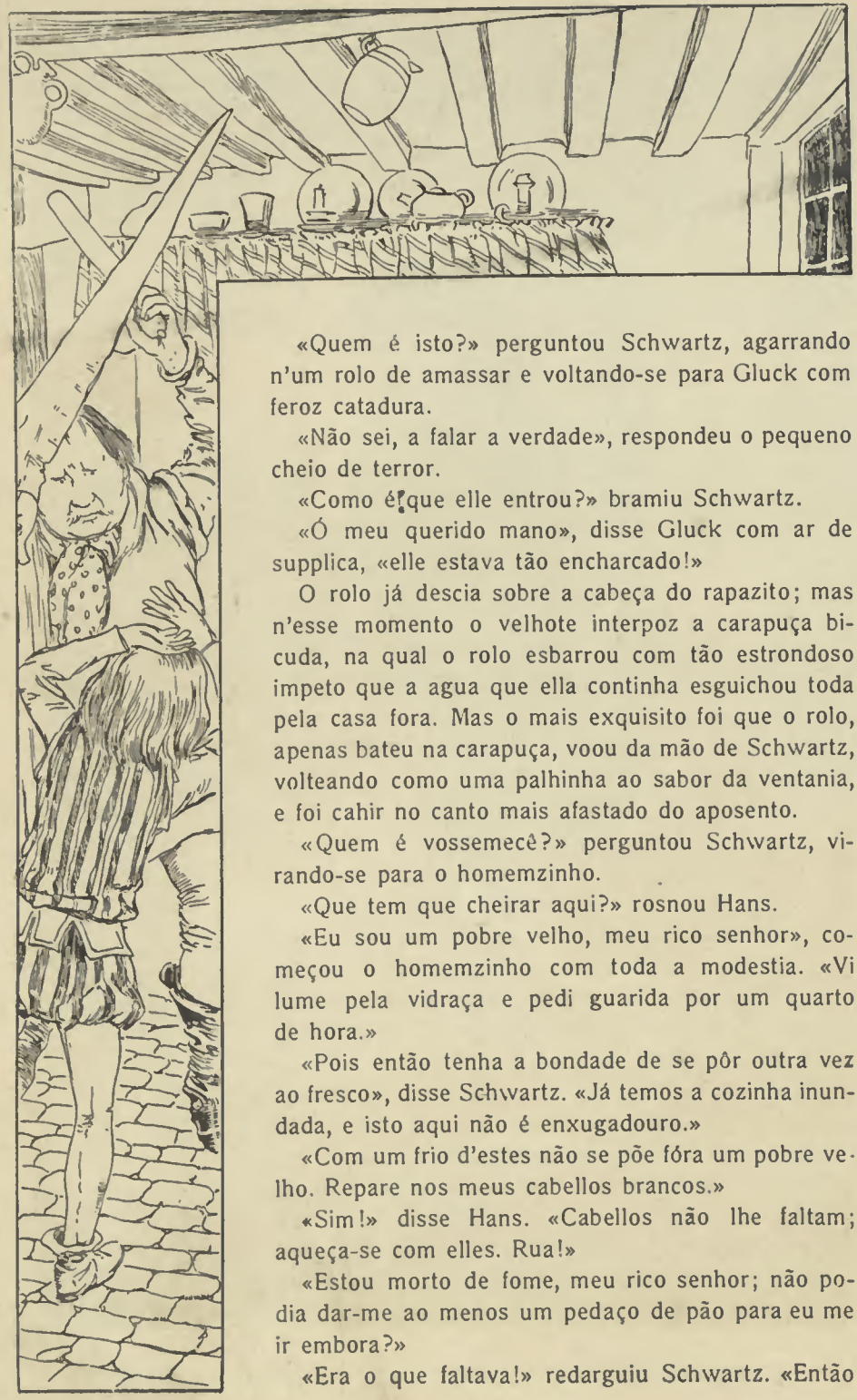
«Sim! para que foi, pedaço de garoto?» disse Hans dando-lhe um sopapo na orelha.

«Demonios me levem...» disse Schwartz ao fechar a porta.

«Amen!» accrescentou o homemzinho, que tirára a carapuça e estava no meio da cozinha a desfazer-se em venias.

Gluck extendeu a cabeça para fóra a ver quem estava alli á chuva.

O velhote sentou-se na lareira, acommodando o carapuço pela chaminé acima.



«Quem é isto?» perguntou Schwartz, agarrando n'um rolo de amassar e voltando-se para Gluck com feroz catadura.

«Não sei, a falar a verdade», respondeu o pequeno cheio de terror.

«Como é que elle entrou?» bramiu Schwartz.

«Ó meu querido mano», disse Gluck com ar de supplica, «elle estava tão encharcado!»

O rolo já descia sobre a cabeça do rapazito; mas n'esse momento o velhote interpoz a carapuça bicuda, na qual o rolo esbarrou com tão estrondoso impeto que a agua que ella continha esguichou toda pela casa fora. Mas o mais exquisito foi que o rolo, apenas bateu na carapuça, voou da mão de Schwartz, volteando como uma palhinha ao sabor da ventania, e foi cahir no canto mais afastado do aposento.

«Quem é vossemecê?» perguntou Schwartz, virando-se para o homemzinho.

«Que tem que cheirar aqui?» rosnou Hans.

«Eu sou um pobre velho, meu rico senhor», começou o homemzinho com toda a modestia. «Vi lume pela vidraça e pedi guarida por um quarto de hora.»

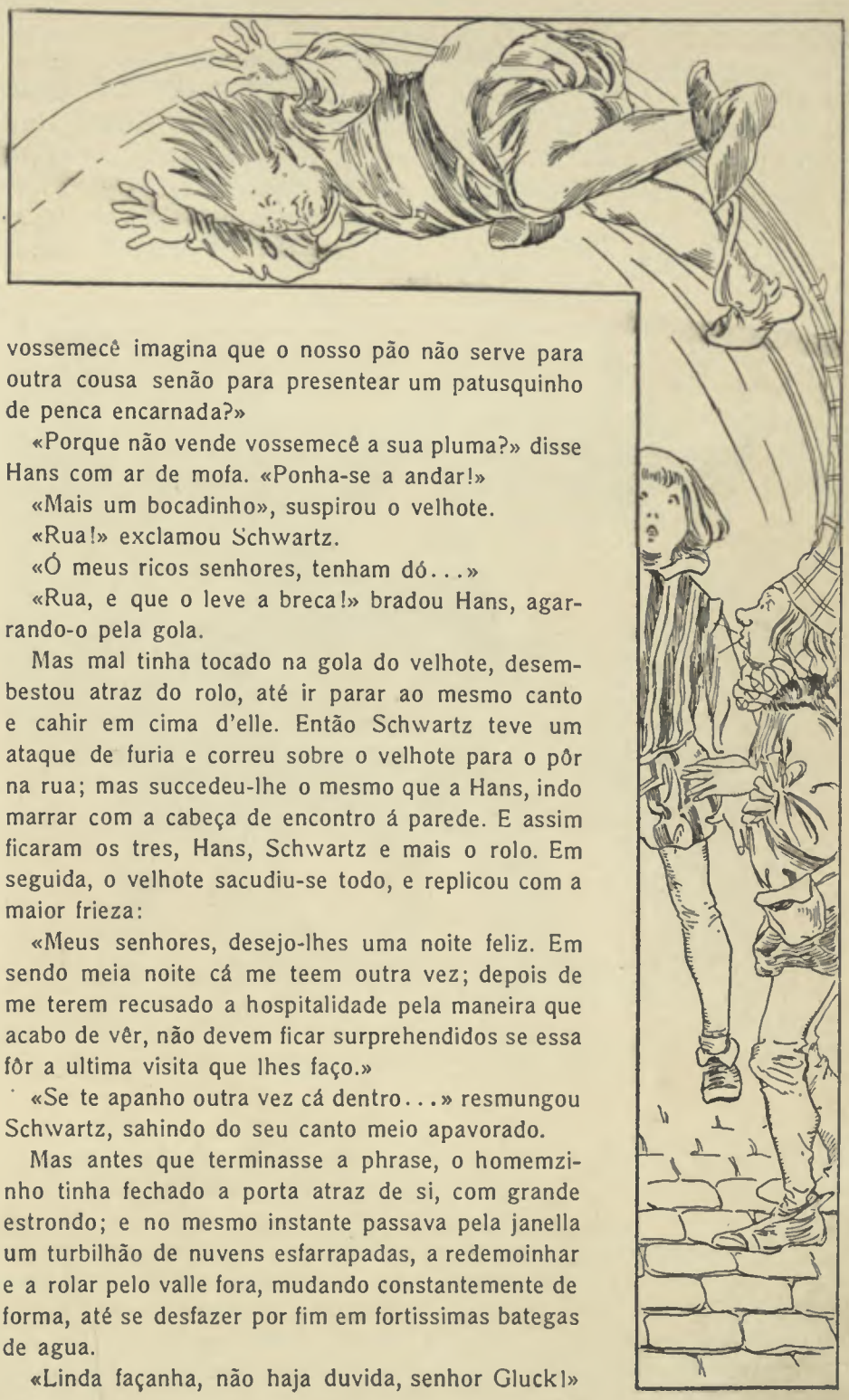
«Pois então tenha a bondade de se pôr outra vez ao fresco», disse Schwartz. «Já temos a cozinha inundada, e isto aqui não é enxugadouro.»

«Com um frio d'estes não se põe fóra um pobre velho. Repare nos meus cabellos brancos.»

«Sim!» disse Hans. «Cabellos não lhe faltam; aqueça-se com elles. Rua!»

«Estou morto de fome, meu rico senhor; não podia dar-me ao menos um pedaço de pão para eu me ir embora?»

«Era o que faltava!» redarguiu Schwartz. «Então



vossemecê imagina que o nosso pão não serve para outra cousa senão para presentear um patusquinho de penca encarnada?»

«Porque não vende vossemecê a sua pluma?» disse Hans com ar de mofa. «Ponha-se a andar!»

«Mais um bocadinho», suspirou o velhote.

«Rua!» exclamou Schwartz.

«Ó meus ricos senhores, tenham dó...»

«Rua, e que o leve a breca!» bradou Hans, agarrando-o pela gola.

Mas mal tinha tocado na gola do velhote, desembestou atraz do rolo, até ir parar ao mesmo canto e cahir em cima d'elle. Então Schwartz teve um ataque de furia e correu sobre o velhote para o pôr na rua; mas succedeu-lhe o mesmo que a Hans, indo marrar com a cabeça de encontro á parede. E assim ficaram os tres, Hans, Schwartz e mais o rolo. Em seguida, o velhote sacudiu-se todo, e replicou com a maior frieza:

«Meus senhores, desejo-lhes uma noite feliz. Em sendo meia noite cá me teem outra vez; depois de me terem recusado a hospitalidade pela maneira que acabo de vêr, não devem ficar surprehendidos se essa fôr a ultima visita que lhes faço.»

«Se te apanho outra vez cá dentro...» resmungou Schwartz, sahindo do seu canto meio apavorado.

Mas antes que terminasse a phrase, o homemzinho tinha fechado a porta atraz de si, com grande estrondo; e no mesmo instante passava pela janella um turbilhão de nuvens esfarrapadas, a redemoinhar e a rolar pelo valle fora, mudando constantemente de forma, até se desfazer por fim em fortissimas bategas de agua.

«Linda façanha, não haja duvida, senhor Gluck!»

motejou Schwartz. «Ande, ponha o assado na travessa, avie-se. Se te torno a apanhar n'uma partida d'estas... Mas espera lá, porque é que o carneiro está cortado?»

«O mano tinha-me promettido uma lasquinha, deve lembrar-se», replicou o pequeno.

«Ah! e então trinchaval-o a quente, para apanhares todo o suco! Pois deixa estar, que tão cedo não te faço outra promessa. Põe-te d'aqui para fóra quanto antes!»

Gluck sahiu da cozinha muito triste.

Os irmãos abarrotaram-se de carneiro, guardaram o resto no armario, e trataram de se embebedar depois de terem a barriga cheia.

Que noite aquella! O vento a assobiar, e a chuva a fustigar as janellas,

Os irmãos abarrotaram-se de carneiro.

sem intervallo. Aos Irmãos Negros ainda sobraram uns restos de sizo para cerrarem todas as janellas e trancarem a porta, antes de se metterem na cama. Ao dar o relogio as doze pancadas da meia noite, acordaram ambos a um estrepito tremendo. A porta escancarou-se com tamanha violencia que a casa toda

abalou desde o telhado até aos alicerces.

«Que é isto?» bradou Schwartz espavorido.

«Sou eu, apenas», disse o homemzinho.

Os irmãos arregalaram os olhos no meio das trevas. O chão estava coberto de agua, e elles puderam ver a meio do quarto um enorme globo de espuma, a redemoinhar, aos saltos como uma rolha de cortiça, sobre o qual se assentava o velhote, com carapuço e tudo. Já para o carapuço sobrava espaço, porque o tecto tinha desapparecido.

«Sinto muito incommodal-os», disse o visitante com ironia. «As suas camas, quer-me parecer que devem estar um pouco humidas. Melhor seria que fossem para o quarto de seu irmão mais novo. Ahi é que eu deixei ainda o tecto.»

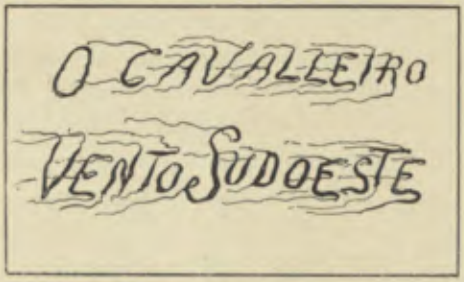
Não foi necessario segundo aviso, porque os dois precipitaram-se logo para o quarto de Gluck, todos molhados, e a tremerem de pavor.

«Hão de encontrar o meu cartão de visita em cima da meza da cozinha», foi-lhes dizendo o homemzinho. «Lembrem-se de que é a minha ultima visita».

«Queira Deus que assim seja!» disse Schwartz com um arrepio.

E n'isto, o globo de espuma sumiu-se.

Chegou por fim a madrugada, e os dois irmãos espreitaram para fóra, pela janellinha de Gluck. O Valle do Thesouro era uma massa de ruina e de devastação. A cheia tinha arrebatado arvores, searas e gados, e deixado em seu logar um lamaçal de saibro vermelho e lodo esverdeado. Os dois irmãos, arripiados de horror, arrastaram-se até á cozinha. A agua tinha inundado todo o pavimento terreo. Trigo, dinheiro, quasi todos os bons moveis haviam desapparecido, e só restava um pequeno cartão branco sobre a meza de cosinha. N'elle, em lettras esguias, empennadas e tremulas, estavam gravadas as palavras:



(Conclue no proximo numero).

OFFICINA PHOTOMECANICA
DE
Thomaz Bordallo Pinheiro
PHOTOGRAVURA — ZINCOGRAPHIA
TRICHROMIA — GRAVURA PARA ENCADERNAÇÃO

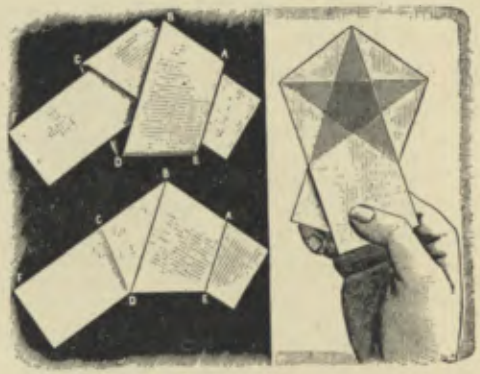
ESCRIPTORIO
Calçada do Ferregial, 6, 1.º
LISBOA

OFFICINAS
Rua João de Lemos — Santo Amaro
LISBOA-PORTUGAL

A ESTRELLA DE CINCO RAMOS

A estrella de cinco ramos chama-se em geometria um *pentagono regular estrellado*. A sua construcção geometrica com o auxilio da regua e do compasso é longa e complicada. Tem de se começar por construir o decagono regular inscripto n'uma circumferencia, cujo lado é egual ao maximo segmento do raio dividido em media e extrema razão. Juntando dois a dois os vertices do decagono, obtem-se o pentagono regular inscripto. Juntando quatro a quatro os vertices do mesmo decagono, obtem-se o pentagono regular estrellado, que é a estrella de quatro ramos.

Tudo isto leva muito tempo, e nós queremos geometria instantanea. Ponhamos de parte a regua e o compasso, e tomemos uma tira de papel delgado com a qual faremos um nó, como indicam as duas figuras á esquerda. A de cima é o começo do nó. Aperta-se, conservando bem direita a tira de papel. Dobra-se pelas linhas *A E* e *C D*, e obtem-se assim, n'um abrir e fechar de olhos, o pentagono regular ordinario *A B C D E*. Se dobrarmos a tira de modo que a sua orla *C F* tome a direcção *C A*, e puzermos o nosso pentagono defronte de uma janella ou de uma luz, veremos apparecer por transparencia, graças ás espessuras differentes do papel, a linda estrella de cinco ramos que queriamos obter.



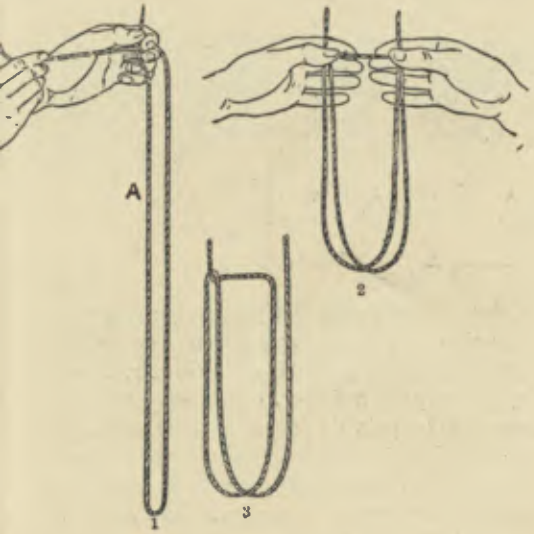
Em quanto tempo se enche o tanque?

(SOLUÇÃO)

Se a agua da bica enche o tanque em duas horas, ficará o tanque meio em uma hora. Se o buraco despeja o tanque em dez horas, despejará n'uma hora a decima parte da capacidade do tanque. O resultado é que em cada hora se encherão quatro decimas partes da capacidade do tanque. Portanto elle encher-se-ha em duas horas e meia.

O cordel magico

Se os leitores lerem attentamente o que explicamos e se praticarem depois bastante conseguirão fazer esta scena de magica na perfeição. E' preciso para a executarem estarem bem certos d'ella para não



se atrapalharem e para a fazer com uma certa solemnidade.

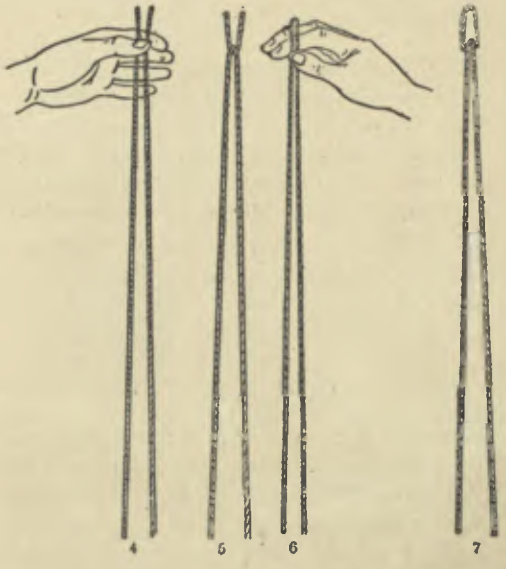
Para a operação é só preciso um cordel e uma tesoura. Principia-se pegando n'uma das extremidades do cordel em cada mão, entre o indéx e o pollegar, deixando o resto do cordel pendurado. Passa-se depois a extremidade que está na mão direita, pelo lado de fóra da mão esquerda, entre o segundo e o terceiro dedo traçando assim a outra ponta como se vê na fig. 1.

Deixam-se as duas extremidades presas na mão esquerda, e com a direita vae-se buscar a ponta que estava primeiro na mão esquerda, e puxa-se até que tenha passado metade do cordel pelos dedos. Leva-se outra vez a ponta acima e pega-se no cordel, como se vê na fig. 2, deixando um intervallo pequeno d'uma das mãos á outra. O cordel que já deu estas voltas deve ficar como mostra a fig. 3.

Quando o leitor estiver n'esta altura pede a outra pessoa que com uma tesoura lhe dê um corte na parte do cordel em cima que está entre as duas mãos.

Para o publico o cordel faz effeito que está cortado ao meio, mas entreabra o leitor os dedos da mão esquerda e verá como elles se enganam, e que os dedos não seguram senão uma ponta solta. Larga-se a mão direita e deixa-se o cordel pendurado na mão esquerda como mostra a fig. 4.

A seguinte coisa a fazer é passar o cordel para a mão direita não desmanchando o que está feito, e escondendo tambem com os dedos o sitio onde se cruzam os cordeis, mas não apertando muito para que o cordel quando se puxar possa correr pela ponta que está solta. Pega-se depois n'uma das pontas com a mão esquerda e começa-se a enrolar o cordel á roda, até ao fim, fazendo com a mão direita uma volta de maneira que se possa esconder, sem que ninguem perceba, a ponta que está solta. Quando se desenrolar outra vez o cordel mostra-se ao publico que está inteiro como era.



O bocado solto que continua escondido na mão direita deita-se fóra sem que ninguem veja.

Se algum espertalhão disser que percebeu que é só uma das extremidades que se corta, e quizer medir o cordel antes e depois da operação, o leitor não se atrapalha e repetindo a operação, guarda o boccado solto na mão, e consegue com alguma manha fazer d'elle uma laçada que se segura com os dedos no meio do cordel, fazendo assim o effeito do cordel estar dobrado ao meio, e medindo assim o mesmo tamanho que media antes. A fig. 6 mostra como se deve pegar no cordel e a fig. 7 como deve estar por baixo dos dedos.

Não é muito facil explicar isto claramente por escripto, mas se o leitor fôr praticando e olhando para as gravuras aprenderá depressa e sem difficuldade, sendo em todo o caso preciso repetir bastantes vezes para se chegar á perfeição.

TOUCA PARA BONECA

Se as nossas leitoras quizerem vestir a sua boneca de bébé, ahi teem uma touca bonita e simplicissima de fazer, pois que basta uma tira de panno como mostra a

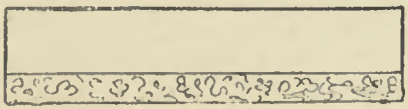


Fig. 1

fig. 1. Franze-se d'um lado a tira, deixando um bocado de cada lado a direito, como mostra a fig. 2.

Puxa-se a linha do franzido até ao fim, e unem-se um ao outro em costura os dois bocados que se deixaram de cada lado do franzido; corta-se uma rodela pequena de cartão e forrando-se do mesmo panno applica-se sobre o franzido para rematar, e ahi teem as nossas leitoras a parte de traz da touca, que está representada na fig. 3. Em cada ponta da frente cose-se uma fita para segurar a touca debaixo do queixo. Para enfeitar cose-se uma renda sobre a tira antes de a franzir, do lado que fica para a frente, como se vê na fig. 1, cosendo depois da touca armada uma espiguilha franzida no lado de dentro, o que dá um aspecto engraçado á carita da boneca. A rodela atraz pode ser coberta com a mesma renda da tira. Fazem-se áparte duas rosetas de fita para enfeitar a touca em cima, sendo preciso fazel-as com graça, não se vendo os pontos, mas que fiquem bastante solidas; pregam-se depois á touca com poucos pontos mas firmes. A leitora que não está ainda pratica n'estas cousas de costura pode começar por fazer esta touca em papel da China que é macio e elastico e presta-se admiravelmente para este genero de trabalho.

Fig. 2

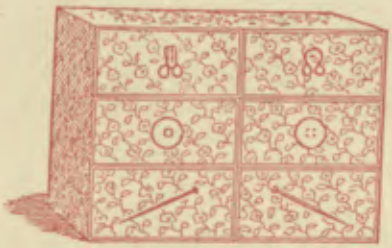
Fig. 3

Fig. 4

Em logar da renda e espiguilha, pode fazer-se, sendo a touca em papel, uma *ruche* para a roda, e umas rosetas tambem de papel em logar de fita.

Uma commoda feita com caixas de phosphoros

Com meia duzia de caixas de phosphoros de pau já vasias, pode-se fazer uma commodasinha elegante para guardar os utensilios de costura. Alem de seis caixas vasias que sejam todas do mesmo tamanho, é preciso um boccado



de panno, seda ou linho, uma porção de gomma e um pincel.

Tiram-se para fóra as partes de dentro das caixas, cortam-se doze boccados do tecido, com que se vae forrar, e pegam-se com gomma na parte da frente e de traz das caixas.

Quando estiverem seccas enfiam-se nas tampas, e poem-se as seis caixas na posição que mostra a gravura, pegando-as com gomma umas ás outras.

Corta-se depois um boccado de tecido com a largura da commoda e que tenha tamanho bastante para a contornar.

Poe-se este boccado de panno estendido sobre a meza e com o pincel enche-se de gomma pelo avesso, pegando-o depois á roda da commoda, de maneira que fique o remate no fundo. E' preciso que o tecido fique muito bem puxado para não fazer pregas.

As duas gavetas de cima podem servir para guardar colchetes, um lado para os machos e o outro para as femeas, e para se saber o conteúdo cose-se por fora no meio de cada gaveta o objecto, como mostra a nossa gravura.

As do meio são para botões e as de baixo servem, uma para alfinetes pretos e outra para alfinetes brancos.

Não querendo a nossa leitora esta commoda para costura, pode utilisal-a para guardar os artigos de toilete da sua boneca.

O cyclista atrapalhado

— A que distancia fica a estação? pergunta o cyclista.

— A 12 kilometros, responde o moço do hotel.

— Então apanho o comboio, que passa por lá d'aqui a hora e meia.

— Duvido.

— Ora essa!

— Faça-lhe a conta. Tem de percorrer 4 kilometros de subida.

— Vou a pé. Por mais ingreme que seja, ando 4 kilometros por hora.

— Depois tem outros 4 kilometros a descer.

— A descer, corro eu 12 kilometros por hora.

— Em seguida, tem mais outros 4 kilometros de caminho direito.

— Que eu corro na bicyclete á razão de 8 kilometros por hora.

— Então já vê...

— Não vejo tal. A' média de 8 kilometros por hora, chego lá a tempo.

— Está enganado. A média não serve. Os primeiros quatro kilometros levam-lhe uma hora a percorrer; os segundos levam-lhe mais 20 minutos; e os ultimos mais meia hora. Somme tudo, e acha o total de uma hora e 50 minutos.

— E' verdade. Estou tramado.

— Já vê que o melhor é ficar no hotel até poder apanhar o comboio seguinte.

O concerto das rãs

Deram as rãs um concerto,
Convidando as libellinhas.
Os nenuphares abriram-se,
Para ouvir lindas modinhas.

Abrem as rãs as guelas
E começam a cantar:
As libellinhas com susto
Tratam logo de voar.

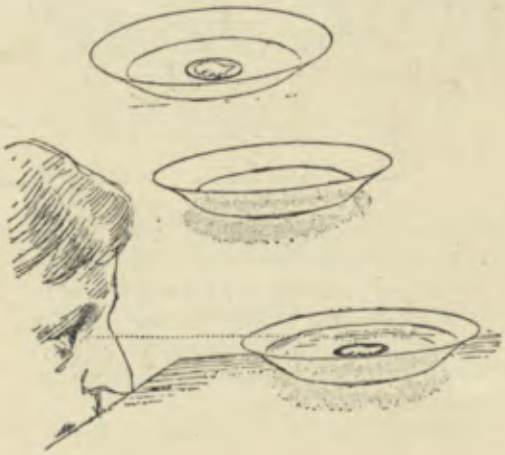
Os nenuphares mergulham
Perante a algazarra atroz;
Mas as rãs seguem cantando,
Muito embora fiquem sós.

Como um vintem sobe dentro de agua

Vamos a esta experiencia, que é muita curiosa. Realmente o vintem não sobe tal, mas parece subir. Mostra-se assim que não vemos atravez da agua da mesma maneira exactamente como vemos atravez do ar.

Colloquem um pires n'uma meza, e um vintem no meio. Apparece como na fig. 1. Agora peçam a alguem que olhe para a moeda, abaixando a cabeça até que o vintem esteja encoberto pela borda do pires. Verá então o pires, mas não a moeda, como se apresenta na fig. 2.

Em seguida, conservando o observador na mesma posição, deitem agua no pires, com cuidado para não entornar a agua. O vintem apparecerá então á vista do observador, parecendo que sobe. É a agua que produz este effeito. Quando se observa atravez do ar, vê-se em linha recta. Quando se observa atravez da agua e do ar, vê-se ao longo de duas linhas, como se representa na fig. 3. É esta curiosa propriedade da agua que se chama *refracção*, e que mais largamente se estuda na physica.



— Bébé, não estejas a lamber o assucar!

— O' maman, eu não o lambo; estou-lhe a dar beijos.

LIVROS DE LEITURA PARA PREMIOS

Encadernados e dourados por folhas

Avonturas de Telemaco, *seguidas das de Aristono e das de Ulysses,* para uso da mocidade; obra inteiramente nova, por José da Fonseca. 1 vol. in-32 com 4 estampas, enc..... **1$500**

Avonturas maravilhosas de Lazarilho do Tormes, extrahidas das antigas chronicas de Toledo; trad. do francez, com estampas. 1 vol. in-32, enc..... **1$500**

Bertha, ou o *Guarda fogo,* traduzido do allemão, do abbade M..., por Pedro Carolino Duarte. 1 vol. in-32, ornado de 1 estampa colorida, enc..... **1$500**

A Filha incognita, traduzida do allemão, do Conego Schmid, por Pedro Carolino Duarte. 1 vol. in-32, ornado com uma estampa colorida, enc..... **1$500**

O Gil Braz da Infancia, ou Aventuras de Gil Braz, compendiadas por José da Fonseca. 1 vol. in-32, ornado com 2 estampas coloridas, enc..... **1$500**

Historia dos cães celebres, na qual se relatam grande numero de anecdotas recreativas e extremamente interessantes ácerca do instincto d'estes animaes, traduzida do francez, de M. Fréville, por Caetano Lopes de Moura. 1 vol. in-32, ornado com estampas, enc.

A Joven Stephania, traduzida do allemão, do Conego Schmid, por Pedro Carolino Duarte. 1 vol. in-32, ornado com uma estampa colorida, enc..... **1$500**

Maximas e Sentenças moraes, pelo Duque de la Rochefoucauld, traduzidas do francez por Caetano Lopes de Moura. 1 vol. in-32, enc..... **1$500**

Misanthropia e arrependimento, drama em cinco actos, escripto em allemão por Kotzebue e traduzido em portuguez por Caetano Lopes de Moura. 1 vol. in-32, enc..... **1$500**

Pensamentos, memorias e sentimentos, fructo de [illegible] leituras, seguidos de ***Roma e seus arrabaldes,*** de M. de Chateaubriand, colligidos e traduzidos por A. Pereira Forjaz. 1 vol. in-32, enc..... **1$500**

Rosa o Branca, ou os Beneficios da educação, por M. A... 1 vol. in-32, ornado com uma estampa colorida, enc..... **1$500**

A Senhora de preto, traduzida do allemão do Conego Schmid, por Pedro Carolino Duarte. 1 vol. in-32, ornado com uma estampa colorida, enc..... **1$500**

Setma, ou a Joven turca, traduzida do allemão, do Conego Schmid, por Pedro Carolino Duarte. 1 vol. in-32, ornado com uma estampa colorida, enc..... **1$500**

Contos de Fadas, illustrados com seis lindos chromos, postos ao alcance das crianças, por M. M. 1 vol. in-4 fr., capa illustrada, br..... **$500**

Os nossos Gatinhos, illustrado com seis lindos chromos, por M. C. 1 vol. in-4 fr., capa illust., br..... **$500**

Barba Azul, com 4 pags. a côres, capa illustrada. 1 vol. in-16..... **$200**

Bella Adormecida, com 4 pags. a côres, capa illustrada. 1 vol. in-16... **$200**

Gata Borralheira, com 4 pags. a côres, capa illustrada. 1 vol. in-16... **$200**

Gato de Botas, 1 vol. in-16, com 4 pags. a côres, capa illustrada..... **$200**

A Menina do Capuz Vermelho, com 4 pags. a côres e capa illustrada. 1 vol. in-16..... **$200**

O Passaro Azul, com 4 pags. a côres e capa illustrada. 1 vol in-16..... **$200**

O Pequeno Polegar, com 4 pags. a côres e capa illustrada. 1 vol. in-16 **$200**

Polle do Burro, com 4 pags. a côres e capa illustrada. 1 vol. in-16..... **$200**

PREÇOS MOEDA BRAZILEIRA

A analise chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: ***atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e liticas.*** Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de **MUITO PURA.**

2.ª SERIE Junho 1910 N.º 12

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

O Bébé não pedia brinquedos, se soubesse ler o Gafanhoto.

IMPRESSO E COMPOSTO N'«A EDITORA»
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro

DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'**A Editora** — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres

da officina Photomecanica de **Thomaz Bordallo Pinheiro** — LISBOA

Os patinhos da Mimi

A Mimi, muito adoravel,
Toda cheia de carinhos,
Por suas mãos sempre arranja
A comida dos patinhos.

Senta-se alli n'um banquinho,
Em frente cheia a escudela,
E chama os pequenos bichos,
Que correm todos para ella.

«Quá! quá! quá!» bradam contentes,
Emquanto as azas sacodem.
E á porfia, muito sofregos,
Ás bellas papas acodem.

«Quá! quá! quá!» Das teuras azas
Soltam-se gotas macias,
Que á luz do sol vão brilhando
Como lindas pedrarias.

«Quá! quá! quá!» em tom mais grosso
Grita de longe a mãe pata.
Mas a ninhada faminta
Seus chamados não acata.

«Quá! quá! quá!» os pequenitos
Atropelam-se a distancia;
Para a papa apetitosa
Abrem os bicos com ancia.

«Quá! quá! quá!» emquanto comem,
É sempre o mesmo o seu brado,
Que a pequena pensativa
Traduz por «muito obrigado!»

Pois que o primeiro dos gritos
Que os bichos e os homens dão,
Abrindo os olhos ao mundo,
É sempre de gratidão.

O Rei do Rio de Ouro

(Conclusão)

II

O cavalleiro Vento Sudoeste foi homem de palavra. Nunca mais entrou no Valle do Thesouro; e o peior é que influiu de maneira tão efficaz com os seus parentes, os Ventos de Oeste todos, que todos elles adoptaram o mesmo procedimento.

E assim, do principio ao fim do anno nem uma gota de chuva tornou a cahir no valle. Tudo viçava e floria pelos campos visinhos, o patrimonio dos tres irmãos era um deserto. Foi-se-lhes embora todo o dinheiro, e nada mais lhes restava, senão umas peças curiosas e antigas de baixella de ouro.

«Se nós nos fizessemos ourives?» disse Schwartz a Hans. «É rico negocio para quem tem lume no olho. Podemos misturar com o ouro grande porção de cobre sem ninguem dar por isso».

A ideia foi bem acolhida; compraram um forno, e fizeram-se ourives. Mas houve duas circumstancias insignificantes que deitaram o negocio a perder: á uma, ninguem se deixou embahir pelo ouro falsificado com cobre; e depois, os dois Irmãos Negros, quando faziam alguma venda, costumavam deixar o pequeno Gluck a tomar conta no forno, e iam derreter o dinheiro todo para a taberna visinha.

Fundiram assim todo o ouro sem amealhar com que pudessem comprar mais, e ficaram por fim reduzidos a um grande cangirão, que um tio dera de presente a Gluck. O pequeno gostava immenso do cangirão, e por cousa alguma seria capaz de o ceder, embora não lhe servisse senão para beber leite aguado. Era uma vasilha velhissima. A aza era formada por duas madeixas de cabello de ouro, cinzeladas com tal delicadeza que mais pareciam seda que metal; e estas guedelhas cahiam, misturando-se com uma barba do mesmo aprimorado lavor, a qual emmoldurava uma carrancasinha muito feroz, de um ouro muito avermelhado, mesmo na dianteira do cangirão, com dois olhos que pareciam dominar todo o bojo. Quando chegou a vez ao cangirão de se desfazer em colheres, apertou-se o coração do rapazito; mas os irmãos puzeram-se a rir d'elle, atiraram com a vasilha para dentro da caldeira, e safaram-se para a taberna, deixando-lhe a tarefa de afeiçoar o ouro em barras, quando estivesse todo fundido.

Ausentes os dois, Gluck foi deitar um olhar de despedida ao seu velho amigo que estava na caldeira. Correu depois á janella, e viu os penedos das cumiadas tintos de carmezim e purpura pelo sol poente; e o rio, mais brilhante do

que nunca, despenhava-se em cataractas de ouro puro, de escarpa em escarpa, entre as pilastras multicores de um duplo e largo arco iris.

«Ah!» exclamou Gluck em alta voz, depois de o ter examinado algum tempo, «se aquelle rio fosse deveras todo de ouro, que linda cousa seria!»

«Não seria tal, Gluck», disse uma voz, mesmo aos ouvidos do pequeno.

«Valha-me Deus! que é isto?» bradou elle sobresaltado.

E não viu ninguem no aposento.

Espreitou por todos os cantos e armarios, e depois começou a dar reviravoltas rapidas no meio da casa cuidando que estaria alguem atraz d'elle, quando a mesma voz lhe feriu novamente os ouvidos.

Agora estava cantando alegremente: «Lá-laralá-laralá», sem palavras nenhumas, apenas uma toada muito suave, como a de uma chaleira a ferver.

Gluck percebeu immediatamente que os sons eram mais fortes ao pé do forno. Correu á boca d'este, e olhou para dentro. Não se tinha enganado; a voz parecia que provinha, não só do forno, mas de dentro da caldeira. Destapou-a, e recuou assustadissimo, porque era com effeito a caldeira que estava a cantar! Acantoou-se no extremo do aposento, com as mãos levantadas e a boca aberta, durante uns momentos, até que a cantoria acabou, e a voz resoou com clareza:

«Olá! Gluck, meu rapaz!» repetiu a caldeira.

O pequeno concentrou toda a sua energia, encaminhou-se para o cadinho, tirou-o para fora do forno, e olhou para o interior. O ouro derretera-se todo, e apresentava uma superficie lisa e polida como a de um rio; mas em logar de ver n'elle reflectida a propria cabeça, o rapazito descortinou, sob o nivel do ouro liquido, o nariz rubicundo e os olhos penetrantes do seu velho amigo cangirão, mil vezes mais rubicundo o nariz e mil vezes mais penetrantes os olhos do que os tinha visto em toda a sua vida.

«Anda lá, meu rapaz», disse outra vez a voz de dentro da caldeira, «estou bom de saude, despeja-me d'aqui para fóra».

Mas Gluck estava tão assombrado que nem se podia mecher.

«Anda, avia-te, bota-me d'aqui para fóra», disse a voz com certa impaciencia.

Mas Gluck continuava com os movimentos presos.

«Então botas-me fóra ou não botas?» proseguiu a voz já irritada. «Estou a arder em calor».

Por um violento esforço o rapaz recuperou o uso dos membros, agarrou no cadinho, e inclinou-o por forma a despejar o conteúdo. Mas em vez de um jorro liquido, o que sahiu para fora foi, primeiro um par de pernitas amarellas, depois as abas de um casaco, depois um par de braços, e finalmente a bem conhecida cabeça do velho cangirão amigo; e tudo isto, unindo-se e articulando-se á medida que se entornava, poz se em pé com arreganho no chão, em forma de um pequenino anão dourado, com cerca de meio metro de altura.

«Prompto!» bradou o anão, extendendo primeiro as pernas, e depois os braços, e em seguida sacudindo a ca-

beça vezes sem conto e sem parar, naturalmente para se certificar de que tudo estava concertado a preceito, emquanto Gluck contemplava toda esta manobra, immovel e estarrecido.

O anão vestia um gibão golpeado de ouro, de tecido tão fino que as côres reverberavam n'elle como n'uma superficie de madre-perola; e por sobre este refulgente gibão cahiam-lhe até meio corpo os cabellos e a barba em caracoes ondeados.

Cravou resolutamente em Gluck, durante cousa de dez segundos, os olhos pequeninos e penetrantes; o que deu tempo ao pequeno para reflectir um pouco, e, não vendo grande motivo de receios, se abalançou a perguntar:

«Tem a bondade, diz-me? O senhor é que era o meu cangirão?»

A isto o anão voltou-se bruscamente, encaminhou-se direito para Gluck, e empertigou-se todo.

«Eu sou o Rei d'isso que vós os homens chamais o Rio de Ouro. A forma em que me viste foi devida á maldade de um rei mais poderoso, de cujo encanto tu me livraste. Tudo quanto tenho visto de ti e de teus maldosos irmãos me dá vontade de te servir; por conseguinte repara no que te vou dizer. Quem trepar ao cimo d'aquelle monte d'onde vês brotar o Rio de Ouro, e deitar na nascente tres gotas de agua benta, para elle se tornará o rio em ouro. Mas quem falhar na primeira tentativa nada conseguirá na segunda; e se qualquer pessoa deitar no rio agua que não seja benta, será inundado por elle e transformar-se-ha n'uma pedra negra».

Dito isto, o Rei do Rio de Ouro virou as costas ao pequeno e dirigiu-se com firmeza para o centro da labareda mais ardente do forno. A sua figura tornou-se vermelha, depois branca, transparente, deslumbrante, um foco de luz intensa, ergueu-se, tremeu, desappareceu. O Rei do Rio de Ouro tinha-se evaporado.

«Tem a bondade, diz-me? O senhor é que era o meu cangirão?»

«Oh!» bradou o pobre Gluck, correndo para a chaminé na mira de o seguir com a vista. «Valha-me Deus, valha-me Deus! O meu cangirão! o meu cangirão! o meu cangirão!»

III

Mal o Rei do Rio de Ouro fizera a sua extraordinaria sahida, entraram pela

casa dentro Hans e Schwartz, aos berros, bebados como uns cachos.

Apenas descobriram a perda total da sua ultima peça de baixella, dissipou-se-lhes a embriaguez o bastante para mimosearem Gluck com uma tareia que durou um quarto de hora; finda a qual, deixaram-se cahir n'umas cadeiras, intimando o pequeno a contar o que se havia passado. Mas de toda a historia que lhes foi narrada, recusaram-se a acreditar uma só palavra. Tornaram a bater-lhe até ficarem com os braços derreados, e a cambalear foram metter-se na cama. De manhã, porém, os dois irmãos, depois de altercarem muito sobre qual d'elles tentaria primeiro a fortuna, puxaram das espadas e começaram a bater-se. O ruido da pendencia alvorotou os visinhos, que chamaram a auctoridade.

Hans, ao saber d'isto, conseguiu evadir-se, e escondeu-se; mas Schwartz foi conduzido á presença do juiz, multado por desordeiro, e, como na vespera tinha bebido até á ultima mealha, foi encarcerado até poder pagar a multa.

Hans ficou contentissimo com esta noticia, e resolveu pôr-se logo a caminho do Rio de Ouro. A difficuldade era só arranjar agua benta. Foi ter com o prior, mas este recusou-se a dar agua benta a um patife de tal jaez. Então Hans furtou uma porção, e voltou para casa triumphante.

No dia seguinte levantou-se de madrugada, deitou a agua benta n'um frasco solido, metteu duas garrafas de vinho e um naco de carne dentro de um cabaz, que poz ás costas, agarrou no cajado e abalou para o monte.

Estava realmente uma manhã, capaz de dar contentamento a quem quer que fosse, embora não andasse á cata de nenhum Rio de Ouro. Por sobre o valle extendiam-se camadas de neblina translucida, das quaes sobresahiam os montes colossaes.

O Rio de Ouro estava quasi todo mergulhado na sombra; todo, a não serem os repuxos espumosos da parte superior, os quaes se elevavam como um fumo lento acima da linha ondulante da cataracta, e fluctuavam em leves remoinhos á mercê da brisa matinal.

Sobre este ponto, e apenas sobre elle, se fixavam os olhos e o pensamento de Hans; esquecido da distancia que tinha a percorrer, poz-se a caminho em passos tão apressados, que já estava esfalfado antes de escalar a primeira renque de collinas baixas e viçosas. Ficou além d'isso espantado, quando as venceu, de encontrar uma extensa geleira, cuja existencia elle ignorava de todo em todo, e que o separava da nascente do Rio de Ouro.

Entrou por ella com a audacia de um montanhez experimentado; mas logo lhe pareceu que nunca em sua vida tinha atravessado uma geleira tão extraordinaria e perigosa. O gelo era escorregadio em extremo, e de todos os precipicios surdiam asperos rumores de agua espadanante. Estalava-lhe o gelo debaixo dos pés e escancarava-se em novos abysmos; em volta d'elle erguiam-se torres cambaleantes, as quaes desabavam com estrondo, cortando-lhe o caminho; e foi com terror que elle transpoz o derradeiro precipicio, e se atirou, estafado e tremulo, para cima da terra consistente do monte.

Tinha agora de trepar a direito por

sobre um espinhaço de rochas vermelhas e escalvadas, sem uma folhinha de herva em que adoçasse os passos, sem a projecção de um angulo que mitigasse com uma pollegada de sombra os ardores do sol dardejante. Passava do meio dia, o sol batia de chapa sobre a ingreme vereda, e a atmosphera toda estava serena e impregnada de calor. Á intensa fadiga accrescentava-se já uma sede ardente; e Hans lançava olhadas constantes de cubiça para o frasco de agua que lhe pendia á cinta.

«Bastam tres gottas», disse elle por fim; «sempre posso pelo menos refrescar os beiços com ella».

Abriu o frasco, e já o approximava da bocca quando deu com os olhos n'um objecto que estava sobre a rocha ao pé d'elle; pareceu-lhe que se mechia. Era um cachorrinho, que parecia agonisar de sede. Tinha a lingua extendida, as queixadas secas, e em volta da bocca e da garganta negrejava um enxame de formigas. Os olhos do animal voltaram-se para a garrafa que Hans tinha na mão. Este ergueu-a, bebeu, deu um pontapé no cachorro, e passou adeante. Não percebeu como isto fôra, mas pareceu-lhe que uma sombra estranha atravessara de repente o ceu azul.

«Não tenho agua», replicou Hans

A vereda cada vez era mais ingreme e fragosa; e a viração da serra, em vez de o refrescar, parece que o fazia tre-

mer de febre. O estrondear das cataractas parecia resoar-lhe aos ouvidos como uma zombaria; todas ellas estavam distantes e a sede augmentava-lhe a cada passo.

Decorreu outra hora, e elle tornou

meza, bebeu, e seguiu ávante. E sobre o sol passou uma nuvem escura, e pela encosta serpentearam umas sombras espessas.

Hans proseguiu com difficuldade o seu caminho. O sol declinava, mas nem por

Gluck no carcere de Schwartz

outra vez a olhar para o frasco que lhe pendia á cinta; estava meio despejado, mas ainda tinha lá dentro muito mais de tres gottas. Parou para o abrir, e viu novamente o quer que fosse a mover-se na vereda acima d'elle. Era uma linda creança, estiraçada quasi sem vida em cima da rocha, arquejando com sede, de olhos cerrados, labios tostados e sequiosos. Hans olhou para ella com fir-

isso refrescava o ambiente; o ar parado pesava-lhe como chumbo sobre a cabeça e sobre o coração, mas a meta já estava perto. Já via a cataracta do Rio de Ouro a jorrar da encosta, a muito menos de duzentos metros de distancia. Parou um momento para respirar, e arrojou-se para a frente para levar a cabo a empreza.

N'este instante chegou-lhe aos ouvi-

dos um grito debil. Voltou-se, e viu um velho de cabellos brancos estendido nas rochas. Tinha os olhos encovados, o rosto de uma pallidez mortal, as feições arrepanhadas n'uma expressão de desespero.

«Agua!»

Alongava os braços para Hans, e gemia:

«Agua! estou a morrer de sede!»

«Não tenho agua», replicou Hans. «Já viveste bastante.»

Saltou por sobre o corpo prostrado, e seguiu adeante. E da banda do Oriente ergueu-se um relampago roxo, do feitio de uma espada; coriscou tres vezes por todo o cariz do ceu, e deixou sobre elle uma sombra pesada e impenetravel. O sol estava no poente; mergulhava no horisonte como uma bola esbrazeada.

O rugido do Rio de Ouro retumbou aos ouvidos de Hans. Estava á beira do despenhadeiro por onde elle espadanava. As ondas enchiam-se do rubro esplendor do sol posto; sacudiam as cristas como linguas de fogo, e ao longo da espuma corriam lampejos de luz sanguinolenta. O bramido cahia cada vez mais possante sobre os sentidos de Hans; o trovejar prolongado atordoava-o. A tremer, sacou o frasco da cinta, e arremessou-o para o centro da torrente.

N'isto, trespassou-lhe os membros um frio de gelo; vacillou, deu um grito, e cahiu. As aguas cerraram-se sobre o clamor. E recresceu nas trevas da noite o carpir selvatico do rio, que resvalava por sobre a Pedra Negra.

IV

O pobre Gluck, sósinho em casa, esperou anciosamente pelo regresso de Hans. Vendo que elle não voltava, ficou assustadissimo, e foi ter com Schwartz á prisão para lhe contar o que acontecera. Schwartz ficou muito contente, e disse que Hans tinha decerto sido transformado n'uma pedra negra, e que assim o ouro ficaria todo para si.

Mas o pequenito ficou muito triste, e levou toda a noite a chorar. Pela manhã, quando se levantou, não havia em casa nem pão, nem dinheiro; então Gluck foi ajustar-se com outro ourives, e tanto e tão bem trabalhou dias e dias, que não tardou a arranjar dinheiro para pagar a multa de Schwartz, o qual sahiu da prisão, contentissimo com o pequeno, e promettendo-lhe uma mão cheia do ouro do rio. Mas Gluck pediu-lhe apenas que fosse vêr o que era feito de Hans.

Ora Schwartz, quando soube que Hans tinha furtado a agua benta, pensou lá comsigo que um tal proceder não devia ser do agrado do Rei do Rio de Ouro, e resolveu portar-se com mais juizo. Para isso, pediu mais dinheiro a Gluck, e foi ter com um padre pouco escrupuloso, o qual, a troco d'umas mealhas, lhe cedeu uma porção de agua benta. Então Schwartz ficou convencido de que tudo estava em regra. Levantou-se de madrugada, metteu pão e vinho n'um cabaz, deitou a agua benta n'um frasco, e poz-se a caminho do monte.

Tal e qual como o irmão, ficou muito surprehendido ao vêr a geleira, e teve um trabalhão para a atravessar, mesmo depois de ter largado o cabaz no caminho. O dia não estava nublado, mas não estava tambem muito claro; havia uma nevoa purpurea pendente do firmamento, e as collinas tinham um aspecto som-

brio e tristonho. E quando Schwartz marinhou pela vereda ingreme e fragosa, acommetteu-o a sede tanto que levou á boca o frasco. Viu então a linda creança extendida junto d'elle sobre a rocha, implorando que lhe dessem agua.

«Espera lá por essa!» disse Schwartz. «Tomara eu mais agua para mim!»

E seguiu ávante. Mas á medida que andava, parecia-lhe mais turvo o sol, até que divisou uma massa de nuvens negras que se levantou do poente. E depois de ter levado outra hora a trepar, venceu-o de novo a sede, e aprestou-se para beber. Viu então o velho estirado em frente d'elle atravez da vereda, e ouviu-o a gemer com sede.

«Queres agua, hein?» disse Schwartz. «Tomara eu outra tanta para mim!»

E seguiu adeante. Então de novo lhe pareceu que a luz se desvanecia deante da vista. Ergueu os olhos e viu uma cerração côr de sangue que encobria o sol; e a massa de nuvens negras tinha-se levantado a grande altura, e os seus bordos agitavam-se e encapellavam-se como vagas furiosas do oceano, projectando sombras esguias, que tremulavam adeante dos passos de Schwartz.

Sem saber porque, sentiu-se tomado de um pavor enorme; mas a sede do ouro prevalecia sobre o seu terror.

Arrojou-se para a frente. E quando chegou á beira do Rio de Ouro, viu as ondas negras como nuvens de trovoada, mas a espuma era côr de fogo; e o bramir das aguas misturava-se com o ribombar dos trovões, quando elle arremessou o frasco para a torrente.

E n'isto, um relampago encadeou-lhe a vista, a terra cedeu debaixo d'elle, e as aguas cerraram-se sobre o seu clamor. E recresceu nas trevas da noite o carpir selvatico do rio, que resvalava sobre as Duas Pedras Negras.

V

Quando Gluck viu que Schwartz não voltava, ficou muito triste, sem saber que resolução tomasse. Não tinha dinheiro, e viu-se obrigado a ajustar-se outra vez com o ourives, o qual o estafava de trabalho e lhe pagava uma miseria.

O prior deu-lhe uma porção de agua benta.

Por conseguinte, passados um ou dois mezes, o pequeno cansou-se, e decidiu-se a ir experimentar a fortuna ao Rio de Ouro.

«O tal reisinho parecia boa pessoa»,

pensava elle. «Não creio que elle me transforme n'uma pedra negra.»

Foi pois ter com o prior, o qual lhe deu immediatamente uma porção de agua benta. Metteu depois um naco de pão no cabaz, e com a botija de agua poz-se a caminho do monte.

pôr a geleira, e começou a trepar pelo monte mesmo á hora de maior soalheira. D'ahi a uma hora, estava a arder em sede, e dispunha-se a beber, como succedera aos irmãos, quando viu um velho a descer pela vereda, com aspecto de extrema fraqueza, apoiando-se n'um cajado.

Chegou a botija aos labios da creança.

Se a geleira tinha occasionado a seus irmãos uma immensa fadiga, vinte vezes peior foi para elle, que não era tão robusto nem tão experimentado montanhez. Deu varias quedas desastrosas, perdeu o cabaz com o pão, e assustou-se deveras com os extranhos rumores debaixo do gelo. Esteve muito tempo a descançar sobre a relva depois de trans-

«Meu filho», disse o velho, «estou a desfallecer com sede, dá-me um pouco da tua agua »

Então Gluck encarou-o, e quando o viu assim pallido e esfalfado, deu-lhe a agua.

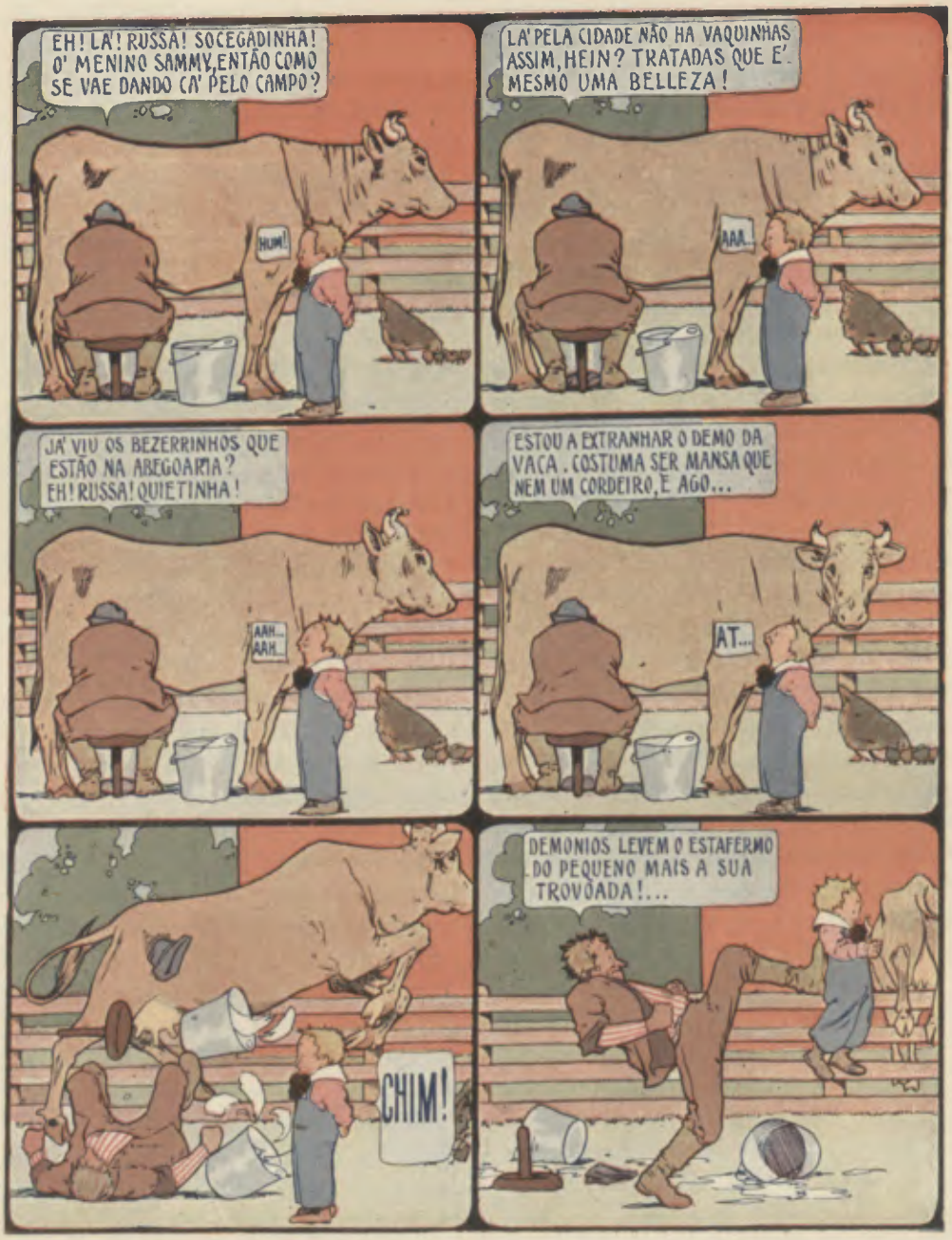
«O que lhe peço é que não m'a beba toda», disse elle.

Mas o velho bebeu uma grande go-

(Continua na pag. 278).

Os espirros do menino Sammy

III — No campo



lada, e quando lhe restituiu a botija, não continha ella mais de uma terça parte da agua. Depois, desejou-lhe boa viagem, e Gluck sahiu por alli fóra com todo o animo. E a vereda tornou-se lhe mais suave debaixo dos pés, e appareceram n'ella duas ou tres folhinhas de herva, e umas cigarras começaram a cantar á beira da vereda; e pareceu ao pequeno que nunca tinha ouvido uma cantoria tão alegre.

Caminhou mais uma hora, e a sede cresceu n'elle a ponto de julgar que não tinha outro remedio senão beber. Mas ao levantar a botija, viu uma creancinha deitada a arquejar e a implorar lamentosamente que lhe dessem agua. Gluck fez um esforço sobre si, e resolveu supportar a sede mais um pedaço; chegou a botija aos labios da creança, que bebeu até deixar umas gotas apenas.

Depois sorriu para elle, levantou-se e desatou a correr pela ladeira abaixo; e Gluck seguiu-a com a vista até ella se tornar pequena como uma estrellinha, e em seguida voltou-se e continuou a trepar. E então surgiram toda a casta de flores cheirosas a crescerem de entre a rocha, musgo verde e luzidio, com florinhas côr de rosa, como estrellas, e lindas campainhas mais azues do que o ceu azul ferrete, e lirios de uma brancura immaculada e transparente.

E de umas para as outras esvoaçavam borboletas carmezins e purpureas, e do ceu cahia uma luz tão pura que Gluck nunca em sua vida se sentiu tão contente.

Comtudo, depois de trepar mais uma hora, a sede tornou-se outra vez intoleravel, e quando olhou para a botija, viu que não restavam mais de cinco ou seis gotas, e não podia aventurar-se a beber. E quando suspendia de novo a botija á cinta, viu um cachorro estiraçado na rocha, abrindo a boca offegante, exactamente como Hans o tinha visto no dia em que subira ao monte. E Gluck deteve-se a olhar para elle, e depois para o Rio de Ouro, que não estava a mais de duzentos metros de distancia; e lembraram-lhe as palavras do anão «de que quem falhasse na primeira tentativa, nada conseguiria depois»; e esforçou-se por passar adeante, sem se importar com o cão; mas o pobre animal ganiu, e Gluck parou novamente.

«Coitadinho!» disse elle, «quando eu voltar estará elle morto, se eu não lhe valer.»

Depois, como o fitava mais de perto, o olhar do cão virou-se para elle com tamanha tristeza, que o pequeno não se poude suster.

«Leve a breca o Rei mais o seu ouro todo!» exclamou.

Destapou a botija e despejou a agua toda na boca do cão.

Este poz-se de pé sobre as patas trazeiras. Desappareceu-lhe a cauda; as orelhas cresceram, cresceram, em fios sedosos de ouro; o nariz tornou-se cada vez mais vermelho; os olhos começaram a piscar muito. Em poucos segundos sumira-se o cão, e defronte de Gluck apresentava-se o seu antigo conhecimento, o Rei do Rio de Ouro.

«Muito obrigado», disse elle. «Mas não te assustes, que não ha novidade.»

Porque Gluck manifestava signaes evidentes de consternação pela inesperada replica que tivera a sua praga.

«Porque não vieste ha mais tempo», continuou o anão, «em logar de me

mandares cá esses malandrins dos teus irmãos, para eu ter a maçada de os transformar em pedras? E que pedras tão duras em que elles se tornaram!»

«Valha-me Deus!» disse Gluck. «Pois deveras teve essa crueldade?»

«Qual crueldade!» exclamou o anão. «Os marotos deitaram para a minha torrente agua que não era benta. Imaginas que eu consinto em semelhante patifaria?»

«Como!» redarguiu Gluck. «Eu posso affiançar a vossemecê... a Vossa Majestade, quero eu dizer... que elles tiraram a agua da pia da egreja.»

«É de crêr», replicou o anão, «mas», continuou elle assumindo um ar carrancudo, «a agua que se recusou ás supplicas dos sequiosos e dos moribundos não é benta, embora a tivessem benzido todos os santos do ceu; e a agua que se encontra no vaso de misericordia é benta, embora houvesse passado por cadaveres corruptos.»

Dizendo isto, o anão curvou-se e apanhou um lirio que crescia a seus pés. Nas suas petalas brancas estavam suspensas tres gotas de orvalho limpido. E o anão sacudiu-as para dentro da botija que Gluck tinha na mão.

«Deita estas gottas no rio», disse elle, «e desce pela outra encosta para o Valle do Thesouro. E boa viagem!»

Quando se calou, a sua figura foi se desvanecendo. As côres garridas do seu traje diluiram-se n'uma nevoa de luz indecisa; conservou-se por um momento velado por ellas como por uma faixa de arco-iris. As côres enfraqueceram, a nevoa ergueu-se para os ares; o monarcha tinha-se evaporado.

E Gluck trepou até á beira do Rio de Ouro, cujas ondas estavam claras como cristal e refulgentes como o sol. E, depois que despejou na torrente as tres gottas de orvalho, abriu-se, no ponto em que ellas cahiram, um pequeno redemoinho circular, no qual as aguas se precipitaram com um ruido musical.

Gluck esteve algum tempo a olhar, muito desapontado, por isso que não só o rio não se transformara em ouro, mas as aguas pareciam ter diminuido muito de volume. No entanto obedeceu ao seu amigo anão, e desceu pela outra encosta para o Valle do Thesouro; e ao approximar-se, parecia-lhe ouvir o sussurro da agua a correr debaixo da terra. E quando chegou á vista do Valle do Thesouro, deparou-se-lhe um rio, similhante ao Rio de Ouro, brotando de uma nova fenda da rocha e serpenteando em um sem numero de regatos por entre os montões resequidos de saibro vermelho.

E sob os olhos do pequeno, rebentava a herva fresca pela margem dos regatos, cresciam trepadeiras que se alastravam pela gleba humedecida. Á beira do rio desabrochavam de repente flores mimosas, como estrellas que surdem ao cahir da noite, massiços de murta e sarmentos de vide projectavam, ao crescer, sombras cada vez mais alongadas por sobre a terra. E assim o Valle do Thesouro se tornava de novo n'um vergel, e o patrimonio, que se perdera pela crueldade, era reconquistado pelo amor.

E Gluck foi habitar no valle, e nunca os pobres foram enxotados da sua porta; por forma que teve sempre o celleiro cheio de trigo e a casa cheia de riquezas. E para elle, conforme a pro-

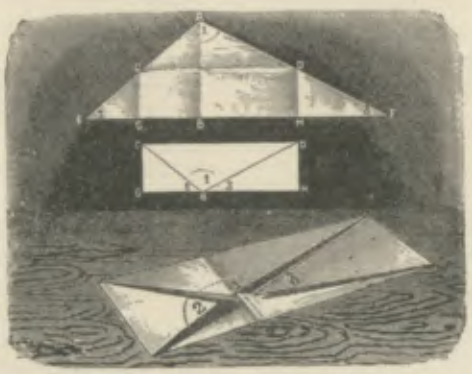
Quando se calou, a sua figura foi-se desvanecendo.

messa do anão, tornara-se o rio em Rio de Ouro.

E ainda hoje os habitantes do valle indicam o sitio onde foram lançadas na torrente as tres gotas de orvalho santo, e traçam o curso do Rio de Ouro por baixo da terra até surdir no Valle do Thesouro. E no topo da cataracta do Rio de Ouro ainda se podem ver duas pedras negras, em volta das quaes as aguas rugem lamentosamente todos os dias ao pôr do sol; e essas pedras ainda são conhecidas no povo do valle pelo nome de «Os Irmãos Negros».

A somma dos angulos do triangulo

Ensina a geometria que a somma dos tres angulos de um triangulo é egual a dois angulos rectos. A demonstração d'este theorema é bastante simples, caso tenhamos á nossa



disposição papel e lapis. Mas trata-se agora de fazer essa demonstração por forma material, de modo que salte aos olhos das pessoas menos entendidas em geometria.

Recortemos no papel um triangulo qualquer *A E F*. Queremos provar que a somma dos angulos *E A F*, *A E F* e *E F A*, numerados 1, 2 e 3 no nosso desenho, é egual a dois angulos rectos. Para isso dobremos primeiro o triangulo pela linha *A B*, comtanto que a linha *B E* fique bem na direcção de *B F*. Extendendo de novo o papel, notaremos que temos no ponto *B* dois angulos rectos, *E B A* e *F B A*. Dobremos agora sobre o ponto *B* as tres pontas do triangulo, dobrando-o pelas linhas *C D*, *C G* e *D H*. Vemos na figura que os tres angulos 1, 2 e 3 se acham assim juxtapostos, e alem d'isso que cobrem exactamente os dois angulos rectos que notámos, sem que as pontas caiam umas sobre as outras, nem haja intervallo entre ellas. Por conseguinte, a somma dos tres angulos é com effeito egual a dois angulos rectos.

Bonecas feitas em casa

Querem as nossas leitoras aprender a fazer as suas bonecas? Pois vamos-lhes ensinar tres maneiras de as executar sem dispender muito dinheiro.

Fig. 1

Para a primeira bastam umas folhitas de papel de seda.

Tomem então muita attenção, porque lhes vamos ensinar como se faz uma menina de capuz vermelho, como a da historia do lobo, e que pode ficar tão graciosa como a que vêem na figura 3.

Compra-se papel de seda branco para o corpo e de côr para o vestuario, não se dispensando o encarnado para a capa. Começa-se pela confecção da cabeça. Pega-se n'um bocado de papel e amarrota-se fazendo com elle uma bola; prepara-se á parte uma folha de papel bastante comprida, dá-se-lhe umas poucas de dobras, põe-se a bola que está feita no meio da folha de papel, e amarra-se com linha forte, formando assim a cabeça e deixando para baixo o resto do papel para depois se fazer com elle o corpo. A segunda coisa a tratar é dos braços que se fazem juntos. Enrola-se uma folha de papel bastante grande, que no comprimento possa dar os dois braços; depois de enrolado voltam-se para cima as extremidades d'um lado e d'outro para formar as mãos e atam-se com linha nos pulsos, continuando a enrolar-se a linha pelo braço adeante.

Fig. 3

Os braços ficarão assim um rolo que se mette entre o papel que forma o corpo, por baixo da cabeça e amarrando-se uma linha na cintura forma-se assim a parte superior do corpo.

Fig. 2

Fig. 4

Fazem-se depois as pernas dividindo a parte de papel que sobeja do corpo, e atando uma linha n'uma perna e n'outra, formam-se as coxas, joelhos e pés, dobrando as extremida-

des em baixo como mostra a gravura. Podem-se pintar os sapatos com tinta preta. Para a cara recorta-se qualquer estampa colorida que tenha uma cara de creança e pega-se com gomma.

Fig. 5

A boneca, agora que está terminada, precisa ser vestida.

Para o vestido corta-se o papel do tamanho da boneca, desde o pescoço até aos joelhos.

Une-se o papel atraz cosendo-o em costura, passa-se pela cabeça da boneca e amarra-se com linha á roda do pescoço, depois de se terem feito dois buracos para enfiar os braços.

Faz-se a capa de papel encarnado, com o mesmo comprimento do vestido, e deixando o papel aberto para a frente da boneca. Deixa-se uma porção de papel por cima da cabeça para o capuz, e ata-se a capa no pescoço com linha, como mostra a fig. 2.

Arredonda-se o capuz com uma tesoura, e franze-se á roda, deixando uma borda para fazer o folho. O franzido deve ser feito com cuidado para que se não rompa o papel.

Se fôr ao gosto da leitora pode enfeitar o capuz em cima com um laço de fitilho, atando esse mesmo fitilho á roda do pescoço, enfeitando assim a capa e escondendo ao mesmo tempo a linha.

A boneca de papel está terminada e imita a graciosa menina de capuz vermelho que vem na fig. 3.

Vamos agora dar ás nossas leitoras a explicação da mesma boneca feita em cartão. Esta é muito facil de executar. Põe-se um bocado de papel transparente sobre a fig. 4, e traça se a lapis o esboço que vem desenhado; põe-se depois o desenho sobre um cartão e torna-se a contornar com um lapis muito aguçado e carregando um pouco para que fique o desenho marcado no cartão. Recorta-se depois e torna-se a repetir a mesma operação de modo que fiquem duas peças de cartão exactamente eguaes. Pegam-se com gomma uma á outra as duas cabeças e os dois corpos, deixando as pernas soltas, de maneira que separando-as sustenham a boneca em pé. A fig. 5 mostra o que nós acabamos de explicar. Se a leitora tiver uma caixa com tinta aproveite-a para pintar a cara da boneca, fazendo-lhe uma côr rosada nas bochechas, os beiços encarnados, os olhos azues e os cabellos pretos.

O vestido pode ser verde e a capa e capuz vermelhos.

Pintam-se as meias azues claras e os sapatos pretos. Pode servir de modelo

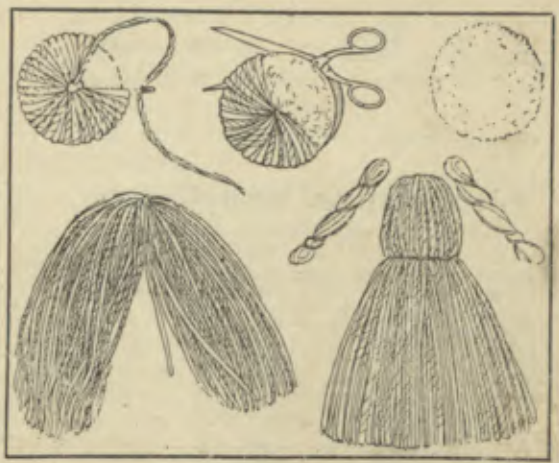


Fig. 6

a fig. 7 que é a que mostra a boneca depois de prompta. Ainda vamos explicar ás nossas leitoras a terceira maneira de fazer esta boneca.

Faz-se com lã ou trança d'algodão, o que sahe ainda mais em conta. Corta-se ao meio uma meada para formar o corpo, como mostra uma das estampas que vem na fig. 6. Ata-se mesmo ao meio a meada, e dobrando-a torna-se a atar toda junta para formar a cintura. Os braços são feitos torcendo um bocado de lã até formar uma corda.

Enrolam-se depois umas das extremidades dos braços n'uns boccados de seda branca para fazer as mãos, cosendo as outras extremidades ao corpo. A cabeça é a parte mais interessante de fazer. A fig. 6 mostra n'outra estampa a melhor maneira de a fazer, formando uma bola de lã.

Fig. 7

Cortam-se em primeiro logar duas rodelas de cartão, juntam-se e faz-se no meio das rodelas um buraco bastante grande. Começa-se a enrolar lã nas rodelas mettendo pelo buraco até que esteja muito cheio.

Mette-se depois o bico da tesoura entre as duas rodelas e vae se cortando a lã á roda.

A gravura mostra exactamente como se deve fazer.

Fig. 8

Ata-se depois uma linha muito apertada entre os cartões, e tiram-se as rodelas para fóra, ficando assim uma bola de lã.

Aparam-se os fios com a tesoura, e borda-se a cara, fazendo as sobrancelhas com seda preta, a bocca com seda encarnada, e os olhos com contas azues. Veste-se depois a boneca com qualquer retalho de panno, fazendo a capa caracteristica de flanella encarnada.

E ahi teem tres manas, qual d'ellas a mais bonita.

Litteratura Brazileira

Edições da Livraria Francisco Alves & C.ª do Rio de Janeiro

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida, 2.ª edição. 1 vol. in 8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

O Livro das Donas e Donzelas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in 8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo, por Mademoiselle H. S. Brés, album ilustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart 750

Minha Historia Sagrada, tradução do Dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in 4 francez, ilustrado de numerosas e belissimas gravuras e cromos..... 750

Meu Livro de Mafucas. – Um livro ricamente encadernado 750

Historias de Fadas, livro para creanças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada colecção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pajs. ilustrado, impresso e encadernado em Paris..... 500

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente ilustrado 750

Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in-8 pequeno, copiozamente illustrado 750

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de illustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris..... 750

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart..... 500

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado 500

Era uma vez... contos para crianças, pelo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in 16, ilustrado com dezenhos orijinaes de Norfini..... 500

Preços moeda portugueza

A' venda na administração d'O GAFANHOTO – Calçada do Ferregial, 6, 1.º – Lisboa

"Sachets" para lenços e luvas

Damos no nosso jornal as gravuras dos dois *sachets* abertos para a leitora vêr a maneira de cortar o setim. O *sachet* para lenços é cortado ao comprido, e o das luvas é cortado de maneira que dobrado ao meio dê um quadrado.

E' preciso, antes de começar a bordar, dar um choleio ou metter para dentro com um alinhavo as bordas do setim para não desfiar.

O desenho dos *sachets*, que vêem no

nosso jornal, é d'uns ramos de rainunculos amarellos, bordados sobre setim crême.

Passa-se o desenho para o setim e começa-se a bordar as flôres com *floss* amarella em tres tons, e as folhas, troncos e olhos em *floss* verde.

Se a leitora ainda fôr pequena e não estiver habituada a bordar, póde contornar simplesmente todo o debuxo com *ponto pé de flôr* ou *ponto de cadeia*, o que é muito facil de fazer; mas se a leitora fôr já *uma senhora* e tiver alguma pratica, é muito mais bonito fazer o bordado a matiz.

Se depois de prompto o bordado fi-

car franzido, engomma-se pelo avesso, até tirar todas as pregas.

Corta-se depois uma tira de *pongé* crême, do mesmo tamanho do *sachet*, e alinhava-se ao setim, com muito cuidado de maneira que não fiquem enrugados nem um nem outro, e cose-se depois com um pontinho meudo pelo lado do direito.

Compra-se tambem um cordão de seda verde ou amarella, e cose-se á roda de maneira que encubra o ponto que junta o forro ao setim.

Atam-se depois os *sachets* com fita amarella.

Se as leitoras fizerem os dois *sachets*

ao mesmo tempo, sahe-lhes mais barato, porque o que sobeja d'um aproveita-se para o outro.

Sombrinhas

Ahi teem os meus leitores um divertimento para os serões d'inverno.

As sombras que nós ensinamos

hoje são d'um coelho e d'uma cabeça de cão.

Collocam-se as duas mãos com as costas uma sobre a outra, ficando a direita por baixo. A mão direita deve estar fechada menos dois dedos, o index e o dedo grande, que ficam estendidos; estes dois dedos fazem as patas do animal, e devem-se agitar alternativamente ora para cima ora para baixo, para imitar os movimentos rapidos do coelho que corre.

A mão esquerda, collocada por cima da outra, forma a cabeça; o index e o pollegar juntam-se, o dedo minimo dobra-se na palma da mão, emquanto que o dedo grande e o annular levantados para o ar figuram as orelhas. Quando os nossos leitores tiverem achado a posição que mostra a fig. 1, afastem com cuidado o pollegar do index de maneira que fique um buraquinho que figure o olho do coelho.

Pode-se tambem dar movimento ás orelhas com cuidado para que não se desmanche a posição.

Vamos agora á explicação da cabeça do cão, que é uma sombra facil d'executar.

Estendem-se as duas mãos uma contra a outra, as extremidades dos dedos ligeiramente inclinados para baixo, e levantam-se os pollegares para fazer as orelhas, mas com cuidado que os dois dedos fiquem separados um do outro, como mostra a fig. 2; dobra-se o index da mão direita e faz-se passar por cima da mão esquerda, a fim de fazer a cabeça do animal e de deixar um bu-

raquinho para o olho. A unica coisa difficil é fazer abrir a guela do cão.

Depois d'alguns ensaios, o leitor conseguirá o movimento alternativo de separação dos dedos, e de reunião depois, o que produzirá na parede o effeito de abrir e fechar a bocca do animal.

Ramiro Leão & C.ª

LISBOA

SALÃO DE NOVIDADES

Esta secção encontra-se completamente sortida com todos os artigos proprios da especialidade, ou sejam: **Artigos para brindes, Objectos para escriptorio, Marroquineria, Artigos de Sport, Objectos para toilette e para barba, Bonecos e brinquedos, Nickeis e crystaes, Objectos de ménage, Porcelanas e faianças, Molduras para retratos, Chapeus inglezes para a cabeça, guarda-chuvas, bengalas e sombrinhas, Luvas e leques, Artigos de viagem** e muitas outras variedades que é impossivel enumerar. Especialmente pedimos uma visita para esta nova secção, cujos artigos são verdadeiramente empolgantes quer pela novidade quer pelos preços, que fazem uma grande differença do vulgar no sentido de barateza e economia.

Uma infinidade de bonecas em todas as qualidades, typos e tamanhos.

Lindissima collecção de bonecas finas, rosto de porcellana, inteiramente articuladas, productos de *Jumeau*, o inimitavel fabricante francez.

Novidade opportuna — Uma collecção originalissima de bonecas, trajando á maneira dos esquimós, os grandes collaboradores da recente e sensacional descoberta do Polo Norte.

Milhares e milhares de brinqnedos em todos os generos. Coisas as mais diversas e curiosas, d'uma graça e engenho pasmosos, proprios para fazerem o enlevo e delirio de todas as creanças. Preços baratissimos.

BIJOUTERIAS

Toda a casta de bijouteria fina, a preços baratissimos, como: **collares, cadeias para relogio, cordões para leques e lorgnons, chatelaines, broches, medalhas, alfinetes, pregos de chapéu, etc., etc.**

BRINDES *uteis e lindissimos em todas as compras superiores a* ***1$000 réis,*** *tendo tanto maior valor o brinde quanto maior fôr a importancia da compra. Estes brindes são dados sómente nas compras effectuadas no nosso* ***Salão de Novidades e Utilidades.***

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907
Medalha de Prata — S. Luiz 1904

UNICOS EXPORTADORES:

Assis & C.ª — LISBOA

Endereço telegrafico: **MOURAGUAS**

Codigo "RIBEIRO"

Estas aguas perfeitamente limpidas, transparentes, inodoras, incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas da bexiga e vias urinarias; efficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

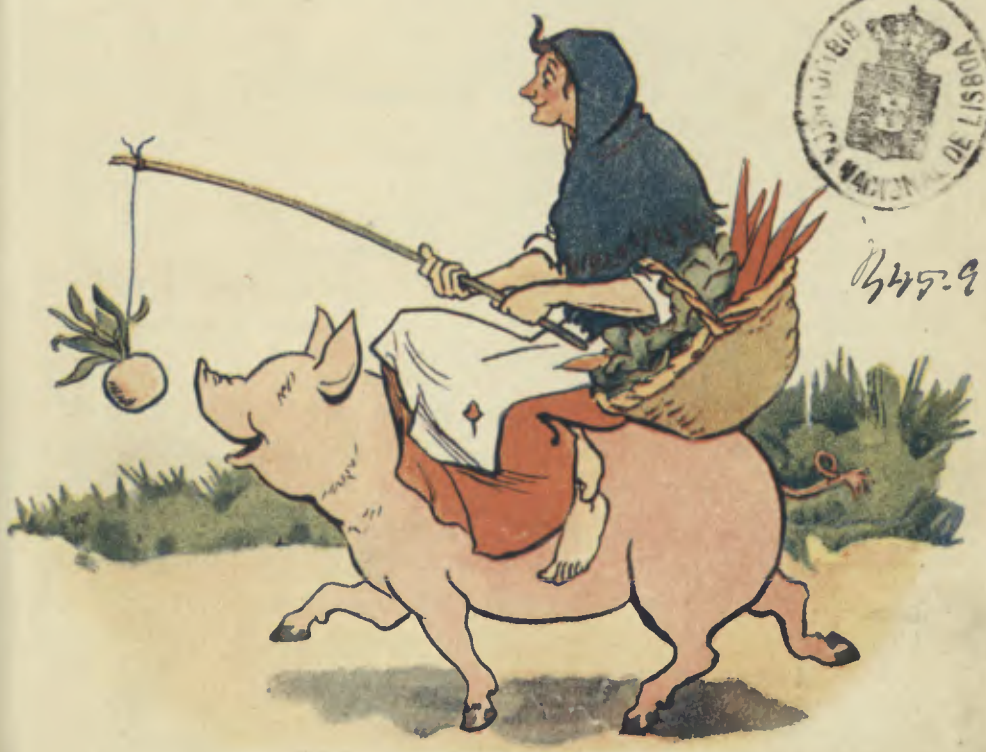
A analise chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: *alermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e liticas.* Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de **MUITO PURA.**

2.ª SERIE Julho 1910 N.º 13

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE LISBOA
345.926



Receita para andar a nove

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª
Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro
DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres
da officina Photomecanica de Thomaz Bordallo Pinheiro — LISBOA

O ANÃO AMARELLO

A *Princeza Linda* era a mais linda menina da terra.

Todos os reis do mundo queriam casar com ella, e por fim contraetou casamento com o joven Rei das Minas de Ouro.

Mas exactamente na vespera do casamento, o rei caiu doente.

Nenhum medico era capaz de o curar, e a mãe da Prineeza resolveu ver se podia alcançar um remedio magieo da Fada Esmeralda.

A fada vivia na costa do mar, no fim do valle, que era guardado por dois leões.

Os leões matavam todas as pessoas que não lhes levavam a espeeie de bolo de que elles gostavam, de fórma que a mãe da Princeza metten uma porção d'esse bolo n'um cabaz e partin.

Andou, andou, e quando chegou ao valle, sentin-se muito cansada, e adormeceu ao pé d'uma arvore.

De repente aeordou com os rugidos dos leões, e agarrando no eabaz, viu, com grande horror, que o bolo tinha desapparecido!

«Ah! Ah!» exclamou alguem em cima da arvore.

Ella olhou para cima, e viu um anão amarello muito feio, sentado no meio das folhas da arvore com o bolo na mão.

«Dá-me o meu bolo», gritou ella, «aliás os leões vão-me devorar.»

«Sim», disse o anão amarello, «mas só se me deres a tua filha, para eu casar com ella.»

Ella antes queria morrer que consentir em semelhante cousa. Mas quando os dois leões se aproximaram, rugindo, ficou tão aterrorisada, que disse:

«Dá-me o meu bolo e dou-te a minha filha em casamento.»

O anão amarello largou logo o bolo, e ella deu-o aos leões que a deixaram passar sem lhe fazerem mal.

Encaminhou-se então para o palacio de Esmeralda na costa do mar, e consegniu que a fada lhe désse o remedio magico, e com elle voltou para casa o mais depressa que poude para curar o joven Rei das Minas de Ouro.

«Se eu apressar o casamento dos dois noivos», dizia comsigo, «o anão amarello ficará veneido!»

N'essa intenção tratou logo de apressar os preparativos para a ceremonia.

Mandou enfeitar as ruas com bandeiras e flores, e toda a gente se aglomerava para ver o cortejo do casamento. A Princeza Linda e o Rei das Minas de Ouro estavam tão contentes como os passaros que cantam no mez de maio, mas a mãe da noiva estava pallida de inquietação, apesar de nada ter visto que lhe lembrasse o feio anão amarello. No caminho para a egreja não fazia senão dizer ao cocheiro que fosse muito depressa. Mas toda a pressa foi inutil.

«Ah! Ah!» disse alguem, quando chegou o cortejo á egreja...

A mãe da Princeza olhou para cima, e viu o anão amarello sentado em cima da porta de entrada. Antes que ella pudesse prevenir, elle voou pelos ares, pegou na Princeza Linda e desappareceu.

O Rei, tambem, tinha sido arrastado sem saber como, n'um redemoinho. Quando deu por si, achou-se no palacio habitado pela fada Esmeralda.

Era a fada que tinha vindo ajudar o anão na sua empreza, e que quando viu o Rei, ficou apaixonada por elle, e tinha-o trazido para o seu palacio.

Fez tudo quanto poude para conseguir as boas graças do Rei. Deu-lhe os aposentos mais ricos do palacio, e toda a qualidade de bailes e festejos foram organisados em honra do joven Rei, que a nada se movia, e andava sempre a passear na praia, cabisbaixo e muito triste.

Uma manhã, uma linda mulher nadou até elle. Quando se aproximou, o Rei viu que ella era uma sereia, pois tinha cauda de peixe.

«Rei», disse ella, «tu e a Princeza Linda são na verdade um par de namorados muito infelizes. O anão amarello levou a Princeza para um castello do outro lado do mar, e, como tu, ella anda pela praia a passeiar muito triste, pensando na sua triste vida.»

«Se tu me pudesses levar até lá!» gritou o Rei.

«Senta-te na minha cauda», respondeu a sereia.

O rei assim o fez, e a sereia nadou pelo mar fora até que chegou ao castello do anão amarello. A

sereia deu então ao Rei uma espada de diamantes e disse:

«Não largues esta espada até teres a Princeza em teu poder.»

Quando chegou ao castello, o Rei foi atacado por quatro unicornios. Poz-se de costas contra um grande carvalho, e deixou-os avançar para elle. Mas assim que elles o iam varar com os grandes chifres, poz-se elle de cocoras e zás! os animaes enterraram os chifres com toda a força pela arvore dentro, e alli ficaram, até que o Rei os matou com a espada de diamantes.

A' porta do castello encontrou a Princeza Linda, e deitou-se-lhe aos pés. Quando fazia isto, deixou cair a espada de diamantes, e o anão amarello, que o espreitava por traz da porta correu logo a apanhal-a, e disse:

«Princeza, chegou agora a vez de fazeres a tua escolha. Casa commigo, e eu deixarei o Rei sair d'aqui, sem lhe fazer mal algum; se recusas casar comigo, mato-o já aqui!»

«Caso comtigo!» gritou a Princeza.

Com a força da alegria, o anão amarello tambem deixou cair a espada, que o Rei agarrou, cortando-lhe a cabeça n'um instante.

Os namorados voltaram para a mãe da Princeza, realizou-se o casamento, e desde ahi, o Rei e a Princeza viveram muito felizes.

Um doente consulta o celebre doutor X***

— De que soffre? lhe pergunta o principe da sciencia.

— Não sei, doutor. Não me sinto bem!

— Qual é a sua vida?

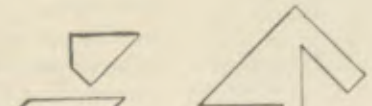
— Eu lhe digo, doutor. Faço trabalho de fôrça como um boi; devóro como um lobo; em chegando á noite estou esfalfado como um cão; depois durmo como uma lontra.

O doutor com ar de troça:

— Eu, no seu caso, ia antes consultar um veterinario.

A construcção de um octogono

Cortem-se quatro pedaços de papel, do feitio de cada uma das figu-



ras juntas. Ficam doze ao todo. Com elles pretende-se construir um octogono.

(A solução virá no numero seguinte).

O kaleidoscopio

Não ha brinquedo mais afamado e mais mysterioso do que o chamado kaleidoscopio. Ha muita gente crescida incapaz de explicar o motivo por que

Fig. 1

esse pequeno instrumento nos faz ver tantas cousas lindas.

O nome é realmente arrevezado, e convem começarmos por saber ao certo o que significa. Kaleidoscopio é uma palavra formada de tres palavras gregas, e quer dizer: *instrumento com o qual se podem ver cousas formosas.*

Fazem-se ás vezes kaleidoscopios em ponto grande, mas para isso é preciso dispôr de tres espelhos grandes. Se juntarem os tres espelhos, formando triangulo, e se collocarem no centro d'este triangulo, verão a sua figura multiplicar-se, parecendo uma grande turba de meninos ou meninas. Verão não só a reflexão directa da propria figura nos espelhos, mas tambem a reflexão d'essas reflexões, repetida muitas vezes. Se agitarem um lenço, julgarão ver duzias e centos de meninos ou meninas a fazerem o mesmo. Se tiverem uma luz acima da cabeça e os espelhos se inclinarem um pouco uns para os outros no topo, o effeito será ainda mais notavel.

Mas pouca gente ha que disponha d'esses grandes espelhos, e, ainda que os possuam, nem sempre lhes será facil dispol-os em fórma de triangulo. Por isso tratemos de fazer um kaleidoscopio pequeno, que se possa trazer na mão e metter na algibeira. O custo não será grande.

Em primeiro logar, arranje-se um canudo pequeno de folha. Para isso póde servir uma lata de mostarda ou de cacau, vasia, comtanto que seja redonda. A meio do fundo façam-lhe um furo com o auxilio de um prego bem aguçado (fig. 1). Alarguem o furo com qualquer outro utensilio mais grosso do que o prego e que seja ponteagudo e redondo. E' facil alargar o furo até ficar com o diametro de um a dois centimetros.

Precisam agora de tres pedaços de vidro, cousa de centimetro e meio mais

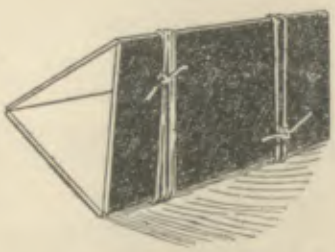


Fig. 2

curtos do que a profundidade da lata, e de largura tal que, quando os collocarem dentro da lata dispostos em triangulo, os angulos toquem na parede interior da lata, ou deixem pequenissimo espaço de permeio. Se os vidros forem de espelho, tanto melhor. Se forem

simples vidraça, collem papel negro por detraz de cada pedaço. Se não puderem obter nem mesmo vidraça, tambem servem tres pedaços de folha de Flandres, ou um pedaço apenas dobrado em dois sitios de modo a formar triangulo. Mas supponhamos que dispõem de vidraça com as costas de papel negro.

Fig. 3

A melhor fórma de achar o tamanho exacto dos tres pedaços de vidro é recortar uns pedaços de papelão, todos eguaes, até descobrirem as dimensões que conveem para elles formarem triangulo dentro da lata, e depois comprar n'um vidraceiro os pedaços de vidro já cortados d'esse tamanho.

Antes de metterem os tres vidros dentro da lata, atem-n'os em fórma de triangulo com um cordel (fig. 2), ou collem em volta um papel que os obrigue a conservarem-se na posição requerida. Depois mettam-n'os na lata. Deverão ficar a cousa de centimetro e meio de distancia do bordo superior da lata (fig. 3). N'esse topo deve-se ajustar uma rodela de vidro, bem transparente e claro. Para a ajustar, façam um annel estreito de papelão ou cartão e fixem-n'o no interior junto do topo, de forma que mantenha e segure o vidro redondo (fig. 4). Esse annel deve ser tão grosso que o vidro não possa cahir, e bastante estreito para que sobre elle se possa collocar ainda outro pedaço de vidro redondo, que se ajuste exactamente ao rebordo superior da lata. Este segundo pedaço deve ser de vidro fôsco e obtem-se em qualquer vidraceiro.

Fig. 4

Antes porém de collocarem esta segunda rodela de vidro, arranjem-se alguns pedacitos de vidro colorido ou algumas contas de vidro de côres, que se collocarão no espaço contido entre as duas rodelas. Depois segure-se por qualquer fórma a segunda rodela, para que não caia quando se voltar a lata. Ha varios meios de o conseguir. Se a rodela superior estiver muito proximo do bordo superior da lata, póde-se curvar este bordo um pouco para dentro, de modo a aguentar o vidro. Outro meio é collar umas tiras de papel ao vidro e á lata; mas n'este caso convem que o papel não cubra demasiado o vidro tapando o interior do triangulo (fig. 5).

Fig. 5

Se se forrar a lata de papel colorido, para maior luxo, temos o kaleidoscopio completo. A fig. 6 mostra a sua disposição interna. Olhando pelo furo do fundo e collocando o outro extremo contra a luz, gyrem com o apparelho á roda, e apparecerão milhares de imagens.

Fig. 6

Não serão capazes de contar o numero das imagens que poderão produzir no kaleidoscopio. Não ha duas com-

pletamente eguaes, e constantemente aparecem novas. Os cacos de vidro são reflectidos muitas vezes nos tres espelhos, e todas essas reflexões constituem o que se chama um debuxo. Esses debuxos são aproveitados pelos desenhadores de tapeçarias, papeis pintados, chitas e outros tecidos, etc., supprindo ou auxiliando efficazmente a sua invenção.

AGUA NO DESERTO!

Muito sedento e mal desperto,
Ia o camello devagar
Pelas areias do deserto
A caminhar, a caminhar.

«Tenho agua aqui», rosna contente,
«Tenho agua emfim p'ra me fartar.
«O cavalleiro que se aguente,
«E que me deixe refrescar».

Eis senão quando, sem preparo,
Ergue o focinho para o ar;
De alguma fonte lhe deu faro,
E lá desata a galopar.

Mas o mofino cavalleiro
Um bom mergulho foi tomar;
Emquanto o bicho, mui lampeiro,
Se afasta d'elle, sem parar.

A boneca desprezada

Diz a boneca: «Feios meninos!
«Não têm cautela, nem compaixão,
«Andam fazendo mil desatinos,
«Deixam-me triste no mei' do chão.

«A quantos riscos eu fico exposta,
«Quebrar as ventas, coxa ficar...
«E além de tudo que me desgosta,
«Tambem sou gente, quero brincar!»

Illusões da vista

As cousas nem sempre são o que parecem. Os olhos enganam-nos muitas vezes. A nossa visão não é perfeita. Ha sempre algum pequeno erro na nossa vista. As figuras que apresentamos mostram claramente como podemos enganar os nossos proprios olhos e fazel-os acreditar que as cousas não são realmente como são

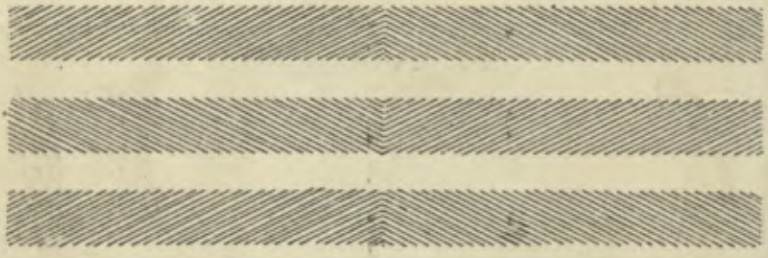


Fig. 1

Fig. 2

Se fixarem os olhos nos dois espaços em branco que se acham entre as barras desenhadas na figura 1, parecer-lhes-ha que o espaço de cima alarga para os extremos, e que o espaço de baixo alarga pelo contrario no meio. Pois estão completamente enganados. As tres barras são parallelas, e por conseguinte conservam sempre de um extremo ao outro a mesma distancia entre si.

Na figura 2, qual das linhas verticaes é mais comprida? Na apparencia, a da direita parece maior do que a da esquerda; e no emtanto ambas teem exactamente o mesmo comprimento.

Se fitarem com attenção os circulos negros dispostos na figura 3, terão a illusão de que cada um d'elles tem seis lados, ou por outra, é um hexagono regular, como os favos das abelhas, mas o que é certo é que elles são circulos perfeitos.

A figura 4 mostra uma particularidade curiosa da nossa visão. Ha em cada um dos olhos um ponto cego, quer

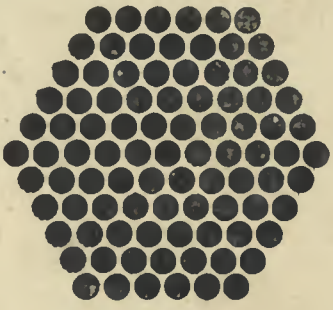


Fig. 3

dizer, uma parte que não recebe a impressão dos objectos exteriores. Prova-se isto fechando o olho esquerdo e olhando para o ponto X com o olho direito. Segurem o papel á distancia de

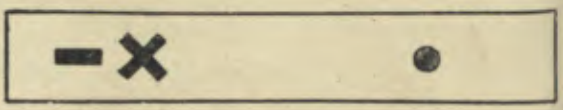


Fig. 4

uns 3 a 4 centimetros e aproximem n'o pouco a pouco dos olhos. Embora olhem para o X, hão de ver tambem o ponto

negro. Mas a certa altura esse ponto desapparecerá. Se continuarem a aproximar o papel, o ponto negro apparecerá novamente á sua vista.

Olhem agora para a figura 5. Qual dos bonecos lhes parece maior? Vou

Fig. 5

apostar em como respondem que é o policia. Pois enganam-se. Na realidade, o policia é o mais pequeno, e a menina que está no primeiro plano é o maior.

Qual dos quadrados da figura 6 é o maior? O branco, dirá a maior parte da gente. E afinal esse quadrado é mais pequeno que o quadrado preto.

As linhas horizontaes que estão dispostas na figura 7, parecem formar uma figura mais alta do que larga, e as linhas verticaes que estão ao lado parecem pelo contrario formar uma figura mais larga do que alta. Pois cada um dos conjunctos de linhas é um quadrado perfeito.

Olhem para os anneis desenhados na figura 8, e girem com a pagina para a sua esquerda. Parecer-lhes-ha que os

Fig. 6

anneis mais simples giram rapidamente para a esquerda, e que os outros fazem uma revolução vagarosa na direcção opposta. E' escusado accrescentar que nenhum d'elles tem senão o movimento que imprimiram á pagina.

Ora aqui teem como os olhos nem

Fig. 7

sempre são de fiar. Quando se diz vulgarmente: *ver e crer, como S. Thomé*, devemos suppôr que, desconfiado como parecia ser, o bom do santo se illudiu comtudo muitissimas vezes. E' o que succede a todos os homens, por mais santos que sejam.

Fig. 8

O MANDARIM GULOSO

Era uma vez em Pekim
Um mandarim
Que grande paixão tinha,
Como todo o bom chim,
Por ninhos de andorinha.

Ora uma vez n'um festim
O mandarim
Apanhou, perdendo a linha,
Uma indigestão ruim
Dos taes ninhos de andorinha.

Ficou da côr de carmim;
Cresceu-lhe a barriga assim
Como bossa de Arlequim,
Como um tambor.
Chamou-se logo um doutor
Muito sabio, de Berlim,
Que passava por Pekim

O MANDARIM GULOSO

Vae o doutor, logo saca
De uma faca
Tamanho d'um espadim;
E sem estar com mais fadiga,
Abre a barriga
Do mandarim.

Ora, como na cosinha
Tinham deixado os ovinhos
Dentro dos ninhos
De andorinha,
Succedeu que as rebatinhas
Ergueram vôo por fim
Muitas, muitas andorinhas,
Do ventre do mandarim.

A historia dos Jacinthos

Uma vez, Apollo, Rei do Sol, andava guiando o seu carro pelas ruas da Grecia, quando viu, no jardim do palacio d'um rei de Sparta, um lindo rapazinho a brincar.

Agradou-lhe o pequeno Jacintho, que era filho do rei, e resolveu adoptal-o como seu proprio filho. Depressa se tor-

naram amigos, andavam sempre juntos como pae e filho, passeiando e jogando a bola nos jardins do rei. Apollo enchia o pequeno das prendas mais ricas e preciosas, pois nada lhe parecia bom demais para o seu lindo Jacintho.

Durante algum tempo tudo correu bem, até que o Zéphiro (o vento oeste), que tambem gostava do pequeno, ficou ciumento da preferencia que elle mostrava pelo Rei do Sol.

Por mais palavras bonitas que o Zé-

phiro soprasse brandamente aos ouvidos de Jacintho, o pequeno não fazia caso, e continuava a brincar com Apollo.

O Zéphiro cada vez mais zangado e ciumento, vigiava os dois amigos, e es-

perava uma occasião para se vingar. Um dia em que Apollo e Jacintho jogavam a pedra juntos, o Zéphiro que estava escondido nos ramos d'uma arvo-

re, e d'alli ouvia as gargalhadas do pequeno, exclamou:

«Has de morrer! Has de morrer! An-

tes quero ver-te morto, que a brincar com o Apollo!»

Mesmo no momento em que Apollo levantava o braço e atirava a pedra, o Zéphiro soprou com toda a força em sentido contrario, de maneira que a pedra foi bater na cabeça de Jacintho que caiu logo morto.

A vingança do maldoso Zéphiro foi completa; não só tinha feito com que Apollo perdesse o seu amigo favorito, como tambem o tinha morto pelas suas proprias mãos.

O Rei do Sol, assim que viu o seu amiguinho morto, chorava e gritava que mettia dó.

E para que a memoria do seu pequeno amigo fosse sempre viva entre os homens, transformou o seu corpo n'uma linda e cheirosa flôr. Assim, todas as primaveras, os jacinthos nascem e formam ricos tapetes azues pelo campo fóra, espalhando um aroma muito agradavel.

Uma caçarola de papel

Parece um absurdo, mas vamos mostrar que é possivel ferver agua n'uma caçarola de papel sem difficuldade.

Fig. 1

Para fazer a caçarola pegue-se n'uma folha qualquer de papel commum. Dobrem-n'a em forma de quadrado ou de oblongo, como se vê na fig. 1. Preguem-n'a aos lados com uns alfinetes pela maneira mostrada na fig. 2, para que a caixa mantenha a sua fórma. Depois atem aos alfinetes, pela parte de dentro da caixa, os dois extremos de um cordel, para a pendurar em qualquer sitio ou sustental-a na mão, como se vê na fig. 3. Deitem agua dentro da improvisada caçarola de papel até que ella fique quasi cheia; isto com cautella, para não romper o papel. Depois colloquem-lhe por debaixo um candeeiro, uma vela, um fogareiro ou um bico de gaz. O papel não arderá, como muita gente supporia, mas a agua irá aquecendo gradualmente até ferver. Este resultado, que parece extraordinario, é cau-

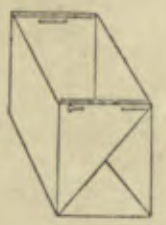


Fig. 2

Fig. 3

sado pela agua, que absorve todo o calor, não deixando que elle passe ao papel. E' o effeito do que se chama *radiação*. Em vez de ir aquecendo até arder, o papel cede o calor á agua, até que esta ferve.

O presente de Harpagão

1

2

3

4

5

6

O presente de Harpagão

1

Pelos annos de D. Rita
Senhor Harpagão de Meira
Quer dar-lhe um mimo catita,
Mas que não tese a algibeira.

2

Vê n'uma loja modesta
Uma garrafa quebrada.
«Quanto custa?» — «Isso não presta!»
«Mas o preço?» — «Não é nada!»

3

«Embrulhe, e dou-lhe um tostão.
«Veja agora se a remette
«Depressa», diz Harpagão.
«Ao Calhariz, dezesete».

4

Vae direito ao Calhariz
Logo em solemne visita;
Faz festinhas ao petiz.
Beija a mão de D. Rita.

5

Eis que o creado apparece
Tendo nas mãos um embrulho.
Harpagão, que o reconhece,
Mira-o, impando de orgulho.

6

Mas a dama dá cavaco
Quando desmancha o farnel.
Pudera! vem cada caco
Embrulhado em seu papel.

O cavallo

«Ora até que emfim!» dirão com prazer os nossos leitores. «Já estavam demorando o nosso animal predilecto!»

Mas ahi vão as nossas desculpas. Não o demos em primeiro logar, porque é um pouco

mais difficil de fazer que qualquer outro animal e agora que os leitores estão mais praticos comprehende-lo-hão mais facilmente.

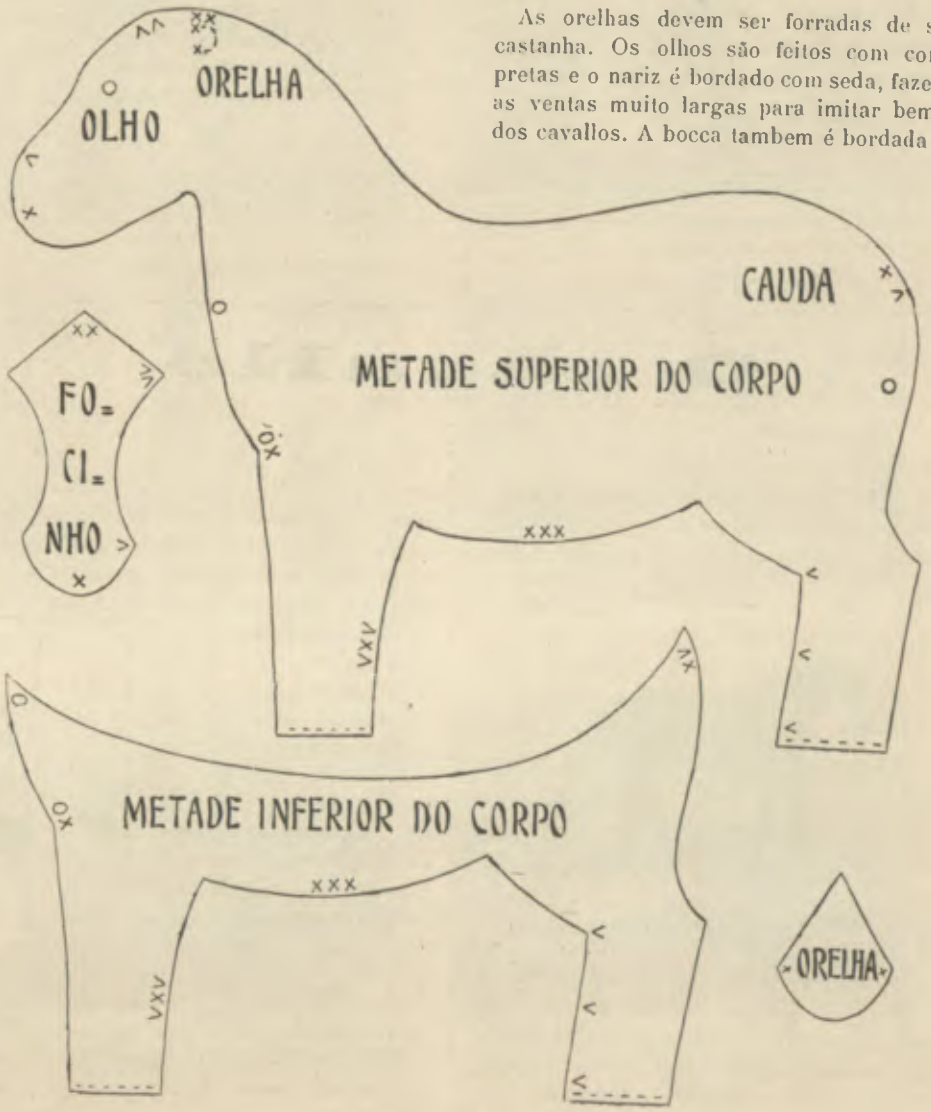
Faz-se em velludo castanho. Começa-se pela cabeça que é a parte mais difficultosa. Junta-se em primeiro logar a peça do focinho á cabeça, começando a alinhavar com muito cuidado a um dos lados do corpo, desde VV a V e depois a X, coze-se esta parte, e junta-se depois o outro lado do corpo, continuando a cozer a parte do queixo, do pescoço, e das pernas, parando no sitio que está ponteado. Junta-se depois a parte inferior do corpo e coze-se tudo á roda.

Quando estiver tudo cozido, enche-se com serradura todo o corpo e a parte superior das pernas, tratando-se depois da parte inferior.

Para fazer as pernas arranjam-se quatro pausitos da grossura d'um lapis, aparam-se os nós com um canivete de maneira que fiquem muito lisos e sem lascas. Formam-se n'uma extremidade de cada pau as patas do cavallo, com lacre, amoldando-as emquanto o lacre está quente. Envolvem-se os paus em

algodão e enfiam-se pelas pernas de panno, enterrando-os bastante para que fiquem bem seguros. Amarra-se com linha forte o panno ao pau por cima das patas dando com a linha umas poucas de voltas de maneira que fiquem bem solidas. Puxa-se a parte do panno, que sobeja em largura, para traz, para formar o tornozelo, que se acolchôa com algodão. Forma-se então o estreito da perna fazendo um refego na parte de dentro, e coze-se mesmo sobre o pau com um ponto meudo, como mostram as nossas gravuras A e B. As pernas de traz são mais difficeis de fazer, porque se tem de dar o feitio das *juntas*. O rabo é feito com tecido de seda ou de lã castanho. Corta-se um quadrado, desfia-se um dos lados até ao meio, e enrolando-o põe-se na posição que mostra a gravura. A crina é feita com a mesma seda ou lã com que se faz o rabo, corta-se uma tira e desfia-se não se chegando ao fim, de maneira que fique uma ourela que se possa cozer á cabeça do cavallo.

As orelhas devem ser forradas de seda castanha. Os olhos são feitos com contas pretas e o nariz é bordado com seda, fazendo as ventas muito largas para imitar bem as dos cavallos. A bocca tambem é bordada



O pastor ambicioso

Era uma vez, dois irmãos, que viviam a apascentar rebanhos. Ninguem mais vivia n'aquella terra senão pastores, que guardavam as suas rezes com tanto cuidado que nunca se perdia nenhuma. Os dois irmãos chamavam-se, um Claudio, outro Agostinho, e tinham um feitio completamente differente um do outro. Claudio só pensava em tirar para si o maior proveito de tudo que podia, emquanto Agostinho era capaz de repartir o seu unico pedaço de pão com um cão esfomeado.

Este feitio ambicioso fez com que Claudio herdasse todas as rezes que pertenciam ao pae, quando elle morreu, porque era o irmão mais velho, permittindo sómente a Agostinho que ficasse como creado para o ajudar.

Por algum tempo os dois irmãos viveram em paz na cabana do pae, guardando os seus rebanhos na relva tenra, até que uma tarde aconteceu que os negociantes louvaram a lã do rebanho de Claudio mais que a dos outros rebanhos que pastavam na relva, e deram por ella o preço mais alto.

Isto foi uma desgraça para os pobres carneiros, porque Claudio achava sempre pouca a lã, e cortava tanto quanto podia. No tempo da tosquia ninguem deixava os animaes como Claudio, que, por mais que Agostinho pedisse, não tinha dó nenhum d'elles. Queria persuadir o irmão que fazia bem aos animaes serem tosquiados d'aquella maneira.

Depois vendia a lã, comprava mais gado, e assim iam passando as estações.

Os pastores começaram a tratal-o como um homem rico, quando aconteceu ao seu rebanho uma cousa muito extranha.

A lã tinha crescido bem n'esse verão. Já tinha dado duas tosquias aos animaes, e estava pensando em dar terceira, quando, primeiro os cordeiros e depois as ovelhas, come-

çaram a extraviar-se, e, por mais que os dois irmãos os procurassem, nunca mais tornavam a encontral-os.

Os rebanhos iam diminuindo todos os dias, sem poderem descobrir o paradeiro dos animaes.

Agostinho cansava-se a procurar e Claudio nem dormia da ralação em

que andava. Os outros pastores, aos quaes elle tinha humilhado com toda a sua riqueza e toleima, não tinham pena de ver o orgulhoso cair do pedestal.

Os animaes continuaram a desapparecer e quando chegou a primavera não restavam senão tres ovelhas já velhas.

Os dois irmãos estavam guardando estas tres ovelhas quando Claudio disse:

«Irmão, ha lá para dar tosquia n'estas ovelhas.»

«É pouca para as conservar quentes», respondeu Agostinho, «ainda sopra o vento sul de vez em quando». Mas já Claudio tinha ido buscar o saco e a tesoura.

Agostinho estava triste por ser o irmão tão ambicioso, e para se distrahir começou a olhar para os montes.

Quando se voltou, só teve tempo de ver muito ao longe tres fórmas como de ovelhas, que desappareciam n'uma fenda d'uma collina distante, e reparando á roda de si, viu que os tres animaes tinham desapparecido.

Agostinho ficou muito afflicto, pois Claudio voltava, e dando pela falta das ovelhas, zangou-se immenso com o irmão, por não ter tomado conta dos animaes.

«Agora ficámos sem nenhuma ovelha», disse-lhe «temos necessidade de arranjar trabalho por outro lado, pois não podemos contar com os pastores que vivem perto de nós. Vamos já procural-o. O nosso pae dizia que havia grandes rebanhos e pastores que viviam muito longe, lá pela serra, vamos ver se lá nos

quererão contractar para guardadores de ovelhas.»

Na manhã seguinte Claudio poz ao hombro o seu saco e a tesoura, e

Agostinho pegou no cajado e na gaita de folles, e partiram, atravessando campos e vallados, até que á noite chegaram á fenda por onde as tres ovelhas se tinham sumido, mas ambos estavam tão cansados de caminhar, que se sentaram a descansar.

Assim que se sentaram, chegou-lhes aos ouvidos um som de musica que vinha das montanhas, como se centos de pastores estivessem a tocar nas suas flautas.

Claudio e Agostinho nunca tinham ouvido musica assim; levantaram-se logo, e seguindo o som, foram subindo pela collina acima, até que ao sol posto chegaram ao cimo da montanha, onde viram um rebanho de mil ovelhas brancas como a neve, que pastavam, emquanto um velhote, sentado no meio d'ellas, tocava alegremente na sua gaita de folles.

«Bom velho», disse Agostinho, pois o irmão mais velho cheio de medo tinha recuado, «dize-nos que terra é esta, e onde podemos achar trabalho. Somos pastores, e podemos guardar rebanhos alheios, pois perdemos o nosso».

«Estes são os pastores das montanhas», respondeu o velho, «e eu sou o pastor mais antigo. Os meus rebanhos nunca se extraviam, e posso arranjar emprego para ti. Qual de vocês guarda melhor?»

«Bom velho», disse Claudio, tomando animo, «sou eu o melhor pastor d'estes arredores; ninguem tira mais lã d'um carneiro do que eu».

«Ès tu o homem que eu preciso», disse o velho pastor. «Quando nascer a lua, eu te mostrarei o rebanho, que tens de guardar».

O sol poz-se, e a lua nasceu, e todas as ovelhas côr de neve se dei-

taram em frente do velho. Depois veiu dos campos, uma alcatea de lobos tão pelludos que os olhos

quasi não se viam com a quantidade do pello.

Claudio ia fugir cheio de medo, mas os lobos pararam, e o velho disse:

«Levanta-te e tosquia — este é o rebanho que eu tenho com mais lã».

Claudio nunca tinha tosquiado lobos, e assim que começou a cortar o pello ao primeiro, este abriu logo a boca e mostrou-lhe uns dentes ferozes, e os outros deram tamanho rugido, que Claudio largou logo a tesoura e escondeu-se espavorido atraz do velho.

«Bom velho», gritou, «eu sei tosquiar carneiros, mas não lobos!»

«Teem de ser tosquiados», disse o velho, «ou tu foges para os campos e elles atraz de ti, mas se um de vocês puder tosquial-os apanhará todo o rebanho».

Ouvindo isto Agostinho apanhou a tesoura, que Claudio tinha atirado para longe, e enchendo-se de coragem, aproximou-se d'um dos lobos. Com grande surpreza, o animal feroz pareceu conhecel-o, e ficou muito quieto emquanto elle o tosquiava.

Agostinho tosquiou-o com todo o cuidado e não muito rente, e quando acabou com este, foi a outro, e depois a outro, até que tosquiou todo o rebanho. Então o velho disse:

«Trabalhaste bem, dou-te toda a lã, e o rebanho é o pago do teu trabalho. Volta com tudo para o teu campo, e leva o teu irmão que ficará a servir-te de creado».

Agostinho não ficou lá muito satisfeito com o presente do rebanho de lobos, mas antes que pudesse responder já elles se tinham transformado nas mesmas ovelhas brancas que haviam sido do irmão, e que se tinham extraviado, e a lã que elle tinha cortado aos lobos estava muito branca e fina.

Claudio metteu-a dentro do saco, e foram-se embora para o seu campo, onde guardaram juntos o seu lindo rebanho. Claudio ficou sendo menos ambicioso, e Agostinho é que faz sempre uso da tesoura no tempo da tosquia.

A velocidade da corrente

O Fernandinho, que é muito dado a exercicios de sport, gastou outro dia meia hora, remando n'um bote contra a corrente, para vencer tres quartos de milha. Quando não ha corrente, não leva mais de um quarto de hora para vencer a mesma distancia. Poz-se a scismar qual seria a velocidade da corrente, e eis como fez a conta:

Se sem corrente anda tres quartos de milha n'um quarto de hora, quer dizer que a sua velocidade é então de 3 milhas por hora. Mas se contra a corrente andou apenas á razão de 1 ½ milha por hora, é claro que a velocidade da corrente será medida pela differença entre aquellas duas velocidades, isto é, de 1 ½ milha por hora.

«A EDITORA»

(Antiga Casa David Corazzi)

50, Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA

As primeiras officinas de Portugal:

TYPOGRAPHIA, LITHOGRAPHIA e ENCADERNAÇÃO

movidas por electricidade

Execução de todos os trabalhos desde o mais economico ao de maior luxo **Execução perfeita e rapida**

Grande edição com illustrações de Roque Gameiro do notavel romance de Julio Diniz

As Pupillas do Senhor Reitor

Volumes encadernados em carneira e percalina.

Assignatura permanente a fasciculos.

Obras de Blasco Ibañez

Jesuitas, romance de propaganda liberal, 1 vol..... **700**

Os mortos mandam, notavel novella, 1 vol. de 335 pag..... **700**

Flôr de Maio, encantadora novella de costumes maritimos, magnificamente descriptos e observados pelo talentoso escriptor hespanhol, 1 vol. **400**

Terras malditas, pequena novella, 1 vol..... **100**

A Cathedral, é o mais intenso romance da moderna litteratura hespanhola pelos seus intuitos liberaes e humanitarios, 1 vol... ..... **600**

A Cortezan de Sagunto, emocionante romance historico sobre a tragédia do cêrco e destruição da cidade de Sagunto, 2 vol..... **400**

A sahir do prelo:

Touros de morte.

No Paiz da Arte.

CARLOS DE MOURA CABRAL

LISBOA ALEGRE. Aspectos. Typos. Costumes. Episodios

1 vol. 500 réis

Carlos Malheiro Dias

Da Academia Real das Sciencias e da Academia Brazileira de Letras

Paixão de Maria do Cêo, verdadeira joia litteraria, nova edição em excellente papel, 1 vol..... **800**

Telles de Albergaria, nova edição em magnifico papel, 1 vol. **800**

CASA EDITORA das notaveis e interessantissimas obras de Julio Verne, em 74 vol.

Da Bibliotheca do Povo e das Escolas, de que já estão publicados 230 vol.

Da Bibliotheca Universal, e de outras importantissimas obras.

Envia-se catalogo gratis a quem o requisitar

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 190
Medalha de Prata — S. Luiz 1904

UNICOS EXPORTADORES:

Assis & C.ª — LISBOA

Endereço telegrafico: **MOURAGUAS**

Codigo "RIBEIRO"

Estas aguas perfeitamente limpidas, transparentes, inodoras, incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas da bexiga e vias urinarias; efficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analise chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: ***atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e litinicas.*** Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camera Pestana foram classificadas de **MUITO PURA.**

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

A Tia Thomazia atterrada (V. o conto *As Caraças*)

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios | Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro

DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres

da officina Photomecanica de Thomaz Bordallo Pinheiro — LISBOA

OS GNOMOS

Como elles pintaram o ceu, o mar e a terra

Ha muitos, muitos annos, quando o mundo ainda estava por acabar, não havia côres na terra, ceu e mar, e mandaram vir uma quantidade de pe-

queninos gnomos, para os pintarem e fazel-os lindos como agora são.

Cada gnomo tinha uma caixa de tintas e dois pinceis, um grosso e outro fino, para trabalharem, e a caixa tinha só uma côr, não uma duzia, como geralmente teem; mas d'essa côr havia todos os cambiantes, do mais claro ao mais escuro.

Está bem de ver, que todos os gnomos queriam começar logo a pintar, exactamente como os meus amiguinhos fazem, quando teem a sua caixa de tintas para brincar; mas o mais velho pensou que era melhor reunirem-se em conselho, para decidirem quaes seriam as côres que se deviam empregar.

O gnomo encarnado levantou-se e disse, que gostaria de pintar o ceu, porque estava certo que nenhuma côr ficaria lá melhor que o encarnado; e o gnomo amarello, que era o seu grande amigo, disse que se encarregava de pintar a terra, pois de que côr ficaria mais linda que de amarello? E indignaram-se muito quando os outros gnomos asseguraram que não estavam de accordo com tal resolução e que só se deviam empregar côres muito suaves, que o ceu devia ser d'um azul delicado e a terra d'um verde pallido.

Logo os gnomos azues e verdes pegaram nos seus pinceis e começaram a trabalhar; e cada um pintou o mais lindamente que poude na esperança de que, quando acabassem, tambem fossem encarregados de pintar o mar, porque metade dos gnomos dizia que elle devia ser azul, e a outra metade assegu-

rava que ficava melhor verde. Quanto ao gnomo amarello, pensava de si para comsigo, que se fosse elle o preferido para o pintar, dar-lhe-ia um lindo tom de gema de ovo. Por fim, a terra e o ceu estavam acabados e o gnomo azul começou a pintar o mar.

«Pára!» disse-lhe o gnomo verde. «Eu é que faço o mar.»

«Não, senhor», disse o gnomo azul, «d'este trabalho estou eu encarregado.»

Começaram os dois a pintar ao mesmo tempo, o mais depressa que podiam, pois nenhum d'elles queria largar a tarefa. E' esta a razão porque ninguem ainda soube dizer se o mar é verde ou azul, porque quando olhamos para elle, um dia, parece-nos azul, outro dia verde, ou azul e verde ao mesmo tempo, e nos quadros de bons mestres, acontece que uns o pintam azul e outros verde, conforme o veem.

Emquanto o gnomo azul e o verde pintavam e se descompunham, o gnomo amarello encheu a sua caixa de tinta e, chegando ao limite da terra, exactamente onde o mar toca, fez alli uma linha de areia amarella. Depois, como ninguem reparava no que elle estava a fazer, começou tambem a pintar o ceu.

Primeiro pintou uma rodella redonda para o sol e depois salpicou-o de manchas amarellas, quer dizer, pintou as estrellas; e quando elle já ia dar uma pincelada na lua, o gnomo azul voltou-se e viu-o.

«Que estás tu a fazer no meu ceu?» perguntou.

«E que fizeste tu na minha terra?» gritou o gnomo verde.

Mas pensam os meus amiguinhos que o feio gnomo se importou com taes ralhos? Nem por sombras.

Só considerou: «Continuarei a pintar tudo o que possa, quando elles não repararem em mim.»

O gnomo encarnado tambem era muito mau, e para fazer partida ao gnomo verde, começou a pintar de manchas encarnadas as plantas em que o outro trabalhava, emquanto o gnomo amarello lhes dava tambem um tom doirado, e depois das arvores estarem cuidadosamente pintadas de verde, misturaram as tintas todas, pediram emprestado um pouco de côr de castanha e deram a algumas um tom de castanho dourado.

Quando chegou a vez de pintarem as flores, os gnomos souberam com grande alegria que podiam todos tomar parte no trabalho.

Os anõesinhos amarellos e encarnados, mais activos que os outros, pintavam a torto e a direito todas as flores que encontravam no caminho.

E' por esse motivo que na primavera e no verão nascem tantas e tantas flores d'essas côres.

E sabem tambem os meus amiguinhos porque ha tão poucas flores azues e é raro encontrar-se alguma verde? Pelo facto dos gnomos azues e verdes terem altercado por causa do mar e gastarem n'elle tal quantidade de tinta que quasi não deixaram nenhuma nas caixas para o resto.

Depois das flores vieram os animaes, os passaros e os insectos. Com certeza que os meus meninos muito se divertiriam se tivessem visto os pequeninos gnomos pegar nos pinceis e pintar d'um verde muito bonito um insecto, de um azul delicado uma borboleta, e de

encarnado um passarinho chamado beija-flor.

Um dia os gnomos encarnados e amarellos chamaram todos os que pintavam com as côres mais brilhantes e disseram-lhes que tinham uma proposta importante para fazer.

O gnomo encarnado começou por dizer:

«Queremos pintar qualquer cousa em que figurem sómente côres brilhantes. Os cinzentos e castanhos são côres muito bonitas, mas estamos fartos d'ellas e queremos fazer uma cousa em que não entre um bocadinho d'essas côres, uma cousa que fique muito brilhante, com encarnado, roxo e côr de laranja, por exemplo.»

«Apoiado, pela ideia! Que lindo deverá ser!» disse o gnomo azul. «Eu gosto pouco das grandes nuvens cinzentas que atravessam o meu azul no ceu.»

«E eu embirro tambem», accrescentou o gnomo verde, «de acabar uma arvore com tronco e folhagem d'um verde lindo e ouvir o castanho dizer: «Está feia! Deixa-me fazer-lhe o tronco e os ramos!» e logo me começa a pintar tudo, com um tom de castanho escuro muito triste.»

«Bom!» gritaram os outros; «vamos começar. O que devemos então fazer?»

Mas por mais que parafusassem, nenhum tinha qualquer ideia, até que por fim o gnomo roxo disse: «Algum de nós deve começar», e, com uma pincelada pintou uma grande curva e collocou-a na relva.

«Deixa-me lá chegar», disse o azul, e fez uma outra linha curva, que levou toda a tinta que lhe restava na caixa.

«Não achamos bonito o effeito», disseram os outros, «as côres estão muito juntas demais.»

N'essa occasião um pequenino gnomo, com uma côr muito exquisita, chamada anil, chegou-se e disse: «Se querem, porei uma linha escura entre essas duas côres e verão que lindo ficará!»

Ainda a pintura estava fresca, já o

verde tinha pintado uma linha; depois o amarello, e por fim o encarnado.

Não estava o tempo muito seguro n'esse dia, e por duas ou tres vezes os anões tiveram de apanhar chuva, mas nada os persuadiria a esperar por um dia bonito para fazerem o seu trabalho, pois todos estavam anciosos por ver o que poderiam fazer sem os castanhos e cinzentos. E na verdade, todas aquellas linhas misturadas formavam um effeito muito lindo.

«Não as deixemos aqui ficar», disse um gnomo. «Aqui ninguem as poderá ver.»

Juntaram-se todos e levantaram as côres, deixaram-n'as de pé, onde ficavam mais lindas que nunca, estendidas atravez do ceu e descançando n'um grande montão de nuvens escuras, que o gnomo cinzento tinha estado a pintar todo o dia.

Quando alguem chamar os meus amiguinhos para contemplarem o arco-iris, lembrem-se sempre que foi essa a linda obra dos pequeninos gnomos, para embellezarem a terra em que vivemos.

O pasteleirinho

— Senhor pasteleiro
Venho descompôl-o;
P'r'a minha boneca
Não me vende um bolo.

— Os meus bolos, saiba,
Dão-me grande seca;
Não são para os dentes
De qualquer boneca.

Se são p'r'a menina,
Que é tão feiticeira,
Dou-lhe até de graça
Quantos bolos queira.

— Dê-me, que a boneca
E' tão minha amiga!
Tudo quanto eu como
Enche-lhe a barriga.

A que hora chega ao collegio?

O Alfredinho tem muito que andar todas as manhãs para chegar ao collegio. Ao passar pela egreja, são quasi sempre oito e meia, e está elle na quarta parte do caminho. Quando chega á estação do caminho de ferro, tem andado um terço do caminho, e o relogio marca nove menos vinte e cinco. A que hora chega ao collegio?

A conta faz-se da seguinte maneira: Das oito e meia para as nove menos vinte e cinco, isto é, em cinco minutos, andou elle a differença entre um terço e um quarto, isto é, um duodecimo do caminho total. Mas ás $8^h,30$ ainda lhe falta andar tres quartas partes, ou nove duodecimos, da distancia, e isto levar-lhe-ha 9 vezes 5 minutos, ou tres quartos de hora.

Portanto deve chegar ao collegio ás $9^h,15$.

AS CARAÇAS

Como o Quinquim era levadinho da breca, os paes não quizeram que elle passasse o carnaval

Ora no sabado gordo, o Quinquim acordou na sua camita modesta, scismando lá de si para

na cidade, com receio de que fizesse alguma partida grossa.

Confiaram-n'o aos cuidados do Manuel Abegão e da Tia Thomazia, rendeiros de uma fazenda que elles possuiam na provincia, gente honrada e de toda a confiança, amicissimos do pequeno.

comsigo no que havia de fazer para se divertir n'aquelle carnaval.

Disfarçar-se? Nem pensar n'isso. Na terra não havia guarda-roupa, nem sequer uma lojita onde se vendessem petrechos para mascarada decente.

Acrescia a isto elle não estar

muito endinheirado, de forma que a sua algibeira nem modestas despezas lhe consentiria.

Havia de contentar-se com a fatiota domingueira de qualquer petiz labrego ou com as saias grossas de uma camponiasita visinha?

Ora adeus! logo o reconheceriam. E alem d'isso, onde é que iria figurar com o seu disfarce? N'algum bailarico onde os rapagões e as cachopas não fizessem caso d'elle, por ser ainda pequeno?

Nada! O melhor era ideiar qualquer partida que o divertisse deveras.

Que havia de ser?

Vestiu-se matutando no assumpto, sahiu para a rua, e foi por alli fora, de mãos nas algibeiras, parafusando sempre, até chegar á villa.

«Se eu pudesse ao menos arranjar um nariz de papelão e umas barbaças de estopa para pregar um susto á Tia Thomazia?»

E tinha um ar tão manhoso que o cãosinho do escrivão, costumado a gemer com as travessuras do pequeno, olhou-o de esguelha e passou por elle muito sorrateiro, como se rosnasse:

«Hum! A modo que andas a tramar maldade grossa, meu demonico!»

Com effeito, na cabeça do Quinquim tinha rebentado finalmente uma ideia que lhe trouxe aos labios um sorriso de satisfação.

Lá mais adeante, á porta da estalagem do Pinto Calçudo, adormeceu no banco de entrada um vendedor ambulante, que costuma por alli apparecer, a traficar em objectos variados, conforme as estações do anno.

D'esta vez, para honrar e aproveitar o carnaval, tem ao pé de si um cabaz carregadinho de caraças e narizes de papelão.

«Que mina!» pensa o Quinquim.

E muito sonso, de mansinho, approxima-se do banco, deita as mãos ao cabaz, e n'um abrir e fechar de olhos apodera-se de umas dez ou doze caraças e narigões, que embrulha precipitadamente no seu grande lenço.

E safa-se logo a passos rapidos caminho da fazenda, seguido, sem dar por isso, pelo cachorro que o espreita muito desconfiado.

«Que irá fazer este garoto?» rumina o bicho comsigo.

O Quinquim atravessou a horta sem dar signal de si, e enfiou muito disfarçado pela porta da abegoaria, tendo previamente o cuidado de attrahir lá para dentro, com uma mancheia de milho, os patos e os gansos que andavam a grasnar pelo pateo, e correndo logo em direcção á coelheira, que estava situada a um canto da abegoaria.

E o cachorro seguiu-o, sempre muito convencido do seu mister de policia.

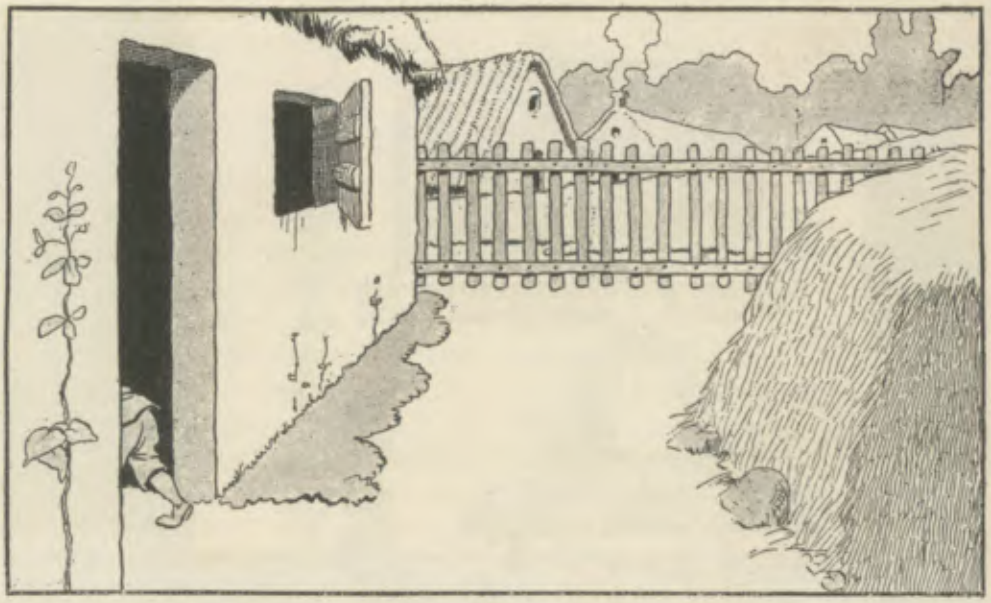
Passaram-se alguns minutos sem se perceber que proezas andava a fazer o Quinquim dentro do casarão. Apenas do lado da possilga se ouviram uns grunhidos surdos que foram crescendo, crescendo, até que de repente á porta da abegoaria, surdiu um animal extraordinario,

que se precipitou para o pateo, grunhindo descompassadamente.

Era nem mais nem menos que um porco enorme com cara de gente.

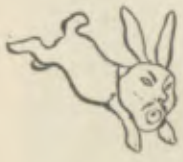
A este seguiu-se um pato com penca humana e grandes oculos, que mettia pavor.

E atraz d'elle appareceu toda a especie de bichos monstruosos, de



cara humana, capazes de aterrar populações inteiras e de atrapalhar os sabios mais eminentes em zoologia: um coelho com physionomia de conselheiro; outro parecido com o imperador da China; um ganso de enorme bigodeira arrogante, debaixo da qual sahiam grasnidos formidaveis; uma cabra que parecia o demonio vivo e encarnado; um vitello com cara de lua cheia e penca avermelhada; um carneiro com cabeça de tureo; um podengo de oculos e narigueta de fuinha; um peru meneando tristonho uma cabeça de mocho; e á frente de toda esta bicharia fabulosa, que berrava, grunhia, balava, grasna-

va, cacarejava, mugia, piava, gania, atordoava, o cachorro do escrivão, adornado com uma earantonha parecida com a do regedor da freguezia, corria e ladrava furioso, como a dar alarme d'aquella escandalosa offensa, feita ao seu caracter policial.



A' balburdia acudiu o Manuel Abegão mais a mulher, que soltaram gritos tremendos e desataram a fugir espavoridos deante d'aquelle rebanho de bichos monstruosos.

Correram a dar parte ás auctoridades: era uma legião de demonios, diziam elles, que lhes tinham invadido a fazenda. Era preciso que viesse a policia, para os livrar quanto antes da terrivel invasão.

O regedor ficou um pedaço assarapantado. Convocou immediatamente os cabos de policia e os varapaus mais temiveis do sitio, e com essa escolta se dirigiu á fazenda, acompanhado pelo Manuel Abegão e pela Tia Thomazia, os quaes se uniam, todos medrosos, atraz dos corpanzis espadaúdos dos seus defensores.

Mas quando chegaram ao pateo, não viram vestigios da horda diabolica. Todos os bichos passeiavam mansamente ou se acolhiam ás suas moradas do costume, conservando o seu aspecto habitual, sem mistura de caretas monstruosas.

Ao pé do tanque, o Quinquim, muito socegadinho, atirava migalhas aos patinhos que se espanejavam na agua.

E os dois aterrados rendeiros ainda por cima apanharam uma

descompostura tremenda do regedor e dos moeetões que o seguiam.

«Viu-se nunca uma cousa assim!» diziam elles. «Incommodar a aldeia inteira por via de um sonho! Pedaço de patetas!»

«Isto não foi senão cousa de bebida!» resmungava o regedor, muito encanzinado.

E o Quinquim, fingindo-se muito entretido com os patinhos, ria-se lá com os seus botões.

A ceia dos meninos

P'r'as papas gostosas que engole o Bébé,
P'r'os bolos que os manos contentes mastigam,
Pretinho abre os olhos com certo filé,
Mas não abre a boca, por mais que lhe digam.

CENTRO DE MEZA

Este bordado é muito util para um presente d'annos e feito com fitilho é pouco dispendioso e pode ser depressa e facilmente executado. Suppomos que as nossas leitoras nunca aprenderam a bordar com fita, por isso leiam com attenção o que explicamos, e experimentando o bordado não ha nenhuma, estamos certos, que

se não enthusiasme vendo a facilidade e belleza d'este trabalho.

Compra-se para o fundo um boccado de tulle ou *d'étamine* grossa. Escolhe-se depois um desenho simples, porque nem todos os desenhos servem para este genero de bordado, e passa-se com lapis ou com um alinhavo para o tulle.

As flores do nosso desenho são jasmins amarellos. Escolhemos esta flôr por ser muito simples e não fazer confusão ás nossas leitoras.

Compra-se fitilho amarello para as flôres, verde para as folhas, *coton perlé* verde para as hastes, setineta amarella para forrar, e uma fita que franze em verde para pôr á roda.

E' preciso tambem uma agulha que tenha o fundo comprido e o bico rombo para não furar a fita.

Enfia-se na agulha um boccado de fita que não seja muito comprida,

para que não se enrole, nem faça nós ao passar pelos buracos do tulle. Dá-se um nó na ponta da fita, e passa-se a agulha de baixo para cima do tulle no centro d'uma flôr. Puxa-se a agulha com cuidado para que a fita não fique torcida, e levando a agulha ao

fim da petala dá-se um ponto para baixo, pondo o dedo pollegar da mão esquerda sobre a fita para a conservar direita. Mette-se outra vez a agu-

lha de baixo para cima no buraco de cima do tulle e mettendo-a outra vez no centro da flôr forma-se assim a outra metade da folha. Fazem-se depois as outras petalas e dá-se um ponto obliquo no meio para fazer o olho. Dois pontos de fita verde, feitos pelo mesmo systema, formam as folhas.

Para rematar a fita passa-se para o avesso a extremidade e dão-se uns poucos de pontos com linha.

Fazem-se as hastes com *coton-perlé* com ponto *pé de flôr*. Se o tulle estiver franzido depois do trabalho acabado, passa-se pelo avesso com um ferro quente.

Forra-se depois o bordado com a setineta amarella e prega-se á roda a fita, que se franze puxando a linha. Este bordado feito com fita pode ser aproveitado para *sachets*, saccos de theatro, coberturas d'almofadas e até para enfeitar vestidos.

Como se faz uma garrafa com alfazema

Compra-se um molho de alfazema e uma peça de fitilho de qualquer côr para fazer a garrafa que nós apresentamos na gravura, que pode ser util ás nossas leitoras para dar a uma amiga, para um *cotillon*, para um bazar, etc.

Faz-se em primeiro logar com algodão a fórma do bojo da garrafa, enrolando-o com linha de maneira que a parte de cima e a de baixo fiquem mais estreitas que o centro.

Cortam-se fóra as partes floridas da alfazema aproveitando só as hastes, das quaes se arranja um numero desegual, 9, 11, ou 13 que se cortam exactamente do mesmo tamanho.

Dispõem-se depois á roda do algodão e amarram-se as extremidades com linha forte.

Curvam-se as hastes sobre o algodão e põem-se em egual distancia umas das outras.

Atam-se outra vez com linha forte na parte superior do algodão e extendem-se para cima as extremidades das hastes.

Enfia-se o fitilho n'uma agulheta e vae-se tecendo a fita nas hastes, passando um por cima, outro por baixo, e destrocando-os nas voltas seguintes, até que se não veja nada do algodão. E' preciso ter cuidado de não torcer a fita porque estraga todo o effeito. Remata-se a fita com agulha e linha e cobre-se o remate com um laço do mesmo fitilho.

Ata-se a fita na extremidade dos troncos e a garrafa está acabada.

A Princeza e o Rei Barba Terrivel

Um grande rei tinha uma filha que era muito linda, mas tão orgulhosa e presumida que nenhum dos

principes que a vinham pedir em casamento lhe agradava, e fazia ainda por cima troça d'elles.

O rei uma vez deu uma grande festa, para a qual convidou todos os pretendentes á mão da Princeza. Sentaram-se todos conforme a sua categoria e a Princeza passou por diante d'elles, mas a todos achava defeitos: um era gordo demais, outro alto demais, áquelle achava grande magreza, a este uma côr muito pallida, emfim, a todos encontrava que dizer e nenhum lhe servia, por mais illustre e bonito que fosse. Mas o que mais a fez rir foi um que tinha uma barba muito mal tratada.

«Olhem para elle», disse ella. «Tem uma barba que parece uma vassoura. Fica conhecido pelo *Barba Terrivel.*»

D'esta maneira o pobre rei ficou tendo aquella alcunha. Mas o pae da Princeza, muito zangado com a fórma como ella se portára, jurou que a casaria com o primeiro pobre que lhe ba-

tesse á porta. Dois dias depois, passou um musico ambulante, que começou a cantar debaixo das janellas, pedindo esmola, e quando o rei o ouviu, disse: «Deixem-n'o entrar.» Trouxeram-n'o para dentro do palacio e depois d'elle cantar, o rei disse: «Cantaste tão bem, que vou dar-te a minha filha para mulher.»

Em vão a Princeza pediu e implorou compaixão; o rei foi inflexivel e disse: «Prometti dar-te ao primeiro pobre que passasse, e quero cumprir a minha palavra.»

E a Princeza casou com o musico.

O pobre levou-a comsigo, e não tardou que chegassem a uma grande floresta.

«A quem pertence esta floresta?»

«Pertence ao rei Barba Terrivel», respondeu elle. «Se tivesses casado com elle tambem te pertenceria.»

«Ai! que infeliz eu sou!» suspirou ella. «Quem me dera ter casado com o rei Barba Terrivel.»

No dia seguinte chegaram a uns campos muito lindos.

«A quem pertencem estes campos?» perguntou a Princeza.

«Pertencem ao rei Barba Terrivel; se o tivesses querido, tambem seriam teus.»

«Ai! que infeliz eu sou!» disse ella. «Quem me dera ter casado com o rei Barba Terrivel!»

Chegaram a uma grande cidade.

«De quem é esta nobre cidade?» disse ella.

«Pertence ao rei Barba Terrivel; se o tivesses querido, tudo isto era teu.»

«Ai! que infeliz eu sou!» exclamou ella. «Porque não teria eu casado com o rei Barba Terrivel?»

«Isso não é commigo», disse o musico. «Porque quizeste tu outro marido? Não sou eu bastante para ti?»

Por fim chegaram a uma cabana muito pobre.

«Que casinhoto tão triste!» disse ella. «A quem pertence semelhante porcaria?»

O musico respondeu:

«Esta é a nossa casa, onde havemos de viver. Agora acende o lume e faze a minha ceia, porque eu estou cansado.»

Mas a Princeza não fazia nenhuma ideia da maneira como se acendia o lume e se cosinhava, e o pobre, muito zangado, teve de a ajudar.

Quando acabaram de comer, foram para a cama; mas o musico logo de manhãsinha a chamou para limpar a casa. Assim viveram durante dois dias; e, quando já não tinham nada que comer, o pobre disse: «Mulher, não podemos continuar a viver assim, gastando dinheiro e sem o ganhar. Vamos tecer vime para fazer cestos.»

Sahiu e trouxe salgueiro cortado; ella começou a trabalhar, mas os dedos doiam-lhe muito.

«Não prestas para nada», disse o musico, «não sabes nem podes trabalhar — bem aviado fiquei eu com tal casamento! Experimentemos outra cousa, vou comprar barro, e vaes amanhã ao mercado vendel-o».

«Meu Deus!» suspirou ella, «se emquanto estou no mercado passa alguem do palacio do Rei meu Pae, e me vê fazendo tal figura como se rirá de mim!»

Mas ao pobre é que nada d'isso importava; disse-lhe que ella precisava trabalhar, se não queria morrer de fome. Comprou uma porção de louça de barro, e mandou-a sentar a um canto do mercado para a vender; mas um soldado bebado que passava deu tamanho empurrão ao cavallo para cima do barro, que o partiu todo em mil bocados. Ella começou a chorar, sem saber o que havia de fazer. Veiu para casa, e contou ao marido o que tinha succedido.

«Quem havia de pensar que eras tão parva?» disse elle, «quem te mandou pôr o barro n'aquelle canto onde passa toda a gente? Mas acabemos com tanto choro; vejo que não prestas para este trabalho; já fui saber ao palacio do Rei se precisarão d'uma creada de cosinha, e elles prometteram que te empregavam».

A Princeza foi então ser creada na cosinha do Rei, e fazia os trabalhos mais sujos e ordinarios.

D'ahi a tempo ouviu dizer que o filho mais velho do Rei ia casar. Pensou na sua triste sorte, e amargamente lamentou a sua doidice e orgulho que a tinham levado ao triste estado em que se encontrava.

De repente, quando ia sair, appareceu o filho do Rei vestido com fatos dourados, e ella viu que elle era o Rei Barba Terrivel.

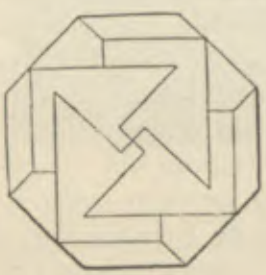
Ia correr para dentro, porém o Rei Barba Terrivel aproximou-se d'ella e disse-lhe:

«Não tenhas medo de mim! Sou eu o musico, que comtigo vivi na cabana. Trouxe-te até aqui, porque gosto de ti. Sou eu tambem o soldado que te partiu a louça. Tudo isto eu fiz para te curar do teu orgulho. Agora acabou-se; sabes o que custa o trabalho, todos os teus defeitos desappareceram, e chegou a occasião de festejarmos o nosso casamento».

Vieram então as damas que lhe trouxeram lindos vestidos, e appareceu o Pae da Princeza com toda a côrte. Vieram todos felicital-a pelo seu casamento. A alegria brilhava em todos os rostos, e os festejos foram lindos e ruidosos.

Construcção de um octogono

(Solução)



Na figura junta verão a disposição em que se devem collocar os segmentos que demos no numero anterior, afim de perfazerem o octogono.

Anecdota

Uma creada aproxima-se de um guarda-portão e pede-lhe uma informação qualquer.

— De que terra é vossê? pergunta o homem.

— Sou do Algarve, responde a rapariga.

Mas, percebendo que elle é surdo como uma porta, pega n'um lapis e escreve a resposta.

— Lá me parecia, explica o surdo, por causa do sotaque.

A BOMBA

Madama Pega
Na casa alheia
Vê uma cousa
Que a desnorteia

Mas como é ladra
Madama Pega
C'o tal objecto
Logo carrega.

Leva á familia
Para que observe.
Cousa exquisita!
Para que serve?

Melro ladino,
Coruja esperta,
Co'a serventia
Ninguem acerta.

Rebenta um 'strepito
De arripiar!
Jesus! que é bomba!
Ponham-se a andar!

Porém a causa
D'este pavor
Era um singelo
Despertador.

Hoje, um relogio
Basta-lhe ouvir,
Madama Pega
Deita a fugir.

O retrato do Melharuco

«Deixa-me», disse um passarinho chamado Melharuco a um ramo de flor de macieira, «deixa-me sentar n'este ramo e chegar a ti. Pedi á minha amiga Gralha, que é uma notavel artista, que me pintasse o retrato, e ella respondeu que com todo o gosto o faria, mas que

era preciso arranjar um fundo bonito para o quadro».

A cabecinha do Melharuco era azulada, e o ramo de flor da macieira muito côr de roza, pois tinha rebentado ha pouco tempo. O sol dourado brilhava, de maneira que o conjuncto era encantador para o pincel d'uma artista, como era a senhora Gralha.

«Estás prompto?» perguntou a Gralha.

«Promptissimo», respondeu o pequenino Melharuco balouçando-se um momento no ramo.

«Tens de estar quieto», disse a Gralha começando a desenhar.

«Está bem», respondeu o passarinho, agitando e voltando a cabecita constantemente.

«E deves conservar uma expressão alegre e prazenteira. Não podes pensar em qualquer cousa divertida emquanto eu desenho?»

«Cá estou pensando n'uma cousa deliciosa. Posso mesmo vel-a agora», gritou o Melharuco todo influido. «E' um pequeno gorgulho que está do outro lado do ramo da macieira. Se parares um minuto, posso ir apanhal-o.»

E sem esperar pelo consentimento da Gralha, voou para o outro lado da macieira, trepou pelo ramo acima, apanhou o gorgulho no bico, e enguliu-o, voltando depois com as pennas todas eriçadas.

«D'esta maneira não te posso pintar», disse a Gralha, «primeiro que tornes a alizar as pennas ainda levas uns dez minutos».

«Não tanto como isso», disse o pequeno Melharuco, alizando alegremente as penninhas eriçadas.

O ramo da macieira nada dizia, mas como o sol estava quente, ia abrindo os seus botõesinhos; e quando a Gralha começou outra vez a desenhar, disse para elle: «Que estás tu a fazer?»

«Vou-me abrindo», replicou o ramo de macieira.

«Deixa-te d'isso, que me causas transtorno», disse a Gralha toda furiosa, «estavas muito mais bonito ainda agora quando ainda tinhas os botões fechados.»

«Não posso evitar que elles abram», respondeu o ramo. «São os raios do sol. E' melhor desenhares-me primeiro».

«E' isso que estou fazendo», respondeu a Gralha.

Emquanto isto se passava, o passarinho tinha estado quieto, mas como nunca se podia conservar assim mais de tres segundos, estava agora dando uma cambalhota, e na occasião em que a Gralha começava outra vez a desenhar, achava-se elle pendurado pelos pés e de cabeça para baixo.

Essa posição não era talvez das mais apropriadas para um retrato!

«Quando deixares de dar cambalhotas, fazes-me grande favor» disse a Gralha muito exaltada.

O passarinho poz-se de pé n'um instante. Nunca se podia mover devagar.

«Prompto!» disse elle; «mas estou pensando n'uma cousa deliciosa. É uma linda borboleta azul que pousou no tronco da macieira. Podes bem esperar um minuto, emquanto eu vou ver se a apanho.» E fugiu outra vez saltitando.

Mas a borboleta é que não se deixava agarrar com facilidade. Viu o Melharuco a distancia, e começou a esquivar-se voando d'um lado para o outro com tanta habilidade que o Melharuco por fim foi obrigado a desistir.

Quando chegou outra vez ao ramo, encontrou todos os botões abertos, e viu que a Gralha tinha desapparecido.

«Onde está a minha amiga, a artista Gralha?» perguntou o passarinho muito admirado.

«Foi-se», respondeu a flor da macieira. «Disse que quando tu chegasses, eu estaria já aberta de todo, e não prestaria para pintar, e que não pousavamos com socego, não serviamos para modelos.»

Aqui a flor da macieira deitou algumas lagrimas. Foram umas petalas côr de rosa que se espalharam em baixo na relva verde.

A divisão apagada

O Raul passou sem querer a manga pela sua ardosia, por fórma que se apagaram muitos algarismos de uma divisão que elle acabara de fazer. Representando por pontos os algarismos apagados, a operação apresentava-se assim:

```
.7.9.  215
...    1..
.5.9
.5.5
  .4.
  ...
```

Lembrava-se elle de que a divisão terminara sem resto, e, como era esperto, conseguiu preencher todos os algarismos que se tinham apagado. Como fez isso?

(A solução virá no numero seguinte.)

O professor faz uma pergunta a que o examinando não sabe responder de prompto.

— Então, menino, ficou atrapalhado com a minha pergunta?

— Nada, não senhor. A pergunta é clarissima; o que me atrapalha é a resposta.

ECLIPSES

As sombras, que nós vemos muita vez atravessarem os campos, os montes e o mar, são as sombras das nuvens. Veem-se melhor quando são projectadas por pequenas nuvens de contornos nitidos, que correm rapidamente, passando por deante do sol n'um dia claro. A rapidez do movimento

depende em parte do vento, que tem velocidade variavel, e em parte da altura das nuvens.

Ha uma sombra enorme, milhares de vezes maior que qualquer d'essas, que em todos os tempos tem produzido grandes terrores aos homens. E' a sombra da propria terra, projectada sobre a lua. Acontece ás vezes que a terra se colloca no caminho da luz que cae do sol sobre a lua, e produz assim o que chamamos um eclipse da lua. Quando n'esse mo-

mento olhamos para a luz, vemos uma sombra redonda que vae passando sobre ella.

Umas vezes passa apenas sobre uma parte da lua, e a isso chamamos um eclipse parcial; outras vezes cobre-a inteiramente por instantes, e a isso chamamos um eclipse total da lua. O feitio redondo d'essa sombra é uma das provas de que a terra é realmente redonda ou espherica.

D'antes, os homens assustavam-se immenso com estes eclipses e com os do sol. Julgavam que era um aviso de qualquer cousa terrivel que estava para acontecer. Mas hoje sabemos que o primeiro phenomeno resulta

apenas da sombra da terra sobre a superficie da lua.

Quanto ao eclipse do sol, é resultado da passagem da lua entre o sol e a terra, interceptando a luz que esta recebe. Poucas vezes acontece o sol ficar completamente eclipsado; mas quando tal succede n'um dia claro o effeito é extraordinario. Escurece de repente, até parecer noite; arrefece o ar; cae orvalho; as aves preparam-se para dormir e as llores tambem; tudo isto muitas vezes no meio do dia, sem uma nuvem no ceu. Depois, tambem de repente, volta a claridade.

A passagem da lua sobre o sol é muito vulgar, mas o que é raro é que ella cubra completamente por momentos a superlicie do sol. São esses os phenomenos mais interessantes. Sabe-se de antemão quando devem succeder, e em que partes do mundo melhor os podemos observar, e quanto tempo exactamenle durará o periodo de escuridão. Fazem-se grandes preparativos, e os sabios vão com telescopios, machinas photographicas e varios ontros apparelhos até aos pontos mais

remotos, só para gozar essas dezenas de segundos, que podem chegar a quatro minutos apenas, durante os quaes a lua tapará exactamente a superficie do sol. Porque durante esses poucos segundos veem-se e aprendem-se cousas a respeito do sol, que n'outra qualquer occasião não conseguimos obter.

Literatura Brazileira

EDIÇÕES DA LIVRARIA **Francisco Alves & C.ª**

RIO DE JANEIRO

A' venda na administração d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferrejial, 6, 1.º — **LISBOA**

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida, 2.ª edição. 1 vol. in 8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

O Livro das Donas e Donzellas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in 8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo, por Mademoiselle H. S. Brés, album ilustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart. 750

Minha Historia Sagrada, tradução do Dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in 4 francez, ilustrado de numerosas e belissimas gravuras e cromos 750

Meu Livro de Mafucas. — Um livro ricamente encadernado 750

Historias de Fadas, livro para creanças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pags. ilustrado, impresso e encadernado em Paris 500

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente ilustrado 750

Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente illustrado 750

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris 750

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart. 500

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado 500

Era uma vez... contos para crianças, pelo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in 16, ilustrado com dezenhos orijinaes de Norfini 500

PREÇOS MOEDA PORTUGUEZA

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA OS SÃOS e CURA OS DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907
Medalha de Prata — S. Luiz 1904

UNICOS EXPORTADORES:

Assis & C.ª — LISBOA

Endereço telegrafico: **MOURAGUAS**

Codigo "RIBEIRO"

Estas aguas perfeitamente limpidas, transparentes, inodoras, incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas da bexiga e vias urinarias; efficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analise chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: *atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e liticas.* Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de **MUITO PURA.**

2.ª SERIE Agosto 1910 N.º 15

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

— Se não fosse o Tótó, o carro não andava uma polegada!

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro

DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'**A Editora** — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres

da officina Photomecanica de **Thomaz Bordallo Pinheiro** — LISBOA

Serpentes gigantes

A Giboia

As maiores serpentes que existem no mundo são a giboia (boa constrictor), a python e, acima de todas, a anaconda, que se encontra principalmente no Brazil e no Peru, e que chega a attingir 12 e 13 metros de comprimento. Todos estes enormes reptis se movem não em curvas arqueadas, como se vê em muitos livros, mas deslisando pela terra, curvando o corpo em ziguezagues no sentido horizontal. Para isso, cada um dos 300 ou 400 pares de costellas, que ellas possuem, faz o effeito de uma especie de pé, juntando-se n'uma forte escama na parte inferior do corpo, actuada por um musculo delgado mas vigoroso. È preciso, para que o animal ande, que essas escamas façam firmeza nas rugosidades do solo; por isso o movimento é-lhe vedado n'uma superficie liza, como gelo ou vidro. È por isso tambem póde trepar com a maior facilidade ás mais altas arvores.

Encontram-se estes monstros com mais frequencia nos rios e nos charcos, ou deitados na rocha, com a apparencia de troncos cahidos, mas vigilantes á espreita da preza. Fóra de agua não são tão ageis como a maior parte das serpentes, mas nas arvores são activas e mortiferas, constando que chegam a atacar entes humanos.

Todas as serpentes teem certos caracteres communs. Não possuem palpebras movediças como os lagartos. Mudam frequentemente de pelle no percurso do anno. Teem todas

uma cobertura de pelle que protege os olhos dos espinhos. Mas o mais curioso é a maneira por que são formadas as bocas. A queixada inferior é constituida de duas metades ligadas no mento por um musculo rijo. Assim a serpente, quando come, escapula possivel. Mas, segurando a preza com uma das metades da maxilla, a serpente póde, movendo alternadamente cada uma d'essas metades, enfiar o animal pelas guelas abaixo.

È espantoso o poder de distensão

A serpente Python

aboca com uma d'estas metades, emquanto a outra, aberta, se adeanta prestes a agarrar nova preza.

Estas serpentes não teem colmilhos peçonhentos. Quando cravam os dentes n'um animal, não podem mais largal-o. Os dentes, em tres ou quatro fiadas, curvam todos para o lado da garganta, por forma que, uma vez agarrado o animal, não ha que existe nas maxillas, guela e corpo das serpentes. Nenhuma póde mastigar os alimentos; teem de os engulir inteiros. Quando succede a presa ser um carneiro, um pequeno gamo ou corço, um cão grande, calcule-se como será consideravel a distensão. Não se sabe bem o que póde engulir a serpente python. Consta que no ventre de uma se en-

controu uma vez um bode adulto, cujos chifres causaram a morte do voraz reptil. Por outro lado, diz-se que é impossivel á giboia engulir preza maior do que um carneiro adolescente.

Mas de que ella tenta devorar homens, já houve em Londres um exemplo frizante.

Estava o tratador no ponto de offerecer uma gallinha a uma giboia esfaimada, quando o reptil, ao arrojar-se sobre a ave, colheu por engano, em vez d'ella, a mão do pobre homem. N'um momento o terrivel monstro se lhe enroscou no braço e no pescoço, derrubando-o e paralysando-lhe os movimentos. Salvaram-n'o dois outros tratadores, á custa de grandes esforços, e só depois de terem partido os dentes da giboia, cravados na mão do homem.

Dá-nos isto a ideia da força e da ferocidade de similhantes monstros. Uma vez agarrada a victima, apertam-n'a com as roscas colossaes, e com força medonha lhe esmagam carne e ossos. Nem o abraço do urso chega á violencia do enroscamento de uma grande python. As da India chegam a medir 10 metros e as da Africa Occidental mais de 8, e os corpos teem a grossura maxima de uma coxa de homem robusto.

A familia da giboia inclue a python, a anaconda e a boa constrictor ou giboia propriamente dita. Trepando ás arvores, suspendem-se pelas caudas aos troncos.

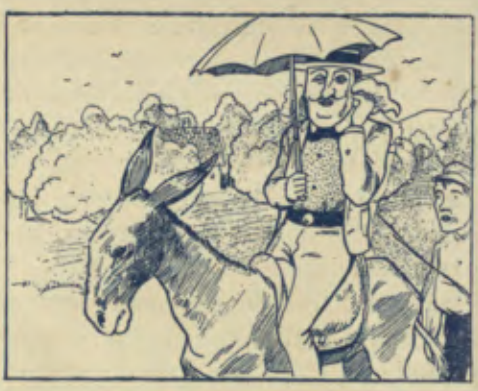
Teem rudimentos do que eram em tempos remotos membros posteriores ou pernas. São menos temidas estas serpentes do que as venenosas, por isso que, em regra, não atacam os homens senão quando estão esfomeadas. N'esse caso, tudo lhes serve. No jardim zoologico de Londres, houve uma que, ao despertar depois de um prolongado jejum, enguliu um tapete grosso que encontrou a geito.

Mas outro exemplo extraordinario da voracidade das giboias foi o succedido no mesmo jardim em 1894. Existiam juntas n'uma jaula duas giboias, uma com cerca de tres metros e meio e outra com um pouco menos de tres metros de comprido. O tratador, uma noite, deixou na jaula um casal de pombos, e antes de se ir embora viu a serpente maior engulir um d'elles.

De manhã, estava apenas na jaula a giboia maior, parecendo inchadissima. A outra giboia desaparecera; a companheira tinha-a devorado. Eis a explicação: A giboia maior, depois de engulir um dos pombos, viu o outro preso na boca da companheira. Arremeteu para o empolgar, mas n'isto colheu tambem a cabeça da outra giboia. Não podendo desaferrar os dentes para a soltar, foi-a engulindo com todo o descanço, e quando chegou a manhã havia duas serpentes n'uma só. O voraz reptil esteve 28 dias sem comer, até que despertou, e, para provar que não perdera o apetite, devorou logo um enorme pombo.

PASSEIO PELO CAMPO

1 — Muito lamento os desgraçados que ficam na cidade n'este tempo de calma. Como vou gozar o meu passeio!



2 — Demonio! Apezar do guarda-sol, a soalheira torra a gente! E este maldito burro sempre a choutear!

3 — Sentemo-nos á sombra d'este toldo! Eia que mosquedo! São capazes de me comer vivo!

4 — Lindissima ...eira! As palhas parecem de ouro ... fazem ver as estrellas quando entram pelos olhos de uma pessoa.

5 — Tenho a cabeça a arder. Receio uma congestão. Mettamos os pés em agua a ferver.

6 — Com effeito! Re... o hospital, fartinho de passear pelo ...

Bonifacio o mandrião

Era uma vez um rapaz que se chamava Bonifacio, e que vivia com a mãe n'uma casa muito triste. Eram pobrissimos, e a mãe que era já velha ganhava a sua vida fiando; mas Bonifacio era tão mandrião que não fazia senão aquecer-se ao sol no tempo quente, e sentar-se n'um cantinho da lareira no inverno.

A mãe não tinha meios de o decidir a fazer qualquer cousa, e por fim

disse-lhe que se elle não começasse a trabalhar e a ganhar alguma cousa punha-o fóra de casa, e não queria saber mais d'elle.

Esta ameaça fez com que Bonifacio fosse procurar trabalho. Um lavrador visinho contractou-o por um vintem por dia; mas como Bonifacio costumava andar sempre sem dinheiro, perdeu-o quando passava por um ribeiro.

«Idiota!» disse-lhe a mãe, «devias tel-o mettido na algibeira.»

«Para a outra vez assim farei», replicou Bonifacio.

No dia seguinte, ajustou-se com um vaqueiro, que lhe deu um copo de leite em paga do seu trabalho. Bonifacio pegou no copo e metteu-o na algibeira, onde logo se entornou.

«Deus do ceu!» exclamou a mãe, «devias tel-o trazido á cabeça.»

«Para outra vez assim farei», replicou Bonifacio.

No outro dia, Bonifacio voltou a trabalhar n'uma quinta e á tarde o lavrador deu-lhe um queijo, que elle poz logo á cabeça. Quando chegou a casa, parte d'elle estava inutilisado, misturado com o cabello e todo sujo.

«Que grande parvo!» disse a mãe, «devias tel-o trazido na mão com todo o cuidado.»

«Para outra vez assim farei», replicou Bonifacio.

No dia seguinte, tornou a voltar ao trabalho, onde lhe deram em logar de dinheiro um gato, que elle trouxe na mão com muito cuidado, mas pelo caminho o gato tanto o arranhou que elle deixou-o fugir.

Quando chegou a casa, a mãe disse-lhe:

«Pedaço de idiota! Devias tel-o prendido com um cordel, e arrastal-o atraz de ti.»

«Para outra vez assim farei», disse Bonifacio.

No outro dia trabalhou n'um talho, onde lhe recompensaram o seu trabalho com uma perna de carneiro. Bonifacio pegou no carneiro, prendeu-o a um cordel, e foi-o arrastando atraz de si, de maneira que quando

chegou a casa tinha a carne toda estragada. D'essa vez a mãe perdeu de todo a paciencia, pois no dia seguinte era domingo, e a pobre mulher só tinha para o jantar uma couve.

«Pedaço de idiota!» disse para o filho. «Devias ter trazido a carne ao hombro».

«Para outra vez assim farei», replicou Bonifacio.

Na segunda feira foi mais uma vez em procura de trabalho, e arranjou guardar gado, durante o dia, pelo que lhe deram um macaco. Apezar de ser forte, custou-lhe a trazer o macaco ao hombro; mas por fim lá conseguiu caminhando muito devagar e com todo o cuidado. Acontecia que no caminho tinha de passar por uma casa onde vivia um homem rico com uma filha unica, uma bonita rapariga, mas surda-muda. Essa rapariga nunca tinha rido, e os medicos diziam que ella não melhoraria sem a fazerem rir. Muitas vezes tinham tentado a experiencia, mas sem resultado, e por fim o pae tinha-a promettido em casamento ao primeiro homem que a fizesse rir.

Na occasião em que Bonifacio passava pela rua onde ella morava a rapariga chegou á janella, e vendo o rapaz com o macaco pousado no hombro, n'uma posição muito comica, deu uma gargalhada, e ficou logo a fallar e a ouvir. O pae, muito satisfeito, cumpriu a sua promessa, e casou-a com Bonifacio, que d'esta maneira se tornou um homem rico.

Viveram n'uma linda casa, e a mãe de Bonifacio viveu com elles feliz e contente por muitos annos.

Protector dos animaes

— Vê se encontras no saco uma capa
P'r'abafar minha linda Lulu!
— Tudo queres p'r'a tua boneca,
E o cavallo, coitado! está nu.

— Mas nós 'stamos no pino do inverno,
E á boneca uma capa convem.
— Ora adeus! quando ha frio, é p'ra todos,
E os cavallos são gente tambem.

Bichaninhos travessos

Meninos, tenham proposito
Portem-se como bons gatos;
Antes quebrem as cabeças
Do que esfarrapem os fatos.

TOALHA PARA CHÁ

Eis aqui um trabalho muito util para um presente d'annos de qualquer amiga ou pessoa de familia. Sendo executado em linho um pouco grosso faz-se facilmente, por ser menos custoso tirar os fios.

Corta-se um quadrado do linho e marca-se á roda a bainha, tirando um

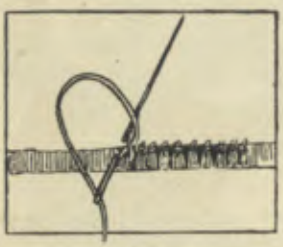


Fig. 1

fio na parte de baixo exactamente onde sobrepõe a parte dobrada.

Para fazer depois a bainha aberta é preciso tirar mais uns poucos de fios, mas como é costume n'este genero de trabalho começar-se pelo centro antes de fazer a bainha á roda, vamos antes de tudo á explicação do entremeio.

Como se vê pela gravura, é muito facil de fazer e pode muito bem ser executada por qualquer das nossas leitoras.

Primeiro que tudo calcula se o espaço da bainha ao entremeio, deixando intervallo bastante para que se possa fazer o ponto espinha que ha d'um lado e d'outro do entremeio, como mostra a fig. 5. Este ponto faz augmentar muito o valor do trabalho.

Como a toalha é quadrada, dobra-se em quatro e marca-se com alfinetes exactamente o sitio onde devem calhar os cantos do entremeio, começando então com cuidado a puxar um fio desde um alfinete ao outro, onde se corta depois rente com uma tesoura.

Faz-se o mesmo com os outros lados, até que esteja um fio tirado todo á roda.

Como os cantos estão agora marcados pelo fio tirado, mette-se uma tesoura muito aguçada no sitio onde se juntam os fios e cortam-se com muito cuidado em linha direita tantos fios quantos se querem tirar, d'um lado e d'outro. Repete-se o mesmo nos outros cantos, e antes de puxar os fios que estão cortados, faz-se um ponto de casa d'um lado e d'outro para impedir que se desfie mais. Puxam-se depois os fios um a um, que saem facilmente.

Para uma principiante não ha ponto melhor que o que nós apresentamos, porque faz vista e é muito simples.

Enfia-se a agulha n'uma linha forte e muito comprida para evitar os remates que são muito maçadores, e começa-se mesmo no meio dos fios tirados, como se vê na fig. 2. Passa-se a linha por cima de dez fios e levando a agulha para traz, faz-se passar por baixo dos cinco primeiros e

Fig. 2

por cima dos cinco ultimos; leva-se a agulha abaixo e dá-se com ella uma volta de maneira que passe por baixo dos dez fios, e fazendo-a vir acima estica-se a linha para que os fios fiquem cruzados. Continua-se para deante a fazer a mesma coisa.

Ha outro ponto tambem muito fa-

cil e que se agradar mais ás minhas leitoras pode substituir o que acabamos de ensinar; é o que vem na fig. 4. Este ponto é uma especie de *ponto de cadeia* dado atravez dos fios

Fig. 3

Fig. 4

tirados. Passa-se a linha por cima de quatro fios e prende-se com o dedo pollegar da mão esquerda, formando assim uma laçada. Faz-se passar a agulha por baixo dos quatro fios, de maneira que quanto se metta seja por fóra da laçada que está formada e quando saia seja por dentro. Vae-se puxando a agulha com cuidado, continuando sempre a segurar a linha com a mão esquerda até que chegue ao fim. Larga-se então a linha e aperta-se bem o nó que está formado.

Se as leitoras olharem com bastante attenção para as gravuras, nem precisarão de ler a explicação para as entenderem.

Quando o centro da toalha estiver terminado é que se trata da bainha á roda, como acima explicamos.

Dobre-se para dentro o panno todo á roda seguindo o fio que já está tirado. Os cantos devem ser voltados com muito cuidado para que fiquem perfeitos, e cosidos a *pontinho*.

Para fazer a bainha basta tirar uns quatro ou cinco fios. Mette-se o bico da tesoura e cortam-se os fios no canto, d'um lado e d'outro, como já ensinámos para o entremeio; puxam-se depois e faz-se a bainha como vem na fig. 1. Enfia-se a agulha n'uma linha bastante comprida, e mette-se vindo de dentro, na parte superior da bainha, puxa-se a linha, contam-se tres fios para deante, e segurando com o dedo pollegar da mão esquerda a linha, faz-se passar a agulha, da direita para a esquerda, por baixo d'esses fios e atravez da laçada formada pela linha. Torna-se a metter a agulha em cima, e segue-se até ao fim a mesma coisa.

Vamos agora ensinar a disfarçar os cantos fazendo lhes umas *aranhas*.

Nas bainhas ordinarias o espaço é tão pequeno que se pode muito bem passar sem fazer a *aranha*, mas nos entremeios em que se tiram mais fios é necessario tapar de qualquer maneira os buracos formados nos cantos.

A fig. 3 dá uma amostra da *aranha*. Cruzam-se umas poucas de linhas d'um lado para o outro, até que o buraco já esteja bastante tapado. Vae-se com a agulha ao meio e começa-se a tecer, passando um fio por baixo e outro por cima, sendo preferivel para isso que as linhas tenham o numero impar, para que o fio fique sempre destrocado.

Faz-se depois d'esse lado e d'outro do entremeio o *ponto espinha* como já dissemos, e para mais enfeite mar-

Fig. 5

cam-se nos cantos uns quadrados, faz-se á roda um ponto de casa, corta-se com uma tesoura o meio do panno, e fazem-se depois umas *aranhas*, como as que acabamos de explicar.

Ingrata!

Minha boneca revela
Que tem genio muito ingrato;
Não me beija, não dá trela
Nem ao preto, nem ao gato,
Que tão amigos são d'ella.

O Burro e o Gallo

Vae de jornada Burrinho amigo,
Sacola ao hombro, cheia de trigo.

Encontra um Corvo que pede esmola,
Dá-lhe uns grãosinhos lá da sacola.

Mais adeante surge-lhe um Gallo,
Que o intimida para roubal-o.

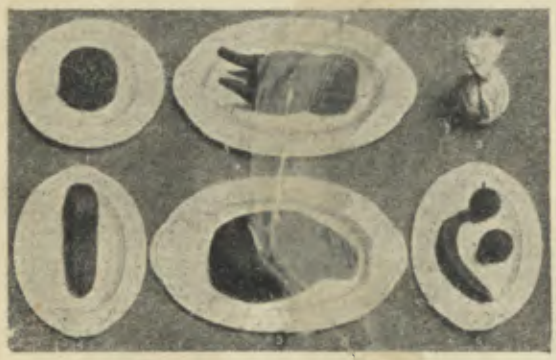
Muito medroso, Burrinho iarga
Ao ladrão perfido a sua carga.

Emquanto alegre canta o velhaco,
Acode o Corvo, furta-lhe o saco.

Reconhecido pelo carinho,
Restituil-o vae ao Burrinho.

Jantar de boneca

Vamos ensinar as nossas leitoras a fazerem um jantar de boneca, não na cosinha e com bons temperos, mas feito de barro, o que lhes dá a vantagem de figurarem todos os dias á meza



da vossa boneca sem o perigo de se estragarem.

Temos então no *menu* um rico perú assado, um saboroso presunto, um bolo inglez, um plum-pudding para o Natal, uma lingua fumada, e um prato de fructas variadas.

Se por acaso fôr difficil aos nossos leitores arranjarem barro, pode-se tambem modelar com farinha deitando-lhe a agua sufficiente para que fique uma massa dura que não se pegue ás mãos. Se o trabalho fôr com barro e se este está rijo e secco, quebra-se em bocados pequenos, salpica-se levemente com agua, e embrulha-se n'um trapo molhado deixando-o assim d'um dia para o outro até que se torne outra vez molle.

Alem do barro é só preciso uma caixa de tintas e um tijolo.

E' preciso fazer as coisas em tamanho proporcionado, por exemplo, não fazer uma laranja do tamanho do perú.

Vamos ensinar aos leitores, como já dissemos, a fazer um perú, um presunto, um plum-pudding, um bolo inglez, uma lingua e um prato de fructa.

Comecemos pelas laranjas que é o mais facil. E' preciso antes de tudo dizer aos nossos leitores que para seccar o barro, depois das coisas modeladas, basta deixal-as umas poucas de horas sobre o tijolo onde se está modelando, mas se forem feitas em massa de farinha é preciso pôl-as no fôrno um instante para seccarem completamente.

Para formar uma laranja faz-se uma bola com os dedos até que fique muito redonda, e que não tenha mais que o tamanho d'uma ervilha; achata-se depois levemente n'um dos lados e pica-se toda á roda com a ponta d'uma agulha de lãs que seja romba, para imitar os poros da laranja. Deixa-se seccar o barro e pinta-se depois com tinta amarella misturada com encarnada.

Para a maçã procede-se exactamente da mesma maneira, achatando depois a bola d'um lado e d'outro, e fazendo com um palito dois furos, um em cima, outro em baixo, espetando no de cima um tronquinho muito estreito. Pinta-se á

roda do tronco com tinta preta, e o resto da maçã em amarello. Deixa-se seccar, e dá-se depois umas pinceladas por cima com tinta encarnada.

Para fazer o pudding pega-se n'um bocado de barro do tamanho d'uma avelã e faz-se com elle uma bola que se embrulha n'um quadrado de panno branco, dando-lhe depois umas pinceladas com tinta escura para fingir manchas do pudding.

O bolo inglez deve ser do mesmo tamanho do pudding. Faz-se primeiro uma bola e achata-se depois a parte de baixo, picando a de cima com um palito para dar a apparencia grosseira do bolo, e pinta-se todo por egual em amarello escuro. Depois da tinta amarella estar secca, fazem-se com tinta preta uns pontos separados e incertos como se fossem as passas de Corintho.

A banana forma-se com um bocad de barro do tamanho de uma ervilha a comprido, curvando-a depois ligeiramente e pintando-a de amarello clar

Dão-se-lhe depois umas pincelad pretas como teem as bananas qu estão completamente maduras.

Vamos agora ao presunto, que se faz com um bocado de barro do tamanho d'uma noz. Forma-se em primeiro logar uma bola, carrega-se depois sobre o tijolo sobre o qual se está trabalhando, de maneira que fique achatado por baixo e por cima. Curva-se depois cuidadosamente com os dedos a parte de cima e forma-se o osso do presunto, que se pinta com tinta castanha.

Trata-se depois da lingua, que é feita com um bocado de barro que tenha a terça parte do tamanho do presunto, e pinta-se com tinta encarnada.

Vamos agora ao perú que é o mais complicado de fazer.

Primeiro que tudo modelam-se separadamente as duas pernas e com dois bocados de barro achatados formam-se as azas. Faz-se em seguida o corpo com um pedaço de barro oval e com os dedos forma-se o osso, como se vê na gravura, se o leitor não tiver nenhum natural por onde possa copiar. Pegam-se depois ao corpo as pernas e azas e pinta-se com amarello doirado para parecer o tostado do forno.

Estas iguarias são dispostas depois em pratos e travessas e servidas á meza das vossas bonecas.

Adivinhar um algarismo

— Escreva um numero de 5 algarismos.

Subtraia d'elle a somma dos 5 algarismos. Risque qualquer dos algarismos do resto. Diga-me qual a somma dos 4 algarismos que não riscou.

— 19.

— Então o numero riscado é 8.

Com effeito, a outra pessoa tinha escripto o numero..... 67208
subtrahindo a somma dos 5 algarismos, 23
resta..... 67185

A somma dos algarismos, excluindo o 8, é 19. O adivinhador dividiu este numero por 9, e depois achou a differença do resto para 9. E' 8, e era esse realmente o numero riscado.

Experimentem com qualquer numero a operação indicada, e verão como surprehendem os espectadores adivinhando sempre o numero riscado. Assim, se no numero que representa o resto de subtracção se tivesse riscado o 1, a somma dos outros algarismos seria 26, noves fóra 8, cuja differença para 9 é 1.

O corvo e a raposa

C'um queijo preso no bico,
O corvo n'um ramo pousa;
Eis que, a farejar petisco,
Aparece uma raposa.

«Olá, viva, senhor corvo!
«Que belleza de animal!
«Se a voz corresponde ao corpo,
«Creia que não tem rival.»

O corvo, desvanecido,
P'ra cantar abre a bocarra,
E deixa cahir o queijo,
Que a raposa prompto agarra.

Diz a matreira: «Meu caro,
«Tenha sempre bem na ideia
«Que o manhoso vive á custa
«Dos tolos que lisonjeia.»

A historia da menina Caridade

Era uma vez uma menina que não tinha pae nem mãe; ambos tinham morrido quando ella era muito pequenina, deixando a filha entregue aos cuidados d'um tio, que era o mais rico lavrador d'aquella terra. Possuia casas e propriedades, grandes rebanhos e manadas, muitos creados a trabalhar nos campos e herdades, uma esposa que lhe tinha trazido um grande dote e, duas filhas muito bonitas.

Aconteceu, que, apesar da pequena ser uma parenta muito chegada, a despresaram, em primeiro logar porque não tinha fortuna, em segundo logar, porque o seu caracter era muito bondoso e humilde. No meio de toda a sua desgraça, a pobre orphã considerava-se feliz, comquanto o tio não a tratasse como familia, e a tia a mandasse trabalhar todo o dia, e dormir n'uma agua-furtada. Todo o dia carregava com baldes de agua, lavava a louça, limpava, e esfregava, mas quando chegava á noite, e recolhia ao seu pobre quarto, dormia tão bem como uma princeza poderia dormir no seu palacio.

Pelo seu feitio bondoso, toda a gente a conhecia pela menina Caridade.

Um dia, durante o tempo das ceifas, depois do trigo ter sido todo cortado, o lavrador convidou os visinhos para uma ceia. Toda a aldeia veiu com os seus fatos domingueiros, e todos se divertiam muito alegres, quando uma pobre velha bateu á porta, pedindo restos de comida, e agasalho para uma noite.

Era a pobre mais feia e mais repugnante que se tinha visto. A primeira pessoa, que deu por ella, foi a cosinheira, que a mandou logo embora, mas a menina Caridade levantou-se do seu logar, no sitio mais humilde da mesa, e disse á velha que

comesse a parte que lhe cabia a ella da ceia, e que podia dormir aquella noite no seu quarto na agua-furtada. A velha sentou-se sem uma palavra de agradecimento.

A menina Caridade n'essa noite só rapou os tachos da ceia na cosinha e dormiu em cima d'um saco de trigo, emquanto a pobre descançava na sua caminha quente, e na manhã seguinte quando acordou, já a velha

se tinha ido embora, sem sequer ao menos ter agradecido.

No dia seguinte, á hora da ceia, a velha tornou a apparecer, pedindo de comer, e cama para dormir. Ninguem fez caso d'ella, até que a menina Caridade se levantou do seu logar, e bondosamente lhe deu a sua ceia, e deixou a dormir na sua cama, como na noite antecedente. E outra vez a velha desappareceu, sem uma palavra de agradecimento. Assim aconteceu durante oito noites; apenas chegava a hora da ceia, a pobre batia á porta, e a pequena offerecia-lhe a sua ceia e a sua cama.

Algumas vezes a velha dizia: «Pequena, porque não arranjas uma cama mais macia? e porque tens tu uns cobertores tão delgados?» Mas nunca lhe agradecia, nem lhe dizia bom dia quando se ia embora.

Por fim, na nona noite, a velha bateu á porta a sua pancada do costume, e ficou parada á entrada com um cão muito feio ao pé de si.

«Boa tarde, pequena», disse para a menina Caridade, que lhe abria a porta. «Esta noite não te peço a tua ceia e a tua cama, vou de jornada vêr uma amiga; mas aqui te deixo este cão que é meu, pois ninguem cá na terra m'o quer guardar. É um pouco teimoso, rabujento, e nada bonito; mas deixo-o ao teu cuidado até ao dia mais curto de todo o anno.»

Depois de ter fallado, a velha desappareceu, tão depressa que a menina Caridade perdeu-a logo de vista. O feio cão começou a focinhar á roda d'ella, e a ladrar a todas as outras pessoas.

Com grande custo a menina Caridade conseguiu que o deixassem no curral das vaccas. Dava ao cão parte da sua comida, e quando elle tossia muito, levava-o para o seu quarto, porque o curral era humido e frio nas noites de inverno. O cão conservava-se quieto em qualquer canto em cima de palha.

A menina Caridade dormia socegadamente, mas todas as manhãs as creadas lhe perguntavam:

«Que luzes tão brilhantes e conversa animada houve hoje na tua mansarda?»

«Não houve luz nenhuma, senão a lua que entrava pela vidraça, e nenhuma conversa que eu ouvisse», respondia a menina Caridade, e pensava que ellas tinham sonhado. Mas a verdade era que todas as noites se via uma luz tão clara como um fogo do Natal, e se ouviam vozes como de conversas, na mansarda onde ella dormia.

Uma noite, uma das creadas resolveu, quando todos estivessem a dormir, levantar-se e ir espreitar pelo buraco da fechadura. Viu o cão a dormir em cima da palha no seu cantinho, e a menina Caridade tambem a dormir com todo o socego deitada na sua caminha, e a lua que se via brilhar pelos vidros da janella; mas uma hora antes do dia nascer, a janella abriu-se, e uma quantidade de fidalgos vestidos de ouro e escarlata, entraram por alli dentro. Marchavam, fazendo grandes reverencias ao cão, que estava deitado na palha, e o mais bem vestido de todos disse:

«Real Principe, preparámos já a

«Real Principe, preparámos já a sala do banquete.»

sala do banquete. Que deseja vossa alteza que se faça agora?»

«Está bem» respondeu o cão. «Agora preparem a festa, e tratem de tudo para que fique o melhor possivel, pois a princeza e eu pensamos levar uma estrangeira que ainda não entrou no nosso palacio.»

«As ordens de vossa alteza serão executadas», disse o fidalgo, fazendo uma reverencia; e elle e toda a companhia desappareceram pela janella. D'ahi a boccado entrava um grupo de damas pequeninas, todas vestidas de velludo côr de roza, e trazendo cada uma d'ellas uma lampada de crystal.

Caminharam fazendo grandes reverencias ao cão, e a mais linda d'ellas todas disse:

«Real Senhor, já preparámos os tapetes. Que deseja vossa alteza que se faça agora?»

«Está bem», respondeu o cão. «Agora preparem os trajes, e arranjem tudo o melhor possivel, pois a princeza e eu tencionamos levar uma estrangeira que nunca entrou no nosso palaeio.»

«As ordens de vossa alteza serão executadas», disse a dama pequenina, fazendo uma grande cortezia; e ella e todas as outras passaram pela janella, que se fechou devagarinho logo que ellas desappareeeram. O cão enroscou se a dormir, a pequena suspirou e voltou-se na cama, e a lua continuou a brilhar pelo quarto dentro. A creada ficou espantadissima, e eontou a historia á patrôa; mas a patrôa chamou-lhe idiota, disse-lhe que ella tinha sonhado de noite, e ralhou com ella.

No emtanto a tia da menina Caridade fieou intrigada, e na noite seguinte, quando todos dormiam, levantou-se da cama, e espreitou pelo buraco da fechadura, observando

exactamente o mesmo que a rapariga lhe tinha contado.

A patrôa não poude pregar olho emquanto não contou o que tinha visto ao marido, que quando ouviu a historia riu, e chamou maluca á mulher. Mas n'essa noite, resolveu ir elle proprio verificar o que havia de verdade, e foi até á agua-furtada, e viu exactamente o que a creada e a mulher tinham já visto.

Ficou a matutar no extranho caso, e lembrou-se que o pae lhe contava que, por meio dos campos, havia um carreiro que conduzia á terra das fadas, e concluiu que as cousas que se passavam na agua-furtada era tudo obra de bruxedo, e que o feio cão devia ser um personagem muito importante.

N'essa persuasão, mandou logo assar carneiro, só para o cão, e trouxe-o para fóra do curral velho onde elle ficava sempre. Mas o cão nem sequer tocou no bom bocado de carneiro que lhe trouxe o patrão. Ao contrario, ladrou ao lavrador, e ter-lhe-hia mordido se elle não fugisse com o bocado de carneiro na mão.

N'esse mesmo dia, quando todos estavam sentados á meza a ceiar, o cão começou a ladrar e n'isto bateram á porta, e viram que era a velha pobre, que lá estava. A velha disse para a menina Caridade:

«É este o dia mais curto do anno, e eu recolho a casa, onde dou uma festa para solemnisar o meu regresso. Vejo que tomaste conta do meu cão, e agora, se queres, vem para a minha casa, elle e eu faremos o que pudermos para te entreter. Aqui está a nossa côrte.»

Emquanto a velha fallava, ouviu-se um som de buzinas e flautas, depois um brilho de luzes; e uma grande quantidade de fidalgos e damas, cobertos de ouro e joias, appareceram dentro de carruagens descobertas, guiadas por lindos cavallos brancos com arreios de prata.

A primeira e mais linda das carruagens estava vasia. A velha pegou na mão da menina Caridade, e seguida pelo feio cão, entrou para dentro. No mesmo instante operou-se uma transformação maravilhosa, a velha mudou-se de repente n'uma linda e joven princeza, emquanto o feio cão se transformou n'um formoso principe, com cabellos anelados, e trajado de purpura e ouro.

«Somos», disseram assim que a carruagem se poz em movimento, «um principe e uma princeza da Terra das Fadas, e tinhamos feito a aposta em como ainda havia gente boa espalhada pelo mundo tão falso e perverso. Um dizia «sim», outro «não».

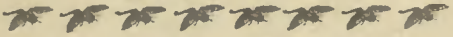
«Eu disse não, e perdi», tornou o lindo principe, «por isso tenho de pagar a aposta, dando-te uma festa e muitos presentes.»

A menina Caridade foi para uma terra tão linda, que não havia egual. Levaram-n'a para o palacio real, onde por sete

dias se dançou para festejar a sua chegada. Deram-lhe fatos de velludo verde pallido para usar, e dormia n'um quarto com embutidos de ébano.

Quando se organisou a festa, o principe e a princeza deram-lhe tantos montes de ouro e joias que ella não podia com semelhante peso, deram-lhe tambem uma linda carruagem puxada a seis cavallos brancos, e na setima noite, quando o lavrador pensava que ella nunca mais voltaria, e estavam sentados para ceiar, ouviram a buzina d'um cocheiro, e viram-n'a dentro toda coberta de joias e ouro. A linda carruagem voltou logo para a Terra das Fadas e nunca mais tornou a casa do lavrador.

Mas a menina Caridade nunca mais lavou a louça nem esfregou, porque se tornou uma dama muito rica e considerada.



A divisão apagada

(Solução)

Começando pelo fim, o Raul achou que 3 era o unico algarismo que, multiplicado pelo divisor 215, dá 4 para o segundo algarismo, por forma que era esse o ultimo algarismo do quociente. Como o primeiro algarismo do quociente é 1, segue-se que o primeiro subtractivo do dividendo é 215. Portanto reconstituiu da seguinte maneira a operação:

```
.7.95 | 215
215   | 1.3
.5.9
.5.5
 645
 645
```

O primeiro algarismo do dividendo deve ser um 3, porque se d'elle se subtrahir 2 sempre ha resto. O primeiro resto será pois 15.9. E' obvio que o algarismo do meio do quociente deve ser 7, e o segundo multiplo para subtrahir deve ser pois 1505. O algarismo por baixo do 0 é 6, por conseguinte o que fica por cima deve ser tambem 6, e o algarismo ao meio do dividendo deve ser 1. Portanto a operação inteira fez-se pela forma seguinte:

```
37195 | 215
215   | 173
1569
1505
 645
 645
```

Bom caçador

— O' homem! Então tu vaes á caça sem cão?

— Podera! Sempre que levo o cão, volto sem elle.

— Perde-se?

— Qual? Sou eu que o mato.

Literatura Brazileira

EDIÇÕES DA LIVRARIA Francisco Alves & C.ª

RIO DE JANEIRO

A' venda na administração d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferrejial, 6, 1.º — **LISBOA**

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida, 2.ª edição. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

O Livro das Donas e Donzelas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo, por Mademoiselle H. S. Brés, album ilustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet 1 belo vol. cart. 750

Minha Historia Sagrada, tradução do Dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in 4 francez, ilustrado de numerosas e belissimas gravuras e cromos 750

Meu Livro de Maficas. — Um livro ricamente encadernado 750

Historias de Fadas, livro para creanças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pajs. ilustrado, impresso e encadernado em Paris 500

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol in 8 pequeno, copiozamente ilustrado 750

Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente illustrado 750

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris 750

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart. 500

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado 500

Era uma vez . . . contos para crianças, pelo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in-16, ilustrado com dezenhos orijinaes de Norfini 500

PREÇOS MOEDA PORTUGUEZA

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908.
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907.
Medalha de Prata — S. Luiz 1904.

UNICOS EXPORTADORES:

ASSIS & C.ª — Lisboa

Endereço telegrafico:

MOURAGUAS

Codigo

"RIBEIRO"

Estas aguas perfeitamente limpidas, transparentes, inodoras, incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas da bexiga e vias urinarias; efficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: ***atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e liticas.*** Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de **MUITO PURA.**

2.ª SERIE Agosto 1910 N.º 16

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

O desventurado Golias salvou-se n'uma jangada. (V. *Aventuras do Golias*, n'este numero)

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro

DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres da officina Photomecanica de Thomaz Bordallo Pinheiro — LISBOA

As proezas do Thomaz

Era uma vez um pobre homem, que vivia n'uma aldeia. Este homem era muito forte, tão forte que n'um dia fazia o trabalho que outro qualquer só poderia fazer em dois dias. Tinha um filho chamado Thomaz. Esse pequeno ia á escola, mas era tão mandrião que pouco ou nada aprendia.

Quando o pequeno fez dez annos, o pae morreu, e a mãe tinha que trabalhar

como uma bruxinha para se sustentar a si e ao filho.

O pequeno continuava tão mandrião, que passava todo o dia sentado a um canto, não fazendo nada para ajudar a mãe, apesar de comer mais que quatro ou cinco homens, pois tinha de altura perto de dois metros e um de largura, emfim, era quasi um gigante, porque só tinha dez annos de edade.

Um dia um lavrador prometteu á mãe uma pouca de palha para o colchão d'ella e para o do filho. Depois de varias instancias da pobre mulher, o rapaz disse que ia buscar a palha, mas que precisava d'uma corda. A mãe deu-lhe a corda, e elle foi ter com o lavrador, que estava com dois homens a debulhar milho n'um celleiro.

«Venho buscar a palha que vossemecê prometteu á minha mãe», disse elle.

«Leva tanta quanta puderes», respondeu o lavrador.

Thomaz poz a corda no chão e pegou n'uma porção tão grande de palha que parecia uma carrada. Os trabalhadores troçavam-n'o, dizendo que elle nunca poderia com semelhante peso. Quando viram a facilidade com que elle poz aos hombros tão grande carrego, deixaram de rir e ficaram todos de boca aberta. O lavrador é que não ficou lá muito satisfeito por perder uma tal porção de palha.

A proeza do Thomaz correu pela aldeia, e todos queriam contractar o rapaz por causa da grande força que elle possuia.

Mas ao Thomaz não lhe sorria a ideia de trabalhar. Gostava mais de correr pelas feiras que havia n'esse tempo e onde se jogavam muitos jogos de força em que pessoa alguma podia competir com elle.

Não era só um gigante pela força, tinha tambem um feitio fanfarrão, e ninguem se atrevia a metter-se com elle, todos tinham respeito ás suas mãos possantes.

Por fim um cervejeiro, que precisava d'um homem forte para lhe levar a cerveja ao mercado, conseguiu contractar

Thomaz, promettendo-lhe um fato todo novo, e tanta comida e bebida quanta elle desejasse.

Thomaz tinha de percorrer todos os dias umas vinte milhas com a cerveja, porque apesar de haver um caminho mais curto, ninguem se atrevia a ir por elle, com medo d'um gigante monstruoso que matava ou apanhava todos os que lhe cahiam nas mãos.

Passado algum tempo, Thomaz cançou-se de fazer uma tão longa caminhada todos os dias e poz na sua ideia passar pela caverna onde morava o gigante. Não disse nada a ninguem, e um dia conduziu o seu carro pelas terras onde vivia o gigante e foi abrindo todas as cancellas, como a desafiar o dono da propriedade.

D'ahi a algum tempo, o gigante avistou-o, e ficou muito espantado da força do Thomaz, pensando, no entanto, que facil lhe seria apanhal-o e roubar-lhe toda a cerveja.

«Atrevido», gritou elle, «quem te mandou vir por este caminho? Vaes ter o pago de me abrires as minhas cancellas com tanta audacia! Vês todas as cabeças que estão penduradas n'aquella arvore? São as cabeças das pessoas que se atreveram a passar pelas minhas terras, e a tua n'um instante lhes vae fazer companhia tambem.»

«Estás muito enganado», respondeu Thomaz, «a minha cabeça não sairá do seu logar.»

«Não?» disse o gigante, zangado e ao mesmo tempo admirado. «Que especie de doido és tu que vens desafiar-me e luctar commigo, sem mesmo trazeres qualquer arma?»

Thomaz ficou um pouco atrapalhado quando viu o gigante ir á caverna buscar um enorme cacete, que era a arma com que se luctava n'aquelle tempo.

«Que poderei eu fazer só com o meu chicote contra um monstro, como este grande gigante?» pensava elle.

N'isto olhou para o eixo da roda do seu carro, pensou que se poderia servir

d'elle como d'um cajado, e voltando o carro tirou-lhe a roda, a qual, depois do eixo fóra, ficou para escudo.

Quando o gigante voltou com o seu cacete, viu como Thomaz estava armado e atirou-lhe logo umas pauladas tão fortes que ao rapaz custou-lhe a defender-se. Por fim conseguiu dar uma pancada valente com o eixo da roda na cabeça do gigante, de tal fórma que o monstro vacillou.

«E agora», disse Thomaz, «ainda imaginas que te has de lamber com a minha cerveja?»

Isto ainda fez com que o gigante ficasse mais exaltado, e tornou outra vez a cair sobre o rapaz com o grande cacete, e Thomaz teve de tornar a defender-se pondo a roda á frente. As pauladas caíam todas na roda e por fim o gigante, cansado, disse a Thomaz que ia beber um pouco e depois voltaria á lucta.

«Não, senhor», respondeu Thomaz, «antes d'isso eu te digo o que te vou fazer.»

E Thomaz deu tão forte pancada no monstro que elle caiu e o rapaz cortou-lhe a cabeça e entrou na caverna, que encontrou cheia de ouro e prata.

Toda a aldeia soube da victoria do Thomaz, e como o gigante tinha sido inimigo do povo, organisaram grandes festejos em honra do Thomaz. Alguns dias depois Thomaz tomou posse da caverna e de todo o thesouro que o gigante tinha deixado. No sitio da caverna, mandou construir uma casa magnifica, deu aos pobres parte da propriedade, e guardou a outra parte para elle e para a mãe.

Tinha tanto dinheiro, que podia ter muitos servos e um grande parque.

Construiu uma egreja no sitio onde tinha morto o gigante. E como se tinha tornado celebre, o povo começou a tratal-o como fidalgo.

Assim viveu muito feliz por algum tempo, caçando e jogando todos os jogos de *sport* d'aquelle tempo, e matando de vez em quando algum ladrão que se afoitava a entrar nos seus dominios.

Um dia, no entanto, encontrou um competidor. Andava pelo parque a passeiar, quando viu um homem muito forte, com um pau ás costas e um grande cão atraz de si, trazendo na boca um saco com ferramentas, pois o homem era caldeireiro.

«Que vens fazer aqui?» perguntou Thomaz todo irritado, pois a riqueza e a prosperidade não o tinham tornado delicado.

«Que tens tu com isso? Os doidos

como tu precisam castigo», replicou o caldeireiro.

E assim continuaram a altercar um com o outro, até que pelo matto soaram as pancadas dos paus que elles cruzavam no ar.

Por muito tempo luctaram, mas o caldeireiro era tão forte que Thomaz teve de se confessar vencido. Thomaz levou o caldeireiro para casa e ornaram-se irmãos de armas e companheiros.

Chegaram aos ouvidos do rei todas as proezas que ambos faziam e mandou-os ir ao palacio, onde lhes foi offerecido um banquete real, para o qual foi convidada toda a nobreza.

E como prova de respeito pela bravura de taes subditos, o rei armou Thomaz cavalleiro e deu ao caldeireiro uma recompensa em dinheiro que o tornou rico para o resto da vida.

Quando Thomaz voltou para casa, com grande desgosto soube que a mãe tinha morrido emquanto elle estivera na côrte, e começando a achar-se muito só no grande palacio que habitava, resolveu ir procurar esposa. Começou a fazer a côrte a uma joven viuva, que ao principio lhe dava alguma attenção. Mas um dia em que Thomaz chegou de improviso, viu-a com outro pretendente, mais bonito e mais elegante que elle, e que começou a depreciar Thomaz, chamando-lhe toda a qualidade de nomes feios que lhe ocorriam.

Thomaz pediu-lhe que o acompanhasse ao pateo de entrada, para alli regularem as suas contas, e deu-lhe tal piparote que o fidalgote voou sobre os telhados das casas, indo cair n'um lago muito longe, onde um pastor que passava conseguiu salval-o.

O fidalgo quiz então vingar-se de Thomaz e arranjou uns vinte homens armados, que o atacaram quando elle ia para a egreja no dia do casamento; mas Thomaz pediu emprestada uma espada e com tanta habilidade se serviu d'ella, que ainda que não matasse nenhum homem, feriu-os a todos e salvou-se sem uma beliscadura.

Celebrou-se então a ceremonia nupcial e Thomaz deu uma grande festa que durou quatro dias.

Quando o rei soube do casamento de Thomaz convidou-o a ir visital-o com a esposa e recebeu-os muito graciosamente.

Durante a visita soube-se que andava

um grande gigante montado n'um dragão e que devastava as terras por onde passava. O rei, muito assustado, disse a Thomaz que o fazia governador da capital do reino, se elle conseguisse matar o gigante e o dragão.

Thomaz foi então viver para um castello muito alto, d'onde se podia ver uma grande extensão de terras.

D'ahi a tempo, avistou o gigante montado no medonho dragão.

O gigante só tinha um olho, collocado no meio da testa, redondo, e côr de fogo. Tinha uma apparencia terrivel,

com o cabello muito crescido e a barba a brilhar como se tivesse faiscas.

Thomaz ficou só surprehendido, mas não amedrontado, quando um dia viu o dragão com o gigante em cima, a rondar-lhe o castello. Depois de examinar Thomaz com o seu unico olho, o gigante atou o dragão a uma arvore, e dirigiu-se ao castello, como se tivesse a intenção de o destruir; Thomaz da janella arremessou um grande pedregulho, o gigante caiu, e nunca mais se poude levantar, porque Thomaz veiu com a sua espada e logo lhe cortou a cabeça com uma espadeirada. Em seguida, voltou-se para o dragão, e fez-lhe o mesmo, (ainda que para lhe cortar a cabeça, fossem precisas umas quatro espadeiradas) e mandou as duas cabeças de presente ao rei.

Esta historia vae já bastante longa, e não nos podemos alongar em mais aventuras, mas os meus meninos ficam sabendo que, emquanto viveu, Thomaz fez frente a todos os perigos, e limpou a terra de leões, ursos e tigres; mas como e quando morreu, não o pode-

mos dizer, pois até agora ainda não o soubemos.

A ESCOLHA DO REI

Ha um rôr de annos, apaixonaram-se um pelo outro um Principe e uma Princeza da India; mas os paes andavam em guerra, e oppuzeram-se ao casamento. Os namorados fugiram então, e esconderam-se n'uma grande floresta.

A' noite, andando o Principe á procura de mantimentos, veiu um salteador e roubou a Princeza. Levou-a para uma caverna, e adormeceu. Mas a Princeza levantou-se de manso, atou-o de pés e mãos, vestiu o fato d'elle, montou no cavallo, e partiu em busca do Principe.

Em vez de o encontrar, chegou de manhã á grande cidade de Cachemira. Estavam todas as ruas atulhadas de povo, que observava anciosamente os movimentos de um elephante. Tinha morrido o rei da cidade e toda a sua familia, e o povo desejava encontrar um rei novo. Ora como toda a gente na India crê que um elephante é capaz de denunciar quem é de sangue real, tinham largado aquelle elephante e estavam á espera que elle indicasse quem reconhecia por senhor.

Com grande snrpreza de todos, o elephante correu para a Princeza disfarçada, e ajoelhou defronte d'ella. O povo soltou acclamações de alegria, levou a Princeza em triumpho para o palacio, e poz-lhe na cabeça a corôa real. Ella vestiu então trajes de rei, e ninguem sonhou que não era homem.

Mas quando o Principe afinal chegou á cidade em sua procura, ella declarou ao povo que era uma Princeza. Então o Principe foi acclamado rei, e ella, casando com elle, ficou sendo a rainha.

Aventuras do Golias

Chamava-se Golias este elephante, e desde pequenino tivera sempre a mania de viajar. Quando via passar algum navio a distancia, extendia logo a trombinha, como se pedisse ao capitão que o levasse para longes terras.

Passaram annos sem que este desejo fosse satisfeito. Até que uma vez, entrando elle já pela mocidade, se lhe deparou occasião de satisfazer o seu desejo.

Estava a familia a banhos n'uma praia á beira-mar, quando succedeu alli apparecer um grande navio que fundeou na bahia.

Amigo Golias, como dispunha de algum dinheiro, concertou-se com o capitão para que o tomasse a bordo, arranjou em segredo a sua bagagem, e uma bella manhã, emquanto a mãe tomava fresco na praia e os irmãos pequenos brincavam muito contentes, metteu-se sorrateiramente no bote do navio, e só se despediu da familia quando se viu a distancia respeitavel da terra.

Imaginem os berros da pobre mãe, ao vêr inesperadamente afastar-se o seu querido Golias, talvez sem esperança de o tornar a abraçar!

Mas o Golias pouco se importou

Tratou de recorrer ás suas manhas de alfayate.

com as saudades que deixava. Ia cheio da anciedade de vêr novos

paizes civilisados, cidades floresecentes e grandiosas, monumentos soberbos, paizagens magnificas, sumptuosos edificios, riquissimos museus.

Todos esses sonhos se lhe desvaneceram dentro em pouco. De-

pois de umas semanas de viagem, o navio naufragou á vista de uma illha desconhecida, e o desventurado Golias, mais feliz ainda assim que os seus companheiros, salvou-se n'uma jangada, onde conseguiu, graças á sua esperteza, juntar alguns mantimentos e varios petrechos de guerra.

Para alcançar terra, teve de deitar-se a nado, e só com muito custo conseguiu trepar a alguns rochedos

contra os quaes as ondas ameaçavam despedaçal-o.

Escapou da morte, é certo, mas não escapou de uma tremenda constipação, porque isto de naufragar é celebre como molha uma pessoa.

Fartou-se de tremer, de espirrar, de assoar a tromba. Felizmente, deparou-se-lhe uma cabana deshabitada onde se abrigou, e tratou logo de recorrer ás suas manhas de alfayate, arranjando uma fatiota mais

quentc, que o livrasse de futuras constipações.

Agora, o que importava era arranjar de comer, porque os mantimentos da jangada eram poucos e estavam bastante avariados. O Golias valeu-se da tromba, guarnecida da competente fisca, para apanhar peixe na ribeira proxima. E como as espingardas e as munições de guerra tinham escapado secas e sem incidente de maior, improvisou-se desde logo habil caçador.

O que lhe custou mais foi a cosinhar. Nunca imaginara o Golias que tão difficil fosse a arte da cosinha. A cada passo, antes de ter as costelletas assadas a ponto, descobria nodoas de gordura na fatiota que tanto trabalho lhe déra. E com os seus hábitos de aceio, ia ao arame com estas descobertas.

Não encontrava na ilha ente vivo, a não ser uns macacos que se divertiam a fazer-lhe piraças emquanto elle dormia a sesta, estiraçado n'um tronco. E todos os dias, sentado á beira-mar, examinava o horizonte com o seu bom oculo, á espreita do navio que o transportasse para terra habitada.

Mas, qual historia! a tromba cançava-se de segurar o oculo, e a respeito de navios, nem sombra d'elles.

Uma bella manhã, o Golias, andando a passear pela praia, teve um sobresalto de contentamento: descobrira na areia pegadas, que lhe denunciavam a proximidade de quadrupedes.

Mas o contentamento depressa se lhe mudou em terrivel apprehensão: uma horda de lobos selvagens, armados de azagaias, avançava para

A tromba cançava-se de segurar o oculo.

Fizeram um destroço completo nos inimigos.

elle de uma eminencia. Precedia-os um urso de apparencia ferocissima, que arreganhava para elle a dentuça.

Mas o Golias, com a sua excellente espingarda, fez frente aos inimigos vantajosamente. Cada tiro era um lobo que succumbia, e cada morte de lobo era um augmento de terror na horda selvagem. Tão aterrados estavam, que o Golias por fim os dispersou á coronhada, e só lhe ficou nas patas o urso que elle tinha aprisionado.

Fez d'elle um servidor e um amigo, e deu-lhe o nome de Fiel, para o estimular e enchel-o de confiança.

Teve immensa difficuldade em lhe ensinar o manejo de espingarda. O urso tinha a começo muito medo d'ella, tomava-a por coisa viva, e quando ella disparava, o assustado bicho disparava tambem por alli fóra a sete pés.

Um dia veiu parar á praia um grande caixote, cheio de comestiveis: compotas, bolachas, mel, garrafinhas de licor, guloseimas varias. Foi um banquete opiparo que os dois tiveram em companhia de um papagaio que se lhes tinha juntado, e que não fazia senão berrar:

«O' Fiel, dá cá mais biscoitos ao papagaio!»

Mas o Fiel, todo entregue á faina de lamber o mel dos bojudos boiões

não lhe dava ouvidos, o que produzia uma algazarra formidavel da parte do amigo das pennas verdes.

Algazarra foi ella que não lhes permittiu perceber a approximação do exercito dos lobos selvagens, que vinham colher de surpreza os moradores da cabana.

Quando deram pelos inimigos,

estavam elles já a poucos metros de distancia, d'esta vez mais aper-

cebidos de armas: frechas, machados, pesadas cachamorras, além das costumadas azagaias.

Embora apanhados de barriga cheia, o Golias e o Fiel fizeram um destroço completo nos inimigos, portando-se como dois heroes.

Dos lobos, só não fugiram os que ficaram mortos no campo.

Era comtudo preciso precaverem-se contra novas invasões. O Golias queixava-se de que não podia dormir de noite, com receio de ataque.

«Estou magro como um espeto e amarello como cidra», dizia elle ao

urso. «E' por eu te haver recolhido que elles redobraram de raiva. Por conseguinte, vê se os miolos te servem para engendrar qualquer meio de vivermos em socego.»

O Fiel meditou uns momentos, e, como estava cada vez menos bruto, teve uma ideia.

«Façamos uma estacada, ahi a cousa de vinte metros da cabana.»

«Magnifico!» bradou o elephante. «Lavre lá dois tentos, seu Fiel!»

Puzeram mãos á obra, e não tardou que com as taboas e pregos salvos do naufragio, elles construissem uma estacada valentissi-

O Fiel desandou aos tiros.

ma, ao abrigo da qual tomavam fresco, cavaqueando e fumando cachimbo.

Mas o Fiel tomara gosto aos in-

ventos, e d'ahi a pouco rebentou com outra ideia.

«Tratemos de nos safar da ilha, para vêr se voltamos a terras de gente civilisada.»

«Mas como ha de ser?» perguntou o Golias.

«Ora essa!» redarguiu o urso. «E' facil! E' fazer um bote.»

«Está dito! Vamos a isso!»

Fez-se com effeito o bote. Estava perfeito. Não lhe faltava nada. Metteram-se os dois dentro, e o bote começou a gemer e a mergulhar, quasi com a borda só fóra de agua.

N'isto, o papagaio, que ficara em terra, desatou aos berros:

«Ah! marotos! que se safam sem o papagaio.»

Voou para elles, e veiu pousar no hombro do Golias. Mas o bote, ajoujado com este pequeno excesso de peso, afundou de vez, e os dois tiveram que salvar-se a nado, emquanto o papagaio voava de novo para terra, gritando a rir:

«E' bem feito! é bem feito! para não serem egoistas.»

Ficaram tristissimos por ter gorado o seu plano. Mas na manhã seguinte, ao acordarem, tiveram um alegrão.

«Uma vela á vista! uma vela á vista!» bradaram.

Era com effeito um navio que passava perto da ilha. Os dois amigos correram á beira-mar, o Golias arvorou uma bandeira improvisada

com o seu casaco, e o Fiel, para chamar a attenção do navio, desandou aos tiros, com tanto alvoroço que encheu o casaco de furos e por um triz não vara a enorme orelha do companheiro.

Mas deu bom resultado esta balburdia. O navio atravessou, arriou um escaler, e os amigos, pulando de contentes, viram approximar-se da praia uma esplendida guarnição de leões embarcadiços, que vinham salval-os.

E, emquanto elles se precipitavam, cheios de enthusiasmo, nos braços dos salvadores, dando vivas e cantando hymnos, o papagaio dançava alegremente na areia, berrando:

«Papagaio real!
«Quem passa?
«São leões que nos levam na barcaça.»

ENCONTRO IMPORTUNO

Fui colher flores,
P'ra casa corro.
Deixe que eu passe,
Senhor cachorro.

Deixe que eu passe,
Vá! não me morda.
'Spere que eu esteja
Muito mais gorda.

Se ainda teima,
Chamo socorro.
E o Papá bate-lhe,
Senhor cachorro!

Males que veem por bens

1 — O pobre Onofre, por mais notabilidades que tenha consultado, não consegue ver-se livre da horrivel marreca. Lá vae passeando com o seu fiel Tótó, com vergonha de ser visto pela humanidade.

2 — Encostado á porta do seu alfayate, encontra o seu amigo Gregorio, com quem se detem a cavaquear.

3 — Mas n'isto, zás! a porta metallica da loja desaba de repente em cima do desgraçado Onofre e do fiel Tóto.

4 — Gregorio, afflicto, curva-se sobre o amigo que geme com dores e contempla as metades apartadas do fiel Tóto.

5 — Onofre é conduzido em maca para o hospital, emquanto Gregorio afaga a metade anterior do fiel Tótó.

6 — Tres mezes depois, Onofre vem dar ao alfayate os agradecimentos por o ter livrado da horrivel marreca, e a metade anterior do Tótó ladra alegremente, sem saudades da metade posterior ausente.

Como se desenham e pintam malmequeres

É bom que os nossos leitores, mesmo que tenham ainda pouca edade, vão praticando em coisas que po-

Fig. 1

dem depois tornar-se uteis, como por exemplo a pintura, e que em logar de fazerem bonecos de sua invenção, tentem copiar do natural.

Não digo a copia de figura que é bastante difficil e não se póde aprender sem mestre, mas de fructos ou flores, por onde geralmente se principia. Em logar do malmequer convencional, como o que mostra a nossa fig. 1, porque não experimentam os leitores copiar, mesmo que não seja exactamente, as flores ou os fructos que estão sobre a meza?

Além de se divertirem mais, vão aproveitando o tempo, porque é assim que se começa a apprender.

As nossas gravuras são d'uns elegantes malmequeres copiados do natural com as competentes folhas e botões, pintados sobre papel branco, não sendo preciso para esta importante pintura senão tinta verde para os troncos e folhas, amarella para os olhos e uma côr acinzentada para o fundo que faça sobresahir as petalas dos malmequeres que não se pintam, aproveitando-se o branco do proprio papel.

Faz-se em primeiro logar a lapis,

Fig. 2

não carregando muito, o contorno geral, com a fórma da flôr, como mostra a linha ponteada da fig. 2,

desenhando depois com cuidado o olho e petalas como estão no modelo.

Desenham-se primeiro as que estão mais á frente e que são maiores, fazendo depois as que estão no segundo plano e que são mais curtas.

E' preciso olhar com muita attenção para o modelo antes de desenhar, para se imitar o mais possivel. Quando estiver tudo desenhado, apaga-se com uma borracha a linha do contorno, e dá-se um pouco mais de força com o lapis ás linhas que devem ficar, mas nunca carregando demais. Fazem-se depois as folhas e troncos conforme o modelo.

A fig. 3 dá uma amostra das folhas dos malmequeres.

Depois do desenho prompto, trata-se da pintura, fazendo os malmequeres com tinta branca se o papel em que se trabalha fôr cinzento, ou de qualquer côr em que possam sobresair as folhas; mas se o papel fôr branco o trabalho é differente, pois que é o proprio branco do papel, como acima dissémos, que se aproveita para fazer as petalas. Faz-se primeiro que tudo o fundo n'uma côr acinzentada bastante escura, para que sobresaiam as folhas.

Isto é o mais difficil de fazer, pois é preciso muito cuidado para não sujar a parte já desenhada.

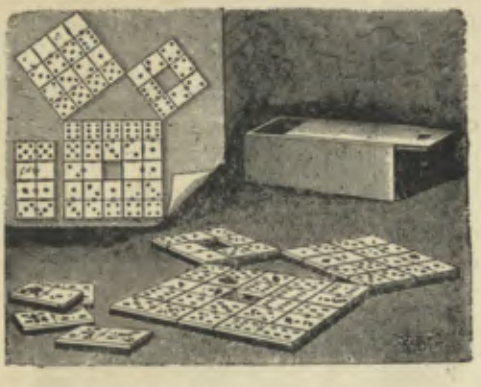
Os leitores devem pensar que a perfeição só vem com a pratica e que, embora os primeiros ensaios saiam maus, não se deve desistir, e que é com a teima que se chega ao que se deseja.

Depois do fundo feito, deixa-se enxugar e só depois de bem secco é que se podem pintar as folhas, bo-

Fig. 3

tões e troncos com tinta verde, e os olhos amarellos. Os traços que dividem as petalas dos malmequeres devem ser feitos com um pincel muito fino para que fiquem perfeitos.

Os modelos que nós damos podem servir aos principiantes.



O quadrado da hypotenusa

Com um simples jogo de dominós se pode demonstrar aquelle conhecido theorema de geometria: *o quadrado construido sobre a hypotenusa de um triangulo-rectangulo é equivalente á somma dos quadrados construidos sobre os dois lados do angulo recto ou cathetos.*

Construamos com os dominós um triangulo rectangulo cujos lados tenham respectivamente a grandeza dos numeros 3, 4 e 5.

Notemos que cada pedra de dominó tem a fórma de um rectangulo composto de dois quadrados.

Sobre a hypotenusa construamos um quadrado e contemos o numero de quadrados pequenos que contém. Acharemos 24, para os quaes foram precisas 12 pedras, e mais um espaço vasio equivalente a um dos quadrados pequenos, os quaes serão portanto em numero de 25.

Façamos a mesma contagem nos quadrados construidos sobre os dois cathetos. No lado 3, empregâmos 4 dominós, com mais um espaço, correspondendo tudo a 9 quadrados pequenos. Finalmente, sobre o lado 4, empregâmos 8 dominós, o que dá 16 quadrados pequenos.

Ora addicionando estes numeros 9 e 16, acharemos o numero 25, que é exactamente o que encontrámos no quadrado construido sobre a hypotenusa.

Esta demonstração é para os mathematicos, mas ha uma observação curiosa para os amadores do dominó.

A figura pequena, á esquerda do nosso desenho, mostra-nos uma combinação de 24 dominós escolhidos propositalmente. Addicionando os pontos dos dominós do quadrado maior, acha-se 75, somma dos numeros dos pontos contados nos dois quadrados menores, os quaes são respectivamente 27 e 48.

Álerta!

Álerta! álerta!
Basta de somno!
Commigo brinca!
Não sejas mono!
Vê se pões termo
A' rapozeira!
Que eu estou morrendo
Por brincadeira!

Literatura Brazileira

EDIÇÕES DA LIVRARIA **Francisco Alves & C.ª**

RIO DE JANEIRO

A' venda na administração d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferrejial, 6, 1.º — **LISBOA**

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida, 2.ª edição. 1 vol. in 8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

O Livro das Donas e Donzelas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo. por Mademoiselle H. S. Brés, album ilustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos do Laet. 1 belo vol. cart 750

Minha Historia Sagrada, tradução do Dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in 4 francez, ilustrado de numerosas e belissimas gravuras e cromos..... 750

Meu Livro de Maiicas. — Um livro ricamente encadernado 750

Historias de Fadas, livro para creanças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pajs. ilustrado, impresso e encadernado em Paris 500

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente ilustrado 750

Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente illustrado 750

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris 750

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart.. 500

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado 500

Era uma vez... contos para crianças, pelo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in 16, ilustrado com dezenhos orijinaes de Norfini..... 500

PREÇOS MOEDA PORTUGUEZA

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908.
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907.
Medalha de Prata — S. Luiz 1904.

UNICOS EXPORTADORES:

ASSIS & C.ª — Lisboa

Endereço telegrafico:

MOURAGUAS

Codigo

"RIBEIRO"

Estas aguas perfeitamente limpidas, transparentes, inodoras, incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas da bexiga e vias urinarias; efficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: *atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e liticas.* Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de **MUITO PURA.**

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

— Não se assustem, que este gafanhoto não é dos que fazem mal. Antes pelo contrario!

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso, ...	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro

DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A **Editora** — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres

da officina Photomecanica de **Thomaz Bordallo Pinheiro** — LISBOA

O jardim

«Menina Maria, já hoje apanhou outro ramo de flores.

«Deve lembrar-se do que a mamã lhe recommendou hontem, e do que eu lhe tenho repetido uma duzia de vezes.

«Essa mão cheia de flores que apanhou, vae murchar como tem acontecido ás outras.»

A ama tinha saido do quarto, na occasião em que Maria vinha do jardim, onde, como de costume, passava a meia hora de recreio, a colher toda a especie de lindas flores que lhe appetecia.

Maria gostava muito, muito de flores, mas tinha o mau habito de apanhar tantas quantas lhe cabiam nas mãos, ou no avental, e depois, não se lembrava mais d'ellas, abandonava-as em qualquer canto sem as metter na agua.

N'essa manhã tinha resolvido pôl-as dentro de jarras, apesar de se sentir muito cansada por ter andado a saltar no jardim; pensava ella que d'essa maneira lhe consentiriam que colhesse depois tantas quantas flores quizesse, sem ouvir ralhos.

Infelizmente, a campainha tocou annunciando o jantar, exactamente quando pegava n'uma jarra para começar a sua tarefa, e ella teve de pôr as flores para o lado, porque a ama tinha muito que fazer e não po dia occupar-se d'ellas.

Depois de jantar foi estudar as lições, em seguida tomar chá, e d'ahi a pouco eram horas de se deitar; e ás dez horas a ama teve mais uma

vez de deitar fóra outro ramo de rosas e mais flores murchas, as quaes ainda de manhã enchiam o jardim de belleza e perfume.

No dia seguinte, quando chegou a hora do recreio, Maria correu como de costume para o jardim.

Já se tinha esquecido do que a ama lhe recommendára no dia anterior, e estava a arrancar uma grande quantidade de reseda, todo florido.

Quando ella já tinha apanhado um raminho, o resedá gritou:

«Minha menina, por favor te peço que não nos arranques mais. Nós somos o sustento das abelhas! Depende de nós dar-lhes de comer, e veem aqui ás duzias para tirarem de nós sustento e mel.

«Espera um bocadinho e verás.»

Maria, muito admirada de ouvir o resedá fallar, ficou quieta e esperou.

Era verdade. Por cima do canteiro, zumbiam grande quantidade de abelhas que estavam trabalhando, pois quando uma voava carregada de mel, uma outra tomava o seu logar.

«Não faz mal», disse Maria depois d'um minuto ou dois de silencio.

«Ha muitas outras flores no jardim que eu posso apanhar», com os olhos já fitos n'uma linda papoula escarlate que crescia a curta distancia. Mas assim que ella estendeu a mão para a apanhar, a papoula exclamou n'uma voz muito zangada:

«Com certeza não tencionas arrancar-me! Não vês que sou eu a unica papoula escarlate que ha no jardim? Se me apanhas, como arranjarão as minhas sementes para o anno que vem?»

A carinha de Maria tornou-se tão escarlate como a propria papoula, nada disse, mas dirigiu-se muito triste para o outro lado do jardim, onde se conservou quieta alguns momentos á sombra d'uma arvore.

Mesmo ao pé d'essa arvore, um lirio branco balouçava-se ao vento com toda a elegancia.

Ainda parecia mais lindo que a papoula, e Maria disse de rijo:

«Eu não gostava d'aquella papoula. Antes quero apanhar este lindo lirio.»

«Não poderás fallar um pouco mais devagar?» disse o lirio.

«Uma pequenina e delgada libelinha está dormindo n'uma das minhas

folhas; chegou aqui ha uma hora muito cansada, e eu estava-a embalando desde então, para ella dormir socegada.»

Maria afastou-se nos bicos dos pés, muito arrependida de não ter apanhado o lirio antes d'elle falar.

«Afinal, que me importa? as minhas flores favoritas são as rosas, e eu sei que perto de casa encontrarei mólhadas d'essas para colher.»

Mas assim que apanhou uma grande rosa, todas as outras em revolução gritaram:

«Somos aqui muito precisas. Somos nós que perfumamos e embellezamos o jardim.»

A pobre Maria quasi que chorava de desgosto, e por muito tempo olhou para as folhinhas côr de rosa que dansavam na relva, até que por fim uma caiu aos pés d'ella, perto d'uma margarida.

«Ainda bem que te vejo», pensou Maria olhando para a florinha, «certamente ninguem quer as margaridas, e eu vou fazer uma corôa com ellas.»

Mas as margaridas adivinharam o que ella pensava, e disseram:

«Não deverás tocar-nos. Somos nós o relogio do jardim. Se não abrissemos todas as manhãs, e não fechassemos todas as noites, nenhuma das outras flores saberia quando eram horas de se levantarem, ou de se deitarem.»

«Vocês estão a affligir muito essa menina», disse, d'uma trepadeira da parede, uma rosa chá. «Pensem como nós seriamos infelizes se ella não viesse aqui ver-nos todos os dias.»

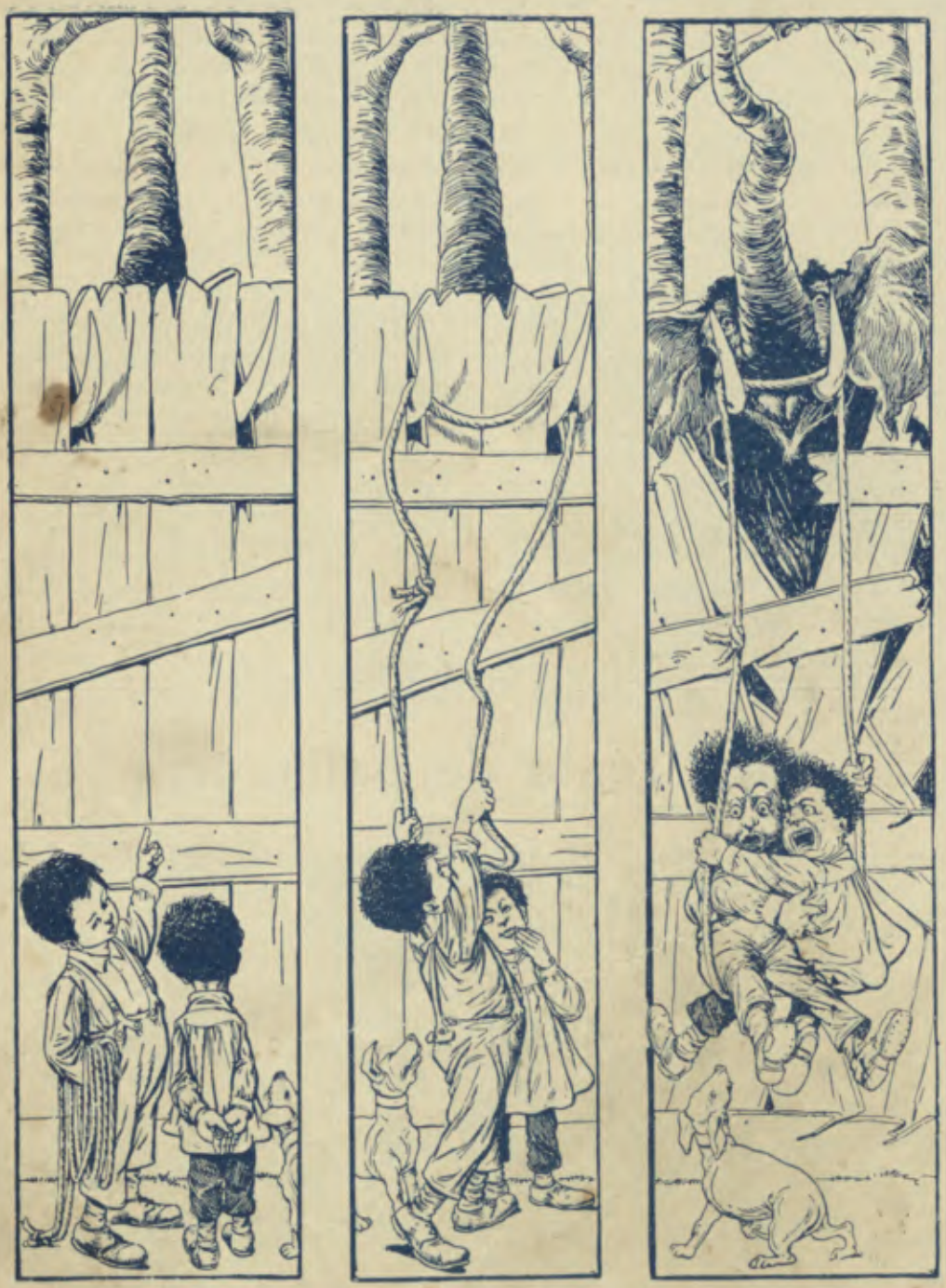
N'um momento pareceu a Maria que não podia ver muito claro, por ter os seus olhinhos cheios de lagrimas, que todas as flores do jardim, mesmo a papoula tão zangada ha pouco, se tinham chegado para ella, e a olhavam com muito amor.

«Apanha-nos! Apanha-nos!» gritaram. «Vem, amiguinha, nós gostamos muito de ti, e só quizemos dar-te uma pequena lição!»

Desde esse dia, ramos de flores escolhidas estão sempre dentro de jarras bem cheias de agua, no quarto e sala de Maria, mas a ama nunca mais viu flores murchas esquecidas pelos cantos da casa.

Uma festa de patinagem

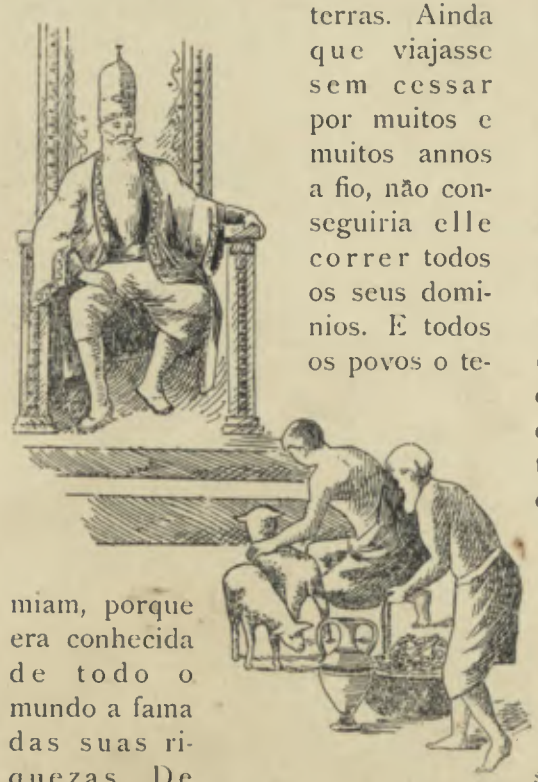
O balouço ambulante



O VELHO REI

O Gafanhoto *arranca do lindo livro brazileiro* Contos Patrios, *por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição de Francisco Alves & C.ia (Rio de Janeiro), um interessante conto do primeiro d'aquelles eminentes escriptores, o qual certamente abrirá aos nossos pequeninos leitores o appetite de ler o livro inteiro.*

Houve, em tempos que já vão longe, um rei poderoso, senhor de muitos povos e de muitas léguas de terras. Ainda que viajasse sem cessar por muitos e muitos annos a fio, não conseguiria elle correr todos os seus dominios. E todos os povos o temiam, porque era conhecida de todo o mundo a fama das suas riquezas. De mez em mez, chegavam ao seu palacio os emissarios dos subditos, trazendo-lhe, com as homenagens d'elles, os presentes riquissimos: marfim e perolas, ouro e diamantes, sedas e rebanhos. E os seus celleiros estavam tão abundantemente providos de grãos, que elle poderia, numa época de fome geral, abrindo-os a todos os seus vassallos, que não tinham conta, alimental-os fartamente durante todo um anno.



Esse poder sem limites e essa riqueza sem termo haviam embriagado a alma do velho rei. Já se não suppunha homem, mas Deus. Tanta gente via, a seus pés, adorando-o, que o seu coração se habituara a despresar a humanidade, imaginando que ella só fôra feita para o servir e temer. Só se lembrava dos subditos para os opprimir. Augmentava os impostos e alargava as prisões. E a sua mão direita, que tanta gente podia fazer feliz, distribuindo esmolas e bençãos, sómente servia para assignar sentenças de morte. Condemnava á pena ultima cem homens, sem ler ao menos os seus nomes. E, se os lia, esquecia-os d'alli a um minuto, para só pensar na febre de festas e de loucuras, em que empregava as noites e os dias, e em que perdia a saude e a alma.

E succediam-se as festas. Do es-

curecer ao alvorecer, no seu palacio, immenso como uma cidade, sumptuoso como um templo, resplandecente de luzes como um céo estrellado, echoava o barulho das danças, da musica e do tinir dos copos.

Um dia, no esplendido terraço em que costumava dormir a sésta, o velho rei tinha diante de si uma lista de accusados. Não sabia nem queria saber quem eram, se eram innocentes ou criminosos, se tinham commetido alguma falta, ou se eram apenas homens ricos, cuja fortuna os seus ministros cobiçavam. E preparava-se para, com indifferença, assignar a lista, quando se deteve a olhar um momento o filho mais moço que brincava junto d'elle.

Era um principesinho louro e branco, de olhos azues e innocentes como os de um anjo. Ajoelhado sobre o mosaico precioso, que ladrilhava o terraço, estava inclinado para um aquario, e divertia-se, vendo dentro d'elle os peixes dourados que nadavam. O velho rei, com um sorriso que lhe illuminava as barbas, ficou mirando com amor a creança, tão bella e tão casta, filha do seu sangue e da sua alma. E tinha, esquecida na mão, a penna fatal, de cujo bico pendia a vida de tantos homens...

De repente, o principesinho teve uma exclamação afflicta. O rei viu-o curvar-se mais sobre o aquario, e metter na agua as mãosinhas anciosas. E a creança veio para elle, segurando, com as pontas dos dedos, alguma cousa que se não via, de tão pequena que era.

— Olha, Pae! salvei-a! ia afogar-se... salvei-a!

O velho rei curvou-se para ver o que o filho trazia na mão. Era uma mosca feia, negra, pequenina, miseravel, nojenta. Tinha as azas molhadas e não podia voar. O principesinho collocou-a na palma da mão microscopica, e virou-a para o lado do sol. D'ahi a pouco, a mosca reanimou-se, e voou. A creança batia palmas:

— Não fiz bem, Pae? Não é um crime deixar morrer uma creatura qualquer, por falta de piedade, Pae? Disseram-me que ha homens que se matam uns aos outros... Pae? como é que se pode ter a maldade de matar um homem?

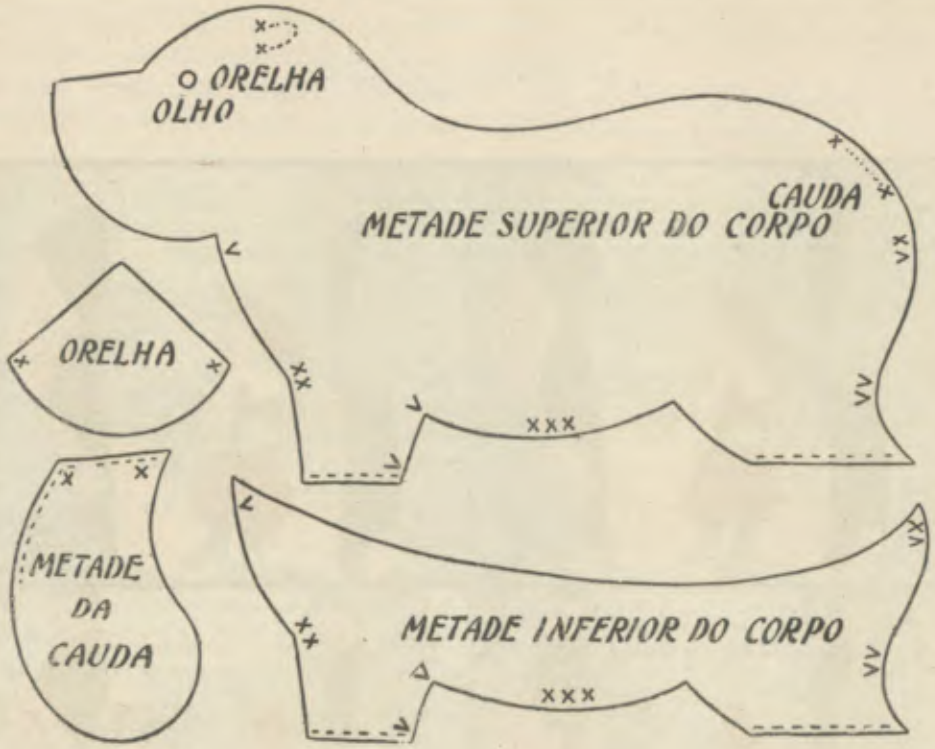
E o principesinho fixava no velho rei os seus olhos, azues e innocentes como os de um anjo.

Nessa tarde, o velho rei não assignou nenhuma sentença de morte.

Duello de morte

Os espirros do menino Sammy

IV — N'um passeio



O CÃO

Chegou a vez do cão, e parece impossivel que não nos tivessemos lembrado d'elle ha mais tempo, um animal tão nosso amigo! Emfim mais vale tarde que nunca.

Como mostra a gravura que vem n'esta pagina o cão é feito de astrakan preta, se fôr maior que o molde; mas se o leitor o quizer fazer do mesmo tamanho é melhor escolher um tecido menos grosso.

As pernas são feitas á parte e mettidas depois na parte que está ponteada no molde, e que deve estar por coser. Escolham-se uns pausitos da grossura d'um lapis (se o cão fôr do tamanho do molde) com o feitio das patas em

baixo, e cubram-se com o tecido que se cose com um ponto meudo pelo lado do direito. Mettam-se depois nos bura-

cos que ficaram por coser e segure-se com força de maneira que as pernas não fiquem a balouçar. E' preciso tomar attenção quando o pregarem não fiquem as patas para traz, o que tornaria o cão aleijado.

O rabo deve ser cosido do avesso, deixando em claro a parte que está ponteada no molde, para que se possa depois voltar. Enche-se de serradura, e só depois de cheio é que se acaba de coser pelo lado do direito. O rabo deve ser applicado antes da costura de traz estar feita.

As orelhas não devem ser forradas. Faz-se o nariz com uma conta de vidro cosida e coberta depois com lacre preto, no qual se fazem as ventas com a ponta d'uma tesoura emquanto o lacre está quente. Os olhos são outras contas de vidro e a bocca borda-se com retroz preto.

Para o corpo segue-se o mesmo systema dos outros animaes que temos mostrado nos numeros antecedentes.

Um homem honrado

Um sultão precisava encontrar um homem honrado para recolher as contribuições do seu reino, mas não sabia como encontrar um homem n'essas condições. Consultou um sabio conselheiro, o qual o aconselhou a tornar publico o seu desejo, convidando todos os pretendentes a ir ao seu palacio n'uma noite determinada.

«Mostrarei a Vossa Majestade qual d'elles é o homem honrado, quando Vossa Majestade lhes pedir o favor de dansar», disse o sabio.

No prazo mareado chegaram ao palacio os pretendentes, a quem um camarista indicou que tinham de caminhar por um corredor escuro, um por um, até estarem na presença do sultão. Apenas todos se juntaram deante do throno, o sultão disse-lhes com muita benignidade:

«Meus senhores, obsequiavam-me immenso se dessem deante de mim uns passos de dansa».

Mas todos os pretendentes recusaram, muito compromettidos, á excepção de um só, que desatou a dansar com toda a galhardia.

«Aqui tem Vossa Majestade um homem honrado», disse o sabio, apontando para o dansarino.

E' que o sabio tinha enchido o corredor escuro de sacos de dinheiro, e todos os que eram pouco escrupulosos tinham abarrotado as algibeiras no caminho. Se tivessem dansado, haviam de lhes tilintar as moedas na algibeira, dando rebate do furto, e por isso é que elles se tinham recusado.

Estudante exemplar

— Dize-me lá, ó Josésinho: quantos premios tiveste este anno?

— Só menos um que o anno passado.

— Então quantos tiveste o anno passado?

— Um.

O CORREIO

DA TARDE

Depois da estafa
Do seu emprego,
Janta em socego
João Ratão.
Come a familia
Petiscos finos,
E os seus meninos
Gordos estão.

O pae no estomago
Sente delicias,
Frescas noticias
Sorrindo conta,
De boca cheia
Sempre falando...
Eis senão quando
Tudo reponta.

Guincham meninos,
A Maman treme...
A porta geme,
Mecheu-lhe alguem.
Jesus! que susto!
Que espalhafato!
Cara de gato
Que surde alem!

Terror medonho,
Gritos, espantos:
Buscam nos cantos
A salvação.
Mas o carteiro
Brada mansissimo:
«Excellentissimo
«João Ratão.»

A gata e o papagaio

O eminente escriptor francez Théophile Gautier conta a seguinte engraçada anecdota sobre uma gata que possuia:

Tinha ella o ventre branco, o focinho côr de rosa e olhos azues. Chamavam-lhe Madame Théophile por viver commigo uma vida santa; dormia aos pés da minha cama, meditava no braço da minha poltrona emquanto eu escrevia, seguia-me pelo jardim, assistia ás minhas refeições, e até ás vezes me empolgava a garfada que eu levava á boca.

Um dia, um dos meus amigos, que ia ausentar-se por algum tempo, confiou-me o seu papagaio. A ave, ao ver-se em sitio extranho, elevou-se com o auxilio do bico até ao cimo do poleiro, e d'ahi, silenciosa e tremula, esgazeou para todos os lados olhares de susto.

Madame Théophile nunca tinha visto um papagaio, e esta creatura singular causava-lhe evidentemente uma surpreza extraordinaria. Immovel como um gato mumificado do Egypto, a bicha contemplava o outro animal com ar de profunda meditação, colligindo todas as noções de historia natural que conseguira adquirir nos telhados, no pateo e no jardim. A sombra dos seus pensamentos atravessava-lhe os olhos piscos, onde eu podia ler, com tanta clareza como se ella fallasse, este resumo das suas observações:

«Decididamente, esta creatura extranha não pode ser uma gallinha verde!»

Chegada a esta conclusão, a gata saltou da meza onde estabelecera o seu observatorio, e foi-se emboscar n'um canto do aposento, com a barriga no chão, as espaduas para a frente, a cabeça baixa, o lombo arqueado — tal qual uma panthera manhosa á espreita das gazellas que veem matar a sede a um lago.

O papagaio seguia-lhe todos os movimentos com anciedade febril; erriçava as pennas, agitava a corrente, levantava o pé tremulo e aguçava o bico no rebordo do comedouro. Dizia-lhe o instincto que um inimigo se aprestava a fazer-lhe partida grossa.

Quanto aos olhos da gata, fixos na ave com uma intensidade fascinadora, esses diziam, n'uma lingua que o papagaio percebia á legua e que era clara como agua:

«Apezar de verde, esta gallinha deve ser um bom petisco.»

Eu ia seguindo com interesse esta scena, prompto para intervir em sendo preciso. Madame Théophile aproximara-se mais do papagaio; palpitavam-lhe as narinas roseas, tinha os olhos semicerrados, abria e fechava as garras. Corriam-lhe uns arrepios ao longo da es-

pinha dorsal; como um guloso assentado em frente de um frango trufado, regalava-se ao pensar no acepipe succulento e raro que ia saborear. Essa iguaria extranha, tão nova para ella e tão tentadora no entanto, excitava-lhe o appetite.

De repente, encurvou-se-lhe o dorso como um arco tenso, e n'um pulo elastico, attingiu a base do poleiro. O papagaio, percebendo o perigo, exclamou de improviso, em voz vagarosa e solemne:

«Almoçaste bem, Jacquot?»

Esta phrase produziu na gata um terror indescriptivel. Deu um salto para traz. Um clangor de trombetas, um desabamento de pratos e travessas, um tiro de pistola ao pé dos ouvidos, nada lhe teria causado mais louco pavor. Transtornavam-se-lhe todas as ideias que tinha a respeito das aves. A sua physionomia expressava claramente o pensamento que a enlouquecia.

«Não é um passaro; é um senhor. Até fala!»

O papagaio desatou então a cantar, em voz atroadora, porque percebera que o terror causado pela sua voz era o seu melhor meio de defeza.

A gata deitou-me um rapido olhar de interrogação, e, como a minha resposta não a satisfizesse, encafuou-se debaixo da cama, d'onde foi impossivel fazel-a mexer durante o dia inteiro.

No dia seguinte, um pouco mais animosa, Madame Théophile atreveu-se a fazer ainda um timido assalto, mas com o mesmo resultado que da primeira vez.

D'ahi por deante, renunciou á lucta, e considerou o passaro verde como uma pessoa que devia tratar-se com respeito.

A BILHA DE LEITE

Bilha de leite á cabeca,
Mofina estava a cantar,
Construindo a toda a pressa
Lindos castellos no ar.

«C'o producto d'este leite
Comprarei tres duzias de ovos,
Que renderão, caso os deite,
Outros tantos frangos novos.

As gallinhas dão-me renda
Para uma porca comprar,
Que lá na minha fazenda
Não custa muito a engordar.

Os leitões, hei de vendel-os,
Compro uma vaca depois,
E já estou vendo os vitellos
A transformarem-se em bois.

Arranjo um rico marido,
Será de espavento a boda,
Com foguetes, alarido,
E muitas dansas de roda.»

Mas a sonhar c'o bailado,
Dá Mofina um safanão,
Cae-lhe a bilha para o lado,
E faz-se em cacos no chão.

Adeus, fortuna e riqueza!
Adeus, bailes e descantes!
A Mofina, que tristeza!
Ficou pobre como d'antes.

Como o Primo Gato Bravo arranjou Mano Raposo

O Gafanhoto *recebeu varios pedidos dos seus antigos amiguinhos para continuar as historias de Mano Coelho e Mano Raposo, com que na primeira serie regalou os seus infantis leitores. Essas historias, contadas a uma creança americana por um preto velho, o Tio Remo, foram colligidas por um escriptor dos Estados Unidos, chamado Harris, que morreu ha pouco. Tratam quasi todas de partidas feitas pelo espertalhão de Mano Coelho aos outros bichos seus parentes, e em particular a Mano Raposo, que com toda a sua esperteza é muitas vezes logrado e troçado. Para satisfazer áquelles pedidos,* O Gafanhoto *enceta agora a publicação de novos e divertidos episodios, esperando que exito egual ao das anteriores alcançarão n'esta segunda serie as interessantes historias do velho Tio Remo.*

Mano Coelho e Mano Raposo tinham ido juntos uma tarde fazer uma visita. Depois de estarem a cavaquear algum tempo com os

donos da casa, Mano Raposo olhou para fóra e disse assim:

«Meus caros amigos, tenho que lhes dizer adeus. Vejo além uma nuvem a avançar e não tarda nada que desabe ahi uma chuvada de tremer.»

Vae Mano Raposo levantou-se logo e disse que era melhor pôrem-se a caminho, por isso que não lhe calhava nada estragar o seu fatinho de ver a Deus. E então sahiram ambos.

Iam elles pela estrada fóra, a conversar muito á mão, vae senão quando Mano Raposo parou de repente e disse assim:

«Olhe lá, ó Mano Coelho! Se os meus olhos não me enganam, ha por aqui pégadas de Mestre Cão, e por signal até que ainda frescas!»

Mano Coelho olhou de revez e replicou:

«Nada! Estas pégadas não são da pata de Mestre Cão. Ainda mais, quem as fez é sujeitinho que eu conheço como os meus dedos, ha um bom par de annos!»

«Ó Mano Coelho, faça então favor de me dizer o seu nome.»

Mano Coelho desatou a rir, com ar de troça.

«Ou eu me engano muito, Mano Raposo, ou o pobre diabo que por aqui passou é o Primo Gato Bravo, nem mais nem menos.»

«Que tamanho tem elle, Mano Coelho?»

«Anda pela sua altura, Mano Raposo.»

E Mano Coelho continuou, como se falasse com os seus botões:

«Tá, tá, tá! Quantas vezes tenho eu visto a minha avósinha aos pontapés e aos sopapos no Primo Gato Bravo! Se o Mano Raposo quer divertir-se um bocado, é aproveitar a occasião.»

Vae Mano Raposo perguntou logo como é que se havia de divertir. E Mano Coelho respondeu:

«É simples. É ir seringar o pateta do Primo Gato Bravo e dar-lhe uma sova.»

Mano Raposo arrebitou as orelhas e redarguiu:

«Ó demonio! Tenho um certo medo Elle tem umas pégadas muito parecidas com as de Mestre Cão.»

Mano Coelho estendeu-se ao comprido no meio da estrada, a rir como um perdido.

«Essa agora, Mano Raposo! Nunca imaginei que fosse tão papalvo! Ora olhe-me bem para essas pégadas. Teem por acaso algum signal de garras?»

Mano Raposo viu-se obrigado a responder que não via signal de garras. Mano Coelho disse então:

«Já vê, pois, Mano Raposo! Se elle não tem garras, que mal lhe póde fazer?»

Mano Raposo deitou outra olhadela ás pégadas e lá se resolveu a seguil-as com Mano Coelho.

Foram-n'as seguindo, seguindo por alli fóra, até que deram com o bicho. E Mano Coelho desatou logo a berrar com muita arrogancia:

«Olá! que demonio está vossê ahi a fazer?»

O bicho virou a cabeça para elles, mas não disse palavra. E Mano Coelho continuou:

«Escusa de estar com ares de refilão! Havemos de lhe soltar a lingua, ainda que seja á força. Ande, responda, que está vossê a fazer ahi?»

O bicho esfregou-se por uma arvore, exactamente como os bichanos de casa costumam esfregar-se pelas cadeiras, mas sem abrir bico. Mano Coelho gritou-lhe:

«Para que está vossê a arreliar-nos, quando nós não lhe fazemos arrelia nenhuma? Pensa vossê que eu não o conheço; pois conheço-o como os meus dedos. Fique sabendo que trago commigo alguem que é muito mais valente que a minha avósinha, e leve-me a bréca se elle o não vae fazer dar á taramela!»

O bicho encostou-se mais a arvore, arripiou a modo o pello, mas a res-

peito de falar, moita! E Mano Coelho disse assim:

«Salte-lhe p'ra cima, Mano Raposo, e se elle se recusar a falar, ferre com elle no chão. Assim é que costumava fazer a avósinha. Se elle se atrever a fugir, eu troco-lhe as voltas e deito-lhe a unha.»

Mano Raposo esteve ainda uns momentos a hesitar, até que se adeantou para o bicho. Primo Gato Bravo rodeou a arvore roçando-se por ella, mas sempre sem dar pio. Mano Raposo aproximou-se mais. Primo Gato Bravo parou na esfregadela, sentou-se nas patas trazeiras com as deanteiras no ar, e começou a balançar sempre encostado ao tronco, mas sempre sem tugir nem mugir.

Mano Coelho bradou então indignado:

«Escusa de estar a pôr as mãos e a pedir misericordia. Assim é que vossê costumava intrujar a velhota da minha avósinha; mas a nós não nos

intruja vossê. Isso de ajoelhar e de supplicar não lhe serve de nada. Atire-se a elle, Mano Raposo! Se elle der ás trancas, deixe estar que eu o agarro.»

Mano Raposo tomou a modo animo. Avançou para o bicho, mas no instante em que se dispunha a dar-lhe um sopapo, o sonso do Primo Gato Bravo recuou, e zás! ferrou-lhe um arranhão de todo o tamanho mesmo na boca do estomago.

E apenas lhe ferrou aquelle arra-

nhão, Primo Gato Bravo desatou a miar que se ouvia a leguas de distancia. Por um triz que elle não parte Mano Raposo em duas metades. Logo que viu o bicho brandir a pata, Mano Coelho percebeu o que ia acontecer, mas fez-se desentendido e continuou a berrar:

«Atire-se a elle, Mano Raposo! Ande, atire-se outra vez! Eu cá lhe faço costas! Salte-lhe p'ra cima, Mano Raposo!»

Emquanto Mano Coelho berrava por esta fórma, Mano Raposo en-

trou a espernear no chão, agarrando o estomago ás mãos ambas e gemendo:

«Estou arrazado, Mano Coelho! Estou arrazado! Vá-me chamar o medico! Estou arrazado de todo!»

Entrementes Primo Gato Bravo afastava-se, de mãos atraz das costas, como quem passeava com todo o descanso. Mano Coelho fingiu-se muito espantado de ver Mano Raposo ferido. Começou a examinar aquelles sitios e disse por fim:

«Ninguem me tira da cabeça, Mano Raposo, que o malvado trazia uma foice escondida e que foi com ella que o cortou.»

E com isto Mano Coelho poz-se a caminho de casa e, quando se viu fóra das vistas do companheiro, sacudiu as mãos, exactamente como um gato a sacudir a agua das patas. Depois desatou a rir, a rir, que quasi se escangalhava de riso.

Nas aulas fui sabio,
Não tive uma falta;
Por isso, de premio
Por ter bom renome,
Maman transformou-me
N'um lindo Peralta.

O prazer da caça

1 — Ainda bem que vieste, homem! Vamos ter uma caçada de primeira ordem.

2 — Ha que horas de espingarda assestada E a respeito de perdizes, nem raça!

3 — Cá temos uma... Oh! co'a breca!... e uma carga de chumbo nos costados!

4 — Sim, senhor! Digo-te que a caçada foi divertida deveras! Não me apanham n'outra!

AS PERAS

Um magistrado da provincia recebeu convite para uma festa de bodas n'uma casa que ficava a certa distancia da sua. Ia a pé pela estrada fóra, quando tropeçou n'um cabaz de peras maduras que para alli tinha ficado. Estava com appetite, e a sua vontade foi fazer d'ellas o seu almoço; mas, como ia pensando no banquete que o esperava, para elle reservou o appetite. Deu um pontapé nas peras, e atirou com ellas para a lama da valleta.

D'ahi a alguns passos tinha que atravessar um riacho; mas corria elle tão inchado com as chuvas recentes que destruira a pequena ponte que o transpunha, e não havia por alli bote que servisse.

De forma que o magistrado teve que renunciar a toda a esperança de atravessar o riacho, e voltou para traz a caminho de casa. Tanta fome levava que, ao deparar-em-se-lhe as peras muito sujas, que estavam espalhadas pela valleta, se atirou a ellas com sofreguidão, limpou-as o melhor que poude, e matou com ellas a fome.

Assim ficou sabendo que não se deve estragar aquillo que ainda pode ser preciso.

Area da esphera

Vamos demonstrar, por meios materiaes e sem calculo, um dos theoremas mais importantes de geo-

metria no espaço, que é o seguinte: *a area de uma esphera é egual a quatro vezes a area do seu circulo maximo.* (Sabe-se que um circulo maximo é a secção feita na esphera por um plano que passe pelo centro; sendo portanto o raio do circulo maximo egual ao raio da esphera).

Serremos pelo meio uma esphera qualquer de madeira, por exemplo uma bola de jogo de croquet. N'uma das metades fixemos a extremidade de uma corda por meio de um prégo fixado no polo do circulo maximo, isto é, no ponto do hemispherio que fica mais elevado quando assentamos na mesa a parte plana. Enrolemos a corda em volta do prego, depois na superficie do hemispherio como sobre um pião, de fórma que cubra toda a superficie curva da metade da bola. Cortemos depois a corda no ponto em que deixámos de a enrolar. Peguemos agora na outra metade da bola e n'um pedaço de corda da mesma grossura do outro. Fixemos-lhe a extremidade por meio de um prégo enterrado no centro do circulo, o qual é um circulo maximo de esphera, visto que a serra passou pelo centro. Enrolemos a corda em espiral em torno do prego e paremos quando o circulo estiver todo coberto, cortando então a corda n'esse ponto. Desenrolemos agora as duas cordas e verificaremos que a primeira tem exactamente o dobro da segunda. D'aqui concluimos que a area do hemispherio é egual a duas vezes a area de um circulo maximo, e portanto que *a area da esphera inteira é quadrupla da do seu circulo maximo,* como queriamos demonstrar.

Quem adivinha?

— Se eu advinhasse que elles me cahiam ao chão, tinha-me poupado ao trabalho de os limpar.

Literatura Brazileira

EDIÇÕES DA LIVRARIA **Francisco Alves & C.ª**

RIO DE JANEIRO

A' venda na administração d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferrejial, 6, 1.º — **LISBOA**

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida, 2.ª edição. 1 vol. in 8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

O Livro das Donas e Donzolas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo, por Mademoiselle H. S. Brés, album ilustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart. 750

Minha Historia Sagrada, tradução do Dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in 4 francez, ilustrado de numerosas e belissimas gravuras e cromos..... 750

Meu Livro de Mafricas. — Um livro ricamente encadernado 750

Historias do Fadas, livro para creanças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pajs. ilustrado, impresso e encadernado em Paris 500

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente ilustrado 750

Pooslas Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente illustrado..... 750

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris 750

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart.. 500

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado 500

Era uma vez... contos para crianças, pelo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in 16, ilustrado com dezenhos orijinaes de Norfini..... 500

PREÇOS MOEDA PORTUGUEZA

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908.
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907.
Medalha de Prata — S. Luiz 1904.

UNICOS EXPORTADORES:

ASSIS & C.ª — Lisboa

Endereço telegrafico:

MOURAGUAS

Codigo

"RIBEIRO"

Estas aguas perfeitamente limpidas, transparentes, inodoras, incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas da bexiga e vias urinarias; efficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: *atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e liticas.* Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de **MUITO PURA.**

2ª SERIE Setembro 1910 N.º 18

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Serão estes os ultimos modelos?

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro,

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro

DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres

da officina Photomecanica de Thomaz Bordallo Pinheiro — LISBOA

Uma historia persa

Quando o bom Al-raschido, se tornou califa de Bagdad, ordenou ao seu ministro que lhe procurasse uma noiva perfeita e linda, boa e intelligente.

Durante muito tempo o ministro procurou em vão, mas uma bella ma-

nhã, um mercador trouxe-lhe uma escrava Persa, dotada de grandes encantos, e maravilhosos dotes.

O ministro hospedou-a no seu palacio, muito longe do reino, emquanto não a apresentava ao rei. Mas no decorrer do dia, Noredino, o filho do ministro, viu-a, e ficou de tal forma extasiado com a belleza d'ella que logo se apaixonou pela formosa rapariga, e quando o ministro a foi buscar para a levar ao califa, encontrou-a falando com o filho, que confessou ao pae a sua paixão.

«Oh, meu pobre filho!» gritou o ministro. «Se o califa descobre tal cousa, ficamos desgraçados para o resto da nossa vida.»

Mas depois de luctar entre a affeição pelo filho, e o seu dever com o monarcha, o ministro cedeu, e deixou Noredino casar com a bella Persa.

Depois tentou persuadir o califa da grande difficuldade que havia em descobrir uma noiva que reunisse tantas bellezas e qualidades.

Porém o rei avisado pelo mercador mandou vir á sua presença Noredino e a rapariga Persa.

Um amigo de Noredino ouviu a ordem, e correu a avisal-o. Sem mais demora trataram de fugir, e metteram-se n'um navio que os conduziu exactamente a Bagdad.

Como nunca lá tinham ido não sabiam onde estavam, e depois de vaguearem pelas ruas da famosa cidade, muito cansados entraram n'um esplendido jardim, e sentaram-se ao pé d'uma fonte, onde adormeceram. Á

O califa offereceu os peixes a Noredino

tarde, um velho chegou-se ao pé d'elles e acordou-os.

«Perdôe-nos termos aqui ficado a dormir», disse Noredino. «Andámos a correr a cidade, de forma que estamos muito cansados. Este jardim é, na verdade, o sitio mais encantador que tenho visto em dias da minha vida. Feliz homem que o possue!»

Ora o jardim pertencia ao grande califa, e o velho era um dos seus guardas. Mas ficou tão lisonjeado por ter passado pelo dono do jardim, que se offereceu para mostrar a Noredino e á noiva uma casa situada no meio do jardim, mesmo em frente do palacio. Fel-os subir uma escada de ouro, com as paredes de jaspe e adornada com os mais ricos thesouros do mundo. Á vista de tanto esplendor, Noredino ficou encantado, e deu uma mão cheia de ouro ao velho, dizendo: «Peço-lhe que nos arranje um banquete para esta tarde. Dê este ouro aos seus escravos para arranjarem comidas, fructas e vinhos.»

O velho correu logo, trouxe grande quantidade de boas iguarias, e preparou tudo para o banquete que se realisou na tal casa no meio do jardim.

Ora, o califa via perfeitamente do seu palacio o que se passava no jardim, e ficou muito surprehendido por ver luzes brilhando nas janellas da tal casa. Algum outro, mandaria um dos seus camaristas verificar o que era, mas Al-raschido gostava de ir elle proprio observar.

Disfarçou-se n'um mendigo e foi para o jardim, exactamente quando a linda Persa entoava uma cantiga ao som d'um alaude.

«Que voz tão doce!» disse elle. «Hei de arranjar maneira de ver a cantora, sem me dar a conhecer!»

Estava pensando no que havia de fazer, quando viu um homem a pescar no rio que corria pelo jardim.

«Já apanhaste algum peixe?» perguntou.

«Dois», respondeu o homemzinho.

O califa comprou-lh'os, e entrou na tal casa, dizendo a Noredino:

«Como vejo ha aqui grande festa, e como apanhei dois peixes fresquinhos, trago-t'os.»

«Bem», disse Noredino. «Vae para a cozinha, prepara-os e frege-os.»

O califa asim fez; voltou com o peixe frito, e serviu os convivas.

Noredino comeu o seu quinhão e pegando n'uma mão cheia de ouro, voltou-se para o califa dizendo:

«Peço-te que aceites esta pequena recompensa. Nunca na minha vida comi peixe tão bom.»

O califa pegou no ouro, agradeceu a Noredino, depois disse:

«E agora posso-te pedir um favor? Desejava muito ouvir a tua linda noiva cantar uma cantiga.»

A bella Persa pegou logo no alaude e cantou umas poucas de cantigas, que o califa ouviu cheio de prazer. E entre as cantigas, Noredino, ia contando com toda a ingenuidade a historia do seu casamento, e a sua fuga.

Al-raschido confessou então ser o califa, mas vendo o grande amor que unia os noivos não os quiz separar, e ainda por cima os encheu de honras e riquezas.

Simão e José

1. Era esperto o Simão, chimpanzé,
Muito lorpa o creado José.

2. Que maus tratos soffria o creado!
Que serviços tão baixos, coitado!

3. De manhã, logo dava o cavaco
Por levar cafésinho ao macaco.

4. Se não estava na conta o café,
Quem pagava era a cara do Zé.

5. Se o macaco nas papas do almoço
Por acaso encontrava um caroço,

6. Logo as papas, que atroz reboliço!
Recebia o José no toutiço.

7. Como o banho uma vez 'stava frio,
Encharcado o José se sentiu.

8. Teve então uma ideia faceta:
Foi puxar o cordão da sineta,

9. P'ra que o mono imitando outro puxe,
E regale o corpinho c'um duche.

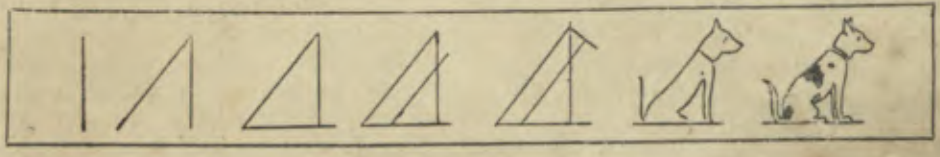
10. Teve ainda o mesquinho creado
De tratar o Simão constipado.

Maneira facil de desenhar um cão

Se o leitor precisar fazer um cão e tenha pouca pratica de desenho, esta gravura mostra a maneira facil de o desenhar com a ajuda de tres linhas rectas, feitas com um lapis, em forma de triangulo.

As tres primeiras figuras formam o triangulo. As duas seguintes são feitas para guiar o desenho do corpo atraz e da cabeça. Depois d'estas linhas feitas, desenha-se dentro o cão seguindo o contorno, mas dando-lhe as curvas necessarias, como mostram as outras duas figuras.

Depois do cão desenhado apagam-se com uma borracha as linhas do contorno.



Brinquedos feitos em casa

Uma poltrona e um sofá

As nossas gravuras hoje são d'um sofá e d'uma poltrona para a sala das vossas bonecas. Fazem-se tambem com facilidade e com muita economia.

Para a poltrona é só preciso uma caixa de mangas de candieiro que seja esquinada, ou qualquer de papelão que tenha esse feitio; e uns bocados de seda e de renda.

Calculemos que a caixa tem onze centimetros de altura. Corta-se um bocado da caixa do lado de baixo, coisa de tres centimetros, e cobre-se esse bocado, voltando o fundo para cima, com seda para formar o assento da poltrona.

Corta-se tambem ao alto, todo o lado que deve ficar para a frente, do resto da caixa e medindo-se quatro centimetros começando de baixo, dá-se um golpe pequeno d'um lado e d'outro para formar os braços da poltrona, e continua-se a cortar a direito para cima, deixando uma bordasita como mostra a illustração. Forra-se tudo com a seda e com renda, pega-se depois com gomma o assento entre os braços da cadeira.

Para fazer o sofá é tambem preciso uma caixa do mesmo feitio, e uns bocados de seda, cordão e cartão.

Forra-se toda a caixa com seda e assenta-se ao comprido no chão. Corta-se um boccado de cartão com o dobro d'altura da caixa assim voltada, e com uns dez centimetros de comprido, para fazer as costas do sofá.

Pega-se com gomma uma das extremidades d'este cartão ao fundo da caixa e dobrando exactamente na esquina, corta-se obliquamente o

resto de maneira que venha a acabar quasi ao fim do sofá.

Fórra-se esta parte tambem com seda e pega-se depois por traz do sofá. Se forrarem a seda com renda augmentarão muito a belleza d'este brinquedo.

Faz-se depois uma almofadinha em tamanho proporcionado com o sofá, em seda ou velludo contornado com cordão de seda.

As construcções das bonecas que veem juntamente na gravura serão descriptas em outro numero do *Gafanhoto*.

AS DUAS IRMÃS

N'uma pequena aldeia viviam duas irmãs gemeas que se casaram no mesmo dia; uma com o dono d'um moinho de farinha, a outra com o proprietario d'um lagar de azeite

Eram ambas lindas, e cada uma d'ellas levava em dote ao marido cem libras.

No dia seguinte ao casamento, as nossas duas noivas começaram logo nas suas occupações, uma peneirando a fa-

rinha, a outra espremendo azeitonas, e emquanto trabalhavam iam parafusando comsigo:

«Como eu me consideraria feliz», pensava a Florinda (era a dona do lagar) «se o meu marido me amasse sempre como agora, se no meu cofre brilhassem sempre as cem libras de ouro, e se á roda da minha saia se pendurassem dois petizes: — um rapazinho moreno como o meu marido Paschoal, e uma petizinha loura como eu sou.»

«Que a peste leve a minha vizinha», resmungava Joanna (era a dona do moinho); a sua saia tem mais dois folhos que a minha, e as fivellas dos seus sapatos são de prata fina, assim como a linda cruz que lhe brilha no casaco.»

Ainda ella estava arengando, quando passou uma velha, que tinha fama de bruxa. Joanna conheceu-a logo, pelos seus olhos vesgos, e pelo bordão que ella trazia na mão.

«Olá! tia Monica», gritou-lhe, «entre um bocadinho no meu moinho, para conversarmos um pouco.»

«Espera», tornou a velha, «vou levar alli á tua irmã as azeitonas que me deu o tio Pedro; emquanto as espremem venho para aqui tagarelar á minha vontade.»

«Está dito», disse Joanna, que entrou logo na casinha, para preparar um bolo de mel e passas, para dar á velha.

Florinda, vendo chegar a velhota, veiu graciosamente ao seu encontro, fel-a entrar em casa, e convidou-a a sentar-se. Depois, sem esperar um instante, levou as azeitonas para o lagar.

«Pareces bem contente, minha filha», disse a boa velha, quando Florinda appareceu, com as faces rosadas, dos dois beijos que lhe acabava de dar o bom Paschoal.

«Sim», respondeu Florinda, «pudessem todas as raparigas da aldeia estar tão bem como eu .. e se eu pudesse ter a esperança de ser sempre estimada por meu marido, de ver sempre no meu cofre cem libras de ouro, e dois pequenotes pendurados ás minhas saias, não haveria na terra mulher mais feliz do que eu.»

«Que seja feito como desejas», disse a velha; depois, pegando no seu bordão, deixou o moinho, e dirigiu-se para casa de Joanna.

«Entre», disse-lhe esta com o seu ar mais amavel. «Sente-se, e coma á sua vontade; vou mandar o meu creado buscar o seu azeite ao lagar, para nós podermos conversar um bocado.»

«O que tens então de tão importante a dizer-me?» interrogou a boa da velha.

«A tia Monica, é, ou não é bruxa?»

«Effectivamente, sou», respondeu a velhota. «Tens precisão dos meus feitiços?»

«Infelizmente!» respondeu a moleira invejosa, «imagine que a minha vizinha tem fivellas de prata nos sapatos, e uma saia de seis folhos; emquanto a minha, mal me cobre os calcanhares, e os meus tamancos são atados com fitas de lã... não gosto da minha vizinha, porque ella é rica e elegante .. Quem me dera que os ratos lhe entrassem no celleiro, e lhe devorassem até ao ultimo grão de milho!»

«Que seja feita a tua vontade», disse a bruxa, que se levantou, e pegou no bordão, afastando-se logo, sem se importar com os gritos de Joanna que lhe offerecia o seu mel e os seus bolos.

Ora a velha bruxa sempre coxeando, ia dando a volta ao mundo, ora calcurriando pela terra, ora levada pela ventania, por cima dos mares, e passou-se muito tempo, antes, que de volta á aldeia, ella tornasse a passar pelas casas das duas irmãs.

Quando voltou, viu a ditosa Florinda, sentada n'um canto da sua casinha, com um pé pousado na róca, contemplando embevecida dois pequerruchos, que brincavam no chão, emquanto Paschoal, deante do cofre, contava bellas libras d'ouro, pondo cuidadosamente de lado o quinhão reservado aos pobres.

A velha demorou-se um pouco, contemplando esta feliz scena de familia

atravez dos vidros da janella; depois, bem encapuchada, afastou-se, com o coração muito alegre, por ver a felicidade da moleira.

Do outro lado da aldeia ouviam-se gritos de colera...

Uma mulher furiosa fazia voar pelos ares toda a louça e moveis da casa, e era uma dôr de alma ver tudo despedaçado no meio do chão.

«Olá, olá!... minha bella amiga», disse a bruxa, tocando com o seu bordão no hombro de Joanna, (porque era Joanna, que dava assim um espectaculo gratuito a todos os bisbilhoteiros do sitio), «que te aconteceu, para estares tão desesperada e zangada?»

«O que me aconteceu, velha bruxa do diabo, é tudo obra tua... que me deitaste mau olhado, e me tocaste com a tua varinha infernal!... Maldito o dia em que te recebi na minha casa, em que te offereci mel e bolos, desde essa hora que nunca mais pararam as minhas desgraças!»

«Mas emfim» perguntou a velhota, batendo com o bordão no chão, muito impacientada, «que aconteceu? Venho de dar a volta ao mundo, e não posso adivinhar o que aqui se tem passado.»

«Ai!» disse tristemente a tal vizinha, que possuia lindas saias e fivellas de prata nos sapatos, o que excitava a inveja de Joanna. «Ai! boa velha, ha talvez perto de vinte mezes que uma nuvem de ratos invadiu o meu celleiro, comendo e roendo sem descanço; nem os gatos, nem o veneno me livraram de tão terrivel flagello... toda a minha colheita desappareceu até ao ultimo grão de milho. Mas a minha desgraça foi pouca cousa, comparada com a da minha pobre vizinha, pois eu sou rica, os meus campos de trigos estão bons, e para o anno recuperarei a perda do anno passado... emquanto que a pobre Joanna...»

«Ai! ai!» gritou Joanna, arrancando os cabellos. «Estes ratos, estes malditos ratos, que furaram o muro que sepára o meu moinho do celleiro da vizinha, e entraram aos centos nos meus celleiros, não deixaram ficar nem um unico grão de trigo, nem um selamim de farinha escapou á sua voracidade... e emquanto a minha irmã canta, e goza contando as suas libras de ouro, eu choro de raiva no meio de tanto rato, e ainda por cima apanho pancada do meu marido, que me accusa de ser a causa de tanta infelicidade!»

«Joanna!» disse a bruxa, «o flagello que te arruinou e que excita tanto a tua colera hoje, não o desejaste tu, ha tempo, com toda a vontade?»

«Sim», respondeu estouvadamente Joanna, «mas não era para mim que o desejava, era para a minha vizinha. E a desgraça entrou-me agora em casa.»

Ouvindo estas palavras, a vizinha tornou-se muito pallida, e os garotos começaram a apupar a invejosa moleira; mas a velha bruxa, vendo-a tão maltratada, condoeu-se, e disse-lhe:

«Joanna, descança, os ratos, hoje mesmo deixarão o teu celleiro; mas lembra-te sempre» (e a velha fitava em Joanna um olhar severo) «que muitas vezes na vida, o mal que se deseja aos outros recae sobre nós.»

Se a moleira seguiu os conselhos da boa velha, a historia não o diz, mas tudo o faz acreditar, pois desde essa occasião que os ratos desappareceram para sempre d'esse paiz afortunado, e durante um rôr de annos, quando acontecia uma mulher invejosa falar levianamente da sua vizinha, a lembrança do castigo de Joanna bastava para lhe calar a bocca.

O BORRACHÃO

Tiago Pires
Vem de uma ceia,
Muito borracho —
Que cousa feia!

Ante os seus olhos,
Desinquietas,
As casas tremem,
Fazem caretas.

Andando aos bordos,
Atordoado,
Vê tudo, tudo,
Multiplicado.

De um só policia
Faz uma hoste;
Tres candieiros
Vê n'um só poste.

No céu tres luas
Pairam travêssas;
Um cão lhe ladra
Com tres cabe[illegible]

M[illegible]
[illegible]

Bordados em lenços

Muitas vezes os lenços perdem metade do seu valor por serem mal marcados, e é uma pena estragar lenços de cambraia ou linho com iniciaes feitas a tinta, podendo bordar-se uma firma simples, o que lhes dá o dobro do valor.

Vamos explicar ás nossas leitoras a maneira de os bordar, e verão depois de experimentar que não é tão difficil o bordado a branco, como dizem. Trace-se o desenho, que alem de lettras pode ter uns raminhos de trevos, malmequeres ou qualquer florinha facil de fazer, e passe-se para um dos cantos do lenço. E' melhor para a leitora que inaugura este trabalho começar pelas iniciaes e não pelo monogramma que custa mais a bordar por serem as letras unidas.

Põe-se sobre um dos cantos do lenço o papel de passar, tendo o cuidado de ficar o avesso do papel para cima e o direito de encontro ao lenço; colloca-se por cima o papel com o desenho e contorna-se com um lapis ou qualquer outra coisa ponteaguda, carregando um pouco para que o desenho fique marcado em baixo. Pode-se bordar sem ser
e a leitora tiver
ra que se ven-
ara bordar a
branco, aproveite-as para que o bordado não fique franzido, o que é muito difficil d'evitar bordando no ar mesmo ás pessoas mais praticas. Quando estiverem acabadas estas preparações, principia-se a bordar.

Começa-se por fazer o recheio com uma linha muito destorcida, propria para esse effeito, dando pontos sobre pontos até que fique com relevo. Supponhamos que é de trevos como a que mostra a nossa gravura a grinalda que contorna as iniciaes Cada trevo, como as leitoras devem saber, é composto de tres folhinhas do mesmo tamanho, juntas n'uma haste, com um veiosito dentro de cada folha. Recheia-se em primeiro logar como acima dissemos, meia folha de trevo de cada vez, como mostra a nossa primeira gravura, passando a linha de cima abaixo da folha, com os pontos muito juntos e deixando um intervallosito sem recheio no meio de cada folha para fazer o veio. Depois do recheio acabado principia-se a bordar por cima com linha brilhante muito fina, ou filofloss branca, com pontos muito unidos, mas que não

fiquem por cima uns dos outros, começando da parte estreita das folhas para cima.

È preciso, para que o bordado fique perfeito, que os pontos que se dão por cima occultem por completo os do recheio, e que sejam muito eguaes para que o veio no meio das folhas fique muito direito. Quando os trevos estiverem promptos, faz-se o recheio para os troncos, bastando para isso passar duas ou tres vezes a linha. Fazem-se depois os pontos do bordado muito certos em tamanho e muito unidos. As iniciaes são executadas pelo mesmo systema dos troncos, fazendo com muito cuidado as curvas que é o mais difficil.

O tapete japonez

Tres irmãs japonezas possuiam um tapete quadrado, antigo e de grande valor, que era considerado uma preciosa recordação de familia. Resolvendo separarem-se, cada uma d'ellas quiz ficar com um pedaço quadrado do tapete. Attenta a difficuldade de o dividir em partes eguaes, que fossem quadradas, uma das irmãs contentava-se em ficar com um quadrado mais pequeno, não havendo assim necessidade de cortar o tapete senão em quatro pedaços.

Ha tres maneiras simples de conseguir isto, as quaes as nossas leitorasinhas se divertirão a descobrir, dizendo apenas que, suppondo o tapete com 3 metros em quadrado, uma das japonezas deverá ficar com um quadrado inteiro de 2 metros de lado, outra com um quadrado de 2 metros de lado em dois pedaços, e a ultima com um quadrado inteiro de 1 metro de lado.

Mas as outras irmãs não acceitaram o generoso offerecimento, e insistiram em que o tapete quadrado devia ser cortado por forma que cada uma d'ellas ficasse com um quadrado das mesmas dimensões.

Depois de muito parafusar, conseguiram obter os tres quadrados eguaes, cortando o tapete em seis pedaços. Vamos a ver se são tão espertas como as japonezas, e para o numero proximo explicaremos aos que não tiverem resolvido o problema a maneira por que ellas o resolveram.

O BANHO DO MOLEIRO

O banho do moleiro

1. Lá na azenha o calor é tamanho,
Que ao moleiro apetece-lhe um banho.

2. Envergada a fiel camisola,
Na agua já se espaneja e consola.

3. Mas o Antonio, que é grande bregeiro,
Quer pregar uma peça ao moleiro.

4. Vae-se acima da azenha — que mau!
Deita na agua uns tarolos de pau.

5. O moleiro, cahindo os tarolos,
Uma chuva apanhou de carolos.

6. E o garoto, p'ra premio da ideia,
Vae c'os ossos parar á cadeia.

Troca de liquidos

Cortem uma laranja ao meio. Tirem todo o miolo a uma das metades, de modo que fique uma especie de tigela. Abram-lhe no fundo dois buracos, ao lado um do outro, e colloquem a tigela no meio de um copo, com a parte cavada para cima. Deve ter o diametro um pouco superior ao do copo, de forma que, graças á sua elasticidade, se mantenha de encontro ás paredes do copo sem cahir. Deitem na improvisada tigela vinho tinto que passará pelos buracos, até que o nivel do vinho toque no fundo da tigela.

Deitem depois agua no copo até o encher completamente. Verão logo um fio de vinho subir, atravez de um dos buracos até ao nivel da agua, ao passo que esta, sendo mais pesada, passa pelo outro buraco, descendo até ao fundo do copo. No fim de pouco tempo, em vez de ter o vinho por baixo e a agua por cima da tigela, os dois liquidos trocarão as respectivas situações.

Podem enfiar nos buracos dois tubosinhos, formados por pennas de ave ou por caniços delgados; um indo do fundo do copo até ao fundo da tigela, outro do fundo da tigela até ao nivel superior. Estes dois tubos não são comtudo indispensaveis.

O anão castanho e o raiosinho de sol

Um pequenino anão castanho vivia no buraco d'uma arvore, no meio d'uma grande floresta.

Este anãosinho era muito alegre e divertido, passava a maior parte do seu tempo cortando ramos de arvores, e fazendo com elles cavaquinhos, os quaes atirava aos viajantes que passavam.

Tinha sempre uma palavra ou cantiga alegre para cada pessoa, e nunca deixava ir-se embora nenhum pobresinho sem lhe dar qualquer bom petisco.

Todo o dia cantava alegremente; e de vez em quando, se lhe sobejavam feixesinhos de lenha, ia vendel-os á aldeia mais proxima.

A sua casa, dentro da arvore, apesar de pequenina, era muito quente e confortavel; e quando elle entrava e fechava a porta, ficava muito agasalhadinho.

Uma unica cousa faltava para a perfeita felicidade do anãosinho castanho. Precisava ter uma companheira; alguem ainda mais pequenino que elle, a quem pudesse proteger e amar.

Uma vez encheu-se de coragem e foi á aldeia pedir um bébésinho que acabava de nascer, mas a mãe não consentiu em separar-se do seu filho, e o anãosinho voltou para casa muito triste e desconsolado. Mas não desistiu; e por fim conseguiu o seu desejo.

Um dia, quando estava cortando uns ramos de arvore, ouviu o som d'uns passos muito pesados, e o chão começou a tremer como se houvesse um tremor de terra. Olhou á roda muito assustado, e viu um terrivel gigante que vinha andando; os passaros fugiam todos espavoridos, e os coelhos corriam a esconder-se nos buracos.

O anãosinho encobriu-se nos ra-

mos da arvore, e esperou para ver o que iria acontecer.

O gigante chegou ao pé da arvore onde estava o anão castanho, sentou-se encostado ao tronco e adormeceu. Resonava tão alto que todo o chão tremia.

De repente o anão ouviu uns gritosinhos de choro que pareciam vir da algibeira do gigante, e parecendo-lhe o choro d'uma creancinha; aproximou-se mais, e certificou-se que o gigante tinha um bébésinho na algibeira.

O anãosinho sem pensar no grande

risco que corria, tratou de a livrar de semelhante monstro.

Arrastou-se conforme poude, e chegou por fim á algibeira do gigante. Espreitou, e viu lá dentro uma menina muito pequenina; n'um instante pegou n'ella, e trouxe-a nos braços, correndo o mais depressa que as suas perninhas podiam. Quando chegou á sua casa no tronco da arvore, fechou logo a porta muito depressa; e sentou-se deslumbrado em frente do lindo thesouro que roubára.

O gigante ainda dormiu mais algumas horas; mas quando acordou, e deu pela falta da creancinha que era o petisco que tinha guardado para comer á ceia, ficou furioso. Grunhiu e berrou como um animal feroz com a furia, deitou abaixo umas poucas de arvores, e por fim encaminhou-se para o seu castello e metteu-se na cama com a barriga a dar horas.

Mas o anãosinho é que estava radiante com a sua felicidade, pois tinha conseguido arranjar uma pequenina para amar e cuidar como se fosse sua filhinha.

Que prazer para elle brincar e entreter a sua linda menina!...

A pequenina era tão viva e alegre que o anãosinho chamou-a o seu pequenino Raio de Sol; e agora cantava mais radiante que nunca emquanto trabalhava, pois todos os seus pensamentos eram para o bébésinho que tinha roubado, e a quem amava com tanta ternura. Como elle desejaria que a pequenina ficasse toda a vida em bébésinho!

Mas já se vê que isso não podia ser; os annos foram correndo, e o Raiosinho de Sol cresceu e tornou-se uma linda menina, rosada e fresca como uma aurora. Era tão bondosa e gentil que os animaes ferozes da floresta gostavam d'ella; a sua voz era tão doce que os passarinhos voavam á roda d'ella para a ouvirem cantar,

tão pura e boa que os lirios do campo curvavam a cabeça deante d'ella.

O anãosinho cada vez lhe tinha mais amor, e temia que a sua belleza tentasse algum viajante e que lh'a roubassem.

Construiu um aposento de folhas para ella viver, e deu-lhe todos os confortos que uma menina creada na floresta pode desejar.

O Raiosinho de Sol era feliz e alegre como uma borboleta; e só troçava do medo que o Anão Castanho tinha de que a viessem roubar.

«Emquanto aquelle maldito gigante viver, não posso ter socego!» dizia o anãosinho.

«Promette-me, Raiosinho de Sol, que nunca irás para longe, para poderes fugir para a arvore quando houver perigo.»

Apesar de tudo, o que elle receiava aconteceu um dia.

Uma vez, que o Raiosinho de Sol passeava pela floresta apanhando flores para se enfeitar, como fazia muitas vezes, foi mais longe que o costume, e sentou-se á sombra d'uma arvore para descançar.

Tinha ella acabado de tecer uma grinalda de pilriteiros para pôr nos cabellos, quando ouviu o som d'uns passos muito pesados, e todo o chão a tremer á roda d'ella. N'um momento appareceu o temivel gigante, e o pequenino Raio de Sol gritou de terror. Assim que o gigante deu com a linda menina, pegou n'ella, metteu-a debaixo do braço, e dirigiu-se para o seu castello, exactamente quando o anãosinho apparecia procurando a sua menina.

E assim que o anão viu o que tinha acontecido, deitou-se no chão, e chorou de rijo como uma creancinha, tal era o seu desgosto. Sentiu então uma palmada no hombro, e olhando para cima, viu um nobre mancebo, vestido com traje de caçador, com uma pluma no chapéu, e uma espada brilhando ao lado.

«Por que choras?» perguntou elle ao anão.

O anão castanho contou a sua triste historia, e o mancebo respondeu:

«Anima-te, amigo! O meu nome é Principe Sem Temor, e ando viajando á cata de aventuras. Aqui está uma, finalmente! Eu te ajudarei, e juntos livraremos o teu Raiosinho de Sol.»

O anãosinho saltou de contente, e os dois partiram logo, preparando um plano emquanto caminhavam.

Assim que chegaram em frente do castello do gigante, começaram a arremessar pedras ás janellas, com quanta força tinham. D'ahi a pouco, o gigante appareceu a uma das janellas, e furioso desceu as escadas n'um instante. O Principe e o anão estenderam uma corda em frente da porta, de maneira que quando o gigante quiz passar tropeçou e caiu, batendo com a cara no chão.

O Principe Sem Temor pegou então na espada, e enterrou-a no peito do gigante que ficou logo morto. N'esse momento, Raiosinho de Sol corria de dentro do castello sã e salva; e então que alegria não houve!

O Principe Sem Temor e Raiosinho de Sol assim que se viram e conheceram gostaram logo um do outro; e o anãosinho castanho começou a chorar por ver que ia outra vez perder a sua menina.

Mas o Principe disse: «Não te deixaremos só, virás comnosco para a côrte de meu pae.»

Partiram todos tres, e assim que chegaram ao palacio real, o Principe casou com Raiosinho de Sol, pelo que houve grandes festejos.

Pouco tempo depois, o Principe subiu ao throno, e um dos seus primeiros cuidados foi fazer o anão castanho seu primeiro ministro.

A pipa

Tem o Alberto pancada na mola,
Faz maldades, em vez de ir p'r'a escola.

Ai que mina! lá vae o Fernando,
Uma pipa p'la rua rolando.

Tal ensejo Albertinho não poupa
De lhe dar mais impulso p'la pôpa.

Mas, furioso, o garoto da pipa
Quer-se logo vingar da chulipa.

No momento em que a D. Violante
Vae passando na rua flammante.

Larga a pipa na sua carreira,
A rolar, a rolar p'la ladeira,

Apanhando co'a pipa, a velhota
Por um triz que não dá cambalhota.

Na corrida, o maroto do Alberto,
Já sentindo o Fernando mui perto,

Salta o eixo na tola da velha,
Que o Fernando apanhou de cernelha.

E Albertinho lá fica troçando,
Da desanda que apanha o Fernando.

Boa educação

Uma senhora encontra a Suzanninha pela mão da Maman, e dá-lhe um bolo.

«Que se diz, menina? pergunta a Maman com ar severo.

E a Suzanninha, arregalando os olhitos: «Mais!»

Ingenuidade

A filhinha do grande compositor Meyerbeer, depois de estar muito tempo á janella a vêr as tropelias de umas creanças esfarrapadas, voltou-se para dentro e disse com muita tristeza:

«Que grande infelicidade ser filha de gente fina!»

Quantas nozes?

A Mimi disse á irmã: «Tenho cinco vezes tantas nozes como tu tens». E a irmã respondeu: «E' exacto; tens mais 24 do que eu». Quantas nozes tinha cada uma d'ellas?

(A solução virá no numero seguinte.)

Literatura Brazileira

EDIÇÕES DA LIVRARIA Francisco Alves & C.ª

RIO DE JANEIRO

A' venda na administração d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferrejial, 6, 1.º — **LISBOA**

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida, 2.ª edição. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

O Livro das Donas e Donzellas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

Minha Primeira Viagem á Volta do Mundo, por Mademoiselle H. S. Brés, album ilustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart. 750

Minha Historia Sagrada, tradução do Dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in-4 francez, ilustrado de numerosas e belissimas gravuras e cromos..... 750

Mau Livro de Malicas. — Um livro ricamente encadernado 750

Historias de Fadas, livro para creanças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pags. ilustrado, impresso e encadernado em Paris 500

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente ilustrado 750

Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente illustrado 750

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris 750

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart..... 500

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado..... 500

Era uma vez... contos para criauças, pelo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in-16, ilustrado com dezenhos orijinaes de Norfini..... 500

PREÇOS MOEDA PORTUGUEZA

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

1.º Grande Premio — Rio de Janeiro 1908.
Medalhas de Ouro — Porto 1904 e Madrid 1907.
Medalha de Prata — S. Luiz 1904.

UNICOS EXPORTADORES:

ASSIS & C.ª — Lisboa

Endereço telegrafico:

MOURAGUAS

Codigo

"RIBEIRO"

Estas aguas perfeitamente limpidas, transparentes, inodoras, incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas da bexiga e vias urinarias; efficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: *atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e liticas.* Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Vaccinogenico Pestana foram classificadas de **MUITO PURA.**

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

R.P.
BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA

«Que tristeza a do Tótó! Está com pena de não poder ler as lindas historias do *Gafanhoto!*»

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª
Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro
DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres
da officina Photomecanica de **Thomaz Bordallo Pinheiro — LISBOA**

O corsel de Mano Coelho

Mano Coelho tinha-se gabado a uma senhora das suas relações, D. Felismina, de que o seu papá costumava cavalgar Mano Raposo.

Ora Mano Raposo soube d'isto, e foi direitinho a casa de Mano Coelho, protestando que o faria engulir aquella affronta.

Quando chegou, Mano Coelho já estava á espera d'elle, e tinha a porta aferrolhada. Mano Raposo

bateu. Nada de resposta. Tornou a bater — truz! truz! Até que por fim Mano Coelho bradou com voz fraca:

«E' o Mano Raposo? Veja lá se me vae chamar o medico. A salsa que eu comi esta manhã poz-me á

dependura. Peço-lhe por amor de Deus, Mano Raposo, corra quanto antes», assim disse Mano Coelho.

«Vim cá procural-o, Mano Coelho», disse Mano Raposo, «por via de uma partida que ha em casa de D. Felismina. Eu prometti leval-o commigo.»

Vae Mano Coelho, disse que estava muito doente, e Mano Raposo replicou que não estava tal, e ahi começaram os dois a questão, dize tu direi eu. Mano Coelho disse que

não podia dar passo. Mano Raposo promptificou-se a leval-o.

«Mas como ha de ser?» perguntou Mano Coelho.

«Ao eollo», respondeu Mano Raposo.

Mano Coelho affirmou que Mano Raposo o deixaria cahir. Mano Raposo declarou que não. E vae então Mano Coelho disse que só iria, se Mano Raposo o levasse ás cavallitas. Mano Raposo disse que sim, que o levava. Mano Coelho protestou que não podia cavalgar sem sella.

«Arranja-se a sella», disse Mano Raposo.

Mano Coelho disse que não podia sentar-se na sella sem uma redea para se segurar.

«Arranja-se a redea», disse Mano Raposo.

Mano Coelho disse que não podia passar sem uns antolhos, para que Mano Raposo não tropeçasse em algum tronco e não ferrasse com elle em terra.

«Arranjam-se os antolhos», disse Mano Raposo.

Então Mano Coelho declarou que iria. Mano Raposo disse que levaria Mano Coelho a casa de D. Felismina, onde elle se apearia e andaria o resto da tarde a pé. Mano Coelho concordou, e Mano Raposo

foi a toda a pressa buscar a sella e a redea.

Ora Mano Coelho é claro que estava farto de saber qual era o trama de Mano Raposo, e estava resolvido a fazer-lhe estalar a castanha na boea. Penteou-se muito bem, frizou os bigodes, paramentou-se o

melhor que poude, eis que chega Mano Raposo, todo ajaezado que

nem um garrano habilidoso de um circo. Trotou até á porta, e entrou a escarvar a terra, a morder o freio, tal qual como um cavallo a valer.

Vae Mano Coelho montou, e ahi partiram por alli fora. Mano Raposo não podia olhar para traz por causa dos antolhos, mas sentiu logo que Mano Coelho levantava um dos pés.

«Que está a fazer, Mano Coelho?» perguntou elle.

«Estou a encolher o estribo esquerdo, Mano Raposo», foi a resposta.

Logo a seguir Mano Coelho levantou o outro pé, e afinal o que elle estava fazendo era a pôr umas esporas, e quando elles chegavam

perto da porta de D. Felismina, e Mano Raposo se dispunha a parar, Mano Coelho cravou as esporas nas ilhargas de Mano Raposo. Quando chegaram defronte da casa, estava a D. Felismina na varanda com muitas meninas, e em vez de parar ao portão, Mano Coelho foi andando para deante, e depois voltou a galope pela estrada fóra até chegar á argola onde prendeu Mano Raposo, e em seguida entrou todo lesto

pela casa dentro, fazendo os cumprimentos do estylo.

«Minhas senhoras», disse elle,

«não lhes disse eu que Mano Raposo era o corsel da nossa familia? Elle agora não está lá muito bom de andadura, mas eu conto pôl-o fino com um ou dois mezes de picadeiro.»

E n'isto Mano Coelho arreganhou os dentes com ar de troça, e Mano Raposo lá ficou preso á argola, sem poder mecher-se.

D'ahi a pouco Mano Coelho disse

que eram horas de se ir embora, despediu-se das senhoras, foi todo arrogante até á argola, cavalgou Mano Raposo e afastou-se cumprimentando.

Mano Raposo não dizia palavra. Saltava por alli fóra, de boca fe-

chada; mas Mano Coelho, percebendo que elle andava a ruminar partida grossa, ia com a pedra no

sapato. Mano Raposo caminhou a passo travado até perderem de vista a casa da D. Felismina, e d'ahi por deante ficou á solta. Elle eram couces, e upas, e curvetas, e pragas, e roncos, tudo com a ideia de arremessar ao chão Mano Coelho. Mas qual historia! era tempo perdido. Cada corcovo que dava, enterravalhe Mano Coelho as esporas nas ilhargas, e não havia movel-o d'alli. Mano Raposo fartou-se de fazer poeirada, até que afinal deu comsigo no chão e rebolou pela terra. Com isto é que Mano Coelho perdeu as estribeiras; Mano Raposo poz-se em pé n'um momento, mas já Mano Coelho galgava pelo meio do matto que nem um cavallo de corridas. Mano Raposo desembestou por alli fóra atraz d'elle, e tanto apertou com Mano Coelho que este não teve remedio senão encafuar-se n'um tronco ôco. O buraco era tão estreito que Mano Raposo não podia enfiar por elle; em vista d'isso deitou-se da banda de fóra, a descansar e a parafusar no que havia de fazer.

Esteve elle alli estiraçado, vae senão quando apparece Mestre Falcão a dar ás azas. Vendo Mano Raposo por terra, Mestre Falcão sacudiu a aza, poz a cabeça de esguelha, e disse alto, mas como quem falava com os seus botões:

«Mano Raposo morreu! Que pena que eu tenho!»

«Qual morreu nem meio morreu!» exclamou Mano Raposo. «Estou aqui de guarda a Mano Coelho

que está alli dentro, e d'esta vez não me escapa elle, ainda que eu tenha de estar aqui até ao Natal!»

E vae ao depois puzeram-se a conversar sobre o caso, até que Mano Raposo convenceu Mestre Falcão a ficar alli de guarda ao buraco, á espreita de Mano Coelho, emquanto elle ia buscar um machado.

Apenas tudo ficou em socego, Mano Coelho fez assim a modo uma restolhada ao pé do buraco e desatou a gritar:

«Quem me dera que estivesse aqui Mestre Falcão!»

Vae Mestre Falcão tratou de imi-

tar o melhor que ponde a fala de Mano Raposo, e disse assim:

«Que quer vossê a Mestre Falcão?»

«Ah! não é cousa de grande monta! É que anda aqui dentro um esquilo, gordo como um texugo, nunca vi cousa assim! E se Mestre Falcão estivesse ahi e se puzesse á espreita deante do bura-

quinho que ha da outra banda da arvore, eu cá empurrava-lhe o esquilo para lá!»

«Então empurre, amigo», disse Mestre Falcão, «que eu verei se Mestre Falcão lhe deita a unha.»

Vae Mano Coelho fez lá dentro uma zaragata assim como quem

empurra alguma cousa para fóra, Mestre Falcão torneou a arvore para agarrar o esquilo, e Mano Coelho saltou do buraco e deitou a fugir para casa como um foguete.

Ora bem! Mestre Falcão ficou alli pespegado, vae senão quando apparece Mano Raposo a correr por entre o matto com o machado ao

hombro. E começou logo ás machadadas ao tronco, até que o ti-

(Continúa na pag. 442).

O Papá tem um forte e bom cavallo,
Tal qual como este meu;
Sabe ter mão na redea e governal-o,
Trota, salta, galopa,
Na deanteira da tropa.
Quando eu fôr homemzinho,
Assim hei de ser eu.

O Papá tem, como eu, soberba espada
E plumas no chapeu;
Vendo a terra da patria ameaçada,
Não quer saber de p'rigos,
Derrota os inimigos.
Quando eu fôr homemzinho,
Assim hei de ser eu.

Disse o Papá, quando partiu p'r'a guerra:
«Não chores, filho meu!
«Defender seu governo e sua terra
«É dever de soldado,
«É gloria que dá brado!»
Quando eu fôr homemzinho,
Assim hei de ser eu.

nha quasi cortado de todo, quando percebeu que Mestre Falcão estava

a rir-lhe nas costas. Mano Raposo logo farejou partida grossa, e saltou em Mestre Faleão.

«Deixe-me em paz, Mano Raposo», guinehou Mestre Faleão. «Mano Coelho ha de sahir. Vossê está mesmo rez-vez eom elle.»

«Mais perto de vossê estou eu, do que hei de estar de Mano Coelho», disse mano Raposo. «A modo que vossê está a caçoar comigo?»

Vae então Mestre Faleão começou a dar á taramela, eontando o que se tinha passado, e dizendo que Mano Coelho era a creatura mais descarada que elle tinha visto em toda a sua vida. E vae Mano Raposo respondeu assim:

«Escusa de estar eom isto e mais aquillo, Mestre Falcão. A verdade é que eu o deixei aqui de guarda a esta toca, e Mano Coelho estava lá dentro. Quando voltei, achei-o aqui sósinho defronte da toca, mas a respeito de Mano Coelho, vistel-o? nem eu! Vae-me pagar com lingua de palmo, olé se vae! Foi um escarneo p'ra mim, que até o mais reles passarinho, encarrapitado n'um ramo, é capaz de rir nas minhas bocheehas. Ora isso é que eu não tolero. Vou atirar com vossê para cima de um mólho de carqueija, e deitar-lhe fogo.»

«Se quer deitar-me fogo, Mano Raposo, eu cá levanto vôo», aeudiu Mestre Falcão.

«Isso é que nós vamos vêr», disse Mano Raposo.

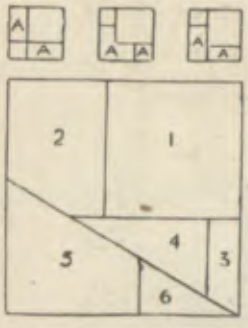
E n'isto deitou as unhas á eauda

de Mestre Falcão para o atirar por terra, mas as pennas da cauda ficaram-lhe na mão, e Mestre Falcão levantou-se pelos ares como se fosse um d'esses balões de brincadeira; e Mano Raposo ficou embasbacado para elle, até o perder de vista.

O tapete japonez

(Solução)

Os tres primeiros desenhos juntos mostram differentes maneiras de dividir o tapete em dois quadrados eguaes e um outro mais pequeno, cortando-o em quatro pedaços. A primeira irmã ficará n'este caso com um quadrado inteiro; a segunda com dois pedaços, marcados A A, os quaes juntos formam um quadrado das mesmas dimensões do primeiro; a terceira com um quadradinho inteiro, com a quarta parte da area dos outros.



Suppondo que o tapete mede 3 metros de lado, desenhem um quadrado e dividam em tres partes cada um dos lados. Tracem sobre um dos lados um quadrado com duas d'essas partes de lado. Este quadrado terá por medida 2 metros por 2 metros, ou seja 4 metros quadrados; o quadrado pequeno do canto mede 1 metro por 1 metro, ou seja 1 metro quadrado; e os dois pedaços restantes terão cada um d'elles 2 metros por 1, ou seja 2 metros quadrados, e a somma d'elles 4 metros quadrados. O total é pois 9 metros quadrados. Isto pelo que respeita á primeira figura. As outras duas tambem acharão facilmente que satisfazem ás condições primordiaes do problema.

Mas se o tapete tiver de ser dividido em tres quadrados de egual superficie, é necessario cortal-o pela forma indicada no ultimo desenho, por forma que a primeira irmã fica com um quadrado similhante ao que tem o numero 1; a segunda com outro feito com pedaços similhantes aos marcados com os numeros 4 e 5; e a ultima com outro feito dos pedaços similhantes aos numeros 2, 3 e 6. Recortem um papel em quadrado, cortem-n'o segundo as linhas marcadas, façam as adaptações indicadas, e verão como o problema se resolve a contento das tres japonezas.

A escolher

O Pedrinho é levado da breca; mas, como passou uma semana inteira sem grandes travessuras, o tio mandou-lhe tres brinquedos, para o pequeno escolher um de entre elles.

«Então», perguntou o tio no dia seguinte, «qual é que escolhes?»

«Escolho o boneco... e o cavalinho... e o cordeirinho branco.»

O' Nini, larga o cavallo,
Tenho aqui o Gafanhoto;
Vamos ambos decoral-o,
E, se te acommodas, dou-t'o.

HORAS D

— «Bébésinho, p'r'a cama depressa,
«Que o relogio nove horas deu já.
«Se resistes, se a teima começa,
«Com certeza a Maman ralhará.»

DE CAMA

— «Não posso ir p'r'a cama,
«Não, não pode ser.
«Tenho ainda muito,
«Muito que fazer.

«Preciso os bonecos
«Deital-os com geito.
«Que tristes que ficam,
«Se acaso os não deito!

«Ainda ao bichano
«Não dei boas noites,
«E ao preto, que é mau,
«Não dei dois açoites.

«E a bola, que é nova,
«De abril-a preciso,
«P'ra ver que tem dentro. . . »
— «Bébé, tem juizo!»

— «E os bichos da Arca,
«Não ha quem m'os guarde. . .
— «Bébé, tem juizo,
«Que é já muito tarde!»

— «Não é, mana! A culpa
«E' do gafanhoto.
«Agarrado aos pesos
«Não vês o maroto?

«Elle é que o relogio
«Adeanta em segredo.
«Não quero deitar-me,
«O' mana, inda é cedo!»

Manta de crochet

Todas as nossas leitoras que não saibam ainda fazer crochet precisam aprender, porque além de facil, faz-se depressa, e é muito util pois se fazem por esta forma um grande numero de trabalhos. Pode-se trabalhar com lã, algodão ou seda, conforme a applicação que se dér ao objecto que se executa.

Fig. 1

Com lã podem-se fazer camisolas, saias, sapatos de creança, mantas, etc, e com algodão, colchas, pannos para almofadas, e até blusas como as que estão agora em moda para as senhoras; mas como a leitora naturalmente é principiante, limitamo-nos por emquanto a ensinar-lhe uma manta muito simples.

Para trabalhos feitos com seda ou algodão devem-se usar as agulhas d'aço, mas para trabalhos em lã ou trama d'algodão só servem as d'osso, por isso é com uma d'osso que vamos começar o nosso trabalho, visto a manta ser de lã.

Faz-se em primeiro logar uma cadeia de malhas, como a que mostra a nossa primeira gravura. Dá-se uma laçada na ponta da lã, mette-se a agulha, que se pega com a mão direita, n'essa laçada, passa-se a lã por cima do indicador da mão esquerda, e com a agulha vae-se puxando a lã que passa atravez da laçada, como mostra a fig. 1. Para principiar a manta fazem-se 40 d'estas malhas seguidas, começando depois a primeira carreira do ponto que vem na fig. 2, que é executado sobre as malhas já feitas.

Dá-se com a lã uma volta na agulha, que continua enfiada na ultima malha que se fez, e mette-se na malha seguinte, pegando só n'um fio, puxa-se a lã atravez esse fio, de maneira que fiquem trez laçadas na agulha. Dá-se outra volta com a lã na agulha, como mostra a fig. 2, e faz-se passar essa ultima laçada pelas duas seguintes, ficando assim a agulha ainda com duas. Torna-se a dar outra volta com a lã e passa-se atravez das duas laçadas que restam na agulha, faz-se o mesmo nas malhas seguintes, e ahi teem o ponto com que se executa a manta.

Não sei se as leitoras comprehendem-

Fig. 2

rão o que explicamos, mas basta a nossa gravura para as guiar.

Quando estiver concluida a primeira carreira, volta-se para o outro lado e continua-se o mesmo ponto, tendo o

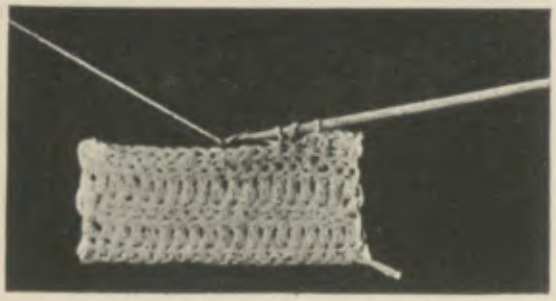


Fig. 3

cuidado ao pegar na malha em baixo pegar só n'um fio.

Depois das trez ou quatro voltas primeiras, faz-se a barra com outra lã e outro ponto, o qual vamos ensinar. Este ponto tem pouca differença do que acabamos de explicar, e é ainda mais simples.

Começa-se a fila com a outra lã que se reune á primeira com um nósinho que se não veja, forma-se primeiro uma laçada com a agulha, dá-se depois uma volta com a lã, e em logar de metter só n'um fio da malha em baixo, pega-se nos dois. Depois de estarem as trez laçadas na agulha, dá-se ainda uma volta, como no primeiro ponto, e, aqui é que está a differença, em logar de puxar por duas vezes, passa-se logo d'uma vez a lã atravez das trez laçadas. Fazem-se umas doze ou quinze carreiras com este ponto para formar a barra, com lã azul escura ou encarnada, que são as cores mais apropriadas para este effeito. Torna-se outra vez a fazer o outro ponto com a lã branca até que tenha o tamanho bastante para a manta, voltando a fazer do outro lado a barra semelhante á outra, e as quatro filas depois da lã branca.

Para completar a manta só falta a franja que é o mais facil de fazer.

Corta-se a lã branca em bocados eguaes que tenham uns dez centimetros de tamanho, juntam-se uns quatro fios, dobram-se ao meio, e mettendo a agulha n'uma das malhas da manta, puxam-se com ella os quatro fios pelo meio e fazem-se passar com os dedos, pela laçada que está feita pela agulha ás pontas da lã, formando assim um nó que se aperta depois puxando bem as extremidades da lã, de maneira que fique bem firme.

Fig. 4

Contas de dividir

— «Senhor pasteleiro, que preço é que tem
«Os pasteis que vende?»
— «Custam um vintem.»

— «Corte então ao meio
«Um dos seus pasteis,
«Porque eu, p'ra compral-o,
«Tenho só dez réis.

«Se o não levo, zanga-se
«O Bébé depois.
«P'ra pagar, um só;
«P'ra papar, são dois!»

A bola de ouro da Princeza

Uma bella tarde uma princezinha foi passear pelo seu parque, e sentou-se ao pé d'um regato de agua. Levava na mão uma bola de ouro, que era o seu brinquedo favorito, e divertia-se a atiral-a ao ar e a apanhal-a quando ella caia. Uma das vezes atirou-a tão alto que quando estendeu a mão para a agarrar, a bola escapou-se, rolou pela relva, e foi cair dentro do regato.

A princeza tentou encontral-a, mas o regato era tão fundo, tão fundo, que ella não podia vêr onde tinha caido a sua bola. Começou então a lamentar-se, e disse:

«Se eu pudesse tornar a encontrar a minha linda bola, daria todos os meus ricos vestidos e joias, e tudo o mais que possuo».

Emquanto estava fallando, uma rã poz a cabecinha fóra de agua, e disse:

«Princeza, porque choras tanto?»

«O que podes tu fazer por mim, feia rã?» disse a princezinha. «Choro a minha bola de ouro que cahiu no fundo do ribeiro.»

A rã tornou:

«Não quero as tuas perolas, as tuas joias, e os teus vestidos; mas se tu gostares de mim, e me deixares viver comtigo, e comer no teu prato de ouro, terás a tua bola outra vez.»

A princezinha pensou:

«Que tolices me pede a idiota da rã! Ella não póde viver fóra de agua. Ainda assim como me póde encontrar a bola, prometto-lhe o que ella me pede.» E voltando-se para a rã, disse:

«Está bem, se me trouxeres a minha bola, prometto fazer o que pedes.»

A rã mergulhou logo muito fundo, e d'ahi a um instante voltou trazendo a bola na boca, e atirou-a para a relva.

Assim que a princezinha viu a sua bola, apanhou-a muito depressa, e ficou tão contente por a ter nas mãos outra vez, que quasi não agradeceu a rã, e fugiu para casa o mais depressa que poude.

A rã chamou por ella, gritando:

«Para, e leva-me comtigo, como prometteste.»

Mas qual! a pequenina princeza corria, e não ouviu uma palavra do que a rã dizia.

No dia seguinte, quando a princeza se sentou á meza, para jantar, ouviu um barulho esquisito, *tap-tap*, assim como se alguem andasse sobre o marmore da escada; e d'ahi a um instante, bateram muito devagarinho á porta, e uma voz disse:

«Princezinha que eu acato,
«Abre a porta, abre depressa;
«Não te esqueças da promessa,
«Que fizeste no regato».

A princeza então levantou-se, abriu a porta, e viu a rã, que ella já tinha esquecido de todo. Ficou com muito medo, e fechando a porta o mais depressa que poude, tornou a vir sentar-se no seu logar.

O rei, seu pae, perguntou-lhe o que a tinha assustado tanto.

«E' uma rã muito feia», disse ella, «que está alli á porta. Esta rã apanhou-me a bola de ouro no fundo do regato, eu prometti-lhe que ella viria viver commigo, pensando que ella não podia sair do regato; mas veiu cá ter, e quer entrar cá para dentro!»

Emquanto ella fallava, a rã tornou a bater á porta.

O rei disse para a filha:

«Como fizeste uma promessa, deves cumpril-a; vae abrir a porta e deixa-a entrar.»

Assim que a princeza abriu a porta, a rã veiu logo para ao pé da meza.

«Levanta-me e põe-me n'uma cadeira», disse para a princezinha, «quero ficar sentada ao pé de ti.»

A princeza fez o que ella lhe pedia. Em seguida a rã disse: «Põe o teu prato chegado a mim, pois quero comer por elle.»

Assim que a princeza chegou o prato, a rã comeu tanto quanto poude, e depois disse: «Agora estou cançada; leva-me para o teu quarto, e deita-me na tua caminha.»

A princeza pegou n'ella, e levou-a para a sua cama. Na almofada estavam dois gnomos pequeninos, que desappareceram assim que elles chegaram, e a princeza poz a rã sobre a almofada da sua caminha, e deixou-a alli dormir toda a noite. Assim que amanheceu, a rã saltou para o chão, desceu as escadas, e desappareceu.

«Agora», disse a princeza «foi-se embora com certeza, e não me incommodará mais.» Mas enganava-se, porque assim que anoiteceu, ouviu a mesma pancada á porta; e quando foi abrir, a rã veiu logo para cima da almofada, onde dormiu toda a noite, desapparecendo logo de manhã, e na terceira noite fez o mesmo.

Mas quando na manhã seguinte acordou, a princeza ficou muito admirada de vêr, em logar da rã um lindo principe, que á cabeceira da cama, a olhava com os olhos mais lindos que ella tinha visto em dias de sua vida.

Disse-lhe que tinha estado encantado por uma bruxa muito má, que o tinha transformado n'uma rã, e n'essa forma havia de ficar até que alguma princeza o pudesse tirar do ribeiro, e o deixasse dormir trez noites na cama d'ella.

«Tu», disse o principe, «quebraste o encanto e agora o meu maior desejo é que vás commigo para o reino de meu pae, onde casaremos, e nos amaremos toda a vida».

A princezinha, como devem pensar, não demorou o seu consentimento; e d'ahi a algum tempo partiram n'uma esplendida carruagem puxada a oito cavallos todos enfeitados com plumas e arreios de ouro.

Quando chegaram ao reino onde viviam os paes do formoso principe, houve grandes festejos pela chegada do principe e pelo seu casamento.

A princezinha e seu marido tiveram muitos e muitos annos alegres e ditosos.

Brinquedos feitos em casa

Duas bonecas e um cavallo

O Gafanhoto tem a certeza que todos os seus leitores lhe vão agradecer commovidos o divertimento que lhes vae proporcionar, e não só o divertimento, a economia tambem.

Os brinquedos feitos em casa teem a vantagem de entreter os leitores na sua confecção e de evitar que estejam constantemente a pedir á mamã dinheiro para os comprar.

Vamos em primeiro logar dar a explicação da fig. 1 que é d'uma interessante bonequinha feita simplesmente com dois ganchos do cabello, um ferro, uma rolha, e um bocado de qualquer tecido para o vestido.

Corta-se um bocado da rolha para fazer a cabeça e fura-se lado a lado com um alfinete grosso; tira-se o alfinete e mette-se pelo buraco os dois ganchos dobrados, um dos quaes deve ser mais curto que o outro. Voltam-se as extremidades do ganho mais pequeno primeiro para dentro e depois para fóra, para formar os braços como se vê na fig. 1.

Cobre-se a rolha com panno branco que se ata á roda do pescoço, e desenha-se depois os olhos, nariz e bocca com tinta de escrever. As mãos tambem são feitas com panno branco. Veste-se então a boneca com qualquer vestido, e faz-se-lhe uma touca bastante grande que encubra bem a parte

Fig. 1

Fig. 2

de traz da cabeça e não deixe perceber a falta de cabello.

A fig. 2 representa uma boneca que anda.

Tambem não exige muita coisa para a sua confecção; basta algum arame, duas tampas de caixas redondas, uma caravelha de viola e um vestido.

Esta boneca dá um pouco mais de trabalho que a outra mas ainda assim é muito facil.

Accolhoa-se a extremidade da caravelha com um pouco d'algodão, para fazer a cabeça da bo-

neca. Forra-se depois o algodão com um bocado de seda ou papel encarnado, e por cima d'isto um tecido branco e transparente, dando-lhe assim um tom rosado á face. Se a leitora se não importar que a boneca fique pallida, pode cobrir o algodão simplesmente com panno branco e atal-o em baixo onde deve ser o pescoço.

Enrola-se uma porção d'arame tambem á roda do pescoço e deixa-se para os lados uns bocados para formar os braços, que se cobrem com panno branco.

Pega-se depois nas duas tampas e se as bordas forem muito largas corta-se com uma tesoura tudo á roda para que fiquem mais estreitas, e mette-se uma dentro da outra pegadas com gomma.

Faz-se um buraco nas tampas e um de cada lado das extremidades da caravelha.

Mette-se a roda formada pelas tampas, entre a caravelha e atravessam-se os buracos com um alfinete grosso, voltando-lhe a ponta com uma torquez para que não possa mais sair.

Cose-se um arame fino á roda da saia da boneca, que deve tocar no chão, de maneira que a faça aguentar de pé.

O vestido é á vontade das leitoras. O cabello faz-se com estopa ou aproveita-se alguma cabelleira d'outra boneca que esteja quebrada. A cara pode ser simplesmente desenhada com tinta de escrever, mas fica melhor se fôr pintada a côres.

Se puzerem a boneca depois de prompta n'um sitio plano e se lhe derem com cautela um empurrão andará um bocado sósinha.

Damos ainda no nosso jornal a amostra d'um cavallo que se faz tambem com toda a facilidade.

Arranja-se uma caixa de mangas de candieiro, 6 paus, 4 rodi-

Fig. 3

nhas, cartão, arame e alguma lã preta. Cortam-se quatro paus todos do mesmo tamanho. Tira-se a tampa da caixa e fazem-se na parte que deve ficar para baixo quatro furos, onde se enfiam os paus bem fundos para ficarem firmes. Isto forma as pernas do cavallo. Faz-se em seguida o rabo cortando a lã em bocadinhos pequenos que se atam juntos, ficando assim uma especie de borla que se enfia por um buraco que se faz no fundo da caixa.

Desenha-se a cabeça e o pescoço no cartão, recorta-se depois e dando um golpe na caixa enfia-se

por essa abertura a cabeça. Põe-se depois gomma á roda da tampa que está tirada, pelo lado de dentro, e mette-se outra vez na caixa, fazendo tambem um golpe na borda onde enfia o pescoço do ca-

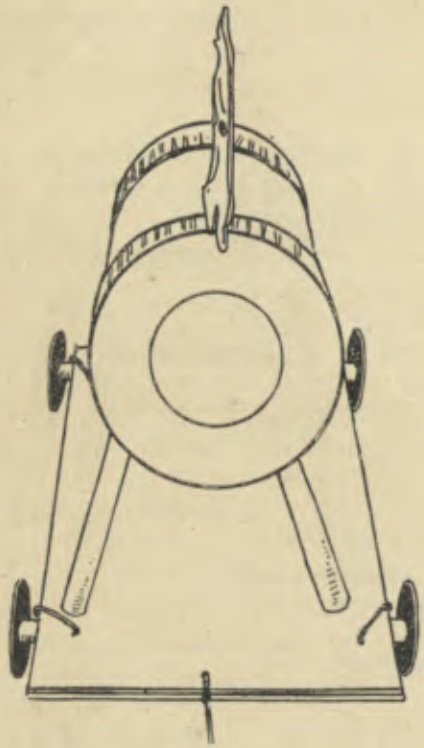


Fig. 4

vallo. A tampa fica pegada e segura assim a cabeça ao corpo.

Cortam-se dois bocados de cartão exactamente do mesmo tamanho, ao comprido para assentar o cavallo. Fazem-se n'um d'elles oito furos, dois de cada lado nas extremidades, fazendo quatro mais para o meio, bastante largos por onde caibam as pernas.

Enfiam-se depois as rodinhas nas extremidades dos outros dois paus, e põem-se por baixo do cartão, de maneira que venha a sair uma roda d'um lado e outra d'outro, e seguram-se os paus com arame forte, passado pelos furos feitos no cartão, mas não apertando muito para que as rodas possam girar facilmente.

Colla-se depois a outra peça de cartão por baixo da que estava.

A fig. 3 mostra o cavallo de lado e a fig. 4 o cavallo por traz.

Resposta clara

No tribunal, o juiz pergunta a uma testemunha, conforme o costume, onde é que mora.

«Junto com meu irmão.»

«Bem, mas o seu irmão, onde é que mora?»

«Mora na mesma casa que eu, senhor juiz.»

«Já sei, mas isso não basta. Preciso saber onde moram ambos.»

«Moramos juntos, senhor juiz.»

E não houve maneira de lhe arrancar outra cousa.

X X X X X X X X X X X X X X X

Quantas nozes?

(Solução)

Desde que a Mimi tem cinco vezes o numero de nozes que tem a irmã, e tem a mais 24 do que esta, 24 deve ser quatro vezes o numero de nozes que possue a irmã. Portanto esta tem 6, e a Mimi 30.

Literatura Brazileira

EDIÇÕES DA LIVRARIA Francisco Alves & C.ª

RIO DE JANEIRO

A' venda na administração d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferrejial, 6, 1.º — **LISBOA**

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida, 2.ª edição. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

O Livro das Donas e Donzelas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo. por Mademoiselle H. S. Brés, album ilustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart. 750

Minha Historia Sagrada, tradução do Dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in-4 francez, ilustrado de numerosas e belissimas gravuras e cromos..... 750

Meu Livro de Maiicas. — Um livro ricamente encadernado 750

Historias de Fadas, livro para creanças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pajs. ilustrado, impresso e encadernado em Paris 500

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in-8 pequeno, copiozamente ilustrado 750

Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in-8 pequeno, copiozamente illustrado 750

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris 750

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart..... 500

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado..... 500

Era uma vez... contos para crianças, pelo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in-16, ilustrado com dezenhos orijinaes de Norfini..... 500

PREÇOS MOEDA PORTUGUEZA

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

1.º Grande Premio — *Rio de Janeiro 1908.*
Medalhas de Ouro — *Porto 1904 e Madrid 1907.*
Medalha de Prata — *S. Luiz 1904.*

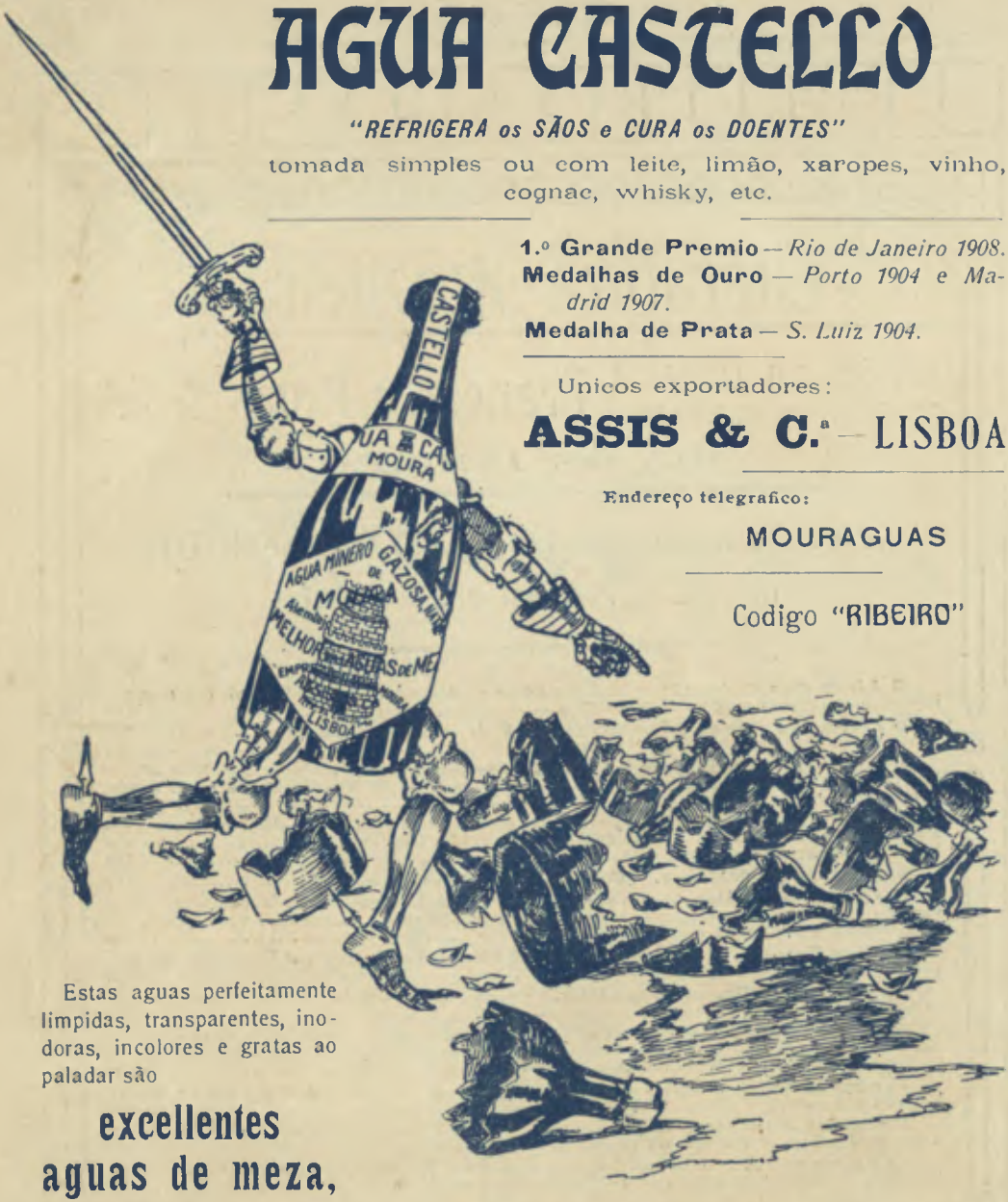
Unicos exportadores:

ASSIS & C.ª — LISBOA

Endereço telegrafico:

MOURAGUAS

Codigo "RIBEIRO"



Estas aguas perfeitamente limpidas, transparentes, inodoras, incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas da bexiga e vias urinarias; efficazes tambem na obsidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: **atermaes, hypocalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e liticas.** Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de ***MUITO PURA.***

2.ª SERIE Outubro 1910 N.º 20

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Madame Hippo parte para as aguas.

IMPRESSO E COMPOSTO N'«A EDITORA»
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios | Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro

DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres

da officina Photomecanica de Thomaz Bordallo Pinheiro — LISBOA

A experiencia do Principe

Era uma vez um Principe que reinava n'um reino muito pequenino e pobre. Esse Principe desejava casar com a filha d'um Imperador, que não o queria para marido.

Ora acontecia que no sitio em que estava enterrado o pae do Principe, crescia uma linda roseira que florescia só uma vez durante cinco annos, e mesmo assim só dava uma rosa, a qual cheirava tão bem que todos os cuidados e penas se desvaneciam quando se cheirava tal flor.

O Principe possuia tambem um rouxinol, que cantava de tal maneira que era um encanto ouvil o trinar as mais doces melodias.

Como eram estas as duas cousas mais preciosas que o Principe tinha, resolveu dal-as de presente á Princeza; para esse fim, metteu-as n'uns cestinhos de prata e mandou-lh'as.

O Imperador levou-as a uma grande sala, onde a filha se divertia com as suas damas; e quando ella viu os cabazinhos, bateu as palmas de contente.

«Ah! se dentro d'um dos cestos estivesse um gatinho, como eu ficaria contente!» exclamou ella; mas foi a roseira com a sua linda rosa que primeiro appareceu.

A Princezinha pegou-lhe e quasi chorou de desapontamento.

«Vamos ver o que traz o outro cesto», propoz o Imperador.

Saiu o rouxinol e começou logo a cantar tão deliciosamente que ninguem se atreveu a mostrar descontentamento. Todos, mesmo a Princeza, estavam encantados.

«Que quer isto dizer?» exclamou o imperador

«Desconfio que esse passaro não é verdadeiro», disse a Princeza.

«É, sim, real Senhora», responderam os fidalgos que o tinham trazido.

«Então deixem-n'o voar», retorquiu a Princeza, e declarou tambem que recusava terminantemente ver o Principe.

Elle, no entanto, não desanimou; e querendo tentar uma experiencia, pintou a cara de preto, enterrou um barrete até ás orelhas e foi bater á porta do palacio.

Conduziram-n'o deante do Imperador, a quem elle pediu se o empregava no palacio.

«Sim», respondeu o Imperador; «preciso d'alguem que me tome conta dos porcos.»

Deram ao Principe um quarto muito acanhado e sujo, pegado com a pocilga onde ficavam os porcos, e era alli que elle passava os dias a trabalhar.

D'ahi a pouco apromptou uma pequena caçarola, cheia de guizos á roda, e que, quando a agua fervia dentro, tilintava os guizinhos alegremente, tocando uma melodia muito bonita.

Mas o mais curioso era que, quando alguem passava o dedo pela borda da caçarola, espalhava o cheiro de todos os petiscos que estavam cosinhando n'aquella occasião em todas as casas da cidade.

Aconteceu passar a Princeza por alli e parar muito admirada a ouvir a musica que os guizos estavam tilintando.

«Esta musica toco eu», disse a Princeza; «este guardador de porcos deve ter sido muito bem educado. Vae perguntar-lhe o preço d'esse instrumento», disse para uma das damas.

A dama foi ter com o Principe e perguntou lhe:

«Quanto queres tu por esta caçarola?»

«Quero dez beijos da Princeza», disse elle.

A dama sahiu toda indignada, e á Princeza, que perguntou:

«Então, o que pede elle?»

«Não vos posso dizer», replicou a dama, «é muito feio o que elle pede».

«Dize-m'o em segredo.»

E a dama segredou-lhe ao ouvido a proposta do guardador de porcos.

«É na verdade bem atrevido!» disse a Princeza, e andou para deante. Mas quando já se ia a afastar, os guizos tocaram tão bem que ella tornou a parar.

«Pergunta-lhe se elle quer dez beijos das minhas aias», disse para uma das damas.

«Não, obrigado», respondeu o Principe, «o que desejo são dez beijos da Princeza, ou guardo para mim a caçarola.»

«Bom, seja como tu queres», disse a Princeza, «mas ponham-se todas á roda de mim para que ninguem nos possa ver.»

As damas fizeram todas uma roda e pegaram nas saias para taparem a Princeza e o guardador de porcos, que se beijaram, e a Princeza levou a caçarola.

Todos os dias a conservava ao lume a ferver agua, para ouvir a linda melodia que ella tocava, emquanto as damas se entretinham a

passar o dedo na borda para saberem o que se comia pela cidade.

«Ficamos sabendo quem tem sopa ou pasteis hoje para o jantar, quem tem costelletas e quem tem ovos. Como isto é divertido!» diziam as damas, dansando e batendo as palmas.

O guardador de porcos, quer dizer, o Principe, não deixava passar um unico dia sem trabalhar, e assim construiu um brinquedo que, quando andava á roda, tocava valsas e outras musicas que nunca tinham sido ouvidas.

«Isto é maravilhoso!» disse a Princeza quando passou por lá.

«Vae perguntar-lhe o preço do instrumento.»

«Um cento de beijos dados pela Princeza», disse o Principe á aia que tinha ido informar-se.

«Penso que elle não está no seu juizo», replicou a Princeza, e andou para deante, mas d'ahi a pouco parou outra vez e disse: «É preciso animar a arte. Dize-lhe que terá dez beijos meus e o resto de vocês.»

«Oh! mas nós é que não consentimos!» gritaram as damas.

«Que resmungam vocês?» perguntou a Princeza. «Se eu o posso beijar, com certeza que vocês tambem o pódem fazer.»

E as damas foram obrigadas a calar-se, indo uma d'ellas dar conta do seu recado ao guardador de porcos, que exclamou:

«Um cento de beijos da Princeza!»

«Ponham-se todas á roda», disse ella; e todas as damas fizeram uma roda, emquanto o Principe beijava a Princeza.

«Que quer dizer tanta gente ao pé da pocilga dos porcos?» disse o Imperador, que chegou a uma varanda do palacio. «Vou ver o que será.»

Saiu muito devagarinho e como as damas estavam todas entretidas a contar os beijos, não deram por elle.

«Que quer isto tudo dizer?» exclamou o Imperador, quando chegou ao pé d'elles; e como estava muito zangado, atirou com um sapato á cabeça da Princeza, que ia já nos sessenta e oito beijos.

Mandou pôr a filha fóra do reino, jurando que a desherdava e não mais a receberia.

«Ai! ai!» gemia a pobre Princeza. «Eu já aceito o lindo Principe em casamento, mas perdoae-me! Que desgraçada eu sou!»

Mas o guardador de porcos tratou de lavar bem a cara, tirar os farrapos porcos com que se vestia e de tal maneira se preparou com trajes principescos, que a propria Princeza se curvou deante d'elle.

«Já não vos quero!» disse elle. «Não aceitastes um Principe honrado e nobre que vos amava; desprezastes a rosa e o rouxinol, mas estaveis prompta a beijar um guardador de porcos em troca d'um futil brinquedo!»

E o pobre Principe, desilludido, voltou para o seu reino sósinho.

Como se faz um tapete de lã

Este tapete em tamanho pequeno pode ser usado debaixo do piano ou da secretaria, mas para aprender pode a leitora começar por um de

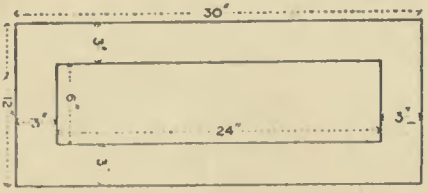


Fig. 1

boneca e depois de mais pratica fazer então um a valer.

Corta-se o tamanho necessario para o tapete em talagarça, dobra-se tudo á roda e alinhava-se com linha forte e pontos meudos, porque a talagarça desfia facilmente e é muito dura.

Compra-se lã encarnada para o centro e preta para a borda, faz-se um molde de cartão para cortar a lã que precisa ser cortada em bocadinhos muito certos.

E' preciso tambem uma agulha de crochet que não seja muito grossa, para que possa facilmente entrar pelos buracos da talagarça, e uma porção de setineta de côr escura, com que se possa depois forrar o tapete.

Depois de estar tudo preparado, começa-se o trabalho.

Corta-se a talagarça ao comprido, marca-se depois com lapis ou com giz a borda, com distancia egual de todos os lados, como mostra a fig. 1. Pega-se em seguida no molde de cartão e vae-se eurolando n'elle a lã preta, não apertando muito; depois do molde cheio dá-se um corte com uma tesoura na lã e continua-se a fazer o mesmo ao resto.

Depois d'uma porção grande cortada, pode começar-se o trabalho.

Pega-se n'um dos bocaditos da lã já cortada, destorcem se as duas extremidades, dobra se depois ao meio e mette-se a laçada com os dedos da mão esquerda por um buraco da tala-

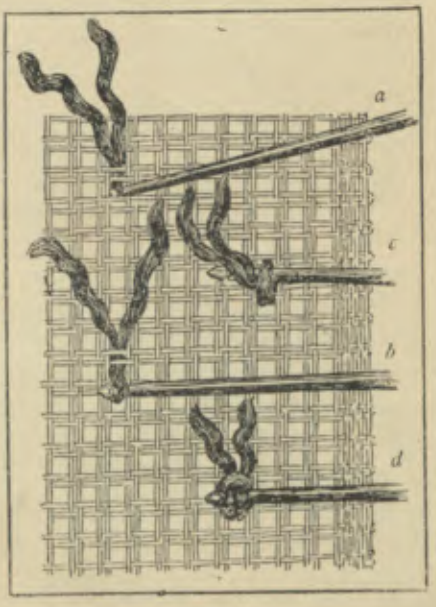


Fig. 2

garça, de cima para baixo. Agarra-se na agulha de crochet com a mão direita, mette se no buraco seguinte,

tambem de cima para baixo, puxa-se pela lã e, conservando sempre a laçada na agulha, fazem se passar as duas pontas da lã atravez da laçada.

Isto é facilimo de fazer, e se a leitora não percebeu bem a explicação, basta um pouco d'attenção para a gravura.

O *a* e o *b* da fig. 2 mostram a agulha atravez do buraco da talagarça; o *c*, a agulha a agarrar as pontas da lã,

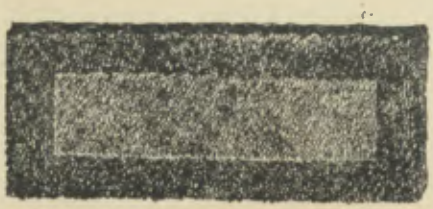


Fig. 3

e o *d*, as pontas já a passarem atravez da laçada. Aperta-se depois bem a lã com os dedos e continua-se a fazer o mesmo nos buracos seguintes da talagarça. Depois da borda estar coberta com lã preta, enche-se o meio com encarnada.

Tambem se pode fazer este tapete com lã de côres variadas, ou mesmo com uma côr só em differentes tons, como por exemplo a borda verde-escura e o centro em verde-claro, o que é de um bello effeito.

Depois da talagarça toda cheia, sacode-se bem e se houver alguma ponta maior que as outras apara-se com uma tesoura para que fique do mesmo tamanho.

Alinhava-se então o forro de setineta, que deve ser cortado um pouco maior para se poder metter as bordas para dentro, e cose-se com ponto de bainha tudo á roda, com uma linha forte. E' preciso ter cuidado quando se coser o forro não passar o ponto muito dentro, ou agarrar com a mão esquerda na lã, para que não seja apanhada pela agulha.

Tambem se podem fazer estes tapetes com desenhos differentes, mas isso por emquanto é muito complicado para as nossas leitoras.

A vaccina

«Não sei para que serve vaccinar as creanças», dizia uma saloia. «O anno passado vaccinei o meu...»

«E apesar d'isso morreu?»

«Logo no mez seguinte».

«Apanhou as bexigas?»

«Qual! afogou-se lá no tanque da herdade».

Indiscrição

Uma senhora, que vem de visita, ao menino da casa:

«Que está o menino a olhar com tanta attenção para o gato?»

E o pequeno responde:

«E' que a Maman disse que o chapéu da senhora era capaz de fazer rir um gato, e então eu estou á espera que elle desate a rir».

A' beira-mar

«O' Chiquinho, tu dizes que todos os rios vão ter ao mar. Então como é que elle não transborda?»

«Pateta! então, e as esponjas?»

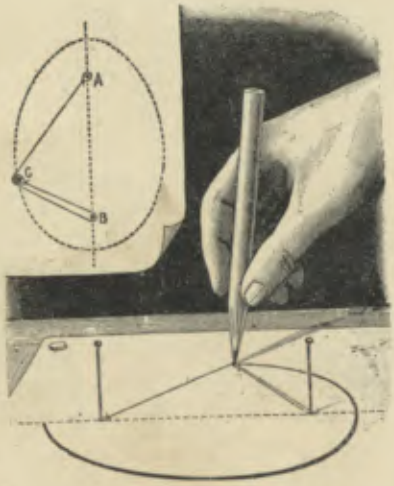
O papagaio

—Voar quem dera, como o papagaio,
E mirar de alto o mundo, muito attento!
—Ora adeus! logo tinhas um desmaio,
Como este agora tem, que não ha vento.

O contorno do ovo

Os jardineiros costumam traçar as ellipses, para dar forma aos canteiros de flores, por meio de um cordel atado a dois postes, ao longo do qual fazem deslisar o sacho, mantendo sempre tenso o cordel.

Os desenhadores substituem os postes por dois alfinetes, o cordel por uma linha e o sacho por um lapis, e assim obteem um traçado continuo e muito exacto das ellipses de todo o genero. Com effeito, a definição da ellipse é: uma curva tal que a somma das distancias de qualquer dos seus pontos a dois pontos fixos chamados focos é constante. Ora em qualquer dos traçados que apontâmos, a somma das distancias é constante, visto ser sempre egual ao comprimento do cordel ou da linha.



Vamos indicar um processo original de traçar por forma continua a figura de um ovo, que até aqui só se obtinha por um traçado longo e complicado. Espetem dois alfinetes *A* e *B* no papel, e peguem n'uma linha mais comprida que a distancia entre os dois alfinetes, e terminada por duas laçadas. Enfiem uma das laçadas no alfinete *A*, e colloquem na outra a ponta do lapis *C*, depois da extremidade da linha ter contornado o alfinete *B*. Andem agora com a ponta do lapis por cima do papel, mantendo a linha sempre estendida, com o auxilio da ponta, como indica a gravura. Tracem assim metade do ovo, de um mesmo lado do eixo; para traçar a metade symetrica d'aquella, contornem o alfinete *B* com o extremo da linha no sentido opposto ao de ha pouco, e completarão assim o traçado, cujas duas partes se ligam exactamente. Fazendo variar a distancia dos alfinetes e o comprimento da linha, obteem ovos arredondados ou ponteagudos de todos os tamanhos e feitios.

No exemplo que escolhemos, o contorno do ovo encerra os dois alfinetes.

Encurtando a linha, esse contorno passará entre os dois alfinetes, sem por isso deixar de ser o de um ovo.

A Princeza guardadora de gansos

Uma linda Princeza estava promettida em casamento a um Principe a quem nunca tinha visto.

Estava já tudo preparado para a boda, e a Princeza teve de se despedir dos seus, para se ir encontrar com o noivo. A rainha ficou muito triste com a partida da filha, porque o reino em que o Principe vivia era tão longe, que ella nunca mais tornaria a vêl-a.

Quando faziam as ultimas despedidas, a rainha picou um dos seus dedos, deixou cahir tres gôttas de sangue n'um lenço, e depois entregou-o á Princeza, dizendo:

«Leva-o comtigo para toda a parte, e nenhum mal te poderá acontecer.»

A Princeza achou isto muito extranho, mas obedeceu, e partiu com uma das suas damas para o paiz onde vivia o Principe.

Não muito longe, começou a sentir sede.

«Fazes favor de me trazer agua, alli do ribeiro», pediu ella á sua dama.

Mas a dama respondeu bruscamente:

«Não posso. Vá buscal-a se quizer.»

A princeza não replicou, desceu do cavallo, bebeu agua, e tornou a montar. E o lenço disse:

«Se a tua mãe soubesse, estalava-lhe o coração de dôr!»

D'alli a pouco, a Princeza disse outra vez: «Estou com sede. Por favor dá-me agua.»

Mas a dama respondeu:

«Vá buscal-a se quizer. Eu não estou para lhe servir de aia.»

Outra vez a Princeza se calou, desceu do cavallo, e foi beber agua. E o lenço disse:

«Se a tua mãe soubesse, estalava-lhe o coração de dôr!»

A Princeza chorou, e o lenço cahiu-lhe no ribeiro.

A dama, que percebeu que o lenço já não podia proteger a sua senhora, disse:

«Dá-me o teu vestido, e pega lá o meu. Troquêmos tudo, toma lá o meu cavallo, e dá cá o teu. E eu agora é que vou casar com o Principe, e todos pensarão que sou eu a verdadeira Princeza. Se recusas, mato-te.»

A Princeza, horrorisada, e para salvar a vida, consentiu, e continuaram a cavalgar. Chegaram por fim ao palacio, onde a dama foi recebida com as honras de Princeza.

A Princeza entrou só e triste no pateo, e como vinha pobremente vestida, o rei avistou-a da janella, e perguntou-lhe bondosamente:

«Procuras trabalho, rapariga?»

«Sim, real senhor», respondeu a Princeza.

«Eu preciso d'uma rapariga que ajude o moço que trata da creação»,

disse o rei, «tu poderás ficar como guardadora dos gansos».

Assim a Princeza tornou-se uma guardadora de gansos, passando os

seus dias a trabalhar juntamente com o rapaz que tratava do resto da creação.

A dama, com medo que o cavallo que tinha pertencido á Princeza contasse ao rei o que tinha acontecido, mandou cortar-lhe a cabeça.

Mas a Princeza, que era muito amiga do seu cavallo, persuadiu Casimiro (assim se chamava o rapaz que trabalhava com ella), que pendurasse a cabeça do cavallo por cima da porta da cosinha, e todos os dias quando passava perguntava á cabeça:

«Sabes quem eu sou, amigo?» E a cabeça respondia-lhe:

«Tu és a Princeza. Se a tua mãe soubesse, estalava-lhe o coração de dôr!»

Um dia a Princeza deixou cahir o seu cabello dourado deante de Casimiro.

O rapaz ficou tão admirado com a sua belleza que lhe pediu para cortar uma madeixa para elle guardar.

Mas a Princeza recusou, e isto fel-o zangar tanto, que foi direito ao rei para lhe dizer que ella era uma bruxa.

Quando o rei ouviu a historia da cabeça do cavallo, e dos lindos cabellos dourados da guardadora dos gansos, ficou muito admirado e a scismar em tudo aquillo.

No dia seguinte mandou-a chamar. A Princeza entrou no palacio e appareceu deante do rei que impressionado com a sua belleza lhe perguntou:

«Quem és tu?»

«Ai, meu senhor, não o posso dizer», replicou ella. «Jurei não o dizer a pessoa alguma, e se faltar ao meu juramento, morrerei.»

O rei disse então:

«Sou eu o rei d'esta terra toda, ninguem te fará mal. Conta-me tudo e eu te protegerei.»

A Princeza desatou a chorar.

«Sou eu a verdadeira Princeza, que devia casar com o teu filho, o Principe», disse ella, «mas a minha dama tirou-me o meu vestido e o cavallo, porque queria tomar o meu logar, e ameaçou matar-me caso eu contasse isto a alguem. Se a minha mãe soubesse, o seu coração estalaria de dôr!»

«Não te afflijas», disse o bom rei, que acreditou logo que ella era realmente a verdadeira Princeza.

Consolou-a, vestiu-a com trajes reaes e conduziu-a á presença do Principe.

A Princeza estava tão linda e feliz, que o Principe immediatamente se enamorou d'ella, e n'esse mesmo dia casaram, havendo grandes festejos, para os quaes foram convidados todos os grandes da terra. A dama maldosa foi severamente castigada, como merecia, e banida da terra onde o Principe e a Princeza viveram muito felizes d'alli em deante.

VISITA Á FAZENDA

Meu amigo João me recommenda
Que lhe visite a esplendida fazenda.

E tão amavel que n'um prompto vem
Buscar-me no seu trem.

Lindas flores que tem! Sem mais aquella
Vou colher uma já para a lapela.

Ai! que destino mau aqui me trouxe!
O cortiço de abelhas despejou-se.

Tomo o rapido já, que estou em braza,
Todo entrapado, por me ver em casa.

Sim, senhor! que visita dos diabos!
Tenho a cara um melão, e as mãos dois nabos!

O lobo e o cão

Um lobo esfaimado encontra
Um cão luzidio e nedio;
Como receia atacal-o,
Cumprimenta, que remedio!

— «Ai! quem me dera», declara,
«Ser tão gordo, senhor cão!»
— «Pois, amigo», o cão responde,
«Isso está na sua mão!

«Venha commigo á fazenda,
«Deixe esse vicer vadio;
«Tem logo a barriga cheia,
«E fica livre de frio».

— «E o serviço!» — «Cousa pouca!
«Lamber a mão dos patrões,
«E arreganhar a dentuça
«Aos mendigos e ladrões».

— «Pois vamos lá!» diz o lobo,
Sonhando já mil delicias.
E de caminho, ao cão pede
Informações e noticias.

— «Mas porque é que tem pellado
«O pescoço?» — «Bagatella!
«Isso ha de ser da colleira,
«Com que me prendem á trela».

— «Preso?» — «A's vezes». — «Pois não pode
«Correr por onde lhe apraz?»
— «Nem sempre. Porém que importa?
«Isso não faz nem desfaz».

— «Faz tanto ou tão pouco, amigo,
«Que a fugir me persuade.
«Nem por todas as riquezas
«Troco a minha liberdade».

Sacco para guardar sapatos

Este sacco é muito aproveitavel não só para guardar sapatos brancos ou de qualquer côr clara, que a mais leve coisa mancha, como tambem para os transportar para casa de qualquer amiga

Fig. 1

em dia de festa, evitando assim estragal-os com a lama das ruas.

Sendo feito em casa, podem as leitoras cortal-o exactamente com o tamanho dos sapatos, e darem-lhe a forma que quizerem.

Faz-se em linho grosso forrado de setineta, ou melhor fica ainda se fôr forrado de oleado, o que tem a vantagem, caso esteja a chover, de não lhe entrar a agua dentro. Pode-se coser primeiro o linho e depois o fôrro, mas para ser mais rapido vamos ensinar ás leitoras a maneira de coser os dois ao mesmo tempo.

Dobram-se, primeiro o linho e depois o fôrro, ao meio, pelo lado do avesso, e applicam-se um sobre o outro alinhavando as costuras dos lados. Juntas, cosem-se depois, não até ao fim, para se fazer a bainha em cima, como mostra a fig. 1, e volta-se depois só o fôrro de maneira que fique coberto o linho d'um lado e d'outro.

Ahi teem, caras leitoras, o sacco forrado com toda a perfeição. Volta-se então para a direita e vae-se tratar da parte de cima.

Mettem-se para dentro as bordas do linho e do fôrro na parte que está por coser e faz-se depois um pesponto. Alinhava-se tambem o sitio onde corre o cordão e dão-se dois pespontos, com uma certa distancia um do outro, para que caiba bem o cordão sem ficar apertado. E' n'esta altura que a fig. 1 mostra o sacco.

Se as leitoras não tiverem uma agulheta com o fundo bastante largo onde caiba o cordão, mesmo um gancho de ferro serve.

Franze-se o sacco, e ahi o teem como mostra a fig. 2, já acabado.

Fig. 2

Feito por este systema, em qualquer tecido de seda este sacco pode servir para guardar o trabalho, o binoculo, etc.

Os gnomos na mina de ouro

Ha annos que já lá vão, a Suecia foi invadida por uma vasta tribu de selvagens ferozes e bravos, e o rei, com medo que elles lhe roubassem a sua linda filha, a joven Princeza Singorra, antes de partir para a ultima batalha contra os invasores, mandou a Princeza para uma grande caverna no meio da floresta.

Ninguem sabia o que era feito d'ella, excepto o seu namorado, o joven Conde Geofredo, que a tinha conduzido ao esconderijo, fechando a entrada secreta.

Prometteu voltar, e leval-a d'alli assim que a batalha estivesse ganha; mas, infelizmente a batalha perdeu-se.

Os selvagens mataram o rei e os soldados, tomaram posse do reino, opprimindo e roubando o povo. O Conde Geofredo foi ferido, e levado por dois fieis partidarios para uma torre na Noruega, e alli se conservou muito tempo primeiro que se curasse.

Emquanto isto se passava, a Princeza Singorra esperava por elle cheia de tristeza dentro da caverna, e um dia, vendo que a provisão de alimento e lume ia escasseando, resolveu experimentar se podia sahir d'alli.

Mas, enganou-se no caminho, e fez um buraco para uma outra caverna debaixo da terra.

Accendeu a sua ultima véla, e entrou por alli dentro, e d'alli seguiu por uma passagem que a conduziu a um sitio onde corria um rio muito largo. Mesmo no fim do rio, ardia uma grande fornalha, e á roda da fornalha andava uma multidão de pequeninos anões muito feios, occupados nos trabalhos d'uma mina de ouro.

Assim que a avistaram, os gnomos gritaram muito zangados:

«A' morte! A' morte! Achou a nossa mina de ouro! A' morte! A' morte!»

«Não!» disse o rei dos gnomos. «Pode ser-nos muito util, não convém matal-a. Como sabem, perdemos a rã que tinhamos trazido da floresta. Precisamos um outro propheta do tempo que nos dê a conhecer quando a chuva cae, e pode inundar a nossa mina. Ella vae fazer-nos isso. Olhem!» E tocando com uma especie de varinha em Singorra, logo a transformou n'uma rã. Os gnomos encheram então d'agua

um grande vaso de crystal, fizeram uma escada muito delgada da base até

tará no cimo da escada, e quando chover vae para o fundo.»

ao cimo do vaso e puzeram Singorra dentro d'elle.

«Agora já podemos saber quando vae haver chuva», disse o rei dos gnomos. «Quando faz bom tempo a rã es-

D'esta maneira se tornou Singorra a prophetisa do tempo para os feios gnomos, e deu uma boa conta do seu papel.

Acontecen chover em torrentes lá

em cima na terra, e logo ella sem saber porquê, fugiu para o fundo do vaso, e agachou se o mais que poude. Os gnomos ao principio julgavam que ella fazia isso por se sentir infeliz e triste por ter sido transformada n'uma rã. Mas, quando torrentes de chuva entraram pela terra dentro, engrossando o rio debaixo da terra, apagando a fornalha, e inundando a mina, elles lastimaram não se terem fiado no seu propheta. Nem um bocadinho do chão ficou secco, e os gnomos tiveram de fugir para a caverna, onde a princeza tinha estado escondida.

Mas, achando que esta caverna era muito pequena para se metterem lá todos, começaram a furar a terra para arranjarem caminho que os conduzisse á floresta, onde esperavam encontrar algum sitio em que pudessem viver mais á vontade.

Felizmente, Singorra não tinha ficado abandonada; os gnomos, com grande fé no seu propheta, puzeram o vaso n'uma pequena padiola, e dois d'elles trouxeram a rãsinha para a floresta, onde o bravo e bom conde Geofredo vinha cavalgando com um exercito para livrar a Princeza.

Os gnomos largaram logo o vaso, e fugiram muito assustados, e Singorra levantou-se e saltou para o hombro de Geofredo.

«Tudo isto é muito estranho», disse o Conde, e pegando na rãsinha com todo o cuidado, olhou para dentro da caverna, e viu que estava vasia. Depois, divertido com a graça do animalzinho, beijou-o e immediatamente a rã se transformou na linda Princeza Singorra.

Depois de ter vencido os selvagens, Geofredo casou com Singorra, e ficou sendo rei da Suecia, e guiado pela Princeza, foi á mina dos gnomos, onde encontrou muito ouro. Com elle construiu todas as torres e casas que os inimigos tinham destruido.

Prova

Lili acabou de comer um pastel de nata. Tem ainda os dedos lambusados. O gato approxima-se, e começa a lambel-os. Ella então tem um dito encantador:

«Olhe, Maman! O bichano está-me a provar!»

A bordo

Um pequenito de tres annos occupava o beliche superior na cabine de um paquete. Como accordasse no meio da noite, a Maman perguntou-lhe:

«O menino sabe onde está?»

«Sei muito bem», redarguiu o bébé na sua lingua de trapos. «Estou na gaveta de cima».

As arvores da horta

Ha n'uma horta só macieiras, pereiras e cerejeiras. A terça parte das arvores é composta de macieiras, a quarta parte de pereiras, e ha apenas 30 cerejeiras. Quantas arvores contem a horta?

(A solução no proximo numero).

Uma canastra de boneca

Faz-se de verga muito fina que esteja um pouco verde para se poder tecer mais facilmente. Escolhem-se sete varas mais grossas e bastante compridas, para a fundação do cesto. Forma-se com ellas uma cruz, pondo trez ao alto e quatro atravessadas, ficando as que estão ao alto sobre as que atravessam, como mostra a fig. 1. Pega-se no sitio em que as varas se cruzam, entre o pollegar e o indicador da mão esquerda e com a direita começa-se a tecer.

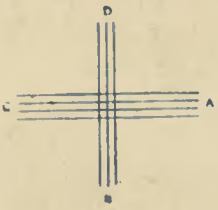


Fig. 1

Põe-se a extremidade da verga no sitio marcado com um ponto na fig. 1, e faz-se depois passar por baixo das quatro varas (lettra A) depois por cima das trez (lettra B) torna-se a passar por

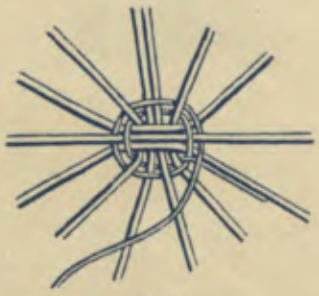


Fig. 2

baixo das quatro (lettra C) e outra vez por cima das trez (lettra D.)

Puxa-se a verga o mais que se possa, e começa-se a tecer passando a verga ora por cima ora por baixo da vara, tecendo juntamente a ponta da verga, como se vê na fig. 2, marcado com a lettra L.

Depois de passar oito varas do ponto onde começamos, passa-se a verga sobre duas, como mostra tambem a fig. 2, na lettra X, e continua-se nas outras voltas a passar pelas duas como se fosse uma só.

Passando assim as duas consegue-se o numero impar, o que é preciso para

Fig. 3

que a verga fique sempre destrocada nas outras voltas. É preciso tambem não esquecer d'ir tecendo ao mesmo tempo a ponta da verga que está junta á vara.

Quando estiver tamanho sufficiente para o fundo da canastra, pára-se e corta-se fóra uma das varas que estavam juntas. Dobram-se então as varas para cima e continua-se a tecer com a mesma verga, apertando-a um

pouco e empurrando-a com a mão esquerda para baixo para que tome o feitio. Depois d'uma certa pratica o leitor fará isto facilmente.

Ao apertar a verga é preciso ter o

Fig. 4

cuidado de não entortar as varas que devem estar sempre muito direitas para que o cesto não perca a fórma. Quando estiver a trez quartos d'altura começa-se a tecer o resto com uma verga mais grossa, como se vê na gravura.

Vamos agora ensinar ás nossas leitoras como se accrescenta a verga que está a terminar.

Quando a ponta estiver já muito pequena, mette-se para dentro, e começa-se com a verga nova um pouco mais atraz, seguindo a mesma volta que a outra ia dando, para que se possa depois continuar sem se perceber.

Para acabar a canastra, aparam-se as varas, não rente, mas que fiquem só o bastante para se poderem rematar, á excepção de duas que se deixam mais compridas para formar a aza, como se vê na fig. 3. Rematam-se então as varas mettendo para dentro a extremidade, no sitio d'onde sahe a seguinte, mas de maneira que fique bem enterrada e firme, formando assim como os leitores vêem pela gravura umas laçadas.

Faz-se depois a aza entrelaçando as duas varas que ficaram por cortar, e trocando-as mette-se a extremidade de uma no sitio em que sae a outra.

Depois da aza feita, trata-se da tampa que é feita exactamente como o fundo, servindo-nos tambem de sete varas para a base.

Quando estiver do tamanho preciso, remata-se como já ensinámos, deixando tambem duas varas inteiras como mos-

Fig. 5

tra a fig. 4, que se mettem pelo cesto de maneira que fiquem seguras.

E ahi teem os leitores a canastra terminada.

Literatura Brazileira

EDIÇÕES DA LIVRARIA **Francisco Alves & C.ª**

RIO DE JANEIRO

A' venda na administração d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferrejial, 6, 1.º — **LISBOA**

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida. 2.ª edição. 1 vol. in 8 francez, illustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

O Livro das Donas e Donzellas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in 8 francez, illustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo. por Mademoiselle H. S. Brés, album illustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart 750

Minha Historia Sagrada, tradução do Dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in 4 francez, illustrado de numerosas e belissimas gravuras e cromos..... 750

Meu Livro de Maiicas. — Um livro ricamente encadernado 750

Historias de Fadas, livro para creanças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pajs. illustrado, impresso e encadernado em Paris 500

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente illustrado 750

Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente illustrado 750

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. illustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris 750

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart.. 500

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, illustrado..... 500

Era uma vez . . . contos para crianças, polo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in-16, illustrado com dezenhos orijinaes do Norfini..... 500

PREÇOS MOEDA PORTUGUEZA

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

1.º Grande Premio — *Rio de Janeiro 1908.*
Medalhas de Ouro — *Porto 1904 e Madrid 1907.*
Medalha de Prata — *S. Luiz 1904.*

Unicos exportadores:

ASSIS & C.ª — LISBOA

Endereço telegrafico:

MOURAGUAS

Codigo **"RIBEIRO"**

Estas aguas perfeitamente limpidas, transparentes, inodoras, incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas da bexiga e vias urinarias; efficazes tambem na obsidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: **atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e lIticas.** Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de ***MUITO PURA.***

2ª SERIE Novembro 1910 N.º 21

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

— Que algazarra é esta?
— E' a multidão que espera o "Gafanhoto".

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro

DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

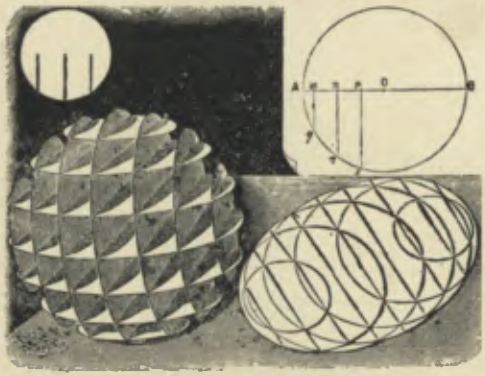
Desenhos e gravuras a preto e côres

da officina Photomecanica de Thomaz Bordallo Pinheiro — LISBOA

A ESPHERA DE PAPEL

Descrevam com um compasso, n'uma folha de papel, um circulo de 6 centimetros e meio de diametro; tracem o diametro *A B* (figura á direita), no qual marcarão, a partir do centro *O*, tres divisões de 1 centimetro cada uma. Nos pontos assim obtidos *m*, *n* e *p*, elevem sobre o diametro as perpendiculares *mq*, *nr*, *ps*.

O raio *A O* e estes tres perpendiculares dar-lhes-hão os comprimentos respectivos dos raios dos circulos elementares



da esphera, os quaes traçarão e recortarão em papel grosso ou cartão.

Serão necessarios dois circulos do raio *A O*, que chamaremos circulos n.º 1, quatro circulos, n.º 2, de raio egual a *ps*, quatro circulos n.º 3 de raio *nr*, e emfim quatro circulos n.º 4 de raio *mq*, o que perfaz ao todo quatorze circulos elementares. Antes de recortar estes circulos, devem executar n'elles a lapis o traçado seguinte, analogo ao do circulo primitivo: em cada um d'elles, marquem no diametro, para ambos os lados do centro, divisões de 1 centimetro, depois levantem perpendiculares em cada um dos pontos marcados. Em vista do pequeno diametro dos circulos n.º 4, só poderão levantar n'elle tres d'essas perpendiculares, como indica a figura á esquerda da estampa. Os circulos n.º 3 terão cinco perpendiculares, os n.º 2 sete, assim como os n.º 1.

Recortem agora os contornos dos quatorze circulos, depois entalhem, com uma tesoura ou um canivete, todas as perpendiculares desde a circumferencia até ao diametro, tendo cuidado, se o cartão fôr delgado, que esses entalhes tenham uma largura egual á espessura do cartão. Procedamos agora á montagem da esphera.

Tomem em cada uma das mãos um dos circulos n.º 1, pegando-lhe pela metade não entalhada, e entrecruzem um no outro os dois entalhes do meio, mantendo os circulos perpendiculares um ao outro, até que os dois diametros se encontrem. Colloquem da mesma forma perpendicularmente escarranchados sobre os entalhes correspondentes de um dos circulos n.º 1 dois dos circulos n.º 2, dois do n.º 3 e finalmente dois do n.º 4, cujos entalhes deverão entrecruzar-se bem com os do circulo n.º 1.

Teem agora a collocar os 6 circulos que restam perpendicularmente aos que acabam de fixar. Com alguma paciencia e habilidade, conseguil-o-hão facilmente, guiando com um lapis as linguetas de cartão que recusem acommodar-se.

Terão composto assim a bola composta de alveolos quadrados representada na nossa estampa. Possue ella a particularidade seguinte: apertando-a entre o polegar e o indicador, achatam-n'a immediatamente, dando-lhe a forma representada á direita da estampa. Por uma pressão contraria, tornarão a dar-lhe a forma espherica. A esphera de papel, cuja construcção acabamos de indicar, permitte dar um certo numero de definições sobre a esphera terrestre. Por exemplo, pode-se mostrar o equador e os dois polos correspondentes, aprender o que é um meridiano, um parallelo, etc. Depois de dada esta lição, achata-se a bola e mette-se a terra na algibeira.

A dansa das doze princezas

Era uma vez um rei, que tinha doze filhas muito lindas. Dormiam em doze camas, todas no mesmo quarto, e quando se iam deitar, as portas do quarto fechavam-se á chave; mas todas as manhãs os sapatos das doze irmãs appareciam tão gastos, como se ellas tivessem dansado toda a noite, e ninguem sabia explicar como isto acontecia.

O rei fez saber este caso a todo o povo, para ver se haveria alguem capaz de descobrir o segredo, e prometteu a quem o descobrisse a escolha d'uma das princezas para casamento, e por sua morte o throno do seu reino; mas todos que tentassem e não conseguissem desvendar o mysterio, no fim de tres dias e tres noites, eram condemnados á morte.

Chegou o filho d'um rei, para tentar a experiencia. Foi muito bem recebido, e á noite conduziram-n'o para um quarto contiguo ao das princezas. Alli ficou a espreitar para ver se conseguia descobrir onde ellas iam dansar; e para que nada lhe escapasse deixou a porta do quarto aberta. Mas depressa lhe veiu o somno, e quando acordou de manhã, viu os sapatos das princezas com as solas todas esburacadas, prova de que tinham dansado muito durante a noite.

A mesma cousa aconteceu na segunda e terceira noite, de maneira que o rei mandou cortar a cabeça ao principe. Depois d'este, vieram muitos outros, que tiveram a mesma sorte desgraçada.

Aconteceu que um velho soldado, que tinha sido ferido em combate, e que já não podia entrar mais em batalha, passou por acaso n'este reino. Quando atravessava um bosque, encontrou uma velha, que lhe perguntou onde ia.

«Vou ver se encontro o sitio onde as princezas dansam, e se acertar posso um dia vir a reinar.»

«Bom!» disse a velha, «não é cousa muito complicada. O que é preciso é to-

mares cuidado e não beberes nenhum vinho que as princezas te dérem á noite, e assim que ellas te deixarem, finge que dormes.»

Depois deu-lhe um casaco, e disse: «Assim que o vestires, ficas invisivel, e poderás seguir as princezas para onde ellas forem.»

O soldado ouviu estes bons conselhos e foi logo ter com o rei, que ordenou que lhe vestissem fatos ricos; e quando chegou a noite, levaram-n'o para o quarto. Exactamente quando elle se ia deitar, a princeza mais velha trouxe-lhe uma taça com vinho, mas o soldado deitou fóra, sem ella dar por isso. Depois deitou-se, e d'ahi a pouco resonava como se estivesse ferrado no somno. Quando as doze princezas tal ouviram começaram a rir, levantaram-se, abriram as arcas, e tiraram de dentro grande profusão de lindos fatos com que se vestiram.

A mais nova das doze irmãs disse: «Estou hoje inquieta, parece-me que nos vae acontecer algum mal!»

«Parva», respondeu a mais velha, «já te esqueceste quantos e quantos principes nos teem vindo espiar, sem resultado? E quanto ao soldado, eu tomei bastante conta, e dei-lhe o vinho que adormece.»

Assim que se apromptaram, foram espreitar o soldado; mas elle resonava muito alto, e nem se moveu. As princezas ficaram descançadas; e a mais velha subiu acima da cama, bateu as palmas, e a cama desappareceu pelo chão abaixo, deixando a descoberto um alçapão.

O soldado viu-as todas desapparecer pelo alçapão abaixo uma atraz das outras, vestiu o casaco muito depressa, e seguiu-as; mas no meio das escadas tropeçou no vestido da princeza mais nova, que gritou para as irmãs:

«Alguem me prendeu o vestido!»

«Ès uma medrosa!» disse a mais velha, «naturalmente foi algum prego da parede.»

Chegaram todas abaixo, e acharam-se n'uma alameda de arvores. As folhas eram de prata, e brilhavam lindamente. O soldado que queria levar algum signal do logar, cortou um raminho.

Chegaram depois a uma outra alameda, onde as folhas eram de ouro, e depois a uma terceira, onde as folhas eram de diamantes. E o soldado arrancou um ramo de cada. Depois chegaram a um grande lago, onde havia doze lindos botes com doze lindos principes que pareciam esperar pelas princezas.

Cada uma se metteu no seu bote, e o soldado foi no bote da princeza mais nova. O principe que ia com ella disse: «Não sei o que é, mas apesar de remar com toda a minha força, o bote não vae tão depressa como é costume. Parece-me que está mais pesado.»

«Talvez seja do calor que faz», respondeu a princezinha. No outro lado do lago havia um lindo castello, d'onde vinha uma musica alegre de trombetas.

Alli desembarcaram, e entraram no castello, e cada principe dansou com a sua princeza; e o soldado que estava sempre invisivel, dansou tambem com ellas; e quando alguma das princezas ia beber um copo com vinho elle despejava-o, de forma que quando ella o chegava á boca já o copo estava vazio. Quando isto aconteceu á irmã mais novinha, ella ficou muito assustada, mas a mais velha fel-a logo calar.

Dansaram até ás tres horas da madru-

Trouxe a taça de ouro por onde tinha bebido

gada, e quando os sapatos já estavam todos rotos, ellas foram obrigadas a parar. Os principes tornaram a remar nos botes dentro do lago, mas d'esta vez o soldado metteu-se no bote em que ia a princeza mais velha. Na praia, os principes despediram-se das princezas promettendo tornarem-se a ver na noite seguinte.

Emquanto ellas subiam as escadas, o soldado correu mais depressa e metteu-se na cama; quando as princezas chegaram acima muito esfalfadas, ouviram-n'o a resonar, e ficaram muito descançadas.

Despiram-se, arrumaram os seus lindos fatos, e foram para a cama. De manhã, o soldado nada disse do succedido, determinando gosar bem a extranha aventura, e tornou a ir com as princezas na segunda e na terceira noite. Nessa noite trouxe a taça de ouro por onde tinha bebido como signal do sitio onde tinha estado.

Quando chegou o tempo de declarar o seu segredo, foi ante o rei com os tres ramos e a taça de ouro: e as doze princezas estavam todas á espreita para ouvirem o que elle dizia. E quando o rei lhe perguntou; «Onde dansaram as minhas filhas esta noite?» elle respondeu: «Com doze principes dentro d'um castello.»

Contou então toda a aventura ao rei, e mostrou-lhe os tres ramos e a taça de ouro que trazia comsigo.

O rei chamou as doze princezas e perguntou-lhes se era verdade o que o soldado dizia, e ellas tiveram de confessar tudo.

O rei perguntou então ao soldado qual das princezas escolhia para sua esposa. «Eu não sou lá muito novo» respondeu elle, «e então escolho a mais velha.»

Casaram n'esse mesmo dia, e o soldado ficou sendo o herdeiro ao throno.

Traçar uma oval com um compasso ordinario

Costuma-se a traçar a oval por meio de arcos de circulo que se ligam uns aos outros.

Existem tambem compassos que permittem obter esta figura por uma forma continua, mas são apparelhos dispendiosos e complicados.

Mas pode-se traçar, com o auxilio de um compasso ordinario, a curva alludida, de uma maneira continua. Basta enrolar n'um corpo

cylindrico, por exemplo um rolo de cartão, a folha de papel em que se quer traçar a figura. Colloquem a ponta seca do compasso no ponto que deve ser o centro da oval, e tracem no papel, a lapis ou a tira-linhas, uma figura que seria um circulo se o papel estivesse extendido na meza, mas que é uma oval em consequencia do enrolamento do papel sobre o cylindro.

Esta pequena habilidade usa-se em muitas officinas; a curva obtida depende do raio respectivo do cylindro e da abertura do compasso; em certos casos parece-se com uma elipse o bastante para illudir olhos desprevenidos.

Em som de guerra!

A petizada da Aldeia Branca costumava juntar-se com os companheiros do Casal Verde n'um pequeno pinhal situado entre as duas povoações.

Uma clareira do pinhal era o terreno escolhido para as grandes partidas de jogo que alvoroçavam todos os pequenos: o eixo-ribaldeixo, o pião, os quatro cantinhos, a malha, o chinquilho, etc. Em dias mais solemnes, organizavam-se soberbas corridas de touros, nas quaes figurava, como a mais brava rez da *ganaderia*, um valente carneiro pertencente ao Romão, filho do mais abastado lavrador da Aldeia Branca.

Ora succedeu que uma vez o carneiro apanhou no focinho uma bandarilha de cana que o fez sangrar deveras. O bandarilheiro desastrado fora o Quinquim, do Casal Verde, um pequenito de dez annos sobre o qual o carneiro se vingou com uma tremenda marrada.

Mas o Romão tinha ficado furioso com o ferimento do seu bicho, e quando se organizou nova tourada, decidiu fechar a entrada da praça aos seus amigos do Casal Verde, os quaes, em vista da attitude guerreira dos da Aldeia Branca, tiveram de retirar cabisbaixos e desconsolados.

Foi esta a origem da guerra que se ateiou entre os brancos e os verdes.

Ao verem-se privados das glorias do redondel, os verdes resolveram desforçar-se colhendo os louros da batalha. Escolheram para general o Sabino, filho de um tenente reformado que tinha andado nas campanhas de Africa, e armaram-se com todos os petrechos que lhes forneceu uma loja de quinquilharias da villa proxima.

Isto soube-se logo na Aldeia Branca, e o Romão, indicado como chefe militar dos seus patricios, apercebeu-se logo para a lucta.

«Não tem duvida», disse elle com ar desdenhoso, «vão andar n'uma dobadoira».

Mas, como os seus soldados não aparentassem grande confiança, o Romão assobiou, chamando em seguida:

«Sultão! Sultão!»

Saltou de entre a sebe um canzarrão de bom tamanho, que começou a pular á roda d'elle.

«Aqui, Sultão!»

«Soldados! Alem estão os inimigos que nos desfeitearam...»

E extendendo horisontalmente uma bengala, bradou:

«Salta, pela Aldeia Branca!»

O Sultão deu um pulo enorme.

«Salta, pelo Casal Verde!»

O cão desatou a rosnar, acabando por soltar latidos furiosos que encheram de susto os mais petizes de entre os brancos.

«Véem?» disse o Romão triumphante. «Atiro-lhes para cima o Sultão, e verão o que é dar ás canellas, se não lh'as quizerem largar nos dentes!»

E afastou-se com ar desdenhoso, deixando os soldados boquiabertos de pasmo.

Entretanto, no Casal Verde, o Sabino passava revista ás suas tropas, já adextradas por frequentes exercicios. Compunham-se de vinte homemzinhos de aguerrida infantaria, dois artilheiros, um clarim, um tambor, e até um bicyclista, valente como as armas e agil como um rato. O tambor era por signal o Quinquim, cuja sorte tauromachica dera logar á terrivel campanha que se aprestava.

E, como um bom general não póde passar sem um discurso ás tropas, o Sabino tomou a palavra e assim se exprimiu, apontando para as casas da Aldeia Branca, que alvejavam por entre os pinheiros:

«Soldados! Alem estão os inimigos que nos desfeitearam...»

«E mais o carneiro que me marrou!» atalhou a vozita esganiçada do Quinquim.

«Silencio» bradou o general, para pôr cobro ás gargalhadas que acolhiam a observação do tamborzito.

E continuou:

«Vamos vingar-nos e conquistar o terreiro que elles nos roubaram. Está n'isso empenhada a nossa honra. Quem tiver medo que se retire...»

«Ninguem tem medo!» acudiram varios guerreiros.

E um d'elles accrescentou com vehemencia:

«O que não vale é atirar pedras!»

«Quaes pedras!» exclamou o valente Sabino. «Aqui só se combate a tiro e á espadeirada...»

«Pois sim! mas comtanto que não batam nos dedos!» interrompeu outro.

O general, para pôr termo ás vozes da prudencia, concluiu então assim o seu discurso:

«Ávante, soldados! Direita volver! Ordinario... marche!»

E o exercito dos verdes, com o clarim e o tambor á frente, sahiu do seu Casal, tendo previamente passado em continencia sob as janellas do velho tenente, pae do Sabino, que os saudou muito commovido, julgando vêr as tropas em marcha para Marracuene.

Acamparam na orla do pinhal, onde o general deu ordem ao Pedrito, o bicyclista, para explorar os arredores, afim de saber o paradeiro do inimigo.

Conforme as instrucções recebidas,

o Pedrito internou-se cautelosamente pelo pinhal, em direcção da Aldeia Branca, com a espingarda em riste

para o que desse e viesse. Não havia signal de folego vivo, e apenas se ouviam rumorejar as ramagens do arvoredo. Quando se approximou comtudo de um pequeno morro que dominava o terreiro disputado, o Pedrito teve um sobresalto. Chegou-lhe aos ouvidos um sussurro exquisito, e logo a voz bem conhecida do Romão que bradava:

«Sultão! Salta-lhe em cima! Kss! Kss!»

E do meio de uma moita surdiu effectivamente o canzarrão, que se precipitou a ladrar para o Pedrito.

Este portou-se como um heroe que era. Em vez de pedalar com mais força para fugir, esperou o impeto do animal, e, quando o viu a geito, atirou-lhe ao focinho uma valente coronhada, que o obrigou a retirar ganindo.

E ao mesmo tempo que sobre a moita reluziam os capacetes e armas dos brancos, o Pedrito safava-se arrogantemente, soltando vivas.

Quando chegou ao seu acampamento, informou o general sobre a posição do exercito inimigo.

O Sabino, muito alvoroçado, deu logo ordem de marcha. O seu plano era contornar o morro pela banda de fóra, escalal-o á viva força, e em seguida despenhar-se como uma torrente sobre as tropas dos brancos.

Fez-se a marcha sem incidentes, no meio de um grande silencio. Quando chegaram a meia encosta do morro, o Sabino deu então uma voz retumbante:

«A marche-marche!»

E no meio dos rufos do tambor e das notas estridentes do clarim, o valoroso exercito galgou até ás eminencias do morro. Mas quando chegaram lá acima, tiveram uma grande decepção.

No terreiro, onde esperavam encontrar os inimigos, não viam sombra d'elles. A tal moita, que lhes servira de esconderijo, dominada do alto, estava absolutamente deserta.

Os verdes tinham perdido o seu tempo, e viam-se obrigados a procurar outro campo de batalha.

*

O general dos Verdes ficou furioso. Onde se mettera o inimigo? Como se

poderiam colher os louros de victoria, se não havia contra quem batalhar?

Correram exploradores em todas as direcções, encarrapitando-se vigias em arvores proximas, fartou-se de pedalar o activo Pedrito por aquelles contornos.

Finalmente, quando o Quinquim, estatelando-se de um pinheiro abaixo, quebrou com berros doloridos o silencio do pinhal, responderam-lhe longinquos latidos, nos quaes se reconheceu a voz sonora do Sultão.

O exercito galgou até ás eminencias do morro.

Pela direcção d'esse álerta canino, percebeu-se pouco mais ou menos onde acampava o inimigo. E o Pedrito, sempre arrojado, descobriu com effeito entre o arvoredo as blusas dos contrarios, que pareciam muito entretidos a comer o seu lanche.

Achavam-se mesmo á beira do pinhal, n'um sitio conhecido pela Cova da Raposa, e parecia excellente a occasião para os surprehender.

De facto, n'esse ponto desembocava uma especie de desfiladeiro muito curto, aberto entre uma rocha cortada quasi a pique e o vallado coroado de piteiras que contornava o pinhal. Por elle se poderiam introduzir os verdes e cahir sobre os brancos, quando estes mal se precatassem.

Foi esta a inspiração a que obedeceu o habil general Sabino, que para o desfiladeiro encaminhou sem ruido as suas tropas

Quando estavam a meia duzia de passos da Cova da Raposa, preparou silenciosamente os soldados para o ataque, deteve com difficuldade os impetos do Quinquim que queria abafar com rufos de tambor a moideira resultante do tombo, postou o Pedrito na retaguarda para obstar com a bicycleta á fuga de algum soldado mais cobarde, e brandiu resolutamente a espada, dando o signal de avançar.

Mas aos primeiros passos, divisaram na embocadura do desfiladeiro uma força consideravel de brancos—seis ou sete, talvez—e ouviram a voz zombeteira de um official inimigo que bradava:

«Estão apanhados! Rendam-se!»

Olharam para traz. No outro extremo do desfiladeiro, divisava-se uma força egualmente numerosa que os apupava.

Tinham cahido n'uma ratoeira. Mas quando se repetiam as intimações arrogantes dos inimigos: «Rendam-se! rendam se!» o valoroso general Sabino teve um gesto de suprema heroici-

O Quinquim fazia troça da sentinella inimiga.

dade. Ergueu a espada e exclamou com alma:

«O Casal Verde morre, mas não se rende!»

Estas palavras excitaram o enthusiasmo guerreiro dos seus soldados e augmentaram as vaias dos inimigos.

«Estão cercados!» bradou a voz aspera do Romão, encarrapitado no vallado, á entrada do desfiladeiro. «Se não se rendem, morrem á fome!»

Era bom, se nas silvas não houvesse uma razoavel provisão de amoras, e se alguns dos verdes, mais precavidos, não se houvessem prevenido com uns farneis de pão, queijo e alguma fructa. Havia tal que até possuia nacos de carne e de presunto — uma riqueza!

Resistiram assim ao cerco durante umas poucas de horas. Mas o Sabino é que não podia resignar-se áquella inacção.

Passeiava desesperado de uma banda para a outra, parafusando no meio seguro de abrir uma brecha, escoar-se por entre os inimigos e derrotal-os depois.

No entretanto, os sitiados disfarçavam as inquietações do momento, enchendo a barriga o melhor que podiam.

Um dos mais activos n'esta tarefa era o Quinquim, o qual, sentado no seu tambor, devorava conscienciosamente uma fatia de carneiro com pão, e fazia troça da sentinella inimiga, que o contemplava com certa inveja. Pelos modos, não era dos felizes que tinham lanchado.

Como um dos mais vigilantes do exercito sitiante, o Sultão mostrava de quando em quando o focinho amarello na embocadura do desfiladeiro.

De uma vez, o Quinquim atirou-lhe um pedacito de carne que foi engulido n'um abrir e fechar d'olhos. O Sultão encarou o tamborzito com mais sympathia, e foi-se approximando mais e mais, á medida que o Quinquim o ia subornando com mais uns bocaditos de petisco. Até que por fim o cão, esquecendo rancores e inimizades, se foi chegando para elle, a ponto de vir lamber-lhe as mãos engorduradas.

Então o Quinquim agarrou-o com força pela colleira, e bradou triumphante:

«Fiz um prisioneiro!»

Saltou em cima do cão todo o exercito dos Verdes, não o deixando voltar para o campo inimigo.

«O cão do Romão! Estamos salvos!» clamou o Sabino.

«Fica em refens!» gritaram alguns.

«Qual historia!» volveu o general. «Vão ver como elle nos vae auxiliar na sortida!»

E, chamando em redor de si os companheiros, segredou-lhes o estra-

tagema que de repente lhe havia occorrido. Para a sua execução foram chamados os artilheiros, abastecidos de valverdes e bichinhas, e o seu resultado não tardou a revelar-se.

Emquanto os verdes preparavam o lance mais dramatico do cerco, o dia ia declinando. A sombra dos pinheiros alongava se sobre o desfiladeiro, já de si bastante escuro áquella hora da tarde. E os valentes militares, de um e de outro campo, não se sentiam muito á vontade com a noite que se avisinhava n'aquelle ermo da Cova da Raposa, attreito a fantasmas.

Lá de fora, o chefe dos sitiantes, o Romão, sentiu mais que nunca a ausencia do seu cão fiel, e assobioulhe.

Das sombras do desfiladeiro respondeu-lhe um latido, logo abafado.

«Que quer dizer isto?» disse o Romão. «O meu cão passou aos inimigos? Aqui anda marosca!»

E, inquieto, concentrou as suas tropas na embocadura do desfiladeiro, promptas para o que desse e viesse. Depois chamou de novo o Sultão com gritos e assobios repetidos.

Viu-se então um espectaculo singular. De repente, acompanhado por um barulho atroador, surdiu na meia luz do pinhal um animal extraordinario, esguichando fogo como um dragão chinez, ladrando como um desesperado, atirando-se para a frente com impeto, derrubando os soldados que lhe impediam a passagem, levando comsigo o terror e o desbarato.

Era o Sultão. Aos dois lados da colleira uns valverdes amarrados jorravam fogo para a retaguarda, deixando um rasto de faiscas brilhantes. O tambor do Quinquim, rebocado á cauda do animal, fazia um estardalhaço tremendo a bater de encontro aos penedos e aos troncos. E desorientado, atordoado, apavorado pelo ruido, pelas chammas, pelos gritos, o Sultão ladrava cada vez com mais furia.

Esta imagem viva do raio e do trovão lançou a confusão e o terror nas fileiras dos brancos. Aproveitando o incidente, o exercito dos verdes, depois de uma descarga vigorosa, cahiu sobre elles com denodo.

«O Sultão está damnado!» bradavam os brancos fugindo em debandada.

O exercito do Sabino perseguia-os de perto. O Pedrito adeantou-se como um raio, pedalando por entre os pinheiros, no encalço do general inimigo.

Passou-lhe rapido á frente, e atravessou-se deante d'elle com a bicycleta. Com o impeto que levava, o Romão tropeçou e rebolou sobre o solo alcatifado de caruma.

«Estás preso!» bradou o Pedrito.

E logo uns quatro ou cinco dos

soldados perseguidores se precipitaram sobre o vencido, dominando-o.

O exercito desbaratado acolheu se

Surdiu um animal extraordinario, esgulchando fogo e ladrando.

á Aldeia Branca, cheio de vergonha, mas julgando sempre sentir na piugada o terrivel dragão a vomitar fogo e a despejar trovões.

As tropas victoriosas entraram triumphalmente no Casal Verde, levando comsigo o general prisioneiro e os despojos da batalha: tres espingardas, quatro cavallos (á primeira vista pareciam cauas) ricamente ajaezados de papel de seda colorido, um canivete, dois piões, um berimbau, cousa de uma duzia de botões, e um par de suspensorios.

Foram acclamados pela multidão que os aguardava. Mas no meio do enthusiasmo geral, o Quinquim chorava lamentosamente o seu tambor, arrebatado na cauda do Sultão, e reduzido a estas horas, segundo todas as probabilidades, a pedaços informes de madeira e de pelle de burro.

Para o consolar, o Sabino, formando o seu exercito no meio da praça, condecorou solemnemente com uma medalha de papel dourado o tamborzito, pela valentia manifestada no

aprisionamento do canzarrão. Romão foi reenviado ignominiosamente para a sua terra, depois de assignar um tratado de paz, que nunca mais se atreveu a quebrar.

*

Quinze annos depois, os dois generaes tornavam a encontrar-se no terreno neutro que separava as aldeias. Ambos por esse tempo eram capitães a valer: o Sabino, de infanteria, o Romão, de bombeiros voluntarios.

O marujo trocista

Eis aqui o retrato d'um marujo a rir, desenhado com linhas e pontos.

Porque está elle a rir? perguntarão os leitores. E' que sabe muito bem que a sua cara vae fazer muita confusão aos nossos leitores, e não os julga bastante habeis para a resolver.

«Pois vaes vêr como te enganas, amigo marujo.»

Se olharem com attenção para o retrato verão que em differentes sitios as linhas terminam com um ponto, como por exemplo na sobrancelha, na orelha, etc. São seis estes acabamentos.

Ahi está a confusão da cara do marujo.

E' preciso que os leitores, começando a contar desde o botão do bonet, que é

sempre o ponto de partida até qualquer d'estes finaes, conte sempre vinte e cinco pontos.

Deve-se seguir a differentes caminhos até que se corra a cara toda, não esquecendo que se deve contar sempre vinte e cinco pontos, incluindo o do final e o da partida, que é o botão do bonet.

Deve-se ir seguindo com um lapis os pontos já contados, e como isso estraga o jornal, é melhor passar-se o desenho para um papel transparente, tendo o cuidado que não falte nenhum ponto.

Vejam agora os leitores se fazem parar o riso do marujo trocista mostrando a sua habilidade.

As arvores da horta

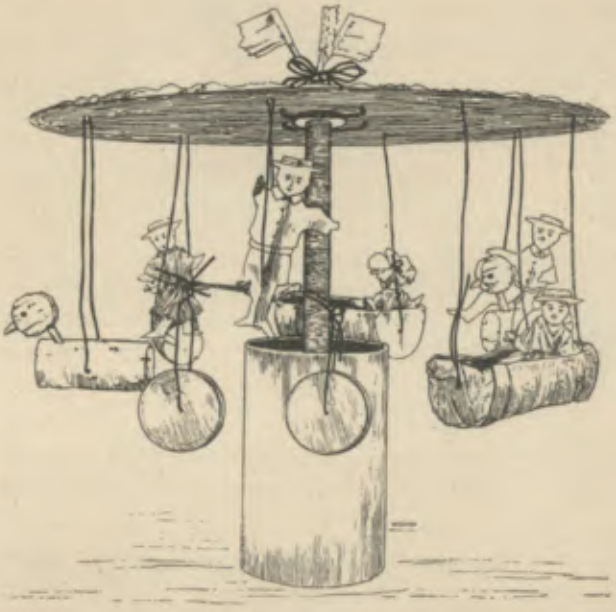
Solução

A terça e a quarta parte juntas perfazem sete duodecimos. A differença para a unidade é de cinco duodecimos. Portanto cinco duodecimos das arvores da horta eram cerejeiras, e nós sabemos que o seu numero era 30. Segue-se pois que o numero completo deve ser 72.

Brinquedos feitos em casa

Carrocel

Ahi teem, caros leitores, um brinquedo um pouco mais complicado e que leva mais tempo a executar, mas que é devéras interessante e serve de divertimento ás vossas bonecas.



Exige talvez mais coisas para a sua confecção, mas não são coisas difficeis de conseguir.

É preciso o seguinte: um bocado grande de cartão, duas caixas redondas de mangas de candieiro e mais quatro tampas, quatro rolhas, um pausito, uma caixa de lata bem funda, algum arame forte, uma pouca d'areia, papel simples, papel de côr, phosphoros já servidos e ganchos de cabello.

Põe-se sobre o cartão um prato voltado para baixo e risca-se á roda com um lapis; corta-se depois cuidadosamente a peça redonda com um canivete bem afiado, ou com uma tesoura. Mede-se exactamente o meio e faz-se ahi um buraco; fazem-se depois mais quatro furos á roda do meio, com distancias eguaes, e ainda mais oito á roda do cartão, medindo tambem as distancias, de maneira que fiquem á mesma distancia uns dos outros.

Para fazer um dos carros, corta-se uma caixa de mangas ao meio, sobre o comprido, tira-se a tampa e corta-se-lhe fóra tambem um bocado; torna-se a metter a tampa com a parte cortada para cima e cobre-se com papel. Cortam-se dois bocados d'arame compridos e fixam-se d'um lado e de outro da caixa, enfiando depois as outras extremidades em dois buracos da roda de cartão. Curvam-se-lhe em seguida as pontas em cima para que não saiam mais.

Fazem-se depois os passaros, que são

muito simples. Parte-se um phosphoro ao meio e aguçam-se os dois bocados d'um lado e d'outro; corta-se uma rodela n'uma das rolhas (antes de cortar a rolha mergulhe-se a faca n'agua, e é com ella molhada que se corta) e mette-se na borda da rodela um dos bocados do phosphoro; isto fórma a cabeça e o pescoço. Mette-se depois a outra extremidade do phosphoro n'uma rolha inteira para fazer o corpo. Com a outra metade do phosphoro forma-se o bico do passaro.

Pode tambem fazer-se uma girafa pelo mesmo systema, com excepção do pescoço, que em logar de ser feito com uma metade de phosphoro deve ser com um inteiro.

Para fazer um cavallo aproveita-se uma rolha para o corpo e recorta-se a cabeça em cartão, que se mette n'uma abertura que se faz na rolha.

Para segurar qualquer d'estes animaes atravessa-se a rolha que serve de corpo com um arame bastante comprido, saindo pontas d'um lado e d'outro, que se prendem depois em cima, enfiando-as n'um dos buracos já feitos da roda de cartão e dando-lhe em todo o caso uma volta para que não saia mais.

Pode fazer-se tambem uma *bicyclete* com as quatro tampas das caixas das mangas, arranjando duas rodas como as que já temos ensinado nos outros artigos. Depois das rodas feitas fura-se o centro d'uma e d'outra com um alfinete grosso e mette-se por esse buraco um gancho de cabeça, torcendo-lhe em cima as pontas de maneira que fiquem entrelaçadas. Atravessa-se então outro gancho em cima, que se segura aos das rodas, dando-lhe umas voltas. Põe-se no meio d'esse gancho um assento feito de papel e prende-se depois a *bicyclete* com um arame comprido á roda de cima, enfiando-o por um dos buracos e dando-lhe depois uma volta para ficar seguro.

Para fazer com que o brinquedo se sustente em pé, com firmeza, enche-se d'areia a caixa funda, de maneira que fique bastante pesada. Prega-se a roda de cartão em cima do pau com um prego fino mas que tenha a cabeça grande, fazendo o buraco no meio do cartão, por onde se enfia o prego, bastante largo para que a roda gire depois bem; enterra-se depois o pau pela caixa que tem areia. Mette-se um arame, ora para dentro ora para fóra, nos quatro buracos feitos no cartão, dobram-se em cima as extremidades e ata-se o arame com uma fita. Se torcerem a fita muito, o carrocel dará umas poucas de voltas sósinho. Os arames depois podem ser cobertos com papel de côr e fazem-se tambem de papel umas bandeiras que se espetam em cima.

Os bonecos são recortados em papel grosso ou feitos, como já ensinámos, com ganchos de cabeça, os quaes não teem o perigo de se partir.

Como pode enfeitar-se uma meza de jantar

Quando os leitores convidarem os amigos para jantar podem preparar-lhes surprezas para a sobremeza no genero das que vamos ensinar.

Damos como amostra no nosso jornal, um passaro, dois porcos,

um pescador, um palhaço, um coelho e um elephante.

O corpo do passaro é feito com uma banana, e o bico e as duas pernas com tiras d'amendoa.

Para o conservar de pé corta-se uma maçã ao meio, e fazendo dois furos n'uma das metades enfiam-se as pernas do passaro. Corta-se depois a outra metade da maçã ás tiras e põe-se á roda do passaro para fingir o ninho, onde estão quatro ovos feitos com uvas brancas. Forma-se o rabo e as azas com pennas verdadeiras.

Para fazer o par de porcos escolhem-se duas bananas ligeiramente curvas. Completam-se então, fazendo as orelhas e as quatro pernas com tiras d'amendoa, e o rabito encaracolado com um bocado de maçã secca. Os olhos dos porcos e o focinho pintam-se com cochonilha. Tirinhas de maçã imitam a palha onde os porcos estão deitados.

Vamos agora ao pescador. Corta-se ao meio uma banana um pouco curva e torna-se a ligar as duas metades, mas voltando a parte de baixo para o lado opposto a que estava, de maneira que o homem pareça estar sentado.

A cabeça é feita com uma noz, pintando-se a cara com cochonilha. Os pés são duas amendoas inteiras. A pedra onde o homem está sentado é feita com duas metades de maçã, fazendo as algas que estão agarradas, com tiras de maçã ou amendoa.

O palhaço com a sua cara esperdido atraz das costas, e põe-se do outro lado dois figos. O chapeu é feito com algodão, e a gravata com um laço de fita.

O coelho é feito com uma pera e com uma laranja, as quaes formam

talhona é tambem feito d'uma banana, com a cara pintada de cochonilha e o nariz d'amendoa. Trez passas fazem os botões, e duas tamaras os pés. Do lado esquerdo umas poucas de passas enfiadas formam o cordão que elle tem escon-

a cabeça e o corpo. As orelhas são feitas com hostia torrada. Os olhos são de assucar gelado, e os pellos do focinho são tiras delgadas de

maçã, assim como a cama onde elle reposa. O rabo faz-se com um bocado d'algodão.

A cabeça e o corpo do elephante são formados com duas maçãs, uma pequena e outra grande, seguras uma á outra com dois bocados de amendoa. Os dentes são tambem feitos com amendoa, e a tromba e as orelhas com casca de maçã. As pernas são bocados de banana e o rabo uma tira de maçã secca.

O chão é assucar gelado.

A corrida dos bichos

Recortem estas figuras, ou, não querendo estragar o jornal, copiem-n'as para outro papel e recortem-n'as depois. Em seguida podem fazer com os bichos e os cavalleiros as combinações que lhes aprouver, advertindo que os animaes podem ser collocados não só no acto de galopar, assim como a esconcear, etc. Em seguida, quando tiverem combinado a seu gosto as figurinhas, podem coloril-as e collal as a um cartão ou papel grosso. Teem assim uma cavalgada interessante em direcção ao poste que marca o ponto de chegada.

Literatura Brazileira

EDIÇÕES DA LIVRARIA **Francisco Alves & C.ª**

RIO DE JANEIRO

A' venda na administração d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferrejial, 6, 1.º — **LISBOA**

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida, 2.ª edição. 1 vol. in 8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

O Livro das Donas e Donzelas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in 8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo, por Mademoiselle H. S. Brés, album ilustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart 750

Minha Historia Sagrada, tradução do Dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in 4 francez, ilustrado de numerosas e belissimas gravuras e cromos..... 750

Meu Livro de Maficas. – Um livro ricamente encadernado 750

Historias de Fadas, livro para creanças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pajs. ilustrado, impresso e encadernado em Paris 500

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente ilustrado 750

Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente illustrado 750

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris 750

Teatro Infantil (comodias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart.. 500

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado..... 500

Era uma voz . . . contos para crianças, polo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in-16, ilustrado com dezenhos orijinaes de Norfim..... 500

PREÇOS MOEDA PORTUGUEZA

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

1.º Grande Premio — *Rio de Janeiro 1908.*
Medalhas de Ouro — *Porto 1904 e Madrid 1907.*
Medalha de Prata — *S. Luiz 1904.*

Unicos exportadores:

ASSIS & C.ª - LISBOA

Endereço telegrafico:

MOURAGUAS

Codigo **"RIBEIRO"**

Estas aguas perfeitamente limpidas, transparentes, inodoras, incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas da bexiga e vias urinarias; efficazes tambem na obsidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: **atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e liticas.** Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de ***MUITO PURA.***

2.ª SERIE Novembro 1910 N.º 22

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

— Vê como esta toilette me fica bem á cara.
— Por ser cara me fica mal á algibeira!

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamonto illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª
Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro
DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres
da officina Photomecanica de Thomaz Bordallo Pinheiro — LISBOA

O coveiro maldoso e os gnomos

N'uma velha aldeia vivia, ha muitos, muitos annos um coveiro taciturno e bruto, que não se importava senão com a sua pessoa, e com uma garrafinha de agnardente que trazia sempre mettida na algibeira do collete. Gabriel (assim se chamava o coveiro) olhava para todas as caras alegres que passavam por elle, com um olhar maldoso e um ar de mau humor.

N'uma vespera de Natal, á tardinha, Gabriel, com a enxada ao hombro, e uma lanterna acesa na mão, dirigia se para o velho cemiterio onde tinha de acabar de abrir uma cova parao dia seguinte.

Emquanto caminhava, ia vendo as brilhantes illuminações das janellas nas casas onde festejavam o Natal. Todas as festas de familia eram fel para o coração empedernido do egoista Gabriel, e quando grupos de creanças saíam das casas brincando e cantando alegremente, o velho coveiro sorria com um amargura, desejando que todas as creancinhas fossem atacadas de qualquer doença de que morressem, para elle se ver livre dos garotos importunos que corriam atraz d'elle gritando e berrando.

N'estas terriveis cogitações, Gabriel ia andando, até que chegou á rua triste e solitaria, que conduzia ao cemiterio. Alli Gabriel parou, indignado, por ouvir uma voz de creança, entoando uma alegre canção do Natal, n'aquella estrada tão triste, que era conhecida pela Rua do Tumulo; Gabriel ia audando, e a voz ia-se approximando, até que esbarrou com um rapazinho,

que corria para se ir encontrar com os outros companheiros e que para não ter medo, se ia entretendo a cantar pela estrada deserta. Gabriel esperou que o rapaz chegasse ao pé d'elle, e empurrando-o para um canto, bateu-lhe na cabeça umas poucas de vezes com a lanterna.

O rapaz assim que poude escapon-se-lhe das mãos, cantando uma cantiga completamente differente da outra.

O coveiro entrou no cemiterio, poz a lanterna no chão, tirou o ca-

saco, e começou a trabalhar; a terra estava dura com a geada, e não era tarefa facil enterrar alli a enxada.

Mas Gabriel estava tão satisfeito comsigo, por ter dado correcção ao garoto, que trabalhava com toda a boa vontade e rapidez.

«Ho! ho!» ria comsigo, sentado na pedra d'um tumulo, e com a sua garrafinha na mão. «Uma sepultura no Natal! Ho! ho! ho!»

«Ho! ho! ho!» repetiu uma voz mesmo atraz d'elle.

Gabriel assustado calou-se, quando ia mesmo levar á boca a garrafa, e olhou á roda. O cemiterio estava deserto e socegado, com o luar pallido.

«Foi o echo», disse Gabriel, levando a garrafa á boca.

«Não foi o echo», disse uma voz grossa.

Gabriel estacou, aterrado, pois mesmo em frente d'elle, sentado na pedra d'um tumulo, estava uma extranha e pequenina figura, que o coveiro percebeu logo não ser d'este mundo. As pernas da tal figurinha eram compridas e estavam cruzadas, e as mãos descançavam-lhe sobre os joelhos; vestia um casaquinho curto, com um cabeção cortado em bicos exquisitos, e uns sapatos que arrebitavam nas pontas.

Na cabeça trazia um chapéu redondo com uma penna, e estava todo coberto de geada branca. O anãosinho achava-se alli tanto á

vontade como se estivesse já habituado áquella posição incommoda.

Fez logo a Gabriel uma careta tão feia que só os gnomos são capazes de fazer.

«Não foi o echo», tornou o gnomo; Gabriel não replicou.

«Que fazes tu aqui na vespera do Natal?» perguntou o gnomo n'uma voz severa.

«Vim cavar uma sepultura», murmuron Gabriel.

«Que homem ha, que venha passar entre tumulos a vespera do Natal?» gritou o gnomo esganiçando-se muito.

«Gabriel! Gabriel!» griton um coro de vozes que pareciam encher o cemiterio.

Gabriel olhou á roda, cheio de medo, mas nada viu.

«Que trazes n'essa garrafa?» perguntou o anão.

«Aguardente, senhor», replicou o coveiro, cada vez mais tremulo.

«Quem bebe aguardente no cemiterio n'uma noite como esta?»

«Gabriel! Gabriel!» tornaram as vozes outra vez.

O gnomo volveu os olhos para o coveiro aterrorisado, e levantando a voz, exclamou:

«Quem é o vosso prisioneiro?»

A este inquerito o coro invisivel replicou, gritando mais uma vez: Gabriel! Gabriel!

O gnomo fez ainda uma careta mais feia, e disse: «Bem, que dizes tu a isto, Gabriel?»

O coveiro nem podia respirar.

«É... é... muito curioso, na verdade», replicou, gaguejando, meio morto de susto, «muito curioso; mas eu preciso acabar o meu trabalho, e se me dá licença...»

«Trabalho!» disse o gnomo. «Que trabalho?»

«A sepultura, senhor», gaguejou o coveiro.

«A sepultura, hein?» disse o anão. «Quem é que se lembra de abrir sepulturas quando todos os outros homens estão alegres?»

Outra vez se ouviram as vozes gritando: «Gabriel!»

«Parece-me que os meus amigos te chamam», disse o gnomo.

«Não pode ser», tornou o afflicto coveiro, «não tenho o gosto de os conhecer nem elles a mim, nem sequer de vista.»

«Enganas-te», replicou o famoso gnomo, «nós conhecemos todas as caras taciturnas, que saem de noite, deitando olhares furibundos ás pessoas felizes. Nós conhecemos o homem que deseja mal a todos os garotos, porque elles são alegres, e elle não o pode ser. Nós conhecemos-te! conhecemos-te!»

E o anão deu uma gargalhada tal que os echos a repetiram muitas, e muitas vezes.

«Tenho que o deixar, senhor», tornou o coveiro fazendo esforços para fugir.

«Deixar-nos!» disse o gnomo.

«Gabriel vae deixar-nos! Ho! ho! ho!»

Emquanto o gnomo ria, o coveiro notou que grupos e grupos de pequeninos anões se amontoavam pelo cemiterio, e começavam a brincar á roda dos tumulos, sem pararem para respirar, dando cambalhotas e saltos sobre as pedras, como se fossem bolas de bilhar.

Então, o rei dos gnomos precipitando-se para cima do pobre coveiro, deitou-lhe as mãos aos hombros, e enterrou-o pela terra abaixo.

Quando Gabriel poude respirar,

e abrir os olhos depois de tamanho susto encontrou-se n'uma grande caverna, rodeado por todos os lados por grande profusão de gnomos.

No centro erguia-se uma especie de throno, onde estava sentado o

anão que primeiro lhe apparecera no cemiterio, e que não era outro senão o rei dos gnomos.

«Está frio esta noite», disse elle para os outros anõesinhos, «muito frio. Um copo com qualquer cousa quente».

A esta ordem, meia duzia de gnomos desappareceram, e voltaram logo com um copo cheio d'um liquido que parecia fogo, o qual apresentaram ao rei.

«Ah!» exclamou o gnomo, «como isto consola! Tragam um outro copo para Gabriel.»

Em vão o desventurado coveiro protestou dizendo que não estava nos seus habitos tomar bebidas quentes á noite. Um dos gnomos segurou-o emquanto outro lhe deitava pela garganta abaixo o liquido a ferver. Toda a assembléa se escangalhou a rir emquanto o pobre coveiro se estorcia todo queimado.

«Agora», disse o rei, «mostrem ao nosso hospede alguns quadros para o distrahir».

Deseeu logo uma nuvem, mostrando a vista d'uma casa muito limpa e bem mobilada. Umas poucas de creancinhas estavam reunidas á roda do fogo, brincando e cantando emquanto a mãe olhava para ellas sorrindo.

Em cima da meza estavam doces e uma cadeira de braços ao pé do fogo.

N'isto ouviu-se uma pancada á porta: a mãe foi abrir, e as creanças correram logo batendo as mãos de alegria, pois era o pae que entrava.

Vinha molhado e cansado, sacudiu a neve do casaco emquanto os pequenos o rodeiavam, e lhe pe-

gavam no casaco e luvas para as irem guardar. O pae sentou-se então em frente do fogo, com os filhos sobre os joelhos, e a mãe sentou-se ao lado, parecendo todos muito felizes e alegres.

Mas, de repente o quadro mudou-se. Aquella scena desappareceu para dar logar a outra, que representava a mesma familia n'um

quarto de cama, onde uma das lindas creanças estava moribunda; a sua carinha estava pallida e a luz tinha fugido dos seus olhinhos, e enquanto o coveiro olhava para ella com toda a attenção e um interesse que elle ainda não tinha sentido por ninguem, a creancinha morreu, os irmãos e irmãs rodeiaram-lhe logo o leito, e pegaram-lhe nas mãos tão frias e pesadas; mas recuaram logo horrorisados, olhando com terror para a cara da irmãsi-

nha, pois calma e tranquilla como estava, e parecendo dormir, elles viram que ella tinha morrido, e perceberam que a irmã era já um anjo que as abençoava lá em cima no céu.

Outra vez a nuvem desceu mostrando outro assumpto. O pae e a mãe estavam velhos, no emtanto nas suas physionomias brilhava o contentamento e a paz, emquanto sentados ao pé do fogo eontavam

(Continúa na pag. 514).

A caminho das corridas

Senhor Pelicano,
Tome bem cautela.
Vem um automovel
Que o atropela.

Em seus pensamentos
Anda tão absorto,
Que se arrisca muito
A acordar já morto.

historias do seu tempo, a uma netinha. Vagarosamente desceram ao tumulo, primeiro o velho, depois a mulher, que tinha partilhado com elle desgostos e alegrias e que até

na morte o quiz seguir. Os seus descendentes ajoelharam á beira do tumulo e espalharam sobre elle flores. Depois a nuvem subiu.

«Que pensas tu d'esta historia?» perguntou o rei dos gnomos a Gabriel.

Gabriel murmurou umas palavras, dizendo que tinha achado bonito, parecendo muito envergonhado, emquanto o gnomo o fitava com uns olhos muito brilhantes.

«Tu és um homem miseravel!» exclamou o gnomo. «Miseravel!»

Parecia disposto a acrescentar mais alguma cousa, mas em logar d'isso, chegou-se a Gabriel e deu-lhe um formidavel pontapé: e todos os gnomos a um tempo rodearam o pobre coveiro, fazendo-lhe uma assuada medonha.

«Mostrem-lhe ainda mais quadros», disse o rei aos gnomos.

Muitas vezes a nuvem desceu e subiu deixando ver varios quadros que eram todos lições para Gabriel. Viu que os homens que trabalhavam muito, e ganhavam o seu pão pelo trabalho, viviam felizes e socegados; e que até aos mais ignorantes, a natureza prodigalisava os seus beneficios. Viu que todas as creaturas boas e sãs supportavam as maiores privações com resignação. Viu mulheres, as mais ternas e delicadas das creaturas de Deus, muitas vezes superiores aos homens na adversidade; e viu que tudo isso succedia porque os seus corações eram verdadeiras fontes de affeição e dedicação. E viu, principalmente,

que os homens como elle, que viviam sós por egoismo, e não se dedicavam a ningnem, eram entes despreziveis e maus. Depois um por um os gnomos foram desapparecendo; e elle caiu no chão adormecido.

Rompia o dia, quando Gabriel acordou, e se encontrou caido no cemiterio, com a garrafa vazia ao lado, e o casaco, enxada e lanterna, cheios de neve, deante d'elle. Ao principio, ainda duvidou da realidade das suas aventuras, mas a dôr que sentiu quando se quiz levantar, fez-lhe ver que o pontapé do gnomo tinha até sido verdadeiro de mais! A lanterna, a garrafa e a enxada foram encontradas no cemiterio, mas de Gabriel não se soube mais nada, e toda a gente pensou, que Gabriel tinha sido levado pelos gnomos; mas o pobre coveiro viveu dez annos n'outra terra, solitario, e trabalhando, a ver se esquecia os seus pecados, pois tinha vergonha de apparecer deante da gente que o tinha conhecido, e no fim d'esse tempo, veiu contar a sua historia ao cura, que lhe perdoou em nome de Deus a sua maldade para com os outros.

O lobo e o cabrito

Um dia, um lobo bispou um cabrito que se tinha transviado para um campo distante,

e desatou a perseguil-o. Corria o cabrito com quanta ancia tinha, mas quando percebeu que o lobo estava quasi a alcançal-o e que elle não tinha meio de lhe escapar das unhas, voltou-se para traz e disse:

«Bem vejo que de nada me serve correr mais, e que o meu destino é ser devorado. Mas gostava de morrer o mais alegremente possivel; peço-te por isso que me toques musica, para eu dançar antes que dês cabo de mim».

O lobo pegou na gaita de folles e tocou uma modinha, emquanto o cabrito saltava ao som da musica. Mas o barulho attrahiu os cães da quinta, os quaes acorreram e fizeram fugir o lobo.

Ao metter-se ao matto, dizia este:

«E' bem feito, para não me metter em cousas que não são da minha conta. O meu officio era de magarefe, e não de gaiteiro».

Cautella
com os touros

Brinquedos feitos em casa

Um vendedor de fructa com o seu carro

É preciso que os leitores arranjem para a confecção d'este brinquedo o seguinte: uma caixa de papelão mais comprida que larga e que seja baixa; quatro tampas de caixas de mangas de candieiro, dois espetos de pau, um rolo de papel de photographia, a parte de cima d'uma meia velha, algumas ervilhas seccas, rafia, alfinetes, uma rolha e papel branco e de côres.

Corta-se fóra uma das bordas mais estreitas da caixa, e se ella fôr muito funda que não deixe vêr bem o que se põe dentro, corta-se um bocado de margem tudo á roda. Corta-se tambem uma das bordas estreitas da tampa e pega-se, pondo as bordas para baixo ao fundo da caixa.

Collam-se os espetos com firmeza dentro da caixa, deixando para fóra uma parte, para formar as lanças do carro.

Fazem-se as duas rodas com as tampas das caixas pegadas uma dentro da outra como já explicámos para a boneca que anda e para o outro carrinho de mão, e prendem-se atravessando a tampa da caixa que faz o fundo do carro, com um bocado d'arame forte.

Cortam-se tres rodelas da rolha para fazer os fundos do cesto, e espetam-se alfinetes á roda com distancias eguaes uns dos outros, inclinando-os levemente para fóra; tece-se a rafia entre os alfinetes e assim conseguirão os leitores em poucos minutos ter tres cestos para metter as fructas que vão dentro do carrinho.

Enchem-se então com as ervilhas embrulhadas em papeis de côr, para imitar fructas differentes.

Vamos explicar a maneira de as embrulhar.

Corta-se uma rodelita de papel amarello para imitar as laranjas, põe-se gomma na ervilha e embrulha se no papel; colloca-se a bolinha na palma da mão esquerda e com a mão direita anda-se á roda com ella, até que fique perfeita.

Fazem-se depois as maçãs pelo mesmo systema, com papel verde e encarnado.

O terceiro cesto pode ser cheio com as ervilhas sem serem embrulhadas a fingir batatas.

Os nabos são feitos cobrindo a noz dos caroços de ginja, primeiro com papel verde que se enrola como se fossem *cocotes* d'entrudo, deixando para cima a porção de papel que sobeja. Corta-se depois um pedacito de papel branco e torna-se a cobrir com elle a noz que deve estar cheia de gomma, deixando visivel a parte de papel verde que sahe fóra, como se fossem as folhas dos nabos.

As cenouras são feitas com bocados de papel côr de laranja feitos n'uma bola com uns fios de verde nas extremidades.

Fazem-se depois as couves com uma tira comprida de papel verde que se vae enrolando até ao fim. Amarra-se com linha uma das extremidades, enrolando-a umas poucas de vezes muito apertada, para formar o tronco.

Recortam-se depois com uma tesoura as folhas, fazendo as de fóra maiores, e soltando-as umas das outras, com a mão enrolam-se as extremidades. As couves-flôr são feitas da mesma maneira pondo-lhes no meio um bocado de papel creme.

O homem é muito simples de fazer ainda que á primeira vista faça alguma confusão. O papel preto de photographia é muito rijo e forte e um bocado d'elle enrolado com firmeza pode tomar as formas do homem.

Faz-se outro rolo mais largo e mais curto para o corpo, e outro ainda, bastante comprido que se

prende pelo meio, nas costas do homem para formar os braços.

A cabeça é feita de papel branco com o pescoço bastante comprido que se mette pelo corpo e se prende com agulha e linha.

A blusa do homemzinho faz-se com a meia velha, e o bonet de seda preta.

Aproveita-se a cabeleira d'outra boneca.

Quando estiver tudo terminado, prendem-se as mãos do homem, com arame, ás lanças do carro.

Por bem fazer, mal haver

PANTOMIMA

Personagens: Um gato, uma leiteira e um cão

A TESOIRA MAGICA

Deu-se a esta habilidade o nome de «tesoira magica», porque o operador deve persuadir os espectadores que todo o segredo reside na tesoira que se usa, a qual afinal de contas é uma tesoira como todas as outras.

E' indispensavel uma operação preparatoria, que é a seguinte:

Arranjem-se quatro tiras de papel forte, cada uma com cerca de 16 centimetros de comprido e uns 2 a 3 de largo. Collem-se uma á outra as extremidades de uma das tiras, formando uma especie de cinta, mas tendo cuidado de não torcer o papel. Faz-se o mesmo com a segunda tira, mas dando uma meia volta a uma das pontas antes de as collar. Na terceira tira dá-se uma volta inteira, e na quarta e ultima volta e meia. Daremos a estas tiras respectivamente os numeros 1, 2, 3 e 4. Para que melhor se differencem, podem-se marcar as tres ultimas com dois, tres e quatro pontinhos ou furos de alfinete.

Quando se quer fazer a habilidade, o operador apparece com as quatro tiras pendentes n'um dos braços, por sua ordem, e colloca-as sobre uma mesa ou nas costas de uma cadeira. Depois annuncia que vae fazer uma experiencia curiosa com aquellas tiras de papel. A palavra «experiencia» tem mais imponencia do que a palavra «habilidade». Pega na tira n.º 1, e com uma tesoira abre um buraco a meio da largura da tira, em qualquer ponto, e por ahi corta no sentido do comprimento, dividindo a tira em duas. Essas duas tiras apparecem como as que estão marcadas na figura com a lettra A.

«Isto é quanto ha de mais simples!» dirá o operador. «Era o que todos esperavam, por certo. Mas agora vou mostrar-lhes uma cousa que com certeza não esperam. Tudo por virtude d'esta tesoira, que é magica e por isso produz toda a especie de resultados magicos. Um lhes vou eu mostrar», continuará pegando na tira n.º 2. «Vou cortar esta tira exactamente como a outra;

mas, como vêem, o resultado é completamente diverso. Ficamos com duas tiras separadas, mas encadeadas uma na outra.»

E' isto que se vê em B.

«Agora», prosegue o operador, «vou-lhes mostrar um resultado ainda mais surprehendente. Aqui teem a outra tira», e apresentará a n.° 3. «Vou cortal-a como fiz ás outras; mas o resultado é outra vez differente.»

De feito, a tira converteu-se n'outra com o duplo do comprimento primitivo, como se vê em C.

«E agora, vou mostrar o effeito mais extraordinario de todos. D'esta vez não só faço com que a tira de papel augmente de comprimento, mas a tesoira magica atará n'ella uma laçada magica. Ora reparem.»

E a ultima tira de papel apparecerá como se mostra em D.

A referencia frequente á tesoira distrae a attenção da differença minuscula que se poderia observar entre as quatro tiras. E o motivo de as fazer tão largas é para tornar menos notadas as necessarias torceduras.

CAVACO INTERROMPIDO

Madama Lagarta um dia
Passeava a tomar sol,
Quando encontrou — que alegria! —
O senhor Dom Caracol.

Apoiado nas muletas,
O Dom Caracol fartou-se
De contar casos e petas
Com sua voz muito doce.

Passou Madama Lagarta
Muitas horas a escutal-o,
E ainda não estava farta
De tão mimoso regalo.

Mas eis que um pardal velhaco
Os avista, por seu mal;
E teve termo o cavaco.
Na barriga do pardal.

Quantas milhas por dia?

Um grupo de excursionistas foi fazer uma digressão a pé, que durou sete dias. Durante elles andou em media 15 kilometros por dia. Nos primeiros 4 dias a media foi de 18 kilometros. Qual foi a media para os 3 dias restantes?

(A solução virá no numero seguinte.)

A QUARTOLA

Que cousa tão extranha
Que o preto aqui apanha!

Eu voltas dou ao caco...
E' caixa, ou será saco?

Serviço pode ter
De jarro p'ra beber.

E serve, com justiça,
P'ra cesto de hortaliça.

Se a lança tu lhe espetas,
Apanhas borboletas.

E no mar tambem já
De balde servirá.

Não serve para tina,
Que é muito pequenina.

Encho-a de terra, e acaso
Já presta para vaso.

Percebo! Isto é do branco,
E serve-lhe de banco.

O PERNA DE PAU

Novamente O Gafanhoto, *transcreve do lindissimo livro brazileiro* Contos Patrios, *uma interessante historia de Coelho Netto que ha de dar grande prazer aos seus pequenos leitores e incital-os a adquirir o bello livro, edição da casa Francisco Alves & C.ª, do Rio de Janeiro.*

Já grisalho, alto e magro, olhos miudos e negros, mas de um brilho estranho, viam-no todas as manhãs passar á porta do collegio com uma grossa e nodosa bengala.

Conheciam-no pelo toc-toc da perna de pau; e logo, chamando-se uns aos outros, corriam todos os meninos ás grades, e, quando o invalido passava, rompiam em assuada: — Oh perneta!

Elle sorria docemente; os seus olhos bravios, de uma expressão feroz, ameigavam-se; e, longe de agastar-se, tirava o seu grande chapéu de abas largas e fazia uma barretada, não sei se para brincar com os pequenos, se para lhes mostrar os cabellos brancos.

Um dia o director chamou-o, para lhe fazer presente de umas roupas, de sorte que, á hora do recreio, quando os meninos saíram para o pateo, viram com surpreza o *Perna de pau* sentado tranquillamente em um dos bancos.

Receiosos murmuraram: — Vem dar parte! Vem queixar-se ao director! — mas o bom homem sorria com tanta meiguice, que um dos pequenos ousou acudir ao seu chamado.

— Venha cá, meu menino! Tem medo de mim?

— Não! — disse com orgulho o pequeno.

— Então venha até cá... Eu gosto muito de creanças.

O menino adiantou-se, e os outros, vendo a bondade do invalido, acercaram-se d'elle, e o bom homem ficou numa roda de creanças, feliz, sorrindo. Um dos pequenos, curioso, perguntou-lhe então ingenuamente:

— Que é da tua perna, homem?

— A minha perna, meu menino? a minha perna um bicho mau a levou!

A estas palavras a curiosidade dilatou todas as pupillas, e os meninos, esquecendo o recreio, chegaram-se mais ao homem, perguntando:

— Que bicho? Como foi? Conta...

— Ah! meus meninos... eu era um rapaz robusto; vivia na minha terra descansadamente, quando correu a noticia de que uma féra, que deitava fogo pela bocca queimando as cabanas e as plantações dos pobres, andava se arrastando pela visinhança da nossa terra.

Diziam que ella matava velhos e creanças. Muitos moços da minha idade partiram para combater a féra que lhes ameaçava a casa e a vida dos velhos paes; eu tambem tinha a minha mãe,

uma velhinha, e, quando me disseram que o animal podia vir matal-a, não pensei mais, meus meninos, tomei de uma arma e parti num bando.

Todos quantos nos viam passar abençoavam-nos: um, porque nós iamos defender o seu campo, outro, porque iamos defender a sua casa; a mãe, porque iamos evitar que a féra lhe viesse arrancar o filho dos braços, o enfermo, porque não consentiriamos que fôsse maltratado. Os velhos mostravam-nos os cabellos brancos, as donzellas atiravam-nos flôres, e nós seguiamos, levando todas essas lembranças num registro, que um dos nossos conduzia, para que sempre nos lembrassemos do que viramos e ouviramos.

E chegámos ao sitio em que a féra urrava. Ah! meus meninos! quanto mal ella já havia feito! Quanta creancinha orphã, quanta cabana reduzida a cinzas, quantos campos devastados! Felizmente encontrámol-a e o combate travou-se.

Muitos dos meus companheiros lá ficaram, devorados pelo dragão terrivel; eu, mais feliz, apenas perdi uma perna; e não me arrependo, nem lastimo a dôr que soffri, porque, de volta á casa, encontrei minha mãe fiando, e vi a minha terra tranquilla e farta, todas as mães contentes, e os velhos respeitados.

Que seria de vossas mães, meus meninos? talvez tivessem sido victimas como outras foram...

— E que bicho era? perguntou o pequeno curioso.

— A guerra, meu menino! — disse o invalido. — Foi na guerra que deixei a minha perna, e não me arrependo de ter ido, não me arrependo: fiz o meu dever, defendendo a minha Patria, e, quando voltei com o peito coberto de medalhas, ainda achei minha velha mãe que me abençoou.

Hoje estou velho, doente, e os meninos riem-se de mim...

— Não riremos mais! — disse um pequeno com os olhos rasos d'agua; e,

atirando-se ao pescoço do velho soldado, pôz-se a dizer commovido:

— «Não riremos mais! Não riremos mais!» — e o *Perna de pau*, no meio das creanças que procuravam abraçal-o, rindo, mas com duas lagrimas nos olhos, dizia:

— Ah! meus meninos, assim dão cabo de mim, assim dão cabo de mim! — e todos festejavam o invalido, promettiam-lhe presentes, abraçavam-no.

Felizmente pôz termo ao assalto de ternura a sineta, chamando para a aula...

Supplicio de Tantalo

Ah! que cheiroso tonilho
A minha vista percebe
No verde campo de milho
Para alem d'aquella sebe!

Saltar difficil não é,
E esta distancia é bem pouca;
Mas estou preza pelo pé,
E cresce-me agua na boca.

Rolha universal

Recortem n'um cartão tres aberturas: um circulo, um quadrado e um triangulo, comtanto que a altura e a base do triangulo, o lado do quadrado e o diametro do circulo sejam eguaes entre si, do tamanho do diametro de uma rolha de cortiça vulgar.

Entreguem o cartão assim furado a um amigo, e proponham-lhe tapar exactamente, com a mesma rolha, os tres orificios de formas tão differentes.

Tapar o circulo não offerece difficuldade; basta introduzir a base da rolha, que tem o mesmo diametro.

Para tapar a abertura quadrada, basta cortar a rolha parallelamente á base, de forma que a altura fique egual ao diametro. Collocando a rolha na abertura, tapal-a-ha exactamente. Resta o triangulo, que dará que pensar ao amador.

Para o tapar com a rolha universal, devem-se fazer na rolha dois entalhes segundo dois planos obliquos passando ambos por um mesmo diametro da base e pelos bordos correspondentes da outra base. A rolha ficará com a forma de uma especie de bonet militar, como se vê no nosso desenho. Não se mudou nada nem na altura, nem na base: o triangulo que ella representa de perfil mostra que se acertou com a solução procurada. Colloquem-n'o no cartão, como indica a nossa gravura; tapará exactamente a abertura triangular.

Literatura Brazileira

EDIÇÕES DA LIVRARIA **Francisco Alves & C.ª**

RIO DE JANEIRO

A' venda na administração d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferrejial, 6, 1.º — **LISBOA**

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida, 2.ª edição. 1 vol. in 8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

O Livro das Donas e Donzolas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in 8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo. por Mademoiselle H. S. Brés, album ilustrado com 222 gravuras o 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart. 750

Minha Historia Sagrada, tradução do Dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in 4 francez, ilustrado de numerosas e belissimas gravuras e cromos..... 750

Meu Livro de Maiicas. — Um livro ricamente encadernado 750

Historias de Fadas, livro para creanças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pajs. ilustrado, impresso e encadernado em Paris 500

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente ilustrado 750

Poosias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente illustrado 750

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris 750

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart..... 500

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado..... 500

Era uma voz... contos para crianças, pelo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in-16, ilustrado com dezenhos orijinaes de Norfini..... 500

PREÇOS MOEDA PORTUGUEZA

AGUA CASTELLO

"REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES"

tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

1.º Grande Premio — *Rio de Janeiro 1908.*
Medalhas de Ouro — *Porto 1904 e Madrid 1907.*
Medalha de Prata — *S. Luiz 1904.*

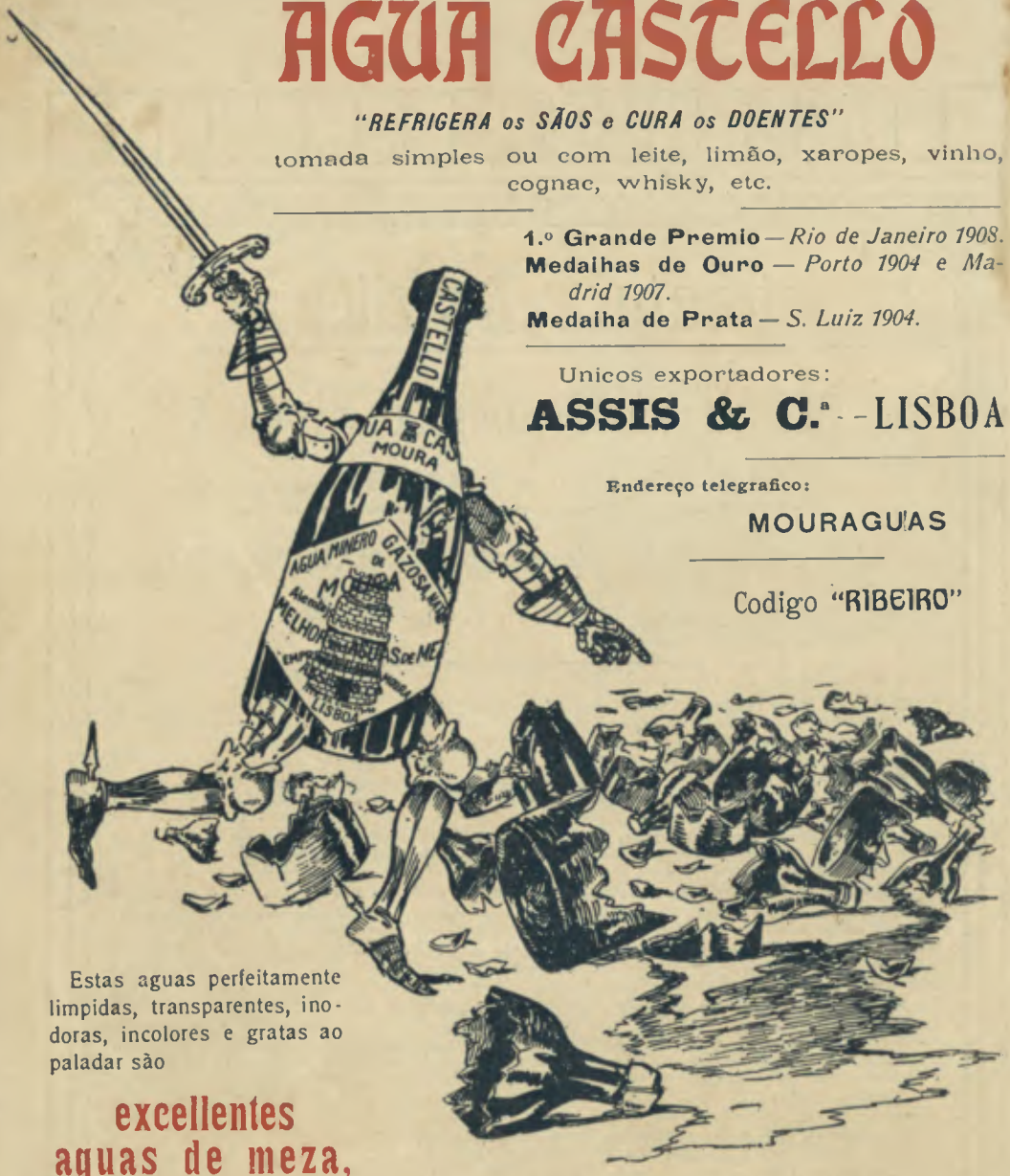
Unicos exportadores:

ASSIS & C.ª — LISBOA

Endereço telegrafico:

MOURAGUAS

Codigo "RIBEIRO"



Estas aguas perfeitamente limpidas, transparentes, inodoras, incolores e gratas ao paladar são

excellentes aguas de meza,

recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas da bexiga e vias urinarias; efficazes tambem na obsidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: **atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e liticas.** Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de ***MUITO PURA.***

2.ª SERIE Dezembro 1910 N.º 23

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

— Como V. Ex.ª vem elegante, minha senhora!

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro,

Administração — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro

DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres

da officina Photomecanica de Thomaz Bordallo Pinheiro — LISBOA

Um dia Mano Coelho encontrou-se com Mano Raposo. Como passou? ete. e tal, muita festa para a festa, e vae depois começaram ambos a dizer mal da sua vida. Mano Raposo disse que estava com uma fome de tremer, e Mano Coelho replicou que tinha tambem um ratinho a roer-lhe lá por dentro.

N'isto deitam os olhos para a estrada, e quem hão de elles ver? O Senhor Homem, que vinha por alli fóra com um enorme naco de carne debaixo do braço. Mano Raposo ficou logo nos ares, morto por lhe dar uma dentada ao menos, e Mano Coelho disse que o ver aquella apetitosa carninha, toda debruada de gordura, era o bastante para fazer perder a cabeça a um santo.

O Senhor Homem ia andando, andando por alli fóra. Mano Coelho e Mano Raposo, tudo era olharem

para elle, com olhos piscos e agua a crescer-lhes na boca. Vae então Mano Coelho disse a Mano Raposo que lhe seguisse na piugada, e d'alli a pouco tinha elle já mettido conversa com o Senhor Homem.

Ia ao pé d'elle por alli fóra, como

se fossem companheiros de jornada. Mano Coelho parou de repente, a fungar os ares.

«Que demonio é isso?» perguntou o Senhor Homem. «Vossê está constipado?»

«Qual historia!» respondeu Mano Coelho. «É que estou a sentir um cheirinho, que não é das cousas mais agradaveis.»

E Mano Coelho começa a tapar as ventas, até que d'ahi a pouco se sae com esta:

«Valha-o Deus, Senhor Homem! É d'essa carne que ahi leva. Safa! É de tombar! Onde é que o senhor desencantou similhante peste?»

O Senhor Homem ficou varado com a descoberta. Demais a mais, logo alli appareceu um moscardo verde a zunir em redor da carne. Mano Coelho afastou-se para a beira da estrada, tapando sempre o nariz. O Senhor Homem estava corrido de vergonha. Não tardou muito que pozesse a carne no chão e parasse a perguntar a Mano Coelho o que havia de fazer n'um caso d'esses. E vae Mano Coelho respondeu-lhe assim:

«Tenho ouvido dizer que a melhor maneira de tornar a frescura á carne avariada é arrastal-a pelo pó. Não é que eu tenha experiencia d'essas cousas, mas mal não lhe pode fazer, porque a poeira que entre pela carne lava-se n'um prompto».

«O que eu não tenho é corda para isso», disse o senhor Homem.

Mano Coelho desatou a rir como um perdido, mas sempre sem tirar a mão do nariz.

«Se o senhor tivesse passado tanto tempo pelos mattos como eu», disse elle, «nunca tinha falta de cordas».

E com isto, Mano Coelho deu uns saltos por alli fora, e voltou n'um abrir e fechar de olhos com um grande rolo de hastes de trepadeiras entretecidas.

«Essa corda é muito comprida», disse o senhor Homem.

«Deixe lá ser»! replicou Mano Coelho. «E' isso que se quer para que o vento passe á vontade entre o senhor e a carne».

Vae então o senhor Homem agarrou na corda e atou-a á carne. Mano Coelho arrancou um ramo de uma arvore, e disse que elle ficava atraz para enxotar as moscas.

O senhor Homem começou a andar na frente, e mano Coelho ia na retaguarda, a tomar conta na carne.

E tomou conta, lá isso tomou. Apanhou uma pedra, e emquanto o senhor Homem ia muito descansado sem olhar para traz, Mano Coelho desatou a carne, e atou a pedra á corda. Quando Mano Raposo se aproximou, lá estava a carne á espera d'elle. O senhor Homem seguiu por alli fora a arrastar a pedra, e Mano Coelho ficou a enxotar as moscas, até que d'alli a pouco o senhor Homem olhou para traz, e a respeito de Mano Coelho, vistel-o? Nem eu!

A uma volta da estrada, Mano Coelho tinha-se com effeito safado, pula que pula, e não tardou muito que se juntasse com Mano Raposo. Pegaram na carne, levaram-n'a para o matto, e escolheram um sitio mais limpo para a pôr no chão. Vae então Mano Raposo disse que o melhor era proval-a, e Mano Coelho concordou. Mano Raposo ti-

rou um pedaço, mordeu-lhe, fechou ambos os olhos, provou e reprovou, mastigou e remastigou. E ao depois lambeu os beiços, olhou muito fito para a carne, e disse assim:

«O' Mano Coelho, isto é carneiro!

«Não é tal, Mano Raposo!»

«Lá isso é que é, Mano Coelho!»

«Lá isso é que não é, Mano Raposo!»

Vae então Mano Coelho tirou um boccado, roeu, fechou ambos os olhos, provou, mastigou, tornou a provar e a mastigar. E ao depois lambeu os beiços.

D'ahi a pouco, Mano Coelho disse que ia beber agua, metteu-se por entre os montes, e voltou logo, a enxugar a bocca e a aclarar a garganta. E Mano Raposo apeteceu-lhe tambem beber agua.

«Mano Coelho, onde é que encontrou a fonte?»

«Do outro lado da estrada, descendo a vertente, e subindo depois pelo córrego acima.»

Mano Raposo desatou a correr, e Mano Coelho sacudiu a orelha com a pata trazeira, como quem lhe dizia «até mais ver!» Mano Raposo atravessou a estrada, e desceu a vertente, e metteu-se depois pelo córrego, mas a respeito de fonte, nem sombra d'ella.

Entrementes, Mano Coelho fez uma cova no chão, e ahi escondeu a carne. Depois arrancou uma vara comprida de uma arvore, e passado um rôr de tempo sentiu que Mano Raposo estava de volta, sumiu-se

entre umas moitas, desatou á pancada a um tronco, e a cada pancada que dava, gritava como um possesso:

Zás! Trás! «Tenha dó de mim, senhor Homem! *Zás! Trás!* «Pelo amor de Deus, senhor Homem!» *Pan! Pan! Zás! Trás!* «Ai! ai! Senhor Homem! Foi o Mano Raposo que lhe roubou a carne!» *Zás!*

Mano Raposo, ao ouvir esta algazarra, parou a escutar. De cada vez que elle sentia a vara a bater, *zás! trás!* ria-se lá comsigo, e dizia:

«Assim mesmo! E' bem feito! para não me enganares com a historia da agua! E' bem feito!»

D'alli a pedaço, a pancadaria foi acabando, e parecia que o senhor Homem ia puxando Mano Coelho

d'alli para fóra. Mano Raposo ficou a modo atarantado. E de repente vê Mano Coelho voltar esbaforido, a gritar:

«Fuja, Mano Raposo, fuja! O senhor Homem anda á cata de vossê! Fuja, Mano Raposo, fuja quanto antes!»

E Mano Raposo nunca mais poz o pé por aquelles sitios.

O momento de inercia

Com um corpo pequeno pesado, um botão de bota, por exemplo, atado a um pedaço de linha, podemos demonstrar experimentalmente um dos theoremas mais importantes de mecanica, relativo ao momento de inercia dos corpos, o qual é o seguinte:

Se o momento de inercia de um corpo em rotação decresce por qualquer motivo, o corpo, conservando a energia inicial, passará a ter uma velocidade de rotação cada vez maior.

Com effeito, como o momento de inercia de um corpo é a massa d'esse corpo reduzida á distancia da unidade do eixo de rotação, a diminuição d'esse momento de inercia equivale a uma diminuição d'essa massa, e para que a força viva do systema permaneça a mesma, é preciso que augmente a velocidade de rotação.

Para verificar este facto pela experiencia, peguemos nas duas extremidades da linha bamba entre o polegar e o indicador de cada mão, e demos ao botão um movimento de rotação. Depois paremos com esse movimento e afastemos a mão uma da outra. O duplo cone, descripto pelas duas porções da linha, torna-se mais agudo, o momento de inercia do systema decresce, e ficarão espantados com a grande velocidade de rotação que o botão adquirirá de repente, sem que as mãos o façam gyrar. E' a consequencia do principio de conservação de energia.

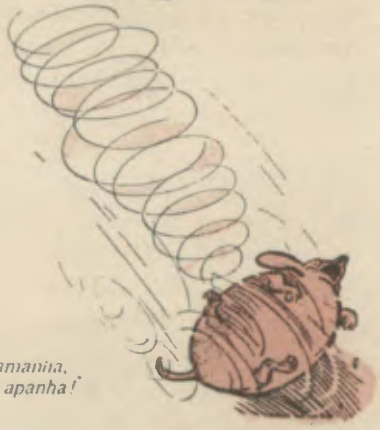
Tótó rebola

Quem vae regalar-se com bom petisquinho?
Tótó, que de vel-o já lambe o focinho.

Mas todo o petisco, Tótó, não engula.
Comer só metade, que é feio ter gula!

Porém distrahido seu dono descansa,
Tótó se abarrota, dilata-se a pança.

Do dono ante os olhos pasmados expondo
Um bicho notavel, um bicho redondo.



Tótó pela terra, com pança tamanha,
Rebola, rebola... Ninguem o apanha!

Brinquedos feitos em casa

Uma casa de boneca

Como já temos ensinado nos outros numeros a fazer variados bonecos, vamos ensinar agora a casa onde devam habitar.

E' preciso em primeiro logar ter uma caixa de papelão grande e mais comprida que larga; quatro caixas de phosphoros, uma casca de nós, e bocados de seda ou qualquer outro tecido. Põe-se ao alto a caixa, corta-se um bocado da tampa e pega-se mesmo ao meio, formando-se assim duas divisões: a sala de visitas e o quarto de cama.

Vamos primeiro á explicação da sala.

Desenha-se na parede do lado esquerdo uma janella e p' em-se cortinas de seda ou renda. Faz-se uma prateleirasinha de cartão e pega-se na janella, cheia de flores artificiaes. Faz-se depois o fogão, pondo ao alto a parte de dentro de uma das caixas de phosphoros; forra-se com seda e fazem-se umas cortinas no mesmo genero das da janella. Faz-se a grade com um bocado de papel escuro recortado e pega-se por dentro papel encarnado para fingir as brazas.

Cobre-se um bocado de cartão com papel prateado para fazer o espelho e emoldura-se com papel escuro. Desenha-se um relogio n'uma tampa de caixa de pilulas.

O tapete é feito com um bocado de astrakan e a tripeça para as flo-

res com tres phosphoros atados com fita.

O sophá do canto é formado por duas caixas de phosphoros cobertas de seda e cosidas juntas, fazendo-se as costas simplesmente com a seda pegada á parede.

No quarto de cama a janella é feita pelo mesmo systema da da

sala, sem a prateleira para flores, e sem tantos cortinados, devendo ser situada mesmo no meio da casa.

A cama é uma caixa de phosphoros coberta com um colchão, travesseiro, lençol e uma colcha de velludo. Espeta-se sobre a cama, na parede, um gancho de ferro e cobre-se com umas cortinas de seda,

que envolvam a cama. O berço é uma casca de noz coberta com papel, pondo as cortinas de renda presas na parede como as da cama.

O tapete é feito com qualquer tecido felpudo.

Ainda daremos n'este numero uma interessante boneca que se põe de pé. Bastam para ella duas rolhas, um sarrafo de madeira, lã e qualquer estopa.

Corta-se uma rodela d'uma das rolhas, espeta-se um alfinete atravessando a rodela e mette-se depois na outra rolha inteira, formando-se assim a cabeça e o corpo.

Atravessa-se a rolha inteira, com um arame dobrado deixando uma extremidade para um lado e outra para outro para fazer os braços.

Cortam-se duas aparas de madeira com o mesmo tamanho, aguça-se uma das extremidades e mettem-se pela rolha dentro, para formar as pernas.

Cortam-se dois bocados de outra rolha e amoldam-se o melhor que se possa as botas de maneira que fique bem chata a parte de baixo para que a boneca se possa conservar de pé. Pegam-se depois com gomma forte nas extremidades dos paus.

Para a aperfeiçoar acolchoa-se com algodão a rodela que faz de cabeça e cobre-se depois com panno branco, pintando-se-lhe a cara sobre o panno, e pondo-lhe uma cabelleira cosida, encobrindo depois os pontos com laços de fita.

Cobrem-se as pernas tambem com panno branco e pintam-se as botas com tinta preta ou amarella.

Pode ser vestida á vontade dos leitores.

O PUDIM DO REI

O Rei conquistou na guerra
Uma saca de farinha,
Ao ver a saca tamanha,
Torceu a venta a Rainha.

Mas o Rei arranjou passas,
Assucar e gergelim,
Foi-se á farinha, amassou-a,
E fez um rico pudim.

A' meza, diz'á Rainha
Que c'o pudim se regala;
«Todos comem a farinha,
«O caso é saber temp'ral-a!»

A velha dorminhoca

Era uma vez uma velha,
Por signal muito madraça;
Sahiu pela manhã cedo
P'ra vender ovos na praça.

Mas no caminho, a velhota,
Como andava tresnoitada,
Para dormir um somninho
Estiraçou-se na estrada.

N'isto apparece um pedinte,
Muito alegre e espertalhão;
Foi-se mansinho á velhota,
Estiraçada no chão.

Cortou-lhe a aba da saia
Pelo joelho e fugiu:
Acordou a pobre velha,
Arripiada de frio.

«Ai Jesus! 'stou transtornada!
«Duvido que seja eu!»
Chegou á porta de casa,
Nem o cão a conheceu.

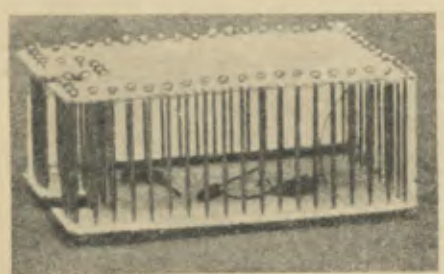
Por mais que faça, o cãosinho
Mostra o dente e não recua.
E a velhota, coitadinha!
Ficou p'ra sempre na rua!

Uma gaiola feita de cartão e alfinetes

A gaiola de ratos que apresentamos na gravura é feita simplesmente de cartão e alfinetes.

Compre-se uma carta de alfinetes todos do mesmo tamanho e uma folha de cartão picado, d'onde se cortam dois bocados eguaes.

Se o leitor ao seu jantar comer peras, maçãs ou qualquer outra fructa que tenha pevides, guarde-as, para fazer com ellas os ratos que estão dentro da gaiola.



Escolhe-se uma agulha muito fina, enfia-se em linha preta, e atravessa-se uma das pevides, principiando na parte estreita, não se puxando a linha até ao fim de maneira que fique uma pontinha que forma o rabo do rato.

Passa-se depois a agulha atravez de um buraco d'uma das peças de cartão, para baixo, e voltando outra vez para cima atravessa-se ainda a pevide para ficar mais segura. Remata-se depois a linha do outro lado do cartão. Basta fazer dois ou tres ratos.

Em seguida pega-se na outra peça de cartão e começa-se a espetar os alfinetes á roda.

Ao chegar a um dos lados, corta-se um quadradito no cartão, para imitar a porta da gaiola, como mostra a gravura, e continua-se a contornar com os alfinetes.

Depois de tudo espetado carrega-se bem para baixo, de maneira que por cima do cartão só se vejam as cabeças dos alfinetes.

Enfiam-se depois os bicos dos alfinetes nos respectivos buracos do outro cartão que tem os ratos, e que representa o chão da gaiola.

Quando se chegar á porta, corta-se da mesma maneira o quadrado no cartão de baixo como se cortou no de cima.

Presumida

Tu não vês que estou linda, elegante?
Olha bem minha cauda, Bébé!
Que vistão, que vistão deslumbrante
Hoje á noite farei na *soirée!*

PESCA Á LINHA

O Zé Bento entretem-se, pela fresca,
Vendo um patusco divertir-se á pesca.

Bella tainha agarra o tal ralão;
Mas, no arranque, estatala-se no chão.

Co'a força com que a atira, desattento,
Faz da linha gravata do Zé Bento.

Tanto puxa e repuxa, que, coitado!
O Zé Bento está quasi que enforcado.

Quebra-se a linha. De costados cae
O Zé Bento; e o patusco ao charco vae.

Um pinto fica o pescador de linha,
E safa-se o Zé Bento co'a tainha.

Boa receita!

Estas minhas bonequinhas
Que enfezadas que parecem!
Vou regal-as com cuidado,
Para ver se acaso crescem.

Quem tudo quer, tudo perde

De Coelho Netto

(Dos *Contos Patrios*)

Edição de F. Alves & C.ª — Rio de Janeiro.

— Parece que bateram! — Disse o carvoeiro.

— Foi o vento, — respondeu a mulher.

Effectivamente, a velha cabana, levantada junto ás primeiras arvores da floresta, parecia gemer, e tremía, abalada pelo vendaval, que levantava, em torvelino, as folhas seccas, arrancava robustas arvores, deixando-as tombadas, com as raizes retorcidas á flor da terra.

Os filhos do carvoeiro, tres rapazitos e uma menina, que era a mais nova, cercavam-no, pallidos de medo, persignando-se toda a vez que um relampago alumiava a cabana.

A chuva jorrava com fragor e na floresta crescía o barulho das arvores.

De novo o carvoeiro disse:

— Parece que bateram! Talvez seja algum viajante fugindo á tempestade!

Nenhum dos pequenos se atreveu a ir á porta, que rangia aos empurrões do vento. A pequenita, porém, enchendo-se de coragem, decidiu-se a ver se havia alguem.

Justamente chegava á porta, quando, de novo, bateram, clamando:

— Dae-me agasalho, pelo amor de Deus!

Sem hesitar, a pequenita virou o ferrolho, e, com uma lufada violenta, ao clarão de um relampago, um velho precipitou-se no interior humilde.

Era alto e magro, estava coberto de andrajos. No lugar em que se deteve, ainda atordoado, ficou uma pôça d'agua, tão encharcado estava.

O carvoeiro levantou-se para recebel-o, o velho, depois de abençoar a pequenita, abeirou-se do lume, teritando, a falar da devastação que a tempestade ia fazendo por aquellas terras.

Deram-lhe do que havia no armario: pão, queijo e fructas, e o peregrino, confortado, tomando ao collo a pequenita, poz-se a afagal-a carinhosamente.

Lá fóra a tormenta continuava a rugir.

— Habitais um sitio muito arredado e triste, disse o velho ao carvoeiro.

— É verdade, bem triste! Dá-me a floresta a lenha que vendo, a agua que bebo, e a caça de que me nutro. O lugar é melancolico, mas nunca nos faltou o necessario, porque o meu trabalho o sabe tirar das arvores e das tócas.

Depois de um silencio, em que pareceu meditar, o velho disse, alisando os cabellos da pequenita:

— Tendes, entretanto, a fortuna muito perto de casa. Na caverna da floresta ha um thesouro guardado desde os tempos do rei Salomão. Quem lá fôr, e ti-

rar, de cada vez, quanto possa conduzir sem fadiga, tornará ao lar tranquillamente; aquelle porém, que se exceder na carga, terá, no proprio sitio, o castigo da ambição.

— O que dizes é verdade? — exclamou o carvoeiro alvoroçado.

— Só a verdade vos digo, — affirmou o velho.

Os pequenitos, que tudo ouviram, logo resolveram visitar, na manhã seguinte, a caverna da floresta em procura do thesouro.

Cahindo a noite, amainando a borrasca, o velho, apezar das instancias do carvoeiro e da mulher, tomou o cajado, e partiu, depois de agradecer a hospedagem e de abençoar a pequenita.

Na cabana ninguem dormiu; e, aos primeiros alvores da madrugada, sahiram todos — o carvoeiro, a mulher e os tres rapazitos.

A pequena ficou para guardar a casa e preparar a refeição.

Embrenhou-se a familia. Cada qual levava um sacco, contando regressar com grande cópia de ouro.

Chegaram á caverna, que ficava em sitio temeroso, e vagarosamente, penetraram.

Bem ao fundo viram como um monte de brazas que topetava com a abobada — eram luzentes barras de ouro.

Rojaram-se todos, e, esquecidos das palavras prudentes do velho, puzeram-se a encher os saccos, sempre achando pouco o que guardavam.

O carvoeiro levantou-se, e, com esforço, aos arrancos, arrastou o seu sacco até o limiar da caverna, sem poder erguel-o, tão superior ás suas forças era a carga.

A mulher mal se podia mover, tirava o seu sacco aos empuxões arquejando; o mesmo faziam os pequenos com o exemplo dos paes.

Um d'elles, porém, recordou as palavras do velho; mas o carvoeiro irritou-se:

— Ora o velho... Se bem andou, longe vae! Quem sabe se eu me havia de abalar de casa por uma barra de ouro! Temos a fortuna á mão, tolos seremos se a não aproveitarmos!

Lentamente, esforçadamente, chegaram ao limiar da caverna, mas logo se sentiram presos.

Os pés afundaram no solo alongando-se em raizes, os corpos mudaram-se em troncos, os braços estenderam-se em ramos, os cabellos erriçaram-se em folhagem, e transformados em arvores, ali ficaram, bracejando ao vento.

Debalde a pequenita esperou-os para o jantar. Em vez d'elles, chegou a noite.

Na manhã seguinte, foi ella á floresta, procurou-os, chamou-os, e, guiando-se pelas pégadas que haviam ficado na terra molle, foi ter á caverna.

Passou pelas arvores, sem perceber que eram os seus parentes, e estacou deslumbrada deante do cogúlo de ouro.

Alegre, rindo, apanhou tres barras das mais luzentes; sentindo, porém, o peso demasiado, e, lembrando-se da recommendação do velho; desfez-se de uma e, folgadamente, ia sahindo, quando ouviu vozes escarninhas:

— Por tão pouco não valia a pena teres vindo de tão longe! Volta á caverna, e toma outras barras de ouro!

Sem dar ouvidos á seducção a pequenita passou as arvores, e regressou á cabana.

No dia seguinte, tornou á caverna, e com mais duas barras voltou contente. Repetindo a viagem durante mezes, tornou-se dona de todo o thesouro.

Uma tarde, sentada á porta da cabana, chorava, quando viu vir uma velhinha, que parava de instante a instante, fatigada,

Convidou-a a descançar um momento, e deu-lhe do que tinha, e emquanto comia, a velha pediu-lhe a razão das lagrimas que lhe arrasavam os olhos.

— Choro os que perdi, meus paes e meus irmãos. Sou rica, riquissima! tenho mais ouro, n'esta cabana, do que tem o rei no seu erario; dal-o-ia todo, de bom grado, pela antiga pobreza, se, com ella, voltassem os que perdi!

Emquanto ella chorava, ia a velha, astutamente, recolhendo as suas lagrimas em um pequenino vaso de crystal. E disse-lhe, por fim:

— Vamos á caverna! és digna de ser amerceada!

E logo, agil como se a levassem azas invisiveis, a velhinha transportou-se da cabana á floresta, levando a pequenita.

Á entrada da caverna, pôz-se a aspergir as arvores com as lagrimas, e logo se desfazia o encanto, e, um a um, reappareceram o carvoeiro, a mulher e os rapazitos.

Antes, porém, que elles se tirassem do espanto, disse a velha á pequena:

— Aqui os tens! leva-os comtigo, e que lhes fique na memoria este caso! Toda a ambição é prejudicial. O homem não deve tentar o impossivel: quem muito quer, tudo perde; e é com perseverança e trabalho que se consegue a fortuna.

Como um fumo que se dissolve, a velha desappareceu, e a pequenita, abraçando os paes e os irmãos, reconduziu-os á cabana, onde lhes mostrou a

riqueza acumulada com paciencia e sem fadiga, com a qual passaram a viver na cidade, com fausto que o ouro lhes garantia.

E o carvoeiro, bemdizendo o coração da filha, referia-lhe os tormentos que haviam soffrido, elle e os seus, durante o tempo em que viveram metamorphoseados em arvores.

Quantas milhas por dia?

Solução

Se a média para os 7 dias foi de 15 kilometros, o numero total deveria ter sido 105 kilometros. Se a média dos primeiros 4 dias foi 18, é porque andaram 72 kilometros n'esse tempo.

Logo andaram 33 kilometros, que é a differença, durante os ultimos 3 dias; a média é portanto 11 kilometros por dia.

OS LARAPIOS

Olá! Andam alli larapios, a farejar as nossas sopinhas!

Ai! que patifes! Mesmo nas nossas barbas, vão-se regalando com ellas!

É ladrar, é grunhir, é rosnar, para ver se elles se safam!

Bumba! Lá rebentou a corda! Viemos lamber o petisco com os lombos!

Ficámos todos sujos, e os ladrões a lamberem-se! Que má sorte!

Cabo para bule

O alegre papagaio da nossa gravura é muito util e importante, não quando está fóra de serviço pendurado n'um prego pela argola que tem na cabeça, mas quando serve para envolver a aza do bule, da chaleira, etc., quando vem quentes. Vamos então ensinar a maneira de o fazer.

Desenha-se o contorno do papagaio n'uma folha de papel branco, recorta-se depois e applica-se este molde sobre um bocado de panno grosso verde escuro, recortando tambem a forma do papagaio no panno, exceptuando o bico, o rabo e a pôpa.

Cortam-se quatro bocados de panno com este molde, dois para a parte de dentro do corpo e os outros dois para a parte de fóra.

Corta-se mais duas vezes ainda o papagaio em panno amarello, mas inclinindo d'esta vez a pôpa, o rabo e o bico recurvado. Temos então seis peças recortadas, tres para cada metade do papagaio, uma amarella que se põe entre as duas verdes. Colocam-se estas seis peças umas sobre as outras, com a amarella entre as verdes, como já dissemos, e alinhavam-se as duas metades do bico, pôpa e rabo juntas.

Arranjam-se dois botões de bota, e cosem-se onde são os olhos, atravez da espessura dos pannos. Cose-se uma argola de cordão entre as metades da pôpa e cose-se depois com pontinho, juntando os pannos todos, o corpo detraz e a cabeça.

Na frente as duas metades são cosidas separadamente ficando assim uma abertura para metter a aza do bule. O bico é bordado com seda ou algodão amarello.

TROCA DE SERVIÇOS

Se queres que eu guarde tua papança,
Quando algum rato queira engulir-t'a,
Louro, compensa-me a segurança:
Lê uma historia que me diuirta!

Elementos de historia da arte

ESTYLOS DECORATIVOS

Interessante e artistica publicação sobre todas as obras d'arte antiga e moderna

---

Profusamente illustrados os 4 volumes que compõem esta obra

Arte Antiga — Arte Medieval — Arte na Renascença — Arte Moderna

Por **J. Ribeiro Christino da Silva**

Professor de Desenho das Escolas Industriaes

«A rendição de Brêda». — Obra prima de Velasquez

Museu do Prado (Madrid).

Á VENDA NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

Na Bibliotheca de Instrucção Profissional

Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

Literatura Brazileira

EDIÇÕES DA LIVRARIA Francisco Alves & C.ª

RIO DE JANEIRO

A' venda na administração d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferrejial, 6, 1.º — **LISBOA**

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida, 2.ª edição. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

O Livro das Donas e Donzelas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo, por Mademoiselle H. S. Brés, album ilustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart. 750

Minha Historia Sagrada, tradução do Dr. Carlos de Laet, obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in-4 francez, ilustrado de numerosas e belissimas gravuras e cromos..... 750

Meu Livro de Malicas. — Um livro ricamente encadernado 750

Historias de Fadas, livro para creanças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pajs. ilustrado, impresso e encadernado em Paris 500

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in-8 pequeno, copiozamente ilustrado 750

Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in-8 pequeno, copiozamente illustrado 750

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris 750

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart. 500

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado..... 500

Era uma vez . . . contos para crianças, pelo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in-16, ilustrado com dezenhos orijinaes de Norfini..... 500

PREÇOS MOEDA PORTUGUEZA

AGUA CASTELLO

«REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES»
tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

1.º Grande Premio, *Rio de Janeiro 1908.* — **Medalhas de Ouro**, *Porto 1904 e Madrid 1907*
Medalha de Prata, *S. Luiz 1904*

UNICOS EXPORTADORES: **Assis & C.ª — LISBOA**

Endereço telegrafico: ***MOURAGUAS***
Codigo "RIBEIRO"

Estas aguas perfeitamente limpidas, transparentes, inodoras, incolores e gratas ao paladar são **EXCELLENTES AGUAS DE MEZA.** recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a piroze e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da lithiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas da bexiga e vias urinarias; efficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgitamentos do figado e baço, e na diabete.

A analize chimica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, classificou-as de: **atermaes, hyposalinas, bicarbonatadas-calcicas, cloretadas-magnezianas, nitradas e lithicas.** Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de **MUITO PURA.**

Nº 24

O GAFANHOTO

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Olha a triste, olha a triste, olha a triste viuvinha,
Ella diz, ella diz, ella diz que quer casar,
Mas não sabe, mas não sabe, mas não sabe coitadinha!
P'ra que lado, p'ra que lado, p'ra que lado ha de voltar?

IMPRESSO E COMPOSTO N'A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO. 50 — LISBOA

Proprietarios { Francisco Alves & C.ª
Thomaz Bordallo Pinheiro.

Administração — Calçada do Ferregial.6—LISBOA

O Gafanhoto

QUINZENARIO PARA CREANÇAS

Cada numero — 24 paginas de leitura variada, contos, historietas, versos, anecdotas, artiguinhos de sciencia, factos historicos, jogos, problemas, adivinhações, recreações scientificas, annuncios de interesse especial para a infancia.

Profusamente illustrado com gravuras e estampas a côres

Publica-se na 2.ª e 4.ª semana de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

NO BRAZIL:

Moeda brazileira	Anno — uma Serie de 24 numeros	4$500 réis
	Numero avulso	200 »

A assignatura da Serie começa no 1.º numero de Janeiro e termina com o ultimo numero de Dezembro.

Pagamento adeantado

EM PORTUGAL:

Moeda portugueza	Anno — uma Serie de 24 numeros	1$200 réis
	Semestre — meia Serie de 12 numeros	600 »
	Numero avulso	50 »

Pagamento adeantado

Para a provincia e colonias o pagamento é por vale do correio ou estampilhas

ADMINISTRAÇÕES

NO BRAZIL:

Livraria Francisco Alves & C.ª

Rua do Ouvidor, 166 — RIO DE JANEIRO

EM PORTUGAL:

O Gafanhoto — Calçada do Ferregial, 6 — LISBOA

PROPRIETARIOS — Francisco Alves & C.ª e Thomaz Bordallo Pinheiro

DIRECTORES — Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro

Composto e todo impresso typographicamente nas officinas d'A Editora — LISBOA

Desenhos e gravuras a preto e côres

da officina Photomecanica de Thomaz Bordallo Pinheiro — LISBOA

Os sabios da Parvonia

Uma vez, e não ha tanto tempo como isso, vivia algures, um rapazinho chamado Guido.

Era um pequeno bonito, acreditando muito nas fadas, por quem tinha grande admiração, e em quem confiava tanto, que sempre pensava que ellas viriam em seu auxilio se por acaso lhe acontecesse qualquer fatalidade.

E' possivel que achem uma certa parvoice n'esta crença, mas o facto é que uma occasião succedeu a Guido um caso extranho, e que passo a relatar aos meus meninos.

Guido nunca poude explicar bem, mas pareceu-lhe que tinha sido uma especie de homem fada, ou cousa parecida, que o tinha levado á montanha encantada, onde elle viu varias cousas exquisitas que por lá succediam.

E' preciso saber que Guido costumava ir ás vezes visitar um tio e uma tia já velhotes, e como alli não havia rapazinhos com quem brincar, Guido achava sempre o tempo que lá passava muito comprido.

Emquanto a mãe se conservava ao pé d'elle, o caso ia bem, mas houve um dia em que ella foi obrigada a ir a uma visita á cidade, á qual não quiz levar Guido, pois o pequeno andava constipado.

Guido ficou muito triste, quando viu a mãe ir-se embora, e nem sequer se consolou com um bello bocado de bolo que lhe deu a governanta.

A tia estava de cama doente, o tio tinha ido com a mãe, e o pequeno tinha de passar toda a tarde sósinho. Suspirava, olhando para o lindo sol por dentro da janella, e pensava no esplendido dia que fazia lá fóra, para uma bella partida de *cricket*.

E alli estava sósinho, sem ninguem com quem se divertisse; pois a governanta, apesar de muito boa mulher, para

uma partida de *cricket* tinha gordura e peso de mais!

Guido foi então dar uma volta pela livraria, á procura d'um livro — um livro que lhe narrasse aventuras e lindas historias — para elle levar comsigo e ler á sombra no jardim.

Mas não achou nada do que procurava.

Todos os livros do tio, d'uma encadernação muito seca, pareciam empe-

rianna — era a governanta — mesmo a senhora Marianna é terrivelmente sabia. Deve ser uma cousa bem triste ter-se tanta sabedoria!»

Fugiu para o jardim, onde o sol brilhava, e foi considerando comsigo:

«Não me apetece ler um livro a respeito de sabios. Antes quero saber as aventuras de gente mais divertida!»

Guido assegurava que, sempre que fallava comsigo, ouvia uma gargalhada

dernidos pela poeira, quer dizer, eram pesados e antigos demais, solemnemente alinhados, e não tentava vêr o que se passava dentro d'elles.

Guido deu mais um suspiro emquanto ia lendo o titulo d'um livro «Os sabios da Parvonia», o que lhe soou ao ouvido tão gravemente como o resto da encadernação.

«Toda a gente é sabia aqui», pensou Guido comsigo, «mesmo a senhora Ma-

perto do ouvido, mas quando olhava á roda, nunca via ninguem.

Assim, d'essa vez, ouviu a tal gargalhada, olhou logo á roda de si, e não viu signal de pessoa alguma, e continuou a andar pelo jardim até que chegou a uma pequena alameda.

Era lindo aquelle sitio, cheio de nogueiras com boas nozes, e lindos fetos muito verdes e frescos.

O dia estava quente, não mexia uma

folha, e nem sequer se ouvia o zumbido dos insectos e o canto dos passaros.

Guido sentou-se n'um tronco de arvore já sêco, e alli se ficou muito socegado, e apesar de se achar muito bem, pensava comsigo:

«Oh, como eu gostaria de vêr apparecer uma fada, que me levasse a algum sitio onde eu me divertisse muito!»

N'essa occasião, declara Guido, ouviu a mesma gargalhada, que já tinha ouvido antes, mas ainda mais perto, e quando se voltou a procurar quem tinha sido, alguem lhe tocou na testa com o dedo, tão levemente que parecia o roçar da aza d'um passaro, mas apesar d'isso, Guido sentiu uma impressão muito exquisita.

N'um instante sentiu-se erguer do chão e girar no ar d'uma maneira vertiginosa.

Guido surprehendido e amedrontado, pensava cheio de terror que podia cair e ficar esmigalhado no mesmo instante.

Mas por fim, sentiu-se pousar, são e salvo, e muito admirado achou-se n'uma montanha que nunca tinha visto.

De repente, ouviu a mesma gargalhada, ainda mais nitida que das outras vezes, e, olhando muito depressa á roda, viu, mesmo ao pé de si, um homemsinho vestido de encarnado.

Um homem assim pequenino e tão divertido, nunca tinha visto em dias de sua vida.

Tinha na cabeça um carapuço, e usava uns sapatos muito compridos e revirados. Os olhos eram muito espertos e brilhantes, e quando Guido olhava para elle, riu alegremente.

«Aqui tens o que desejavas, meu rapaz», disse elle. «Como vês, algum bem vem de se acreditar nas fadas, apesar do que as outras pessoas dizem a este respeito. Eu sou uma fada, por essa razão devo bem saber o que digo.»

Guido pulou de contente.

«O senhor é deveras uma fada?» perguntou, muito ancioso.

«Já se vê que sim», replicou o homemsinho. «E não só te trouxe para fóra dos logares que tu conheces, mas tambem te fiz voltar para traz uns pou-

cos de seculos. Agora, és um rapaz da edade media, meu pequeno »

E o homemsinho esfregou as mãos, e riu, emquanto Guido olhava para tudo aquillo, com os olhos muito abertos e espantados. Via gente andar para um lado e para outro, todos vestidos á antiga, parecendo mascarados.

«Sabes onde te trouxe, Guido?» continuou o homemsinho, ainda a rir e a esfregar as mãos.

«Não, senhor Fada, não sei», respondeu Guido, hesitante, pois não sabia como tratar o homem pequenino.

«Trouxe-te a vêr os sabios da Parvonia, Guido», replicou o homemsinho.

Dizer que Guido não ficou desapon-

tado, seria faltar á verdade. Apesar de tudo, disse com muita delicadeza: «Obrigado, senhor».

«Sim», tornou o homem pequenino, dando nova gargalhada, «has-de vir comigo, para veres como são sabios os homens d'esta terra».

Na maneira do homemsinho se expressar havia qualquer cousa que alegrava Guido, e quando olhava para os olhos d'elle muito espertos, ficava consolado e contente.

«Vem, Guido», disse o homemsinho, «e abre bem os teus olhos; mas falla o menos que poderes, pois deves ficar invisivel a toda a gente».

E dizendo isto, o homemsinho agarrou na mão de Guido, e levou-o por uma estrada, onde havia uma ponte estreita sobre um rio. Longe avistava-se uma cidade antiga.

Guido e o homemsinho tropeçaram com um homem que vinha andando; esse homem era a creatura mais original e extraordinaria que Guido tinha visto na sua vida, excepto talvez o homemsinho que lhe servia de guia.

A apparencia extranha do personagem vinha talvez de estar vestido d'uma maneira que Guido não estava costumado a ver, excepto nos livros de gravuras, pois era a moda da edade media, tantos seculos longe da nossa epocha!

Alem d'isso, o homem tinha uma cara muito redonda, encarnada, com uns olhos azues claros muito espantados, e o cabello comprido côr de estopa.

Trazia na mão um cajado, e vinha caminhando com toda a solemnidade.

Guido e o homemsinho passaram por elle silenciosos, e sem que o som dos seus passos atrahisse a attenção do tal personagem.

«Repara» disse o homem pequenino, «este é um dos sabios da Parvonia. Espera um minuto, vem outro sabio do lado opposto, como vês. Vão-se encontrar mesmo em cima da ponte e tu podes ouvir o que elles vão dizer, e reparar como elles procedem, e depois tenho uma cousa a perguntar-te.»

Guido estava com muita vontade de ouvir e ver os sabios.

No emtanto nada disse, mas olhou na direcção opposta, onde vinha o outro sabio, vestido da mesma maneira, com a mesma cara, alvar, encarniçada e redonda. Encontraram-se os dois sabios mesmo no meio da ponte.

«Feliz encontro», disseram um para o outro.

«Onde vaes tu?» indagou o segundo dos sabios.

«Vou ao mercado comprar uns carneiros», respondeu o primeiro sabio.

«Quê! comprar carneiros?» gritou o segundo. «E por que caminho trazes tu os carneiros, quando os comprares?»

«Está bem de ver», disse o primeiro sabio, «que os hei de trazer pela ponte.»

«Com certeza não fazes semelhante cousa!» disse o segundo sabio, todo afogueado pela zanga.

«Já se vê que sim!» tornou o primeiro logo tão exasperado como o outro; emquanto Guido olhava para um e para outro cheio de admiração.

«Digo-te que não os trazes pela ponte!» repetiu o segundo.

«E eu digo-te que sim!» tornou o outro.

«Faço-te parar os carneiros!» gritou o segundo.

«Hei de fazer passar os meus carneiros!» berrou o primeiro.

E os dois extranhos personagens começaram a bater no chão com os grandes cajados que traziam, como se houvesse entre elles um cento de carneiros e um os quizesse fazer parar, e outro os quizesse guiar para a frente.

«Parem!» gritava o primeiro, muito zangado.

«Sae da ponte, e deixa passar os meus carneiros!» dizia o outro, todo excitado.

«Isso é que não. — Os teus carneiros não hão de passar!» tornava um. «Por aqui, é que nunca!»

«Isso é que hão de!» replicava o segundo.

«Isso é que não!» teimava o primeiro

sabio. «E se continuas n'essa teima, bato nos carneiros e em ti, com o meu cajado.»

«Isso é que havemos de ver», disse o segundo.

E ambos levantaram os cajados, promptos a baterem um no outro, quando appareceu de repente um homem a cavallo, com uma cara exactamente igual

á dos outros dois. Trazia um sacco de farinha no arção da sella, e quando viu os outros questionando, parou o cavallo para ouvir o que diziam.

Os outros dois continuavam a altercar dando grandes berros.

«Hei de trazer os meus carneiros pela ponte!»

«Não hei de deixar passar os teus carneiros por aqui!»

O homem que estava a cavallo, vendo e ouvindo aquella questão a respeito d'uns carneiros, que não estavam alli, exclamou:

«Grandes idiotas! Vocês nunca aprenderão a ter senso commum?» e saltando para o chão, disse-lhes:

«Ajudem-me a pôr este saco de farinha aos hombros.»

O primeiro dos outros dois sabios ajudou-o a pôr o saco aos hombros, e elle encaminhou-se para um dos parapeitos da ponte, abriu o saco e despejou toda a farinha no rio.

«Agora meus amigos, quanta farinha tenho eu no saco?»

«Nenhuma, está bem de ver», disseram os outros a um tempo.

«Bem», tornou o terceiro sabio», tenho tanta, quanto juizo vocês teem nas duas cabeças, para estarem a questionar pelo que não existe.»

Depois d'isto, os tres sabios conti-

Tres sabios da Parvonia

nuaram o seu caminho, e o homem pequenino disse para Guido.

«E então, qual d'estes tres homens é o sabio?»

Mas Guido muito espantado, ainda seguia com a vista os tres malucos que iam já longe, e por fim deu uma gargalhada, e disse:

«Oh! que homens tão doidos! Estou com vontade de ver mais sabios da Parvonia para me divertir!»

«Bem, vem commigo» disse o homemsinho; «podemos ver alguns lá mais adeante.»

Guido e o seu guia continuaram a caminhar, até que chegaram a um sitio onde encontraram outro sabio [illegible] para o mercado, a cavallo, [illegible] cos de trigo, e com m[illegible] eso fosse demais para [illegible] evava o trigo ás costas [illegible] tado.

O homem [illegible] voltou-se para Guido e perguntou-lhe a qual achava mais justo [illegible] ao homem, se ao cavallo. [illegible] resposta, não fez mais do que desatar a rir.

Mais adeante encontraram outros dois sabios; um d'elles perguntava ao outro se por acaso teria encontrado uns queijos a correrem pela estrada.

O outro respondeu que não, e o primeiro disse:

«E' uma coisa muito extranha, que me acontece. Ha tres dias que ando á procura dos meus queijos e ainda não consegui achar os malvados.»

«Mas como perdeste tu os queijos?» perguntou o segundo sabio.

«Outro dia», disse o primeiro, «ia para o mercado vendel-os, e quando descia a collina, um d'elles cahiu-me do alforge e rebolou pela ladeira abaixo.»

«Bem!» disse eu, «podes ir sósinho, para o mercado? Se assim é, deixo ir o resto atraz de ti.»

«Tirei todos queijos de dentro do alforge, e deixei-os rebolar pela ladeira abaixo, uns atraz dos outros, e não tardou que desaparecessem da minha vista. Depois segui para o mercado, onde esperava encontral-os, mas por mais que perguntasse aos meus visinhos e outros homens que lá vi, ninguem sabia o que fôra feito d'elles; e isto

faz-me scismar, pois eu estou certo que elles sabiam perfeitamente o caminho.»

E o bom do sabio, dizendo isto, abanava a cabeça com um ar pezaroso e reflectido.

«Foi uma fatalidade, visinho!» disse o segundo sabio, muito condoido. «E que vaes tu fazer agora?»

«Vou alugar um cavallo para ir á cidade mais proxima indagar se estarão lá os meus queijos», disse o primeiro, e com isto se foi, o mais depressa que poude.

O outro sabio da Parvonia que Guido viu, trazia ao hombro um banco de tres pés que tinha comprado no mercado da cidade. O homem já vinha cansado, e não

fazia senão mudar o banco d'um hombro para o outro; e quando Guido e o homem pequenino passaram, sempre invisiveis para toda a gente, o homem poz o banco no chão, e de repente, olhou para elle e exclamou alegremente:

«Que ideia feliz! Tu tens tres pés, emquanto eu só tenho dois? Tu é que me vaes levar a casa, em logar de ser eu que te levo a ti.»

E sentou-se no banco dizendo:

«Leva-me, como eu te tenho levado, chegou a minha vez de descansar, agora cansa-te tu.»

E continuava sentado, emquanto Guido e o homem pequenino rebentavam os cós das calças com o riso.

Mas o sabio viu que o banco não andava para diante.

«Se não queres levar-me, vae ao menos ter a casa», disse elle ao banco, «eu vou-te explicar o caminho.»

Guido dizia depois que na sua vida nada tinha visto tão absurdo como a figura do sabio, a explicar com toda a gravidade, ao banco, a maneira de ir ter a casa.

E lá se foi alegremente, Guido e o homem pequenino seguiram-n'o, até que o viram chegar a casa, onde a mulher o esperava á porta.»

«Onde está o banco que te mandei comprar?» gritou-lhe ella.

O homem respondeu:

«Elle tem trez pés, e eu só dois, e então disse-lhe que viesse cá ter; deixal-o vir quando quizer.»

«Onde deixaste tu o banco?» perguntou-lhe a mulher.

«Lá em cima, na collina», respondeu o sabio; e a mulher lá se foi buscar o banco, aliás, devido á grande sabedoria do marido, ficava sem elle.

O homem pequenino perguntou a Guido, se ainda queria ver mais sabios da Parvonia e Guido respondeu que sim.

O homemsinho levou-o então á cidade, e alli viram muitos sabios á roda d'um tanque situado no meio da cidade,

e altercando muito zangados uns com os outros.

Alguns d'elles, deitavam redes para dentro do tanque, as quaes puxavam em seguida, vindo ellas sempre vasias; Guido e o homem pequenino approximaram-se cheios de curiosidade, e Guido perguntou ao seu guia, o que estavam alli a fazer tão excitados aquelles sabios.

«N'este lago deitaram elles o anno passado arenques de fumo e peixe salgado», replicou o homem pequenino. «Fizeram isto por conselho de toda a cidade reunida, pois pensaram que por este meio o numero de peixe augmentaria este anno. E agora estão deitando redes de arrasto para verem quanto peixe apanham.»

Quando o homem pequenino acabou de fallar, houve uma grande algazarra entre os sabios, porque a rede tinha fi-

— Menina, está presa. Tem que decidir
P'la rosa ou p'lo cravo: para onde quer ir?

— Jesus! que incerteza! P'ra onde é que irei?
Dos lados que acha melhor?
— Eu não sei!

— Do lado da rosa terei mais abrigo
Contra as travessuras do Carlos?
— Não

— Acaso da banda do cravo não
Meninas que tenham bonbons?

ÇISÃO

— Afflicta me vejo, não resolvo ainda.
Se o cravo tem graças, a rosa é tão linda

Decido p'la rosa, que é nome da avó!
— Ah! sim? Pois agarre na cauda ao Tóto!

— Resolva depressa!
— Jesus! que baralha!
— Então desembuche!
— Que um santo me valha!

nalmente trazido uma grande enguia. E todos os sabios rodearam a rede, e contemplaram-n'a com admiração.

«Ah!» gritaram todos.

«Com certeza que foi esta grande enguia que comeu todo o nosso peixe salgado, e é essa a razão porque não pes-

camos nenhum. Que lhe h[illegible] zer?»

«Matemo-la», d[illegible]es.

«Cortemo-l[illegible]adinhos», disse outro.

«[illegible].» disse o juiz da cidade, [illegible]uito gordo e tinha um ar im-[illegible]e.

«Não, não! Não lhe devemos cortar a cabeça, nem queimal-a viva, nem corta-la em bocadinhos. Devemos faze-la soffrer uma condemnação muito peor — vamos afoga-la n'um lago.»

«Hurrah! hurrah! Assim é que deve ser!» gritaram todos os outros sabios em côro: «Vamos afoga-la já!»

E lá se foram para outro lago muito fundo, e alli deitaram a enguia dentro d'agua.

«Fica para ahi», exclamaram os sabios, emquanto deitavam a enguia na agua, «e avem-te como puderes, porque de nós escusas de esperar qualquer soccorro!»

E com isto se foram, deixando a enguia dentro d'agua para se afogar.

Esta aventura ainda divertiu mais o pequeno Guido, que, guiado pelo homem pequenino foi andando, até que chegou a um sitio da estrada, onde viu doze sabios da Parvonia com redes de pesca nas mãos.

Quando Guido e o guia chegaram perto d'elles, um dos doze sabios parou de repente, disse para o seu visinho:

«Corremos hoje bastante risco no rio em[illegible]mo pescavamos, espero que nenhum de nós se tenha afogado.»

«P[illegible] melhor verificarmos isso», replicou o [illegible]tro.

[illegible]os todos, pois esta ma-[illegible], doze para o mar.

Começaram então a contar-se, e todos contavam onze, e nunca se lembravam que o numero doze era o proprio que não contava comsigo.

«Ai!» diziam uns para os outros muito afflictos, «um de nós morreu afogado.»

E correram para o rio a ver se procuravam o corpo do afogado, gritando e lamentando a triste sorte do desgraçado.

De repente appareceu um homem ricamente vestido, que não parecia ser nenhum sabio da Parvonia; este homem vinha montado n'um lindo cavallo e trazia uma chibata na mão.

Quando viu os sabios correndo para as margens do rio, lamentando-se em altos gritos, perguntou-lhes o motivo de tanta afflicção.

«Oh!» exclamaram elles, «esta manhã fomos doze pescar no rio, e agora vemos que um de nós se afogou!»

«O quê!» disse o homem do cavallo

olhando para elles com ar de troça «quantos estão vocês agora?»

Um dos sabios tornou a contar da mesma forma, e não contou senão onze.

«Bem», disse o homem para os sabios, «que me dão vocês se eu encontrar o numero doze?»

«Todo o dinheiro que temos», responderam elles.

«Deem-me o dinheiro», disse o homem a cavallo.

E brandindo a chibata, começou a

contar, dando em cada um delles uma chibatada emquanto ia contando.

«Um!» gritava o homem. «Dois!» e ia batendo, e os sabios gritavam, e assim foi proseguindo até que chegou ao numero doze, dando n'esse ultimo uma ultima verdascada valente.

«Um cento de bençãos caia sobre ti!» gritavam os doze sabios da Parvonia, «que achaste o nosso companheiro perdido.»

Guido, indignado com o procedimento do homem do cavallo, que fugia com todo o dinheiro dos pobres parvalhões, levantou a voz para protestar.

O homem pequenino, agarrou então Guido por um braço para o obrigar a calar-se, mas elle continuava a chamar o homem, que cada vez se afastava mais.

«Olha para alli», exclamou de repente para o seu guia, e apontou para o ribeiro por baixo da ponte, onde n'uma celha de madeira tres dos estupidos sabios estavam sentados, olhando muito distrahidos para um grupo de creanças que brincavam na ponte.

«Olha!» gritou o homemsinho, para Guido; n'este momento a celha voltou-se, e os tres sabios cairam á agua, onde estavam prestes a afogar-se.

«Salva-os!» gritou Guido, muito excitado, e acordou de repente!

Sim, alli estava, exactamente no mesmo sitio em que o homemsinho lhe tinha apparecido.

E emquanto os raios do sol poente brilhavam na folhagem e na sua cara, ouviu a voz da mãe que gritava:

«Guido! Guido! onde estás? São horas de tomar chá, e tens de recolher a casa!»

«Mas onde está o homem pequenino?» perguntava Guido a si proprio, muito espantado, quando se poude pôr em pé, olhando á roda de si á procura do seu extraordinario guia.

Ah! nunca mais tornou a encontrar o extraordinario homemsinho; mas uma voz aflautada, que lhe soou exactamente igual á d'elle, echoou nos seus ouvidos, cantando:

«De navegar n'uma celha
«Tres sabios tiveram gloria;
«Se fosse maior a celha,
«Maior fôra a minha historia.»

Os espirros do menino Sammy

V — Marcha dos passarinhos

Effeito das bolas de sabão

Lindos resultados se podem obtêr com bolas de sabão, como por exemplo os que mostram as nossas

Fig. 1

gravuras. Deita-se dentro d'uma tijela um pedaço de sabão amarelo e enche-se d'agua. Derrete-se o sabão

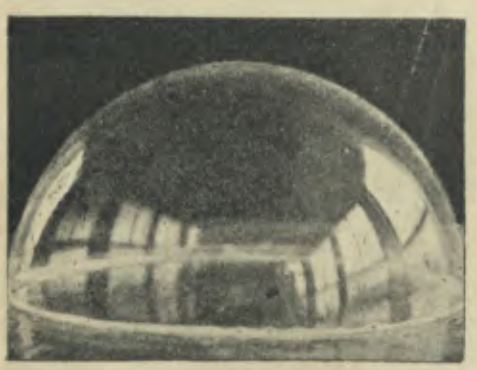


Fig. 2

na agua e faz-se uma espuma que se deita depois dentro d'um copo, como mostra a nossa primeira gravura. A solução não deve ser agitada. Para consegnir a gravura seguinte, salpica-se com a espuma sobre um espelho e soprando com um palha forma-se a bola. Mergulha-se então o dedo na agua e experimenta-se carregar um pouco, com o dedo molhado na bola; se

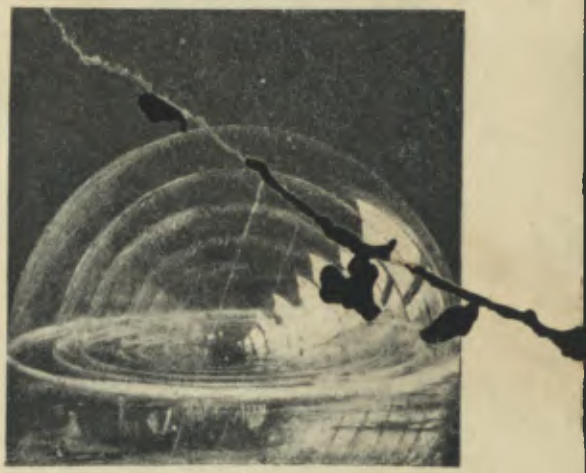


Fig. 3

se consegnir não rebentar é que a solução está prompta.

Tambem se pode fazer um grande numero de bolas umas dentro das outras, em cima d'um espelho, como mostra a tereeira gravura. Para cada bola que se vae fazendo palha deve sêr novamente mergu-

lhada na agua de sabão, porque se vae seeca ha o perigo de rebentar as que já estão formadas.

Para conseguir o que representa a quarta e quinta gravura, salpica-se um espelho e um funil com a agua de sabão, põe-se o funil sobre um jarro pequeno, e assopra-se com cuidado pelo lado estreito, levan-

Fig. 4

tando-o levemente emquanto se assopra, até que a bola esteja formada. Põe-se o dedo no topo do funil e continua-se a levantar até que a bola fique livre.

A quinta gravura mostra o resultado da operação.

Vê-se o jarro sobre o espelho envolto na bola de sabão. Assim como se metten o jarro pode metter-se qualquer outro objecto.

A sexta gravura mostra uma bola

Fig. 5

formada sobre uma flôr. Mergulha-se a flôr na agua e com a palha assopra-se depois com cuidado.

Fig 6

Podem fazer-se por este systema bolas sobre qualquer objecto, sendo só preciso mergulha-lo na solução.

O passaro azul

A Princeza Florinda era tão linda que o Rei Encantador, assim que viu o seu retrato, apaixonou-se de tal forma que partiu immediatamente com o seu ministro para a pedir em casamento. Infelizmente a Princeza tinha uma madrasta muito má, e essa madrasta uma filha muito feia, chamada Trutina porque a cara d'ella era tão cheia de manchas como a pelle da truta.

Quando chegou o Rei Encantador, a madrasta levou-o logo á presença da filha, que estava toda preparada com ricos trajes e lindas joias.

«Mas onde está a Princeza Florinda?» indagou o Rei franzindo as sobrancelhas. Viu-a então sentada a um canto, vestida de chita, e dirigiu-se logo a ella dizendo com um terno sorriso:

«Princeza, cumprimento-a por se vestir tão simplesmente. Uma belleza como a sua não necessita adornos.»

«Não desperdice cumprimentos com Florinda», disse a madrasta. «E' uma rapariga muito futil. Repare! Trutina espera que falle com ella.»

O Rei, no entanto, conservava-se ao lado de Florinda e com ella fallou durante tres horas, e tão docemente, que logo conquistou o seu coração.

Mas quando voltou na manhã seguinte, não a encontrou.

A madrasta tinha-a fechado n'uma torre muito alta.

O Rei Encantador ficou desesperado, e pediu a uma dama do palacio que lhe mostrasse a janella da torre onde a Princeza estava presa, e para lá se dirigiu á noite, com uma carruagem e uma escada muito comprida, pela qual subiu á janella.

Appareceu uma rapariga coberta com um véu, elle pegou n'ella, desceu pela escada, mettendo-a na carruagem, e fugiu com ella.

«Leva-me a uma cova na floresta», disse-lhe ella. «Alli vive a minha madrinha, e ella me ajudará.»

Chegaram á tal cova, e um anão abriu-lhes a porta, e levou o Rei e a rapariga velada para quartos separados, mas a parede entre os quartos era muito delgada, e o Rei ouviu duas vozes a fallarem no outro quarto.

A primeira voz dizia:

«Como conseguiste isto?»

«Oh!» dizia a segunda, «uma dama disse-me que o Rei lhe tinha pedido para ella lhe indicar a janella da prisão de Florinda, eu fiz mudar a Princeza para outro quarto, envolvi-me n'um véu, e o Rei Encantador trouxe-me em logar da outra. Depois d'esta fuga, não pode agora recusar casar commigo.»

«Pois recuso, sim senhora!» gritou o Rei enfurecido, entrando no quarto onde encontrou Trutina com uma bruxa que era a tal madrinha.

«Espera!» disse a bruxa. «Ainda não

pediste a minha afilhada em casamento. Primeiro eu te ensinarei a estimal-a, e quando ella por fim se dignar offerecer-te a sua mão, tu não a recusarás.»

E batendo com a sua varinha tres

vezes no hombro do Rei, a bruxa dansou á roda d'elle, cantando:

Pelo condão que Deus te deu,
Torna este homem n'uma ave,
P'ra voar á luz do ceu.

O Rei Encantador mudou-se, de repente, n'um passaro azul, e voou do covil da bruxa pela floresta fóra.

Na manhã seguinte quando a Princeza Florinda abriu a janella, entrou um lindo passaro azul com um anel de esmeraldas no bico, pousou o anel no parapeito, e cantou tão docemente que a Princeza disse:

«Encantador! Encantador!»

«Ah, até que emfim me conheceste!» disse o passaro azul. «Sim, minha querida, eu sou o Rei Encantador. Estou transformado n'um passaro, porque

não me quero casar com a monstruosa Trutina.»

«E eu estou aqui preza porque ella percebeu o nosso amor», disse a Princeza. «Mas não faz mal. Podemos ainda ver-nos mais vezes, que antigamente.»

«Mette este anel no dedo, «disse o passaro azul. «Dei um vôo até ao meu palacio, e trouxe-o para ti. E' o meu anel de casamento.»

A Princeza beijou ternamente o passaro azul.

«Agora», disse-lhe o passaro, «vou lá voltar para te trazer um bracelete.»

Mas Trutina tinha visto o passaro azul entrar no quarto de Florinda, e pegando n'uma flecha, disparou-a, quando o viu sair pela janella fóra. Felizmente, o ministro do Rei Encantador, que andava á procura de seu amo, passava por alli, e apanhou o pobre passarinho que caia ferido aos pés d'elle.

Como era feiticeiro assim como ministro, não se admirou nada quando ouviu o passaro fallar-lhe e dizer-lhe que era o Rei.

Ouvindo tudo o que tinha succedido, levou o passaro azul á bruxa, dizendo-lhe que o Rei Encantador estava prompto a casar com Trutina d'alli a uma semana, se o tornassem já á sua forma verdadeira, e com tres pancadas da varinha a bruxa desfez o seu feitiço.

«Deixe a bruxa enganada até á boda», disse o ministro ao Rei, «n'esse dia eu encontrarei um outro feitiço, em que os dois se vingarão d'ella.»

Trutina e a mãe partiram então para o palacio do Rei, onde o casamento se devia effectuar, e a Princeza Florinda escapou-se da torre e seguiu-as, dizendo tristemente comsigo:

«Devo tornar a vel-o para lhe entregar o anel.»

Quando chegou ao palacio, o povo amontoava-se para ver o cortejo do casamento, e aproveitando se da multidão entretida, ella entrou no palacio sem ninguem dar por ella. Quando chegou ao grande vestibulo, viu dois porcos que corriam, seguidos d'uma bruxa muito zangada, a rogar pragas.

«Escusas de blasphemar», dizia o ministro á bruxa. «D'esse bruxedo não as livras, Trutina e a mãe transformaram-se em porcos, e porcos ficarão até ao fim da vida.»

«Ávante com o cortejo do meu casamento», gritou o Rei avistando Florinda. «A minha noiva está aqui.»

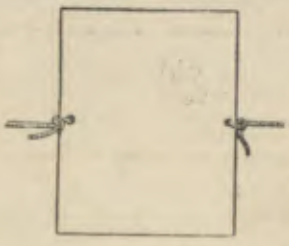
E, beijando Florinda, conduziu-a para a carruagem real.

Emquanto seguia para a cathedral, o povo dava vivas, muito contente porque o Rei casava finalmente com a linda Princeza tão ternamente amada.

BRINQUEDO INTERESSANTE

Nenhum dos leitores tem naturalmente brinquedo tão simples e que o entretenha tanto.

Corta-se um bocado de cartão com o tamanho exacto d'uma das gravuras em preto que vêem n'esta pagina. Recortam-se as duas gravuras de cima, quer dizer, o peixe e a grelha, e pega-se uma d'um lado e outra d'outro do cartão, exactamente na posição em que estão no jornal. Fazem-se depois dois furos, um d'um lado e outro d'outro, e mette-se por esses furos uma linha ou um cordel, como se vê na gravura em ponto pequeno que vem no meio da pagina. Torce-se então o cordel entre o dedo polegar e o indicador até não poder ser mais, pára-se depois e esticando o cordel, deixa-se o cartão andar á roda, parecendo-nos então que a gravura é só uma e que o peixe está deitado na grelha.



A's outras gravuras faz-se a mesma coisa, produzindo o effeito, quando o cartão anda á roda, de que o papagaio está dentro da gaiola.

Literatura Brazileira

EDIÇÕES DA LIVRARIA **Francisco Alves & C.ª**

RIO DE JANEIRO

A' venda na administração d'O GAFANHOTO

Calçada do Ferrejial 6, 1.º — **LISBOA**

O Livro das Noivas, por D. Julia Lopes de Almeida, 2.ª edição. 1 vol. in 8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

O Livro das Donas e Donzellas, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in 8 francez, ilustrado, impresso e encadernado em Paris ..... 1$750

Minha Primeira Viajem á Volta do Mundo. por Mlle Mme Marie H. S. Brés, album ilustrado com 222 gravuras e 4 figuras a côres, tradução do Dr. Carlos de Laet. 1 belo vol. cart. 750

Minha Historia Sagrada, tradução do Dr. Carlos de Laet, obra approvada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in 4 francez, ilustrado de numerosas e belissimas gravuras e cromos..... 750

Meu Livro de Mesinhas. — Um livro ricamente encadernado 750

Historias de Fadas, livro para creanças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por Figueiredo Pimentel. 1 vol. in-16 de 212 pajs. ilustrado, impresso e encadernado em Paris 500

Contos Patrios, por Olavo Bilac e Coelho Netto, edição muito aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente ilustrado 750

Poesias Infantis, por Olavo Bilac, 2.ª edição aumentada. 1 vol. in 8 pequeno, copiozamente illustrado 750

Patria Brazileira (narrativas sobre a historia do Brazil), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. ilustrado com belas fotogravuras reproduzindo quadros historicos de ilustres pintores brazileiros, impresso e cart. em Paris 750

Teatro Infantil (comedias e monologos em proza e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto. 1 vol. cart. 500

Historias da Nossa Terra, livro de contos para crianças, por D. Julia Lopes de Almeida. 1 vol. in-16 francez, ilustrado 500

Era uma vez . . . contos para crianças, pelo Dr. Viriato Correia e João do Rio (Paulo Barreto). 1 vol. in-16, ilustrado com desenhos orijinaes de Norfini 500

PREÇOS MOEDA PORTUGUEZA

AGUA CASTELLO

«REFRIGERA os SÃOS e CURA os DOENTES»
tomada simples ou com leite, limão, xaropes, vinho, cognac, whisky, etc.

1.º **Grande Premio**, *Rio de Janeiro 1908.* — **Medalhas de Ouro**, *Porto 1904 e Madrid 1907*
Medalha de Prata, *S. Luiz 1904*

UNICOS EXPORTADORES: **Assis & C.ª — LISBOA**

Endereço telegrafico: **MOURAGUAS**
Codigo "RIBEIRO"

Estas aguas perfeitamente limpidas, transparentes, inodoras, incolores e gratas no paladar são recommendadas nas doenças do estomago, combatendo a pirose e a azia, o estado saburral e catarro gastrico e intestinal; e efficazes no tratamento da litiase biliar e renal, catarros e affecções calculozas d bexiga e vias urinarias; efficazes tambem na obesidade, na gota, nos estados hemorroidarios, nos engorgi tamentos do figado e baço, e na diabete.

EXCELLENTES AGUAS DE MEZA

A anal[illegible]ica feita pelo eminente analista do Porto, o Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Antonio Joquim Ferrei da Silva, classificou-as: **thermaes, hyposalinas, hicarbonatadas-calcicas, cloretadas magnezianas, nitradas e litieas.** Bacteriologicamente analizadas no Real Instituto Camara Pestana foram classificadas de **MUITO PURA.**